UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00865299 2

Digitized by the Internet Archive
in 2013

http://archive.org/details/ominhopittoresco02viei

99 551 51

O MINHO
PITTORESCO

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA

O MINHO PITTORESCO

Edição de luxo,
illustrada com mais de tresentos desenhos
de João de Almeida,
gravados pelos mais celebres artistas nacionaes e estrangeiros;
magnificas estampas em chromo representando costumes;
e seis mappas da provincia,
(geologico, dos arvoredos e terrenos incultos, dos rios e montanhas,
e chorographicos do districto de Vianna, do districto de Braga
e do districto do Porto) expressamente gravados

TOMO II

LISBOA
Livraria de Antonio Maria Pereira — Editor
50 — RUA AUGUSTA — 52
1887

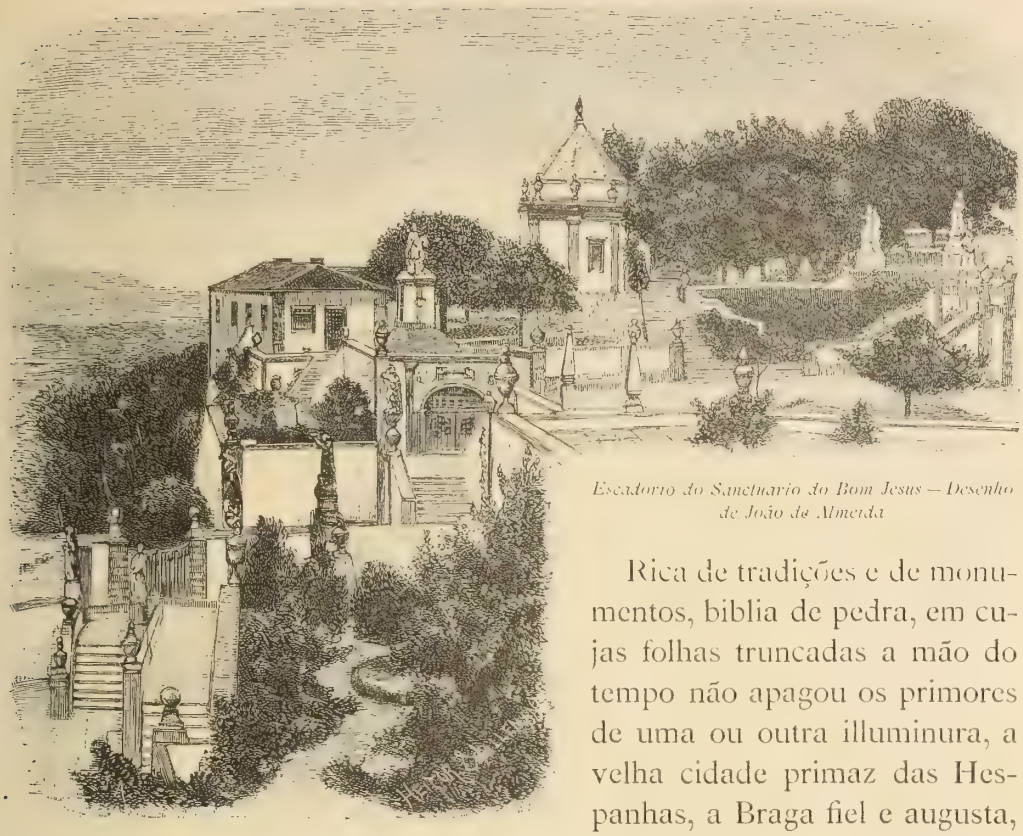
LIBRARY
JAN 29 1973
UNIVERSITY OF TORONTO

Typographia e Stereotypia Moderna, Apostolos, 11 — Lisboa

DP
702
E25V54
t. 2

PRAGA

BRAGA



Escadorio do Sanctuario do Bom Jesus — Desenho de João de Almeida

Rica de tradições e de monumentos, biblia de pedra, em cujas folhas truncadas a mão do tempo não apagou os primores de uma ou outra illuminura, a velha cidade primaz das Hespanhas, a Braga fiel e augusta, transformada hoje da sua physionomia secular, faz lembrar uma freira, que, aborrecida das melancholias da cella, fosse vestir na Aline uma *toilette* mundana.

Essa evadida sympathica, meu Deus, quando fosse procurar na algibeira o lenço perfumado com agua de Lubin, desfiaria muito á pressa tres contas do rosario, que a abbadeça lhe dera em dia de annos, e o seu leque, tendo nas varetas abertas um Cupido arremessando settas inflammadas, viria pousar nos labios para abafar o ruido de um padre-nosso, inintelligivelmente murmurado, quando as torres dessem o signal de ave-marias.

O *jupon* elegante não faria esquecer a estamenha grosseira e quando os labios tivessem um sorriso para o mundo, os olhos teriam um extase para o Senhor.

Braga é realmente a Soror evadida. A sua vida mundana concentra-se na Arcada, mas se, por acaso, entre o ardor da palestra e as delicias do café se ouve tocar o sino de uma egreja perto, ella marcha immediatamente para o templo fazer a novena do Menino.

O rosario prende ainda o cordão do seu leque, e mesmo para adquirir este em um basar moderno de *bijouteries* e *confecções* é necessario que esse basar se denomine o *Basar do Sameiro*. Só assim!...

A educação religiosa, a superstição hereditaria não excluem o progresso; entretanto embaraçam-n'o seriamente, muito seriamente. Apezar de tudo, ha muito que admirar no seu presente, muito que respeitar no seu passado. A velha alma portugueza parece fallar-nos mysteriosamente nas suas ruas estreitas, nos seus monumentos gothicos. Uma feição original resalta d'aquelle accumular de civilisações; cada pedra falla, cada arabesco ou mosteiro conta a sua lenda pittoresca. As edades succedem-se, as tradições fluctuam—gondolas ligeiras no lago azul da alma popular—os edificios alluem, os porticos formam ruinas, mas em toda essa noite o luar perpassa, luar cheio de evocações, dizendo baixinho o segredo de cada pedra, envolvendo na sua flux castissima a figura esplendida da Historia.

A historia de Braga!

Que penna podera traçar os contornos do seu codice immortal, burilando a doce traço as suas lendas, abrindo fundo nas suas glorias e nas investigações do seu passado.

Toda a historia do Minho estaria ahi; a da sua natureza e a do seu espirito; as influencias cosmicas e as influencias sociaes, a religião, o amor, a lingua, a raça, a hereditariedade, o trabalho, o odio, a superstição e a politica. Porque, nunca cidade alguma foi, como Braga, verdadeiramente a capital de uma provincia, a synthese mais completa do povo que representa, desde a mais remota antiguidade.

Que longe que isso vae!...

Uns trezentos annos antes de Christo, diz a tradição, os gallo-celtas teriam pela primeira vez povoado esta planicie fertilissima.

Pela primeira vez...

Eram da tribu dos Bracharos, denominados assim por causa da calça curta de que usavam, chamada—*bracha*.

Depois os romanos vieram e á Brachara dos celtas chamaram *Brachara augusta,* nome que os suevos conservaram e que persistiu ainda depois, durante o largo periodo do dominio godo. Seguem os arabes e as luctas de exterminio entre o estandarte da cruz e o do crescente, cujas oscillações Braga soffreu, como terra importante que já era. Depois vem o dominio leonez e o do conde de Borgonha. A historia nacional começa, e Braga, encorporada no reino de Portugal, tem a sua historia ligada á historia da monarchia.

Esta origem, porém, tão simples, tão provavel, não basta aos tradicionalistas fieis.

—Braga, diz João de Barros, foi fundada pelo quarto rei de Hespanha, Brigo, que a chamou *Briga.*—Braga, refere Cunha na *Historia dos Arcebispos,* estribando-se no que diz o hespanhol Ferrer, é fundação de

Osiris, rei dos egypcios, gente que na cidade edificou o templo de Isis, como o prova o cippo dedicado á deusa, que ahi se encontrou, e uma carta do bispo do Porto, D. Hugo, carta aliás suspeita de apocripha.

Mas Fr. Bernardo de Brito acha melhor:—diz que a cidade foi fundada por Himilcon, capitão carthaginez, que desembarcou nas costas do Minho com gente africana, oriunda das margens do rio *Bragada,* nome que foi como recordação do paiz natal escolhido para designar a nova população. Outro mestre, porém, de *Antiguidades de Portugal,* Gaspar Estaço, sustenta que Braga é fundação dos gravios (gregos), os quaes, segundo Pomponio Mella, habitavam desde a foz do Douro até acima do rio Minho.

O leitor póde ainda investigar de mais origens, e procurar até na religião dos escandinavos um deus, o velho scalde *Braga,* que lhe dê o nome da cidade, e ao qual talvez houvessem os germanos dedicado a povoação por elles fundada.

Se quer que lhe diga, é esta aquella das hypotheses que me agrada mais, sobretudo quando me lembro da festa do S. João em Braga—festa universal do solsticio de verão—e na qual vejo a dansa do rei David, hoje burlesca e sem a intuição mythica do facto, considerada pelo catholicismo como allegorica da vida do rei poeta, mas significativa como homenagem a esse deus escandinavo, que a tradição representa como trovador, de longas barbas de neve e harpa na dextra para entoar os louvores dos deuses e dos homens.

Que o *Rei David* de Braga me perdoe, se vi nas suas barbas catholicas, honradas e postiças, uma allusão ao deus do Valhalla escandinavo, mas desde já me penitenceio do peccado, que apezar de tratar de origens não póde chamar-se original, e mais prometto ainda não voltar ao assumpto para descanço meu e do leitor, a quem naturalmente importa pouco saber, se Braga é a Braga do deus dito, se a Braga do rei Brigo, se a Braga da *bracha*-pantalão, com tanto que eu lhe assevere que todas as hypotheses e uma só cidade são a unica e a mesma Braga, a Braga fiel das frigideiras.

*

* *

Meu amigo, curvemo-nos um pouco sobre os velhos codices, entrouxemos em a nossa bagagem leve um bocado da sua erudição pesada e auxiliados assim por essa luz que vem da historia, examinemos, como *touristes,* os bellos monumentos da cidade, as suas ruinas, as suas pedras la-

vradas, os cippos romanos, os templos, os sanctuarios, os nichos, os hospitaes, as ruas.

Se não póde determinar-se a epocha precisa da fundação de Braga, é pelo menos fóra de duvida que ella existia já uns 134 annos antes da era christã, pois que a essa epocha refere Appiano a valorosa resistencia que os braccaros oppozeram ás hostes de Decio Junio Bruto. Os bracharos e as bracharas, tambem, que se apresentaram ao lado de seus esposos e se bateram com tal heroismo e resolução, como se houveram sido educadas na arte da guerra. E ahi está como Leopoldo Martinez de Padim, que refere o facto, nos vem explicar o caso atavico da Maria da Fonte, de Lanhoso.

Sob o imperio romano a *Brachara augusta* prosperou consideravelmente, sendo então uma das cidades mais importantes da Lusitania, e séde escolhida pelos romanos para uma chancellaria ou convento juridico, tendo todos os privilegios e honras das antigas cidades do Lacio.

Florescente, a ponto de dizer Ausonio a seu respeito, fallando das cidades d'esse tempo: *Quæ sinu pelagi se jactat Brachara dives,* a sua jurisdicção estendia-se a vinte e quatro cidades, e d'ella partiam as grandes vias militares, que em parte o leitor conhece já, e que são enumeradas no *Itinerario* de Antonino Pio.

Devera ser então grande o seu movimento commercial, pois ahi affluiam o ouro e a prata das minas de Traz-os-Montes, que os negociantes romanos trocavam pelos seus artigos de commercio. D'essa actividade dá testemunho a inscripção quasi illegivel, que em fins do seculo XVII foi removida para a capella de Sant'Anna e á qual se refere Grotero.

— *Os homens de negocio* — interpretou Vineto em 1730 — *romanos que contratam em Braga, dedicam este monumento a Caio Caleron.*

Opulenta pelo commercio e extremamente povoada, pois computa Plinio em 275:000 o numero das pessoas existentes na cidade e sua chancellaria, o elemento militar indigena, que tanto auxiliou o poder romano, adquiriu aqui uma consideravel importancia, e só dos naturaes de Braga eram formadas tres cohortes, além de uma outra composta de soldados de todo o districto, que fazia guarnição na Britania. Para demonstrar a grande importancia d'essas cohortes, e as honras que lhes tributavam, citamos uma d'entre as muitas inscripções que traz Grotero adequadas ao caso:

«*Este monumento foi levantado á memoria de Aulo Atinio Paterno, filho de Aulo, da geração palatina, que teve diversos cargos, sendo honrado pelo imperador, que o nomeou prefeito da segunda cohorte dos naturaes de Braga.*»

A colonisação romana não se limitou, porém, ao elemento militar e

commercial. Muitas familias patricias se estabeleceram na cidade, como consta de diversas e numerosas inscripções aqui achadas, e isto indica, por sem duvida, que na *Brachara augusta* florescente e prospera se deviam implantar todos os costumes do povo dominador.

É realmente o que a tradição comprova com os monumentos, lapides e ruinas d'essa epocha. Foi dos romanos a primeira fortificação da cidade, d'elles foram os templos dedicados ás divindades do seu culto, d'elles os amphitheatros onde se celebravam os jogos publicos. De tudo se encontram ainda hoje vestigios, mais ou menos eloquentes.

Resam antigos escriptores, que a Braga dos romanos estava situada no logar ainda ao presente chamado *Cividade,* correspondendo ao sitio da egreja de S. Thiago. Os muros, que circuitavam a cidade, principiavam junto á actual egreja de S. Pedro de Maximinos, e d'ahi, na direcção de sul, iam até á *Cividade,* ficando dentro o terreno em que foi edificado o convento da Conceição; voltavam d'esse ponto para leste até ao sitio onde é hoje o hospital de S. Marcos e d'ahi para norte, comprehendendo o terreno da Sé actual, até irem fechar no ponto de partida. Media o muro proximamente 16 estadios (uns tres kilometros) e variava a sua largura e altura, segundo a disposição do terreno. Pelos bocados de muralha que se teem encontrado, especialmente no sitio de Urgaes, onde tambem appareceram outros vestigios da epocha romana, como cippos com inscripções, moedas, pilares, etc., vê-se que o muro era formado de pedra miuda e argamassa, tendo a alvenaria uma solidissima consistencia.

Fóra d'esses muros e no local onde está hoje a egreja de S. Pedro de Maximinos, era o amphitheatro para os jogos publicos, e d'elle se encontram ainda tenues vestigios, como dos aqueductos que chegavam até ao sitio em que actualmente está o hospital de S. Marcos. Cunha, na primeira parte da sua *Historia dos Arcebispos de Braga,* diz que os romanos construiram um notavel aqueducto para proverem de agua a cidade, o qual, segundo elle, vinha desde o rio Ave pela ponte de Mem Guterres, existindo ainda por ahi vestigios d'essa obra.

Pelos fragmentos de columnas e grandes pedras que se tem achado no Monte das Penas, arrabaldes da cidade, presume-se tambem que ahi existiu um edificio magestoso, cujo destino se ignora, mas que parece ter sido construido por uma sociedade de mercadores residentes em Braga, se tal era «*A companhia dos Urbanos, que á sua custa mandou fazer esta obra,*» conforme resa a inscripção contemporanea.

O nome de *Monte das Penas* parece provir de ser esse o logar destinado ás execuções dos criminosos. Quanto ao edificio da chancellaria romana suppõe-se ter sido no campo hoje denominado de S. Sebastião, e

ainda na fonte d'este nome, construida em 1625, se conserva uma pedra em fórma de mesa, tendo a inscripção:

BRACHARA
ET ANTIQUA AUGUSTA
FIDELIS

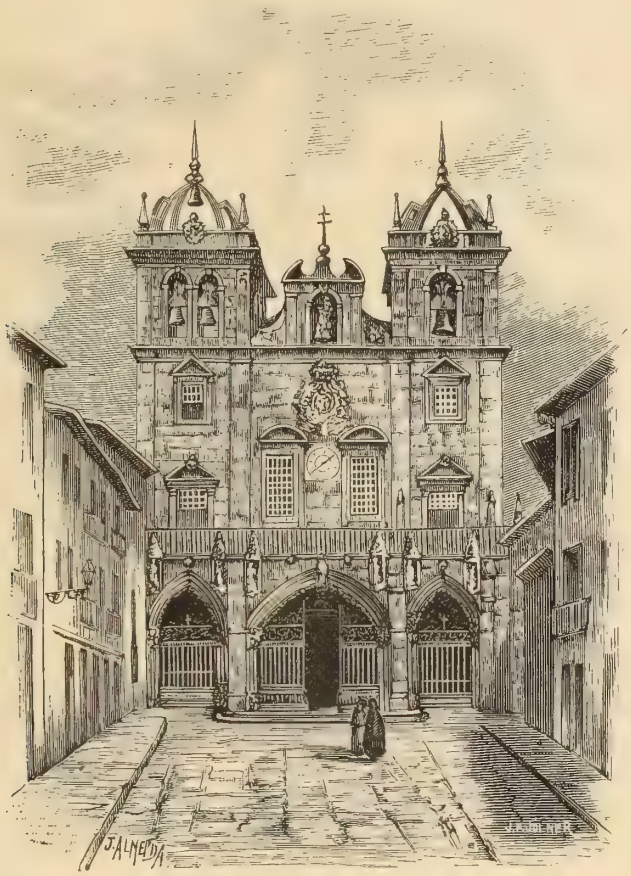
suppondo Argote que só as duas primeiras palavras eram do tempo dos romanos, sendo as duas outras gravadas em 1625 para obedecer á lei da symetria.

De um outro monumento ha noticia por uma escriptura do rei D. Affonso, o *Casto,* feita em 868, na qual se diz, descrevendo os arrabaldes de Braga: «*Debaixo da collina, damos a egreja de S. Fructuoso de Monte Modico, com as suas villas,* A TORRE CAPITOLINA *que modernamente se chama collina*...» (Traducção).

Varios escriptores pretendem tambem, que esta mesma egreja de S. Fructuoso fosse um templo dedicado a Esculapio. Entrados n'este caminho, prolixo teriamos de ser para dar noticia ao leitor dos restantes templos e monumentos pagãos, de que a tradição falla ainda, como tendo existido em Braga. Enumeram-se os de Isis, de Ceres, de Jano, de Evento, etc., mas o que já temos dito basta para demonstrar, quanto sob o dominio romano floresceu o estado da *Brachara augusta.* E tal foi essa florescencia, que apezar de ser largo o dominio wisigodo que lhe succedeu, apezar do dominio arabe e leonez, e dos seculos contados da nossa independencia, o tempo não pôde ainda apagar de todo os vestigios d'esse notavel periodo de esplendor.

Capital dos suevos durante mais de 150 annos, e dos godos, proximamente o mesmo tempo, Braga foi, como séde metropolitana, o logar escolhido para a reunião de varios concilios, sendo o primeiro, segundo Fr. Bernardo de Brito, o que o bispo Pancracio convocou, á data da invasão dos barbaros na Lusitania. Segundo um manuscripto do cartorio de Alcobaça, que uns teem como verdadeiro, outros como apocripho, e alguns apenas como falsificado, n'esse concilio se decidiu, que os prelados regressassem ás suas dioceses, para animar os catholicos e esconder as imagens e mais objectos do culto, que pelos invasores estava sendo mal tratado. Rompia então a guerra de Ataces, rei dos alanos, contra Hermenerico, rei dos suevos, guerra que terminou, segundo esse codice, pelas nupcias de Cindasunda, filha do suevo, com o alano, e que trouxe a paz e a tranquillidade á egreja por ser a princeza uma fervorosa catholica.

Se este concilio foi ou não o primeiro não o discutiremos nós, que apenas temos em vista apresentar ao leitor um testemunho da primazia de Braga; mas se o não foi, já por egual não póde dizer-se apocripho, o que o rei suevo Theodomiro mandou convocar am 564 (outros dizem 530 e



Se de Braga — Desenho do natural por João de Almeida

554), e ao qual concorreram oito bispos, que parece eram então os existentes em toda a monarchia sueva.

Por curiosidade transcrevemos de Pinho Leal algumas das providencias tomadas n'esse concilio:

1.º—Que todos os bispos, parochos e simples clerigos usassem para com o povo da saudação: *Dominus vobiscum,* e que o povo respondesse: *Et cum spiritu tuo.*

2.º—Que os sacerdotes que não comessem carne, por suspeita de heresia, fossem obrigados a comer hortaliças cozidas com carne; e se des-

prezassem este preceito, ficassem excommungados e removidos totalmente do exercicio sacerdotal.

3.º—Que os que se suicidassem por morte violenta, com ferro ou peçonha, despenhando-se, enforcando-se, etc., não tivessem commemoração alguma nos sacrificios, nem seus corpos fossem levados á sepultura com psalmos. E que o mesmo se usasse com os que fossem justiçados por suas maldades.

4.º—Que os corpos dos defunctos de nenhum modo se sepultassem dentro das egrejas, mas sim da parte de fóra junto aos muros do templo, etc.

A este seguiram outros concilios, mas como o nosso fim não é apresentar ao leitor a historia ecclesiastica de Braga, da sua noticia nos dispensamos, como da historia succinta de todo o periodo wisigodo, arabe e leonez para virmos encontrar a velha cidade no seu maximo periodo de esplendores, quando a monarchia portugueza se consolidou definitivamente.

A fortificação, originaria dos romanos e conservada ou ampliada pelos suevos, godos e arabes, é reparada pelo conde D. Henrique e reedificada depois por tal fórma por D. Diniz, que se póde considerar uma nova fundação a d'este monarcha.

D. Fernando reforma ainda os muros de Braga e nos principios do seculo XVI o arcebispo D. Diogo de Sousa, o grande benemerito da cidade, accrescenta ao castello os dois baluartes circulares, que deitavam para o campo de Sant'Anna e de que ainda restam vestigios.

«Com a fundação de alguns conventos e com o crescimento da povoação—diz o sr. Vilhena Barbosa no *Archivo Pittoresco*—foram-se derrubando successivamente os lanços do muro e varias torres e portas da cidade. O arcebispo D. José de Bragança procedeu a algumas d'essas demolições para desaffrontar ruas e praças, e para outras obras de aformoseamento. Todavia ainda existem de pé, e em bom estado de conservação, diversas torres e lanços da muralha.»

Para que o leitor melhor aprecie o aspecto medieval da cidade, vae n'uma rapida visita percorrer os seus templos e monumentos, e dir-me-ha depois se a velha Braga não merece o maior interesse sob o ponto de vista architectonico e ethnico. «Encontram-se ahi—diz o allemão Virchow, impressionado pela sua visita de 1880—restos de architectura romana, wisigoda e mourisca misturados com edificações dos ultimos tempos da Renascença, como nunca vi tão bellos e tão completos.»

Pela Sé vamos principiar essa piedosa e historica romaria, pois justo é que primeiro tributemos a nossa homenagem ao templo vetusto e venerando, que, segundo a tradição, foi já dedicado a Isis, a casta deusa fecunda, a quem se consagrava o pecegueiro.

Certo é que outros julgam, que o templo gentilico fosse junto ás grades de S. Geraldo, proximo da fonte da *Galaria,* cuja agua *lustral* limpava de todos os males de alma e corpo os gentios que ahi vinham banhar-se; e tambem ha quem pense ter sido o templo de Isis na propria egreja de S. Geraldo, ao depois transformado em templo christão por S. Pedro de Rates. Fosse ou não dedicado á deusa, é incontroverso que a Sé, monumento, existia já no tempo dos romanos, constando de documentos authenticos que o conde D. Henrique e sua mulher a reedificaram pelos annos de 1100.

«Não havendo noção positiva sobre a antiguidade da velha Sé primacial das Hespanhas, deve comtudo suppor-se, diz o sr. Vilhena Barbosa, que sendo Braga uma cidade fortificada no tempo em que o apostolo Sant'Iago ahi prégou o evangelho e instituiu a diocese bracharense, dando-lhe por bispo S. Pedro de Rates, a primitiva Sé fosse edificada dentro dos muros da cidade e antes do anno 44 de Christo, em que esse bispo foi martyrisado.»

Que reconstrucções ou transformações soffreu depois a cathedral sob o dominio dos suevos, dos godos, dos arabes e dos reis das Asturias e de Leão, ninguem o póde com affoiteza dizer, e nem mesmo isso importa para authenticar a vetustez do grandioso monumento.

Poucos vestigios restam das obras do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza, diz o referido escriptor, a não serem talvez as paredes exteriores do cruzeiro, e as da capella da Annunciação ou S. Thomaz, onde foram enterrados aquelles soberanos logo depois da sua morte.

«Não sabemos—continua o sr. Vilhena Barbosa—quanto tempo durou a egreja do conde D. Henrique. O que vemos é que o vestibulo, que resalta da fachada, correndo por toda a largura d'ella, mostra pelo seu estylo gothico, severo e parco nos ornatos, ser obra dos fins do seculo XIII, quando este genero de architectura, introduzido no paiz reinando D. Affonso Henriques, se encaminhava para attingir no seculo seguinte a elegancia e perfeição de que é typo o sumptuoso monumento da Batalha.

A porta que dá entrada do vestibulo para o templo revela a mesma origem d'aquelle. Na frontaria da egreja, superior ao vestibulo, está estampado o gosto pesado e triste do seculo XVIII. Edificou-a o arcebispo primaz D. José de Bragança, filho legitimado de el-rei D. Pedro II. Como timbre da regia fundação, lá avulta sobre as duas janellas um immenso escudo das armas reaes.

O interior do templo foi por tal modo desfigurado, segundo cremos, por aquella occasião, com estuques, pinturas e doirados, que temos como empreza ardua, senão impossivel, adivinhar-lhe a edade. Todavia, apezar

da mascara moderna, parece-nos ser de construcção antiga, posterior á do vestibulo, porém muito anterior á da capella-mór, que é obra do principio do seculo XVI, mandada fazer pelo arcebispo D. Diogo de Sousa.

Na sachristia, no claustro e nas suas capellas, vê-se a mesma variedade de estylos de architectura, ora separados e mostrando uniformidade, ora reunidos e offerecendo á vista o repugnante aspecto de remendos modernos de mau gosto sobre feitios antigos de fórma esbelta.

Levanta-se esta cathedral no centro da cidade, que por ser plana deixa sobresahir e realçar por cima da sua compacta casaria o vulto grandioso d'esse monumento, representante de tantas eras, e venerado por tantas gerações.

A frontaria principal deita sobre uma pequena praça, e tem de altura, desde o pavimento d'esta até á cruz archiepiscopal das torres, cento e dez pés, ou uns trinta e sete metros.

O vestibulo resahe muito do frontispicio do templo, de modo que, sobre a sua abobada de laçaria de pedra, se estende um espaçoso terrado, cercado de grades de ferro. Os tres arcos, dois ogivaes e o do meio de volta redonda, são guarnecidos de brincadas rendas, e fecham-se com portas de ferro, ali postas provavelmente no seculo passado, a julgar pelo seu feitio pesado e desengraçado. Da mesma epocha, talvez, é a balaustrada de pedra que lhe corre pela frente junto ao envasamento do vestibulo, bem como as duas fontes que brotam dos gigantes que dividem os tres arcos.

Adorna-se o vestibulo, na parte superior, com sete estatuas de santos, uma sobre o arco central e seis mettidas em nichos, a que fazem corôa formosos baldaquinos rendilhados.

O resto da fachada não tem ornamentos que mereçam menção, se exceptuarmos a estatua da Virgem Maria, que se acha collocada em um nicho entre as duas torres.»

O interior do templo, mixto heterogeneo de reconstrucções, em que o bom gosto e a arte foram sacrificados, trocando-se a fórma ogival das naves por arcos de volta redonda, rebocando-se as columnas com estuque, doirando e empastando os capiteis, revestindo com madeira pintada as capellas lateraes, etc., perdeu por certo com estas transformações a severa belleza que devia possuir e deixa no espirito uma impressão desagradavel, não obstante a sua vasta grandiosidade. «Comtudo, escreve o sr. Vilhena Barbosa, a impressão desagradavel que o viajante recebe ao transpor a porta do templo, tem uma certa compensação, vendo logo á entrada um objecto d'arte de muita riqueza e curiosidade. É o tumulo do infante D. Affonso, filho de D. João I e da rainha D. Filippa, o qual, parecendo

destinado pela ordem do nascimento para succeder no throno ao illustre chefe da dynastia de Aviz, foi arrebatado pela morte aos dez annos.

Como monumento artistico é unico no seu genero em Portugal, por ser todo de bronze. A esta circunstancia, só de per si tão valiosa, reune a da formosura do todo, e da perfeição de cada uma das suas partes. A estatua do infante, de tamanho natural, deitada sobre a tampa; os anjos, que lhe cercam a cabeceira, postos de joelhos e como em oração; os emblemas, brazões, silvados e arabescos, que, em alto relêvo, guarnecem inteiramente a caixa; as variadissimas esculpturas do grande docel, ou baldaquino, que se ergue a bastante altura sobre quatro columnas lavradas com muitos desenhos differentes, cobrindo todo o tumulo; é obra tudo isto de singular primor e excellencia.

Como monumento historico, se não bastasse para lhe dar apreço guardar as cinzas de um principe, filho de um dos nossos mais inclitos soberanos, era sufficiente recommendação ser mandado de Flandres, em prova do amor e piedade fraternaes, por uma princeza dotada de tantas virtudes e discrição, como foi a infanta D. Isabel, filha do nosso rei D. João I, e mulher de Filippe III, o Bom, duque de Borgonha, e conde de Flandres.»

Um outro monumento, que se não é um primor de arte, é pelo menos uma obra de merecimento pela invenção do desenho, a elegancia do todo, graça e variedade dos relevos, é a pia baptismal da Sé. Escreve o sr. Vilhena Barbosa a respeito d'este bello monumento:

«Na base figurou o artista os perigos que a infancia corre antes de receber as aguas do baptismo, ornando-a com quatro grupos de leões a devorar creanças. Mais acima, a meia altura do pé, collocou sentados sobre peanhas oito recemnascidos, um em cada face do oitavado, mostrando subir com anciedade em procura de refugio e salvação. No amplo bojo da bacia, que é tambem oitavada, ideou, póde-se dizer, as festas do baptismo, pois que esculpiu para todo elle tenros infantes brincando alegres e engrinaldando-se de flôres.»

Julga o mesmo auctor que esta pia baptismal a mandára fazer o arcebispo D. Diogo de Sousa, no começo do seculo XVI, e parece, a quem bem attentar no estylo d'esse baptisterio, que não deve estar longe da verdade a supposição de tão erudito escriptor.

«O côro sobre a porta principal é espaçoso e muito rico, mas não é bello. A profusão e accumulação dos doirados e pinturas, e o mau estylo de esculptura das cadeiras, sobrecarregadas de molduragens, e faltas d'aquelles graciosos desenhos e delicados relêvos com que se immortalisou, no templo de Belem, o nosso insigne esculptor Diogo da Carta, dizem cla-

ramente que essa obra foi feita na epocha em que o Brazil nos enriquecia e materialisava com o seu oiro.

Junto do côro estão dois grandes orgãos. São magnificos. Não os ha melhores nem mais grandiosos em qualquer das outras sés do reino. E se não abrangemos n'esta affirmativa os mais templos do paiz, é pelo receio de parecermos exaggerados.

Elevam-se aquelles orgãos a tão grande altura, que, principiando a uns tres ou quatro metros acima do pavimento da egreja, foi mister para os accommodar fazer-lhes uma cupula mais alta do que o tecto do templo. São decorados com uma infinidade de figuras de anjos, e estatuas de santos de todos os tamanhos. E por singular anomalia, de que nos deixaram muitos exemplos os architectos do seculo XVI, repousa cada um d'estes orgãos sobre dois satyros e duas sereias.

O corpo da egreja tem oito capellas nas duas naves dos lados, e o cruzeiro conta seis, duas nas extremidades e as outras collateraes da capella-mór. [1] Sobre o cruzeiro levanta-se a cupula, que pela parte exterior tem a fórma de uma torre quadrangular, com sua janella como espelho em cada face, e rematando em telhado pyramidal.

A capella-mór corresponde em capacidade á grandeza do templo, mas excede-o muito na elegancia e belleza da architectura. Reedificada desde os alicerces pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, no começo do seculo XVI, ostenta nas engenhosas decorações do seu retabulo de pedra, nas laçarias da abobada, e sobretudo na corôa com que se adorna externamente, composta de floreadas cercaduras, de bonitas rendas, de graciosas pyramides e emplumados coruchéos; ostenta, repetimos, o luxo e riqueza d'esse estylo gothico, que nós chamâmos, com justa razão, *manuelino,* porque, nascendo e morrendo sob o sceptro do *rei afortunado,* symbolisa as glorias e felicidades d'esse reinado.

Foi obra o retabulo de esculptores biscainhos, que o arcebispo D. Diogo mandou vir para esse fim. Dizem que muitos d'elles ficaram vivendo na cidade, e ahi construiram casas em uma rua a que deram o nome, e ainda hoje se chama *rua dos Biscainhos.*

No altar-mór está a imagem de vulto de Nossa Senhora da Assumpção, a quem a cathedral é dedicada, como todas as mais sés do reino desde o tempo e por determinação de el-rei D. João I. Todavia aquella santa imagem é invocada mais commummente pelo povo com o titulo, que anteriormente tinha, de Nossa Senhora da Abbadia.

Aos lados do altar-mór acham-se os mausoleus do conde D. Henri-

[1] Em uma d'essas capellas ainda hoje se officia pelo rito mosarabe.

que e da rainha D. Thereza, mandados fazer pelo mesmo arcebispo D. Diogo de Sousa.

Tem esta sé uma grande sachristia, obra do arcebispo D. João de Sousa, no fim do seculo XVII, com duas capellas bem ornadas, em correspondencia uma da outra. Sobre os gavetões, que são de excellente madeira, com variados feitios e ferragens doiradas de caprichosos desenhos, correm a todo o comprimento da casa, por um e outro lado, duas prateleiras cheias de meios corpos de santos com reliquias, e de talhas de porcelana da India e Japão, em que se guardam tambem reliquias santas, tudo disposto com symetria.

Era a cathedral bracharense uma das mais ricas sés do nosso paiz em vasos sagrados e alfaias. Não havia arcebispo primaz, que não tivesse empregado alguma parte dos seus avultadissimos rendimentos em objectos preciosos para o culto divino. Infelizmente foi despojada de quasi todo o seu thesouro durante as invasões e guerras do principio d'este seculo. D'entre os objectos que mãos pias occultaram e salvaram da rapacidade, nomearemos os mais notaveis que conservâmos em memoria.

O calix de S. Geraldo é mui pequeno e de prata branca, exteriormente todo coberto de lavores em baixo relêvo. Segundo a tradição, era o calix com que dizia missa quotidianamente o arcebispo S. Geraldo, que teve o governo d'aquella diocese nos fins do seculo XI e principios do XII, cabendo-lhe em sorte baptisar o nosso primeiro rei.

Outro calix de prata doirada, inteiramente lavrado com muita diversidade de figuras e feitios em alto e em meio relêvo, é sem duvida do seculo XVI, e suppomos que fôra dadiva do arcebispo D. Diogo de Sousa.

Um riquissimo paramento de pontifical, bordado a oiro sobre lhama de prata, foi mandado fazer pelo arcebispo D. José de Bragança.»

Enumerando as alfaias e paramentos da Sé, convem não esquecer, pela curiosidade, os brilhantes sapatos do arcebispo D. Rodrigo, que medem bem meio palmo na altura dos saltos, o que, segundo a tradição, era preciso para que o arcebispo, baixinho como era, podesse chegar ao altar.

«O claustro nada encerra digno de menção. Tem quatro capellas, uma das quaes tem por orago Nossa Senhora da Annunciação, posto que tambem lhe chamem de S. Thomaz, desde que a confraria d'este santo se mudou para ahi, deixando a capella de S. Martinho, uma das da egreja. Na capella da Annunciação, onde estiveram enterrados o conde D. Henrique e sua esposa até serem trasladados para a capella-mór da Sé, acha-se um tumulo de madeira, com sua vidraça, para deixar vêr o corpo que n'elle descança. É o do arcebispo de Braga D. Lourenço Vicente, que se assignalou na memoravel batalha de Aljubarrota, combatendo ao lado do

mestre de Aviz e do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Jazeu este arcebispo em um tumulo de pedra, no meio da dita capella, até ao anno de 1663, em que, pretendendo a irmandade de S. Thomaz mudal-o para dentro de um arco aberto na grossura da parede da mesma capella, foi achado inteiro o corpo do prelado, e tão bem conservado, e assim as suas vestes pontificaes, que, depois de feitos os exames, lavrados os autos e justificações na presença das auctoridades e mais pessoas competentes, se transferiu para o actual sepulchro de madeira, a fim de ficar exposto á veneração dos fieis. Está collocado o mausoleu a um lado da capella. Acha-se o corpo d'este prelado em tão perfeito estado de conservação, que nos pareceu ao vel-o como que fallecido na vespera.

Junto ao claustro, e com porta para elle, está a egreja da Misericordia velha, que é como uma capella da cathedral, onde os conegos tinham o seu jazigo. No centro do templo ergue-se o sumptuoso mausoleu de pedra do arcebispo D. Diogo de Sousa, a quem não sómente a Sé, mas tambem a cidade, devem bastantes favores e muitas obras grandiosas. Sobre a tampa repousa a estatua do arcebispo, revestida de pontifical, e nas quatro faces da caixa vêem-se as imagens da Virgem e dos Apostolos, esculpidas em alto relêvo, e dentro de nichos ornados e coroados com as galas do estylo gothico-florido.

Segue-se á egreja da Misericordia velha o antigo cemiterio da Sé, com capellas de uma e outra parte. Na de S. Geraldo, que é grande, e serve como de capella-mór do cemiterio, está o corpo do santo arcebispo da sua invocação. No pavimento d'esta capella jazem os arcebispos D. Diogo da Silva, D. Manuel de Sousa e D. Rodrigo de Moura Telles, em um carneiro mandado fazer pelo ultimo, e em sepultura separada o arcebispo D. Fernando da Guerra. Na parede da parte da epistola está mettido um sepulchro em que se guardam os restos de um heroe, que a historia aponta como exemplo da fidelidade portugueza. É D. Martim de Freitas, o celebre alcaide de Coimbra, que defendeu corajosamente o castello d'essa cidade contra D. Affonso III, que o cercava com poderoso exercito, até que foi em pessoa a Toledo certificar-se da morte de el-rei D. Sancho II, por quem tinha o castello, e fazendo abrir o caixão, depositou as chaves nas proprias mãos de quem as havia recebido. Infelizmente, e por vergonha nossa, acha-se occulto com azulejos esse monumento funerario de tanta honra para Portugal.

Em seguida á capella de S. Geraldo está outra capella com tres altares. Junto ao do meio, que é consagrado a Nossa Senhora dos Anjos, levanta-se um tumulo de pedra com seus lavores, cercado de grades de ferro, e com uma estatua vestida em habitos pontificaes, deitada sobre a campa.

BRAGA — *Vista geral, segundo uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas*

É o mausoleu do grande arcebispo D. Gonçalo Pereira, valido de el-rei D. Diniz, e avô do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Este grande numero de capellas, algumas das quaes teem a capacidade de egrejas, deu motivo ao auctor da *Chorographia Portugueza* para dizer que a cathedral bracharense é *de tanta grandeza, que dentro d'ella ha sete côros, em que se resam as horas canonicas em voz alta, sem estorvarem uns aos outros.*

Sendo ponto de muita duvida, se esta sé fôra ou não sagrada em tempos antigos, resolveu sagral-a o arcebispo D. Agostinho de Jesus, o que effectuou no dia 28 de julho de 1592. Por essa occasião foram depositadas no altar-mór muitas reliquias de Jesus-Christo, de Nossa Senhora, dos apostolos e outros santos.

Honra-se esta cathedral de contar entre o numero dos seus arcebispos varios santos, um papa, quatro principes, um dos quaes cingiu a fronte com a corôa de rei, quatro cardeaes, e muitos prelados que deram lustre a Portugal com a sua sciencia, e credito ao episcopado com as suas virtudes.

Dá a egreja o culto de santos a vinte e dois prelados, que presidiram á diocese bracharense. D'estes veneram-se nas differentes capellas da Sé os corpos de S. Pedro de Rates, de Santo Ovidio, de S. Martinho de Dume e de S. Geraldo. Chamava-se Pedro Julião, e era filho de Lisboa, o arcebispo que foi elevado á cadeira de S. Pedro com o nome de João XXI, correndo o anno de 1276.

Os quatro principes foram: o cardeal infante D. Henrique, que succedeu no throno, filho de el-rei D. Manuel; D. Duarte, filho bastardo de el-rei D. João III; D. José e D. Gaspar, filhos legitimados, aquelle de el-rei D. Pedro II e este de el-rei D. João V.

Os quatro cardeaes chamavam-se: D. Jorge da Costa, o mencionado infante D. Henrique, D. Verissimo de Lencastre, inquisidor-geral, e D. Pedro Paulo, por ultimo.

Além dos arcebispos santos, D. João Peculiar, D. Pedro Julião, D. Jorge da Costa, cardeal, D. Diogo de Sousa, D. Fr. Balthasar Limpo, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, D. Fr. Aleixo de Menezes, D. Rodrigo da Cunha e D. Fr. Caetano Brandão, foram os que mais abrilhantaram o solio primacial de Braga com as luzes da sua sabedoria e com o esplendor das suas virtudes evangelicas.»

Um pouco nos dilatámos na descripção da Sé primacial de Braga, mas de proposito o fizemos, porque nos parece ser este o monumento a que se ligam mais profundamente as tradições historicas e religiosas da cidade, o fóco d'onde irradiou a luz para a antiga provincia da Lusitania,

e para onde convergiu por seu turno a alma crente do povo, que foi o nosso iniciador na historia. Descripta, porém, a Sé, em romagem mais rapida faremos a visita das outras casas religiosas, que não são poucas em Braga, como o leitor imagina.

A Sé é matriz parochial da freguezia assim denominada, e pois que por uma séde parochial principiámos a nossa peregrinação, pelas outras a podemos continuar, não perdendo todavia o ensejo de visitar n'este momento a egreja da Misericordia, visto communicar interiormente com o templo em que estamos. É construcção moderna a Misericordia, e sem elementos de arte que interessem o amador; apenas o seu frontispicio é ornado de columnas e muita variedade de esculpturas e sobre uma das portas lateraes se nota o varandim da Senhora do Leito, com figuras ao natural. A antiga Misericordia occupava uma capella dos claustros da Sé, ainda hoje chamada *Misericordia velha,* e na qual repousam em soberbo mausoleu as cinzas do arcebispo D. Diogo de Sousa, um dos grandes, senão o maior benemerito da cidade.

Uma nova matriz temos bem perto, a de *S. João do Souto.* Era antigamente no castello este templo, mas em 1512 o edificou o arcebispo D. Diogo de Sousa no sitio actual, tomando o provisor do bispado João de Coimbra sobre seus hombros o encargo de construir a capella designada com o nome de Nossa Senhora da Conceição, que existe ao lado e que attesta na sua primorosa architectura a florescencia do periodo artistico, que mais brilhou entre nós. Formoso exemplar do estylo gothico-florido, a ermida da Conceição tem a fórma de uma torre quadrangular e é dividida em dois pavimentos, estando no inferior a capella de Nossa Senhora e no superior uma sala que serviu de archivo ao morgadio instituido pelo fundador, morgadio que rendia então 500$000 réis, dizendo a tradição local que João de Coimbra designára um carro de pão por cada uma das estatuas que adornam a ermida.

Interior e exteriormente a belleza do estylo accentua-se nas laçarias de pedra, nos lavores dos baldaquinos que formam docel ás estatuas, na cimalha guarnecida das extravagantes biqueiras, nas janellas de volta redonda com delgadas columnas ao centro, na abobada, na grimpa exterior, nos altares emmoldurados em elegantissimos arcos rendilhados, em todos os adornos, finalmente, que constituem o caracteristico d'essa formosa architectura. O templo de S. João era tambem ataviado com bastantes galas do mesmo estylo, mas as reconstrucções que soffreu em eras modernas, despojaram-o de todos os seus primores, podendo ainda vêr-se, como amostra do que seria essa egreja, uma formosa porta de archivolta toda lavrada em columnas, figuras de anjos, flores e fructos, em uma travessa

ou *congosta* que desemboca no campo de Sant'Anna, onde serve de porta de entrada de um quintal!

Nas costas da ermida da Conceição existe uma pequena capella, que o povo conhece sob a invocação de *Santo Antonio esquecido,* porque pela sua collocação no lado inferior do edificio a estatua do thaumaturgo passava despercebida. Attribuiu-lhe, porém, a devoção tão repetidos milagres,

Braga — As Carvalheiras — Desenho do natural por João de Almeida

que o fez orago de uma nova ermida, sem que por isso a estatua deixasse de occupar a sua primitiva posição.

Depois de S. João de Souto póde o leitor visitar *S. Thiago da Cividade,* que não fica longe e que é uma das mais antigas parochias de Braga. No campo assim denominado ainda póde vêr-se uma torre da muralha de D. Diniz, cujo destino actual logo indicaremos, e no meio da praça um esbelto chafariz coroado pela cruz archiepiscopal, obra, segundo a tradição, do arcebispo D. José de Bragança.

A séde de uma outra freguezia da cidade e tambem antiquissima é a egreja de *S. Victor*. Foi antigamente mosteiro de benedictinos, fundado por S. Martinho de Dume, e dotado com uma quinta que ahi havia aos

monges de Santo Antão, de Moure, pelo abbade Vasco Mendes, sendo a doação feita em 565, no tempo dos suevos.

Destruiram os arabes este mosteiro, assim como o de Moure, mas depois da restauração de Braga foi o convento dado ao arcebispo S. Geraldo e seus successores. Foi então a egreja reparada e sagrada pelo arcebispo Payo Mendes, contemporaneo de D. Affonso Henriques, e mais tarde, por ameaçar ruina, reconstruida em 1686 pelo arcebispo D. Diogo de Sousa.

Uma outra parochia de Braga tem a sua séde na egreja de *S. José de S. Lazaro,* antiga capella da invocação do segundo canonisado. Foi elevada a matriz em 1747 pelo arcebispo D. José de Bragança e do nome d'este prelado se originou o do novo padroeiro. A tradição diz, que na primitiva capella de S. Lazaro prégára o evangelho o apostolo S. Thiago, pelos annos 40 e tantos de Christo.

Duas outras parochias, embora regidas pelo mesmo parocho, fazem parte da população da cidade, especialmente dos seus arrabaldes. São as de *Santo André de Gondisalves* e *S. Pedro de Maximinos,* sendo a egreja d'esta reconstruida modernamente e situada em local muitissimo aprazivel. Nenhum dos templos offerece curiosidades, que mereçam descripção especial.

Proseguindo na visita dos edificios religiosos, póde o leitor, depois de ter visto as egrejas parochiaes, visitar os templos que pertenceram, ou pertencem ainda, ás communidades monasticas.

Eram quatro os conventos de frades que havia na cidade e quatro tambem os de freiras, não contando n'este numero os recolhimentos e hospicios para um e outro sexo. Principiemos por aquelles, e seja o *Convento do Populo* o primeiro a receber a homenagem da nossa visita.

Situado na Praça de D. Luiz I ou *Campo da Vinha,* cuja historia o leitor conhece já de uma das paginas do primeiro volume d'esta obra, foi o mosteiro de Nossa Senhora do Populo, ou da Graça, mandado edificar pelo arcebispo D. Agostinho de Castro em 1595, e por elle entregue á ordem dos eremitas de Santo Agostinho, dando-lhe rendas sufficientes não só para a sustentação da communidade, mas tambem para o estabelecimento de aulas de theologia, que os religiosos tinham por obrigação abrir ao publico. Depois de extinctas as corporações religiosas foi o edificio posto á disposição do ministerio da guerra, que o destinou para quartel do regimento 8 de infanteria.

O templo, vasado no estylo da renascença, é um dos mais notaveis da cidade pela sua vastidão, boas proporções e riqueza da obra de talha doirada, com que se adornam os seus altares. Na capella-mór existem dois

grandes mausoleus, repousando em um o arcebispo fundador, e no outro o virtuoso prelado D. Fr. Aleixo de Menezes, que foi arcebispo de Gôa e depois de Braga. Na sachristia é digno de nota o sanctuario, que encerra muitas reliquias venerandas; na capella de Christo, junto ao arco cruzeiro, está encerrado o corpo de Santa Suzana, virgem e martyr bracharense. Na parte da cerca, hoje propriedade particular do abastado capitalista Ferraz, existe ainda um pequeno sanctuario, ou calvario, perfeitamente conservado e ainda venerado pelos fieis, que em um dia determinado do anno ahi concorrem em piedosa romaria, sendo-lhes facultada n'esse dia livre entrada pelo benemerito proprietario.

Depois do Populo é o *Carmo* que merece visitar-se. Situado ao fundo da rua do Carvalhal pertenceu este convento á ordem dos frades carmelitas descalços, e foi em 1653 fundado pelo padre Fr. José do Espirito Santo.

Parte do convento serve hoje de hospital militar, e a cerca pertence em parte á confraria do Carmo, e em parte foi transformada no mercado do gado e no edificio da praça do peixe.

Na egreja do Carmo repousam os restos do frade João de Ascensão, mais vulgarmente conhecido por Fr. João, de Neiva, terra da sua naturalidade, ou pelo cognome de *Fradinho,* com que o fanatismo popular principiou a designal-o, depois da sua morte em 1861.

Fr. João de Neiva não foi um religioso vulgar. Lente de theologia dogmatica no collegio de S. José, em Coimbra, e no dos Remedios, em Evora, prégador distincto, prior, eleito em capitulo, do collegio de S. João da Cruz de Carnide, chegou em 1833 a ser nomeado arcebispo de Gôa, primaz do Oriente, prelazia que elle recusou por um excesso de timida humildade.

Depois da extincção das ordens religiosas retirou-se em 1839 para Braga, onde viveu auxiliado pela caridade particular. A sua lenda principia a formar-se desde então, baseada por um lado nas manifestações da sua alma generosa e boa, e do seu espirito intelligente, pelo outro nas excentricidades da sua vida exterior. O povo, que não precisa de Roma para canonisar os seus santos, considera o *Fradinho* como tal, e ai d'aquelle que ouse em Braga censurar o fanatismo imbecil, que se consagra á memoria d'esse morto. A especulação miseravel aproveita a piedosa crença, e se o leitor quer d'isto uma prova bem frisante, visite a *casa dos milagres* do Carmo, e verá como é sordido esse especular com as consciencias dos humildes e ignorantes. Sobre a sua sepultura ainda não ha muito chegavam a collocar-se cartas de consulta, a que o Fradinho respondia... em praso determinado!... É um cumulo de... patifaria e um insulto á me-

moria honrada d'esse homem, que foi na vida um justo para ter na morte, ao menos, o direito de não ser um objecto de exploração.

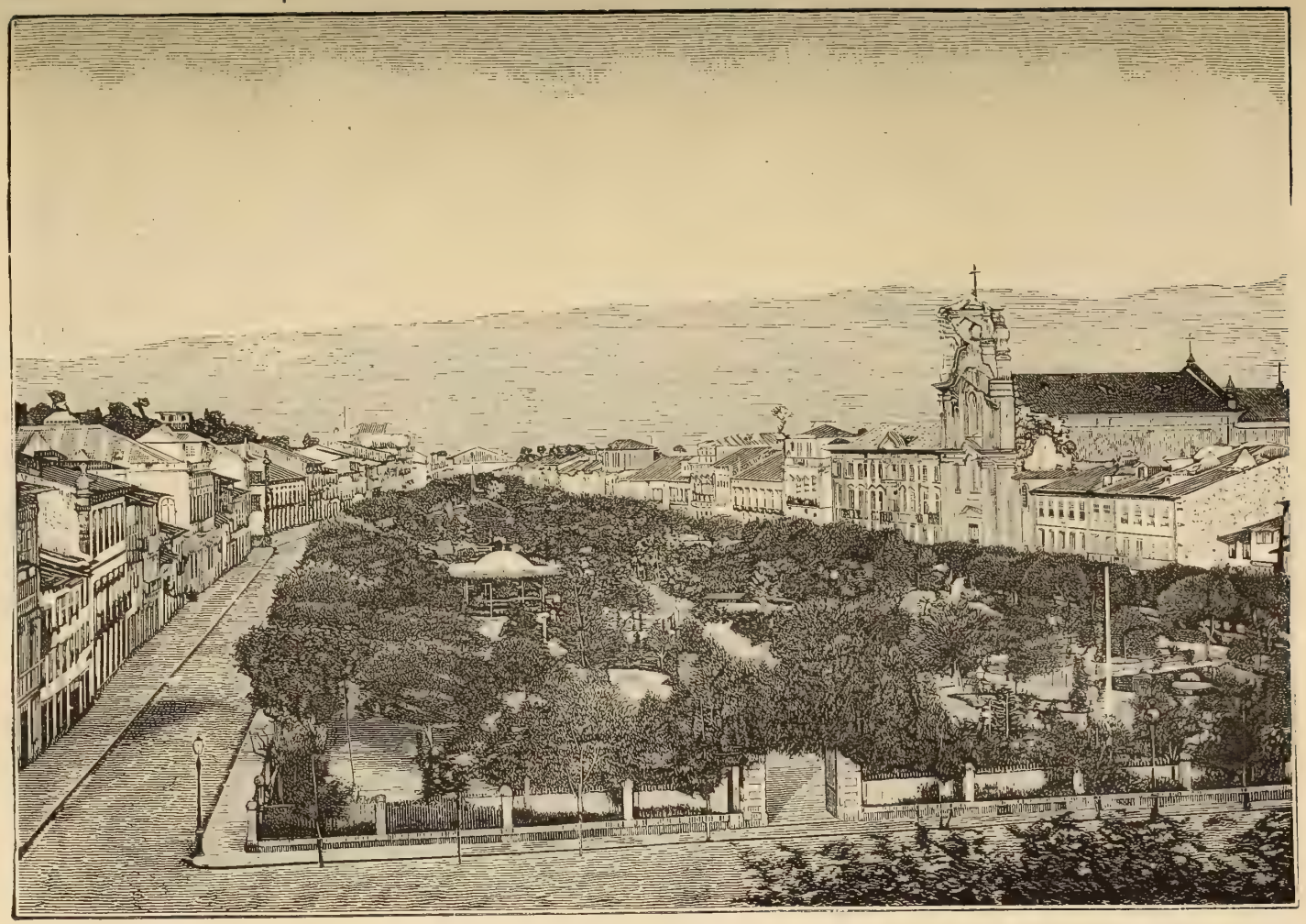
No campo de S. Thiago encontra o leitor o antigo collegio de *S. Paulo,* que pertenceu aos jesuitas e foi em 1560 fundado por D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Depois da extincção da companhia de Jesus esteve o edificio occupado durante algum tempo pelas religiosas franciscanas vindas de Valença e Monsão; foram estas, porém, transferidas para outros mosteiros e instituiu-se então no de S. Paulo um collegio de Ursulinas para educação de meninas, que ainda se conservou por alguns annos com a invocação das *Chagas,* mas que hoje está extincto. Como já disse em pagina anterior, a torre que se observa contigua ao convento era da cerca de muralhas mandada fazer por D. Diniz, e accrescentarei agora, que ella foi aproveitada, quando se construiu o collegio, para torre de campanario e casa de relogio, ao mesmo tempo que para mirante de recreio, e passadiço por onde os jesuitas desciam ao grande pateo dos estudos, bello claustro rodeado de arcos sustentados em columnas. «Na parede da torre que olha para o norte — escreve o sr. Vilhena Barbosa — está encostada e elevada sobre arcos uma linda capella dedicada a Nossa Senhora da Torre. A imagem da Virgem é muito antiga e formosa, e de muita devoção para os bracharenses, que a veneram como protectora de Braga nas calamidades publicas.

A parte baixa da torre foi aproveitada para o serviço da irmandade da mesma Senhora, quando se construiu a capella, e como assim ficasse obstruida a porta de S. Thiago, foi esta substituida por uma que se vê no fim da frontaria do convento e que se denomina *porta do collegio.* Como todas as portas da cidade, tem esta do collegio um retabulo pendente, em que está representada a sagrada Eucharistia, pois que Braga preza-se de ser appellidada *Cidade do sacramento,* por quanto dizem ser a primeira na Europa onde se celebrou o incruento sacrificio.»

O quarto convento ou *oratorio* para religiosos é o edificio em que no campo de Sant'Anna, faceando com o jardim, actualmente estão o Lyceu, a Bibliotheca, e as repartições do Governo civil e Fazenda. Era dos *Congregados de S. Filippe Nery,* e foi na segunda metade do seculo XVII fundado por diligencias do padre José do Valle da mesma congregação.

Prolongaram-se os trabalhos da construcção até meiados do seculo XVIII, estando a egreja aberta ao culto em 1751. O templo, consagrado a Nossa Senhora da Assumpção, é interiormente espaçoso, alegre e singelo na sua architectura, sendo no exterior um pouco pesado e sobrio de ornamentação.

Os conventos destinados ás congregações femininas são, por sua or-



BRAGA — *Campo de Santa Anna, segundo uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas*

dem chronologica de fundação, os seguintes: *Remedios* — é de freiras franciscanas de Nossa Senhora da Piedade, tendo sido primeiro recolhimento e depois erigido em convento por Fr. André de Torquemada em 1547. A egreja reedificada no seculo passado ainda tem algumas religiosas.

Salvador. É de freiras da ordem de S. Bento e foi em 1602 fundado pelo arcebispo D. Agostinho de Castro. Ainda tem uma ou duas religiosas.

Conceição — hoje extincto, e occupado o edificio pelo collegio da Regeneração. Foi em 1625 fundado pelo conego Geraldo Gomes, que o dotou com todos os seus bens, sendo o primeiro que da ordem da Conceição houve em Portugal. D'elle sahiram religiosas para fundar um convento da mesma ordem em Chaves e o da *Penha de França* aqui mesmo em Braga, extincto hoje tambem e transformado actualmente no asylo de D. Pedro V.

Carmelitas (Therezinhas). Começou a sua edificação em 1756 debaixo da regra da observancia cármelitana, sendo a egreja sagrada em 1767.

Dominicanas da Tamanca. Foi fundado em 1726.

Diz-se ter existido tambem na rua das Conegas um convento de freiras agostinhas fundado por D. João Peculiar em 1140, mas não se sabe quando, nem por que, foi extincto.

Além dos edificios religiosos que temos apresentado ao leitor, muitos outros possue Braga, publicos e particulares, cuja lista seria longa.

Nomearemos por isso os principaes, accrescentando desde já ao numero dos conventos aquelles que pela analogia dos seus intuitos mais proximos estão d'essa cathegoria. São os recolhimentos e hospicios em que se observaram, ou observam ainda, as regras de certas ordens. Houve na cidade, para o sexo masculino, o hospicio dos monges bentos de Tibães, no Campo da Vinha, o dos conegos regrantes de Santo Agostinho, nas Carvalheiras, o dos Loyos e o dos religiosos capuchos de S. Fructuoso no campo de Sant'Anna. Pela desamortisação dos bens religiosos todos estes edificios passaram ao poder de particulares. Para o sexo feminino existem o conservatorio do Menino Deus, na Tamanca, fundado pelo arcebispo D. Fr. Caetano Brandão e destinado ao ensino de meninas orphãs, — no campo de Sant'Anna o recolhimento de Santa Maria Magdalena, de *Convertidas,* fundado por D. Rodrigo de Moura Telles, em 1722, — na rua do Carmo o da Santissima Trindade, vulgo Caridade, — asylo de donzellas e viuvas que desejam estar reclusas, e de peccadoras arrependidas. Houve o das beatas de Santo Antonio, hoje demolido, sendo a sua fundação em 1588 pelo abbade Domingos Pires, para seis donzellas ou viuvas que desejassem consagrar-se a exercicios mysticos, sem clausura regular. Estas recolhidas vivem hoje em casa pertencente ao hospital de S. Marcos.

Dignos de menção especial temos, além das casas religiosas tão sum-

mariamente apontadas, os templos de: — *Santa Cruz*, muito modernamente aformoseado e ricamente doirado, sendo a sua fundação em 1635 por iniciativa do arcebispo D. Rodrigo da Cunha; é vasto e sumptuoso, com o frontispicio adornado de primorosa esculptura e com delicadissimos lavores de talha, nas sete capellas consagradas aos passos da Paixão. *S. Marcos*, obra do arcebispo D. Diogo de Sousa no principio do seculo XVI, mas reconstruido modernamente com grande magnificencia e onde se admira o rico sepulchro de jaspe de S. João Marcos, bispo de Atina. Este templo só se concluiu e inaugurou em 1836, occupando a sua capella-mór actual o sitio da antiga capella da Senhora da Purificação, a quem D. Diogo de Sousa dedicára o hospital primitivo. O artistico tumulo de S. Marcos foi feito em Roma no primeiro quartel do seculo XVIII, por ordem do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, prelado que fez depois com faustosissima pompa a trasladação do santo do velho para o novo tumulo. O povo não esqueceu, porém, o antigo, pelo menos durante muito tempo, e assim ia metter os seus doentes lá dentro com a esperança de que as virtudes do velho sarcophago curassem as suas enfermidades. Hoje cahiu no esquecimento essa crendice fanatica.

Seguem os *Terceiros de S. Francisco*, na rua da Fonte da Carcova, construido no seculo XVIII; o *da Senhora a Branca*, no campo d'este mesmo nome, edificado pelo arcebispo D. Diogo de Sousa e consagrado por elle a Nossa Senhora das Neves, que o povo chamou *branca* por causa da côr dos seus vestidos; o *da Lapa*, fazendo corpo com a Arcada e formado á custa dos muros do castello; a capella do paço archiepiscopal, dedicada a Nossa Senhora da Conceição; a capella da *Senhora de Guadalupe*, antiquissima e tão pittorescamente situada; a moderna egreja de *S. Vicente dos Chãos de Cima*; a *Capella do seminario*, e a de *S. Sebastião*, por ultimo, de fundação antiga, embora modernamente reconstruida, apresentando a fórma circular, e situada em terreno um pouco elevado, vestido de frondosas e seculares *carvalheiras* em toda a pujança de vegetação, como a nossa gravura representa. No adro e em torno d'esta capella existem varios marcos milliarios das estradas romanas que sahiam de Braga, os quaes primeiramente estiveram no campo de Sant'Anna, onde os mandára collocar o benemerito arcebispo D. Diogo de Sousa, recolhendo-os dos differentes pontos em que se encontravam abandonados. Foram transferidos para este *Largo das Carvalheiras*, quando se reedificou a capella de S. Sebastião.

Vilhena Barbosa dá noticia de uma pratica singular, que se observava na festa annual do santo. Em virtude de um voto feito por occasião da peste do seculo XVI, obrigou-se a camara de Braga a ir todos os annos

em procissão á capella, fazendo primeiro a volta da cidade com um rolo de cera, da medida exacta da circumferencia dos muros, o qual havia de arder depois no templo, emquanto durasse a festa. Chamava-se a isto a procissão do rolo; mas, por informações que directamente colhi, creio ser esta a chamada procissão de S. Lourenço, que ainda hoje se realisa em uma madrugada de agosto, sendo o seu percurso em volta dos antigos muros da cidade. É velho costume adornar até o andor do santo com as primeiras uvas maduras, que os lavradores do concelho lhe vem offerecer. Ainda existe o *rolo,* que se accende durante os officios divinos.

Talvez haja em Braga mais templos e capellas, mais ermidas e hospicios, talvez! mas, Deus meu, eu sinto-me, como o leitor, extremamente fatigado de tão extensa romaria, e creio que nenhum de nós tem decidido empenho em saber qual a capella onde melhor se resa o terço, qual a egreja onde se cantam as novenas com mais sentimento, qual o nicho que tem a lampada com mais puro e orthodoxo azeite. O que expuz, e não foi pouco, basta para se ajuizar da riqueza e numero das casas de oração da nossa Roma.

A peregrinação piedosa não cessa, porém, com o fechar do ultimo guarda-vento das egrejas; intimamente ligados pelo mesmo espirito de caridade encontra o leitor os institutos de educação religiosa, os hospitaes e os asylos. D'estes merecem a primazia o seminario, o hospital de S. Marcos e o asylo de S. Caetano, por serem não só os mais antigos, como os mais grandiosos nos seus fins.

O seminario actual situado no Campo de S. Thiago, em substituição do antigo que no Campo da Vinha fòra pelo arcebispo D. Fr. Bartholomeu des Martyres fundado em 1560, é espaçoso como edificio e notavel como estabelecimento de instrucção. Anda por 1:000 o numero das matriculas do ultimo anno lectivo 1885-1886, sendo 862 para as aulas de instrucção secundaria e 120 para as de theologia.

O asylo ou seminario de S. Caetano era tambem situado no mesmo Campo da Vinha e em edificio acanhado em relação á grandiosidade do seu destino; foi pelo arcebispo D. Fr. Caetano Brandão destinado á educação de meninos orphãos, e comportava proximamente 100 asylados, cuja physionomia D. Antonio da Costa traçou n'estas palavras tristemente eloquentes quando o visitou: «Por ultimo vi os 90 orphãos, bem vestidinhos e bem tratados. Era na hora chamada da recreação. Estavam n'um claustro coberto, só com luz e ar por um lado, sem exercicio, amontoados, pallidos, tristes, n'uma desgraça de educação physica: mais outro exemplar do systema official de fazer do povo portuguez uma nação de enfesados, de doentes e de rachiticos.»

Felizmente que, depois já da visita do illustre propagandista da instrucção e primoroso escriptor, a situação das pobres creanças melhorou com a mudança do asylo para o espaçoso edificio da Madre de Deus.

Na rua da Agua existe tambem um asylo para entrevados, denominado de S. José; e nas Carvalheiras existe tambem o asylo de mendicidade, modernamente fundado.

O *hospital de S. Marcos* foi por D. Diogo de Sousa instituido em 1608. Havia então na cidade tres pequenos hospitaes, intitulados dos Peregrinos, Lazaros e Gafaria, que não correspondiam ás necessidades publicas. Supprimiu-os o arcebispo, annexou as suas rendas ao novo hospital, accrescentando-lhe os dizimos de algumas egrejas, e entregou a administração ao senado da camara. Passado meio seculo, e vendo o arcebispo Fr. Bartholomeu dos Martyres que a camara administrava mal, confiou esse encargo á Misericordia, em cuja irmandade tem subsistido. O hospital de hoje não é o da fundação primitiva; este, acanhado já para o movimento no meiado do seculo XVIII e alguma coisa arruinado, foi inteiramente demolido, principiando as obras do existente entre 1770-1780. É um dos primeiros hospitaes da provincia, e regula por 2:000 o movimento annual dos seus doentes.

*

* *

Temos visto Braga sob a feição original do seu espirito de religião e caridade; é tempo de acompanharmos a Soror que se evadiu, para lhe admirar o airoso porte mundano, ainda que — eu preveni d'isso o leitor — quando os labios tenham um sorriso para o mundo, os olhos terão um extase para o divino. Não se apagam facilmente os vestigios da tradição e do habito, e seria incoherencia procurar em uma cidade, como Braga, a nota viva e pittoresca de uma cidade moderna. A cada qual a sua feição, e a da capital do Minho não é das menos sympathicas, exactamente porque tem um cunho original e exclusivamente seu.

Presente-se nos proprios monumentos civis o espirito theocratico; o jardim encurrala-se entre egrejas; a musica regimental mistura-se com a toada dos sinos; o movimento nos cafés deixa ouvir na rua o cantico monotono da ladainha; nos estabelecimentos de modas os caixeiros interrompem o córte de uma seda Pompadour para se persignarem beatamente quando as torres batem meio dia; nos hoteis levantam-se os hospedes saudando em nome de Nosso Senhor Jesus Christo; e, passeando, mal se entreveem os rostos femininos por detraz das gelosias mouriscas. Comprehende-se em face d'este esboço, que poucos serão verdadeiramente os

monumentos profanos em que não exista como timbre a cruz episcopal ou o chapeu prelaticio.

Logo á entrada da cidade, no *arco triumphal* ou *Porta Nova,* que une a rua do Souto com o Campo das Hortas, hoje Praça da Alegria (arco mandado construir pelo senado sob o pontificado de D. Gaspar de Bragança), se encontra uma prova do que disse; lá está o chapeu archiepiscopal coroando o brazão d'armas que encima a frontaria principal do portico.

A rua do Souto, aberta no tempo de D. Diogo de Sousa, através de um *souto* de castanheiros que ahi existia, continua-se com a rua Nova de Sousa — nome commemorativo do arcebispo — até ao arco, onde desemboca no Campo das Hortas ou Praça d'Alegria.

O arco ou *Porta Nova* póde tambem considerar-se a porta nobre de Braga, pois é por ahi que os arcebispos ou os soberanos fazem a sua entrada solemne, e onde a camara lhes vem offerecer as chaves da cidade. A estatua que corôa o monumento representa, segundo a tradição do povo, o symbolo de Braga; não se sabe quem foi o seu auctor, e apenas ha memoria d'ella ter estado sobre uma lapide romana do largo das Carvalheiras, ter passado d'ahi para o meio da arcada de Sant'Anna antes de se edificar o templo da Lapa, depois para o lado norte da mesma arcada, e por ultimo para o logar onde está.

Entre os monumentos que mais prendem a attenção em Braga, deve o leitor visitar o Paço dos Arcebispos, grandiosa construcção do arcebispo D. José de Bragança, nos começos do seculo passado; o theatro de S. Geraldo, edificado em 1857 por uma empreza particular; o tribunal, e os paços do concelho, notaveis hoje pela decoração da sua sala das sessões, construida ha pouco, e revelando o grande gosto artistico do pintor Carvalho, que executou esses trabalhos. Vêem-se no tecto as armas da cidade e dos lados medalhões com os retratos dos homens illustres que mais se interessaram no seu progredimento. Nas paredes largas télas representam a physionomia da antiga Braga, e dentro da teia occupam logares de honra dois retratos em busto dos arcebispos D. Diogo de Sousa e D. Rodrigo de Moura Telles, sob cuja iniciativa a cidade tanto se aformoseou.

E formosa continua, deve dizer-se em homenagem á verdade; os edificios particulares, os chafarizes elegantes, as arvores que ornamentam as suas vastas praças contribuem juntamente com a belleza dos monumentos artisticos e a amenidade gratissima da natureza, a fazer da capital do Minho uma das mais encantadoras cidades do paiz, como é tambem uma das primeiras sob o ponto de vista da importancia da sua população, das qualidades do seu povo, e do seu abundantissimo veio de tradições.

D'este quizera eu sangrar jacto mais rutilante e mais amplo, do que

as poucas noticias que por ahi ficam isoladas nas paginas anteriores; mas quasi teria de encher um volume, se tentasse coordenar todas as lendas e tradições de Braga, desde quando ella foi um simples nucleo celta, até ao grande periodo de esplendor a que chegou no seculo XV, em que a sua decadencia principia por causa do incremento que tomaram então as cidades do littoral, durante este periodo mesmo, e d'ahi até aos nossos dias, em que ella resurge para a vida do trabalho, depois de haver enxuto as lagrimas de 1834, e apagado as ultimas fremencias das revoltas.

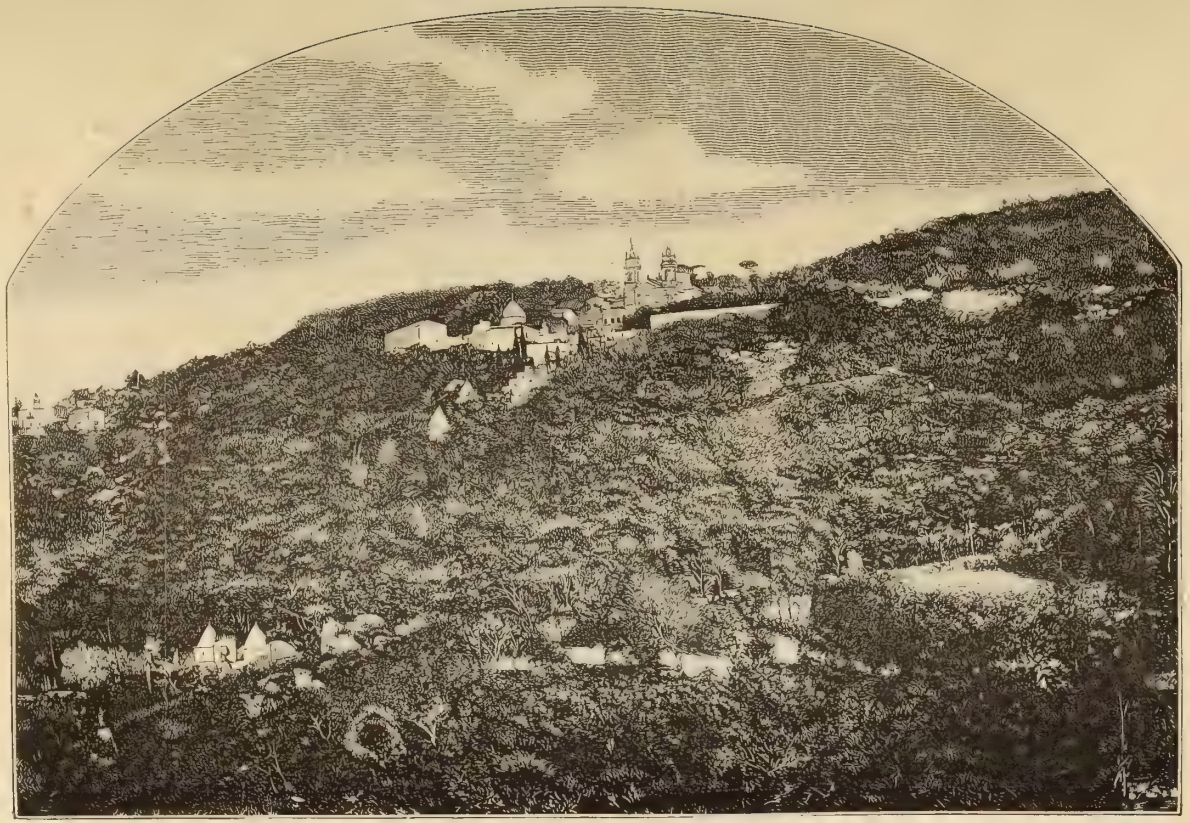
Respiguemos, no entanto, em seara tão fertil, algumas notas, que mais accentuem, pela sua originalidade ou valor tradicional, a physionomia da Braga antiga e fiel.

Cidade importante da Lusitania no anno 42 de Christo, escolheu-a o apostolo S. Thiago para a implantação da nova doutrina, e a S. Pedro de Rates confiou o baculo do primeiro episcopado das Hespanhas. D'esta data começam as tradições religiosas de Braga, e como acontece sempre que uma nova instituição se implanta na consciencia social, os crentes transformam-se em fanaticos, os descrentes em perseguidores. O sangue dos martyres é a seiva que vitalisa o novo arbusto, e para não faltar á regra, no martyrologio bracharense desde logo se encontram as virgens que morrem pela fé, os homens que tomam o martyrio como purificação. De uma assentada ha logo em principio umas nove irmãs gemeas, virgens e martyres, que viveram ahi para o lado das Hortas, e eram filhas de um tal Lucio C. Atilio, consul romano e governador da Lusitania.

—Virgens e martyres, vá—mas gemeas! Em que especie de mammiferos vertebrados collocarão os agiologos esta mulher do consul Atilio, para assim deitar cá fóra, de uma vez, nove predestinadas ao martyrio?

A lista cresce. É logo Santa Eufemia, dama nobre d'aquelles tempos, que é martyrisada em Saragoça com todos os seus companheiros de viagem, uns dezoito, cujos corpos se diz estarem no convento dos Jeronymos de Saragoça. Depois vem Santa Matrona, filha de um rei suevo, com doze companheiros de martyrio. Em seguida S. Torquato, S. Cucufate e Santa Suzana, S. Victor e S. Silvestre..., continuando, apparecem S. Viatride e dezoito companheiros, tudo virgem e martyr, a tal ponto que eu teria de escrever um novo *Flos-Sanctorum* só para Braga, trabalho de que me julgo, porém, dispensado, visto não haver probabilidades de que as virgens que possam existir na cidade, se prestem hoje a outro martyrio que não seja o da *toilette,* ou o do matrimonio, que não são lá uns grandes martyrios, comparados com os das nove irmãs... gemeas.

Implantada a nova religião, o poder politico passou, como era de esperar em tão rudes tempos, ás mãos energicas e sobretudo habilissima



O BOM JESUS DO MONTE — *Vista geral*

da theocracia. Os bispos são mais que os reis, como estes são mais que o povo, que nem sequer tinha ainda o irrisorio titulo de soberano. Á regra, á influencia do meio, não faltam os arcebispos de Braga; e, se D. Affonso Henriques pretende sustentar-se autonomo, é rodeando-se dos prelados que tão sómente o consegue, e pagando em beneficios de fazenda e privilegios o que elles podiam dar-lhe em prestigio politico. Coròa-o um dos prelados em Lamego com a grande coròa de ouro dos reis wisigodos, mas em compensação quantos coutos doados, quantas terras trabalhando para a mitra, quantos privilegios concedidos! Um d'entre muitos foi até o direito de cunhar moeda, que teve a Sé de Braga, e do qual parece que os prelados não chegaram a usar, pois não se teem encontrado moedas com esse cunho.

Mas não é só com D. Affonso que se opulenta o poder theocratico; os seus successores seguem-lhe n'isso as pisadas, e assim assistimos ás munificencias de D. Sancho II para com o arcebispo D. Silvestre, e ás de tantos outros monarchas que por devoção ou astucia politica desejam ter o episcopado do seu lado. Ainda é hoje tão vulgar o facto!

O regio favor não amollecia, porém, o arcebispado no zelo das suas prerogativas e isenções, e cioso d'ellas vêmos D. Fr. Bartholomeu dos Martyres excommungar os officiaes de uma alçada que D. Sebastião mandára a Braga, e escrever ao rei para lembrar-lhe «que toda a soberania de mero e mixto imperio era da sua egreja, sem nenhum outro reconhecimento á coròa,» de modo que o rei não teve remedio senão mandar logo retirar a alçada. Esta resistencia não impedia, comtudo, a galanteria dos prelados e sobre o caso diz a *Chronica Carmelitana,* que antigamente os arcebispos costumavam mandar ás rainhas as primeiras lampreias que se pescassem nos rios da archidiocese.

Braga teve voto em côrtes, com assento no segundo banco, e se não teve carta de foral, é pelo menos certo que os «Apontamentos» para ella se encontram na reforma para os foraes, feita por D. Manuel, que não chegou a expedil-a. Em Braga reuniu côrtes D. João I, ás quaes assistiu o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e n'ellas se obrigaram os povos a pagar dobradas cizas, durante um anno, para as despezas da guerra.

Caberia talvez aqui, depois da narração d'alguns dos titulos de gloria da cidade, apresentar a biographia dos que foram seus filhos mais illustres, ou d'aquelles prelados que mais honraram a cadeira primacial. Não póde com tão extensa lista de biographados a circumscripta pequenez do meu trabalho, nem na sua indole se encontra margem para traçar quadros de estylo dignos dos grandes vultos, com que a cidade se orgulha. Por isso

me exonero do encargo, para poder tão sómente occupar-me da Braga actual e pittoresca, apanhada ao vivo nos seus costumes e usanças.

Nada melhor que o S. João para conhecer a cidade. Estive lá ha vinte annos—como a gente envelhece!—e estive lá ha bem pouco nos mesmos dias de festa. Tenho saudades do meu S. João de creança, quando a gente vinha em caravanas lá dos cantos da provincia, a pé, a cavallo, ou aos solavancos de uma diligencia primitiva. Nem a *reclame* dos programmas, nem o comboyo a preços reduzidos; isso sim! Era a peregrinação espontanea, a romaria fiel dos crentes, das grandes *promessas* feitas, nas grandes horas afflictivas, a um santo como não havia lá pelas nossas terras, capaz de fazer, como os de Braga, os milagres prodigiosos que se lhe pediam. Isto de santos de ao pé da porta, lá diz o rifão, que não fazem milagres e por isso se recorria, e recorre hoje ainda, áquelles que são um pouco de mais longe, mesmo que não seja senão pelo prazer que isso traz depois de ser mais animada a romaria. Accrescia que a fiel Braga tinha para o filho das provincias o caracter de uma cidade sagrada, que elle devia visitar ao menos uma vez na vida. Essa vez não podia ser em melhor opportunidade que nas festas do S. João ou do Espirito Santo, tão afamadas no Minho. Por isso, nas proximidades d'esse dia, se viam passar pelas aldeias os grupos dos romeiros e se ouvia cantar por entre a frondosa sombra das devezas:

Abaixae-vos, carvalheiras,
Com as ramas para o chão,
Deixae passar os romeiros
Que vão para o S. João.

A que respondiam alegremente os que iam nos tejadilhos das diligencias, ou nos carros de bois enfeitados com ramos de carvalho:

Orvalheiras, orvalheiras, orvalheiras...
Viva o rancho das moças solteiras.

E assim se entrava em Braga, na cidade santa, onde uma vez pelo menos se devia ir em nossa vida. Mas hoje o bilhete a preço reduzido faz do romeiro classico o passageiro apressado, o homem que empurra a familia da gare para o americano, do americano para o hotel, do hotel para a Sé, da Sé para o Carmo, onde está o *fradinho,* d'aqui para o jardim, do jardim, em americano outra vez, para o Bom Jesus, do Bom Jesus para o Sameiro, e do Sameiro de novo para o Bom Jesus, á sombra de cujas arvores tasquinha o seu farnel para de novo, em americano, voltar para a

cidade, onde extenuado vem refossilar as forças junto das pipas do verde, que estacionam no local de S. João da Ponte.

—Ora sempre se descança um bocadinho, graças a Deus!—exclama limpando as camarinhas de suor ao lenço de ramagens.

E procura então posição nas margens do manso rio d'Este para gosar á vontade os folguedos do arraial.

—Bonita illuminação! vale a pena vir a Braga só para isto—exclama satisfeito para a familia.

—E muitas bandeiras!—observa um filho.

—Sim, muitas bandeiras, rapaz.

A esposa, porém, o que acha mais digno de admiração é o *Jordão improvisado.*

—Linda coisa, realmente! Parece mesmo ao vivo! S. João Baptisando o Christo, a agua tremulando nas oscillações da luz das tigellinhas de Prado!

—E não fallar nas musicas! duas nos coretos á beira da capella, duas junto das margens do improvisado Jordão.

—O fogo é que demora, e a noite está ennevoando. Mas subito, no alto do Picoto, o estrondear das bombas de dynamite começa e vem depois o foguete de tres respostas, o de lagrimas, o de chuva de estrellas, todas as magias pyrotechnicas do Caneca. E logo em seguida o esfusiar das rodas de fogo, interrompido pelas musicas, acabando na grande peça de effeito que é o signal da debandada. Dorme-se pouco e mal. As hospedarias estão cheias. Muita gente do povo fica ao ar livre.

Vae-se de manhã cedo á missa, muitos voltam ao Bom Jesus para vêr melhor... *aquillo.* Mas a *great attraction* são as dansas—a dos pastores e a do rei David. Aquella sobretudo, por causa do *carro das hervas* que a conduz, do scenario em que se representa, das figuras que a compõem. A multidão que as segue, chega a impedir o transito em certas ruas por espaço de horas. E não obstante ha ainda para vêr a grande feira do gado nos suburbios da capella de S. João, os templos, as lojas, os campos ajardinados. Á tarde a procissão com os seus carros triumphaes sae da egreja parochial de S. João de Souto. Mas então a locomotiva impaciente silva na gare, e nada mais alegre que assistir ao barulho infernal do passageiro, que empurra outra vez a familia para o wagon, onde quer ser o primeiro a entrar, para não perder o bilhete a preços reduzidos, embora muitas vezes perca o relogio, o guarda-sol, a mala, o farnel, e até ás vezes a integridade dos queixos, que um visinho, menos paciente e com egual direito ao logar de preço reduzido, lhe vae reduzindo por conta do alcool e do adhesivo das pharmacias. Ora pois, ahi tem o meu amigo, em rapido es-

boço, o que é hoje o S. João em Braga, festa a que ordinariamente concorrem uns 20:000 adventicios.

Uma outra festa notavel ainda ha poucos annos, mas expurgada hoje das antigas abusões, era a dos Passos! Os Passos de Braga!... O que se fallava d'elles por essa provincia fóra, e como as caravanas chegavam para vêr os mascarados que iam na frente, dizendo chufas e injurias livremente, e como se compungiam dos penitentes que iam ali offerecer-se em holocausto a Deus e ás disciplinas para remir os seus peccados e... os nossos.

Tudo isso acabou, e hoje a procissão dos Passos faz egualmente annuncio de comboyos a preços reduzidos, se quer ter espectadores estranhos, que lhe não faltam comtudo, para contemplar a solemnidade da ceremonia.

Mas, leitor, é tambem reduzido o nosso tempo e vamos por isso aproveital-o como os forasteiros que vem ás festas, indo vêr já, sem mais delonga, os arrabaldes de Braga.

*

* *

O *BOM JESUS* tem o logar de honra. É o sanctuario por excellencia do Minho, e a paysagem que todos citam como amostra da sua vegetação opulenta, das suas aguas limpidas, dos seus horisontes largos. O leitor, se conhece a provincia, póde saber que não é verdade a segunda affirmação. Ha mais e melhor no Minho para encantar um artista, mas tambem a verdade é que nenhum d'esses pontos offerece ao viajante as commodidades que elle exige. O Bom Jesus, que é realmente formoso como paysagem, tem a elegancia e o conforto que lhe deu a moda, e que falta ás outras montanhas da provincia. D'ahi a sua fama, justificada aliás, d'ahi o ser a *season* escolhida para os que amam ao mesmo tempo os encantos da natureza e os de uma boa cozinha e de um bom leito. Estas ultimas qualidades fazem d'elle egualmente a estação especial dos noivos ricos; na meridiana do Hotel Gomes tem passado a lua de mel de innumeros matrimonios e as arvores do sanctuario teem assistido discretas e silenciosas ás effusões dos... rouxinoes, que se amam menos discretamente na folhagem.

Sahindo da cidade em carruagem ou no americano movido a vapor, breve termina o leito plano da estrada, e a encosta principia, principiando tambem a desenrolar-se aos olhos de quem sobe a verdejante bacia em que assentam os arredores de Braga.

Á entrada do sanctuario existe hoje o *elevador*, e raro é por isso o

romeiro que se não aproveita da sua commodidade para sem fadiga se encontrar no alto, junto do templo, e do hotel onde tenciona alojar-se. Ha quem prefira, porém, subir pelo interior, fazendo a pé a excursão desde o portico de entrada até ao adro do mosteiro, e esses não são por ventura os que menos gosam, pois bem compensado lhes é o esforço da subida pelas curiosidades que vão observando e pela amenidade da natureza que os rodeia. As capellas representativas da paixão do Christo, o escadorio, as fontes dos Sentidos e das Virtudes, as estatuas de personagens biblicos deleitam-lhe os olhos; ao passo que lhe encantam os ouvidos o doce murmurio da agua correndo nas fontes, o gorgeiar de centos de aves, os brandos rumores da floresta.

No alto, o prazer faz esquecer a fadiga. O grandioso panorama do Bom Jesus estende-se em toda a sua magestade, em toda a sua formosura esplendida; a alma dilata-se, como se dilata o horisonte, e sobre o esmaltado mosaico das campinas, sobre o agrupamento das aldeias, nos tons avelludados do verde vegetal, na côr violeta-anil das montanhas distantes parece que essa alma adeja, como aza de borboleta invisivel, alegremente iriada pela fecunda luz da *alma-mater*.

Eu não posso, fallando do Bom Jesus, esquecer as outras tão bellas quanto desconhecidas paysagens da provincia, aquellas sobretudo em que a agua, que falta aqui, é, por assim dizer, o beijo da creação, que anima e vivifica; mas porque a essas faço justiça, não póde o meu espirito deixar tambem de prender-se aos encantos d'este deslumbramento, que tanto impressiona pela sua opulencia de colorido e amplitude.

Do livro de D. Antonio da Costa transcrevo por isso com prazer os trechos, em que se dá conta exacta d'essa impressão tão profunda:

«Sinto a vertigem da admiração. Vem o desejo de querer ter ali pessoa amiga para lhe confiarmos as nossas impressões; vem a ancia de idéas elevadas ou de acções generosas. A impressão repentina é a da grandeza formosa. O espirito quer abranger tudo e não póde abranger nada.

Cansei n'um momento. Chego uma cadeira, sento-me; no instante de me sentar levanto-me logo inquieto. Não sei se é o sentimento involuntario da admiração, ou o anceio que a alma experimenta de se lançar por aquelle espaço fóra. Contemplo extasiado; porque, se quero fixar a vista, parece que ella me foge.

Imagine-se uma bacia immensa rodeada de serras, chegando-se a divisar os pincaros do Gerez. O terreno é uma alcatifa de verdes, variadissimos, um como oceano da mais luxuriante vegetação. Sobre esta immensa alcatifa, pittoresca pelos contrastes, milhões de arvores, carvalheiras, gingeiras, sôbros, choupos, cyprestes, castanheiros, cedros, formam combi-

nações mais ou menos escuras, contrastando com a verdura dos campos. Pelas diversas partes da planicie, quadros phantasticos de cemiterios, pequenos valles, encostas bordadas, simulacros de castellos, fileiras de platanos figurando quadrados de infanteria, bosques, jardimzinhos, amphitheatros mais escuros, suppostos labyrintos, relvas tão lisas que as teriamos por pinturas se as não soubessemos verdadeiras, e resaltando de toda esta bacia, aqui, além, acolá, alvas povoações, casas soltas, umas, como as *coquettes,* a desafiarem voluptuosamente o olhar, outras como as meigas a espreitarem modestamente por entre a verdura; egrejas com suas torres; cortando toda essa extensão, estradas brancas parecendo serpentes a fugir; á esquerda espreguiçando-se desdenhosamente a cidade de Braga; adiante d'ella uma nesga do rio Cávado afigurando um lago reflectindo o sol.

Para além do grande reconcavo ergue-se uma linha de monticulos, toda recortada, especie de tribuna, que, rota para um dos lados, deixa vêr ao longe um quadro dos que Raphael copiava nas suas Madonas quando a natureza viva lhe saltava dentro do cerebro.

Para além d'essa primeira tribuna de monticulos, outra linha como segunda tribuna; ainda mais ao longe, nos extremos do horisonte, a grande linha das serras, não já verdejantes como as da primeira, nem de côr terrea como as da segunda, mas cinzentas, e, para além d'ellas, só a imaginação.

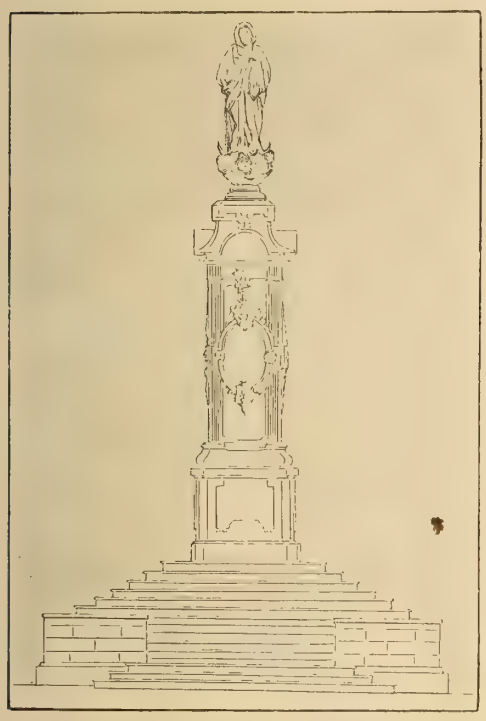
E todo este panorama, allumiado pelo sol de agosto, para nos patentear um assombro, e depois, com as saudades d'elle, nos deixar o sonho de um paraizo!

Vizella apresenta um quadro fechado, encerrando o homem, e separando-o do resto do mundo. Exactamente o contrario é este immenso panorama do Bom Jesus. Não é o labyrinto de flôres em que o homem se encontra graciosamente perdido, mas a magestade do espaço que nos levanta a ambição de devassar o incognito.

Sim, o incognito, a ancia eterna d'este espirito insaciavel, que se desperta quando se lhe apresenta uma d'essas maravilhas, como o firmamento, o oceano, sombras apenas da luz em que elle quer inundar o pensamento; o incognito, o grande empenho, nunca jámais conquistado, e cada vez mais vencido, segredo que a mãe suppõe descobrir no primeiro beijo do filho, o poeta no mais querido dos seus poemas, o nauta na ilha que descobre, e cada homem na realidade do seu desejo mais ardente. É o descobrimento do incognito a ambição da alma ao espraiar a vista pelo quadro do Bom Jesus.

Eu subi ao Vesuvio, e de lá admirei um oceano de cinzas; subi parte

do monte Branco, e vi um oceano de neve; fui, na ilha de Ischia, ao alto do elevadissimo ponto do *Epoméa,* e enfeitiçaram-se-me os olhos com as impressões napolitanas; embalei-me no lago de Genebra, ao qual Chateaubriand agradecia o ter podido lavar com lagrimas as saudades da patria; atravessei os Pyrenéos ao raiar de uma alvorada em que as nevoas côr de rosa se abriam como cortinas para nol-os mostrar; vi os Alpes phantasiosos; vi os Appeninos encantadores; mas esta belleza do alto do Bom Jesus do Monte produz-me a impressão mais viva de quantas a minha alma sentiu.»



Monumento a Virgem do Sameiro (segundo uma photographia)

Não são menos para admirar as tintas com que se descrevem as bellezas da grande matta do sanctuario:

«Arrancando-nos finalmente ao esplendido panorama, cançados da formosura, atravessemos o largo do hotel da Boa Vista, escolhamos qualquer dos muitos sitios do Bom Jesus, onde a basta sombra das arvores ou a toada melancholica das fontes nos attráia mais, prefiramos n'este momento seguir pela soberba alameda das carvalheiras, passemos pelos homens que lêem os jornaes, pelas senhoras que estão conversando, pelas meninas que sonham com o amor, pelas louras creanças que doudejam como as borboletas. Prosigamos ao som d'aquellas fontes e sempre debaixo do copado arvoredo até ao espaçoso terreiro dos Evangelistas, rodeado de fontes e capellas; junto á da Ascensão lancemos a vista para a formosa paysagem de um verdejante valle, e entrando na alameda que vae ter á *Mãe d'Agua,* embrenhemo-nos na grande matta.

N'um abrir e fechar de olhos mudou a scena da natureza, e com ella as impressões da nossa alma.

Que é do mundo que, momentos ha, ainda eu via? Sol, bosques, labyrintos, prados, flores, casaria, tudo desappareceu. Estamos sim na grande extensão, mas apenas entreaberta por milhares de arvores, altas, enxadrezadas, solitarias. Estamos em plena matta, no ermo, na concentração.

Cortando vagarosamente o immenso labyrinto de arvoredo sombrio, espesso, tomámos o longo caminho de *zig-zagues,* que do cimo da matta vem sempre em descida costeando a montanha, descemol-o, parámos, tornámos a descer, tornámos a deter-nos. Se olhâmos para traz, para o alto, vemos thronos sobre thronos de arvoredo; se olhâmos para baixo, vemos abysmos sobre abysmos de verdura; e não já em alvoroço, mas em meditação recostámo-nos debaixo d'aquellas arvores gigantes, ás quaes pedimos hospedagem e conforto.

Sumiu-se o panorama arrebatador que pouco ha, no alto do Bom Jesus, tiveramos aos pés; apenas entrevemos agora espaços de azul pelos altos arrendados dos verdenegros cedros. Com os olhos meio cerrados entreouvimos, não sabemos d'onde, cantos tristes das aves, a melancholica chiada dos carros, o choroso sussurrar de fontes. Uma aragem ligeira roça-nos pelas faces, parecendo murmurar-nos ao ouvido uns segredos que nos impressionam. Já não nos sorri o espirito, nem quer alvoroçado lançar-se por aquelle espaço fóra. Percebemos o nosso rosto a tomar as linhas serias. A meia tinta da tarde sombreada pelo bosque representa a meia tinta do nosso coração sombreado pela melancholia. Cae-nos insensivelmente da mão um livro do immortal Camillo de que sahem as lividas figuras de D. João de Azevedo, de José Augusto, de Fanny Owen, de Maria, que passearam e amaram n'este sitio, que talvez aqui estiveram assentados n'este mesmo logar; e com o livro cahido e a cabeça encostada a uma arvore olhando por todo esse espaço, mas quasi que não vendo nada, sentimos o nosso *outro eu* despertar em nós, e calados conversâmos com elle.

Então esse *outro eu* no silencio d'este bosque vem trazer-nos aqui as pessoas que amámos, os sitios que nos encantaram, os dias que nos correram felizes, as esperanças que se nos deslisaram risonhas, as ambições do bem e do justo que nos povoaram a imaginação, tudo quanto nos foi grande, bello, amoravel, e pouco a pouco sentimos que as lagrimas nos humedecem as faces, e a nossa alma quer-se arremessar para o caminho já impossivel, para o caminho do passado.

É a hora da saudade.

Assim passámos muito tempo ali, muito.

Continuámos a descer a matta. Viemos sahir do lado esquerdo do templo, onde se estende a grande alameda que deita para o esplendido panorama.

Ao fundo está-se a pôr o sol, o sol do Bom Jesus do Monte!

Os raios afogueados, rompendo as nuvens, representam-nos scenas e figuras phantasticas, que successivamente se vão transformando n'outras

scenas e figuras. As miragens illudem. Lá está Moysés, um Moysés collossal, assentado, com os dois raios na cabeça, barbas compridas, e as taboas da lei nas mãos. Lá se transfigura n'um perfeito pagem do seculo XVI. Lá apparecem leões e outras feras. Por fim, na frente, no extremo do quadro, pela combinação do esbranquiçado das nuvens reflectindo os raios frouxos do sol, vemos os montes tomando a fórma horisontal converterem-se n'um immenso mar com sua grande enseada, e banhada por ella uma cidade completa.

Maravilhoso espectaculo!»

Depois de elocução tão crystallina, em que se recordam, ainda que ao de leve, os romanticos amores dos personagens de Camillo, não desgostará o leitor ouvir do humorismo d'este o que hoje é a saudosa matta da *Mãe d'Agua,* mercê das transformações que o Bom Jesus tem soffrido:

«Succedeu áquella intercortada corrente (refere-se ás administrações menos honestas do sanctuario) uma geração nova de mesarios, rapazes, mais ou menos positivistas, comteanos, littréistas, viajantes, cheios de Florença, do Bois de Boulogne, de Baden-Baden. As arvores seculares da formosa floresta, chamada a *Mãe d'Agua,* em cujos troncos se viam entalhadas iniciaes e datas amorosas, ali gravadas por moços que, já velhos, iam recordar e respirar, talvez nas lagrimas—essas arvores que eram o coronal verde e rumoroso da montanha, foram derrubadas. No agreste terreno, que ellas cobriam de sombra, protegendo o tapete da relva, onde merendaram alegremente as gerações de dois seculos, fizeram um lago, um paúl, onde a agua se estagna á mingua de renovação. No ponto mais sadio da floresta abriram um pantano, destruindo uma fonte crystallina, onde o leitor, talvez em creança, se deliciasse a vêr rolar os bogalhos á tona da murmurosa corrente. Á beira d'aquelle pantano a demora é perigosa. Uns sentem colicas, outros calefrios, enxaquecas, vertigens, typhos! Eu não estranharei que o codigo criminal reformado mande para o Bom Jesus os reus sentenceados para Pungo Andongo.

Depois, com os lagos, veiu o *sport* compativel com a terra.

Correram-se lá jumentos no anno passado. Muita gente, muita alegria, os burros muito bons, damas muito bonitas, e os narizes dos judeus a arquejarem de satisfação, de vingança, por entenderem que os burros na montanha sagrada eram maior injuria a Jesus Christo que a sentença de morte que lhe infligiram os phariseus com tal qual apparencia de legalidade. N'aquelle concurso apenas havia seis innocentes impollutos de peccado venial: eram os seis burros que correram.

Depois, houve jantar, dançou-se os *Lanceiros;* e o estabelecimento dos milagres n'esse dia não rendeu nada. A mais revoltante impiedade se

transluzia dos aspectos d'aquelles *sportmen,* e d'aquellas gentilissimas senhoras, para quem as arvores curvavam as suas frondes como a pedir-lhes que por entre a sua folhagem se deixassem amar dos anjos antigos que suas avós ali amaram. Este facto dos burros inaugura a decadencia do culto áquelle sanctuario onde eu orei, quando tinha nove annos, e aonde fui, depois dos quarenta, procurar a historia da minha melhor juventude, por lá escripta em hieroglyphicos no cortix dos grandes alamos. Já nada existia. Inauguravam-se as corridas dos burros.» *(Echos Humoristicos do Minho, n.º 1).*

Depois d'isto, permitta-me o leitor que lhe apresente a largo traço a noticia historica do popular sanctuario, soccorrendo-me para tal fim de uns valiosos artigos do sr. Vilhena Barbosa, em tempo publicados no *Archivo Pittoresco.*

Situado na montanha do Espinho [1] e freguezia de *TENÕES,* civilmente annexa á de *S. MIGUEL DE GUALTER,* o sanctuario tem a sua origem nos fins do seculo XV, sendo o arcebispo de Braga, D. Jorge da Costa, quem mandou no alto do monte edificar em 1494 uma ermida com a invocação da Santa Cruz. Todos os annos acudiam numerosas romarias á capella, que se conservou em bom estado durante a vida do fundador; mas porque depois fosse cahindo pouco a pouco em abandono e ruina, determinou o deão da Sé de Braga, D. João da Guarda, reedifical-a ampliando-a, o que levou a effeito em 1522, como ainda o attesta a inscripção que existe presentemente no muro da escadaria do monte chamado das *Virtudes.* De novo a devoção affrouxou e os annos correram, durante os quaes se arruinou a nova ermida, até que outra vez lhe acudiram alguns devotos, reparando-a, e ornando a capella com alfaias, collocando

[1] «A esta montanha prende-se uma recordação historica e muitissimo ignorada. Chamou-se o monte de Espinho, e veiu á posse dos arcebispos de Braga como um pacto de sangue entre a mitra de D. João Egas e a corôa de Affonso III, o usurpador do sceptro de D. Sancho II. D. Fernando Ansur, fidalgo de Lanhoso, e fiel ao rei foragido, não quiz entregar o castello de que se apossára, depois que outro castellão traidor o entregára ao bolonhez. Affonso III, em pessoa, viera ao norte para destruir o rebelde alcaide, e de Braga sahiu com o arcebispo e grandes forças para o render. D. Fernando resistiu tres mezes, e a final foi preso e conduzido a Braga, onde foi assassinado em presença do arcebispo, que o condemnou como rebelde. O rei galardoou o adjutorio de D. João Egas Porto Carreiro, dando-lhe as terras do justiçado, parte em Lanhoso, e grande parte nos arrabaldes de Braga. Ora, o monte de Espinho, que comprehendia toda a área do Bom Jesus e montados circumjacentes, era de D. Fernando Ansur. Torneiros, Maximinos, S. Pedro e S. Fructuoso tambem eram do castelláo de Lanhoso. Volvidos annos, D. Diniz restituiu aos filhos pobres e foragidos de Ansur parte dos bens espoliados por seu pae; mas aquelles em que a Egreja cravára a garra nunca mais foram restaurados. Negreja, portanto, uma recordação ignominiosa na montanha sagrada. Aquillo vem a terminar por muitas corridas de burros e muitos peccados. Ansur clama vingança aos ceus; e eu, com quanto não seja neto d'elle, tambem não deixo de clamar.» (*Echos Humoristicos do Minho, n.º 1*).

no altar maior um Christo e instituindo finalmente uma confraria, que se intitulou do *Bom Jesus,* perdendo-se por esta fórma a invocação antiga. Sob o impulso da irmandade principiou a prosperar o sanctuario, delineando a sua iniciativa um vasto plano de obras, que fizessem da montanha o primeiro sanctuario do paiz. A piedade dos fieis não deu para tanto, mas em todo o caso o impulso vigoroso estava dado e d'elle nasceu o edificio chamado *sala grande* para alojamento de romeiros e peregrinos, e, na ladeira do monte, varias pequenas capellas da Paixão e Ressurreição, plantação de arvoredo, construcção de fontes, etc. N'estas alturas os successores do deão D. João da Guarda, vendo que as esmolas affluiam ao templo do Bom Jesus, lembraram-se de reivindicar os seus direitos de posse e administração da ermida, não só como legitimos descendentes do deão, mas como abbades que eram da freguezia de Tenões, a que o sanctuario pertence.

Resistiu a confraria e principiou a demanda, mas tão accesa e renhida, que esgotando-se breve os recursos da irmandade com as despezas da justiça, ella teve de fazer entrega do existente ao deão Francisco Pereira da Silva.

A mudança de administração breve produziu os seus effeitos e a devoção esfriou, visto que o deão no que mais cuidava era em receber os benesses, pouco lhe importando os esplendores do culto.

Por 1720 estava quasi extincta a devoção, quando o desembargador juiz dos residuos se resolveu salvar o sanctuario da terceira ruina, que o ameaçava. Convocou a confraria, fez com que se elegesse nova mesa e poz demanda ao deão. Eram por egual fortes e poderosas as duas partes e promettia a questão occupar por isso os tribunaes, se a tempo não interviesse o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, intimo do desembargador. Por uma provisão datada de 7 de junho de 1722 determinou que lhe fosse devolvida a eleição da mesa da confraria e ahi se declarava juiz d'ella, nomeando mesarios diversos conegos da Sé e pessoas de respeitabilidade.

Com teu amo não jogues as peras, que elle come as maduras e dá-te as verdes — diz lá o rifão — e não foi preciso mais para que o deão terminasse o pleito, assignando logo em 30 de junho uma escriptura, em que desistia de todos os direitos e se reservava apenas o fôro de duas gallinhas e o de 300 réis para o abbade de Tenões, conservando ao mesmo tempo a regalia de escolher o ermitão em lista triplice apresentada pela mesa. Prosperou então o sanctuario, e não foi D. Rodrigo de Moura e Telles quem menos impulso deu á sua restauração. Pensou em uma reconstrucção completa do sanctuario e principiou as obras em 1722, logo que

assumiu o juisado da confraria. Demoliu a ermida e edificou um templo, que era onde hoje está a cascata, e que foi demolido quando se edificou o actual, reconstruiu as capellas, fel-as communicar entre si por caminhos bem traçados, estendeu a cêrca fazendo acquisição de terrenos, construiu novas fontes e abriu até uma estrada para o sanctuario. Morreu o arcebispo em 1728, mas nem por isso as obras pararam, visto que a irmandade recebia para esse fim differentes legados, entre os quaes um de 2:000$000 réis do proprio arcebispo. Multiplicaram-se por esse periodo os bemfeitores, sendo digno de especial menção Manuel Rebello da Costa, que dispendeu no sanctuario avultadas quantias.

Iam as coisas bem, quando o vigario de Tenões se lembrou de fazer valer os seus direitos de parocho, pretendendo arrogar a si a escolha dos capellães e acolytos e a superintendencia nas missas. Nova demanda no tribunal da legacia, cuja sentença foi a favor da irmandade.

Por este tempo empunhava o baculo D. Gaspar de Bragança, que se lembrou de proteger o sanctuario, e imitar as liberalidades de D. Rodrigo de Moura. Por sua iniciativa renovam-se as construcções e fazem-se importantes aformoseamentos, edifica-se o magestoso templo, e consegue-se obter do papa Clemente XIV bullas com taes privilegios, que a santa cruzada, receiosa de perder os seus, trabalhou com afincada pertinacia para que lhes fosse negado o *exequatur* regio.

Mas o prelado e a confraria tanto trabalharam por seu lado, que o *exequatur* foi concedido afinal, sendo a publicação das bullas feita na cidade de Braga com tão apparatosa procissão, que por largos annos ficou memorada como uma das mais grandiosas funcções que a cidade tinha presenciado. Desde então as estrondosas festas que se fazem no *Bom Jesus,* com especialidade as do Espirito Santo, teem de tal modo attrahido a concorrencia, e esta tem pela sua parte contribuido por tal fórma para os embellezamentos do sanctuario, que este não mais teve quem viesse escurecer-lhe o brilho da sua fama.

Não mais... a não ser aqui ha pouco em *ESPINHO* a *Senhora do Sameiro,* que foi o diabo que appareceu ao Bom Jesus, conforme diz o povo na sua linguagem pittoresca, exprimindo o phenomeno economico da concorrencia. D'ahi as rivalidades no apparato das funcções religiosas, d'ahi a multiplicidade de *ficelles,* com que de uma e de outra parte se pensa attrahir a devoção.

Se o Bom Jesus, por exemplo, celebra pomposamente o seu centenario, a Senhora do Sameiro aproveita qualquer anniversario para se pôr em evidencia. Ahi tem o leitor o *fac-simile* de um programma simples, para solemnisar uma festa que não é de primeiro esplendor:

FESTIVIDADE

EM HONRA DA

SANTISSIMA VIRGEM IMMACULADA

DO

MONTE SAMEIRO

Nos dias 30 e 31 de agosto de 1884

A Meza Administradora da Confraria de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro, tendo de solemnisar, em honra da SS. VIRGEM, no dia 30 do corrente mez de agosto, o anniversario da solemne consagração do Monumento, resolveu que a festa se fizesse pela fórma seguinte:

PROGRAMMA

DIA 30 (SABBADO)

Ao romper da manhã uma salva de morteiros annunciará do alto do Sameiro, que no dia seguinte terá logar a festividade em honra da SS. VIRGEM, e ao mesmo tempo uma banda de musica percorrerá diversas ruas da cidade entoando os hymnos da SS. VIRGEM do Sameiro, repetindo-se esta demonstração ao meio dia.

Á noite, no local do Sameiro, haverá illuminação e fogo do ar, e, por essa occasião, a banda de musica percorrerá egualmente diversas ruas da cidade.

DIA 31 (DOMINGO)

N'este dia haverá confessores na capella da SS. VIRGEM do Sameiro, e, por volta das 8 horas da manhã, communhão geral para todos os fieis que desejarem lucrar a Indulgencia plenaria concedida pela Santa Egreja.

Em seguida terá logar a benção da grandiosa Imagem de Christo, de marfim em cruz de ebano, que muito tem sido admirada, e a sua collocação no respectivo oratorio. Será benzida tambem, por esta occasião, uma valiosa e primorosa custodia, offertada por um bemfeitor da cidade do Porto.

Ás 10 horas terá logar a Missa solemne a grande instrumental, exposição do Santissimo Sacramento na nova custodia, sermão e Ladainha.

De tarde haverá *Te-Deum Laudamus*, e procissão solemne em que serão representadas todas as commissões das peregrinações ao Sameiro por grupos de anjos, conduzindo cada grupo os emblemas proprios das commissões e peregrinações.

A ultima parte do programma chega a ser deveras um appetite. Só os do Sameiro se lembrariam de representar as commissões por anjos authenticos, levando os emblemas das ditas em bandejas de prata. De resto o Sameiro tem razão para o fazer, porque as commissões e as peregrinações teem sido o grande elemento da sua prosperidade. É preciso um sino, venha a commissão dos marchantes e traga philarmonica de Braga até ao alto do monte; é preciso uma custodia... venha a commissão das creadas de servir com musica e farnel até ao cimo da montanha! A propria telha de Marselha veiu ao som do hymno da Virgem em uma carreada pittoresca até ao alto da collina. E... commissões d'aqui, peregrinações d'acolá, os materiaes concorrem, o dinheiro chega, a obra progride.

Dir-se-ha que para o Bom Jesus foi desleal a concorrencia, ali mesmo ao pé de casa; por isso tambem, quando um desastre acontece á confraria de cima, a confraria de baixo esfrega as mãos de contente.

Houve um raio sacrilego que destruiu a estatua da Virgem.

—Ahi teem o castigo da sua deslealdade, oh vocês de lá de cima.

—Não, não foi um raio—bradou logo a mesa para os de baixo—a coisa foi outra; houve um maroto que á hora da morte se confessou e declarou ter para isso empregado a dynamite.

—Mas por que, para que?

—Era talvez um fanatico do Bom Jesus, ahi tem.

E, fazendo face ao desastre, a mesa trabalhou, organisou novas peregrinações e commissões, e ergueu um novo monumento á Virgem, que é esse que a nossa gravura de pag. 45 representa.

Não sei se esta lucta continuará até que o milagre tenha de annunciar-se um dia melhor e mais barato em qualquer dos sanctuarios. Não falta muito para isso. E entretanto se houvera ali bom senso, parece que seria facil a união administrativa dos dois sanctuarios, que por esta fórma se completariam para o culto, como se completam de ha muito pela natureza. Quem vae ao Bom Jesus vae ao Sameiro, mas volta para o Bom Jesus, onde as commodidades e belleza do logar o prendem. É mais largo de certo o horisonte do Sameiro, mas essa amplitude de horisonte toma-a o *touriste* como um pretexto de passeio, sem pensar em fixar ahi residencia, porque no Bom Jesus encontra tudo que póde deleitar-lhe os sentidos.

Está ainda em construcção o templo do Sameiro, mas pelo que está feito póde já avaliar-se a sua futura grandiosidade. O *touriste* tem ainda que admirar ahi duas formosas esculpturas, uma da Virgem, outra do Christo, em marfim sobre cruz de ebano, que são na verdade um primor. Frente á egreja está o novo monumento, cuja benção solemne se effectuou em 9 de maio de 1886, segundo o programma que segue:

PROGRAMMA

DA

BENÇÃO SOLEMNE DO MONUMENTO

E DA

SOLEMNE PEREGRINAÇÃO

EM CUMPRIMENTO

DO VOTO FEITO PELA CIDADE DE BRAGA EM 27 DE JÚLHO DE 1885

Á SANTISSIMA VIRGEM DO MONTE SAMEIRO

e que será cumprido no dia 9 de maio de 1886

1.º No dia 8 de maio, ao alvorecer, ao meio dia e á noite, os sinos serão tocados de festivo, e uma banda de musica percorrerá as principaes ruas da cidade, annunciando por este meio aos habitantes que sendo no dia seguinte o cumprimento do voto á VIRGEM DO SAMEIRO, e a inauguração do seu monumento, todos se devem preparar para fazer parte d'esta publica manifestação de reconhecimento.

2.º Ás 6 horas em ponto da manhã do dia 9 sahirá da egreja do Populo a imponente peregrinação do voto que se comporá das Irmandades, Confrarias, corporações e pessoas que á dita hora se acharem presentes.

3.º Formado o prestito com as Irmandades e Confrarias, irão de espaço a espaço differentes córos ou grupos, compostos de dois sacerdotes, e dos fieis que os acompanharem, que cantarão e meditarão os Mysterios do Santo Rosario, respondendo-lhes os fieis que forem encorporados nas alas da procissão.

4.º A peregrinação dirigir-se-ha ao Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte, cantando-se á chegada a este templo o *Sub tuum presidium* com o versiculo e oração da IMMACULADA CONCEIÇÃO. Demorar-se-ha a peregrinação n'este aprazivel local pelo espaço d'uma hora.

5.º Passada a hora do descanço, uma banda de musica tocará á porta do templo do Bom Jesus o hymno do Sameiro, e as Irmandades, Confrarias e o povo deverão seguir o caminho que esta banda tomar, dirigindo-se para aquella montanha.

BENÇÃO SOLEMNE DO MONUMENTO. — 6.º Logo que a peregrinação chegue ao Sameiro, as Irmandades e Confrarias ir-se-hão collocando por sua ordem em volta do monumento que estará devidamente adornado; e em quanto que S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ o Sr. Arcebispo Primaz se paramenta com as vestes pontificaes, as musicas continuarão a tocar os hymnos em honra da SANTISSIMA VIRGEM. Dirigindo-se S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ processionalmente para o monumento, ali verificará a benção solemne com as *Antiphonas, Psalmos e Orações do Pontifical Romano.* A conclusão d'esta ceremonia será annunciada por girandolas de foguetes e pelos sons jubilosos dos hymnos e canticos da IMMACULADA CONCEIÇÃO DO SAMEIRO. A este signal corresponderão as freguezias circumvisinhas e a cidade de Braga com girandolas de foguetes, e os sinos das torres com suas vozes festivaes, annunciando assim que a VIRGEM SANTISSIMA IMMACULADA é novamente venerada no seu sympathico monumento.

7.º Terminada a benção solemne, celebrar-se-ha uma missa resada, cantando-se ao mesmo tempo a Ladainha de Nossa Senhora.

8.º Em seguida haverá o sermão, concluindo-se este acto religioso com o *Te-Deum* dentro da capella e com a benção do Santissimo Sacramento.

INDULGENCIAS. — As pessoas que quizerem lucrar a indulgencia plenaria concedida aos fieis que tomarem parte n'esta peregrinação, devem ter-se preparado conveniente e antecipadamente com os Santos Sacramentos da Confissão e Communhão.

CONVITE. — São por este modo convidadas todas as Irmandades, Confrarias, corporações e pessoas que tomaram parte na procissão de penitencia, e todas as pessoas devotas, a encorporar-se n'esta publica acção de graças.

Na base d'esse monumento póde o leitor sentar-se um pouco, para contemplar o deslumbrante panorama que se descobre d'esse ponto e que lhe faz esquecer decerto a parte especulativa dos programmas.

É amplo, vastissimo o horisonte; as serras fecham ao longe o contorno da magestosa téla, em uma renda de gaze côr de anil. Percebe-se indistinctamente, vagamente, o agrupamento de villas distanciadas muito ao longe; a vegetação tonalisa-se em mil cambiantes, as estradas correm como arterias, onde parece pulsar, faiscando, o sangue da vida vegetal— o sol. Tornam-se nitidas as agulhas dos campanarios, na atmosphera serena e luminosa; parece que as egrejas dormem, cysnes brancos, tenuemente embalados na frescura verde da campina. Um ou outro mosteiro avulta nas suas linhas grandiosas, na sombria côr das suas paredes em ruinas; um d'esses é Tibães, ainda ao longe, para além de Braga. E encurtando o raio visual a cidade espalma-se na planicie, sauriano de escamas brancas, espreguiçando-se no verde vegetal; a cabeça redonda e chata voltada a occidente, a cauda enorme vindo quasi até ao talude da montanha, os membros estendendo-se pelas estradas lateraes, que vão para norte e seguem para sul. A luz cae em palpitações brandas e castas, como nas ondulações de um seio virgem o mysterioso anceio de uma fecundidade latente. Por vezes um raio de sol scintilla sobre a agua, em uma fulguração rapida; dir-se-ia um beijo de apaixonado amante furtivamente dado na face da sua amada. Não se houve um ruido e parece comtudo sentir-se o arfar do pulmão vigoroso da terra, operando no seio immenso e sagrado a transformação da luz em flôr, da flôr em fructo. Perto, ao principiar a collina, a imaginação retrahe o alor das azas em que voou, e borboleta cançada da viagem aerea através da amplidão vastissima vem de novo recolher ao ponto d'onde partiu, poisando uma vez ou outra sobre as cupulas dos campanarios mais proximos. Vêmos assim, na planicie, as pequenas freguezias de *FRAIÃO* á margem do rio d'Este, em cujas proximidades apenas ha de notavel umas nascentes de aguas ferreas pouco exploradas; *LAMAÇÃES,* de um solo tão fertil como pittoresco; *POUSADA,* sem curiosidades que interessem, e finalmente *NOGUEIRÓ* e *DADIM,* de que avistamos, quasi ao alcance da mão, a antiquissima ermida da Senhora da Consolação, situada no serro subjacente ao Sameiro, serro onde a tradição colloca a antiga existencia de um castro, cujos vestigios ainda podem notar-se. A festa na ermida é no domingo do Bom Pastor.

Volve a gente os olhos para levante, seguindo a direcção da encantadora estrada da Povoa de Lanhoso, e logo encontra *S. PEDRO* e *S. MAMEDE D'ESTE,* duas freguezias que outr'ora viveram annexadas, e em

cujos valles estreitos tem as suas origens o antigo Aleste, ou Deste moderno, que vae depois de um curso de 35 kilometros desaguar na margem direita do Ave. A aldeia de Carvalho d'Este adquiriu nomeada por occasião da invasão franceza em 1809, pois ahi encontrou Soult uma resistencia vigorosa dos nossos, que a final tiveram de ceder ao numero e á disciplina, debandando desordenadamente para Braga.

Na vertente oriental do Sameiro ficam ainda as freguezias de *SOBREPOSTA,* opulentamente vestida de carvalheiras magnificas, e *PEDRALVA,* que outr'ora foi couto doado por D. Sancho II ao arcebispo de Braga, D. Silvestre Godinho, tendo por isso as suas justiças proprias, constando de duas companhias de ordenanças e seus officiaes, presididas por um capitão-mór.

E do Sameiro recolhe a gente ao Bom Jesus, onde o espirito descança e o corpo tambem repousa, sob as copadas arvores da matta, nas margens do lago ou á mesa do hotel, onde a cozinha é excellente, embora apimentada... nos preços.

*

* *

Uma vez em Braga diversas são as estradas que da cidade irradiam para a peripheria do concelho, e se fôr pela formosura que o leitor pretenda optar para visitar qualquer, embaraçado se ha de vêr na escolha, porque são egualmente pittorescas.

Como o nosso intuito é tomar conhecimento com as freguezias, que ellas atravessam, uma nos serve para principiar e escolheremos por isso a que se dirige para o norte, em direcção a Villa Verde, passando sobre a ponte de Bico, antes da qual encontramos a freguezia de *PALMEIRA,* a uns quatro kilometros de Braga, quando muito.

N'esta estrada de Villa Verde vem entroncar a que segue á ponte do Porto e por ella caminharemos agora até encontrar o Cavado, que o leitor descerá depois comnosco para o admirar um instante nas formosas pontes de Bico e do Prado.

Encontramos no caminho *ADAUFE,* nome que parece recordar uma origem arabe, e terra a que D. Affonso III deu foral em 1258. Houve aqui um convento de frades bentos, fundado em 1070, e reduzido depois pelo arcebispo D. Fernando da Guerra a abbadia secular, e pelo rei D. Manuel passado a commenda.

Um pouco adiante vê-se á nossa direita *SANTA LUCRECIA DE ALGERIZ,* situada nas faldas da serra de Carvalho d'Este, onde nasce o seu ribeiro de Algeriz, que vae no Cavado desaguar junto de *CRESPOS,*

como se tivesse de ser o laço natural que prende as duas freguezias entre si, visto que o laço social da annexação para os effeitos civis as prende tambem por causa da sua proximidade. Em Crespos menciona no seu relatorio o dr. Agostinho Lourenço um manancial de aguas suphureas thermaes.

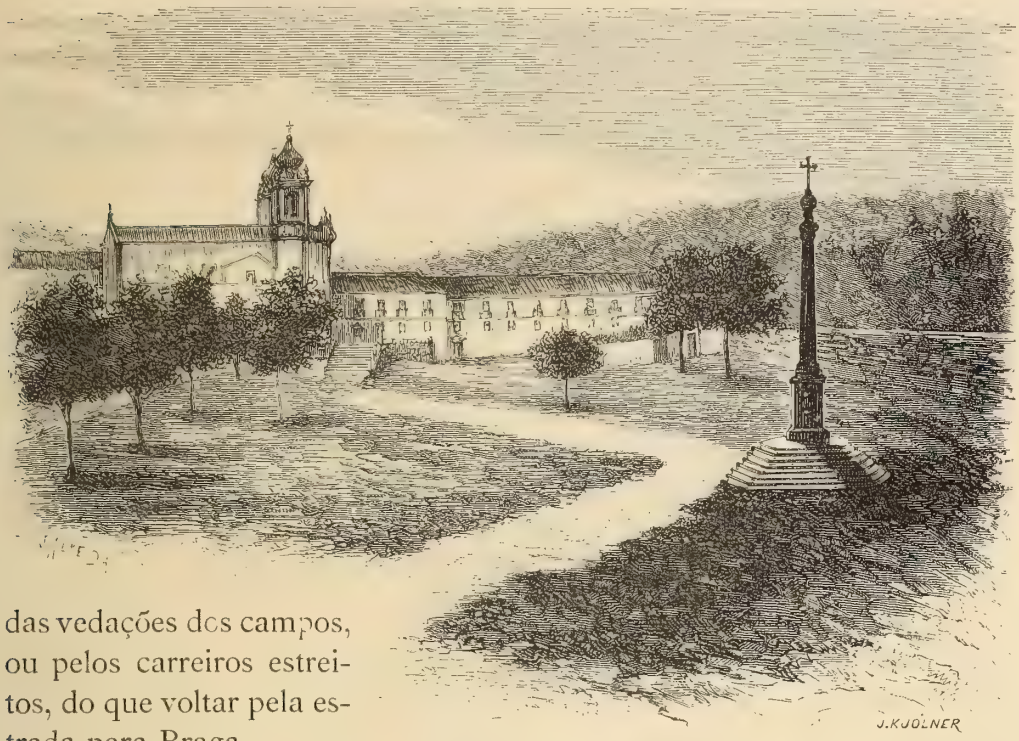
Margem Cavado fica apenas *S. LOURENÇO DE NAVARRA,* até ha pouco unida á precedente, mas desde os fins de 1885 d'ella desannexada, graças aos esforços do ex-governador civil Jeronymo Pimentel, a quem os de Navarra foram agradecer com os vivas e a musica do estylo, o que não é para commentar, mas que lembro apenas, porque, além da philarmonica, os navarrenses levaram, como symbolo de paz, uma bandeira e um ramo de oliveira e alecrim para offerecer áquelle cavalheiro. Rio abaixo encontra o leitor a elegante e magestosa ponte de Bico, lançada proximo da confluencia do Cavado com o Homem, onde uma outra ponte fórma, por assim dizer, a sua continuidade.

A paysagem é n'este logar deveras encantadora e constitue por isso um dos passeios mais formosos, que possa fazer quem está em Braga. No primeiro volume d'esta obra reproduziu o buril de um dos nossos collaboradores artisticos uma bella photographia de Carlos Relvas, onde se podem observar algumas d'essas bellezas; mas a objectiva do mais distincto amador não poderia exprimir o que ha de suave e o que ha de risonha meiguice n'essa téla nitidamente illuminada pelos beijos da luz e pelas scintillações da agua. Para um e outro lado da ponte, a paysagem, verdadeiramente original e caracteristica do Minho, estende-se amplamente na farta alegria da vegetação e da agua, e ora se esbate ao fundo na côr tenuemente azulada das montanhas, ora se desenha ao pé nos contornos idyllicos de um grupo de arvores baloiçadas sobre o crystal do rio, na modelação de uma açude espadanando perolas na sombra, no recorte sinuoso e franjado de uma pequena ilha, nas flechas das torres de algum velho mosteiro em ruinas, na alvinitente linha de um campanario sobresahindo por entre o verde. E o verde!... que de *nuances* elle nos offerece! O escuro bronzeado dos recessos sombrios e pouco illuminados, nos pinheiraes, nos bosques densos de carvalheiras, nos pomares que ficam mais ao longe, o esmeraldino dos milharaes com reflexos de oiro, o verde macio e tenro de algum linhar, o glauco das pastagens, o verde prateado dos salgueiros, uma gradação infinita de cambiantes, emfim, que a palavra não póde, nem mesmo o pincel sabe reproduzir.

Vae á ponte do Bico, se fores a Braga, meu amigo, e dir-me-has depois, se a tua alma de artista se não commoveu diante d'essa natureza tão boa e tão casta, tão doce e tão risonha, que estende sobre as margens do

Cavado a cascata opulenta dos seus sorrisos, e a melodiosa musica da sua eterna primavera.

Mais vale continuar a descer a margem mesmo por entre os silvados



Mosteiro de Tibães – Desenho do natural por João de Almeida

das vedações dos campos, ou pelos carreiros estreitos, do que voltar pela estrada para Braga.

Ha sempre na solidão com que distrahir o pensamento. A agua canta por entre os seixos, as ramarias desfiam toadas de violinos invisiveis, as rodas das azenhas batem alegremente, uma ou outra ave ensaia nos salgueiraes uma aria de notas apaixonadas; uma rapariga ceifa e canta, um cão ladra ao longe, o que é bem melhor que um que ladra ao perto, a melancholica toada de um sino chega até nós, e todos estes rumores nos adormecem e embalam, de modo que, ao chegar á ponte do Prado, quasi nos admiramos de ter andado tão rapidamente o caminho.

Mas agora seria realmente abuso de bucolica o não aproveitar a estrada para seguir até Braga.

Não é menos deliciosa a paysagem no sitio da ponte do Prado, que o era na ponte de Bico; ainda assim, ou porque é menos accidentado o terreno, ou mais verdejante a campina, a sensação que se recebe é outra, e o espirito naturalmente pensa nos grandes prados humidos do norte, nas fachas aquaticas da Hollanda, bordadas de um verde sempre tenro.

Demoramo-nos um pouco sobre a velha ponte e visitamos a impor-

tante fabrica de Ruães; seguindo depois para a cidade vem logo ao nosso encontro o campanario de *S. PAIO DE MERELIM,* collocado sobre uma pequena eminencia. É terra fertilissima e linda esta de S. Paio, como o é a sua visinha *S. PEDRO DE MERELIM,* que mais adiante vamos encontrar, e onde em tempos remotos existiu um mosteiro de monges benedictinos, que depois foi annexo ao de Mire de Tibães. D'aqui para a cidade as edificações succedem-se quasi sem interrupção; as casas e os muros das quintas orlam continuamente a estrada, e se alguma curiosidade ha por ahi a notar além da paysagem, onde avultam as linhas do Bom Jesus, é a grande abundancia de officinas de taxeiros, que especialmente em *FROSSOS* encontramos, depois de se haver transposto o ribeiro e pontelhão d'esse nome.

Á esquerda vê o leitor o logar de *Cabanas,* notado já nas *Inquirições* de D. Diniz como pertencente á parochia de *DUME,* tão celebre pelas suas tradições historicas. Diversas tradições romanas, de que trata Hübner, attestam a florescencia d'este sitio no tempo do imperio romano, e outros vestigios e documentos confirmam a sua importancia no tempo da dominação sueva. Pretendem alguns auctores que Dume fosse cidade episcopal, ao passo que outros se não conformam com isto apezar da tradição que o affirma. Pinho Leal discute as razões pró e contra, e, concluindo por sua parte contra a existencia da cidade episcopal de Dume, explica a tradição pelos privilegios, que ao *prelado* do mosteiro houvesse conferido o rei suevo. Sabe-se que a instancias de S. Martinho de Dume, bispo de Tours, foi aqui fundado por Theodomiro um convento para monges bentos, onde foi depois sepultado o sabio e virtuoso Martinho. Accrescenta-se que um outro monge d'este nome se acolhera ao mosteiro e fôra sagrado bispo dumiense por Theodomiro, erigindo-se então a egreja em cathedral, dignidade que existiu durante uns 600 annos, apezar de não haver documento authentico a comprovar esta asserção. O que, para nós, fica assente, meu amigo, é a grande antiguidade de Dume, a sua florescencia no tempo dos romanos e dos suevos, e a existencia de um mosteiro de benedictinos, onde esteve S. Martinho. Os investigadores que apurem o resto, se não teem muito que fazer, em quanto nós vamos seguindo a estrada, e nos internamos, depois de transposto o ribeiro de Tordo, em terreno de *S. JERONYMO DE REAL,* onde S. Fructuoso edificou um convento para benedictinos, o qual foi mais tarde occupado pelos frades capuchos da provincia da soledade, e que ora serve de matriz parochial, depois da desamortisação dos bens religiosos.

A estrada corta em seguida, em uma larga extensão, a quinta de Real, por um formosissimo bosque de carvalheiras, e depois de passar na quinta

da Coturella, onde está estabelecido um collegio, entra na rua da Conega, o que significa simplesmente que se está em plena Braga fiel.

*
* *

A estrada para Tibães e Padim da Graça destaca d'esta de Real, depois da quinta d'este nome e segue atravez um valle pittoresco e povoadissimo até proximo da margem esquerda do Cavado.

A unica curiosidade para que nos chamam a attenção, antes de Tibães, é para o logar dos *doze apostolos,* nome religioso com que o povo de Braga conhece outros tantos sovereiros, que se encontram n'um pequeno largo á margem direita da estrada. Adiante mais, é preciso deixar o *macadam* e subir por uma vereda larga e assombreada, até ao largo do mosteiro de *MIRE DE TIBÃES,* cujo exterior eu não preciso descrever, porque a gravura de pag. 57 o reproduz com exacta fidelidade.

Duas versões se encontram nos nossos escriptores ácerca da fundação d'este mosteiro, sendo D. Pedro, no seu *Nobiliario,* de parecer que fôra o fidalgo D. Paio Guterres da Silva o fundador, em 1080, e opinando D. Rodrigo da Cunha na *Historia ecclesiastica de Braga* que o mosteiro fôra fundado no seculo VI pelo rei suevo Theodomiro, sendo D. Paio apenas um reedificador. Esta parece ser a mais fundamentada opinião, embora não esteja authenticamente demonstrada; entretanto sabe-se, que o mosteiro existia já no tempo da invasão dos arabes e póde mesmo suppôr-se que o mosteiro de Tibães fosse um dos que proseguiu na sua vida religiosa, mediante certos tributos pagos ao povo conquistador. Cita-se em abono d'esta probabilidade uma escriptura, que pertenceu ao archivo de Tibães e que era uma carta de doação de certas propriedades feita ao mosteiro por *el-rei Miro.* Assim interpretou o nome o chronista benedictino, que leu esse documento quasi sumido, e é certo que houve um rei suevo assim chamado, que succedeu a Theodomiro; mas póde suppôr-se tambem que o nome de *Miro* que ahi figura não seja senão a abreviatura de *Ramiro* usada nos documentos dos tres soberanos assim denominados, de Leão e das Asturias, ou mesmo talvez as ultimas syllabas do nome de Theodomiro. Certo é que, apoz a destruição dos arabes, devia ter havido uma reedificação e essa parece ter sido feita por uma devota rica, pois no seculo XI encontra-se como padroeira do mosteiro uma senhora chamada D. Velasquida, que fez d'elle doação á infanta D. Urraca, mãe de D. Affonso Henriques, doação que foi muito do desagrado dos monges, mas a quem D. Velasquida respondeu « ... *que sendo S. Bento de sangue real*

razão era que seus filhos, monges de Tibães, de Villar, da Vargea e de Manhete tivessem padroeiros reaes, pelos quaes seriam melhor defendidos e teriam mais bens, porque D. Urraca era filha de reis...» Reconstruiu a infanta o mosteiro em 1060, mas passado pouco tempo doou-o á Sé de Tuy, que parece o desfructou poucos annos, pois em 1080 apparece como padroeiro o fidalgo D. Paio Guterres da Silva, a quem D. Pedro chama fundador, mas que realmente não é senão um reedificador, embora generoso.

Passam quatro seculos e meio, sem que se commemorem novas obras, até que reinando D. João III e sendo abbade commendatario de Tibães Fr. Antonio de Sá, este procedeu a varias reparações e construcções, que podem considerar-se bem a quarta reedificação. A quinta e ultima foi levada a effeito na metade do seculo XVII, cujo estylo architectonico accusa hoje.

É vasto o convento, mas completamente descurado e parte mesmo cahindo em ruinas, e não ha n'elle bellezas que sejam dignas de uma descripção especial. Quanto a privilegios e isenções podia blasonar o mosteiro de Tibães, pois a munificencia dos reis concedera aos seus prelados os titulos de capitão-mór e senhores do couto de Tibães, coudel-mór, repetidor das armas, alcaide-mór e ouvidor, titulos que não eram simplesmente honorificos, mas a que andavam annexas funcções e rendas importantes.

A todos esses privilegios accrescia ainda o de casa capitular e cabeça da ordem benedictina, em Portugal, tendo o seu prelado as honras episcopaes e o titulo de D. Abbade Geral.

Quem hoje visita o mosteiro de Tibães vê por toda a parte a melancholia da velhice e a tristeza da decadencia, a ruina, o desmazelo, as cantarias vestidas de musgo, as taças cheias de limo, os claustros cobertos de herva, e apenas póde soletrar n'essa decadencia a recordação das eras brilhantes e faustosas da poderosa ordem de S. Bento.

O coração sahiria d'ali magoado, se a natureza não abrira aos olhos do corpo e do espirito o largo panorama, que se descobre da eminencia de Tibães por sobre uma extensão de mais de trinta kilometros. Desenha-se ao poente a linha denticulada das serras, ao norte os numerosos campanarios de Villa Verde, d'entre os quaes sobresahe a capella do Bom Despacho, de Cervães, e mais proximo Cabanellas, a fabrica de papel de Ruães, o Prado, a Lage; o rio corre em baixo sereno como um lago; no extremo norte-oriente recortam-se as cumiadas do Gerez: perto, vê-se o campanario de *PANOIAS,* a antiga *terra* de Entre-o-Douro e Minho; logo, a humilde *PARADA* com a sua capellinha de S. Sebastião, e ao pé de nós, atraz do outeiro coberto de pinheiral que se estende a cavalleiro de Ti-

bães, a modesta *SEMELHE,* antiga Samuele dos romanos, a cuja vida civil anda annexa a freguezia anterior.

A nascente o Bom Jesus e o Sameiro, depois a Falperra, depois... mas para que é preciso levar a descripção tão longe, se nenhum ponto ha mais feiticeiro na paysagem que este do valle extenso e ajardinado, onde o Cavado se engasta, como um diamante puro em areola de esmeraldas?...

Barco da Graça — Desenho de João de Almeida

Artistas eram por certo os frades de Tibães, rasgando para essa formosura as janellas do seu convento.

Que lindo, que lindo isto é! Não resistimos ao desejo de ir vêr o rio mais de perto, e, descendo por isso de Tibães, vamos até *PADIM DA GRAÇA,* onde termina a estrada um pouco antes de chegar á margem.

A Graça!—ahi está o nome que melhor caracterisa a paysagem do Cavado junto do Barco de tal nome.

Encantador!

A nossa gravura reproduz o aspecto do rio n'esse ponto, mas não ha buril que possa exprimir a ridente natureza ineffavel e serena, as curvas graciosas do rio, a attracção pantheista que exerce em nossa alma a agua transparente e virgem, a vegetação das ilhas e das margens, a musica das aves e das franças do arvoredo. Imagine o leitor, que um rosicler de aurora illumina todo o quadro, ou que a luz mysteriosa do luar envolve toda essa amoravel natureza, como na nossa gravura acontece, e dir-me-ha de-

pois se esta paysagem do Barco da Graça não justifica verdadeiramente o seu nome.

Delicioso, quer saber, delicioso como o primeiro beijo que Eva, sorrindo da sua nudez gracil, devia receber, não... devia dar ao seu companheiro enamorado, aproveitando a luz côr de rosa da manhã, ou a melancholia doce do luar.

*

* *

Na direcção do sul diversas são as estradas que sahem da cidade, cortando terrenos accidentados e pittorescos, fertilissimos todos, e onde a vegetação não inveja as exhuberancias da sua irmã dos tropicos. Ha as estradas da Falperra, de Guimarães, da Veiga de Penso, de Famalicão, da Povoa, de Barcellos, e é difficil dar a preferencia a qualquer. Apaixonados pelas tradições sinistras da Falperra e certos de que principiando por ahi nos poupariamos a excursões inuteis, tão vasto é o horisonte que da serra se rasga sobre os valles, foi pela estrada de Guimarães que nos dirigimos, deixando ao lado a que vae directamente ao convento da Falperra, scientes que nenhum mau encontro, ai de nós, viria tornar agradavel essa outra excursão pela montanha, dando uns toque tragico-dramaticos á presente narrativa. Pobre Falperra, velha amiga dos contos aterradores e phantasticos, reproduzidos de lar em lar nas aldeias de todo o norte, como te chegou a decadencia! Nem um assalto á mão armada, nem um indicio sequer de uma quadrilha de ladrões, para que a gente pensasse atravessar-te de pistolas no arção da sella e clavina aperrada, prompto a desfechar com o primeiro bandido, quando não era com a primeira sombra!... Ás vezes, de longe a longe, ainda os jornaes vem contar que appareceram na Falperra uns ratoneiros atrevidos! Mas, que degradação romantica, minha serra lendaria, essa de te enxovalharem as tradições uns maltrapilhos ignobeis, que a gente corre a pontapé ou á bengala!... Que esperar tambem, se o *macadam* te rasgou a tunica silvestre, e hoje até para visitar o teu historico mosteiro se vae commodamente em carruagem!

O convento da Falperra, de missionarios apostolicos, denominado Seminario de Santa Maria do Monte da Magdalena, foi edificado em 1826 por Fr. Antonio de Jesus, missionario apostolico do convento de Vinhaes, e é hoje propriedade da irmandade de Santa Maria Magdalena, erecta no convento, da qual é capellão o falperrista P.e Joaquim, religioso do extincto seminario, e que ahi se conserva no seu mosteiro querido, como guarda fiel e unico depositario das tradições melancholicas da sua montanha santa. Segundo um litigio julgado em 1872, pertence a Falperra a Guima-

rães e não a Braga, mas a sympathia popular, que não respeita muitas vezes as sentenças dos tribunaes, faz com que a Falperra mais pertença á cidade dos Arcebispos que ao berço da monarchia. Assim é, que todas as vezes que se requer sol ou chuva, o povo traz em procissão Santa Maria Magdalena para a Misericordia de Braga, e se o caso é de mais afflictiva calamidade não hesita mesmo em trazer o Senhor da Agonia da Falperra, apezar d'elle haver já morto alguns dos conductores do seu pesadissimo andor.

A capella de Santa Martha, que se avista proximo do convento, dominando para os lados de Braga um horisonte vastissimo, é annualmente concorrida por uma estrondosa romaria, onde, como é costume em romaria de nome, se vê ordinariamente o fundo a um numero consideravel de pipas de vinho verde.

Esta capella de Santa Martha é a que o meu amigo vê, á sua esquerda, na crista da montanha, depois que pela estrada de Guimarães atravessou o idyllico logar de S. João da Ponte, fielmente reproduzido pela nossa gravura, e subiu, vendo desenrolar atraz de si o formoso panorama de Braga, até ao lendario *pinheiro da Gregoria.* Não sei porque tenha uma lenda essa bella arvore, que se encontra na estrada, mas o facto é que a tem e que foi a Gregoria, de cuja casa ainda se notam vestigios, quem a plantou, bem como a uma outra da mesma especie, que um raio derrubou ha tempo. Mas a Gregoria quem era a final, perguntar-me-ha intrigado o leitor?

E eu, que desejava responder-lhe com uma historia dramatica, tenho de limitar os vôos da phantasia, porque a lenda, apurada, não me dá senão uma Gregoria vulgar, aldeã que não fez mais do que estabelecer n'esse logar, até ahi solitario, uma tavolagem humilde, em cuja proximidade plantou dois bellos pinheiros mansos.

Compensemo-nos por isso com as opulencias da paysagem, da pobreza franciscana da lenda, e veja o meu amigo, que formoso lanço de estrada não é este, em que vae correndo a freguezia de *NOGUEIRA E S. PAIO D'ARCOS,* ao abrigo das faldas da montanha.

Principia a desenrolar-se ao lado a veiga fertilissima de Penso, e Braga, já distanciada, vae desenhando a sua fórma de arachnideo gigante, por entre a verdura espessa dos seus arrabaldes deliciosos. A Nogueira hoje annexa a S. Paio d'Arcos era a antiga *Nogaria* dos romanos e d'ella se falla em velhos documentos, dos quaes consta ter tido os fóros de villa ahi pelos annos de 1000, pertencendo então á condessa *Toda Duina,* mulher do conde Hermenegildo. Passando junto da casa e quinta do visconde da Gramosa, logo nos surge da esquerda a cupula do campanario de

ESPORÕES, destacando a sua alvinitente côr d'entre o verde sombrio das oliveiras que o cercam. É terra abundante esta de Esporões e aqui houve antigamente um celleiro geral para emprestar milho aos pobres, fundado por um tal Martim Ribeiro. A capella do Senhor dos Afflictos, que vêmos na margem da estrada, tem grande romaria annual no dia de S. Thiago. Annexa civilmente a esta freguezia de Esporões tem estado a de *LAMAS*, cuja egreja mal se vê ao fundo da veiga, ou por estar quasi de todo encoberta pela vegetação, ou porque os olhos mal fazem reparo n'ella para melhor poderem gosar da formosura da planicie e do accidentado da collina, onde o esbelto campanario de *FIGUEIREDO* alveja como enorme bloco de neve entre verduras.

No seguimento da estrada encontra-se á direita a pequenina egreja de *TRANDEIRAS*, velada por um cypreste, que ali parece estar para substituir a torre que falta ao edificio.

A veiga torna-se cada vez mais ampla e mais fecunda. Vamos subindo, deveras encantados com a vastidão d'essa bacia pittoresca, e vêmos além *S. VICENTE DE PENSO* na collina fronteira, e ao pé de nós *SANTO ESTEVÃO DE PENSO*, ao qual pertence a casa do ex.mo sr. Jeronymo Pimentel, tão deliciosamente situada. N'esta freguezia de Penso festeja-se em maio a Ascensão com grande e estrondosa romaria. Vae quasi a fechar a curva da montanha, quando se encontra a humilde *MORREIRA*, com o seu adro singelissimo e os seus dois sinos encasados em uma pequenina torre, tão poeticamente situada, que nada tem que invejar á altaneira *ESCUDEIROS*, apezar d'esta sua visinha gosar mais do alto a formosura de toda a bacia de Penso.

E que formosura, meu amigo! Eu só queria, que tu assistiras do alto do *Palacio de Crystal* (não te pareça o nome uma figura de rhetorica, porque existe na estrada um casal com esse nome) a um d'esses bellos espectaculos, que todos os dias se renovam sem nunca enfastiar, e que a natureza, uma emprezaria generosa, offerece gratuitamente aos amadores com o nome de Pôr ou de Nascer do Sol.

Não é deslumbrante, nem magestoso. Mas... é simplesmente adoravel vêr cahir a luz do crepusculo por sobre a extensão da veiga, como se viera tenuemente de uma alampada mysteriosa occulta no infinito, a illuminar a terra nas horas do seu amor.

Convida a ser poeta o momento e comprehende-se, em face d'estes espectaculos d'uma natureza tão prodiga, o segredo do nosso lyrismo de peninsulares. E não haja vergonha de o ser, apezar das tendencias realistas da epocha! Coitado, nem o realismo tem culpa de que tão mal o comprehendam aquelles que o criticam asperamente! O pôr do sol na Veiga

de Penso daria uma lyrica soberba, quando visto através da alma singela de um artista de raça!

Que multiplicidade de elementos impressivos!

A veiga corre de sul a norte em uma extensão de leguas, povoada, culta, fecunda. Os casaes dispersos salpicam de nodoas brancas a verdura; as aldeias espalham-se no largo fundo como grupos de magnolias em flôr. A vaporisação da terra confunde-se com o fumo das choupanas; os pinheiraes tonalisam de sombra as cambiantes multiplicadas do verde. Ha rendas de Malines nas altas vinhas de enforcado, ha melodias invisiveis que a alma sente, sem que a intelligencia as reproduza. A luz de oiro esmaece, como em deliquios de amor a luz de uns olhos formosos; e o sol, fugindo além, amante cançado de caricias, vae deixando na paz serena da sombra, a boa sombra amiga, as aldeias pendentes das abas da Morreira, emquanto, lá em baixo ainda, na linha prolongada do occidente, as outras aldeias parecem luctar, pedindo um beijo de amor, o ultimo, a esses labios de purpura que desmaiam na doce tranquillidade da agonia. E quando D. Juan expira, uma suave luz azul, como a chamma de um *punch* collossal, alastra para o norte docemente, muito docemente, até ás cumiadas da Portella de Vade e do Gerez. Então, como se essa chamma livida fôra a de um tocheiro, que vela o tumulo do triumphador glorioso, as arestas das montanhas, as fórmas da vegetação, as linhas dos campanarios, toda a Natureza, que ainda ha pouco vivia d'esse amor agora extincto, levanta-se nitida e serena no ar puro, estaca um momento como sacudida de um nervosismo intimo de amante em face do cadaver do seu noivo, e... viuva, esconde mysteriosamente a face na penumbra e chora, no grande seio da noite, a dôr da sua soledade.

*
* *

Se o leitor em vez da larga paysagem da estrada de Guimarães, preferir os meandros idyllicos da Veiga, que ora lhe descrevi, póde seguir a estrada municipal que a atravessa em quasi toda a sua extensão, tendo apenas de fazer uma curta paragem em *LOMAR,* quando mais não seja senão para avaliar por seus olhos da celebre questão da directriz d'essa estrada, que tanto preoccupou o municipio bracharense e o fallecido capitalista Silva Granja, que desejava dotar a sua terra natal não só com essa via de communicação, como ainda com outros melhoramentos, que á sua generosa intenção se affiguravam de prosperidade para o seu berço nativo. Mas a politica tanto fez, ou desfez, que o honrado e brioso filho

de Lomar não pôde conseguir os seus intuitos, e tão sómente a sua alma generosa se vingou — vingança nobilissima — deixando valiosos legados para o derramamento da instrucção popular na sua freguezia.

Seguindo, pois, a estrada municipal que vae através de toda a Veiga de Penso, a qual o leitor conhece já em todas as suas minudencias, um outeiro ha proximo de S. Vicente, coroado por um solitario moinho de vento, d'onde se descobre *GUIZANDE,* pequena parochia annexa á de *OLIVEIRA,* que fica já proxima da antiga estrada de Braga ao Porto, e que representa ella propria a annexação de duas antigas *Oliveiras,* uma sob o orago de S. Matheus e outra de S. Pedro.

Tomando esta via macadamisada para seguir até Braga, é em *TEBOSA* que temos de o fazer, podendo parar ahi um pouco, senão para visitar a sua egreja parochial, que foi um antigo mosteiro duplex de benedictinos, passado no seculo XV a vigararia do deão da Sé de Braga, ao menos para repousar a vista nos fertilissimos mas pequenos valles, intensamente cultivados, que constituem a freguezia.

Se por acaso o leitor viajar a cavallo, não falta na Tebosa o alpendre avarandado do ferrador, que se encontra em todas as estradas do Minho, para que remedeie qualquer desastre de syderotechnica, ou para deixar descançar o rocinante em que até ahi veiu montado.

Logo em seguida percorrem-se na estrada as celebres voltas de Macade, do alto das quaes se avista Braga a uns oito kilometros de distancia. Descendo essa espiral observa-se na collina da esquerda a matriz de *SANTA ANNA DE VIMIEIRO,* e no outeiro que lhe fica superior a solitaria ermida de S. Bento.

Sant'Anna de Vimieiro foi em tempos remotos convento de eremitas de Santo Agostinho, passando depois á ordem de S. Bento, unido a Tibães. Foi devolvido ao ordinario no tempo de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. A terra foi couto da corôa, depois de o ter sido primitivamente da cidade de Braga.

O terreno que vamos atravessando é verdadeiramente o de um jardim: por toda a parte a cultura, as aguas scintillando ao sol, as arvores emmoldurando os campos. A estrada corta esses fertilissimos canteiros em lanços mais ou menos pittorescos, entre os quaes sobresáe o que passa junto á egreja de *CELLEIRÓS,* que a uns seis metros de nós alveja como um crystal de neve, engastado no verde de tão lindissima bacia.

Breve se transpõe o rio d'Esté, pequeno como um delicioso sonho, formoso como um beijo de luar. As lavadeiras, cantando, batem a roupa nas lages, onde a agua salta, parecendo acompanhar com um sorrir alegre as cantigas desgarradas que se diluem no azul.

Vamo-nos approximando da cidade. No valle que se abre á direita descortina-se a montanha do Sameiro e logo em seguida o Bom Jesus; e depois que se passa em frente do oratorio do Senhor da Boa Fortuna podemos bem considerar-nos em Braga, porque o arruamento das casas principia, os teares batem apressadamente, os fabricantes de *machinhos*—a viola typica dos arredores de Braga—suspendem um instante o trabalho para nos observar na passagem, e finalmente a rua Direita, que é torta como todas as d'este nome, leva-nos ao interior da velha cidade dos Arcebispos.

*

* *

Recordo-me de que fiz, em maio, uma pequena excursão de Braga a Barcellos, aproveitando a estrada real; ahi vão as notas que na minha carteira por essa occasião escrevi, e as impressões agradaveis, de que o meu espirito se deixou possuir.

Depois de passar a fabrica do gaz, a estrada corre placidamente por entre os campos orlados de vinha de enforcado; na primavera a folhagem tem uma tonalidade mais velludosa e tenra, os sarmentos brotam quasi a medo, experimentando as alegrias da luz; por isso tambem, em quanto a vegetação não tem as opulencias da seiva, o aspecto dos campos é inteiramente outro. Parece que os esguios choupos são columnas onde se enlaçam, brincando, as rendas das uveiras; nada mais artistico e nada mais delicado que esse *manuelino* estylo da natureza, prodigamente espalhado a cada volta da estrada, a cada vedação de terreno. Depois o chão como que está preparado para uma festa de nupcias; a prata das margaridas e o oiro dos malmequeres quasi de todo occultam o verde humido dos prados; e se não fôra uma illusão dos sentidos podia bem dizer-se que a noiva—a egreja parochial de *FERREIROS*—ali estava na planicie, vestida toda de branco, esperando a hora do noivado.

Como se o cortejo tivera de ser grandioso, o valle estende-se por isso largamente florido, ridente, cheio de frescura, até além do Cavado, que ahi beija as aldeias de *Villa Verde*.

Um campanario esbelto nos olha agora da esquerda; é o de *SEQUEIRA,* tão deliciosamente situado, que a gente chega a ter vontade de não caminhar para diante, e a lembrar-se de ir pedir ao reitor o logar vitalicio de sineiro, o mais a proposito para gosar esse pedaço de natureza.

E vá, que não seria dos peiores o logar; pelo menos, logo na estrada me pareceu vêr a materia tributavel do officio. Era um par de namora-

dos, na plenitude sadia da mocidade, conversando junto do portello de um campo, onde pastavam dois alentados bois da raça typica bragueza.

—Aquillo, se era para bom fim, estava mesmo a calhar; o casamento primeiro, e, a avaliar pela redondeza dos quadris da conversada, uns dez baptisados lá mais para o diante.

Era mau o logar, ora digam lá? Mas nem pensar n'isso agora, que Sequeira desappareceu, velada pelos pinhaes que á esquerda nos fecham o horisonte, mal deixando por isso avistar a egreja de *VILLAÇA,* que assenta sobre a encosta onde tambem fica *PASSOS,* antigamente villa, mas hoje uma freguezia vulgar. Ao lado direito assenta a parochial matriz de *CABREIROS,* freguezia que se estende por terreno um pouco accidentado, tendo na estrada o logar de Porto Martim, centro vital das freguezias mais proximas, tanto do concelho como do de Barcellos, que principia já em *Martim.* Centro vital, dissemos, e não parece fóra de proposito a phrase, porque ahi se vê debaixo de um largo alpendre uma pharmacia e cerearia, estabelecimentos que pelas drogas e pelos pavios são á humanidade dos arredores de largo proveito. Depois, áparte a utilidade prestadia da linhaça ou da vela de cera, a botica é, n'aquellas alturas, o unico logar onde se lê um jornal e se commenta com sisudo criterio a politica do paiz e da Europa inteira—incluindo a China—apparelho registrador de todas as novidades locaes, machina eleitoral na occasião adequada: estou em dizer que é mais que um singelo centro vital aquella botica de Cabreiros: chega a ser a cabeça, meu amigo, a cabeça de todas as freguezias reunidas.

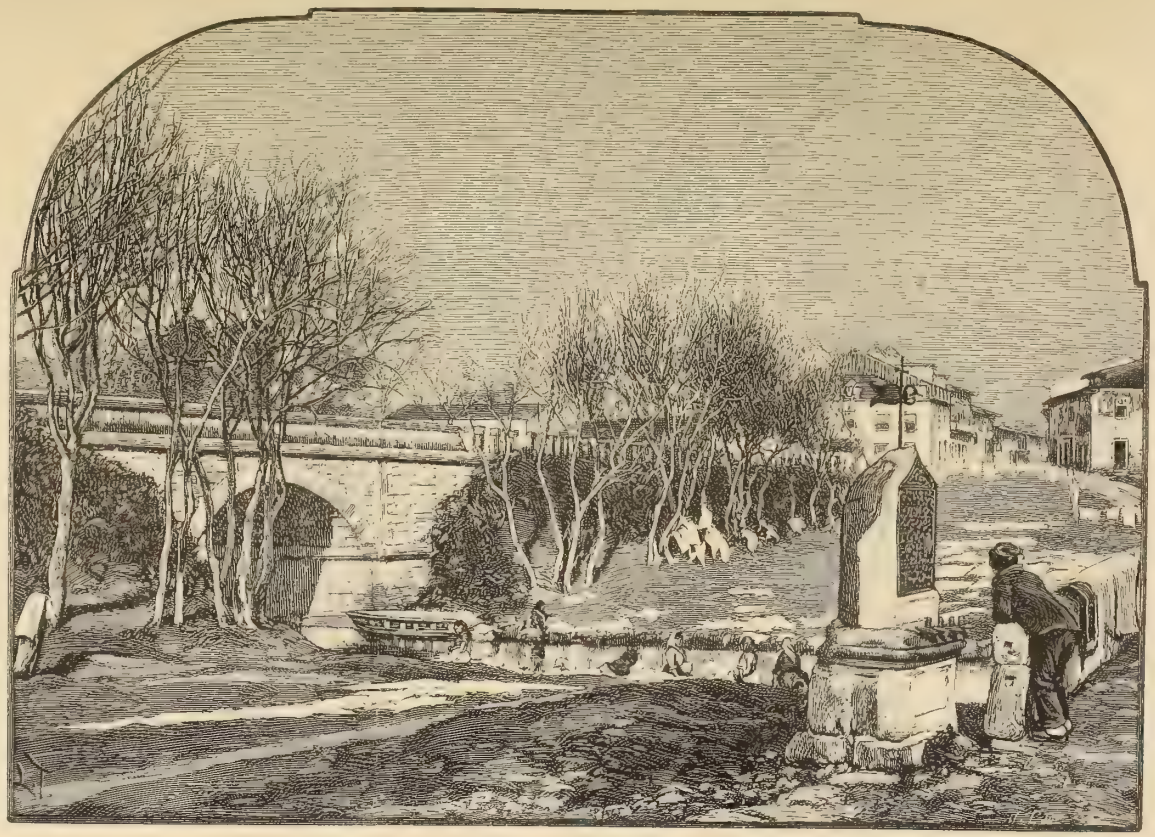
*

* *

Uma ultima excursão, d'esta vez em comboyo, nos vae levar de Braga para o proximo concelho de Famalicão, que tencionamos em seguida perlustrar.

Na gare da elegante estação de Braga a locomotiva silva já, sem grandes impaciencias felizmente, e como quem diz para si:—vamos lá a esta massada, visto que não ha outro remedio. E em marcha, acenando com o seu pennacho de fumo para a velha cidade fiel, diz adeus á capellinha de S. Gregorio, a todo o valle que á direita se estende até ao Cavado, ao Bom Jesus, ao Sameiro.

Deixando a egreja de Ferreiros, que o leitor conhece já, o horisonte vae diminuindo de extensão, e breve passamos perto da modestissima *AVELLEDA*—quem sabe se o nome vem das sacerdotisas druidicas—e se não seria ahi, onde está agora, á esquerda da linha ferrea, a modesta



S. JOÃO DA PONTE — *Desenho de João de Almeida*

matriz da freguezia, que as tribus dos germanos se reuniam para ouvir os oraculos das formosas *velledas,* como hoje os aldeãos se congregam para ouvir a missa parochial, ou para discutir o assumpto magno das eleições de deputados.

Do mesmo lado, entre pinhaes e campos de cultura, uma outra egreja se avista; é a da pequena parochia de *FRADELLOS,* hoje unida á freguezia de *TADIM,* em cuja estação o comboyo pára, com o fim talvez de cumprimentar as boas arvores amigas, ou beber duas tarraçadas de agua fresca para continuar a caminhada. A egreja de Tadim vê-se á direita da linha, ainda com a côr fresca do granito, acabadinha de novo, vaidosa do seu elegante campanario, que domina todo o valle. E não domina lá grande coisa, porque é estreito o valle de Tadim, sem largo panorama, e sem bellezas que valham um momento de admiração.

... um typo tão curioso como correcto (pag. 72)

Eu disse o valle, mas diria melhor dizendo os valles, porque uns aos outros se succedem com o mesmo tom assombreado dos pinheiraes e a nota sempre a mesma das vinhas altas de enforcado.

Ahi passamos o ribeiro de *PRISCOS,* freguezia que além se nos entremostra, á esquerda, com o seu casario aninhado na inclinação da collina. Foi seu donatario o fidalgo D. Gomes Paes de Priscos, irmão do mestre dos templarios, D. Gualdim Paes, de Marecos. Na historia contemporanea tornou-se notavel um abbade de Priscos, guerrilheiro, que em 1846 se uniu ás tropas realistas de Mac-Donnell.

RUILHE passa por nós á esquerda; mal ha tempo para vêr a sua singela torre, onde os sinos se encasalam em um arco duplo de alvenaria, porque logo o comboyo pára, e *ARENTIM,* com a sua importancia de estação de via ferrea, chama a nossa attenção de viajante. Foi Arentim antigamente couto e vigararia do arcediagado de Braga, que só as honras tinha de apresentação, visto que a renda era para o arcebispo. A egreja fica mesmo em frente da estação, mas nada offerece de notavel.

Confina Arentim com a freguezia de *CUNHA,* terra solar dos Cu-

nhas, por um tal D. Guterres, que a Portugal veiu com o conde D. Henrique, o qual lhe doou esta e outras herdades. Era por isso a abbadia de Cunha apresentada por elles, até que passou a ser do real padroado, como castigo que D. Diniz inflingiu a D. Lourenço Gomes da Cunha, por este haver causado certos aggravos e prejuizos ás freiras de Santa Anna de Coimbra.

Estas Cunha e Ruilhe diz-se terem sido dadas pelo duque de Barcellos, D. Jayme, á camara de Guimarães, para lhe varrerem as ruas nove vezes por anno, como expiação do castigo imposto aos de Barcellos, que se portaram cobardemente na conquista de Ceuta. O leitor fique por agora com a suspeita de um *diz-se,* porque no capitulo de Barcellos lhe promettemos tratar mais largamente d'essa tradição, que menos verosimil nos parece.

A linha ferrea passa depois em terrenos de Famalicão e Barcellos, e deixando á direita o calvario do couto de Cambezes, entra logo na estação de Nine. Aqui paramos para dizer um pouco do estado actual da velha Braga e para nos despedirmos tambem d'esse bom povo trabalhador e beato, de que nos apresenta um typo tão curioso como correcto a gravura de pag. 71, que reproduz uma bella photographia de Carlos Relvas.

Foi elle que nos ensinou um atalho na sua aldeia, que nos mencionou as romarias de mais estrondo, que nos contou as lendas da sua terra; elle, que é o eleitor, o membro da junta de parochia, o romeiro do Bom Jesus!

*

* *

O desenvolvimento intellectual fabril e agricola de Braga daria margem a mais largas considerações, do que aquellas que eu posso fazer em tão estreitos limites. O leitor tomará por isso apenas como notas subsidiarias as que se condensam n'este fecho do capitulo, e levará o extremo da sua benevolencia até me absolver da sua pouca extensão.

Publicam-se em Braga uns dez jornaes, de côr politica differente, e quasi todos, como não podia deixar de ser, attentas as condições de meio, com o caracter religioso. São, por sua ordem de antiguidade, *Commercio do Minho, Correspondencia do Norte, Constituinte, Folha de Braga, Cruz e Espada, O Norte, O Domingo* e *O Regenerador.*

Além d'estes orgãos de publicidade outros recursos existem e são ordinariamente as correspondencias para os mais importantes jornaes do Porto e Lisboa, que na cidade são lidas com interesse e avidez.

Os estabelecimentos officiaes de instrucção são o Lyceu e Bibliotheca,

a Faculdade de Theologia no Seminario, a escola nocturna de desenho industrial, e as aulas primarias que se distribuem pelas differentes freguezias do concelho na ordem que vae enumerada: Para os dois sexos, a Sé, S. Lazaro, S. João do Souto e Maximinos; para o sexo masculino S. Victor; e depois as ruraes em Adaufe, S. Paio de Arcos, Arentim, Crespos, Real, Lamações, S. Paio de Merelim (masculino e feminino), Padim da Graça, Palmeira, Parada, S. Julião de Passos, S. Pedro d'Este, Oliveira, Santo Estevão de Penso, S. Vicente de Penso (masculino e feminino), Sant'Anna de Vimieiro, Sequeira, Sobreposta, Tadim e Tenões.

O ensino particular encontra-se muito desenvolvido, devendo especialisar-se primeiro as aulas do Seminario para instrucção secundaria, e depois os collegios de S. Luiz Gonzaga, do Espirito Santo, e Academico para rapazes, e o da Virgem do Sameiro, do Coração de Maria (vulgo inglez), e o de Santa Anna para meninas.

A estatistica do crime apresenta no anno de 1880 os seguintes algarismos: Houve na comarca 136 crimes, sendo 21 contra a ordem, 67 contra pessoas e 48 contra a propriedade. Eram 191 os reus, sendo absolvidos 101 e condemnados 90 a penas correccionaes. Contavam-se entre elles 151 homens e 40 mulheres, e eram 113 da comarca, 75 de fóra, e 5 estrangeiros. Sabiam lêr 87 e eram analphabetos 104.

Depois d'estes dados, que se referem mais ou menos ao estado de adiantamento intellectual de um concelho, onde o espirito religioso tanto predomina, chegando mesmo a constituir um ramo da sua actividade commercial e um elemento importante da sua economia, nós temos que analysar sob outros aspectos a vida d'esse concelho para melhor ajuizarmos do seu valor e progressos.

Entre os muitos titulos de nobreza, com que se orgulha Braga, dois ha altamente sympathicos para o nosso criterio de homens novos; é um o de ter realisado a segunda exposição industrial que houve no reino, mercê da iniciativa do virtuoso prelado D. Fr. Caetano Brandão; é outro, quasi contemporaneo, de haver inaugurado, em 1863, as exposições agricolas no paiz, graças á perseverante vontade do actual ministro visconde de S. Januario, então governador civil do districto. Em um paiz que se diz essencialmente agricola e que o é na verdade, Braga, centro de uma região importantissima de producção, não podia melhor conquistar os laureis de triumpho e de gloria, que n'essa lucta em campo aberto a favor da civilisação e do progresso. Não é uma pura imagem de rhetorica a phrase em campo aberto, porque foi realmente no Campo de Santa Anna, e quasi ao ar livre, que se effectuou essa gloriosa exposição, a primeira verdadeiramente agricola. N'essa exhibição de productos do solo e de esforços em-

pregados pelo homem para vencer as forças da natureza, Braga teve o logar de honra, cabendo-lhe seis das nove medalhas de oiro e vinte e tres das noventa e seis de prata, que se distribuiram como premios.

Isto depõe a favor da sua importancia fabril e agricola, o que se confirma, aliás, com mais os seguintes dados:

Sob o primeiro ponto de vista, o fabril propriamente dito, elucidanos, ainda que imperfeitamente, o Relatorio do Inquerito industrial de 1881.

«A principal industria, diz-se ahi, é na cidade a dos chapeus de lã, fabricando-se de pello ou feltro em dois estabelecimentos. Os processos são em geral antigos e manuaes.»

Hoje, porém, o machinismo é aperfeiçoado e fabricam o que se faz de melhor. O leitor sabe que é tradicional a industria da chapellaria na cidade, dizendo até a cantiga:

Estudante bragante
Chapeu de alguidar, etc.

O Relatorio menciona duas d'essas fabricas, uma na rua de S. Vicente, do sr. José Rodrigues Veiga, que usava os processos primitivos (já hoje não existe); outra na rua de D. Pedro V, de José Baptista da Silva Taxa, que já então empregava uma machina de vapor da força de dez cavallos, e occupava cincoenta operarios. Este industrial tinha antes uma fabrica de chapeus de lã, sem motor a vapor, produzindo annualmente uns 30:000 chapeus. Hoje produz 80:000 e occupa cento e sessenta operarios.

Uma outra fabrica existe junto das margens do rio d'Este, perto da rua Nova de Santa Cruz. É de chapeus de pello e feltro, produz 80:000 por anno e emprega uns cem operarios. Foi fundada por uma sociedade denominada *Fabrica social Bracharense,* que depois falliu, sendo hoje a fabrica propriedade dos credores. Existem ainda mais fabricantes de chapeus de lã, sendo o principal o sr. Antonio José Cerqueira da Silva Braga, que produz uns 8:000. A maioria dos outros, que existe, constitue a pequena industria e quasi todos trabalham para o grande industrial Silva Taxa.

Na cadeia, antro immundo e deshonra da cidade, existe tambem uma fabrica de fundição, onde trabalham uns trinta presos. É propriedade de um particular, sob auctorisação do governo. Uma pequena nota a proposito da cadeia, pois que fallamos n'ella. Ainda ha oito annos existia em um seu recinto interior uma forca, cujos materiaes se encontram hoje no coberto da casa da estação de uma bomba, na alfandega velha.

Afóra a industria dos chapeus, o relatorio enumera na rua de Santa

Margarida um pequeno estabelecimento do sr. Pereira de Vasconcellos, onde se fabricam velludos e damascos de seda, e colchas de algodão; na rua do Souto outra fabrica de damascos, setins, nobrezas e tafetás do sr. José Joaquim de Oliveira, que occupa quatro operarios, subindo á fabricação annual de 30 a 40:000$000 réis; na rua do Coelho uma fabrica de sabão e vellas de cebo pertencente ao sr. Joaquim Maria Martins, que emprega oito homens e produz annualmente obra de 25:000$000 réis; na rua do Salvador a saboaria do sr. José Rufino, que emprega um unico operario e produz 6:000 kilogrammas por mez; no Rocio da rua de S. João uma fabrica de fundição que trabalhava pouco e hoje está extincta; no largo do Paço uma loja de ourives com officina annexa do sr. Venancio Rego, e, finalmente, em S. Paio de Merelim, a importante fabrica de papel de Ruães, dotada hoje dos mais aperfeiçoados machinismos e empregando então uns cento e quarenta operarios, sendo cincoenta e cinco homens, setenta mulheres e quinze menores, sob a direcção de um mestre inglez. O valor produzido era de 80 a 90:000$000 réis. A fabrica de papel de Ruães tem ultimamente estado fechada por causa de litigio entre herdeiros, mas uma nova empreza a arrematou já em hasta publica e vae tentar de novo a sua exploração, no que parece deve auferir lucros seguros, attento o baixo preço por que fez acquisição dos edificios e material existente, de primeira qualidade.

O relatorio não menciona, porque não existia ao tempo do inquerito, a fabriça de moagens e serraria a vapor de Rocha e Villaça, na rua da Cruz de Pedra, duas fundições de sinos na rua da Agua, e uma pequena fabrica de cerveja.

No que diz respeito á industria agricola, em tres ramos principaes póde dividir-se: a cerealifera, a vinicola e a pecuaria.

Os valores d'esta são computados no seguinte mappa:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	512	10:710$500
Muar	211	8:580$000
Asinino	313	1:595$400
Bovino	5:095	190:983$200
Lanar	3:823	1:479$010
Caprino	722	359$000
Suino	5:963	50:661$000
		264:368$110

«No concelho—escreve o intendente de pecuaria—predomina a recreação sobre a producção e creação proprias. O maior numero das crias aqui nascidas são abatidas ainda de leite, havendo o cuidado de crear as vitellas que promettam vir a ser boas vaccas de leite. Embora no recenseamento appareça grande numero de bois e vaccas da terra, o que é devido á ignorancia, a maior parte vem de Barroso para recrear, havendo tambem muito gado braguez, e muitissimo pouco gallego da terra. Tambem se importam bois para pensar e engordar, industria que se exerce em grande escala (hoje menos) e muito vantajosamente.»

A importancia cerealifera avalial-a-ha o leitor no mappa em que havemos de condensar todas as estatisticas analogas dos districtos. Quanto á vinicola, hoje bastante desenvolvida, diz o relatorio por vezes citado do sr. visconde de Villa Maior:

«Das cincoenta e tres freguezias ruraes apenas as informações officiaes mencionam cinco como mais productoras de vinho. São as de Ferreiros, S. Pedro d'Este, Dume, Tenões e Tadim.» «N'este concelho a vinha é de embarrado ou em uveiras, levantadas sobre os castanheiros e carvalhos. As castas de uvas predominantes são: o azal e o mourisco tinto, casta inteiramente differente da que tem o mesmo nome no Douro; o vinhão de tinta, o vinhão molle, a borraçal e a espadeira. As brancas são a loureiro, a marquezinha e o mourisco branco. A vindima faz-se no mez de setembro, antes da maturação completa e por isso os vinhos são extremamente verdes, exceptuando os de alguns proprietarios mais illustrados, que os fazem com mais perfeição, já porque vindimam mais tarde, já porque teem mais cuidado no fabrico. O vinho é ordinariamente feito em lagares de cantaria, sendo as uvas pisadas pelos homens, até que a grainha se aparte; deixa-se correr a fermentação e só se mergulha o cango duas vezes por dia com enxadas.

Quando a fermentação dá indicio de terminar pela descida do cango, considera-se o vinho prompto. Alguns dão ao vinho uma mais longa cortimenta no lagar. Envasilhado o vinho, deixam-o com o batoque aberto até ao S. Martinho, e então é que fecham hermeticamente as vasilhas. Só em janeiro é que se trasfega, mais com o intuito de fazer dissipar o cheiro do sulphydrico proveniente das uvas que foram enxofradas, do que de o preservar das futuras alterações.»

Na Exposição de Londres expoz vinhos o visconde de Montarial, tendo a força alcoolica de 11,3 e 11,2.

Estes os ramos principaes da sua cultura; entretanto não deve deixar de mencionar-se a sua grande producção de fructas, especialmente laranja, que exporta para o Porto e outras terras.

A sua abundancia agricola, e a facilidade de meios de transporte que ha hoje no concelho, fazem com que os mercados e feiras de Braga ás terças feiras sejam enormemente concorridos, e que a vida domestica se encontre ahi em condições de barateza, como em poucas terras acontece. O leitor póde avaliar pela seguinte nota dos preços correntes no mercado:

Trigo	640
Milho alvo	520
Centeio	400
Milho branco	350
» amarello	340
Cevada	440
Batatas	280
Feijão vermelho	700
» amarello	560
» branco	560
» rajado	400
» fradinho	400
Painço	360
Azeite (almude)	3$800
Vinho (pipa)	22$500

E por aqui fechamos a carteira dos nossos apontamentos sobre a vida economica, agricola e industrial de Braga, deixando ao leitor a indagação de todos os outros ramos da sua actividade, entre os quaes a religiosidade predomina, como é prova e symbolo o velho brazão de armas da cidade —escudo coroado tendo no meio a imagem da Virgem com o menino Jesus nos braços, collocada entre duas torres, e sobre a Virgem a mitra pontifical. Alguns accrescentam a esse brazão a legenda: *Insignia fidelis et antiquæ Bracharæ.*

CONCELHO DE BRAGA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Adaufe, *Santa Maria*	937	1:080	2:017	532 *(a*
Arentim, *O Salvador*	194	229	423	96 *(b*
Avelleda, *Santa Maria*	176	177	353	91 *(c*
Braga — Cividade, *S. Thiago*	562	948	1:510	397 *(d*
Braga — Gondisalves, *Santo André* [1]	108	153	261	62
Braga — Maximinos, *S. Pedro*	760	861	1:621	400 *(e*
Braga, *S. Jose de S. Lazaro*	1:770	2:301	4:071	1:012
Braga, *S. Victor*	2:512	3:284	5:796	1:159 *(f*
Braga — Sé, *Santa Maria Maior*	1:370	1:619	2:989	691
Braga — Souto, *S. João*	1:933	2:077	4:010	619 *(g*
Cabreiros, *S. Miguel*	325	334	659	160 *(h*
Celleiróz, *S. Lourenço*	309	346	655	157 *(i*
Crespos, *Santa Eulalia*	375	382	757	192 *(j*
Cunha, *S. Miguel*	195	242	437	115 *(k*
Dume, *S. Martinho*	827	836	1:663	392 *(l*
Escudeiros, *S. Pedro*	227	287	514	137 *(m*
Espinho, *S. Martinho*	141	160	301	69 *(n*
Esporões, *S. Thiago*	224	267	491	123 *(o*
Éste, *S. Mamede*	298	408	706	137 *(p*
Éste, *S. Pedro*	281	361	642	157 *(q*
Ferreiros, *Santa Maria*	468	449	917	223 *(r*
Figueiredo, *O Salvador*	139	182	321	76 *(s*
Fraião, *S. Thiago*	100	107	207	38 *(t*
Frossos, *S. Miguel*	314	387	701	145 *(u*
Gualtar, *S. Miguel*	228	236	464	103 *(v*
Guizande, *S. Miguel* [2]	78	94	172	41 *(x*
Lamaçães, *Santa Maria*	151	167	318	68 *(y*
Lamas, *Nossa Senhora do O* [3]	84	112	196	48 *(z*
Lomar, *S. Pedro*	266	277	543	135 *(aa*
Merelim, *S. Paio*	448	524	972	289 *(bb*
Merelim, *S. Pedro*	496	514	1:010	246 *(cc*
Mire de Tibães, *Santa Maria*	406	412	818	169 *(dd*
Morreira, *S. Miguel*	211	267	478	112 *(ee*
Navarra, *S. Lourenço*	160	219	379	84 *(ff*
Nogueira e Arcos, *S. João Baptista — S. Paio*	311	325	636	156 *(gg*
Nogueiró, *O Salvador*	172	188	360	100 *(hh*
Oliveira, *S. Pedro*	160	212	372	93 *(ii*
Padim da Graça, *Santo Adrião*	333	383	716	154 *(jj*
Palmeira, *Santa Maria*	978	1:062	2:040	496
Panoias, *Santa Maria*	340	360	700	148 *(kk*
Parada de Tibães, *S. Paio* [4]	150	168	318	63
Passos, *S. Julião*	209	222	431	88 *(ll*
Pedralva, *O Salvador*	255	336	591	131 *(mm*
Penso, *Santo Estevão*	113	145	258	68 *(nn*
Penso, *S. Vicente* [5]	133	148	281	62 *(oo*
Pousada, *S. Paio*	211	299	510	125 *(pp*
Priscos, *S. Thiago*	233	291	524	116 *(qq*
Real, *S. Jeronymo*	651	664	1:315	320 *(rr*
Ruilhe, *S. Paio*	177	196	373	108 *(ss*
Santa Lucrecia de Algeriz, *S. Thiago* [6]	209	261	470	105 *(tt*
Semelhe, *S. João Baptista*	155	176	331	74 *(uu*

(Continúa)

[1] Annexada civilmente á freguezia de *Maximino*.
[2] » » » de *Oliveira*.
[3] » » » de *Esporões*.
[4] » » » de *Semelhe*.
[5] » » » de *Penso* (Santo Estevão).
[6] » » » de *Crespos*.

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
(Continuação)				
Sequeira, *Santa Maria*	470	503	973	182 *vv*
Sobreposta, *Santa Maria*	186	204	390	106 *xx*
Thadim e Fradellos, *S. Bartholomeu*	226	301	527	140 *yy*
Tebosa, *O Salvador*	212	269	481	132 *zz*
Tenões, *Santa Eulalia* [1]	211	210	421	94 *aaa*
Trandeiras, *O Salvador* [2]	88	109	197	47 *bbb*
Villaça, *Santa Cecilia*	128	150	278	62 *ccc*
Vimieiro, *Santa Anna*	157	175	332	89 *ddd*
	23:541	27:656	51:197	11:735

a Comprehende esta freguezia os logares de Santa Maria de Adaufe, Assento, Pegada, Romil, Cedofeita, Eira Velha, S. João, Outeiro, Motta, Real, Outeiral, Fontella, Pinheirinho, Moinhos, Valle, Preza, Santo André, Ribeira de Baixo, Ribeira de Cima, Vinhaes, Pinheiro, Barreiro, Redondo, Estrada, Freire, Ferreiros, Valbeira, Cajam, Penella, Aldeia do Rio, Corgo, Avellar, Monteirinhos, Souto, e tres quintas sem nomes especiaes.

b Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Samoça, Souto Cachada, Real, Gondomar, Estrada, Pacelar, Ponte, Crasto, Costa, Cantareira.

c Comprehende esta freguezia os logares de Avelleda, Monte, Louredo, Gaião, Antoinha, Noval, Gundufe, Lage, Outeiro, Laranjeira, Marzagão, Capella, Torre, Egreja.

d Comprehende esta freguezia, alem da parte respectiva da cidade, os logares de Fujacal de Baixo, Fujacal de Cima, Abram e Urjaes.

e Comprehende esta freguezia, além da parte respectiva da cidade, os logares de Cruz da Pedra, Bico, Arrabalde, Edro, Abrão, Viega, Boxem, Orge, Falcao, Naia, Souto-Chão, Bonida, Penedo, Covas, Pereiras, Laranjeira, Portos, Fonte.

f Comprehende esta freguezia, além de pequena parte da cidade, os logares de Monte dos Arcos, Areal, Passos, Barreiros, Villar, Torneiros, Santa Tecla.

g Comprehende esta freguezia, além da parte respectiva da cidade, uma herdade no sitio de Porretas.

h Comprehende esta freguezia os logares de S. Miguel, Porto, Sacota, Corgas, Padrão, Nabiças, Alegrete, Villa Verde, Monte, Vieiros, Cachada, Paulinhos, Torre, Bica, Cabreiros, Montinho, Bouça.

i Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Trezeste, Lamela, Pontinha, Sub-Carreira, Lagarteira, Covello, Paço, Andrias, Cruz, Boavista, Covas de Cima, Covas de Baixo, Agrinha.

j Comprehende esta freguezia os logares de Quintas, Lameiro, Portas, Deveza, Barral, Chouzas, Soutos, Passo, Pousadella, Montinho, Salgueiro, Padrão, Além, Ribas, Villa Nova, Torrente, Enxido, Tomada, Boavista, Venda Nova, Barreiro, Souto da Cal, Berredo, Cortinhas, Cousso, Ribeira.

k Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Eiras, Longra, Fujaco, Bessada, Cal, Paço, Horta Nova, Quintaes, Portello, Carvalhinhas, Feira Nova, Boa Vista, Campo, Regueira, Figueiredo, Montinho, Costa, Souto, Frijão, Gondomar, Lama, Monte, Levegada.

l Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Cruzeiro, Monte, Carcamige, Remeilhe, Crasto e Ordem, Sarrão, Cabanas, Granja e Estrada, Cima de Villa, Cachada e Espessande, Gontijo, Lamas, Carvalhal, Traveças, Mouquim, Carvalhedo, Anteportas, Amil, Pinhel, Felgueiras, Sobre Moure, Fonte Carreira, Boucinha e Rego, Cacabellos.

m Comprehende esta freguezia os logares de Quinta, Outeiro, Longra, Hospital, Campo, Costa, Pousada, Quintã, Ferreira, Requeixo, Monte, Lourido, Carreiro, Tojal, Cobradas, Charneca, Formiga, Torneiros, Ançariz, Granja.

n Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Cachada, Pinheiro, Ribeirinho, Ribeira, Passos, Fontinha, Soutello, Outeiro, Pessenim, Latas, Costa, Dorna, Codeçal, Cruz.

o Comprehende esta freguezia os logares de Graciosa, Penedo, Conega, Carvalhal, Além do Rio, Pressal, Ribeiro, Aldeia, Além, Barbeito, Pedras, Barreiro, Agrellos, Zenha, Nogueiras, Barroca, Rio, Nogueiros.

p Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Batoca, Pregal, Passo, Xisto, Venda, Quintella, Villar, e a quinta da Egreja.

q Comprehende esta freguezia os logares de Picoto, Mouquim, Outeiro, Granja, Novainho, Linhares, Estrada, Areias, Bouça, Telhado, Monte, Seara, Egreja, e a herdade do Fojo.

r Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Naia, Cruzeiro, Tanque e Estrada, Deveza e Gandra, Pinheiro, Bairro, Ventosa, Boa Vista, Misericordia, Lubreu e Villar, Casal Novo e Quintella.

s Comprehende esta freguezia os logares de Assento, S. Miguel, Barro, Sobrado, Outeirinho, Pipe, Coruche, Passo.

t Comprehende esta freguezia os logares de Fraião, Egreja, Boucinha, Estrada, Boa Vista, Calvario de Cima, Calvario do Meio, Calvario de Baixo, Cortelhe, Quinta, Gandarella e Bretas, Gandra de Baixo e Gandra de Cima, Espadanedo, Passal, Valbom de Baixo e Valbom de Cima.

u Comprehende esta freguezia os logares de Frossos, Assento, Rua de Cima, Seara, Quintão, Feital, Formigueira, Quingostas, Outeiro, Bomfim, Formiga, Penedo, Lameira, Goia ou Goija, Rua da Ponte, Santo Antonio, Carreiro.

v Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Monte, Breias, Mourisca, Barreiro, Nobainho, Lage, Estrada, Barros, Friande, Deveza, Campos, Bouça, Nogueira, Carvalho, Pia, Pinheiral, Crespa, Arcella, e a quinta de Campos.

x Comprehende esta freguezia os logares de Pereiras, Bouça, Barrimau, Topo, Villa Pouca, Lage, Ribeiro, Boucinha, Cazal Mau, Souto, Cal, Egreja Velha.

y Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Bom Real, Torre, Via Cova, Arcellas, Passal, Servães, Outeiro, Outeiral, Groias, Bouças, Carreira, Congosta, Azenha, Eira-Vedra.

z Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Almoinha, Salgado, Santo Antonio, Cabrainha, Quintella.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Ponte Pedrinha, Mouta, Varziella, Muro, Boucinha, Estrada, Outeiro, Ventoso, Capella, Souto Noval, Bemposta, Costoias, Costa, Lavoris, Senhoris, Venda, Monte, Lages, Casal Novo, Bouça, Moinhos d'Alem, Fojoal, Residencia.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Padrão, Picoto, Monte, S. Roque, Agoeiros, Fonte, Roães, Bouça, Quintão, Deveza, Cruzeiro, Ponte, Calçada, Penedo, Estrada do Carmo, Outeiro, Gaindo, Samara.

cc Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Pateira, Bouças, Gerizes, Estrada, Felgueiras, Quinta, Cortinha, Goja, Ramôa, Germil, Gandarella, Salgueirinho, Coudos, Cruzinha, Estrada do Carmo, Castro-Mau, Nora, S. Braz.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Tibães, Cobo, Sobrado, Penellas, Agra, Fonte, Casa Nova, Rozende, Milhorado de Cima, Milhorado de Baixo, Barca d'Agua, Congostas, Barrosa, Assento, Seixido, Anjo, S. Gens, Engenho, Boa Vista.

ee Comprehende esta freguezia os logares de Morreira ou Villa Cova de Morreira, Residencia, Leitones, Casinhas, Torreilha, Cabo de Villa, Matta, Calvario, Egreja, Bouça da Cruz, Cruz de Soutella, Boa Vista, Villar, Soutellinho, Bouça dos

[1] Annexada civilmente á freguezia de *Gualtar*.
[2] » » » de *Morreira*.

Valles, Valles, Paço, Carregal, Campos, Resteva, Gaio, Portella, Rio, Jogo, Casas Novas, Outeirinho, Quintaes, Rossadas Naras, Alem.

ff Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Chousas, Bouça, Burgo, S. Lourenço, Carnide, Terreiro, Calvario, Cortelhal, Covela, Passadiço, Rego, Penedo, Esleral, Pardieiros, Salgueirinhos, Costa, Nogueira, Caniço.

gg Comprehende a freguezia de Nogueira os logares da Egreja, Pedra, Outeiro, Soutinho, Barral, Penellas, Rebordello e Fonte, Santo, Gandra, Cruzeiro, Agrello, Barra e Facha, Bairro, Villa Nova, Pregal; e a de Arcos os logares de Assento, Capella, Bouças, Cachada, Ribeirinho, Quinta, Laranjeira, Correia, Barros, Foz, Goixe, Outeiro.

hh Comprehende esta freguezia os logares de Dadim, Egreja, Gaião, Casaes, Cima de Villa, Scara, Gandra, Peixoto, Urjaes, Veiga, Lages, Egreja Velha, Ourado, e a quinta dos Orphãos.

ii Comprehende esta freguezia os logares de Oliveira, Outeiro, Termo, Pereiro, Varzea, Besseda, Senrella, Fulam, Assento.

jj Comprehende esta freguezia os logares de Custeira, Carvalhos, Cruzeiro, Ribeiro, Outeiro, Lousa, Veiga, Bairro, Nogueiredo, Gandra, Nossa Senhora da Graça, Eidos, Rua, Cruzinhas, Felgueiras, Mariz, Padim, Quinta do Senhor, Palheta, Monte.

kk Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Ribeiro, Couto, Gandarella, Mainha, S. Vicenço, Pontezinhas, Sobrado, Penellas, Boucinha, Agra-Fonte, Padrão, Assento.

ll Comprehende esta freguezia os logares de Passos, Porto, Villa Pouca, Monte, Outeiro, Carrascal, Egreja, Redondal, Figueira, Tomadia, Esmoriz, Ferreiro, Serra, Pedreira, Souto, Residencia, Fijó, Lardoeira, Torre, Balteiro.

mm Comprehende este freguezia os logares de Codeçosa, Rio Alvar, Outeiro, Ribeiro, Picos, Villa Nova, a quinta das Fijras, e uma herdade no Carvalho d'Este.

nn Comprehende esta freguezia os logares de Ribeiro, Feijoal, Souto-Chão, Soutinho, Deveza, Outeiro, Cidello, Boa Vista, Soutello, Manhoca, Outeiro da Bargiella, Barroca, Assento, Pardieiros.

oo Comprehende esta freguezia os logares de Penso, Cacabellos, Assento, Fonte, Lagôa, Pinheiro, Penas, Poça, Torneiros.

pp Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Gorgossa, S. Bartholomeu, Souto e Pereira, Orje e Salgueirinho, Passos, Antunhaes, Monte, Casa-Nova, Rechão, Ponte, Veiguinha, Mattinho, Avelleira e Lage, Lages, Cruz, Carreiros, Sá, Venda Nova, Quintão, Fontainhas, Penna, S. Martinho, Outeiro, Bouça.

qq Comprehende esta freguezia quatro logares maiores, abrangendo os menores seguintes, e um isolado:

Poros	*Logares*
S. Thomé	Moimenta Outeiro
Ossada	Casa Nova Azevedo Voca
Torre	Ribaçal Ramalhosa Pombal
Crasto	Ponte Varzea Souto
	Marco

rr Comprehende esta freguezia os logares de Real, S. Francisco, Assento, Pedrainho, Facha, Manteilhos, Fojo, Casa Nova, Rua da Ponte, Rua do Barco, Marmeleiro, Tourido, Capellas, Mante.

ss Comprehende esta freguezia os logares de Ruilhe, Bouça-Longa, Este, Villa, Carcavellos, Amarella, Monte, Ferreiro, Boucinha, Couto, Pecellar, Pinguellas, Egreja.

tt Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Juste, Jordão, Chãos e Monte de Chãos, Regadas, Costa e Possa, Ribas e Barroco, Garrida e Basto, Reigada, Quinta de S. Braz, Barrio, Soutinho e Oliveira, Casa Nova, Sapieiras, Monte de Castelhão, Castelhão e Pombal, Souto e Lourel, Quintella, Cazaco e Possolado, Eiró e Aldeia, Salgueiral, Monte, Bouça da Fonte, e tres quintas sem nomes especiaes.

uu Comprehende esta freguezia os logares de Souto, Ardegães, Outeiro, Monte, Albardeiro, Carvalhal, Mattas, Mainha, Barral, Quinta, Sandarão, Cancella, Valle de Flores, Santa Leocadia, Veiga.

vv Comprehende esta freguezia os logares de Gaiosa, Torre, Tras do Rio, Breia, S. Saturnino, Cruzeiro, Couço, Quintão Velho, Sá, Penaloente, Monte, Tomada, Boa Vista, Nogueira, Soutellinho, S. Paio, Extremo, Bouça de Lobo, Pinheiro, Pousada, Caldas, Marvilla, Ranhadouro, Assento, e as quintas de S. Paio e Sá.

xx Comprehende esta freguezia os logares de Assento ou Egreja, Vinha, Paço, Rego, Loureiro, Entre as Casas, Portoguediz, Regueiro, Banalares (ou Bassalares?), Olleiro, Lage, Requeixo, Pedrógos, Victoreira, Cachada, Outeiro, Monte.

yy Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Bairro, Quintares, Monte, Chasses, Barreiro.

zz Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Cadós, Riba, Olho, Deveza, Monte, Ramada, Calvario, Roças, Lazão, Vicainha, Padrão do Passo, Aboinha, Lameirinho, Vendas, Barreiros, Corredoura.

aaa Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Telhado, Bom Jesus, Arco, Crasto, Eira, Monte, Baixetes, Pousada, Nogueiras.

bbb Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Souto, Monte, Ruilhe, Outão, Barroca, Deveza, Varziella, Quintãs.

ccc Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Frade, Riba, Quebrada, Vinha, Aldonça, Saldouro, Geraz, Outeiro, Gallos, Covello, Louredo d'Além, Louredo do Meio, Louredo de Avelleda, Estrada, Quinta.

ddd Comprehende esta freguezia os logares de Residencia, Santa Cruz, Souto, Deveza, Talharinha, Bouça, Corujeira, Gaião, Gandra, Picoto, Pinheiro, Monte, Cachada e Bouça, Agra, Pertoa, Barreiro, Mosteiro, Celorios, Maceada, Estrada, Monte.

VILLA NOVA DE FAMALICÃO

Egreja de S. Thiago de Anta — Desenho do natural por João de Almeida

Se este concelho tão pittoresco do Minho não tivera outros titulos á sympathia dos estranhos, um só canto do seu territorio bastava — *o de S. Miguel de Seide* — para lhe abrir um logar de honra entre os nomes gravados a oiro pelo buril da historia. Luz brilhantissima e poderosa a do talento, que apezar de ter por missão illuminar o largo mar da consciencia, bate ainda em cheio no recesso humilde, onde o acaso quiz que esse pharol se levantasse. A grande individualidade de Camillo Castello Branco, á parte toda a exegese critica da sua obra, será para esse canto do Minho o que foi Herculano para Valle de Lobos, Flaubert para Croisset, Victor Hugo para Jersey ou Guernesey.

Todo o homem que um momento viveu, pela intelligencia ou pelo coração, na intimidade d'essa organisação litteraria tão opulenta e tão fecunda, não póde deixar de considerar sagrado para o seu espirito o pedaço de natureza onde soffreu e amou, onde trabalhou e sentiu o grande e genial escriptor. As arvores de S. Miguel de Seide teem de ser já agora como um altar druidico, sob cujas ramagens densas hão de ir escutar a palavra... ou a saudade... do mestre, aquelles que foram seus discipulos, ou aquelles, que não o sendo, commungam todavia na mesma religião das lettras. A alma do *sacerdos magnus* estará com todos, robusta, collossal, gigante; com o poeta e com o romancista, com o dramaturgo e com o critico, com o polemista e com o erudito, alma que illumina como um facho, e que a todos apparecerá vestida na tunica immaculada da sua pureza de dicção, da sua primorosa cinzeladura do verbo. As carvalheiras de Seide hão de segredar ao romeiro o porquê da fecundidade mysteriosa d'esse talento de gigante, e quando ellas o não saibam dizer, talvez que as montanhas do Minho expliquem a sua força, as cascatas dos rios as suas ironias, os arroyos dormentes os seus arroubos lyricos, a suavidade dos campos os seus periodos serenos, as ventanias do inverno as suas polemicas violentas.

Não pretendo fazer uma biographia, nem ao assumpto se presta a indole d'este livro; fallando do glorioso escriptor, eu quiz sómente illuminar com o brilho do seu nome o brazão da terra que se deve dar a si propria os parabens de o possuir, enaltecendo com Seide as suas glorias locaes. Creio um pouco, que entram na comprehensão d'este sentimento as ultimas vereações de Famalicão, e ainda não ha muito que os jornaes referiram, que se tinha dado o nome do grande escriptor ao da nova rua da villa, que liga a rua Formosa com a Direita. Bem pequena homenagem era na verdade, mas que se deve notar ainda assim, por significar o respeito que aos seus contemporaneos impõe um nome tão illustre.

E agora que o leitor sabe que S. Miguel de Seide é a mais preciosa joia do concelho, descrevamos a largo traço

VILLA NOVA DE FAMALICÃO

A nossa gravura de pagina deixa vêr, que a villa está orlada de campos arborisados, e situada em planicie vasta, e foi talvez encantado com a fertilidade do solo e a opulencia da vegetação, que D. Sancho I se determinou a povoar este chão até ahi deserto, e apenas cortado pela via romana, que se dirigia de Braga ao Porto. «Com esse intuito, no anno XX do seu reinado—diz o diccionario de Pinho Leal—e no dia I de julho de

1205 deu foral aos que haviam de povoar o seu reguengo de Villa Nova, segundo se lê em Viterbo, na palavra *Feira*.

Entre outras graças e privilegios concedeu D. Sancho aos futuros povoadores d'este seu reguengo uma feira quinzenal aos domingos e a mesma taxa das portagens que pagavam os de S. Pedro de Rates... «E mando—diz a traducção em vulgar do foral velho—que façaes ahi feira aos domingos de quinze em quinze dias e que pagueis de portagem o mesmo que se paga em S. Pedro de Rates. E todos os que vierem á dita feira não poderão ser presos n'esse dia por qualquer crime que n'ella commettam.»

Esta é, pois, a origem de Villa Nova de Famalicão, embora os tradicionalistas hajam inventado a lenda de um tal vendeiro *Famelião,* casado com uma creada dos condes de Barcellos, chamada Motta, que entre os annos de 1298 a 1578 houvera edificado a primeira casa n'este logar até ahi despovoado, estabelecendo uma venda, a que chamaram *venda nova de Famelião,* nome que depois de corrompido passou a ser *Villa Nova de Famalicão,* como os tradicionalistas—o abbade de Louro entre elles—querem que se escreva.

Ora não é de crer, que tendo D. Sancho I dado foral aos povoadores e estabelecido em solo tão fertil uma feira franca, onde passava a importante estrada que então havia do Porto a Braga, o logar se conservasse ermo durante uns noventa a trezentos e setenta annos. Ou deve pois considerar-se phantasiosa a lenda de Famelião vendeiro, ou a acreditar n'ella deve harmonisar-se com o facto da *povoação* de D. Sancho, suppondo-se que apezar de tão largo impulso a feira e o logar não prosperassem o preciso para constituir um nucleo de povoação e que só depois de estabelecido ahi o tal Famelião as condições de prosperidade se desenvolvessem; mesmo porque o argumento de chamarem venda nova á do homemsinho, indica por sem duvida que alguma havia *velha*.

De uma ou de outra fórma, é certo que nunca o logar progrediu por maneira que se podesse considerar uma terra de importancia e assim vêmos que em 1706 contava apenas 100 fogos, sendo então a séde do julgado de Vermoim pertencente á grande comarca de Barcellos, e tendo como justiças um juiz pedaneo que julgava sem appellação até á quantia de 400 réis, um escrivão sem notas, um almotacé e um meirinho. Continuava a sua feira quinzenal e tinha já uma annual para gados, no dia de S. Miguel. Em 1768 a população tinha crescido um pouco, pois era já de 156 fogos o seu recenseamento, e de então para nossos dias é que o vento da fortuna a engrandeceu, pois no censo de 1852 contava 284 fogos, no de 1878, 386 e hoje conta perto de 500.

Foi n'este seculo tambem e sob o reinado de D. Maria II, que a povoação se elevou á cathegoria de villa, o que se lê na carta de 10 de julho de 1841: «attendendo a que na Povoação de Famalicão concorrem as necessarias proporções para sustentar com dignidade o Titulo de Villa, tanto pelo seu commercio e subido numero de propriedades, como pela grandeza de seus Edificios, nos quaes ultimamente se tem feito consideraveis melhoramentos; e Tendo outro sim attenção á lealdade que distingue os seus habitantes, Hei por bem... fique erecta em Villa, denominando-se Villa Nova de Famalicão...», nome de que sempre usára.

Vê-se, pois, que apezar dos privilegios e franquias, da belleza do local e da sua vantajosa situação topographica, a povoação não experimentou largo desenvolvimento senão em nossos dias, podendo datar-se a sua florescencia de 1835 e, mais particularmente, desde que se abriu á circulação a estrada macadamisada do Porto a Braga.

Até 1835 a povoação era pequena e triste, e as suas ruas e largos eram apenas os seguintes: *rua da Egreja,* um bocado da rua de *Santo Antonio,* o *Terreiro,* hoje Praça da Motta, o beco das Laranjeiras, rua Direita, a viella dos Enchidos, largo da Lapa, largo da Cruz Velha, e Campo da Feira, muito menos espaçoso do que hoje e apenas com algumas barracas de madeira cobertas de colmo para os feirantes, que ahi vinham de quinze em quinze dias, e nas grandes feiras de anno a 8 de maio e 29 de setembro. Hoje as feiras são semanaes, e muito concorridas, todas as quartas feiras, existindo tambem as annuaes, que duram dois dias.

Data de 1835 a creação do concelho e comarca de Famalicão, e o funccionamento da sua primeira camara municipal, cujo presidente foi o dr. Antonio Ribeiro de Queiroz Moreira, da nobre casa do Vinhal.

A grande arteria de circulação aberta entre as duas primeiras cidades do Minho fez de Villa Nova ponto forçado de transito, e logo na rua-estrada, hoje denominada *Formosa,* se principiaram a construir predios elegantes e luxuosos, que deram á povoação o aspecto de belleza que póde vêr-se na gravura respectiva. A prosperidade de Famalicão augmentou por isso durante todo o periodo da actividade das diligencias, e, quando o caminho de ferro silvou na gare proxima, ella estava já prompta para receber essa gloriosa conquista do seculo XIX. É possivel que os elementos de prosperidade local se ressentissem no primeiro momento, mas é certo tambem que o seu progredir não estacionou, e um grande elemento veiu a proposito — o dinheiro do Brazil — para sustentar o desenvolvimento de Villa Nova. Encontram-se na povoação edificios particulares, luxuosos, e sabe-se que é o capital dos nossos compatriotas vindos do Brazil quem tem promovido pela maior parte essas construcções dispendio-

VILLA NOVA DE FAMALICÃO: VISTA GERAL — *Desenho do natural por João de Almeida*

sas, entre as quaes deve citar-se o bello palacio do ex.mo barão da Trovisqueira, não só por ser um dos mais sumptuosos como edificio, mas por n'elle terem sido bizarramente hospedados D. Pedro V em agosto de 1861 e suas magestades D. Luiz e D. Maria Pia em novembro de 1863.

O auctor d'este livro aproveita tambem n'este momento o ensejo para agradecer a cordeal hospitalidade, que ahi recebeu de tão distincta familia, em uma das excursões que o levaram a visitar o concelho, e por tão amavel recepção protesta o seu mais fundo reconhecimento.

Dos edificios publicos o mais notavel é o dos Paços do concelho e Tribunal, cuja construcção principiou em 1877 e terminou em 1881, sendo o seu custo de 28:499$550 réis, incluindo 2:400$000 réis do custo do terreno; a nossa gravura dá uma idéa exacta do seu exterior, dispensando por isso qualquer descripção minuciosa, e para a completar basta dizer sómente, que o edificio está magnificamente situado, descobrindo-se das suas janellas e varandas um horisonte formosissimo. No interior, salvo o grande defeito de construcção da escada nobre, todos os recintos são amplos e bem dispostos, merecendo especial menção a sala das sessões da camara e a das audiencias do tribunal.

Depois dos Paços do concelho deve o leitor visitar o hospital de S. João de Deus, situado no pittoresco largo da Lapa, edificio elegante e vasto, apezar de estar ainda incompleto. A instituição primitiva, fundação da *Associação das Filhas de Maria,* esteve provisoriamente em uma casa da rua Direita, fazendo essa associação entrega a uma commissão administrativa em 22 de dezembro de 1870. Quatro annos depois instituiu-se a *Irmandade da Misericordia* e no dia 13 de julho de 1874 foram abertos os fundamentos do novo hospital, lançando-se a pedra fundamental com grande solemnidade em 25 de outubro do mesmo anno. Proseguiram as obras com actividade, e a inauguração do hospital fez-se solemnemente a 29 de outubro de 1878, mudando-se então para o novo edificio os doentes, que estavam na casa da rua Direita.

Uma nova festa teve logar em outubro de 1881, e foi essa a da inauguração dos retratos dos dois cidadãos, que mais se distinguiram entre os fundadores do novo hospital, Francisco Ignacio Tinoco de Sousa, 1.º provedor, e José Constantino Pereira de Azevedo, 1.º thesoureiro da irmandade. Celebrou de pontifical — *o primeiro de que ha memoria n'esta villa* — o actual arcebispo de Mytilene, e depois de feita solemnemente a inauguração dos retratos, houve lauto banquete offerecido a todos os convidados pelo dignissimo representante da casa do Vinhal o provedor José de Azevedo Menezes Cardoso Barreto.

Os fundos da casa eram, no fim de 1884, 30:500$000 réis (valor

nominal) e o movimento clinico de cento e vinte doentes por anno. Contigua ao hospital vê-se a capella da Lapa, onde funcciona a irmandade da Misericordia, por emprestimo, visto que ella pertence á junta de parochia, pensando porém a Misericordia em adquiril-a para a restaurar e ampliar.

Se o leitor quizer continuar na visita dos templos, que na villa existem, deve principiar pela *actual* matriz, situada na Praça da Motta, nome, vá desde já a explicação, que os tradicionalistas dizem commemorar o da mulher do tal Famelião vendeiro, ou porque os habitantes—diz o abbade de Louro, Domingos J. Pereira, na sua *Memoria historica*—se lembrassem talvez de que Motta ahi plantára um carvalho, que se chamava o carvalho da Motta, ou porque—continua enthusiasmado com a lenda—se a Famelião deve o nome a villa, tambem Motta era digna de eterna memoria, pois se Famelião é o Adão de Villa Nova, Motta é a sua Eva—conclue o abbade lembrando o Genesis.

Ora pois que a explicação está dada por conta do abbade de Louro, entremos na matriz que eu disse *actual,* por constar de antigos documentos, que a primitiva fôra a capella de Santo Adrião, que é hoje ainda o padroeiro da villa. Mas porque esta ficasse um tanto afastada do logar de Villa Nova, onde haviam crescido os freguezes, foi resolvido—em 1586—por licenças do prelado diocesano, *que se collocasse pia baptismal na ermida de Santa Maria Magdalena,* que é hoje a egreja parochial do largo da Motta, não ella só, deve dizer-se, mas juntamente com uma outra ermida, que já em 1540 existia no mesmo local.

A matriz representa, pois, a fusão das duas capellas e isto explica as irregularidades de architectura que ahi se notam, vindo a corresponder cada uma porta da frontaria e cada uma nave do interior a cada uma das capellas referidas, que entre si foram ligadas por arcos abertos nas paredes divisorias e outros elementos de restauração.

Em 1702 e 1703 fizeram-se os dois córos das duas naves e construiu-se a torre para os sinos no lado norte, que era o correspondente á ermida de Santa Maria Magdalena.

A capella do lado sul, dedicada ao Santissimo Sacramento, foi em 1540 feita pelos habitantes d'este logar e dos visinhos, por iniciativa de Rodrigo Annes, ao lado da capella de Santa Maria Magdalena—*que poucos annos antes tinha passado a ser egreja parochial*—escreve talvez erradamente o abbade de Louro, porque parece que ella só o foi com licença do prelado em 1586, por estar bastante distanciada a capella de Santo Adrião. A não ser assim, póde suppôr-se tambem, e dados ha para o suspeitar, que ambas as capellas fossem realmente sédes parochiaes distinctas, annexando-se antes de 1540 a da Magdalena á de Santo Adrião, e

desannexando-se de novo em 1586 por causa da necessidade já referida. O que é positivo é que, afastada a questão chronologica, ambas foram matrizes, e d'essa duplicidade resulta poder ainda hoje o parocho exercer indistinctamente em ambas o seu ministerio.

A egreja matriz com o addicionamento da capella do Santissimo mede ao todo 10 metros de largura, 7,70 de altura e 28 de comprimento. Tem

Rua Formosa — Desenho do natural por João de Almeida

seis altares: Senhora das Dores, Santissimo Sacramento, Senhora do Rosario, Archanjo S. Miguel, Chagas e Senhor *Ecce Homo*. A festa que ahi se faz com mais luzimento é a do *mez do rosario;* entretanto não deixam os outros santos ou santas de ter a sua devoção particular, e, para prova, ahi está a imagem de Santa Martha rodeada das loiras meadas ou estrigas de linho, presente que se justifica, para que o bicho não dê no fiado, pois se tal acontecera, caso era em que podia bem dizer-se: *lá vae tudo quanto Martha fiou.*

Na parochia existem mais as seguintes capellas, algumas d'ellas dignas de uma visita, embora rapida: — *S. Vicente,* no logar da Bandeirinha,

ermida feita ha poucos annos e que tem festa annual; *Nossa Senhora da Lapa,* contigua ao hospital, como já dissemos, e *Santo Antonio,* no campo da Feira, com grande festividade em 13 de junho. O orago d'esta capella era antigamente S. Ivo, mas já em 1696 ahi se venerava Santo Antonio; n'ella se instituiu por devoção do abbade da villa, Manuel Rebello de Sousa, a Ordem Terceira de S. Francisco, sendo a sua primeira obediencia aos franciscanos de Villa do Conde, da qual em 1707 se desligou, passando a prestar obediencia ao convento da Franqueira. Uma curiosidade d'esta congregação, é a de usarem habito preto, excepção de todos os irmãos terceiros, cujo habito é côr de saragoça. A excepção origina-se em usarem a mesma côr os frades de Villa do Conde, a quem primeiro a ordem prestou obediencia.

Uma outra capella existe proximo da villa, e tem o leitor occasião de a vêr, se na ida ou na volta da estação, passando pela Avenida do Barão da Trovisqueira, quizer parar um pouco no cemiterio publico, onde ella existe. Mas, ainda que os cemiterios indiquem ordinariamente o grau de civilisação de uma terra qualquer, eu creio que o meu amigo ha de preferir a companhia dos vivos á dos mortos, e por isso o levo á primeira hospedaria da terra, o *Hotel Villanovense,* onde pelo *menu* e pelo serviço se póde por egual, senão melhor, avaliar do valor de uma povoação.

Pois fomos bem servidos e com aceio:—*hurrah* pelo Villanovense—mas isto de fórma que não vão dizer á *Carolina* ou ao *Leonardo,* outros dois hospedeiros da terra, que a nossa saudação indica menospreso para as suas casas de hospedagem.

Depois de jantar, se o meu amigo preferir tomar o seu café fóra do hotel, tem o *Gato de Ouro* á mão, ou o antigo *Saldanha,* hoje *União,* onde o servem tão promptamente quanto os titulos das taboletas indicam. Nas feiras de anno ha um bocadito de *monte* ou de *roleta*... Adiante, *vista grossa,* que nós não somos menos que a auctoridade.

Mas depois do café, é difficil que eu indique ao leitor em que entreter o tempo, porque está visto o que ha de mais importante na terra, e o paraizo de Famelião e Motta não teve antes do ditoso par, como todos os paraizos que se prezam, historia que mereça a pena referir-se. É certo que os archeologos fallam de uns marcos milliarios, dizendo o sabio allemão Hübner que em Famalicão existia o oitavo e o duodecimo de Adriano. Mas para que fallar em taes columnas, se uma d'ellas já em 1734 estava reduzida a um poste bem esquadreado pelo bello pico do pedreiro, sendo mais tarde mettida nos alicerces de um muro, e outra teve modernamente o mesmo fim!

Tambem não podemos fallar de pelourinhos ou de outros monumen-

tos, por não constar da sua existencia na villa. Espremendo a valer o limão da historia antiga apenas sahe a pevide de um *consta,* referido a um edificio denominado *Paço e Casa do Foral,* que os condes de Barcellos tiveram na Praça da Motta, onde ainda o apresentam como tal, embora depois de... restaurado. Ha todavia ainda em Famalicão, quem se lembre d'algumas das disposições d'esse edificio.

Mas a valer preferimos o paraizo de Adão e Eva da venda nova, porque póde ao menos a imaginação ir ao encontro das selvas povoadas de caça, dos rios de agua crystallina, das florestas virgens, da campina extensa, das grandes arvores a cuja sombra por ventura acampou alguma legião romana, que seguia de Cale para Brachara.

E, Deus meu, apezar de eu não ter muita sympathia pelo tal Famelião, nem ser positivamente um Adão a quem Eva offereça o pomo da sciencia, cá está comigo o demonio incubo da tentação a dizer-me que vá, que vá admirar este paraizo.

Se ha alguem que resista a este segredar insidioso!

Quanto a mim, o erro maior de nosso pae Adão (que me desculpem agora os anthropoides e os sabios), não foi provar o pomo, foi demorar-lhe a prova. Para o não imitar, meu amigo, tomemos o meio mais facil de transporte e vamos por essas estradas fóra percorrer as aleas d'este jardim formoso, antes que Jehovah desperte e nos expulse do eden... de Famalicão, para os trabalhos do capitulo immediato.

*
* *

Ora o meio mais facil de transporte, apezar das estradas e vias ferreas do concelho, é o cavallo de alquilador, a cujo sellim e manhas tem um bom christão e mau cavalleiro de confiar-se, quando queira conhecer a zona sul-oriente das terras de Famalicão. O leitor vae por isso entender-se com a Carlota, ou com outro alquilador da villa, e monta em um rocinante com todas as manhas do officio, mas com todos os bons costumes tambem, e, por isso mesmo, tão capaz de lhe aturar uma jornada de quarenta kilometros por caminhos inviós, como de lhe quebrar as costellas na primeira encruzilhada, ou de lhe dar pelo menos a sua dentadasita no fato, á conta de melhor pelle.

O meu amigo Joaquim Trovisqueira, que teve a amabilidade de me fazer companhia na excursão que vou narrar, póde por si e pela flanella da sua calça testemunhar do que a respeito de costumes disse a alimaria da Carlota, quanto á segunda hypothese.

Mas, por S. Thiago, que sendo nós ambos christãos e cavalleiros, não era esse o perigo que mais nos intimidava, e sim a ignorancia do caminho que tinhamos a seguir, querendo marchar a Seide, que era para nós uma visita de honra e de respeito, ao mesmo tempo que de gratidão para com o eminente critico. Depois desejavamos approximar-nos do Ave tanto quanto possivel, para, rodeando o concelho por nascente, vir tomar a estrada de Guimarães nas alturas de Joanne.

Ora um *precioso* guia, que arranjámos *ad hoc,* veiu tirar-nos de embaraços, e até á egreja de *S. THIAGO D'ANTAS,* cuja fachada gothica a nossa gravura reproduz, maravilhosa foi a jornada. D'ahi nos fez elle admirar o ridentissimo valle, em que assenta Famalicão e ahi nos contou a sua facundia de homem pratico ser a egreja coisa muito antiga e uma das melhores do reino, quanto aos rendimentos parochiaes. O homem não disse que o nome de *antas* vinha de origem celta, mas era muito capaz de o dizer, como, se o soubesse, diria que o templo fôra antigamente mosteiro de templarios, passando depois da suppressão da ordem a ser propriedade dos Maias, dos quaes passou aos marquezes de Fontes. Nada de notavel, nem mesmo o cunho antigo, existe no interior da egreja, em virtude das reconstrucções que tem experimentado.

E depois do que sabia e disse de S. Thiago d'Antas e de nos ter mostrado sobre uma collina, á esquerda, a egreja remoçada de *REQUIÃO,* dominando um vallesito intensamente cultivado, o guia — que delicioso companheiro — não sabia mais nada; bom foi assim, para confiarmos no instincto, e podermos deixar ao lado a capella de *S. PAIO DE SEIDE,* indo por assombreados caminhos até ao adro de *S. MIGUEL DE SEIDE,* cuja modesta egreja, reedificada ha alguns annos a expensas do fallecido negociante do Rio de Janeiro, Joaquim José de Sousa Guimarães, fica mesmo em frente do portão da casa e quinta, em que reside o grande escriptor Camillo Castello Branco, visconde de Corrêa Botelho.

Consta de uma inscripção aberta em marmore e collocada sobre a padieira da porta principal da egreja essa benemerencia do filho de Seide; mas, se o leitor um dia fôr a S. Miguel, póde reparar em uma outra inscripção gravada a prego e masso no granito, que se vê um pouco acima, e na qual se rememora o nome de Malbario. Era este o mestre pedreiro da obra, e, como a historia da epigraphe foi contada nos *Echos Humoristicos do Minho* em carta escripta ao *Cruzeiro* por Camillo, muito a proposito vem o ensejo de conhecer mais um trecho delicioso do eminente escriptor:

«Legou Sousa Guimarães dez contos de réis, fracos, para a reedificação da mesquinha egreja em que fôra baptisado.

Fez-se um templo tosco á proporção da intelligencia do mestre pedreiro, que a junta de parochia foi buscar á construcção d'uns socalcos.

O pedreiro chama-se *Malvario,* quasi um nome de architecto italiano, se lhe tirarem a letra final, que lhe estraga o nome.

Sobre a porta frontal do templo embutiu o alvenel uma pedra oblonga com uns caracteres que eu, muito myope e nada epigraphista, não pude perceber sem consultar sujeitos de longa mira.

Famalicão: Capella de Santo Antonio — Desenho do natural por João de Almeida

Cuidava eu que a inscripção fosse o nome do edificador, do filho de S. Miguel de Seide, que dera uma casa renovada ás imagens de Jesus e da Virgem, que sua mãe, em menino, lhe ensinára a adorar com as mãos postas. Achava eu que o pensamento de esculpir ali o nome de Sousa Guimarães seria digna e religiosa homenagem prestada á sua memoria, uma recommendação de reconhecimento ás gerações provindouras, que teem d'ali entrar nas faxas infantis, nas galas do noivado, ou no reclinatorio tremulo do esquife.

Pedi, portanto, que me trasladassem a legenda, para eu a pôr como epigraphe d'um artigo inspirado pela idéa primorosa da junta de parochia ou do mestre pedreiro, a quem eu tencionava chamar o architecto *Malvari,* tirando-lhe o *o,* sem desaire do sr. conselheiro Possidonio, que tem

um nome muito de pedreiro, e muito pouco de architecto, diga-se a verdade. Ora, a copia que me trouxeram diz assim:

S. Miguel de Seide.
O. M. A. Malbari-
o A. D. 1879.

Como vêem, o nome do pedreiro, esculpido na fachada do templo, substituiu o do reedificador. De Joaquim José de Sousa Guimarães não haverá confusa memoria, ao passo que pelas edades fóra o nome de Malvario ficará perpetuado com mais evidente gloria, que o nome dos problematicos architectos dos grandes monumentos nacionaes. No mosteiro da Batalha não se nos deparam os nomes de Affonso Domingues, de Fernão d'Evora, de Mestre Ouguet e de Martim Vasques; ninguem viu o nome de João de Castilho, de Botaca em Belem e Thomar. De Diogo de Torraval apenas conheço no templo dos Jeronymos uma cabeça esculpida em um fuste, que dizem ser a d'elle; mas não ousou escrever o nome. No mosteiro de Alcobaça ninguem lê o nome de Domingos Domingues. Dos grandes mestres de architectura nacional apenas promette immortalidade mestre Alvario ou Albario, como elle se remette aos pósteros, aberto em pedra a prego e masso na frontaria de S. Miguel de Seide. Eu, em um grande impeto de indignação, e respeito á memoria de Sousa Guimarães, pedi á junta de parochia que mandasse picar aquella nodoa infamante. A junta, coçando-se na caspa da sua cabeça cornea, respondeu que não picava nada; e eu, quando encontrar o pedreiro, pago-lhe meio dia, doze vintens, para que elle na cabeça da junta abra a picão um *Malbario.*» [1]

Era nosso intuito, como dissemos já, visitar na sua residencia de Seide o grande escriptor portuguez. Fomos infelizes, porém, na opportunidade do momento, porque horrorosa houvera sido a noite da vespera, passada entre a crucificação das nevralgias e da insomnia, e á hora em que batemos ao portão de Seide um somno reparador viera cerrar momentaneamente as palpebras do glorioso enfermo.

Seguimos, pois, com magoa o nosso caminho, e ao leitor que deseje conhecer o que póde interessal-o mais vivamente de Seide, indicamos um livrinho de Alberto Pimentel impresso em 1885, e que tem por titulo *Uma visita ao primeiro romancista portuguez em S. Miguel de Seide.*

Confinando por um lado com esta freguezia, pelo outro com S. Thiago

[1] Dizem-me que um herdeiro do finado Guimarães mandára abrir em marmore o nome do bemfeitor para enquadrar a pedra na padieira da porta, por baixo do nome do pedreiro. Ao menos que o respeito da posteridade se reparta por ambos.

d'Antas, fica-nos sobre a direita *SANTA MARIA DE ABBADE DE VERMOIM,* terra cuja visita dispensamos por nada offerecer de notavel, assim como no claro-escuro das suas sombras frescas deixamos *LAGOA,* de que só a aldeia de Prazins nos apparece como ponto interessante, por haver do seu nome nascido o titulo de um romance de Camillo, intitulado *A Brazileirade Prazins.* Isto digo, sem mathematica certeza, porque uma outra Prazins existe em *AVIDOS,* freguezia proxima da Lagoa, e de *LANDIM*—tambem se dizia *Nandim* e primitivamente *Mardim*—terra por sua vez celebrada com aquellas paginas encantadoras do *Cego de Landim,* da collecção «Novellas do Minho», do fecundo romancista. Por estas ligeiras noticias vê o leitor, que vamos atravessando os dominios romanticos do visconde de Corrêa Botelho, e fazendo reviver na doce photosphera da recordação os typos observados ahi pelo escriptor, e reproduzidos na téla viva da creação artistica pelo poder intuitivo do genio. Observados ahi, disse, e com fundamento, porque só a observação do natural póde fazer crear os typos tão flagrantes de verdade, tão vivos, tão carne e osso, que se encontram nos ultimos livros de Camillo.

Ha mais, porém; em novembro de 1885, se me não falha a memoria, dizia um correspondente de Famalicão para o *Commercio Portuguez:* «Morreu ha poucas semanas um velho e abastado proprietario da freguezia de Landim, conhecido ali e nas redondezas pelo *Araujo,* ou *brazileiro do Pregal,* que regressando ha bastantes annos do Brazil, empregou toda a sua fortuna em propriedades. Se era notavel pela sua refinada economia e por usar de monoculo (o que nas aldeias é caso), não o foi menos por ser, segundo se diz e parece, o typo d'aquelle Feliciano, que o grande romancista Camillo Castello Branco celebrou no seu chistosissimo romance *A Brazileira de Prazins.* Com effeito Araujo tinha todos os pontos de contacto, quer no physico, quer no moral, com o imaginario Feliciano. Morava perto do logar de Prazins; sua mulher, hoje viuva, Leonor Machado de Araujo, era sua sobrinha; mais tarde ficára mentecapta com algumas intermittencias lucidas e até tivera e tem bastantes filhos, aquelles que pouco mais ou menos Camillo attribue á historica brazileira, etc.»

Aqui tem o leitor comprovada a minha asserção, e já agora, que deixamos ao lado da calçada das Mesuras o velho mosteiro e cêrca dos frades de Landim, hoje residencia do ex.^{mo} commendador Antonio Vicente de Carvalho, descancemos um pouco no largo do Carvalhal ao pé da triplice capella de S. Braz, dos Passos e do Senhor das Chagas, Senhor que a tradição local diz ter livrado este reino de Portugal e dos Algarves de muitas coisas ruins, facto que abala um pouco a minha orthodoxia. Pois n'este rumoroso carvalhal celebra-se de anno a anno a grande feira da

Candelaria, no dia 3 de fevereiro, dia em que revive para Landim o brilho das suas antigas opulencias de villa e couto privilegiado.

O convento de Landim, que notamos de passagem, foi, segundo a opinião mais plausivel, fundado e dotado em 1096 pelo conde D. Rodrigo Forjaz de Transtamara, embora outros pensem que o fosse pelo senhor do couto de Palmeira, D. Gonçalo Rodrigues, o qual, e seus filhos, doaram ao mosteiro o couto de Landim. Do *Livro dos Obitos* d'este mosteiro consta, que foi seu commendatario e reedificador D. Miguel da Silva, cardeal-bispo de Vizeu, fallecido em Roma em 1556. Tinha o couto titulo de condado e como tal o tratava D. Affonso IV, privilegio que D. João I conservou. Era o seu prior ouvidor-mór e quem regulava na grande feira de anno os preços, por que deviam vender-se os generos ahi expostos. Em 1562 foi este convento unido ao de Santa Cruz de Coimbra.

Nada offerece hoje de interessante a sua egreja, que serve de matriz, e apenas ha para mencionar, pelo valor das tradições piedosas, a pequena imagem de Nossa Senhora da Basta, ou de Landim, que se diz ter existido em uma ermida mais antiga que o mosteiro, e ser pelos conegos transferida para ahi por estar a capella arruinada. Na freguezia foi o solar dos Landins, nome que uns genealogistas fazem descender dos Landins de Inglaterra, outros dos de Palencia, e outros ainda pensam ter origem no proprio nome do couto. Mas isso é lá com os especialistas da materia e não comnosco, mais dispostos a aproveitar o lanço de estrada nova que segue até Delães, do que a esfarellar geneses armoriadas de cabeças de leão em campo de prata.

Seguindo, pois, essa estrada, breve se nos depara, á esquerda, no alto de uma collina agricultada, a humilissima egreja de *BENTE,* terra que foi de boas castanhas, no tempo em que a molestia não tinha ainda atacado os castanheiros.

Passando junto á capella de Santa Anna e encontrando depois o oratorio do Senhor do Monte e capella dos Afflictos, estamos em terreno de *S. THIAGO DA CARREIRA,* que vêmos situada em planicie deliciosa, junto da margem direita do Ave.

Ouve-se da estrada silvar a locomotiva na linha de Guimarães, e percebe-se que o soluçar agudo do gigante vae esmorecendo, como se tivera de parar ahi para dizer das suas queixas á natureza amoravel. E realmente a proxima estação de *Caniços,* logar pertencente á freguezia de *BAIRROS E SANFINS,* recebe-o com tão poetico sorriso, que, se elle tivesse alma, esse Titan de pulmões de aço, ficaria por certo na sua pequenina gare a contemplar com ella a confluencia dos dois rios, Vizella e Ave, paysagem tocada de uma ligeira melancholia alpestre, tão linda, tão

original, que a ninguem ha que não seduza, quando percorre essa linha. Do outro lado do rio, acantoada na cunha de terreno que fica entre o Vizella e o Ave, uma outra freguezia de Famalicão existe, *S. MIGUEL DAS AVES,* á qual pertence a estação da via ferrea, chamada *Negrellos*. O nome das Aves parece provir do nome dos dois rios, visto que ao Vizella se chamou antigamente Ave pequeno, ou Avicella. Esta freguezia de Entre-ambas-as-Aves, á qual estão annexas *S. ROMÃO* e *SOBRADO,* é atravessada em toda a sua extensão pela via ferrea de Guimarães e pela estrada que vae d'esta cidade a Santo Thyrso.

Como o leitor já percorreu comnosco parte d'essa formosa linha ferrea e estradas, por isso nos dispensamos de torcer caminho para ir agora lá, julgando que estas ligeiras informações, dadas ao ouvir silvar a locomotiva que vae perto da nova estrada de Delães, bastam para elucidar o meu amigo.

Breve a estrada termina e encontra-se a gente em *DELÃES,* cujo adro parochial se vê ao lado, rodeado de annosas oliveiras. No largo principal da terra, plantado de carvalheiras viçosas, encontra-se a mercearia e a botica, e, oh! progresso, até o ruido da machina de Singer chega aos nossos ouvidos, cozendo velozmente uns sapatos de couro de Guimarães. É tradição, diz Pinho Leal, que houve aqui, em eras remotas, um convento de freiras benedictinas, de que hoje não ha signaes; e consta da mesma via, que no alto do monte, onde se observam ainda vestigios de povoação, existira uma cidade, cujo nome se ignora e que foi arrasada com as guerras da edade media.

N'esta freguezia de Delães, a que de ha muito anda annexa a de *S. Matheus de Oliveira,* foi o solar dos Novaes, procedentes de D. Pedro Novaes, o Velho, fidalgo pobre, que veiu da Galliza tentar fortuna a Portugal, onde lhe aconteceu ficar logo captivo dos mouros, que o levaram para a Africa. Arranjou por lá dinheiro de emprestimo com que se resgatar, e como não tinha com que pagar a divida contrahida, lembrou-se da renda de pedir, em que até hoje ninguem perdeu, e tanto juntou de esmolas, que não só pagou o seu compromisso, como ainda lhe sobrou dinheiro para negociar em trigo, com o commercio do qual muito enriqueceu. D. Sancho I fez este Novaes alcaide-mór de Villa Nova de Cerveira.

Conhecida a historia de Delães, deixamos o logar, onde todas as quintas feiras ha mercado, e vamos atravessar o rio na ponte de Santa Anna para travar relações com *RIBA D'AVE,* uma das mais bem situadas freguezias do concelho, quanto ao pittoresco da posição.

Estendendo-se sobre uma corda de montanha, poeticamente accidentada, a freguezia corre de sul a norte sobre o rio, e por isso é, o que ra-

ras vezes acontece, bem justificado o seu nome. A egreja parochial domina para o norte o valle extenso, em que vae desdobrar-se todo um encadeamento de collinas, onde assentam os densos povoados limitrophes dos dois concelhos ds Famalicão e Guimarães. Mas, se o panorama rasgado e luminoso nos seduz, a belleza silvestre das margens do Ave n'estes pontos, aliás quasi sem horisonte, enleia-nos de tal modo, que é difficil sahir d'ahi sem uma commoção vaga no espirito, tal como se ouviramos contar, quando creanças, a lenda mysteriosa das mouras encantadas.

Que paysagem deliciosa não é a da ponte de Santa Anna e como essa, quantas egualmente lindas a cada volta da corrente!

E todavia não pense o leitor que o Ave tem ahi a gentileza risonha, que se lhe observa mais proximo da foz; pelo contrario, uma *nuance* de tristeza, um toque ligeiro de melancholia parece envolver os trechos d'este perfumado idyllio, entre a agua que vae talvez chorando e o solo alpestre da margem que a contempla enamorado. Sem saber porquê, a gente sente-se commovido, e o nosso espirito mergulha em um doce enternecimento, onde a saudade dos primeiros olhos negros, timidamente castos, que nos impressionaram, corre serena, como essa agua que vae correndo beijada pelos choupaes.

Enroscam-se á velha ponte as parietarias como a nossa saudade a esse encontro, e quando os olhos poisam nos recessos humidos e sombrios da margem direita, scisma a nossa alma nos segredos, que sahiam tremulos dos labios velludineos d'essa bem amada.

Mas, depois, ao delicioso sonhar succedeu o estridulo fervor da lucta pela vida, como á serenidade dormente d'este lago succede o sussurro da cascata de agua, que se despenha, além, para ir alimentar a turbina da fabrica de fiação que existe perto. O trabalho destruindo o sonho, a lucta matando... e ainda bem, a saudade de um momento, em que languesceria a seiva da nossa vida.

Depois do encanto da paysagem volve o espirito de homem pratico ás inquirições do que mais avulta aos seus olhos, e n'este intuito visita a fabrica de fiação de lã, pertencente ao sr. Barão da Trovisqueira, unica manifestação de trabalho que ahi póde interessal-o. Occupa a fabrica um pessoal de doze operarios, e fornece a lã fiada para as fabricas de sapatos de liga, do Porto, e para os particulares da localidade, que exercem a industria domestica da tecelagem.

Como não ha mais que observar em Riba d'Ave, voltamos ao logar da feira de Delães, onde está a capella de Santa Anna e S. José, resolvendo em seguida continuar na ingloria cavalgada por entre as labyrinticas encruzilhadas das aldeias. Pergunta aqui, pergunta ali, dá a gente

comsigo em *OLIVEIRA,* cuja egreja matriz vê situada em um recesso humilde, olhando de soslaio para nós, como se as duas torres, velhas amigas da solidão que as cerca, se incommodassem com a nossa curiosidade de estranhos. E entretanto ellas poderiam contar-nos, que representam ali a antiga fidalguia de um mosteiro de cruzios, fundado por Arias de Brito em 1033, reedificado e ampliado por seu neto D. Soeiro, beneficiado por outros doadores de linhagem, e finalmente unido ao de Santa Cruz de Coimbra em 1599, passando mais tarde parte das rendas e o padroado da egreja para S. Vicente de Fora, de Lisboa.

Adiante um pouco passamos na modestissima *PEDOME* e mettendo em seguida pelos quinchosos, que levam ao monte, avistamos a branca egreja de *MOGEGE* escondida entre pinhaes. Á altura em que nos achamos, o panorama é deveras encantador e desafoga o espirito dos horisontes curtos, em que veiu até ahi encurralado. Deslisa o Ave lá em baixo sereno como um arroyo, e as planicies de Gondar e de Ronfe estendem-se alegremente até ás montanhas, que emmolduram ao fundo o largo quadro em uma cercadura violacea. Da téla faz parte o formoso valle de *JOANNE,* onde nós vamos tomar a estrada de *macadam,* que vem de Guimarães para Villa Nova. A egreja matriz, que a tradição diz ter sido mosteiro dos cavalleiros do Templo, denota bastante antiguidade; é de duas naves, divididas por quatro arcos de pedra, e as suas paredes são inteiramente forradas de bellos azulejos antigos; tem cinco altares, mais ou menos ricos, de velha talha dourada. Na freguezia de Joanne existem mais tres capellas publicas e são:—a de *S. Bento,* sita no logar d'este nome; a de *Nossa Senhora da Conceição,* no logar de Villa Boa, pertencente á quinta da Torre, do sr. barão de Pombeiro; e a de *Nossa Senhora do Soccorro,* no logar da *Bemposta.*

É Joanne uma das mais povoadas parochias do concelho, o que o seu aspecto avillarado logo á primeira vista demonstra; existem ahi predios relativamente luxuosos, entre os quaes se devem mencionar os do barão de Joanne, pae do sympathico e talentoso professor da Universidade de Coimbra, dr. Bernardino Machado. Passam na freguezia dois ribeiros affluentes do Ave: o de *Pelle* e o de *Laborins,* atravessados pela estrada nas pontes assim designadas, e ambos os quaes contribuem para fertilisar-lhe os campos e enriquecer os seus habitantes por causa dos moendas, que a sua corrente põe em movimento.

Visitada Joanne, uma linha recta de quasi tres kilometros nos leva até *POUSADA DE SARAMAGOS,* cuja egreja matriz, rodeada das opulencias vegetaes d'este risonho valle, á beira da estrada cumprimentamos. Da sua visinha *CASTELLÕES,* um pouco mais para sul, mal se distin-

guem alguns casaes modestos, e posto que nos digam ser fertilissimo o seu terreno e deliciosas as suas fructas, nós preferimos aproveitar a luz suave do crepusculo, que vae cahindo apressadamente, para relancear os olhos sobre *VERMOIM,* a legendaria terra de que fallam as mais antigas chronicas da peninsula hispanica. Era já no tempo dos romanos povoação distincta e defendida por um castello fundado pelo conde D. Vermuiz Forjaz, no alto do monte, a que ainda chamam *o castello,* o qual se vê ao lado direito da estrada, sobranceiro ao palacete da nobre casa da Brêia, ou Verea, da familia Pimenta de Aguiar, palacete que se não deve confundir com outro que existe perto, mais opulento de graças de construcção e mais espectaculoso, mas que é construcção moderna. Nenhuns vestigios restam da construcção de D. Vermuiz ou mesmo das reedificações effectuadas depois, a não ser talvez uma ou outra pedra que ahi se encontra ainda com signaes evidentes do trabalho do escopro.

Soffreu Vermoim—de 977 a 998—as invasões destruidoras dos arabes capitaneados por Almansor, e quando renascia das cinzas, como a Phœnix, vieram as hordas semi-selvagens dos normandos, em 1016, arrasar de todo a florente cidade.

«*Venerunt Lormanes ad Castellum Vermudii, quod est in Provincia Bracharense*»—diz a *Chronica dos Godos*—e Sandoval accrescenta, que após a destruição dos normandos esteve a cidade 146 annos deserta.

Não se concilia muito bem esta affirmação de Fr. Prudencio de Sandoval com o facto de logo em 1032 ter Arias de Brito fundado aqui o mosteiro de Santa Maria de Oliveira, para conegos regrantes de Santo Agostinho, mosteiro que seu neto Soeiro ou Sesnando veiu depois ampliar. Mas póde a isto objectar-se, que a cidade deveria ser no alto do monte do castello, em quanto o mosteiro, hoje representado pela egreja parochial, fica a meia encosta da collina. Seja assim ou não, o que isto prova simplesmente é a importancia de Vermoim na antiguidade, apezar mesmo das assolações que soffreu.

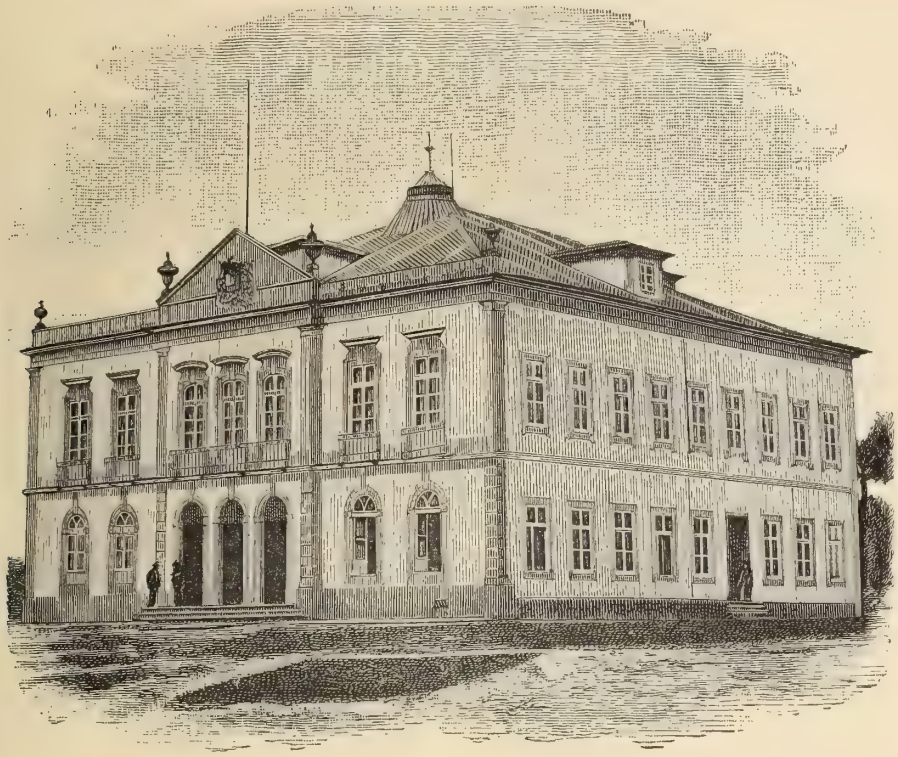
Em 1599 entraram no mosteiro os conegos de Santa Cruz, de Coimbra, e foram estes os que em 1692 mandaram levantar a actual capella-mór, fazendo-lhe por essa occasião um novo arco de pedra lavrada. Em 1712 apenas existiam no convento duas religiosas, sendo os rendimentos applicados para o real mosteiro de S. Vicente de Fora, de Lisboa.

Vermoim foi, desde remotos tempos, um julgado, assim como era tambem um arcediagado da Sé de Braga, notavel mesmo por ter sido um dos seus arcediagos o reverendo Pedro Julião, que foi feito Papa em 1276 com o nome de João XXI.

No crepusculo da recordação deixamos a historia de Vermoim, como

a ella propria a deixamos na meiga luz dilucular, que se vae estendendo sobre os campos.

E quando na collina avistamos as aldeias de *RUIVÃES* e *NOVAES,* vinculadas por lei para os effeitos civis, como pelas tradições fidalgas do paço de Novaes e outras casas nobres o estão para as curiosidades historicas, é já o silencio da noite, que vem cahindo, silencio amigo,



Famalicão: Paços do Concelho Desenho de João de Almeida

que apenas os ralos interrompem com a sua cantiga monotona de azas tremulas dilatando-se na sombra.

Assim atravessamos o logar da Cruz de Pello, já pertencente a *S. MARTINHO DO VALLE,* que á direita se estende em uma bacia fertilissima, cujas verduras nos esconde no momento o manto densissimo da noite.

Craveja-se então de constellações a larga abobada, as nebuloses esbatem-se no infinito espaço como leves gottas de leite derramado, em quanto, ao pé de nós, as montanhas, crescendo na sua negra investidura de bronze antigo, vão como que a tocar o ceu, dando-nos a illusão das paredes de um abysmo, em cujo fundo estamos prisioneiros, contemplando

lá muito em cima os esmorecimentos do luar. E n'este puro embevecimento de romanticos vamos seguindo até *REQUIÃO,* nome cuja origem —se vem de *requie*—diz bem com este socego mysterioso da natureza, a tal hora. Assim passamos na Portella, onde, deixando a estrada, e «andados mil passos na quebrada da ramalhosa encosta—escreveu Camillo no seu romance *O Senhor do Paço de Ninães*—nos sahe de rosto uma casa com dois sobrados, caiada, azulejada, com suas columnas pintadas de verde e como de papelão grudado á parede, com as bases amarellas e os vertices escarlates.

Vão-se os olhos n'aquillo!... Esta maravilha architectonica devem-n'a as artes ao gosto e genio pintoresco de um rico mercador, que veiu das luxuriantes selvas do Amazonas, com todas as côres que lá viu de memoria e todas aqui fez reproduzir sob o inspirado pincel de um trolha, o qual se havia ensaiado n'um S. Miguel de retabulo de alminhas com uma fortuna digna de Italia.

Admirado isto rodeia o leitor uns pardieiros de demolidas arribanas, e, na revolta do quinchoso, topa com umas ruinas.

Aqui tem o paço de Ninães.»

Não sei se essa casa dos Carneiros de Ninães tem hoje ainda o pintalgado alegre de colorido com que a descreve o romancista, mas quanto ás ruinas do Paço, desappareceram já os seus ultimos vestigios, segundo nos informam, e hoje só a tradição aponta o terreno em que se diz ter estado o solar dos Pimenteis.

Deixando, pois, no doce nirvana das recordações a memoria d'esse paço, resuscitada momentaneamente pela prosa do grande romancista, vejamos se em Requião alguma coisa ha mais que possa interessar-nos antes de seguir nosso caminho.

Diz a historia, que no seculo XII a egreja foi mosteiro de templarios, passando depois aos cruzios, se é que antes não foi dos bentos, conforme resa a Benedictina Lusitana. Depois, em 1418, foi, sob auctorisação do papa Martinho V, secularisada pelo arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra.

Esta noticia da historia pouco vale, porém, comparada com a seguinte, que a tradição popular vae referir-nos, e que anda já aproveitada nos livros de ethnographia:

«Na freguezia de Requião—diz o sr. Leite de Vasconcellos no seu livro *Tradições populares de Portugal*—ha um penedo chamado *Pedra leital,* com umas mamminhas (naturaes ou artificiaes?), aonde as mulheres, para terem o leite que lhes falta, vão mammar. N'esta occasião as mulheres dão tres voltas ao penedo. Ao pé está a capella de *S. João da Pedra*

Leital. Independente da tradição oral, encontro no padre Carvalho o seguinte: «Ha aqui (Requião) uma Ermida de Nossa Senhora da Pedra Leital, aonde da parte de fóra está um penedo com uma verruga a modo de peito de mulher, aonde vão mammar as que lhes falta leite para crearem os filhos.»

No diccionario de Pinho Leal vem tambem noticia da ermida da Senhora da *Pedra Leital,* templo que diz ser antigo e proximo do qual existem uns carvalhos seculares, talvez contemporaneos da ermida. Refere a romaria que em 5 de agosto se faz á Senhora, e diz quanto á tradição popular: «Tambem junto á ermida (á esquerda de quem entra) está um grande penedo, com umas cortaduras, que servem de escadas, abertas n'elle. Ao seu cume sobem as mulheres que teem falta de leite, e depois de resarem uma Ave Maria beijam a pedra, crendo que, fazendo isto, lhes acode o leite. Foi este penedo que deu o titulo á Senhora.» Isto prova a antiguidade da superstição que os ethnographos—veja-se o livro do sr. Theophilo Braga, *O Povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*—apresentam como um caracter pronunciado do culto phallico das pedras. Ora entre as pedras phallicas d'esse culto a pedra da *calçada* é tambem um manitu, respeitavel ao que parece, e d'ahi a cantiga popular:

Oh pedras d'esta calçada
Levantae-vos e dizei
Quem vos passeia de noite
Que de dia bem eu sei.

E para que o leitor saiba tambem, a que proposito vem o fallar-lhe eu tão eruditamente das pedras da calçada, é que sempre lhe quero dizer, que um pouco adiante de Requião, quasi ao chegar á villa, eu fui beijar as ditas pedras, ai de mim cavalleiro confiado nos jarretes mais que flexiveis do rocinante da Carlota, talvez um cultuista dos ditos phallos de pedra. Quem póde affoito dizer da religião das bestas de aluguer, sabendo-se que tantas vezes ajoelham nas calçadas!

*
* *

D'esta vez o choutar pelas estradas póde substituir-se com vantagem minha e do leitor por uma commoda carruagem do caminho de ferro, e pelas molas suaves de um *landau,* combinando um passeio de algumas horas, por fórma que indo no comboyo até á Trofa, o carro nos espere ahi para regressarmos a Famalicão, através da região lendaria da Terra Negra.

É rapido e curto o trajecto na via ferrea. A locomotiva deixa á esquerda a bacia em que assenta Villa Nova, e breve atravessa a estrada municipal que vae a Villa do Conde, passando nos logares do Monte e Barrinho, que pertencem a *VILLARINHO DAS CAMBAS,* e seguindo, em construcção ainda até Ferreirós, da freguezia de *FRADELLOS,* onde passa ao concelho de Villa do Conde.

Apenas com o pensamento temos ensejo para a seguir através do formoso mas apertado valle em que ella abre o seu leito, porque uma outra estrada encontramos já, a de Famalicão ao Porto, onde um grupo de raparigas vae n'esse instante cantando, prendendo-nos por isso o espirito com impressões de outro genero, impressões que passam logo, porque a locomotiva segue, e outros quadros da vida rural vem substituir-se rapidamente na retina.

D'esta vez é sobre uma eira mesmo á beira da linha, alturas de *ESMERIZ,* que vêmos de relance uma familia modesta de caseiros, padejando o milho da ultima colheita; a mulher auxiliando o marido no trabalho, os pequerruchos observando de dentro de um cesto, com adoravel placidez, a chuva de poeira que o vento atira para um lado, a granisada do milho que salta na eira alegremente.

Depressa o quadro foge, como a paysagem muda de contornos; até aqui abria-se o valle sobre a esquerda, viam-se ao lado logarejos de Esmeriz, e de *CABEÇUDOS,* onde a vinha pendia em festões do docel das carvalheiras; agora os pinheiraes fecham de um a outro lado a linha ferrea, e se a locomotiva não correra velozmente, bem poderia o espirito impressionar-se com a visinhança da Terra Negra, que estamos atravessando.

Mas o comboyo respira de contente, a tarefa vae cumprida quasi; recortam-se na paysagem as collinas da beira d'Ave e lá está á nossa esquerda a branca egreja de *LOUSADO,* tendo a cavalleiro a indispensavel ermida, para levar até lá as suas procissões festivas. Proximo é o entroncamento com o caminho de ferro de Guimarães, cujos *rails* vem entrelaçar nos que seguimos, ainda antes de transpor o Ave, na sua elegante ponte de ferro.

Descemos na estação da Trofa, tomamos o carro que ahi nos esperava já, e breve o mandamos parar na formosa ponte da Trofa, cujo desenho, feito sobre uma photographia do distinctissimo amador Carlos Relvas, o leitor verá no capitulo de Santo Thyrso. Aqui, transposto o Ave, recomeça em terras de Famalicão o descriptivo do nosso passeio, e, francamente, se o desenho, para que envio o leitor, me não viesse em tal altura auxiliar, eu não sei como havia sahir-me do embaraço de apresentar ao

meu amigo essa paysagem da ponte da Trofa, ridente, formosa, elegante, com uma frescura tal e uma tal fascinação, onde a arte se allia á natureza, que só por uma varinha de magia...

—Mas é isto, é isto mesmo.

—Vê o meu amigo toda esta collina de *RIBEIRÃO* a sorrir para nós? Nota os enleios do Ave n'este ponto? Observa as prodigalidades d'esta natureza tão viçosa? Pois... repare bem, digo-lhe isto baixinho, é tudo um feitiço; se não leva comsigo um amuleto, uma figa de azeviche, um corno esquerdo de carocha, está arranjado... É como nos contos de fadas de creanças; para attrahir os incautos havia sempre um portico maravilhoso, uma princeza que nos sorria mesmo a dormir; mas depois, lá dentro, é que eram as coisas negras, as visões tetricas e medonhas, que só a gente, de ouvil-as, sentia em arrepio os cabellos.

A Terra Negra — Desenho de João de Almeida

Tal como isto aqui, porque o viajante sobe despreoccupado a collina de Ribeirão, e vae adoravelmente enfeitiçado; mas depois sahe-lhe a *Terra Negra* pela frente! E ainda bem, que hoje é só a Terra Negra, e não são as quadrilhas que a infestavam não ha muito! Veja o leitor a nossa gravurasinha de pag. 105; representa um bocado de terreno junto do oratorio do Senhor dos Perdões, que, segundo a lenda, foi mandado levantar por um viajante, que escapou aos salteadores, levando muito dinheiro comsigo. Ao pé umas cruzes marcam logares de assassinato e roubo, e se a lenda não diz que o viajante da ermida dos Perdões foi assaltado pela cafila, de que se viu livre, mercê do auxilio do Senhor invocado, é que o milagre veiu a proposito para o libertar dos invisiveis amigos da sua bolsa recheada. Ora ahi tem, pois, como o terror da Terra Negra justifica o feitiço do valle de Ribeirão; de resto deve dizer-se que o scenario está perfeitamente adequado aos dramas lendarios do assassinato e do roubo. O tablado do palco, de terra carbonifera, é realmente negro, no rigoroso sentido da palavra, e a massa escura do pinheiral basto, encobrindo os luminosos sorrisos do horisonte, prepara uma *mise-en-scene* digna de salteadores á mão armada. Mas, adiante logo, o scenario muda, e os pensamentos sinistros batem em debandada, quando as quintas, as correntes de agua, os campos cultivados de *S. JULIÃO DO CALENDARIO,* a que pertence já a estação da linha ferrea, abrem para nós todas as graças da bucolica ridente.

E estamos em Famalicão.

*

* *

Um outro passeio em carruagem se proporciona ao leitor, que deseje conhecer a zona boreal do concelho.

Passa na rua Formosa a estrada para Braga e não tem mais que seguil-a para realisar esse intuito.

Estamos já no logar de Mões, um verdadeiro arrabalde da villa, e limitrophe da freguezia de *GAVIÃO,* cuja torre branca alveja ali ao perto, por entre a vegetação densissima d'esta varzea formosa.

Rasam pela estrada os pomares, os casaes modestos, os campos cultivados. Á direita um portão largo enfestoado de glycinia é o da casa do irmão do barão da Trovisqueira, titulo, diga-se de passagem, que proveiu de um logar de Gavião assim designado. O valle vae-se alargando para a nossa direita, estendendo-se em gradações de luz e côr até aos ultimos reductos do monte Cordova, que ao fundo cerca, pelo sul, toda esta encantadora bacia. As vaporisações da terra, esparsas aqui, além, evolam-se

como os fumos dos casaes, em renques de tenue densidade. Na baixa, *S. COSME DO VALLE* justifica pela situação o nome com que o designam, e nas amedeas, que se levantam para nascente, avistam-se as culturas de *TELHADO,* freguezia visinha da *PORTELLA,* uma serrana humilde que os lobos da Corveã visitam não raras vezes no inverno.

Á nossa esquerda lobriga-se por entre a ramagem de uns sobreiros uma capella e casa apalaçada, em terreno de *MOUQUIM,* povoação antiga, a que D. Affonso III deu foral em 1258. Mouquim foi outr'ora couto e teve como tal as suas justiças proprias. A freguezia foi abbadia dos Pinheiros, de Barcellos, que possuiam aqui a casa da *Costa,* mas passou a vigararia no tempo em que, sendo abbade Diogo Pinheiro, d'essa familia, este doou a egreja ás freiras de Valle de Pereiras, com a condição de lhe admittirem no mosteiro duas filhas para professar. Não haja estranhezas pela moralidade do abbade, pois que tudo permittiam aquelles ditosos tempos, um pouco parecidos em tal felicidade com os nossos, apezar de muito se prégar do alto dos pulpitos e do crivo dos confessionarios contra o abandono das creanças. Lá d'isso ninguem póde accusar a santa religião das missões, que enxameam por estas aldeias do Minho!

Adiante, que não estamos aqui para contar historias, mas sim para contemplar a bacia em que se emmoldura Famalicão, de ponto a ponto mais ampla, e cada vez mais silenciosa, como se a qualidade do silencio fôra o segredo caricioso d'essa natureza meiga e amenissima, que se desenrola em toda a grande extensão.

Comprehende-se em face d'estas largas paysagens, como que espiritualisadas em um doce anhelo para o infinito, a vida solitaria dos eremitas nos altos das montanhas, a generosa abnegação d'esses egoismos segregados da sociedade, porque a haustos cheios viviam para a natureza gloriosa e sublime. D'esses não sei se foi tambem um frade, que, segundo a tradição, deu o nome á freguezia de *JESUFREI (Fr. Jesus)* e que por estas alturas morreu em cheiro de santidade, ainda que uma outra explicação ha para definir a origem do nome da freguezia e vem a ser, que n'este logar havia antigamente uma imagem de Jesus, vestida com habito de frade. Seja como fôr, a gente vae de surpresa em surpresa ao passo que vae subindo a montanha, porque se descobrem no valle mosaicos de verdura, quadros de composições variadas, em que não pensavamos, e vêmos o horisonte a dilatar-se em linhas, que não imaginavamos tão extensas.

Chegados ao alto, o panorama de todo se desvenda, e deslumbrados por essa amplitude vastissima, em que o raio visual chega a attingir os corucheos das torres da Lapa, no Porto, um instante paramos a fim de deixar o espirito embeber-se d'essa formosura, sentindo que esse instante

não fosse a vida inteira passada na contemplação do que a natureza creou bello.

Descemos. Um outro valle, mais estreito em horisonte, nos acompanha sobre a direita. A torre de *SEZURES* surge sobre a encosta da montanha, dominando a extensão que ha pouco vimos e a varzea que ora vamos rodeando.

Aqui está ao lado a capella do Senhor dos Afflictos, onde se faz uma das maiores romarias do concelho; abaixo logo, encontramos a egreja parochial de *S. THIAGO DA CRUZ,* e d'ahi principiamos outra vez a subir até ás alturas de Correllos. Um outro valle se vae desenhando á nossa esquerda, cortado lá ao fundo pela via ferrea do Minho. Pouco a pouco o horisonte diminue e as montanhas fecham n'um circulo pardacento o caminho que vamos seguindo. Breve se interrompe esta singelesa montesina; é como o descerrar de um reposteiro a volta de estrada, que nos põe face a face do valle de *ARNOSO* (Santa Maria), cuja egreja parochial ao lado poisa sobre a collina, espreitando do seu modesto campanario a situação de *SANTA EULALIA DE ARNOSO* que fica, além, a occidente, e do *MOSTEIRO DE ARNOSO,* freguezia cujo nome provém de ter existido ahi um convento, duplex, de benedictinos, fundado por S. Fructuoso em 642, destruido depois pelos arabes e reedificado em 1067 por D. Garcia, filho de Affonso Magno. O papa Alexandre VI supprimiu esse convento em 1495 e o arcebispo D. Jorge da Costa o uniu depois ao de Pombeiro. Passando Arnoso, a estrada desce até á ponte do mesmo nome, ponte sem rio, mas não sem portagem, que ahi é de 160 réis, e além da qual principiam as aldeias de Tebosa, do visinho concelho de Braga, avistando-se ainda na collina da direita a capella de S. Vicente de Sezures, onde se faz uma boa romaria.

*

* *

Gare de Famalicão.

De um lado a linha ferrea do Minho, do outro a linha ferrea da Povoa. Passageiros atravessando de uma para a outra, carregadores com malas e volumes no mais vagaroso *ram-ram,* que póde pagar doze vintens de ordenado. Empregados de farda azul e listas de galão de oiro conferem mappas junto aos wagons de carga.

—Agua fresca!...

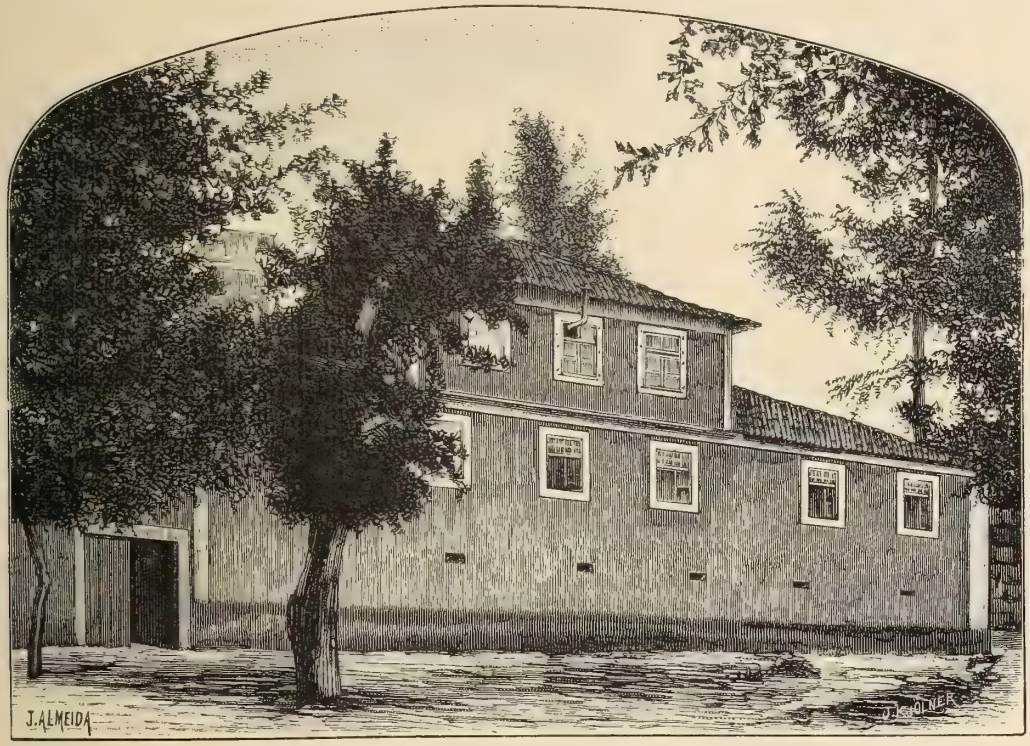
—Esmola para a ceguinha, meu rico senhor; que nunca a luz dos olhos o desampare n'este mundo.

O chefe, um rapaz sympathico, agita uma bandeira enrolada. É o

signal. Principia breve o duetto das locomotivas, que a orchestra wagneriana das rodas, em movimento, acompanha com oscillações estrondosas.

—Quem vae para a Povoa, quem segue para o norte?

Desejavamos ambas as coisas, mas não podendo realisal-as por falta do poderoso dom da ubiquidade, tomamos o caminho da Povoa, com tenção de regressar no primeiro comboyo descendente para seguir até Nine.



Casa de Camillo Castello Branco em S. Miguel de Seide — Desenho do natural por João de Almeida

Corre-se através de valles curtos, e de pinheiraes embalsamados. *BRUFE* é a primeira parochia que atravessamos, quasi sem dar por tal, visto que a primeira paragem se faz em *OUTIZ,* cuja estação, ao lado esquerdo da linha, serve a precedente freguezia, como as de *CAVALLÕES* e *GEMUNDE,* suas visinhas mais proximas.

Em Outiz é a torre solar dos Pires de Outiz, assim como em Cavallões, terra a que D. Affonso III deu foral, fica a torre de Pena Boa, residencia que foi de D. Elvira Fernandes, de Cabanões, d'onde descendem os Avellares. Cavallões de Vermoim, como se lhe chamava outr'ora, foi abbadia da mitra juntamente com Outiz, que em tempos antigos foi convento de freiras, sendo estas as que mandaram construir a ponte de Cavallões.

Depois de Outiz o trajecto pela via ferrea continua quasi com os mesmos effeitos de paysagem. Avançamos para uma serra nua, coroada por alguns moinhos de vento, entrevemos á direita o rio d'Este, que foge rapidamente primeiro, e vem depois offerecer-se com mais vagar á nossa retina, embrenhamo-nos através um pinhal denso, e quando os campos cultivados apparecem, logo surge tambem a estação de *GONDIFELLOS,* namorada por aquelles mesmos moinhos que ainda agora viamos á direita, e que já nos apparecem, sobre a esquerda, como se fossem movidos pela varinha magica de alguma fada.

Tomamos o primeiro comboyo descendente e saltamos na gare de Famalicão para o comboyo do Minho.

A locomotiva vence rapidamente a distancia, que nos separa da primeira estação (Nine), mas apezar da sua velocidade ha tempo para apontar o binoculo de viagem á ermida do Santo do Monte e Senhor dos Passos de *LOURO,* onde na Paschoela se faz uma estrondosa romaria. Venera-se ahi tambem a imagem de Santo Ovidio, a que os romeiros levam como ex-voto algumas telhas furtadas.

A egreja parochial, situada em logar elevado e alegre, vemol-a aqui perto encravada entre a via ferrea e a estrada de *macadam.* É espaçosa, mas nada tem de notavel. Na freguezia existem ainda a capella de Santo Antonio, dirigida pela confraria d'este nome, e a da Senhora da Conceição, particular, da casa e quinta da Torre, no logar de Barrada.

Ao passar a ponte da linha ferrea sobre o d'Este seria caso para dizer, deixando Louro, o mesmo que uns missionarios do seculo passado disseram em outra ponte mais abaixo, sacudindo o pó das sandalias: «Adeus, Louro, que nem o pó te queremos levar.» Mas agradavel, como foi, a impressão que em nosso espirito deixou a patria do erudito bispo D. João Ferreira e abbadia do historiador de Barcellos, Domingos Joaquim Pereira, não poderemos acompanhar a tradição, mesmo porque nos faltam as sandalias... e pó, se algum apanhamos em Louro, foi de certo o do carvão da machina, que veiu cahir-nos sobre o fato.

Antes de chegar a Nine, dirigindo o olhar para nascente, vê-se uma ermida coroando uma pequena montanha vestida de pinheiral. É a da Senhora do Carmo de *LEMENHE* (dizia-se antigamente e com melhor etymologia *Lamenhi),* e ahi se faz em um domingo de julho uma concorrida romaria. Não sei se esta imagem é a que o povo conhece pelo nome de *Nossa Senhora de Agua levada,* muito venerada da gente embarcadiça, ou se uma outra capella existe d'esta invocação, tão fóra do vulgar. Em *NINE,* que o leitor conhece como ponto de entroncamento com o ramal

de Braga, desfiará a sua curiosidade este pequeno assumpto, um dia que ahi passe e demore alguns minutos. Pouco tem que perguntar; na ademea em frente está a capella de Santa Martha, no cimo a da Senhora do Carmo de Lemenhe; agora, sinceramente, é tão povoado, tão alegre, tão cheio de frescura este ridente valle de Nine, que, se ao leitor lhe acontecer como a mim, esquece depressa o pedido da informação que o preoccupava, e, quando o comboyo parte para Barcellos, lembra-se que mal teve tempo para deixar embeber os olhos em toda esta encantadora formosura.

*

* *

O concelho de Famalicão é essencialmente agricola, e se durante algum tempo outros elementos de prosperidade o vieram bafejar no seu desenvolvimento, hoje só á terra póde pedir a continuação da sua riqueza. E para isso está superiormente fadado pela natureza e pelo homem; por este, que traçou uma larga rede de estradas e de vias ferreas no seu territorio; por aquella, que é prodiga dos seus dons n'esta região fertilissima.

Servido o concelho pelos caminhos de ferro do Minho, de Guimarães e da Povoa, e por excellentes estradas que o arterialisam com o sangue do movimento e trafego, em todos os sentidos, o que de ora em diante cumpre aos municipios e á iniciativa particular, é fazer derramar largamente a instrucção geral e agricola, para que as forças da terra se multipliquem e os seus productos possam dignamente comparecer nos grandes mercados nacionaes e estrangeiros. Está n'isto a vida do concelho, a sua riqueza e prosperidade futura.

Os elementos de divulgação litteraria que por emquanto existem, são os seguintes:

Alvorada, jornal de litteratura amena, e sem intuitos praticos educativos; *Gazeta de Famalicão,* hebdomadario noticioso e politico; e treze escolas officiaes primarias, distribuidas pelas seguintes freguezias: duas em Famalicão, e as restantes em Cabeçudos, Carreira, Cavallões, S. Cosme do Valle, Dellães, Jesufrei, Joanne, Nine, Ribeirão, Requião e Vermoim. A camara tem ultimamente posto a concurso mais cadeiras de ensino elementar. Entretanto é ainda pouco, muito pouco, em relação á densidade de população do concelho, o derramamento da instrucção.

A estatistica criminal referida, como as dos anteriores capitulos, ao anno de 1880, revela a boa indole d'este povo. Assim, de 47 reus julgados, apenas 1 é condemnado a pena maior, sendo 11 absolvidos e 35 condemnados a penas correccionaes. Foram 36 os delictos commettidos e

classificados pela seguinte fórma: 1 contra a religião, 3 contra a ordem, 25 contra pessoas e 7 contra a propriedade. Dos 47 reus eram 34 homens e 13 mulheres, sabiam lêr 23, e pertenciam á comarca 38.

Classificados os elementos da riqueza pecuaria e agricola do concelho, vê-se que elle figura quasi a par da séde do districto, quanto aos valores pecuarios, e tem apenas como superiores os concelhos de Guimarães e Barcellos. Como n'estes é egualmente importante a industria da engorda do gado bovino e a da recreação das rezes de Barroso, ou braguezas.

O seguinte mappa especialisa os seus valores pecuarios.

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	509	8:448$000
Muar	135	2:640$000
Asinino	361	1:317$000
Bovino	5:504	170:786$000
Lanar	4:142	2:888$600
Caprino	332	322$000
Suino	5:302	40:749$000
		227:150$600

Um outro ramo da industria agricola tem prosperado ultimamente no concelho, graças ao commercio que se estabeleceu com a França; sabe o leitor, que me refiro ao da exportação em larga escala dos vinhos verdes. A colheita de 1885 e parte da de 1884 foi na sua generalidade adquirida pelo consumidor francez ao preço médio de 17$000 réis a pipa. Esta procura excepcional deveria fazer pensar um pouco em aprimorar o processo do fabrico, verdadeiramente primitivo; mas é realmente no que menos o lavrador cuida, imaginando na sua simplicidade economica ter o mercado sempre aberto á remuneração d'esse producto agricola.

As freguezias mais productivas do concelho são as de Joanne, Louro, Requião, Ribeirão e S. Cosme do Valle.

As videiras são na maior parte de enforcado ou em latadas. As castas mais vulgares são: o azal, a bogalhal, o espadeiro, o vinhão de tinta, a molle, o mourisco e o verdelho doce. «Geralmente, diz a *Memoria* do visconde de Villa Maior, não se fabríca senão uma qualidade de vinho verde, tinto, palhete, ordinario e de pouca duração; porém os lavradores que fazem em separado e com mais cuidado o vinho com as uvas do vinhão tinto, do bogalhal e de outras castas, em estado mais perfeito de maturação, alcançam um vinho no seu genero excellente em força, côr,

corpo, sabor e duração. A vindima faz-se depois de 20 de setembro. Os lagares são de cantaria, vulgarmente conhecidos em todo o Minho. O trabalho consiste na simples pisa até esmagar as uvas, deixando correr a fermentação durante tres ou quatro dias, até que o cango comece a descer, e então se envasilha o vinho, sem que ao depois se lhe faça algum tratamento regular.»

Os generos de producção agricola e outros, vendem-se nos seus mercados semanaes das quartas feiras, extremamente concorridos, pelos seguintes preços médios:

Milho alvo (decalitro)	245
Centeio »	259
Milhão branco »	245
» amarello »	235
Feijão branco »	414
» vermelho (decalitro)	440
Batatas (decalitro)	200
Carne de porco (arroba)	4$800
Cebola (um cabo)	50
Coelho (um)	160
Laranjas (cento)	500
Vinho (decalitro)	300

Não tem brazão de armas a terra de Famalicão, mas para nobilitar o seu escudo não seria preciso mais que armorial-o com as insignias honrosas da lavoura, que são a sua mais preciosa riqueza. Quanto a nós, entendemos dever fechar este capitulo, deixando, no doce traço da gravura, a imagem do fiel e generoso amigo do lavrador do Minho, e que é ao mesmo tempo o grande elemento de riqueza do concelho de Famalicão.

CONCELHO DE FAMALICÃO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Abbade de Vermoim, *Santa Maria*	53	61	114	23 *(a*
Antas, *S. Thiago*	522	614	1:136	275
Arnoso — Mosteiro, *O Salvador*	86	92	178	41 *(b*
Arnoso, *Santa Eulalia*	155	198	353	79 *(c*
Arnoso, *Santa Maria*	359	404	763	204 *(d*
Aves, Romão e Sobrado, *S. Miguel*	420	559	979	261 *(e*
Avidos, *S. Martinho*	241	236	477	119 *(f*
Bairros e Sanfins, *S. Pedro*	290	347	637	148 *(g*
Bente, *O Salvador*	80	81	161	34 *(h*
Brufe, *S. Martinho*	167	182	349	91 *(i*
Cabeçudos, *S. Christovão*	185	208	393	100 *(j*
Calendario, *S. Julião*	619	677	1:296	326 *(k*
Carreira, *S. Thiago*	194	221	415	110 *(l*
Castellões, *S. Thiago*	172	209	381	98 *(m*
Cavallões e Gemende, *S. Martinho*	258	305	563	153 *(n*
Cruz, *S. Thiago*	269	309	578	135 *(o*
Delães e S. Matheus d'Oliveira, *O Salvador*	259	342	601	149 *(p*
Esmeriz, *S. Pedro*	192	206	398	102 *(q*
Fradellos, *Santa Leocadia*	495	632	1:127	318 *(r*
Gavião, *S. Thiago*	274	352	626	153 *(s*
Gondifellos, *S. Felix* [1]	400	507	907	204
Jesufrei, *S. Miguel*	142	189	331	66 *(t*
Joanne, *O Salvador*	619	677	1:296	342 *(u*
Lagôa, *O Salvador*	146	207	353	94 *(v*
Landim e Santa Marinha, *Santa Maria*	463	597	1:060	275 *(x*
Lemenhe, *O Salvador*	181	286	467	114 *(y*
Louro, *Santa Lucrecia*	425	491	916	200 *(z*
Lousado, *Santa Marinha*	335	335	670	135 *(aa*
Mogege, *Santa Marinha*	217	270	487	111 *(bb*
Mouquim, *S. Thiago*	217	290	507	118 *(cc*
Nine, *Santa Maria*	344	462	806	188 *(dd*
Oliveira, *Santa Maria*	312	340	652	165 *(ee*
Outiz, S. Thiago	82	126	208	53 *(ff*
Pedome, *S. Pedro*	194	221	415	107 *(gg*
Portella, *Santa Marinha*	112	150	262	63 *(hh*
Pousada de Saramagos, *S. Martinho*	88	91	179	47 *(ii*
Requião, *S. Silvestre*	479	671	1:150	283 *(jj*
Riba d'Ave, *S. Pedro*	195	253	448	126 *(kk*
Ribeirão, *S. Mamede*	530	613	1:143	294 *(ll*
Ruivães e Novaes, *O Salvador — S. Simão*	420	495	915	228 *(mm*
Seide, *S. Miguel*	107	126	233	67 *(nn*
Seide, *S. Paio*	120	146	266	82 *(oo*
Sezures, *S. Mamede*	147	169	316	69 *(pp*
Telhado, *Santa Maria*	356	443	799	217 *(qq*
Valle, *Santos Cosme e Damião*	412	498	910	278 *(rr*
Valle, *S. Martinho*	228	329	557	140 *(ss*
Vermoim, *Santa Maria*	264	376	640	159 *(tt*
Villa Nova de Famalicão, *Santo Adrião*	857	936	1:793	386 *(uu*
Villarinho das Cambas, *O Salvador*	161	156	317	77 *(vv*
	13:843	16:685	30:528	7:607

[1] Transferida do concelho de *Barcellos*, para todos os effeitos, por decreto de 9 de dezembro de 1872. Comprehende os logares de Barroco, Gravateiras, Reparada, Ponte e Ribeira, Cumieira, Cova, Fiança, Ermida e Souto, Gandra de Cima, Gondiffelinhos, Lobeira, Estrada, Chamuscada, Deveza de Agra, Egreja, Gandra de Baixo, Roleiro, Lama e Campellinhos, Penisses, Outeiro, Azenha do trigo e Fiães, Almorode, Cruges, Meira, Romam.

a Comprehende esta freguezia os logares de Abbade de Vermoim, S. Claudio, Pouve, Pena, Quintão de Cima, Quintão de Baixo, Inchonsos.

b Comprehende esta freguezia os logares de Bouço, Monte, Fun'devilla, Veiga, Torre, Alem do Rio, Bonça Velha, Olheiro, Quinta, Alegrete.

c Comprehende esta freguezia os logares de Santa Eulalia de Arnoso, Egreja, Formiga, Minhoteira, Cruzes, Traz Arnoso, Muro, Outeiro, Quintã, Campo, Carvalheira, Olheiro, Almas, Alem do Rio, Fun'devilla, Deveza, Cruz, Bargea, Eira de Cima, Monte, Bica, Silvao, Rego, Ribeiro.

d Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Valle, Ferrau, Picolo, Agro, Quintella, Venda, Codeçoso, Outeiro, Bom Nome, Lajo, Lordel'o, Moinhos, Mangualde, Lages.

e Comprehende esta freguezia os logares de Barca, Freixieiro, Paredes, Carreira, Quintã, Togella, Bom Nome, Paradella, Ponte, Poldrães, Levarm, Romão (S. Romão ?), Egreja, Bugio, Senece, Sobrado.

f Comprehende esta freguezia os logares de Avidos, Passos, Cantelloes, Moinhos, Feis, Togeda, Crestins, Corute, Pezellinhos, Devezas, Agra de Souto, Cambois, Prazins.

g Comprehende esta freguezia os logares de Bairro, Pomada, Caparim, Regalo, Outeirinho, Bouça, Lagoços, Pinheiro, Transfontão, Boa Vista, Monte, Pedreira, Azenha, Villa Verde, Ribeira, Bairro, Assento, Matamá, Olival, Pereiras, Casa Nova, Eirado, Ponte, Estrada, Azenhas, Pombal, Sanfins, Poço, Penedo do Mocho, Monte, Lagoa.

h Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Mortorio, e os casaes de Almas, Agra de Cima, Almo da Praça, Cabo, Cordal, Lavandeiras.

i Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Passo, Carvalho, Sistaes, Eiral, Eido, Cerita, Silvares, Braziella, Outeiro, Casal.

j Comprehende esta freguezia os logares de Cabeçudos, Nespereira, Aguas, Quintão, Reguengo, Juncal, Palhaes, Villa Meã, Boumence, Aldeia, Pecegueiro, S. Paio, Carvalho, Topo, Monte de Santa Catharina, Santa Catharina, Estrada.

k Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Castanheira, Rorigo, Poido, Covello, Louredo, Magide (com uma quinta do mesmo nome), Villar Figueirinhos, Sobre Seara, Souto de Macieira, Outeiro, Valle, Fun'devilla, Fontello, Longo, Pelho, Barrimau, Bairral, Passos, Monte, Belmonte, Areial e Alcouce, Lage, S. Miguel.

l Comprehende esta freguezia os logares da Carreira, Bóca, Segade, Bica, Seara, Cargo, Outeiro, Almofães, Granja, Espinhal, Cardal, Santo Amaro, Quinta, Souto, Eira, Aldeia, Agrinha, Monte de Paredes, Lavandeiras.

m Comprehende esta freguezia os logares de Gorgolhão, Fonte d'Eguas, Sameiro, Pombaes, Villa Cova, Carvalhal, Valmelhorado, Rio, Seixal, Agrello, Torres, Monte de Baixo, Monte dos Combos, Bacello, Traganhures, Campa, Bouça, Ribeiro, Assento, Sant'Iago, Canas, Castellões, Ribeira, e as quintas de Fonte d'Eguas, Valmelhorado, Sant'Iago, Castellões.

n Comprehende esta freguezia os logares de Cavallões, Crasto, Outeirinhos, S. Gonçalo, S. Verissimo, Pedrafita, Senora, e os casaes de Feteira, Povoa, Corredoura, Penaboa.

o Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Bouça, Pindella, Agra, Godinho, Soutello, Casilho, Ribella, Atafona, Venda, Chanzinha, Outeiro, Gavinho, Moldes, Pinheiral, Cima da Veiga, Veiga, Pousada, Grillo, Seara, Fonte Coberta, Boa Vista, e a grande quinta de Pindella.

p Comprehende esta freguezia os logares de Delães, Monte Negro, Perrellos, Penas, Paraiso, Pena Villa, Pica, Gobim, Santa Anna, Corredoura, Portella, Figueiros, Reguengo, Penedo, Loureiro.

q Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Bairros, monte das Portas, Anhenhos, Boa Vista, Agrella, Esquinheira, Pisão de Cima, S. Marçal, Pereira, Villa Verde, Portellada, Pizão, Passos, e a quinta de Pereira.

r Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Ferreirós, Voca, Rua, Sapugal, Gorga, Aldeia, Mezo Chão, Povoação, Lage, Lovonda, Pedras Ruivas, Val d'Ossos, Alpoem, Sobreço, Cerejeiro, Eiro, Outeiro, Agua Levada, Regoto, Quinta, Cortinhos, Boa Vista.

s Comprehende esta freguezia os logares de Gavião, Egreja, Valdoi, Barreiro, Trovisqueira, Deveza, Real, Mões, Picoto, Bica, Villar, Moledo, Queirão, Ponte, Azevinheiro, Sá, Loureiro, Souto de Fóra, Paço, Quintans, Casal, Além.

t Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Paço, Pousada, Monte, Palhares, Bairro.

u Comprehende esta freguezia os logares de Joanne, Villa Boa, Outeiro, Pousada, Fontes, Torre, Cividade, Montilhão, S. Bento, Bairros, Riba de Pelle, Ruivos, Subcarreira, Gavim, e as quintas de Assento (ou Egreja), Bemposta, Subcarreira, Torre.

v Comprehende esta freguezia os logares de Residencia, Ribeira, Cabo, Além, Lage, Ponve, Cucos, Pena, Monte, Nespereira, Cambaes, Prazins, Codeçal.

x Comprehende esta freguezia os logares de Sande, Burgo, Pedras, Travassos, Moinhos, Bouças, Paulada, Searas, Cardal, Egreja, Monte, Oliveira, Lamella, Segus, Souto, Outeiro.

y Comprehende esta freguezia os logares de Lemenhe, Outeiro de Cima, Além de Cima, Via Cova, Aidro, Paredes, Monte, Fonte Longa, Egreja, Antiga, Pereira, Villar, Canteiro, Chouxo, Cachada, Aldeia Nova, Outeiro de Baixo, Além de Baixo, Padrozo, Vinha do Louro.

z Comprehende esta freguezia os logares de Linhares, Freixieiro, Armental, Pidre, Travaços, Bouça, Gandra, Fontes, Barrada (com a quinta da Torre e uma capella de Nossa Senhora da Conceição), Monte de Pidre, Passos, Outeiro-Levado, Outeirinho, Guilhovai, Rebordello, Ribella, Traz Carreira, Penedo, Estrufe, Outeiro de Baixo, Outeiro de Cima, Ponte do Louro, Louro, Monte do Louro, Felgueiras, Santo Antonio.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Louzado, Serra, Gandra, Ancide, Aldeia Nova, Santa Catharina, Garrida, Ponte, Montezello, Egreja.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Santa Marinha de Mogege, Mourisco, Condado, Carvalha, Portella, Bouça, Ventuzella, Lourella, Carril, Carnide, Berredo, Souto, Residencia, e o casal de Paço.

cc Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Pégo, Gandra, Cruz da Gandra, Ançariz, Tarrio, Bouça, Juncosa, Costa, Cortinheira, Grandal, Marvão, Carriços, Monte, Sarnado, Cachadas, Muro, Montalvão, Jeguinte, Eira-Pedrinha, Salgueiros, Mamoa.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Nine, Bacello, Landeiro, Quintans, Estrada, Caparosa, Coura, Villar d'Este, Azenhas da Borralheira, Chans, Fonte Cova, Casal d'Era, Farinhas.

ee Comprehende esta freguezia os logares de Xistello, Preza, Covas, Carvalho, Villa Pouca, Charneca, Ribeira, Azenha Nova, Real, Azenha Velha, Pégo, Lavandeira, Pereiro, Barroco, S. Martinho, Semilhans, S. Christovão, Deveza, Bouça, Cazeiras, Aguaceiras, Boticas, Fonte Nova, Bascos, Vinha Dame, Monte, Lage, Cima de Oliveira, Ribas, Casa Nova, Agrella, Mosteiro, Residencia.

ff Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Monte, Barroca, Lamella, Outeiro, Bouças, Outiz, Quintas.

gg Comprehende esta freguezia os logares de S. Pedro de Pedome, Serves, Cruzeiro, Corgo, Amial, Sapos, Aldeia, Forcada, Podominho, Casal, Carvalheiro, Alegria, Rabella, Azenha, Ferreiro, Venda Nova, Pedaço Mau, Eiras, Laginhas, Devezinha, Egreja, Residencia, e os casaes de Bouça, Outeiro, Eiriz.

hh Comprehende esta freguezia os logares do Outeiro, Residencia, Basso, Cabo d'Eira, Bacello, Calvario, Preza, Candeirou, Eira Vedra, Predoussos, Montinho, Sarnada, Cristello, Chamusca, Maganhe de Baixo, Maganhe de Cima, Villa Boa, Além, Eirado, Passadiço, Costa.

ii Comprehende esta freguezia os logares de Pousada, Arial, Togo, Cima de Villa, Mattinhos, Rua, Pipe, Cancellas, Veigas.

jj Comprehende esta freguezia os logares de Requião, Rabuços, Ninães, Regadas, Santa Christina, Couço, Portella, Calvario, Carapito, Boa Vista, Valbom, Crespos, Lage, Souto, Compostella, Guardalido, Esquiró, Sol, Espadaneira, Bouças, Quintans, Sobrado, Leital, Lages, Cruz, Codeceira, Fornello, Pidre, Bairro, Outeiro, Quintão, Pouve, Villa Verde, Pousada, Xisto, Monte, Fafião, Ribeira, Forno, Covilhão, Torre, Mosteiro.

kk Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Tojão, Cruz, Penedo, Cabanellas, Ponte, Monte, Boa Vista, Souto, Sobreira, e os casaes de Barreiro, Matto.

ll Comprehende esta freguezia os logares de Regadas, Brigadella, Ferreiro, Perreiro, Belecos, Boucinhas, Outeiro, Valle, Salgueirinhos, Reguenga, Cabaços, Egreja, Sant'Anna, e duas quintas sem nomes especiaes.

mm Comprehende esta freguezia os logares de Ruivães, Egreja, Paço, Numães, Monte, Cova, Caneiro, Lage, Torres, Quintella, Fonte, Devesa, Codeçal, Senhor, Calvario, Rebordello, Boucinha, Lavandeira, Oriz, Arieiro, Bouças, Mortorio, Outeiro, Fibeda, Prados, Pardieiros, Saldanha, Corredoura de Cima, Corredoura de Baixo, Tapada, Ponte, S. Simão, Egreja, Almas, e as quintas de Corredoura, Paço, Rebordello, Bouças.

nn Comprehende esta freguezia os logares de Além, Souto, Aldeia de Cima, Cruzeiro, Monte.

oo Comprehende esta freguezia os logares de S. Paio, Assento, Barroca, Agrinha, Villa Verde, Pouve, Cuzos, Covilhã, Caride, Barroco.

pp Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Rio Monte, Novaes, Real, Quintella.

qq Comprehende esta freguezia a aldeia de Telhado, e varios logares e habitações.

rr Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Passaes, Gondim, Bairro, Cachadas, Lourido, Bello, Quintella, Sensa, Lage, Talho, Carrazedos, Eiras, Veiga, Paredes, Ribeira de Baixo, Ribeira de Cima, Lamella, Tibães, Regadia, Monte, Outeiros, S. Geão, Vijão, Villar, Pedra, Quintães, Barreiro, Torre, Pombal, Matagal, Rebolido, Pombeira.

ss Comprehende esta freguezia os logares de Pedreiro, Pinheiro, Ensede, Serra, Couto, Vijão, Olival, Agra d'Além, Quintão, Rio, Passo, Devezas, Tijão, Cachadas, Grilo, Montinho, Cruz de Pêllo, Outeiro.

tt Comprehende esta freguezia os logares de Penellas, Venda, Outeiro, Villa Mende, Além do Ribeiro, Olival, Presa, Casal, Casa Nova, Egreja Velha, Vinhô, Breia, Florida, Ribeiro de Cães, Agra Maior, Longras, Monte dos Coubros.

uu Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Cruz Velha, Santo Adrião, Villa, Poço, Mões, Fornello, Pereiras, Ribeira, Poido, Sinçães, Louredo de Baixo; os casaes de Mões (antigamente Mós), Serrões (antigamente Serós), e as quintas de Eira, Vinhal, Salgueiro, Sinçães.

vv Comprehende esta freguezia os logares de Villarinho, Espedo, Venda, Outeirinho, Souto, Pombarinho, Vessadinha, Paço, Barranhas, Barrinho, Eirados, Cancella, Bouça, Lameiro, Pena, Lagoa, Outeiro, Eiras, Nasce-Agua, Monte, Egreja, Cruz, Parada, Chões, Pedra d'Anta.

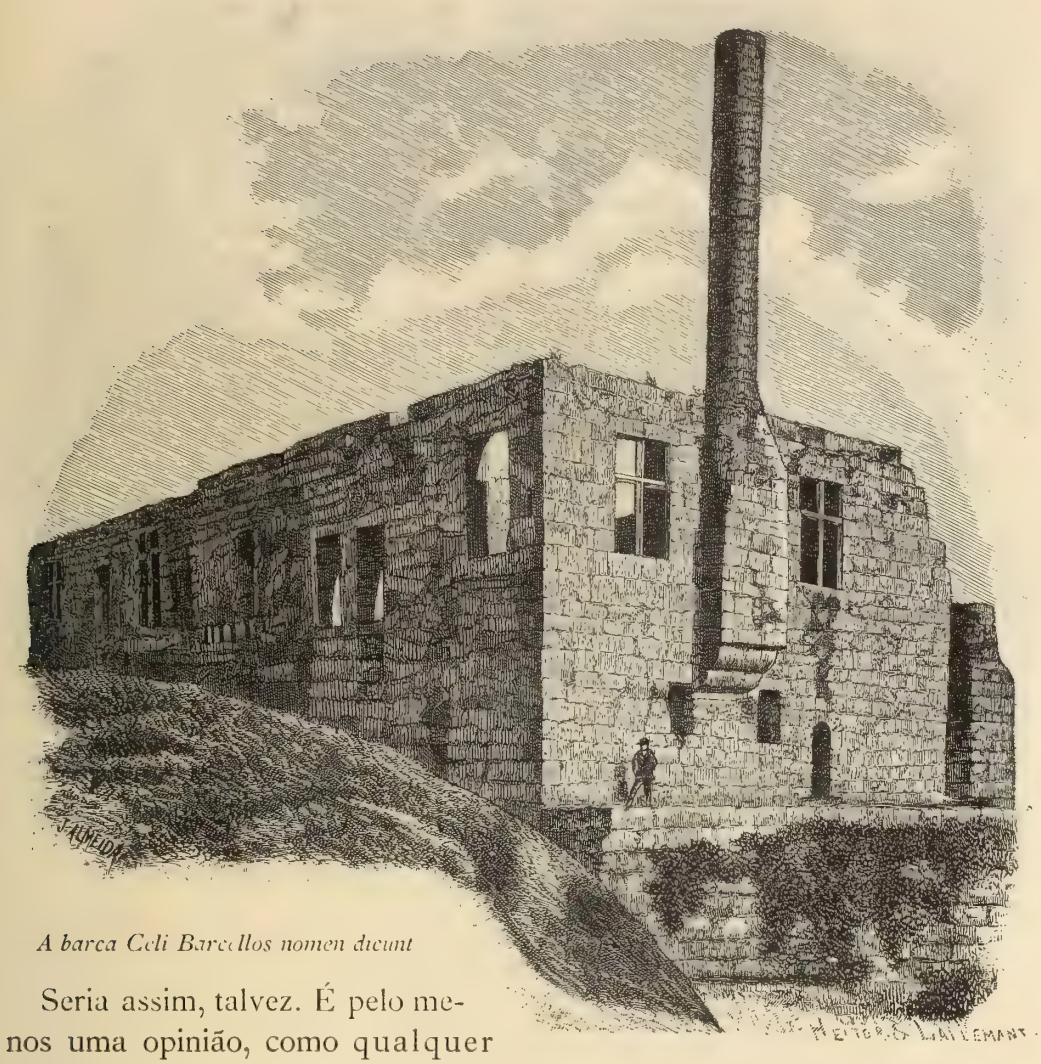
O MINHO PITTORESCO

COSTUMES:

N.º 1—POVOA DE LANHOSO=N.ºs 2 e 6—ARREDORES DE VIANNA
N.º 4—BARCELLOS=N.º 5—GUIMARÃES

NB. O costume n.º 3 é extensivo a toda a provincia.

BARCELLOS



A barca Celi Barcellos nomen dicunt

Paço dos duques de Barcellos — Desenho de João de Almeida

Seria assim, talvez. É pelo menos uma opinião, como qualquer outra, para explicar a origem provavel de Barcellos, do nome da *Barca do Celo,* onde se atravessava o rio antes de n'elle existir a ponte. É verdade que D. Rodrigo da Cunha a julga fundada pelos gregos, que a chamariam *Ambracia,* mais tarde *Bracia do Celano Barcellano,* e por fim *Barcellos,* e que Rodrigo Mendes da Silva fundando-se na analogia com o nome de Barcellona attribue a sua origem aos carthaginezes *Barcinos,* uns 230 annos antes de Christo, ou ao seu chefe *Amilcar Barca,* n'esse mesmo periodo.

Outras opiniões discordam.

Ha quem supponha, como Antonio de Villas Boas Sampaio, Barcellos fundada pelos gallo-celtas, tribu dos *Cilenos,* que povoára este territorio no anno 930 antes de Christo, chamando-se desde então Celano ao rio e Bar-

cillenos á povoação da margem esquerda, hoje Barcellinhos, composto da dicção *Bar* e *Cilenos,* que quer dizer *filhos dos Cilenos.* Felix Machado, porém, arranja uma outra origem. Segundo este escriptor, Barcellos viria de *Barracellos, Barra Celi,* isto é, Barra do rio Celano, que lhe banha os muros.

Agora são os romanos que apparecem trazidos á téla por Fr. Gregorio Argaiz, que na sua *Poblacion ecl. de Hespanha* pretende ter sido Barcellos fundada pelos soldados do imperio, que lhe deram o nome de *Barcellis,* cidade da Lombardia. O mesmo accrescenta, que no anno 230 era já Barcellos cidade episcopal, cathegoria que parece prolongar-se por largo tempo, visto que em 363 Eusebio era seu bispo e em 424, por occasião da invasão dos suevos, se refugiou em Vianna um outro bispo, de nome Maximiliano.

Com esta opinião vão em parte de accordo alguns outros historiadores, explicando, porém, que não se denominava *Barcellis,* mas sim *Aguas Celenas* a cidade episcopal, onde em 400 se celebrou um concilio presidido por S. Paterno II, arcebispo de Braga, e logo em 412 outro presidido por S. Balconio XXII, arcebispo da mesma diocese.

Esta opinião, que suppõe Barcellos a antiga cidade romana de *Aguas Celenas,* do nome do seu rio *Celano* ou *Celando,* que os arabes parece terem mudado para o actual de *Cavado*—Ptolomeu já lhe chamava *Cavus*—é a que tem sido adoptada com mais facilidade, e a que passa por menos phantastica.

Todavia ha tambem razões para suppôr, que não fosse propriamente em Barcellos a cidade romana de Aguas Celenas, visto que os itinerarios antigos de Braga a Astorga marcam a Aguas Celenas 165 estadios, ou seja 30 kilometros, quando a distancia é apenas de uns 16.

N'esta variabilidade de opiniões, não faz ao caso uma de mais ou de menos e por isso tambem me permitto acreditar em minha fé, que a primitiva Barcellos não foi no sitio actual, onde as investigações archeologicas nada teem apresentado, como prova, mas talvez?... no alto da Citania de Roriz, monte que fica sobre a margem direita e a cavalleiro do Cavado, uma legua quando muito da villa, para nascente.

N'esse monte, mysterio de terra e granito, ainda por explorar, encontram-se evidentissimos vestigios de uma população antiquissima, celta ou romana, quem o sabe, talvez uma e outra cousa, como na Citania de Briteiros, mas que em todo o caso devera ser consideravel, attendendo á extensa área que esses vestigios occupam.

D'ahi viriam as familias, que fundaram a Barcellos actual, e assim se explica a etymologia de *Bar cellos*—filhos dos Cilenos—como um des-

dobramento d'aquelle nucleo celta, assim como Barcellinhos o foi da povoação de Barcellos, o que a tradição conserva ainda na cantiga popular:

O seu *filho* Barcellinhos...
Tão infame lhe sahiu...
Viu cahir seu pae ao rio
Nem por isso lhe acudiu.

Quadra que um ethnologo talvez aproveitasse para n'ella vêr o antiquissimo e barbaro costume da morte dada aos velhos da tribu pelos filhos, que os precipitavam da altura de uma rocha sobre a corrente de um rio (veja o leitor o capitulo dos Arcos de Val de Vez, no primeiro volume d'esta obra), a não ser, e mais me inclino a esta hypothese, que a quadra seja contemporanea do grande terremoto de 1755, em que o monumental palacio dos duques de Bragança e outros edificios particulares foram em derrocada até ao Cavado.

Mas, leitor amigo, que a minha opinião te não comprometta, mesmo porque, cerrada a nebulose da noite dos tempos, como se diz nas memorias descriptivas, eu não estou lá muito seguro de que fosse d'essa ou de outra maneira a origem de Barcellos. E quasi tambem pouco importa saber isso ao certo, sendo o que se tem dito de sobra para demonstrar a antiguidade da villa, embora seja nada para revelar a sua formosura.

Custa a descrever a belleza varonil, quando a nossa penna não é a d'um artista do outro sexo; mas Barcellos é masculo, e não ha remedio senão confessar, que, a ter de pedir ao marmore as linhas da sua estatua, seriam as que offerece a musculatura valente de um alentado trabalhador, rijo pulso e thorax espaçoso, o ar um pouco bonacheirão na physionomia, e nos olhos a meiguice candida dos bons, dos fortes pelo trabalho honrado.

Ás vezes passa n'esse olhar a expressão doce de um lyrismo de bucolica; não é que elle pense nas pastorinhas de Florian, coisa que não ha no Minho, mas é que nas noites de luar, que poisam ao de leve sobre as aguas dormentes do seu Cavado, elle ouve cantar nas eiras a femea enamorada, e estremece de amor ao sentir-se penetrado da musica d'essas languidas volatas.

Pois é assim o Barcellos que eu lá vi, creia-me ou não o leitor; forte e bello, amigo do seu amigo, expansivo em frente de uma caneca do verde e amoroso de raça, o que não é crime de levar a gente á forca, mesmo porque, além de outras razões, já não existe esse patibulo de ignominia. A taes qualidades de caracter ha para juntar um bocado de fanatismo religioso, fructo das continuas missões pelas aldeias, e a pujança da fibra

patriotica prestes a entrar em vibração por qualquer acontecimento historico-politico.

Apresentada assim a physionomia d'esse trabalhador, folheemos um instante as suas notas biographicas para melhor avaliar das suas qualidades fidalgas.

Pondo de parte a genese historica da villa, em que de sobra nos embaraçámos já, vimos encontral-a com uma certa importancia no principio da monarchia, dando-lhe D. Affonso Henriques o seu primeiro foral, que mais tarde D. Manuel reformou, accrescentando-lhe novos privilegios. Os seus procuradores gosaram de voto nas antigas côrtes, tomando assento no banco 14.

«Tem a villa por armas: — em um escudo uma ponte, torre e ermida com um carvalho á porta e por cima, em facha, tres escudos pequenos, dois com as quinas do reino, e o do meio com uma aspa, divisa de D. Affonso, 1.º duque de Bragança, que lh'as deu e ainda hoje se vêem na torre da casa da camara.» [1]

Descreve assim A. M. do Amaral Ribeiro o brazão de armas de Barcellos na sua *Noticia* d'esta villa, e facil é de tal leitura concluir, que á historia de Barcellos se prende a dos seus *condes,* os primeiros que em Portugal usaram de tal titulo, enfeudado, como dignidade, á posse determinada de uma terra.

De facto, se antes de 1298, em que D. Diniz creou 1.º conde de Barcellos a D. João Affonso de Menezes, havia já esse titulo, era ligado ao nome do personagem, e não ao feudo particular de qualquer terra.

Feita, pois, a cabeça de condado em Barcellos, foi, como dissemos, seu 1.º conde, D. João Affonso de Menezes, mordomo-mór d'el-rei D. Diniz, casado primeiramente com a filha do rei D. Sancho III de Castella, D. Thereza Sanches, de quem não houve descendencia, e em segundas nupcias com D. Maria Coronel.

O 2.º conde foi D. Martim Gil de Sousa, alferes-mór de D. Diniz e casado com D. Violante Sanches, filha do 1.º conde. Está sepultado no convento de Santo Thyrso.

O 3.º conde foi D. Pedro, filho bastardo do rei D. Diniz, seu alferes-mór tambem, e senhor de Gestaçô. Está sepultado no convento de S. João de Tarouca. É este o auctor do *Nobiliario.*

[1] Ha uma pequena differença entre esta descripção e o brazão da nossa gravura do fim d'este capitulo, copiada do livro *Cidades e villas da monarchia,* do sr. Vilhena Barbosa. Adoptamos a gravura, copia dos archivos da *Torre do Tombo,* embora nos pareça mais fiel a descripção que reproduzimos de Amaral Ribeiro, mas adoptámol-a, porque entre esta noticia ou a de Pinho Leal, que mais diz com ella, e a de Vilhena Barbosa, como entre as duas e a do abbade de Louro, ha differenças que não sabemos explicar, nem julgamos de grande importancia.

O 4.º foi D. Martim Affonso.

O 5.º foi D. João Affonso Tello de Menezes, alferes mór e mordomo de D. Fernando, conde de Ourem e fundador do convento de Santo Agostinho em Santarem.

O 6.º foi D. Affonso Tello, filho do antecedente e que morreu sem geração, pelo que o condado passou a D. João Affonso Tello de Menezes, que foi assim o 7.º conde, o qual era irmão da rainha D. Leonor Telles de Menezes, a esposa adultera do senhor de Pombeiro, a quem D. Fernando a roubou.

Seguiu este conde o partido de Castella contra D. João I e morreu na batalha de Aljubarrota, ficando por isso vago o condado de Barcellos, que o monarcha aproveitou, para com elle brindar como premio da batalha de Valverde a primeira espada do seu reino, o grande condestavel Nuno Alvares Pereira, que foi por esta fórma o 8.º conde de Barcellos.

Casado com D. Leonor Alvim, de quem houve D. Beatriz Pereira, veiu esta a contrahir matrimonio com D. Affonso, filho legitimado do rei D. João I, que o fez conde de Barcellos, e 1.º duque de Bragança com assentimento do condestavel.

Foi este 9.º conde, que mandou dar á villa o brazão de armas de que fallámos, e o que mais a engrandeceu tambem, como subsequentemente diremos.

O titulo de conde de Barcellos continuou depois encorporado ao dos duques de Bragança, até que D. Sebastião o elevou a ducado nos primogenitos d'esta casa, fazendo 1.º duque de Barcellos D. João, filho de D. Theodosio I, duque de Bragança. Como ducado, este de Bragança é mais antigo, que todos os de Hespanha e Italia.

Desde a elevação de D. João IV ao throno, pois que elle era o 8.º duque de Bragança e 3.º duque de Barcellos, ficaram estes titulos annexos á casa real, que os conserva nos seus primogenitos.

Perdôe-me o leitor a curta genealogia, que tive de repetir-lhe como quasi nos tempos de instrucção primaria e pelos methodos, por que em Portugal se ensina a historia, porque mais é em attenção ás glorias de Barcellos, que o fiz, que á vontade que eu tinha de esgalhar esta ou outra arvore genealogica, que no meu caminho encontro.

Eu sei bem que a idéa nova, que germina em Barcellos, fazendo brotar do pantano do constitucionalismo a corolla rubra do barrete phrygio, me perdoaria o esquecimento d'esse *autem genuit,* e desejaria talvez que eu deixasse no esfarelamento das coisas velhas essa genealogia que se prende, como a hera á ruina dos seus Paços, á historia da sua formosa villa. Mas, Deus meu, que diriam logo os outros, os que não cultivam no alfobre da

propaganda a peonia *rouge,* e antes, pelo contrario, repetem com justas e alegres palmas, como diz o abbade de Louro, recordando o elogio de Oliveira Freire, que já o sr. Pereira Caldas recordára:

«*Não é Barcellos menos illustre pela antiguidade, do que é pelo amor aos seus soberanos.*»

Meu Deus, o que diriam estes! Que, bem pensado o caso, ha na republica, vermelhos tribunos e pamphletarios da mesma côr pimenta malaga, que não desdenham o aristocratico *de* após o burguezissimo nome dos seus progenitores emeritos; e d'elles estou certo, que não desdenhariam a genealogia fidalga dos condes e duques de Barcellos, não tanto pela sua vaidade emphaticamente parva, como porque não perceberiam que só mettendo no cadinho da critica essas noticias e taes de egual quilate, se poderia apurar a historia de uma epocha ou de uma terra qualquer. Com os outros, os que não teem o amor da tal particula, com esses me vou n'esta jornada, muito de feição minha e vontade propria, e com elles,

Direi eu, de Barcellos n'esta historia,
Com verdade e sem p'rigo de vã gloria

como escreve o enthusiasmo do abbade de Louro no *Supplemento á Memoria historica de Barcellos, Barcellinhos e Famalicão.*

Ora vamos, pois, a dizer.

Incontestavelmente, o 9.º conde de Barcellos e 1.º duque de Bragança, D. Affonso, é, permitta-se a expressão, o grande marquez de Pombal de Barcellos. A sua vigorosa e fecunda iniciativa faz do pequeno e humilde burgo uma terra importante, como devera ser na epocha toda aquella, em que assentava arraiaes a poderosa linhagem dos Braganças. O solar da sua estirpe brilhante levanta-se a cavalleiro do rio, a ponte é restaurada, senão de todo fundada, as muralhas enfacham a rejuvenescida villa, a sua matriz erige-se em collegiada insigne.

E entretanto, oh Barcellos ingrata, tu ainda não tiveste um momento de enthusiasmo para esculpir no marmore ou no bronze a estatua do teu reformador; verdade seja, que n'isto te pareces com Lisboa, onde apenas o busto do marquez figura... sob o estupendo cavallo de D. José.

E poderas com orgulho recordar talvez a doirada visão d'essa existencia opulenta, passada entre a fulgencia da riqueza e a das honrarias e privilegios.

Uns ligeiros traços do poderio e grandeza dos duques de Barcellos deixámos apontados no capitulo de Guimarães, cujo ducado era seu tambem; não os repetiremos por isso agora, mas não nos eximimos todavia a

dar ao leitor um pallido reflexo d'essa magnificencia, a par da qual é hoje bem modesta a vida dos seus descendentes, não obstante occuparem o throno de Portugal.

É que em suas terras, que eram talvez um terço do paiz, viviam como verdadeiros monarchas os antigos duques, tendo para si um estado como o da casa real, e nobilitado como nos paços regios, com os mesmos fóros de fidalgos cavalleiros, escudeiros, moços de camara, etc. Entre muitos, foram creados dos duques de Bragança, Martim Affonso de Sousa, governador da India, D. Aleixo de Menezes, aio d'el-rei D. Sebastião, e Francisco de Lucena, secretario de estado. Por isso tambem, quando os duques visitavam os reis, estes se levantavam adiantando-se dois passos para os receber e não consentiam que lhes beijassem a mão. Esta pequena curiosidade de etiqueta nada é, porém, ao pé das muitas que constituiam o regimento para o pessoal da casa de Bragança, no tempo do duque D. Theodosio I.

D'elle transcreve os seguintes excerptos a *Memoria* citada do abbade de Louro:

«Porque no seculo XVI era costume das pessoas da grandeza, ao levantar, tomarem uma porção de assucar rosado e beber gólos d'agua;— um official estava encarregado de apresentar o assucar e a agua.

«O guarda-roupa era o guarda da pessoa do duque e da sua casa: tinha cuidado de vêr, se as portas da camara estavam fechadas, ao recolher; corria toda a casa, e via se debaixo dos leitos estava alguma cousa; e esta diligencia fazia todas as noites, quando o duque se deitava, deixando tudo a bom recado e portas fechadas, excepto a da camara que vinha para o guarda-roupa, onde elle dormia, porque só esta ficava aberta.

«Fazia o mesmo no guarda-roupa; e, fechadas as portas e janellas, se deitava com uma espada ou montante á ilharga da cama.

«O moço das chaves, todas as noites punha á cabeceira da cama do duque, na grade do leito, um retabulo de N. S. J. Christo crucificado, por detraz da cortina, que tinha um gancho e uma cadêa, onde se pendurava. E assim um montante á cabeceira junto da cadeira; e da parte da ilharga do leito contra a parede uma cadeira rasa, e sobre ella uma saia de malha e um sombreiro de casco (armadura de guerra).

«Estas tres cousas levava ordinariamente com o duque para onde elle ia, e bem assim dois cadeados direitos, com armellas de parafuso, para se pôrem nas portas da camara onde o duque dormia, se não tinha fechos.

«Quando o duque vinha de fóra, ou havia necessidade, mandava pôr um cruzeiro de prata e uma salva (ou cassoula) com perfumes, na camara ou casa onde o duque havia de estar.

«Com estas providencias e com outras de outros officiaes, na côrte, nas jornadas que fez, com as princezas na raia, e em grandes festas que em seu tempo houve, e assim nos caminhos de Villa Viçosa, o duque D. Theodosio I foi o melhor servido principe que houve em seu tempo, e nas cousas tão grandiosas, que soavam em todas as quatro partidas do mundo.

«O veador tinha sob seu governo 120 pessoas, que eram officiaes da mesa — *uchão* —, servidores de toalha, — escrivães da cosinha, — aposentador, — comprador, — cevadeiro, — moços dos officios, — moços da camara, — das tochas, — recados, — reposteiros, — porteiros da canna, — arautos e passavantes, — mariscal, que entendia no serviço das azemolas, — azemeis, — charamellas, — trombetas, — cosinheiros, etc.

«Quando o duque ia á caça levava uma comitiva de 120 pessoas, incluidos 24 cavalleiros da guarda da pessoa do duque e o pagem da lança.

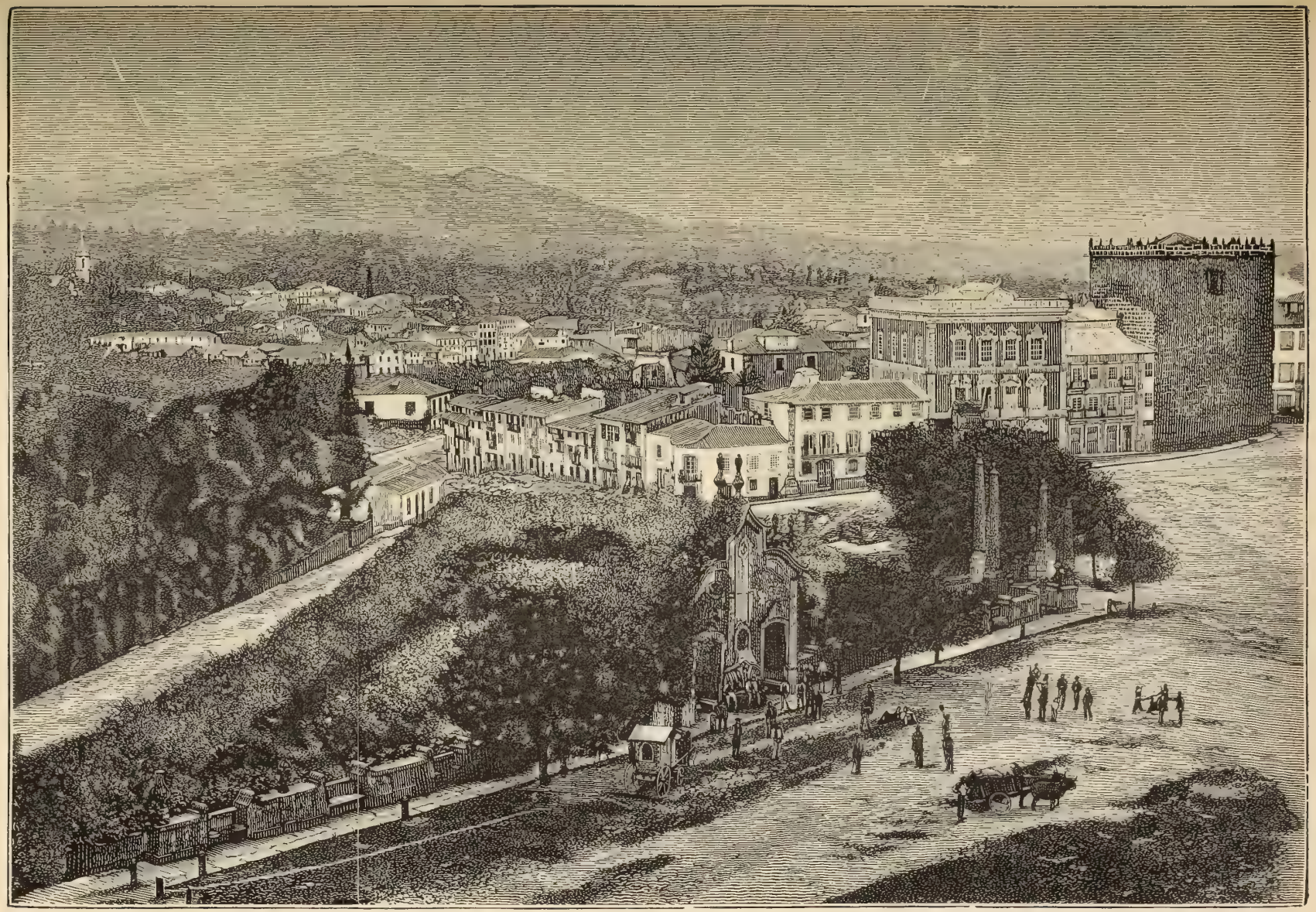
«Todos os dias, ao levantar, quando entrava o camareiro com agua, entravam tambem os moços fidalgos e alguns fidalgos mancebos; e, quando estava vestido e tomava a sôpa, entravam no aposento todos os mais, que eram muitos.

«Todas as cousas que lhe eram apresentadas, ao vestir ou ao comer, e n'outras occasiões, os officiaes, que lh'as ministravam, punham o joelho esquerdo em terra.»

E agora que o leitor conhece um pouco mais de perto a larga opulencia faustosa d'essa familia, não o surprehenderá decerto, como, sob o impulso de D. Affonso, poude progredir a no seu tempo modesta villa de sobre o Cavado. A gravura de pag. 117 reproduz com exacta fidelidade as ruinas do historico Paço dos duques de Barcellos, o que me dispensa de uma descripção minuciosa, e apenas por isso, a titulo de curiosidade, transcrevo da *Memoria* citada as seguintes informações:

«Junto da ponte de Barcellos, na margem direita do seu rio Cávado, n'uma forte e formosissima torre, toda de cantaria, e altura notavel, principiava o espaçoso palacio dos condes e duques de Barcellos e Bragança, com communicação para a collegiada, por um passadiço, que já não existe, mas do qual ainda se observam vestigios na cachorrada de pedra existente e embutida no exterior da torre dos sinos da mesma collegiada, do lado do sul, e na pequena porta, tambem existente ainda na mesma linha e lado, por cima do telhado da casa do despacho da confraria das Almas.

«Por baixo da torre d'este palacio havia tres portas de arcaria, uma virada á ponte e lado do sul, que dava entrada da ponte ao fundo da torre; outra virada ao nascente, que dava sahida para as ruas das Flores e Pelames; e outra virada ao poente, que a dava para a rua do Terreiro; e



BARCELLOS — *Vista geral, segundo uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas*

ambas estas duas ultimas para a collegiada e toda a villa, cada uma por o seu dito lado.

«Dentro do fundo d'esta torre, fronteiro á ponte e encostado ao alicerce do palacio, havia um tanque de pedra chamado de *Santa Monica,* porque no cimo da sua bica tinha gravada em pedra a imagem da predita Santa, cuja gravura existe na loja da casa da sachristia da collegiada.

«Este tanque, porém, que era provido com as sobras das aguas do tanque da Praça, demoliu-se juntamente com as tres portas, em nossos dias.

«Sobre a porta virada á ponte estava uma estatua de Barcellos em pé, bem elaborada em fina pedra, no formato de um S. Jorge, que ali fôra collocada pelos annos de 1730 a 1733, e por baixo do escabello de seus pés, por carta de el-rei D. João IV, 3.º duque de Barcellos e 8.º de Bragança, dada em Alcantara em 30 de junho de 1654, já antes da estatua, estava gravada em pedra uma inscripção em latim, a qual diz traduzida para vernaculo:

«*Consagrada á immortalidade.—D. João IV, Rei de Portugal, juntamente com as suas Côrtes geraes, prometteu em voto publico á Immaculada Conceição de Maria, a si e aos seus reinos tributarios com tributo annual. E confirmou com juramento perpetuo, que havia de defender a Mãe de Deus, eleita para tutelar do imperio, perseverada da mancha original. Vivessem de sorte, que a piedade lusitana mandou gravar em viva pedra este memorial eterno no anno 1646 do nascimento de Jesus Christo, sexto do seu imperio.*

«Esta mesma inscripção em latim estava tambem gravada em pedra á *Porta Nova.*»

A *Memoria* não diz o que foi feito d'essa estatua, a que o povo chamava de Barcellos, mas refere a tradição local, que ella desappareceu na occasião do terramoto, e mais diz que ainda não ha muito a sua cabeça existia em um dos quintaes sobranceiros ao rio. Quanto ao paço, uma vez o disse já, que fôra mandado construir por D. Affonso e accrescentarei agora, que foi inspector d'essa obra, como de todas as outras que se deveram á iniciativa do duque, o fidalgo Tristão Gomes Pinheiro, senhor da casa solar dos Pinheiros, que ainda em Barcellos existe na esquina que fronteia para as ruas da Egreja e do Terreiro, mui proximo do palacio ducal. Foi tronco de varões nobres este Tristão Pinheiro, embora, ao que diz a tradição, houvera enxertia illegitima do sangue azul de D. Affonso na sua linhagem de gallego honrado, por amores que tivera o duque senhor e amo com uma filha de Tristão. Tal caso se diz, que foi de fazer arrepelar as barbas a esse pae ludibriado, que, se fidalgo fôra, outro proceder tivera, mas que em memoria do caso mandou apenas representar-se em busto, puchando com energia as barbas, como para protestar com

esta ironia de esculptura o que seria elle proprio capaz de fazer ao duque D. Affonso, que lhe manchára a honra da filha estremecida.

Assim conta o povo a lenda do *barbadão,* ou cabeça de pedra com grandes barbas, que se observa no cimo da torre solar dos Pinheiros, em uma cornija voltada para o paço, embora outra versão diga, que não foi o duque o seductor, mas um fidalgo de sua casa, e outra lenda explique mesmo o arrepelo das barbas pela raiva, que suffocou Tristão Gomes ao vêr que D. Affonso lhe embargava a obra da sua casa solar e lhe não deixava altear as torres d'ella, até ao ponto de hombrearem com as do palacio ducal.

Sobre esta esculptura do Barbadão lembra com acerto o abbade de Louro no Supplemento á sua *Memoria* historica de Barcellos um trecho de *Os Estrangeiros no Lima,* e pergunta se não será a perpetuação do individuo que ahi se refere, a tal esculptura da cornija. O trecho é este:

«Que no tempo d'el-rei D. Fernando houve no logar de Veiros um homem honrado e rico, segundo o estado da terra, chamado Fernão, ou Pero Esteves, ou segundo outros, Mem da Guada, ou da Agueda (castelhano), por alcunha o Barbadão.

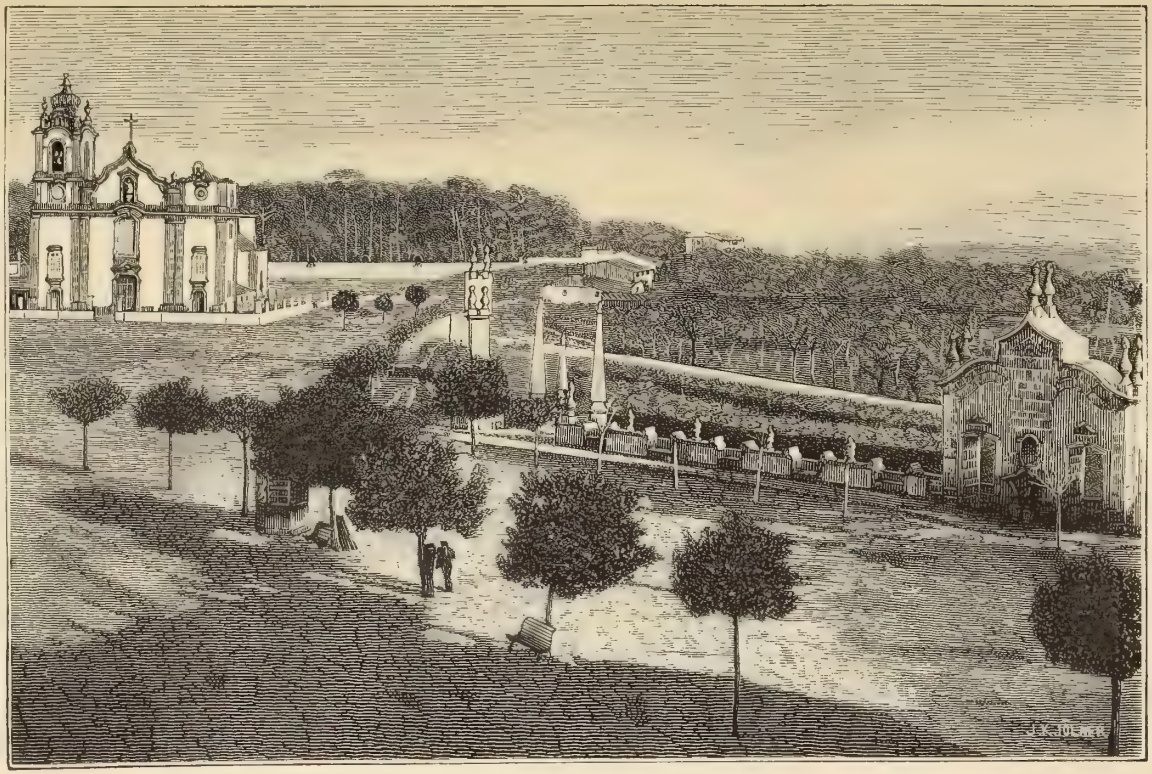
«Que este, contam alguns, tanto se anajou de sua filha Ignez Peres ter de el-rei D. João I, sendo ainda mestre d'Aviz, um filho, que chamaram D. Affonso e foi duque de Bragança, que nunca mais cortou a barba; e nem sendo o mestre d'Aviz já rei, lhe appareceu, nem foi beijar-lhe a mão.

«Do facto de nunca mais cortar a barba, e a trazer mais comprida, lhe veiu a alcunha de *Barbadão.*»

Fernandez de los Rios escreveu tambem a lenda d'estas barbas, mas nada accrescenta sobre as versões que deixamos expostas; de resto a questão, se não é de *lana caprina,* tem o mesmo valor pilloso e por isso que os curiosos se vão entretendo com ella, se isso lhes aprouver.

Da porta do palacio dos duques, voltada á ponte, estendiam-se em duas cortinas os muros da antiga villa, apresentando, além da torre do palacio, duas outras mais, uma que ainda hoje se conserva e é destinada a *cadeia,* outra demolida já, chamada *Torre,* onde havia a porta d'este nome, pela qual se sahia da praça do *Apoio* para a Barreta, em direitura. Esta ultima torre era tambem denominada do *Senhor do Lyrio*, por ter nascido em um oratorio, que ahi havia, uma liliacea junto do crucifixo.

Além das portas que enumeramos agora e quando descrevemos o paço, existiam ainda a da Fonte de Baixo e *Nova,* sobre cuja arcaria estava o oratorio da Senhora d'Abbadia, imagem que foi por occasião da demolição da porta transferida para a capella de S. Thiago, onde se ve-



BARCELLOS: PASSEIO DAS OBRAS—*Desenho de João de Almeida*

nera ainda. Existiam mais uns tres postigos, a saber: o da *Feira,* que parece ter sido o da rua das Velhas, ao depois alargado e alteado; o dos Pelames, hoje rua dos Loureiros, que desce para o sitio do Pecegal, e o das Vigandeiras, por ultimo, ao lado da torre da ponte, e pelo qual se descia para as azenhas do rio, e logar das Vigandeiras.

Antes da demolição da *Porta nova,* e do muro que d'ahi se estendia até á *cadeia,* havia uma viella entre o muro e as primeiras casas da rua Direita, a qual dava passagem para o largo da Cadeia; sobre essa viella ficavam a cosinha e a casa de jantar do predio pertencente aos tios do bispo de Leiria, D. Joaquim Peres Forjaz, e n'ella e em um alpendre que fóra do muro existia, hoje tudo substituido pela parte das casas d'essa familia, que faz esquina para o Campo das Cruzes e rua de *Traz da cadeia,* se fazia antigamente o mercado da sardinha, cujos negociantes eram gallegos no seu maior numero.

Já que fallamos na rua de *Traz da cadeia,* vem a proposito noticiar que está sendo modernamente ampliada, havendo tenção de formar ahi um pequeno largo ajardinado, para o aformoseamento do qual se pensa em derrubar a torre da cadeia. Não o acreditamos em honra dos barcellenses, que devem mais que os estranhos respeitar os venerandos padrões da historia da sua terra, e até nos parece de feição o ensejo para denominar o novo largo com o nome do duque D. Affonso, resgatando de alguma maneira a povoação a divida de homenagem aberta para com o principal fomentador da sua grandeza.

Os mercados antigos foram: o de hortaliças, fructas e aves na praça do *Apoio,* até 1827, em um alpendre pequeno e tosco, encostado á esquina da rua dos Açougues e Misericordia. O nome d'esta praça, que o P.e Carvalho chama *Poyo,* talvez porque ali existissem os fornos publicos, é derivado por outros do *apoio* que encontrava todo o perseguido pela justiça, no privilegio que tinham os Carmonas de livrar da perseguição aquelles que viessem assentar-se em uns bancos de pedra fronteiros á sua casa.

Esse mercado do Apoio mudou, por insufficiente, para a praça da Calçada, onde a camara mandára construir um alpendre que a rua-estrada demoliu, como tambem a arcaria elegante d'essa praça, onde se fazia d'antes o mercado do peixe. No campo de S. José, outr'ora da Magdalena, fazia-se a feira de todo o gado, que hoje é no espaçoso Campo da Feira, ficando ali sómente a dos suinos. O mercado da carne fazia-se no rua dos Açougues, onde antes do governo liberal havia apenas dois, o *publico* e o dos *clerigos,* hoje ambos demolidos; o ultimo fôra concedido por uma provisão regia á irmandade ecclesiastica no anno de 1755, sendo policiado por dois irmãos ecclesiasticos que a mesa nomeava de tres em

tres mezes e aos quaes se chamava *almotacés,* cujo officio era presidir nas terças feiras e sabbados á distribuição da carne, attentando na sua qualidade e peso, para que os compradores não fossem defraudados.

Outros mercados havia em Barcellos, mas acanhados e sem condições hygienicas, o que deu causa a que a camara de 1863 mandasse construir a nova praça denominada de D. Pedro V, na rua da Nogueira de Cima, praça espaçosa e elegante, com alpendres-barracas em todo o comprimento, arborisada e com um um chafariz ao centro.

Continuar na enumeração das ruas de Barcellos, indagando uma por uma as suas tradições, seria trabalho fastidioso para o leitor, e d'elle me dispenso por isso, apontando apenas a tradição da rua Nova dos Alanterneiros, onde foi outr'ora a judiaria barcellense, a qual era, como de costume, isolada do resto da povoação, fechando-se por isso as suas cancellas ao pôr do sol e abrindo-se apenas ao amanhecer.

Sobre os judeus d'esta rua pesava uma contribuição original imposta por D. João II, e, como privilegio, concedida aos morgados de S. Martinho de Aborim. Por cada recem-nascido eram os judeus obrigados a pagar um marco de prata ao morgado, e mais lhes corria obrigação de o hospedar quando este fosse á villa, e de o receber com demonstrações festivas, alcatifando a rua e adornando-a com tres arcos triumphaes.

Continuando a folhear a historia de Barcellos antiga, é no capitulo dos seus templos que temos a demorar-nos agora, visto que todos mais ou menos representam um elemento caracteristico da sua vida e engrandecimento.

Principiando pela egreja da Collegiada, séde da unica parochia da villa sob a invocação de Santa Maria Maior, nenhuma informação segura sobre a sua origem conhecemos, e tão sómente podemos affirmar que o duque D. Affonso foi o seu principal reformador, e o que primeiro pensou em crear ahi uma collegiada, como se mostra pelas *Provisões* do arcebispo D. Fernando da Guerra, dadas em Braga em 1433, 1434 e 1436. Seguiu seu filho D. Fernando o piedoso pensamento do duque e por Provisão do mesmo arcebispo foi a collegiada erecta em 1464, e no mesmo anno confirmada pelo papa Paulo II. Das dignidades então creadas restam hoje as de Prior, Chantre, conegos, sachristão mestre de ceremonias e dois tercenarios ou coreiros. A murça foi o distinctivo dos conegos até 1848; mas n'esta quadra de florescencia romantica houve por bem a rainha D. Maria II reformar-lhes a *toilette,* e desde então a facha e a meia vermelha constituiram mais um artigo... da sua dignidade! Beatas houve até, que choraram lagrimas de jubilo, ao vêr luzir o vermelho da meia appetecida nas tibias masculas e adiposas dos reverendissimos.

Quantas resas se teriam feito a Nossa Senhora para que D. Maria II concedesse aquella graça!

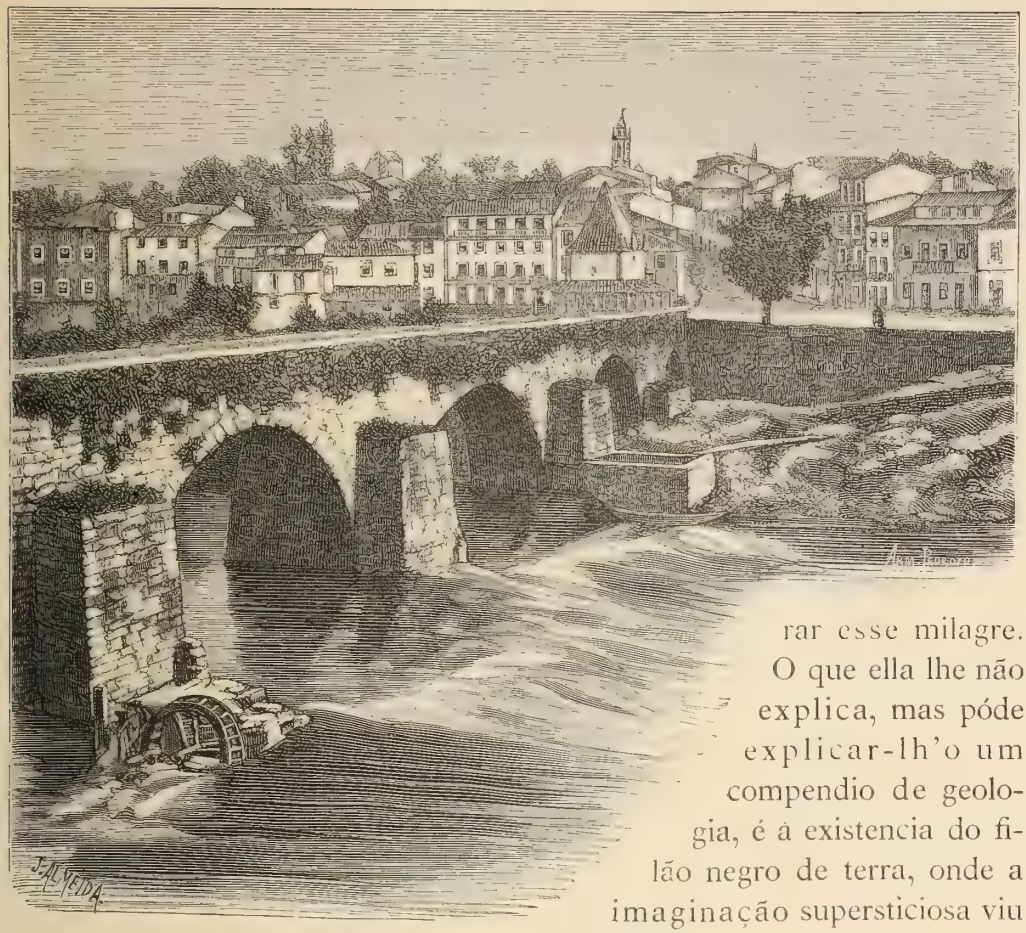
E ainda bem que ella ouviu os rogos das peccadoras, quero dizer, das beatas.

O templo da collegiada é vasto e de tres naves, com formosos azulejos antigos, e revelando, sobretudo na sua porta principal, a sua veneranda respeitabilidade. Entre os annos de 1705-1723, sendo prior André de Sousa da Cunha, soffreu uma larga reparação, que muito o aformoseou. No seu interior teem culto seis altares e cinco capellas, sendo as mais notaveis a capella-mór, onde estão as cadeiras dos beneficiados, e a do Sacramento pela sua riqueza e architectura moderna. Em seguida ao altar da Trindade e proximo das escadas, que dão para o côro, está o sarcophago dos Pinheiros, sendo, porém, tradição que a primitiva sepultura de Tristão Gomes Pinheiro era no corpo da egreja, sendo talvez desfeita quando o D. Prior André de Sousa reedificou a matriz, na epocha já referida. A torre dos sinos é um dos antigos restos da construcção primitiva ou, pelo menos, do tempo de D. Affonso, e já que o leitor me acompanhou até aos seus campanarios, sempre lhe vou dar uma noticia, que póde interessal-o, se um dia ouvir tocar os sinos da collegiada. A escala chromatica dos badalos é na terra conhecida pelos pittorescos nomes de o *grande*, o *freixo*, o *meião* e a *garrida*, e a estes nomes correspondem funcções lithurgicas diversas.

Deixando a matriz, é no largo e espaçoso Campo da Feira, o mais grandioso de Barcellos, que vamos encontrar os mais afamados templos da villa, como será ahi tambem que iremos procurar, a par das lendas religiosas d'este povo, as suas manifestações mais activas de vitalidade.

Ao poente do campo levanta-se o magestoso templo do *Senhor da Cruz*, de figura octogonal no exterior, interiormente em fórma de cruz, com o tecto abobadado, de fina cantaria, rematando em um elegante zimborio. Foi no anno de 1504 edificado, segundo affirma a inscripção que existe gravada em lettras doiradas ao lado esquerdo da frontaria, e ampliado em 1705, conforme a inscripção do lado direito. Dentro, uma outra inscripção latina collocada perto do altar do Christo ajoelhado, diz em traducção vulgar: *Em 20 de dezembro de 1504, n'uma sexta feira, pelas 9 horas da manhã, appareceu n'este logar a primeira Cruz, que, cercada com uma pequena capella, veiu a servir de solio ou altar do Senhor com a cruz ás costas, em honra do qual o mesmo seculo, para memoria sempiterna, com esmolas e a expensas publicas, erigiu este templo.*

Esta inscripção explica ao leitor a origem do *milagre das cruzes*, explicando-lhe ao mesmo tempo a origem do templo, que veiu commemo-



Barcellinhos — Desenho de João de Almeida

rar esse milagre. O que ella lhe não explica, mas póde explicar-lh'o um compendio de geologia, é a existencia do filão negro de terra, onde a imaginação supersticiosa viu a imagem, ao vivo, da arvore da redempção. N'esse campo, chamado outr'ora do *Salvador,* do nome de uma pequena ermida que ahi havia perto do lugar, onde é hoje o altar do Senhor da Cruz, appareceu na tal sexta feira de dezembro o milagroso signal em fórma de T, lettra symbolica para os barcellenses do seculo XVI, e logo foi acudirem as esmolas para se cobrir a cruz mysteriosa com uma abobada assente sobre pilares, o que se levou a effeito rapidamente. Pouco depois, um negociante de Barcellos, vindo da Flandres, trouxe a actual imagem do Senhor da Cruz, e querendo collocal-a na ermida, procederam os barcellenses ás obras do acondicionamento, repartindo-a em duas naves, com entrada pelo sul e poente, e fazendo em volta uma arcaria alpendrada, que se conservou até ao anno de 1705, em que se principiou o magestoso templo que ora existe.

A lenda popular explica por uma outra fórma, que não é menos original, a chegada do Senhor da Cruz a Barcellos.

Segundo ella, teria apparecido a imagem em um naufragio que houve nas costas de Espozende, e, achada milagrosamente por uns pescadores,

veiu depois, por indicação d'ella propria, parar ao lugar, onde appareceram as cruzes milagrosas.

Lenda egual tem o Bom Jesus de Caminha, o de Fão e o de Mathosinhos, o que faz suppôr que houvesse realmente um acontecimento tragico-maritimo em algum navio vindo com vela da Flandres, e trazendo uma encommenda de Christos para o reino. Uma cantiga popular de Barcellos diz:

O Bom Jesus de Barcellos
Escreveu para o de Fão
E o de Fão para Mathosinhos
Que todos tres são irmãos.

Apezar do templo e apezar dos incredulos, o milagre das cruzes tem continuado a repetir-se por ali perto, e se o leitor fôr a Barcellos, no dia 3 de maio, á grande *feira das cruzes,* verá como ainda hoje se procuram os sibyllinos signaes na terra d'esse campo. Aconselho-o, todavia, a que não leve para lá o seu sorriso de incredulo, porque póde alguem desejar convencel-o com o argumento solido do marmelleiro, se lhe não bastarem as razões historicas apresentadas por Fr. Pedro de Poyares, padre Carvalho, Antonio de Villas Boas e Sampaio, e outros não menos conspicuos auctores. Eu lhe conto um caso referido por Villas Boas: «Em 1638, estando no atrio da capella do Santo Christo Mathias Paes de Faria a porfiar obstinadamente com outras pessoas, que ali estavam com elle—*que nas cruzes não havia milagre algum, mas que era veia natural da terra a côr e a fórma das cruzes*—pareceu-lhe que cahia um orvalho do ceu e de repente *perdeu a vista!... e ficou cego!...* mas logo tambem a vista lhe foi restituida, e a primeira coisa que viu diante de si e no campo foi uma cruz de maravilhosa grandeza, com calvario e rotulo em cima, querendo Deus mostrar-lhe com tão prodigioso acontecimento que se enganava e que não havia duvida no milagre das cruzes.»

Ora em face d'isto converteu-se o incredulo Mathias, e jurou d'ahi em diante que havia cruz e rotulo e tudo o mais, com tanto que elle não cegasse de repente uma outra vez. Bastára-lhe o susto.

—Mas cala-te, soberbo pensador—lá diz o abbade de Louro, accendendo por sua vez o lume da Fé e a pederneira da tolice.

E como o calado é o melhor, embora não se trate agora de melões, eu calar-me-hei em face do milagre, para continuar com a historia do magestoso templo. O Senhor do Bom Jesus da Cruz é a imagem querida, por excellencia, de Barcellos, e chegam por isso muitas vezes a ser originaes os *ex-votos* que a piedade vae depôr no seu altar. Em janeiro de 1886, por exemplo, foi o Senhor presenteado com uma... abobora!

Abobora phenomenal, extraordinaria, que pesava a bagatella de sessenta kilos, mas em todo o caso abobora — menina!

Do templo da Cruz sae a procissão dos Passos, a mais imponente que se faz em Barcellos, costumando n'esse dia affluir á villa grande numero de pessoas tanto do concelho como de fóra. Esta concorrencia, porém, não faz desmerecer a da grande feira das cruzes em 3 de maio, que é o dia de arraial mais deslumbrante que a villa póde presencear. As solemnidades religiosas no templo correspondem, pelo seu esplendor, ao movimento extraordinario que n'esse dia existe, quando sobretudo o sol de primavera doira o immenso formigueiro humano, que enche o largo campo. Depois ha corridas e premios para o gado bovino e cavallar, ha barracas, ha illuminação, ha musicas; um ceu aberto o Barcellos d'esse dia!

Flanqueando o Campo da Feira pelo norte e proximo do agradavel jardim publico, que hoje substitue o Campo dos Touros, existe o convento que foi de religiosas benedictinas, tendo para o jardim voltada a portaria e para o Campo da Feira a frontaria da egreja, que hoje é da irmandade de Nossa Senhora do Terço.

Das inscripções que existem na parte exterior da porta de entrada e dentro da capella-mór se collige, que o arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles, por beneplacito de D. Pedro II e no reinado de D. João V, foi o que collocou a primeira pedra d'este convento, aos 14 de agosto de 1707, dia dedicado a S. Bento; e que o mesmo arcebispo, depois de consumidos seis annos n'esta edificação, ali encerrou as freiras aos 8 de julho de 1713.

A historia d'esta fundação resume-se no seguinte: Mandadas recolher a Braga as freiras de Monsão em 1659, sob promessa de que se lhes construiria um novo mosteiro fóra d'aquella villa, multiplicaram-se as supplicas de varias camaras da provincia, pedindo cada uma a el-rei o novo convento na sua terra.

Barcellos requereu tambem, mas abonou o pedido com dinheiro, pois a obra importou n'aquelle tempo 40 contos, e d'ahi o ser elle o attendido.

Agora, que o leitor assista a uma das festas caracteristicas do seculo, vendo desfilar o cortejo imponente, que vem de Braga conferir ás religiosas a posse do novo convento.

«Eram 3 horas da manhã do dia 8 de julho de 1713 (n'um sabbado), e o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, com todos os desembargadores da sua Relação ecclesiastica, sahiu do paço archiepiscopal em direcção ao Seminario de S. Pedro, onde com ancia era esperado; e para logo eis a communidade das religiosas, acompanhada tambem das justiças seculares na frente da procissão (puchada pela cruz archiepiscopal, e coberta pelo

arcebispo, no couce d'ella, acompanhada de 14 em 14 religiosas d'um desembargador, d'um escrivão, e d'um meirinho), marchando, seguida de toda a nobreza de Braga e muita da provincia, por entre alas da gente da ordenança d'aquelle tempo, até á capella do Paço, resando o cantico *Benedictus*.

Ouviram ali missa; e, finda ella, as religiosas, duas a duas, pela ordem das suas antiguidades e graduações, entram em liteiras. E acompanhadas, de sete em sete liteiras, dos mesmos ministros e officiaes, indo na vanguarda o ouvidor, juiz de fóra e mais justiças de Braga, e atraz da communidade o arcebispo na sua liteira, e depois d'elle a predicta nobreza e outra mais, que foi sahindo ao encontro, assim do Paço se dirigiram a Barcellos.

Chegados que foram aos confins do antigo termo de Braga, antes de entrarem na freguezia de *Sequeira* (primeira do antigo termo de Barcellos, em que iam a entrar), o arcebispo mandou recolher a Braga as suas justiças seculares; e, chegando então ali as de Barcellos, com a camara, que tomou o lugar d'aquellas justiças de Braga, e sahindo-lhe ao encontro o marechal de campo, general, D. João Diogo d'Athaide, que governava as armas da provincia, e que tomou lugar em seguida ao arcebispo, todos assim continuaram sua marcha até Barcellos.

Atravessando a villa e chegados ao templo do Senhor da Cruz de Barcellos, todos apeiaram entre alas de gente da ordenança e entre immenso povo; e, depois de fazerem oração dentro do templo, a pé e em procissão, na mesma ordem em que vieram até ali, por entre as mesmas alas de gente, indo na frente a cruz do cabido da collegiada da villa, em seguida os conegos d'ella, depois a cruz archiepiscopal; após ella as freiras, duas a duas, com a sua abbadeça D. Francisca de Santo Antonio, com o seu báculo em punho, e por ultimo o arcebispo, governador das armas, e mais cavalleiros e pessoas, que concorreram a tão brilhante e gostosa funcção, não só da villa, mas até de fóra d'ella; tanto povo, emfim, que difficilmente se podia romper por entre elle e contal-o.

Assim caminhou a procissão desde o Senhor da Cruz até á portaria do convento, resando-se o psalmo — *Laudate pueri dominum* —; e assim entrou portaria dentro uma communidade de 67 freiras professas, 3 noviças, 6 educandas e mais de 50 criadas, trasladadas do Seminario ao seu novo convento de Barcellos, que então estava concluido, menos o mirante da *Pedra do Couto,* que foi concluido em 4 de outubro do dito anno de 1713.

Note-se, que as freiras habitaram o seminario desde 1659 até 1713, isto é, 54 annos.

Logo que a numerosa communidade entrou a portaria do convento,

a sua abbadeça entoou o — *Te Deum laudamus,* — que todas foram cantando até o côro de baixo.

Eram 11 horas da manhã, e do côro foram immediatamente ao refeitorio, que estava preparado com abundancia, á ordem e custa do arcebispo, que tambem nos tres dias seguintes deu de comer a todas as religiosas. N'esses tres dias seguintes, domingo, segunda e terça (9, 10 e 11 de julho de 1753), sendo este ultimo o da trasladação dos ossos de S. Bento, houve triduo solemne na egreja do convento, com o Santissimo exposto.

No primeiro e segundo dia houve missa cantada e sermão; e no terceiro houve pontifical, feito pelo arcebispo, com sermões de manhã e de tarde, e com procissão tambem de tarde até o templo do Senhor da Cruz, regressando á egreja do convento; cuja procissão foi acompanhada por todas as irmandades da villa, levando o arcebispo a custodia do Santissimo Sacramento.

O arcebispo hospedou-se (como era costume seu, quando vinha a Barcellos), na casa da quinta da *Bagoeira,* hoje quasi demolida de todo, d'onde mandou comer ás freiras nos quatro dias primeiros. Depois foram soccorridas com vitellas, carneiros, gallinhas, etc., pela camara.

Este convento e sua cêrca (excepto a sua egreja e côro, que foram dados á Irmandade de Nossa Senhora do Terço, foi mandado arrematar pelo governo, em 1847, que o largou pela insignificante quantia de menos de dois contos de réis (!!!), quantia esta, que só os ferros das grades internas e externas e a cantaria dos mirantes e varandas que foram apeadas pelo arrematante, produziu!!. . . » *(«Memoria» citada do abbade de Louro, pag. 98).*

Disse já que a egreja pertence hoje á Irmandade de Nossa Senhora do Terço, cumprindo apenas accrescentar, que lhe foi concedida por uma portaria de 8 de maio de 1846, depois que tinham sido removidas para Vianna as duas ultimas freiras, que restavam da brilhante colmeia feminina de S. Bento. A devoção da Senhora do Terço data, porém, dos principios do seculo, realisando-se primitivamente o culto na capella de S. Francisco, d'onde os devotos sahiam todos os domingos e dias santificados com a Senhora, cantando o terço pelas ruas. Mais tarde essa devoção installou-se na capella do Espirito Santo, onde se constituiu em irmandade, e d'aqui passou para o templo actual, que foi das freiras.

A egreja é bastante espaçosa; tem tres altares, contando com o da capella-mór, e as paredes são todas forradas de azulejos valiosos, que representam, assim como os taboleiros do tecto, passagens da vida de S. Bento ou assumptos extrahidos da sagrada escriptura.

Um convento de freiras nunca estava só, e por isso não precisa o lei-

tor indagar, se era ou não de frades o convento que facea o Campo da Feira pelo lado de nascente.

Pertenceu realmente aos religiosos capuchos da provincia da Soledade, que para aqui vieram da Franqueira, embora, quando se principiou a fundação no tempo do duque de Barcellos D. Theodosio II, fosse o convento destinado a freiras da *Conceição,* e depois se pensasse tambem em transferir para elle os frades Bernardos de Fiães, cujo mosteiro estava em mau estado.

A provisão regia, que entregava aos capuchos da Franqueira o convento principiado, é de 13 de março de 1649, mas como o local não fosse do seu agrado, em 22 de agosto do mesmo anno se lançou a pedra fundamental do actual edificio, mandando a camara em 31 d'este mez e anno, que os lavradores das freguezias, uma legua distantes da villa, acarretassem com seus carros a pedra para o novo convento, cuja inauguração solemne veiu a fazer-se tres annos depois.

Com a extincção das ordens religiosas passou aos bens nacionaes o edificio, e porque o local, onde então era o hospital, fosse acanhado e menos proprio para um estabelecimento d'essa ordem, conseguiu o barão de Leiria que o governo concedesse o convento á Irmandade da Misericordia em 1836, para n'elle installar o seu hospital.

É esta a origem moderna do hospital de Barcellos; quanto á origem primitiva de um hospital na villa não ha documento algum que a atteste, e sabe-se tão sómente que já em 1464, junto da capella de Santo André, ao poente da Fonte de Baixo, na estrada que vae a Casal de Nil, no sitio da Ordem, havia uma casa rodeada de uma devesa, onde era a *gafaria* ou *hospital dos lazaros,* cujas rendas D. Manuel annexou em 1520 a um *novo* hospital por elle instituido na rua de Santa Maria, que desde então se chamou da Misericordia. N'este hospital estabeleceu-se com o decorrer dos tempos a Irmandade; mas depois, quando os vigarios entenderam que era acanhado o edificio de D. Manuel, mudaram a egreja para a Praça, lançando a primeira pedra em 1593, no sitio onde é hoje a sala das sessões e secretaria da camara, que assim vieram substituir a egreja e casa de despacho da Misericordia.

Do hospital moderno corre para sul um paredão elegante, com janellas rasgadas de espaço a espaço, para além do qual se vêem as copadas arvores da cêrca, e se adivinham as tranquillas solidões do Bussaco de Barcellos, como chamam na localidade a esse lugar encantador e cheio da poesia das tradições e da natureza.

No extremo sul do campo e ainda em terreno que foi da cêrca, mas hoje perfeitamente isolado, levanta-se um outro templo magestoso e vasto,

que é o dos *Terceiros de S. Francisco* (veja-se a nossa gravura de pag. 129). A ordem quiz levantal-o primeiramente no sitio chamado a Pedra do Couto, lugar que hoje corresponde ao oratorio do Senhor da Agonia, ao norte do campo; mas a obra foi embargada pelas freiras, sob o pretexto que lhes ia devassar o claustro e por isso se optou pelo sitio em que actualmente está. A ordem esteve nos primeiros tempos erecta em o altar de S. Francisco da Collegiada, passou depois á capella de Nossa Senhora da Encarnação, já extincta, e mais tarde transferiu-se para a capella da Senhora do Rosario, d'onde sahiu para o novo templo que mandou construir, e cuja primeira pedra foi lançada em 11 de março de 1734, sendo a construcção auxiliada por muitos donativos de compatriotas do Brazil e por uma certa parte do *real d'agua,* que D. Maria I concedeu para a obra. Ultimamente é que se construiu a torre, onde foi collocado um carrilhão.

Uma outra egreja, notavel sobretudo pela tradição das suas origens, póde o leitor visitar, seguindo a rua-estrada de Vianna. É a do Recolhimento do Menino Deus, ou das *Beatas,* cuja fundação é devida a uma preta de nome Victoria, segundo Provisão do arcebispo de Braga de 8 de junho de 1726.

No livro já citado de Amaral Ribeiro copia-se de um manuscripto a historia d'esse instituto, dizendo o seguinte:

«*Bento Ferreira Gomes,* casado com *Francisca Ferreira,* morava na rua *Direita* d'esta Villa, onde tinha loja de mercancia; e comprando uma negra de nome *Victoria,* que teria, quando foi comprada, 20 annos de edade, tão adestrada se tornou em poucos annos no negocio de seu senhor, tão intelligente era, que este lhe entregou por vezes dois e tres mil cruzados, para ir á cidade do Porto, comprar os sortimentos que precisava; o que ella executava com tanta pericia e fidelidade, que causava a todos admiração.

«Era a preta *Victoria* de vida e costumes exemplarissimos, e tomando grande devoção ao Menino Jesus, mandou fazer um, que tinha n'um nicho na loja de seus senhores.

«Cresceu tanto a fama das virtudes da preta *Victoria,* e dos milagres do seu Menino Jesus, a quem os povos incessantemente levavam offertas, que o Dom Prior da Collegiada, *André de Sousa da Cunha,* a obrigou a collocar a Imagem na Collegiada, na Capella dos Terceiros: se até então a fama da milagrosa Imagem era grande, maior ficou sendo depois, sendo immensas e avultadas as esmolas e offertas que lhe faziam. Informado d'isso o Arcebispo de Braga, *Dom Rodrigo de Moura Telles,* e nomeando Thesoureiro d'essas esmolas a *Bento Ferreira Gomes,* senhor da preta *Victoria,* em pouco tempo se viu que importavam em alguns mil cruzados.

«Em maio de 1721 requereu a preta *Victoria* ao Arcebispo *Dom Rodrigo de Moura Telles* para erigir uma capella ao Menino Deus, para cujo fim allegou ter já 204$000 réis; e offerecendo para rendimento da fabrica vinte e quatro medidas terçadas, cujo rendimento era de 5$000 réis annuaes, compradas ao convento de Santa Clara de Villa do Conde; por não ser considerada valida e segura essa compra, segundo o parecer do procurador geral da Mitra, emittido em 2 de abril de 1722, fez-se o destracte da compra; e como a preta *Victoria* offerecesse depois, para o mesmo fim, dez medidas compradas em 8 de abril de 1724 a *Martinho d'Azevedo* e mulher *Anna Maria de Mello de Faria Lobo;* uma rasa doada em 27 de março de 1724 por *Antonio Francisco,* de Villa Cova; sete e meia medidas compradas em 21 de janeiro de 1724 a *José Pereira* e mulher *Joanna da Afonseca,* que na mesma escriptura doaram tambem uma medida; nove medidas compradas em 5 de maio de 1725 a *Antonio Gonçalves do Pinheiro;* por todas, compradas e doadas, vinte oito e meia medidas, concedeu o Arcebispo por Provisão de 6 de outubro de 1725 a licença pedida.

O Senhor do Gallo — Desenho de João de Almeida

«Oppondo-se, porém, a tal concessão, em 10 de novembro de 1725, a Ordem Terceira de S. Francisco que, como já dissemos, se achava estabelecida n'esse tempo na Collegiada, e em cuja capella era venerada a Imagem do Menino Deus da preta *Victoria,* allegando, como fundamento de sua opposição:

«1.º — Não haver confraria alguma do Menino Deus, e sim apenas algumas pessoas devotas, que a preta nomeava cada anno para o festejarem;

«2.º — Existir um papel auctorisado pelos senhores da preta, no qual

a mesma se obrigava, quando se fizesse capella para o Menino Deus, que iria com elle a Ordem Terceira, em cuja capella se achava collocado ha tantos annos; pedia, por isso, que lhe fosse concedida a auctoridade e direcção da obra, por ser assim mais conveniente ao serviço de Deus, que lhe assistisse a Ordem Terceira; pois não sendo assim, brevemente ficaria a dita capella, que se pretendia erigir, sem ter quem tratasse do seu culto, o que não aconteceria tendo a assistencia continua da Ordem Terceira.

«Não obstante essas ponderações, e por ser considerado irrito e capcioso o papel, que se dizia passado pela preta *Victoria,* que declarou não ter assistido á sua factura, e ter-se sempre opposto e clamado contra tal pretenção, o que foi ratificado, por escripto, por seu senhor *Bento Ferreira Gomes* em 23 de janeiro de 1726, em nova Provisão de 8 de junho de 1726 confirmou o Arcebispo a licença concedida á preta *Victoria,* a qual resolveu levar mais longe o seu pensamento, desejando edificar já não uma capella, mas uma Egreja para o Menino Jesus, e um convento onde se recolhessem e educassem raparigas donzellas, o que poz em execução no sitio onde hoje se vêem.

«Quando as obras estavam já muito adiantadas, mandou, por ordem d'El-Rei, o Ouvidor da Villa intimar todos os pedreiros para irem trabalhar nas obras de Mafra, sem que lhes aproveitasse privilegio algum; assim o fizeram, ficando mezes parada a obra; foi então que a preta *Victoria,* indo a Lisboa, obteve d'El-Rei licença para regressarem á Villa os pedreiros, que proseguiram na conclusão da obra, e a preta na acquisição dos meios precisos, avultando entre as esmolas por ella obtidas o donativo de 500$000 réis em tijolo e telha [1] dado pelos moradores do *Couto de Manhente,* por ella lhes ter obtido isenção do recrutamento, a que n'essa epocha se procedia com a maior restricção.

«Em 27 de setembro de 1733 foi trasladada processionalmente para a sua Egreja o Menino Jesus, havendo por esse motivo na vespera corrida de touros, e no dia da trasladação danças e folguedos publicos, como por occasiões taes se usava n'esses tempos.»

Além dos templos descriptos, outros ainda existem em Barcellos, mas de menos sumptuosidade, e por isso considerados capellas ou ermidas, sendo as mais notaveis: a de *S. José,* antiquissima, tendo antes o nome de Magdalena, que era a padroeira dos estudantes da villa; a de *S. Thiago,*

[1] Por escriptura de 10 de fevereiro de 1732 passada no Couto de Manhente, tabellião *Manuel da Costa,* se obrigaram varios devotos de *Manhente* e de *S. Verissimo* a cumprir, dentro de dois annos, a promessa que haviam feito ao Menino Deus, de darem telha boa para as obras em construcção; o que cumpriram, dando os de Manhente (cincoenta devotos), duzentos e nove carros de telha, e os de S. Verissimo (quarenta e tres devotos), cento e noventa e nove e meio carros.

onde se diz missa aos presos da cadeia; a de *S. Bento da Borequinha,* fundada pelo dr. Gaspar Pinto Corrêa; a de *S. Francisco*, na casa d'este nome e antigamente dos Mercadores, na qual está o grande S. Christovão, que os moleiros do termo da villa teem obrigação de levar na procissão de *Corpus Christi;* a de *S. Bento da Barreta;* a de *S. Sebastião,* na rua dos Carvalhos; a do *Bom Successo,* proxima do cemiterio, e a de *Santo André,* por ultimo, na Fonte de Baixo, proximo da estrada de Espozende.

Outras havia que foram demolidas e eram as do *Espirito Santo,* da *Conceição* e de *Santa Cruz,* no Campo da Feira, e a da *Torre do Valle,* junto da porta da muralha que tinha este nome.

Passando da piedosa romagem dos templos á visita dos edificios profanos tem o lugar de honra a casa da Camara, edificio notavel e magestoso, que se póde collocar a par dos primeiros do reino destinados a identico fim.

A sua architectura é elegante, solida a sua construcção, as suas dimensões amplas; e se a frontaria olhasse desafogadamente para um largo espaçoso, a perspectiva das suas linhas muito o faria realçar. Consta de dois pavimentos o edificio, estando no inferior alojadas a administração do concelho e a repartição de fazenda, e occupando o superior o tribunal de justiça, o magnifico salão das sessões da camara, a sua secretaria e archivo. Na parte correspondente ao antigo hospital da Misericordia fica hoje o quartel do batalhão, que a Barcellos foi promettido pelo ministro da guerra visconde de S. Januario.

O edificio da camara data de 1849 e substituiu os antigos paços do concelho e tribunal, assim como a egreja e casa das sessões da Misericordia, pertencendo-lhe tambem o hospital antigo, que segue o edificio pelo lado do poente, fronteando com a rua da Misericordia até á praça do Apoio, parte que ora está occupada pelo quartel.

Na continuação descriptiva dos estabelecimentos publicos tem o leitor de voltar ao Campo da Feira para examinar o *Asylo de Invalidos,* que fica ao nascente do campo e ao norte do hospital, de cuja architectura destôa, embora uma direcção qualquer houvesse pensado em construir sob o mesmo typo, ou pelo menos ao mesmo nivel do terreno, a frontaria, idéa peregrina que fez sacrificar o asylo, apezar de tudo um dos grandes edificios de Barcellos.

No extremo sudeste do mesmo campo um extenso paredão, a que chamam *as obras,* prende tambem a attenção do *touriste;* representa-o a nossa gravura de pag. 129 e foi, segundo parece, destinado a servir de frontaria a um projectado jardim, que devia descer até ao Cavado. Ao centro uma elegante e suave escada divide o paredão em dois lanços, le-

vantando-se ao meio de cada qual um formoso chafariz, o do nascente sem agua e o do sul provido d'ella.

Passados assim em revista os edificios publicos da villa, cumprir-nos-ia talvez attentar, ainda que de relance, nos muitos particulares que existem em Barcellos, alguns mesmo notaveis pela sua architectura ou tradições; mas é trabalho minucioso esse, em que não podemos demorar-nos, tanto mais que o tempo nos vae minguando para visitar terra tão populosa como é esta do concelho, hoje ainda um dos maiores do paiz, não obstante os córtes administrativos que o teem reduzido.

Em 1836 ainda Barcellos tinha um termo tão dilatado, que desde nascente ao poente, isto é, desde a freguezia de *Sequeira* á de *Amorim* abrangia sete leguas de largo; e de norte a sul, isto é, desde a ponte de Vianna até á ponte de Negrellos dez leguas de comprimento. O termo, todavia, apezar de tão extenso, fica muito áquem dos limites da comarca, visto que em tempos remotos esta chegou a ter um bairro ou uma rua em Lisboa, que depois foi trocada pelas villas de Eixo, Páos, Oys da Ribeira, Villarinho do Bairro e suas annexas, que ainda em 1836 conservava, compondo-se n'esta data de todos os concelhos, coutos e honras que se estendiam desde o Vouga até Castro Laboreiro!...

Não admira, em face d'isto, que no seu *Epithalamio* dissesse o poeta Manuel de Gallegos:

> Só em Barcellos houve alardo um dia
> Em que o sol pelos campos dilatados
> Com terrivel e fera galhardia
> Dezesete mil peitos viu armados.

Pois havia no termo 28 companhias de ordenanças, e em toda a comarca 42, das quaes a camara servia de capitão-mór. Sabe-se tambem, que nas guerras da nossa independencia Barcellos deu á sua parte tres *terços* de infanteria, 1:500 gastadores e 500 carros, o que é bem uma prova de não ter amortecido o seu brio militar, como querem dizer aquelles, que lhe assacam a nodoa de cobardia, rememorando a conquista de Ceuta por D. João I.

O caso fôra, que na defesa da cidade, de tal maneira se tomaram de panico os de Barcellos, que apavorados fugiam, o que, visto pelos de Guimarães, prompto se dividiram em dois troços, e repelliram, com duplicada coragem, os mouros, contra quem todos pelejavam. D. João I, diz-se, premiou esta bravura e castigou aquella cobardia, ordenando que d'ahi em diante fossem os vereadores de Barcellos varrer as praças e açougues de Guimarães.

Por mais de setenta annos, continua dizendo a tradição, foram os vereadores de Barcellos nove vezes no anno, nas vesperas das festas de Guimarães, fazer a limpeza ordenada, levando para este fim, como signal de servidão, um barrete vermelho na cabeça, banda da mesma côr ao hombro, espada á cinta, um pé calçado e outro descalço, e uma vassoura de giesta. Finda a limpeza entregavam á camara de Guimarães os seus barretes e bandas; e era multado pecuniariamente todo o vereador que se eximisse a tão vexatorio serviço, o que em sua generalidade preferiam.

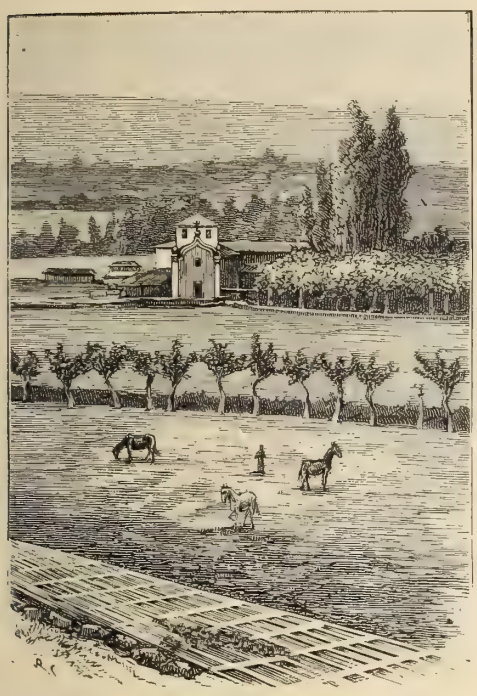
Por esta causa não havia quem desejasse o encargo de vereador em Barcellos e então o duque D. Jayme, pelos annos de 1488, contratou com a camara de Guimarães ceder-lhe para tal fim as freguezias de Cunha e Ruilhe (hoje de Braga) de que elle era senhor, o que durou até 1580, em que esta comedia terminou.

Até aqui a tradição, que eu não podia omittir, como chronista que apanhou um traço verdadeiro ou lendario do povo que vae perlustrando. Agora a critica d'essa anedocta, inventada, ao que parece, pelo padre Carvalho 292 annos depois da conquista de Ceuta, em que o duque D. Affonso e os seus vassallos de Barcellos prestaram taes serviços, que D. João I lhe concedeu ricos despojos e até o armou cavalleiro na terra conquistada.

As chronicas coevas não resam do facto anedoctico lançado a correr mundo pelo patranheiro padre, e quasi me bastava servir d'este unico argumento para anniquilar a lenda dos vereadores de vassoura e de barrete; mas, no *Supplemento,* já citado, do abbade de Louro, encontro uma tal facundia de argumentos sobre o caso, uma sova tão risonhamente monumental no meu pobre Carvalho da *Chorographia,* que eu não resisto a colher alguns trechos de desaffronta do abbade, tanto mais que, podendo o leitor ignorar a existencia do opusculo, ficaria inhabilitado a ganhar o grande premio que no Supplemento se promette a quem descobrir a provisão de João I, ou na camara de Guimarães uma taboa contendo a verba que lembre a servidão dos vereadores de Barcellos. Verdade é que o abbade não diz qual seja o premio grande; mas deve a gente confiar n'elle, e metter «*mãos á obra porque a pechincha não é de perder.*»

O abbade pergunta triumphantemente: «Que data tem, onde existe, ou onde foi registrada essa provisão de el-rei D. João I, que só o padre Carvalho apregoa?... Quaes são, quem assignou, onde existem e onde estão registrados os documentos da transferencia d'essa servidão dos vereadores de Barcellos para os vereadores de Cunha e Ruilhe, ou dos de Santa Eugenia para os de Cunha e Ruilhe?... Nada d'isto nos disse o padre Carvalho, por isso podemos dizer: «Mais depressa se pilha um mentiroso, do que um coxo.» E pelo aleive lhe chama grande de estatura na

mentira, inventor de petas e calumniador, tudo com tres pontos de exclamação!!! E se tal infelicidade — a da cobardia — acontecera, porque se havia de castigar nas pessoas dos vereadores que não estiveram em Ceuta, o crime que só os soldados commetteram?



Uma vista do valle de Tamel — Desenho de J. Christino, segundo uma photographia

«É, pois, certo, que tal fraqueza e tal castigo — diz com rancor nada evangelico o abbade — só existiram na corcovada cabeça do padre Carvalho, que deu ouvidos e acreditou patranhas.»

Corcunda! Nem o physico lhe poupa!... E, ainda por cima, comparando-o ao João Fernandes do *Palito metrico,* o manda guardar cabras, ir á tabúa ou bugiar, e de mais a mais em latim:

«*Mandavit guardare cabras atque ire tabúam.*»

Ai, abbade, como você foi cruel.

E agora, uma vez desaffrontada a honra de Barcellos, como nada mais temos que fazer dentro da villa, convido o leitor a atravessar o Cavado na ponte secular que uns dizem romana, outros edificada pelo duque D. Affonso, para travarmos de perto relações com

BARCELLINHOS

diminutivo que indica uma filiação historica, segundo a formula já enunciada na cantiga popular:

O seu filho Barcellinhos, etc.

Arrabalde de Barcellos lhe chamam na localidade, mas é realmente desconhecer uma villa que todos considerariam como tal, se a terra de D. Affonso não existisse ali ao lado.

Como diminutivo e como arrabalde, Barcellinhos é ora animado com blandicias, ora chasqueado com maliciosos ditos, ás vezes trovados em

cantigas. Gabam-lhe as suas feiticeiras raparigas, as suas tricanas de chinellinha aberta, e recommendam aos incautos:

Se fores a Barcellinhos
Leva contas de resar,
Que lá estão as feiticeiras
Que te podem enfeitiçar.

Mas, se as raparigas não correspondem aos galanteios dos Tenorios de Barcellos, é logo a troça e então:

As moças de Barcellinhos
Todas têm a fralda rota,
Só a moça do vigario
Têm uma nova de estopa.

Apezar d'isto Barcellos e Barcellinhos querem-se como pae e filho, contemplam ambos sorrindo as margens formosas do seu Cavado, e para que nunca se quebrem laços tão intimos de amizade ahi está o brazão da villa reunindo de um lado a nobreza de Barcellos, do outro as lendas de Barcellinhos, symbolisadas na ermida da Senhora da Ponte e no carvalho fronteiro, duas sentinellas que estão, segundo Fr. Pedro de Poyares, álerta em defesa de Barcellos—a Senhora como padroeira e protectora, o carvalho como promettendo-lhe conservação e duração por ser arvore durissima e forte.

Na gravura que representa Barcellinhos vê o leitor á sua esquerda a ermida da Senhora da Ponte, não mostrando o edificio muita antiguidade por causa das reconstrucções que tem soffrido; mas, tendo-a realmente, pois já no principio do seculo XV era a Senhora da Ponte procurada pelo povo como milagrosa; á sua direita vê o carvalho da lenda, recordando o primitivo de tempos immemoriaes, o qual foi pelas tropas miguelistas do Silveira cortado em 1827, para com elle e com a pedra tirada do primeiro arco da ponte, n'essa occasião demolido, prepararem a resistencia ou demorarem a passagem ás tropas liberaes. O actual carvalho foi n'esse mesmo anno plantado por ordem da camara de Barcellos.

Este lugar da Ponte é um dos mais aprazíveis da villa, sendo encantadora a paysagem, para quem de sobre a varanda secular, que une as duas margens, estender os olhos na direcção da corrente do formoso rio.

Como no Rheno, a poesia das ruinas dos solarengos castellos casa as suas melancholias com a poesia da natureza meiga, que enche todo o quadro; uma casta emoção invade o espirito, chega até nós uma vaga melodia, que parece escutar-se muito ao longe, como que trazendo um sonho

do passado, e que vae, como a agua múrmura do rio, para uma visão doce do futuro. Ao sopé da ponte, azenhas espadanam a crystallina e limpida corrente; adiante recortam-n'a os areaes, em sinuosidades de ouro; nas margens ondula, como fimbria de um manto collossal, a vegetação luxuriante e densissima.

Entretanto raros são os espectadores, que hoje se demoram a admirar da ponte a formosura esplendida d'esse pedaço do Cavado; de sobra a teem visto já. Por isso, se o leitor encontrar por ali algum solitario, não cuide que elle está enamorado da paysagem; está simplesmente a vêr as obras do Matadouro, que na margem esquerda se levanta, se é que antes não veiu de vêr as da terraplenagem, que a camara está fazendo em volta dos paços ducaes, e, ao que parece, com menos seguro criterio.

Visto o lugar da Ponte, e conhecidas algumas ruas de Barcellinhos, o que bem pouco é, visto que se reduzem a umas cinco além da arborisada praça do Montilhão, entremos na sua egreja parochial, cujo aspecto asseiado convida a uma rapida visita. A primitiva matriz, sob a invocação de Santo André de Maresses, era dentro da quinta de Maresses, hoje propriedade do dr. Salazar, e d'ella se fez a trasladação para a actual, que foi edificada em 1675, no mesmo sitio onde antes havia uma ermida de S. Sebastião. Modernamente soffreu grandes modificações a construcção primitiva, fazendo-se-lhe então a elegante e elevada torre que possue. Quasi em frente á matriz fica um dos melhores predios de Barcellinhos, de que é proprietario o sr. Rodrigo de Sousa Azevedo.

Além da egreja parochial existem no pittoresco arrabalde mais algumas capellas, sendo essas a de Santo Antonio de Vessadas, na quinta d'este nome; a de S. Miguel o Anjo, no fim da rua da Esperança; a de S. João de Medros, e por ultimo a de S. Braz, em uma situação deliciosa no lugar de Lavandeiras, e á qual se faz romaria de espavento no domingo seguinte ao dia 3 de fevereiro. Um pequeno caminho vicinal, hoje bem arranjado, corta da estrada até ao principio da escadaria, em cujo ultimo lance fica a ermida, podendo o leitor gosar junto d'esta a paysagem, que se desdobra por toda a bacia do Cavado, desde o monte de Roriz, que se levanta ao nordeste, até ao de Perelhal, que desenha a linha do poente. É deveras encantador.

Ao lado do caminho encontra-se a fonte de Ninães, cuja agua foi de tanta fama por sua bondade e frescura, que varios arcebispos de Braga, entre elles D. Sebastião de Mattos, a mandavam buscar para seu uso diario. A fonte está hoje um pouco arruinada; emquanto á justificação da fama da sua agua, parece-me que deve procurar-se antes na predilecção um pouco histerica do gosto dos arcebispos, que na sua qualidade, aliás

excellente, como a de todas as aguas de Barcellos, mas que não se comprehende bem, podessem levar vantagem ás magnificas aguas do Bom Jesus, que os prelados tinham lá ao pé de casa.

Um monumento nos resta descrever em Barcellos, que é o do *Senhor do Gallo,* representado na nossa gravura em uma das suas faces, por ser a que melhor recorda a lenda popular.

Encontra-o o leitor em uma bouça de pinheiros, que fórma o angulo de encontro das duas estradas, que logo ao sahir de Barcellinhos seguem, uma com destino á estação das Fontainhas do caminho de ferro da Povoa, outra vicinal, atravessando *ALVELLOS,* terra que pertenceu ao couto de Villar de Frades e onde houve antigamente um convento de freiras benedictinas, sendo tambem ahi o solar dos Alvellos e seguindo depois para o sul do concelho, através a freguezia de *REMELHE.* Essa bouça foi cortada pela primeira estrada, ficando do lado direito a antiga forca, hoje ruina, construida em 1712, e segunda de Barcellos, ao que parece, pois ha do lado da villa, proximo do recolhimento das Beatas, um sitio chamado a Forca Velha, onde provavelmente foi a primitiva. Do lado esquerdo fica o monumento do *Senhor do Gallo,* cuja historia se conta da seguinte fórma: Ia caminho da forca um condemnado, gallego — diz a lenda — o qual para attestar a sua innocencia protestou n'este lugar: — que estava tão innocente, que antes d'elle ser enforcado cantaria ali um gallo assado, como prova da sua innocencia. O milagre assim annunciado foi esperado com viva anciedade, e quando realmente o homem estava já com o laço ao pescoço, a corda ficou bamba por milagre de S. Thiago, e o gallego suspenso no ar, com manifesto desprezo das leis da gravidade. A face do padrão, que a nossa gravura reproduz, memora o estranho facto, vendo-se na outra face não menos toscas figuras, representando o sol, a lua, Nossa Senhora e S. Bento, se é que a interpretação não erra a modelação do artista, tão tosco como as suas creações.

*

* *

Visitada a villa de Barcellos e a sua annexa Barcellinhos, em muitas excursões agradaveis póde o leitor percorrer as terras do concelho, servindo-se para isso das estradas que o atravessam em todas as direcções. Na de norte-sul é justo que demos a preferencia á via ferrea que de Nine segue até ás margens do Neiva, cortando uma extensão de 30 kilometros, através dos valles de Rio Covo, do Tamel e de Aguiar, tão pittorescos e tão ferteis.

Um relancear de olhos pelo valle de Nine, dirigido de sul para o occidente, deixa-nos desde logo vêr *MINHOTÃES,* terra antiga que até 1311 foi commenda de templarios, e cujo nome é provavel que derive da abundancia de *minhotos* (chamam assim no Minho aos milhafres), que nas suas selvas se acoitassem; *GRIMANCELLOS,* cujo vigario, collado, o reitor de Minhotães apresentava, e terra que deu o titulo ao barão de Grimancellos, que morreu governador do castello da Foz do Douro; e finalmente *VEATODOS,* ou *Viatodos,* com o seu importante lugar da *Isabellinha,* onde se faz uma feira de anno consideravel, e collocada na magnifica situação que o proprio nome indica, embora os factos não venham muito em abono d'essa potencia de visão, pois que ainda em 1881 os ladrões roubaram a matriz parochial, o que *Vê-a-todos* não viu. Presbytia por certo da velhice, pois que esta modesta aldeia, em tempos remotos villa, é por alguns antiquarios considerada como fundação de um patricio romano, chamado Elio Saia, ou Soia, o que se collige, ou parece colligir, dos restos de uma inscripção existente em um degrau da egreja. Ora este nome de Saia ainda hoje se dá ao monte, que fica a occidente marcado pela triangulação geodesica, e é tradição tambem, que o tal patricio Soya, Saia ou Soyano, valido de Tiberio, fundando um castello no alto do monte, a que se acolheu Decio Bruto quando os bracharenses o vieram atacar, foi por isto o fundador da visinha freguezia de *S. PEDRO DO MONTE DE FRALÃES,* ou *Farellães,* a qual depois formou com Veatodos a *honra de Farellães,* cujo primeiro donatario foi D. Paio Ramires, de quem descendem os Corrêas. Notaveis eram os privilegios do solar de Farellães, mas apenas apontaremos um, que diz respeito ás duas freguezias:

Egreja de Abbade de Neiv a
Desenho
de João de Almeida,
segundo uma photographia do ex.mo sr. Julio Vallongo

«No 1.º de janeiro de cada anno, lê-se no diccionario de Pinho Leal, juntavam-se os vassallos dos *Corréas;* e o *senhor,* sentado em uma cadeira debaixo de um carvalho, mandava arrimar ao mesmo a vara do juiz velho, e, entre todos os presentes, escolhia o que julgava mais digno, e lh'a entregava, tomando-lhe juramento de que faria justiça recta em todo o decurso d'aquelle anno. Passava-lhe *carta de ouvir,* sellada com o sello das suas armas. Sem mais formalidades ficava o eleito feito *juiz ordinario e dos orphãos,* e este depois com o povo, elegia os vereadores e mais empregados do couto.»

A esta investidura da justiça seguiam-se as *fogaças* das aldeias de Camposinhos e Veatodos, que eram comidas por todos os presentes, dando o senhor o vinho em abundancia para alegrar o seu povo.

Visinhas das freguezias, que ao leitor apresentamos n'este valle de Nine, ficam para além da montanha, que ali se vê coroada por uns singelos moinhos de vento, a parochia de *CHAVÃO,* fertilissima terra que teve os grandes privilegios da ordem de Malta, existindo ainda proximo da sua antiga matriz as casas que foram do commendador d'essa ordem e donatario da freguezia; e a de *CHORENTE,* que não tem senão o seu uberrimo solo para apresentar ao *touriste* como curiosidade. Seguindo na linha ferrea de Braga, a poucos passos se encontra o calvario de *CAMBEZES,* ou do *Couto,* como ainda lhe chamam vulgarmente, recordando o privilegiado couto que foi da Sé de Braga. Era o deão seu ouvidor e confirmador das justiças de Cambezes, e tinham os habitantes a obrigação de ir todos os sabbados varrer a dita Sé.

Conhecido assim o valle de Nine, ainda que muito de relance, e em quanto, por assim dizer, se fazem na *gare* da Estação as manobras do comboyo, tomemos agora o nosso lugar na carruagem, pois que a locomotiva silva já, e vae, fremente de impaciencia, arrastar-nos para esse norte encantador. O terreno, que atravessamos, ou melhor diriamos, as freguezias que nos ficam adjacentes á linha, são do lado esquerdo *CARVALHAS,* nas fraldas do monte Soia, e *SILVEIROS,* um pouco adiante, em situação analoga; e do lado direito *S. MIGUEL DA CARREIRA,* terra onde se faz uma afamada procissão de Passos, notavel um pouco pelo burlesco das suas interessantissimas scenas. O tunnel, que no kilometro 41 se atravessa, está em terreno d'esta freguezia, vendo-se, depois d'elle transposto, a matriz parochial ao lado direito da linha. A esta freguezia da Carreira pertence a capella da Senhora da Penha, edificada proximo da arruinada torre de Penegate, que é tambem uma das curiosidades do lugar.

O comboio segue, abrindo-se á direita um formoso valle, em que

assenta *S. ROMÃO DE FONTE COBERTA,* ainda não ha muito annexa á Carreira, mas hoje independente.

Á esquerda perpassa por junto de nós a modesta *RIO COVO* (Santa Eulalia), emquanto á direita os olhos se estendem pelas graciosas collinas, que formam as abas da serra de Ayró, que além nos segue em toda a linha do oriente, desenhando os recortes da sua penedia pittoresca.

Atravessamos um riacho por sobre a ponte de Lamas e logo nos surge *MOURE,* ao lado direito da collina, levantando a agulha da sua torre ao de cima d'esta opulenta vegetação das visinhanças do Ayró.

Paramos na estação de S. Bento, que pertence a *MIDÕES* e que toma o nome das importantes feiras de anno, que no dia de S. Bento se fazem na sua proximidade.

Agora, ao avisinhar-se o valle do Cavado, são as veigas da *VARZEA E CRUJÃES* que nos apparecem cheias da orvalhada frescura da beira-rio, modestas mas deliciosas, uma sob o patrocinio celeste de S. Bento, outra sob a egide de Santa Comba, mas reunidas para os effeitos civis por causa da sua pequenez.

Adiante já, o Cavado, sereno como um lago da Suissa, com as suas formosas cascatas desfiando-se além em perolas nevadas, surprehende a nossa retina, que se impressiona vivamente. Mas a locomotiva passa sobre a ponte de ferro, construcção da casa Eiffel, elle deslisa em baixo como o esmorecimento de uma ballada antiga, e não mais o vêmos, porque á rapida visão succedem as upas alegres do comboyo, que adivinha perto a Estação de Barcellos.

Presenceamos o movimento na *gare,* que é superior ao de Vianna; os minutos correm, o comboyo segue. Cortamos um valle delicioso; ficanos á esquerda *S. JOÃO DE VILLA BOA,* á direita *S. Mamede de Arcozello* e *S. VERISSIMO DE TAMEL,* que antigamente pertenceu ao couto de Manhente, tendo o seu abbade a obrigação de dar um jantar por anno ao D. Abbade do mosteiro. Desejando acenar de longe um adeus a Braga, ao chegar á casa do guarda n.º 20 póde fazer-se, olhando na direcção de ESE., que lá se avista a montanha do Bom Jesus, a umas tres leguas de distancia.

Vae marchando rapidamente o comboyo. O campanario branco de *SILVA* surge ao lado da linha ferrea e desde logo principia a desenrolar-se em um panorama surprehendente o extenso e formoso valle de Tamel, semeado aqui e acolá de aldeias e freguezias reunidas. A gravura de pag. 145, feita sobre uma photographia que devemos á obsequiosidade do ex.mo sr. D. Ruy Lopes de Sousa, reproduz um pouco o aspecto d'esse valle de Tamel; mas, como o leitor comprehende, nem o cliché nem o buril podem

dar idéa dos renques de arvoredo, das cambiantes da vegetação, das gradações de luz que formam o encanto d'essa natureza amoravel. Apparecenos depois *SANTA LEOCADIA DE TAMEL,* alva como camelia viçosa, e em cuja matriz jazem as venerandas reliquias de S. Vamba, abbade benedictino de Moure; *CARAPEÇOS,* modestamente occulta por entre um bosquesinho de pinheiros novos, e onde ha um apeadeiro da via ferrea; *S. PEDRO FINS DE TAMEL,* que para todos os effeitos lhe está hoje annexa. A Carapeços pertence no alto do monte, em cuja encosta a freguezia se reclina, a capella de S. Miguel, que a tradição diz ter sido a primitiva matriz e onde vae ainda em 29 de setembro um clamor festival. É tambem na freguezia a quinta da Madureira, que foi de João de Carapeços e depois do conde de Barcellos D. Pedro, que a doou a Pedro Coelho, um dos assassinos de Ignez de Castro, passando depois da confiscação dos bens d'este ao arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, que a adquiriu por compra e a emprazou mais tarde aos Figueiredos, de Chaves. Depois segue *S. SALVADOR DO CAMPO,* onde houve antigamente um convento de freiras benedictinas, que se extinguiu por causa do medo —diz a tradição —que a todas as freiras incutiu um bicho—feio bicho!— que lá entrára; *S. THIAGO DO COUTO,* que tira o seu nome do couto que pertenceu a este extincto mosteiro; e outras povoações ainda, como as Alvitos, a Alheira, etc., que adiante descreveremos quando mencionarmos a nossa excursão a Roriz.

Os olhos não se cançam de vêr este delicioso valle do Tamel, cuja fertilidade poderosa se adivinha, se palpa quasi, nos taboleiros de milho, nas vinhas de enforcado, nas arvores fructiferas, nos regatos mansos, nas colmeias agglomeradas. Alguns pensam até, que lhe vem d'aqui o nome *tem-mel,* embora outros julguem que a palavra vem do arabe *Thamel;* sendo certo, porém, que tal nome é antiquissimo, pois se encontra já em uma escriptura de 1028.

Mas de repente, quando os olhos mais sorriem para esta natureza amoravel e que a natureza amoravel sorri para nós, encarnada em uma d'essas bellas camponezas do Tamel, que em um *cliché rapido,* devido á obsequiosidade do ex.mo sr. D. Ruy de Sousa, podémos obter para um dos chromos, de repente, dizia, a escuridão faz-se, o comboyo entra no maior tunnel da via ferrea do Minho, e através de quasi mil metros, em que se gastam dois minutos e meio, vae a gente pensando em que o valle do Tamel foi uma visão feiticeira, e repetindo baixinho aquelles versos de João de Deus:

A luz, quando se apaga,
Leva aos olhos a luz...

Respira-se já.

A estação do Tamel apparece-nos ao desembocar do tunnel, e, quasi ao pé, a egreja parochial de *ABORIM,* faceando lateralmente com a linha, é a primeira a indicar-nos a intensidade de população d'este ridente e fertilissimo valle de Aguiar.

De facto, apezar da marcha rapida do comboyo, os olhos não cessam de encontrar, ao perto e ao longe, as cupulas dos eremiterios de numerosas aldeias, umas resplandecendo de brancura, outras modestamente vestindo a tunica cinzenta da pobreza.

A estrada de Ponte de Lima serpenteia por todo este valle, arteria

Lijo — Desenho de João de Almeida, segundo uma photographia do ex.mo sr. Julio Vallongo

que recebe o sangue da sua fertilidade espantosa, listrão doirado que parece atar o collossal *bouquet* d'esta vegetação opulenta. Para além d'ella, n'um largo semi-circulo que principia ao sul junto de Aborim e termina ao norte no sanctuario da Senhora da Apparecida, condensam-se as freguezias de: *COSSOURADO,* antigamente *Courado,* e em cujas fronteiras houve outr'ora minas de prata, que D. João IV mandou fechar; de *PANQUE* e *MONDIM,* pequenas ainda, apezar de reunidas; de Poyares e S. Julião de Freixo, já do concelho de Ponte de Lima, vendo-se apenas no alto do monte, toda vestida de branco, a capella de S. Christovão, onde, por 1640, vinham os gallegos fazer grandes peregrinações, e um pouco mais abaixo, com o tom proprio da vetustez, o castello de Curutello, hoje propriedade do dr. Rodrigo Velloso, de Barcellos.

Na encosta do lado esquerdo, um pouco mais accidentada e coberta de bastos pinheiraes, passa o comboyo junto de *QUINTIÃES,* patria do famoso Sebastião de Souto, que foi no Brazil o terror dos hollandezes, e junto de cuja egreja a linha ferrea cortou parte do antigo Paço da *honra*

de Aborim, a cujos privilegios nos referimos já em pag. 131, e atravessa as terras de *SANTA LUCRECIA DE AGUIAR,* povoação outr'ora florescente, que mereceu a D. Affonso V o privilegio de um foral, ao depois reformado por D. Manuel, e que hoje serve apenas para dar o nome ao tunnel de Santa Lucrecia, que em alguns segundos atravessamos, para em seguida abrir os olhos á formosura do valle do Neiva.

Em situação esplendida, dominando este valle, como o antecedente de Aguiar, além está o sanctuario ou egreja da Senhora da Apparecida, que pertence a *BALUGÃES,* e que tem, como a importancia do mosteiro indica, uma estrondosa romaria no dia 15 de agosto. A matriz parochial de Balugães é essa que o viajante entrevê ali na planicie, como que mirando, com desvanecimento de mãe, a gloriosa capella da Apparecida. Mas, n'este kaleidoscopo de viagem, volvem-se logo os olhos para um scenario differente, e assim é que, desviando a attenção da collina da Apparecida, elles se dirigem para o elegante viaducto de *DURRÃES,* ou *Durães,* que firma sobre o risonho valle, onde o Neiva serpeia, como um timido arroyo, os seus dezeseis arcos de cantaria lavrada. Na encosta fica, á direita, o convento de *Carvoeiro,* já do concelho de Vianna, a que Durrães esteve annexa, e com quem mesmo formou um couto que pertenceu ao convento.

O comboyo pára na proxima estação de Barrosellas, já de Vianna, onde nos apeamos para vir tentar uma excursão, que nos complete o conhecimento do concelho de Barcellos por este seu limite norte.

Deixando *TREGOSA,* poeticamente embalada com o múrmuro cantar das suas moendas do Neiva, vamos primeiro por *ALDREU* e depois por *FRAGOSO,* antigo couto privilegiado da casa de Bragança, e do qual era ouvidor nato o parocho de Abbade de Neiva, dar com os ossos em *PALME* e *FEITOS,* onde por um instante descançamos para visitar o seu historico mosteiro, a que mais rapidamente teriamos chegado, se da linha ferrea, e por alturas do viaducto de Durrães, subissemos directamente para a montanha. O convento de Palme, adquirido, depois da desamortisação dos bens religiosos em 1834, pelo barão de Palme, foi em tempos remotos fundado por um tal fidalgo Lovesendo, que doou em 1028 esta sua quinta e outras propriedades á ordem de S. Bento, para aqui installar um mosteiro, que pelo andar dos tempos chegou a ser um dos melhores da ordem n'estas redondezas.

A sua situação é deveras encantadora, o que o leitor facilmente concluiria, *á priori,* por saber o bom gosto dos frades n'este assumpto, mas que, *de visu,* póde confirmar admirando todo o feracissimo valle do Neiva, desenrolado como um diorama esplendido diante da solidão tranquilla do

mosteiro. Não se vê já do convento de Palme o valle de Tamel, nem tão pouco o de Aguiar, mas avistam-se as freguezias de Palme, de Aldreu e de Santa Marinha de Forjães até á estrada de Barcellos a Vianna, e os olhos poisam na linha do occidente, em que se levanta o convento de S. Romão do Neiva e o antigo castello em ruinas, e na do norte, em que se vê o monte de Santa Luzia, de Vianna do Castello.

Uma vez em Palme e no seu annexo *Feitos,* freguezia que foi já independente, facil é tomar a estrada que de Vianna vem pelo

PENEDO DO LADRÃO

em direcção á villa. Apezar de sinistro o nome não corresponde hoje, se não pela evocação da lenda, á fama justificada que outr'ora teve, e póde qualquer por isso seguir livremente, e desembaraçado do pesadello de maus encontros, o *zig-zag* da estrada, que vae cortando a serra desolada e aspera. Bons tempos esses, em que as diligencias do Neves e Pantufo tinham de parar á intimação do bacamarte de bocca de sino, quando não quizessem pagar com a morte de algum cavallo ou passageiro a descortezia de não attenderem ás sollicitações amaveis da quadrilha. Bons tempos!... de bellas insomnias, em que se palpitava da commoção do inesperado, acariciando a coronha das pistolas, as fieis companheiras do viajante, que ainda então não estava civilisado pelo rewolver americano.

Tudo vae passando, até a poesia dos bandidos! Verdade seja, que alguem opinou já, que elles desappareceram das estradas para serem empregados do Estado, mas esse alguem é evidentemente um descontente azedo, que preferia a bocca de sino do bacamarte, a vêr e a confessar que tudo isto vae n'um sino.

Se vae!

Mas, adiante... para questão de sinos basta-nos agora o campanario de *VILLAR DO MONTE,* por cuja proximidade passamos, ouvindo distinctamente o repicar festivo, que a viração do sul traz até nós. Na freguezia existe tambem a capella da *Boa Morte.*

E rapidamente descemos até *ABBADE DE NEIVA* (tambem lhe chamam *Condevão),* cuja antiga matriz parochial, reproduzida pela nossa gravura, fica a dois passos da estrada e para além da pequena capella de Santa Margarida, á qual chegam as procissões que vem da egreja. Junto d'esta vêem-se no adro, que é tambem o cemiterio, algumas sepulturas, sendo notavel uma do seculo XVII que tem lavrados alguns emblemas de pedreiro, e outra, hoje arruinada, evidentemente de eras mais remotas, e

onde se vê ainda, corroida pelo tempo, a esculptura tosca de um cavalleiro armado.

A povoação de Abbade de Neiva foi fundada pela rainha Mafalda, que tencionou tambem, como se vê da egreja e torre singular que ainda existe com passadiços e portas interiores, fundar aqui um sumptuoso mosteiro de freiras, o qual não chegou a concluir-se. O abbade d'esta freguezia era, como já dissemos, ouvidor perpetuo de *Fragoso,* nomeando-lhe os juizes, e recebendo as luctuosas, *gados do vento* e coimas, sem que o rei recebesse a terça. Na freguezia festeja-se o Santo Amaro com romaria em 15 de janeiro.

Seguindo na estrada em direcção a Barcellos encontra-se ao lado o encanamento das aguas, que abastece a villa, e logo a quinta nobre do Fayal, que foi de Azevedo Athayde, senhor da honra de Barbeita. Passamos no logar de Fayal, entroncamento da estrada de Ponte, avistamos de relance a quinta que foi do poeta viannense Balthasar Werneck, e, em seguida a uma cerração de horisonte, devida á vastidão dos pinheiraes, a quinta do brazileiro Fernandes Duarte, ou melhor da sua viuva, quinta que nos dispõe alegremente com a sua frontaria nobre e de leões de loiça a entrar em Barcellos, cujo primeiro edificio é o recolhimento das Beatas, que o leitor conhece já.

*
* *

Em uma das excursões que fiz pela provincia, lembrou-se o meu velho amigo e medico adorado em Barcellos — Antonio Martins de Sousa Lima — de me apresentar ao ex.mo sr. Domingos José dos Santos Ferreira, probo negociante da villa, que elle dizia ser um investigador muitissimo curioso. O mesmo foi que pedir-lhe a graça de me apresentar as suas preciosidades archeologicas, algumas das quaes figuram em desenhos n'este livro, e que procurar eu massal-o com interrogações interminaveis.

Santos Ferreira é puramente um amador, mas com o criterio são e esclarecido, e tem, como todos os amadores, o culto da sua sciencia.

— Assim eu podera entregar-me a isto com vagar — dizia-me — porque vontade não me falta. Quer o senhor vir comigo a Roriz? Temos lá uma Citania como a do Sarmento.

— Mas é longe, Roriz?

— O monte fica um bocadito affastado da estrada, mas vae-se bem; muitas vezes lá tenho ido e mandado proceder a excavações. Se quizer, faremos algumas ámanhã.

— Pois seja, está decidido, vamos vêr a Citania de Roriz.

E no dia seguinte, apezar do calor intenso que fazia, nós tres, um amigo d'elles, Sebastião Gonçalves d'Oliveira, e João de Almeida, seguiamos em um trem pela estrada municipal, que passa em *ARCOZELLO* primeiro, e atravessa depois a freguezia de *LIJÓ,* notavel pelas aguas sulphureas do seu lugar do Mosqueiro, assim como o é *SANTA MARIA*

Matta da Quinta do Pinheiro, do ex.mo sr. D. Ruy Lopes de Sousa, segundo uma photographia

DE GALLEGOS, que tem identicas nascentes no lugar de Castanheirinhos, uns 720 metros distantes das primeiras.

Estas aguas, conhecidas pelo nome generico de *aguas de Lijó,* foram preconisadas pelo medico Alheira, [1] professor da Escola Medica do Porto,

[1] O medico Alheira era sobrinho d'um abbade d'Alheira, que o formou á sua custa. Conta-me um amigo, e que o foi d'elle, que por occasião d'uma illuminação feita pela Camara do

especialmente nas affecções herpeticas, e a sua analyse, feita depois d'isso pelos drs. Lourenço e Schiappa, e ultimamente ainda pelo professor José Julio Rodrigues, veiu confirmar brilhantemente os resultados clinicos d'aquelle e de outros medicos.

O professor Rodrigues classifica as aguas de Gallegos como sulphureas, mineralisadas pelo gaz sulphydrico, de que são umas das mais ricas em Portugal, de natureza pouco alteravel, o que lhes facilita o transporte, e accentuadamente thermaes, qualidades estas que indicam por sem duvida um precioso valor therapeutico, de que aliás é prova o numero approximado de 5:000 banhos, que nas duas localidades se dá por estação, não obstante a pessima captagem das aguas e o desconforto quasi primitivo das barracas e piscinas que ahi existem! Por 40 réis em Lijó e por 30 réis em Castanheirinhos não se póde tambem, com justiça, exigir mais, diz o professor José Julio na sua recente noticia sobre estas aguas, e d'ahi veiu á camara de Barcellos a grandiosa idéa—em projecto ainda e Deus sabe por quanto tempo—de as canalisar para a villa, emprehendendo estabelecer aqui uma estação balneotherapica, onde os banhistas encontrassem todas as commodidades que póde offerecer uma villa como Barcellos, alliadas ás qualidades preciosas de *umas das melhores aguas mineraes do reino,* na opinião do distincto chimico.

Conhecidas as aguas de Lijó, e deixando por um instante *RORIZ E RUIRAZ,* em cujos carreiros tortuosos breve nos vamos internar para visitar a *Eira dos mouros,* póde seguir-se a estrada até á ponte de Anhel, onde o Neiva extrema o concelho com o de Ponte de Lima. Uma população densa vive espalhada pelos pequenos valles e collinas que vão d'ahi até ao Neiva, e, se a quizermos conhecer de perto, logo no sitio de Roque teremos de deixar a estrada para visitar as duas *ALVITOS, S. MARTINHO* primeiro e seguidamente *S. PEDRO,* á qual desde alguns annos *GINZO* está annexa para todos os effeitos espirituaes. Estas freguezias

Porto a D. Miguel, collocaram na praça Nova o retrato do rei absoluto com o seguinte verso por baixo:

«Na grande tentação *lhe* foi fiel.»

No outro dia appareceram pasquins pelas esquinas, dizendo:

La-ga-lhé em portuguez
Tem sentido figurado,
Que quererá dizer, pois,
O la-ga-lhé do Senado?

O medico Alheira era liberal e poeta, porque ao outro dia era a sua casa cercada pela tropa, que o não pôde apanhar por ter procurado terras do exilio. Entenderam que foi o auctor da quadra.

pertencem ainda ao grande valle do Tamel, assim como pertence a *ALHEIRA,* que adiante fórma com a sua visinha *EGREJA NOVA* o limite nordeste do concelho, estendendo-se aquella pela base da montanha até á ponte de Anhel, sobre o poetico e tranquillo rio Neiva.

A NO. da freguezia está o alto monte de Louzado, onde ha vestigios de povoação extincta, que, segundo julgamos, foi contemporanea d'aquella que logo visitaremos em Roriz. Nas abas d'esse monte existe uma capella, hoje reedificada, e cuja fundação se diz ter sido devida aos senhores da casa de Pinheiro; festeja-se ahi o S. Lourenço com grande festa e romaria, no dia 10 de agosto, e é surprehendente o panorama que da capella se descobre para os valles do Cavado e do Tamel. Na freguezia de Alheira, logar de Pinheiro, fica a nobre casa e quinta da Torre de Pinheiro, cujo aspecto senhoril a nossa gravura de pag. 161 reproduz, e da qual é actualmente possuidor e representante por linhagem o ex.mo sr. D. Ruy Lopes de Sousa d'Alvim e Lemos, decimo quarto e ultimo administrador do vinculo para essa casa instituido por Diogo Lopes Homem, em 1553, apezar de já no seculo XIV existir tão nobre casa.

A situação de residencia tão distincta é deveras deliciosa, disfructando-se do alto das suas ameias feudaes a esplendida paysagem do valle do Tamel.

A quinta, de que a nossa gravura de pag. 157 reproduz um fragmento da grandiosa matta, em que as arvores seculares, vestidas de parasitarias, ostentam as suas frondes copadas, fica ao nascente da casa, e é digna de que se lhe visitem as grutas e arvoredos, os valles e as encostas, recortados de ruas elegantemente traçadas.

Retomando o descriptivo da nossa excursão á Citania de Roriz, foi um pouco adiante das Caldas de Lijó que nos internamos nas veredas da formosa aldeia, cortando a direito pelos campos, saltando portellos e vallados, para mais depressa chegarmos ao alto da montanha.

A marcha era, porém, um pouco difficil, por causa do ardente sol que sobre nós incidia e que a sombra dos arvoredos não era bastante para mitigar. Ainda d'esta vez a alegre hospitalidade da provincia veiu em nosso auxilio e as malgas do divino verdasco, passando de mão em mão, na quinta do sargento-mór de Roriz, graças á amabilidade do companheiro Sebastião de Oliveira, vieram refrescar-nos o sangue aquecido pelo calor e exercicio muscular, e assim podémos de uma segunda caminhada galgar até ao cimo do monte do *Facho, Eira dos Mouros, monte dos Cabrões* ou *cidade de Çanhoane,* fim exclusivo da nossa excursão.

Mas... que a prehistoria me perdoe, tão largo e tão formoso era d'ahi o panorama estendido sobre a bacia do Cavado, que eu, esquecendo o de-

vassar os segredos da mysteriosa cidade celto-romana (?), apenas tive forças para bradar:

—Esplendido!

e alma para voar ao encontro d'essa natureza amoravel e gloriosa, cheia de luz e cheia de caricias.

O monte do Facho é ponto de intercessão das freguezias de Roriz, a que pertence, de *OLIVEIRA,* que se estende por nordeste, de *GALLEGOS* (S. Martinho), que fica ao sul, e da *LAMA,* que outr'ora formou juntamente com a mencionada Oliveira e com *S. ROMÃO DE UCHA* o extincto couto de Azevedo, cuja séde era na Lama, *honra* e solar dos Azevedos, que procedem de D. Godinho Viegas, fundador do mosteiro de Villar de Frades. A casa dos Azevedos é a que do alto da montanha se avista para nascente, e onde sempre residiu o ramo primogenito d'essa familia, cujo ultimo representante directo foi o erudito escriptor conde de Azevedo, de quem sua viuva ficou herdeira, passando então a propriedade para uma sobrinha sua casada com o dr. Francisco Barbosa, de Estarreja, que da condessa e de sua mulher, já fallecidas, herdou a final esta casa da Lama. Na quinta de Gairos, em terreno do couto, é tradição que existiam ainda não ha muito umas ruinas da casa que foi o primitivo paço dos Azevedos.

Do alto da Citania descobre-se ainda, um pouco ao sul, a modesta freguezia de *S. VICENTE DE AREIAS,* em frente ao vasto areial do Gahido, que intercepta largamente o Cavado, junto da sua margem direita, pertencendo por isso o areial á freguezia de *Areias de Villar,* de que mais adiante fallaremos.

É na linguagem popular designado o areial com o nome de *Campo dos Cães,* e explica a tradição este nome dizendo, que um fidalgo de Braga, morador nas Travessas, legára em testamento esse campo outr'ora anateirado pelo rio aos seus formosos cães de caça, para que depois da morte d'elle vivessem á farta de tal rendimento.

Era isto tentar a Deus com uma manifestação de orgulhoso egoismo, e por isso o castigo veiu logo, sendo o Cavado o encarregado da execução da sentença divina,—que foi esterilisar para todo sempre com uma alluvião de areia o solo fertil e rico, onde a pobreza devia, em vez dos cães do fidalgo, forragear o alimento. Até aqui a lenda, pois a verdadeira razão de se innundar de areias o campo de Gahido foi terem os frades de Villar mandado construir um açude elevado com moendas e engenhos de pesca um pouco abaixo de Gahido, desviando por esta fórma o curso das aguas.

Exposta assim a topographia do monte de Roriz, eu quizera poder

elucidar o leitor sobre a valia archeologica da mysteriosa *Çanhoane,* ácerca da qual escreveu já um curioso estudo o mallogrado Fillippe Simões; mas os dados escasseiam para o fazer, e tampouco me sobra a competencia para desvendar a mysteriosa civilisação soterrada n'esse plató de montanha.

O que apenas uma rapida visita me pôde demonstrar, foi que devia ter sido consideravel essa população extincta, attendendo ao ambito que ainda os seus vestigios occupam; e não parece tambem, salvo mais esclarecida hypothese, que se esteja muito longe da verdade, acreditando que á civilisação celta ou pre-celta succedeu, ou se intercalou no alto de Roriz, a civilisação romana, pois ha para o affirmar inconcussas provas, taes como as casas redondas e de alvenaria cuneiforme (celtas), uma cortina de muralhas (castro romano), tendo uma espessura de tres a quatro metros, e os objectos que por ali se tem encontrado, alguns dos quaes estão em poder do sr. Santos Ferreira, e que attestam a duplicidade de civilisações.

Casa da Torre do Pinheiro, do ex.mo sr. D. Ruy Lopes de Sousa, segundo uma photographia

Agrupações graniticas ha tambem, com um ou outro vestigio de trabalho do homem, como *fossettes* e pias, parecendo indicar qualquer fórma cultual, e durante as escavações a que se procedeu por occasião da minha visita, podémos distinguir bocados de rua, analogos aos descobertos na Citania de Briteiros. N'essa curta exploração, além de fragmentos de ceramica, mais ou menos artisticos, e que eram por isso o enlevo de João de Almeida, foi ainda encontrado um cylindro de granito perfurado no centro, medindo o seu eixo maior oitenta centimetros approximadamente.

Sorrio-me ainda hoje da faina, que os cavadores empregaram em o pôr a descoberto, e da anciedade com que todos nós esperavamos a ultima enchadada, para desvendar aquelle mysterio que principiava a intrigar-nos pela sua tenacidade em occultar-se nas camadas rijas de um terreno bra-

vio. Era o thesouro dos *moiros* — diziam os trabalhadores, avidos da riqueza, que ia por fim ostentar-se diante dos seus olhos cubiçosos.

— É um interior de cabana celta, é um instrumento de supplicio, é um objecto de culto, é um moinho romano — aventuravamos nós — com o pescoço curvo sobre a cova, cada vez mais funda, e com uns olhos esbogalhados de Possidonios em ferias de sciencia.

E afinal o cylindro appareceu de todo, o chão foi apalpado, o granito rolou em differentes direcções.

— Nada, pela palavra nada!

Já era estar em maré de felicidades archeologicas!

Santos Ferreira, porém, tão amavel investigador como companheiro alegre, deu-nos o premio de consolação.

Apontou para uma mala, de que até então ninguem suspeitára a presença, e para um cantaro collocado á sombra de um carvalho rachitico do monte.

— Eis ali o novo mysterio a explorar, meus senhores!

Approximam'o-nos curiosamente.

A mala — que magica e feliz mala! — continha pão, queijo e biscoutos; o cantaro, escusado é dizel-o, não continha o hydromel tão grato ao paladar romano, mas tinha um vinho verde fresco e delicioso, que vinha gentilmente a proposito para reanimar archeologos infelizes e excursionistas fatigados.

Que formoso crepusculo cahia então sobre as veigas lindissimas do Cavado, e que arrendados de nuvens poisavam além, muito além, nas cumiadas altivas do Gerez.

*

* *

Villar de Frades é um dos passeios obrigados, para quem deseje conhecer o que ha de mais pittoresco e mais interessante nos arrabaldes de Barcellos. Depois, o livro de Arnaldo Gama — *O Sargento-mór de Villar* — tornou tão conhecida essa aldeia de todos os que lêem, que seria quasi um crime de lesa-arte não ir de perto conhecer o mosteiro, onde viveram tranquillos os *bons homens de Villar* e as varzeas onde praguejou pela espada de Puig-Cerdá o typo lendario do portuguezissimo sargento-mór. Proximo ficam ainda o valle de Encourados e a serra do Ayró, cujas lendas vivem no romance do escriptor portuense. Que melhor aperitivo para um passeio, feito de carro de mais a mais! Porque é só atravessar a ponte, tomar em Barcellinhos a estrada que se dirige para Braga, e cortar através

a freguezia de *SANTA EUGENIA DE RIO COVO,* cuja egreja se divisa á esquerda por entre pinheiraes balsamicos.

Sendo-se curioso um pouco, até ahi se pode ter um motivo de estudo para demorar alguns minutos. No adro existe uma formosa sepultura, que está servindo de muro, e tem gravada uma inscripção latina, a qual diz em caracteres gothicos: *Iste: tumulo: est: Dominici. Petri. Dicto: de Oliveira: De Barcellos:: Et. Fam. Fuit. mei: d. Julii: de.* M. CCC:XX:II. Mas, não o sendo, é passar adiante, sem mesmo cuidar nas penas que estão soffrendo as almas do purgatorio de *GAMIL,* bem feias almas ao que nos diz a pintura, que as representa em um painel do nicho collocado á beira da estrada. D'esta freguezia de Gamil foi abbade um tal Estevão Ferreira, da casa de Cavalleiros, o qual doou o padroado da abbadia de Gamil ás freiras de Valle de Pereiro, de Ponte de Lima, em recompensa de lhe admittirem no seu convento duas filhas d'elle abbade. Aqui está um, que talvez figurasse com justiça no painel acima mencionado.

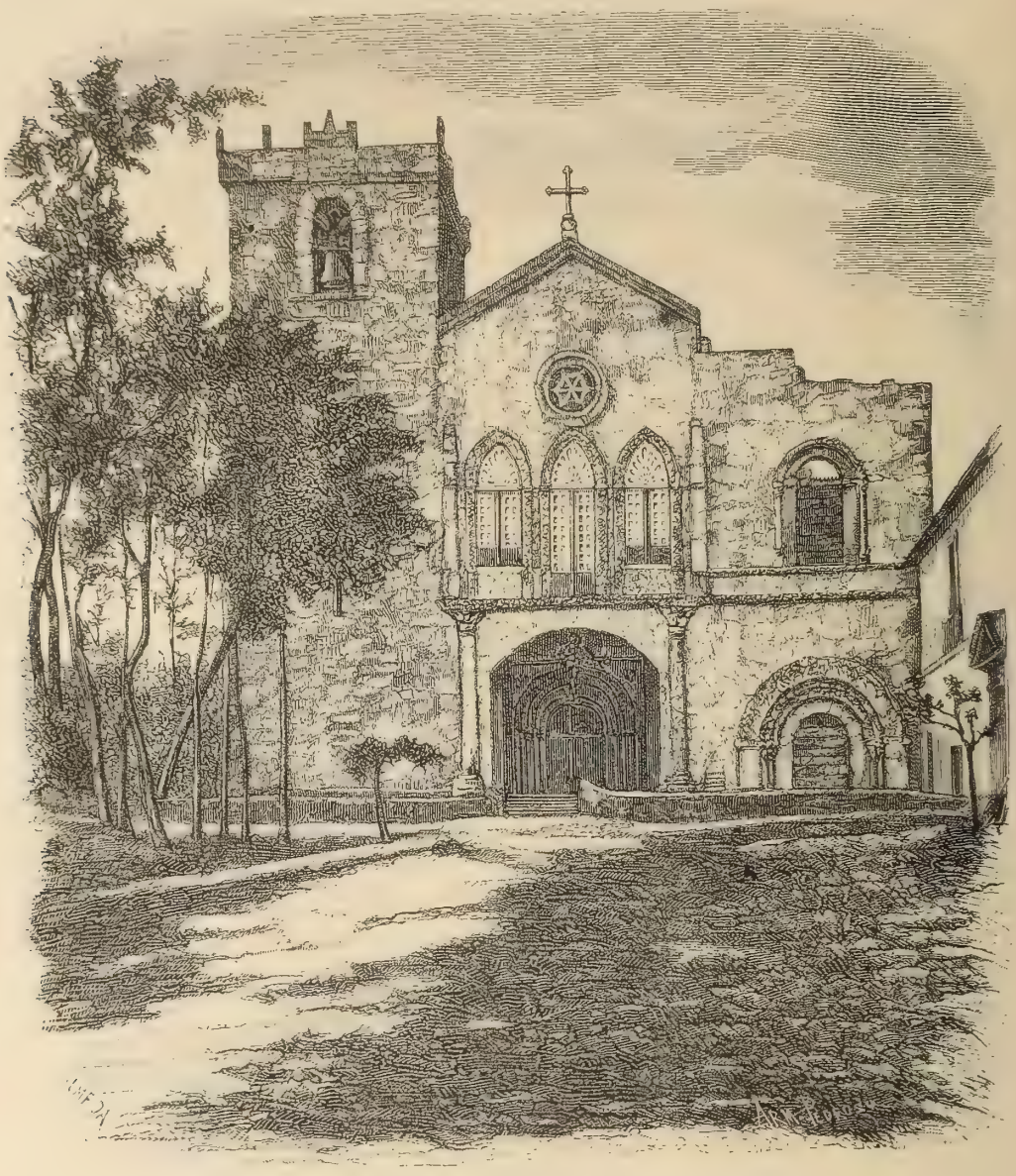
Depois de Gamil atravessamos a via ferrea pela formosa *Varzea de S. Bento,* a que já nos referimos em uma outra excursão, e da qual só lembraremos agora o costume tradicional, que teem os povos que vão ás feiras de 21 de março e 11 de julho, de passarem sob o nicho do diabo e de se pesarem em seguida, convencidos talvez de que entregaram ao anjo rebelde o contrapeso de peccados, que traziam trasmalhados da desobriga do anno.

Respira-se o ar embalsamado dos pinhaes, a serra de Ayró vae-se desenhando nitidamente ao fundo, e depois que á direita surge o campanario de *ADÃES* deixa a gente a estrada real de Braga para seguir a estrada particular, que o primeiro possuidor do convento, depois da desamortisação dos bens religiosos, Balthazar Martins, mandou a expensas suas construir até á planicie de *AREIAS DE VILLAR,* reunião das duas freguezias extinctas de S. João e Santa Maria Magdalena, onde fica o mosteiro e quinta de *Villar de Frades.* Arnaldo Gama descreve assim no seu formoso romance a paysagem da pittoresca aldeia:

«Imagine o leitor um tracto plaino de terreno, de extensão a perder de vista, mas de pouco mais que tres quartos de leguas de largura – todo cultivado e dividido em campos de differentes tamanhos, a que servem de extremos frondosas fileiras de castanheiros enlaçados de vides. No meio d'elles branquejam, como lançadas a êsmo, aqui uma casa sobradada, ali uma terrea, acolá uma cabana palhiça. Todas são, em geral, exteriormente caiadas de fresco e com o esmero, com que o minhoto se apura n'esta sua usança favorita—usança que não pouco contribue para avivar, em qualquer panorama do Minho, aquelle aspecto de mimo e de frescura, que

tanto concorre para o affigurar, quando visto de um alto, immenso e formosissimo jardim, retalhado em canteiros irregulares.

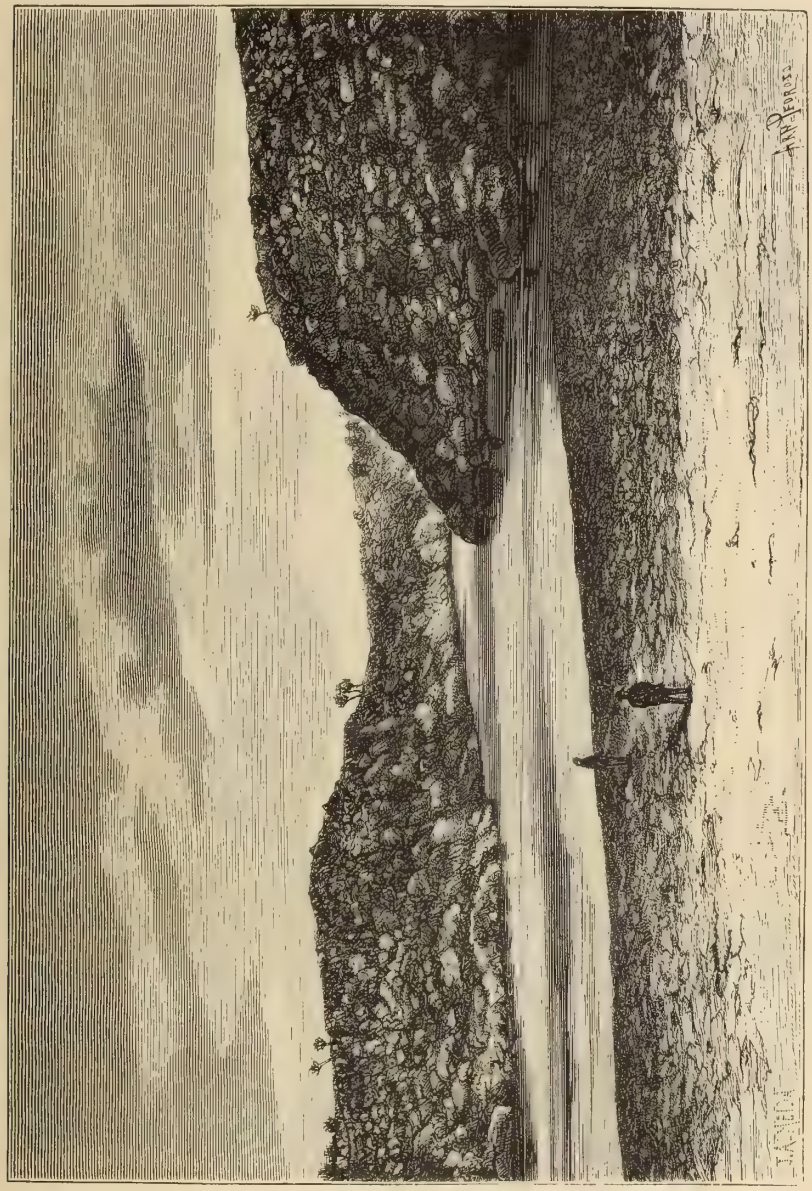
As arraias, que delimitam, aos lados, este plaino, ainda lhe accres-



Egreja de Villar de Frades — Desenho do natural por João de Almeida

centam mais no delicioso e no pittoresco do aspecto. De um lado, a noroeste, estreita-o o Cavado — rio que, de verão, se reduz as mais das vezes a cinco ou seis pequenos regatos, cada um dos quaes se transpõem facilmente de um salto; mas que de inverno transmonta caudaloso, lam-

bendo em torrentes as margens, e que, depois de atravessar a Penida em salto selvagem e furioso, corre até Espozende, onde se lança no mar. Borda-lhe as margens frondosa e quasi ininterrompida alamêda de pinheiros



O rio Cávado na Penida — Desenho de João de Almeida, segundo uma photographia do ex.mo sr. Julio Vallongo

gigantes e seculares, e de castanheiros e carvalhos, que verdejam copados de parras brotadas dos innumeraveis braços, com que os enlaçam as cepas plantadas de encosto a elles. De fronte, na margem direita, jaz a aldeia de Manhente, couto antiquissimo; e, mais ao lado, a casa solar de Azevedo, na esplanada da encosta, a branquejar por entre os pinheiros,

com as suas dezeseis columnas de polido granito e a sua torre senhorial, que recorda os tempos gloriosos em que viveu ali o famoso Lopo Dias de Azevedo, um dos capitães de Aljubarrota, e o não menos famoso Martim Lopes de Azevedo, um dos doze de Inglaterra — lenda romanesca que inspirou a Camões magnificas estancias, e cuja possibilidade não está tão longe da verdade historica como muita gente imagina.»

«N'esta aldeia de S. João de Areias, continua o escriptor, e no meio da formosa paysagem assim delimitada levanta-se o mosteiro de Villar de Frades, a antiga casa capitular dos padres loyos — os beguinos ou bons homens de Villar, como por muito tempo os denominaram os nossos maiores.»

A gravura de pag. 164 reproduz o aspecto venerando da frontaria da egreja, alterado já no seu formoso estylo bysantino-romano, mas em todo o caso notavel ainda para dar uma prova da exhuberancia da arte n'esse periodo. Chamam especialmente a attenção a porta principal e uma outra que ao lado está obstruida, assim como o varandim que lhe fica superior. Dentro ha para notar o baptisterio, um dos mais elegantes e floridos que vimos na provincia, apezar de ser talvez mais moderno que a porta, a magestosa abobada do templo em gothicas arcarias, e ainda quatro bellos quadros representando os Evangelistas, que se podem admirar na sachristia.

«A primitiva fundação do mosteiro de Villar — escreve Arnaldo Gama — data, segundo dizem, da segunda metade do seculo VI; mas foi sómente desde os principios do seculo XV que pertenceu aos padres loyos, os quaes, apossando-se d'elle, architectaram sobre o acanhado e mesquinho cenóbio, que os benedictinos tinham abandonado, o magestoso edificio que ainda hoje se levanta n'aquelle local. [1] D'esta epocha é que data tambem a sua celebridade. Desde então o mosteiro de Villar foi sempre tido em conta de um dos mais famosos do Minho. E com justiça o era, não só em razão da magestade do edificio e do pittoresco do sitio, mas, e sobretudo, em respeito das grandes riquezas que possuia, e dos vastos dominios que senhoreava. O reitor dos beguinos de Villar, além de muitas outras possessões, era senhor donatario dos coutos de Villar e de Manhente, e coudel-mór e alcaide-mór dos mesmos coutos, onde nomeava a justiça civel. Apresentava sessenta abbadias e curados, e as suas terras coutadas eram isentas de um sem numero de impostos. Em razão de donatario era tambem capitão-mór das ordenanças dos dois coutos. Estes altos e poderosos cargos, por incompativeis com a santa paz e doçura dos

[1] Vidé a nota 1.ª do referido romance.

habitos monasticos, eram exercidos, em delegação, por um official secular subalterno do reitor e d'elle dependente.»

Recordando a doçura d'esse viver ha em Villar de Frades uma poetica lenda, de um frade e um passarinho, em que os gorgeios d'este provam áquelle, que cem annos são apenas um momento, quando consumidos na beatitude e serviço do Senhor. Essa lenda, que talvez tivesse aqui origem, e como tal a transcrevo por lá a ter ouvido, assim como a ouvi depois em Rates, vem nos *Tratados varios* do padre Bernardes descripta pela seguinte fórma:

«Estando um monge em matinas com os outros religiosos do seu mosteiro, quando chegaram áquillo do Psalmo onde se diz: *que mil annos á vista de Deus são como o dia de hontem que já passou,* admirou-se grandemente, e começou a imaginar como aquillo podia ser. Acabadas as matinas ficou em oração, como tinha de costume, e pediu affectuosamente a Nosso Senhor, se servisse de lhe dar a intelligencia d'aquelle verso.

Appareceu-lhe ali no côro um passarinho, que cantando suavissimamente, andava diante d'elle dando volta de uma para outra parte, e d'este modo o foi levando pouco a pouco até um bosque que estava junto do mosteiro, e ali fez seu assento sobre uma arvore; e o servo de Deus se poz debaixo d'ella a ouvir. D'ali a um breve intervallo (conforme o monge julgava) tomou o vôo, e desappareceu com grande magoa do servo de Deus, o qual dizia mui sentido:

—Ó passarinho da minha alma, para onde te foste tão depressa?

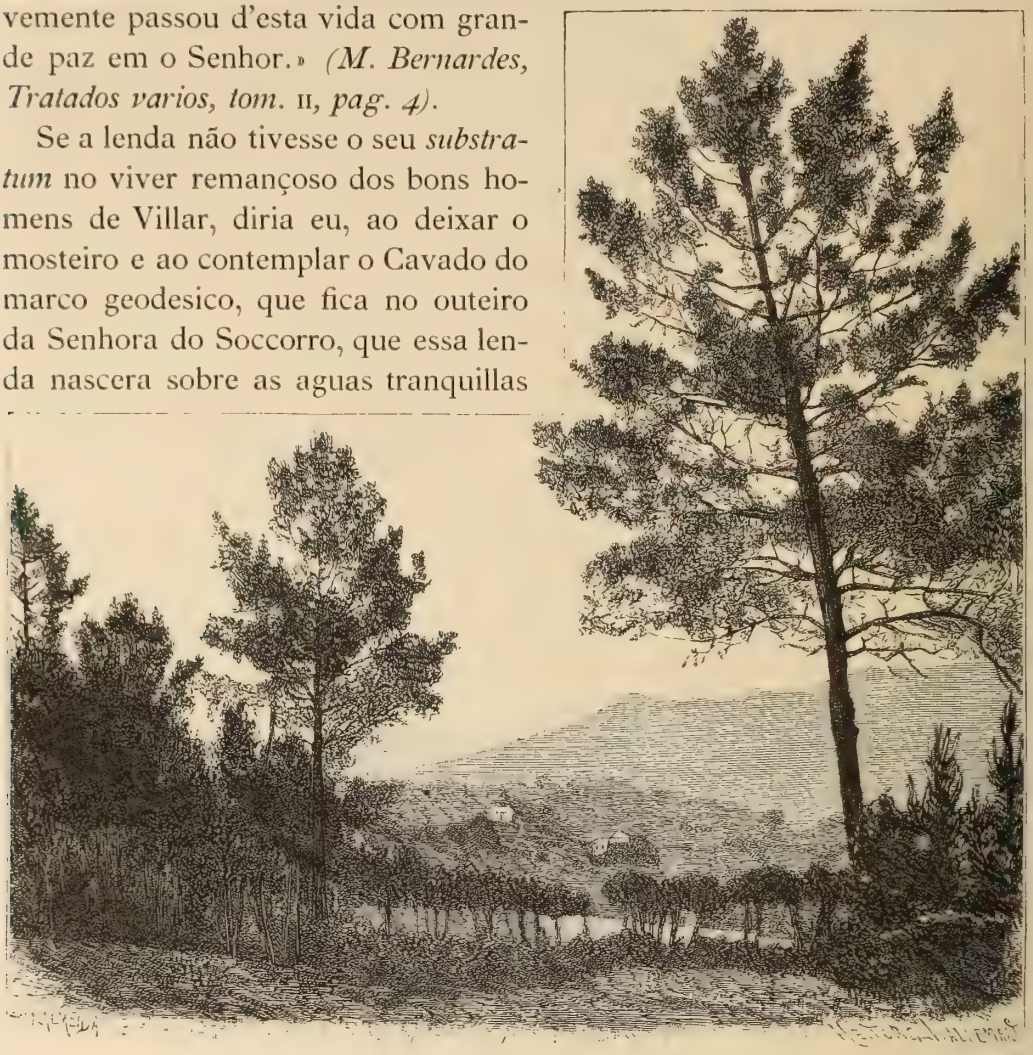
Esperou; como viu que não tornava, recolheu-se para o mosteiro, parecendo-lhe que aquella mesma madrugada depois de matinas tinha sahido d'elle. Chegando ao convento achou tapada a porta, que d'antes costumava servir, e aberta outra de novo em outra parte. Perguntou-lhe o porteiro quem era e a quem buscava. Respondeu-lhe:

—Eu sou o sachristão, que poucas horas ha sahi de casa, e agora torno, e tudo acho mudado.

Perguntando tambem pelos nomes do abbade e do prior e procurador, elle lh'os nomeou, admirando-se muito de que o não deixasse entrar no convento, e de que mostrava não se lembrar d'aquelles nomes. Disse-lhe que o levasse ao abbade, e posto em sua presença, não se conheceram um ao outro; nem o bom monge sabia que dissesse ou fizesse mais que estar confuso e maravilhado de tão grande novidade. O abbade então alumiado por Deus, mandou vir os annaes e historias da Ordem, onde, buscando e achando os nomes que o monge apontava, veiu a averiguar-se com toda a clareza, que eram passados mais de trezentos annos desde que o monge sahira do mosteiro até que tornou para elle. Então este contou

o que lhe havia succedido, e os religiosos o acceitaram como a irmão seu do mesmo habito. E elle considerando na grandeza dos bens eternos, e louvando a Deus por tão grande maravilha, pediu os Sacramentos, e brevemente passou d'esta vida com grande paz em o Senhor.» *(M. Bernardes, Tratados varios, tom.* II, *pag. 4).*

Se a lenda não tivesse o seu *substratum* no viver remançoso dos bons homens de Villar, diria eu, ao deixar o mosteiro e ao contemplar o Cavado do marco geodesico, que fica no outeiro da Senhora do Soccorro, que essa lenda nascera sobre as aguas tranquillas



Uma vista do valle de Encourados — Desenho do natural por João de Almeida

do rio n'esse ponto, o mais risonhamente sereno e doce, que ainda pôde imaginar-se em um idyllio perfumado de açucenas. Os lagos tranquillos da Suissa, tanta vez lembrados como figura de rhetorica para espelhar uma paysagem suave, teriam que pedir ao Cavado, n'esta moldura do seu percurso, o segredo d'essa paz, sobre que dorme o bom Deus, sonhando com o primeiro sorrir de uma creança. É lindissimo, é deliciosamente encantador!

Não ha, porém, remedio senão deixar esse encanto, e dizendo por

isso adeus ao outeiro do Soccorro, onde, vá a noticia de passagem, o leitor, amigo de romarias, póde procurar a que ahi se faz no 1.º domingo de agosto, nós voltamos de novo para a estrada de Braga, a fim de conhecer o valle de *ENCOURADOS,* que tanto figura no alludido romance do escriptor portuense. Antes, porém, e emquanto vamos por entre os sombrios pinheiraes da quinta de Villar, vou dar ao leitor a noticia de uma anedocta recente, em que figura de um lado o poeta da *Velhice do Padre Eterno,* do outro o reaccionario reitor de Villar de Frades.

Guerra Junqueiro, cujas qualidades de amador de *bric-a-brac* pozemos já em relevo em um capitulo d'este livro, veiu um dia parar a Villar de Frades na intenção de que se lhe deparasse alguma preciosidade esquecida. Não sei se elle foi satisfeito como amador, mas o que a anedocta diz é que no reitor de Villar encontrou o poeta um typo tão perfeito, dos por elle descriptos nos seus versos, que não pôde aquietar-se-lhe o espirito, emquanto não apanhasse ao vivo todas as feições d'aquelle exemplar precioso. Seu cunhado, amador photographo, comprehendeu e executou o pensamento. E logo os dois, o padre e o poeta, como amigos que embrocaram o sino grande do verde, foram *poser* em grupo diante da objectiva. Um jornal do Rio de Janeiro, *A Semana,* creio eu, apresentou já esse famoso *duo* por meio da gravura, e contou o facto, que eu reproduzo agora da tradição oral, que em Barcellos o faz acontecido com o reitor de Villar, um reaccionario que nem por sonhos imaginava que se photographára ao lado de Junqueiro.

E agora que o sombrio caminho do pinhal foi amenisado com esta pittoresca anedocta, entremos na estrada do valle de Encourados, que podemos, depois de atravessar um insignificante pontelhão, pelo qual se paga 160 réis, seguir até mesmo junto da egreja de *MARTIM,* onde penetra no concelho de Braga. Ao lado esquerdo fica, entre Areias de Villar e Martim, a freguezia de *SANTA CHRISTINA DA POUSA,* junto da qual o Cavado fórma os espumantes e selvagens rapidos da Penida, que são um dos mais bellos pontos do seu curso.

Quanto ao valle de Encourados apresenta a nossa gravura de pag. 168 a parte que se estende em amphitheatro pelas rechãs da montanha de Ayró, divisando-se a alegria dos casaes por entre a ramaria dos pinheiros, que na encosta occupam o primeiro plano.

O nome de Ayró, recordado pela tradição popular na excellencia dos seus vinhos

Vinho de Ayró
Não o dês, bebe-o só

abrange uma região fertilissima e extensa, a que põe remate o cimo alte-

roso da montanha, rendilhado de granito e achatado em vasta planura, onde a agua jorra em mananciaes limpidos. Ha, pois, a distinguir entre as freguezias que teem o nome de *Ayró,* e a serra propriamente dita, braço giganteo do Gerez estendido sobre o Cavado. Ainda que... a bem dizer, hoje só á freguezia de *S. JORGE DE AYRÓ* pertence na verdade tal nome, pois as antigas de *S. Martinho* e *S. Bento de Ayró,* annexadas primeiro entre si, foram-o depois a *S. Bento da Varzea,* onde continuam encorporadas, existindo ainda ao norte d'esta freguezia a capella de S. Martinho, que foi matriz da freguezia de S. Martinho de Ayró, extincta, por pequena, em 1454, e annexada então a S. Bento de Ayró, o que foi um arranjo dos religiosos de Villar de Frades, a cujo couto as Ayrós pertenciam, para não terem de pagar a dois curas.

Da freguezia, pois, de S. Jorge de Ayró nos occuparemos n'este momento, relembrando que a ella pertence a aggregação de penedia, chamada *Os castellos,* onde, segundo a tradição, houve um designado *Pena* ou *Penha-fiel,* de que não ha hoje vestigios, como tambem lhe pertence a casa ou *Paço* de Ayró, ou de Villas Boas, antigo solar dos fidalgos d'este appellido, cuja residencia actual é na villa de Barcellos. Ainda em Ayró se vêem as ruinas da torre em que viveu o progenitor d'essa familia, Diogo Fernandes Villas Boas, o valoroso patriota que nas guerras contra Castella arvorou no alto da torre de um castello, em cujo cêrco se achava, uma palma recebida em Domingo de Ramos, a qual ainda hoje se representa no seu brazão armoriado. Na linhagem illustre dos Villas Boas figura o auctor da *Nobiliarchia Portugueza,* Antonio de Villas Boas Sampaio, além de heraldico, poeta, sendo d'elle os versos allusivos a alguns costumes populares portuguezes, intitulados *Auto da Lavradora de Ayró,* que por curiosidade transcrevemos:

Ao pé do monte Ayró
onde, só de uma pegada,
deu á fonte da Virtude,
que ahi nasce vida, e fama.

Pelo caminho de cima
com uma talha apedrada,
pucarinho de Estremoz
em prato de porcelana.

Ia Leonor pela sesta
para a fonte a buscar agoa.
lauradora, que de todas
é por formosa invejada

Leva o cabello em rolete,
melenas dependuradas,
gargantilha de belorios,
com relicario de prata.

Colete de serafina,
figa de azeviche á banda,
Ramal de coraes no braço,
e camisa debuxada

A todos quantos encontra
com seus olhos prende e mata,
e com ser escaça a moça
Dão seus olhos muitas dadas

Mais panos devo ás pedras
do que á tua formosura,
que as pedras duras não fogem
tu fuges, e mais és dura.

Se sabeis que vos adoro
não sejaes esquina sempre,
que amor com amor se paga,
e só quem paga não deve.

Não se limitam ás freguezias de Ayró as que nas abas da montanha ou nas suas rechãs accidentadas vivem a modesta vida do trabalho; outras ha que nas encostas do sul levantam os seus campanarios, cumprindo-nos mencionar *BASTUÇO* (Santo Estevão) e *Bastuço* (S. João), constituindo hoje uma unica freguezia, mas tendo cada qual as suas tradições. Assim da primeira se diz que foi antigamente villa, dada, por signal, como termo de Barcellos no tempo do rei D. Fernando, e tendo então o nome de *Penha fiel de Bastião,* nome provavelmente allusivo a algum castello que ahi existiu. Da segunda, onde existiu a pequena *honra* de Sá, sujeita ao commendador de Chavão, diz a tradição que já foi habitada pelos *mouros,* encontrando-se, ainda não ha muito, alguns vestigios de construcções no local em que esteve edificada uma capella de S. Silvestre, que tambem já não existe, e cuja fundação a lenda attribue a Joanne, o pobre, que alguns historiadores dizem descendente dos condes de Urgel, sendo Arnaldo Gama de opinião que esse mysterioso eremita era D. João Ponce de Cabrera, que nas planuras de Ayró veiu, por fortes motivos de desalento, penitenciar-se e procurar refugio ás suas dôres. É certo, que mencionando a fundação da ermida por Joanne, o pobre, pouco mais dizem d'elles os historiadores, senão que foi muito acceito á rainha D. Filippa e a D. Affonso, primeiro duque de Bragança, que o consultavam e veneravam como a um santo. As ruinas da ermida de Joanne, foram, em 1650, aproveitadas pelo ermitão Simão Alves de Lemos para construir em terreno, que hoje é de *SEQUIADE,* uma outra ermida dedicada á Senhora da Boa Fé, e um pequeno recolhimento com algumas cellas, para quem ahi quizesse viver em penitencia. Isto mesmo, porém, o tempo se encarregou já de arruinar, e hoje quasi só as recordações restam d'esses humildes eremiterios, que existiram nos planaltos de Ayró, tão notaveis na actualidade e na tradição pela fama do seu vinho, como pelos grandiosos panoramas que póde gosar d'ahi o excursionista, que tenha o bom gosto de lá ir.

*

* *

D'esta vez é para o sul que partimos, tendo logo de optar, ou pela nova estrada que se dirige á estação das Fontainhas do caminho de ferro da Povoa, e ainda em construcção entre Santa Leocadia de Pedra Furada e esse *terminus,* e proximo da qual nos fica o historico monte da Franqueira, ou por aquella que atravessando as *Necessidades* vae em direcção á Povoa, bifurcando cerca de 100 metros adiante do largo das *Necessida-*

des, indo passar junto da capella do Amparo a fim de se dirigir á Apulia, que é a praia dilecta dos barcellenses pacatos.

Como o leitor conhece já a primeira até ao sitio do Senhor do Gallo, d'onde sahe a estrada municipal para Remelhe, por ella principiaremos a excursão, ou melhor a continuaremos, tomando a narração no ponto em que descrevi ao leitor o monumento do *Senhor do Gallo.*

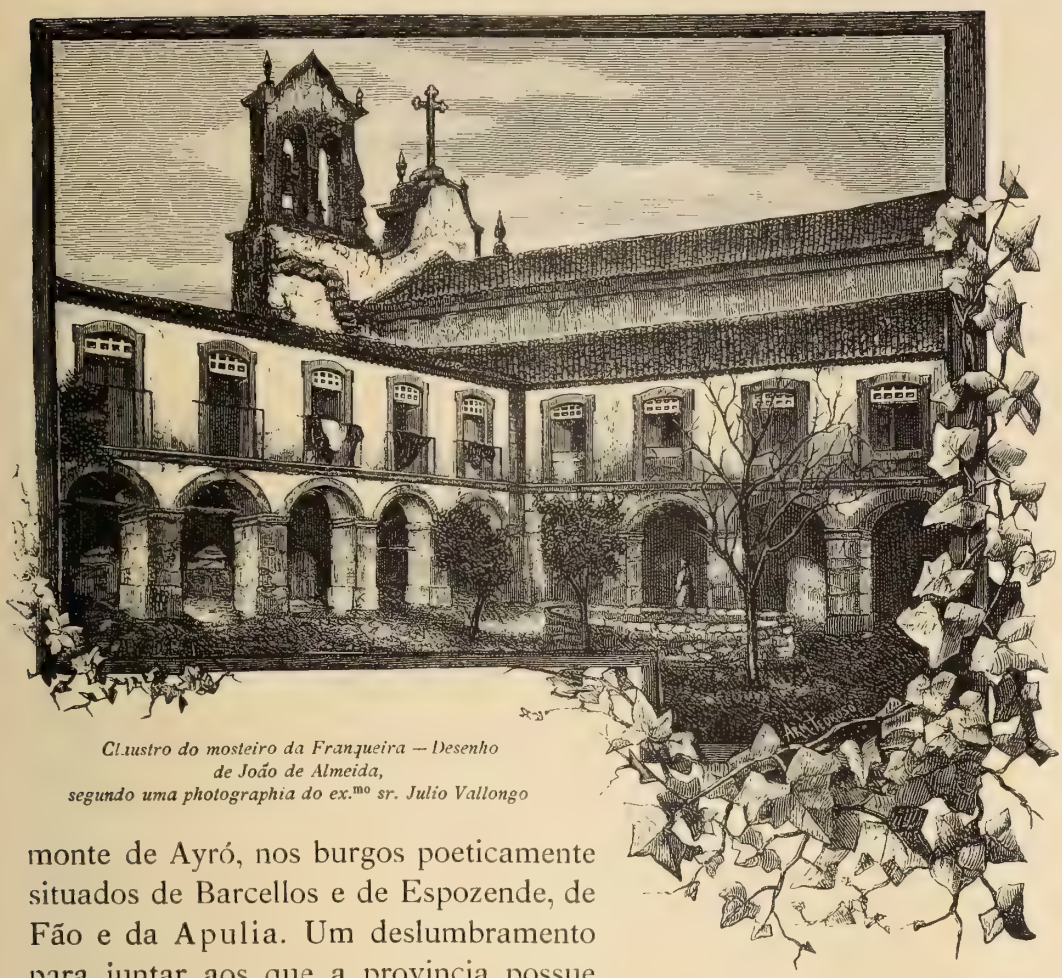
Adiante um pouco d'essa devesa, tão triste pelas recordações, como pela paysagem melancholica, e depois de passar por Alvellos, de que já fallámos, e cuja egreja ostenta vaidosamente a sua modernissima construcção com a nova torre, defendida por um pára-raios, visto que ha cerca de dois annos uma faisca electrica derrubou a torre que estava em construcção, atravessa a estrada a freguezia de *PEREIRA.*

Fica-nos á direita a egreja parochial, tambem moderna e não inferior á de Alvellos; e á esquerda a de *GOIOS,* fundada pela rainha D. Mafalda em 1150, e solar da linhagem dos Goios, depois que no tempo de D. Diniz se extinguiu o appellido dos Molnes, que eram os primitivos senhores d'essa *honra,* e ciosos d'ella a ponto, segundo se diz, de quererem impedir que ahi entrasse o proprio mordomo do rei.

A estrada prosegue atravessando o territorio de *SANTA LEOCADIA* de *PEDRA FURADA,* terra, ao que parece, de antiquissimas origens, pois ahi se teem encontrado alguns objectos da epocha da edade de bronze, como seja esse machado, de que damos a gravura e que pertence ao ex.mo sr. Domingos dos Santos Ferreira, de Barcellos; até chegar finalmente a *MACIEIRA,* a que chamam de *Rates* pela proximidade a que está da antiga e extincta villa d'esse nome.

Pertence ao territorio de Pereira, como a *FARIA,* e ainda aos limites de *S. Paio do Carvalhal,* o celebre monte da Franqueira, onde está situado o convento e a ermida da Senhora do mesmo nome, monumentos que as nossas gravuras reproduzem de umas photographias devidas á amabilidade do ex.mo sr. Julio Vallongo, de Barcellos.

Existe a ermida da Senhora no ponto mais elevado da montanha, sendo por isso delicioso o panorama que se disfructa d'ahi. A vista abrange em um grande circulo luminoso as cumiadas do Gerez e a larga superficie azul do Oceano, poisando intermediariamente nos valles fertilissimos do Cavado, na frondosa montanha do Bom Jesus, na touca rendilhada do



Claustro do mosteiro da Franqueira — Desenho de João de Almeida, segundo uma photographia do ex.mo sr. Julio Vallongo

monte de Ayró, nos burgos poeticamente situados de Barcellos e de Espozende, de Fão e da Apulia. Um deslumbramento para juntar aos que a provincia possue nas largas télas da sua accidentada natureza. A Senhora da Franqueira festeja-se em agosto, havendo então junto da ermida uma das grandes romarias do concelho.

Eis o que sobre este assumpto se lê na *Noticia* de Amaral Ribeiro:

«Attribue-se a primeira fundação d'esta capella ao grande *Egas Moniz*, aio do 1.º rei de Portugal D. Affonso Henriques, sendo de crêr que assim seria, quando o dito principe assistia no castello de Faria, sendo ainda infante. Por se verem as armas dos Pinheiros no corpo da egreja attribue-se a sua fabrica a *D. Diogo Pinheiro*, bispo do Funchal, primeiro commendatario do mosteiro de S. Simão da Junqueira, e prior de S. Salvador de Pereiró, e é hoje vigararia; e outros pela mesma razão a *D. Rodrigo Pinheiro*, bispo do Porto, quer um, quer outro descendente de *Tristão Gomes Pinheiro*.

O frontispicio foi feito ha pouco mais de cem annos com a competente torre dos sinos á custa de um brazileiro, que deu ao sanctuario o sino grande, como consta do letreiro que n'elle se vê.

«Já no anno de 1415 era muito celebre este sanctuario; por quanto conquistando n'esse anno el-rei D. João I a cidade de Ceuta em Africa, e achando-se com elle seu filho natural D. Affonso, conde de Barcellos, e primeiro duque de Bragança, fez este trazer para a dita ermida da Franqueira, como trophéu da victoria, e memoria do favor que a Senhora lhe fizera na occasião em que se viu em grande aperto com os mouros, uma mesa de finissimo jaspe, que ainda lá existe, em que comia *Collubencayla,* senhor de Ceuta, o que consta de um livro antigo pertencente á Senhora, e diz:

«—Este duque D. Affonso, filho bastardo d'El-Rei D. João I, foi na tomada de Ceuta, e no despojo mandou arrancar quinhentas columnas de marmore dos paços de Collubencayla, e trouxe de lá uma mesa de marmore *(aliás jaspe)* muito fino, onde o dito Collubencayla comia, e a mandou pôr em uma egreja de Barcellos no altar de Santa Maria da Franqueira, ermida de grande romagem. E o conde de Benavente, o velho, pae do que era (?) no anno de 1525 dava a D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal, Primaz das Indias, e Prior de S. Salvador de Pereiró, um Pontifical de bordado rico, porque lh'a désse, e elle mandou dizer que lh'a não daria pelo seu condado.

«A pedra da mesa, continua o mesmo auctor, é de finissimo jaspe todo de uma côr, não muito branco, mas resplandecente; tem $1^{m},54$ de comprido, 0,77 de largo, e de grossura 0,2. Serve de ara ao altar-mór, e está firmada em tres columnas do mesmo jaspe, redondas e delgadas, á proporção da mesa; suppõe-se que terá outras tres pela parte ulterior, o que se não póde vêr sem desfazer o altar.

«A Imagem da Senhora é a que está no altar lateral da parte do Evangelho.

«Quando ha falta de chuva, quando esta é continuada e excessiva, ou por occasião de alguma calamidade publica, costumam os povos, na sua afflicção, recorrer ao seu patrocinio, ir buscal-a em procissão, e expol-a á veneração dos fieis da egreja parochial de Barcellinhos.»

«Em um cabeço do mesmo monte da Franqueira, mais obra da natureza do que da arte, e que lhe fica ao norte em distancia de tiro de mosquete, e muito inferior na altura ao cume onde se acha a ermida, existiu o famoso castello de Faria, do qual ainda se vêem vestigios, cujas ruinas foram aproveitadas para o convento de frades da Soledade, que ali foi edificado, como depois diremos.

Foi este castello uma fortaleza tão inexpugnavel para as armas d'aquelles tempos, e tão antiga, que, quando por fallecimento do conde D. Henrique, se apossou das terras o conde de Transtamar, o infante D. Affonso

Henriques, depois nosso primeiro Rei, ganhou os castellos do Neiva e Faria, e d'este começou a recuperar com as armas as terras que havia perdido. N'este mesmo castello residia o Infante, quando deu o privilegio de couto ao mosteiro de frades benedictinos de *Manhente*.

«No tempo d'El-Rei *D. Fernando,* estando o nosso reino em guerra aberta com o de Castella, entrou com poderoso exercito por entre Douro e Minho, o adiantado de Galliza, *Pedro Rodrigues Sarmento,* e chegou a marchas forçadas á Villa de Barcellos: para pelejar com elle se reuniram muitos fidalgos d'aquella provincia, com a gente que puderam ajuntar, mas foram vencidos. Era n'esse tempo alcaide e governador do castello de Faria *Nuno Gonçalves de Faria,* o qual, deixando-o entregue a seu filho *Gonçalo Nunes de Faria,* sahiu ao campo com a gente de Barcellos em tão infeliz occasião, que já os castelhanos estavam vencedores, e carregando sobre *Nunes Gonçalves,* o venceram e prisionaram, carregando-o de ferros.

«Vendo-se assim preso, disse aos castelhanos que o levassem junto do castello para ordenar e persuadir ao filho, que o entregasse: assim o fizeram; elle, porém, chamando o filho, lhe disse:—«Bem sabes, filho, como este castello me foi dado por El-Rei D. Fernando, e d'elle lhe dei preito e homenagem; mas por minha desventura sahi hoje d'elle, cuidando que n'isso o servia. Meus inimigos me trazem aqui, para que te diga que lh'o entregue; mas porque eu não posso fazer isto, guardando a lealdade que devo, por tanto te mando, sob pena da minha maldição, o não entregues a pessoa alguma, senão a El-Rei meu Senhor, ou a quem Sua Alteza por seu certo recado o mandar.» Ouvindo isto os castelhanos, ali mesmo na presença do filho, cobarde e infamemente mataram e despedaçaram *Nuno Gonçalves de Faria;* e accommettendo dias depois o castello, tão valorosamente o defendeu *Gonçalo Nunes de Faria,* tão obstinada resistencia encontraram, que sendo sempre repellidos, se retiraram vergonhosamente, desistindo da empreza.

«Este digno filho de tão heroico e fiel pae, sendo depois senhor d'Azurara, Mindello e Fão, por mercê de D. João I, ordenou-se e foi abbade de *Santa Eulalia de Rio-Covo,* deixando a casa, que herdára de seu pae, a seu irmão *Alvaro de Faria.*» *(Vid. «Noticia de Barcellos» por Amaral Ribeiro, pag. 118 a 124).*

Apagaram-se nas pedras os vestigios de luctas tão sangrentas, mas as chronicas ficaram para rememorar esse glorioso feito da nossa historia, podendo o leitor curioso ir encontrar a sua narrativa em Duarte Nunes de Leão, o chronista de el-rei D. Fernando.

Descendo do sitio que foi o castello de Faria, existe n'uma planura o convento dos extinctos frades de S. Francisco da Provincia da Soledade,

vulgo convento da Franqueira. De horisonte menos rasgado que a ermida, é todavia encantadora a paysagem que se gosa do convento, como aprazivel é o sitio do mosteiro, onde a agua parece entoar por entre a avelludada folhagem do arvoredo o threno saudoso dos mais bellos dias da communidade.

«Serviram de nucleo ao convento, ou antes foram fundadores de um eremiterio que ahi houve, *Vicente, o Pobre,* e sua mulher *Catharina Affonso,* que em 1429 para ahi vieram da cidade do Porto, d'onde eram naturaes,

Ermida da Franqueira — Desenho de João de Almeida, segundo uma photographia do ex.mo sr. Julio Vallongo

e moradores abastados, com a intenção de fazerem vida eremitica, o que levaram a effeito, fundando uma pobre casa terrea, e uma ermida com o titulo de *Bom Jesus,* no sitio onde dentro da cêrca existe uma pequena capella de S. Francisco, perto da fonte que ali ficou para memoria do primeiro lugar onde esteve o convento: em 1476 ainda era vivo *Vicente, o Pobre;* tanto elle como sua mulher foram sepultados na ermida por elles fundada, como consta da lapide que ali existia, e hoje está fóra da porta da egreja do convento, para onde foi trasladada, quando para o sitio, onde se acha, foi mudado.

«Em 1505 vieram para aquelle lugar os primeiros padres, que o auctor da *Chronica da Provincia da Soledade* chama *Claustraes (?),* e ahi se estabeleceram, sendo depois, por instancias do duque de Bragança *D. Jayme,* dado aos padres primitivos da *Soledade* esse estabelecimento por Fr. *João de Chaves,* provincial do claustro. Em 1563 *D. Henrique de Sousa,*

ultimo commendatario do mosteiro de *Rendufe,* reedificou o convento no sitio, onde hoje se vê, distante do primeiro, cujas paredes eram de taipa, um largo tiro de mosquete, empregando-se na sua fabrica toda a pedra do castello de Faria.

«Junto á porta do côro havia uma Imagem de Christo crucificado, e de tamanho regular, feita de cortiça virgem muito fechada, e bem incarnada.

«A egreja é pequena, mas muito perfeita e airosa, e n'ella veneram, ha alguns annos, varios devotos d'esta villa a veneravel Imagem do *Senhor da Fonte da Vida,* havendo por occasião da sua festividade, arraial, fogos de artificio e procissão.

«Tem este convento dilatada e espaçosa cêrca, com pomar, terras de lavoura, e grandes mattas de castanheiros, carvalhos, pinheiros, etc.

«Até 1749 dava a Serenissima Casa de Bragança pelo almoxarifado de Barcellos 20$000 réis de esmola annual ao convento, e d'essa data em diante 40$000 réis annuaes.

«Desde a fralda da montanha, que começa na freguezia de *S. Paio do Carvalhal,* até ao convento, ha uma calçada de pedra, e collocadas em conveniente distancia umas das outras, pequenas capellas com os Passos do Redemptor.

«Com a extincção das ordens regulares em 1834, foi arrematado este magnifico convento com a cêrca respectiva pela quantia, segundo nos informam, de 800$000 réis!!» (Vid. *Noticia* citada, pag. 133).

Visitado o historico monte da Franqueira, que é, para quem segue a estrada do Senhor do Gallo, o assumpto mais digno de attenção ou de recreio, uns rapidos kilometros andados para o sul põem o leitor ao facto das freguezias que se ramificam pelas accidentações dos terrenos mais proximos. Assim encontramos já *MILHAZES*, *Milhares* ou *Milhagens,* nome que, segundo a tradição, vem dos milhares de mouros mortos aqui em batalha pelos christãos, se não é que vem com mais razão dos milharaes, que formam a sua principal cultura. Certo é que logo em *VILLAR DE FIGOS* vamos achar lenda egual de façanhas obradas contra os mouros em um famoso cêrco ao castello da Franqueira, por estes defendido obstinadamente. Os habitantes d'esta aldeia, diz a tradição, juntaram certa noite um grande rebanho de cabras, prenderam-lhes nas pontas vellas (!) accesas e tomando o caminho de Barcellos marcharam sobre o castello com grande alarido, o que animou os sitiantes christãos e determinou os mouros sitiados a renderem-se, imaginando que de Barcellos haviam chegado ao acampamento grandes reforços. E como por tal astucia foram os de Villar de Figos os principaes conquistadores do castello, ainda hoje se denominam *Principaes de Villar de Figos.*

Vindo a epochas mais proximas de nós apenas temos que notar entre os descendentes d'esses *principaes* um filho de Villar de Figos, que foi na verdade um benemerito da sua terra natal. Foi Pedro Gomes Simões, que nasceu aqui em 1700 e morreu no Porto em 1780, legando á egreja de Miragaya avultadas quantias para solemnidades religiosas. Na sua freguezia foi o fundador da actual matriz, o que fez por vêr que a capella da Senhora do Rosario no lugar da *Egreja velha* era demasiado humilde para séde parochial. Tambem mandou fazer a torre e um sino á sua custa, dizendo ainda a tradição palerma, que para que o sino tivesse excellentes vozes, elle lhe esteve deitando, no acto da fundição, *barretinas cheias de ouro!* O amor pelos sinos e torres não se limitou em Pedro Simões ao que mandou fazer na sua aldeia; outras egrejas visinhas foram beneficiadas, devendo citar-se entre ellas a ermida da Senhora da Franqueira, cuja torre e sino maior são dadiva do filho de Villar de Figos.

Continuando para sul encontram-se os fertilissimos campos de *COUREL,* visinhos pelo poente dos de *PARADELLA,* e por nascente e sul de *GUERAL,* e finalmente *NEGREIROS,* mui perto da linha ferrea da Povoa a Famalicão.

*

* *

Seguindo atravez de Barcellinhos pela estrada da Povoa, avistamos á nossa esquerda na base norte do monte da Franqueira *S. PAIO DE CARVALHAL,* e depois de atravessar *Mereces,* sorri-nos á direita um valle fertilissimo. *GILMONDE* apparece-nos em seguida, a oeste, prostrando-se religiosamente diante da via-sacra e elegante cruzeiro que fica á margem da estrada, e aspirando ainda as tradições da montanha sagrada da Franqueira, que proximo ergue os seus edificios religiosos. Ao passarmos no poetico lugar de Medros, um delicioso quadrosinho nos impressiona a retina: o arroyo que passa sob a ponte, o engenho de serrar madeira, a ermida e os casaes do lugar, formam um agrupamento encantador, mas que rapidamente desapparece.

FORNELLOS vem em seguida, estendendo, para áquem do Cavado, os taboleiros de milharaes e as vinhas de enforcado que constituem a sua intensa cultura.

Passamos junto da egreja parochial de *VILLA SECCA,* e da capellinha do Soccorro, vendo ao mesmo tempo os casaes que se alinham nas ourellas da estrada. Depressa, porém, muda o scenario. Ao sorrir das povoações succede a catadura triste dos pinhaes e a sombria paysagem dos pantanos. Como que se adivinha um drama horrivel n'esta solidão funesta,

e o espirito vae angustiado, pensando no agonisar das victimas. Umas cruzes singelas marcam o logar fatal. Enchera-se de aguas o paul, em noite tempestuosa de inverno, escura e sinistra como as não sonhára o Dante. A diligencia vinha, como vimos nós, dos lados de Barcellos; em um falso passo, um dos cavallos abeira-se da valleta, resvala, arrasta comsigo os outros; a agua invade o vehiculo, um grito intraduzivel de terror se levanta d'entre os passageiros. Ha dedicações heroicas n'aquelle momento de angustia, mas ha victimas tambem, que a asphyxia por submersão se encarrega de collocar na sua funebre estatistica. No dia seguinte a noticia da catastrophe das Necessidades, acontecida em uma diligencia do Neves, correu a provincia. Triste! E mal se desvanece esta impressão, quando os olhos avistam, e o carro entra alegremente na povoação das

NECESSIDADES,

o lugar mais importante da freguezia de *BARQUEIROS,* a nascente da qual se divisa o campanario de *CHRISTELLO,* mal soerguendo a sua cupula por entre a vegetação opulenta dos pinheiraes que o rodeiam.

A nossa gravura de pag. 181 reproduz com exacta fidelidade parte do vasto largo, em que assenta o magestoso templo da Senhora das Necessidades, a quem se faz uma das mais estrondosas festas do Minho nos dias 7 e 8 de setembro. Para cima de dez mil pessoas concorrem a essa afamada romaria, sobresahindo pelo pittoresco dos seus trajes as raparigas da orla maritima de Vianna e as maiatas, de proximo do Porto, que em rondas e descantes passam a noite de 7, depois do brilhante fogo de artificio, que é uso queimar-se no arraial. Manhã cedo todo esse povo, que apenas dormitou no vasto campo, para descançar um momento das alegrias da noite, ajoelha em frente do mosteiro, ouvindo no mais religioso silencio a missa, que um padre diz para esse acampamento, da grande sacada da frontaria do templo.

Artistico e soberbo espectaculo, que jámais esquece quem uma vez presenceou essa multidão, religiosamente posta de joelhos, por entre as barracas e os toldes, os fornos e as tendas, que matizam de um colorido alegre toda essa larga e formosissima téla.

No campo, bordado de vistosos predios, como na nossa gravura se vê, effectua-se todas as terças feiras um concorrido mercado, além das grandes feiras-romarias já indicadas em 7 e 8 de setembro.

O mosteiro da Senhora das Necessidades é um templo grandioso, contribuindo muito para embellezal-o o elegante zimborio que se levanta ao de cima do seu corpo central. É de construcção relativamente moderna,

e, segundo nos informa o ex.mo sr. Antonio Domingos Lopes, de Espozende, a sua origem é historicamente a seguinte:

«Achando-se em Lisboa a tratar de uma demanda o senhor da casa dos Vellosos (familia illustre cujo solar está situado em frente ao dito mosteiro), Fr. João Velloso de Miranda Ferreira da Fonseca, fidalgo cavalleiro, commissario das tres ordens militares, correio-mór de Espozende, monteiro-mór da villa de Arrifana e corregedor do crime na Relação do Porto, foi na capital accommettido de uma doença grave, que o fez invocar o auxilio de Nossa Senhora das Necessidades, imagem que ahi adquirira.

«Restabelecido e voltando triumphante do pleito aos seus lares, mandou collocar a imagem em uma capellinha que existia defronte da sua casa e quinta, apregoando-lhe com reconhecimento o valor. Succederam-se os milagres após esse e resolveu então o senhor da casa dos Vellosos levantar um mosteiro condigno da alta fama da Virgem. O povo das freguezias visinhas secundou galhardamente a iniciativa do senhor de Velloso, conduzindo gratuitamente a pedra e outros materiaes para a construcção. Levantou-se, pois, o templo, e da casa de Velloso vinha mesmo um arco até ao mosteiro, a fim d'aquella familia poder assistir do côro a todos os officios divinos. Esse arco foi mais tarde destruido (crêmos que por occasião da construcção da estrada) e a propria administração dos rendimentos passada das mãos dos fundadores a um capellão inspeccionado pela auctoridade ecclesiastica, reservando apenas essa familia para si e sua descendencia um lugar reservado para ouvirem missa, um outro para sepultura, que é o que se vê com o respectivo brazão de armas no centro da egreja, e gratuitamente o toque de sinos pelo fallecimento de qualquer pessoa da sua geração.

«O mosteiro tem hoje as prerogativas de real, o que deve á visita que el-rei D. Luiz se dignou fazer-lhe por occasião da sua viagem pela provincia do Minho.»

Conhecida a sua historia e a sua grandiosidade não tem o leitor mais que admirar senão os numerosos paineis que testemunham os milagres da Senhora, alguns bem curiosos na verdade, como aquelle que agradece á Virgem o ter quebrado uma perna podendo quebrar as duas, e outros no mesmo genero de candida ignorancia e robustissima fé.

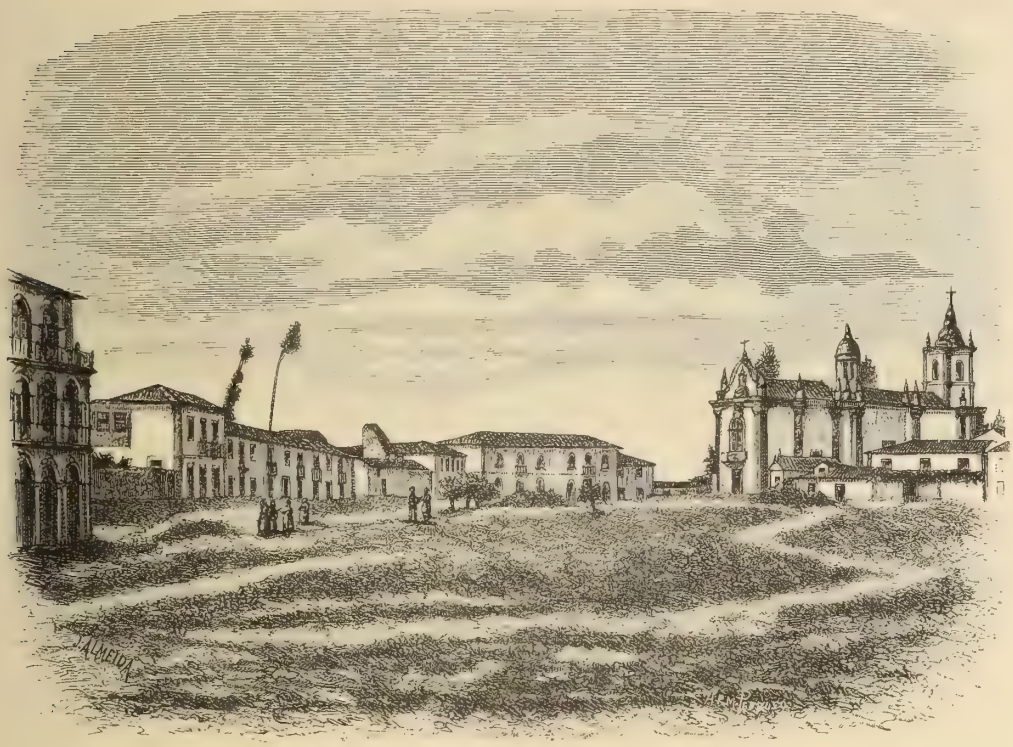
Sahindo das Necessidades, a estrada segue ainda para o sul, destacando proximo da capella da Senhora do Amparo a que vae em direcção á elegante e modesta praia da Apulia, com quem no capitulo immediato travaremos relações.

*

* *

Vamos emfim para Espozende.

Predominam os pinheiraes nas devesas proximas da estrada, e se os olhos por isso não logram vêr os horisontes largos ou as paysagens flori-



Necessidades — Desenho do natural por João de Almeida

das, os pulmões — que bem que isto faz — aspiram um bello ar impregnado de aromas resinosos, e purificam-se e robustecem-se ao contacto d'esta natureza sadia. Atravessamos as freguezias de *S. PEDRO* e *S. MARTINHO DE VILLA FRESCAINHA*, a primeira situada á margem Cavado, a segunda um pouco a norte da estrada, indo por volta de Barcellos a confundir os seus limites com os de *Abbade de Neiva*. Além da egreja matriz existem em S. Martinho as capellas de Santo André, Senhora da Oliveira em Casal de Nil, e S. João Baptista em Paço Velho, havendo ainda para vêr na freguezia dois edificios brazonados, um que foi de Ayres de Mendanha, em Casal de Nil, outro em Paço Velho, de um capitão-mór de Barcellos. Na freguezia de S. Pedro ha tambem, quasi quina, a

capella da Torre. A pequena egreja parochial vê-se um pouco á esquerda da estrada.

Breve passamos em *MARIZ,* povoação antiquissima, d'onde procede o nobre appellido de Mariz, cujo tronco genealogico foi Lopo de Mariz, que tem o seu solar no paço d'este nome. No termo da freguezia ha umas aguas mineraes que ainda não foram analysadas.

Depois de ladearmos a quinta de Argemil chegamos a *S. PAIO DE PERELHAL,* onde a 15 de setembro se faz uma grande romaria a Nossa Senhora do Allivio.

Fica pelo norte a freguezia de *CREIXOMIL,* onde foi achado o machado prehistorico que figura n'esta pagina.

Adiante mais e já nos limites do proximo concelho de Espozende fica a freguezia de *VILLA COVA* e *BANHO,* representando esta segunda designação o nome da antiga parochia de *O Salvador do Banho,* já antes de 1840 annexa á primeira. Na freguezia de Villa Cova houve em tempos remotos um mosteiro de freiras benedictinas, de que hoje não restam vestigios, e existiu tambem no monte de S. Mamede uma capella dedicada ao santo d'este nome. Os seus templos são hoje a matriz nova, a velha em ruinas, a capella publica de S. Braz, e as particulares de S. João no casal dos Curvos, e a de Nossa Senhora, de Luiz Portella. Nos montes de Mereces tem uma das suas nascentes o pequeno rio *Agro de Banho,* que vae desaguar ao Cavado, já em territorio de Espozende.

*

* *

Esboçando, em um golpe de vista rapido, o valimento economico do concelho de Barcellos, póde-se dizer affoitamente que assim como é grande no territorio, elle é tambem grande na riqueza.

Representam-o na imprensa os seguintes jornaes: *Aurora do Cavado, Folha da Manhã, Gazeta do Povo, Tirocinio, Idéa Nova* (temporariamente suspensa) e a *Revista do Minho,* dedicada exclusivamente a assumptos de Folk-Lore. Tem um theatro regular, mandado construir pela *Sociedade Dramatica Barcellense* e inaugurado em 25 de dezembro de 1885, com o drama *O Sargento-mór de Villar;* e muito regularmente organisado o *Club*

Democratico Barcellense, instituido em 1883, centro activo de propaganda da instrucção, havendo aulas diurnas para creanças e nocturnas para os adultos. O seu mais benemerito protector, cujo retrato se vê na sala das sessões, é o ex.mo sr. Gonçalo Alfredo Alves Pereira, que paga annualmente do seu bolso 300$000 réis para ordenado de professores e custeio de utensilios. Além d'esse club ha em Barcellos outros, exclusivamente de recreio, merecendo primeira menção a *Assembléa Barcellense.*

Egreja da Franqueira — Desenho de João de Almeida, segundo uma photographia do ex.mo sr. Julio Vallongo

As escolas primarias officiaes distribuidas pelo concelho são as seguintes:

Santa Maria Maior (1.º e 2.º grau, sexo masculino), Areias de Villar, Cambezes, Carapeços, Christello, Fragoso, Gilmonde, Goios, Lama, Macieira de Rates, Santo André de Palme, Pousa, Quintiães, Roriz, Viatodos, Villa Cova e Villar de Figos.

Outras existem de iniciativa particular, sendo, porém, d'essas as mais importantes as que já referimos do *Club Democratico.*

Apezar da densidade de população de tão extenso concelho e comarca, a sua estatistica de crime é deveras um testemunho da boa indole d'este povo. Assim é que em 1880 foram commettidos 70 crimes, sendo 7 contra a ordem, 39 contra pessoas e 24 contra a propriedade, sendo os reus 101, dos quaes foram absolvidos 24, condemnados a penas correccionaes 73 e apenas 4 a penas maiores. N'esses 101 figuram 22 mulheres, são analphabetos 51, e só á comarca pertencem 78.

A industria do concelho é exclusivamente agricola, devendo procurar-se ahi os elementos da sua riqueza ou abatimento.

A cultura cerealifera do milho, em especial, e a cultura dos vinhos

de enforcado, hoje tão procurados pelos mercados nacionaes e estrangeiros, são os grandes ramos da sua actividade. Ainda ha pouco era-o tambem a industria da creação e engorda do gado bovino, pois se estendia mais ou menos a todas as freguezias do concelho, mas hoje está visivelmente em decadencia, mercê de motivos economicos que não são para explanar n'este livro. Como terra agricola Barcellos soffre tambem dos grandes males que affligem a industria em todo o paiz, e oxalá podesse a sua iniciativa, que ainda agora principia a despertar, prover de remedio á crise mais ou menos proxima, que o estado actual deve antever. Formou-se recentemente a Sociedade agricola, fomentando o derramamento da instrucção agricola, ensinando ao lavrador a tirar da terra o que ella póde dar, promovendo exposições concelhias, como a que tem em projecto, etc., e de que ha muito e muito a esperar.

A riqueza pecuaria do concelho consta do seguinte mappa:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	499	6:314$400
Muar	97	1:690$000
Asinino	400	1:618$000
Bovino	11:366	295:120$800
Lanar	15:116	3:732$400
Caprino	1:418	430$140
Suino	6:766	37:575$000
		346:480$740

A industria vinicola do concelho, hoje a mais florescente, graças á exportação para França, é exercida em todas as freguezias mais ou menos, sendo-o porém com mais intensidade nas de Abbade de Neiva, Ayró, Alvitos, Adães, Carapeços, Carvalhal, Gallegos, Manhente, Pousa, Rio Covo, Roriz e Villar de Figos. As videiras são todas levantadas em arvores (vinha de enforcado) ou em ramadas. As castas de uvas que mais se cultivam para vinho, são: a borraçal, o cainho, o espadeiro, o moscatel, o verdelho e o vinhão. A força alcoolica dos vinhos é de em média 7 % de alcool absoluto. As vindimas começam depois de 15 de setembro, e quasi sempre antes da perfeita maturação das uvas, com o receio de que estas sejam roubadas! Os lagares são os tradicionaes de cantaria com a prensa de vara e parafuso e o trabalho dado á uva consiste apenas em uma simples pisa de algumas horas, abandonando depois o mosto á fermentação, que se prolonga muitas vezes até seis dias (!) para que o cango

ou *brolho* comece a descer. É então que se envasilha o vinho, a que ordinariamente nunca fazem a operação do trasfego, senão algum lavrador mais illustrado, nos mezes de março ou abril. Na Exposição de Londres em 1874 expozeram vinhos de Barcellos José Ramos Lopes, de Carapeços Manuel Bento da Cunha, de Santa Eulalia Antonio José da Fonseca. Tinham de 8,9 a 9,9 de alcool.

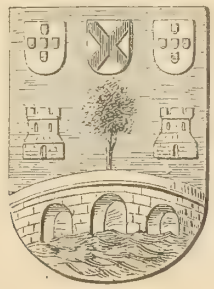
Auxiliando o movimento commercial mais que o agricola, localisam-se na villa as agencias economicas dos bancos, apresentando o *Banco de Barcellos* nos seus balancetes de agosto e setembro de 1885 (antes e depois da reorganisação do banco) as quantias de 273:503$249 e 195:955$912 réis como *activo,* jogando com as mesmas verbas no *passivo.*

As feiras de Barcellos, extremamente concorridas sempre, realisam-se semanalmente ás quintas feiras, havendo as annuaes de 3 de maio, Quinta feira de Endoenças, dia de *Corpus Christi,* e quinta feira antecedente ao Natal, em que essa concorrencia augmenta extraordinariamente.

Os preços por que se costumam vender os generos alimenticios regulam em média:

Vinho (pipa de 500 litros)	20 a 22$500
» aquartilhado	40
Milho branco	360 a 370
» amarello	360 a 370
Feijão branco (raza, 17l,373)	600
» amarello	480
Batatas (15 kilos)	360
Cebolas (cabo ou galhada)	40 a 80
Gallinhas	240 a 300
Ovos (cinco)	40
Laranjas (cento)	400

O mercado é tambem abundante em peixe, que lhe vem da Povoa ou Espozende, além do que é pescado no formoso rio Cavado.



CONCELHO DE BARCELLOS

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Abbade de Neiva, *Santa Maria*	304	418	722	154 *a*
Aborim, *S. Martinho*	181	170	351	77 *b*
Adães, *S. Pedro*	153	224	377	89 *c*
Aguiar, *Santa Lucrecia*	176	223	399	102 *d*
Airó, *S. Jorge*	151	191	342	71 *e*
Aldreu, *S. Thiago*	242	322	564	140 *f*
Alheira, *Santa Marinha*	350	404	754	182 *g*
Alvellos, *S. Lourenço*	265	306	571	166 *h*
Alvito, *S. Martinho*	66	79	145	38 *i*
Alvito, *S. Pedro*, e Ginzo, *O Salvador*	144	163	307	76 *j*
Arcozelo, *S. Mamede*	203	248	451	113 *k*
Areias, *S. João Baptista*, e Magdalena, de Villar	283	371	654	150 *l*
Areias, *S. Vicente*	180	187	367	79 *m*
Balugães, *S. Martinho*	100	243	433	100 *n*
Barcellinhos, *Santo André*	468	567	1:035	249 *o*
Barcellos, *Santa Maria Maior*	1:285	1:802	3:087	795 *p*
Barqueiros, *S. João Baptista*	349	444	793	237 *q*
Bastuço, *Santo Estevão*, e Bastuço, *S. João*	210	256	466	121 *r*
Cambezes, *S. Thiago*	253	335	588	151 *s*
Campo, *O Salvador*	201	269	470	123 *t*
Carapeços, *S. Thiago*	303	344	647	170 *u*
Carreira, *S. Miguel*	288	329	617	145 *v*
Carvalhal, *S. Paio*	260	292	552	122 *x*
Carvalhas, *S. Martinho*	161	158	319	80 *y*
Chavão, *S. João Baptista*	123	132	255	62 *z*
Chorente, *S. Miguel*	244	255	499	108 *aa*
Christello, *O Salvador*	378	488	866	204 *bb*
Cossourado, *S. Thiago*	348	451	799	179 *cc*
Courel, *S. Martinho*	122	144	266	58 *dd*
Couto, *S. Thiago*	67	79	146	44 *ee*
Creixomil, *S. Thiago*	207	265	472	93 *ff*
Durrães, *S. Lourenço*	215	215	430	91 *gg*
Encourados, *S. Thiago*	170	195	365	87 *hh*
Faria, *Santa Maria*	176	217	393	91 *ii*
Fonte Coberta, *S. Romão*	115	133	248	51 *jj*
Fornellos, *O Salvador*	187	213	400	79 *kk*
Fragoso, *S. Pedro*	502	545	1:047	273 *ll*
Gallegos, *Santa Maria*	271	342	613	149 *mm*
Gallegos, *S. Martinho*	145	201	346	75 *nn*
Gamil, *S. João Baptista*	116	136	252	58 *oo*
Gilmonde, *Santa Maria*	231	265	496	127 *pp*
Goios, *Santa Maria*	170	194	364	91 *qq*
Grimancellos, *S. Matheus*	176	189	365	87 *rr*
Gueral, *S. Paio*	131	157	288	61 *ss*
Egreja Nova, *Santa Maria*	162	167	329	77 *tt*
Lama, *O Salvador*	195	237	432	90 *uu*
Lijó, *Santa Maria*	277	368	645	154 *vv*
Macieira de Rates, *Santo Adrião*	388	433	821	196 *xx*
Manhente, *S. Martinho*	244	293	537	121 *yy*
Mariz, *Santo Emilião*	96	92	188	41 *zz*
Martim, *Santa Maria*	335	440	775	195 *aaa*
Midões, *S. Paio*	106	136	242	58 *bbb*
Milhazes, *S. Romão*	248	253	501	120 *ccc*
Minhotães, *O Salvador*	239	255	494	96 *ddd*
Monte de Fralães, *S. Pedro*	58	82	140	33 *eee*
Moure, *Santa Maria*	151	176	327	79 *fff*
Negreiros, *Santa Eulalia*	289	284	573	135 *ggg*

(Continúa)

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
(Continuação)				
Oliveira, *Santa Eulalia*	263	313	576	133 *(hhh*
Palme e Feitos, *Santo André — S. Thiago*	353	438	791	200 *(iii*
Panque e Mondim, *Santa Eulalia — S. Martinho*	232	270	502	132 *(jjj*
Paradella, *Santa Marinha*	141	161	302	79 *(kkk*
Pedra Furada, *Santa Leocadia*	100	121	221	59 *(lll*
Pereira, *O Salvador*	163	187	350	82 *(mmm*
Perelhal, *S. Paio*	287	351	638	129 *(nnn*
Pousa, *Santa Christina*	326	367	693	201 *(ooo*
Quintiães. *Santa Maria*	221	228	449	112 *(ppp*
Remelhe, *Santa Marinha*	246	290	536	118 *(qqq*
Rio Côvo, *Santa Eugenia*	149	167	316	74 *(rrr*
Rio Côvo. *Santa Eulalia*	250	236	486	93 *(sss*
Roriz e Quiraz, *S. Miguel — O Salvador*	427	532	959	224 *(ttt*
Sequiade, *S. Thiago*	142	181	323	73 *(uuu*
Silva, *S. Julião*	169	165	334	78 *(vvv*
Silveiros, *O Salvador* e *S. João Baptista*	233	281	514	118 *(xxx*
Tamel, *Santa Leocadia*	120	160	280	81 *(yyy*
Tamel, *S. Pedro Fins* [1]	248	214	462	92 *(zzz*
Tamel, *S. Verissimo*	250	268	518	132 *(aaaa*
Tragosa, *Santa Maria*	176	161	337	81 *(bbbb*
Ucha, *S Romão*	307	372	679	135 *(cccc*
Varzea e Crujães, *S. Bento — Santa Comba*	165	201	366	95 *(dddd*
Veatodos, *Santa Maria*	385	557	942	236 *(eeee*
Villa Boa, *S. João*	137	143	280	60 *(ffff*
Villa Cova e Banho, *Santa Maria — O Salvador*	485	605	1:090	266 *(gggg*
Villa Frescainha, *S. Martinho*	222	207	429	94 *(hhhh*
Villa Frescainha, *S. Pedro*	117	144	261	68 *(iiii*
Villa Secca, *S. Thiago*	268	397	665	150 *(jjjj*
Villar de Figos, *S. Paio*	202	230	432	101 *(kkkk*
Villar do Monte, *O Salvador*	119	139	258	56 *(llll*
	20:451	24:463	44:914	10:745

a Comprehende esta freguezia os logares de Santa Maria de Abbade de Neiva, Monte, Real, Fojo, Barreiro, Egreja, Quintão, Lage, Amorim, Villa Meã, Santo Amaro, Brea, Cachadinha, Argufe, Toural, Costa-má, Pinheiro, Mendim, Tanque, Castello, e a quinta e casa do Covello.

b Comprehende esta freguezia os logares de Gandra, Mourisca, Portella, Moimenta, Agrella, Portellinha, Pereiro, Cubas, Celeiro, Gova, Frião, Aspera, Fonte, Picoto, Pegas, Outeiro, Vinha, e a quinta do Paço.

c Comprehende esta freguezia os logares de Adães, Airó, Sepães, Passo, Barreiros, Sobreiro, Lages.

d Comprehende esta freguezia os logares de Tulha, Villa Nova, Reboeira, Louza, Ponte das Taboas, Pouzada, Agrella, Pomaraço, Castelhal, Quinta Nova.

e Comprehende esta freguezia os logares de Airó, Salgueirinho, Nogueira, Assento, Painçal, Gandra, Louredo, Val de Mil, Giestal, Telhelhe, Monte, Monte do Passo, Passo.

f Comprehende esta freguezia os logares de Aldreu, Briraes, Rio, Fontainha, Torre, Madorra, Estrada, Sant'Iago, Boa Vista, Sá, Donello, Bouça, Lages, Souto, Outeiro da Vinha, Aldeia, e as quintas de José de Magalhães Menezes Villas Boas, e do barão de Palme.

g Comprehende esta freguezia os logares de Alheira e Sogilde, os quaes se compõem dos logares menores, seguintes: Eira Velha, Bouça, Casal do Monte, Real, Pinheiro, Outeiro de Baixo, Estrada, Regoufe, Alheira e Ponte de Anhel (estes são os que pertencem ao povo de Alheira), Egreja, Fonte, Sogilde, Além, Outeiro de Cima, Cachada (estes ao povo de Sogilde).

h Comprehende esta freguezia os logares de Quintã de Alvellos, Carreira, Pinheiro, Paço, Presa, Sanguinhal, Egreja, Pretto, Devesa, Giestas, Rio de Moinhos, Agra, Rabadella.

i Comprehende esta freguezia os logares de Alvito, Carvalhal, Coturella, Pisco; os casaes da Egreja, Gandarinha, Pinheiral.

j Comprehende esta freguezia os logares de S. Pedro de Alvito, Leiros, Fontão, Perello, Cruz, Aldeia, Reborido, Egreja, Quinta, Outeiro, Cartilhão, Gaivas, Guerrelha, Violante.

k Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Rego, Corujos, Estrada, Seixo, Calçadas, Senhora do Ó, Granja, Fontes, Forças (ou Forgas), Bajoind (?), Souto, Penedos, Estrada de Baixo, Ribeiro, e a quinta de Santa Martha.

l Comprehende esta freguezia os seguintes povos e os logares de que os mesmos povos se compõem:

Povos	*Logares*
Magdalena	Estrada Bouça Aldeia Monte
Areias	Villar Quintão S. Sebastião Caslopo Loureiro Quintella

Annexada para todos os effeitos á freguezia de *Carapeços*.

m Comprehende esta freguezia os logares de Santo André, Portella, Eidos, Quingosta, Mante, Parral, Seixos-Alvos, Monte da Penda, Tomadas, Souto, Carvalho, Aldeia.

n Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Peneda e Rua do Monte, Ribeiro, Souto das Pires e Cal, Eira Vedra e Quingusto, Monte e Castanheira, da Apparecida, Algares e Cancella, S. Bento.

o Comprehende esta freguezia os logares de Barcellinhos, Lavandeiras, Ninães, Areial, Mereces, Gandra, Medros.

p Comprehende esta freguezia, além da villa, a quinta da Bagoeira.

q Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Villares, Castanheiro, Covas, Lagôa Negra, Telheiras, Prestar, Talhas e Jouve, Avilheiros, Terreiro de Bassar e Criar.

r Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Agrella, Cruzeiro, Lavandeira, Brancelho, S. Paio, Fonte, Monte, Bouços, Sourinho.

s Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Real, Matta, Cachada, Monte, Justa-monte, Villar, S. Silvestre, Eido, Pinheiro, Barroco.

t Comprehende esta freguezia os logares de Venda-nova, Bacello, Brasil, Sámil, Pombal, Boucinha, Magdalena, Bairro, Bousó, Egreja, Pomarinho, Fontão, Guarda, Quintães, Outeiro, Carvalhas, Monte, Peneirada, Tezello, Cruz, Chães, Minhoteira.

u Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Fonte, Casal Meilho, Casal Crestes, Monte, Merouços, Rato, Quinta, Leiras, Valles, Crasto, Gangra, Ponte, Seixo Mil (nome derivado de um pequeno rio que por ali passa).

v Comprehende esta freguezia os logares de Quinta, Cubal, Pia, Vocal, Picota, Mamoa, Boucinha, Soutello, Ariosa, Sabaris, Santa Catharina, S. Mil, Camera, Caride, Escairo, Pás, Pedroga, Souto da Velha, Capella, Rio, Coutada, Arieira, Pimenta, Gramosa, Sobreiro, Monte, Olival, Pedregal.

x Comprehende esta freguezia os logares de Ribeira, Cachada, Pigeiros, Possa, Pouzada, Guarda, Reimonde, Reimondinho, Campo, Bargea, Selas, Casal da Egreja, Camboso, Talhos, Perafigueira, Vinha da Fonte, Cambosinho, Portella, Crasto, Barreiro, Outeiro, Padrão, Assento.

y Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Medros, Porto Carreiro, Monte de Baixo, Monte de Cima, Fellões, Bouça, Pontegãos, Pereiró, Langras, Marnota, Assento, Villa Chã.

z Comprehende esta freguezia os logares de Portella, Estrada, Fritosa, S. Martinho, Naia, Perdigão, Almas, Real, Outeiro.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Povoa, Gomil, Seara, Boucinha, Agrella, Aldeia, Cabo, Picoutos, Ordem, e os casaes de Crasto, Padrão, Ribeiro, Serra, Commenda.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Costa, Quintão, Assento, Sandim, Carvalho, Idanha, Gandarinha, Souto, Moços, Torre, Lubeira, Castanheira, Vinhos, Villa, Padão, Crasto, e os casaes do Hospital, Amires, Torrinhas, Bairro.

cc Comprehende esta freguezia os logares de Christello, Monte da Egreja e Moinhos, Villar, Regatinho e Hortal, Encourados, Bouça, Vieiro e Canto, Outeiro, Porta, Paço e Novaes, Ferreiros, Cerqueiros e Bassar.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Cadavosa, Navió, Paço, Bouças, Rogadouro, Grimancinhos, Forjão, Abeleira, Alvagada, Quintella, Barreiro, Pedrosas, Armel, Fulão, Calvario, Pousada, Pombarinho, Pedreira, Cal, Orade, Casal Portello, Cova, Reborido, Monte Irmige, Casas Novas, Portella, Souto, Giestal, Gandra, Agrelo, Revolta, Quintas, Levandeiras, Carregal, Eiró, Maceira, Corredoura.

ee Comprehende esta freguezia os logares de Villar, Merouço, Tres Campos, Bajouco, Campos, Casal de Baixo, Casal de Cima, Boavista, Arcosa, Seixosa, Egreja, Amires, Eira Grande, Aldeia, Ferrado.

ff Comprehende esta freguezia os logares de Casaes, Aldeia, Latas, Midas, Partellinha, e as quintas da Cerca, de Paulo Bessa, Sousa Menezes, de Barcellos.

gg Comprehende esta freguezia os logares de Reguengo e Lata, Cahilhe, Ventosa, Olheiro, Ribeiro, Carvalhal, Aldeia, Outeiro, Cruzeiro, Campellos.

hh Comprehende esta freguezia os logares de Durrães, Fojo, Curojeira, Espinheiro, Castellos, Rio, Souto, Campo do Forno, Carvalhinhos, Lojes, Villar, Novaes, Monte, Cruzeiro, e as quintas de Motta e Egreja.

ii Comprehende esta freguezia os logares de Torre Velha, Fontainha, Rego-seco, Carvalhinho, Villarinho, Bessadinha, Cavalhão, Assento, Redondo, Deveza da Egreja.

jj Comprehende esta freguezia os logares de Faria, Egreja, Fim de Villa, Outeiro, Monte, Preza, Cortinhal, Cimo da Aldeia.

kk Comprehende esta freguezia os logares de S. Romão da Fonte Coberta, Devesa, S. Paio, Eido, Agra Maior e Cassus, Crasto, Landeiro, Torrinha, Monte, Arcas e Casa Nova, Brabio e Cantim, Pinalvão, Monte da Poça, Assento.

ll Comprehende esta freguezia os logares de Fornellos, Boa Vista, Andão, Fonte, Pedregal, Quintãos.

mm Comprehende esta freguezia os logares de Fragoso, Egreja, Ruão, Guilhufe, Agua levada, Senra, Vinhal, Casinhas, S. Vicente, Redondinho, Goiva, Sá, Mourinha, Cubello, Roxio, Mamoa, Bouça, Quinta, Costa, Reiro, Cortinhas, Penas, Bassora, Neiva, Ponte, Breia, Sant'Iago, Bouça-grande, Penedo, Carvalhas, Outeiro.

nn Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, S. João, Pena, Casa-nova, Souto de Oleiros, Portella, Santo Amaro, Casal do Monte, Caldas, Eirogo, Valdemir, Bessadas, Fraião, Souto, Aldeia, Tras da Fonte, Penellas, Revalde.

oo Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Campos, Bouça, Real, Cova, Pinheiro, Villarinho, Gandarinha, Telheira, Penellas, Villar, Outeiro, Boa Vista.

pp Comprehende esta freguezia os logares de S. João, Reboredo, Torre, Lavadouros, Ludeiras, Laranjal, Cepa de Cima, Cepa de Baixo, Gonta, Viso, Alconchel, Feria, Sisto, Sisto de Cima, Boucinhas, Castanheira, de Traz d'Agra, Monte de Cima, Fonte do Velho, Monte Casal, Barradas, Poça, Quintans.

qq Comprehende esta freguezia os logares de Gilmonde, Reboldões, Motta, Carcavellos, Monte, Carvalhas, Quinta da Fervença, Egreja.

rr Comprehende esta freguezia os logares de Goios, Assento, Coleimas, Ariosa, Quintão, Monte, Passos, Mattinho, Outeiro, Gandra, Carcavellos, e os casaes de Covas, Bouça, Gandarinha, Portella, Ribeiro.

ss Comprehende esta freguezia os logares de Grimancellos, Fonte, Aldeia de Cima, Outeiro, Bacelete, Bouça, Almas, Monte, Barreiros, Granja, Cotello, Seixosa, Mangualde, Porto carreiro, Sendiães, Real, Assade, Poço, Mouria, Residencia, e o casal da Granja.

tt Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Gandarinha, Quintão, Outeirinho, Aldeia, Fonte, Ribeira.

uu Comprehende esta freguezia os logares da Egreja Nova, Paredes, Eido de Baixo, Eido de Cima, Pereiros, Vallada, Outeiro, Fun'devilla.

vv Comprehende esta freguezia os logares de Lama, Rio, Fonte, Gondomar, Eido de Baixo, Carqueijoso, Piadella, Outeiral, Gairos, Santo André, Escampados, Quinta, e a quinta do visconde de Azevedo com o seu palacio.

xx Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Madorno, Paço, Paredes, Pulgas, Cruz, Ribeira, Outeiro, Rego, Gallegos, Lombão, Monte, Mosqueiro, Quingostas, Retorta Raindo, Casas, Feitai, Inquião, Mouta.

yy Comprehende esta freguezia os logares de Macieira, Modeste, Carreiro, Rio, Farelleira, Talho, Luvar, Picotto, Outeiro, Formigal, Trabassos, Crujes, Penedo, Outeirinho, Assento, Passo.

zz Comprehende esta freguezia os logares de Manhente, Egreja, Asanto, Monte, Gandra, Penedo, Souto, Barco, Carregosa, Gandarinha, Casas Novas, Telheira, Lagôa, Souto do Casal, Lage, Crestas, Longra, Mouta, Boco, Telheiras, Esprigo.

aaa Comprehende esta freguezia os logares de Mariz, Santo Emilião, Cô, Villar, Covellos, Coutada, Passo, Ferreiro, e a quinta de Argemil.

bbb Comprehende esta freguezia os logares de Martim, Riquinha, Pousada, Panares, Corcova, Venda.

ccc Comprehende esta freguezia os logares de S. Paio de Midões, Egreja, Costa, Rio Covo, Chapre, Codeceira, Couto, Seppa, Ribeiro, Outeiro, Monte, Rebaldo.

ddd Comprehende esta freguezia os logares de Milhazes, Malhadoura, Espezes, Fontedufe, Cruz, Cardal, e os casaes da Egreja, Bouça, Senra, Figueiras, Pena.

eee Comprehende esta freguezia os logares de Minhotães, Villar, Devezinha, Lagôa Cachadinha, Ortães, Monte, Requião, Roma, Penedo, Villa Pouca, Orto, Barrio, Egreja, e os casaes de Veiga, Lamella, Torrente.

fff Comprehende esta freguezia os logares do Monte, Braziella e Rio, Porta e Urjaes, Luzios, Gandra, e as quintas de Fraláes e Porta.

ggg Comprehende esta freguezia os logares de Santa Maria de Moure, Assento, Cruzeiro, Lourido, Balão, Santo Estevão, Regainho, Real, Monte de Real, Toural, Naia, Torre, Pinheiro, Agordel.

hhh Comprehende esta freguezia os logares de Negreiros, Ferreiros, Além, Corvo, Monte, Penas, Bouça Grande, Cou-

ves, Villa, Pedreira, Boa Vista, Bouça, Egreja, Villar, Estrada, Aldeia de Cima, Aldeia de Ferreiros, e a quinta da Covilhã.

iii Comprehende esta freguezia os logares de Santa Eulalia de Oliveira, Egreja, Monte, Azevedinho, Pregal, Moinhos, Sergude, Villela, Outeiro, Guardal, Boa Vista, Quintães, Passo, Sobrado, Fontello, Pena, Motta, Esqueiro, Gramozos, Souto da Porta, Quintão, e tres quintas.

jjj Comprehende esta freguezia os logares de Palme, Brirens, Paço, Saial, Goldres, Sobrinhos, Caguideiro, Cruz, Outeiro, Aldeia, Roça, Raranhos, Granja, Bostello.

kkk Comprehende esta freguezia os logares de Panque, Egreja, Carvalhaes, Pena, Fulão, Bailosa, Lorigo, Soutello, Cruzes, Agra Boa, Santomil, Ansar, Eiras, Figueiras, e os seguintes que são meeiros, Armamil e Sandiães.

lll Comprehende esta freguezia os logares de Santa Marinha de Paradella, Egreja, Boco, Quintão, Requiães, Couço, Algova, Margidos, Pombal, Louzas, Aldeia.

mmm Comprehende esta freguezia os logares de Chouzellos, Rua Nova, Sardoal, Real de Cima, Real de Baixo, Assento.

nnn Comprehende esta freguezia os logares do Salvador de Pereira, Silgueiros, Barziella, Campello, Pedrego, Aldeia, Egreja.

ooo Comprehende esta freguezia os logares de Perelhal, Mouri, Casal, Villa Nova, Outeiro, Pedreira, Freixieiro.

ppp Comprehende esta freguezia os logares da Pousa, Egreja, Seara, Penedo, Outeiro, Devesa, Reguella, Pai-Moure, Paço, Tapada, Peralgoso, Souto, Poldras, Aldeia, Decartes, Ampôa, Brunhaes, Currus, Dobrigo.

qqq Comprehende esta freguezia os logares de Santa Maria de Quintiães, Assento, Besteiros, Pouzada, Gandra, Moinho Vedro, Cachada, Laborim, Amaral, Rodo, Rabinol, Silveiros, Outeiro, Barra, Monte, Cabona, Colaço, Carreira Nova, Eira Vedra, Maviso, Agrella.

rrr Comprehende esta freguezia os logares de Remelhe, Outeirinho, Torre dos Moldes, Sant'Iago, Casa-nova, Villar, Lama, Quintã, Sobreiro, Portella, Egreja, Torre, Bouça, Paranho.

sss Comprehende esta freguezia os logares de Rio Covo, Lubagueira, Regato, Caniça, Moinhos, Fonte Fria, Torre, Cruzeiro, Quintã, Quinta, Pinheiro, Barroca, Eido, Bairro, Bouça de Airó.

ttt Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Agua Levada, Monte, Cabo, Casal, Mogo, Passos, Agro, Pazchorido, Traz da Fonte, Guarda.

uuu Comprehende esta freguezia os logares de Roriz, Egreja, Pateirão, Reboldello, Outeiro, Arebal, Contriz, Pousada, Leiroinha, Gião, Gandra, Mattos, Real, Madorra, Barreiro, Estrada, Villar, Bairro.

vvv Comprehende esta freguezia os logares de Sequiade, Assento, Viso, Monte, Fonte de Onega, Volta, Pilla, Furgial, Boucinha, Bacello, Sá, Venda Nova, Agra, Moinhos, Talhos, Fulão, Piedade, Fontainha, Aido, Crasto.

xxx Comprehende esta freguezia os logares de Silva, Ribeira, Corgo, Boucinha, Esqueiro, Egreja, Cruzeiro, Traz do Prado, Barziella, Pena, Carreiro, Mozelho, Aiuffe, Devesa, Bola, Carreira-Cova, Aldeia, Costinha.

yyy Comprehende esta freguezia os logares de Mourens, Caibra, S. Jão, Ribeiro, Sobreira, Vendas, Testado, Salvador, Lagarem, Villa Meã, Talho, Outeiro, Sul da Egreja, Boucinha, Barreira.

zzz Comprehende esta freguezia os logares de Braziella, Souto, Laranjal, Tarrio, Fonte, Vinha, Paço, Requião, Rua, Mórfeito, Renda, Lix (ou Lio?), Zenha, Barreiro, Sobrado, Mattas, Penha-longa, Escairo, Egreja.

aaaa Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Casal, Fraião, Reboreda, Pontes, Ponte, Moreiras, Fontello, Freitas, Gavieira, Campello, Cachada, Cruzeiro, Gandra.

bbbb Comprehende esta freguezia os logares de Balsa, Além do Rio, Ponte, Calçada, Campos, Freixieiro, Casaes, Sobreiros, Montizêlo, Deveza, Arrotêa, e a quinta do Cardoso ou da Torre.

cccc Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Fortes, Fraião, Bairros, Crúto, Medella, Sobreiro, Macedo, Cabo, Codracheira, Quintão, Vieiros, Gandra, Torre, Marco, Rego, Gandra-chã, Bouça.

dddd Comprehende esta freguezia os logares de S. Bento da Varzea, Portella, Assento, Cruzeiro, Bouça d'Além, Carvalhal, Estrada Nova, Montinho, Pérrêlo, Monte, Gandra.

eeee Comprehende esta freguezia os logares de Santa Maria de Vê a Todos, Campezinhos, Febros, Monte do Lavor, Lavor, Monte da Feira, Rua Nova, Sixto, Ponte, Quinta da Fonte Velha, Souto, Palmeira, Venda.

ffff Comprehende esta freguezia os logares de S. João de Villa Boa, Egreja, Covello, Estrada, Tornada, Forca Velha, Jordão, Serodio, Bermil, Cachada, Curujo, Sindim, Ribada.

gggg Comprehende esta freguezia os logares de Villa Cova, Lamo (ou Samo), Portella, Xatle, Outeiro, Mareces.

hhhh Comprehende esta freguezia os logares de S. Martinho de Villa Frescainha, Egreja, Capucha, Orde, Outeiral, Aldão, Carregal, Areial, Queimado, Villa Meã, Bouça da Ponte, Peneda, Barral, Gestido, Casal de Nique.

iiii Comprehende esta freguezia os logares de S. Pedro de Villa Frescainha, S. Simão, Gestido, Paço Velho, Monte, Egreja.

jjjj Comprehende esta freguezia os logares de Villa Secca, Bemposta, Assento e Pontizellos.

kkkk Comprehende esta freguezia os logares de Villar de Figos, Valle, Rotêa, Aldeia, Outeiro, Ribeiro, Hospital, Egreja, Egreja Velha, Outeiro da Egreja.

llll Comprehende esta freguezia os logares do Salvador de Villar do Monte, Paço, Feiteira, Gandarella, Casa Nova, Bouça, Cheira, Souto, Aldeia, e os casaes de Cotarejo, Gandra ou Lagos.

ESPOZENDE

Praia de Espozende — Desenho do natural por João de Almeida

Existe um quadro biblico formoso, em que Suzana, casta como o setim nevado das camelias, entra no banho timidamente, sem suspeitar que a estão vendo. Pois essa impressão casta de frescura, essa timida côr modesta da neve encastoada no azul, sente-a quem pela vez primeira surprehende a deliciosa filha do Cavado sorrindo para o seu eterno e ciumento noivo — o mar.

Vem a gente pela estrada de Barcellos. Apezar de se não verem as povoações ruraes, informam-nos que já no termo de Espozende o ribeiro de *Agro,* atravessado pela estrada, traz uma das suas origens dos montes de *S. CLAUDIO DE CURVOS,* e depois de fertilisar os campos de *PALMEIRA DE FARO,* antigo couto das freiras de Villa do Conde, vae um pouco a jusante do vau chamado de *Rio Grande* desaguar no Cavado, no sitio da freguezia de *GEMESES* denominado *Barca do Lago,* sitio encantador e pittoresco, de uma bella suavidade de paysagem, e cujo nome se diz provir de uma antiga barca, onde se passava e passa ainda gratuitamente o rio, em cumprimento de um legado para tal fim instituido, desde remotas eras, ao que nos diz o padre Carvalho: «Aqui he a Barca do Lago, onde se passa de graça, salvo aos carros, pelo que pagão as fre-

guezias dos contornos, cada morador hum molho de trigo, outro de centeyo para os barqueiros, que poem n'ella os Juizes da Confraria de Nossa Senhora, que ali está em boa Capella, e he muy visitada de romagens em 25 de Março, segunda oitava da Pascoa, primeiro Domingo de Novembro, e outros dias do anno, com muitas offertas, que dão os devotos para repartir a pobres. Entende-se ser tudo doação antiga e voto a esta milagrosa Imagem, aonde tambem ha huma Irmandade de clerigos.»

N'este lugar e junto a uma casa, hoje propriedade da familia Fervença, existe um padrão, em que se lê o seguinte:

Foi feita a sobredita erecção aos 21 de março de 1766
A. — Sul.

Este padrão
mandou erguer á sua custa João de Vasconcellos de Mello,
foi o senhor da quinta da Barca do Lago
e da honra de Palmeira de Faro, como administrador e presidente
que é d'esta Barca do Lago,
mandando n'elle gravar a inscripção seguinte,
que a dita Barca é de amor de Deus para qualquer pessoa que por ella passar,
assim de pé como de cavallo, não pagando coisa alguma,
excepto os carros que não forem de confrades,
que esses pagarão 40 réis de cada vez, indo carregados, e vasios 10 reis;
tambem nada pagarão de gado,
de qualquer casta que seja.

Na Barca do Lago faz-se no primeiro domingo de agosto uma das mais concorridas e tambem das mais pittorescas romarias do concelho, cabendo ao Cavado as honras do brilhantismo da festa, visto os romeiros seguirem de Fão e Espozende em barcos vistosamente embandeirados, e alguns com musicas, o que torna deveras animado esse passeio fluvial.

Não é, porém, como disse, a florescencia ridente dos casaes, nem as investigações historicas que nos captivam a attenção. Pelo contrario. Suppomo-nos longe d'esse Minho tão alegre, que ainda ha pouco nos embevecia com a claridade das suas aldeias brancas. Os pinhaes fecham de toda a parte o horisonte, a paysagem é triste, um sussurro melancholico perpassa, como threno dolorido, por entre a ramaria verde-escura da floresta. De repente, quando menos se espera a transição, banha-se em plena luz a villa de

ESPOZENDE.

Diz-se que vieram das *Marinhas* os seus primeiros povoadores, ahi por meiados do seculo XVI; mas é de crêr, attendendo á navegação do rio

no tempo dos romanos, que estes houvessem fundado por estes sitios alguma estação naval, de mais ou menos importancia. Discute-se ainda actualmente, se não seria Fão a cidade de *Aguas-celenas,* cujo titulo com bem menos fundamentadas razões pretende auferir para si a villa de Barcellos.

É nova, como se vê, Espozende, apezar de ter sido elevada á cathegoria de villa por D. Sebastião em 15 de agosto de 1572; mas não precisa tradições historicas empoeiradas de duvidas, quem aos olhos offerece aspecto tão alegre, tão jovial, tão perfumado de frescura. É mais velha a visinha Fão, disse-o um pleito entre as duas, sobre os direitos da barra.

Espozende — Estabelecimento dos banhos

Pois seja, não é isso razão, para que duas irmãs vivam como rivaes, podendo viver como amigas. O Cavado, quando muito, é que teria motivos para as separar; beijava uma, acariciava a outra. Mas... é uma insidiosa suspeita, se tal se disser. Elle mesmo troca as suas aguas pelas medas doiradas das areias e se deixa atravessar a vau, infantilmente satisfeito de sentir na sua tremula superficie as mimosas raparigas, que vão de uma á outra margem.

E dizer-se que este rio, hoje quasi inutil, foi outr'ora navegavel até á ponte do Prado!

Outr'ora! Não é preciso ir muito além na vaga noite dos tempos:— Nos *Annaes do municipio* de Espozende lê-se, que a barra do Cavado foi antigamente muito importante, havendo n'esta parte setenta a oitenta navios de alto bordo. Depois ha a accrescentar, que ainda pelos annos de 1807 a 1809 se executaram n'este porto grandes e vastissimas obras, que a invasão franceza veiu interromper. Em nossos dias quasi—1867—decretou o governo a cobrança de um imposto sobre todas as mercadorias importadas e exportadas por esta barra e sobre a lotação de todos os navios, com exclusiva applicação aos melhoramentos do porto, e desde 1880 algum impulso se tem dado a essas obras, que contribuiram para melhorar as condições da barra. Pouco é ainda assim, porém como conseguir que a acção protectora dos governos fecundasse a boa vontade da formosa villa, se esta era quasi um burgo enfeudado a Barcellos!

Principia a sua iniciativa a levantar-se agora: demonstra-o já a creação do novo *Julgado municipal,* e quando vigorosamente se fortaleça, é

possivel que um pouco se pense em melhorar mais energicamente as condições do rio e barra, hoje quasi fechados á navegação maritima.

Faz-se em pouco tempo uma visita ao que de mais notavel ha na villa de Espozende. A sumptuosa matriz e fonte publica do largo do conselheiro Sampaio, os paços do concelho modernamente restaurados, segundo uma feição architectonica elegante, a Misericordia, onde ha para vêr a magnifica capella do Santissimo, toda de talha dourada, e com as figuras dos apostolos em alto relevo, o hospital e a cadeia, são, por assim dizer, os edificios publicos que mais prendem a attenção. Entre os particulares alguns predios ha de frontaria vistosa, que muito contribuem para embellezar a villa, devendo mencionar-se na rua da Misericordia o palacete da familia Fogaça, a que pertence o illustre poeta Antonio Fogaça. Como estabelecimentos uteis cumpre indicar o dos Banhos de mar, devido a uma empreza de rasgada iniciativa, que bem merece o grande favor do publico. A nossa gravurinha de pag. 193 representa-o nas suas elegantes linhas, sendo a praia que lhe fica proxima uma das melhores do Minho não só por ser bastante plana, como por não ter pedras em uma extensão approximadamente de tres kilometros. Durante a epocha balnear ha carreiras da villa para a praia, embora a distancia se possa percorrer facilmente a pé.

Á beira-mar, porém, mal se compadece a attenção do *touriste,* que não viaja para vêr edificios, com os que na villa mencionamos. É tão deliciosa a situação de Espozende, que depressa se dá por terminada essa visita para ir de sobre o molhe admirar a bella paysagem marinha, que se desenrola em toda a larga extensão.

Vá o leitor até ao ponto em que está a casa chamada dos *dizimos,* e sente-se alguns minutos em um dos degraus da escada exterior.

Como é bello isto!

Á nossa esquerda, voltados para o rio, a villa, no seu roupão alvissimo de neve, projecta-se tranquillamente, serenamente, nas aguas mansas da doca. Ao fundo, para sul, a massa dos pinhaes parece servir apenas para desenhar no fundo escuro as linhas nitidas, as linhas brancas, da casaria de Fão. Ao pé de nós, deslisando junto do paredão, vae o Cavado risonho, meigo, como se fôra uma diluição de turquezas feita n'uma bacia de oiro, estylo renascença, de arabescos franjados nas sinuosidades do areal, que se estende em frente, pela outra margem. Um ou outro barquito singra o azul d'essa lamina acabada de fundir. Além, para norte, o castello de Espozende, encarregado de velar pela segurança do porto, para o que tem de noite o seu pharolim de luz vermelha, entretem-se agora, pobre velho-creança, a brincar com as areias, que parecem ameaçar in-

vadil-o, soterral-o, anniquilal-o para sempre. Na mesma direcção levantam-se os mastros ponteagudos de uns dois navios á descarga, immoveis, na serenidade luminosa. Um sussurro monotono chega até nós, o sussurro do mar, emballando, como n'um cantico, toda esta natureza feita de luz e de agua, nem adormecida nem desperta, mas sonhando como póde sonhar uma noiva de vinte annos com as delicias dos primeiros beijos.

Se a paysagem póde traduzir-se pela impressão, ahi tens, meu amigo, aquella muito agradavel que eu senti em face d'essa marinha de Espozende, ás nove horas da manhã de um formosissimo dia de agosto. João de Almeida desenhava entretanto no seu album a vista geral da povoação, e só quando de todo a concluiu, é que eu pude voltar á realidade de mim proprio e desferir a alma d'este encanto feiticeiro da natureza, para descer—como a vida é triste!—ás necessidades prosaicas do estomago.

Vinham então subindo o rio, com as velas já colhidas, os barcos que regressavam da pesca, e como nos constasse a tradição de ser Espozende abundantissima em peixe saboroso, confiámos a um rapaz o encargo de nos comprar duas lagostas frescas para nos serem preparadas no modesto hotel, onde pousaramos.

Era um bello typo da beira-mar esse rapaz, com todos os prejuizos e todas as adoraveis ingenuidades dos da sua classe. Acreditava nas feiticeiras que fazem perder as embarcações e que levantam as furias das tempestades no mar alto.

—Elle tinha um alho *grime* para se defender—dizia-nos convencido—mas nunca fiando na virtude do alho.

Traçou-lhe o perfil Almeida no seu album e póde o leitor vêl-o agora no chromo, em que se reproduzem os typos mais caracteristicos da orla maritima da provincia.

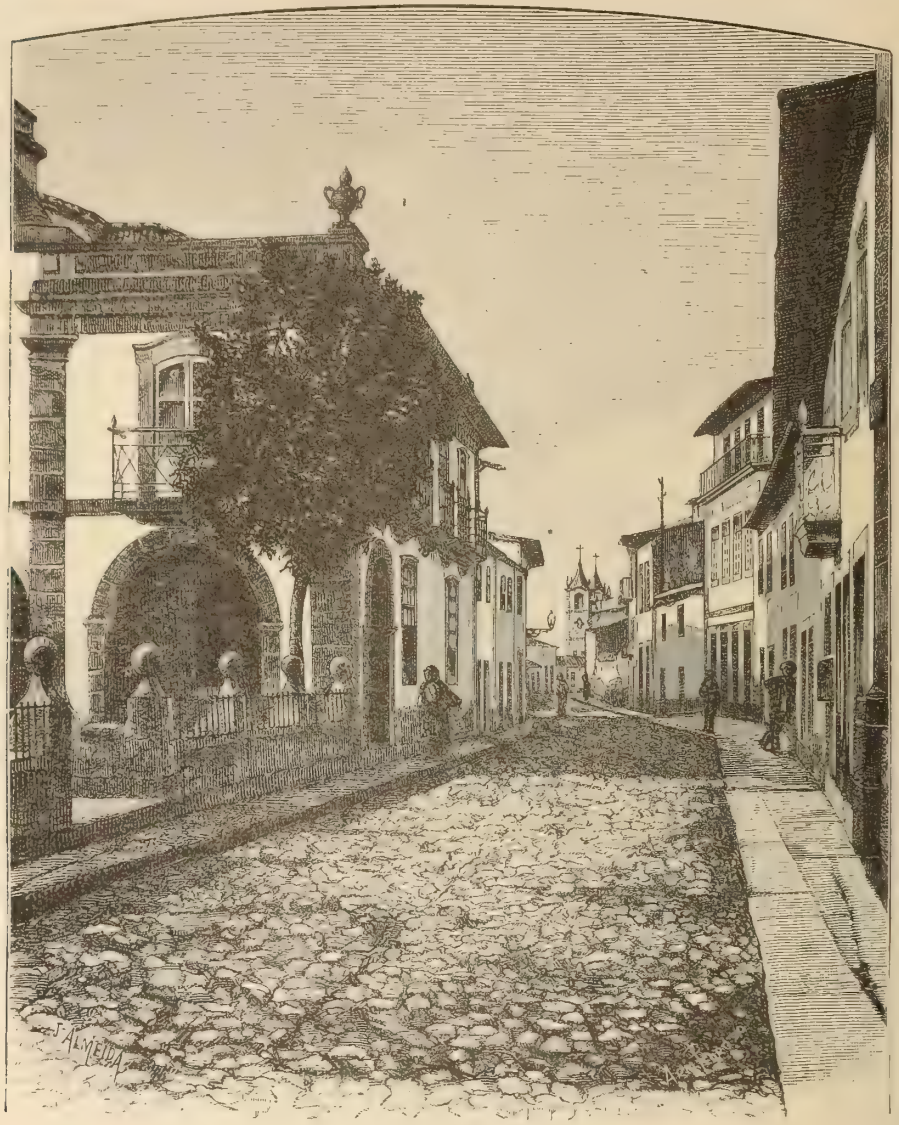
*

* *

Depois de vêr Espozende, devia ser para Fão, tão boa como alegre visinha, a nossa primeira visita. Mas, porque nos fica além do Cavado, aproveitamos antes o ensejo de poder visitar no trem, que nos trouxe de Barcellos, a estrada que segue para o norte e que vae—como limite do concelho—morrer na ponte sobre o Neiva, d'onde continua até Vianna.

É uma estrada deliciosamente encantadora, de que só póde dar idéa a d'esta cidade a Caminha. Plana, egual, com lances extensos ajardinados pela cultura, renques de pinheiral e casaria, arvores fructiferas, arroyos timidos brilhando por entre os prados humidos, e a serra, fechando ao nascente, na sua facha de anil violeta, todo este encanto de paysagem.

Logo ao sahir da villa um lance formosissimo; ha depois um pinheiral pouco espesso, onde a luz entra, brincando; do lado direito sorriem-nos os casaes, do lado esquerdo namora-nos com o azul das suas vagas



A Rua Direita, os Paços do concelho e a Matriz — Desenho de João de Almeida, segundo uma photographia do ex.mo sr. A. Vianna

e emballa-nos com o murmurio da sua musica vigorosa e boa, o mar, o bello e grande mar!

Um nome que define uma povoação—*MARINHAS*. Nada mais artistico, porque nada é tambem mais natural. A casaria clara, os campos estendidos em taboleiros planos, um ou outro moinho de vento abrindo

sobre as medas do areial as grandes azas tremulas á viração do mar. Grupos de raparigas apanhando o sargaço, além, nos recortes sinuosos da praia. A nossa gravura apresenta uma d'ellas, armada da competente *graveta*, um pente com que desfiam os rolos de algas que fluctuam na vaga. Dir-se-hia que eram as cabelleireiras das ondinas, a admittir-se a creação d'estas individualidades poeticas, e se a gente não soubesse que são ellas as mocetonas rosadas e sadias, que se encontram no dia 15 de agosto na concorridissima romaria da Senhora da Saude, no proximo lugar do Outeiro, para dançarem no vasto e formoso largo, e deitarem abaixo toda a sua sciencia poetica nos descantes com os conversados.

Uma sargaceira — Desenho do natural por João de Almeida

Ahi está agora *S. BARTHOLOMEU DO MAR*, a patria de Antonio Rodrigues Sampaio, o pamphletario glorioso do *Espectro*, o vigoroso luctador, que chegou no seu paiz ás mais altas culminações da vida publica. A serra abriga pelo nascente a modestissima aldeia, o largo mar recebe pelo occidente as aspirações e as chimeras dos que pensam em descobrir o segredo do seu eterno azul. Que bella moldura para retratar esse homem, que foi no lar um modesto, como o canto humilde d'essa aldeia, e na vida um forte, como esse mar que ruge em frente do seu berço. A nossa gravura de pag. 201, devida á amabilidade do ex.mo sr. Manuel Gonçalves Vianna, representa a casa em que viveu o grande jornalista, informando-nos s. ex.a que da casa, em que nasceu, apenas restam uns muros sem importancia, que ainda se vêem na gravura.

S. Bartholomeu do Mar foi em tempos antigos mosteiro de monges bentos, sendo depois vigararia do convento de Palme. Havia ahi, e ainda hoje ha, uma grande romaria em 24 de agosto, em honra de S. Bartho-

lomeu, vindo gente dos concelhos de Barcellos, Arcos, Barca, Ponte de Lima e Coura para assistir a esse arraial tão afamado, que o povo conhece pela romaria do *linho*. É n'esse dia extraordinaria a affluencia de creanças, que os paes levam ahi na crença de que o santo as livrará dos *sustos*, dando-lhe cada uma para isso, como offerenda, um gordo frango *preto*.

A seguir encontra-se a freguezia de *BELINHO* em uma rechã da montanha, oliveiras orlando os caminhos de toda a aldeia, as arvores de pomar mostrando os rosados fructos ao viajante que passa. O mar sereno e azul parece adormecido na pequena bacia rendilhada de pinheiros, que fórma ahi a costa. A freguezia pertenceu á casa de Bragança, havendo ainda na sua circumvallação alguns marcos com as armas d'essa casa. Vê-se no alto a capella da Senhora da Guia, dominando todo este panorama encantador, e já que ao leitor a indicamos, vem a proposito o narrar a seguinte curiosidade: Ha ahi uma gruta natural formada no reconcavo de um penedo enorme, e n'ella habitou por muito tempo um ratão de bom gosto, que vinha no inverno para Lisboa vender cautellas, sendo na capital conhecido pelo nome de *Joia*, e habitava no verão esta gruta de Belinho, pelo que o povo d'aqui lhe chamava o *Monge*. Ultimamente o *Joia Monge* aborreceu-se da vida solitaria de asceta e cautelleiro, e cahiu nos braços do matrimonio, como qualquer mortal, tendo por companheira uma formosa rapariga, que o terá por certo consolado da sua vida eremitica e do desgosto amoroso que uma primeira desposada lhe causou, ficando-lhe com algumas libras, que tinham sido as arrhas de noivado.

Breve estamos em *S. PAIO D'ANTAS*, que foi do convento de S. Romão de Neiva, e que é hoje uma das freguezias que extrema o concelho de Espozende com o de Vianna, seguindo a corrente d'esse rio. E que pittoresco limite não é esse no lugar da ponte sobre a Neiva! A dez passos um engenho de tres rodas bate alegremente as aguas limpidas do rio, que, parecendo fugir amedrontadas, vem despenhar-se loucamente, em cascata alvissima de neve, sobre a muralha de granito que lhes impede o correr. A lucta é viva ainda; espadanam sobre esse inimigo inesperado, recortam-o de feridas, cinzelam a sua armadura já polida, cravam-lhe de arabescos phantasiosos a fórma grosseira e primitiva. Mas, ai d'ellas!... A tensão esmoreceu no gigantesco batalhar, e, adiante logo, repousam tranquillas d'essa lucta, confiando ás arvores, que beijam a corrente ainda tremula, a epopeia gloriosa da sua marcha para o mar.

Para além da corda da montanha que fecha, pelo nascente, toda esta longa praia que temos percorrido, ficam proximas da estrada que vem de Vianna para Barcellos, duas freguezias do concelho, sendo *FORJÃES* (tambem se diz Frojaes) ou pelo menos o seu principal lugar de *Santa*

Marinha atravessado mesmo por essa estrada, da qual *VILLA CHÃ* está a uma distancia approximada de dois kilometros, distando cinco de Espozende e confinando com *Marinhas,* á praia da qual vae desaguar o seu ribeiro da Abelheira. Tendo ao nascente o monte de Figueiró, é seu limite pelo poente a serra de S. Lourenço, sobre cujo cimo alveja a vistosa capella d'este santo, festejado com romagem no dia 10 de agosto. D'esta serra diz a tradição popular ter sido habitação dos *mouros.* O leitor sabe já, que tal designação abrange o periodo da dominação romana, sendo ainda d'esta vez a tradição confirmada pelas moedas que ahi se encontraram em excavações feitas ha alguns annos. O machado prehistorico que figura n'esta pagina, foi tambem achado n'esta freguezia de Villa Chã. Á serra de S. Lourenço, porém, nem só a prehistoria e o santo attrahem os visitantes; um penedo, chamado a *Fonte da Virtude,* leva ahi gente de algumas leguas em redondo, por acreditar que a agua, por vezes n'elle existente, é panacea milagrosa para curar enfermidades de creanças.

Mas que tudo isso não bastasse, o largo panorama que se disfructa de lá é por si attrahente convite, para que de Espozende se parta em uma madrugada de estio a admirar do alto esta formosissima costa.

*

* *

É um passeio de dez minutos o bocado de estrada, que vae de Espozende a Fão, atravessando a planicie da *GANDRA,* cuja egreja parochial nos fica um pouco a nascente occulta pelos sobreiros e oliveiras que enchem este valle. No inverno vae o Cavado cheio de margem a margem, e apezar de não ser difficil a travessia, podem os mais timidos receial-a, pois que uma vez ou outra algum desastre vem justificar esses receios, e é quando então se pensa não poder ser por mais tempo addiada a construcção de uma ponte que una as duas povoações, ponte que é deveras uma necessidade, á qual nos consta vae emfim prover a vigorosa iniciativa do ministro das obras publicas, conselheiro E. Navarro. Mas... no verão, até por esses aposto, que se ririam dos perigos d'esta navegação fluvial; converte-se então o rio em leito fofo de areia, e não ha mais que andar por ali a pé enxuto até á corrente de agua, que então se atravessa em barco, a não ser que se faça como a gente do povo, as mulheres es-

pecialmente, que procuram a passagem a vau, certas de que podem confiar ao Cavado a plastica firme e correcta das pernas bem modeladas.

*

* *

FÃO, como o leitor já sabe, é muito mais antiga que Espozende, e pois que a sua origem se perde na escura noite dos tempos, as lendas não faltam para... comprovar uma vez mais a ignorancia em que se está a proposito d'essa mesma origem.

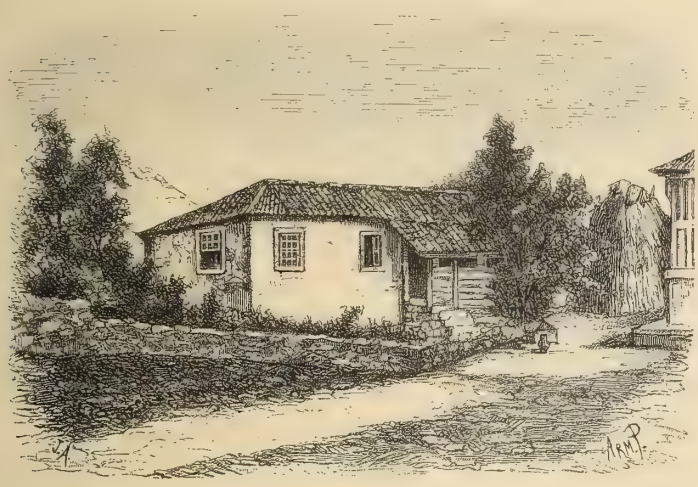
Os historiadores patranheiros levam a coisa até aos tempos biblicos e attribuem a Offir, quarto neto de Noé, a fundação de Fão, assim como a do castello de Faria, no monte da Franqueira, a que já no capitulo anterior nos referimos. Aqui seria o porto, em que o sabio e portentoso rei carregava de oiro as suas frotas, que sahiam barra fóra em derrota para o oriente, onde o seu compadre e amigo Fão as esperava. Em troca enviou-lhe este uns famosissimos cavallos, que um drama tragico-maritimo fez morrer no celebre recife d'esta lusitana costa, e d'ahi o nome de *Cavallos de Fão* ainda hoje dado aos rochedos, conhecidos dos mareantes, e... dos que na baixa-mar vão á pesca do saborosissimo marisco que por ali abunda. Esta opinião biblica não carece de refutações vigorosas, mesmo porque—Deus seja louvado—vale tanto como qualquer outra, se não é que vale mais ainda pelo sabor da poetica lenda que a envolve.

Fão, dizem agora os eruditos menos biblicos, foi a cidade de *Aguas-celenas,* e o nome vem ou do rio Celano, hoje Cavado, ou da tribu dos celtas, que n'este formoso sitio acampou. Assim podia ser; e provavel até se me affigura, que a existir uma cidade de *Aguas-celenas* n'este ponto da provincia, deveria ser aqui antes do que em Barcellos, cuja situação dista de Braga muito menos que a marcação dos estadios feita nos itinerarios de Antonino Pio, a qual, a ser verdadeira, vem a coincidir com a posição de Fão. Incontestavel, porém, é que romanos e gregos aproveitaram o seu porto então consideravel, especialmente os primeiros, que por tanto tempo dominaram a peninsula, partindo mesmo d'aqui uma das cinco vias romanas que iam a Braga, e isto nos basta para poder bater fé pelos pergaminhos da formosa Fão, hoje como então uma população maritima, differenciando-se apenas as duas, em que a antiga exportava navios carregados de oiro, e a moderna vende pelo oiro o producto das suas pescarias afamadas.

Fão quasi não é hoje senão uma população de pescadores, e consiste por isso a sua principal industria no peixe que para fóra exporta, ou seja

o do rio apanhado nas estacadas feitas de janeiro até á Paschoa, ou seja o do mar colhido nas redes, que os alegres pescadores vão lançar da borda dos seus originalissimos barcos, «os maiores de pescar de quantos se conhecem, diz o padre Carvalho, tão veleiros e ajudados dos remos pelos muitos homens que levam, que se não lembra que inimigos tomassem algum.»

Uma outra industria houve antigamente em Fão, a das marinhas de sal, cujos dizimos foram, por signal, doados por D. Affonso Henriques aos monges do mosteiro da Abbadia, com séde em Terras de Bouro.



Casa em que viveu Antonio Rodrigues Sampaio, em S. Bartholomeu do Mar

Nem só pescadores são os homens de Fão; muitos seguem a arriscada profissão maritima e, vindo na velhice descançar na terra patria, fomentam com o seu amor e o seu dinheiro a prosperidade da pittoresca villa. Por isso o leitor a vê garrida e louçã, apezar da sua antiguidade e apezar tambem da decadencia em que vae a nossa industria maritima.

Passeie um pouco pelas ruas da villa, siga em toda a sua extensão a rua Direita, e entre depois na alameda em que está a real capella do Bom-Jesus e avaliará pelos seus olhos, já que a gravura não póde reproduzir-lhe todos esses aspectos, como está gentil e remoçada a antiquissima villa. Verdade seja, que, fallando-lhe do Bom-Jesus, eu devia accrescentar que á sua fama milagreira deve tambem a terra não somenos beneficios materiaes, além d'aquelles que a fé encontra na piedade do pae amantissimo; e pae, que não é para ahi uma creança, como esses *Corações de Jesus* que estão no Minho substituindo os velhos Christos. O Bom-Jesus de Fão, diz o padre Carvalho (que escreveu em 1706), «é tão antigo, que se não averigua d'onde veiu; uns dizem que de Inglaterra, outros que se fez em Vianna.» O leitor, se leu o capitulo antecedente, sabe tambem que a cantiga popular o considera irmão do de Barcellos e do de Mathosinhos, que são esculpturas muito antigas.

A pequena capella da Senhora da Bonança ou das Boas Novas, que

figura no pequeno esboço de pag. 204, merece tambem ser visitada, não pela sua architectura, que pouco vale, mas pela devoção que inspira á população maritima e por causa das lendas, com que a reveste a imaginação do povo. Está separada de Fão por um pinheiral, que ampara a villa das areias que a ameaçam constantemente, e em uma das partes mais elevadas da margem esquerda do rio, sendo pelos pescadores avistada do mar alto. E tal é a devoção a esta querida Senhora, que nenhum pescador ha, de Fão ou de Espozende, que não venha na porta da capella gravar as marcas das suas redes.

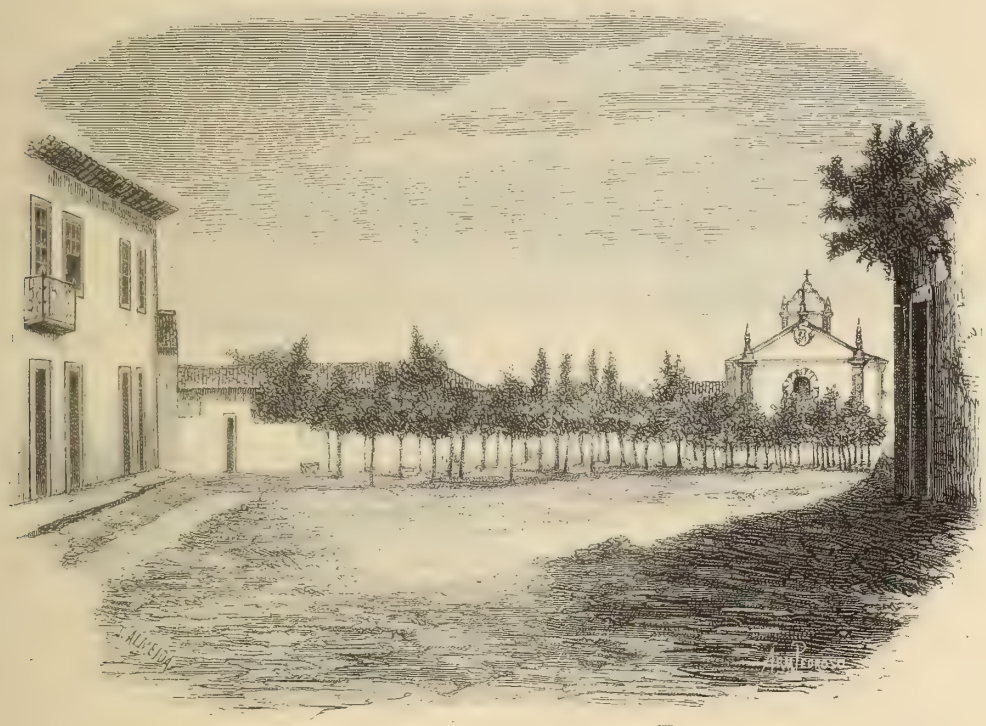
De noite uma pequena lampada de azeite, que um homem de Fão vem accender, serve de balisa aos pescadores, embora não seja esta a causa d'esse modestissimo pharol, que á piedade deve a sua existencia, visto a lampada ter por fim alumiar a sepultura de um *corpo santo,* que, apezar de não estar canonisado, já tem feito por ali o seu milagre. Se tudo o que dissemos, porém, não fôr bastante para incitar o leitor a ir vêr a capella da Bonança, fique sabendo que ha no lugar *duas moiras encantadas,* que estão constantemente dobando meadas de oiro, até que se lhe quebre o encanto, podendo por acaso o leitor ser o feliz mortal, que tenha a praticar acção tão gentil, e a receber em troca esse oiro fiado ha tantos annos.

Mais nada tem que mostrar-nos a alegre villa de Fão. Seguindo, porém, junto das margens do Cavado, tão amenas e tão poeticas n'este ponto do seu curso, encontramos, para além da serie de moinhos de vento que coroam um outeiro proximo, os formosos campos de *FONTE BOA,* em cujo sitio de Castro existem, como o nome o indica, vestigios de uma fortificação romana. Chamou-se esta freguezia *Fonte-Mar,* primeiro, e em seguida *Fonte-Má,* «da ruim agua da sua fonte — diz Carvalho — a qual pelo tempo adiante se foi melhorando» a ponto de, como se vê, ter mudado o nome á freguezia. Diz Pinho Leal, que Fonte Boa chega até ao sitio chamado *Poço da Batalha,* onde é tradição que houve uma muito grande entre christãos e mouros, e fugindo estes até um ribeiro affluente do Cavado, ali foram acabados de derrotar; e ao ribeiro, por causa do sangue que então correu, se ficou chamando *RIO TINTO,* que é o nome ainda hoje dado á freguezia visinha, embora tanto uma como outra mais pensem agora nas bellas cebolas que exportam, do que nas batalhas feridas em tempos de mouros e christãos, ou de romãnos e lusos.

A APULIA

está ligada a Fão por uma formosa estrada do littoral, assim como o está ás Necessidades pela que passa junto da capella do Amparo, e á Povoa,

de quem é hoje uma rival, rival como a menina honesta o póde ser da mundana, ou como a violeta da rosa escarlate e petulante do seu brilho. Aceiada, modesta, branca, um pedaço de nacar deposto na areia pelo mar, onde se principiaram a formar casas para familias, e—mal haja quem bem não cuida—familias para occupar essas casas. É nova, até no cemiterio. A areia fôfa, o mar sereno, as ondas cariciosas, a planicie coberta de mi-



Alameda de Fão — Desenho do natural por João de Almeida

lharaes. Praia sem nervos, meiga como o beijo de uma irmã, onde se está bem, e onde chega a haver tudo o que é preciso, exactamente porque de pouco ou nada se precisa. A gravura de pag. 207, feita sobre um formoso desenho do ex.mo sr. Manuel Gonçalves Vianna, ahi está para advogar as linhas com que tracei o perfil d'essa praia encantadora. Vejam se não dá vontade de se pegar n'ella ao collo, como se faz ás creanças. Ia-me esquecendo: em dias de vento é insupportavel; tal qual como as tempestades domesticas. Até n'isso se lhe póde chamar uma praia de... familia.

Da historia da Apulia dizem Pinho Leal e o padre Carvalho o seguinte: Foi-lhe o nome imposto pelos romanos em memoria da sua Apulia; o povo, porém, corrompendo o vocabulo, chama-lhe *Pulha* ou *Couto da Pulha,* por ter sido couto dos arcebispos de Braga, a que tambem es-

teve annexo o couto de Baçar, a uns tres kilometros para nascente. Os romanos fizeram aqui uma valla ou esteiro, onde os seus navios vinham carregar o oiro que então produziam as minas em exploração.

A primitiva matriz da Apulia foi submergida pelas areias, sendo relativamente moderna a construcção da actual. Uma das curiosidades naturaes da Apulia é uma lagôa, que existe em terreno da freguezia, e onde se cria opulentamente a vegetação dos *oleiros* e cannaviaes; outra é a da

Capellinha da Senhora da Bonança ou das Boas Novas, segundo um «croquis» do ex.mo sr. Manuel Gonçalves Vianna

sua grande romaria, que antecede tres dias a das Necessidades, para a qual seguem da Apulia os romeiros banhistas, que em uma só vilegiatura de oito a quinze dias aproveitam os banhos da praia, as festas da Apulia, a romaria do Amparo, onde se vae *tirar o diabo,* e finalmente a grande romaria das Necessidades.

*

* *

O pequeno e maritimo concelho de Espozende tem estado, desde muito, subjugado pelo poder absorvente de Barcellos, e d'ahi talvez uma razão da sua modesta prosperidade. Em outro lugar dissemos já, que só ultimamente principiára a sua autonomia e devemos agora accrescentar, que essa data é a de 17 de dezembro de 1886, em que se creou o seu *Julgado municipal,* facto que alvoroçou de jubilo todos os filhos de Espo-

ESPOZENDE — *Desenho do natural por João de Almeida*

zende, incluindo no numero os que formam a *Orchestra Espozendense,* constituida pela briosa mocidade da villa, e que ficou memorado no numero 1.º do jornal *O Espozendense,* unico até hoje, e primeiro tambem que veiu representar o concelho no grande convivio da imprensa.

As escolas primarias officiaes existem nas seguintes freguezias:

Espozende (1.º e 2.º grau para o sexo masculino) e 1.º grau para o feminino; Apulia, Fão (masculino e feminino), S. Paio d'Antas e Villa Chã.

Praia da Apulia, segundo um «croquis» do ex.mo sr. Manuel Gonçalves Vianna

Depois da morte de Antonio Rodrigues Sampaio pensou a commissão da imprensa em organisar em S. Bartholomeu do Mar uma aula ou escola pratica para navegantes, mas é preciso confessar que o *meio* era o menos adequado a tal fim, e bem fez por isso o governo mandando suspender os trabalhos já encetados. Seria verdadeiramente improficua uma escola nautica em uma freguezia propriamente agricola, ao passo que na villa de Espozende, ou mesmo em Fão, ella poderá aproveitar á mocidade do concelho, sem que isto possa desvirtuar o nobre pensamento que presidiu á creação d'essa escola.

Em Espozende existe um barco salva-vidas, podendo o leitor vêl-o na casa que para tal fim foi edificada na margem esquerda do rio.

A estatistica criminal de Espozende está englobada com a de Barcellos, a cuja comarca pertence, não podendo por isso especialisar-se o numero dos crimes, nem a sua qualidade.

O movimento maritimo de Espozende está hoje consideravelmente reduzido, apezar de se terem desde 1880 melhorado as condições da barra, aproveitando e restaurando o que existia das obras começadas no principio d'este seculo. Mas é certo, que um dia que se olhe a serio para as nossas coisas de navegação, o porto de Espozende tem naturalmente condições para florescer, dentro de certos limites, é claro, devendo, ao que nos parece, aproveitar-se especialmente para a construcção e reparo dos pequenos navios, barcos de pesca, etc. O seu estaleiro, melhor diriamos o estaleiro de Fão, onde regularmente se construem por anno dois a tres navios, attenta a abundancia das madeiras que existe no concelho, e attento o moderado preço dos salarios, deve attrahir ahi uma certa concorrencia, que o commercio do Minho central utilisará por sua vez.

O seguinte mappa, que devemos, como muitas das notas que opulentam este capitulo, á obsequiosidade dos ex.mos srs. Albino Souto e Manuel Gonçalves Vianna, reflecte toda a importancia do porto de Espozende:

Movimento commercial e maritimo. Estatistica da pesca e navegação; entradas e sahidas na foz do rio Cavado e porto da villa de Espozende

ANNOS	NAVIOS ENTRADOS		NAVIOS SAHIDOS		VALOR DE CARGA EXPORTADA	VALOR DE CARGA IMPORTADA	NAVIOS NAUFRAGADOS	PESCA			NAVEGAÇÃO FLUVIAL		
	Numero dos navios	Numero dos tripulantes	Numero dos navios	Numero dos tripulantes				Numero de barcos matriculados	Numero de tripulantes matric.	Numero de redes e apparelhos de pesca	Numero de barcos matriculados	Numero de tripulantes matric.	Valor das cargas
1881	35	186	35	186	7:056$480	4:278$128		37	76	755 e 60 apparelhos de marisco	8	16	7:500$000
1882	53	262	52	257	4:854$600	7:347$270		43	83	Idem	8	16	7:650$000
1883	39	227	39	227	6:448$603	6:565$698	1	35	72	Idem	8	16	7:650$000
1884	69	378	72	398	10:183$762	10:969$612	1	41	101	Idem	8	16	8:850$000
1885	54	251	55	297	8:397$932	2:799$128		35	103	Idem	8	16	7:200$000

Da riqueza agricola do concelho pouco podemos dizer, porque tambem não ha muito com que enriquecer as notas d'esta pequena estatistica, regulando os processos de cultura pelos do concelho de Barcellos.

Na freguezia de S. Claudio existem alambiques de azeite e na de S. Paio d'Antas ha tambem alambiques para distillação de aguardente, sendo os de uma e de outra freguezia procurados pelos lavradores das aldeias visinhas.

O seu valor pecuario é representado no seguinte mappa:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	235	2:006$000
Muar	41	199$500
Asinino	64	89$800
Bovino	2:889	49:281$800
Lanar	1:512	332$600
Caprino	103	31$900
Suino	582	1:355$000
		53:296$600

As freguezias que mais vinho produzem são as de Palmeira, S. Claudio, Gemezes e Forjães, sendo as uvas levantadas em arvores, e algumas em *lateiras,* como na localidade lhe chamam. As castas vulgares são a borraçal, o espadeiro, o vinhão e o verdelho. O vinho é todo verde e as vindimas fazem-se nos fins de setembro e principios de outubro.

Espozende — Rua da Misericordia, segundo uma photographia do ex.mo sr. A. Vianna

O milho, as cebolas e hortaliças são tambem generos consideravelmente cultivados, fazendo-se exportação avultada de cebolas para os mercados da provincia e do Porto, onde embarca para Inglaterra. Mas a nota verdadeiramente industrial do concelho, a sua nota caracteristica é incontestavelmente a da industria maritima, comprehendendo na designação o desenvolvimento da pescaria no Cavado, ou no mar alto. O savel, a lampreia, a lagosta, a pescada, a sardinha, *gorda como lato,* segundo a phrase local, e todos os outros peixes do rio e da costa são o principal elemento da riqueza de Espozende, e que a fazem conhecida nos mercados de Barcellos, de Braga, da Povoa de Lanhoso, e outras terras.

A pescada especialmente constitue um grande ramo do seu commercio, visto que os pescadores se dedicam de preferencia á sua pesca, empregando para isso as grandes redes chamadas *quarteis,* como para a pesca da raia empregam as *rascas,* e outras de feitio e nome differente para a da sardinha, etc.

Ha dois para tres annos é tambem um commercio importante o da lagosta, indo regularmente a essa pescaria, feita de maio a outubro, uns vinte a trinta barcos de Espozende e Fão, e sendo depois a pesca recebida em dois hiates francezes, que ficam fóra da barra, e a que na localidade se chamam *lagosteiros,* por serem construidos de modo a transportar as lagostas vivas para França.

O preço dos generos agricolas e outros regula no mercado pela tabella seguinte:

Centeio (alqueire)	360
Milho branco (alqueire)	360
» amarello	350
Feijão branco (alqueire)	600
» amarello (alqueire)	550
» vermelho e rajado	480
» fradinho (alqueire)	450
Batatas (raza)	480
Carne de vacca (kilo)	250
» » porco (kilo)	280
Cebolas (cambo ou cabos)	60
Laranjas (cento)	160
Vinho (pipa, do melhor)	24$500
Trigo	800

Tal é, com a possivel minuciosidade, o perfil do pittoresco e delicioso concelho de Espozende, cujo brazão de armas, tendo em campo azul a Virgem padroeira da villa, figura no estandarte municipal, embora não tenha analogo no archivo da Torre do Tombo.

CONCELHO DE ESPOZENDE

FREGUEZIAS E OBAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Antas, *S. Paio*	429	488	917	214 *a*
Apulia, *S. Miguel*	688	817	1:505	377 *b*
Belinho, *S. Pedro Fins*	369	398	767	164 *c*
Curvos, *S. Claudio*	208	241	449	116 *d*
Espozende, *Santa Maria dos Anjos*	661	822	1:483	407
Fão, *S. Paio*	889	1:123	2:012	505 *e*
Fonte Boa, *O Salvador*	410	498	908	179 *f*
Forjães, *Santa Marinha*	584	657	1:241	266 *g*
Gandra, *S. Martinho*	145	167	312	82 *h*
Gemezes, *S. Miguel*	378	417	795	180 *i*
Mar, *S. Bartholomeu*	192	192	384	84 *j*
Marinhas, *S. Miguel*	788	829	1:617	474 *k*
Palmeira do Faro, *Santa Eulalia*	349	376	725	204 *l*
Rio Tinto, *Santa Marinha*	174	221	395	105 *m*
Villa Chã, *S. João Baptista*	303	384	687	162 *n*
	6:567	7:630	14:197	3:522

a Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, S. Paio de Cima, Freixo, Monte, Pereira, Azevedo, Guilheta, Praia, Belinho, Guistolla, e as quintas ou herdades de Cunhas e Portella.

b Comprehende esta freguezia os logares da Egreja ou Apulia, Paredes, Areia, Criar.

c Comprehende esta freguezia os logares de Belinho, Infesta, Outeiro, Barros, Sanfins, Caniço ou Aldeia, Sant'Anna, Feital, Boa Vista, Egreja.

d Comprehende esta freguezia os logares de Curvos, Froços, Villar, Venda Nova.

e Comprehende esta freguezia os logares de Fão, Ramalhão, Pedreiras, Bonança.

f Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Cruz, Mapeila, Cima de Villa, Estremadouro, Vata, Devezas, Martellinho, Outeiro, Logar de Baixo, Eiras, Paredes.

g Comprehende esta freguezia os logares de Santa Marinha de Forjães, Cerqueiral, Carvalhal, Souto, Forjães, Boucinho, Casainhos, Madorra, Santa, Monte do Branco, Carramanho, Mattinho, Carreiro, Freiria, Lameiro, Bouça do Rio, e as quintas de Pregaes, Curvos, Calça.

h Comprehende esta freguezia os logares de Gandra, Aldeia de Baixo, Paço, Bairro, Meão, Freza, Aldeia de Cima, e uma herdade em Aldeia de Baixo, proxima de Espozende.

i Comprehende esta freguezia os logares de Gemezes, Passo, Cima de Villa, Santo, Aldeia de Cima e Aldeia de Baixo, Soutello, Quinta, Santães, Lage, Barca de Lago, Azevedo, Calvario, Logar da Egreja.

j Comprehende esta freguezia os logares de Feital, Logar de Cima e Logar de Baixo.

k Comprehende esta freguezia os logares de Goios, Outeiro, Pinhote, Cepães, Egreja, Monte, Abelheira, Rio de Moinhos.

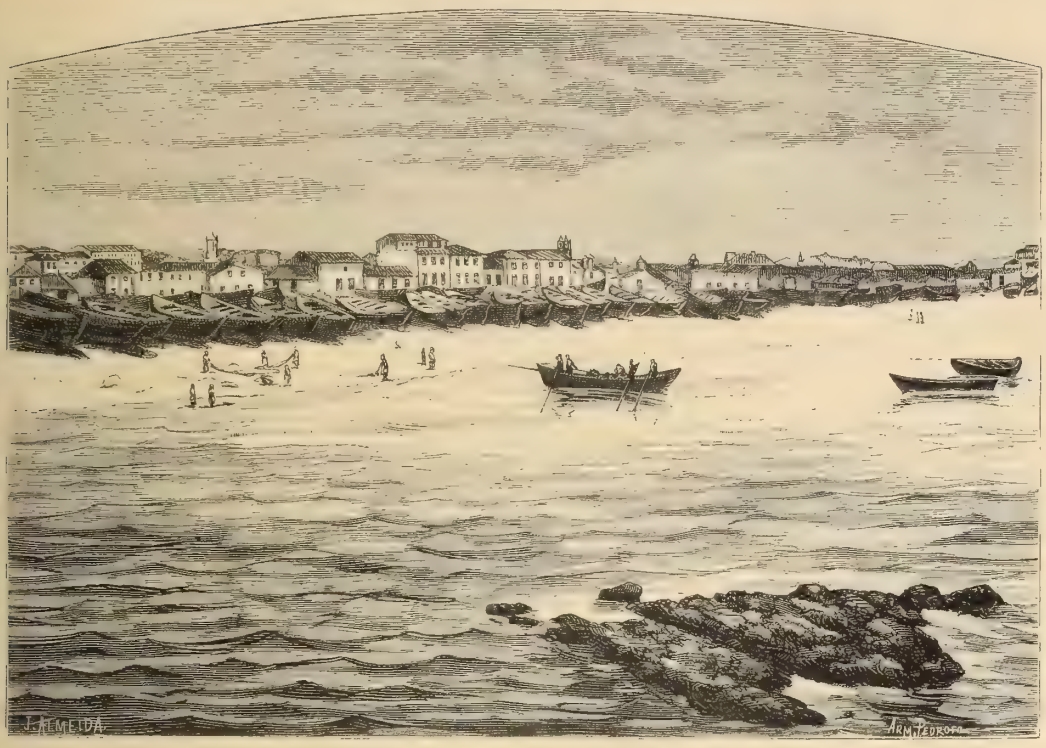
l Comprehende esta freguezia os logares de Estrada, Povoa, Aldeia, Carreira, Portella, Quinta, Passo, Lamella, Berdasca, Bouça, Outeiro, Coucinheiro, Ribeiro, Villarinho, S. Sebastião, Fonte, Ortigueira, Pitancinhos, Assento, Palmeira.

m Comprehende esta freguezia os logares de Rio Tinto, Egreja, Talhos, Joibe, Paço, Aldeia, Crasto.

n Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Outeiro, Lagoeira, Lages, Bicudo, Aldeia, Sovereira, Chouzo, Casaes, Abelheira.

DISTRICTO
DO
PORTO
J. ALMEIDA

POVOA DE VARZIM



A praia do pescado — Desenho do natural por João de Almeida

Original como povoação maritima, a Povoa é, como praia, a mais interessante e a mais pittoresca da provincia, senão talvez do paiz, pois nenhuma como ella offerece tão extraordinaria e tão variada concorrencia na epocha de banhos.

O Minho central, o Douro e Traz-os-Montes quasi não conhecem outra praia, e, ou seja porque a sua tranquilla vida patriarchal de dez mezes, passados no trabalho, precise nos dois restantes de quem lhes fustigue os nervos com o movimento luzido dos cafés e a baeta verde da rolêta, ou seja por gratidão para com essa terra generosa, que durante o anno lhes faz conhecer o saboroso peixe da sua costa, o certo é que as tres provincias do norte enchem alegremente no verão as ruas e os cafés da Povoa, e dão á estação balnear a nota viva e curiosa da sua feição e costumes. No seu formoso livro *As praias de Portugal,* diz o sr. Ramalho Ortigão, escrevendo ácerca da Povoa de Varzim:

«É o caravançará dos habitantes do Minho em uso de banhos ou de ar do mar. Nenhuma outra praia offerece tão variada concorrencia. Em agosto e setembro a Povoa converte-se em uma enorme estalagem com quartos a todo o preço, em que se albergam os romeiros de todas as ge-

rarchias, desde o mendigo legendario, o mendigo dos melodramas e das feiras minhotas, de muletas, de alforge ao pescoço e de grandes barbas esqualidas, até o poderoso commendador brazileiro, de camisa de bretanha anilada como um retalho de ceu pregado no peito com um brilhante.

A rua da Junqueira—principal arteria da povoação que liga a praça em que se acha a casa da camara, a administração e o mercado, com a praia—está desde pela manhã cedo até alta noite coalhada de moscas e de gente.

As moscas cobrem os muros, as humbreiras das portas, as vitrines e os mostradores das lojas, n'uma immobilidade, n'um goso, n'um extase que impressiona particularmente os forasteiros. As superficies, que as moscas deixam devolutas, são occupadas pela gente. Quando um viajante chega, com a sua mala, ergue-se no ar uma nuvem negra que scintilla e que zumbe: são as moscas que se deslocam e procuram apertar-se um pouco mais para dar lugar ao adventicio. Outras vezes é a gente, que encurta o passo, que se condensa, que se enovella: n'estes casos é uma nova mosca que chega e solicita o seu lugar na rua. Dá-se-lhe o espaço preciso para ella se estabelecer e a circulação dos viandantes regularisa-se e prosegue.

Vê-se o pequeno lavrador que desceu dos montes para banhar as suas enfermidades. Traz um lenço na cabeça, por baixo do chapeu, atado ao queixo, amplas chinellas de couro crú, longo capote de cabeções. Mulheres de pés nús, com as saias de baeta pelos hombros, as mãos cruzadas no estomago, o cabello curto cahido n'uma sanefa sobre as sobrancelhas. Os morgados ruraes, de botas de montar e esporas, jaqueta de astrakan, alta chibata de marmelleiro. As senhoras provincianas com as suas boas côres sadias, os seus bons dentes brancos, as suas fortes boccas vermelhas, luvas de fio de Escocia apertadas com cordões de seda azul e cuias de retroz em rolo inteiriço, enroscado como o chouriço de sangue, ou dividido em secções como um cacho de murcellas de Arouca preso á nuca com dois pregos de cabeça de tartaruga. Todos os juizes, todos os delegados, todos os presidentes de camaras das comarcas e das municipalidades circumvisinhas. O *sport* de Braga, com os seus bigodes espessos e brilhantes, os seus chapeus á moda e as suas esporas de prata tilintando na lage das calçadas. O *high-life* de Guimarães, de Fafe, dos Arcos, de Santo Thyrso, de Villa Nova de Famalicão, de Barcellos, ostentando novas *toilettes* esmeradas, imitadas dos ultimos figurinos com as devidas modificações exigidas por um bem entendido espirito de conciliação entre a novidade de Paris, as tradições e as conveniencias locaes dos respectivos meridianos. Os jogadores de toda a provincia e de outros pontos do reino com as palpebras inflammadas pela acção do gaz e do petroleo, com a

sua pallidez oleosa como se fosse tratada pelas exhalações de terebentina, ou como se se lhes tivesse congelado na face o gorduroso vapor das batotas.

Entre esta multidão que permanece na Povoa durante um, dois ou tres mezes, figuram ainda os *touristes* que fazem a viagem circulatoria do Minho e se demoram poucos dias, os visitantes do Porto que chegam nos domingos com os seus bilhetes de ida e volta.

A rua da Junqueira com a sua gente e as suas moscas apresenta o aspecto de um arruamento de feira.

Em todas as casas ao rez da rua se organisam estabelecimentos de commercio, uns fixos, outros fluctuantes.

As lojas de barbeiro, sempre em exercicio, no meio das quaes um homem envolto n'uma toalha, dorme n'uma cadeira de braços ou considera as moscas que coalham o tecto, em quanto o Figaro, de mangas arregaçadas, lhe segura delicadamente a ponta do nariz e lhe raspa a face envolta n'um floco de espuma.

Os ourives postados por traz das suas vitrines mostrando ás mulheres do campo os grandes corações de filagrana de ouro, os relicarios, as grossas arrecadas.

Os camiseiros com a sua exposição de camisas de côr, de gravatas de todas as gradações do íris, de bengalas, de chapeus de chuva, de joias de cobre dourado, de collarinhos postiços, de luvas, de aguas de cheiro e de unguentos aromaticos,—todos os artigos do luxo barato.

Os espectaculos das grandes guerras e dos longinquos paizes, das mulheres gordas e das mulheres gigantes, tendo á porta o seu reposteiro de chita encarnada ao lado do respectivo cartaz e dentro o realejo festival moendo um trecho da *Favorita*.

Os botequins, os estancos, as tabernas com o seu grande ramo de loureiro á porta.

Os mercadores ambulantes, vendendo ás esquinas os pequenos espelhos, as estampas, as lithographias das testas coroadas e os reportorios montados n'um barbante. Os que trazem suspenso do pescoço por uma correia o taboleiro com os canivetes, os garfos, as colheres, os pentes, as caixas dos pós de dentes e os sabonetes Windsor. Os que tiram as nodoas e vendem as pastilhas maravilhosas que comem a gordura da golla das jalecas. Os que exhibem encostada ao muro a collecção de varapaus argolados, de desempenados marmeleiros, de cannas da India com os seus ferrões polidos embrulhados em papel.

N'esta multidão espessa e ruidosa sobresahem de espaço a espaço as pesadas diligencias, os *chars-à-bancs* de cortinas de riscado ou de couro,

cobertos de poeira, puxados por tres cavallos escancellados, com o tejadilho acuculado de malas, de saccos de chita, de alforges, de bahús, de caixas de lata, carreando os passageiros de Barcellos, de Fão, de Celorico e do Pico.

Á porta das estalagens homens com as suas bagagens sobraçadas descem gymnasticamente da imperial, emquanto mulheres gordas e pesadas, amparadas com as duas mãos aos batentes da portinhola, adiantam para o estribo um pé arrastado, descobrindo o grosso artelho entorpecido pela sciatica.

Dois grandes e bellos cafés, com optimos bilhares, grandes espelhos, muita luz, abrem as suas portas sobre a rua da Junqueira.

Á noite esses cafés enchem-se inteiramente. Homens, senhoras, banhistas de todas as classes, viajantes de todas as procedencias, occupam todos os bancos, agglomeram-se em volta de todas as mezas. No meio os jogadores de bilhar procuram com difficuldade um pequeno espaço para poderem recuar os tacos. Os creados circulam difficilmente com as bandejas. Harpas e rebecas organisam um concerto. Uma mulher hespanhola ou italiana, com um prato de estanho, solicita com um sorriso os donativos da assembléa. Um barytono de longos cabellos, penteados para traz das orelhas, infatigavel berrador, com a mão na abertura do collete, a fronte alta, o olhar intrepido, entôa uma romanza. Uma espessa atmosphera de fumo de charutos, impregnada dos vapores do alcool, da cerveja e do café, envolve aquelle grande ruido. Ás portas, mulheres do povo, homens de cajados e jalecas ao hombro, olham apinhados e em bicos de pés.

Por cima d'um d'estes cafés é a casa de jantar do hotel Luso-Brazileiro, um vasto salão que em algumas noites se converte em sala de baile. Não ha club. Os bailes organisam-se por subscripção entre os banhistas e a casa é alugada para esse fim aos proprietarios do hotel.

Em todos os cafés ha um compartimento supplementar em que se joga o monte ou a roleta; em um d'elles passa-se da sala do bufete ao jardim, onde se acha a roleta installada n'um bonito pavilhão.»

Tal é o espirituoso *croquis* da Povoa, como praia, havendo tão sómente a accrescentar, depois que foram traçadas essas linhas, mais alguns cafés e hoteis, entre os quaes o do Almada, na praça d'este nome, mais gente por se terem facilitado os meios de transporte, e, naturalmente tambem, mais moscas, que lá se vão arranjando como podem no já estreito espaço, que lhes faltava ha dez annos.

Conhecida a Povoa, como praia, cumpre estudar o seu aspecto como villa importante da provincia e como terra de uma população piscatoria de originalissimos costumes. Vamos ao primeiro esboço.

«Ignora-se a etymologia do nome d'esta povoação — escreveu Pinho Leal. — Querem uns que seja corrupção de *Varzinha,* pois que está edificada em uma pequena varzea; outros julgando que com sonhadas origens nobilitavam a villa, dizem que lhe provém o nome de *Cayo Varizinio* consul romano, ao qual attribuem a sua fundação. É certo que o primeiro assento da egreja de Argivae foi no lugar da Varzinha e que á Povoa se deu antigamente o nome de *Varazim de Jusão* (Varazim de Baixo). Tambem se ignora a epocha em que principiou a dar-se-lhe o nome actual.» «Sabe-se apenas — diz o sr. Brito Aranha nas suas *Memorias historico-estatisticas* — que em umas cartas datadas de 3 de janeiro de 1305 e endereçadas por D. Diniz ás religiosas de Villa de Conde, em cujo convento devem ainda existir,[1] o rei lavrador chamava-lhe *Varazim de Jusão;* e na carta de doação passada a favor de seu filho bastardo Affonso Sanches, na mesma data, confirma aquelle titulo. Em o *Nobiliario* vêmos que o conde D. Pedro lhe chama *porto de Varazim,* o que parece indicar que n'aquella epocha tambem assim era conhecida a povoação e que já tinha importancia, embora pertencesse ao senhorio e jurisdicção de Villa do Conde, de que só no seculo XVII veiu inteiramente a separar-se.» Franklim, no seu livro de foraes, faz da *Povoa de Varzim* e de *Varazim de Jusão* duas povoações distinctas, pois menciona o foral de D. Manuel dado á Povoa de Varzim, e inclue nas terras que não obtiveram foral novo Varazim de Jusão, que o tinha velho dado por D. Diniz.

Pinho Leal e o sr. Ramalho Ortigão pensam, que Varzim é nome de origem allemã, assentando a sua opinião na analogia com o nome de Varzim, celebre residencia de Bismark, podendo ter sido os barbaros do norte, na occasião das suas invasões, que deram principio á povoação. O sr. Ramalho estudando os caracteres anthropologicos e ethnicos do poveiro considera-o como do typo saxonio. Remontando um pouco além de D. Diniz sabe-se tambem que a D. Guterre, primeiro tronco da familia dos Cunhas e companheiro do conde D. Henrique, fôra doado como especial testemunho pelos seus serviços, o senhorio de herdades e terrenos entre Guimarães e Braga, nos quaes se comprehendia *Varazim de Jusão,* persistindo o senhorio de D. Guterre ou sua familia nas terras doadas até o reinado de D. Diniz.

O rei lavrador fez, como já dissemos, doação de Villa do Conde e suas dependencias (entre as quaes estava então a Povoa) a seu filho bastardo Affonso Sanches; «mas — escreve no livro citado o sr. Brito Aranha — pouco depois de Affonso Sanches estabelecer com sua mulher resi-

[1] *Memorias historicas da villa da Povoa de Varzim,* do padre Giesteira, pag. 8.

dencia no senhorio doado pelo rei lavrador, o conde D. Martim Gil com sua mulher, D. Violante, quizeram disputar-lhes a posse, allegando que a Villa do Conde e dominios eram herança dos seus antepassados. D'ahi se originou um grave litigio, em que foi mister intervir a auctoridade real, como era de uso, e o rei mandou declarar que se fizesse boa a posse do seu filho, exonerando o conde D. Martim Gil do dito senhorio, e confirmando a sentença com a carta de doação. N'essa mesma epocha, ou decorrido pouco tempo, a Povoa foi elevada á cathegoria de villa.

Affonso Sanches teve de sua mulher, D. Thereza, dois filhos, que morreram na infancia; e D. João Affonso, que foi o herdeiro de seus bens, senhor de Albuquerque, Medelhim e outras terras, exerceu as funcções de alferes-mór de D. Affonso XI, rei de Castella. D. João Affonso, a quem chamavam o do *Ataúde,* porque em tempos de guerra trazia um ataúde atraz de si, casou com D. Isabel de Menezes, da qual não teve filhos, mas deixou muitos bastardos reconhecidos.

Tendo feito testamento com piedoso intuito, Affonso Sanches e D. Thereza dispozeram n'elle, que o castello de Villa do Conde, em que tinham vivido, fosse entregue ás religiosas franciscanas de Santa Clara, conforme consta das *Provas da historia genealogica da casa real portugueza,* accrescentando-se que esta doação é datada do anno 1318, uns onze annos antes do fallecimento de Affonso Sanches, o que é provavel se désse por 1329. Para assegurar a necessaria decencia e o sustento das ditas religiosas, os devotos fundadores deixaram-lhe tambem o rendimento de varias terras, em que se incluia Povoa de Varzim.

Instituido o mosteiro, a abbadessa gozou de taes isenções e regalias, que até as jurisdicções civil e criminal lhe pertenciam; como era natural, a justiça não se exercitava com rectidão nem com imparcialidade, e os povos mais queixosos dos abusos do poder foram os da Povoa de Varzim, a ponto que o sr. rei D. Manuel, a cujo conhecimento chegaram não só essas queixas e contendas, mas tambem os fundamentos d'ellas, entendeu que devia abolir o estado que se arrogára a abbadessa, com detrimento do real poder, e outorgou á villa novo foral, confirmando o do rei lavrador, o qual foi dado em Lisboa aos 21 de novembro de 1514. Com este foral terminou o direito do mosteiro das franciscanas de Villa do Conde, e deu-se á Povoa a isenção de eleger juiz, mordomo e chegador, collocando assim aquelle povo nas condições em que então se achavam as principaes villas do reino.

O mosteiro não perdeu, todavia, em rendimento; porque, ao passo que D. Manuel dava consideração de municipio á Povoa de Varzim, estaqelecia para as freiras franciscanas, a titulo de compensação, uma tença

Egreja de S. Pedro de Rates — Desenho do natural por João de Almeida

de duzentas libras, e todo o solho e peixe real que viesse á praia, o que todavia só foi executado depois do fallecimento do venturoso rei.

Infere-se, pois, do que fica posto, que a regeneração, ou antes a emancipação, como diz o auctor das *Memorias historicas,* da villa da Povoa de Varzim, antiga *Varazim de Jusão,* data do reinado do rei D. Manuel. Desde então, os habitantes da villa regenerada, posto que tivessem de luctar por muito tempo contra a má vontade das religiosas de Villa do Conde e das pessoas graúdas que as protegiam, e contra as difficuldades que d'ahi naturalmente resultavam, começaram a prosperar, e a vêr que eram abençoados os fructos do seu trabalho.

Este desenvolvimento tornou-se tão notavel quasi meiado o seculo XVI, que o governador do arcebispado, o provisor Antonio Velho, designou a capella da Madre de Deus para n'ella se conservar o sacrario; e no primeiro quartel do seculo seguinte, a freguezia de Argivae ficou inteiramente desmembrada da Povoa, passando o parocho, que era de ambas, a ter só

residencia na segunda das povoações, satisfazendo-se d'este modo as repetidas instancias dos moradores, que se queixavam de nem sequer terem missa no dia do seu orago. Foi em 1625 que a Povoa se separou definitivamente da sua antiga parochia, constituindo freguezia independente e mudando o nome do antigo orago para Nossa Senhora da Conceição.

A capella da Madre de Deus, que ainda se póde vêr perto da matriz, foi a escolhida por ser mais central e d'ahi o chamar-se-lhe matriz velha. No principio do seculo XVIII o sacrario foi transferido para a egreja da Misericordia, que então servia de matriz e se achava restaurada havia annos.

Os fundadores da capella da Madre de Deus foram o cavalleiro João Martins e sua mulher Maria Affonso, no anno de 1542, conforme consta dos titulos que possuia o sr. Bento Pereira de Faria Gajo, de Villa do Conde.

Estabelecida a villa, e accrescentada a industria da pesca por essa mesma razão, no começo do seculo XVI, salvo erro, o vigario da Povoa quiz augmentar a sua congrua mandando pedir na praia uma esmola de peixe para o seu sustento; ao que os bons pescadores se não oppozeram, e, como exemplares parochianos, não deixaram nunca o seu pastor sem esmola avultada.

Deu isto, porém, origem a que as necessidades, verdadeiras ou apparentes, do cabido de Braga, que via meio de se saciar, se entremostrasse, primeiro timidamente, depois apparecesse com desassombro, convertendo aquelle onus voluntario em pesado dizimo sobre o pescado, que os pobres pescadores de Varzim, apezar de terem demonstrado que era em demasia injusto, pagaram na importancia de centenas de contos de réis, e por certo ainda hoje pagariam, se em 1834 não se conseguisse firmar o throno constitucional da sr.ª D. Maria II e abolir os dizimos com que os povos eram vexados.»

Assim fica o leitor elucidado sobre as origens historicas da Povoa, que sob o regimen liberal, e não obstante ter sido sempre pouco favorecida pelos governos, tem augmentado successiva e gradualmente, a ponto de ser hoje uma das terras do norte, em que mais desenvolvido é o movimento commercial, e tambem uma d'aquellas que mais se tem materialmente aformoseado.

Visitando, porém, a Povoa, não deve o viajante preoccupar-se apenas com o bulicio alegre do seu movimento e as casas modernas, que a aformoseam; tem ainda com que prender a attenção, se quizer fazer uma rapida visita aos edificios ou estabelecimentos publicos da villa. Os *Paços do concelho,* na vasta praça do *Almada,* merecem, pela sua apparencia ma-

gestosa, o primeiro lugar, ou lugar de honra. Foram no seculo passado fundados pelo prestante cidadão, Francisco de Almada e Mendonça, que obteve de D. Maria I a necessaria provisão para esta obra aos 21 de fevereiro de 1791, visto as repartições publicas não poderem já então funccionar nos antigos paços, edificio pobre e acanhado do começo do seculo XVI, que ainda hoje póde vêr proximo da Matriz, na esquina da rua da Conceição e defronte da capella da Madre de Deus, quem deseje conhecer a Povoa antiga. Estes serviram depois muitos annos para casa de escola primaria no 1.º andar, e casa de arrobação de carnes verdes no rez-do-chão, onde estivera a cadeia. Foram em 1878 vendidos por 551$000 réis e acham-se ao presente transformados em uma taberna e pequena mercearia. O edificio actual é de fórma quadrilonga e consta de um andar nobre, com janellas rasgadas sobre arcos de cantaria, que lhes servem de peristylo e dão entrada para os diversos compartimentos terreos. Umas aguas-furtadas com bastante pé direito completam o edificio e servem para alojar objectos e archivos dependentes das repartições publicas, que todas se encontram agrupadas n'este bello edificio. Por cima da janella principal e levantadas na cimalha estão as armas reaes portuguezas, de um peso e volume monstruosos. Os paços custaram approximadamente trinta contos, o que é uma boa somma para a epocha da sua construcção. Além das repartições que ahi existem, foi tambem inaugurada em 15 de dezembro de 1880 uma bibliotheca municipal, havendo horas destinadas á leitura diurna e nocturna. Foi uma homenagem da Povoa ao grande poeta dos *Lusiadas* e por isso o seu busto se vê no lugar de honra da bibliotheca, cuja sala apresenta, como adorno, pequenos escudos elegantes com as datas mais celebres da vida de Camões. Com a inauguração d'esta bibliotheca e com a inauguração da escola primaria denominada Camões, que se acha installada em edificio expressamente construido para tal fim, junto da capella de S. José, na rua do Passeio Alegre, solemnisou a Povoa o tricentenario do poeta, dando por fórma tão brilhante um testemunho do seu alto civismo.

Como curiosidade póde o leitor entreter-se na leitura de alguns antigos documentos, entre elles o *Foral de Rates,* villa extincta, de que adiante fallaremos. Quanto ao foral da Povoa, pelo menos o que foi dado por D. Diniz, desappareceu, não se sabe em que epocha, mas tanto esse como o de D. Manuel concediam á villa muitos e grandes privilegios, que os successores do rei venturoso accrescentaram e ampliaram. A proposito vem dizer, que o foral de D. Manuel não falla no brazão de armas da villa, nem na Torre do Tombo existe o competente archivo, embora ellas se vejam pintadas em um tecto da casa da camara e figurem no estandarte

municipal da Povoa, sob a fórma por que se representam na gravura do fim d'este capitulo, a qual é copia exacta d'esse brazão. Tem por timbre em campo azul um rosario branco enfiado em cordão vermelho, com uma cruz de ouro que serve de hastea a uma ancora de prata. No oval do escudo e junto dos braços da cruz vê-se do lado direito a figura do sol e do esquerdo a lua, sendo esta prateada e aquelle dourado. O brazão é rematado por uma corôa ducal. De onde vem á Povoa este brazão não se tem averiguado com certeza, e alguns opinam que seja o primitivo de Villa do Conde, ou pelo menos, se assim não é, que fosse copiado dos escudos que adornam a fachada da egreja matriz d'aquella villa. Seja qual fôr a origem, é certo que desde tempos remotos usa a Povoa de taes armas e nunca ellas traduziriam melhor a vida d'esse povo maritimo e religioso, do que dando-lhe por symbolo a ancora e o rosario.

Poveira do campo — Desenho do natural por João de Almeida

O pelourinho que figura na gravura de pag. 233, posto indique a epocha manuelina, que foi a da regeneração da Povoa, não é o primitivo, nem occupa o mesmo lugar, apezar de ter uma configuração identica. O primeiro, menos elegante, difficultando o transito dos carros no ponto em que estava, foi, ahi por 1854, mandado demolir, servindo actualmente a sua columna de escora a uma trave de uma casa, que foi do presidente d'essa vereação, Antonio Joaquim Gomes Villar, já fallecido. Continuando a nossa visita á Povoa antiga e aos seus monumentos mais importantes podemos, seguindo a ordem chronologica, ir ao velho castello, que servia de defesa á enseada e que no lugar em que está substituiu um antigo fortim tão inutil então, como hoje o é elle proprio. Em um documento publicado nas citadas *Memorias historico-estatisticas* do sr. Brito Aranha, lê-se:

«Antes de haver esta fortaleza estava em parte do terreno d'ella um forte de terrão, com duas peças de artilheria, uma de calibre de 9, que se desprezou por inutil, outra de 12, que ainda labora: n'elle governava a camara da villa e nomeava uma pessoa d'ella, a que chamavam tenente, para a sua administração, de que ha memoria tão fresca, que todos se

lembram do filho do ultimo tenente que foi do dito forte de terrão: nomeava mais a camara um condestavel e dois homens para o fôro, que correspondiam a artilheiros, tudo ordenanças; e supprimido tudo pela ordem de se fortificar com muralha de pedra, e pela nomeação de primeiro governador, que sua magestade fez em Simão Gomes da Costa, capitão de infanteria auxiliar do partido do Porto a 7 de janeiro de 1708, a que se seguiu o governador actual, segundo na nomeação, mas primeiro depois de fortaleza defensavel.»

Principiou a construcção no tempo de D. Pedro II, a instancias do governador das armas do Porto e mestre de campo Pedro de Vasconcellos e Sousa, mas passando uma larga interrupção dos trabalhos, só no tempo de D. João V se concluiu, sendo governador das armas D. Diogo de Sousa, cujo brazão se vê na porta principal da fortaleza. Era formado por quatro baluartes com as respectivas cortinas, denominando-se da *Conceição* e *S. Francisco de Borja* os dois que davam para o mar, e de *S. José* e *S. Filippe Diogo* os que davam para terra. Actualmente está, como dissemos, inutil e desartilhado, e em tal estado de ruina, que nem o governador nem os veteranos, a quem está confiado, confiam na sua segurança, preferindo pagar o aluguer dos pobres casebres onde vivem Em compensação tem um destino pittoresco; serve para n'elle se darem corridas de touros e espectaculos de cavallinhos e acrobatas, quando não serve para curral de cabras.

Entre os edificios publicos da Povoa merece mencionar-se o *Hospital da Misericordia*, para cuja fundação o principe regente, depois D. João VI, deu em 1804 a necessaria auctorisação, a instancias da camara d'esse tempo, que lhe representou a urgencia de tal estabelecimento. Em 1809 mandava o corregedor do Porto ouvir camara, nobreza e povo sobre a pretensão referida, e em 1811 concordou-se, em sessão plena, que se contribuisse com um real em cada arratel de carne e outro em cada quartilho de vinho para as obras do hospital. N'este anno veiu a fome e a peste dizimar a população da Povoa e a camara entendeu como urgente estabelecer um hospital provisorio, o que fez aproveitando o 2.º andar dos Paços do concelho, que foi assim o primeiro hospital da Povoa. Appareceram então os graves inconvenientes d'essa installação provisoria, e representou-se ao governo ácêrca da conveniencia de estabelecer definitivamente um hospital na villa, representação a que respondeu a ordem lavrada em 1819 para se começarem as obras, que apenas sete annos depois, em 1826, principiaram, e isso graças á iniciativa dos benemeritos povoenses José Antonio Alves Anjo, João Francisco Nunes, Bernardo José da Silva e outros que contribuiram com o seu dinheiro e esforços para a

realisação d'esse utilissimo estabelecimento, a final inaugurado em 29 de julho de 1835, e desde logo povoado pelos doentes que estavam no hospital provisorio. Entrementes receando a camara a demora na redacção e approvação de estatutos, e conclusão das obras, para que não havia muitos meios, principiou em 1822 fóra da villa e ao N. da ermida da Senhora das Dôres, um albergue modesto, que não chegou a concluir, já porque o vieram embaraçar os pleitos judiciaes e falta de meios, já porque, chegando-se a 1826, principiou, como dissemos, a construcção do edificio actual, que se concluiu em 1835. Em 16 de abril de 1880 procedeu-se á edificação do 2.º andar, que até então era apenas um mirante com tres janellas de sacada para a frente e duas enfermarias para o sexo feminino, ao correr do tecto, embora devidamente estucadas e repartidas em camaratas, como foram primitivamente as do 1.º andar. Por um legado de 10:000$000 réis, deixado pelo filho da Povoa, José Caetano Calafate, fallecido em 1879, tem o hospital obrigação de asylar cinco pobres dos mais necessitados da villa, estando por isso installado este pequeno asylo no andar terreo do hospital, parte do poente. Não sabemos porquê, mas só recebe homens. O hospital está em boas condições de hygiene e os enfermos são tratados ahi com solicitude e carinho, havendo apenas entre algumas faltas a notar pobreza de instrumental cirurgico, tão necessario em um estabelecimento d'esta ordem. Má idéa teve tambem a camara em construir-lhe tão proximo o cemiterio, obra que concluiu em 1868, pois, além de ser espectaculo pouco ameno para doentes, é visinhança anti-hygienica para um hospital, se não mesmo que o é para a povoação da villa, de quem tão perto está. Reconhecendo estes inconvenientes resolveu a camara edificar um novo cemiterio, a leste do actual, junto da pequena estrada da Giesteira, e com dimensões para uma terra quatro vezes superior em população á da villa da Povoa. Está já completamente murado, sendo por isso provavel que se profane o actual. Para este campo dos mortos, adornado hoje com varios mausoleus de marmore e granito e uns cinco marcos fontenarios abastecidos pela agua do chafariz mais proximo, dá ingresso uma alamêda principiada em 1866. Além d'este chafariz, que por ensejo mencionamos, ha na Povoa mais alguns, a saber: o da rua da Bandeira; o da rua das Lavadeiras, que esteve no largo de S. Roque; o do largo de S. Sebastião, que substituiu o da praça do Almada, e tem o escudo da Villa sobre a legenda *De Varzea tenho a origem,* sendo encimado pela estatua symbolica da Povoa, uma mulher de tunica e manto, em pé, e com o braço direito apoiado sobre uma ancora; o que está proximo da capella de S. José, concluido em 1885, e por ultimo o elegante chafariz de ferro fundido, com duas taças, no centro da praça do mercado.

Esta praça foi construida em maio de 1873, anno em que tambem se inaugurou o matadouro publico no lugar de Coelheiro, proximo da *Fonte da Bica,* que antes dos mencionados chafarizes fornecia aos povoenses magnifica agua potavel e ás raparigas solteiras um meio excellente de previsão de matrimonio. Bastava para isto, que ellas atirassem uma pedrinha para dentro do nicho que remata a fonte; se a pedra cahia para dentro, era certo que se realisava o matrimonio, se cahia no chão, adeus bellos sonhos feitos sobre a mudança de estado.

Visitada a Povoa burocratica e profana, cumpre-nos vêr a Povoa religiosa, fazendo a romagem dos seus templos, egrejas ou capellas, como sejam a Misericordia, Nossa Senhora da Conceição ou Matriz, Nossa Senhora da Lapa, a das Dôres, S. Roque, Madre de Deus, Nossa Senhora de Belem, S. José, Senhor do Coelheiro ou Cruzeiro, antiga no lugar assim denominado, Senhora do Desterro, ou de Jesus Maria José, inaugurada em 9 de maio de 1880 na rua de S. Carlos, e da qual foram fundadores Carlos de Mello Pinto Cabral, já fallecido, e José Rodrigues Barbosa, que ainda hoje a administra; e por ultimo a capella particular de S. Sebastião, na rua da Egreja, pertencente ao reverendo padre Francisco Leite de Moraes, que a reedificou completamente, abrindo-a ao culto em janeiro de 1885.

Além das enumeradas existe ainda dentro da fortaleza uma pequena ermida, edificada á custa do thesouro publico e dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Tem a cathegoria de capella real, o que não obsta a que esteja muito arruinada, e já nem sequer sahe d'ahi a procissão de *Corpus Christi,* como foi uso por muitos annos, e em quanto existia a *Irmandade do Santissimo Coração de Jesus,* actualmente extincta, organisação dos padres jesuitas. Na matriz ainda ha uma irmandade ou confraria assim denominada.

«A egreja da Misericordia—lê-se nas *Memorias* citadas—que serviu de matriz até á separação de Argivae, como já dissemos, data do seculo XVI. Parece que indo no termo o seculo seguinte, e tratando-se de ampliar a egreja, ahi se descobriram vestigios de uma capella que devia existir em epocha remota, e se julga que estava sob a protecção de S. Thiago, pois a imagem d'este venerando apostolo ainda se conserva em um dos altares.

Não podendo sustentar-se esta egreja, quando se fundou a nova matriz, uma piedosa mulher, por nome Maria Fernandes, do lugar de Villa Velha, quiz no começo do seculo XVIII deixar-lhe uma parte dos seus bens, para que se applicasse á sustentação da irmandade da Misericordia (instituida pelo sr. rei D. Manuel), declarando, porém, no testamento que então

fez, que, se não tivesse a applicação desejada, seria o producto de seus haveres destinado a outras obras pias. E, de accordo com o senado da villa, se organisou regularmente a irmandade da Misericordia, que mais tarde tomou posse da egreja, aggregando-se á irmandade dos Passos, cujos fundos tambem reuniu no mesmo cofre.

A fabrica da egreja da Misericordia não se recommendava, quer no exterior, quer interiormente, por bellezas architectonicas, nem contém mo-

Povoa de Varzim: Paredão da praia, segundo um «croquis» do ex.mo sr. M. Gonçalves Vianna

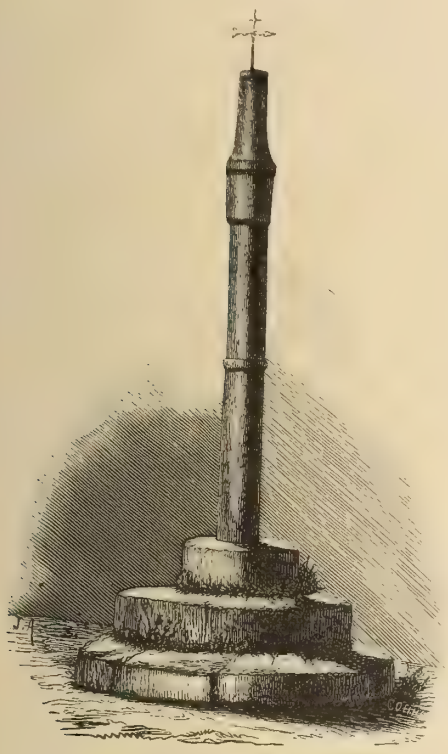
numento algum digno de commemoração especial. Depois que foi reparada, tem-n'a conservada com aceio.

Contigua ao templo estava o cemiterio da irmandade com uma pequena capella. N'este cemiterio havia o espaço sufficiente para o enterramento dos irmãos que vão fallecendo, bem como para o das pessoas que morrem no hospital. Tambem não se vêem ali construcções que devam especialisar-se.

A actual egreja matriz, onde Nossa Senhora da Conceição teve principio no anno de 1743, em virtude de uma solicitação do senado, e por provisão do sr. rei D. João V, datada de 1736, na qual concedia para esta obra as sobras das sizas e a contribuição de um real na carne e no vinho, concessão que durou, prorogada, por espaço de vinte e tres annos, ou até 1759.

Não obstante a boa vontade com que muitos dos principaes cava-

lheiros povoenses, coadjuvados pelo reverendo José Carvalho da Cunha, pozeram hombros a esta santa empreza, a edificação da matriz foi tão demorada, que só passados quatorze annos (6 de janeiro 1757) é que pôde effeituar-se a benção solemne, ceremonia a que se deu a necessaria e condigna pompa para maior regosijo de toda a povoação. Foi primeiro parocho d'esta freguezia o já mencionado reverendo padre Cunha, que prestou sempre bons serviços; porém não teve a felicidade de vêr acabada a sua egreja, porque a morte o roubára ao seu rebanho. A tão bemquisto pastor succedeu o reverendo reitor Diogo Ferreira, que foi, conforme o auctor das *Memorias,* a quem coube officiar na solemnidade da inauguração do novo templo.



Pelourinho de Rates — Desenho do natural por João de Almeida

A egreja matriz de Nossa Senhora da Conceição é de mui regular construcção e de uma só nave. Tem a simplicidade que em geral se observa em os nossos templos, onde se seguiram os preceitos da architectura da ordem toscana.

A fundação da capella da Lapa devem-n'a os povoenses a missionarios hespanhoes. Correndo o terceiro quartel do seculo XVIII, estiveram na Povoa de Varzim, bem como em outras terras do reino, uns padres franciscanos em missão, com licença do arcebispo primaz, e ahi conseguiram que alguns maritimos se associassem para erigir uma capella a Nossa Senhora da Lapa, sob cuja protecção e invocação missionavam os ditos padres. Obtida a necessaria permissão do prelado, no dia 9 de dezembro de 1770 lançou-se a primeira pedra, em conformidade com o estabelecido no ritual romano; e dois annos depois (15 de agosto 1772), estando concluidos todos os trabalhos, recebeu a capella a benção solemne.

Para este fim, os fundadores da capella se congregaram em confraria ou irmandade, cujo estatuto foi confirmado pela rainha D. Maria I, por alvará de 1791, em que esta soberana mostrava ao mesmo tempo a sua piedade e magnanimidade, declarando-se real protectora da confraria.

A capella da Lapa está proxima do mar. É de uma só nave, e con-

serva-se com limpeza, porém não se recommenda ao visitante, considerada pelo lado artistico. Os povoenses, ou poveiros, teem grande devoção com este pequeno templo, e tanta que, á custa da irmandade, ali fizeram construir um bom pharol de duas luzes de petroleo, com movimentos regulares, já para o norte, já para o sul. Serve este pharol de guia aos navegantes, e muito especialmente aos pescadores, os quaes, ou por findarem a lucta da pesca, alta noite, ou por se ter levantado o mar, teem precisão de procurar os abrigos da costa.

De todos os templos que existem na Povoa de Varzim, o que mais se recommenda ainda hoje, pela situação e pela architectura, é o que se conhece, no ponto mais alto da villa, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores.

A fundação d'esta capella é de 1768, e erigiu-se no mesmo sitio em que antigamente se via uma pequena ermida dedicada ao Senhor Jesus do Monte, com o qual os povoenses tinham muita devoção. Entre os seus mais solicitos e desvelados fundadores, contam-se os reverendos José Pedro Baptista, João Rodrigues de Sá Vieira e Thomaz Rodrigues de Sá Vieira.

A capella das Dôres é tambem concorrida, e tem irmandade com estatuto approvado desde 1769. A ornamentação e as pinturas d'esta capella estão em harmonia com o plano adoptado para toda a fabrica. Foi dotada com orgão. Tem uma elegante e agigantada torre, que se avista a grande distancia no mar, e que serve, no dizer do auctor das *Memorias,* «de balisa aos mareantes quando querem aportar na praia do seu desembarque.»

A capella de S. Roque está situada proxima da rua da Junqueira, e foi fundada, correndo o anno de 1596, por Diogo Peres de S. Pedro e sua mulher Maria Fernandes de Faria, a qual, enviuvando em 1627, vinculou os seus bens n'esta capella, passando assim aos seus descendentes.

Da capella da Madre de Deus, que se erigiu na rua do mesmo nome (actualmente rua da Egreja), quasi meiado o seculo XVI, já fallámos em uma das paginas anteriores, e ahi deixámos indicados os nomes de seus fundadores.

A capella de Nossa Senhora de Belem foi edificada em 1826 no lugar da Giesteira, e na área em outro tempo occupada por uma ermida, que se demoliu para esse fim. A benção solemne d'esta capella effeituou-se no dia 13 de agosto do mencionado anno, devendo-se tudo aos donativos e esmolas dos devotos do mesmo lugar.

A mais moderna das egrejas e capellas da Povoa (salva a indicação que fizemos ao principiar esta visita dos templos) é a de S. José, porque

data quasi do fim da primeira metade do seculo que vae decorrendo. Está situada no largo de S. José, onde outr'ora existia a rua da Ariosa, e proxima do caes ou paredão.

Foi esta edificação causa de divergencias com a irmandade da Lapa, mas que se aplanaram pela prudencia com que andou a commissão encarregada das obras, entre cujos membros se contou, ainda na primeira fileira e com o mesmo zelo e solicitude que se notára na decoração da capella das Dores, o reverendo Thomaz Rodrigues de Sá Vieira, então mui entrado em annos. Vendo este exemplar sacerdote, que a capella era já pequena para os fieis que ali se afreguezavam, tratou pouco depois de lançar os fundamentos de outro templo mais vasto, contiguo á primeira capella, o que com effeito conseguiu com diversas esmolas e pouca despeza; porém os seus esforços foram em parte infructiferos, pois que, tendo-se finado em começo das novas obras, e morrendo tambem ou desanimando os demais vogaes da commissão, os trabalhos estiveram interrompidos por muito tempo, até que a irmandade de S. José tomou a si o encargo, e as obras continuaram, mas com morosidade. Julgava-se geralmente na Povoa que, se não apparecesse outro varão tão cuidadoso e diligente como fôra o padre Thomaz de Sá Vieira, as obras, por certo, difficilmente chegariam ao seu termo.

Na rua da Praça existe ainda uma capella, porém profanada. Ignora-se quem fosse seu fundador, nem se sabe a epocha da fundação.»

De todos os templos, porém, que o leitor visitou, o mais querido do poveiro do mar é o da Senhora da Lapa ou Assumpção, sua protectora e consocia, *a nossa virgem,* como elles dizem, extremando-a de todas as outras imagens, e a quem por isso festejam com a mais luzida pompa no dia 15 de agosto.

A Senhora d'Assumpção é para o poveiro um symbolo ao mesmo tempo religioso e economico; invoca-a na sua fé, e partilha com ella os lucros da sua pesca. A Senhora tem uma *rede* nas companhas da pescada, o que lhe dá uns 700 a 800$000 réis por anno, e tem *meio quinhão* nas da sardinha, ou seja n'estas 1$200 em cada 4$800 réis do producto da venda. Em troco a Senhora, ou por ella a irmandade, que a representa, paga as despezas do pharol, paga aos homens do salva-vidas, paga as missas resadas por alma do poveiro, paga os custeios extraordinarios de uma rede que se perdeu, de um barco que naufragou, etc. É um commissario administrativo com a vantagem de os mimosear ainda em cima com o orvalho celestial e fecundissimo da fé, o que nenhum outro commissario poderia dar-lhes, mesmo pagando-lhe bem. De resto, comprehende-se que seja assim. O poveiro, na sociedade que o rodeia e o explora, não encon-

tra ideal mais bello e mais em harmonia com a sua ignorancia de analphabeto. Em creança aprendeu a tecer uma rede, a manejar um remo, a colher uma vela, a resar umas contas e a beber na taberna. Nunca lhe disseram que havia o A B C, nem elle o precisa conhecer para trazer um barco á praia, carregado de peixe. Para isto basta que o mar seja abundante, e que os olhos possam vêr os angulos dos montes, com os quaes empiricamente determina a altura da costa. Ora, quando esse mar é bonançoso e chão, como a alma jovial do pescador, um excesso de ternura dilata o seu espirito, e esse espirito não encontra no mysterioso horisonte outro fanal, que não seja-o da fé, acceso desde creança.

—Abençoada seja a Senhora, pois, que abençoou e fez produzir o mar!

Quando este se estorce nas convulsões da tempestade, quando, visto sob a impressão forte do terror, o *golpho,* ou *profundo,* como elles chamam ao mar, ameaça devorar as vidas e haveres, nos momentos de suprema angustia, em que succumbe a alma do mais forte, o poveiro tem a consolação de recorrer á misericordia da sua Virgem, o que é um vislumbre de esperança, em quanto pelo menos o pau da barca não estala.

Por isso, dissemos, nenhuma festa mais pomposa que a da Senhora d'Assumpção e nenhuma talvez tão original como ella.

Nem um só barco no mar. As companhas, dando n'esse dia ferias ao trabalho, não cuidam senão de enfeital-os, para que a Senhora ao passar processionalmente na praia possa avaliar pelos seus olhos a dedicação dos seus amigos e crentes. As flamulas e galhardetes, as bandeiras ordinarias que se alugam ou pedem de emprestimo, não bastam para o adorno das suas reforçadas catraias de pesca, typo original que o leitor vê na gravura; os lenços das esposas e das filhas, das namoradas ou das mães fluctuam ao lado dos pavilhões garridos, mas sem significação, relembrando aquelles, quantas vezes, um pequeno sacrificio, a palpitação angustiosa de um seio de mãe ou de esposa, que bateu sob a impressão pavorosa de um naufragio imminente, o delicado prazer que uma noiva sentiu, quando o seu rude namorado a brindou com essa prenda de noivo. Poetico e significativo costume, em que dois cultos se reunem, o da religião e da familia, no mesmo singelissimo altar—o coração do poveiro.

A festa de egreja é das mais luzidas, assim como na vespera á noite o são as danças, o fogo do ar e as illuminações no grande largo da Lapa. Mas, em primeira linha, está manifestamente a procissão que na tarde de 15 passa á beira-mar, e para vêr a qual concorre dos concelhos proximos uma affluencia extraordinaria de adventicios, que dão n'esse dia á Povoa uma feição altamente pittoresca. Varios andores vistosos figuram na procissão, sendo o principal, como era de prever, o da Virgem d'Assumpção,

que os poveiros conduzem, cheios de emphatica vaidade. Ao passar junto da praia, todos são voltados para o mar, e n'esta posição demoram alguns minutos, como se com tal ceremonia quizessem os pescadores supplicar aos santos, que tornem as aguas menos perigosas e mais abundantes em peixe. Então, e até que a Senhora recolhe ao seu templo, passando em frente dos numerosos barcos, embandeirados, que cobrem a praia em uma larga extensão, o enthusiasmo, sobretudo se n'esse anno foi abundante a pescaria, attinge as raias do delirio... pyrotechnico: as bombas estalam, os foguetes de tres respostas esfusiam alegremente, ardem as rodas de fogo

Catraia poveira — Desenho do natural por João de Almeida

em vertiginosos circulos, as bandeiras tremulam como que a cumprimentar na passagem a *Estrella do mar,* que deixa atraz de si uma formosa aureola de bondade. Esplendido quadro de colorido e movimento, que o sol peninsular gloriosamente illumina, fundindo no azul das aguas os raios quentes do seu oiro em fusão.

Outras festas pomposas e luzidas se fazem na Povoa para solemnisar o culto da Mãe de Deus, devendo mencionar-se entre as de mais nome a da Virgem da Dores no 1.º domingo de agosto, e da Senhora da Guia no dia 2 de fevereiro. Esta é sobretudo original por marcar na classe piscatoria a epocha dos casamentos, e a da liquidação das companhas ou partilha dos mealheiros. É o tempo então de preparar os apparelhos de pesca, de fiar ou comprar o linho, de tecer as redes, de organisar as novas companhas. Mas, como o poveiro, em terra, é de uma indolencia excepcional, o casamento vem supprir com a actividade infatigavel de uma companheira trabalhadora esse desequilibrio da vida. Casa-se, por isso, cedo, dá á noiva o dinheiro para a compra do fio e para as disposições do novo *ménage,* e não quer saber de mais nada. Ella é que trata das redes, ella é que provê ás necessidades do lar, ella é que lhe fornece a

camisola de branqueta, bordada a lã de côres, com que o leitor o vê em um costume do nosso chromo, como é ella que adquire para si a sáia de baeta crepe, redonda e farta, com que vae aos mercados ou á missa, em quanto elle no mar alto ganha pelo seu rude trabalho o negro sustento da familia.

Depois é ella tambem que uma vez, ancorado o barco, e em quanto o marido dorme sobre os bancos com os braços cruzados no peito, descarrega o peixe, trata da venda, recebe e distribue o dinheiro, estende e sécca as redes. O poveiro tem n'esse momento uma preoccupação unica —o pichel do vinho; sobraça-o, quando acorda, e vae á taberna enchel-o, para o tornar a sobraçar, quando desperta de um novo somno.

Aos sabbados, em que as mulheres tomam parte n'essas visitas, faz-se a coisa com um bocado mais de solemnidade; vão as companhas, as da sardinha especialmente, beber na taberna o quartilho ou a meia canada da tradição, segundo os lucros repartidos foram menores ou maiores. Não falta, n'este ultimo caso, a festa da viola, das conchas, dos ferrinhos; e quem passe á noite, á porta de uma taberna do bairro, ouvirá quasi sempre, entre os accordes d'essa estranha musica, a voz timbrada de alguma garganta feminina, cantando alegremente:

O meu amor foi navio
Agora é escaler,
Já foi rapaz, hoje é homem,
Só lhe falta ser mulher.

Nenhuns dias, porém, como os dos tres santos populares, Santo Antonio, S. Pedro e S. João, para conhecer e sentir a poesia d'esta originalissima colonia. S. João é o preferido, como é em toda a parte, onde se festeja o phenomeno do solsticio de verão, de que elle é o representante symbolico na lythurgia catholica.

«N'esse dia—escreve o sr. Brito Aranha—todas as classes se divertem. Nas lojas arma-se um throno com a imagem do santo, e na vespera á noite accendem-se fogueiras em frente das portas.

Vão, todavia, mais adiante os pescadores. Defronte das suas casas levantam um pinheiro verde, cujos ramos, presos ás janellas visinhas, são vistosamente embandeirados com bandeiras e lenços de côres. A este uso se refere a seguinte quadra que ali se canta:

Sentemo-nos, raparigas,
Á sombra d'este pinheiro;
Ha um anno já que esp'ramos
O S. João verdadeiro.

A pequena distancia do pinheiro accende-se uma fogueira, e em volta se compõe uma dança, que não sabemos que exista em outra terra do Minho. Chama-se a esta dança *dos solteiros,* porque n'ella só entram rapazes e raparigas, em numero de trinta ou quarenta, formando quinze ou vinte pares. Os que tem de entrar na dança vem uniformisados, assim de um como de outro sexo, e os trajos são originaes. As raparigas trazem collete encarnado e camisa branca, sem jaqueta nem roupinhas, e sáia branca; na cabeça e nos hombros lenço branco; e ou vem descalças, ou resguardam os pés em pequenas chinellas de cabedal preto. Os rapazes trajam tambem collete encarnado sobre camisa branca, calça branca, faxa encarnada a tiracollo da direita para a esquerda, cinta encarnada (e isto é para os mais garridos), chapeu de palha ou barrete vermelho posto a direito (como ás vezes se vê nos campinos do Ribatejo), e tendo enrolado um lenço branco em fórma de fita; e chinellas de cabedal amarello, quando não trazem os pés nús como as suas interessantes companheiras.

Figurae agora estes trinta ou quarenta pares em duas linhas separadas, os do sexo feminino defronte dos do masculino, avançando, pulando ora n'um, ora n'outro pé, recuando, tornando a avançar, e entoando quadras em que nos mostram desejos de que se encapelle o mar, para que não afaste d'aquelles folguedos os rapazes da villa:

Ó meu S. João Baptista,
Dae sardinha em demasia,
Mas ao vir a vossa vespera,
Mandae ao mar maresia;

ou em que procuram exaltar o santo do dia:

Alegrae-vos, raparigas,
E mais toda a nossa gente,
Que S. João está no ceu
Gozando gloria eminente.
  Raparigas, cantae victoria,
  Pois S. João está na gloria;

ou outros versos allegoricos, cujos estribilhos são repetidos em côro quando as linhas dos dançantes avançam ou recuam, e tereis feito idéa d'este singular uso dos poveiros.

O acompanhamento para taes danças e descantes compõe-se de violas, rebecas e pandeiros; e, diga-se com verdade, pelo que respeita á harmonia, nem sempre se presta culto á deusa Euterpe.

Nas vesperas de Santo Antonio e S. Pedro as festas são mais limita-

das; nem d'ellas participam todas as classes, nem se fórma a dança dos solteiros, nem se levanta e embandeira o pinheiro verde, nem se accende numero tão abundante de fogueiras.

A alegria, no entretanto, reina desafogadamente; os rapazes e as raparigas dançam e cantam ao som rouco de uma coisa a que chamam tamboril (instrumento feito de pelle de peixe esticada na bocca de algum

Hospital da Misericordia — Desenho do natural por João de Almeida

cantaro quebrado!), para testemunharem que tanto lhes valia pularem nas areias da Povoa de Varzim como nas margens de Biscaya, e que seria indifferente exaltar as virtudes de Santo Antonio na lingua dos lusos ou no idioma vasconso.

Quereis cantar, raparigas,
Uni-vos ao regimento;
P'ra festejar Santo Antonio
Não falta divertimento.
  Festejemos com alegria
  Santo Antonio n'este dia.

Ó meu padre Santo Antonio
Com o Deus Menino ao peito,
Pedi ao vosso Menino
Que nos livre do mal feito.
  Festejemos com alegria
  Santo Antonio n'este dia.

Isto é ao santo casamenteiro. Na vespera e no dia de S. Pedro ha mais enthusiasmo, sobre tudo entre os pescadores, mas ainda não é esta

a festa religiosa d'elles. A sua piedade e devoção reserva-se mais particularmente para Aquella, cuja protecção imploram no momento do perigo todos os mareantes, e que a egreja celebra no dia 15 de agosto.

Posto que se não reproduzam, como dissemos, os folguedos e divertimentos da vespera de S. João, devemos notar a circumstancia de que as quadras que se cantam na vespera de S. Pedro são, para nós, mais engraçadas. Quasi todas alludem aos labores da pesca, como as seguintes que damos para amostra:

Nas praias da Galiléa
Andava o nosso S. Pedro
A lançar a rede ao mar,
Sem ter confusão nem medo.
  Vêde, raparigas, vêde
  Como o santo lança a rede.

Andava o nosso S. Pedro
E os mais da companhia,
Já meio descoroçoados
Pela pouca pescaria.
  O peixe que a rede dava
  Nem só p'ra elles chegava.

Appareceu o Senhor
A'quella sociedade,
Mandou-lhes lançar a rede
A' direita de Deus Padre.
  A' mão direita a lançaram
  E muito peixe caçaram.

Foram-se a alar as redes,
E tanto peixe malhou,
Que só metade da rede
O barquinho carregou.
  Torce rede, eia safar,
  E a terra descarregar.

S. Pedro desde pequeno
Foi marinheiro do mar,
E agora já tem as chaves
Do paraizo real.

A quem daremos as chaves
Da nossa embarcação?
Dál-as-hemos a S. Pedro,
Que nol-as traga na mão.
  Festejemos com alegria
  A S. Pedro n'este dia.

O sr. Ramalho Ortigão, traçando a physionomia sympathica do pescador poveiro, escreve estas brilhantes paginas:

«O poveiro constitue uma raça perfeitamente especial na população do nosso littoral. Inteiramente differente dos typos gregos, finos, magros, elegantes, de perfis aquilinos, dos varinos, dos celebres pescadores de Ovar e de Olhão, o poveiro tem o typo saxonio. É ruivo, de olhos claros, largos hombros, peito athletico, pernas e braços herculeos. As feições são arredondadas e duras. As boccas dos velhos quando perdem os dentes alargam-se extremamente na direcção das orelhas e dão-lhes ao perfil uma certa similhança com os jacarés. Teem uma força prodigiosa. Ha tempos um poveiro ainda moço foi capturado em consequencia de um pequeno disturbio n'uma taberna. Mettido pela primeira vez da sua vida na cadeia, onde devia passar vinte e quatro horas, sentiu uma saudade irresistivel da liberdade e fez o seguinte: agarrou a grade com os seus fortes pulsos, arredou um dos varões de ferro para um lado, arredou o outro para o lado opposto, e pelo espaço aberto foi-se embora para casa.

Eu mesmo conheço um já velho, que o vicio da embriaguez fez expulsar successivamente de todas as companhas. Um amigo meu, José Falcão, deu-lhe um bote e umas redes. Elle só, constitue a tripulação d'este barco; elle só, lança e recolhe as redes; elle só, dirige a embarcação no mar alto; elle só, á força de remos, a arranca da praia e lança ao mar nos dias em que a maré rebenta com mais impeto na costa. Quando vae embriagado para o mar, o que muitas vezes lhe succede, chora de enthusiasmo no meio da borrasca e faz discursos patheticos ao oceano. Os seus confrades teem-o visto só no meio dos vagalhões, em pé na sua pequena barca, bater no peito nú e hirsuto com o punho cerrado e exclamar trovejantemente:—Eh! mar!... aqui agora é nós dois, tu e eu! Tu com as tuas ondas, eu com os meus protectores: Deus e o sôr José Falcão!

Quando o mar se levanta repentinamente, todos os barcos ancorados na praia são varados na areia á força de braços por homens e mulheres. As embarcações, grandes lanchas algumas d'ellas, são encalhadas a remos. Uma vez na areia homens e mulheres, mettidos na agua até á cinta, encostam o hombro ao barco e fazem-o subir na praia até dez ou quinze metros acima da lingua da maré. É n'estes duros exercicios que se póde apreciar a extraordinaria força muscular d'esta raça privilegiada. Velhos de sessenta a oitenta annos, de cabellos brancos e duros cahidos na testa, a camisa desabotoada, o peito mordido pelo sol e pelo vento do mar, a pelle vermelha, dourada, com reflexos metallicos como uma folha de vinha no outono, acocoram-se debaixo da pôpa de uma lancha, fincam os pés na areia e impellem com as costas, desenvolvendo a maior força de que póde dispôr a columna vertebral, um peso de esmagar um homem vulgar. N'essas attitudes, com as claviculas descobertas, os braços e as

pernas nuas, de uma riqueza, de uma amplidão, de uma perfeição muscular que eguala as mais vigorosas anatomias de Miguel Angelo, os poveiros são verdadeiramente bellos, de uma belleza titanica.

O traje de que usam contribue para fazer realçar o aspecto da sua forte corpulencia. De uma especie de grossa flanella branca, fabricada na Covilhã e chamada *branqueta,* trazem umas amplas pantalonas largas até o bico do pé, camisa egual, cinta de lã preta, barrete encarnado, de grande manga, cahido quasi até á cinta, e, lançado ao hombro, um jaquetão de grosso panno azul, que se não veste senão quando chove. Nada mais simples, mais confortavel e mais commodo para um homem do mar.

Para os trabalhos da pesca arregaçam as mangas até o hombro, arregaçam as calças até o alto da perna, e ficam quasi nús como os athletas.

Muitos são condecorados pelos assombrosos actos de dedicação e de bravura, praticados no mar em serviço dos seus similhantes. Nenhum d'elles traz a medalha na camisola ou na jaqueta. A condecoração, que elles estimam como uma lembrança querida e solemne, trazem-a pendente do pescoço, escondida, junto da pelle, sobre o coração.

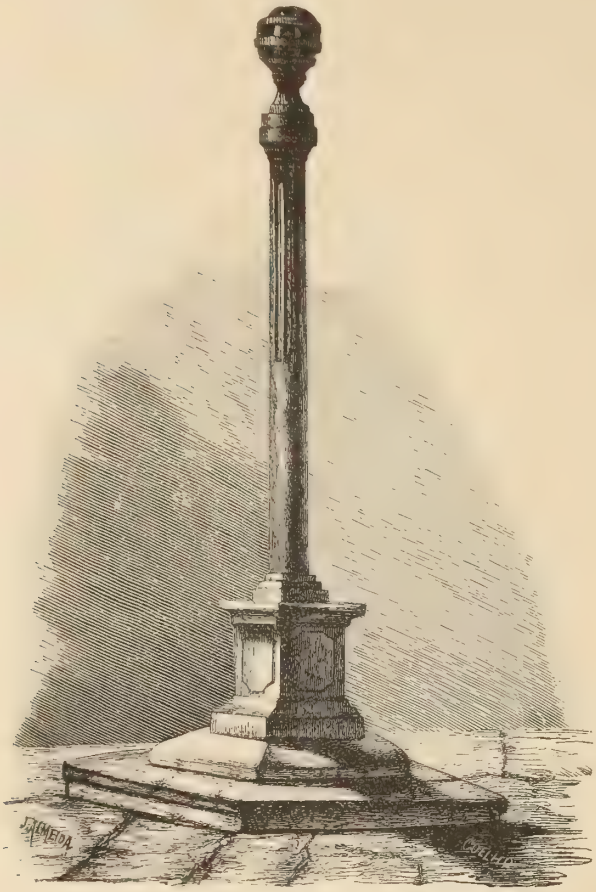
Os trabalhos do mar são aqui perigosissimos. Na costa, inteiramente descoberta e nua, ha apenas um pequeno abrigo feito por um quebra-mar *não concluido.* Dobrar a ponta do quebra-mar e recolher no abrigo é de um perigo eminente apenas o mar se encrespa. Logo que uma lancha está em perigo, as mulheres dos tripulantes veem á praia e pedem em gritos dilacerantes aos santos seus conhecidos que salvem a embarcação. Se o perigo continúa, se os santos se não apressam a salvar os maridos, os paes e os irmãos d'aquellas boas mulheres, ellas accordam os santos que estão em uma capella proxima, partindo-lhes as vidraças e enchendo de pedradas o templo. Emquanto a lancha em crise se não vira, os pescadores que estão na praia desembarcando as suas redes ou varando os seus barcos são absolutamente indifferentes ao alarido lacrimoso das mulheres e ao espectaculo do naufragio eminente. Aquillo mesmo foi o que lhes succedeu a elles na vespera e é o que os espera no outro dia. Virada a lancha, correm então ao *salva-vidas* e todos se prestam a partir immediatamente em auxilio dos seus companheiros.

De uma ignorancia pyramidal, é rarissimo aquelle que sabe syllabar. Nenhum sabe escrever. Na administração do concelho perguntaram a um que ali tinha ido saber se o filho estava recenseado e como se chamava o filho; elle pediu que o esperassem um momento e foi n'uma corrida a casa perguntar como o filho se chamava. Pela sua parte, nunca lhe tinha chamado senão unicamente *filho.*

São naturalmente bons, dedicados, reconhecidos, doceis como mu-

lheres. Com uma palavra e com um sorriso, uma creança leva-os por uma orelha para onde quizer, para a taberna ou para a morte.

Não usam faca. Nas suas questões pessoaes batem-se ao pugilato. Nas questões de companha para companha batem-se no alto mar á pedrada. Nos motins em terra lançam mão da primeira arma que o acaso lhes ministra e tudo é arma nas mãos d'elles. Um dia, em 1846, constou-lhes que a camara municipal, reunida em vereação, estava tratando de lhes lançar um novo tributo. Vieram alguns á praça em que estavam os paços do concelho, arrancaram os estadulhos dos carros que estão no mercado, subiram á casa da municipalidade, e tudo quanto lá estava dentro, vereadores, auctoridades administrativas, policia, fisco, saltaram pelas janellas á rua. No dia immediato chegava á Povoa um regimento para suffocar a anarchia. Os pescadores que teem ás armas de fogo um terror de selvagens, apenas lhes constou esta noticia, desamarraram de noite os seus barcos, fugiram para o mar, e durante muitos dias nem um unico appareceu. Se o regimento não retirasse seria de receiar que nunca mais voltassem a terra.



Pelourinho da Povoa — Desenho do natural por João de Almeida

É incomparavel e unica a aversão do poveiro ao serviço militar. O modo como elles conseguem evadir-se ao pagamento do tributo de sangue merece referir-se.

Effectuados na Povoa os trabalhos do recenseamento militar e do recrutamento subsequente sem que um só poveiro se tenha apresentado perante as convocações da auctoridade, um, dois, tres ou quatro beleguins acompanhados do respectivo escrivão apresentam-se no bairro dos pescadores a requisitar os refractarios. Apenas os representantes dos poderes

publicos penetram no bairro da pesca, um signal dado pela primeira pessoa que os avista, um velho, uma creança, uma mulher, põe de sobreaviso toda a visinhança. Se os pescadores estão a essa hora no mar não apparecem senão mulheres, as quaes declaram todas, contestes, que nunca ouviram fallar nos nomes dos refractarios a que a auctoridade se refere. Se os pescadores estão em terra, apparecem todos ás suas portas. Todos teem os mesmos typos physionomicos, todos teem o mesmo vestuario, o grande gorro encarnado ou preto, a larga calça e a camisa de branqueta ou a camisola justa com um coração e uma cruz bordada no peito, e umas armas de Portugal com a respectiva corôa bordadas no braço direito. Principia então o inquerito do refractario.

—Onde mora aqui João das Pragas, filho de José, o Russo?

O primeiro dos pescadores a quem se dirige esta pergunta retira o seu cachimbo de gesso do canto da bocca e diz:

—O João?

—Sim, senhor.

—O João das Pragas?

—Sim, senhor.

—O filho do Russo?

—Sim, senhor.

—Conheci muito bem. Esse rapaz morreu.

—Morreu? Mas do livro dos obitos da freguezia não consta que elle tenha fallecido.

—Pois póde mandar plantar no livro, que morreu. A gente não estamos lá no livro, porque a gente quando morremos não morremos cá na freguezia. A gente morremos no mar.

Passa-se a interrogar o segundo poveiro, que dá exactamente a resposta que deu o primeiro; o terceiro responde como o primeiro e o segundo; e assim por deante, successivamente, a mesma resposta invariavel, até não haver mais poveiros que inquirir.

Outro refractario: Manuel Forte, filho de Joaquim da Rita.

—Está intimado para declarar terminantemente sob pena de cadeia onde pára este mancebo.

—O Manuel? O Manuel Forte? O filho do Joaquim da Rita? Conheci-o muito bem! Até parece que ainda o estou a vêr! Esse rapaz está ali defronte...

—Onde?

—No fundo do mar.

É a evasiva consagrada, a resposta sabida e constante: todo o mancebo recenseado morreu.

Deante das requisições da auctoridade não ha entre os pescadores inimigos nem indifferentes, protegem-se todos dedicadamente perante o inimigo commum. É uma alliança indissoluvel e invencivel. Todos os esforços são inuteis para a combater. Violados no seu bairro, os pescadores fogem para a praia. Ahi a perseguição é perigosissima para quem a intenta. Se um official de justiça ousasse apparecer na praia seria infallivelmente morto debaixo da mais densa chuva de pedras, de fisgas, de harpões. Em ultimo recurso embarcam. Assim a Povoa não dá um unico homem para o recrutamento maritimo, o que prova que quando tres mil e quinhentos homens reunidos não querem uma coisa, é impossivel obrigal-os áquillo que elles não querem.»

Ao retrato desenhado com traços tão seguros nenhum toque poderia a nossa penna accrescentar, se não fôra o ter de corrigir uma affirmação que ahi e em outros livros temos visto ácerca da superstição das mulheres poveiras. Não é verdade, que nas occasiões de temporal, e quando imploram o santo ou santos da sua devoção, partam as vidraças dos templos e corram as imagens á pedra, se porventura o milagre pedido se demora. Enchendo de gritos dilacerantes a praia, por que vêem no mar os filhos, os paes, ou os esposos em lucta com a procella e sob a imminencia de uma catastrophe medonha, as pobres mulheres não fazem mais do que exprimir a angustia do seu coração e n'esse estado é com supplicas que se dirigem ao ceu e não com imprecações. Assim as do bairro de S. José vão para a porta da capella d'este santo, e dizem: «S. José, governae-os! S. José, ponde-vos ao leme! S. José, conduzi-os para terra a salvamento!» As do bairro da Lapa, defronte da entrada da barra, onde o perigo é mais imminente, clamam: «Senhora da Lapa de Fóra (imagem que está no exterior do templo), trazei-os em boa hora! Senhora da Lapa de Dentro (imagem que está no altar-mór), trazei-os a salvamento! Mãe de Deus, soccorrei-os! Mãe de Deus, valei-lhes! Chagas abertas, coração ferido, sangue do meu Senhor Jesus Christo, ponde-vos entre elles e o perigo!»

Momentos angustiosos esses, mas tambem de rasgado heroismo, em que a mulher chora, e o homem vae, cheio de abnegação e de coragem, arriscar a vida pela vida do seu similhante. D'estes bravos conta a Povoa uma legião dedicada e sublime, onde fulgem nomes como o do fallecido José Rodrigues Maio, em cujo peito brilhavam a Torre Espada e outras condecorações, não bastantes ainda assim para honrar o nome d'esse velho intrepido e generoso, que roubou ao mar dezenas de vidas ameaçadas, jogando serenamente a sua.

E, deve dizer-se desassombradamente, não seriam tantas as catastro-

phes, nem tão numerosos os sacrificios, se os governos correspondessem com a solicitude que lhes impõe a energia d'esse povo trabalhador, ás suas bem modestas aspirações de melhoramentos na costa.

Desde muito se clama por um porto de abrigo que possa garantir a vida e a fazenda do pescador, mas até hoje a incuria dos governos não tem attendido a essas reclamações justissimas. O *quebra-mar,* ou doca, projectado e começado em fins do seculo XVIII pelo grande benemerito da Povoa, D. Francisco de Almada e Mendonça, está ainda por concluir, senão arruinado, apezar de ter decorrido quasi um seculo, e apezar das promessas dos ministros, dos influentes locaes, e até do proprio rei, quando visitou esta formosa praia em 1872.

Contribue largamente a Povoa para o Estado, e justa seria por isso a reciprocidade dos serviços d'este para com ella; mas os dias succedem aos dias, e os melhoramentos teem-se reduzido á unica installação de um barco salva-vidas, a cujo patrão paga o estado 360 réis — como benesse — visto que os tripulantes do barco são, em caso de perigo, mas gratuitamente, os valentes pescadores poveiros.

E todavia parece que não seriam muito dispendiosos taes melhoramentos, attendendo a que a natureza vem por sua parte auxiliar o esforço e o trabalho do homem. É o que já se põe em relevo no seguinte documento de um manuscripto inedito do seculo passado, que passamos a transcrever das *Memorias historicas:*

«Ha n'esta villa uma das melhores enseadas d'este reino; a natureza, por disposição do Auctor d'ella, a formou, e se a arte, por mandato do rei e senhor, a aperfeiçoasse, seria uma maravilha da Europa: fórma-se esta enseada pela parte do norte ao noroeste por uma natural subsequente carreira de penedos, que tem varias denominações, chamando-se os que topam na areia *Pedra do Canto dos Barcos,* e seguem-se para o mar a *Curva Grande, Curva Pequena, Insua Grande, Insua Pequena;* e é a ultima que por esta parte fica descoberta ao pé da bocca da entrada, a que os nacionaes chamam *barra:* pela parte do sul tem outra similhante carreira de salitrosos penedos, tambem variamente chamados: os primeiros, do pé da areia, *Pedras do Cabedello,* e d'elle para o mar *Movelha,* e um grande lagido chamado *Extramundes,* que fica alguma coisa para o sul da dita Movelha, da qual até a Insua Pequena sobredita é a bocca chamada *barra.*

Tem esta barra um baixo de pedras, chamadas *Leixão,* que nunca descobrem, e d'ellas para a dita Insua Pequena está um caneiro, ou barrete, porque algumas vezes, com o mar tranquillo, entram e sahem os barcos ou lanchas d'este porto: do dito baixo de Leixão até a pedra de Movelha é a rigorosa e verdadeira barra da entrada, a qual tem de largo 48

braças da marinha, e cinco de alto, sem baixo ou banco algum: tem de alto a dita enseada até o meio as mesmas 5 braças, e ao terço da largura, contando da barra, faz 2 ½ braças, e assim vem diminuindo até acabar na areia.

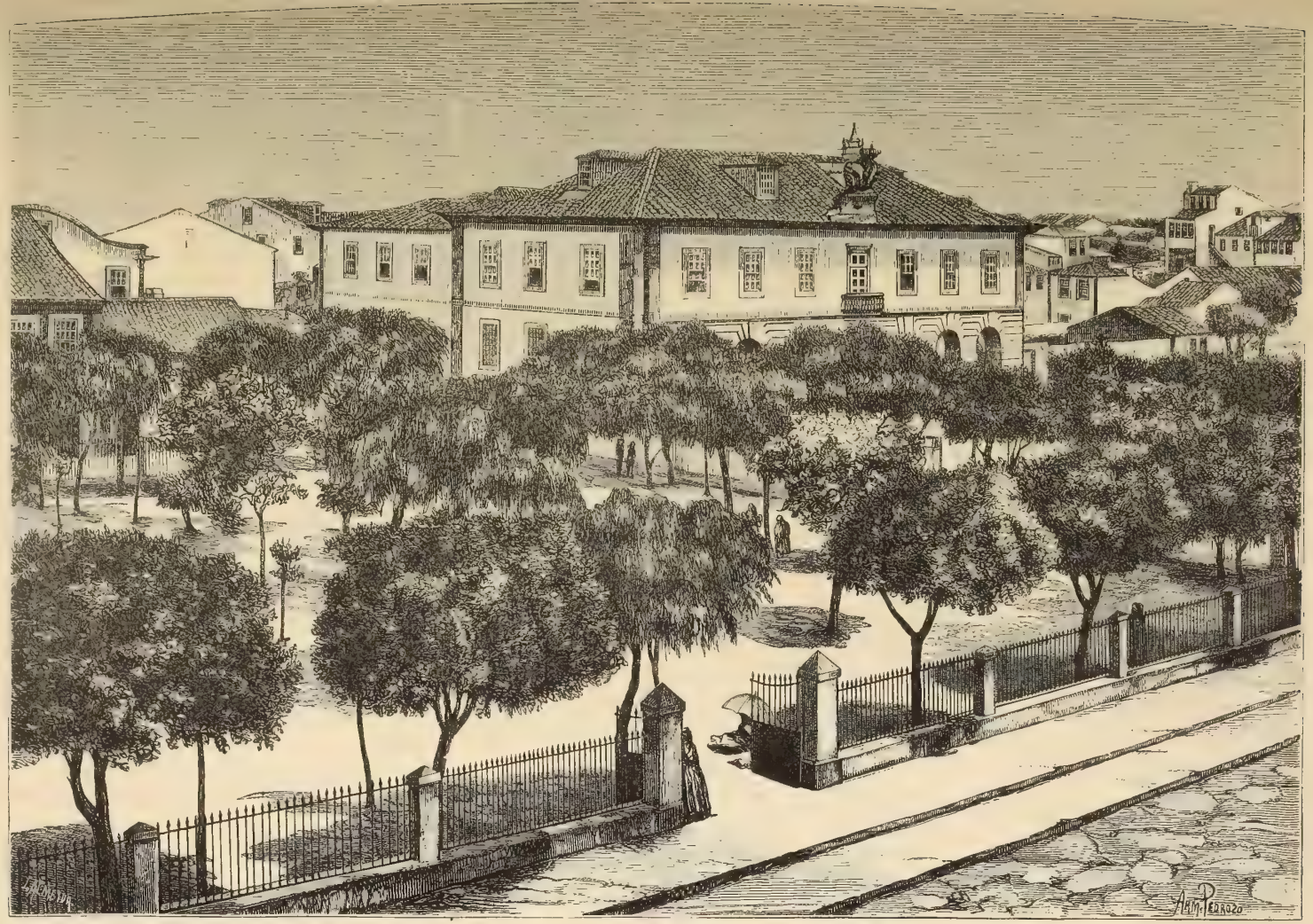
Tem no meio da enseada, da areia até á barra, de leste a oeste, 260 braças da marinha. As duas sobreditas correntes de penedos, a de noroeste mette no mar a ponta para o sul, e vem inclinada para o norte a topar em terra: a do sul, começando em terra, inclina até a ponta do mar para o noroeste, com cuja figura vem a fazer um bolso, que na areia faz quasi como meio circulo; e tem da pedra dos Barcos ás do Cabedello 370 braças da marinha de comprido pela areia a borda da agua; e por esta ajustada sonda, que se diz, e se lhe tomou, se inferirá as embarcações de alto bordo que póde admittir; assim tivera formados sobre os naturaes alicerces uns artificiaes impeditivos de que quebrasse o mar no bolso da enseada, dentro da qual tem só ao pé da areia, ao meio da distancia sobredita de 370 braças, umas pedras a que chamam a *Caverneira,* e logo no pé para o sul outra chamada o *Seixo.*

Ao pé da carreira de penedos que ficam da parte do norte se acham seguindo mais pela areia outros penedos, como: *Lagido, Lava Tripas, Furado Pequeno, Furado Grande,* e as *Madres,* que são duas pedras, em uma das quaes, que é a da parte do sul, está uma marca para signal que ali acaba o termo d'esta villa, e com elle a jurisdicção do governo das armas e corregedor da comarca do Porto: e na outra, que é a do norte, está a marca do termo de Barcellos, que ali principia, e com a sua comarca o governo do general do Minho.

N'esta enseada se fez a nau da invocação de *Nossa Senhora de Guadalupe,*[1] que foi a nau de guerra na recuperação de Pernambuco, como se expõe na resposta decima oitava. Na mesma enseada entravam e sahiam antigamente navios. Pelo anno de 1547 achamos visitas feitas n'esta enseada em navios pelo guarda-mór Gonçalo Annes Cadilhe, especialmente em um vindo de Inglaterra. Consta de papeis, que vimos em poder de particulares d'esta villa, que a nau sobredita *Nossa Senhora de Guadalupe,* vindo de commerciar em Angola, aportára n'esta enseada.»

Mais poderia dizer-se da Povoa como villa ou praia, ou ainda como

[1] Esta nau de Nossa Senhora de Guadalupe foi, segundo consta de memorias escriptas, mandada construir pelos negociantes da Povoa, que n'isso mostraram o seu acrisolado patriotismo. O commandante d'esta nau era Diogo Dias, de S. Pedro, d'aqui natural, e tão bizarro no seu procedimento, que não só não quiz acceitar do governo gratificação alguma, mas ainda pagou do seu bolso aos tripulantes do navio. O piloto-mór da armada, Diogo Cardia, que foi no primeiro quartel do seculo XVII combater os hollandezes no Brazil, era tambem natural da Povoa e teve sepultura na egreja da Misericordia, quando esta era matriz.



POVOA DE VARZIM: PRAÇA DO ALMADA E PAÇOS DO CONCELHO

habitat d'essa colonia sympathica e numerosa, que procura no mar a sua unica industria. Os traços geraes estão, porém, esboçados, e muito naturalmente o leitor deseja vêr tambem a Povoa que não pesca, nem vae á roleta, mas que nos formosos campos dos arredores vive laboriosamente do trabalho.

É essa, pois, que vamos visitar, emprehendendo umas tres digressões faceis e commodas pelas estradas que partem da villa.

*
* *

Seguindo a estrada real n.º 31 que se dirige a Barcellos, ou seguindo directamente a estrada de Avelomar, encontramos, tres kilometros ao norte, a freguezia de *AMORIM,* em cujo territorio passa a estrada municipal para Fão, cortando entre outras aldeias a de Avelomar, ou A-ver-o-mar, onde nasceu o distincto poeta, e amigo intimo de Almeida Garret, Francisco Gomes de Amorim, nome de que a Povoa se orgulha justamente e a que tributou publica homenagem, mandando não só collocar na casa, em que o poeta nasceu, uma lapide commemorativa, como ainda resolvendo em 6 de dezembro de 1886, que a nova escola de instrucção primaria creada no bairro sul da villa se denominasse *Escola Gomes de Amorim,* emquanto possivel não fosse estabelecer uma na propria casa em que o poeta nasceu, lembrança que este, commovido pelo honroso testemunho dos seus patricios, suggerira á illustrada vereação do concelho em carta publicada no jornal *As Republicas* (2.ª serie, n.º 45).

A lapide diz o seguinte:

AOS 13 D'AGOSTO
DE 1827
NASCEU N'ESTA CASA
FRANCISCO GOMES D'AMORIM.
É UMA DAS GLORIAS D'ESTA ALDEIA,
D'ESTE CONCELHO E D'ESTE INFELIZ E
VELHO PORTUGAL.
EM HOMENAGEM Á HONRADEZ,
AO TALENTO E AO RENOME CONQUISTADO
PELO ESTUDO E PELO SABER,
EM SESSÃO DE 5 D'OUTUBRO DE 1885,
A CAMARA MUNICIPAL D'ESTE CONCELHO
MANDOU COLLOCAR AQUI
ESTA LAPIDE COM-
MEMORATIVA.

A formosa aldeia Avelomar é descripta pelo poeta, nos termos que seguem, em carta dirigida ao ex.mo sr. Brito Aranha:

«*Avelomar* é uma aldeia sentada á beira do oceano, em formosa e extensa planicie, meia legua ao norte da Povoa de Varzim. Creio que terá hoje uns dois mil habitantes, pouco mais ou menos, e pertence á freguezia de Santiago d'Amorim.

São ferteis os seus campos, cortados de muitos riachos, e povoados de numerosas fontes, que com suas aguas puras facilitam as regas dos milhos, quando a sécca não inutilisa tudo, como aconteceu este anno. A gente da terra é laboriosa, sobria, de optimos costumes e sentimentos; os crimes são ali tão raros, que eu tive verdadeiro espanto lendo ha dias n'um jornal, que no lugar de Cadilhe, proximo de Avelomar, tinha sido morto um rapaz pelo dono de um jumento em que elle montára! A cultura das terras occupa, em geral, a população da aldeia; ha, comtudo, alguns habitantes que se dedicam aos trabalhos do mar: pesca, viagens commerciaes, e apanha do argaço ou sargaço—planta marinha de muitas variedades, que desde tempos immemoriaes se applica á engorda dos campos de todo o baixo Minho. E comtudo os jornaes de Lisboa noticiaram, no anno passado, ter sido descoberto por um sabio francez moderno o emprego d'este estrume!

Não é raro aventurarem-se os avelomarenses ás viagens mais longinquas; e muitos vão morrer ao Brazil e á India, em busca das riquezas, que poucas vezes encontram. Alguns, poucos, teem voltado com sufficientes meios para melhorarem as casas em que nasceram; mas, quando chegam, encontram já mortos pae, mãe, e os principaes parentes, de modo que, ou tornam para os paizes d'onde vieram ricos, ou vão edificar casas na Povoa ou no Porto. Comtudo, apezar de pouco ter progredido, a aldeia possue já algumas casas soffriveis, um palacete, e houve um habitante assás arrojado para deitar carrinho! A estrada da Povoa para Avelomar é pessima; projecta-se, porém, fazer outra que vá até Vianna, e que dará á localidade uma vida nova.

Na aldeia ha uma capella sob a invocação de Nossa Senhora das Neves, e outra, ao norte da povoação, situada n'um areial e dedicada a Santo André.

Não posso dizer-lhe em que tempo foi fundada a aldeia, porque o padre Cardoso, unico auctor, que eu saiba, que se refere a ella no seu Diccionario, nada diz a tal respeito. É de presumir que seja de antiga fundação, pelo nome que tem, e por outros de varios lugares circumvisinhos, e até pelos de alguns sitios da mesma aldeia, taes como *Finisterra,* que o vulgo converteu em *Fisterra* ou *Finsterra,* Perolinha, Largo do Paço, Ca-

valleira, etc. etc. Estas denominações parecem dar-lhe fóros de fidalga e incontestavel antiguidade; nunca pude averiguar d'onde lhe provinham, mas penso que devem ter relação com a historia de um fidalgo gallego, que em tempo de D. João I se passou a Portugal e foi, por serviços feitos ao rei e ao reino, creado conde de Amorim, que era o seu appellido.

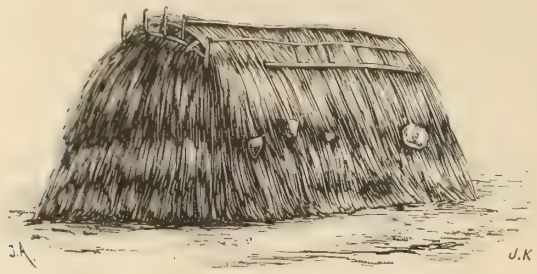
É provavel que sendo Avelomar um dos mais formosos lugares da freguezia de Amorim, merecesse então as honras de que o novo fidalgo edificasse n'ella o seu solar e ali residisse. Não sei se estas conjecturas terão algum valor?... Em historia, não se podem admittir probabilidades; e eu não quero arriscar-me a fazer um romance ridiculo, com o fim de ennobrecer a minha terra. Sei que as casas da Louzã ou de Cavalleiros teem por ali muitos fóros e não me occorreu nunca averiguar se ellas teriam parentesco com os antigos condes de Amorim; mas penso que não, porque esta familia se extinguiu, e o titulo acabou ha muito, segundo creio. Pela minha parece-me poder affirmar, que, apezar do meu appellido, usado tambem por meu pae e meu avô paterno, que o herdou não sei de quem nem como, não tenho a honra de descender dos illustres condes de Amorim, pela simples razão de que não tenho solar nem dinheiro para o fazer.

Desculpe-me tomar-lhe tanto tempo para dizer tão pouco. Avelomar daria um soffrivel artigo a quem estivesse em melhores circumstancias de saude do que estou, e por isso vou concluir.

O milho, o centeio e o linho são as principaes culturas a que se entregam os habitantes. Ha ali magnificas pastagens e já lá chegou tambem a industria de engordar bois para vender aos inglezes. As arvores de fructa são raras, porque se não cuida em as cultivar; apenas se encontram algumas figueiras, pereiras e macieiras nos quintaes; ha odio ás arvores de sombra, porque todo o sol parece pouco áquelles povos para lhes puchar pelas sementeiras! e parece-me que é Avelomar a aldeia do Minho menos arborisada de todas! Em compensação tem o mar á porta e mettem-se a elle de verão e de inverno, tirando de lá a maior parte do seu alimento, em peixe, e quasi todo o alimento dos seus campos em argaço.»

De Avelomar a Mão Pedrosa ha ainda um pequeno lanço de estrada, findo o qual se encontra, proximo da estrada de Fão, a freguezia de *NAVAES,* ou *Nabaes,* nome cuja etymologia me parece difficil apurar, embora o padre Carvalho a aponte como Nabaes e Pinho Leal filie o nome na abundancia dos nabos que ahi se cultivam. A troca do *v* e do *b* é tão vulgar na provincia e a situação de Navaes á beira-mar presta-se tanto a uma origem maritima, que eu, francamente, não sei se deva optar pelo navio se pelo nabo, tanto mais que a opinião n'este ultimo sentido tem por si o ter sido a freguezia vigararia das freiras de Villa do Conde, que tal-

vez d'ahi recebessem a succulenta raiz... Adiante assenta proximo do leito da mesma estrada a freguezia de *ESTELLA,* verdadeira estrella do mar, que uma onda caprichosa veiu talvez depositar no fofo leito da praia, se é que a historia grave não affirma que o nome lhe vem antes de uma Estella, a quem estes terrenos pertenceram, antes de terem sido do conde D. Mendo Paes Roufinho e seu filho Hermenegildo, que venderam esta freguezia de Estella a D. Mendo, terceiro abbade de Tibães, por 25 morabitinos (moeda equivalente a 400 réis da nossa moeda). Depois d'isso D. Affonso Henriques, em 1133, coutou esta freguezia por 600 alqueires de pão, que lhe deram os frades de Tibães. As medas de palha que se representam n'esta pagina formam o typo original das que em Estella e outras aldeias da beira-mar encontramos, tanto n'este concelho como no visinho de Espozende.



Medas de palha

*

* *

O caminho de ferro da Povoa a Famalicão, seguindo por algum tempo quasi parallelo á estrada de Barcellos, permitte-nos conhecer a varzea fertilissima e extensa, onde assentam as mais importantes povoações ruraes do concelho.

Quasi ao sahir da gare fica-nos á direita *BEIRIZ,* que pertence á Povoa desde 1853, e de cujas aldeias é o costume d'essa poveira do campo, que o leitor vê representada na gravura de pag. 224, tal como veiu ostentar na villa a sua saia de baeta crepe lançada em fórma de capa sobre os hombros. Á esquerda apparece *TERROSO,* antiga freguezia de S. Miguel, outros dizem de Santa Maria de Terroso, e lugar onde, segundo Carvalho, houve uma antiga cidade assim denominada, «a qual parece que existia e ao menos conservava o nome, reinando o Conde Dom Henrique no anno de 1106, em que a vinte de Julho Guterre Soares fez huma doação á Sé de Braga, vivendo o Primaz S. Giraldo, de huma quinta no lugar de Margatanes, visinho desta Cidade.» Nenhum vestigio do lugar nem da cidade encontra hoje o leitor, e muito menos correndo, como vae, com a velocidade do comboyo, que pára já em *Amorim,* nossa conhecida de ha pouco, assim como a povoação de Avelomar, que além se vê, re-

flectindo na alvinitente brancura dos seus casaes a alegria da luz, que a innunda gloriosamente.

Quatro kilometros adiante pára-se na estação de *LAUNDOS,* de um movimento pittoresco nos dias 7 e 8 de setembro, em que se vae para a grande romaria das Necessidades. A egreja matriz de Laundos vê-se proximo entre os pinheiraes que a rodeiam. Assenta a povoação na encosta da montanha, cuja crista se vê estrellada por uns cinco moinhos de vento e coroada por um marco geodesico. É facil a ascensão e admiravel a vista que do alto se disfructa. Descobre-se Villa do Conde e a Povoa e quasi toda a beira-mar até Vianna. Ao sul ondeia o Ave através dos meandros, que lhe formam as margens feiticeiras; ao norte corre o Cavado por entre densas florestas de pinheiros. A montanha, a que chamam de S. Pero Fins, ou S. Felix, da capella assim designada, toma o nome d'esse primeiro eremita christão, que, segundo a tradição, achou o corpo do arcebispo S. Pedro de Rates, martyrisado pelos romanos no anno 45, no lugar onde hoje é a egreja de *RATES,* a poucos metros da estação d'este nome, na via ferrea que vamos percorrendo.

Foi Rates villa da antiga comarca de Barcellos e ainda o seu foral, dado por D. Manuel em Lisboa a 4 de setembro de 1517, póde lêr-se, como em outra parte dissemos, no archivo da camara da Povoa de Varzim. Mas incontestavelmente vão muito além d'esse periodo as origens da antiga villa, havendo todas as probabilidades de que seja anterior ao tempo dos romanos. O nome, segundo alguns escriptores, vem-lhe da palavra latina *Rates,* que significa *naus,* dizendo-se que o mar chegava aqui por um esteiro ou canal, de que parece existirem ainda alguns vestigios. Accrescenta-se tambem, que era no tempo do imperio um pequeno nucleo christão, designando o gentio os seus moradores com o nome de *Ratinhos,* hoje dado indistinctamente nas provincias do sul aos trabalhadores que vão d'aqui e de outras terras para as grandes ceifas do Alemtejo, ainda que, segundo Carvalho, «querem outros que se derivasse tal nome dos fecundos partos das mulheres d'esta Provincia, de que se tem em tão breves annos povoado quasi todas as mais Provincias do Reyno, etc.»

Certo é que as reliquias de Rates, de que adiante fallaremos, são consideradas milagrosas para as mulheres em trabalho de parto, e que, no Minho pelo menos, existe um annexim que compara as mulheres fecundas com as femeas dos ratos, dizendo-se quando as creanças teem pouca differença de edade: *são miudas como ratos.*

A matriz de Rates, talvez a primeira christã da peninsula, se dermos credito a todos os antigos escriptores, foi fundada pelo virtuoso varão Pedro, d'aqui natural, convertido ao christianismo pelo apostolo Thiago, e

por este sagrado primeiro bispo da peninsula, facto em que a egreja de Braga funda a sua primazia sobre todas as egrejas da peninsula. Este S. Pedro, de Rates, foi o que depois sagrou os primeiros bispos do Porto, Coimbra, Lisboa, Iria Flavia (hoje Padrão na Galliza) e Orense, e, segundo consta, estabeleceu aqui em Rates um mosteiro de anachoretas, que ainda em 716 existia, sendo então destruido pelos sarracenos. Fugindo de Braga á perseguição de um regulo, cuja filha havia curado da lepra, veiu Pedro refugiar-se na sua terra, onde não conseguiu escapar, sendo no anno 45 martyrisado, e tendo por primeira sepultura as ruinas da egreja que n'este sitio fundára. Ahi o veiu procurar dias depois o eremita Felix, dando-lhe sepultura em sagrado, até que foi reedificada a egreja, da qual foi no tempo do arcebispo D. Fr. Balthazar Limpo transferido com toda a pompa para o tumulo que tem na Sé de Braga, não sem ter deixado, como recordação posthuma, á terra que lhe foi berço, um dente, um dedo e varios ossos, que ainda se mostram em Rates como preciosa reliquia, além das tradições e lendas que aureolam o seu nome de martyr. Uma d'ellas é a que se refere á fonte do Casal, em *BALAZAR,* proximo de Macieira, onde em uma pedra se vêem duas covas, que o povo diz serem as *joelheiras* do santo, feitas, quando estava bebendo, e na occasião em que vieram perseguil-o.

A egreja de Rates, que se vê na nossa gravura, data porventura da edificação mandada fazer pelo conde D. Henrique, que nos annos de 1100 aqui estabeleceu alguns monges da caridade, mandados vir de França, se não é que tem antes a sua origem na reconstrucção feita em 1152 por D. Mafalda, esposa de Affonso Henriques. A virtuosa rainha doou a este mosteiro, em que poz doze frades cruzios, muitas e valiosas rendas e seu marido coutou a freguezia dando-lhe grandes privilegios. Em 1315 era ainda mosteiro d'essa ordem; mais tarde, porém, passou a commendatarios, sendo em 1566 unido para sempre ás commendas de Christo.

A frontaria que se representa na gravura, attendendo ao estylo gothico florido do portico, parece-nos ser contemporanea de D. Manuel, que a esta villa deu foral. Sobre a porta travessa e na frontaria existem umas inscripções em caracteres do seculo XIII, cuja interpretação sollicitámos do distincto archeologo o sr. Manuel Bernardes Branco, que teve a bondade de se encarregar d'esse trabalho. Como o nosso pedido lhe foi feito, porém, ha poucos dias, e a urgencia com que se faz a impressão d'este livro não permitte esperar o resultado do estudo que o sr. Branco está fazendo sobre aquella inscripção, temos de guardar para uma nota especial, no fim d'este volume, a interpretação que nos communicar o distincto professor.

Tambem julgamos ser do reinado de D. Manuel o pelourinho que

existe na *Praça* quasi em frente da capella da Senhora da Praça, que se festeja no dia da *Hora* (quinta feira d'Ascensão), e perto da escola Camões, para os dois sexos, dadiva generosa de dois filhos de Rates: um, Manuel Ferreira Serra, que em 1876 offereceu ao governo a casa para o estabelecimento d'essa escola; outro, Antonio Joaquim Guimarães, fallecido em Porto Alegre, que a ampliou em rendas e beneficios, destinando-a ao ensino das linguas portugueza e franceza e principios de agricultura.

*
* *

Voltando á Povoa e tomando o *tramway* americano para Villa do Conde, encontra-se na planicie a freguezia de *ARGIVAE,* de que a Povoa se desmembrou, como o leitor já sabe, no primeiro quartel do seculo XVII. Passa por sobre Argivae o grande aqueducto que abastece o mosteiro de Villa do Conde, e fica proximo de um dos seus arcos elegantes a capella do Bom Successo, que se festeja em 29 de junho.

*
* *

Agrupados todos os elementos estatisticos ou de observação economico-social para caracterisar a Povoa, uma conclusão espontanea se apresenta immediatamente ao espirito — a Povoa vive do mar. — Das 20:000 almas que lhe dá o recenseamento de 1878, tres quartas partes, sem exagero, dedicam-se á industria da pesca ou profissões maritimas; a quarta restante, composta dos agricultores, dos funccionarios, do commercio, das pequenas industrias necessarias á vida, absorve ainda d'essa poderosa industria parte da propria vitalidade e funcciona, como balança de cambio, entre a producção e o consumo.

Como acontece sempre que uma parte menos volumosa explora a que o é mais, essa parte é fatalmente a dirigente, a mais aperfeiçoada na lucta pela existencia, e a que tem, por isso, na sua mão, o destino da grande massa que dirige.

A Povoa culta não é, pois, a Povoa dos pescadores, raça poderosa e desdenhada, que nem sequer tem merecido ao estado o alimento intellectual de uma escola pratica de pilotagem, apezar das instancias que para tal fim empregou, junto do governo, em 1864, a junta geral do districto.

Felizmente, notamos que os esforços do municipio e do governo, embora tardios, vão principiando a remir a enorme falta de instrucção que caracterisava o poveiro, na sua generalidade de uma ignorancia pyramidal.

Ha dezeseis escolas primarias no concelho, sendo seis na villa, quatro para o sexo masculino, duas para o sexo feminino, e as restantes nas freguezias de Amorim, aldeia de Avelomar, Balazar, Beiriz (masculino e feminino), Laundos, Rates (masculino e feminino), Terroso, Estella. Na villa existe ainda um instituto municipal no edificio da camara, tendo as aulas de: instrucção primaria complementar, portuguez, francez, latim, geometria, desenho e commercio. É para lamentar que não haja ainda uma escola pratica de geographia commercial e pilotagem, hygiene profissional, piscicultura, etc., que pela lição das coisas fallasse directamente ao espirito quasi infantil da numerosa classe dos pescadores poveiros. Esta seria a maneira de instruir proveitosamente essa valente raça, tão desprezada até hoje.

Na imprensa é a Povoa representada pelos jornaes *Independencia* e *Estrella Povoense,* e como institutos de beneficencia conta o hospital, o asylo, e uma creche na freguezia de Beiriz, fundada e sustentada pelo ex.mo sr. commendador Manuel Francisco de Almeida Brandão, um dos mais prestantes e benemeritos filhos da Povoa, conforme o demonstram as publicas manifestações de sympathia que tem recebido dos seus conterraneos, especialmente em abril de 1886, em que s. ex.a poz todo o seu valimento na emancipação politica da Povoa de Varzim, antes annexada a Villa do Conde, e desde então formando um unico circulo eleitoral.

A estatistica do crime referida a 1880 apresenta os seguintes algarismos: Foram 26 reus julgados, sendo 11 homens e 11 mulheres; absolvidos 13 e os restantes condemnados a simples penas correccionaes. Só 13 pertenciam á comarca, sendo os outros de fóra. Analphabetos eram 17. —A comarca da Povoa funcciona desde 1875, tendo sido o concelho até ahi julgado de Villa do Conde, com juiz ordinario.

Esboçando a riqueza agricola do concelho, dá-nos a estatistica o seguinte para o seu valor pecuario:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	140	2:506$500
Muar	25	483$000
Asinino	145	383$000
Bovino	2:473	86:482$000
Lanar	869	465$400
Caprino	43	23$800
Suino	897	8:087$000
		98:430$700

A importancia vinicola do concelho é pequena. A Povoa consome muito mais do que produz; no anno de 1886, por exemplo, o consumo de vinho verde foi de 1.630:895 litros. As freguezias mais productivas são as de Rates, Balazar e Beiriz, sendo as videiras, em geral, levantadas, e as castas o azal, o borraçal, loureira branca e espadeiro tinto; o vinho é de pouca duração. A pisa faz-se em grandes gamellas de pau, ou em pequenas dornas de madeira, e o mosto que se separa vae sendo deitado em balseiros, onde fermenta com o cango até se envasilhar.

Os generos agricolas regulam pelos seguintes preços medios:

Trigo (17l,235)	712
Milho »	429
Centeio »	558
Feijão »	500
Batatas (14k,688)	300
Vinho verde (almude de 25 litros)	756
Azeite	3$680

A industria da pesca é, porém, como tantas vezes temos dito, a industria, por excellencia, da Povoa. Nos dados e mappas seguintes, devidos á obsequiosa intervenção do ex.mo sr. Albino Souto, encontra o leitor os mais precisos e curiosos esclarecimentos sobre esse ramo de trabalho.

Mappa estatistico das pescarias no concelho da Povoa de Varzim no anno de 1886

Numero de individuos empregados na pesca	Qualidade e quantidade das embarcações			Processo das redes de que fazem uso	Rendimento		Observações
	Lanchas	Bateis	Catraias		Bruto	Imposto	
(A) 8:100	94	75	530	Redes de linho da malha de 0m,0049 centimetros quadrados, para a pesca da pescada. Redes de linho da malha de 0m,0004 centimetros quadrados, para a pesca da sardinha. Redes de linho denominado *ticum*, da malha de 0m,0225 centimetros quadrados, para a pesca da raia, rodovalho e sôlha. Linhas e anzoes para a pesca do congro, tunvo, cherne e faneca.	(B) 115:013$900	(C) 5:780$695	(A) Além d'este pessoal occupam se no trafico da pescaria, como a lavagem de redes e sua conservação, descarga do peixe e arranjo do mesmo, para conduzir aos mercados: 6:400 pessoas, approximadamente, do sexo feminino. (B) Este producto é achado pela importancia do imposto, e não representa o verdadeiro capital que auferem os pescadores consignados n'este mappa, por quanto estes vendem a maior parte das suas pescarias nos diversos portos aonde entram, desde a Figueira da Foz até Caminha, e muitas vezes por força maior vão arribados á Galliza, onde vendem o pescado que levam. Póde calcular-se n'uma terça parte o valor do peixe vendido fóra da Povoa. (C) Esta importancia é cobrada na razão de 5 % sobre o producto bruto do pescado em virtude das ordens superiores, e póde apenas considerar-se metade do imposto que elles pagam por venderem uma grande parte do referido pescado nos portos acima mencionados, onde pagam o respectivo imposto.

Nota indicativa e approximada do pessoal empregado na industria da pesca

Numero de individuos [illegible] sexo, [illegible] e [illegible] [illegible] empregados na pesca, incluindo os [illegible]	Designação				Total	Quantos pescadores embarcados e quantos a pé		Designação e natureza da pesca	Nacionalidade dos pescadores	OBSERVAÇÕES
	Homens	Rapazes	Mulheres	Raparigas		Pescadores embarcados	Pescadores a pé			
14:500	6:700	1:400	5:500	1:900	14:500	6:300	1:800	Na maior abundancia, sardinha, pescada, congro, raia e cação. Em menor quantidade, rodovalho, ruivo, faneca e mais diversos.	Portuguezes	(1) N'este numero vão comprehendidos os pescadores dos logares de Avelomar, da freguezia d'Amorim, e de Aguratoma, da freguezia de Navaes, ambas do concelho da Povoa.

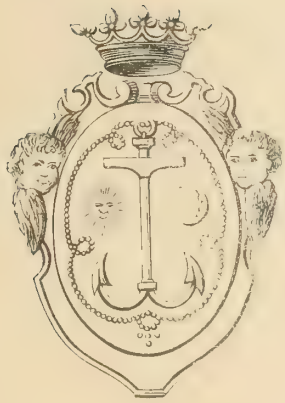
Os quadros anteriores completam-se com as notas subsequentes, em que vão indicados os apparelhos de pesca e os seus valores respectivos.

Redes	para sardinha	17:000
	para pescada	7:250
	para raia, rodovalho e solha	3:000
Valor de redes, cada uma	de sardinha	4$500
	de pescada	9$000
	de raia e rodovalho	2$000
Linhas de anzoes		4:000
Valor de cada linha		100 a 300 réis
Valor da linha empregada para fabrico das redes, durante um anno (A maior parte é importada de Hamburgo).		14:000$000
Valor da casca de salgueiro para preparo e conservação das redes, durante um anno		12:000$000
Valor da cortiça para boias e outras applicações, durante um anno		8:000$000
Exportação annual de pescadas	para o Porto	20:000 canastras
	para o Minho, Douro, Beira Alta e Hespanha	50:000 »
Exportação annual de sardinha		90:000 »
Valor das embarcações e seus aprestos	Lancha	230$000
	Bateis	90$000
	Catraias	50$000

Em face de um tal desenvolvimento industrial é justo que todos os homens influentes do concelho reclamem do estado os melhoramentos de

um porto, que de sobra contribue para esse limitado encargo. Por emquanto apenas ha, do estado, um pharol construido em 1886 e os materiaes para um outro, além do barco salva-vidas que já enumerámos.

Desnecessario é dizer, que continúa funccionando o pharol dos pescadores, classe profundamente sympathica e artisticamente interessante, que na Povoa vive exclusivamente do mar e para o mar.



CONCELHO DA POVOA DE VARZIM

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Amorim, *S. Thiago*	889	1:103	1:992	601 *(a*
Argivae, *S. Miguel*	148	203	351	78 *(b*
Balazar, *Santa Eulalia*	372	523	895	207 *(c*
Beiriz, *Santa Eulalia*	545	680	1:225	261 *(d*
Estella, *Santa Maria*	384	453	837	208 *(e*
Laundos, *S. Miguel*	428	410	838	190 *(f*
Navaes, *O Salvador*	662	724	1:386	282 *(g*
Povoa de Varzim, *Nossa Senhora da Conceição*	5:220	5:784	11:004	2:796 *(h*
Rates, *S. Pedro*	544	627	1:171	447 *(i*
Terroso, *Santa Maria*	419	544	963	237 *(j*
	9:611	11:051	20:662	5:307

a Comprehende esta freguezia os logares de Amorim, Mourilhe, Travassos, Mandim, Cadilhe, Pedroso, Seneadas, e a povoação de Aver o Mar que tem os logares de Agro Velho, Morincheira, Paranho, Aldeia Nova, Salvada, Outeirinho, Refojos, Perlinha, Aldeia, Paço, Caramuja, Paralheira, Finisterra, Boucinha.

b Comprehende esta freguezia os logares de Calvos, Gandra, Casal do Monte, Quintella, Oliveira, Cassapos, Egreja.

c Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Tello, Gestrins, Guardinhos, Casal, Terra Ruim, Louzadello, Calvario, Gandra, Villa Nova, Grezufes, Além, Villa Pouca, Escariz, Mattinho.

d Comprehende esta freguezia os logares de Beiriz, Fraião, Pedreira, Mão Poderosa, Coteres, Quinta, Outeiro, Calvos, Paredes, Giesteira.

e Comprehende esta freguezia os logares de Estrada, Eirado, Egreja, Carregosa, Pedrinha, Zimbello, Outeiro, Barros, Tezo, Contriz.

f Comprehende esta freguezia os logares de Pé do Monte, Pé da Serra, Rapejães, Real.

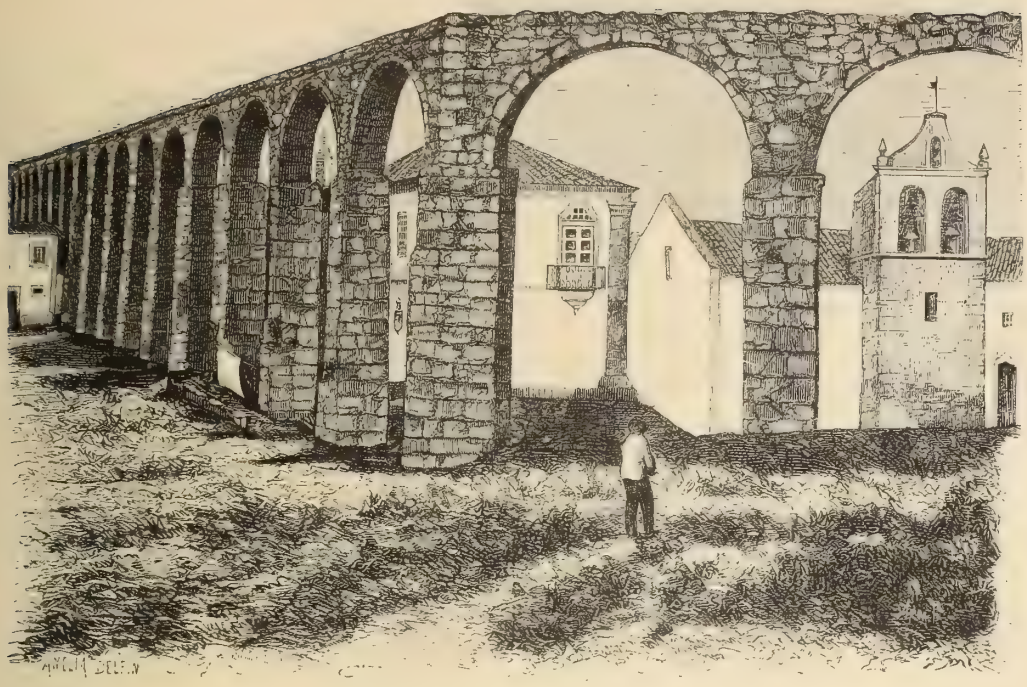
g Comprehende esta freguezia os logares do Outeiro, S. Lourenço, Burgada, Cabreira, Nabaes, Aguçadoura, Sonhim.

h Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Portella, Cardoso, Moninhas, Belem, Barreiros, Coelheiro, Mariadeira, Fonte do Ruivo, Villa Velha, Cova do Coelho, Pinheiro, Favaes, Gandra, Gandarinhas, Penouces, Regoufe.

i Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Sejães, Feira, Santo Antonio, Praça, Mosteiro, Bergonha, Outeiro, Serra do Monte, Calvario, Cateoza, Guardães, Gandra, Rua Direita, e os casaes de Fontainha, Modesta, Pelames, Serra.

j Comprehende esta freguezia os logares de S. Lourenço, Sapogães, Passô, Villar, Chamosinhos, Sandim, Pé de Monte, Ordem, Sejães, Boa Vista, Povoas, Paço, Paranho, Egreja.

VILLA DO CONDE



O aqueducto — Desenho da ex.ma sr.a D. Amelia Delfim, segundo uma photographia

Sangue azul nas veias e saudosas recordações no espirito; delicada, artistica, devota. Os grandes monumentos attestando a sua genealogia fidalga; o Ave, o querido e bello companheiro que a viu nascer, e crescer em formosura, lamentando, na musica gentil das suas cascatas deliciosas, o não poder bordar com perolas e saphiras, como outr'ora, a fimbria do vestido d'essa patricia elegante.

Foi elle até, se não foi o mar, que lhe ensinou, como passatempo adoravel, aprendido nos arabescos phantasiados pelas ondas nas rochas nuas da praia, o segredo das rendas afamadas que hoje as villacondenses fabricam nas grandes almofadas de bilros.

Religiosa, além de artista, e com todos os doces attractivos das mysticas esposas de Jesus, o mais doce dos quaes (pede-se licença para o trocadilho) é exactamente o de fazer doce, capaz de tentar um santo. De modo que, apenas a uns dois kilometros de distancia, vencidos facilmente pelo americano, o viajante cumprimenta a *Povoa,* gentil e estroina, como uma companheira de bohemia, e quasi se descobre respeitoso perante o aspecto senhoril d'esta *Villa do Conde* aristocratica, como o faria diante de uma senhora distincta, organisação franzina e delicada, cujo encontro

fizesse por acaso em um passeio de campo, ou na solitaria nave de um templo. A Povoa tem, pois, o sangue vermelho da burgueza; Villa do Conde o sangue azul das genealogias de *vieille roche;* a primeira é capaz de preparar e comer comnosco uma saborosa caldeirada de peixe fresco, a segunda offerecer-nos-ha para *lunch* um pastelinho de convento e um calice de licor de rosa.

A origem das duas explica a sua differença actual; nada como as causas primarias, como os assumptos tratados *ab initio,* para fazer comprehender estes phenomenos, quasi metaphysicos, em que ninguem repara, afinal.

A Povoa é moderna; nasceu da prolificação extraordinaria da colonia de Argivae, que veiu pescar na enseada de Varzim. Villa do Conde, como o seu nome o diz, teve uma origem fidalga; doou-a pelos annos de 1093 a 1112 o conde D. Henrique ao conde D. Mendo Paes Rofinho, e d'este esforçado cavalleiro tomou então o titulo, que ainda conserva. Obvio é, pois, que já existia antes d'essa doação ao conde Rofinho, e ha quem supponha com razão, que foram os romanos aquelles que primeiro edificaram no monte, onde hoje se vê o convento de Santa Clara, um *castro,* ou castello, cujas ruinas só de todo se demoliram no seculo XIV, para se edificar o mosteiro, conservando a tradição d'esse tempo ao monte o nome de *castro,* o que faz conjecturar, attenta a sua posição topographica, em relação ao Ave, cuja foz era tão proxima, e tão demandada então pelos navios, que ahi se estabelecesse uma colonia romana.

O tempo e por ventura as guerras com os arabes encarregaram-se de destruir a importancia d'essa florescente povoação, cuja decadencia chegou a tal ponto, que muitos suppõem ser historia de lendas essa edificação romana e doação ao conde Mendo, acreditando tão sómente, que a villa data do reinado de D. Sancho I, que a doára á sua formosa amante Maria Paes Ribeiro (1185 a 1212).

Eis aqui uma origem que não desagrada, e bem dispõe a favor d'esse intrepido rei povoador e guerreiro, que teve a gentileza de presentear uma mulher, que as chronicas dizem ter sido deveras formosa, com este pedaço de natureza tão caricioso e tão bello, joia como não havia egual para encastoar no diadema d'essa encantadora creatura. Mas, esquecem depressa as joias dos amantes, e Villa do Conde cahiu por isso no esquecimento tambem, até que a piedade de D. Affonso Sanches, filho bastardo do rei D. Diniz e D. Aldonça Rodrigues Telha, a fez de novo surgir para a vida historica. Nascera este principe antes de 1289 e casou com D. Thereza Martins, filha de D. João Affonso de Menezes, conde de Barcellos e senhor de Albuquerque e de Villa do Conde, etc., e foi por isto, ou por que

tal senhorio estava já encorporado na corôa, que o bastardo D. Affonso Sanches recebeu a doação da villa, apezar dos protestos do conde D. Martim Gil e sua mulher D. Violante, que allegavam ser Villa do Conde e seus dominios pertença de seus antepassados. D. Diniz, porém, usando da sua auctoridade regia, houve por bem declarar boa a posse de seu filho, confirmando tal sentença com carta de doação, e desde essa data pertenceu a villa ao bastardo do rei lavrador.

Senhor d'estes dominios, resolveu D. Affonso Sanches reconstruir o antigo castello, que na povoação existia (e é esta uma prova da sua remota antiguidade), mas, diz a lenda, sonhou o principe em certa noite, que a obra já estava começada e d'ella subia para o ceu uma escada elevadissima. Julgando vêr n'este sonho uma prova, de que era vontade de Deus, que elle edificasse no alto do monte uma casa de oração de preferencia a um castello, decidiu edificar um convento, cuja primeira pedra lançou no anno de 1318, entregando-o depois de concluido ás religiosas de Santa Clara, a quem fez doação de muitas e avultadas rendas, deixando-lhes mesmo por sua morte o senhorio da villa.

Esta data, porém, não me parece a verdadeira da fundação do convento, mas sim a data da doação, feita uns onze annos antes do fallecimento de D. Affonso Sanches, que é provavel se désse em 1329; e tanto julgo esta suspeita fundada, quanto em cartas datadas de 3 de janeiro de 1305 escrevia D. Diniz ás religiosas de Villa do Conde, sendo d'esta mesma data a doação passada a favor de seu filho. D'isto parece inferir-se, que existiam já religiosas em Villa do Conde, antes da doação feita ao principe, e que este não fez mais que edificar e doar-lhes o novo convento no alto do antigo monte do castello.

Lograram as freiras este senhorio por largos annos, até que D. Duarte começou a contestar-lhes tão grandes privilegios, de que D. João III acabou por desapossal-as em 1537, dispondo do senhorio em favor de seu irmão o infante D. Duarte, vindo pelo casamento da filha d'este, D. Catharina com D. João I, sexto duque de Bragança, a passar ao senhorio d'esta casa.

O aqueducto e o convento — escreve o sr. Vilhena Barbosa — são dois monumentos grandiosos, que, avultando gigantescamente sobre todas as construcções da povoação, dão a Villa do Conde um aspecto nobre e particular. No principio d'este capitulo apresentamos o desenho do famoso aqueducto, desenho que devemos ao formoso talento artistico da ex.ma sr.a D. Amelia Delfim Magalhães d'Almeida, natural d'esta graciosa terra de Villa do Conde.

O convento ergue-se senhorilmente em sitio um pouco elevado, e so-

branceiro á villa. A primeira fabrica de D. Affonso Sanches conservou-se, com algumas obras de reparo, até ao seculo passado. Achando-se então o convento muito deteriorado, e ameaçando ruina, foi mister proceder-se a uma reedificação desde os alicerces. E tão avultadas eram as suas rendas ainda n'esta epocha, apezar do muito que tinham diminuido, quando foram tirados ás freiras os direitos senhoriaes da villa, que a nova fabrica, verdadeiramente sumptuosa, foi levantada á custa da ordem. Não chegou a concluir-se, mas ainda assim é um dos mais vastos mosteiros que ha no reino, e quanto á regularidade, belleza e magestade da sua architectura, é muito superior aos melhores de Lisboa, e a todos os que conhecemos no paiz. A frontaria principal, que está voltada para o occidente, era digna de um palacio real. Compõe-se de tres andares, com dezesete grandes janellas em cada um, e divide-se em cinco corpos por duplicadas pilastras. O do centro é coroado por um frontão, ornado no tympano com um baixo relevo, no vertice com uma estatua collossal, e nos acroterios com quatro vasos. Cada um dos corpos das extremidades tem quatro vasos ou pyras por decoração superior.

A egreja é boa, e contém alfaias de muita riqueza e primor. Em uma das suas capellas jazem os fundadores em magnifico mausoleu, com o seguinte epitaphio: «Aqui jaz o muito esclarecido principe D. Affonso San-«ches, filho d'el-rei D. Diniz, de gloriosa memoria, rei de Portugal, com «a muito excellente senhora, sua mulher, D. Thereza Martins, neta d'el-«rei D. Sancho de Castella, primeiros fundadores d'este convento.»

Este sepulchro esteve por muitos annos da parte de fóra da egreja, onde foi levantado, segundo o uso do tempo, que não permittia enterramentos no interior dos templos. No anno de 1526, a abbadessa D. Isabel de Castro mandou edificar ahi uma capella com communicação por um arco para a egreja, de sorte que, sem remover o mausoleu, lhe deu abrigo sob as abobadas do templo.

Conduz agua para este convento o grande aqueducto a que já nos referimos, e que corre por longa extensão de terreno sobre uma elegante arcaria, composta de novecentos noventa e nove arcos. No seculo passado ainda era habitado o convento por cento e vinte freiras. Presentemente residem n'elle muito poucas.»

A historia das origens de Villa do Conde trouxe-nos, como o leitor viu, associada a historia dos seus mais dois grandiosos monumentos, o aqueducto e o convento, e confirmou-nos ainda a genese fidalga e devota da formosa villa; mas foi para isso necessario dar um largo salto sobre a chronologia, voando desde as singelas epochas medievaes até aos esplendores do seculo passado. No meio ficou, porém, a parte mais interessante

da historia d'esta povoação, qual é a que diz respeito ao florescimento artistico do periodo manuelino, de que Villa do Conde conserva tão preciosos documentos.

Se não existisse o foral que lhe foi dado por D. Manuel em 1516 (a villa tivera-o já tambem dado por D. Diniz) e no qual se prova a estima, em que o rei afortunado teve esta povoação, ahi estava esse elegante pelourinho como documento artistico, ahi estava nos Paços do concelho a cruz de Christo e a esphera armillar, ahi estava na magestosa matriz a corda caracteristica do estylo gothico florido para demonstrar quanto se opulentou de galas, no tempo de D. Manuel, a joia engastada por D. Sancho no diadema da sua formosa amante.

O pelourinho vê-o o leitor na nossa gravura de pag. 273. A matriz, porém, de que mal póde, pelo nosso desenho de pag. 277, avaliar o artistico lavor da frontaria, onde se vêem os escudos de Villa do Conde, da Povoa e de Azurara é um templo magestoso, de tres naves, em fórma da cruz latina, tendo por isso no interior uma vasta capella-mór e duas lateraes, além de grande numero de altares, com boas decorações de talha, recentemente restaurados. Assentam as naves sobre duas ordens de arcaria de granito a que no exterior correspondem as duas series de ameias, que adornam as paredes em toda a sua extensão.

De notavel ha ainda para vêr na matriz o côro, que fica sobre o guardavento, observando-se ahi as largas cadeiras de espaldar em que as nedias dignidades dos conegos da collegiada, erecta em 1518 pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, vinham resmonear o latim das horas lithurgicas.

Muitos outros templos, além da matriz e de Santa Clara, podem visitar-se na villa, sendo os mais dignos de menção os que formam a seguinte lista, extrahida do diccionario de Pinho Leal:

Capella de S. Thiago, no bairro velho, ou de S. Thiago; foi a primeira matriz da villa, sendo restaurada com bem pouco criterio á custa de alguns devotos em 1858. De uma inscripção que ahi se achava, e por essa occasião barbaramente tratada pelo picão do pedreiro, salvou o reverendo padre Thiago Cesar de Figueiredo Mendes Antas a legenda, por elle assim interpretada:

«*Esta capella é consagrada a S. Thiago Apostolo Maior; erigida n'outro tempo pelos Templarios de Azurara, foi a primeira edificada n'esta parte do povo de Castro.—Hoje restaurada pelo religiosissimo zelo, devoção, piedade e voto de D. Mendo Rofinho, conde e senhor d'este territorio. No anno de Christo N. S. de 1314.*»

Senhora da Guia, ou de *S. Julião,* ou dos *Mareantes,* na foz do Ave, lado norte, antiga e muito interessante, rodeada por uma plataforma e al-

guns casebres que foram a primeira obra de defesa da barra, antes de se construir o castello. Nos paineis do tecto existem umas pinturas a oleo, que se attribuem á epocha de D. Duarte; lêmos algures, ao proprio rei:— Esta capella foi oratorio dos fundadores do convento de Santa Clara.

Capella de S. Roque.—Antiga e contemporanea do antigo cemiterio que existiu junto da capella de S. Thiago. Suppõe-se ter sido fundada por occasião de uma grande peste, que assolou a villa.

Capella de Nossa Senhora do Soccorro.—Fundada por Gaspar Manuel, cavalleiro de Christo e piloto-mór da carreira da India. É de fórma quadrada e sobrepujada por um zimborio sobre que assenta uma plataforma, d'onde se póde gosar uma vista esplendida, que abrange o Ave e todo o caes, o campo da feira e o estaleiro, a villa e o magestoso convento, Azurara e a praia.

Capella de Santo Amaro.—Antiga tambem. Ergue-se na extremidade norte do outeiro, que cinge a villa pelo nascente. Tem festa e feira em 15 de janeiro, pouco importante hoje, mas que ainda no seculo passado durava tres dias.

Capella de Santa Catharina.—Ergue-se sobre uma rocha pouco elevada no extremo norte da villa, a oeste da estrada da Povoa, na direcção do mar, cuja vista se gosa da sua galilé cercada de assentos.

Capella de Santa Luzia.—Construcção regular, de bella cantaria e com um frontispicio elegante. No interior está o *carneiro* ou sepultura da familia descendente do morgado Martim Vaz de Villas Boas.

Capella de S. Bento.—Relativamente moderna. Foi tambem cabeça de um morgadio instituido por Manuel Barbosa, natural de Villa do Conde.

Capella do Espirito Santo.— Em frente á Misericordia; foi morgadio instituido pelo abbade Balthazar.

Capella do Senhor da Agonia.—Fronteira aos Paços do concelho. Antiga e tambem cabeça de um morgadio instituido por um ascendente do medico Euzebio Sarmento, fallecido no Porto nos fins do seculo XVIII.

No principio da rua de S. Sebastião tambem existiu a antiga capella d'este nome, demolida em 1859 por causa da estrada da Povoa.

Egreja da Misericordia—Foi fundada, assim como a irmandade que a representa, em 1525, no local onde existia desde tempos remotos a capella do Anjo. É um templo espaçoso, singelo mas elegante, de uma só nave, com as paredes interiormente forradas de azulejo, côro sobre o guardavento, altar-mór e quatro lateraes, um de Nossa Senhora da Piedade, outro do Senhor dos Passos, outro do *Ecce Homo,* e o quarto do Bom Pastor. Tem contigua a casa das sessões da mesa ou do despacho, coeva da egreja, mas concluida mais tarde. Em frente existe um pequeno adro com

um grande cruzeiro de granito, e a poucos passos ergue-se o hospital da Misericordia, fundado em 1634 por Diogo Pereira e sua mulher Filippa Nunes, naturaes de Ponte Vedra, na Galliza, e por elles dotado com a somma de 444$000 réis de juro.

Terceiros de S. Francisco.—Proximo do grande convento de Santa Clara, antiga e com uma linda portada, de estylo renascença. Sahe d'este templo a grande *Procissão de cinza,* a primeira da villa e do concelho pela abundancia numerica e solemne magestade de andores, *anjos* e *irmãos terceiros,* que são a admiração dos viajantes para esse fim trazidos do Porto e concelhos visinhos pelo caminho de ferro da Povoa. No pequeno convento dos frades de S. Francisco, contiguo á egreja, e fundado em 1522, acha-se hoje installado o *Asylo da Ordem Terceira de S. Francisco.*

Carmo.—É a egreja de um hospicio que os frades carmelitas fundaram a O. da villa, hoje administrada por confraria especial. No convento funccionam agora diversas repartições publicas e a cêrca está transformada no vistoso largo da Alfandega.

Nossa Senhora da Lapa.—Construida no local onde antigamente esteve a capella de S. Bartholomeu, no extremo NE. da villa, e ao norte da estrada municipal que vae á freguezia de Ferreiró. Dá-lhe ingresso uma formosa e ampla avenida e data a sua ultima reconstrucção do terceiro quartel do seculo XVIII; é templo espaçoso e elegante, com duas torres na frente, e corre a sua administração á conta de eleição popular.

Visitadas as egrejas da villa, em numero bastante para se lhe confirmar o titulo de devota, convido o leitor a dar um passeio até ao castello, visto poder, a pretexto d'essa vetusta curiosidade, admirar o que em Villa do Conde ha de melhor, que é o seu extenso caes sobre o Ave, ora nas epochas felizes se tenha de observar a animação do estaleiro, ora nos dias remançosos e tranquillos, que são infelizmente os mais numerosos, se contemple esta formosissima bacia, vibrante da luz que inunda as collinas de Azurara e timida esmorece nas grandiosas sombras do convento, e através da qual o rio vem derivando, depois de escachoar alegre nos poeticos açudes que lhe interceptam a corrente.

«A barra do rio Ave—diz o *Diccionario Chorographico* de J. A. de Almeida—está presentemente estreita e só permitte a entrada a navios de pequena lotação; porém nos primeiros tempos da monarchia era muito mais ampla e profunda; as tempestades do sul e as cheias do rio não tem cessado, no correr dos seculos, de augmentar o cabedello que a aperta e de a entulhar de areias.

Até ao principio do seculo XIV esteve exposta a barra, e por conseguinte Villa do Conde, que já existia, ás incursões dos inimigos, principal-

mente dos piratas das potencias barbarescas, que infestavam de continuo as costas de Portugal.

D. Affonso Sanches, na qualidade de senhor d'esta villa, mandou por isso construir na foz do Ave, do lado do norte, junto á ermida de Nossa Senhora da Guia, pouco antes mandada edificar pelo mesmo principe, uma plataforma em que poz quatro pedreiros ou peças que se collocavam sobre cavalletes e que eram carregadas com pedras em vez de balas de ferro. Mais tarde, vulgarisado o uso da polvora, foram substituidos os pedreiros por peças de artilheria de ferro.

Passados tempos, D. Duarte, que havia succedido no senhorio d'esta villa a seu pae o infante D. Duarte, em 1540, logo que chegou á maioridade mandou construir um castello na barra de Villa do Conde, segundo o novo systema de fortificação, encarregando do risco e da construcção o celebre architecto de Filippe II de Hespanha, chamado Filippe Terzio.

Surprehendido pela morte na flôr dos annos, deixou este principe a obra em meio, e assim ficou por muito tempo...

Corria o anno de 1624 quando o duque de Bragança, D. Theodosio II, filho da duqueza D. Catharina, ordenou que se continuassem as obras do castello começado por seu tio.

Superintendeu os trabalhos o sargento-mór Antonio de Villa Lobos, que os concluiu, ficando a fortaleza com cinco baluartes; porem succedendo pouco depois a gloriosa revolução de 1640, e rompendo aquella porfiosa guerra entre Portugal e Castella, em que se passaram quasi vinte e oito annos, foi melhorado o castello durante a lucta com mais algumas obras de defesa.

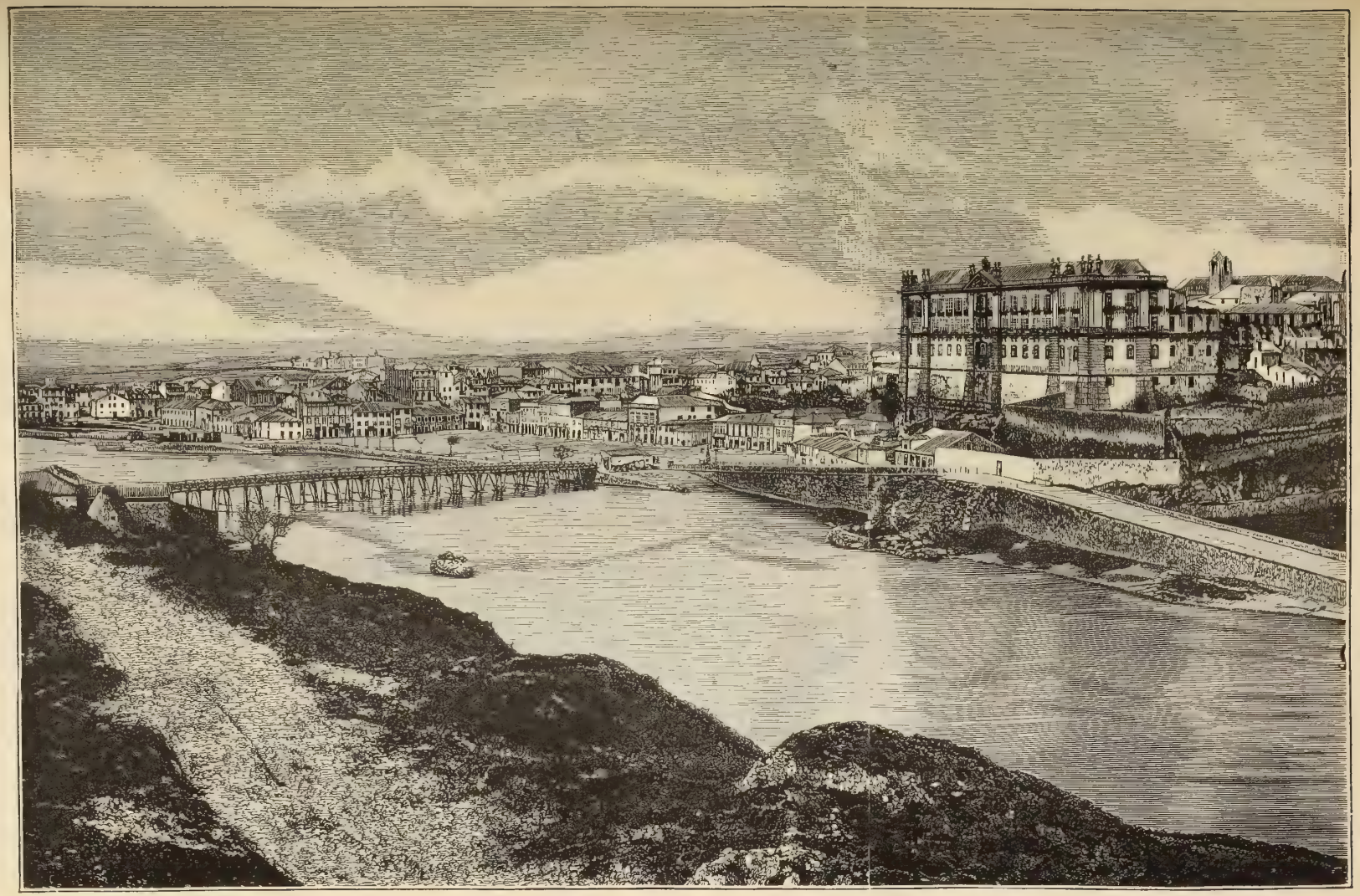
Não obstante a construcção d'esta fortaleza conservou-se sempre a plataforma, á qual se addicionou em 1832 um parapeito, assestando-se n'ella dois canhões de calibre 18.

O castello foi dedicado pelo fundador a Nossa Senhora d'Assumpção; porém actualmente só é conhecido pela invocação de S. João Baptista, que é o orago da matriz de Villa do Conde.

Ainda não ha muitos annos era guarnecido por cinco peças de artilheria de calibre 18 e 24, correspondentes aos cinco baluartes; mas ao presente apenas tem duas. Acha-se em bom estado de conservação e encerra aquartellamentos e um poço de agua potavel.»

Tal, como ficou depois das guerras da independencia, o representa hoje a nossa gravura, feita sobre um desenho que João de Almeida tirou do sócco do obelisco que fica entre o castello e a capella da Guia, e do qual em breve vamos dar noticia.

«... Durante os trabalhos da construcção d'este castello, em tempo do



VILLA DO CONDE — *Desenho de João de Almeida*

duque de Bragança D. Theodosio II, um operario, fazendo a excavação para o alicerce, encontrou uma pedra de tão lindo azul, que a guardou cuidadosamente por simples curiosidade, não lhe suppondo valor algum. Passados alguns annos, era em 1636, mostrou-a ao conego da Sé do Porto, Belchior Maia. Parecendo a este, que era uma pedra de estimação, levou-a para o Porto e apresentando-a a um lapidario, que declarou ser uma bella saphira, vendeu-a a um inglez por 25$000 réis. Este reconhecendo tinha muito mais subido valor foi vendel-a a Paris, onde a acharam tão grande e tão pura, que lhe deram por ella, segundo dizem, a avultada quantia de 28:000$000 réis...»

Divulgada a noticia, muitas excavações se fizeram para encontrar novas saphiras, e algumas foram achadas, de menor tamanho e belleza, dizendo Carvalho que ainda em 1708 existiam na villa algumas d'estas saphiras. Hoje, porém, escusa o leitor de procurar ahi outras joias que não sejam aquellas que as aguas brilhantes e esverdeadas do oceano formam, ao dobrar os rochedos, nas scintillações irisadas d'este glorioso sol peninsular. E affianço-lhe, que com um quasi nada de phantasia e uns deliciosos momentos passados n'esta beira-mar tão ridente, logrará formar um thesouro superior a quantos lhe pintaram em creança, contando-lhe a historia das *Mil e uma noites*.

Se, porém, o seu espirito pratico e avesso a creações phantasticas não quizer n'isso demorar-se, recommendo-lhe a leitura das inscripções que existem na base do monumento, erguido na visinhança do castello, como commemoração da chegada de D. Pedro IV a estas paragens e desembarque de Bernardo de Sá Nogueira, enviado na qualidade de parlamentario ao brigadeiro José Cardoso, commandante das forças realistas em Villa do Conde, para este se unir ás tropas liberaes, convite que o brigadeiro recusou, indo, por motivo de tal recusa, a esquadra libertadora desembarcar nas praias do Mindello ou Arnosa de Pampelido, de que adiante fallaremos.

O monumento ou obelisco proximo do castello de Villa do Conde é uma das pyramides, que se erguiam á entrada da avenida de uma grande ponte de pedra que existiu no Ave, perto do sitio onde hoje está a de madeira, mandada fazer por D. Francisco de Almada, e que desabou em 11 de janeiro de 1821. Mede $5^{m},50$ de altura desde o chão até á cuspide e foi levantado como padrão commemorativo por iniciativa de Antonio José de Avila, então governador civil do Porto, e depois duque de Avila e Bolama, sendo n'esse intuito coadjuvado por alguns particulares e pela camara municipal de Villa do Conde. Foi collocada a pedra fundamental do monumento em 6 de janeiro de 1841.

Ao norte do castello, se o leitor ainda não satisfez o seu espirito prescrutador e positivo com a observação d'este modesto padrão da liberdade, um renque de casas novas, um bairro alegremente faiscando de luz attrahe curiosamente a attenção, e preciso é visital-o para que se admire a coragem da *Companhia Edificadora,* que pensou em dotar Villa do Conde com uma elegante praia, esperando que os banhistas se lembrem de coadjuvar a sua iniciativa rasgada.

Uma ampla rua, denominada *Bento de Freitas*—um morto illustre que amou extraordinariamente a sua terra—serve o novo e alegre bairro, que o futuro de certo tornará prospero, embora em detrimento da visinha Povoa, onde a final a gente já não cabe.

Tem o leitor visto o que de mais importante existe na graciosa terra do conde Mendo, restando-me apenas fallar-lhe da velha freguezia de *Formariz,* que a ella foi annexada por decreto de 23 de maio de 1867, constituindo hoje por isso parte integrante da villa, da qual fica proximamente uns 800 metros ao nascente. O passal da extincta parochia foi adquirido pela *Companhia Industrial e Agricola Portuense,* que o destinou para residencia dos operarios que trabalham na sua grande fabrica de fiação e tecidos, edificada na margem direita do rio, ainda em terrenos de Formariz.

E agora que sahimos da villa a fim de visitar este arrabalde, aproveitemos o ensejo para prolongar a excursão.

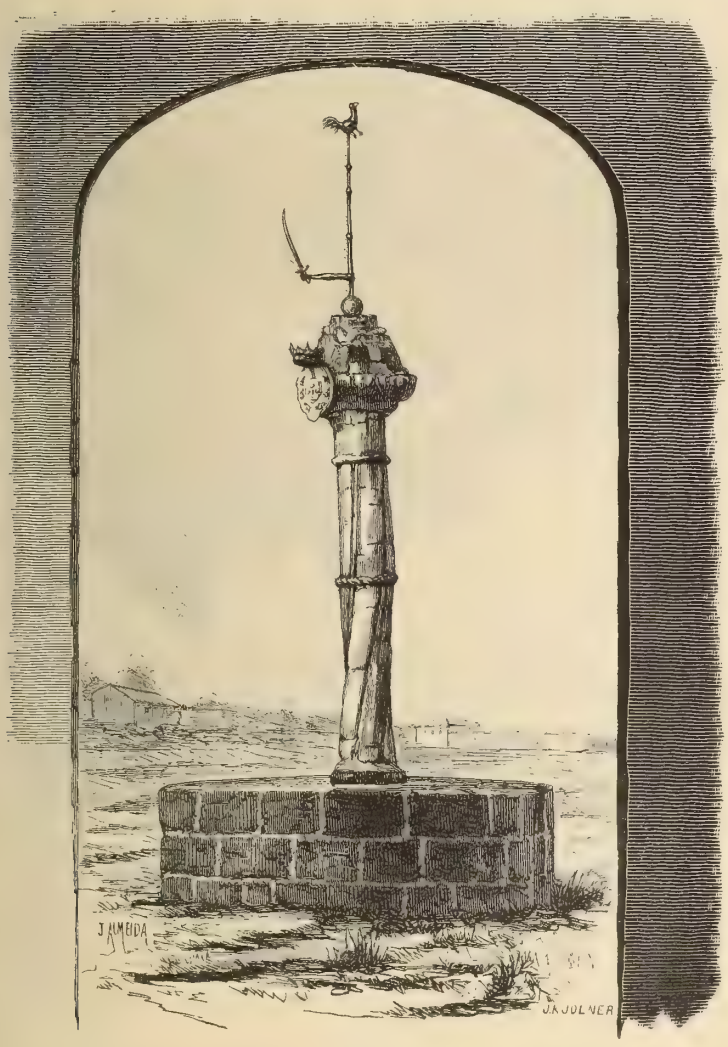
*

* *

Logo ao norte de Formariz vê-se, junto da estrada real que vae das Portas Fronhas a Famalicão, a freguezia de *TOUGUINHA,* contemporanea pelo menos dos principios da monarchia, visto ter sido uma das que D. Sancho II deu aos arcebispos de Braga em troca de lhes cassar o privilegio que elles tinham de poder cunhar moeda. É terra fertilissima como a sua visinha *TOUGUINHÓ,* que talvez seja, como o diminutivo está indicando, um rebento da primeira povoação, senão é que as duas tem a mesma origem, porventura egual á de *Tougues,* que fica na outra margem, e da qual em breve fallaremos.

Adiante logo é preciso sahir da estrada para ir vêr em *RIO MAU* a antiquissima egreja, que o leitor apreciará na gravura respectiva e que é talvez uma das que em Portugal mais possam prender a attenção dos archeologos. Ao obsequioso favor do ex.^{mo} abbade de Rio Mau, Manuel Joaquim da Silva Vieira, devemos a posse dos dois numeros—398 e 399—

da *Estrella Povoense,* em que um illustrado sacerdote, Antonio Domingos Ferreira, publica em folhetim a descripção d'esta freguezia e egreja, que os eruditos archeologos Martins Sarmento, Possidonio, Sousa Viterbo e outros teem por vezes estudado. D'esses jornaes são os trechos que n'este lugar se intercalam:



Telourinho de Villa do Conde — Desenho de João de Almeida

«As maiores notabilidades d'esta freguezia, são: a egreja matriz, de que abaixo fallaremos; a pequena quinta da Varze ou Varzea (hoje Barge), o rio com suas moendas, a nova estrada, o correio, e um monte alongado a que chamam a *serra de Rates,* que pelo lado do nordeste faz abrigo a esta freguezia (Rio-mau), e de cujo cimo, entre S. Christovão e Rates, se gosa um bello horisonte, abrilhantado pelas aguas do Atlantico, e em cuja ladeira se descobriu, ha pouco, uma mina de ferro, que, por ser de pouca importancia, se vê hoje abandonada.

Com relação á etymologia do nome — *Rio-mau,* ou *Rivulo-mau* — offerecem-se duas tradições vulgares, muito obscuras, como o são grande parte das historias antigas; segundo uma tradição, este nome — *Rio-mau,* ou *Rivulo-mau* — deriva do rio que a banha, não só por ser demasiado tortuoso na passagem d'esta freguezia, mas tambem porque o arvoredo so-

branceiro, o curso lento de suas aguas, e os poços ou cavidades profundas que n'elle ha, o tornam escuro e sombrio; d'onde o vulgo ignorante, sempre inclinado ao maravilhoso da fabula, se persuadiu que estas cavidades davam ingresso e se ligavam com habitações subterraneas, onde existem mouras encantadas, serpes e dragões, que ahi ensejam e veem ao rio fazer presa nos encantos. As tradições vulgares não se rejeitam no seu todo,—lá tem um *quid* de real que as nutre e corrobora: entre o nevoeiro das fabulas e esta historieta de mouros, tão ligada com o rio e tão envolta em sombras espessas, ha sua verisimilhança: a egreja da freguezia, monumento vetusto, nas proximidades do rio, é, embora erradamente, attribuida aos mouros; além do rio existe ainda um montão de ruinas da mais remota antiguidade, e que parecem coevas d'alguns sepulchros de argamassa e tijolo, que por aqui appareceram em terreno inculto, e principalmente d'uma Anta ou dolmen, ainda ha pouco existente na margem do rio que tivemos o gosto de vêr e á qual o vulgo chamava *o poço dos mouros*. Este conjuncto de coisas, na sua maior parte fabulosas, sendo assumpto para mais, devia nutrir ou phantasiar uma tradição aqui ainda hoje vigente:—«Que os mouros, n'este ponto, habitavam as margens do rio, e que, sendo perseguidos, se refugiaram no poço dos mouros (Anta) e n'outros poços do rio, e assim se conservam, em habitações subterraneas, metamorphoseados em serpes, dragões, etc., guardando suas riquezas de ouro e prata, que para ahi levaram em grande quantidade e que ainda conservam encantadas ou desfiguradas em carvões; descem ao rio em occasiões opportunas e ameaçam de morte a quem se approximar de seus antros, etc....»

Com taes predicados este rio não podia ser bem encarado, e as creanças, amedrontadas com estas chimeras, deviam ser as primeiras a evitar os grandes males e perigos inherentes ao rio, que em contos lareiros se lhes apresentava como *rio mau* e consequentemente perigoso. Segundo outra tradição o nome *Rio-mau* ou *Rivulo-mau* deriva d'um pequeno ribeiro, que pelo centro banha longitudinalmente esta freguezia, por se haver dado, em tempos remotos, uma batalha junto d'elle, e como o sangue ahi vertido tingisse as suas aguas, as mulheres encarando este rio, que no sangue levava as vidas de seus filhos, irmãos ou maridos, vertiam saudosas lagrimas, e no meio de seus prantos exclamavam:—*Ah, mau rio! maldito rio! negro rio!...* Esse ribeiro ainda hoje se chama *rio negro,* e ha junto d'elle um lugar chamado *rio-mau.* Ao leitor, porém, fica a liberdade de ajuizar ácerca do grau de veracidade d'uma e outra tradição, porque nada mais se póde garantir. Seria temeridade da nossa parte fazel-o.

A egreja, ou mosteiro de S. Christovão de Rio-mau, não se recom-

menda pela vastidão da sua área, elegancia de suas fórmas e perfeição de seus relevos, como vêmos em identicos edificios depois da renascença das artes no seculo XVI. Não; o seu valor e o seu merito são principalmente archeologicos; e por isso, sendo thesouro escondido para o vulgo, é objecto de alta consideração para os peritos e apreciadores das antiguidades, que a teem visitado e estudado, como o muito illustrado escriptor e um dos mais distinctos archeologos o ex.^{mo} sr. dr. Martins Sarmento e outros. Esta egreja, outr'ora mosteiro, é muito antiga, como se collige de varios indicios que adiante apontaremos e principalmente do que se lê na *Chorographia,* de Carvalho, que fielmente transcrevemos na parte que lhe diz respeito: — «S. Christovão de Rio-mau foi convento de conegos Regrantes de Santo Agostinho, e o achamos já fundado no anno de 1122, mas não sabemos por quem. Teve sempre Prelado e Clerigos raçoeiros, que resavam em côro as Horas Canonicas até ao anno de 1418, em que o Arcebispo Dom Fernando da Guerra o uniu ao de S. Simão da Junqueira, seu visinho e da mesma Ordem, por Breve do Papa Martinho Quinto, com obrigação de que sempre n'este de S. Christovão residissem dois frades, o que já se não observa...» A egreja, excentricamente edificada a sudéste da freguezia, tem 24^{m},85 de comprimento, 8^{m},56 de largura e 7^{m},34 de altura; e podendo accommodar cerca de quatrocentas pessoas, é pequena para a população de hoje. Consta d'uma nave e capella-mór proporcionada, tudo de cantaria bem lavrada e assente. A capella-mór é de pedra mais branca e fina, não só nas paredes lateraes, como tambem na abobada de que é coberta; e a mão d'obra é tão solida que o roçar de oito seculos, correndo, lhe não fizeram ainda o menor damno. Escura e acanhada, a capella-mór foi todavia em sua construcção tratada com mais esmero do que o resto do edificio, que, além de não ter abobada, é de cantaria muito inferior e na maior parte mal combinada, apresentando uma mescla de pedras muito variadas na qualidade e na côr. Segundo consta, e se tem observado pelos signaes que apresenta, era d'antes esta egreja muito amesquinhada em suas dependencias: não tinha altares lateraes, nem retabulo no altar-mór; não tinha sachristias, nem pulpito, nem côro, nem pias d'agua benta, nem torre de sinos. [1] No fundo da capella-mór havia junto á parede um altar todo de pedra, elevado, de tres degraus e ornado de azulejos pelo lado da frente (ainda existente encoberto pelo novo altar), o qual não tinha retabulo nem outros adornos á excepção

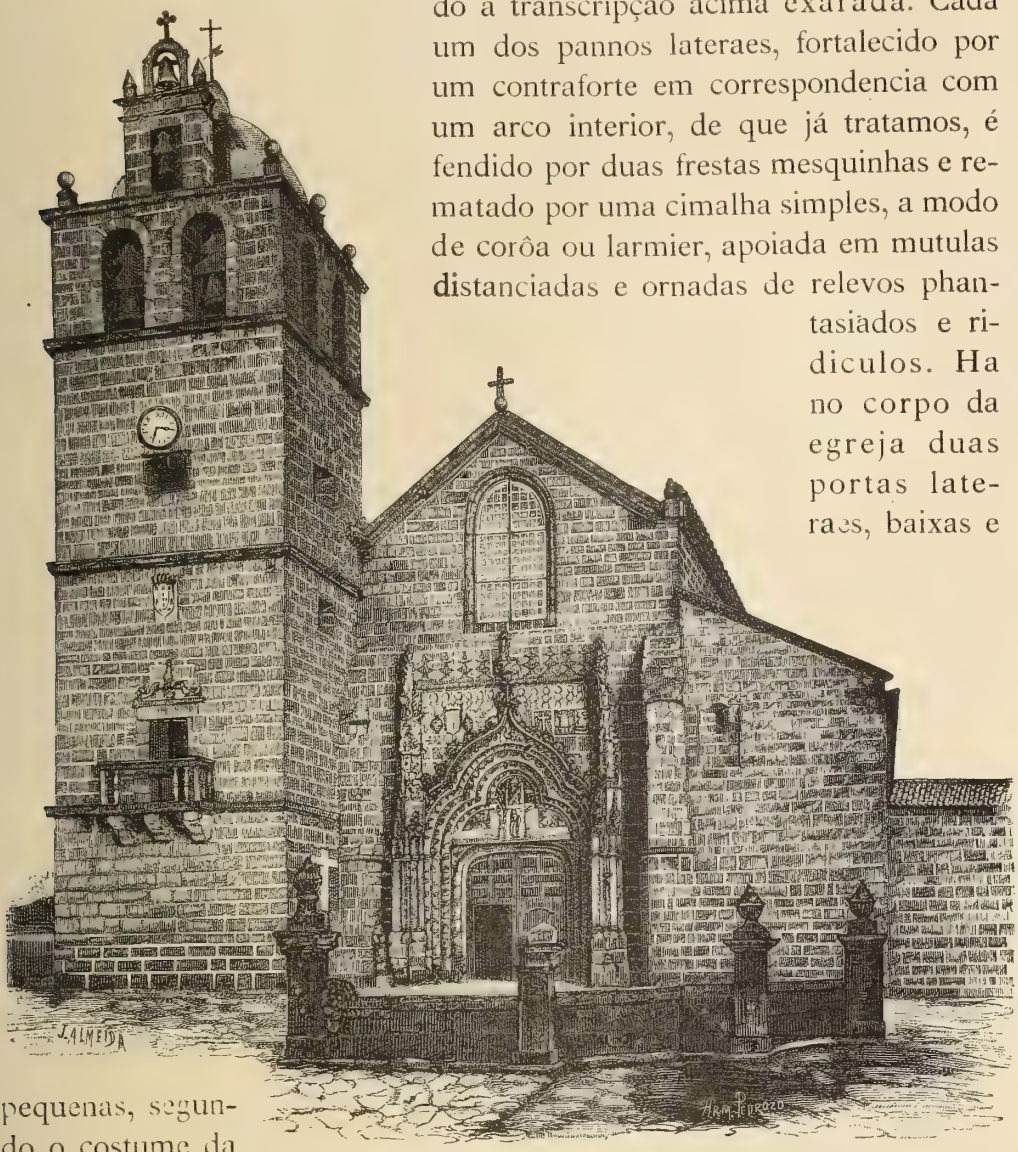
[1] Nos primeiros seculos da egreja não havia pulpitos, mas só um escabello ou banco de madeira, sobre o qual o orador subia para dominar o auditorio; depois foi elevado sobre pés (portatil), e só nos fins do seculo XV o vêmos affixo a um dos pilares centraes, ou paredes da egreja, elevado a uma grande altura, ornado, etc

d'um nicho cavado na parede, largo e pouco profundo, em semi-circulo pela parte superior, apoiado em dois outros nichos de fórma e grandeza quasi eguaes; este era o altar-mór, unico que havia n'esta egreja, e isto está em harmonia com a disciplina dos primeiros seculos do christianismo, como consta das Liturgias: — «Cada egreja, diz Santo Ignacio de Antiochia, tem um só altar, assim como tem um só bispo...»

O estylo mourisco d'esta obra traduz-se na singeleza das cimalhas, na profusão de ornatos estravagantes e ridiculos, de que suas mutulas e capiteis são sobrecarregados, e principalmente no arco cruzeiro em volta de — ferradura mourisca —, e outro segundo arco do mesmo estylo, que ao meio da capella-mór ajuda a corroberar a abobada e divide cada panno lateral em duas secções, cada uma das quaes é occupada da parte de cima da cornija por frestas muito estreitas (algumas hoje rompidas a pico!), e na parte inferior por nichos de fórma e grandeza analoga aos acima descriptos; um d'estes nichos está hoje substituido por uma porta moderna que communica com uma sachristia, obra tambem moderna. Ambos os arcos de ferradura, acima mencionados, mediante uma cimalha simples, se apoiam em columnas engastadas, grossas e ornadas de bases e capiteis, sem symetria em detalhe, mas nem por isso menos interessantes nos seus ornatos de fórma variada e exquisita. O arco cruzeiro, pelo lado da nave, é muito ornado por meio de camadas de arcos concentricos e columnellas, como abaixo diremos da porta principal. Considerado interiormente o corpo da egreja pouco nos offerece digno de attenção: os tres altares lateraes, o pulpito, uma fresta rompida a esmo perto do chão e um côro tosco e amesquinhado, são obras modernas. A fonte baptismal, por vezes reformada, foi ainda recentemente (em 1878) retocada e aformoseada; e na escavação a que n'esta epocha, para esse fim, se procedeu, encontrou-se enterrada debaixo do pé da nova pia uma outra mais tosca de fórma quadrangular, com sorvedouro no centro, que devia ser talvez a primitiva fonte baptismal collocada, sem pé, ao rez do chão, o que é muito conforme com o que nos dizem os liturgistas, fallando dos baptismos da primeira egreja, que eram uma especie de banho, n'um tanque, etc., para o qual se desciam degraus...

Entrando agora na descripção exterior tocaremos de leve as coisas de menos importancia: além d'um sócco simples, que rodeia toda a egreja, a capella-mór tem como ornato no centro do panno testeiro e do lado oriental um nicho como os outros já descriptos, onde ha pouco se collocou uma imagem de S. Christovão que appareceu despedaçada atraz da tribuna velha, quando ella se reformou em 1854, a qual imagem é de pedra fina (d'Ançã?) e apezar da antiga mostra ser posterior á egreja. Actual-

mente acha-se na sachristia. No vertice ha uma estatueta no estylo primitivo, representando um bispo com mitra e baculo; dizem vulgarmente ser Santo Agostinho, o que é provavel segundo a transcripção acima exarada. Cada um dos pannos lateraes, fortalecido por um contraforte em correspondencia com um arco interior, de que já tratamos, é fendido por duas frestas mesquinhas e rematado por uma cimalha simples, a modo de corôa ou larmier, apoiada em mutulas distanciadas e ornadas de relevos phantasiados e ridiculos. Ha no corpo da egreja duas portas lateraes, baixas e pequenas, segundo o costume da epocha, e, prezando mais a commodidade do que a symetria, não as fizeram fronteiras; todavia o exterior das humbreiras é decorado com menos riqueza, mas, no gosto, similhante á principal. Tres frestas esguias em cada um dos pannos lateraes, e outra sobre a porta principal, todas proximas do telhado, fornecem pouca luz, e a egreja por isso é escura: as cimalhas lateraes, exteriores, são do theor das da capella-mór, porém mais toscas e despidas de todo o ornato. Uma



Matriz de Villa do Conde — Desenho de João de Almeida

cinta de pedra saliente e horisontal, uns modilhões espaçados e um pouco abaixo, serviriam ás alpendradas de claustro outr'ora existente? Ou seriam dependencias projectadas, que não chegaram a effeito? A porta principal, contra o pòr do sol, é muito baixa para os nossos tempos, todavia não é das coisas menos curiosas que se offerecem; não sabemos por que motivo vimos aqui encontrar arcos ogivaes, que até agora não appareceram. Medearia muito tempo desde o principio da obra até ao seu acabamento?

Fosse o que fosse, a porta principal, no que respeita á pedraria de seus humbraes, é muito adornada pelo lado exterior por meio de arcos concentricos, em camadas e de fórma ogival, que se apoiam em cimalha sustentada em pontos correspondentes por columnellas cylindricas, que se entremisturam com arestas salientes: estas columnellas teem bases e capiteis com ornatos de phantasia caprichosamente variados. Entre a padieira da porta e o ápice da menor ogiva medeia uma especie de tympano curiosamente ornado em baixo relevo: é um grupo, cujos desenhos e esculptura não destoam do atrazo das artes na edade media. O personagem do centro representa um bispo (Santo Agostinho?) paramentado com mitra (bastante baixa) e baculo na mão esquerda, e a mão direita com dois dedos levantados, e faz acção de dar bençãos; é ladeado por dois outros personagens de mais pequena estatura, mas do mesmo cinzel, que pelas insignias e posição mostram bem ser um diacono e subdiacono assistentes ao bispo.

Cada um d'estes dois tem seu livro aberto, que sustenta com ambas as mãos: o da esquerda do bispo tem só manipulo, e o da direita tem manipulo e estola a tiracollo. Ao pé do subdiacono, um pouco mais afastada, vê-se outra figura rachitica que parece representar um servente ou menino do côro, o qual sustentando com ambas as mãos uma salva sobre a cabeça, faz acção de ministrar ou receber do bispo os utensilios, como se vê ainda nos pontificaes. Ao lado direito do diacono vê-se uma pomba, ou outra ave, esculpida, cuja interpretação parece pouco obvia: será o Espirito Santo assistindo á Egreja? será algum vaso decorativo, producto exquisito da antiga ceramica? ou será um vaso de prata em fórma de pomba, muito usado nos primeiros seculos da egreja, para n'elle se guardar, no baptisterio, a Eucharistia que se administrava aos recem-baptisados, depois da Confirmação? [1] O vertice da egreja era antigamente cortado em linha horisontal, sobre que havia dois campanarios com sinos peque-

[1] Nos primeiros seculos do christianismo os baptisados eram adultos, que depois de instruidos na doutrina christã, iam receber em acto continuo — o Baptismo, a Confirmação e a Eucharistia, que se guardava no baptisterio em um vaso de ouro ou prata, que tinha a fórma d'uma pomba (como no baptismo de Clovis).

nos, cujas cadeias pendiam sobre a porta principal; assim consta e o indicam dois sulcos parallelos e verticaes que se vêem no panno da fachada, acima d'um alpendre ordinario, que faz abrigo á porta e serve de ampliar a egreja. Estes sinos já não existem, e o vertice, refeito de pedra e cal, tem plantada uma cruz ordinaria, feita no estylo moderno. Junto do alpendre, a que serve de apoio, ha um campanario simples e um sino de mediana grandeza.

Irregular e pequeno, o adro era cercado com parede baixa e tosca, junto da qual havia oliveiras muito velhas, e algumas cruzes de pedra, obra de tempos modernos. No mesmo adro appareceram em differentes occasiões alguns sarcophagos enterrados (identicos aos que hoje se vêem no adro de Rates), que dados ou vendidos se encontram em casas particulares dos moradores da freguezia.

Não deve passar desapercebida uma inscripção lapidar imperfeita, que se encontra atraz da tribuna, e na qual se lê a era da fundação d'esta egreja em 1135, que abaixo vae interpretada, [1] e que está em harmonia, com pouca discrepancia, com aquella que acima se lê na *Chorographia,* de Carvalho.

Encontram-se tambem alguns vestigios ou cruzes de certo estylo e em tal disposição, que bem indicam que esta egreja foi sagrada. Ignora-se o lugar, a importancia e capacidade do edificio que servia de residencia aos religiosos que sustentaram o côro até ao Breve do Papa Martinho V. Nada mais se encontra digno de especial attenção, pois os altares modernos, como as mesmas imagens, as sachristias e suas alfaias são coisas de somenos importancia n'uma descripção archeologica, que só deve ser prolixa tratando de antiguidades.»

Pinho Leal, tendo visitado esta egreja de Rio Mau, manifesta a idéa de que ella fosse um templo romano, que no anno 635 (e não 1135) se convertera em egreja christã, podendo as cruzes e as estatuas dos bispos, que ahi se encontram, ser collocadas por occasião da reconstrucção feita no reinado de D. Pedro I. A tradição popular, que attribue aos *mouros* a fundação do templo, condiz com essa opinião, e a verdade é tambem que o estylo romanico se define claramente, apezar das transformações que teem adulterado a fórma primitiva d'este preciosissimo exemplar de architectura, barbaramente tratado pela brocha implacavel do caiador.

De modo que, é preciso saber do seu valor archeologico e attentamente reparar n'essa modesta egreja de Rio Mau, para não a confundir

[1] Esta lapide, de enigmatica e difficil traducção, foi interpretada pelo ex.mo sr. dr. J. Possidonio Narciso da Silva, e diz: — «Na era de 1135, Pedro... indigno sacerdote, principiou a edificar esta egreja em honra de S. Christovão.»

com tantas outras que a cada passo se encontram, tendo como ella o adro aceiado e fresco, e a casa da residencia encantadoramente vestida pelas trepadeiras viçosas que se enroscam nas columnas do alpendre, ao de cima da suave escadaria de granito.

Rio Mau era apresentação dos frades de *S. SIMÃO DA JUNQUEIRA* que pelo sul a confronta, mettendo-se o rio d'Este de permeio.

Proximo da confluencia d'este rio com o Ave está situada a grande quinta da Espinheira.

Esta vasta propriedade, que tem os seus limites nas tres freguezias de S. Simão, Touguinhó e Tougues, é uma das afamadas curiosidades da aldeia e pertence presentemente ao ex.mo sr. Francisco Barbosa do Couto Cunha Souto Maior, herdeiro da fallecida condessa de Azevedo.

Na Junqueira, antigo couto e extincto julgado de Faria, levanta-se ainda o mosteiro dos conegos regrantes de Santo Agostinho, egreja matriz da freguezia, cuja fundação, segundo se acredita, é anterior á invasão dos arabes, visto em 1072 ter o arcediago de Braga, D. Arias, achado em um laranjal da cêrca um breviario do seculo VII, mais tarde mandado imprimir por João Gonçalves de Sequeira, abbade de Santa Eulalia de Rio Côvo (Barcellos). Destruido naturalmente o mosteiro

Castello de Villa do Conde — Desenho do natural por João de Almeida

durante o dominio sarraceno, principiou a sua reedificação esse D. Arias, que foi o primeiro abbade do novo mosteiro dos cruzios. Annos depois — 1110 — o capitão D. Payo Guterres e sua mulher D. Fafia augmentaram muito o convento em edificios e rendas, sendo estas doações confirmadas, em 1180, em escriptura assignada por todos os filhos, filhas e netos de D. Payo, os quaes, na qualidade de padroeiros do mosteiro e senhores do couto de Faria,cederam esta ao convento.

Era então prior D. Payo Garcia, parente dos doadores, e por suas virtudes chamado geralmente o *prior santo, de S. Simão.* Está sepultado na parede da egreja, junto do altar de Santo Agostinho.

Os reis de Portugal interessaram-se tambem por este mosteiro da Junqueira. D. Affonso I confirmou a doação de que fallamos, D. Affonso III mandou, entre outras coisas, que *sob pena de 500 cruzados não devassassem o couto de Faria, do mosteiro de S. Simão da Junqueira,* e D. Diniz, finalmente. em carta regia datada de Evora, dispensou-lhe para sempre o tributo de um morabidino de ouro, que era annualmente pago pelo couto. Os priores da Junqueira eram coudeis-móres do couto.

Em 1516 passou o mosteiro ao poder de commendatarios e em 1594 ficou unido ao de Santa Cruz de Coimbra. Confrontando pelo oriente com Rio Mau, encontramos a freguezia de *ARCOS,* onde em algumas quintas se podem ainda observar portas do mesmo estylo architectonico de Rio Mau, e em cujo lugar de Casaes existe a ermida da Senhora da Conceição.

Através dos campos da freguezia deriva o manso rio d'Este, ahi embellezado por uma ponte, em cuja proximidade se levanta o monte da Cividade, ao sul do *Castello,* ou já em *BAGUNTE,* denominado da Reguenga, mas tendo em toda a sua extensão as mesmas lendas dos mouros que ahi tinham castellos e cidades, e estradas encobertas, que ou communicavam entre si, ou iam terminar no rio Ave.

Alguns vestigios se encontram ainda d'essas fortificações, mas, quanto a *moiros,* os nomes de *castello* e *cividade* estão dizendo ao leitor que se tratava d'esse valente povo latino, vindo de Roma a colonisar o nosso territorio. Na freguezia de *SANTAGÕES,* annexa civilmente a Bagunte, existe egualmente o monte do Castro ou *Crasto,* palavra que indica a mesma origem romana. Bagunte foi cabeça de condado, antes que o reino se separasse de Leão.

O monte da Cividade, a que andam ligadas as tradições dos mouros, extrema por nordeste com *OUTEIRO MAIOR* nos limites da aldeia de *Cavalleiros,* nome que se entende haver tomado, segundo Carvalho, dos Cavalleiros Templarios, que ahi tinham uma grande casa e quinta.

Descendo para as margens do Ave, duas freguezias do concelho nos

ficam ainda ao norte do rio e são: *PARADA,* em cujo lugar de Lamisios, um descendente dos Cunhas, Martim Lourenço da Cunha, fundou uma quinta honrada, a que deu o nome de Cunha-a-Nova; e *FERREIRÓ,* cuja origem foi uma capella de Santa Marinha, tomando o nome, segundo diz a tradição, dos muitos ferreiros que no lugar existiam.

* * *

Atravessando o Ave em Villa do Conde para ir visitar a zona sul do concelho, uma informação temos já de dar ao leitor ácerca da ponte de madeira, sobre que vae oscillando a carruagem que nos conduz.

Substitue, como em outro lugar já dissemos, a grande ponte de pedra que desabou em 1821, e que era obra de D. Francisco de Almada. Cortava o rio em angulo obliquo, visto não existir ainda o espaçoso caes do *Campo da Feira,* depois formado á custa do aterro que enxugou o braço do Ave, que se estendia para o norte, na direcção da estrada actual da Povoa, até ás proximidades da capella de Santo Amaro. Antes da ponte de pedra fazia-se a travessia do Ave em uma barca de passagem, que do lado da villa abicava no *caes das lavandeiras,* e do lado de Azurara na entrada sul da actual ponte de madeira. No caes da villa existia então o nicho do *Senhor das Pautas,* assim chamado por lhe afixarem nas costas as pautas com os preços e regulamentos de passagem; mas quando se fez a actual ponte, transferiram-o para o local, onde se vê ainda, na entrada norte da avenida. N'elle póde lêr-se ainda a antiga inscripção:

TAXA DA
PASSAGE
CADA P.^{a}
M.^{o} REAL
BESTA MAY
OR HO REAL
BESTA MEN
OR M.^{o} REAL
OS DONOS
DELLAS NA
DA NEM OS
M.^{ros} DESTA
VILLA
SOB AS PE
NAS DO FO
RAL
1634.

A paysagem do Ave, gosada de sobre a ponte, é deveras encantadora. Uma larga emoção pantheista, forte como a mais fecunda das seivas, parece innundar o nosso espirito ao receber as impressões da agua desnevada, que além salta nas pedras dos açudes, e se estende em toalha até á orla do mar; da vegetação opulenta, que veste ambas as margens; da luz vibrante e alegre, que parece beijar amoravelmente, cariciosamente, os edificios magestosos e os casaes humildes; o mar, azul como as saphyras, e a areia, fulgente como o oiro; o rio, sinuoso e brando, e as arvores que sobre elle se debruçam.

A gravura de pag. 289 dá-nos um trechosinho d'essa natureza meiga e boa, recordando pelo buril as poeticas azenhas, que junto da villa cortam o alveo do rio, e que são propriedade do ex.mo sr. Figueiredo de Faria.

AZURARA, povoação alegre e remoçada, desde que as novas estradas teem arterialisado o seu territorio, recebe-nos logo ao sahir da ponte, e confunde-nos por tal fórma com a bifurcação das suas vias macadamisadas, que a gente não tem remedio senão entregar-se ao acaso, que é ainda o guia mais pittoresco e menos falso que se encontra para o viajante despreoccupado. O acaso poz-se d'esta vez em communicação intima com a nossa curiosidade, e fez-nos tomar por a estrada districtal n.º 9, que á esquerda sobe a collina, passando ao lado da egreja de Azurara, sumptuoso templo mandado construir por D. Manuel, quando voltava de uma romaria a S. Thiago de Compostella. O interior, apezar de uma ou outra adulteração de mau gosto, corresponde harmonicamente á magestosa opulencia do exterior. A festa mais luzida, que se faz n'esta egreja, é a da Senhora das Neves, no segundo domingo de agosto.

Entre a porta lateral do templo e a estrada levanta-se, no largo em que se faz a feira annual a 5 de agosto, o pelourinho que figura no desenho de pag. 293, e que é ainda um testemunho da importancia de Azurara em tempos não remotos. Não remotos, dizemos, por ser apenas do seculo XVIII que data, em proveito de Villa do Conde, a diminuição d'essa importancia, outr'ora baseada nos grandes privilegios, honras e isenções, cuja lista póde vêr-se no *Tombo* dos marquezes de Villa Real, a cuja casa a villa pertenceu, tombo existente no cartorio da camara do Porto.

Como povoação, crê-se que Azurara existia já no tempo dos suevos, se é que o seu nome de *azul ara* não tira porventura a origem da pedra azul de algum dolmen que n'estes sitios existiu, o que, a ser verdade, faz remontar para mais longe a sua genese historica. O facto é, porém, que no começo do seculo XII o conde D. Henrique e D. Thereza a fizeram villa e lhe deram foral, que D. Affonso II confirmou em Santarem no 1.º de fevereiro de 1213.

Deve dizer-se, porém, que este valimento não era exclusivamente de Azurara, visto ella pertencer então á visinha parochia de Arvore, do antigo concelho da Maia, da qual se desmembrou sómente em 1457, formando nova freguezia, ficando todavia os habitantes obrigados a concorrer para os reparos da sua antiga egreja parochial, encargo de que só poderam eximir-se, depois de muitas demandas, em 1726. O vigario de Arvore ficou tambem apresentando annualmente o cura de Azurara, mas como a nova freguezia cresceu em população, e se tornou mais importante, as scenas mudaram e o vigario passando em 1550 para Azurara ficou d'aqui apresentando o cura de Arvore.

Até fins do seculo XV ainda Azurara continuou pertencendo ao concelho da Maia; mas desde essa epocha formou concelho independente com a maior parte da sua freguezia e com a de Villa do Conde, então menos valiosa que Azurara. Durou isto até principios do seculo XVIII, em que Villa do Conde, prosperando, fez a Azurara o que esta havia feito a Arvore. Lá diz a sentença evangelica: — Não faças a outrem o que não queres que te façam — e desde então Azurara ficou pertencendo ao concelho de Villa do Conde, recuperando por essa occasião, como freguezia, a parte que desde a sua independencia lhe ficára no antigo concelho da Maia.

No seu periodo fastigioso fundou Azurara, em 1515, uma Misericordia e hospital, que ainda existe, e em 1518 um convento de frades capuchos, no mais bello e ameno sitio da povoação, em uma quinta que, segundo a tradição, fôra convento de templarios, e é hoje propriedade particular. Azurara é a patria de Gomes Eannes de Azurara, celebre historiador portuguez, e foi titulo de viscondado, extincto pelo fallecimento, em 1872, de Jorge Salter de Mendonça, segundo visconde de Azurara.

*

* *

Encravada entre estes campos e o Ave, que a banha pelo norte, fica a freguezia da *RETORTA,* nome tirado das voltas do rio n'esta altura, e que immediatamente traz ao espirito a belleza de paysagem, em que ella está emmoldurada. A egreja matriz levanta-se na encosta, a poucos metros do rio, entre velhas arvores, que parecem poupal-a aos estragos dos temporaes. Segundo uma inscripção que está sobre a porta travessa, foi reedificada em 1742, occupando hoje o corpo da egreja um alpendre, que n'esse tempo existia. A sachristia foi em 1672 mandada fazer pelo abbade André Araujo da Silva, segundo se lê na inscripção gravada em uma padieira da porta. É, como se vê, mais antiga que a reedificação

Egreja de S. Christovão de Rio Mau.
— Desenho do natural por João de Almeida

actual, mas chronologicamente muito distante da fundação primitiva, de que hoje não ha memoria, dizendo a tradição apenas, que fôra edificada por um anachoreta, e dizendo outros que era uma capella particular do rico-homem D. Soeiro Mendes da Maia, avô do grande Gonçalo, *O Lidador,* de cujas proezas tanto resam as nossas primeiras chronicas.

Se essa capella era da casa solar de D. Soeiro, é possivel que os paços do rico-homem fossem onde é hoje a residencia parochial, podendo da tradição inferir-se que foi na Retorta a patria do Lidador, visto que ella pertencia então ao grande concelho da Maia, como pertencia *Guilhabreu,* onde foi o seu solar.

Logo abaixo da egreja ficam as pittorescas azenhas de Retorta, hoje propriedade da *Companhia Industrial Agricola Portuense,* mas que outr'ora pertenceram aos bens da freguezia, da qual passaram á familia dos Velhos por emprazamento feito em 1641 pelo abbade André de Araujo a João Pires Velho e sua mulher Maria de Macedo, emprazamento que foi renovado em 1708 por um outro abbade. Estas azenhas, que rendiam 1:200 alqueires de milho annualmente, assim constituidas em prazo de familia, foram a base sobre que assentou o titulo o primeiro barão da Retorta, o mais rico proprietario de Villa do Conde, no seu tempo, e que a final veiu a morrer pobre em casa de seu filho Lourenço.

Do alto do pequeno monte do *Castro,* ou da Giesteira, a cavalleiro do rio, gosa-se uma larga paysagem, limitada ao fundo, em quasi toda a linha do horisonte, pelo grandioso aqueducto de Villa do Conde.

Uma ponte de madeira atravessa o Ave, mesmo junto d'estas azenhas.

A parochia de *ARVORE,* cuja historia o leitor quasi conhece, confronta pelo nascente com Azurara, e se proximo da estrada não ficasse a velha matriz da freguezia, construcção de D. Manuel, indicando ao certo a topographia de Arvore, assim como a indicam os seus lugares de aldeia de Lente e Fieis de Deus, a alta balisa tridentada, que se levanta na collina para servir de ponto de referencia aos mareantes, não nos deixaria enganar sobre o sitio em que estamos. A antiguidade de Arvore ascende á epocha romana, e até ao seculo passado pertenceu, como já dissemos, ao grande concelho da Maia.

Continuando na estrada passamos em frente da ermida da Senhora das Boas Novas, e vêmos á esquerda, entre eucalyptus e cyprestes, a egreja matriz de *TOUGUES,* reedificação provavel da primitiva, attentos os materiaes da sua construcção, mas ella mesmo tão antiga, que se lhe ignora a fundação. No seculo XIII estabeleceu-se na freguezia um mosteiro de frades cruzios, do qual ainda restam alguns vestigios, sendo por isso de suppôr que as pedras de cantaria e tijolos que se vêem na construcção da egreja, sejam os restos d'esse mosteiro. Tougues (virá a palavra de *Taquia,* touca?), é uma povoação antiquissima, e naturalmente anterior ás de Touguinha e Touguinhó (diminutivos) de que já demos noticia, e cuja situação é tão proxima, que deu lugar a dizer-se:

Em Tougues estou,
Touguinha vejo,
Em Touguinhó me desejo;

se é que o verso, apezar de incorrecto, não revela os desejos e aspirações de algum tonsurado de *touca* — sem calembourg — alludindo aos rendi-

mentos dos respectivos beneficios de cada freguezia, que são em proporção crescente, como os versos, sendo ainda hoje o de *Touguinhó,* talvez depois do de S. Thiago d'Anta, em Famalicão, o mais rendoso de todo o vastissimo arcebispado de Braga.

Breve chegamos ao entroncamento, ou melhor diriamos bifurcação da estrada, no sitio da Senhora da Lapa, e formoso sobreiral de Villarinho. Seguindo para Santo Thyrso apparece-nos á esquerda a egreja matriz de *MACIEIRA* e o seu novo cemiterio, já com vaidosos mausoleus. Pertence-lhe tambem a alegre escola primaria com que deparamos, e que pelo aspecto se reconhece ser dadiva particular e não propriedade do estado. Foi de facto instituida para os dois sexos, por um benemerito filho de Macieira, de nome Carneiro.

Adiante encontramos os lugares de Olaia e Azevedo, que pertencem a *FORNELLO,* onde a paysagem diminue de colorido até ao alto da Baganha, por ir a estrada correndo entre pinhaes, e distanciada do Ave, cujos formosos campos vae cortar, proximo da Trofa, já no concelho visinho.

Regressando por qualquer das pequenas estradas transversaes, que vem ou de Macieira, ou de Azevedo a *VAIRÃO,* ou tendo seguido logo do entroncamento a estrada n.º 9, que segue até á Carriça, vêmos erguer-se na collina, que fica á nossa direita, o celebre convento de *VAIRÃO,* de freiras benedictinas, edificio vasto, fundado em 1110 por D. Turriz Sarna, e onde, segundo se lê na *Chorographia* de padre Carvalho, «residiram mais de cem religiosas, cuja Abbadeça apresentava Cura annual, que servia de Capellão com setenta mil réis de renda ao todo. Era Couto seu toda esta Freguezia, que tem cento e setenta visinhos e duas feiras francas nos dias de S. Bento e o deixaram perder por descuido ha muitos annos. Tem este Mosteiro mais de cem mil cruzados de renda em sabidos, juros e annexas, e d'elle sahiram Abbadessas com outras companheiras para a fundação do mosteiro de Santa Escolastica da cidade de Bragança e para o de S. Bento da Villa de Murça na provincia de Traz-os-Montes.»

Desde a sua fundação até meiados do seculo XV o mosteiro foi duplex; mas em 1450, reinando D. Affonso V, e sendo papa Nicolau V, requereram as freiras a sua independencia, o que lhes foi concedido, indo os frades para o mosteiro de Tibães, que era da mesma ordem, e ficando apenas em Vairão, mas em casas separadas, dois monges dos mais velhos e virtuosos, para capellão,—o que realmente torna muito problematica a virtude dos que sahiram.

No archivo do mosteiro existem muitos documentos antigos e curiosos, alguns dos quaes póde o leitor vêr no diccionario de Pinho Leal, pag. 37 do vol. 10.º

No convento existem hoje apenas duas freiras e algumas educandas, cujo entretenimento consiste em resar e fazer doce, que o leitor póde comprar, ao arratel, como recordação da sua passagem por Vairão.

A ascensão da estrada para o mosteiro, cuja egreja é a matriz da freguezia, faz-se em poucos minutos, galgando uns terrenos accidentados e as escadarias de via-sacra, que precedem o edificio.

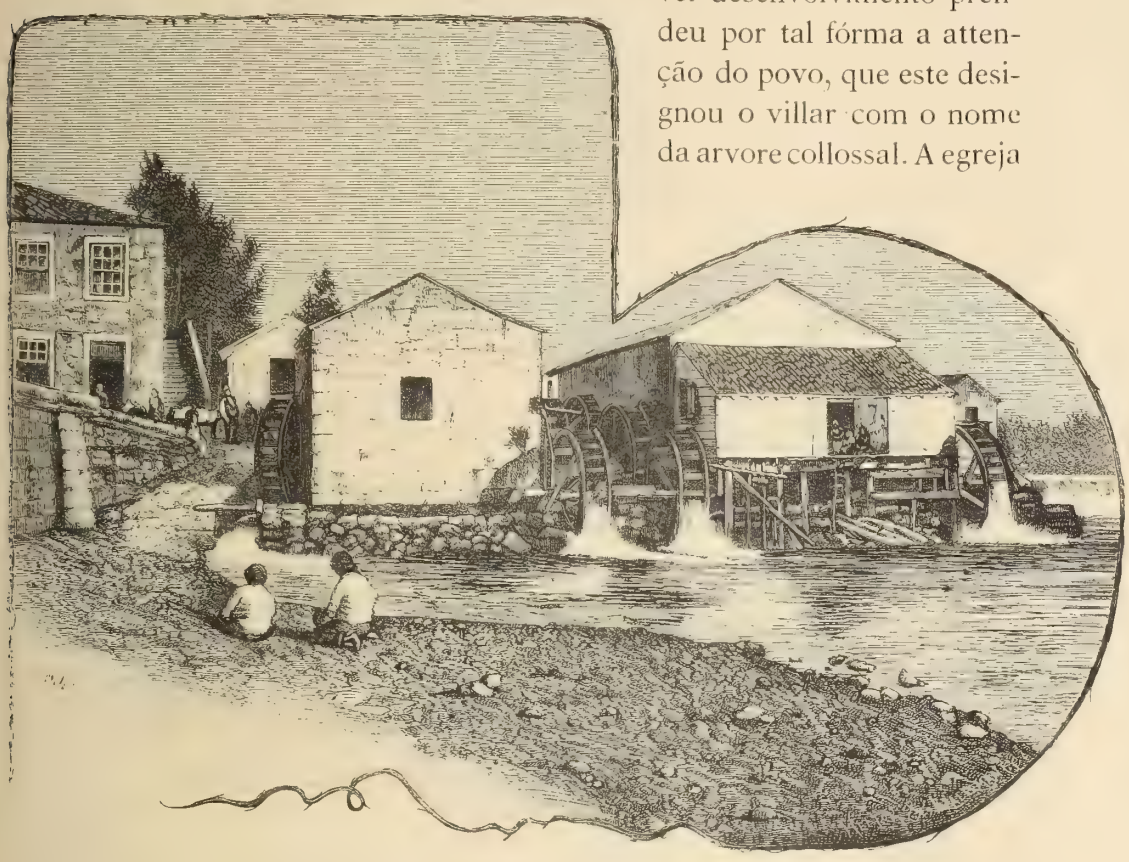
Ao lado da matriz fica o cemiterio parochial, onde se observam jazigos de alguma importancia. Apezar da sua antiguidade, a egreja, por causa das muitas reparações que tem soffrido, pouco ou nada conserva da fabrica primitiva. As maiores festas que se fazem aqui são as de S. Bento e S. José, ambas muito concorridas.

Vairão é povoação anterior aos godos, ignorando-se, porém, o nome que tinha n'esse tempo. O actual vem-lhe da palavra arabe *Bairam,* nome que os musulmanos dão a uma das suas festas religiosas e que é provavel fosse tambem o de algum arabe, senhor d'este lugar. Ao mosteiro de Vairão esteve antigamente annexa a freguezia de *GIÃO,* que a limita pelo sul, e que o leitor encontra se quizer seguir a estrada que através de *MALTA*, freguezia que teve as honras dos cavalleiros da ordem, vae em *MODIVAS,* onde ha uma estação do caminho de ferro, entroncar na estrada real do Porto. No archivo do mosteiro de Vairão ha um documento de 1289, em que o reitor de *Gião* se obriga a pagar annualmente ás religiosas «dous moyos de milho e dous moyos de messe (centeio) e hum moyo de trigo, por uma medida que é chamada teeyga; a qual medida dixe, que *syha soo altar d'essa Egreja*. E dixe, que essa medida era uma pedra cavada (pia). E dixe, que por essa medida avyan a dar os ditos cinquo moyos ao dito Mosteiro, por trevudo (tributo).»

Seguindo, porém, a estrada para a Carriça, encontramos a freguezia de *CANIDELLO* em um delicioso valle, dominado a nascente pela serra de Santa Eufemea, onde se faz uma romaria celebre pelas desordens que marcam o ajuste de contas entre as diversas aldeias, e de proximo de um outeiro da qual serra, chamado Cividade, onde talvez existisse alguma povoação romana, se póde marchar para *GUILHABREU*—o nome virá de Gil Abreu?—freguezia que desde 1870 pertence a Villa do Conde, e em cujo lugar de Freixo está a cabeça de morgado dos Madureiras, assim como em Paiços, corrupção de Paços, ainda ha pouco existiam as ruinas do solar que foi do glorioso Mendes da Maia, *O Lidador* e *fronteiro* de Beja, que aos noventa annos se batia com a mais denodada intrepidez contra os inimigos da patria, nas guerras da nossa autonomia.

Seguindo d'aqui para sul-oeste até encontrarmos a estrada real, que vem do Porto, ou o caminho de ferro da Povoa, é *VILLAR DE PI-*

NHEIRO, onde esta linha tem uma estação, a freguezia que devemos tomar, como ponto inicial de partida, para completar a nossa excursão pelo concelho, na direcção sul-norte. *Villar dos Porcos* se chamou antigamente a esta parochia e conservou tal nome desde o seculo XI, pelo menos, até aos principios do seculo XVII, em que o substituiu pelo que ora tem, ou porque mal soasse o antigo, ou porque algum pinheiro de notavel desenvolvimento prendeu por tal fórma a attenção do povo, que este designou o villar com o nome da arvore collossal. A egreja



Azenhas do Ave — Desenho do natural por João de Almeida

matriz é modesta, mas bem tratada, e sobretudo excellentemente situada em frente do espaçoso terreiro, onde em 1872 se fez, como preito de homenagem a el-rei D. Luiz, uma pittoresca exposição de bois gordos. Na matriz celebrava-se, ainda ha poucos annos, o S. Bartholomeu no domingo seguinte ao dia 24 de agosto, havendo no largo fronteiro uma esplendida e custosa illuminação, que attrahia a Villar uma concorrencia espantosa, sendo notaveis os descantes e as danças populares que ahi vinham encontrar-se.

Assim devia ser em uma terra de bellas raparigas e alfobre de cantadores e cantadeiras de fama, que até das redondezas costumam ser pro-

curados para as grandes festas agricolas. Ou não fôra Villar de Pinheiro a patria feliz do poeta Antonio José da Costa Nabiça, o cego e popularissimo trovador que sustenta no Minho as tradições e. . . os lucros da litteratura de *cordel*. São d'elle os dialogos — *O vinho e a agua, A coruja e o morcego, O mocho e o cuco;* os entremezes *Criado tonto e velha louca, O Douro com pretensões de casar,* e muitos outros, que por lá correm, com as *Cantigas ao desafio,* na memoria dos rapazes e raparigas do campo. E Deus sabe como brilharia o genio d'esse homem, se não fôra duplamente escurecido pela treva da *amaurose,* que o cegou aos quatro annos, e pela treva da ignorancia, que em toda a vida obnubilou o seu espirito.

Quasi não vale a pena referir as outras curiosidades da terra, que poucas são, aliás; ha para vêr na quinta do Padinho a capella do Coração de Jesus, e no cemiterio os mausoleus, que attestam a civilisação de Villar. Um ou outro edificio particular póde prender a attenção, mas nem mesmo o primeiro, a *Casa da Morgada,* é motivo para impedir o leitor de continuar a excursão, a qual póde, pois, recomeçar, seguindo para a extincta villa e *honra* de *AVELLEDA,* na companhia dos ribeiros que passando em Penas e Lagiellas vão reunir-se na *LABRUGE* ao rio d'este nome, que vae a poucos kilometros desaguar no oceano. A matriz de Avelleda foi construida em 1700 e diz a tradição que a imagem de Santo André, que está na egreja, appareceu no sitio das Preladinhas em umas pedras, chamadas ainda hoje de Santo André. Haverá entre o nome da freguezia e esta tradição, desvirtuada já pelo catholicismo, algum laço de união com os antigos cultos druidicos? É o que o leitor erudito póde investigar, tendo vagar e paciencia, se é que não prefere acompanhar-nos para diante, onde encontramos já *MOSTEIRÓ,* cuja matriz é ainda a que foi de um mosteiro de benedictinas, fundado no seculo XII e supprimido em 1480, passando n'esta occasião as freiras e os seus rendimentos para o convento de S. Bento, no Porto.

A nordeste, e a dois kilometros da estação de *Modivas,* a que já nos referimos, fica a antiga freguezia de *VILLAR,* cujo orago, Santa Maria da Expectação, é uma antiquissima imagem de pedra, que a tradição diz ter apparecido em um silvado, no Campo da vinha do passal. Esta abbadia era outr'ora bastante rica, por serem foreiros ao abbade de Villar muitos casaes de outras povoações, entre os quaes todos os de Arões da anterior freguezia de Mosteiró, um só dos quaes — o de Lamella — lhe pagava por anno onze alqueires de trigo, onze de pão meiado (milho e centeio), uma gallinha e um frango, e de luctuosa outro tanto. O valor do seu grande passal, convertido hoje em inscripções, não deve deixar ao parocho saudades dos extinctos fóros. Villar, pela sua antiguidade, foi uma das paro-

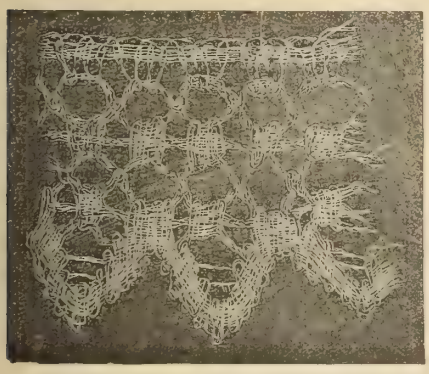
chias do concelho da Maia que primeiro teve Santissimo permanente, indo d'aqui o viatico ás freguezias circumvisinhas.

Tres kilometros para occidente da estação de Modivas fica na orla do mar a freguezia de *VILLA CHÃ,* que em 1706 pertencia ao concelho da Maia, tendo então apenas 46 fogos, e sendo apresentação do collegio da Companhia de Jesus. Em 1768 era já do padroado real, e contava 85 fogos, e de então para cá a sua população triplicou, segundo se vê no mappa respectivo. Villa Chã confronta pelo norte com a freguezia de *MINDELLO,* nome de que a historia erradamente se apossou para designar os 7:500 bravos que desembarcaram em um vasadouro da *praia dos ladrões,* hoje a Memoria de Pampelido, de que daremos noticia no capitulo de Bouças. E o diabo seria, que a historia não tivesse commettido esse engano em favor dos 7:500 immortaes—sem ambiguidades—pois não teriamos agora que dizer de Mindello ao leitor, se não que é visinha de *FAJOZES,* para onde com armas e bagagens nos passamos, aproveitando a pequena estrada municipal que vem da egreja do Mindello á Cruz do Rendo. Em Fajozes é a casa vinculada dos Ferreiras, da Maia.

E agora continuando até Arvore, ou seguindo a estrada real desde o lugar de Pinheiro, ou tomando o caminho de ferro na estação de Mindello, qualquer dos caminhos nos serve para ir em Villa do Conde completar as notas da nossa carteira de viagem.

*
* *

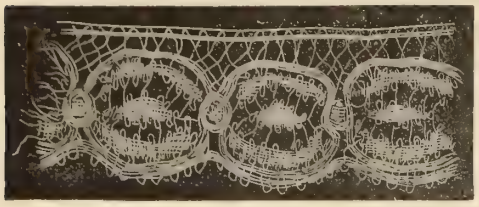
A posição topographica da séde do concelho e a sua extensa orla maritima, como as tradições de navegação e commercio, vivas ainda na alma popular, demonstram á evidencia que Villa do Conde tem a nota caracteristica de uma povoação mercante de marinha, não obstante a lamentavel decadencia d'esta poderosissima industria. Vê-se o estaleiro quasi sempre nú, a barra deserta as mais das vezes, os barcos de pesca diminuindo de anno para anno; mas luctam pela tradição os que ficam, e como nos solos fecundos, apezar da falta de cultivo, a germinação se dá com opulencias de seiva não sonhadas, assim no velho estaleiro se levanta uma vez por outra a arvore de uma nova construcção, e o Ave, abruptamente



Rendas de Villa do Conde

acordado ao receber o novo hospede, parece envaidecer-se alegremente do seu passado feliz.

Os dados estatisticos que seguem e que devemos á obsequiosa amabilidade do nosso velho amigo dr. Francisco Xavier de Castro Figueiredo de Faria, comprovam, melhor que as nossas palavras, o estado commercial e maritimo do concelho.



Rendas de Villa do Conde

Navios entrados durante os ultimos tres annos, 1884, 1885 e 1886 no porto de Villa do Conde, 175.—Total de suas lotações, 11:$^{m.c.}$949,159.—Numero dos tripulantes, 1:035.—Passageiros, 108.—Direitos que se pagaram, incluindo o imposto do pescado, 20:808$169 réis.—As origens dos direitos foram: generos (sal, arroz, vinho e peixe), tonelagem e direitos sanitarios.—Valor da carga por entrada, 33:140$796 réis.—Navios sahidos no mesmo periodo, 175.—Total de suas lotações, 11:$^{m.c.}$969,159.—Numero de tripulantes, 1:035.—Passageiros, 108.—Valor da carga por sahida, 50:456$860 réis.—Os generos exportados não pagaram direitos por serem productos e manufacturas de industria nacional.

Não houve naufragios.

Ha 33 barcos de pesca, tripulados por 150 homens. O seu typo é o que se representa na vinheta d'esta pagina. O producto das pescarias foi de 7:500$000 réis, durante o mesmo periodo.

Desde 1882 foram construidos 11 navios, sendo o total de suas lotações 825$^{m.c.}$, e actualmente estão em construcção 3. Navegam todos com bandeira portugueza, e estão matriculados em diversas praças, taes como Aveiro, Porto e Villa do Conde.

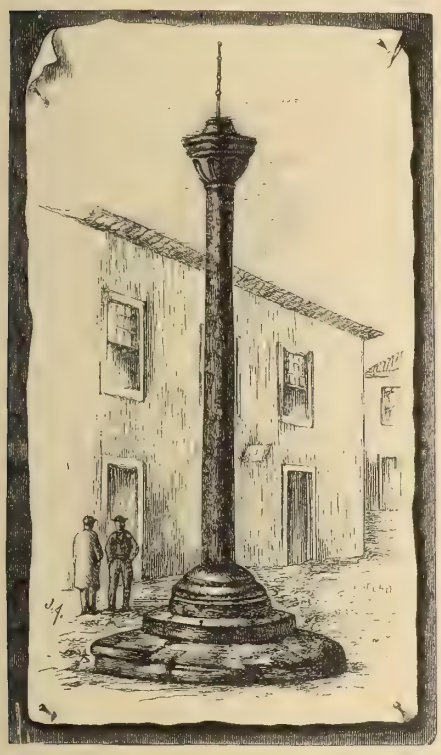
Estas notas, demonstrando o estado actual da vida maritima e commercial de Villa do Conde, provam que é ainda o mar o principal agente das suas condições economicas, embora não seja d'elle que, segundo nos parece, Villa do

Batel de pesca, segundo um «croquis» do ex.^{mo} sr. M. Gonçalves Vianna

Conde deverá esperar o profundo renascimento da sua prosperidade e grandeza.

Esta, se bem pensamos, tem o concelho de pedil-a ao seu Ave tão gentil, aproveitando-o como poderoso motor hydraulico.

Para fazer, porém, de Villa do Conde um concelho industrial, é preciso derramar largamente a instrucção geral e pratica, como é necessario desde já, por uma escola de desenho, encaminhar e dirigir a pequena e artistica industria das rendas, cujo valor orça por uns 10:000$000 réis annuaes, e em que se occupam as mulheres desde a edade dos cinco annos, o que lhes dá uma certa delicadeza e distincção de maneiras. Pelas nossas duas vinhetas verá o leitor alguns *specimens* d'essas rendas.



Pelourinho de Azurara — Desenho do natural por João de Almeida

Apenas um jornal o representa na imprensa e as suas escolas primarias officiaes, são: em Villa do Conde, 3; Azurara, 1; Arcos, 1; Fajozes, 1; Fornello, 2; Gião, 1; Junqueira, 1; Malta, 1; Mosteiró, 1; Labruge, 1; Touguinhó, 1; Rio Mau, 1; Arvore, 1; Macieira, 1; Modivas, 1; Touguinha, 1; ao todo umas 19, que, accrescentadas aos institutos particulares, entre os quaes figura a bibliotheca municipal, fundada com o generoso donativo do fallecido dr. Albino Craveiro, não bastam ainda para levantar o nivel intellectual de um povo, que precisa luctar para viver.

A estatistica criminal apresenta os seguintes algarismos: foram 34 os crimes praticados no anno de 1880, sendo 2 contra a ordem, 19 contra pessoas e 13 contra a propriedade. Os reus julgados foram 50, sendo 26 absolvidos, 3 condemnados a penas maiores, e 21 a correccionaes. Eram 34 homens e 16 mulheres; sabiam lêr apenas 15; 10 criminosos eram de fóra da comarca.

Além das industrias maritima e commercial existe ainda em parte de Formariz e da Retorta a *Companhia Industrial Agricola Portuense,* grande fabrica de fiação e de tecidos cujo motor principal é o Ave, e que trabalha com um capital de 300:000$000 réis.

A industria agricola, porém, é a que floresce especialmente no concelho, podendo dizer-se mesmo que as grandes feiras de Villa do Conde nos dias 3, 12, 20 e 27 de cada mez, são das mais concorridas da provincia, e como que a *bolsa* de cotação para os preços do gado bovino, que tem de vender-se nas outras feiras do Minho.

O valor pecuario é computado pela seguinte fórma:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	342	5:844$300
Muar	106	1:506$000
Asinino	151	475$400
Bovino	5:484	205:793$000
Lanar	2:793	1:977$500
Caprino	54	95$200
Suino	3:897	34:718$000
		250:409$400

Abundam em todos os generos agricolas esses mercados, e são elles tambem as melhores occasiões para a venda do rascante vinho verde que se produz no concelho, vinho ordinariamente de pouca duração, attendendo ao seu fabrico imperfeito.

O preço do vinho regula por 21$000 réis a pipa (532l,8) e o dos outros generos consta da presente tabella:

Trigo (alqueire 17l255)	700
Centeio » »	500
Milho » »	400
Feijão » »	500
Batatas (arroba 14k,688)	360
Cebolas (cento)	120
Gallinha (uma)	360
Ovos (duzia)	120

Tal é o delicioso concelho de Villa do Conde, a cujo brazão, uma nau navegando em mar azul, poderia bem addicionar-se um feixe das suas rendas afamadas, que imitasse as caprichosas vagas d'esse mar.

CONCELHO DE VILLA DO CONDE

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Arcos, *S. Miguel*	237	296	533	101 *(a*
Arvore, *O Salvador*	352	450	802	162 *(b*
Avelleda, *Santa Eulalia* [1]	235	283	518	154 *(c*
Azurara, *Santa Maria*	460	643	1:103	236 *(d*
Bagunte e Santagões, *Santa Maria — S. Miguel* [2]	403	544	947	218 *(e*
Canidello, *S. Pedro*	131	183	314	83 *(f*
Fajozes, *S. Pedro*	240	269	509	94 *(g*
Ferreiró, *S. Martinho*	86	147	233	52 *(h*
Fornello, *S. Martinho*	305	441	746	197 *(i*
Gião, *Santo Estevão*	399	571	970	233 *(j*
Guilhabreu, *S. Martinho* [1]	352	456	808	207 *(k*
Junqueira, *S. Simão*	500	638	1:138	300 *(l*
Labruge, *S. Thiago* [3]	375	403	778	158 *(m*
Macieira da Maia, *O Salvador*	371	458	829	208 *(n*
Malta, *Santa Christina*	238	301	539	130 *(o*
Mindello, *S. João Evangelista*	269	374	643	128 *(p*
Modivas, *O Salvador*	299	371	670	149 *(q*
Mosteiró, *S. Gonçalo* [1]	219	274	493	133 *(r*
Outeiro Maior, *S. Martinho*	121	161	282	58 *(s*
Parada, *Santo André*	92	101	193	44 *(t*
Retorta, *Santa Maria*	134	181	315	63 *(u*
Rio Mau, *S. Christovão*	418	540	958	228 *(v*
Tougues, *S. Vicente*	182	234	416	76 *(x*
Touguinha, *Nossa Senhora da Esperança*	196	232	428	84 *(y*
Touguinhó, *O Salvador*	292	388	680	159 *(z*
Vairão, *O Salvador*	385	558	943	206 *(aa*
Villa Chã, *S. Mamede*	294	312	606	144 *(bb*
Villa do Conde e Formariz, *S. João Baptista — S. Pedro*	2:212	2:751	4:963	1:135 *(cc*
Villar, *Santa Maria*	252	350	602	126 *(dd*
Villar de Pinheiro, *Santa Marinha* [1]	321	380	701	160 *(ee*
	10:370	13:290	23:660	5:426

a Comprehende esta freguezia os logares de Casaes, Moldes e Arcos.

b Comprehende esta freguezia os logares de Lente, Outeiro, Fieis de Deus, Braziella, Loureiro, Passo, Quintão, Quinta e Arca, Chave de Ferro, Pindello.

c Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Além, Lagiellas, Pena, Motta, Lança Parte, Mamfroia, Avelleda, Outeiro.

d Comprehende esta freguezia os logares de Bagunte, Ponte d'Ave, Villa Verde, Figueiró de Baixo, Figueiró de Cima, Villar, Outeiro, Carcavellos, Sant'Anna, Casal de Baixo, Monte.

e Comprehende esta freguezia os logares de Caracoi, Passo, Eirado, Mouta, Padrão, Farelhe.

f Comprehende esta freguezia os logares de Fajozes, Casal tem, Real, Povoas, Tourão, Guilhão, Sarinhães, Gandra, Casal, Rendo, Mouta, Alvite.

g Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Cima de Villa, Engenho, Eirado, Cheira, Torrão.

h Comprehende esta freguezia os logares de Formariz, Casalinho, Fonte, Outeiro, Egreja.

i Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Villa Verde, Lama, Padrão, Olaia, Azevedo.

j Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Tresval, Martinhães, Santo Estevão, Carvalho, Gião de Cima, Gião do Fundo, Gião do Meio, Jondina.

k Comprehende esta freguezia o logar de Guilhabreu e as aldeias de Villa Boa, Freixo e Parada.

l Comprehende esta freguezia os logares do Mosteiro, Barros, Jór (?) Fulão, Moinhos, Villar de Mattos, Lamellas, Real, Barreiro, Ral, Boucinha, Sanguinhal, Cerqueiral, Carvalhal, Garrida, Espinheira, Casavedra, Funtão, Venda, Chentada, Casal Continho, Casal de Pedro, S. Mamede, e as quintas do Mosteiro, Carqueiral, Espinheira.

m Comprehende esta freguezia os logares de Macieira, Sabaris, Villarinho, Ral, Moinhos, Azevedo.

n Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Souto de Gago, Costa, Logar de Cima, Souto d'Aires, Outeiro, Lage, Berrossos.

o Comprehende esta freguezia os logares de Mindello, Passos, Pinheiro, Carvalhal, Outeiro, Moimenta, Burgal, Covello, Gandra Nova.

p Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Cancella de Agra, Quinta, Modivas de Baixo, Passos, Covello, Monte, Longa, Lage, Revilhões, Carrapata.

[1] As freguezias de *Avelleda, Guilhabreu, Mosteiró* e *Villar de Pinheiro* foram transferidas do concelho da *Maia,* para todos os effeitos, a primeira por decreto de 8 de maio de 1871, as outras por decreto de 11 de maio de 1870.

[2] *Bagunte* e *Santagões* são duas freguezias ecclesiasticas, mas como se acham annexadas para os effeitos civis, estão recenseadas conjunctamente.

[3] A freguezia de *Labruge* foi transferida do concelho de *Bouças,* para todos os effeitos, por decreto de 18 de outubro de 1871.

q Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Friãs, Estivada, Santo Egidio, Souto, Fornellos, Cavalleiros, Pedaço, Quintandura.

r Comprehende esta freguezia os logares de Mosteiró, Arões, Cazelo, Villa Verde, Lameira, Monte.

s Comprehende esta freguezia os logares de Parada, Cunha, Pedregaes, Cruzeiro, Monte.

t Comprehende esta freguezia o logar de Retorta, e os casaes de Monsão, Monte, Casas Novas.

u Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Sobrado, Oliveira, Feiteira, Outeiro, Tontousa, Carvalhal, Além do Ribeiro, e as quintas chamadas Quinta de Baixo e Quinta de Cima.

v Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Monte, Venda, Padrão.

x Comprehende esta freguezia os logares de Tougues, Povoação, Monte, Real, Residencia.

y Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Lavadores, Matta, Pena.

z Comprehende esta freguezia os logares de Touguinhó, Regueiros, Matta, Villa Verde, Gandra, Torno, Monte, Ribeira, Espinheira, Sobreposta, Mirante, Assento.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Vairão, Magdalena, Crasto, Pias, Bóca, Passo, Carrazedo, Madorna, Real, Lama, Covilhã.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Villa Chã, Rio da Egreja, Outeiro, Poça, Rio da Gandra, Lavandeira, Figueiras, Cimo de Villa, Fun'devilla.

cc Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Casalinho, Casal do Monte, Cima de Villa, Gandarinha, Pêga, Portas, Fronhas, Areia, Poça da Barca, Regufe.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Rosa, Souto, Outeiro, Pereira, Casal do Pizão, Real, Soutello, Carrapata.

ee Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Povoa, Carvalhido, Venda, S. Gemil, Travessa, Cenra, Peso, Rio, Cestello, Real, Agra de Baixo.

SANTO THYRSO

Praça 29 de Março — Desenho de João de Almeida, segundo uma photographia do ex.mo sr. Jose de Varziella

O nome faz lembrar, salvo o devido respeito ao glorioso martyr do chrstianismo, o velho e alegre Bacho da mythologia, coroado de pampanos virentes, e representando no formoso olympo grego o sensualissimo prazer da embriaguez. E ao vêr de perto esta natureza tão exhuberante, tão forte de seiva, tão viva, tão alegre, ninguem, por menos pantheista que seja, dirá que o nome não convem a esta povoação opulenta das galas da verdura, aureolada das altas vinhas de enforcado, coberta dos thyrsos que enfestoam as suas aldeias e caminhos, dos parreiraes que engrinaldam os seus outeiros e collinas.

De resto, uma villa muito boa pessoa; predios modernos, asseiados, claraboias de catavento, e azulejos nas frontarias; arvores modernas nas praças, luvas e missa do dia ao domingo, club e jornal, hotel... perdão, a *Hospedaria do Caroço,* — caroço verdadeiro, um poucochinho duro de roer, pelo aspecto das loiças, dos quartos, da comida, dos creados, mas caroço de que se não póde prescindir, porque é a unica hospedaria da villa, fresca e rosada, aliás, como a pelle avelludada de um pecego — e ha-os por lá bem bons — mas com o tal caroço amargo e indigesto, que o pobre do viajante tem de supportar á falta de melhor.

E vem a presença d'este Caroço de Santo Thyrso, como aviso ás ter-

ras tão formosas do Minho, para que alterem um pouco o seu regimen de hoteis, onde a falta de aceio afugenta os *touristes,* que poderiam na estação de verão espalhar por lá o seu dinheiro, e fazer conhecida pelas suas recordações, pelos seus albuns, pelos seus *clichés* photographicos, a paysagem e costumes da nossa mais bella provincia.

Mas voltemos á villa de Santo Thyrso, ou antes á sua descripção, que foi para isso que abrimos este capitulo.

No desenho que representa a vista geral da povoação, artisticamente situada em uma collina sobranceira ao Ave, destacam as linhas magestosas do mosteiro de monges benedictinos, cuja lindissima cêrca, hoje propriedade particular, desce até ao rio em differentes socalcos arborisados e cultos. Azenhas cortam a corrente um pouco acima, e d'ellas se serviam os frades para moer os cereaes consumidos no convento, assim como nos açudes conservavam o peixe saboroso e fresco, que vinham pescar nas horas vagas. Não corria ainda então na margem direita a locomotiva ligeira como uma ironia; a nova ponte, que substituiu a antiga de madeira, não cravava na cêrca as suas agulhas de aço, nem mergulhava no rio os grandes pés de granito; a estrada não caracoleava pela collina até ao adro do mosteiro, ou até á praça do Conde de S. Bento. É verdade que tambem S. Bento não tivera ainda o luxo de ser cabeça de condado, brazão que lhe assenta egualmente bem como o capuz de monge, se é que não ha quem opte por este polimento heraldico dos bemaventurados, á custa dos quaes a sociedade moderna vae lançando nas escolas, nas *creches,* nos albergues, a semente do seu futuro viver. Na remançosa tranquillidade de então, qualquer frade sabedor das coisas do seu convento poderia minuciosamente explicar ao leitor a historia d'este mosteiro de Santo Thyrso, que eu tenho de esboçar a largo traço, attendendo a que me não sobra a paciencia, o vagar, nem a erudição d'esse hypothetico monge benedictino.

Remonta a uma antiguidade remotissima a fundação primitiva do mosteiro, affirmando alguns escriptores que fôra na sua origem um templo romano, fundando-se, para sustentar esta opinião, na inscripção que póde vêr-se ainda em uma parede do claustro, e que foi achada n'um tumulo por occasião da reedificação da egreja em 1650. Essa inscripção latina, interpretada por uns, diz em portuguez:

Lucio Valerio Silvano, militar da 6.ª legião, venceu Viriato.

Interpretada por outros, parece uma lapide votiva:

L. V. Silvano, mil. da 6.ª legião, votou a Tauriaco.

Seja como fôr, a menos que se não admitta que alguem carreou para este lugar o tumulo sobredito, é natural decidirm'o-nos, pela origem romana do mosteiro, fosse ou não templo consagrado a qualquer divindade pagã. Ignora-se tambem quando passou a egreja catholica, e quando se fundou o edificio do mosteiro benedictino, mas com certeza existia já no tempo dos suevos, conjecturando-se que o seu fundador fosse ou S. Fructuoso, ou S. Martinho de Dume, que viveu no VI seculo.

É provavel que durante as guerras com os arabes, cujo espirito de tolerancia ia muito além do que nos fazem acreditar alguns historiadores christãos, o mosteiro se conservasse aberto ao culto, mediante alguma contribuição, porque, a ser de todo abandonado, não é natural que no decorrer dos dois seculos que vão entre 716 (guerras com os arabes) e 927 ou 967, reedificação do mosteiro pelo filho de D. Ramiro II, de Leão, Alboazar Ramires e sua mulher D. Helena Godins, estes encontrassem a antiga fabrica em estado de poder ser concertada, dada a hypothese do abandono completo por parte dos monges e da destruição do edificio pelos arabes. Este abandono menos se fundamenta, sabendo-se que no anno de 770 era o convento habitado por monges benedictinos, conforme consta de uma escriptura de doação que se guardava no seu cartorio.

O certo é que Alboazar Ramires, o filho dos amores de Ramiro II, de Leão, com Zahara, a flôr da belleza, segundo a lenda do castello de Gaya, primorosamente cantada por Garrett, não se limitou a reedificar o mosteiro, mas generosamente o dotou com rendas e alfaias, obra de piedade em que o imitaram muitos dos seus descendentes, alguns dos quaes estão sepultados no mosteiro, como D. Sueiro Mendes da Maia, um dos mais valentes batalhadores do seu tempo, que se fez monge depois das luctas asperas da guerra. Na galeria dos retratos dos doadores, evidentemente feitos em uma epocha relativamente moderna, mas apezar d'isso muito deteriorados já, vêem-se os d'este rico-homem e fronteiro-mór do reino, o de seu filho, o de S. Geraldo, o do abbade d'este mosteiro D. Gaudemiro, o de D. Mafalda, e outros de personagens menos conhecidos.

«Em seguida á reedificação de Alboazar—escreve o sr. Vilhena Barbosa—passou a ser mosteiro duplex, isto é, habitado por frades e freiras, que viviam inteiramente separados, só com a egreja commum. Não achamos noticia de quando deixou de ser duplex; sabe-se, porém, que o era no anno de 1220.

Tambem não consta os annos que durou o mosteiro de D. Alboazar. Entretanto, nos primeiros tempos da monarchia portugueza procedeu-se a uma grande reconstrucção, que, se não foi geral, abrangeu pelo menos a maior parte do edificio. Depois d'esta fizeram-se outras parciaes em di-

versas epochas, até que a ordem intentou e levou a cabo, nos seculos XVII e XVIII, uma reedificação tão completa, que apenas ficou o claustro da fabrica antiga.

A frontaria da egreja deita para um espaçoso largo, ornado no centro com um esbelto cruzeiro de marmore côr de rosa. [1] O templo e a portaria occupam um dos lados da praça. O outro é guarnecido pelo edificio das hospedarias do mosteiro com a sua frente apalaçada. Pelo terceiro prolonga-se o muro, que sustenta a estrada. O quarto lado abre-se sobre esta, e serve de entrada, sendo adornado com uma fonte de pedra, onde avulta o brazão de armas dos filhos de S. Bento. Chorões, cyprestes e outras arvores orlam a estrada e o largo, e cobrem a fonte.

A egreja é grandiosa unicamente pelas suas vastas proporções, e solidez da construcção. Quanto á arte bastará dizer que foi reedificada desde os alicerces no seculo XVII, para se ajuizar da sua architectura desengraçada e pesada. Os aggravos e males da oppressão estrangeira, e as tristezas e desalento da nação n'essa quadra ominosa, retrataram-se bem ao vivo em todas as edificações d'essa epocha.

Jazem n'este templo muitas pessoas illustres pela nobreza do sangue, e por seus feitos gloriosos. Os seus nomes formariam longo catalogo. Nomearemos apenas dois: D. Sueiro Mendes da Maia, o Bom, descendente de D. Alboazar Ramires, o qual obrou singulares proezas na batalha de Campo de Ourique, e que falleceu no anno de 1176; e D. Martim Gil de Sousa, conde de Barcellos, alferes-mór d'el-rei D. Diniz, e mordomo-mór d'el-rei D. Affonso IV.

O claustro (de que se representam na nossa gravura umas elegantes arcarias), é a parte mais antiga do edificio; e diremos até que afóra as sepulturas, é a unica, se nos não falha a memoria, que revela a remota origem do mosteiro.

Tem este claustro uns vinte e cinco metros de comprimento, e pouco mais de vinte e tres de largura. Os quatro lanços são abertos em arcos, sustentados por duplas columnas, em numero de cento e vinte e duas, cujos capiteis mostram em grosseiro relevo cabeças de mouros, arpias, leões, silvados, arabescos e outros ornatos, de sorte que não se encontram dois eguaes. O centro do claustro é occupado por um jardim, a que faz singular adorno uma elegante fonte de pedra, toda coberta de engraçados relevos.

A fonte é obra do principio do seculo XVIII; e a galeria superior do

[1] Não é marmore, como erradamente diz o illustre escriptor, e como teem dito alguns outros, mas simplesmente granito porphyroide.

PONTE DA TROFA, *segundo uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas*

claustro pertence á reedificação geral do mosteiro, começada no seculo XVII. Quanto á galeria inferior, difficilmente se poderá assignalar a epocha da sua fundação. Na falta absoluta de noticias, e no meio das difficuldades quasi insuperaveis, que encontra a cada passo quem pretende fazer um estudo consciencioso sobre a historia da architectura em o nosso paiz, será preciso adivinhal-a como se decifra um enigma. Todavia, comparando esta obra com outras do mesmo genero, que temos visto tambem na provincia do Minho, e que se attribuem com bom fundamento aos seculos XI e XII, parece-nos que esta parte do claustro de Santo Thyrso é tudo quanto resta da terceira reedificação do mosteiro, isto é, da que se fez reinando um dos nossos primeiros tres reis. É esta, ao presente, a parte mais antiga do monumento.

Acha-se este claustro em bom estado de conservação, principalmente a obra antiga.

Pela extincção das ordens religiosas em 1834, vendeu-se o mosteiro com a cêrca contigua, exceptuando a egreja, na qual se conserva o culto divino, e o edificio que faz frente ao adro, que se destinou para as audiencias do juiz de direito e administração do concelho.»

O mosteiro teve o senhorio de varios coutos, mas por ultimo conservava apenas os de Santo Thyrso e S. João da Foz do Douro.

Um pouco acima do mosteiro e quasi no fim da ingreme ladeira, que tem de subir quem vem do rio, encontra-se uma pequena capella dos Passos, que foi, segundo a tradição, a primitiva matriz da villa, ou melhor da freguezia de Santa Maria Magdalena ou da *Capella,* como outr'ora se denominava Santo Thyrso, que só tem esta designação desde o principio do nosso seculo, sendo até 1834 um simples couto do extincto concelho de Refojos de Riba d'Ave. O orago da villa é ainda hoje Santa Maria Magdalena.

Em frente está a espaçosa e alegre praça do Conde de S. Bento, nome com que o municipio quiz significar ao grande benemerito thyrsense d'esse titulo um testemunho de agradecimento publico pelos seus relevantissimos serviços ao fomento e prosperidade d'esta terra. D'entre estes é justo que relembremos a dadiva generosa da bella casa de escola que fica nas circumvisinhanças d'essa praça, e que foi solemnemente inaugurada em 3 de janeiro de 1886.

Do *Jornal de Santo Thyrso,* numero commemorativo d'essa festa, copiamos o artigo que diz respeito ao novo edificio escolar:

«O magestoso edificio que a nossa vinheta representa, mandado construir expressamente para casa de ensino publico, com todos os requisitos que taes estabelecimentos pedem, é uma das grandes liberalidades, com

que o benemerito visconde de S. Bento tem aureolado a sua grande e adoravel popularidade.

No dia da sua solemne inauguração, tão faustuosa e brilhantemente promovida pela digna junta de parochia, não podemos furtar-nos, estreitissimamente ligados ao sentir d'ésta população inteira, á intima satisfação, que nos assiste, de manifestarmos as nossas vivissimas congratulações pelo generosissimo beneficio de que partilhamos e de darmos aos nossos leitores, que o não podem apreciar de perto, algumas notas descriptivas do monumento, que é um padrão de gloria.

A fachada principal, que damos á estampa e que tem de cumprimento $47^{m},20$, dá uma clarissima idéa de todo o exterior do edificio, cujas faces lateraes medem 32 metros de extensão.

Os espaçosissimos e elegantes salões, destinados para o ensino elementar de ambos os sexos, contam $16^{m},50$ de cumprimento por 9 de largo, ou seja a consideravel superficie de cada um d'elles de $148^{m2},50$.

Cinco rasgadas janellas por lado e um bom systema de ventilação fornecem-lhe luz e ar para a necessaria ordem e hygiene dos trabalhos escolares.

Em frente d'estes salões ha duas salas de espera, cuja amplitude se casa com a vastidão do edificio.

Para o ensino complementar estão destinadas ainda duas salas de $8^{m},70$ de cumprimento por $6^{m},80$ de largo, e, no centro, a sala nobre, de maiores dimensões para conferencias, reuniões e distribuições de premios. No extremo das frontarias lateraes erguem-se as casas de habitação do professorado, amplas e ventiladas; e entre ellas, como dependencia necessaria, um gymnasio, em solida arcaria, que dá realce áquelle elegantissimo conjuncto.

Luxuosamente, profusamente mobilado a mogno, grandioso e bem situado, este templo da instrucção póde considerar-se, sem receio de errar, um dos primeiros que enriquecem o paiz.

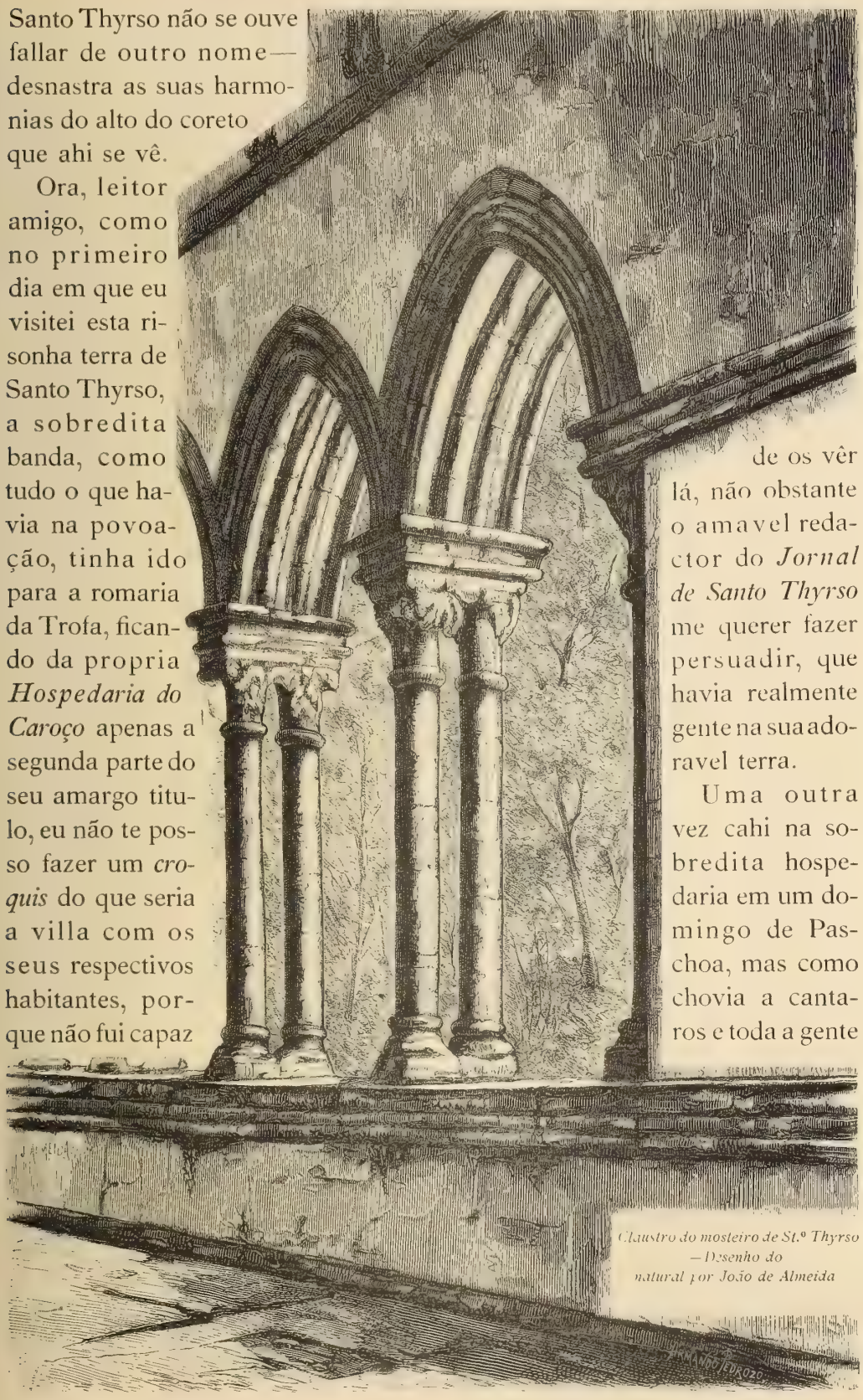
Louvores ao munificiente beneficiador que, tão prasenteiramente, nos dotou com um dos mais desejados melhoramentos que esta florescente villa, ha tanto tempo, anhelava.»

Da praça do Conde de S. Bento segue-se pela rua principal ou quasi unica da terra, até ao largo de 29 de Março, que se representa na primeira gravura d'este capitulo e que é considerado como o coração da villa. Dispensamos-nos de fazer a sua descripção, porque a photographia do distincto amador o ex.^{mo} sr. José de Varziella, sobre que foi desenhada a gravura, reproduz fielmente o aspecto d'esse largo, onde se reune o que ha de mais selecto na povoação, quando a *Banda do Conde de S. Bento*—em

Santo Thyrso não se ouve fallar de outro nome — desnastra as suas harmonias do alto do coreto que ahi se vê.

Ora, leitor amigo, como no primeiro dia em que eu visitei esta risonha terra de Santo Thyrso, a sobredita banda, como tudo o que havia na povoação, tinha ido para a romaria da Trofa, ficando da propria *Hospedaria do Caroço* apenas a segunda parte do seu amargo titulo, eu não te posso fazer um *croquis* do que seria a villa com os seus respectivos habitantes, porque não fui capaz de os vêr lá, não obstante o amavel redactor do *Jornal de Santo Thyrso* me querer fazer persuadir, que havia realmente gente na sua adoravel terra.

Uma outra vez cahi na sobredita hospedaria em um domingo de Paschoa, mas como chovia a cantaros e toda a gente



Claustro do mosteiro de St.º Thyrso — Desenho do natural por João de Almeida

esperava escadas a dentro a visita do *compasso* ou Cruz da Paschoa, tambem não consegui vêr senão uns amaveis rapazes, entre elles ainda J. Bento Corrêa, o redactor do jornal, que me prestaram obsequiosos serviços.

Ainda uma terceira tentativa em dia de sol, mas de sol de rachar. Foi no agosto. As vidraças corridas, a luz faiscando nas calçadas. Nem viva alma nas ruas. Santo Thyrso, com a pacifica beatitude dos seus antigos monges, dormia tranquillamente a sesta. D'esta vez nem mesmo consegui apanhar ao alcance das minhas massadas o sympathico jornalista. Fiquei de mim para mim acreditando, que elle estaria então, sósinho, a lêr o seu jornal, porque o publico thyrsense estava sendo positivamente uma sphynge, velada mysteriosamente a olhares estranhos e profanos.

Consolei-me, comtudo, d'essa aborrecida solidão; eu não logrei, é certo, ouvir as harmonias da banda do conde, e vêr ao mesmo tempo no passeio as sympathicas thyrsenses, assistir no Club a uma partida de bilhar, no Gymnasio a um trabalho de duplo trapezio, em um campo qualquer a um exercicio ou a um basar dos bombeiros voluntarios, ou mesmo saborear no *Café dos Anjos* um café levado dos diabos; mas, em compensação d'essas manifestações de vida cidadã, como eu lucrei em internarme sósinho nos frondosos macissos de verdura, que formam, nos arrabaldes, os trechos deslumbrantes d'esta maviosa bucolica de Santo Thyrso.

*

* *

Foi para além do rio a nossa primeira excursão, depois de termos admirado de sobre a ponte do Ave a formosa paysagem que se desfructa d'ahi, paysagem opulenta da vegetação dos prados e das florestas, da risonha tranquillidade da agua serena como um espelho e do escachoar alegre das cascatas, vibrantes como uma ironia; em que do lado de Santo Thyrso se levanta soberbamente na collina, por entre os carvalhos e os parreiraes da cêrca, o edificio pesado do mosteiro, acompanhado no alto pelas casas novas da villa, como perolas nevadas de um diadema encastoado em esmeraldas, e em que do outro lado, sobre a margem direita, a vegetação feracissima cobre de grinaldas os areaes do rio e a locomotiva que passa, os casaes rusticos e as cumiadas dos outeiros.

Quatro freguezias ruraes se encontram encravadas no territorio de Famalicão, vendo-se de *PALMEIRA,* ao lado da via ferrea, entre a estação de Santo Thyrso e a de Louzado, a grande quinta da Palmeira, onde viveram os Forjazes Palmeiros, antes de se mudarem para a sua quinta e solar da Pedreira. Palmeira foi nos principios da monarchia um couto

importante, tão vasto e tão rico, que nas confirmações feitas ao mosteiro de Nandim (hoje Landim) por D. Affonso IV e D. João I, se lhe chama *Condado antigo de Palmeira,* vindo os frades de Landim receber, na grande feira que em frente de Palmeira se fazia a 24 de agosto, os tributos que por sua jurisdição, n'este couto, lhes eram devidos. Hoje ainda, um anno por outro, se faz uma pequena romaria n'este mesmo dia ao S. Bartholomeu, na sua capella do lugar da Varzea, freguezia de Santo Thyrso, dizendo a tradição oral que esta capella fôra uma egreja. E é isto o que resta da antiga e brilhante feira da Palmeira.

Do couto de Landim fazia parte a freguezia visinha de *SANT'IAGO DE AREIAS,* cuja velha matriz, por ameaçar desmoronar-se, vae dentro em pouco ser substituida pela nova egreja que o conde de S. Bento mandou á sua custa edificar, visto terem chegado apenas para a construcção de uma modesta capella-mór os 700$000 réis que os parochianos conseguiram por subscripção. Muito proximo e quasi em frente do novo templo, um outro se levanta modesto, mas de largos intuitos—a casa da escola—a primeira que no concelho se fez á custa de uma subscripção particular, promovida por um apostolo dedicado e fervoroso da instrucção do povo, o ex.^{mo} sr. Fernando Pires de Lima, professor dos mais illustrados, que exerce o magisterio n'esta circumscripção. N'esta freguezia de Areias e em terreno limitrophe de Famalicão nascem umas aguas mineraes quentes, que as duas municipalidades mandaram analysar ao laboratorio chimico do Porto, esperando, caso a analyse confirme as virtudes que ás thermas attribue o povo, organisar de commum accordo uma *Estação balneotherapica,* onde os banhistas possam encontrar as commodidades precisas.

A lenda refere, que em uma arruinada torre de Areias, sobranceira ao rio Ave, habitára o infante Alboazar Ramires, filho de Ramiro II, de Leão, e fundador ou reedificador do grande mosteiro de Santo Thyrso, como o leitor já sabe. Proximo d'essa torre existe a antiquissima capella de *Nossa Senhora da Expectação,* que pertence por direito de posse consuetudinaria, e não por outro titulo, á visinha abbadia de *S. MIGUEL DA LAMA,* pequena freguezia que se encontra na estrada velha de Landim, tendo ao norte *SEQUEIRÔ,* cujo abbade era outr'ora alternativamente apresentado pelos cruzios de Landim e pelos benedictinos de Santo Thyrso.

*

* *

A romaria da Senhora das Dôres na Trofa é a romaria, por excellencia, do concelho, despovoando-se n'esse dia a villa e as aldeias de muitas

leguas em redor para irem no largo campo gosar dos prazeres do arraial. N'esta sasão de romarias, que durante o verão accommette a provincia, a da Senhora das Dôres é, sem duvida, uma das mais concorridas; e, como n'isto de festas, Maria vae com as outras—segundo lá se diz no Minho—eu e o leitor, Marias de occasião, vamos tambem por essa estrada fóra presencear o movimento animado e pittoresco da grande romaria das Dôres.

Regorgitam de passageiros os comboyos do Minho; e os *char-à-bancs,* os *breaks,* as diligencias, todos os meios de transporte, vão empilhados de romeiros, como sardinha em canastra; carradas phantasticas de gente, puchadas por dois ou tres magros bucephalos, que parecem n'esse dia, mais do que em qualquer outro, comprehender a sua missão de animaes pacientes, parando invariavelmente nas subidas até que os alliviem de dois terços da carga, e esperando fleugmaticamente nas descidas para que esses dois terços e mais alguns novos aggregados que se reuniram no caminho, voltem a occupar por sobre a camada, que ainda lá ficou, os commodos lugares que lhes eram destinados.

Enchem a estrada os ranchos numerosos, que fazem o caminho cantando e dançando, ranchos de uma vivacidade alegre de colorido, em que as raparigas, de pequenos chapellinhos emplumados e saias de vistosas ramagens, ouradas e descalças, vão, á desgarrada, ou em córos de uma grande suavidade melodica, ordinariamente acompanhados a *harmonium,* cantando cantigas repassadas de um fundo sentimento de lyrismo.

Meu amor, meu diamante,
Ainda assim, não digo bem;
O diamante tem peso,
O meu amor não o tem.

Ouvimos cantar a uma rapariga, junto da velha egreja de *S. MARTINHO DE BOUGADO,* egreja que o leitor vê representada na nossa gravura, e que, se conhece a linha ferrea do Minho, encontra em um pequeno socalco, em frente da estação da Trofa. Adiante logo é o espaçoso largo da romaria, povoado de barracas de comidas e bebidas, de carradas de melancia e pipas de vinho ao torno, proximo do qual os grupos estacionam para molhar a palavra, em quanto um ou outro do rancho vae pacientemente assentar-se em uma cadeira de pau, salão rudimentar dos Godefroids da romaria, esperando que um Figaro de navalha em punho lhe escanhoe os queixos ali mesmo. Ao centro, approximadamente, levanta-se a moderna capella das Dôres, onde se não póde entrar no dia da festa, taes são os apertos e a accumulação do povo junto das portas principal e travessas. E porque se não lucta contra essa onda de piedade, sem

Egreja da Trofa — Desenho de João de Almeida

risco de partir duas costellas, pelo menos, eu aconselho o leitor, visto estarmos tão proximo do Ave, a que venha de preferencia contemplar duas obras de arte esplendidamente emmolduradas por esta natureza feiticeira. A mais proxima da estação da Trofa é a ponte da linha ferrea, de que ainda se avista a extremidade na nossa gravura de pag. 313. A sua simplicidade diz bem no meio d'esta paysagem cheia da frescura da agua e das vegetações louçãs, e, quando o comboyo surge dos lados da Terra Negra, ovante, glorioso, cortando rapidamente os seus ennastrados d'aço, dir-se-hia que as tremulas oscillações da ponte são como as caricias ternas das escravas do oriente, juncando com os seus cabellos de ouro o solo que tem de atravessar o seu senhor e amante.

Já em *S. THIAGO DE BOUGADO,* antiga freguezia, reguengueira do grande concelho da Maia, ao qual pagava de fóros uns 3:000 alqueires de pão, encontra-se no lugar da Barca da Trofa a elegantissima ponte pensil, que substituiu a antiga barca de passagem e foi construida, em

1858, por conta da *Companhia Viação Portuense,* sendo o projecto dos engenheiros Belchior José Garcez e Sebastião Lopes Calheiros. A nossa gravura, feita sobre uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas, dá uma idéa completa do effeito artistico d'essa construcção, que a natureza parece teve prazer em rodear dos mais bellos encantos de paysagem, escolhendo entre os quadros formosissimos do Ave, um que não desdourasse a concepção artistica do homem, para emmoldurar esta joia, por elle trabalhada.

Estendem-se para além da ponte, e seguindo a corrente que deriva mansa, os campos fertilissimos do Ave, cortados pela estrada districtal que segue para Villa do Conde, e que o leitor já conhece, até ao alto da Maganha. Proximo d'este limite fica, ao sul, a freguezia de *GUIDÕES,* para a qual nos póde servir de guia o ribeiro que passa sob a estrada e que vem desaguar ao Ave, tendo feito quasi todo o seu percurso n'esta freguezia e na de *ALVARELHOS,* onde nasce na vertente oriental da serra de Santa Eufemia, serra cuja topographia conhece pela ermida da santa o *dilettanti* das romarias thyrsenses, que não falta aqui no ultimo domingo de setembro, para fechar o cyclo das romarias do anno. E deve dizer-se em abono d'este *dilettanti:* elle não vae lá por causa das philarmonicas de fama, por causa do brilhante fogo de artificio, por causa das illuminações de tijellinhas ou pimentos; nada d'isso ha em Santa Eufemia. Elle vae para sustentar a tradição, pelo amor exclusivo da arte; quem não o acreditar, que explique pela belleza do local, ou pelas tradições archeologicas da montanha—diz Carvalho que foi junto da ermida a antiga cidade de Palmasão—o motivo que leva o romeiro á festa de Santa Eufemia, se não quizer pensar que é o nome pouco urbano do arraial que o faz ir áquella parte... da serra.

Adiante de Alvarelhos cruza na Carriça, muito perto de *S. CHRISTOVÃO DO MURO,* a estrada real que vem do Porto com a districtal que vem de Villa do Conde e segue através da orla sul do concelho de Santo Thyrso com destino a Paços de Ferreira, passando junto de *S. MAMEDE DE CORONADO,* abbadia que era apresentação alternada do papa, do bispo do Porto e do abbade de Vermoim, cabendo a este ultimo a reserva e o privilegio de vir em um dia do anno ouvir missa a esta parochia de S. Mamede, entrando na egreja com seus creados, cavalgaduras, cães e gados, e sendo o abbade obrigado a dar-lhe de jantar e á sua comitiva, além de sete varas de bragal, recebidas no fim do jantar, ao qual assistia de sobrepeliz e estola o dito abbade de Vermoim.

Passa tambem a estrada perto de *S. ROMÃO DE CORONADO,* onde a linha ferrea do Minho tem a *Estação de S. Romão,* notavel ainda

ha pouco pela figura veneranda de um mendigo de longos cabellos e barba de neve, que á chegada de todos os comboyos estendia para os passageiros a mão, antes impondo que pedindo esmola, tal era o effeito artistico do seu esplendido typo de patriarcha biblico. Residia na Folgosa, freguezia do proximo concelho da Maia, e o seu nome, segundo elle affirmava, era Primogenito Estrangeiro Carvalho de Borgonha. Calcularam-lhe o espolio em perto de 600$000 réis.

De S. Romão para a Trofa fica ao lado da via ferrea a freguezia de *COVELLAS,* antigamente da comarca e termo do Porto, concelho da Maia. O ribeiro do seu nome, que, pouco depois da estação de S. Romão, a linha ferrea atravessa, vae desaguar no Ave, junto da ponte metallica do Bougado. A nova egreja de Covellas, inaugurada ha pouco com toda a solemnidade, deve a sua edificação ao zelo dos parochianos e á generosa intervenção do conde de S. Bento, que os auxiliou na conclusão da obra, subscrevendo com 180$000 réis.

Deixando, porém, a linha ferrea, para continuar na estrada districtal n.º 9, breve atravessamos, perto de *Villar de Luz,* a estrada real que vem do Porto pela Travagem, encontrando meia legua adiante d'esse cruzamento, nas faldas do monte de Penas de Abelha, a freguezia de *S. JULIÃO DE AGUA LONGA,* que apenas tem de notavel o haver manifestado em 1875 algumas minas de ferro, manganez e antimonio, e em cujo lugar de Arcozello passamos sobre o rio Leça, para além do qual destaca, já na freguezia de *AGRELLA,* a estrada districtal n.º 8, que vem até Santo Thyrso.

Depois do lugarejo de Facho o povoado escasseia, e o percurso faz-se entre as nuas asperesas da serra da Agrella e os melancholicos pinheiraes do Sobradello, mal podendo o pequenino Leça distrahir-nos d'esta rudesa solitaria da paysagem, que por toda a parte nos envolve.

É preciso que cheguemos a Capella, a Sobrecampos e Vellal ou Bolal, lugares da parochia de *LAMELLAS,* para vermos de novo a alegria dos casaes, na paz remançosa e tranquilla do trabalho, e podermos, ainda que de relance, surprehender os modestos lares enfumarados, as alfaias agricolas por baixo da ramada dos quinteiros. D'ahi por diante é raro que se não encontre povoado. Do lugar de Carneiro ha de sahir para Paços de Ferreira um lanço de estrada que passe em *REFOJOS DE RIBA D'AVE,* a antiga villa e cabeça de concelho de *Refojos da Maia,* a que D. Diniz deu foral em 1307 e D. Manuel em 1513, e no qual se trata das terras da Agrella, Parada de Castanheira, S. Gião e Santo Longo. Essa estrada deve passar tambem na *REGUENGA,* freguezia situada nas vertentes occidentaes da serra d'Agrella, e cujo lugar de Telha se avista da

estrada que vinhamos percorrendo, no sitio onde o rio Leça é por ella atravessado.

Do lugar de Carneiro até á villa accumulam-se, como dissemos, as povoações ruraes. Confundem-se os lugares de *GUIMAREI,* a terra do bailio Braz Brandão, com as aldeias de *S. THIAGO DA CARREIRA,* situadas nas ademeas do Monte Cordova, nome que vem de *Corva* ou *Curvo,* antigamente dado á montanha que por oriente nos fecha o horisonte, e da qual mais de espaço fallaremos.

*
* *

Ao approximar de Santo Thyrso encontram-se ainda as freguezias de *SANTA CHRISTINA DO COUTO,* na planicie, e em cuja capella de S. Roque se faz uma pequena romaria, e a de *S. MIGUEL DO COUTO,* na encosta do Monte Cordova, vindo o nome generico ás duas de terem sido dos coutos de Negrellos e Santo Thyrso, e dizendo a tradição que no lugar de Sá, de S. Miguel, existira a antiga cidade ou villa de Sallas, da qual são os vestigios que ainda por ali se observam e que se suppõe ter sido arrazada nos seculos VIII ou IX.

É tradição tambem que n'esta villa de Sallas fôra a habitação do conde Guterres Arias e de sua mulher D. Aldara, virtuosissima senhora cujo tempo se passava em oração e obras de caridade. Na egreja de S. Miguel conserva-se ainda a pia baptismal em que o bispo S. Rosendo, filho d'esta senhora, recebeu o primeiro sacramento da religião christã.

No alto d'essa montanha, em cujas faldas mais ou menos assentam as povoações a que por ultimo nos referimos, está edificada, no lugar do Mosteiro, a egreja parochial do *MONTE CORDOVA,* freguezia que tomou o mesmo nome do monte e onde consta que pelos annos de 1080 a piedosa D. Aldara, ou pelo menos seu filho, o bispo D. Rosendo, já em 1110 fundára um mosteiro benedictino, de que hoje só o nome do lugar conserva a tradição.

A lenda refere, que sendo D. Aldara esteril por muito tempo, e pesando-lhe no coração essa magoa pungentissima, ia muitas vezes descalça ao alto da montanha fazer oração, em que pedia a Deus os gosos da maternidade. Foram as suas preces ouvidas, nascendo então S. Rosendo, e a condessa, em reconhecimento ao favor divino, ou por voto antes promettido, fundou junto á egreja o mosteiro ou priorado de que fallamos, mosteiro que S. Rosendo mais tarde ampliou,—e d'ahi a confusão no nome dos fundadores.

Paysagem do Ave, proximo da Trofa — Desenho de João de Almeida

Nas alturas d'este Monte Cordova existe a antiga ermida de Nossa Senhora de Vallinhas ou da Misericordia, sendo a imagem de pedra, tamanho natural, feita, ao que se diz, no tempo dos godos, ignorando-se, porém, se veiu de alguma egreja da tal villa de Sallas, ou se de proposito foi mandada fazer para esta sua ermida.

O certo é, que a grande devoção de que nos tempos antigos foi objecto, devoção mantida durante muitos seculos por eremitas que ampliaram a capella fazendo-lhe sachristia e casa de residencia, não esfriou em nossos dias, e a romaria da Senhora de Vallinhas, em 8 de setembro, é ainda uma das mais concorridas dos arredores. Eis como a descreve o sr. Alberto Pimentel nas suas «Cartas do Minho» dirigidas ao jornal de Lisboa, *O Economista:*

«O Minho está n'este momento em plena sasão de romarias.

Ainda ha poucos dias lhes fallei do arraial da Senhora das Dôres, na Trofa, e já tenho que referir-lhes as minhas impressões da romaria da Senhora das Vallinhas em Monte Cordova. Mas como isto seja um não acabar, temos no proximo domingo a grande festa do Sagrado Coração de Maria em Louzado. Depois virá a romaria de Santa Eufemia, romaria que se torna notavel na tradição popular pelos chulos gracejos que se trocam os romeiros.

No intervallo d'estas religiosas bambochatas, em que o vinho desce para os estomagos e as orações sobem para Deus, a vida da provincia discorre serenamente para os pintalegretes minhotos na pesca á linha e na caça das rolas e das codornizes. D'aqui a poucos dias chegarão as *sombrias,* que se devem encontrar no caminho, em direcções oppostas, com as andorinhas que partem. As *sombrias,* que costumam demorar-se dois mezes, constituem uma bella caça. Nutrem muito com os painços e dão uma excellente canja. De modo que, dentro de breve tempo, os dias serão tomados pelas *sombrias* e as noites pelas esfolhadas. Os milheiraes lourejam em ondas de ouro fôsco, e a foicinha do ceifeiro apenas espera que o sol dê a ultima demão á maturidade das espigas. Nas ramadas principiam a negrejar as contas dos cachos que pendem d'entre a folhagem verde como pequenas stalactites feitas de pequenos bagos de onyx. Assim, á patuscada amorosa das esfolhadas succederá brevemente a azafama alegre das vindimas.

Mas as romarias, os arraiaes é que são as grandes festas do campo, porque não importam o menor trabalho. São, pelo contrario, a ausencia d'elle, a liberdade mais divertida, e a folga mais attrahente que se póde saborear na provincia.

Despovoam-se villas e aldeias inteiras por causa de uma romaria. Terça feira passada a Senhora das Vallinhas fizera com que a villa de Santo Thyrso parecesse uma povoação abandonada, solitaria e luctuosa. A pobre villa fazia lembrar a joven Lilia de Castilho, desfolhando flôres no seu jardim — porque é realmente um jardim — e arremessando, chorosa, as petalas das flôres que desfolhava, á branda corrente do rio Ave.

Desde pela manhã começaram a sahir os thyrsenses para o Monte Cordova, uns em burro, outros em cavallo, alguns — principalmente as senhoras — em carros de bois, e muitos a pé. Das freguezias de além da ponte vinham chegando ranchos de gente do campo, moçoilas com muito ouro ao pescoço, rapazes de collarinhos bordados e jaqueta ao hombro, por causa do calor.

O caminho para Vallinhas é mau, pedregoso e ingreme. Por isso,

como já disse, algumas familias da villa foram em carros puxados a bois, —genero de locomoção muito incommodo, sobre tudo n'um caminho tão irregular como aquelle. Os carros iam subindo para Monte Cordova aos solavancos, umas vezes sumindo-se nas reintrancias do solo, outras vezes pendurando-se de um comoro. Quem viaja por este processo de locomoção antediluviana precisa estar muito prevenido contra os solavancos para não cortar a lingua. O mais prudente é ir calado;—a não querer a gente ficar com duas linguas,—partida pelo meio a que Deus nos deu. Mas quem ha de querer isso?! Uma só, ás vezes, é prejudicial, quanto mais duas! Dizia não sei quem que a eloquencia é de prata e o silencio é de ouro. Eu sou d'esta opinião, e da contraria... ás vezes.

De mais a mais um tal systema de locomoção, sobre ser incommodo, é vagaroso. Eis aqui as razões que eu tive para recusar o offerecimento, que me faziam, de um lugar em qualquer dos carros. Preferi ir a cavallo. A cavallo é um modo de dizer. No Minho os cavallos são raros. O burro floresce sem competidor, e é por isso talvez que chamam indistinctamente burro ao cavallo. É uma questão de habito. Mas eu estimei immensamente que me offerecessem, para este pequeno passeio a Monte Cordova, um burro em vez de um cavallo. Era mais seguro. Dom Frei Bartholomeu dos Martyres trepou em burro ás alturas de Barroso. Eu, já que o não posso imitar nas virtudes, imitei-o ao menos no burro. Foi assim tambem que subi ás alturas de Monte Cordova.

E depois o burro, o pobre e humilde burro das aldeias, martyr no trabalho e heroe na paciencia, tem obrigação de me ser reconhecido, porque já uma vez, nos *Cantares,* puz em verso a *Historia de um burrinho.* Eu disse bem do burro, porque gosto de fazer justiça,—até aos burros. Ás vezes tenho motivo para me arrepender de haver feito justiça aos homens; aos burros, nunca. Fui a Monte Cordova, em burro, por mau caminho, e não cahi. Justiça seja feita ao burro,—mais uma vez.

Depois de ter sahido de Santo Thyrso, uma pequena difficuldade se me antolhou: eu não conhecia o caminho. A gente de pé mettia por atalhos; eu via-a desapparecer por entre os milharaes para procurar a linha recta. Fugia-me com essa gente toda a confiança que eu podia ter n'um *cicerone* qualquer,—esses honrados *cicerones* da provincia que não só não enganam ninguem, mas que até muitas vezes torcem o seu itinerario para nos orientarem no nosso.

Assim, resolvi deixar-me ir ao acaso, como muitas vezes tenho caminhado na minha vida, sem me ter dado mal com isso. O caminho perde em commodidade o que ganha em formosura. Valles de uma suavidade idyllica iam surgindo de sob a massa transparente do nevoeiro matutino,

que se evaporava lentamente, subindo para as alturas do Monte Cordova, onde parecia rasgar-se nos fragoedos. A vegetação, opulentissima como toda a vegetação do Minho, dormia ainda na placidez bucolica da manhã. Não havia sequer uma brisa que a despertasse. Um espectaculo d'estes dá-me sempre uma consoladora sensação de tranquillidade e paz. Parece que chego a vegetalisar-me, deixem-me assim dizer; sinto como que florir uma arvore, serena como as outras, dentro da minha alma. Mas n'essa imaginaria vegetalisação ha o que quer que seja de melancholia, de vaga saudade, muito suave, é certo...

Ia eu pelo caminho fóra procurando explicar a mim proprio estas fugidias impressões que atravessavam brandamente a minha alma, quando senti atraz de mim o chouto de um burro. Voltei-me, e vi então o cavalleiro. «Eis aqui, disse com os meus botões, o *cicerone* que a Providencia se encarregou de mandar-me!»

O chouto trapeava já mais perto de mim, quando o cavalleiro desconhecido se dignou dirigir-me a palavra:

— Olá, amigo! Vae para a romaria?

E emparelhava o seu burro com o meu.

Impressionou-me agradavelmente a semcerimonia da pergunta. Alem d'isso lembrou-me a ponto que mais vale um amigo no caminho do que dois em casa.

Fallam de democracia os republicanos! Ora adeus. Comparem com esta democracia minhota a democracia franceza da terceira republica! Pois olhem que por cá, pelo Minho, no coração das aldeias, não ha republicanos.

Eu, reparando no meu inesperado companheiro de viagem, respondi:

— Vou para a romaria, sim senhor.

O meu companheiro era o que por cá se chama — um lavrador rico. Homem de trinta e sete a trinta e oito annos, rosado das faces, cabellos castanhos. Calça e rabona preta, chapeu baixo, camisa bordada, dois anneis n'um dedo: sem gravata.

— Então, se vae para a romaria, replicou elle, ha de fazer-me um favor...

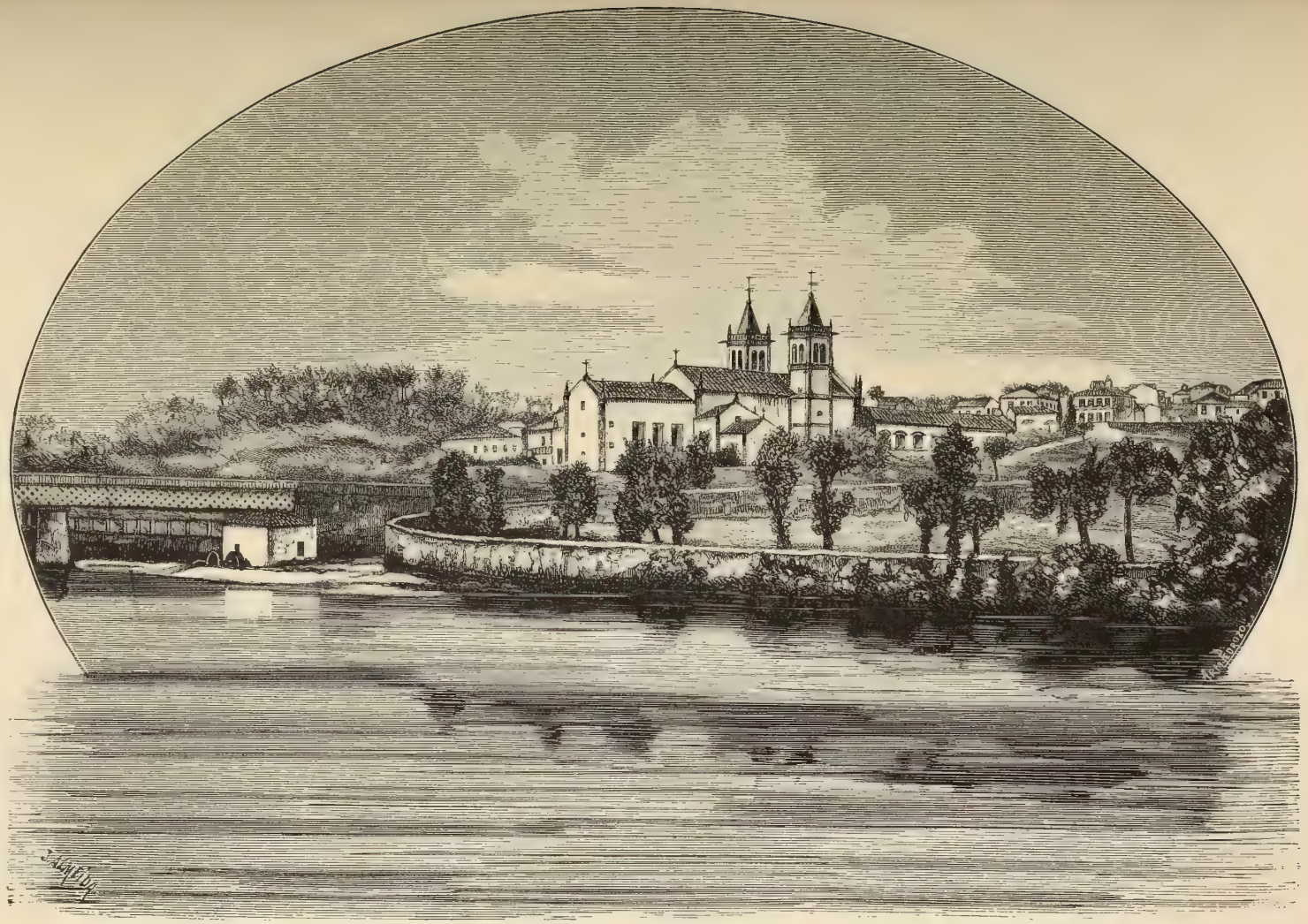
— Da melhor vontade, respondi.

— Ha de ensinar-me o caminho...

Ao ouvir estas palavras, puz a mão esquerda no arção de modo a voltar-me sobre a direita para o meu interlocutor, tanto quanto me foi possivel. E disse-lhe:

— Com que então tambem o senhor vae para a romaria?

— Vou para a romaria, vou.



SANTO THYRSO, *segundo uma photographia do ex.mo sr. José de Varziella*

— N'esse caso, repliquei, ha-de fazer-me um favor...

— Qual?

— Ensinar-me primeiro o caminho para eu lh'o ensinar depois.

O homem riu-se, e desde esse momento as nossas relações ficaram entaboladas.

Contou-me a sua historia. Era de S. Miguel das Aves, lavrador, solteiro. Frequentador de romarias, era justamente a da Senhora das Vallinhas a que menos tinha frequentado. N'uma palavra, não sabia o caminho. Mas apezar de o não saber, a sua companhia foi-me util. Mais experimentado nos caminhos da aldeia, quando chegavamos a alguma encruzilhada era elle que resolvia a difficuldade:

— Por ali é que deve ser. Ha pégadas, e signal de terem passado rodas.

Estes vestigios ter-me-iam escapado por certo, e se não houvesse encontrado o bom homem de S. Miguel das Aves, ainda a esta hora andaria perdido entre Santo Thyrso e Monte Cordova á procura do arraial da Senhora das Vallinhas.

Á medida que se vae subindo para Monte Cordova a bacia dos valles cava-se mais profunda e mais extensa n'um panorama verdadeiramente encantador. A casaria de Santo Thyrso alveja ao longe, como n'um bracelete de esmeraldas uma opala.

Chegamos finalmente ao lugar da romaria.

Ah! que formoso sitio aquelle! Junto da capellinha, que é modestissima, estende-se um vasto carvalhal, onde só tenues raios de sol conseguem penetrar. O aspecto que este bosque offerecia era deliciosamente pittoresco. Aos troncos dos carvalhos estavam amarrados numerosos burros, cavallos e bois. Aqui e ali ondulava uma dança chuleira; mais além um pequeno grupo comia, sentado na relva, o seu farnel. Um pintor impressionista haveria trazido do arraial da Senhora das Vallinhas o esboço de uma téla preciosa.

Sentei-me á sombra de um carvalho a lêr os jornaes de Lisboa, por que tinha esperado em Santo Thyrso. A pequena distancia viera installar-se um grupo de camponezes para petiscar; o seu farnel consistia em vinho, brôa e melancia. Eram ao todo seis pessoas: pae, duas filhas, dois filhos, e o namorado da filha mais velha. Um dos filhos partiu o pão em seis rações, que logo foram distribuidas. Depois, o pae bebeu a sua conta, e a caneca de barro passou de mão em mão. Os ultimos a beber foram os namorados. Em seguida comeram a melancia, aberta em seis talhadas.

— Poupem-me o vestido, dizia a rapariga mais velha, receiosa de que o summo da melancia lhe escorresse sobre a saia lisa de merino azul.

Quando passavam romeiros seus conhecidos, os do grupo depois de cumprimentar, ficavam commentando.

Por duas ou tres vezes ouvi a rapariga mais velha dizer de outras que iam passando:

—Ah! que vae mesmo um cravo!

O cravo é, entre as flôres do campo, aquella que vulgarmente serve de termo de comparação para se elogiar uma mulher.

A principio, os do grupo, estavam um pouco reservados para commigo. Mas, a breve trecho, pude inspirar-lhes confiança. A rapariga mais velha, depois que o pae se levantou para fallar com um amigo, não teve mesmo duvida em conversar com o namorado, de modo que eu podia perceber algumas palavras.

Por muitas vezes lhe ouvi fallar na sua *ialma,* sem comtudo apanhar a phrase toda.

Como riria um lisboeta d'aquella abundancia de *ii* que a prosodia minhota ia enxertando a cada passo entre o *a* final de uma palavra e o *a* inicial de outra! E comtudo no portuguez antigo ha exemplos da interposição do *i* talvez para evitar o hiato. Nos *Autos* de Antonio Prestes conheço um dialogo em que se diz:

Pae—Tendes vós prova sem calma?

Proc.—A *yalma* d'elle.

. . . . . .

Assisti á procissão, que se compunha de tres andores,—castellos enormes de plumas, flôres, espelhos e arabescos de papel dourado. Qualquer dos andores não media uma altura inferior á de um segundo andar. Como o terreno fosse declivoso, cada andor era equilibrado por meio de uma corda tensa, que um camponez segurava com forte pulso. As imagens, muito pequeninas, custavam a enxergar encafurnadas na sua grutasinha casquilha, a meia altura do andor.

Tambem assisti á dança dos tambores, folia verdadeiramente selvagem. Imagine-se quatro ou cinco tambores rufando ao mesmo tempo, e no meio o homem do bombo fazendo-o retumbar com fortes golpes de baqueta, vibrada por cima da cabeça, por cima dos hombros, ora por debaixo do braço esquerdo, ora por debaixo do braço direito. As piruetas que elle era obrigado a fazer, para conseguir estes effeitos de acrobatismo musical, não posso eu dizel-o. Só visto. Verdadeiramente comico, o homem do bombo!

Jantei, como todos os romeiros, estendendo-se a toalha sobre a relva. Nos arraiaes do Minho come-se á romana, isto é, cada um dos convivas firma-se sobre o cotovello como se estivesse recostado n'um triclinio. Uma alluvião de cegos andantes fizera as despezas da musica durante o jantar, e uma chusma de cães pilharengos farejava avidamente á espera que se lhes atirassem os ossos das aves.

Eram cinco horas da tarde quando acabei de jantar. O arraial estava então no apogeu do enthusiasmo. As pipas de vinho iam-se esgotando, os taberneiros mettiam-lhes um calço para inclinal-as sobre os carros. As danças remoinhavam em muitos pontos do carvalhal, mas de vez em quando interrompiam-se tumultuariamente porque um burro, aturdido pela musicata, conseguia soltar-se da corda que o prendia ao tronco de um carvalho. As bailadeiras fugiam, e os homens corriam a amarrar de novo o burro. Depois a dança continuava.

Porque seja meu natural entristecer-me quasi sempre no meio de uma festa publica, resolvi sahir do arraial. Fui desamarrar a azemola, e, como já conhecia o caminho, montei e parti.

Quando eu descia para o valle, sobre o dorso da pileca, os morteiros estrondejavam tempestuosamente no arraial, e eu invocava o anjo da guarda para chegar inteiro a Santo Thyrso.

O anjo da guarda dignou-se ouvir-me.»

*

* *

Á margem do Ave primeiro, e do Vizella em seguida, encontram-se as freguezias que ainda nos resta vêr do concelho, sendo por isso, como o leitor póde presumir, deliciosa a paysagem que as emmoldura.

Sahindo da villa, deixamos á esquerda o magestoso edificio do convento e vae a estrada colleando o pittoresco outeiro de *BURGÃES,* em cujo cimo alveja, como um crystal de neve, a pequena ermida de S. João, de junto da qual é encantador o panorama que se desenrola sobre esta formosa ribeira do Ave. Parte d'esta freguezia era couto do convento de Santo Thyrso e governava-se por um juiz ordinario annual, nomeado pelo D. Abbade; o resto era *devasso* e governava-se por um ouvidor tambem annual, escolhido em lista triplice pela camara do Porto. O diccionario de Pinho Leal menciona n'esta freguezia um arco de fina cantaria, cuja fundação attribue aos romanos, embora o povo lhe chame o *arco dos mouros.*

Passando nos lugares da Fonte e de Rosadouro breve encontra o leitor, mesmo junto da margem da estrada, a matriz parochial de *RE-*

BORDÕES, a que esses lugares pertencem, matriz bem modesta por signal e sem a elegancia das torres em agulha, como quasi todas as suas congeneres do Minho. Um singelo campanario de duas sineiras serve para chamar ao templo os fieis de Rebordões, os descendentes directos dos vassallos de Martim Gil, senhor d'esta *villa e honra,* e como tal por elle doada em 1226 aos monges bentos de Santo Thyrso.

Prosegue a estrada á margem do Vizella, vendo-se do outro lado do rio desfilar a linha ferrea de Guimarães e encontrando-se a poucos passos a grande fabrica de fiação de *NEGRELLOS* (S. Thomé), que aproveita, como principal motor, a força da corrente do gracioso rio. O espirito sente-se bem aqui; no meio das calmas impressões salutares, que lhe produz o contacto d'esta natureza exhuberante e encantadora, uma aspiração nobre e generosa o preoccupa, a do engrandecimento da patria, pela energia fecunda do trabalho.

No monte do Crasto, ao sul da freguezia, ha vestigios de fortificações antigas, cuja origem se presume ser romana.

Além da matriz, notavel especialmente pela capella do Santissimo, toda de abobada de pedra bem lavrada, e com um portico ou alpendre exterior sustentado por bellas columnas, ha na freguezia mais duas capellas particulares—a da casa de *Sequeiros* e a do *Outeiro*—e uma publica, junto á ponte velha, sitio encantador, em que a agua e a vegetação parecem trocar, mutuamente, os beijos de um idyllio.

Tomando proximo d'essa ponte a estrada municipal, ou seguindo o ribeiro de Fojo, para vêr o lagar de azeite, que elle põe em movimento, encontramos um pouco a sul a antiga freguezia de *RORIZ,* villa e concelho desde ha muitos annos supprimido, e solar dos Rebellos, descendentes de Mem Rodrigues Rebello, senhor do couto de Rebello, d'este lugar, o qual couto herdou de seu pae Ruy Vasques, no reinado de D. Affonso III.

A egreja parochial, que se representa na gravura de pag. 325, feita sobre uma photographia do ex.mo sr. José de Varziella, é, como o seu aspecto indica, muito antiga, e pertenceu, antes de ser matriz, ao mosteiro de benedictinos, cujas casas ainda no desenho se vêem, apezar de modificadas pelo actual proprietario. Ignora-se a data da fundação d'este mosteiro, sabendo-se apenas que existia já em 887, reinando, em Leão, Affonso, *O Magno,* que n'esse anno o deu á condessa Muma Dona, fundadora da Sé de Guimarães. Em 1123 era da corôa, conforme se vê pela doação que em 20 de abril d'esse anno D. Affonso Henriques d'elle fez aos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios).

Em 1492 D. João II converteu este mosteiro em uma commenda, mas como em 1560 morresse o ultimo commendatario, sem successor, tor-

nou o mosteiro para a corôa, indo logo por instancias do cardeal D. Henrique, depois rei, parar ás mãos dos jesuitas do collegio de S. Paulo, de Braga. Pela suppressão da Companhia passou o mosteiro de Roriz á Universidade, que o vendeu. Em fevereiro de 1853 tornou-se cabeça de viscondado, pois n'esse mez foi feito o primeiro e ultimo visconde de Roriz, Antonio Marinho Falcão de Castro Moraes, filho de Manuel Marinho Falcão de Castro Moraes, ministro da justiça em 1823, e casado com uma senhora do Mosteiro, onde em 1831 falleceu, estando sepultado com seus filhos Sebastião e Antonio (1.º visconde) na capella-mór da egreja matriz. A declaração do couto de Roriz é feita nos seguintes termos:

«Item — Tem este mosteiro, couto e jurisdição, no civel sómente — e o prior do mosteiro, com homens bons, do couto, põem cada um anno juiz, porteiro, jurados e outros officios, como se contém no privilegio e doação do mosteiro.

O qual couto está por marcos e divisões, e começa uma divisão sob a *Portella,* sobre a egreja de S. Mamede (Negrellos), por um padrão que está direito, qual é a pedra em cima cavada, com a figura de certan — e d'ahi corre direito ao rio Vizella, sob o lugar a que chamam *Agrêllo,* no qual lugar está um padrão alçado, que tem signal de cruz, em cima — e para a parte do couto, signal de chave, e d'ahi corre pelo monte de Virães — e d'ahi á *Portella de Covêllo,* onde está uma pedra, a qual tem signal de letra — e d'ahi corre ao *Fôjo,* onde está outro padrão alevantado, que tem em cima outro signal de chave — e d'ahi ao monte de *Penouços* e d'ali direito á *ermida de S. Cibrão,* assim como verte a agua contra o rio Vizella — e d'ali a S. Mamede, onde começa a divisão.

E o juiz do couto, ouve todos os feitos civeis e d'elle appellam para o prior e do prior para el-rei, etc.»

Em um monte que pelo sul limita a freguezia com a de Sanfins de Paços de Ferreira, e que o povo designa com o nome de *Eira dos Mouros,* fica a *Citania de Roriz,* ou pelo menos conhecida por tal nome entre os archeologos, embora nos pareça que a sua proximidade dos casaes de Fervença da freguezia de Ferreira, acima indicada, a faça pertencer a este ultimo concelho. Seja assim ou não, o que importa saber é que esta *Citania de Roriz* (nada de confusões com a que visitámos em Barcellos), apresenta vestigios clarissimos de ter sido uma povoação importante, talvez a cidade de Sanoana ou Sanhoanne, e muito naturalmente contemporanea da Citania de Briteiros, tal é a similhança topographica e a analogia dos objectos encontrados, além das tradições populares communs, que apezar de buscarem apenas thesouros occultos n'estas ruinas de cidades mouras, são de per si um thesouro para quem sabe coordenal-as e inter-

pretal-as. Pela minha parte deixo tão glorioso trabalho aos sabios e prefiro ás excavações feitas n'essas ruinas de cidades mortas o largo panorama, em que a alma vôa por sobre a ridentissima paysagem até esse passado mysterioso, em que, só pela situação escolhida para as suas povoações, a gente adivinha o bello senso artistico d'essas raças, que nós representamos tristemente quanto a esse legado hereditario.

Descendo da Citania, que só para os estudiosos é interessante, ou para aquelles que se limitem a vêr d'essas ruinas o diorama dos valles e dos rios, vamos completar as nossas informações sobre Roriz para podermos deixar esta encantadora freguezia. Além da matriz, de architectura gothica, e em que ha para vêr a magestosa porta principal, os dois antigos bustos que ladeiam o moderno arco cruzeiro, o tumulo que está sob o telheiro de entrada, as inscripções em normando e latim, etc., outras egrejas ou capellas existem na freguezia, muito antigas tambem, devendo citar-se especialmente a de *Santa Maria de Negrellos,* que foi egreja matriz da freguezia assim denominada, e que no tempo dos jesuitas se annexou á de Roriz, salvo alguns fogos que ficaram pertencendo á visinha freguezia de S. Mamede de Negrellos. N'esta capella de Santa Maria ha para vêr uma linda imagem da Virgem, a que se faz uma boa festa e romaria no dia 15 de agosto. Ainda conserva a pia baptismal. As outras capellas de Roriz são no lugar do Calvario, ou pertencentes a casas solarengas.

Na aldeia de Virães houve antigamente uma egreja parochial, matriz da freguezia de S. Payo de Virães, ha muitos annos extincta.

Roriz não conta apenas com as curiosidades historicas para interessar o viajante; é terra fertilissima em todos os generos agricolas, e são de fama as laranjas dos seus pomares do Mosteiro e Monte Sô. Abundante de aguas, corta-a o ribeiro do Fojo, de S. Miguel, da Audiencia e até dos Asnos, pois todos estes nomes usa, até que vae encontrar-se com o Vizella na proxima freguezia de *S. MARTINHO DO CAMPO,* que antigamente pertenceu, como *S. SALVADOR DO CAMPO,* sua visinha, á comarca e termo do Porto, concelho de Refojos de Riba d'Ave, em quanto se não organisou o concelho de Negrellos, por sua vez extincto em favor do de Santo Thyrso.

É tradição que a ponte de Negrellos, existente em S. Martinho do Campo, tira o nome da antiga villa de *S. MAMEDE DE NEGRELLOS,* por ser esta, n'esses tempos, a povoação mais importante das cercanias. Hoje, apezar de muito fertil, não tem o valor d'outr'ora, mas offerece ainda assim alguns motivos de interesse para que a visitem.

A egreja matriz, situada em um alto, domina toda a freguezia, que está dividida em duas grandes aldeias: a de *Negrellos,* propriamente dita,

EGREJA DE RORIZ, *segundo uma photographia do ex.mo sr. José de Vasciella*

a leste; a do *Barreiro,* a occidente. Em frente está, a curta distancia, a capella de S. Roque, servindo de *cruzeiro* ás procissões da freguezia, e de miranete aberto sobre esta linda bacia do Vizella, a todos os que desejem gosar um formoso panorama.

Diz-se que a primitiva matriz de Negrellos foi no lugar de Santo Izidro, onde se observam ainda provas evidentes da existencia de um templo, havendo mesmo em uma casa do lugar uma tosca imagem de Santo Izidoro, de gesso, que o povo, sem n'isso pensar que imita os falsificadores do vinho, do leite, da farinha, etc., tira das costas do santo para beber com vinho, como remedio na cura de *maleitas.*

No arruinado palacete da quinta de Bougado existiam umas mumias, que se dizia serem de S. Theodoro e S. Vicente, o que pouco importa. Foram mandadas de Roma ao fundador do palacete, que naturalmente desejava ter a vaidade de possuir na sua capella uns *santos de carne,* como brazão de nobreza.

Dois ribeiros cortam a freguezia, tendo *Negrellos* o das *Regadas* e *Barreiro* o que vem de Codeços, juntando-se ambos em S. Martinho do Campo para irem desaguar no Vizella.

Não havendo mais que admirar em Negrellos a não ser o bello chafariz, obra de 1820, perto da residencia parochial, vamos terminar em *VILLARINHO* as nossas excursões, prevenindo desde já o leitor, que ao retirar da antiga abbadia dos Fafes Sarasim, e convento de cruzios, o não fazemos a toque de caixa, mas por vontade propria, e tranquillos a respeito da boa indole hospitaleira dos de Villarinho, terra de *vomvos* e *zavumvas,* como não ha outros por muitas leguas em redondo, pelo que justificadamente conserva a fama do culto, quasi perdido, do classico *Zé Preira.*

*

* *

No artigo de fundo do *Jornal de Santo Thyrso* de 16 de setembro de 1885, encontram-se compendiadas as causas de atrazo d'este concelho essencialmente agricola, e transcrevendo-o na integra eu não poderia exprimir melhor do que esse artigo o faz, o estado actual de Santo Thyrso, estudado por quem tão de perto o conhece:

«Sem fóros de antiguidade—diz o jornal—nem monumentos de valor artistico que a recommendem, a não ser o sumptuoso mosteiro benedictino, a villa de Santo Thyrso atravessou muitos seculos, não como villa, mas como simples dependencia do mosteiro e dos frades.

O estabelecimento do governo constitucional fez passar esta povoa-

ção por uma transformação completa: os frades foram expulsos do mosteiro; este passou a ser propriedade particular, e o templo a ser a egreja parochial da povoação.

Foi elevada á cathegoria de villa, a cabeça de concelho e de comarca, e finalmente foram-lhe concedidos todos os privilegios tendentes a desenvolver a sua prosperidade.

Nada d'isso, porém, foi bastante para promover aqui o progresso material, apezar da boa vontade d'alguns homens, que teem estado á testa da sua administração local.

A mudança de possuidor das dependencias do mosteiro deu lugar a consideraveis melhoramentos; e a villa tem augmentado progressivamente, podendo já considerar-se talvez a mais pittoresca e aprazivel villa do Minho.

Ha de, porém, paralisar esse progresso, por duas razões muito simples: os povos augmentam, progridem e prosperam, auxiliados pela industria e pelo commercio; e Santo Thyrso não tem commercio nem industria.

O commercio limita-se á compra e venda d'alguns generos de primeira necessidade para consumo local; e a industria na villa é completamente nulla.

São estas as duas causas do nosso atrazo, e que hão de produzir todos os attrictos possiveis para embaraçar o desenvolvimento da riqueza local.

Não faltam individuos possuidores de fortunas regulares, que vivem do rendimento de suas propriedades e dos juros de capitaes empregados em fundos publicos.

É uma vida commoda, mas inutil para a sociedade.

Se querem o augmento da sua terra, estudem o meio de melhorar os processos agricolas; pois que só d'ahi poderiamos auferir incalculaveis riquezas, pela exportação do que tivessemos em excesso; estudem o melhor meio de empregar a força collossal perdida no alveo do rio Ave, que attrahiria a estas paragens uma vida e um movimento desusados entre nós, no que todos lucrariamos.

E depois de tudo bem estudado, ponham em pratica as suas idéas; e assim terão dado as maiores provas de patriotismo que podem dar-se em beneficio d'um povo; os seus nomes passarão á posteridade, e serão pronunciados com respeito e veneração pelos nossos vindouros.»

Para conseguir este *desideratum* parece-nos que é tambem de urgencia crear no concelho escolas praticas de agricultura e industriaes, que juntamente com as escolas primarias levantarão o nivel productor d'esta laboriosa população. As escolas primarias existem nas seguintes freguezias:

Agrella, Agua Longa, Alvarelhos, Areias, S. Martinho de Bougado, S. Thiago de Bougado, Burgães, masculino e feminino; S. Martinho do Campo, masculino e feminino; S. Thiago da Carreira, S. Mamede de Coronado, Monte Cordova, S. Thomé de Negrellos, masculino e feminino; Santo Thyrso, masculino e feminino; Villarinho.

A estatistica criminal de 1880 apresenta os seguintes algarismos: Numero dos crimes 23, sendo 2 contra a ordem, 12 contra pessoas e 9 contra a propriedade. Reus julgados 33, sendo 24 absolvidos e 9 condemnados a penas correccionaes. Eram 26 homens e 7 mulheres, e sabiam lêr apenas 10. Pertenciam 28 á comarca e eram 5 de fóra.

A industria do concelho é, como dissemos, a agricola, havendo, porém, nas margens do Vizella a grande *Fabrica de fiação de Negrellos,* que representa um estimulo importante do desenvolvimento industrial dos povos circumvisinhos.

A agricultura é especialmente cerealifera ou viticola, e de engorda bovina, ramo que ultimamente se tem atrophiado por causa da competencia das carnes americanas nos mercados inglezes.

O valor pecuario do concelho é o seguinte:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	342	5:179$000
Muar	261	4:665$000
Asinino	252	686$200
Bovino	5:252	212:487$000
Lanar	4:289	1:728$800
Caprino	179	93$200
Suino	5:889	36:576$000
		261:415$200

Como productoras de vinho as freguezias mais importantes são as de Santo Thyrso (onde chega nos proprios quintaes da Villa a colher-se uma quantidade consideravel de pipas), Bougado, Negrellos e Roriz.

As videiras são tambem aqui levantadas pelas arvores que cercam os campos e pelas ramadas. As castas de uvas predominantes são: o *azal,* o *bogalhal,* o *espadal* ou *espadeiro* e o *vinhão,* sendo esta a principal e a melhor. Prepara-se geralmente uma só qualidade de vinho verde, tinto, ordinario, cuja duração, na maioria, não passa de um anno.

Faz-se o vinho em lagares pequenos ou em dornas. A prensa reduz-se ordinariamente a uma pedra, que pesando sobre taboas collocadas em

cima do cango amontoado, o espreme imperfeitamente; hoje, porém, já bastantes lavradores teem comprado prensas de ferro. Ao vinho, depois de envasilhado, não se faz tratamento algum, e raros são os lavradores cuidadosos que em tempo competente trasfegam o seu vinho.

As casas francezas, que ultimamente se abriram ao consumo dos nossos vinhos verdes, fizeram largas compras no concelho, regulando o preço da pipa por 12$000 a 15$000 réis em 1885. Em 1886 pouco ou nenhum compraram directamente, e tem-se vendido este anno a 24$000, 23$000, 22$500 e até algum a 20$000 réis.

Os preços dos generos agricolas e outros alimentares constam da presente tabella:

Milho branco (alqueire de 17l,316)	430
» amarello » » »	420
» alvo » » »	500
Centeio » » »	460
Feijão amarello » » »	500
» branco » » »	800
» miudo » » »	420
Batatas » » »	400
Gallinha (uma)	240 a 400
Ovos (cinco)	40

Os mercados de Santo Thyrso fazem-se todas as segundas feiras, havendo no anno as feiras de 11 de junho e 21 de março, ou feiras de S. Bento, notaveis pela concorrencia da louça de Prado, e pela grande quantidade de ovos com que os povos presenteiam o S. Bento do mosteiro, que, por não poder comel-os, nem chocal-os, os arremata em hasta publica, encarregando a junta de parochia de abrir o preço para cada cento.

A estas feiras concorre tambem uma affluencia enorme de padeiras, com as grandes *roscas* de trigo branco, industria local bastante desenvolvida, mas deficiente ainda assim para caracterisar o concelho, que é essencialmente agricola.

Escola do Conde de S. Bento

CONCELHO DE SANTO THYRSO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Agrella, *S. Pedro*	243	346	589	181 *(a*
Agua Longa, *S. Julião*	253	309	562	138 *(b*
Alvarelhos, *Santa Maria*	403	510	913	214 *(c*
Areias, *S. Thiago*	244	269	513	142 *(d*
Bougado, *S. Martinho*	537	632	1:169	300 *(e*
Bougado, *S. Thiago*	712	840	1:552	339 *(f*
Burgães, *S. Thiago*	357	393	750	179 *(g*
Campo, *S. Martinho*	348	402	750	200 *(h*
Campo, *S. Salvador*[1]	75	78	153	45
Carreira, *S. Thiago*	181	221	402	139 *(i*
Coronado, *S. Mamede*	487	565	1:052	322 *(j*
Coronado, *S. Romão*	222	269	491	133 *(k*
Couto, *Santa Christina*	270	309	579	152 *(l*
Couto, *S. Miguel*	80	104	184	46 *(m*
Covellas, *S. Martinho*	185	203	388	102 *(n*
Guidões, *S. João Baptista*	271	337	608	144 *(o*
Guimarei, *S. Paio*	200	220	420	124 *(p*
Lama, *S. Miguel*	126	161	287	71 *(q*
Lamellas, *Santa Eulalia*	199	307	506	155 *(r*
Monte Cordova, *O Salvador*	624	753	1:377	380 *(s*
Muro, *S. Christovão*	218	289	507	123 *(t*
Negrellos, *S. Mamede*	267	346	613	181 *(u*
Negrellos, *S. Thomé*	391	504	895	286 *(v*
Palmeira, *Santa Eulalia*	191	185	376	89 *(x*
Rebordões, *S. Thiago*	396	465	861	224 *(y*
Refojos de Riba d'Ave, *S. Christovão*	334	375	709	177 *(z*
Reguenga, *Santa Maria*	292	365	657	178 *(aa*
Roriz, *S. Pedro*	433	575	1:008	284 *(bb*
Santo Thyrso, *Santa Maria Magdalena*	1:134	1:307	2:441	543 *(cc*
Sequeirô, *S. Martinho*	171	208	379	99 *(dd*
Villarinho, *S. Miguel*	350	417	767	217 *(ee*
	10:194	12:264	22:458	5:907

a Comprehende esta freguezia os logares de Agrella, Facho, Montella, Pé da Serra, Monte Grande, Tulha, Padrão, Laranjeira, Campinhos, Cobello, Leirinhos, Peso, Carvalhal.

b Comprehende esta freguezia os logares de S. Gião, Povoa, Sobradello, Arcuzello, Pidre, Agua Longa, Cruz, Torrão, e as quintas ou herdades de Portella Alta, Pizão.

c Comprehende esta freguezia os logares de Casaes, Sidoi, Sá, Gesta, Crasto, Valle, Grova, Ribeiro, S. Roque, Alvarelhos, Arrabalde, Poça.

d Comprehende esta freguezia os logares de Sande, Barreiro, Freixieiro, Torre, Funtella, Sarnados, Caldellas, Mattos, Covas, Casal de Vós, Pecegueiro, Silvalde, Almoinha.

e Comprehende esta freguezia os logares de S. Martinho ou Egreja, Real, Corôa, Esprella, Ervoza, Abelheira, Paradella, Mosteirô, Padrão, Barca, Fiuzes, Agro.

f Comprehende esta freguezia os logares da Lagoa, Bairros, Maganha, Sidâs, Lantemilla, Trofa, Sedões.

g Comprehende esta freguezia os logares de Burgães, Outeirinho, Santa Cruz, Barbuta, Beire, Arrebitado, Abelha, Casal, Casal Novo, Casas Novas, Cerqueda de Cima, Cerqueda de Baixo, Costa, Lomba, Enfermaria, Real, Cerdeira, Corgo, Calvello, Quintas, Soalhas, Estrada, Freitas, Pedra, Sarnado, Aldeia Nova; o casal de Carreira Cova, e as quintas ou herdades de Outeiro, Lage.

h Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Paço, Marécos, Devesa, Mourigo, Pegas, Fonte, Guelha, Casa Nova, Becelinho, Eiteiro, e os casaes de Fonte, Mourigo, Paço.

i Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Padrão, Gatos, Chadeiros, Venda, Mamoa, Estrada, Costinha, Devesa, Brandariz, Taralhões, Monteira, Agra, Vinhas, Fonte, Paço, Manguella, Formosem, Tacho, Vinha, Parada, Vermoim, Val Verde, Casal, Monte, Deveza, e a quinta ou herdade da Ribeira.

j Comprehende esta freguezia os logares de Villar de Lila, Trinaterra, Agua Levada, Villar, Fontes, Breto, Villa, Bairro, Soeiro, Casal, Louredo, Mendões.

k Comprehende esta freguezia os logares de S. Romão, Egreja, Fonte Olla, Segonheira, Rua, Lousado, Portella, Fonte Leite, e uma herdade em Gundam.

l Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Merouço, Rego, Travassos, Passagem, Tarrio, Ermida, Juncal, Monte, Granja, Denis, Gesteira, Orgal, Lage, Outeiro, Bairro; os casaes de Rego, Merouço, Travassos, Ermida, Granja, Outeiro, Bairro; as quintas da Egreja e do Diniz, e a herdade da Ermida.

m Comprehende esta freguezia os logares de Areal, Cabo Baixo, Bacello, Oliveira, Cabo Alto, Sandim, Curros, Cella; os casaes de Bacello, Oliveira, Sandim, Curros, e a quinta do Areal.

[1] Annexada civilmente á freguezia de *Campo* (S. Martinho).

n Comprehende esta freguezia os logares de Covellas, Egreja, Cruz, Ribeira, Losnende, Coura, Guireledo, Castanhal, Outeiro, Rendo.

o Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Povoa, Vermoim, Lavandeira, Serro, Outeiro.

p Comprehende esta freguezia os logares de Guimarei, Moreira, Estrada, Regadio, Barreiro, Souto de Guimarei, Fonte da Varzea, Costa da Varzea, Cabeça, Quinta da Costa, Costa de Eiró, Eiró, Regato, Beleique, Souto e Parada; os casaes de casa da Residencia, Peneda, e a quinta de S. Paio.

q Comprehende esta freguezia os logares de Lama ou Egreja, Cima de Villa, Refalcão, Lameiras, Porto, S. Martinho, Cabrões, Monte, Outeiro, Leigal, Barrimau.

r Comprehende esta freguezia os logares de Lamellas, Carneiro, Vellal, Mouta, Bousado, Casal da Fé, Outeiro, Capella, Rondães, Monte d'Agrella, Serra, Villar, Cabo, Mosera, Calvario, Fonte de Cima, Portella, Fonte de Anna; os casaes de Lavandeira, Lamellas de Baixo, Lamellas de Cima, Mouta; as quintas de Pousada, Perlieiro, e as herdades de Serra e Forjães.

s Comprehende esta freguezia os logares de Guinchaes, Linhares, Espinheiros, Meroucinhos, Cabanas, Santa Luzia, Redemelo, Hortal, Trengo, Cortinhas, Lage, Costa, Casaes, Lagedo, Pereiras, Monte, Agrello, Moinhos, Ponte Nova, Real, Bouçainhas, Agrella, Villar, Villa Meá, Passos, Cortegosa, Molelo.

t Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Mattos, Carriço, Real, Quintão, Serra, Villares, Guidãos, e a quinta de Pinheiro.

u Comprehende esta freguezia o logar ou aldeia de Negrellos e a aldeia do Barreiro.

v Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Deveza, Pedrados, Pombinhas, Soutello, Carvaceira, Ribeira, Ponte, Outeiro, Leiras, Cacabellos, Ginjo, Mourinha, Covas, Tapada, Quintão, Xisto, Sequeiros, Pedrejoal, Villela, e os casaes de Fabrica, Paço, Val Corneira, Souto, Lamorello.

x Comprehende esta freguezia os logares de Talho, Casal, Ribeiro, Trasportella, Agra, Monte, Portellada, Palmeiró, Possas, Carregal, Joanhe, Fial, Real, Quinta, Villa Queixe.

y Comprehende esta freguezia os logares de Montinho, Mourizes, Santosinhos, Cancello, Souto de Cima, Souto de Baixo, Cima de Villa, Loureiro, Quintãs, Roza d'Ouro, Fonte, Eirado, Ribas, Honra, Quintã, Freitas, Ponte, Entre Rios; o casal de Olhô, e as quintas de Lage, Ribeiro, Carreiró, Preza.

z Comprehende esta freguezia os logares de Villa, Outeiro da Villa, Frioi (?), Souto, Leça, Portadeiros, Ventuzella, Gandra, S. José, Fiol, Sande, Penna, Franco, Casal, Lavatões (?), Villa Verde, Samossa.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Ameixieira, Quinta, Lameira, Rua, Cantim, Mieiro, Telha, Guarda.

bb Comprehende esta freguezia os logares do Mosteiro, Monteiro, Pinheiro, Portella, Virães, Macabio, Sandim, Costa, S. João, Estrada, Cartemil, Fontão, Ribeira, Foreiro, Dinusco, Verdial, Pecegães, Outeiro, Paços, Singeverga, Barrosinha, S. Miguel, Pidre, Audiencia, Bandeira, Seara, Pigueiros, Monte-Só, Santa Maria, Remesal, Carreiro, Samossa.

cc Comprehende esta freguezia, além da moderna villa, os logares de Argemil, Areal, Arco, Alcaide, Boeiro, Bessadinha, Carvalheira, Carvalhaes, Diniz, Friães, Geão, Lagôa, Lomba, Montinho, Orgal, Pinheirinho, Ponte Velha, Picoto, Poupa, Rua, Rans, Taipas, Tapado, Trofa, Varzea do Monte, Varzea d'Além, Varziella, Villalva, Penedo, Retiro.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Sequeiró, Seara, Penella, S. Martinho, Bexigo, Monte dos Saltos, Gondarim Jardim, Ribeiro, Carvalha, Rozal, Gomariz.

ee Comprehende esta freguezia os logares de Mosteiro, Paradella, Salgueirinhos, Estrada Abregos, Idanha, Presa, Agoeiro, Quinta e Lage, Bóca, Fontello, Burgo, Villa Boa, Eiro (ou Eiró?), e os casaes de Chouto, Chadeiro, Bufo, Abregos, Idanha, Agoeiro, Casa Nova, Quinta e Lage, Burgo, Campo.

PAÇOS DE FERREIRA

Freamunde — Desenho do natural por João de Almeida

Ha uma adivinha popular — a do moinho — em que as creanças perguntam o que é, dando immediatamente o conceito:

Anda, anda...
E nunca chega a casa do seu dono.

Pois a séde do concelho de Paços está um pouco no caso do tal moinho, ou antes é quem vae de fóra, que moe a paciencia até encontrar a dita séde. Porque o nome aristocratico de Paços de Ferreira é um logro, de que previno o leitor, com uma caridade que ninguem teve comigo, quando eu fui a Paços, e tive de passar uma bem desagradavel noite na tavolagem da *Maria Rita,* a unica hospedaria, ou casa de comer e de beber, que póde receber um forasteiro. E, louvar a Deus, haver ainda a Maria Rita com uma toalha de linho sobre a mesa e um naco de carneiro assado, boroa e vinho verde, e um leito com enxergão de palha centeia e mimosas pulgas, para a gente se lembrar de que Ferreira não é um mytho da chorographia portugueza, mytho a que D. Manuel chegou a dar foral em 1514, sendo então a villa de Ferreira a capital do couto d'esse nome. Mas porque desde então, ou mais modernamente, o couto levasse á villa as

lampas em progresso—lampa é synonymo de fava, e d'ahi talvez podesse dizer-se, tendo o couto mandado a villa á fava—Ferreira ficou formando concelho com o couto até ahi seu dependente, e tomou então o nome de *Paços de Ferreira,* que é hoje o nome generico do concelho, e que pelo atrophiamento a que se foi reduzindo a antiga villa, faz o desespero de quem vae procural-a com o fim de a conhecer de perto.

N'este progredir excentrico do antigo couto—tome-se a palavra no verdadeiro sentido geometrico—tem modernamente o *brazileiro* desempenhado um importante papel, a ponto de não haver kilometro de estrada em que se não encontre o confortavel palacete, pintado a ouro e verde, ou guarnecido a azulejos amarellos, com as luzentes e faiscantes bolas de vidro nas clara-boias em zimborio. Assim vem a pello o dizer-se, que não sendo uma povoação concentrada a de Paços de Ferreira, a cada instante se vê surgir, por entre os encantos da sua vegetação feracissima, um ou outro edificio que o viajante toma como um nucleo da tal povoação que lhe prometteram, e que nunca chega a encontrar, a não ser que considere como tal o modesto villar que rodeia a antiga matriz de Ferreira, o unico edificio sobrevivente da villa de D. Manuel. Mas contra esse esforço de imaginação protesta a séde contemporanea do concelho, o lugar que o leitor vê representado na nossa gravura de pag. 341, ou melhor o edificio em que toma assento a vereação, e em que se alojam as outras repartições publicas, quando não vem nas horas de ocio tomar um bocadinho o fresco para debaixo da frondosa carvalheira, que se vê no primeiro plano do desenho. A proposito d'esta vetusta arvore, collocada á beira do templo das justiças de Paços, é que era o recordar cultos de druidas e velhas tradições portuguezas, em que se administrava a justiça sob o docel copado das arvores sagradas; mas o tempo fallece-nos para esse dispendio de erudição, e por mais que uma vez o temos dito, a nossa bagagem precisa ser leve para podermos caminhar alegremente através d'este Minho pittoresco. Depois deixar lá a erudição para os sabios e a carvalha para os empregados publicos de Paços; ficam uns e outros satisfeitos e nós vamos seguindo o nosso caminho, não sem repararmos no desleixo que ás vereações do concelho merece o antigo pelourinho do couto, que se vê proximo dos paços municipaes, dormindo sobre a relva o somno do esquecimento.

Uma outra curiosidade tem o leitor á mão, se por acaso fez pousada na estalagem da *Maria Rita.* São os originaes cruzeiros da *via-sacra* de Santo Ovidio, dispostos no largo e junto da capella d'esta invocação, a que se faz uma boa romaria em 9 de agosto. Na gravura de pag. 345 póde vêr-se um d'esses cruzeiros, tendo, como os restantes, o Christo collocado ao meio da hastea da cruz, supplicio que o esculptor parece ter concebido

para minorar os soffrimentos ao doce martyr do Golgotha. Esculptura e cruz formam em todos elles um só corpo, que não prima pelo trabalho artistico; cada cruzeiro é dadiva de um lavrador generoso.

*

* *

Seja qual fôr a direcção que o leitor queira dar aos seus passeios através do territorio do concelho, as estradas macadamisadas cortando esse territorio em todos os sentidos, é facil realisar qualquer excursão de carruagem, a menos que se não tenha de subir a qualquer montanha, ou descer a algum estreito valle, onde por acaso haja para vêr alguma curiosidade interessante.

Tomando Paços como ponto de partida, seguiremos um instante para sul até encontrar no *Sobrão* a bifurcação das estradas districtaes que atravessam todo o termo da antiga honra de *FRAZÃO,* de que eram senhores os Alcoforados. Os officiaes serviam triennalmente e eram eleitos pelo juiz da honra, e os moradores tinham como privilegio não serem obrigados a sahir fóra para coisa alguma. D. Manuel deu-lhe foral em 1514.

No dia 2 de fevereiro realisa-se na capella de S. Braz a conhecida romaria da Senhora das Candeias, e no dia 3 a festividade do santo, advogado das enfermidades de garganta, pelo que recebe em offerenda varios pescoços de cêra, significando a efficacia do milagre. A *honra* de Frazão comprehendia as freguezias de *ARREIGADA,* a que anda desde muito civilmente annexa a de *MODÉLLOS,* que se encontra ao lado da estrada districtal de Paredes; e abrangia para occidente a de *S. MAMEDE DE SEROA,* ou *Villar de Seroia,* ou simplesmente *Seroia* ou *Poupa,* pois por todos estes nomes é conhecida. Em 1623, com o nome de *Saroja,* pertencia á comarca ecclesiastica de Penafiel, contava cento e sessenta habitantes e estava annexa á freguezia de Penamaior. O lugar do Outeiro, séde da actual parochia, fica proximo do monte que está marcado por uma pyramide da triangulação geodesica. O dr. Pedro Ferreira, erudito continuador de Pinho Leal no *Diccionario Chorographico,* dá sobre esta freguezia as seguintes curiosas informações:

«Antes de se desenvolver no nosso paiz a viação a macadam e accelerada, havia n'esta parochia e nas circumvisinhas muitos almocreves, nomeadamente na povoação da *Poupa,* os quaes percorriam Portugal todo, sendo conhecidos por *almocreves da Poupa,* pelo que esta e outras freguezias do concelho de Paços de Ferreira tiveram a denominação commum de *Poupa,* devida aos seus almocreves, muitos dos quaes fizeram boas fortunas.

Tambem na dita povoação houve uma estalagem muito conhecida e que hoje é uma simples habitação particular.

Abundam tambem hoje ainda n'esta parochia individuos que se empregam na conducção de fazendas e mercadorias em carros tirados por bois, entre o Porto e o concelho de Paços de Ferreira.

Ha n'esta freguezia, junto da aldeia da *Poupa,* uma capella notavel, dedicada ao Senhor do Calvario e muito antiga.

Principiou por um simples cruzeiro de granito, exposto ao ar livre, tendo em um dos lados a imagem do Redemptor, muito grosseiramente esculpida; tornando-se, porém, alvo de grande devoção, cobriram o cruzeiro e a dita imagem com uma cupula de pedra, firme sobre quatro arcos. Augmentando a devoção e as esmolas dos fieis, taparam tres dos ditos arcos, ficando o ultimo servindo de arco cruzeiro,—e construiram em seguida a elle uma linda capella muito alta, com doze metros talvez de comprimento, côro, pulpito, um portico elegante muito ornamentado e sachristia espaçosa, com bancadas de pedra ao longo das paredes interiormente, boas alfaias, etc.

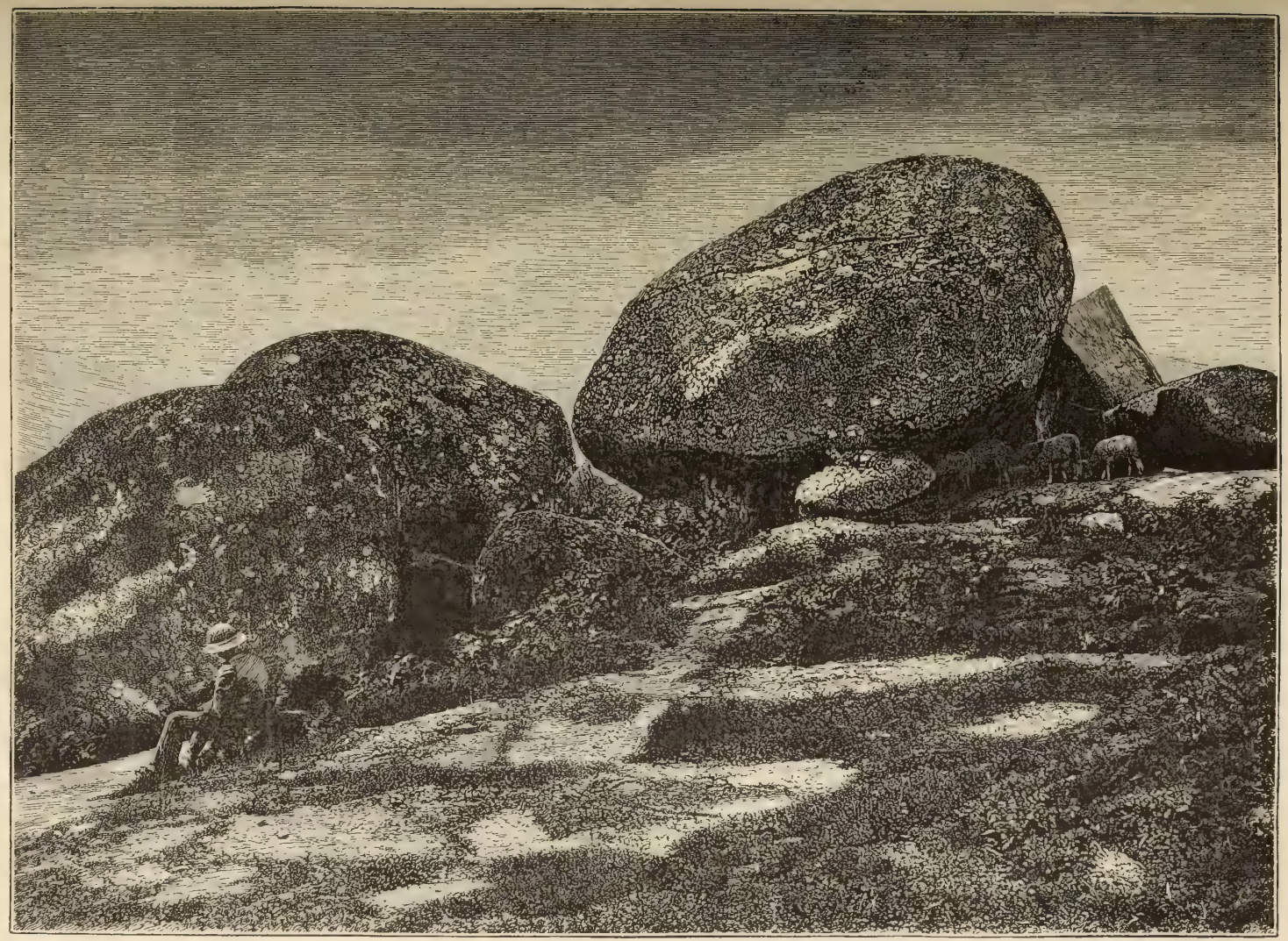
Foi o padroeiro pomposamente festejado muitos annos com grande romagem, havendo por essa occasião avultadas offertas de dinheiro, cordões e outros objectos de ouro—e juntas de bois. Com a decadencia da almocrevaria decahiram as ditas festas e romagens, mas ainda hoje é grande a devoção com o Senhor do Calvario e tem festa annual, feita d'um modo curioso:

O juiz, a seu arbitrio, convida os padres, o prégador, a musica, etc. Feita a funcção por conta d'elle, compra uma boa porção de regueifas e de vinho;—leva tudo para uma casa *ad hoc,* denominada *casa da confraria,* junto da egreja;—convida todos os homens da parochia—e ali, ao som da musica, devoram as regueifas todas, por vezes mais de sessenta,—esvasiam o pipo,—e depois todos os convivas ou mordomos dão muito espontaneamente ao juiz da festa, tanto como elle deu quando mordomo: —1$000 réis e por vezes mais, cada um;—nomeiam logo ali novo juiz —e assim se faz a festa todos os annos!

É uma contribuição original e espontanea que pesa sobre esta freguezia desde tempos muito remotos e que todos os parochianos pagam com *muita satisfação.*»

Sobranceira á freguezia avulta a serra da Agrella, de que lá diz o dictado—não ha outra como ella—dictado filho do amor local provavelmente, mas que em parte se justifica pelo dilatado horisonte que de seu alto se descobre.

A esse lugar vae o leitor comigo, tomando como pretexto uma visita



PAYSAGEM DO MONTE CORDOVA *segundo uma photographia do ex.mo sr. José de Varziella*

piedosa á *Ermida do Pilar,* ponto de reunião dos caçadores—pensaram até já em trocar-lhe o nome pelo de Santo Huberto—que de todos os lados domina as rechãs accidentadas da serra e os valles fertilissimos de Paços. Não é possivel a carruagem agora, e por isso a fomos deixar debaixo do parreiral da estalagem, pedindo ao homem que representa a *Maria Rita* na sua vida de relação com os hospedes o favor de nos arranjar cavallos e um guia para irmos, pela frescura da manhã, até á poetica ermida.

Difficil coisa é, porém, obter-se hoje em Paços de Ferreira o que immediatamente se deseja, embora se esteja resolvido a pagar bem para se conseguir o que se quer; hoje, dissemos, porque antes da viação accelerada ia a gente entender-se com qualquer dos *almocreves da Poupa* e era tudo o que se quizesse. Mas os factos são o que são e a verdade é que não ha recursos de que se lance promptamente mão, e é preciso por isso invental-os no momento, recorrendo para tal fim á amabilidade dos habitantes. No caso em questão era tão facil o guia, como difficil o transporte.

Procedeu o homem a um recenseamento geral dos cavallos e eguas existentes em Paços, recenseamento minucioso, em que todas as informações foram uma a uma apresentadas e discutidas sob a ramada virente do quinteiro, ao som da agua corrente de uma presa de lavar, e em quanto o porco fossava na estrumeira com a deliciosa avidez da sua mania investigadora de archeologo.

—Temos a egua de Fulano.

—Está prenhe; essa não te vem cá.

—O cavallo de Sicrano...

—Foi hontem para Louzada.

—O de Beltrano...

—Está desferrado...

—Manda-se pedir a egua ao senhor abbade...

—Duvido que elle a empreste; anda agora com a cria.

—O abbade?

—Não, senhor, a egua.

Uma pausa. O homem cogita, a mulher torce lentamente a ponta do avental. Nós esperamos. A agua continua cantando na presa de lavar, e o porco, deitado agora, parece absorver-se em uma meditação de sabio.

—Só se fôr o garrano do Chiquinho—lembrou a mulher.

—Lembraste bem. Ó *Zé*—chama para dentro—vae lá vêr ao Chiquinho se me póde emprestar o garrano aqui para os senhores irem ao Pilar.

E em quanto o *Zé* vae e vem, nós olhamos melancholicamente para

o Pilar, que fica tão longe e para as nossas pernas, que se recusam a esta massada.

—Elle é perto e vae-se lá bem em uma hora.

—Uma hora!...

—Oh, senhor, no dia da romaria, a 15 de agosto, abalei eu d'aqui com mais dois e fomos lá em tres quartos de hora.

—Foi um quarto para cada um.

O *Zé* veiu no fim de meia hora. O Chiquinho e mais o seu garrano tinham ido para Lustosa.

O homem tornou então a meditar e a mulher a torcer a ponta do avental.

—Em Fermentões ou em Coa—aventurou por fim a mulher—póde ser que o Manuel da Engracia tenha a egua disponivel.

—Isso anda no pasto a esta hora.

—Póde bem ser que não—e deixando cahir o avental—eu, se fosse aos senhores, tomava a resolução de ir até lá a pé; é muito pertinho, vão mesmo aqui pelos campos, e depois lá decidiriam, consoante o que se lhes deparasse.

Era uma resolução e adoptamol-a; predominava a torcedura do avental sobre o dynamismo das circumvoluções do cerebro, mas isso que importava? O essencial é que o Manuel da Engracia não trouxesse a egua no pasto.

E a pé fomos até lá. Não estava em casa o Manuel, mas estava a egua, o que nos fez experimentar uma doce emoção de jubilo. A mulher do Manuel, boa creatura, obsequiosa, levou a sua generosidade até ao extremo de vir ella propria deitar o albardão á burra e de nos dar, como guia nosso e fiador do animal, o seu filho primogenito.

Eramos dois, é certo, e estava por isso resolvida metade da difficuldade; resolvi eu a outra metade, fazendo com que João de Almeida aproveitasse o animal para ter tempo de desenhar a ermida e enviar-m'o no entretanto pelo rapasito até ao ponto onde me encontrasse.

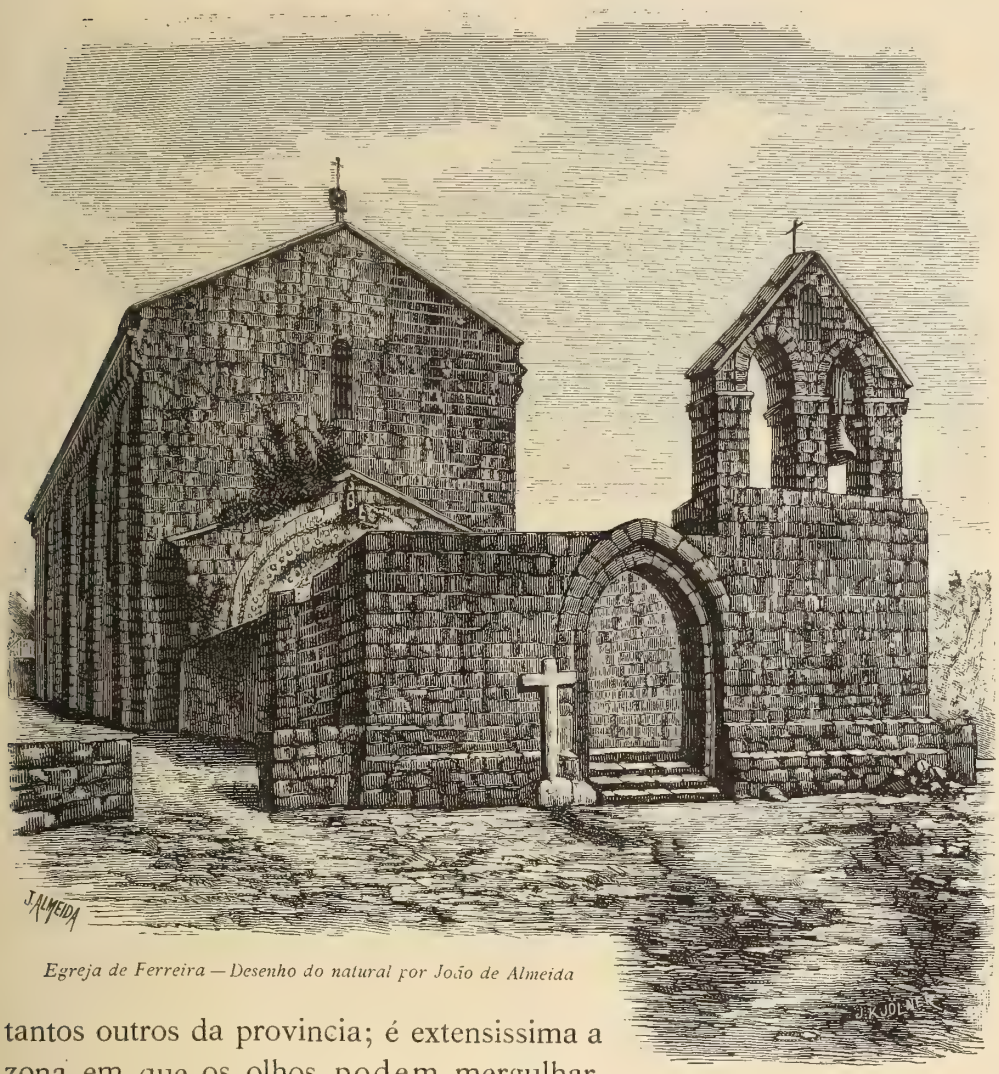
N'isto se convencionou, e em quanto elle marchou a cavallo para a montanha, fui eu seguindo a pé através dos campos da antiga commenda de *PENA MAIOR,* do concelho de Aguiar de Sousa, ora parando em *Côa* para vêr o local da importante feira que ahi se faz nos dias 5 e 21, ora conversando com os lavradores que andavam fazendo a rega dos milhos, aqui admirando uma carvalheira gigantesca, ali vendo surgir por entre as arvores a modesta egreja parochial, quasi no extremo dos terrenos ferteis.

Deu isto tempo a que Almeida me reenviasse a egua, que eu apro-

PAÇOS DE FERREIRA — *Desenho do natural por João de Almeida*

veitei para subir a parte escalvada da montanha, indo encontral-o, junto da ermida, sob um formoso sobreiro, com o seu desenho quasi concluido.

O panorama de Pilar é realmente encantador e disputa bellezas com



Egreja de Ferreira — Desenho do natural por João de Almeida

tantos outros da provincia; é extensissima a zona em que os olhos podem mergulhar, encontrando sempre as opulencias da vegetação, o anilado das serras, e as fachas scintillantes da agua cingindo os meandros da verdura. Para nascente desdobra-se um grande amphitheatro de montanhas, comprehendendo a serra de *Agua e leite,* a de Rebordello, a da Abobereira, até que o fundo azul da concha celeste parece subtilmente cravado nas altas cumiadas do Marão. Ao norte são as ramificações do Gerez, o monte de Espinho ou do Sameiro, a serra de Santa Catharina envolvendo as fertilissimas bacias do Este, do Ave e do Vizella. Ao sul vêem-se as pequenas e brancas povoações que se approximam do Porto, como se fossem ran-

chos vistosos de romeiros, que vão além na grande romaria — a cidade — que d'aqui se avista, tornar mais condensado esse agrupamento collossal. Ao poente, na orla maritima de tão vastissima paysagem, dir-se-hia que fluctuam, nas oscillações tremulas do mar, Villa do Conde e a Povoa.

Retrahindo o alor do raio visual vêmos ao pé de nós os grupos modestos das aldeias, as bastas florestas de pinheiros, o valle fertilissimo de Paços recortado em talhões de verdes variadissimos, os cerros solitarios da montanha cobertos da urze triste, quando não são coroados, como no visinho Monte Cordova, sobranceiro a *EIRIZ,* de formosas agrupações graniticas (veja-se a gravura de pag. 337), phantasticos dolmens de uma religião mysteriosa, cujos sacerdotes solitarios se nos affiguram de longe ser os humildes pastores de barrete de pelles e cajado nodoso, bispos dos timidos rebanhos de ovelhas, que vão na sombra das fragas refugiar-se das perseguições do terrivel Diocleciano do espaço, o sol cruel, o sol rubro e quente das vibrações da luz.

Para melhor nos induzir a imaginação a sonhos phantasiosos, vêmos além os vestigios de uma cidade morta, perseguida talvez, quem sabe, nas suas crenças religiosas e nos seus costumes civicos, expulsa dos seus lares por um bando mais atrevido. São as ruinas da *Citania de Roriz* ou da *Fervença,* lugar de *SANFINS DE FERREIRA,* cujo modesto campanario d'aqui se divisa em uma baixa da collina, onde serpeia a estrada que vae para Santo Thyrso, em cujo capitulo demos já noticia da referida citania.

Descendo do Pilar fazemos uma pequena diversão no caminho que para lá seguiramos, vindo pela Trindade e Lameira ás portas de *MEIXOMIL,* ou antes ao seu lugar de *Portas,* que nos avisinha rapidamente da estalagem da *Maria Rita,* onde o trem nos espera para continuarmos as nossas excursões.

*

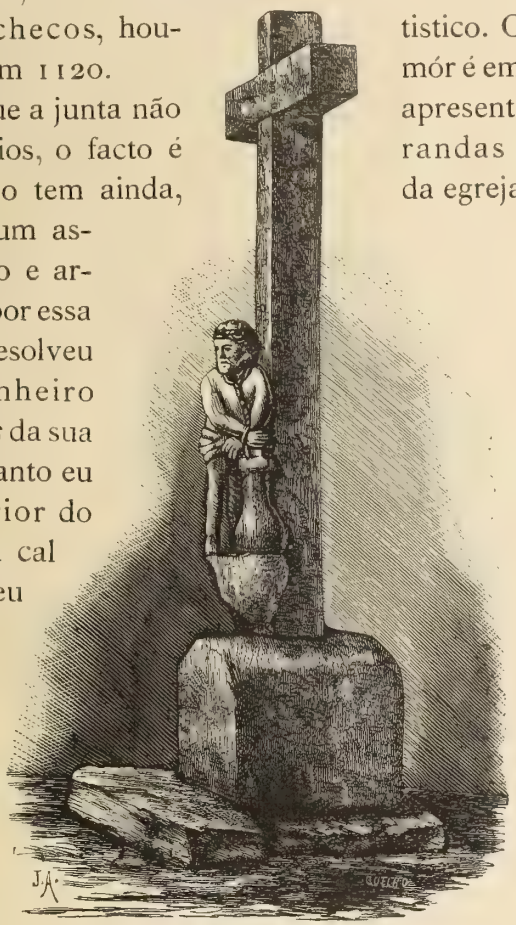
* *

Depois de Paços, ou mesmo mais do que ella, a terra mais importante do concelho é Freamunde, para onde nos vamos dirigir, depois de haver conhecido um pouco o terreno atravessado pela estrada de Guimarães, e o que fica á direita da estrada de Freamunde, estradas aliás communs até ás alturas de Sisto.

Tinham-nos elogiado o *mosteiro* de *FERREIRA,* e como sabiamos já que ahi houvera um de templarios, passado ao poder dos cruzios em 1319, desejámos vêl-o de perto, embora levassemos a opinião antecipada de que as reconstrucções modernas, dirigidas pelo alto criterio artistico das juntas de parochia, teem dado cabo de todas as preciosas antiguida-

des em que abundava a provincia. Penetramos com o carro, tanto quanto nos foi possivel, no terreno do antigo couto dos frades cruzios de S. Pedro de Ferreira, e descendo depois por uma azinhaga coberta das frescas sombras do arvoredo, breve avistamos o mosteiro que em 1475 o bispo do Porto, D. João de Azevedo, uniu *in perpetuum* á mitra pontifical, e que D. Soeiro Viegas, tronco ancestral dos Pachecos, houvera fundado em 1120.

Talvez porque a junta não abunde em meios, o facto é que o mosteiro tem ainda, exteriormente, um aspecto venerando e artistico, e ferido por essa circumstancia resolveu o meu companheiro fazer um *croquis* da sua fachada, em quanto eu visitei o interior do templo, onde a cal já tem feito o seu dever estupido, cobrindo as velhas paredes do mosteiro. A pia de agua benta, de marmore, é trabalhada em lindissimos lavores de grande merito artistico. O exterior da capella-mór é em fórma arredondada, apresentando elegantes varandas de granito. Ao lado da egreja existe uma velha laranjeira, coeva dos cruzios, e que elles tiveram a curiosidade de enxertar com alporcas de limoeiro, de lima e de laranja azeda, de modo que a formosa arvore, em epocha da sua producção, chega a ser um verdadeiro pomar de espinho. E d'essa qualidade me aproveitei eu, colhendo algumas laranjas azedas com que preparei em uma casa proxima um delicioso refresco, esperando em seguida deitado sobre a relva que o desenho se completasse.



Cruzeiro de Santo Ovidio — Desenho do natural por João de Almeida

A cigarra de Anacreonte cantava n'aquella manhã de agosto, e da pequena elevação em que a egreja está, viam-se os campos de milho verde-dourado, descendo em taboleiros franjados de vinha de enforcado até ao ribeiro, que scintillava ao fundo como a lamina luzente de uma espada.

Antes de seguir para Freamunde realisamos um passeio pela estrada de Guimarães para vêr algumas das freguezias que ficam nas ourellas d'esse caminho.

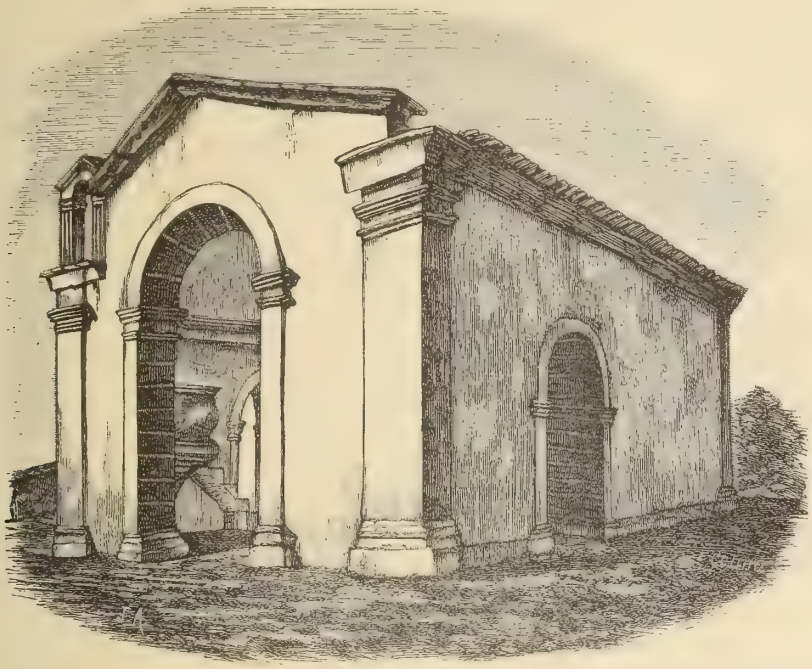
É a primeira *CARVALHOSA,* antigamente do termo e comarca do Porto, concelho de Aguiar de Souza, e apresentação dos frades cruzios de Landim. Situada em uma elevação da montanha, avistam-se do seu campanario algumas das freguezias que já conhecemos, como Eiriz e Sanfins, e outras que, como *S. THIAGO DE FIGUEIRÓ,* vamos adiante encontrar, passando nos seus casaes de Monte; e *LAMOSO,* a que está civilmente annexa a pequena freguezia de *CODÈÇOS,* a ultima que fecha pelo norte os limites do concelho. N'esta mesma zona encontra-se ainda, para nordeste, a freguezia de *RAIMONDA,* a *terra do dinheiro,* como lhe chamam localmente, querendo com isto significar a concentração do capital *brazileiro* na florescente parochia. O facto é, porém, que não dá pela differença quem não fôr da localidade, pois em todas as outras freguezias encontra o leitor, como dissemos já, as provas incontestaveis do dinheiro da emigração, fructificando nas bellas ramadas tratadas com esmero, nos palacetes de côres vivas, nos muros e portões de ferro com que se veda a propriedade do *brazileiro.*

E esses exemplos são os que formam a grande corrente, que vae despovoando de braços a mais risonha e a mais fertil provincia do paiz. Os sabios andam pelas secretarias do Terreiro do Paço fazendo relatorios e determinando inqueritos sobre as causas da emigração; ora os factos economicos não se resolvem com sentenças em calligraphia de amanuense; teem como razão de ser variadissimas causas, que se não fazem desapparecer do pé para a mão com medidas governativas, e seria por isso mais util que os ditos sabios viessem estudar no terreno pratico essas causas, do que pretender resolvel-as com phrases campanudas. É um mal a emigração? E porque não ha de ser um bem, quando, como aqui acontece, o capital remunera condignamente o trabalho, e o exemplo do esmero na cultura é o melhor incitamento á propriedade da lavoura? Deixemos, porém, o problema, que não é para resolver n'este fertilissimo valle da Raimonda, e retrocedamos até encontrar a estrada de Freamunde.

A descripção de um costume local desvia-nos tambem a attenção d'essas questões sociaes, e preferimol-o. É o caso que dobram funebremente os sinos de Raimonda e nós encontramos a miudo nas embocaduras dos caminhos que vem dar á estrada, grupos formados por irmãos de confrarias, estes com opas verdes, aquelles com opas vermelhas, outros de matizes mais variadas, que nos intrigam a curiosidade.

Interrogamos um dos que estava almoçando á sombra de uma carvalha e soubemos então que havia morrido em Raimonda um velho de oitenta annos, velho rico, segundo parecia, visto que os parentes haviam convidado as confrarias a representarem-se no enterro, convite que ellas

não recusavam por significar uma receita do seu cofre, visto que os doridos teem de pagar a cada uma irmandade o que lhe determina o estatuto, e que ordinariamente não é menos de 2$000 réis. Além da quota para o cofre, cada irmão recebe ainda *o agasalho,* isto é, meio quartilho de vinho, um pão de trigo e umas iscas de bacalhau frito, e era naturalmente com esse *agasalho* que estavam confortando o estomago os irmãos de Santis-



Ermida da Senhora do Pilar — Desenho do natural por João de Almeida

simo e das Almas, pifios representantes dos commensaes dos grandes banquetes funebres, com que na antiguidade se celebrava a entrada de uma alma no seio do bom Deus.

E agora é mandar o cocheiro bater rapidamente através dos pinheiraes que orlam a estrada para visitarmos

FREAMUNDE

a mais importante freguezia do concelho, e tambem das que mais fóros tem de antiguidade e nobreza, visto que já em 1288, nas *Inquirições Reaes,* se menciona como povoação antiga, onde a Ordem do Hospital tinha oito casaes. Eram então do julgado de Bayão. Foi prestimonio da Ordem de Christo dado pelos marquezes de Villa Real, com as mesmas honras e

privilegios com que o daria o rei, privilegios que cessaram depois da exautoração dos marquezes em 1641, passando as suas propriedades e fóros para o Infantado, que era depois quem apresentava o reitor, com 40$000 réis de rendimento.

D'estas regalias e fóros, d'este cunho caracteristico de antiguidade nada ficou, porém, em Freamunde. A povoação parece de hoje; desenvolve-se, aformosea-se, e quem entra no largo, onde existe a capella de Santo Antonio, pensa entrar em uma villasinha de aspecto attrahente, situada em pequeno valle fertil e risonho, prosperando com os enthusiasmos felizes da mocidade e da riqueza. Os predios tomam as linhas symetricas e regulares, os estabelecimentos nascem e progridem, as ruas aplanam-se, e tudo faz esperar que, poucos annos volvidos, a importancia de Freamunde tenha duplicado em valor.

Tem lojas de mercearia, tem alfaiates procurados das villas mais proximas, tem já um collegio de instrucção secundaria que ha de naturalmente influir no desenvolvimento da povoação, e já no espirito de algum enthusiasta tem effervescido a idéa de fundar um club, e porventura de crear tambem um jornal. A nossa gravura do principio do capitulo representa o lado antigo de Freamunde, a collina em que se levanta a egreja matriz, branca de neve, tendo por sentinella um cypreste. Ao fundo do templo e sobre o lado esquerdo avista-se o cemiterio parochial; á direita a casa do brazileiro Cruz, uma habitação alegre, desabrochando como uma rosa, cuja côr tem, d'entre a vegetação dos parreiraes das hortas, e dos taboleiros de milho, que se estendem até ao largo.

A festa que se costuma fazer com mais luzimento em Freamunde é a do S. Sebastião, em julho; é incerta, porém, e, como tal, não nos demoramos em descrevel-a. Duas feiras mensaes se realisam em Freamunde, nos dias 13 e 27, sendo muito concorridas pelos povos dos arredores.

*
* *

Não se caracterisa por um cunho especial o concelho de Paços de Ferreira, a não ser que pensemos em considerar como tal a presença do *brazileiro,* cujo capital tem dentro de poucos annos transfigurado esta fertilissima zona agricola, onde por algum tempo prosperou a importante industria da engorda do gado bovino. Essa presença, porém, estende-se egualmente aos visinhos concelhos de Louzada e Felgueiras, a este sobretudo, que é talvez, na actualidade, um dos mais proporcionalmente ricos de todo o districto; e depois, deve dizer-se, não é base sobre que assente

a vida real e duradoura do concelho. A agricultura é, pois, ainda o seu grande e unico instrumento de prosperidade e muito é já que o capital venha em auxilio d'essa industria-mãe, ou seja por que esse capital pretenda multiplicar-se pelo trabalho, ou seja por que se imponha apenas como exemplo pratico apresentando-se nas simples quintas de recreio, onde o lavrador vae com os seus olhos vendo o que a terra póde produzir, quando beneficiada por uma cultura intelligente.

Assim é que sendo, ha poucos annos ainda, insignificante a producção vinicola do concelho, hoje adquire já uma certa importancia, graças ao desenvolvimento que lhe tem dado o capital dos nossos emigrados.

O seu valor pecuario representa-se no seguinte mappa, que deve todavia considerar-se muito áquem da verdade:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	148	1:998$900
Muar	113	1:875$500
Asinino	50	149$200
Bovino	1:896	70:610$300
Lanar	2:426	1:042$700
Caprino	13	13$800
Suino	1:676	12:739$000
		88:429$400

Nenhuma outra industria está largamente desenvolvida, além da agricola, no concelho de Paços de Ferreira. Ha entretanto n'esta zona uma certa aptidão para os trabalhos de carpinteria e marcenaria, que muito conviria fomentar; algumas officinas existem já, entre as quaes a do sr. José Nunes Barbosa, em S. Pedro de Ferreira, cujos trabalhos, relativamente baratos, apresentam um grau notavel de acabamento.

As escolas primarias do concelho são nas seguintes freguezias: Figueiró, Frazão, Freamunde, masculino e feminino; Meixomil, masculino e feminino; Paços, masculino e feminino; Sanfins de Ferreira.

Existe tambem, como já dissemos, o collegio de Freamunde, de instrucção secundaria.

A estatistica criminal do concelho está englobada com a do concelho de Paredes, com quem fórma comarca judicial.

Apresentamos, para concluir, a tabella dos generos alimentares segundo o preço corrente nas feiras de Côa e de Freamunde, as unicas do concelho.

Vinho (cantaro)	400
Milho	450
Feijão amarello	500
» miudo	440
Batatas	360
Gallinhas (uma)	300
Ovos (cinco)	40

Tal é, em resumo, o que se nos offerece dizer sobre o concelho de Paços de Ferreira, se é que o leitor, devoto de Santo Huberto, o não conhece de haver por lá monteado na epocha da caça, abundante nas suas pittorescas serras.

CONCELHO DE PAÇOS DE FERREIRA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Arreigada, *S. Pedro*	132	175	307	93 (*a*
Carvalhosa, *S. Thiago*	357	424	781	204 (*b*
Codêços, *S. João Baptista* [1]	110	133	243	58 (*c*
Eiriz, *S. João Evangelista*	181	262	443	127 (*d*
Ferreira, *S. Pedro*	389	634	1:023	237 (*e*
Figueiró, *S. Thiago*	206	265	471	121 (*f*
Frazão, *S. Martinho*	407	597	1:004	283 (*g*
Freamunde, *O Salvador*	542	721	1:263	305 (*h*
Lamoso, *Santa Maria*	138	156	294	87 (*i*
Meixomil, *O Salvador*	326	461	787	209 (*j*
Modéllos, *S. Thiago* [2]	138	187	325	75 (*k*
Paços de Ferreira, *Santa Eulalia*	321	460	781	206 (*l*
Penamaior, *O Salvador*	382	524	906	241 (*m*
Raimonda, *S. Pedro*	243	367	610	164 (*n*
Sanfins de Ferreira, *S. Pedro*	230	289	519	129 (*o*
Serôa, *S. Mamede*	185	261	446	126 (*p*
	4:347	5:916	10:263	2:665

a Comprehende esta freguezia os logares de Paiam, Sorado, Villa Boa, Casal de Villa Boa, Alem do Rio, Gesta, Frende de Villa, Correiro, Outeiro, Rio, Seixo.

b Comprehende esta freguezia os logares de Carvalhosa, Bande, Monte, Alduzinda, Moinho Velho, Valle, Real, Raibosa, Carral, Peias, Sanguinhães, Seixal, Fontão.

c Comprehende esta freguezia os logares de Codeços, S. João, Cruz, Deveza, Monte, Outeiro, Palhaes, Paredes, Ribol, Rego, Torre, Torrinha, e os casaes de Deveza, Portella, Venda, Guinde, Outeiro, Torre, Godim, Paredes, S. João, Casas de Cima.

d Comprehende esta freguezia os logares de Eiriz, Além, Ferreira, Paço, Costa, Cabo, Ribeiro, Quintella, Lagoa, Villar, Villa Verde, Vizo, Souto, Rego, Val de Amores, Cacães, Lavandeira.

e Comprehende esta freguezia os logares de Gilho, Mosteiro, Villa Nova, Casal de Goda, Lamaes, Penonces, Quintella, Casas Novas, e os casaes de Loureiro, Pedreira, Orgem, Portella, Fun'devilla, Sabugueiro, Brandal e Talho, Ferreiró de Cima, Ferreiró do Fundo, Moutas e Britos, Costa.

f Comprehende esta freguezia os logares de Egrejas, Pardelhas, Villa Tinta, Rocha, Lamas, Barreiro, Fun'devilla, Monte, Monte de Parada de Baixo, Ribeirinha, Figueiró, e diversas quintas e casaes.

g Comprehende esta freguezia os logares da Praça, Fejó, Ponte, Moinhos, Sobrão, Valinhos, Gomil, Truta, Crasto, Porto Carrero, Cavadas, Carvalho, Aldeia, Cavadinha, Levada, Cabo, Requiade, Deveza, Aldeia de Baixo, Cancella, Cruz, Outeiral, Villa Nova, e as quintas de Praça e Quinta.

h Comprehende esta freguezia os logares de Freamunde de Cima, Feira, Gandarella, Calvario, Cachopado, Ponte, Outeiro, Xisto, e os casaes de Bouça, Egreja, Miraldo, Pinheiro, Lama, Leigal, Carvalhal, Além, Madons.

i Comprehende esta freguezia os logares de Lamoso, Bairros, Costada, Azido, Corogo, Soutello, Cavalleiros; os casaes de Pegas, Condeminhas, e a quinta ou herdade de Villa Nova.

j Comprehende esta freguezia sómente o logar de Portas.

k Comprehende esta freguezia os logares de Modellos, Sant'Iago, Padrão, Pegeiros, Mollêlo, Ribeira, Picoto, Aldeia, Trabuco, Cima de Villa, Marrocos, Souto, Boavista, Cabreira, e a quinta da Aldeia.

l Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Egreja, Coqueda, Casal do Rei, Ponte Nova, Villar, Pegas, Xisto, Quintans, Cavada, e as quintas da Torre e Villar.

m Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Repezes, Real, Villa, Santa Marinha, Giestal, Fermentões, Feira, Torres, Padrão, Fonte Fiscal, Ermida, Devezinhas, Modellos, Praça, Mirello, Penedos, Bouça, Silva e Inveja, Valle de Suzo, Outeiro, Tulha.

n Comprehende esta freguezia os logares de S. Pedro, Parada, Rozende, Barreiras; os casaes de Leão, Cabo, Velho, Rozende, Torre, Cancella, Reguengo, Souto, Além, Costa, Cancella, Castello, e as quintas de Guido, Outeiro, Egreja, Jogo, Agrellos.

o Comprehende esta freguezia os logares de Sanfins ou S. Pedro Fins de Ferreira, Bostello, Vallinhas, Ribas, Cumieira, Torre, Villa Cova, Bouças, Varzea; os casaes de Fervença, Pessós, Lage, Tarrio, Quintães, Baileza, Longras, Cide, e as quintas de Bouça-Monte e Isqueiros.

p Comprehende esta freguezia os logares de Outeiro, S. Mamede, Passo, Costa, Souto, Gandarinha, Poupa, Arrotéa, Campo Meão, Bouça, Villar.

[1] Annexada civilmente á freguezia de *Lamoso*.
[2] » » » de *Arreigada*.

LOUZADA

Louzada antiga — Desenho do natural por João de Almeida

— > —

Se a politica não tivesse ultimamente tornado celebre este concelho de Entre-Douro e Minho, falsificando actas eleitoraes e dando origem a conflictos graves entre o povo e a tropa, em vão me esforçaria eu para fazer acreditar ao leitor, que existia encravada entre os concelhos de Penafiel e Amarante, Felgueiras e Santo Thyrso, Paços de Ferreira e Paredes, esta pittoresca terra de Louzada, tão pouco ella se distingue das terras circumvisinhas, ou por costumes originaes ou industrias, que a singularisem entre as outras.

—*A quelque chose malheur est bon*—diz o proverbio francez, que n'este instante paraphraseado—*politique est bonne*—me serve á maravilha para convencer o leitor, não versado em chorographias ou divisões comarcãs, mas conhecendo as terras, pelo que ellas teem de original—da existencia real e verdadeira de Louzada. Depois os proprios chorographistas vêem-se em papos de aranha para explicar onde é a séde do concelho, ora confundindo Silvares e Louzada, ora tomando as parochias de Santa Margarida e S. Miguel de Louzada, como o nucleo central da povoação, quando, averiguado o caso, a villa não é realmente senão uma parte de *SILVARES,* parte chamada antigamente o Torrão, que se desenvolveu e

ampliou, deixando na humilde posição primitiva a velha matriz parochial. Veja o leitor, se era capaz de destrinçar esta chorographica meada, em terra que tão pouco tem dado que fallar de si. Eu tinha pensado mesmo em apresentar-lh'a, como sendo a legitima dona da *Apparecida,* local de uma notavel romaria, em que se despejam pipas de vinho ás dezenas, e se distribue bordoada, a preços reduzidos de ida e volta. Mas desisti logo do intento por ficar distanciado do coração do concelho o popularissimo sanctuario, e... estaria talvez ainda cogitando na maneira de abrir este capitulo, se a excellente Providencia não viesse em meu auxilio, dando-me com a batota das actas eleitoraes a linha caracteristica, vibrante de actualidade e gravada a buril forte, do genio d'este concelho, damnado para a politica.

Ahi tem o que Louzada é.

Pela politica se fez comarca, pela politica tem recortado o solo com estradas, pela politica vae edificando o templo do Senhor dos Afflictos, pela politica consegue fundar escolas, pela politica e para a politica vive finalmente, como se regeneradores e progressistas da localidade, ciosos uns dos outros, não tenham em vista senão fazer progredir, repicando o campanario, a terra sua bem amada. Não lhes queiramos mal por isso, e agora que visitamos o concelho, ponhamos a politica de parte, para observar tão sómente o que elle tem de bello e interessante.

Nada ha de notavel na villa de Louzada a não ser a sua pittoresca situação em um planalto da montanha, de ares puros e lavados, e solo feracissimo nos seus formosos arrabaldes. Para que bem se avalie do largo horisonte e fertilidade d'este solo uberrimo basta subir ao templo dos Afflictos, ou melhor ao adro da capella da Senhora do Loreto, que domina toda a povoação e arrabaldes, e demorar ahi alguns instantes, á sombra dos sobreiros ou oliveiras que a rodeiam. Depressa se adquire a prova de quanto é excellente a situação de Louzada. Divide-se, por assim dizer, a villa em duas partes: a moderna e a antiga Louzada; aquella, ainda incaracteristica, por estar actualmente em plena germinação, deixem-me assim exprimir; esta, com a feição accentuada das antigas villas portuguezas, de ruas estreitas e praças acanhadas, a lugubre cadeia sob os antigos paços do concelho, uma ou outra viella intransitavel, as casas de pequenas janellas com poiaes, onde floresce o craveiro encarnado.

Damos em gravura um especimen de cada uma d'essas feições de Louzada. A vista geral representa a parte moderna da villa, com a sua praça ajardinada, os terrenos ainda irregulares, em que se está edificando o magestoso templo do Senhor dos Afflictos, o moderno edificio do tribunal, cujas trazeiras se vêem no desenho. Em um recanto da conjuncção

d'essa praça e largo fica a hospedaria da terra, conhecida mais pelo nome de *Hospedaria da Pacheco* do que pelo de *Louzadense,* com que a taboleta a distingue. A Louzada antiga, com o seu pelourinho em columna torcida, incompleto já, os antigos paços servindo de cadeia, a rua Direita, torta como a de todas as villas, figura no desenho com que se abre o capitulo.

D. Manuel deu foral a esta povoação de Louzada, com o titulo de villa, a 17 de janeiro de 1514, servindo tambem para Romariz a carta de foral. O antigo concelho comprehendia em 1708 (segundo Carvalho) doze freguezias; mas parece que em 1758 contava dezoito, e que n'essa epocha era a freguezia de S. Miguel de Silvares a cabeça do concelho, estando no lugar do Torrão a casa do auditorio, onde se faziam as audiencias duas vezes por semana. Alguns auctores modernos consideram a villa de Louzada como formada das duas freguezias de S. Miguel e Santa Margarida de Louzada; mas, como em outro lugar dissemos já, é isto um erro só explicavel pela homonymia e proximidade das duas freguezias ruraes.

Está n'estas poucas linhas compendiada a historia de Louzada e não nos resta agora, senão ir percorrer as estradas do concelho, para mais de perto o conhecermos. Ha carros para alugar na *Hospedaria da Pacheco,* ou das Aleixas, asseiados e commodos, mais do que a propria hospedaria, onde no verão é impossivel pernoitar, e aproveitamos por isso a frescura da manhã para principiar as nossas excursões.

*

* *

Seja até Freamunde o nosso primeiro passeio.

Deixamos ao lado o pequeno outeiro do Loreto e caminhando por entre singelos campos de cultura, breve nos apparece, junto á margem da estrada, a egreja parochial de *CHRISTELLOS,* com a sua torre em cupula chinesa, atarracada e baixa, fazendo lembrar a nedia figura de um dos frades cruzios, que outr'ora faziam aqui a apresentação do abbade. No monte do Crasto ha vestigios de fortificação antiga, romana provavelmente, conforme o proprio nome e até o da freguezia o estão dizendo. E a proposito de Christellos nos occorre a lembrança de um facto noticiado pelo *Louzadense,* como prova de superstição dos seus patricios.

Passava nas bouças de Pedroso um caminheiro timido. Quem sabe o que a imaginação lhe iria phantasiando de almas penadas e duendes, de lobishomens e bruxas! N'isto um vulto se lhe depara estendido no meio do caminho, vulto collossal, de linhas agigantadas pelo medo!...

—Nossa Senhora, Jesus dos Afflictos—balbuciou atrapalhadamente,

e saltando pelas bouças, esbaforido, enfiado, mais veloz do que o Mercurio que os antigos pintam com azas nos calcanhares, chegou em poucos minutos a Louzada, onde, tremulo e agitado, noticiou o encontro com as almas penadas das bouças de Pedroso.

O mestre da *Philarmonica Louzadense,* o sr. Joaquim Carneiro, habituado a empunhar a batuta nas grandes batalhas das semi-colcheias e fusas armou-se d'esta vez de um marmelleiro e por aqui é caminho.

—Vamos lá vêr essas almas penadas.

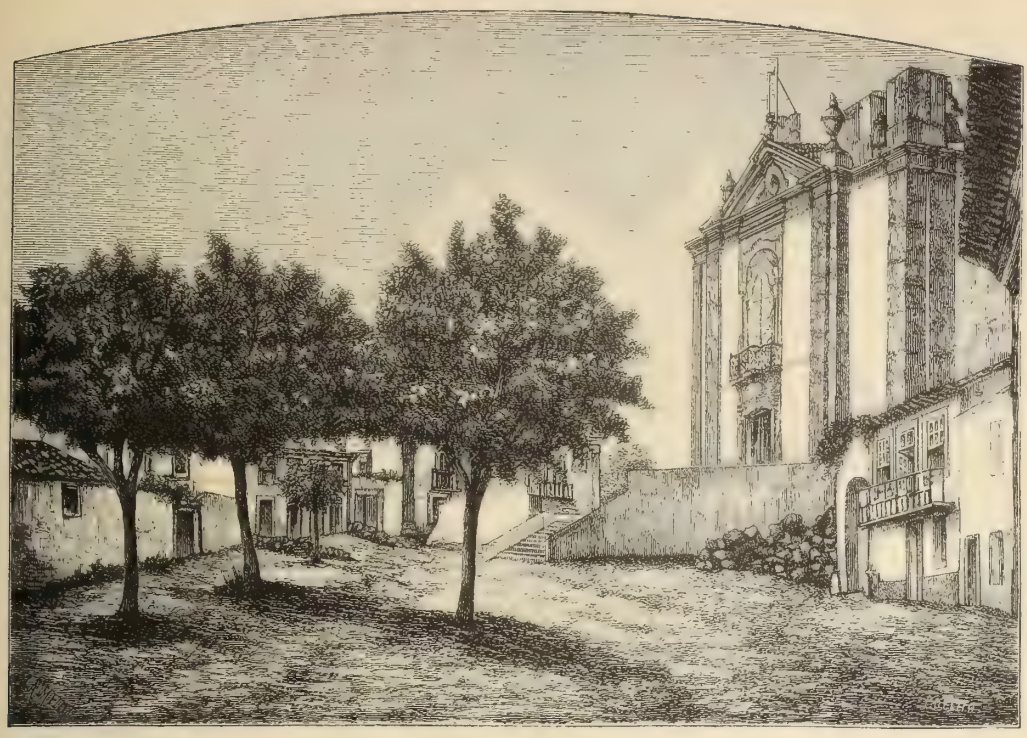
Foram os dois. O vulto horrendo e feio continuava atravessado no caminho. Havia na paz da noite um arrepio de vento norte encrespando a ramaria dos pinhaes. O sr. Carneiro, na sua qualidade de maestro habil, fez uma pausa de *breve,* a mais longa da musica, mas que ainda assim é um instante para a coragem dos heroes. O outro persignou-se e agora o verás; affoito pela presença do maestro brandiu no ar o marmelleiro, e ia a descarregar sobre a alma a mais phenomenal bordoada de que no purgatorio ha idéa, quando a voz do maestrino o deteve no intuito.

O que estava a seus pés, estendido e glacial, sereno e mudo, não era alma, era corpo. Apalparam, viram, examinaram. «Um pobre burro fallecera ali na tarde d'esse dia» e esse corpo era o d'elle!—diz o jornal.

Tableau! A noticia não diz se a pelle do burro foi aproveitada para bombo da philarmonica; mas, por sem duvida, que o merecia ser.

Á nossa direita, como que receiosa de olhares indiscretos, esconde-se agora por entre os frondosos ramos das carvalheiras a modesta matriz de *SANTA EULALIA DA ORDEM,* designação derivada, ao que se diz, de ter esta aldeia pertencido á ordem dos cavalleiros do Templo. Ao de cima da egreja vê-se a casa solarenga de Real de Baixo. Vae a estrada descendo através de pinheiraes e não se vê por isso, do lado norte, a freguezia de *SOUZELLA,* que tem de notavel, junto da ermida de S. Christovão, uma fonte medicinal, a que o povo chama *milagrosa* pelas grandes virtudes que lhe attribue. Não foi ainda analysada. Do lado esquerdo é mais rasgado o horisonte, apezar da cortina de pinheiros que ainda intercepta o raio visual; brincando entre a luz vê-se, em uma ondulação do valle, o campanario alegre de *FIGUEIRAS,* terra cujo padroado os bispos do Porto e os bailios de Leça por muitos annos litigiaram.

Agora que os pinheiraes de todo desappareceram, os olhos podem estender-se livremente até Penafiel, descendo no caminho por sobre o valle onde fica *S. PAIO DE CASAES,* atravessada pelo ribeiro do Mezio que vae affluir ao Souza, e junto do qual ribeiro se levanta na quinta da Vinça o edificio do collegio de instrucção secundaria, chamado de *Nossa Senhora da Ajuda,* por ficar perto da capella que tem esta invocação. Este collegio



Bom Jesus de Barrosas — Desenho do natural por João de Almeida

que ha alguns annos já não funcciona, seguiu na ordem chronologica uma outra instituição de ensino, que houve no concelho, fundada em 1863 por uma sociedade particular, que ao depois se dissolveu, construindo então o sr. Antonio de Sousa Freire esta casa para o collegio da Ajuda, hoje vivenda particular.

No largo tapete d'este fertilissimo valle descobre-se mais ao longe *NEVOGILDE,* dominando com a sua brancura de garça real o verde-ruivo das carvalheiras, que parecem formar um pelotão marchando ao seu encontro. Proximo de nós, quasi sobre a estrada, quem vê no meio d'esta opulenta vegetação a cupula bysantina da matriz de *COVAS,* pensaria que ella surgiu, como a flôr de uma tulipa, do meio d'esta verdura que a envolve. No mesmo caso está a habitação ridente do dr. Marnoco, ali ao angulo da estrada, ouvindo em baixo cantar a agua do ribeiro, e sentindo-se perfumada pelos aromas balsamicos do pinhal e das roseiras em flôr.

*

* *

Outra excursão.

Seguindo a estrada de Louzada a Felgueiras avista-se logo em uma pequena collina a egreja de Silvares, que é, como dissemos já, a matriz

parochial de Louzada. O largo horisonte que se descobre d'esta varanda da montanha toda ornamentada de vinhas, pinhaes e carvalheiras, estende-se até Penafiel, que apparece ao longe, no ultimo plano, destacando a sua casaria clara do fundo roxo-anil das montanhas que a emmolduram. Á nossa esquerda a modesta egreja de *ALVARENGA,* com o sino encasado em um humilde campanario, parece rir-se das torres ponteagudas que vê esparsas no valle, como se o quizessem dominar, quando ella, mesmo sem torre, o domina inteiramente!

Á direita fica-nos a casa da *Bouça,* habitada pelo conselheiro Joaquim Cabral de Noronha e Menezes, antigo deputado e governador civil, e além, proximo do palacete do *Porto,* pertencente ao sr. Manuel Peixoto de Sousa Villas Boas, ramifica-se a estrada: abandonamos a que nos conduziria a Felgueiras, atravessando as parochias de *SANTA MARGARIDA* e de *S. MIGUEL DE LOUZADA,* que nada tem de notavel, e tomamos o ramal aberto ha pouco para a povoação de Barrosas.

O valle, que vem desde as alturas de Penafiel fechar n'esta curva da montanha, é uma formosura, a que precisamos dizer adeus, deixando por um pouco embeber os olhos n'essa voluptuosa frescura das vegetações, em que fluctuam as aldeias, como no mar azul as brancas velas latinas.

Tudo se esconde já.

Uma simples volta de estrada basta para fazer desapparecer esse encanto. O horisonte rasga-se depois, por sobre as curvas das serras, em direcção a Felgueiras; a natureza, porém, não sorri como até agora; tem a doce melancholia das solidões, a paz virginal e agreste das alturas. E cada vez mais se limita o ambito do espaço, e cada vez mais a cupula do azul parece envolver esta enorme taça do bronze da montanha, que a estrada vae colleando como um filete cinzelado na parede de uma amphora etrusca.

Ao abrigo das fragas, como baixos relevos d'esse vaso artisticamente executado, formam em linha as colmeias rusticas, d'onde as abelhas sahem para buscar na flora da serra a materia prima dos seus favos silvestres. E dir-se-hia que n'este casto silencio de uma atmosphera tão pura, se ouvem zumbir as transparentes azas das trabalhadoras infatigaveis. D'ahi por instantes entra-se na séde do extincto concelho e julgado de

BARROSAS

parando o trem no largo em que se levanta o magestoso sanctuario do Bom Jesus, em construcção ainda, como na gravura de pag. 357 póde vêr-se.

A povoação de Barrosas conserva sensivelmente o mesmo typo da sua epocha fastigiosa, contribuindo talvez para esta conservação a delicada sollicitude com que os seus filhos se esforçam, aquelles principalmente que adquiriram meios de fortuna no Brazil, em beneficiar a terra que lhes foi berço.

No largo onde se encontra o mosteiro e a hedionda casa de escola, incompativel com a prosperidade de uma terra como já é Barrosas, vem desembocar a rua principal da antiga villa, rua em que se notam alguns predios bons, e a um lado da qual se levanta a pequena ermida da Senhora das Dôres, cortada por um pequenino jardim. No extremo da rua ergue-se, em frente da capellinha do Senhor da Saude, até onde chegam as procissões, um elegante cruzeiro de granito, a partir do qual uma nova rua, ou caminho, conduz ao largo da Feira ou pequeno souto de carvalheiras, onde a unica habitação primorosa é a do *brazileiro* Manuel Pinto Nunes, que ahi reconstruiu a casa paterna. Para diante seguem os carreiros das aldeias, avistando-se ao fundo, entre pinhaes, a capellinha de Santo Antonio e S. Sebastião.

Percorrida a povoação de um a outro extremo, vê o leitor que não se encontra n'ella obra que mais interesse possa merecer, do que a do mosteiro do Bom Jesus. Para elle, pois, nos dirigimos, não com a intenção com que os romeiros ahi vão no Domingo do Espirito Santo, de assistir ás solemnidades religiosas, a que se segue a procissão pelas ruas já nossas conhecidas, mas apenas com a idéa de colher um ou outro apontamento, que possa offerecer de curioso a visita d'esse templo. É vasta e grandiosa a parte concluida já, mas executada n'este vulgarissimo estylo de architectura, que caracterisa as modernas egrejas. Ha no interior escrupuloso aceio, mas em cada um altar se nota a mesma falta de elevação artistica que presidiu á concepção do projecto. O sanctuario de Barrosas será, por isso, depois de completo, um espaçoso armazem de piedade, mas nunca um monumento de arte, que instigue o homem intelligente a ir visital-o com prazer. Verdade seja, que não é d'estes que o mosteiro mais tem a esperar a sua reedificação, mas dos homens de simples fé e candida ignorancia, que ahi vão levar o seu obulo, confiando na recompensa celeste. Lá o diz o retabulo collocado sobre a caixa das esmolas:

Quem para este esplendor
Com fé concorre
Agrada a Deus em vida
E quando morre.

Assim a fé se deixe attrahir pela cantiga.

A Apparecida — Desenho do natural por João de Almeida

O que, porém, é deveras esplendido, é o panorama que se descobre da torre provisoria do mosteiro, quando o leitor se não contente com o que se avista do muro situado ao fundo do sanctuario, similhando um balcão aberto sobre o feracissimo valle do Vizella.

Do alto d'essa torre e abrangendo todo o horisonte que de occidente vem a oriente, em um largo semicirculo, formado pela accidentada curva das montanhas do norte, a vegetação não póde ter mais pompas, a natureza não póde ter mais sorrisos. É um deslumbramento que sente o espirito ao vêr esse immenso golpho de verdura, manso e ondulante, em que as aldeias parecem ilhas faiscando de luz, e os nevados casaes dispersos similham garças marinhas nadando ao de cima das ondas de esmeralda.

Á esquerda, perto de nós, esconde-se *LUSTOSA* nas dobras da serra de *Calvello,* onde nasce o ribeiro de Bêstares, que além vêmos correr para o Vizella. E pena é que se occulte essa Lustosa, hoje tão celebre pela politica; não que pretendessemos fallar das suas affeições progressistas ou regeneradoras, mas porque desejariamos mostrar ao leitor a formosa carvalheira secular que existe perto da matriz, medindo no tronco uns largos vinte e cinco palmos de circumferencia. De resto ha para vêr em Lustosa, além da egreja matriz, e da bella casa para as reuniões da junta de parochia, as capellas de S. Gonçalo, de S. Roque, ha poucos annos reformada,

e onde costumam ir as procissões da freguezia, e a de Santa Anna, da casa do Cabo.

Volvendo os olhos para a encosta da fertilissima bacia, de que vinhamos fallando, as duas mais proximas egrejas que avistamos, são: a de *SANTO ESTEVÃO DE BARROSAS,* aqui já ao pé de nós, espreitando da sua torre em fórma de cupula a capellinha do Senhor do Padrão, que está em frente; e a de *SANTA EULALIA DE BARROSAS,* cujo campanario, em fórma de pyramide, se levanta um pouco mais além d'entre a espessura do pinhal. Uma e outra pertenciam ao extincto concelho de Barrosas, nome que serve tambem para designar o lugar onde assenta o magestoso templo do Bom Jesus de Barrosas, de cujas torres o leitor e eu estamos gosando o largo panorama, que vae d'este rebordo da montanha até ás longinquas serras de Vade e do Gerez, da Gralheira e do Marão, depois de ter descido aos valles de Vizella, e de haver poisado nas ermidas da Senhora do Monte e do Sameiro, marcadas a crystaes de neve no meio d'este oceano de verdura.

*

* *

Descendo a estrada que vae para Novellas e deixando por um instante a que vae a Romariz, com as suas freguezias circumjacentes, duas parochias apenas temos que apresentar ao leitor, sendo a primeira *NESPEREIRA,* notavel outr'ora por ser o seu abbade alternativamente apresentado, dentro do mesmo anno, pelo papa, pelo bispo, pelos benedictinos de Bustello e pelos cruzios da serra do Pilar; e a segunda *LODARES,* banhada á direita pelo rio Souza e á esquerda pelo Mezio, na qual encontramos, além das ricas propriedades de *Quintans, Bairros* e *Sequeiros,* a casa da *Lama,* solar de uma antiga familia, representada hoje pelo dr. Francisco Pinto Coelho Soares de Moura, deputado por Felgueiras na legislatura de 1887, e onde nasceram, entre outros, o notavel advogado Antonio Pinto Coelho Soares de Moura, deputado ao soberano congresso de 1821, e o valente brigadeiro do exercito realista Bernardino Coelho Soares de Moura, que tomou tambem uma parte activa no movimento popular de 1846, recebendo da junta do Porto o titulo de *Barão de Freamunde,* de que nunca usou e que não foi confirmado posteriormente

Das alturas de Lodares facil era ir tomar a via ferrea em Novellas ou mesmo no apeadouro de Meinedo, se nós não preferissemos retroceder até encontrar a estrada de Romariz, que da mesma maneira ha de conduzir-nos até esse ponto da linha ferrea. Uma vez, pois, n'esta nova estrada

municipal, apeiamo-nos do carro para ir visitar *BOIM,* cuja lenda de antiguidade anda na bocca do povo, sem que elle saiba o motivo. Pensavamos ao atravessar os seus vallesitos estreitos, onde o carvalho enche de sombras os corregos, que talvez nas linhas venerandas da matriz encontrassemos o segredo d'essa lenda; mas ao vel-a de perto, tão humilde e tão singela, com os seus dois campanarios encasados na torrinha baixa, que recorda os primitivos tempos da egreja, conclui que não era esta, apezar de valiosa, a causa da lenda de Boim, por isso que pouco ou mesmo nada resta da architectura primitiva d'esse templo, hoje perfeitamente vulgar. Tão pouco me persuadi que fosse da capellinha de S. Jorge, situada n'um outeiro proximo, sob a ramaria frondosa dos sobreiros, com a sua festa no ultimo domingo de abril ou no primeiro de maio, que viesse a origem d'essa lenda de antiguidade para Boim. Mas é voz de Deus a voz do povo, e eu acreditava sinceramente n'ella, porque rara é a vez em que a tradição popular se não baseia sobre um alicerce de verdade.

Boim chamou-se antigamente *Gui* e depois *Goi,* e esta palavra celta significando—agarico—planta sagrada para esse povo primitivo, deixa-nos entrever em Boim ou *Gui*—a terra do agarico—solemnemente visitada pelos sacerdotes e povo celta, no sexto dia da lua do *nevado* mez de dezembro.

Era esse o dia marcado para a colheita da planta symbolica, a planta sagrada da nação guerreira, que os livros santos dos druidas só permittiam colher no dia sexto da lua de dezembro.

Assim explicada a etymologia de Boim, a imaginação vê surgir além, por entre as carvalheiras que fecham estes valles, a procissão solemne que vem á colheita do *gui.* Marcham na frente dois adivinhos cantando hymnos sagrados e balladas patrioticas, de uma profunda suavidade lyrica. Segue-os o arauto empunhando o caduceo symbolico, e logo depois os tres sacerdotes druidas com os instrumentos necessarios para o sacrificio. O pontifice magno, vestido de alva tunica de linho, fecha o religioso prestito, após o qual vem o povo, o grande visionario de todos os tempos, receber o talisman da ventura das mãos da religião.

Chegam ao pé da arvore sagrada. O pontifice sobe ao carvalho e corta com a sua foice de ouro o *gui,* que os sacerdotes recebem em baixo, solemnemente, no *sagum* branco, estendido em toalha.

A ceremonia repete-se tantas vezes, quantas o sacerdote julga indispensavel para poder distribuir pelo povo o agarico santo.

A colheita findou, mas não concluiu a solemnidade.

Ouvem-se mugir dois toiros brancos; são as victimas offerecidas ao bom Deus, que confiou o *gui* ao carvalho, para que este o désse ao seu

povo. A immolação segue-se um esplendido festim. E é no fim, quando os animos estão alegres, quando o coração transborda de grata felicidade, que as orações se dirigem á divindade, para que ella abençoe a planta recentemente colhida, e faça partilhar da sua mysteriosa ventura todos os assistentes, a quem se distribue então uma pequena parcella de *gui*.

E ouviria ainda os canticos guerreiros das velledas e do povo celta perderem-se nos bosques de Boim, quem ha mais de dois mil annos assistisse, no dia sexto da lua de dezembro, ao levantar do arraial, que viera n'estes lugares á colheita do agarico sagrado.

Reatemos o fio descriptivo.

Adiante de Boim fica logo a freguezia de *PIAS*, que nada tem de notavel e que por isso deixamos na sua tranquillidade aldeã, para podermos admirar, já em territorio de *MEINEDO*, o bello palacete e grande quinta de *Romariz*, abundantissima de aguas e uma das mais rendosas propriedades d'estes sitios, a qual fazia parte da casa da *Lama* e hoje pertence ao sr. Augusto Soares de Moura, representante do segundo ramo d'esta familia.

Meinedo, servida hoje por um apeadouro da linha ferrea do Douro, proximo da egreja matriz, em nossa gravura representada, é uma povoação muito antiga, julgando mesmo alguns escriptores que ella foi a cidade episcopal de *Magneto*, onde Santo Thyrso foi bispo. Isto póde ser ou não verdade, mas o que é certo é que o seu primitivo orago foi Santo Thyrso, pois em 1131 deu D. Affonso Henriques a D. Hugo, bispo do Porto, esta egreja de *Santo Thyrso*, de *Meinedo*.

Sabe-se tambem que o templo actual, e d'isso ha ainda por lá algumas provas, representa a egreja de um antiquissimo mosteiro de monges benedictinos, que no anno referido de 1131 passou a abbadia secular com auctorisação do papa Innocencio II, mas cuja fundação se attribue—talvez no anno 600—a um conde, de appellido Fonseca, instituidor d'esta *honra* e *couto* de Meinedo, onde elle tinha o seu solar. Na egreja de Meinedo, cujo exterior a cal e a reedificação de 1853 desfiguraram de todo, é digno ainda de observar-se o portal em estylo gothico, a obra de talha que reveste o arco-cruzeiro, e o tecto do altar-mór artezoado.

Adiante do apeadouro de Meinedo encontra-se a Estação da via ferrea em *CAHIDE DE REI*, freguezia que pertenceu ao couto da Travanca do extincto concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, passando pela suppressão d'este a formar parte do de Louzada. O nome de Cahide, que talvez com mais rigor se escrevesse *Kaid*, vem do arabe, e exprime a idéa de governo, assim como a palavra *alcaide*, ainda hoje conservada com o mesmo sentido nas linguas peninsulares.

D'esta etymologia póde sem custo deduzir-se a origem arabe de Cahide, sendo provavel que o seu lugar de *Mouro* reforce, por sua parte, o raciocinio assim concebido. Por outro lado, entre as mais importantes aldeias de Cahide, uma existe, a de Villa Verde, em cujas proximidades tem apparecido sepulturas antigas, capiteis de columnas, objectos de ceramica, etc., o que prova a existencia de uma povoação consideravel em tempos remotissimos. A noroeste de Villa Verde ha tambem um monte chamado do *Crasto,* indicando pelo nome e condições topographicas ter sido um ponto fortificado.

Entre as principaes casas de Cahide figura em Villa Verde a dos Pintos Mesquitas, em cuja linha genealogica se encontra Fr. Antonio de Mesquita, que foi abbade em varios conventos da ordem de Cister, exercendo o cargo de procurador geral da ordem, quando o exercito libertador entrou no Porto em 1832.

As outras casas mais notaveis são: a de *Barreiros,* da familia Sousa; a da *Quintã,* do dr. José Maria de Paes Villas Boas, e a da *Seara,* ultimamente representada por Manuel da França Brandão.

Immediatamente a seguir á Estação de Cahide é perfurada em um extenso tunnel a tapada de D. Luiz, principiando n'estes limites o termo do concelho de Amarante. Da Estação de Cahide parte um ramal da estrada districtal n.º 10, que passando após um percurso de dois kilometros, em *ALEMTEM,* terra solar do moderno visconde d'este titulo, serve a grande romaria da Apparecida e vae depois, já no concelho de Felgueiras, entroncar em Rande com a que vem de Louzada. Alemtem está ao presente civilmente annexa a Villar do Torno, como já lhe aconteceu em 1834, tendo no intervallo recuperado uma autonomia, que não pôde sustentar. A egreja parochial é pequena e muito antiga, com excepção da capella-mór que foi reformada nos fins do seculo ultimo por D. Christovão de Almeida Soares, bispo de Pinhel, e natural d'aqui. Em virtude de um legado seu fazem-se todos os annos n'esta egreja os officios de quinta feira santa.

A casa principal de Alemtem é do 1.º visconde d'este titulo, o ex.mo sr. Antonio Barreto de Almeida Soares de Lencastre, bacharel formado em direito e um dos maiores proprietarios do concelho. O palacio, principiado pelo mencionado bispo de Pinhel e concluido pelo actual visconde, mede trinta e dois metros na fachada por vinte de fundo e tem uma linda capella antiga, onde ha uma inscripção gravada a lettras de ouro, mas sem valor archeologico, pois refere apenas os breves pontificios e indulgencias concedidos á familia de Alemtem.

A quinta, com alguns kilometros de circumferencia, é fertilissima e

LOUZADA — *Desenho do natural por João de Almeida*

n'uma parte d'ella está hoje montada a quinta districtal modelo, servindo-lhe as aguas do Souza para a irrigação. Proximo é o rio atravessado pela ponte da Amieira, reconstruida pela camara, quando fez a estrada municipal de Louzada á Senhora da Apparecida.

Na quinta de Alemtem existe uma notavel curiosidade archeologica, pelo povo chamada o *lagar dos mouros,* cavado a picão na rocha e comprehendendo um lagar com sua dorna ou lagareta; é uma construcção antiquissima e não custa a acreditar na versão popular, fossem os arabes ou os romanos os auctores d'essa obra, que parece evidentemente destinada a um uso agricola.

Além da egreja parochial e da capella da casa de Alemtem ha na freguezia a ermida de Santa Philomena, mandada construir ha poucos annos pelo actual visconde, no monte do *Penedo da Saudade,* um dos sitios mais pittorescos da freguezia.

Na aldeia de Soutello está montada em casa propria, feita em 1885, a escola official de instrucção primaria.

*
* *

Não ha no concelho romaria como a da Apparecida, e poucas haverá mesmo n'outras terras—accrescenta a vaidade local—que lhe deitem a barra adiante.

—Muita gente, hein!

—Faz-se lá idéa! é calcular pelo vinho que lá se bebe! Para cima de cincoenta pipas, nas 24 horas!

—É de respeito, o calculo.

—P'ra mais que não p'ra menos. E na noite de 14, a noite do fogo, isso é que é esturdia! Não ha como a Apparecida para isso!...

As informações, como o leitor vê, aguçam a curiosidade, e posto não fosse no dia da romaria que nós estivemos em Louzada, imperdoavel seria partirmos sem visitar tão afamado sanctuario.

É facilima depois a excursão e agradavel sobremaneira a estrada.

Aqui temos já a *AVELLEDA* ao pé da villa, justificando com o seu nome de *velleda,* sacerdotisa druidica, a religião dos celtas, de que fallámos em Boim. Para os homens praticos ha melhor do que essa poesia das lendas; é a feira annual e romaria de Santo Ovidio, que se faz nas proximidades da quinta districtal, deixando por sua causa de fazer-se a feira de 9 de agosto em Louzada. Os mais curiosos podem ainda visitar na Avelleda a capella da Senhora do Rosario, junto da casa de Quintã.

Principiamos, por assim dizer, o passeio.

Egreja de Meinedo — Desenho do natural por João de Almeida

Á esquerda vêmos a ermida de S. Gonçalo, pertencente a *MACIEIRA,* cuja matriz assenta ao lado sobre uma pequena planura. Faz-se junto d'essa ermida uma romaria a S. Gonçalo em 10 de janeiro, mas ou porque o frio reclame um exerciciosinho para aquecer, ou porque n'essa quadra o vinho tenha um pouco mais de valentia, o certo é que o arraial se notabilisa quasi sempre por grossa pancadaria. Antigamente era o parocho de Macieira apresentado pelo de *SANTA CHRISTINA DE NOGUEIRA,* freguezia muito proxima da antecedente, mas cuja egreja matriz não vêmos d'esta estrada, por nos ficar encoberta com o pequeno outeiro visinho da ermida de S. Gonçalo.

Pouco perdemos com isso, porque n'estas espiraes que vae fazendo o caminho, a paysagem, de uma suave e deliciosa frescura, nos compensa bem da falta de mais esse campanario sem valor. Apresenta-se emfim a Apparecida lá no alto, apparição momentanea, que se esconde, porém, e que só definitivamente conseguiremos vêr, quando rodeado o outeiro, em que o sanctuario assenta.

Passamos junto da casa do *Villar,* hoje do sr. Julio Augusto de Castro Feijó, adiante da qual fica na encosta a modesta matriz de *VILLAR DO TORNO,* reconstruida ha poucos annos á excepção da capella-mór que é muito antiga, e sede da parochia a que essa casa pertence, assim como lhe pertencem a de *Cima de Villa,* da ex.ma sr.a D. Joaquina Queiroz; a do *Eido,* do sr. José Maria Rodrigues de Carvalho; a de *Casaes,* do nosso amigo José Moreira Mendes, e outras como a do Bom Viver, Fonte de Cima, Trovoada, etc.

Villar do Torno pertenceu ao couto da Travanca, do extincto concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, assim como tambem já fez parte do extincto concelho de Unhão, comarca de Penafiel. A antiguidade d'esta parochia documenta-se, porém, com outros factos que não estes; as lendas populares, o nome de *castilhô* (pequeno castello), dado a um dos seus montes, e sobretudo a *Torre dos Mouros,* que se ergue em um outeiro ao lado da povoação da Apparecida, são provas incontestaveis da longa vida historica d'esta freguezia.

A Torre dos Mouros mede 18m de altura por 9m,5 de largo, tem cinco andares que recebem luz de setteiras esguias, e termina em um eirado com varandim de pedra, d'onde se descobre um panorama esplendido. É desde 1881 propriedade do sr. visconde de Alemtem, que a mandou restaurar, attendendo, como homem intelligente que é, á conservação da sua feição primitiva.

A torre era pertencente á quinta da *Fonte de Baixo,* e fôra dada em dote nupcial com muitas outras propriedades á ex.ma sr.a D. Maria de Jesus de Castro Caldas Pereira, que foi casar na casa de Ferreirós, de Celorico de Basto.

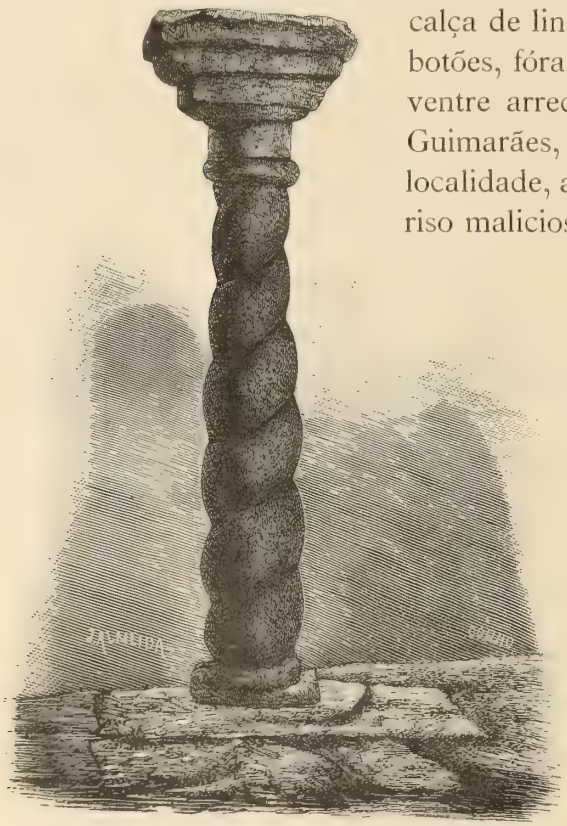
Isto, porém, é recente e não nos elucida sobre a origem d'essa torre, que o povo chama dos *mouros* por lhe haver talvez perdido a tradição. O seu aspecto é o de uma torre de menagem de algum paço medieval acastellado, e quer-nos bem parecer que ahi foi o solar d'alguma familia distincta, antes que um castello para defesa d'estas cercanias. A ser assim é provavel que seja contemporanea dos principios da monarchia, como é, por exemplo, a que no volume I d'este livro figura no desenho de pag. 48, tão similhante é o typo da sua architectura.

A *Apparecida* é, por assim dizer, a linha divisoria entre os limites da anterior freguezia e os de *S. PEDRO FINS DO TORNO,* cuja egreja fica do outro lado e por baixo do sanctuario, em uma volta da estrada que vae a Rande.

No lugar da Apparecida, aformoseado com bons predios e um largo campo, onde a romaria se alastra na calida noite de 14 de agosto, paramos finalmente a fim de que Almeida possa desenhar no seu album o aspecto da elegante capella da Senhora.

A curiosidade do indigena é aguçada por este facto extraordinario. Em breve, á porta da tenda em que pousamos, vão parando um a um os homens que voltam do trabalho, e as mulheres que lá não foram; os rapasitos da escola não desfitam os olhos do album do meu amigo, que lá vae, conforme póde, traçando as linhas do seu desenho, em quanto eu, em boa paz amiga com o tendeiro, o vou interrogando sobre romaria tão de fama.

Um bom typo este negociante da Apparecida; alto e nedio, o cabello branco cortado á escovinha, risonho, em mangas de camisa cruzada por suspensorios de fivella a fim de sustentar a calça de linho crú, em cujo cós os primeiros botões, fóra das casas, deixam bambolear o ventre arredondado, chinellos de couro de Guimarães, chronista exacto e minucioso da localidade, a bochecha descahindo sobre um riso malicioso, de quem parece dar os generos de graça por não poder levar mais caro, ou intervir com mão cavilosa na balança dos pesos, irmão do Santissimo, membro da junta de parochia e um pouco pedreiro livre, com filhos no Brazil, republicano quasi, em theoria, mas votando com o visconde ou com o dr. Francisco, por coisas... que elle lá sabe.



Pelourinho de Louzada.—Desenho do natural por João de Almeida

—Boa romaria... quando é; porque se vem gente de ordem paga sem regatear e ahi é que está o negocio; a

outra traz sempre o fardel, e se vem comprar alguma coisa é logo: quanto custa? Mau negocio...

—Rende muito o sanctuario?

—Para cima de 400$000 réis... Eu fui da junta o anno passado; a junta de parochia é que administra. Mas só na festa gastam-se 300$000.

—Rija festa.

—Oh, isso nem fallar; é p'ra ahi esse campo cheio, e grande fogo, como não ha em outra parte! Muita desordem ás vezes; devia vir tropa para os conter, mas qual!... Já está isto nos usos! Só de vinho anda lá p'ra cima de cincoenta pipas... fóra o das tendas, já se vê.

—Então n'esse dia é um negocião!...

Luziu-lhe a iris, mas sorrindo, bonacheirão:

—Isso sim! Mal dá p'ros estragos.

—Mas 300$000 réis na festa, parece um pouco puchadinho, hein?

—Coisas... e relembrando uma cantiga do seu tempo, a *mezza voce:*

Dae vigor ás almas fortes
Libaral constituição...

Almeida terminava o seu desenho, que o homem viu e apreciou como entendedor:

—Exacto, muito exacto.

Informou-nos ainda o chronista obsequioso, que uma outra festa se fazia na freguezia á Senhora da Conceição em 8 de dezembro, porém de menos esplendor que a festa da Apparecida, á qual desejava que nós fossemos—terminou na despedida—para vermos o que era festa e o que eram andores, como não havia em outra parte.

Promettemos ir um anno, mas o leitor cumprirá por nós essa promessa, para que o homem radie de jubilo, vendo na sua tenda gente de ordem.

Deixando a Apparecida para seguir a estrada de Rande encontra-se a matriz parochial de Torno, a que já nos referimos, e em frente das veigas fertilissimas que o rio Souza vae cortando, a casa do fidalgo do Crasto da Veiga, magnificamente situada, e a de *Juste,* do sr. Carlos Augusto Vieira de Mello da Cunha Osorio. Na encosta levanta-se a egreja de *CERNADELLO,* cujos campos são fertilisados pelas aguas correntes do Souza.

*
* *

Não se caracterisa o concelho de Louzada por industria propria, devendo por isso procurar-se os dados da sua importancia na unica indus-

tria que ali subsiste—a agricultura. As causas economicas, porém, que em todo o paiz hão retardado o desenvolvimento e a prosperidade agricola, pesam em Louzada como nas outras terras do Minho, e não póde por conseguinte dizer-se que é florescente o estado do concelho, apezar de ser talvez um dos que menos tem sentido a grave crise por que a agricultura tem passado. E dois elementos locaes teem concorrido, a nosso vêr, para lhe garantir essa prosperidade relativa: um, o capital *brazileiro,* espalhado pelas suas aldeias; o outro foi a creação da quinta districtal modelo, que, embora não satisfazendo a todos os intuitos praticos, deve ainda assim ter concorrido para que se melhorem um pouco os processos da cultura.

Devemos accrescentar tambem, que a propriedade não sendo em Louzada extremamente dividida, pelo facto de existirem ainda muitas casas fidalgas ou antigas, que não desbarataram de todo o patrimonio herdado, esta causa contribue para a prospera situação economico-agricola em que se encontra o concelho, relativamente a muitos outros.

A industria auxiliar da engorda do gado bovino foi tambem aqui importante, e ainda hoje a terra sente os beneficios de haver capitalisado os lucros d'essa industria, ao presente atravessando uma crise bastante grave.

A estatistica pecuaria apresenta para o concelho os seguintes valores e especies:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	114	2:386$600
Muar	31	581$000
Asinino	10	51$500
Bovino	2:421	99:338$500
Lanar	992	392$480
Caprino	42	24$400
Suino	1:763	16:013$200
		118:787$680

É importante tambem o desenvolvimento vinicola do concelho, sendo as freguezias de Villar, Alemtem, S. Pedro Fins do Torno, Barrosas, Lustosa, Nevogilde e Meinedo as que mais e melhor produzem. Este ramo agricola tem-se aperfeiçoado um pouco, e apezar de ser ainda o processo mais seguido de fabrico o usado geralmente no Minho, alguns proprietarios vão adoptando os melhoramentos aconselhados pela sciencia, e não

é raro hoje vêr-se no concelho o trabalho das prensas substituindo a antiga pisa do lagar.

As videiras são levantadas em arvores ou ramadas e as castas mais vulgares são: o espadeiro, molle e rijo, o azal, o tinto cão, o verdelho, a borraçal, algum souzão, o pical e o pôlho. O vinho que se prepara é verde, mais ou menos tinto, mais ou menos encorpado, mas gostoso e contendo 8 a 9 por cento de alcool absoluto. As vindimas principiam sempre depois de 29 de setembro. No mez de novembro costuma beneficiar-se o vinho com uma canada de aguardente por pipa, beneficio que o faz supportar uma mais longa duração.

O preço regula por 15$000 réis a pipa. Os principaes generos agricolas regulam pela seguinte tabella:

Milho grosso (alqueire de 20 litros)	450
Centeio » » »	500
Feijão » » »	600
Batatas » » »	360

Tendo dado o primeiro lugar ás manifestações da vida agricola do concelho não devemos esquecer todas as outras que possam trazer-nos uma nota de interesse sobre o seu estado. Representado na imprensa pelo *Louzadense,* tem o concelho, como instrumentos do seu progredir intellectual, as seguintes escolas primarias:

Silvares, masculino e feminino;
Lodares, masculino;
Covas, feminino;
Meinedo, masculino;
Lustosa, masculino;
Nevogilde, feminino;
Villar, masculino;
Barrosas, masculino e feminino;
Alemtem, masculino.

A estatistica do crime demonstra o benevolo caracter d'estes povos. A que se refere ao anno de 1880 diz que se commetteram na comarca 12 crimes, sendo 1 contra a religião, 2 contra a ordem, 5 contra pessoas e 4 contra a propriedade. Foram 16 os reus julgados, sendo apenas 1 condemnado a prisão correccional. Eram 4 de fóra do comarca e 10 não sabiam lêr.

Como o leitor vê, não póde ser mais abonadora e de confiança a estatistica do crime; quasi era de conveniencia mandar a ares as justiças, se Louzada não lhes houvesse preparado um palacete para residencia.

Esta benignidade, porém, não espanta, a quem de perto vir como esse povo se entrega laboriosamente ao trabalho, e a quem souber ainda, que nas proprias ravinas das serras a doçura do clima é uma causa de que preparem a doçura do mel as numerosas colmeias rusticas, que se encontram a cada passo.

CONCELHO DE LOUZADA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Alemtem, *S. Mamede* [1]	101	146	247	69 *a*
Alvarenga, *Santa Maria*	68	82	150	39 *b*
Aveleda, *O Salvador*	274	300	574	153 *c*
Barrosas, *Santa Eulalia*	434	554	988	285 *d*
Barrosas, *Santo Estevão*	129	179	308	100 *e*
Boim, *S. Vicente*	140	181	321	102 *f*
Cahide de Rei, *S. Pedro*	539	557	1:096	271 *g*
Casaes, *S. Paio*	208	272	480	133 *h*
Cernadello, *S. Thiago*	142	206	348	114 *i*
Christellos, *Santo André*	196	289	485	134 *j*
Covas, *S. João Evangelista*	124	186	310	76 *k*
Figueiras, *O Salvador*	199	269	468	130 *l*
Lodares, *Santa Marinha*	292	383	675	198 *m*
Louzada, *Santa Margarida*	120	163	283	88 *n*
Louzada, *S. Miguel*	175	234	409	104 *o*
Lustosa, *S. Thiago*	506	680	1:186	353 *p*
Macieira, *S. João Baptista*	171	218	389	125 *q*
Meinedo, *Santa Maria*	654	829	1:483	379 *r*
Nespereira, *S. João Evangelista*	162	236	398	113 *s*
Nevogilde, *S. Verissimo*	406	459	865	236 *t*
Nogueira, *Santa Christina*	126	155	281	107 *u*
Ordem, *Santa Eulalia*	177	209	386	108 *v*
Pias, *S. Lourenço*	131	191	322	87 *x*
Silvares, *S. Miguel*	400	468	868	238 *y*
Souzella, *Nossa Senhora da Expectação*	295	408	703	196 *z*
Torno, *S. Pedro Fins*	353	437	790	225 *aa*
Villar do Torno, *Santa Maria*	154	194	348	104 *bb*
	6:676	8:485	15:161	4:258

a Comprehende esta freguezia os logares de S. Mamede, Agros, Herdade, Outeiro, Grades, Penão de Baixo, Ruivos Bouça Negra, Soutello, Pereiros, Formigal, Calvario, Bouça, Cruzeiro, Souto, Penão de Cima, Alentem, Quinteiros, Portas Fonte, Eira, Barroco.

b Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Rabada, Herdade; os casteos de Alem, Rabada e Feira de Baixo, e as quintas do Bairro e da Costa.

c Comprehende esta freguezia os logares de Avelleda, Residencia, Agrella, Barrellas, Barrimão, Barroca, Cabo de Baixo, Cabo de Cima, Cartão, Casal, Casal Novo, Caseis Novos, Eira, Genès, Granjeiro, Infesta, Lama, Lamas de Cima, Lamas de Baixo, Matta, Muimenta, Moirrinho, Paiva, Palhães, Pontezinhas, Ribeira, Santo Ovidio, Sorrego, Villa, Villa Nentre (ou Villa Nustre?), Villela.

d Comprehende esta freguezia os logares de Bouça, Portellas, Carreira, Chã; os casaes de Senra, Torre, Taipa, Villa Pouca, Rebordello de Cima, Rebordello de Baixo, Rompecias, Pousada, Lavandeira, Covello, Cabreiro, Pomares, Pomarelhos, Telhado, Formigosa, Carreiro, Agua Levada, Souto, Venda, e as quintas ou herdades de Assento, Casaes, Boeira, Ribeira, Rielho, Sá, Carreira, Eira Vedra, Curtinha, Costinha, Villa Pouca, Pia de Cima, Pia de Baixo, Porta, Carreira, Pousada.

e Comprehende esta freguezia os logares de Venda, Cima de Villa, Ventosellas, Padrão, Souto, Fontainhas, Cruz, Outeiro, Santo André, Barrias, Bemfica, Alens, Lama, Bellomonte, Fonte Nova, Egreja; os casaes de Ventosellas, Cruz, Carvalho, Novelho, Outeiro, Cima de Villa, Bouça, Perguntouro, e as quintas de Ledesma, Ventosellas, Santo André, Aléns, outra de Alens, Cima de Villa, Butareira, Longra, Fontainhas, Perguntouro, Casal.

f Comprehende esta freguezia os logares de Boim, Egreja, Villa Chã, Carcavellos, Costa Velha, Costa Nova, Tunim, Corgo, Arcas, Tapada, Outeiro, Real, Eiras, Vica, Barroca, Poupa, Engenho, Outeirinho, Sedoira, Penedo, Sá, Marelco, Cima de Villa, Guim, Varanda, Lage, Tapado, Fonte, Reguengo, Preza, Ameixieira, Monte, De Cima, Corgas, Campos, Mermeiro (ou Hermeiro), Gerovilla, e as quintas ou herdades de Campos e Sá.

g Comprehende esta freguezia os logares de Pereiros, Almeida, Barreiros, Hortozello, Lage, Lama Grande, Mouro, Pereiros, Quintã, Sobreira, Villa Verde, trinta casaes e quatro quintas e herdades.

h Comprehende esta freguezia os logares de Casaes, Villa Nova, Ribeiro, Serradello, Vinça, Bairro, Passo, Courella, Ortos, Cacere, Monte Portella, Raconto, Cerca, Cruzeiro, Egreja.

i Comprehende esta freguezia os logares de Cernadello, Palhaes, Ribeira, Casa de Cima, Carreira, Agras, Boca Negra, Moinho Novo, Garria, Carvalheiras, Tresvallo, Cima de Villa, Barroco, Regadas, Paço, Figueiredo, Barreiro, Tojal, Casal, Outeiro, Monte, S. Pedro, Egreja, Residencia, e a casa e quinta de Sub-ribas.

j Comprehende esta freguezia os logares de Christellos, Lagoa, Agro do Favo, Barroco, Crasto, Quebradas, Outeiro, Quintã, Aldeia de Baixo, Costilha, Costa, Bacellos, Burgo, Marecos, Laboreiro, Covinhos, Estrada; os casaes de Tapada, Varicella, Fun'devilla, Costilha, Lagoa, Crasto, Loja, Burgo, Sobrado; as quintas de Ribeira, Guinheiro, Paço, Lameiras, Barreiro, Bacello, e a herdade de Arcas.

k Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Ribas, Costa, Lagoa, Aldeia, Rio de Moinhos, Bairral, Bessas, Al-

[1] Annexada civilmente a freguezia de *Villar do Torno*.

midinha, Granja, Pegas, Carvalhal, Casas Novas, Paço, Bougega, Monte Cinas, Fonte Cinas, Penedo, Egreja; os casaes de Lagoa, Aldeia, Bairral, Bessas, Almidinha, Granja, Paço, Matta, Pomar, Assento, e as quintas de Ribas, Costa, Rio de Moinhos, Pegas.

l Comprehende esta freguezia os logares de Figueira, Egreja, Sol, Moinhos, Quinta, Almedinha, Sendão, Fogaça, Além de Cima, Alvo Covo, Figueira de Cima, Lavandeiro, Casal, Além de Baixo, Pombal, Senhora, Ribeiro, Quintã.

m Comprehende esta freguezia os logares de Lodares, Santa Isabel, Guia, Souza, Pousada, Melote, Prazeres, Roupar, Sequeiros, Ponte, Villar, Quintans, Cabo da Naia; os casaes de Solheira, Souto, Ribeiro, Portella, Bairros, Outeiro, e a quinta de Lama.

n Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Louzada (?), Porto, Rabada, Carreira, Lavandeira, Villares, S. João, Curros, Calvello, Villas, Devezas, Pinho de França, Costa, Taipas, Vessada, Outeiro; os casaes de Porto, Outeiro, e as quintas de Corredoura, Rabada, Cuvilhão, Lavandeira, Villares, Villas, S. João, Vessadas, Carreira, Calvellos, Louzada, Assento.

o Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Sub-Devezas, Margantinha, Monte, Quinta, Lage, Forno, Quintães, Outeiro, Estrada, Feira, Piagem, Pereiras, Lameira, Falcão, Freitas, Talho, Portella, Costa, Cerca, Bouça de Ferreiro, Moinhos, Villa, Cachada, Souto, Sub-ribas, Rio, Bacello, Nogueira, Barreiro, Covas, Trigaes, Boavista, Carvoal, Tapada, Telheira, Cergaça.

p Comprehende esta freguezia os logares de Lustosa, Segoiva, Sanguinhedo; os casaes de Fonte, Souto, Preza, Raimonda, Sequeirô, Rua Nova, Santos, Agrella, Cacavellos, Deveza, Ventosellas, Suarribas, Lage, Pedregal, Gandra, Talhos, Pinheiro, Paredes Seccas, Loureiro, Boavista, Bouça, e as quintas de Costa, Bestares, Refontoura, Pedregal, Cabo, Christello.

q Comprehende esta freguezia os logares de S. João, Residencia, Eido, Bouça, Talhos de Cima, Talhos de Baixo, Picoto, Estrada de Cima, Estrada de Baixo, Pedroso, Bacello, Souto, Cabada, Burgo, Casa Nova, Campo, Palhaes, Moinho de Baixo, Moinho de Cima, Giguintes, Outeiro, Cruzeiro, Carreira, Cabadinha, Poço do Monte, Boavista, Estrada de S. Gonçalo, Villa Pouca, Aldeia.

r Comprehende esta freguezia os logares de Meinedo, Agrello, Espendo, Lages, Portellada, Villa Pouca, Romaris, Callos de Cima, Callos de Baixo, Ronfe, Sub-ribas, Reigueda, Foz, Brunhal, Novelhos, Portella, Quinta, Monte, Pode de Cima, Pode de Baixo, Ribeiro, Villares, Covos, Bages, Cazaco, Mexide, Pevidal; os casaes de Reguengo, Paredes, Fornos, Monte Mór, Lage, Deveza, Ervelhos, Betocas, Barral, Pomarelho, Covo, Maninho, Padrões; a quinta de Villa Pouca, e a herdade de S. Mamede.

s Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, S. João Evangelista de Nespereira, Chamusca, Cruzeiro, Senra, Cima de Villa, Boavista, Carvalho, Villa Verde, Outeiro, Cabo Villa, Carcere, Marchães, Ribeira, Corredoura, Corredoura de Cima, Aldeia, Além, Bolla, Bairral, Passadiço, Vica, Pinheiro, Deveza, Valle, Lama.

t Comprehende esta freguezia os logares de Aido Monte, Vinhaes, Olival, Carvalhal, Barrimau, Peso, Lama, Randinha, Lavandeira, Bouça, Lagoas de Cima, Lagoas de Baixo, Deveza, Campo, Orgem, Juzão, Ratoeira, Passos, Covilhão, Penedo de Baixo, Penedo de Cima, Barroco, Valle, Boavista, Campellos, Prezas, Alfreita, Carreiro, Vinhas, Costa, Pomar, Monte, Nogueira, Vinha Dona, Outeiro, Basto, Barreiro, Remanga, Cazelha, Residencia.

u Comprehende esta freguezia os logares de Santa Christina de Nogueira, Campo, Souto, Legoa, Calcada, Outeiro, Loureiro; os casaes de Bouça, Outeiro, Cachage, Além, e as herdades de Campo, Recamonde, Villa, Fonte, Fonte Cova.

v Comprehende esta freguezia os logares de Ordem, Carrazedo, Servecia, Montinho, Carvalhal, Cruz, Valle, Quebrada, Outeiro, Bouça de Cima, Bouça de Baixo, Banhó, Torre, Fundões, Venda; os casaes de Real, Real de Cima, Barreiro, Val de Mar, Argança, Além, e as quintas de Cruzeiro, Servecia.

x Comprehende esta freguezia os logares de Pias, Bacellos, Barrimau, Cadeiras, Cruzeiro, Casal, Casal Novo, Monte, Montadas, Oitava, Ouriçaes, Penedo, Rodolho, Souto, Sub-Deveda, Tonim, Varzea, Villa Nova; os casaes de Figueira, Infertos, Oitava, Pereiró, Souza, Torre, Vinha Velha, Barrimau, Casal, Sub-Deveza, Varzea e Villa Nova.

y Comprehende a freguezia de S. Miguel de Silvares, além da Villa de Louzada, os logares de Mós, Pereira, Carvalho, Tojeiro, Passo, Aldeia, Egreja, Outeiro, Lagares, Cancella Nova, Segonheira, Villa Meam, Picoto, Pontarrinhas, Casas Novas, Possinhas.

z Comprehende esta freguezia os logares de Soutello, Secos, Moreira, Carvalho, Moumenta, Boavista, Valteiro (ou Valseiro), Ribeiro, Quintã, Figueiras, Bergada, Outeiro, Lourosa, Santo Antonio, Olival, Souto, Fontainhas, Monte, Bouça Nova, Bouça Velha, Bairral, Eira Vedra; os casaes de Loja, Rio, Bujão de Cima, Quintã do Moreira, Cima de Villa, Valteiro (ou Valseiro), Ribeiro, Lourosa, Olival, Bairral, Eira Vedra; as quintas de Soeira, Quintã de Baixo, Bujão de Baixo, Fonte, e as herdades de Soutello, Bergada e Santa Egueda.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Senhora Apparecida, Egreja, Portella, Vangeiro, Monte de Baixo, Monte de Cima, Guetis, Loureiro, Figueiredo, Torre, Ribas, Porta, Rio, Paços, Veiga, Cachada, Moinhos, Juste, Penoucas, Outeiro, Maças, Alhares; os casaes e quintas de Porta, Matta, Souza, Rio, Ponte da Veiga, Veiga, Egreja, Portella, Monte de Cima, Paços, Juste, Outeiro, Maças e Alhares.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Residencia da Egreja, Mercê, Cima de Villa, Barral, Casaes, Agros, Barreiras, Taberna, Soutellinho, Azenha, Deveza, Villar, Forno, Roças, Souto, Eido, Fonte, Bom Viver, Portella, Torre, Boucinhas, Ribeiro, Torno, Castanheira, Trovoada, Outeiro, Casal.

FELGUEIRAS

Estrada de Felgueiras para Guimarães — Desenho do natural por João de Almeida

É facil a quem estava na Apparecida, seguir de Louzada para a terra classica do *pão de ló* e da *cavaca*. Passa ahi a estrada que vem de Cahide,

e, logo que atravessa *S. Fins do Torno,* principiam na zona do novo concelho a encontrar-se as freguezias ruraes que o constituem.

LORDELLO é a primeira que sobre uma collina se avista ao lado esquerdo da estrada, atravessando-se mesmo o seu lugar da Matta, em que existe a casa apalaçada e capella do sr. José da Cunha Rola Pereira. Entretanto, antes mesmo de lá chegar, vem desembocar á estrada os caminhos que levam ás freguezias de—*AYÃO,* situada em um formoso valle ao abrigo da serra de Santa Marinha;—*AYRÃES,* nome que significa, segundo os etymologistas, um ramo de flôres de pedras finas que as mulheres usavam antigamente nos toucados, e terra que foi dada em commenda aos Pereiras de Monsão, pelo valor com que em 1707 Lourenço Pereira defendeu essa praça;—*VILLA VERDE,* antigamente da comarca de Unhão, e mais antigamente ainda pertencente ao convento de Pombeiro, e á qual se poderia ter ido pela estrada real n.º 33 que passa na Apparecida, se ahi houvesse alguma coisa mais interessante para vêr do que a sua egreja modesta, as ruinas insignificantes de uma outra, e umas quatro capellas publicas sem merecimento;—finalmente *SANTÃO,* commenda da ordem de Malta, onde existe a nobre e fidalga casa de Santão, como Villa Verde tambem mais proxima da estrada real que vae á Lixa, do que d'esta deliciosa estrada districtal, que vamos percorrendo.

Antes que se chegue ao entroncamento de Rande apparece-nos a Vinha e mais logares de *PEDREIRA,* terra fertilissima em todos os generos agricolas, e cujo abbade era outr'ora alternativamente apresentado pela mitra, pelo papa e pelo D. Abbade benedictino do mosteiro de Santo Thyrso.

A nascente fica-lhe a freguezia de *REFONTOURA,* dominada pelo monte de S. Simão, que muito abunda em caça. Era natural d'esta freguezia D. Goldora Goldares, padroeira do convento de Bustello de Penafiel, e da qual descende a familia dos Alcoforados, que por isso herdou o dito padroado.

Chegando ao entroncamento das estradas, talvez impropriamente chamado de *RANDE,* pois que mais visinho está de *Pedreira,* póde o leitor (se é que não preferiu ir de Louzada directamente) retroceder até á antiquissima *UNHÃO,* terra solar dos condes d'este titulo e villa extincta, a que D. Manuel deu foral em 1515, foral que serviu tambem para Cepães e Meinedo.

Como senhores donatarios d'esta villa de Unhão, eram os condes que nomeavam todas as justiças locaes, tendo além d'isso um escrivão privativo para instituição de prasos, execuções e penhoras por dividas á casa.

Dos paços do concelho da antiga villa não restam hoje vestigios; mas o palacio dos condes, comprado em 1871 pela Irmandade de Nossa Se-

nhora, que tem um fundo de quarenta contos, está convertido em um excellente hospital para os irmãos d'essa confraria, que conta já mais de dois seculos de existencia.

De Unhão póde ir-se até *IDÃES* pela estrada districtal que vae através do seu lugar de *Fijó,* contornando os asperos declives da serra de Barrosas. Nada ha, porém, que nos interesse ahi e por isso preferimos voltar de Unhão a Rande para ir descançar em Margaride. No caminho, ou mais ou menos distanciado d'elle, encontram-se as seguintes parochias: *SOUZA,* que deu o nome ao rio que passa junto a ella e vae desaguar no Douro; *SERNANDE,* um pouco ao norte da antecedente e banhada tambem pelo rio Souza; *VARZEA,* na fertilissima planicie atravessada pela estrada e onde se faz uma boa feira mensal nos dias 23; e *VARZIELLA,* finalmente, notavel pelo sanctuario de *Nossa Senhora do Amparo,* ou da *Pedra Maria,* cuja festa principal se faz no dia 15 de agosto. Foi achada a imagem da padroeira em 1450 sobre um penedo do outeiro, em que a devoção lhe ergueu uma ermida, ao seguir dos tempos ampliada e transformada na vasta egreja que actualmente existe.

Uma crença curiosa e ethnologicamente analoga a outras que havemos descripto n'este livro, se observa n'essa romaria, e vem a ser, que as mulheres que amamentam, julgando encontrar em umas hervas que existem por traz da egreja, virtude galactogenica, as vão ahi comer, depois de uma resa á Senhora, para que o leite lhes augmente.

A melhor casa de Varziella é o palacete do ex.^{mo} sr. João José Rodrigues Seara.

Deixando Varziella entra-se na villa de

MARGARIDE

a séde do concelho e a patria genuina do pão de ló, villa por carta de lei de 11 de março de 1846, mas já desde o principio do seculo XVIII a mais popular do antigo concelho de Felgueiras, a que D. Manuel dera foral em 1514.

Chegamos ao anoitecer.

Pousamos no *Hotel Felgueirense* que é rasoavel em commodidades, tendo os quartos de dormir espaçosos e cheios de luz, a mesa servida por um cortante vinho verde do valle do Vizella.

Depois de ceia, como um doce luar cahisse tepido e caricioso sobre a pittoresca povoação, sahimos para executar o nosso primeiro reconhecimento.

O vasto largo, de que na gravura de pag. 381 se vê a parte corres-

pondente aos paços do concelho, figurou-se-nos um grande circo deserto sobre que o luar batia em cheio, desenhando nitidamente as linhas dos seus camarotes e trincheiras, as cupulas das suas arvores de ornamentação, os gradeamentos dos seus planos sobrepostos, em quanto fóra d'essa área vivamente illuminada se adivinhava a paz silenciosa da vegetação, bebendo nos phyltros do luar o segredo do seu encanto.

Este grande circo, assim deserto, é, quando visto á luz plena do dia, a parte nova e a principal de Margaride, onde se concentra a sua vida publica, onde se realisam as feiras mensaes de 14 e 29, onde se vem tomar o fresco nas noites calidas de verão e onde se vem tomar o sol nas manhãs frias de inverno. Ahi passam os carros que vem de Louzada ou Guimarães, da Lixa ou de Amarante; o correio, que se espera ancioso; o lavrador, que desmonta á porta da tenda, prendendo a egua em uma argola cravada na parede, ou n'um tronco da carrada de lenha que espera ao sol o machado do rachador; ahi pousam os saltimbancos armando as suas tendas de lona para mostrar a pataco um urso branco do pólo; ahi traça a politica, passeiando, os seus planos terriveis de campanha eleitoral; ahi se dão *rendez-vous* os namoros, os magistrados, a burocracia da terra; ahi vem, finalmente, conversar os *brazileiros* endinheirados e um pouco pedreiros livres, que pagam as festas do orago da sua freguezia, e aformoseiam com predios novos este *forum* de Margaride.

As outras ruas da villa quasi nem merecem especialisar-se e se a cavalleiro da povoação não estivera o outeiro de Santa Catharina, com os seus calvarios em *zig-zag*, similhantemente ao Bom Jesus, de Braga, a egreja espaçosa que damos em gravura, e o edificio do collegio de instrucção secundaria, um dos mais acreditados da provincia, nós quasi poderiamos dar por terminada a nossa visita a Margaride com o haver passeiado na sua praça municipal.

Ao leitor, porém, recommendo uma visita ao edificio do collegio, ou pelo menos ao formoso terreiro de Santa Catharina, d'onde póde gosar um panorama delicioso, á sombra das velhas arvores que ahi se levantam opulentas. Espraia-se a vista por sobre um horisonte vasto, onde os campos cobertos de verdura perenne, orlados dos pampanos em festões e das carvalheiras viçosas, servem de taboleiro ás aldeias e ás ermidas brancas, aos montes e ás collinas, que se esbatem ao longe n'um tenue fundo azul. Divisa-se a mais de sessenta kilometros o mar, e vêem-se mais ou menos distanciadas as povoações de Penafiel, de Louzada, da Lixa. Recortam-se a nascente os pincaros do Marão e ao norte as agulhas phantasiosas do Gerez; mais perto descobre-se o Sameiro coroado pelo templo e monumento da Virgem.

MARGARIDE (*séde do concelho de* FEIGUEIRAS) — *Desenho do natural por João de Almeida*

Mas em quanto os olhos assim vão descortinando as minudencias d'este horisonte largo, o espirito mergulha n'esse outro horisonte do passado para evocar de sobre a altura d'este monte chamado o *Columbino* as tradições e as lendas que a elle andam ligadas desde remotissimas eras, lendas profanas e lendas religiosas, em que se não sabe que mais admirar, se a ingenuidade dos *conteurs,* se o pittoresco historico das tradições.

D'onde vem ao monte o nome de Columbino, de Pombeiro e de Santa Quiteria? Facil é justificar o ultimo, mas não assim os dois primeiros, embora o espirito esteja vendo n'elles a ligação etymologica que traduz a palavra *Pomba* pela latina de *columba.*

Foi esta uma cidade romana *columba* ou *columbina,* ao depois transformada em *Palumbario,* nome que tem evidentemente a mesma origem, e que, segundo a *Benedictina Lusitana,* o foi da povoação que no lugar existiu, segundo consta de varias escripturas?

É caso sobre que os sabios tem a resolver, depois de consultados os codices antigos e tradições historicas, bem como o local, minuciosamente explorado, d'esta corcova de Pombeiro, mesmo porque lendas analogas e nomes eguaes existem na villa de Pombeiro, sendo por isso possivel a confusão. Pretende-se mesmo que o vallé da *Aufrazia* seja onde hoje assenta a villa de Arganil.

Ao leitor, que talvez se contente com a lenda de uma pomba, que era a alma da santa, apparecendo ahi aos seus eleitos, basta-lhe por ora um nome só, o de Santa Quiteria, que é hoje o usado e conhecido por toda a gente.

Esta santa conhece-lhe o leitor já a arvore genealogica e as miraculosas condições de nascimento, se leu o capitulo de Braga, em que referimos a lenda das nove irmãs gemeas, filhas de um tal Lucio Caio Atilio e de sua mulher Calcia, que as atirou cá para fóra de uma assentada unica.

Esta prolifica femea do consul romano, envergonhada, diz a lenda de Santa Quiteria, do parto fecundissimo que houvera, estando o marido ausente, encarregou a parteira Syla ou Cyta, christã, de afogar em um dos pégos do Leste as nove recem-nascidas. Condoeu-se a comadre Cyta da sorte das pequeninas creaturas, baptisou-as em segredo e distribuiu-as depois por outras tantas amas dos arrabaldes de Braga, que por não receberem ainda n'esse tempo subsidios de lactação, amamentavam gratuitamente as creanças.

Cyta educou-as depois como a mais extremosa das mães e formou com ellas uma especie de casa religiosa, onde as consagrou ao serviço da Santissima Virgem.

Eram todas formosas, diz a lenda, e não faltou por isso lusitano ou

romano que rentasse em volta da colmeia de Cyta, que se mostrou, porém, inflexivel aos galanteios de amor.

Por esse tempo levantou-se uma perseguição atroz contra os christãos e as nove irmãs foram levadas á presença do consul, que era nem mais nem menos que seu pae Lucio Caio.

A voz do coração fallou por ellas e Genébra, uma das nove, lhe disse que eram filhas do seu sangue. A mãe confessou o crime, o pae perdoou, as pequenas foram abraçadas; scena final de reconciliação.

Mas as raparigas não estavam pelos autos, quanto a abjurar da crença que traziam, e combinaram uma evasão da casa paternal.

Emissarios correm, mas só Quiteria é encontrada com alguns christãos. Ahi temos a donzella de novo em palacio e d'esta vez tentada pelo demonio do amor, valentemente personificado em Germano, um rico e nobre mancebo, que a veiu pedir em casamento.

Quiteria trocou ainda o noivo pelo amor de Christo... ou dos christãos, e de novo fugiu, indo viver no *Valle da Aufrazia,* de fructos e raizes silvestres.

D'ahi se passou a este monte Columbino, de que era senhor um tal Lenciano, apostata, e onde pelos modos andavam tambem, promiscuamente com alguns christãos, donzellas fervendo no santo amor divino. Caio, perdidas as esperanças de regenerar a rapariga, mandou-a emfim processar e matar, e consta que no lugar de *Margaliza* (será Margaride?) a degolaram os sicarios;—accrescentando a lenda que a santa, depois de degollada, pegára na cabeça e andára até ao alto do monte, onde quiz ter a sepultura!...

Outra versão diz, que a virgem quiz converter Lenciano da sua apostasia e por isso descera á cidade de Aufrazia para o persuadir a voltar ao gremio da egreja christã, mais a dois bispos que andavam em vida airada. Lenciano mandou-a, porém, encarcerar em escura masmorra, onde após tres dias Quiteria e as donzellas suas companheiras converteram á fé os carcereiros, que as deixaram fugir.

Allumiado por este milagre da conversão dos carcereiros, até o proprio Lenciano e os bispos abjuraram a idolatria, e todos se foram a fazer penitencia para este monte de Pombeiro, onde Germano, o noivo desprezado, os veiu apanhar, mandando degollar quantos ahi encontrou, e que eram nada menos que trinta donzellas e doze homens, entre os quaes os dois bispos e Lenciano.

Não sei por quantos annos andou na lenda oral a tradição d'esta sarrabulhada dos martyres de Pombeiro; mas o que sei é que bastantes seculos depois D. Fr. Manuel de Macedo, abbade do mosteiro de Pombeiro,

mandou construir a ermida de Santa Quiteria n'este sitio e junto de uma antiquissima capella de S. Pedro, que ahi existia. Ao abrir os alicerces da obra em 1719, encontrou-se uma sepultura e depois mais umas setenta e quatro, com varios ossos e esqueletos, que o dr. Balthazar de Sousa e Merim, desembargador da Sé de Braga, conspicuamente entendeu serem os dos martyres sobreditos, pelo que foram pomposamente recolhidos no altar de S. Pedro, onde pelo mesmo processo de analyse e fé estão os restos de Santa Quiteria, cuja capella se concluiu em 1724.

E agora que o leitor conhece a lenda da santa e a d'este monte Columbino desçamos de novo até á povoação pela mesma estrada em *zig-zag,* que nos trouxe até este formosissimo outeiro.

É da praxe comer em Margaride o pão de ló fôfo e aromatico, ou a *cavaca* assucarada, cuja fama corre a provincia inteira, se não é que vae mesmo um pouco além, podendo hoje os felgueirenses dizer com orgulho, do seu pão de ló, que se conhece tanto no albergue do pobre, como no palacio dos reis. Ainda não ha muito que a sr.ª Leonor Rosa, a mais nomeada fabricante do pão de ló, de Margaride, presenteou sua alteza a princeza Amelia por occasião do nascimento do principe da Beira com uma boroa enorme do seu delicioso fabrico, e d'ahi o titulo de *Doceira da Real Casa,* com que hoje ennobrece o seu nome: titulo, diga-se em abono da verdade e sem desdouro para o fôfo pão de ló da sr.ª Leonor, que a politica local discutiu muito e se promptificou a conseguir para honra e gloria da... *cavaca.*

No *Hotel Felgueirense* serviram-nos, pois, á noite, umas bellas e appetitosas fatias de um massapão ainda ha poucas horas sahido das bentas mãos da sr.ª Leonor, e com ellas a historia d'essa gulodice provinciana que torna Margaride conhecida do paiz inteiro.

*

* *

Manhã nada, seguimos a estrada de Guimarães com intenção de ir visitar o convento de Pombeiro, um dos monumentos mais interessantes que existem na zona d'este concelho de Felgueiras.

Logo ao sahir de Margaride encanta-nos de tal modo a verde frescura da estrada, que resolvemos reproduzir pelo desenho esse formoso tunnel de alamos e vinhas de enforcado, através do qual o viajante passa sentindo um doce refrigerio de sombras e aspirando um ar embalsamado e puro.

Pouco temos andado quando se entra em terreno da parochia de

S. VERISSIMO DE LAGARES, com a qual confronta pelo sul, e além da ermida do Senhor dos Perdidos, a populosa freguezia de *TORRADOS*, onde existe a nobre e antiga casa vinculada, pertencente á familia do Costeado, de Guimarães; e *REVINHADE*, que era apresentada pelo abbade de Torrados. Um quarto de hora mais e divisa-se ao fundo de um valle encantador o vulto sombrio do mosteiro de *POMBEIRO DE RIBA VIZELLA*, contrastando pelo esfumado das suas paredes com a verdura esmeraldina e fresca de uma vegetação opulenta. É necessario sahir da estrada e tomar por um atalho através dos campos, descendo, descendo sempre, para se chegar ao convento, ou mais propriamente, ás ruinas d'esse historico padrão, que por tanto tempo illuminou a fé dos nossos antepassados. O convento de Pombeiro, de monges benedictinos, é com certeza um dos mais antigos do reino e foi tambem um dos mais ricos e privilegiados.

Divergem as opiniões sobre a data da sua fundação, pretendendo uns que foi fundado no anno de 900, julgando outros que a primitiva construcção é do anno 766 de Christo, e havendo ainda terceiros que opinam por uma antiguidade mais remota, apresentando como razão haver ou ter havido um documento d'esse anno relativo a um praso de *Valle Melhorado*, em que se declara que certas propriedades d'elle *confrontam com terras do mosteiro de Pombeiro*, o que prova a sua existencia já n'esse periodo.

O que parece, porém, certo, é que o mosteiro existia e era notavel em 853, pois n'este anno o papa Leão IV expediu um breve apostolico sobre uma demanda que os monges traziam com o rico-homem padroeiro do convento. A primitiva fundação a que se referem as datas apontadas não foi, todavia, onde hoje está, mas sim no lugar do *Sobrado* do Valle de Vizella, junto ao monte de Santa Cruz, fazendo-se a mudança a requerimento dos religiosos, em 1041, para esta fralda do monte Columbino. Foi n'esta data que D. Fernando I de Castella deu o padroado do mosteiro a seu sobrinho D. Gomes de Cella Nova, primeiro tronco da familia dos Sousas, visto que em D. Mendo Viegas, oitavo senhor da casa dos Sousas, é que os genealogistas começam a arvore d'esta familia, citando-se mesmo como prova de desinteresse de D. Mendo o ter recusado uma importante doação de bens que lhe fez sua sobrinha Adosinda, acceitando sómente o padroado de Pombeiro. D'esta familia dos Sousas passou depois o padroado para a dos Mellos Sampaios, modernamente representada pelo barão de Pombeiro de Riba Vizella.

O mosteiro esteve, porém, em progressiva decadencia quando no poder dos commendatarios, visto elles tratarem de tirar os maiores lucros da commenda, sem curarem dos reparos da fabrica, ou da sorte dos monges.

D. Antonio de Mello e Sampaio foi, desde 1528 a 1560, o ultimo commendatario, e quando elle falleceu, pediu a rainha D. Catharina a commenda para a reformar, o que não fez, dando o padroado a D. Antonio, *prior do Crato,* que por poucos annos o gosou, em razão da sua vida accidentada e da sua fuga para França. Desde então, 1590, foi o convento governado pelos seus abbades, que ahi apenas tinham o titulo de *Priores,* e estes, livres da rapacidade dos padroeiros, trataram de o augmentar e quasi o reedificaram desde os alicerces.

O D. Abbade do mosteiro tinha os mais latitudinarios privilegios no religioso e no civel, exercia as funcções de ouvidor do couto de Pombeiro e confirmava as suas justiças, eleitas pelo povo. Já no tempo de D. Diniz tinha o D. Abbade as honras de esmoler-mór do rei, quando este passava para o norte do rio Douro.

Comprehende-se bem a alta cotação em honrarias dos abbades de Pombeiro, quando se souber que nos primeiros reinados da monarchia ascendeu a novecentos o numero dos seus monges, e que todos os generaes portuguezes aqui vinham implorar antes da guerra o patrocinio da Virgem, e, depois d'ella, depositar aos seus pés os tropheus colhidos nas batalhas. Accrescente-se ainda, que em frente da porta principal do mosteiro se erguia sobre tres altissimas naves uma primorosa galeria, da qual nada resta hoje, dos escudos de armas de todas as familias nobres de Portugal e avaliar-se-ha quanta influencia traria ao mosteiro esta sua galilé heraldica, espécie de Torre do Tombo da antiga nobreza lusitana. Esta galilé fôra mandada construir no anno de 1309 por ordem do abbade D. Rodrigo e sobre a sua porta principal estavam as armas dos Sousas, assim como havia dentro algumas sepulturas de membros d'essa familia.

Toda essa magnificencia, porém, não impediu a relaxação dos monges de Pombeiro, se é que a riqueza e o bem estar não foram para isso causa efficiente. Lê-se em um documento do archivo, referido ao seculo XIII, que tal era o estado de dissolução de costumes, que sendo nomeado para D. Abbade um frade bernardo, os monges o não quizeram reconhecer por ser, além de prodigo, dissoluto. Elle, porém, que conhecia bem os inimigos, não esteve com meias medidas; mandou enforcar um que julgou cabeça de motim e perante este processo summario todos os outros calaram os seus escrupulos de pudica obediencia ao novo superior.

O que resta hoje do mosteiro de *Pombeiro de Riba Vizella* é, por assim dizer, o seu magestoso templo mais ou menos reformado e que serve de matriz á freguezia de Pombeiro. A nossa gravura representa a fachada principal onde se vê um formoso *espelho* que dá luz ao interior, e mede uns vinte metros de circumferencia, tendo como remate um leão susten-

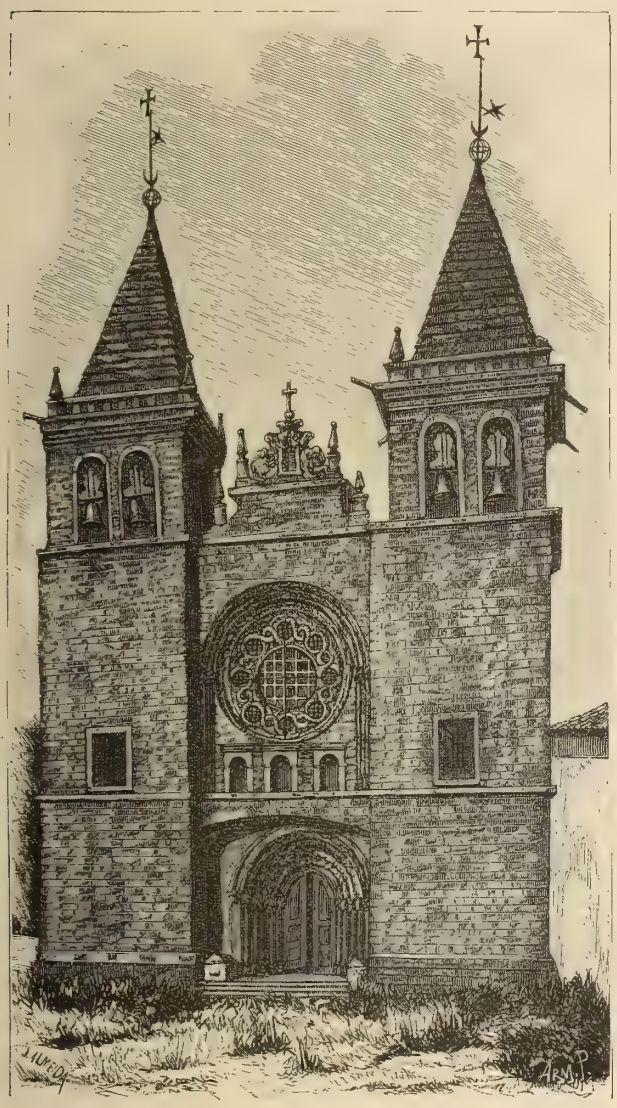
tando dois medalhões em que se notam as effigies em meio relevo de Fernando Magno e sua esposa, ao que se diz ali mandados collocar por D. Egas Gomes de Sousa, seu neto materno. Junto do portico floreado e em ogiva notam-se dois tumulos, um de cada lado, talvez dos ascendentes da familia dos padroeiros do convento. As bellas columnas e arcarias d'esse portal gothico, escusado era dizel-o, estão desfiguradas pela cal... das juntas de parochia.

Santa Quiteria — Desenho de João de Almeida

No interior o templo é vasto e sumptuoso, destacando como objectos dignos de vêr-se o côro de magnifica talha, duas elegantissimas cadeiras da capella-mór e uns formosos frontaes polychromos, genero flamengo, que revestem uns altares no corpo da egreja.

Os claustros arruinados e cheios de entulho, desmantellados aqui, conservando além um ou outro arco elegante, eram forrados de bellos azulejos, representando uma preciosa collecção de

quadros biblicos, hoje vandalicamente destruidos, na sua quasi totalidade, mas denotando por um ou outro, que ainda se póde aproveitar, a belleza que deveria offerecer o seu conjuncto. Compunge vêr tanta destruição, quando de mais a mais se não ignora, que arrolado o convento, como um *bem nacional,* havia obrigação de lhe conservar pelo seu valor historico as preciosidades que encerrava! Mas esse *bem* foi vendido em hasta publica, como tantos outros, e hoje é propriedade de particulares, o que só ao estado devia pertencer. Adiante.



Convento de Pombeiro de Riba Vizella — Desenho do natural por João de Almeida

Na egreja do mosteiro fazem-se ao presente duas festas de maior tomo: a da Senhora do Rosario, que é a padroeira, e a de S. Braz, em 3 de fevereiro.

Como dissemos já, era necessario descer bastante para chegar ao mosteiro, e isto faz presumir, que não deveria ser largo o panorama que os frades desfructavam do seu convento, rodeado de montes, como está. Assim é. Apenas para os lados do Vizella se estende uma facha encantadora de horisonte, mas em compensação tão opulenta de verdura, tão risonha e tão formosa, que os monges não teriam melhor para recordar a cada instante a serena paz celeste a que aspiravam, depois d'esta solidão tranquilla, que os isolava do mundo.

É verdade que elles faziam naturalmente o que eu e o leitor vamos fazer agora. Subiam até á ermida de S. Bartholomeu, que alveja na corôa

do outeiro proximo e ahi deixavam dilatar os olhos por este bello horisonte do valle do Vizella. E assim viam, além dos campanarios numerosos que resaltam com a sua brancura de neve d'entre a vegetação luxuriante, mas que pertencem aos concelhos proximos, os que ainda pertencem a Felgueiras, taes como são, vindo no sentido contrario á corrente do rio, a pittoresca *SANTO ADRIÃO DE VIZELLA* lá ao longe, mui proximo das Caldas; a feracissima *REGILDE* situada na encosta que vae dar ao poetico rio; *PENACOVA,* outr'ora apresentada pelo D. Abbade do mosteiro; *S. JORGE DE VIZELLA* mesmo aos nossos pés, extremando os seus casaes com os de *VILLA FRIA,* tambem ao sopé d'esta collina de S. Bartholomeu, dividida pelo Vizella, que tem aqui uma solida e pittoresca ponte, das freguezias de *Gemeos* e *Calvos* do concelho de Guimarães. A sua matriz é muito antiga.

Deixando a ermida e o mosteiro, de novo subimos a estrada para procurar a quinta da *Caravella,* onde a tradição erudita diz ter nascido a 18 de março de 1590 o famoso escriptor classico Manuel de Faria e Sousa. A tradição local, é claro, não diz coisa alguma, porque n'ella só vivem os que se nobilitaram pela virtude; e Manuel de Faria não foi um d'esses, infelizmente para a sua memoria, embora se nobilitasse pelo talento. Mas porque a este prestamos homenagem, o lapis do nosso companheiro artistico reproduziu o pardieiro que hoje resta da casa (veja-se a gravura de pag. 396), onde nasceu o escriptor, casa cuja melhor parte foi ha muitos annos destruida por um grande incendio, segundo nos contou a velha rendeira que hoje ahi habita.

Encantador deveras é tambem o panorama que se desfructa da eira da Caravella, o que nos compensa um pouco da decepção experimentada ao querer procurar a casa do neto de *Estacio de Faria,* um outro escriptor e poeta do seculo XVI.

Desdobra-se entre este monte de Pombeiro e o de Santa Catharina, cuja capella se divisa ao longe, na crista da serra, todo o fresco valle do Vizella e lá em frente, a meio da montanha, pousam os olhos na ermida da Senhora da Lapinha, irmã, segundo a lenda, da Senhora de Guimarães, a quem vae processionalmente visitar no mez de S. João, acompanhada por mais de sessenta cruzes de freguezias, *para que o bicho não bula mais no milhão,* como já dissemos ao leitor a pag. 631 do 1.º volume.

*
* *

Seguindo a estrada districtal de Felgueiras a Fafe, deixamos á direita o outeiro de Santa Quiteria, que o leitor já conhece nos dias ordinarios,

visto que uma outra é a sua feição pittoresca no dia de S. Pedro, em que se festeja o *Coração de Maria.*

Faz-se ahi então a grande romaria de Felgueiras, o que se prova pelo consumo de quarenta pipas de vinho verde, a que os romeiros vão tirar a prova, molhando ao mesmo tempo a palavra e a *cavaca.* Não ha muitos annos ainda, era essa romaria no dia de S. João, o santo festejado e querido do nosso povo. Mas, segundo uma pobre mulher do campo nos informou, o S. João cahiu no desagrado, sacrificando a sua popularidade ao Coração de Maria, que os padres lá pozeram por *ser mais forte,* mudando-se então a romaria.

Na zona, que a estrada districtal atravessa, ficam as parochias de *JUGUEIROS,* que nada tem de notavel, e *SENDIM* ou *Sandim,* cuja historia vamos referir, transcrevendo de Carvalho, tambem citado pelo auctor da *Vida e martyrio da insigne virgem e martyr prodigiosa, Santa Quiteria,* a seguinte nota: «N'esta freguezia, em um bello valle, esteve no tempo da primitiva egreja a cidade de Eufrazia (Aufrazia), de que foi regulo Lenciano, cujos paços estão ao pé do Monte Columbino, que, supposto ella, pereceu na invasão dos mouros, de que só ficaram memorias e ha vestigios; permaneceu entre tantos tormentos esta regia casa e a sua grande torre para vir a ser, não cova de coelhos, mas morada e solar dos senhores d'este appellido (Coelho), a qual se chama Cergude, etc.»

Essa cidade extincta é a mesma de que já fallei ao leitor no capitulo de Fafe, quando me referi á freguezia de *Tareja,* visinha de Sandim. As explorações faltam para se poder affirmar de um modo definitivo a topographia da cidade de *Aufrazia;* mas a verdade é, que por mais de uma vez, e em varias epochas, se tem aqui encontrado vestigios de edificação de remotissima antiguidade. Não sei tambem, se á mesma tradição devam ligar-se os vestigios de povoação dispersos pelo visinho monte de Christello, as inscripções romanas, quasi illegiveis, que por ahi existem ainda, entre as quaes uma dedicada a Juno, e a lenda da cidade das *Pegas,* assente no vasto plató que corôa essa montanha.

São problemas a resolver, depois de minuciosas explorações, mas em que *á priori* se entrevê a confirmação de quanto foi nos antigos tempos povoada esta região de Pombeiro-Vizella.

Na quinta de Cergude diz a tradição que viveu Egas Moniz, o famoso aio de D. Affonso Henriques, sendo, porém, alguns de opinião que não foi elle, mas seu sobrinho Egas Moniz Coelho, progenitor dos Coelhos, de Cergude, a que se refere o trocadilho do padre Carvalho.

«No reinado de D. Sebastião, diz Pinho Leal, herdaram esta quinta, por casamento, Martim Teixeira de Azevedo (tronco dos Teixeiras), ca-

sado com D. Maria de Mello Coelho, filha de Gonçalo Coelho da Silva, o homem de mais agigantada estatura e das mais herculeas forças do seu tempo. O actual solar dos Teixeiras Coelhos é em Teixeira.»

Em Sandim existe ainda uma torre, solar dos Sandins, d'onde sahiram os senhores de Riba Vizella.

*

* *

Caminho da Lixa.

Não póde dizer-se que a estrada seja um encanto, como acontece para os lados do Vizella; mas como poucas são no Minho as estradas, que se não engrinaldem com os festões da vinha e se não embalsamem com os aromas dos pinhaes, d'esta póde dizer-se, que pelo seu aspecto contribue para radicar mais em nós a idéa de que o Minho é por toda a parte um jardim.

Nos canteiros d'essa estrada, ou mais proximos d'ella que de qualquer outra, levantam-se os campanarios das seguintes freguezias:

Logo á esquerda, *MOURE,* como a flôr em cupula da magnolia, os pinhaes cortando no espaldar da collina o verde alegre das vinhas de enforcado. Ao lado vê-se a casa do proprietario Faria, do Porto. Para além de Moure está situada *FRIANDE,* a que em tempos esteve annexa *S. THIAGO DE PINHEIRO,* hoje constituindo uma parochia independente, e mais adiante passamos entre os calvarios de *CARAMOS,* cuja matriz parochial fica á direita no alto da collina. É celebre a procissão dos Passos de Caramos algumas leguas em redondo, e por isso eu aconselho o leitor que a não perca de vista, se porventura lhe acontecer estar por estas circumvisinhanças na occasião d'essa religiosa solemnidade.

Eis, segundo a tradição, transcripta de Pinho Leal, a origem e a etymologia da palavra *caramos:*

«D. Fernando Magno, rei de Castella, era casado com D. Sancha, irmã de D. Bermudo, rei de Leão. Ambicionando aquelle o reino d'este, moveu guerra ao cunhado e o matou em combate, no anno de Jesus Christo, 1036; ficando depois d'isso, por conquista e por herança, rei de Castella e Leão. Este rei, que morreu em 1065, tomou muitas terras aos mouros, desde o Minho até ao Mondego (comprehendendo Coimbra) e ficando este rio servindo de limite S. das suas conquistas.

Era então governador e general das provincias do Minho e Traz-os-Montes o valoroso conde D. Nuno Mendes, que residia em Guimarães.

No sitio onde hoje está o convento (e chamado então *Campos da Veiga)* teve o dito conde uma grande batalha com os mouros no anno

A Lixa - Desenho do natural por João de Almeida

1060, na qual, opprimidos os christãos com o grande numero de inimigos, lhe viraram as costas e fugiram.

Debalde D. Nuno empregou todos os meios para conter os seus; mas quando as coisas estavam n'este estado eis que apparece S. Martinho, *montado em um cavallo branco,* armado de uma formidavel lança, espetando com ella mouros sem dó nem piedade, e gritando aos christãos: *Cara aos mouros! Cara aos mouros!*—Outros dizem que foi o conde que gritou: *Cara aos mouros! cara aos mouros, que S. Martinho é connosco!* (Eis um ponto historico que muito cumpre averiguar).

Os portuguezes, vendo que o santo era por elles, viraram a cara aos mouros valorosamente, e os pozeram em completa derrota.

Em commemoração d'esta victoria, e em agradecimento ao santo,

fundou o conde, em 1068, no mesmo sitio da batalha, uma egreja com a invocação de S. Martinho de Cara aos Mouros.

É de *Cara aos mouros* que procede, por abreviatura, *Caramôs*.[1]

Junto á egreja se fundou depois um convento de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios), cuja origem é a seguinte:

D. Fernando Magno, por sua morte, deixou os seus estados divididos por seus tres filhos, dando a D. Sancho Castella, a D. Affonso o reino de Leão e a D. Garcia (o mais novo) Portugal e Galliza.

D. Garcia foi um mau rei e teve um pessimo conselheiro, que era o seu valido Verna. Tratava muito mal os seus vassallos em geral, e especialmente os portuguezes.

O bravo conde D. Nuno Mendes (que era portuguez e minhoto), não podendo já soffrer as vexações e prepotencias que D. Garcia fazia aos seus patricios, juntou bom numero d'elles e offereceu batalha ás tropas do rei (que este commandava em pessoa) no sitio de Pedroso, entre Braga e o rio Cávado.

Os gallegos eram em triplicado numero dos portuguezes: de mais a mais estes eram quasi todos gente do campo e mal armados. Mesmo assim bateram-se por muito tempo como leões; mas, vendo morrer o seu conde e não tendo chefe, foram derrotados, não sem fazerem pagar cara a victoria aos inimigos.

Esta infeliz batalha foi em 1071.

D. Gonçalo Mendes, filho do conde, pôde escapar com vida d'esta batalha. Foi muitos annos perseguido pelos castelhanos, até que obteve *carta de seguro* do rei de Castella.

Fez-se padre e veiu, em 1090, fundar um convento, junto á egreja que seu pae mandára fazer; dotou largamente este convento, e n'elle foi habitar com outros padres e aqui falleceu, em 8 de janeiro de 1124, sendo elle mesmo primeiro prior d'este convento.

O arcebispo de Braga, D. Pedro, antecessor de S. Giraldo, aconselhou os padres d'este convento a que seguissem a regra de Santo Agostinho, ao que elles annuiram, e o mesmo arcebispo lhe veiu lançar os habitos a 28 de agosto de 1091.

Eram então apenas sete os padres d'este convento.

D. Affonso I doou a este mosteiro uma sua grande herdade, que tinha na villa de *Borvêta* (a qual tinha sido de Garcia Fafes), e o padroado da egreja de Constantim, proximo a Villa Real. Isto em julho de 1154.

Teve priores perpetuos até 12 de fevereiro de 1595, unindo-se então

[1] Os antigos portuguezes chamavam aos mouros, *môs* ou *moos*.

ao convento de Santa Cruz de Coimbra, e passando os seus priores a ser triennaes, sendo o primeiro d'estes D. Fr. João das Neves, nomeado n'esse mesmo dia.

D. Affonso IV coutou a freguezia do mosteiro e a deu ao convento com todos os *direitos reaes*.

A egreja do convento é matriz da freguezia, e, até 1834, n'ella era vigario um frade do mesmo convento, apresentado pelo seu prior e collado pelo arcebispo de Braga, por tres annos, com 50$000 réis de congrua e o pé d'altar. Tinha coadjutor, a quem o mesmo prior passava carta de cura, approvada pelo ordinario.

É terra muito fertil.»

Essa origem mourisca de Caramos póde ser ou não a verdadeira; pois apezar da palavra *mouro* se encontrar por aqui a cada passo, sabe-se que muitas vezes tem a significação perdida na linguagem popular, que não distingue entre os arabes e os romanos. Aqui proximo, por exemplo, havia no monte de S. Jorge vestigios de uma fortificação romana, que dia a dia vão rareando, porque os frades primeiro e o povo depois se encarregaram de ir aproveitando para obras suas todas as pedras de cantaria que encontravam.

Depois de Caramos, atravessa a estrada a povoação da

LIXA,

a mais importante terra do concelho depois de Margaride, uma aldeia que vale bem uma villa, e por isso mesmo tambem a mais ciumenta das prerogativas e fóros que possa ter a sua rival.

A Lixa, ou porque jurou a sua fé politica em egreja contraria á de Margaride, ou porque é realmente inquieta e turbulenta, reclama hoje a sua união a Amarante, com aquella mesma insania e furor com que ha pouco Guimarães pedia a união ao Porto em bandeirinhas azues e brancas, e *meetings* pittorescos sob as copadas arvores das Taipas.

Que Deus proteja a Lixa, se a sua causa é justa, e que os poderes publicos a tomem a serio nas suas pretenções bysantinas, eis o desejo de nós outros viajantes, que pedimos um instante de repouso e uma canja de gallinha ao *Hotel da Franqueira,* mas que não queremos por modo algum comprometter a nossa opinião e a nossa pelle n'este grave assumpto, que preoccupa a Lixa—a Lixa da direita e a da esquerda—porque é preciso que o leitor esteja informado, de que sendo a parte direita da povoação pertencente a *VILLA COVA DA LIXA* e a esquerda a *BORBA DE GODIM,* uma vez por outra as duas lá se picavam de ciume, mas am-

Casa onde nasceu Manuel de Faria e Sousa

bas estão firmes agora no proposito de contrahir nupcias com Amarante, divorciando-se estrondosamente de Felgueiras. A egreja de *Villa Cova* vê-se ainda da estrada, á direita, com o adrosinho rodeado por oliveiras e a torre erguida em pyramide ao de cima das velhas arvores. A de Borba póde vêr-se tomando por um atalho, que parte de junto da capella de Santo Antonio, situada no largo que se vê representado na nossa gravura.

A grande festa da Lixa é tambem a que no ultimo domingo de agosto ella dedica á Senhora da Victoria, cuja capella fica na collina proximo do cemiterio.

As ruas da villa cobrem-se profusamente de bandeiras, as janellas adornam-se de colchas de damasco, como para dar relevo ás senhoras gentis, que veem presencear a solemnidade. Ás 5 horas da tarde a procissão sahe da capella da Franqueira, segue pela rua de Santo Antonio e Largo ou Praça do Commercio, para se dirigir á capella da Senhora. Os andores vistosos, como elegantes arvores floridas, os anjinhos com emblemas da Paixão, as harmonias dos trombones do *Freitas* ou dos clarinetes dos *Conceições,* são o assumpto de todas as conversas, em quanto pelo menos a noite não chega com as illuminações, produzindo soberbo effeito magico, segundo os correspondentes da localidade para os jornaes mais de perto. As musicas dos Freitas e dos Conceições tocam nos coretos, ri-

valisando em programma; o pavilhão das prendas — porque tambem ha *kermesses* na Lixa — illumina-se a balões venesianos, ha mastros de cocanha no centro do largo, as damas da Lixa e as que não são da terra reunem ao ar livre em agradavel convivio.

E, para que dizer mais! Altas horas da noite, porque tudo tem limites n'este mundo, ainda mesmo que seja o enthusiasmo da Lixa, os festejos terminam, percorrendo as duas bandas de musica as ruas da povoação tocando alegremente a *Marselheza*. E o

Allons, enfants de la Lixe, etc.

corta em notas vibrantes de enthusiasmo e vinho o ar sereno e embalsamado da noite calma de agosto.

Em frente do hotel, e na rua central da Lixa, existe uma outra capella denominada da Senhora do Bom Successo ou da Franqueira, que pouco offerece de notavel. A Lixa tem o aspecto de uma villa, constando especialmente da rua central ou direita a que já nos referimos e do espaçoso largo denominado Campo da Feira, ou do Barão da Victoria, talvez em commemoração da que em 3 de abril de 1834 as tropas liberaes, commandadas pelo barão do Pico de Celleiro (general Torres) alcançaram sobre as tropas realistas do general José Cardoso. Um pouco acima d'este largo campo arborisado fica o cemiterio da Lixa e a capella da Senhora da Victoria; logo depois a estrada segue para Amarante, abrindo-se ao lado esquerdo um valle feracissimo, onde assenta *MACIEIRA DA LIXA*, visinha das aldeias de Freixieiro, sobre cujas montanhas se desenham nitidamente, na ultima linha do horisonte, as poeticas ruinas do castello da Arnoya.

*

* *

O concelho de Felgueiras, que n'estas excursões acabamos de percorrer, é um dos mais ricos do districto, embora essa riqueza, provocada pelas mesmas causas que apontámos em Louzada, se possa considerar meramente accidental e não, infelizmente, duradoura. Não tendo industrias proprias, pois o fabrico do seu pão de ló não póde julgar-se bastante para caracterisar industrialmente um concelho, a sua riqueza provém da agricultura, a que tem dado um certo impulso o capital *brazileiro* transformando-lhe os processos de rotina. E este seria o verdadeiro caminho da prosperidade, visto ser a agricultura a industria-mãe de qualquer terra, quando para estabelecer essa prosperidade convirjam todos os elementos

que podem fomental-a. Entre estes é innegavel o alcance da instrucção popular e por isso apresentaremos um esboço do seu estado no concelho.

Representado na imprensa pelo *Felgueirense,* jornal que visa mais a intuitos politicos do que a outros fins, na séde do concelho existe, como já dissemos, um importante estabelecimento de instrucção secundaria—o Collegio de Santa Quiteria—cujo unico defeito é, talvez, o exclusivismo da direcção religiosa.

As escolas primarias são nas seguintes freguezias: Airães, Borba de Godim (Lixa), Idães, Jugueiros, Pombeiro de Riba Vizella, Unhão, Varziella, Santo Adrião de Vizella, Villa Cova (Lixa) para o sexo feminino, e duas em Margaride, uma para cada sexo, além de algumas outras estabelecidas por iniciativa particular.

A estatistica do crime apresenta para a comarca de Felgueiras os seguintes dados: Foram em 1880 julgados 35 reus, sendo 27 absolvidos e 8 condemnados a penas correccionaes, sendo d'esses reus 26 homens e 9 mulheres, sabendo lêr 17, e sendo 8 de fóra da comarca. O numero dos crimes foi 19, estabelecendo a sua maior percentagem—11—o ataque contra pessoas.

Felgueiras não possue ainda um hospital e por isso talvez faz procissões de penitencia para affastar qualquer flagello, como succedeu ha dois annos com o receio da cholera.

A agricultura do concelho desenvolveu-se ha poucos annos bastante com a industria subsidiaria da engorda do gado bovino para exportação, industria que hoje vae em decadencia e a que se procura dar remedio por parte dos poderes publicos. A estatistica pecuaria de Felgueiras consta do seguinte mappa:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	252	2:061$700
Muar	107	1:254$500
Asinino	105	353$700
Bovino	3:444	143:771$000
Lanar	600	271$260
Caprino	71	89$740
Suino	3:565	25:936$000
		174:638$000

Quanto á industria vinicola são as freguezias de Jugueiros, Margaride, Pombeiro, Borba, Villa Cova e Varziella, as que mais e melhor vinho produzem, sendo ordinariamente as videiras levantadas em uveiras

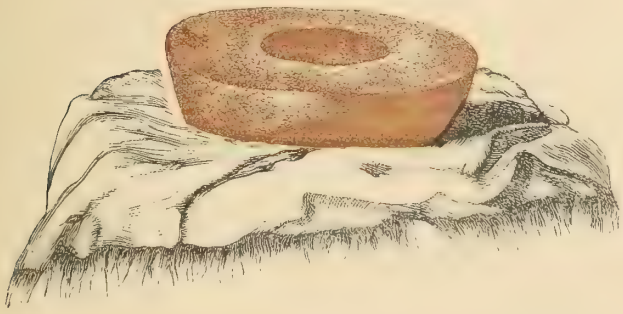
ou ramadas altas. As castas predominantes são: o azal, a borraçal, o padeiro, o pinhal, o mourisco, o verdelho, o vinhão tinto e molle. Fazem vinhos brancos e tintos, ambos verdes, sendo o primeiro espirituoso e de gosto agradavel, mas de pouca duração. As vindimas fazem-se depois do dia 25 de setembro, e os antigos lagares vão hoje sendo substituidos pelas prensas modernas, havendo mais algum cuidado na fabricação do que ainda ha poucos annos havia.

O preço do vinho regula, termo medio, 15$000 réis a pipa, e o dos outros generos alimentares consta da presente tabella:

Milho	460
Feijão	600 a 700
Batata	360
Ovos (tres, quatro ou cinco)	20
Gallinhas (uma)	300 a 500

É este, pouco mais ou menos, o preço corrente nas feiras de 14 e 29 em Margaride, na de 23 em S. Jorge da Varzea e nas do dia 18 e da 1.ª segunda feira na Lixa.

Ahi tambem, ou melhor em casa das doceiras de Margaride, e particularmente da Leonor Rosa, encontra o leitor, ao preço de 220 réis o arratel, a appetitosa cavaca e o loiro e aromatico *pão de ló,* o mimo especial de Margaride.



CONCELHO DE FELGUEIRAS

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Ayão, *S. João Baptista*	167	242	409	102 *(a*
Ayrães, *Santa Maria*	297	504	801	227 *(b*
Borba de Godim, *S. Miguel*	571	754	1:325	304 *(c*
Caramos, *S. Martinho*	216	350	566	144 *(d*
Friande, *S. Thome*	207	273	480	136 *(e*
Idães, *Santa Maria*	374	554	928	263 *(f*
Jugueiros, *S. Pedro*	592	758	1:350	346 *(g*
Lagares, *S. Verissimo*	225	364	589	164 *(h*
Lordello, *S. Christovão*	109	145	254	75 *(i*
Macieira da Lixa, *Santa Leocadia*	287	388	675	182 *(j*
Margaride, *Santa Eulalia* [1]	606	793	1:399	345 *(k*
Moure, *O Salvador*	204	278	482	140 *(l*
Pedreira, *Santa Marinha*	287	403	690	185 *(m*
Penacova, *S. Martinho*	176	242	418	113 *(n*
Pinheiro, *S. Thiago*	152	205	357	102 *(o*
Pombeiro de Riba Vizella, *Santa Maria*	363	506	869	239 *(p*
Rande, *S. Thiago*	234	295	529	130 *(q*
Refontoura, *S. Cypriano*	251	411	662	185 *(r*
Regilde, *Santa Comba*	266	357	623	172 *(s*
Revinhade, *Santa Maria*	131	192	323	99 *(t*
Santão, *Santo Adrião*	190	245	435	108 *(u*
Sendim, *S. Thiago*	299	439	738	205 *(v*
Sernande, *S. João Baptista*	196	249	445	116 *(x*
Sousa, *S. Vicente*	178	265	443	123 *(y*
Torrados, *S. Pedro*	289	331	620	169 *(z*
Unhão, *O Salvador*	212	323	535	154 *(aa*
Varzea, *S. Jorge*	199	249	448	134 *(bb*
Varziella, *S. Miguel*	272	405	677	183 *(cc*
Villa Cova da Lixa, *O Salvador*	554	728	1:282	295 *(dd*
Villa Fria, *Santa Maria*	209	256	465	122 *(ee*
Villa Verde, *S. Mamede*	115	163	278	80 *(ff*
Vizella, *Santo Adrião*	212	280	492	135 *(gg*
Vizella, *S. Jorge*	104	136	240	65 *(hh*
	8:744	12:083	20:827	5:542

a Comprehende esta freguezia os logares de Ayão, Assento, Cruzeiro, Deveza, Eido de Baixo, Eidos, Monte So, Ameixieiras, Souto, Barreiro, Outeiro, Villa Chã, Milhões, Paço; os casaes de Bem Viver, Monte, Portella, Fonte, Rando, Randinho, Carreira, Tapada, e as quintas ou herdades de Candaidos, Villa Nova, Senra, Buraco, Salvador, Segonheira, Brolhães.

b Comprehende esta freguezia os logares do Mosteiro, Guitoeira, Penso, Pinheiro, Santo Amaro, Carriça, Telhado, Deveza, Geira, Fonte, Salem, Cortinhas, Pencello, S. Vicente, Fontainhas, Villa, Pedregal, Santa Luzia, Costa, Outeirinho, Monte, Babaes, Covide; os casaes de Pedregal, Cancella, Telhado, Formigal, Costa, Penedo, Mosteiro, Barrocas, Paraiso, Guitoeira, Fonte, Lage, Penso, Pencello, S. Vicente, Pinheiro, Babaes, e as quintas de Cacello, Roço, Ribeira, Anciães.

c Comprehende esta freguezia os logares de Lixa, Assento, Longra, Ubeiros, Ribeirinha, Trounel, Villarinho, Cidral, Ermida, Povoa, Trasborda, Villar, Balazar, Bouça Chã, Quintã; os casaes de Sub-borba, Pevidal, Ribeiro, Bemposta, Cruzeiro, Guimbra, Passarias, e as quintas de Paço, Barreiro, Outeiro, Costa, Sangonhedo, Escalheira, Ribeira, Castanheira, Outeirinho.

d Comprehende esta freguezia os logares de Caramos, Tarro, Estrada, Lamezinhos, Lamas do Conde, Rosso, Devezalta, Taipa, Porta, Cima de Villa, Rio, Borlide; os casaes de Codeçal, Lamas, Bouça, Pereira, e as quintas ou herdades de Mosteiro, Crasto, Mona.

e Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Santo André, Revessa, Villarinho, Friande, Seara, Mourisca, Fontão, Tras Outeiro, Coutada, Rio, Laiga, Pasmil, Carreiras, Leiras, Vallongo, Ortigueira; os casaes de Assento, Friande, Tras Outeiro, Pasmil, e as herdades de Boavista, Estrada, Fonte.

f Comprehende esta freguezia os logares de Idães com os casaes de Assento, Bica, Boavista, Cancello, Castanheiro, Cerrado, Choqueiro, Corredoura, Eido, Lestidos, Quebrada, Robalde, Sub-carreira, Villar; Monte com os casaes de Monte, Presa, Saramunheiro; Samarim com os casaes de Agro, Baltar, Casal Novo, Fijò, Passos; Tarrio com os casaes de Tarrio de Cima, Tarrio de Baixo; Barrozas com os casaes de Souto, Granja.

g Comprehende esta freguezia os logares de Gondim, Louredo, Travassos, Perlonga, Assento, Picoto, Escavanca, Corvete, S. Paulo, S. João, Alvarinha, Frazões, Baldrigo, Alto dos Leiros, Moinhos da Foz, Cruz, Carreira, Rua Nova, Estrada, Chellas; os casaes de Fragoso, Senra, Souto, Quintã, Parceiros, Cancella, Quintaes, Entrevinhas, Além, Quinteiros, Sub Ribeiro, e as quintas ou herdades de Queijus, Fun'devilla, Paço, Traz do Valle, Corte de Lobos, Barroco, Portas.

h Comprehende esta freguezia os logares de Lagares, Assento, Agua Empégada, Barroco, Campos, Cartas, Cens, Ca-

[1] *Margaride* é a cabeça do concelho de *Felgueiras.*

deado, Casal, Calvario, Devezinha, Eido, Fonte Velha, Guilhamil, Goncinha, Gozende, Leira, Monte Bello, Oleiros, Oleirinhos, Penido, Pica, Pinheiro, Portella, Soutellos, e os casaes de Boucinha, Bouça, Entrevinhas, Lama, Outeiro, Pomar-covo, Quebrada, Ribeirinho, Ribas, Sobrelo, Tosar, Tedim, Ufe.

i Comprehende esta freguezia os logares de Lordello, Laborim, Portella, Outeiro, Raposa, Lage, Fun'devilla, Pato; os casaes de Poços, Moinho, Bogalheira, Matta, Leça, Mosqueta, Eido, Cortes, e as quintas de Assento, Barreiro, Quinta.

j Comprehende esta freguezia os logares de Macieira, Assento, Vilella, Serradinho, Hortas, Marco, Maçorro, Felgueiras, Villa Nova, Painçaes, Marantinha, Sociro e Passo, Porta, Portella, Outeiro, Torrente, Lameirinho e Jogo da Bola, Rio, Real, Crestim de Baixo, Crestim de Cima.

k Comprehende, além da villa de Felgueiras, os logares de Quintã, Padroso, Porto, Figueiredo, Estrada; os casaes de Cabreira, Gandra, Montinho, Casa Nova, e as quintas ou herdades de Feijó, Lebra.

l Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Monte, Argonde, Marco, Quintães, Cramarinhos, Cabo Villa, Outeiro, Felgueiras; os casaes dos Moinhos, Casal, Costa, e as quintas de Simães, Villa Cães e de Cima.

m Comprehende esta freguezia os logares de Pedreira, Boavista, Vinha, Outeiro, Egreja, Pousada, Sabagido, Souto, Vinheiro, Fraga, Tarrio, Serges, Cocho, Borra, Crasto, Outeiro; os casaes de Moinho do Crasto, Azubello, Fonte-mija, Ribeirinho, Sobreira, Posta, Cruz, e as quintas de Sevra (ou Serra?), Cima de Villa, Pedreira, Campo.

n Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Aldeia, Almofalla, Cartas, Cima de Villa, Residencia, Froia, Friães, Paço, Seixo, Lage, Ladrido, Casas Novas, Sequeiros, Ribeirinho, Monte, Pena, Bouça Nova, Preza, Além, Reguengo, Soutinho, Lage d'Além, Pena Cova de Cima, Pena Cova de Baixo, e os casaes de Botas, Topada, Sobreiro, Deveza, Villarinho, Vinha, Mancellos, S. Mamede, Presinhas.

o Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Souto de Cima, Vi a Cova, Crasto, Ribeirinha, Fonte, Amicreira (?), Devezinha, Cima de Villa, Hospital, Sardoal, Lamella, Ribeiro, Entre as Moutas, Fontella, Portella, Paço, Souto do Valle, Quintão, Fonte, Verdeal, Bouça, Roço, Lampaça, Quinta do Ouro, Quinta do Verdeal.

p Comprehende esta freguezia os logares de Arrada, Trofa, Outeiro, Cachada, Monte, Casal, Casinhas, Bouça, Carregal, Rua, Ribeiro; os casaes de Villa Meã, Agrello, Fontamhas, Fonte Moura, Louza, Valle de Mouros, Veiga, Casa Nova, Reguengo, e as quintas ou herdades de Valle Melhorado, Paço, Caravella, Mosteiro, Sequeiros, Avellar.

q Comprehende esta freguezia os logares de Rande de Baixo, Assento, Sant'Iago, Patrimonio Calvario, Morouços, Valdemar, Casal, Rabelo, Lage, Cima de Villa, Fundego, Fonte, Boavista, Bacias, Picoto, Bouça, Janarde, Quinta, Casal Novo, Cancello, Barbeito, Casal Corne, Torre, Passo, Longra, Leira, Calçada, Outeiro.

r Comprehende esta freguezia os logares de Egreja de Refontoura, Assento, Lama, Outeiro Velho, Monte, Malpica, Minhoteira, Peixoto, Deveza, Cartas, Rans, Codeçal, Lamas; os casaes de Pedregal, Salvador, Ranhó, Carvalho, Zebros, Leitão, e as quintas de Guilhafonce, Torre, Cividade, Outeiro.

s Comprehende esta freguezia os logares de Teive, Montinho, Pereira, Ribeira, Alvura, Outeiro, Outeiro Passo, Coutada, Barroso, Pousada; os casaes de Regilde, Outeiro, Alvura, Pousada, Penas, e as quintas de Ramada, Ribeira.

t Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Souto, Rapadiça, Passos, Bairro, e os casaes de Casa Nova, Sá, Hortinhas, Ferreiros, Xisto, Fonte, Deveza, Outeiro, Passinhos, Covellos, Cruz das Almas, Bamonde, Serrado, Vinha, Gatim.

u Comprehende esta freguezia os logares de Varzea, Quebrada, Boucinhas, Reganhuça, Ramos, Hospital, Fonte, Ventozella, Bouça, Outeirinhos, Cruz, Souto, Travessa, Flariz, Corgo, Serra, Barroco; os casaes de Prezinhas, Monte, e as quintas ou herdades de Moinho, Ruião, Nogueira.

v Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Agrello, Corbete, Codeçaes, Casal, Cobrada, Cimo de Villa, Calvario, Estradinha, Lamellas, Outeiro, Pias, Passos, Queiro, Quintã, Roriz, Soutello, Souto Mau, Santo Antão, Sobreira, Seixo, Sequeiró, Villar, Sub-Egreja, Caminho, Esporão; os casaes de Arialva, Carvalho, Crasto, Sergude, Travassó; as quintas de Cabeça de Porco, Trancoim, e a herdade de Ugueira com alguns moinhos.

x Comprehende esta freguezia os logares de Sernande, Além do Rio, Terra Secca, Telhadinho, Casal Novo, Leira.

y Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Carvalhal, Pedra da Costa, e os casaes de Ribeiro, Carro, Lordello, Revolta, Costa, Boavista, S. Donato, Arcebispado, Palhaes, Cruz de Baixo, Cruz de Cima, Agrello, Lage, Lamosa, Cacavellos, Casal, Soutinho, Baronda, Lodeiro, Lama de Baixo, Lama de Cima, Passo, Souto de Baixo, Boucinhas, Covello, S. Domingos, Burgueto, Sub-caia.

z Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Amial, Airães, Basto, Barroco, Bóca, Barrimau, Barbitello, Barreiro, Cucos, Cachés, Cachada, Deveza, Deveza Grande, Gateira, Lamas, Lestido, Souto, Silvas, Nogueira, Ferreirinha, Penido, Roços, Ribeirinho, Terra Secca, Pardieiro, Rio, e os casaes de Sapateira, Passos, Souto do Cabo, Oliveira, Nespereira, Torre.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Unhão, Sargaça, Gondezende, Rosario, Cruzeiro, Quintã, Outeiro, Miradouro, Herdade, Janarde, Sé, Moinhos, Gunde, Casal, Paço (ou Casal Paço), Vallinhas, Leça; os casaes de Botica, Sequeiros, Capella, Malpica, Cruz, Bouça, Vinhas, S. Mamede, Chans; as quintas de Assento, Gradim, Novaes, Loureiro, Eirinha, Carreira, Casa Nova, Ermeiro, Junfe, Lama.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Ambrões, Varzea, Estrada, Gandra, Maderne, Monte, Telheira; os casaes de Varziellinha, Venda, Maceiras, Cerdeiras, e as quintas de Gandra, Varzea de Cima, Amial, Telheira d'Além.

cc Comprehende esta freguezia os logares de Varziella, Pedra Maria, Egreja, Torre, Campo, Sestaes, Rato, Rebello, Moucinhos, Cima de Villa.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Monte, Quebrada, Assento, Quintella, Boa Vista, Souto, Espenca, Casarias, Casal Tras Cova, Quintãs, Tojal, Picoto, Campo, Ferreira, Passos, Campo da Preza, Barreiros, Costa, Campello, Eira-Vedra, Arraido; os casaes de Assento, Gondariz, Lamas, Ribeira, Padraços, Loureiro, Sabariz, e as quintas ou herdades de Torre, Villa, Lordello, Padroucellos, Logarinho, Quinta, Teixeira, Estrada.

ee Comprehende esta freguezia os logares de Residencia de Villa Fria, Rua, Sá, Boucinhas, Assento, Arco, Talhos, Bouça, Telhado, Deveza, Barroco; os casaes de Eiriz, Bairrinho, Vinha, Souto, Lampada, e as quintas ou herdades de Portas, Quintãs, Outeiro.

ff Comprehende esta freguezia os logares de S. Mamede de Villa Verde, Rua, Assento, Seivada, Boa Vista, Outeiro, Quintã, Souto, Fonte, Lavandeira, Cedro, Serra, Louzada; os casaes de Cima de Villa, Rosso, Monte, Souto, e as quintas de Casal, Boucinhas, Funtão.

gg Comprehende esta freguezia os logares de Lamellas, Silveiras, Alfeixim, Quintães, Palhaes, Carvalhinhos, Monte da Santa, Pereiras, Ubeiras, Bouçós, Cruz e Lagôas; os casaes de Britello e Crasto, Casal, Bouçó de Baixo, Bouçó de Cima, Rego, Pinto, Bravo, Lagoas, Riba, Portella, e as quintas de Lamellas, Lamella, Aldeia, Entre as Vinhas, Casalinho, Tigem (ou Pigem?), Quintã de Baixo, Paço Velho, Telhado, Bouça.

hh Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Cruzeiro, Herdadinha, Gozende, Paredes, Nogueiro, Anções, e os casaes de Suavinho, Peras.

AMARANTE

Cedro secular da Capadeira — Desenho do natural por João de Almeida

Farta e formosa.

Antiga, nem fallemos. Entretanto ha mais quem lhe conheça o vinho verde delicioso e os avelludados pecegos sumarentos, do que os pergaminhos fidalgos da sua origem.

Os poucos mesmo, que lidam n'estes assumptos, chegam a ignorar o seu primeiro nome, e attribuem a fundação primitiva aos turdetanos da Lusitania uns 360 annos antes de Christo. Sob o dominio romano, diz-se, foi depois ampliada e reedificada por *Amaranto,* um governador do imperio n'esta provincia, cujos ossos esfarellados, *si vera est fama,* estão na egreja de S. Marcos, de Braga, cobertos pela seguinte inscripção:

Amarantus Senectionis H. S. E. (hic sepultus est)

Impoz-lhe o proprio nome o capitão romano, e assim se chamou *Amaranto* a povoação, durante todo o tempo do imperio, nome que se conserva ainda com uma ligeira modificação.

«Com a inconstancia de varias fortunas — escreve o padre Antonio Carvalho — se foi despovoando e ficou campo raso, aonde S. Gonçalo pelos annos do Senhor de 1250, fundou uma pobre Ermida, em que fez penitencia, na qual seu corpo está

sepultado, resplandecendo com infinitos milagres, por cuja causa se povoou de novo esta Villa, que teve principio em humas estalagens e casas de romeiros, e estas eram só duas, que erão da Collegiada de Guimaraens; e supposto que nam sejão hoje estalagens, senão casas particulares, ainda são da mesma Igreja, e se lhe paga por ellas certa renda de dinheiro e gallinhas, e ainda diz o livro do Recibo, casas com seus quintaes, que são estalagens, de que se foi estendendo a Behetria, que a devoção dos fieis, que visitão o sepulchro de S. Gonçalo, por favorecer a seus devotos com seus muitos milagres, foi causa de se dilatar em povoação grande, para vir a ser Villa, que supposto não he acastellada, e murada, tem Juiz de fóra e voto em Côrtes.»

Ahi está surgindo por entre as lendas medievaes a nova Amarante, d'esta vez renascida ao sopro benefico e santo do frade dominicano, que veiu n'estas paragens fazer vida de eremita, e auxiliar, segundo a tradição local, a passagem perigosa do Tamega, assignalada então por frequentes catastrophes, ou porque já não existisse a primitiva ponte romana, obra de Trajano, uns 106 annos antes de Christo, ou porque estivesse em tal estado de ruina, que era um verdadeiro perigo o atravessal-a. S. Gonçalo então, refere a lenda, edificou uma nova ponte, ao que se diz até depois da apparição de um anjo, que lhe marcou o sitio em que devia ser construida, e, accrescenta-se tambem, em competencia com o diabo, que andava por esse tempo construindo a da *Alliviada,* de que em outro capitulo fallaremos.

A ponte de S. Gonçalo, ou a reconstrucção por elle feita correndo o anno de 1260, não a respeitou tambem o tempo apezar da sua origem santa, pois desmoronou-se ás dez e meia horas da noite de 10 de fevereiro de 1763, fazendo-se depois durante vinte e oito annos a passagem do rio em uma barca. Reinando D. Maria I, teve principio (em 1781) a ponte elegante e solida que ora existe, como se vê das inscripções gravadas nos escudos de pedra que ornam os obeliscos das entradas da ponte. Foi a obra devida á iniciativa do dr. Caetano José da Rocha e Mello, corregedor, provedor e contador da real fazenda na comarca de Penafiel, o qual «*Alcansou da dita Senhora Rezolução para de novo mandar fazer adita Ponte Com o dinheiro das Sobras dos Cabeçóns das cizas desta comarca.*

No principio do Mes de julho do anno SeGuinte de mil Sete Centos eoytenta e dois Se deu prinCipio aproCurar e adescobrir o alicessio da Ponte de mulida a Veira do Rio daparte do Conçelho de Gouvea, e para o fazerem, alem da quantidade deofeÇiais de pedreiros que no dito citio andavão Semeterão muntos trabalhadores hum com pas de pau, e outros Com valdes, e outros a tocar as bombas que se mandarão fazer para despejarem as agoas do posso do dito aliceçio para o Rio para nelle se assentar a pedra, e no dito citio andarão dous mezes e algumas

Dolmen da Aboboreira — Desenho do natural por João de Almeida

noutes delles, tapando a borda do Rio com grande numaro de carros de torroñs que Se forão procurar, a costa Grande de paûllo Veigas e outras mais partes.

Terça feira que se contavam vinte essete do mes de Agosto do dito anno pellas nove Oras do dito dia chegou hum proprio ao dito Doutor Corregedor, com rezuloção da Senhora Raynha em tempo que o dito Menistro seachava nas cazas do Morgado do cavo freguezia da Magdalena do concelho de Gestaço molesto dessezons de Maleitas para mandar alagar e demolir o Balcam e Sala que estava porssima da entrada essarda da Ponte antiga, tudo pegado ao passo de Gouvea do dito excelenticimo conde, cuja rezulução veyo pelo dito Conde empetrar a que se não alagace e Comefeito no dia e noite de segunda feira, dois de Septembro, se deu principio a demolir o dito Balcam e salla e demolido que foi lhe mandou o dito Menystro fazer uma fronteira de pedra na casa que servia de cosinha para a parte da dita ponte comssua porta, e janellas.

E no dia que chegou a dita Rezoluçam e nos dous seguintes, e noutes, ouve grandes alegrias e festejos em toda esta villa pondoçe Bandeiras por todas as janellas e torres, com repeniques de Sinos e luminarias lançando fogo pelo ar, fazendo emcamizadas pellas ruas com Instromentos de Muzica athê asportas das cazas em que o dito Menystro assestia, e ahi Selheglozou grande numaro de Motes e deSimas, dizendo no fim delles geralmente, viva o Senhor Doutor Corregedor Provedor Caetano Joze da Rocha eMello, etc.»

(*Ap. Flor do Tamega, n.os 22 e 23*).

Foi o mestre architecto d'esta real obra, segundo a inscripção gravada a meio do parapeito occidental da ponte, Francisco Thomaz da Motta, da freguezia de Adaufe, do termo da cidade de Braga.

Abriu-se a ponte á circulação publica em 1791, havendo tambem por essa occasião grandes festas, como tão importante melhoramento reclamava.

Apezar d'esta ponte ser, pois, obra do seculo XVIII, o povo chama-lhe não obstante a ponte de S. Gonçalo, o que demonstra como a Amarante medieval vive da influencia lendaria do Santo, cujo bastão como que representa uma especie de symbolo phallico, ainda ao presente invocado pelas velhas, que aspiram ao matrimonio. E notavel é tambem, sob este ponto de vista, o costume que ainda na sua romaria se nota da venda de uns pães inhos, de fórma oblonga, que o povo denomina com o mesmo vulgar nome, com que designa os orgãos geradores do sexo masculino. Este costume, que é evidentemente o resto de um extincto culto, perseverante na tradição popular que inconscientemente o mistura com as praticas do catholicismo, não me parece significar aqui senão uma prova mais da muita antiguidade de Amarante, ou pelo menos da proxima *behetria* de Ovelha. E porque este nome se presta á confusão, é provavel que n'essa behetria fosse primeiro o santo procurar refugio, de onde o dizer-se que elle é o casamenteiro das velhas, ou *das de Ovelha,* behetria das mais antigas do paiz, e onde não custa a acreditar, que existisse o primitivo culto chtoniano ou da *prostituição sagrada,* que tanto reapparece nos costumes da edade média. Este assumpto, em que ao de leve tocamos, prestar-se-hia a indagações locaes muito curiosas, e porventura viria tambem confirmar ou invalidar a opinião de alguns, que pensam ter sido behetria o proprio local da villa de Amarante, onde S. Gonçalo se estabeleceu, e onde, se a persistencia do costume significa alguma coisa, elle parece haver tomado para si o papel das individualidades possantes dos velhos deuses, com quem vinham nos bosques sombrios e sagrados fazer devota oração as hetairas.

Uma outra nota de passagem e fecha-se o assumpto. Não ha muitos annos ainda, que no convento de Amarante se mostrava a figura da *diaba,* lasciva e obscena, e sabem os lidos n'estas questões, quanto o seu nome symbolisa o culto hetairista da deusa *Martha,* pelo christianismo transformado no culto poetico da Deusa-Mãe.

Que S. Gonçalo me perdoe, pois, a suspeita, em attenção aos pergaminhos d'esta sua adoptiva Amarante, que assim vae pelas edades fóra enraizar a sua arvore de costado na voluptuosa religião do hetairismo primitivo.

O santo foi, em todo o caso, o verdadeiro fundador da villa de Amarante, e por elle foi edificada a capella, ainda existente na matriz, e em que está sepultado dentro de um sarcophago de granito, encimado pela sua grosseira estatua. O povo attribue tambem ao santo a fundação d'este mosteiro, cuja egreja serve de matriz á villa; não é isto verdade, porém, visto ser o convento fundado em 1540 por D. João III e sua mulher D. Ca-

tharina, e continuado depois por D. Sebastião, vendo-se ainda, como prova, no frontispicio do templo, na chamada *varanda dos reis,* as estatuas dos fundadores, assim como a do cardeal D. Henrique. Ainda assim o convento só ficou acabado no tempo de Filippe I de Portugal e II de Hespanha, segundo consta de uma inscripção existente na base das duas grandes columnas da capella-mór, inscripção que o patriotismo dos amarantinos entendeu dever mutilar, eliminando a picão os nomes de *El-rei Filippe I Nosso Senhor,* eliminação que ainda hoje se conserva sem nova gravura na pedra, não obstante na ultima pintura, que deram ao templo terem avivado a tinta preta as letras da inscripção. Concorreram tambem os frades dominicos de Guimarães (onde S. Gonçalo professára), e os moradores de Amarante para as obras do convento, que foi um dos mais sumptuosos da ordem de S. Domingos, em Portugal, merecendo a maxima protecção á rainha D. Catharina, mulher de D. João III, a ponto de esta lhes doar em 1559 a egreja de *S. VERISSIMO,* ficando os frades os parochos da villa, embora aquella egreja continuasse a ser parochial, como ainda hoje é, mas annexada civilmente á freguezia de Amarante, cujo padroeiro é propriamente S. Gonçalo. A ermida do santo estava, pois, em territorio de S. Verissimo, que é, como se deprehende d'isto, uma parochia muito antiga, e tão proxima da villa actual, que muitas casas d'esta lhe pertencem, vindo assim a Amarante da margem direita do rio a formar parte de duas freguezias, uma sob o patrocinio de S. Gonçalo, outra tendo S. Verissimo como orago.

A da margem direita, dissemos, pois que a Amarante da margem esquerda pertence a duas freguezias distinctas, denominando-se *Covêllo* a parte de *Santa Maria de Cepellos,* que vae desde a ponte até ao Arquinho e que era antes de 1834 a séde do concelho de Gouveia, e chamando-se *Magdalena* á parte onde estava a séde do antigo concelho de *Gestaço,* para além do ribeiro do Arquinho. Este ribeiro, que ainda não ha muitos annos existia a descoberto, está agora canalisado por debaixo do aterro em que assenta o largo do Principe Real.

E tal era o desproposito d'essa divisão civil que, até 1834, na rua principal de Amarante, comprehendendo a ponte, havia nada menos de *tres* jurisdicções civis e *tres* ecclesiasticas, tres foraes differentes e tres pelourinhos distinctos.

Adiante fallaremos mais de espaço d'esses extinctos concelhos, e por agora apenas como curiosidade diremos, que a casa do antigo concelho de Amarante ainda hoje existe servindo de cadeia e, pormenor interessante, é talvez uma das poucas que ainda conserva a antiga torre de dois sinos, que era na edade média um attributo das residencias municipaes.

Deixando essa parte da villa, prosigamos na visita do mosteiro de S. Gonçalo, que é verdadeiramente o grande *clou* de interesse para quem visite Amarante. O aspecto exterior reproduz-se fielmente na gravura de pag. 413, assim como a sua pittoresca situação sobre o Tamega. No interior ha para vêr o templo que serve de matriz parochial, como já dissemos, e n'elle o tumulo de S. Gonçalo, e um bello Christo, existente na sachristia, pintura em madeira de incontestavel valor, cujos toques de luz fazem lembrar os trabalhos de Rembrandt.

Não sei quem fosse o artista, auctor do quadro; mas de tal valor se me affigura este, que sinto não ser um especialista no assumpto para dar ao leitor informações precisas sobre esse Christo de Amarante, que os proprios francezes respeitaram (por não poderem leval-o, naturalmente) a ponto de pôrem junto d'essa preciosa pintura uma sentinella que evitasse o vandalismo destruidor da soldadesca.

Rememorando este episodio da invasão, cumpre lembrar que a resistencia ás tropas do Loyson é um dos mais gloriosos fastos de Amarante, podendo o leitor procurar nas paredes e portaes do convento os signaes da heroica defesa do bravo Silveira Pinto, que ainda em muitos sitios encontrará os vestigios das balas que ricochetearam por estas ribas do Tamega. Depois da occupação, os francezes tiraram a desforra, queimando e pondo a saque a villa, vendo-se hoje ainda bastantes casas que soffreram com esse acto de furor vandalico. O convento, depois da desamortisação dos bens religiosos, serve para alojar as repartições publicas, entre as quaes sobresahe a casa da camara, modernamente reconstruida, o theatro, e recentemente uma bateria de artilheria, destinada a Amarante pela reorganisação do exercito feita em 1884.

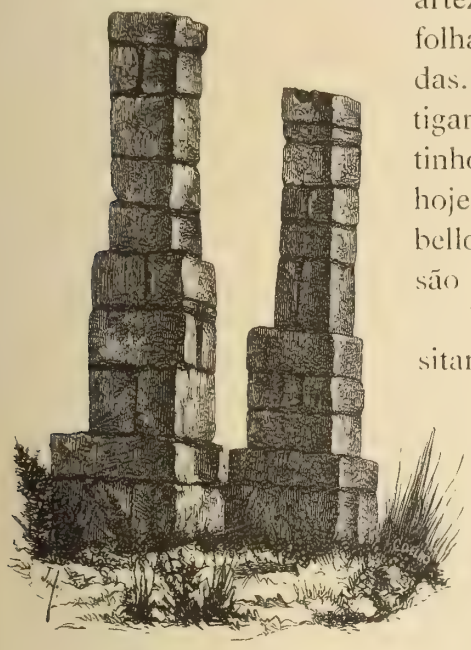
Atraz da egreja, onde ha para vêr a magestosa capella-mór e as tres magnificas naves que sustentam o solido e elegante zimborio, póde o leitor visitar a fonte de S. Gonçalo, que o povo suppõe de virtudes extraordinarias, e em um degrau da qual se encontra uma inscripção dizendo:

Ahi jaz Gaspar Caio, que aqui se mandou sepultar
em reverencia do Senhor S. Gonçalo

Fóra, no largo que precede, proximo da ponte, o vestibulo do espaçoso templo, encontra-se, em um pequeno oratorio, um monumento tosco e antigo, que desde o tempo de S. Gonçalo marcava no meio da ponte o limite entre o concelho de Amarante e o de Gouvea, e que representa uma Senhora da Piedade, de que falla Camillo Castello Branco nos *Annos de Prosa*.

Figura na vinheta de pag. 416 como interessante curiosidade de archeologia artistica e como prova tambem de que a fé não embotou ainda as suas aspirações nos grosseiros relevos d'esta Senhora da Piedade, de que a Arte se apiedaria.

Tendo visto o mosteiro de S. Gonçalo, merece depois uma visita a egreja de S. Pedro, onde existiu uma antiga collegiada e em cuja sachristia ha para admirar um formoso tecto apainellado, todo guarnecido de artezões, em que a madeira se opulenta de folhagem e flôres, esmeradamente executadas. No sitio onde está a egreja, ficava antigamente uma capella dedicada a S. Martinho, que era a Misericordia. Esta acha-se hoje na parte alta da villa, assim como um bello e espaçoso hospital, onde os doentes são desveladamente cuidados. [1]



Forca de Villa Meã — Desenho do natural por João de Almeida

Um edificio religioso ha ainda para visitar, mas de pouca importancia artistica. É o convento, ou melhor a egreja das freiras de Santa Clara (franciscanas), fundado em 1220 por D. Mafalda, filha de D. Sancho I. Foi em 1560 reedificado pelo conde de Redondo e chegou a ter umas cento e dez freiras. Nos seus principios foi apenas um recolhimento de beatas, instituido por D. Mafalda, e só mais tarde é que o povo, á sua custa, o elevou á cathegoria de convento. Modernamente perdeu o edificio todo o seu aspecto religioso, vendo-se transformado em uma elegante casa apalaçada, propriedade do dr. José Monteiro da Silva, uma das individualidades mais sympathicas de Amarante, pelo caracter, pelo coração e pelo espirito illustrado. O muro da cêrca dava e dá para o *Campo da Feira,* onde está a capella de Nossa Senhora d'Ajuda, que primeiro foi de S. Sebastião, tendo desapparecido do fim do campo o Calvario com a capella do Senhor do Pé da Cruz. Sobre o campo abria um miradouro que tambem já não existe, d'onde as freiras vinham gosar as cavalhadas e festas que se faziam no largo. Hoje, como o seu nome o indica, effectuam-se n'elle além das feiras especiaes de porcos, nos dias de

[1] Antigamente houve em Amarante, junto da capella de S. Lazaro, uma *gafaria* ou hospital de leprosos, como era de costume serem instituidas na edade media.

Santa Luzia, S. Thomé e S. Silvestre, as feiras de gado nos primeiros sabbados e nos dias 17 de cada mez, havendo tambem todas as quartas e sabbados no Terreiro de S. Gonçalo uma especie de mercado abundantemente concorrido, além da feira annual que se faz no dia do santo.

Visitada a villa, no que ella tem de mais notavel, eu recommendo ao *touriste* que não perca o ensejo de dar um passeio fluvial no poetico Tamega, tão formoso e tão bello junto de Amarante.

Subir em tardes de verão, rio acima, até uma ilha encantadora, cujos contornos se franjam de amiaes, ou descer rio abaixo até proximo das cascatas em que a agua se precipita em rolos de espuma desnevada, é um espectaculo tão docemente idyllico, é vêr de perto uma natureza tão cariciosa, que jámais no coração se extingue a lembrança do prazer, que esse passeio nos proporcionou.

Deixar depois o rio, descer pela margem direita até ás azenhas de Moroleiros, e subir depois ao pequeno outeiro superior á azenha da Varzeélla, é o complemento artistico d'esse passeio, em que a alma se faz boa ao contacto d'esta natureza tão singela, em que o espirito se absorve no mavioso lyrismo das saudades, que são na vida de cada um as doces recordações queridas da existencia.

A nossa gravura de pag. 421 representa o rio Tamega, junto das poeticas azenhas de Moroleiros; mas por melhor que o artista reproduza as linhas graciosas d'esta paysagem feiticeira, vae tanto do desenho á realidade, que só póde bem apreciar as bellezas do quadro, quem do alto d'esse pequeno outeiro da Varzeélla deixe embeber os olhos n'este espectaculo extraordinariamente formoso.

Á esquerda fica S. Verissimo entre macissos de verdura; sobre a outra margem os pinhaes de Fontellas orlando os primeiros planos dos montes da Calçada; em frente de nós o rio, formando ora cascatas alvissimas de neve, que vae precipitar-se nas rodas dos engenhos, ora lagos tranquillos e serenos, sobre que a vegetação se debruça, ou sobre que projectam sombras docemente illuminadas as arcarias da ponte secular. Ao fundo o azul esmaecido das serras de Villa Chã. E no meio do quadro, elegante, serena, como que orgulhosa de todas estas louçanias, a villa em amphitheatro, enlaçada em parreiraes e vinhas de enforcado, amortecendo as irradiações dos predios na deliciosa verdura que a cinge, como aureola, e na corrente amoravel que por outro lado a beija.

Esplendido!

As noites em Amarante, quando se não passam namorando melancholicamente o Tamega de sobre o largo de S. Gonçalo, passam-se cavaqueando na Assembléa, onde não faltam jornaes e conversadores intelli-

gentes para entreter algumas horas. Para o *touriste,* porém, este agradavel passatempo chega por vezes a ser um supplicio, por causa das apresentações a que se vê obrigado e das banalidades que tem de ouvir e dizer.

Por isso eu pedi ao meu bondoso amigo dr. Nogueira Soares, o medico mais distincto e respeitado da villa, que me poupasse ao supplicio das amabilidades dos seus patricios, preferindo ao Club a atmosphera serena e luarenta, que envolvia cá fóra esta paysagem do Tamega. E pude evocar assim, apoiado ás guardas da velha ponte, a primeira recordação, que me prendeu a Amarante, quando ahi passei nas antigas diligencias do Porto a Traz-os-Montes.

Chegava-se á noite, á hora da ceia, uma ceia appetitosa e barata, como não havia em outra parte, da qual os passageiros *habitués* vinham já contando os prodigios, e para a qual os balanços da diligencia nos vinham tambem desde muito preparando.

A toalha estava limpa, fumegava a terrina da canja, o vinho verde patrio e genuino espumava, como um rubi fundido, nas canecas de faiança clara. E era um devorar, santo Deus, como se do Porto aqui houveramos jejuado os quarenta dias do Evangelho! Ainda então não se fallava no patife do Merlatti, nem do Succi, nem de todos os jejuadores que o diabo leve para si! O jejum conhecido era por tradição o do Christo, mas as ceias tinham, ainda mesmo nas hospedarias, o grato sabor patriarchal da comida á antiga portugueza. E a de Amarante era uma d'essas, a cruzado por cabeça!

Ia-se confortado para resistir aos frios do Marão, se era no pino do inverno, ou até para o subir a pé, alliviando assim a diligencia, que umas juntas de bois mettidas na Campeã, vinham ajudar a arrastar. Amarante, mercê d'essa concorrencia forçada, era então como que a chave de Traz-os-Montes e o vestibulo do Minho; progrediu e pôde recuperar as forças perdidas nas guerras de invasão e nas discordias civis. Hoje cessou o movimento que animava a pittoresca villa, e sentida do abalo, que o deslocamento d'esse movimento lhe causou, viu diminuir a sua importancia e riqueza, que só em novos elementos poderá procurar o genio activo e trabalhador dos seus habitantes.

Foi através d'esta saudade que eu comparei a Amarante de ha quinze annos com a Amarante hodierna, e Deus meu, até as hospedarias actuaes, onde morreu a tradição da fama antiga, me tornaram mais amarga essa lembrança agradavel.

*

* *

O Tamega divide quasi a meio o concelho de Amarante, o que nos facilita o descriptivo das excursões, que vamos intentar.

Principiamos pela zona da margem direita, e porque nos fica já á mão a estrada districtal 12 *bis,* que segue para Freixieiro, por ella vamos começar.

GATÃO é a primeira freguezia, que atravessamos nos seus logares de Paschoaes e Tardinhade. Deliciosamente situada sobre o formoso Tamega, que ao sopé da collina vae correndo, os seus terrenos de uma bella exposição e abeberados da humidade que vem do rio, são talvez no concelho a zona privilegiada do vinho verde de Amarante! Mas, infelizmente, chega pouco ao grande mercado o nectar de Gatão, de que só gosam por isso os eleitos da fortuna ou os provadores da localidade. O nome da freguezia, se não quer dizer *povoação do gato,* de *Càtton* arabe, provém do conde D. Gatão, senhor d'esta e outras terras em Portugal, o mesmo que povoou Astorga e descendente do rei godo Flavio Egica. Tudo isto póde muito bem ser ou deixar de ser assim, mas a Gatão actual pouco se importará tambem com essas origens fidalgas, que não tiram nem põem ás qualidades do seu delicioso vinho verde.

Do que mais ha para vêr em Gatão, além da egreja matriz que pouco interesse desperta, podia informar o leitor qualquer dos devotos da *Senhora do Vau,* cuja ermida, sobranceira ao Tamega, é por elles visitada no dia 15 de agosto. Verdade seja, que alguns nem na capella entram; ficam na romaria saboreando as sumarentas melancias frescas e o vinho avelludado de Gatão. Por isso tambem, ao cahir da tarde, é pancadaria de ferver entre esses devotos de Baccho e da Senhora do Vau. Um kilometro talvez a montante da capella póde o *touriste* atravessar o Tamega na barca de passagem de Varões, a mais firme e segura passagem do rio na distancia de alguns kilometros. A'nda hoje é importante o movimento n'esse ponto, apezar de não ser o que era antes da construcção da estrada n.º 33 do Porto a Villa Real pelo Marão. Passava então em Varões a estrada velha, e grande parte dos almocreves, que vinham da raia, os contrabandistas essencialmente, por ahi se dirigiam á Lixa, evitando a acção dos guardas fiscaes, mais intensiva em Amarante.

Como nota ultima de Gatão, devemos não esquecer que se é delicioso todo o seu vinho, distingue-se ainda assim o das colheitas da *casa de Meios,* pertencente ao ex.mo sr. Manuel Antonio da Cunha Brandão, e da *casa de*

AMARANTE

Paschoaes do ex.mo sr. Teixeira de Vasconcellos, deputado por Amarante na legislatura de 1887.

A Gatão esteve annexa antigamente a proxima freguezia de *VILLA GARCIA,* que outr'ora fez tambem parte do concelho de Celorico de Basto, da grande comarca de Guimarães, e cuja casa mais importante a ponto de absorver a maior parte das propriedades d'ella — é a casa da *Egreja,* solar dos viscondes de Villa Garcia.

Pouco ha mais para vêr. Os templos reduzem-se á singela e humilde egreja parochial e a uma pequena capella de Santo Amaro, que tem festa annual em janeiro.

Os curiosos de archeologia podem fazer excavações no monte do *Crasto,* onde se tem encontrado bastantes moedas romanas, e onde, conforme o nome o está dizendo, existiu uma fortificação romana de mais ou menos importancia. São afamados os pecegos e o vinho de Villa Garcia, do qual póde dizer-se o mesmo que do de Gatão.

A norte passa o ribeiro de Santa Anataria, que vem desaguar ao Tamega dentro dos limites da freguezia da *CHAPA,* onde é atravessado pela chamada *Ponte nova,* apezar de velha já, ponte de um só arco, fundação ao que parece do tempo de D. João III, e que liga a nova estrada districtal á parte da freguezia da Chapa situada além do ribeiro de Santa Anataria e á freguezia de S. Pedro de Aboim, antigamente *Abuil* ou *Santa Cruz de Abuil,* segundo consta de uma doação feita no anno 922 ao mosteiro de Crestuma. Corre em Aboim o pequeno rio de Moreira, que desagúa no de Santa Anataria junto da Ponte Nova, e é atravessado tambem por uma velha ponte de um só arco.

Esta freguezia de Aboim, como a sua visinha Chapa, além das producções agricolas, conserva tradicionalmente duas outras industrias lucrativas, taes vem a ser, a da serragem de madeira a braço ou nos engenhos de agua, e a venda da *lenha rachada,* de que fornecem toda a villa de Amarante. Lucrativas, dissemos, e para o demonstrar basta dizer que a materia prima é para elles gratuita, indo cortar os pinheiros nos extensos baldios, que delimitam o concelho com o de Celorico de Basto, concelho que, por ser já conhecido do leitor, deixamos n'este momento, voltando a Amarante para seguir a

ESTRADA DO PORTO

até ás alturas do tunnel da Tapada, e percorrer assim a linha de circumferencia occidental do concelho, recolhendo depois da estação de Villa Meã novamente a Amarante.

Breve deixa de se avistar a villa, notando-se apenas ao fundo do horisonte a grandiosa cortina do Marão. A estrada vae colleando ora por entre campos orlados de vinhas de enforcado, que formam a parte rural das freguezias de S. Gonçalo e S. Verissimo, ora pelos terrenos asperos das bouças de matto e pinhal.

Acompanha-nos á esquerda a pequena serra de S. Jorge, que divide Fregim das freguezias de Freixo, e pelo logar de Ramos principiamos a pisar o terreno da extensa freguezia de *TELLÕES*, cuja matriz parochial mais adiante havemos de encontrar.

«... como interessante curiosidade de archeologia artistica...» pag. 409

Atravessamos um riacho insignificante e uma ponte que o não é menos, a ponte do Pégo, onde ha todavia necessidade de parar, a fim de pagar a portagem de 160 réis.

Estamos roubados.

Mas que remedio senão abrir a bolsa a esse bandido do fisco, que nos sahe á estrada, para fazer cobrança tão indigna.

E depois um pontelhão ignobil!

Oh meus queridos oito vintens!

Mas tem talvez razão para ser exigente esse *Pégo* humilde de Tellões!

É elle que veiu substituir, na sua modesta singelesa, o grande viaducto de madeira e pedra, que ao lado ameaçava ruina, e que depois da ruina ainda ameaçou o bom senso! Ahi vae a historia. Depois de concluida esta pontesinha do Pégo trataram os agentes do governo de vender em hasta publica os materiaes do viaducto, antes de ser desmontado. O maior lanço da praça foi de 200$000 réis. Acharam pouco os agentes do governo e fizeram a desmontagem por conta propria. Lá vão n'isto 100$000 réis! Abrem nova praça com os dois lotes, em separado, da cantaria e da madeira. É esta arrematada por 100$000 réis e não apparece licitação sobre a primeira, que por alli ficou á mercê de quem a quiz roubar.

Um bello negocio para o estado o d'esses agentes no viaducto de Tellões.

Depois de passada a ponte começa a estrada a subir até á Lixa, ficando-nos á direita todo o grande valle de *Tellões,* cuja egreja se vê além, representando nas paredes, ennegrecidas pelo tempo, o antigo mosteiro

duplex de benedictinos, que ahi fundou no anno de 887 o famoso D. Rodrigo Forjaz, e do qual sahiram em 930 os monges, que foram povoar o mosteiro da Senhora da Oliveira, em Guimarães. Depois de ser *duplex* de benedictinos, foi povoado pelos cruzios, em razão de irem frades d'aquella ordem dirigir outros conventos instituidos por D. Affonso Henriques e D. Mafalda. Os cruzios demoraram-se até 1475, anno em que o mosteiro de Tellões foi annexado á collegiada de Guimarães. Na aldeia de Laboriz existia um vinculo da casa dos senhores de Felgueiras, ao qual pertencia a ermida da Senhora do Rosario, de muita devoção entre estes povos.

Bastantes casas mais ou menos notaveis existem em Tellões, mas d'entre ellas destaca modernamente o palacete do commendador Joaquim Leite de Carvalho, que por isso registramos em especial.

Tellões deu ha pouco que fallar de si com a originalidade da sua escola primaria, para a qual se disse que os rapazes e o mestre subiam por uma... corda! A *blague* teve no entanto um certo fundo de verdade; a escada do edificio estava ameaçando ruina e o sub-inspector escolar pedira a sua reparação.

Ao lado esquerdo da estrada surge-nos o valle de Freixo, dividido nas duas freguezias de:—*FREIXO DE BAIXO,* onde antigamente existiu um mosteiro de frades cruzios fundado em 1210 por D. Godinha, esposa de Egas Hermiges, o *Bravo*. Em 1540 doou-o D. João III aos frades dominicos de S. Gonçalo de Amarante, doação confirmada pelo papa Paulo III em 1542. É provavel mesmo, que os primeiros frades de Amarante tivessem ido d'este convento do Freixo, visto ser do mesmo periodo a doação e o estabelecimento do instituto amarantino.

N'esta freguezia de Freixo de Baixo existem duas casas antigas, uma a da *Faya,* pertencente hoje ao official superior de estado maior Fernando de Magalhães, outra a de Alvellos, ao visconde d'este titulo.

A freguezia de *FREIXO DE CIMA* é a que nos fica mais perto e cuja matriz vêmos ali ao fundo do valle. A ella pertence a esplanada de S. Gens, onde passamos, esplanada notavel menos pela sangrenta batalha que ahi se travou em 1834, depois do cêrco do Porto, do que pela sua concorrida feira mensal de gado e sobretudo pela sua feira annual de 8 de setembro, aonde concorrem todos os fabricantes de utensilios de lavoura e os oleiros da provincia, levando além das louças proprias para os usos domesticos, assobios, gaitas e pifanos de barro, que são o encanto do rapazio.

Ahi pois, como em nenhuma outra parte, póde o leitor estudar os curiosos typos de instrumentos agricolas, que o uso faz adoptar n'esta região accidentada, alguns dos quaes teem fórmas artisticas notaveis, além das qualidades uteis que os distinguem. Repare-se por exemplo n'esse carro

em fórma de lyra, tão forte e tão leve, que se reproduz na gravura de pag. 424 e vejam-se ainda as rodas que o movem, abertas em duas curvas, fazendo lembrar os carros celtas.

O mesmo poderia dizer-se das *monelhas* tão caracteristicas, que os bois usam na testa, servindo-lhes não só de enfeite, como de ponto de resistencia suave e commodo para as tracções violentas.

Originalissimo e muito digno de estudo!

Deixamos á direita a povoação da Lixa e proseguimos na estrada que vae delimitando os concelhos de Felgueiras e Louzada, com este de Amarante, onde quasi constantemente assenta o seu leito.

S. THIAGO DE FIGUEIRÓ é n'esta linha do percurso a primeira freguezia, que encontramos. Pertence desde 1855 ao concelho de Amarante, assim como a sua visinha *SANTA CHRISTINA DE FIGUEIRÓ,* pois ambas até ahi faziam parte do concelho de *Santa Cruz de Riba Tamega,* extincto n'esse anno.

Em Figueiró é a casa e quinta da Torre, solar dos Figueirós. Em ambas as freguezias corre o rio Odres, que vae desaguar no Tamega. O nome vem ás duas aldeias da antiga palavra portugueza *figairol,* mas não é de certo a ellas que se refere a mais antiga poesia da nossa lingua:

No figueiral figueiredo
No figueiral entrei,
Seis niñas encontrára
Seis niñas encontrey, etc.

A não ser que o leitor, em vesperas da Apparecida, que muito perto fica, se não imagine um *D. Guesto Ansures* estroncando qualquer ramo de figueira... não para bater moiros, de que hoje só resta a tradição no... fumeiro, mas para melhor ouvir com

La que a si fallára...

o fogo preso do arraial.

Descendo para sul, obriga-nos a *TRAVANCA* a um momento de descanço e de reflexões melancholicas sobre as vaidades e glorias mundanas. Quem ha-de hoje dizer, ao vêr as ruinas d'este vetustissimo convento, que a prosperidade d'este burgo representada pelos famosos DD. Abbades donatarios ruiu tão estrondosamente em poucos annos? Elles eram os senhores da Travanca, villa antiquissima, e do couto que a rodeiava, e o seu esplendor e poderio veiu através dos seculos, quasi até nós. Foi o convento fundado em 970 por D. Garcia Moniz, ficando elle e seus des-

cendentes os padroeiros do mosteiro. Para isto lhe deu seu pae D. Mousinho Viegas a sua granja da Travanca, segundo resa a escriptura respectiva:

« *Vobis filio meo, D. Garcia Diniz, licitum sit ab hac die in perpetuum... et possidere meam villam de Travanca cum terris ad se pertinentibus, ut ibi edificatis monasterium ad vestrum patronatum.* »

Morrendo D. Garcia, concluiu as obras seu filho D. Gascão, em 1002, mas a instituição da freguezia e couto é obra da rainha D. Thereza em 1120.

O convento da Travanca, depois de haver soffrido o saque dos vandalos modernos, é hoje, por assim dizer, uma ruina do que foi, e, mal ou bem, só a egreja, por ser a matriz parochial, se vae conservando, como testemunha e antiguidade do mosteiro. É formado de tres naves o templo, apresentando muitos lavores e figuras em relevo as grossas columnas sobre que poisam os vinte arcos de granito, que separam as naves entre si. A sachristia é sumptuosa devéras, e da torre diz a tradição que existia já antes de se construir a egreja, sendo n'essa epocha a torre de uma mesquita arabe. Assim ou não, a verdade é que o seu estylo architectonico differe muito do estylo gothico do templo.

Quasi sobre o tunnel da tapada de D. Luiz fica a freguezia da *OLIVEIRA,* cortada já pela via ferrea do Douro e visinha da parochia de *ATHAYDE,* cujo nome vem de um godo *Atanagildo,* que se diz havel-a fundado em meiados do seculo VI. Além das feiras mensaes que se fazem na freguezia e das annuaes no dia de Santa Luzia e 20 de janeiro, Athayde é conhecida de todos os povos dos arredores por causa da sua ermida da Senhora da Natividade ou Senhora do Pinheiro, por elles muito festejada.

Apezar do zelo religioso de Athayde não confie o leitor demasiadamente n'essas almas credulas e piedosas. Quer vêr um annuncio extraordinario, que vem comprovar o que lhe digo?

PREVENÇÃO

No dia 19 do corrente houve uma procissão de penitencia na freguezia de Athayde, concelho de Amarante, na qual foram roubados a Nossa Senhora das Dôres, depois da procissão, um par de brincos d'ouro e uma medalha com a inicial A, etc., etc.

(Jornal de Penafiel).

Que bella penitencia!

A tradição refere que na ermida da Senhora do Pinheiro, de que fallamos, houve antigamente um hospital sustentado pelos senhores da *Honra de Barbosa,* de Penafiel, hoje representados pelo ex.mo sr. D. Miguel Vaz Guedes de Athayde, residente na Regoa. Apenas se notam os vestigios d'essa edificação.

O rio de Odres separa esta freguezia de Athayde da maior parte da proxima freguezia de *REAL,* em cujo lugar de *Villa Meã de Baixo* fica situada a estação da via ferrea do Douro, que serve a villa de Amarante.

Tendo por vezes fallado no extincto concelho de Santa Cruz de Riba Tamega cumpre dizer agora, que a sua séde foi n'este lugar de Villa Meã, existindo ainda ahi ha pouco a casa da camara, cadeia e pelourinho, que serviram até 1855, data da extincção do concelho. D. Manuel deu-lhe foral em 1 de setembro de 1513.

O foral de Santa Cruz de Riba Tamega comprehendia as seguintes terras: Castellãos, Athayde de S. Pedro, Cahide de Rei, Constance, Ermida, Figueiró de Santa Christina, Louredo, Oliveira de Sampaio, Recezinhos, Real, Sansinhos, Travanca e Villa Cahiz.

O concelho pertenceu á provedoria de Guimarães até 1776, data em que, por uma provisão de el-rei D. José, passou para a comarca de Penafiel.

Uma outra curiosidade funebre resta d'esse tempo; são as duas columnas em que se erguia a *forca* de Villa Meã, e que a nossa gravura de pag. 409 representa. Quem do Porto segue na via ferrea do Douro, encontra ainda á esquerda da linha, e ao approximar do viaducto de Villa Meã, a um kilometro, quando muito, da estação, esse monumento ignominioso do passado, no alto de uma collina onde apenas rasteja a urze. E dir-se-hia que pesa ainda n'esse escalvado cerro todo o horror das mortes afflictivas, tal é a sua desolação em contraste com a frescura dos valles que se estendem perto.

Villa Meã, se não tem hoje a importancia da séde de concelho, nem por isso se encontra em peiores condições de vitalidade, podendo mesmo dizer-se talvez que é superior para ella o dia de hoje ao dia de hontem, e que ha de recuperar, senão mesmo exceder, dentro de poucos annos, a sua prosperidade antiga.

Servida pela estação do caminho de ferro, serve todo o concelho de Amarante, e o movimento de diligencias e de hoteis adquire aqui toda a sua importancia, a par da qual vem a edificação de novos predios, a fundação de estabelecimentos commerciaes, tudo o que póde emfim desenvolver o fomento de uma terra.

Além d'isto, que é importante, a industria estabeleceu aqui tambem

AZENHAS DE MOROLEIROS, NO TAMEGA — *Desenho do natural por João de Almeida*

a sua tenda de combate, e é consideravel já a exportação para o Brazil da palha de milho preparada para mortalhas de cigarro.

Seguindo de

VILLA MEÃ PARA AMARANTE

e deixando á direita a quinta do antigo deputado e coronel de estado maior Nogueira Soares, atravessamos logo o rio de Odres, onde se paga o vexatorio imposto de portagem, e vamos depois seguindo os torcicollos da estrada através um valle fertilissimo e risonho.

Sobe-se já, lentamente.

O pinhal substitue os vergeis opulentos de arvoredo, mas como nos elevamos, logo adiante da capella da casa de Carvalho os olhos avistam na baixa, quasi em frente, a estação de Villa Meã, mais ao longe o viaducto da linha, atraz da encosta a aldeia de Athayde. Arida é agora de um e outro lado a paysagem, effeito que logo é destruido pela vista do valle, em que a egreja de *Real,* talvez a mais rica do concelho, se levanta por entre os campos de milho apertados nas vinhas de enforcado e nos pinhaes sombrios. Ao longe recortam-se no azul as cumiadas da serra da Gralheira.

Aquem está, sobre a nossa direita, o monte de Santa Cruz, que deu o titulo ao antigo concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, coroado pela ermida e pelos vestigios de uma velha fortaleza. É delicioso o panorama que se descobre de lá, tanto para este lado em que vamos, como para a bacia do Tamega, em que assentam as povoações de *VILLA CAHIZ* e *PASSINHOS,* duas freguezias civilmente annexadas, embora religiosamente independentes. Foi Villa Cahiz *couto* e *honra* do antigo concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, em cuja carta de foral vem notada, pertencendo o senhorio da *honra* aos condes de Unhão, que a venderam depois. Os donatarios tiveram aqui o seu palacete e solar na *Pena,* hoje propriedade particular.

Os principaes edificios d'esta parochia são: a casa de Cimo de Villa, onde viveu e morreu o capitão-mór do extincto concelho; a da Pena, já mencionada, e a do sr. Moreira Mattos, em Coura.

A egreja parochial é um templo regular e bem tratado, sendo a sua construcção do seculo XVIII. Na aldeia de Coura existe tambem uma capella dedicada a S. Pedro, e extremando o concelho com o do Marco eleva-se em um vistoso pincaro a capella de *Nossa Senhora da Graça,* sanctuario cuja origem se ignora, sabendo-se apenas que tivera eremitas em tempos affastados, não os tendo já, porém, em 1721, por o não permittirem os arcebispos de Braga. N'esse anno, diz o *Sanctuario Marianno,* que

a egreja era bonita e tinha uma galilé elegante, mostrando haver sido reconstruida já. Em nossos tempos cahiu a ermida em abandono, de que veiu tiral-a modernamente o padre Antonio Augusto Pinto de Magalhães, conseguindo pelos seus esforços realisar uma transformação completa da vetusta ermida, a ponto de fazer d'ella um dos mais bellos sanctuarios do Minho. Villa Cahiz, cujo nome parece vir da palavra antiga *cahiz* ou *cafiz*, medida para cereaes, se é que não vem da palavra arabe *Kaïd*, teve até 1835 casa da camara, cadeia e pelourinho, existindo ainda os dois ultimos testemunhos da sua vida de *honra*. No monte das Costeiras, sobranceiro ao Tamega, existe um penedo denominado da *Moura*, [1] que é naturalmente algum *dolmen* ou *menhir* arruinado.

Carro de bois usado no concelho de Amarante

Depois d'esta divagação por Villa Cahiz e da volta por *LOUREDO*, que é tanto sua visinha, como da estrada em que vamos proseguindo, entramos nos limites de *MANCELLOS*, atravessando logo de entrada o seu importante lugar de *Manhufe*, nos principios do seculo apenas celebre pela batalha ahi ferida no tempo da invasão franceza, mas que de então para cá tem tomado um incremento extraordinario, apresentando boas propriedades rusticas, erigindo uma capella a S. Sebastião, onde todos os domingos se diz missa, creando estalagens e tavernas, onde poisam os almocreves que vem da raia. Estende-se o lugar nas faldas dos montes de Crasto e Lameira Velha e domina quasi toda a freguezia.

O terreno é productivo, e boa e agradavel a indole do povo de Manhufe, apezar de, quando é preciso, saber justificar o nome arabe que tem de sua origem. Manhufe quer dizer pouco mais ou menos *sacudir*, e ainda é da lembrança de muitos contemporaneos, como os de Manhufe sacudiram em 1846 um troço das tropas do Concha, que havia desrespeitado uma das mais consideradas familias do lugar.

No valle que nos fica á esquerda, situado nas vertentes da serra de Agua e Leite, levanta-se a egreja parochial de Mancellos, templo que foi

[1] Tambem lhe chamam *lagar dos mouros* por ter sido cavado como um lagar.

de um mosteiro benedictino instituido em 1110 por Mendo Gonçalves da Fonseca e sua mulher D. Maria Paes Tavares, e ao qual D. Sancho I concedeu em 1200 a isenção do pagamento da colheita do rei, privilegio ao depois confirmado em Guimarães por D. Affonso II, sua mulher e filhos. Em 1540 o convento, já então de cruzios, foi por D. João III doado ao mosteiro de S. Gonçalo de Amarante. Mancellos foi antigamente villa, a que D. Sancho II deu foral. N'esta freguezia é a casa da Costa, do visconde d'este titulo, que além se avista na collina.

Descemos para Amarante.

Passamos em frente da abandonada capella de Pidre, e, breve, no modesto lugarejo d'este nome, onde existe apenas uma duzia de casas sem valor.

A estrada é um encanto de vegetação. As carvalheiras, os pinhaes, as vinhas, os campos de semeadura, succedem-se ininterruptamente. Ha depois um intervallo de sinistra aridez, com as lendas de roubos e assassinatos da serra de Pidre, uma bella commoção artistica para cortar os enthusiasmos da paysagem.

Mas vão passados os sustos, os mattagaes espessos rareiam, o azul sorri de novo ao chegar a esta encantadora *FREGIM,* deliciosamente espalhada por entre os meandros virentes da planicie.

As oliveiras, as vinhas, as macieiras de rosado fructo orlam por toda a parte os caminhos. Passam-se as casas da Lage, do Souto, da Cidreira, da Capella, e o arvoredo basto encobre o horisonte. Depois é um expandir alegre da vegetação, da riqueza, da bucolica virgiliana. O milho está loiro nos campos, as carvalheiras formam nos soutos retiros de frescura, os pecegos avelludados pendem dos ramos esguios, as ameixas brilham na sua luzente epiderme de roxo amethista, nas vinhas principiam a amadurecer os cachos pequenos e unidos.

Monelhas usadas no concelho de Amarante

E assim atravessamos a Pousada, onde está a bella casa do ex.mo sr. Manuel Monteiro, e assim subimos até ao lugar da Praia. Em seguida apparece-nos o cruzeiro de S. Verissimo, e, logo á esquerda, surge por entre as hortas e pomares dos quintaes a villa de Amarante, a princeza gentil do Tamega, como dizem os velhos chronistas de bom gosto.

Se um pouco antes, porém, o *touriste* quizer dispensar as commodidades da estrada e descer de Fregim para Amarante pelo caminho da *Burgada* a S. Verissimo, a extraordinaria belleza do horisonte indemni-

sa-o bem da commodidade que perdeu. Ahi se colloca, por assim dizer, em fóco, para poder abraçar com a vista todo o panorama de Amarante, comprehendendo as duas partes da villa entre si ligadas pela ponte, e que de mais perto não podem vêr-se por causa da curva do Tamega, que as esconde. Um enlevo o quadro que se vê d'estas alturas da Burgada, quadro onde a agua e a vegetação opulenta se dão as mais variadas cambiantes para formarem á villa como que um berço phantastico de esmeraldas e de luz, berço de princeza coroado pelas grinaldas de ouro dos castanheiros em flôr.

*

* *

Proseguindo nas excursões através do concelho é agora a vez de conhecermos de perto a zona extensa, que fica além do Tamega.

Pouco depois de sahir da ponte vem confundir se duas freguezias, que outr'ora representavam, como dissemos já, dois concelhos differentes. O da direita, ou de Gouveia, hoje atravessado em grande parte pela estrada districtal que vae a Marco de Canavezes, através do fertilissimo valle d'entre Ovelha e Tamega, tinha a séde das suas justiças n'este lugar de *SANTA MARIA DE CEPELLOS,* denominado o *Covêllo,* que desde a ponte se estende até ao ribeiro do Arquinho. Ainda existe hoje transformada em um vasto armazem de mercearia a casa da camara d'esse antigo concelho de Gouveia, a que D. Manuel deu foral em 22 de novembro de 1513. Notam-se ainda tambem ahi, ao pé de uma fonte, os restos de uma antiga albergaria, que fôra instituida e dotada por D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques. Não deve confundir-se, porém, esta séde do extincto concelho de Gouveia, com a freguezia de Gouveia (S. Simão), d'onde talvez viesse o nome ao concelho, mas que é completamente independente, como adiante veremos. O foral de D. Manuel mesmo, não parece abrangel-a, pois trata apenas das seguintes terras:—Bocaya, Bomba, Font'arcada, Louredo, Lourosa, Mirelhe, Mós, Lomba, S. Salvador e Viveiros, das quaes só hoje duas são freguezias e vem a ser *SALVADOR DO MONTE,* em cujos lugares da Folgosa e Folgoso passa a estrada districtal, e *LOMBA,* cuja egreja parochial está mais proxima do rio Ovelha que do Tamega, distando de Amarante uns dois kilometros para nascente. É n'esta freguezia que está situada a chamada fabrica de Padornello, da qual daremos adiante noticia mais circumstanciada.

No tempo em que o padre Carvalho publicou a sua *Chorographia* —1706—o concelho de Gouveia compunha-se, além de Cepellos, de mais as seguintes freguezias: Lomba, Salvador do Monte, S. Martinho da Ali-

viada, Santo André de Varzea de Ovelha, S. João da Folhada e S. Simão de Gouveia.

Assim elucidado o leitor sobre esta parte do antigo concelho de Gouveia, que principia ao sahir a ponte de Amarante, cumpre dizer-lhe tambem qual a freguezia ou freguezias, que sobre o lado esquerdo representavam o antigo concelho de Gestaço. A séde era na actual freguezia de *SANTA MARIA MAGDALENA,* que principia para além do Arquinho. Ainda hoje se conserva transformada em habitação particular a casa que serviu ás repartições publicas d'esse extincto concelho, a que D. Manuel deu foral em 15 de maio de 1514. O primeiro senhor de Gestaço foi o infante D. Pedro, conde de Barcellos e auctor do *Livro das Linhagens.* Como não teve successores vagou o senhorio para a corôa, e d'este fez D. João I mercê a Gil Vasques da Cunha, pae do Agostim, um dos doze de Inglaterra, e ascendente do famoso Tristão da Cunha.

Ao extincto concelho de Gestaço pertenciam, entre outras, as freguezias de: *LUFREI,* onde existiu um antigo mosteiro de freiras bentas, supprimido no seculo XVI, passando as religiosas para o convento da Ave Maria, no Porto.—*VILLA CHÃ DO MARÃO,* meeira com Lufrei pelo seu lugar da Motta, onde teve uma quinta importante o fidalgo asturiano *Mem Gondar,* companheiro do conde D. Henrique, e cujos descendentes tomaram da quinta mencionada o appellido de *Mottas,* sendo o primeiro a usal-o Ruy Gomes de Gondar da Motta, no tempo de D. Affonso II, por haver fixado n'essa quinta a sua residencia solarenga.

Villa Chã do Marão, posto não possua edificios que a recommendem, pois á egreja matriz de 1600, e a duas capellas particulares, a de S. Bento na povoação de Ribas e a de Santo Antonio na quinta do Rio, está reduzida a lista das suas grandezas architectonicas, teve bastantes casas dignas de menção, como foram as da Lama, de Sandrigo, do Paço, da Lage, de Santa Eulalia, do Burgo, e a do Rio, que lhe deram uma certa importancia, mas que mais ou menos desappareceram por divisões successivas, ou má administração.

Tem por egual as tradições de patriotismo exaltado, ou seja rememorando o nome dos seus valentes filhos Gavião Pessoa e Moura Coutinho, campeões denodados da independencia nos tristes dias da invasão franceza, ou seja relembrando os feitos da turba anonyma, que tão corajosa defesa empregou no valle ainda hoje chamado *dos Francezes,* que estes tiveram de fazer outro caminho, não affrontando a passagem por Villa Chã.

A freguezia é atravessada pela estrada districtal n.º 12 na parte marginal do Tamega até á confluencia d'este rio com o Ollo. Esta estrada

serve a parte baixa da freguezia chamada *Ribeira de Baixo,* a qual comprehende varios lugares como Novios, Ribeira, Cadafar, Santa Eulalia, etc., e servirá a futura estação do caminho de ferro do Valle do Tamega que se projecta ficar a cavalleiro da nova ponte do Ollo, ponte de cantaria, com tres arcos, construida poucos metros acima da foz do rio.

A parte alta e o centro da freguezia são servidos pela nova estrada municipal de Amarante aos fornos da cal da freguezia de Canadello, estrada que serve ainda uma grande parte da freguezia de Lufrei e o lugar da Motta, meeiro ás duas.

Entre Ollo e Tamega assenta a freguezia de *FRIDÃO,* fazendo face á parte marginal da freguezia de Villa Chã (que é a maior parte da Ribeira de Baixo em que já fallei), e pelo lado do Tamega aos lugares de S. Martinho da freguezia de Gatão, e Villa Pouca da freguezia da Chapa, do que já démos noticia.

Ha n'esta freguezia uma casa antiga importante, que possue mais de metade dos melhores terrenos da freguezia. Pertence hoje ao conselheiro Joaquim Nogueira Soares Vieira. É a casa das Chouzas.

Tem a freguezia de Fridão, assim como todas as freguezias das abas do Marão, grandissimos baldios, o que dá aqui lugar a uma pequena industria. É o transporte da carqueja e da *urguella* ou urze da serra da Meia Via para Amarante por uma magra quantia de 40 réis a 120 réis o maximo, que, apezar de tudo, é a receita mais importante e mais certa da gente pobre da freguezia. A serra da Meia Via, que sé estende de Fridão a Rebordello e do Tamega ao Ollo, é abundantissima em lenhas.

Dada por esta fórma uma noticia succinta do que á direita e á esquerda d'esta porção da villa áquem Tamega encontramos modernamente, vamos emprehender agora uma excursão até ás proximidades das faldas do Marão, levando como fito a antiga *Honra de Ovelha.*

*

* *

É manhã.

No largo do Principe Real entramos em uma *victoria,* eu, João de Almeida e Constantino Alvim, um bello e profundo espirito, a quem préso desde os bancos escolares e hoje um engenheiro distincto da repartição de minas.

Logo ao sahir a rua do Cabo prende-nos a attenção uma arvore altiva e secular, que fica dentro de um campo.

—É o cedro da *Capadeira*—informou Alvim—esgalhou-o um raio aqui ha tempos, mas eleva-se ainda erecto, firme, ameaçando o ceu com

essa unica fronde que lhe resta. Almeida encarregou-se de fazer na volta um *croquis,* de que sahiu a gravura com que se abre este capitulo de Amarante.

A estrada infunde melancholia, tem o horisonte estreito, faltam nos campos as redouças de vegetação, que caracterisam o Minho. Adivinha-se uma outra provincia de solo mais aspero, de contornos mais duros.

Ponte e pelourinho de Ovelha — Desenho do natural por João de Almeida

Vamos subindo.

—Além está o *pinheiro dourado*—diz o Alvim apontando á direita um pinheiro manso, com a rama quasi de ouro, quando o sol o illumina. Parece uma arvore doente, ou uma variedade adquirida depois de uma doença, visto que ao lado nascem outros pinheiros já com a mesma coloração.

O povo explica o phenomeno por outros motivos. Ha por ali grande abundancia de ouro enterrado pelos mouros e as raizes da arvore mergulham até esse encantado thesouro. D'ahi excavações brutaes, feitas de quando em quando, sem outro resultado, é claro, mais do que contribuir para roubar a seiva á arvore e causar-lhe em consequencia essa coloração amarellenta.

Desce a estrada em frente de *Padornello,* que reservamos para conhecer mais de perto, e breve passamos tambem em frente da casa de D. Loba, cuja lenda citaremos ao tratar d'essa freguezia, visto que a ella pertence o visinho lugar da Torre. Sobre o rio Ovelha atravessamos depois a ponte de Larim, já dos dominios de *GONDAR,* cuja matriz parochial, ennegrecida pelo tempo, vêmos á esquerda na encosta, meio escondida entre os carvalhos. É ella que representa o antigo convento de freiras benedictinas, a que se reuniam para os *capitulos* as freiras de Lufrei, visto n'esses tempos não haver ainda a clausura rigorosa.

Foi na freguezia o solar dos Gondares, procedentes de Mem Gondar, companheiro do conde D. Henrique, e d'ahi lhe veiu o nome que ainda hoje conserva.

Pouco adiante temos que deixar a estrada que nos levaria, ainda dentro dos limites do concelho, até ás freguezias de *ANCIÃES,* situada em uma ravina do Marão, onde existem umas excellentes aguas ferreas, no sitio do Ramalhoso e d'onde apenas se descobre *CANDOMIL* ou *Candemil,* berço do grande orador dr. Antonio Candido, cujos vôos de eloquencia e syntheses luminosas só podem comparar-se ao rasgado alor das aguias, que de sobre estes pincaros da montanha, quasi tocando no azul, vêem serenamente os horisontes que se dilatam no espaço e as efflorescencias da paysagem accidentada que se encontra nos valles.

Deixando, pois, a estrada, descemos em um declive rapido até á velha ponte do rio de *VARZEA,* pobre e fria terra do Marão, que o povo chama *S. Vicencio,* não sei porque motivo, visto ser S. João o orago da freguezia. O lugar da Varzea pertence propriamente á Aboadella.

Após meia hora de caminho rural, chegamos á ponte de *Ovelha, honra* antiga e antiquissima *behetria,* que ora pertence á freguezia da *ABOADELLA,* invertendo-se por esta fórma as antigas relações administrativas, visto que da *Honra de Ovelha* fazia outr'ora parte a freguezia da *Aboadella* e mais ainda a de *CANADELLO,* que ao norte se encontra na estrada do Ermello para Amarante, cortada pelo rio Ollo.

Ha de notavel em Canadello a industria da preparação de cal, sendo esta de optima qualidade, não tanto pela excellencia do fabrico, como pela natureza do calcareo, extrahido de uma pequena mancha encravada entre os schistos do Marão. Esta industria assegura um largo futuro á freguezia depois da conclusão da estrada municipal, e de um ramal que a deve fazer communicar com a estação de Novios ou Villa Chã.

Nada tem Ovelha de notavel a não ser a sua muita antiguidade, a qual se prova por ter sido em tempos remotissimos uma das *behetrias* do reino, palavra que designa uma especie de agrupamento livre que os povos

formavam entre si para defeza do direito territorial contra a invasão do poder dos Coutos e Honras do periodo feudal. «As Behetrias — diz o sr. Theophilo Braga — escolhiam o seu chefe e a sua existencia manteve-se na peninsula até aos fins do seculo XVI, quando o poder monarchico se tornou absoluto. A Behetria compunha-se de casaes e villares espalhados por um territorio, nos quaes habitavam as familias collateraes da familia gentilica, bem como os ambactos ou clientes, os estranhos recebidos segundo o costume hispanico, os homens de officio como ferreiros, moleiros, os escravos, os soldurios ou devotados por fidelidade ao chefe da Behetria, morrendo com elle segundo a *celtiberica fides* votada por Cesar tambem entre os Aquitanios. O centro da behetria era um monticulo natural ou artificial, *croa, arca (de arx)* ou *castro* (de latim *castrum),* segundo as designações dadas pelas differentes raças historicas, que se succederam na peninsula. O vinculo moral da behetria era o sanctuario commum no alto do castro fortificado, onde existia o poço que servia de celleiro, e onde os chefes de familia faziam a sua assembléa ao ar livre ou *malhom,* de cujo costume ficaram os *homens bons* e os concelhos, etc.» «Sem o conhecimento das behetrias celtibericas — accrescenta o erudito escriptor — é impossivel explicar a força e organisação dos concelhos ou *ayuntamientos,* os caracteres do direito consuetudinario dos foraes ou *fueros,* e o desenvolvimento de uma classe popular de homens livres, a que os arabes deram o nome de *mosarabes* e bem assim o modo de transformação dos municipios.» Occorreram-me estas palavras de tão respeitada auctoridade ao contemplar de perto a modesta, mas gloriosa Ovelha do Marão, diante da qual o meu espirito sentiu a impressão estranha, que sente quem vê na escura noite caliginosa um facho brilhante illuminando a treva.

E facho de liberdade era esse, que ao accender-se no *croa* da Behetria, illuminava a consciencia politica dos povos mergulhados na escuridão do direito.

A pobre Ovelha do Marão soffreu a sorte dos acontecimentos, como as outras behetrias da peninsula, e vêmol-a por isso já dominada por D. Sancho I, no foral que em 1196 deu ao Hermello e a *Ovelhinha,* onde se determina que «cada casal pague por anno seis *ferros* [1] para a corôa.» Confirmou D. Affonso II este foral em 1212 e D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa a 3 de junho de 1514.

Com estes privilegios de villa e couto, ou *Honra,* chegou até nossos dias a Ovelhinha, apresentando ainda os traços d'essa nobreza nos monu-

[1] Não se sabe hoje com certeza no que consistia esse imposto que se suppõe ser ou em barras de ferro ou ferraduras, e que só se pagava nas terras que lavravam minas d'esse metal, como succedia aqui no Marão, onde ha ao presente ainda muitos vestigios de exploração mineira.

mentos antigos que ahi existem. A nossa gravura de pag. 429, tirada de proximo do rio, reproduz a ponte e o pelourinho da Honra de Ovelha e um cruzeiro que data de 1620, vendo-se ainda parte da estreita rua de caracter antigo, que sobe até á egreja, tão occulta lá no alto por entre as carvalheiras seculares, que mal se avista da ponte.

Casa de D. Loba
Desenho de
João de Almeida

É fertil esta ribeira de Ovelha, e se não fôra—dizia-nos um lavrador que estava colhendo o pendão do milho para o gado—aquelle diabo do Marão que atira para cá um vento que sécca tudo e prostra o milhão, não havia varzea melhor por estes sitios.

D'aquem da ponte a freguezia mais visinha de Ovelha é a de *SANCHE,* ou *Santo Izidoro,* ha pouco tempo ainda notavel pela sua festa de S. Lourenço; mas de ha seis annos para cá veiu o *Coração de Maria* supplantar a popularidade do santo, e hoje, ou se não faz ou é insignificante a sua festa. Ao norte de Sanche e no traçado da estrada de Fridão a Mondim de Basto fica a pequena parochia de *REBORDELLO,* até ao anno de 1853 pertencente ao concelho de Celorico. Em 1886 foi a camara de Amarante auctorisada a estabelecer por tres annos, no seu lugar de Cortinhas, uma escola mixta de ensino primario elementar.

*
* *

Depois de havermos descançado em Amarante, tendo n'este ensejo occasião de alugar cavallos que nos levassem á serra da Aboboreira e d'ahi ao concelho de Baião, partimos de madrugada, sendo-nos obsequioso guia e companheiro amavel para essa excursão á Aboboreira, Sebastião Nogueira Soares, amigo a quem devo a correcção de muitas inexactidões que a principio enxameavam por este capitulo.

Breve nos amanheceu em *PADRONELLO,* ou *Padornello* (a palavra é diminutiva de *padrão,* alludindo-se talvez a algum marco milliario da estrada romana que por aqui passava), e posto não fosse ainda manhã nada, tivemos occasião de apreciar a actividade industrial d'esta laboriosa povoação, que se muito deve á *Fabrica de lanificios* que veiu aqui installar-se em 1859, aproveitando a agua do rio Ovelha (ou de Ruy Mendes, assim n'este sitio é chamado), como principal motor, não menos deve ao

genio trabalhador dos seus habitantes, visto não ser na fabrica sómente que se occupa a gente de Padronello. Numerosos teares estão estabelecidos nas aldeias da freguezia, e a industria da panificação está por tal fórma espalhada e acreditada tambem, que se consideram os de Padronello, como os verdadeiros padeiros de Amarante. Á freguezia pertence, como dissemos, o lugar da Torre, onde existe a ruina de uma, que foi casa solar de D. Loba Mendes, filha de Mem de Gondar, e mulher de Diogo Bravo, de Riba Minho. Era senhora rica e piedosa e deixou muitas rendas ao convento de S. Gonçalo de Amarante, com a obrigação de se dar em todos os dias do anno esmola aos pobres que se apresentassem á portaria, legado que se cumpriu até 1834. O povo transformou em lenda esta caridade de D. Loba, tecendo na sua imaginação singela uma reconstrucção phantasiosa, em que aproveitou o nome da filha de Mem Ruy, a sua torre em ruinas, e a intervenção do S. Gonçalo.

Segundo a lenda era avara dos seus thesouros D. Loba, pouco caritativa e orgulhosa, e d'ahi o seu nome pouco sympathico. Os seus cães ladravam sempre aos pobres que batiam á porta do solar e por esta fórma hospitaleira receberam tambem o santo, um dia em que elle foi pedir a D. Loba que o auxiliasse na fundação da ponte sobre o Tamega. Mas por que estivesse de bom humor n'esse dia. permittiu D. Loba que o eremita se approximasse e fizesse o seu pedido. S. Gonçalo, vendo então numerosos bois nas pastagens do solar e precisando d'elles para conduzir a pedra para a ponte, pediu a D. Loba um fio da estriga da sua roca e a respectiva licença para com esse modesto fio jungir os animaes de que precisava para obra tão meritoria.

D. Loba riu da extravagancia e concedeu a permissão, que lhe não parecia arriscada, mas grande foi o seu espanto, quando viu que o fio se transformava milagrosamente em corda nas mãos do eremita, que desde então considerou como um enviado de Deus.

N'este contar da lenda fomos atravessando Padronello, e o assombrado lugar do *Cavallinho,* de Gondar, onde se fazem duas importantes feiras de gado, a 12 e a 28 de cada mez. Á mesma freguezia pertence mais adiante o lugar de *Villa Sêcca* ou *Panelleiros*, assim chamado por causa da profissão dos seus moradores, que se entregam aos trabalhos de olaria grosseira. Como prova lá se via o respirar das *soengas* ou fornos, espalhando o fumo pelas quebradas tristes do lugar. Sobre a esquerda, em um plató affastado, vê-se a importante casa da Barroca, pertencente á familia Cunha Brochado.

Á margem do rio Ovelha, quasi n'estas alturas, fica á nossa direita a freguezia de *JAZENTE,* onde existiu um antiquissimo convento de frei-

ras bentas, funccionando ainda em 1458, como se deprehende da ordem que para aqui enviou por incorrigivel a freira Maria Rodrigues, do convento de Recião. Foi abbade de Jazente o poeta satyrico Paulino Cabral de Vasconcellos, que floresceu no fim do seculo XVIII.

Com Jazente, e seguindo o curso do Ovelha, confina pelo sul a freguezia de *S. SIMÃO DE GOUVEIA,* d'onde veiu talvez o nome do extincto concelho de Gouveia, de que démos noticia; talvez, adduzimos, por que S. Simão pertenceu em tempos antigos a Cepellos, embora ha perto de 200 annos forme uma parochia independente, como aliás o fôra tambem já no tempo do conde D. Henrique. Pertenceu em 1840 ao concelho de Soalhães, passou depois ao do Marco e só depois de 1853 veiu fazer parte de Amarante.

Deixando dentro de pouco a estrada de Mezão Frio, em que vinhamos subindo, atravessamos *CARVALHO DE REI* pelo seu fresco lugar de Roboreda, onde temos occasião e o prazer de admirar uns formosos soutos de castanheiros, vestindo as quebradas da montanha.

Em Carvalho de Rei ha para vêr uma curiosidade natural, chamada *Lagôa do olho marinho* ou *Olheira,* cujo nome está indicando a existencia de um pégo ou poço profundo, que o povo julga credulamente ter communicação com o mar. Não passamos n'essa direcção e por isso não podemos dizer se vale a fama que se apregoa.

Seguindo no caminho da serra atravessamos o lugar de *Travanca do Monte,* pertencente á freguezia de *BUSTELLO,* cuja matriz parochial fica na vertente da montanha fronteira, estando por isso o lugar referido como que encravado em terreno de Carvalho de Rei.

Entre as duas freguezias e os Padrões da Teixeira fica no alto a freguezia de *CARNEIRO,* cujo nome provém de haver aqui estabelecido a sua residencia Martim Carneiro, monteiro-mór de D. João II.

Toda a vegetação cessou emfim. A ultima povoação fica-nos já a distancia, e em plena serra da Aboboreira, no vasto plató denominado a Chã de Parada, nós encontramos a lendaria *casa dos mouros* ou *dolmen,* cujo desenho se representa na gravura de pag. 405.

A situação do dolmen é sobre um tumulo ou monticulo de terreno, havendo muito proximo, na mesma linha, duas outras mamôas, em uma das quaes especialmente se notam evidentes vestigios da existencia de outro dolmen. O que a nossa gravura representa está ainda muito regularmente conservado, não obstante as *procuras de thesouros,* com que os lavradores das proximidades o teem damnificado. Consta de nove pedras, incluindo a cobertura, e tem mais cinco do lado esquerdo e tres do lado direito da entrada, que é, como de costume, voltada a oriente.

A situação d'este dolmen e mamôas é, como dissemos, em um vasto plató da serra da Aboboreira, plató que bem poderia comparar-se a uma bacia primitiva, cujos relevos plutonicos são formados a occidente pelo agglomerado de penedias, chamado pelo povo *as meninas do crasto,* e por uma outra aggregação denominada o *Castanheiro excommungado* ou *Lapa das eguas,* que delimitam, por assim dizer, os tres concelhos de Amarante, Marco e Baião, tendo n'este ultimo de voltar a fazer referencias a este plató prehistorico. A sensação que se experimenta n'esta altitude de 1:002 metros acima do nivel do mar, com o espirito commovido diante d'estes vestigios de uma raça extincta, apenas vivendo nas lendas e nos seus monumentos cyclopicos, não póde a palavra traduzil-a, a quem a não experimentou ainda. Mas essa atmosphera virgem e silenciosa da serra, o vento que sopra fresco como que impregnando de neve a resteva humilde, a rocha calcinada e núa desafiando o ceu e ameaçando a terra, parece que nos segredam um cantico selvagem de força e de graça, onde se levanta o primeiro e inimitavel grito do homem dominando a terra, e do amor dominando o homem.

Mas toda esta poesia—ahi vou eu, leitor amigo, cahir na prosa vil das coisas chatas—não póde sustentar-se muito tempo na tensão artistica do cerebro, porque as manhãs são frias sempre no alto da montanha, e madrugadas como esta que traziamos de Amarante aguçam extraordinariamente o appetite.

Ora é de crêr, que não achariamos no *dolmen* com que satisfazer essa prosaica necessidade do estomago! As mouras, se lá vivem encantadas, não estiveram para se incommodar por nossa causa, e bem teriamos de aguentar ainda algumas leguas em jejum, se o Nogueira Soares, homem positivo e previdente, não tivera por elle e por nós pensado n'esta, aliás imprescindivel, circumstancia do almoço.

Fizemos-lhe, pois, as honras devidamente com os dentes e com a palavra; o ar da serra é mil vezes superior a todas as mostardas inglezas, e o vinho da colheita de Nogueira Soares tinha o sabor fresco e picante, a *agulha* inestimavel e preciosa que faria resuscitar os nervos palatinos de um morto, ainda mesmo que não fosse no alto da Aboboreira, á sombra das seculares pedras de um dolmen, onde o vinho de Amarante brindou pelos avós celtas, a quem vinhamos em saudade visitar.

*
* *

Mais agricola do que industrial, o concelho de Amarante, tão conhecido pelos seus famosos vinhos verdes, deveu parte da sua prosperidade

á sua situação geographica, que, por assim dizer, o tornava a chave do Minho e Traz-os-Montes, fazendo-se por elle todo o movimento commercial entre as duas provincias.

Deslocado esse movimento com a rêde ferro-viaria, sentiu Amarante o abalo da deslocação, do qual principia hoje a reparar-se, desenvolvendo na maior escala a sua producção, especialmente a vinicola, onde está incontestavelmente o seu futuro, assim como tambem no desenvolvimento que deve trazer-lhe o caminho de ferro do Valle do Tamega até Chaves. Par e passo, comprehendendo que a instrucção, elementar pelo menos, precisa ser extremamente vulgarisada, pois um povo pequeno, só quando multiplique os meios de estudo, póde resistir á acção dominadora dos outros povos, Amarante apresenta já a seguinte estatistica de escolas primarias, além de se vêr representada na imprensa pelo jornal *Flôr do Tamega,* advogado natural dos seus interesses.

Freguezias onde existem escolas:

S. Gonçalo de Amarante, para o sexo masculino e feminino; Aboadella, masculino e feminino; Gondar, masculino e feminino; Lomba, masculino; Mancellos, masculino; Real, masculino e feminino; S. Simão (Gouveia), masculino; Travanca, masculino e feminino; Villa Cahiz, masculino; Villa Chã, masculino; Padronello, masculino e feminino; Figueiró, masculino; Santa Christina, masculino; Fregim, masculino; Lufrei, masculino; Candemil, masculino; Tellões, masculino; Gatão, feminino; Rebordello, mixto.

A estatistica criminal da comarca, referida ao anno de 1880, offerece-nos os seguintes algarismos: Numero dos crimes 26, sendo 19 contra pessoas e 7 contra a propriedade. Reus julgados 29, sendo 17 absolvidos, 1 condemnado a penas maiores e 11 a correccionaes. Eram 20 os homens e 9 as mulheres, sendo analphabetos 20 dos reus. De fóra da comarca eram 3 criminosos.

São eloquentes estes algarismos; a ignorancia acompanha o crime na proporção de 20 para 9, e por outro lado a estatistica demonstra tambem que a maior parte dos crimes não passam de rixas pessoaes, o que, attendendo ao meio, póde bem explicar-se pelo vinho espumoso e alegre que, nas romarias e feiras principalmente, manifesta os seus melhores effeitos. Industrialmente tem o concelho de Amarante a represental-o a importante *fabrica de Padornello,* iniciada, como já dissemos, nos annos de 1859 a 1860, por uma sociedade de quatro individuos sob a firma commercial Ribeiro & C.ª Tinha então, como unico motor, a corrente do rio Ovelha.

Depois d'isto, porém, essa firma converteu a fabrica de lanificios em uma sociedade anonyma, que tendo luctado durante alguns annos com

contrariedades graves, conseguia ao presente entrar em um certo caminho de prosperidade. O motor principal é ainda a agua do rio, mas a machina a vapor funcciona tambem já como auxiliar poderoso. Os productos rivalisam com os melhores no genero vindos dos centros industriaes do paiz e estrangeiro. Ha ainda para notar as industrias de tecelagem de algodão (cotins e riscados) nas freguezias de Padronello e Lomba.

A nota principal do concelho é, porém, como dissemos, a da sua industria agricola.

Sob o ponto de vista da riqueza pecuaria temos as seguintes informações:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	500	7:531$700
Muar	182	2:820$700
Asinino	211	907$400
Bovino	5:075	164:125$900
Lanar	5:883	2:540$320
Caprino	4:497	2:403$460
Suino	7:487	52:315$500
		232:644$990

Sobre a industria vinicola do concelho, escrevia o fallecido visconde de Villa Maior em 1866, ha 21 annos, o seguinte, que hoje póde considerar-se ainda bastante exacto, não obstante algumas modificações para melhor:

«N'este concelho produzem mais vinho as freguezias de Gatão, Villa Garcia, Chapa, Villa Chã, Lufrei, Candello, Rebordello, Cepellos, S. Gonçalo e S. Verissimo, Magdalena e Tellões. Todas as videiras n'este concelho são levantadas em uveiras. As castas predominantes são: o *azal,* o *alvarelhão,* a *borraçal,* o *souzão* e a *tinta.* Não se prepara senão uma especie de vinho verde e tinto, cujas qualidades variam segundo as localidades, sendo em regra geral melhores os vinhos que são produzidos nas proximidades do Tamega. Junto a Amarante examinamos um mosto, que marcava no glucometro 8° com a densidade de 1,050; provinha do azal e alvarelhão. As vindimas principiam n'este concelho nos fins de setembro ou principios de outubro. Os lagares são os usuaes de cantaria, geralmente de pequenas dimensões e munidos de prensa de vara e parafuso.

O processo de fabricação é o seguinte:

Cheio o lagar, são as uvas pisadas pelos pés dos homens, até que

estando bem esmagadas, appareça a grainha fluctuando no mosto, operação que leva quatro a cinco horas, conforme a grandeza do lagar e o numero de trabalhadores. Nos dias seguintes entram tambem os homens no lagar duas vezes, uma de manhã e outra á noite, para mergulhar o cango, e isto emquanto dura a fermentação, que ordinariamente se completa em tres ou quatro dias, reconhecendo-se o seu termo pela descida do cango.

Envasilha-se então o vinho, e nenhum outro tratamento se lhe faz além de atestar as vasilhas e fechar-lhe o batoque em meio de novembro.

As freguezias, cujos vinhos são mais bem reputados, são: Villa Garcia, Gatão, Rebordello, Fridão, e principalmente as quintas de Paschoaes, S. Martinho, Roçadas e Tardinhade, podendo, porém, dizer-se que apresenta estas qualidades todo o das freguezias marginaes até meia encosta sobre o Tamega.

O preço do vinho, como o dos outros generos, regula em Amarante pela tabella seguinte:

Trigo, 20 litros	900
Milho » »	480
Centeio » »	560
Batatas » »	300
Castanha » »	600
Feijão » »	600 a 700
Azeite, almude	4$000
» quartilho	90
Vinho, almude	1$600
» quartilho	40
Saveis	400 a 600
Pescadas	200 a 400
Gallinhas	240 a 500
Frangos	100 a 200
Ovos (duzia)	80
Pecegos (cento)	1$500 a 6$000

Este ultimo preço, e até mesmo o de duas libras, um pouco exagerado, é sómente nos annos em que as chuvas da primavera arruinam a florescencia, havendo n'estes casos, calamitosos para o pecego, uma difficuldade enorme em arranjar um cento d'esses famosos *maracotões,* que tornam Amarante um pomar de caroço privilegiado e celebre. E mal sabe então, quem recebe um presente de pecegos de Amarante, como deve estimar esse mimo enviado por um amigo.

E assim está, leitor, fechado o capitulo d'esta boa e fertil Amarante, de que o vinho verde é, por assim dizer, o *sanguis vitæ,* e o cajado de S. Gonçalo o symbolo da viação, desde seculos aberta através d'este ter-

ritorio, cajado que faz lembrar um pouco o bastão de Jano. Deus romano propicio dos caminhos, e que talvez por isso, ou quem sabe lá porque, figura nas armas portuguezas que a municipalidade amarantina adoptou para si depois d'essa modificação symbolica.

CONCELHO DE AMARANTE

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Aboadella — Ovelha do Marão, *Santa Maria*	367	446	813	212 *(a*
Aboim, *S. Pedro*	145	190	335	91 *(b*
Amarante, *S. Gonçalo*	698	835	1:533	383 *(c*
Anciães, *S. Paio*	405	436	841	212 *(d*
Athayde, *S. Pedro*	217	279	496	116 *(e*
Bostello, *S. Mamede*	313	351	664	182 *(f*
Canadello, *S. Pedro*	179	178	357	88 *(g*
Candomil, *S. Christovão*	406	428	834	205 *(h*
Carneiro, *S. Martinho*	200	232	432	108 *(i*
Carvalho de Rei, *S. Martinho*	204	207	411	102 *(j*
Cepêllos, *Santa Maria*	315	370	685	144 *(k*
Chapa, *S. Cypriano*	86	93	179	54 *(l*
Figueiró, *Santa Christina*	341	511	852	242 *(m*
Figueiró, *S. Thiago*	620	850	1:470	389 *(n*
Fregim, *Santa Maria*	468	553	1:021	257 *(o*
Freixo de Baixo, *O Salvador*	297	298	595	119 *(p*
Freixo de Cima, *S. Miguel*	282	329	611	173 *(q*
Fridão, *S. Faustino*	196	226	422	94 *(r*
Gatão, *S. João Baptista*	340	363	703	152 *(s*
Gondar, *Santa Maria*	713	787	1:500	357 *(t*
Gouveia, *S. Simão*	505	528	1:033	254 *(u*
Jazente, *Santa Maria*	186	233	419	99 *(v*
Lomba, *S. Pedro*	237	287	524	132 *(x*
Louredo, *S. João Baptista*	141	162	303	79 *(y*
Lufrei, *O Salvador*	388	381	769	182 *(z*
Magdalena (Gestaço), *Santa Maria Magdalena*	206	227	433	90
Mancellos, *S. Martinho*	947	1:164	2:111	545 *(aa*
Oliveira, *S. Paio*	268	198	466	85 *(bb*
Padronello, *Santo André*	332	369	701	170 *(cc*
Passinhos, *S. Julião*[1]	41	50	91	21 *(dd*
Real, *O Salvador*	454	580	1·034	238 *(ee*
Rebordello, *Nossa Senhora das Dôres*	183	209	392	87 *(ff*
Salvador do Monte, *S. Salvador*	298	321	619	151 *(gg*
Sanche, *Santo Izidoro*	399	464	863	221 *(hh*
S. Verissimo, *S. Verissimo*[2]	244	315	559	141 *(ii*
Tellões, *Santo André*	787	984	1:771	459 *(jj*
Travanca, *O Salvador*	655	808	1:463	380 *(kk*
Varzea, *S. João Baptista*	183	199	382	93 *(ll*
Villa Cahiz, *S. Miguel*	335	463	798	219 *(mm*
Villa Chã do Marão, *Santo Estevão*	404	509	913	237 *(nn*
Villa Garcia, *O Salvador*	123	145	268	80 *(oo*
	14:108	16:558	30:666	7:643

a Comprehende esta freguezia os logares de Barroco, Pinheiro, Poldras, Ponte Nova, Aboim, Aldeia, Outeiro de Moinhos, Telheira, Val de Soares, Casas Novas, Cerdeirinhas, Portella: o casal de Carvalhinhas, e as quintas de Pêgo Negro e Pisão.

b Comprehende a freguezia de S. Gonçalo, alem da Villa de Amarante, os logares de Cima de Villa, Bazeira, Real: os casaes da Vinha do Brandão, Freitas, Rodas; as quintas de Tranqueira, Tapada, Vinha de Entre-Muros, e as herdades de Passage.

c Comprehende esta freguezia os logares de Anciães, Casal, Eido, Pedro, Povoa, Fervença, Muro, Cubal; os casaes de Lameiro da Pella, Sobreira; a quinta da Portella, e as herdades de Castanheira, Fraga da Bouça.

d Comprehende esta freguezia os logares de Athaide, Feira, Pinheiro e Seixo, Braziella, Deveza, Matto, Agras, Marmoural, Boa Vista, Tinhosa.

e Comprehende esta freguezia os logares de Bustello de Cima, Bustello de Baixo, Egreja, Gavim, Basseiros, Candal, Ubeirinha, Valados, Boa Vista, Val das Pedras, Travanca, e a quinta da casa da Casa da Levada em Travanca.

f Comprehende esta freguezia os logares de Canadello, Carvalhas, Casarollas, Fonte, Calvario, Rua, Eido, Rego do Carro, Vieiros, e os casaes de Bouça, Barreiro.

[1] Annexada civilmente á freguezia de *Villa Cahiz*.
[2] » » » » de *Amarante*.

g Comprehende esta freguezia os logares de Candomil, Gião, Morgido, Revilhães, Espinheiro; a quinta da Granja, e as herdades de Fontella Paralonga, Barroucal, Moinhos do Paulo, Moinhos do Moreira.

h Comprehende esta freguezia os logares de Carneiro, Vendas, Varzea, Outeiro, Estrada Nova, Cima de Villa, Albergaria, e os casaes de Estercada, Riba Carneiro, Carvalhal.

i Comprehende esta freguezia os logares de Carvalho de Rei, Castello, Guarda, Pé Redondo, Paredinhas, Rechãosinho, Cerdeiras, Rego Abada, Fragas, Almas, Portella, Aldeia, Guarda, Boa Vista.

j Comprehende esta freguezia os logares de Cepellos, Residencia, Eiras, Quinta, Deveza, Figueiredo, Formão, Panelleiros, Boa Vista, Calçada, Aldova, Couraceiro, Penedo Pinto, Fontellas, Quinta da Eira, Codeçal; os casaes de Eiras, Casinha, Formão de Cima, Outeiro, Praso, Praso da Boa Vista, Tapada da Aldeia, Calçada, Aldara, Couraceiro, Penedo Pinto, Panelleiras, Codeçal, Tapada da Rua, Pocinho, Ribeira do Covello, e as quintas de Fontellas, Paço, Figueiredo.

k Comprehende esta freguezia os logares de Chapa de Cima, Chapa de Baixo, Val de Moz, Valles, Villa Pouca, Povoa, Povoa d'Além, Senra, e os casaes de Villa Pouca, Povoa, Val de Moz, Chapa de Cima, e a quinta ou herdade de Chapa de Baixo.

l Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Taboas, Logarinho, Outeiro, Raposeira, Lodeiro, Villa Nova, Ermida, Bensendros, Devezinha, Cabo, Vinha, Cancella, Costa, Rosso, Carreira, Pecegueiro, Paço, Fontello, Costa da Lage, Lage de Baixo, Lage de Cima, Outeirinho, Lenteiro, Aldeia Nova, Chamusca, Regadas, S. Romão, Cidral, Granja, Calçada, Cima de Villa, Lamella, Patrimonio, Eiras, Fonte, Ribeiro, Presa.

m Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Pouca Villa, Arouca e Infantas, S. Paio, Raposeira, Lama, Portella, Pousada, Agra, Carido, Montinho, Bairro, Monte, Ribeiro, Cachada, Sande, Outeiro, Lameira, Figueira, Pereira, Espadanedo, Cabeceiras, Paço, Pedrinhas, Costeira, Corredoura, Agoella, Tapada, Venda Nova, Lameirinha.

n Comprehende esta freguezia os logares de Fregim, Macieira, Monte Cabo, Serrões, Passos Paredes, Casal, Mó, Abrunheiros, Remeral, Carreira, Fejos, Carcavellos, Boco e Godim, Pedra, Casal do Sino, S. Miguel, Folgosas e Moinhos, Villa Verde, Carrasqueira, Vinhos de Forno, Lamas de Couto, Tapada, Eira Nova, Pousada, Torreira, Cidreira, Loge, Souto, Boavista, Outeiro de Sellas, Engenho, Outeiro, Corredoura, Cepellos, Guimorei, Amarantinho, e as duas quintas de Covellos.

o Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Bessegas e Tabelladas, Villar, Corredoura, Belmonte, Crugeira, Pardelhas, e os casaes de Vallinhos e Coval, Corte-cadella, Longra, S. Joanne, Frutas, Alvellos, Cabanellas, Tapada, Pego, Carvalho, Avelleiro, Costães, Soutello, Adonella, Faia, Boavista, Mafra, Pardelhinhas, Vinhal.

p Comprehende esta freguezia os logares de Freixo de Cima, Cadafaz, Outeiro, Arrifana, Eira, Campello, Barge, Boca, Lagarteira, Lourido, Campo, Lameiros, Moinhos, Terça, Quinta, Ranhadouro, S. Genes, Taipa, Guimaraes, Ribas, e os casaes de Portos, Casa Nova, Boavista, Meios, Corronpelo, Chaos, Assento.

q Comprehende esta freguezia os logares de Fridão, S. Faustino, Torrão, Ramadinha, Ramadas; os casaes de Fontainhas, Peco, Paradella, Extremadouro, Outeiro Alto, e a quinta de Chouzas.

r Comprehende esta freguezia os logares de Gatão, S. Martinho, Cervo, Ribeira, Quintã, Pinha, Cal, Toro, Pascoaes, Paredes, Boavista, Maderne, Mortorio, e os casaes de Tardinhade, Fontes, Avelleda, Boco, Feitoria, Binhaes.

s Comprehende esta freguezia os logares de Gondar, Larim, Ovelhinha, Cavallinho, Panelleiros, Villela, Moinhos, Assento, Logarinho, Lages, Aldeia, Sahida, Larim de Cima, Larim de Baixo, Vau, Palmasaes, Feira Nova, Ral, Vinhateiro, Escondido, Cavana, Crugeiras, Outeirinho, Moutas, Villa Secca, Vallinhos, Arcos, Chedas, Crespellos d'Aquem, Crespellos d'Além, Salto, Sumidos, Salgueirinho, Barreirinho, Quintã, e os casaes de Tapado, Tapada, Santinha, Bouça Velha, Lameirão, Firveda, Peso, Enxertado, Buraco.

t Comprehende esta freguezia os povos e logares seguintes:

Povos	*Logares*
Assento de S. Simão	Egreja Tubaral Riveiro Casal Arrabalde Carvalho Barrouca
Louroza	Nogueira Eirô Chão Barral Hera Cima de Villa Cubeiro Grilhão e Pousada Boco e Bouças
Friande	Barreiro Aldeia Nova Aldeia Velha Belece Paredes Infesta Villa Nova Bugalheira (casal)

u Comprehende esta freguezia os logares de Jazente, Assento da Egreja, Campo da Ronda (?), Cima de Villa, Calvario, Taboado, Telhada, Cabo, Val de Fontellas, Moinhos Novos, Moinhos do Loureiro, Loureiro, Tomadia, Fornos, Fun'devilla, Campinhos, Eirô, Carvalhal, Outeiro, Boavista, Pardieiros, Rossadas, Pousadella.

v Comprehende esta freguezia os logares de Fontão, Lagoa, Engenho, Estrada, Campesinhos, Trufir, Souto, Teixeira, Fabrica; os casaes de Amolar, Boavista, e as herdades de Devesa, Maninho, Coracido, Fontainhas, Poço, Negro, Lucaia, Pombo, Costa do Moinho, Seara, Forninha.

x Comprehende esta freguezia os logares de Louredo, Egreja, Longal, Souto Vedro, Outeiro, Caroeira, Portella, Barreiros, Fonte, Vidaes, Extremadouro, Cima de Villa; as quintas de Nogueiras, e a herdade do Pocinho Novo.

y Comprehende esta freguezia os povos (ou grandes logares) de Moure, Gatians, Fraris; os logares de Assento, Villa Nova, Compra, Pepim, Venda Nova, Motta Meeira, e os casaes de Tapada, Troviscaes, Maramzinho, Tourago, Cachadinha, Tontão, Casa-nova, Ribeiro.

z Comprehende esta freguezia os logares de Pidre, Manhufe, Padrão, Travancella, S. Joanne, Sello, Nogueira, Monte, Palhães, Novaes, Val de Lobo, Telhado, Trigueira, Santão, Quintãs, Fun'devilla, Aradella, Cacavellos, Trochainho, Gateira, Outeiro, Carreiros, Val de Tão, Quebrada, Quintã, Friães; os casaes de Almorode, Pontido, Eido, S. Thomé, Subridas, Porta de Baixo, Coveiro, Gandra, Teixeira, Agra, Sedão; as quintas de Sombreireira, Porta, Casal, Quinta, Outeiro, Felgueiras, Costa, Convento, e a herdade de Souto Chão.

aa Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Silvoso, Lapa, Ribeiro, Casal, Felgoso, Moz d'Aquem, Moz d'Além, Pena, Boavista, Portella, Sapal, Tapados, Villa, Santinho, Detraz do Outeiro, Rua de Louredo, Rua das Almas, Locaia, Nogueira, Louredo de Baixo, Louredo Novo, Joia, Mozellos, Pomarelhas, Gondeiro, Covellas.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Além, Boavista, Devesa, Paço, Quebrada, Facho, Eido de Cima, Oliveirinha, Estremadouro, Mosso (ou Rosso?), Cima de Villa, Portellas, Parada, Cabo, Pó, Ribeiro de Cima, Ribeiro de Baixo, Fonte, Outeiro, Arrabalde, Monte, Lavandeira, Portellada, Valle, Cruzeiro.

cc Comprehende esta freguezia a Rua de Ovelha, os logares de Varzea, Covello, Aboadella, Povoa, Barral, Cabo de Villa, Outeiro, Sá, Eira, Carregal, Seara, e os casaes de Portella de Baixo, Estorinheira, Gofinete.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Padornello, Estrada, Torre, Lodeiro, Figueiros, Prazo, Eira, Deveza, Caçuz, Bouça, Compra, Pinhel, Souto, Ponte, Quartas, Mormilheira, Telheira, Souto-chão.

ee Comprehende esta freguezia os logares da Residencia, Villa Escura, Salgueiral, Portellinha e Sólheira; os casaes de Eido d'Além, Fazenda, e as quintas do Outeiro e Lapeira.

ff Comprehende esta freguezia os logares de Real, Villa Meã, Outeiro, Ribeira, Rubim, Pardieiros, Salgueiras, Salvador, Aldeia Nova, Ponte da Pedra, Aldeia Velha, Bemfica, Pias, Eirado, Monte, Aldeia, Moinhos, Outeiros, Cruz do Souto, Souto, Fun'devilla, Eira, Fonte de Cima, Terça, Santa Comba, Penedo, Agromaior, Rua, Adega Velha, Salgueirinhos, Cotovial, Feitoria, Casas Novas, Assento, Montinchol; os casaes de Fonte, Carvalho d'Além, Miradoira, Preza, Montalegre, Eido, Cruzeiro, Quebrada, Rocinho, Souto Maior, Covinhas, Freixieira, e as quintas de Cruz, Quintã, Ponte, Ramalhada, Barreiro, Boavista, Quintães, Carvalho, Lama, Raza, Bouçó.

gg Comprehende esta freguezia os logares de Rebordello, Mouquim, Cortinhas, Nogueira, Portella, Portellinha, Aldeia, Soutello; os casaes de Lamellas, Barreiro, Residencia, e a quinta de Gandra.

hh Comprehende esta freguezia os logares de Sanche, Ollo, Assento, Barrella, Villa Nova, Boa Vista, Costa da Pereira, Cabo de Villa, Levada, Passico, Portello, Fun'devilla, Cima de Villa, Campo Chão, Tapada dos Montes, Mirão, S. Paio, Torre, Outeiro de Medas, Outeiro, Calvario; os casaes de Roçadas, Ferrões, Paço, Fun'devilla, d'Ollo, Barral, Carp.nteiro, Barroucas, Regadas, Quinta de Pousadella.

ii Comprehende esta freguezia os logares de Sá de Cima, Sá de Baixo, Assento, Morleiros, Torre, Buraco, Mortorio e S. Lazaro, Pinheiro, Torreira e Gollas, Pinheiro d'Além, Pinheiro de Baixo, Rellas, Deveza e Cruzeiro, Casa Nova, Povoa, Misarella, Outeiro, Aviamento, Burgada, Sapainho, Pombal, Casarão, Monge, Vinhas e Pesqueiras, Rapozeira, Casas, Eido, Gandra, Ribeiro; os casaes de Assento, Buraco, Mortorio, Misarella, Pombal, Casarão, Monge, Vinhas, Rapozeira, Casas, Eido, Ribeiro, e as quintas de Morleiros, Pinheiro, Pinheiro d'Além, Pinheiro de Baixo, Rellas, Povoa, Outeiro, Gandra, Sá.

jj Comprehende esta freguezia os logares do Mosteiro, Pinheiro, Era, Casal, Rio Mau, Freitas, Reguengo d'Aquem, Roço, Reguengo d'Além, Pêgo, Castanheira d'Aquem, Castanheira d'Além, Carvalho, Cuvellas de Baixo, Cuvellas de Cima, Vendas Novas, Estrada, Cabo de Villa, Costa, Lama, Barrozende, Outeiro, Quintã, Codeiro, Laboris, Comba, Mosqueiros, Pousada, Portella, Covilhã, Forcado, Catatem, Faldigens, Sobre Tellões, Gandra, Lodeiro, Penedo, Urgal, Roço, Cruzeiro, Vide, Campo, Fonte, Cachada, Paredes; os casaes de Seara, Ramada, Rio Pinto, Lage, Mourilhe, Ramo, Quinta, Campos, Roço, Sardão, Villa Meã, Ribeirinho, Agra, Arieiro, Logarinho, Boucinha, Arrotéa, Quintã, Cimo de Villa, Barroca, Crasto, Longra, Villar de Murzellos, Rendufe, Cabo, S. Martinho, Rego.

kk Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Lateira, Ribas, Moreira, Barreiros, Carvalho, Novaes, Fornello, Quintaes, Carreira, Moinhos, Montinho, Portella, Fonte de Mendo, S. Miguel e Lavaias, Gorgolosa; os casaes de Padrão, Fonte Murteira, Nogueira, e as quintas de Trepeços e Pombal.

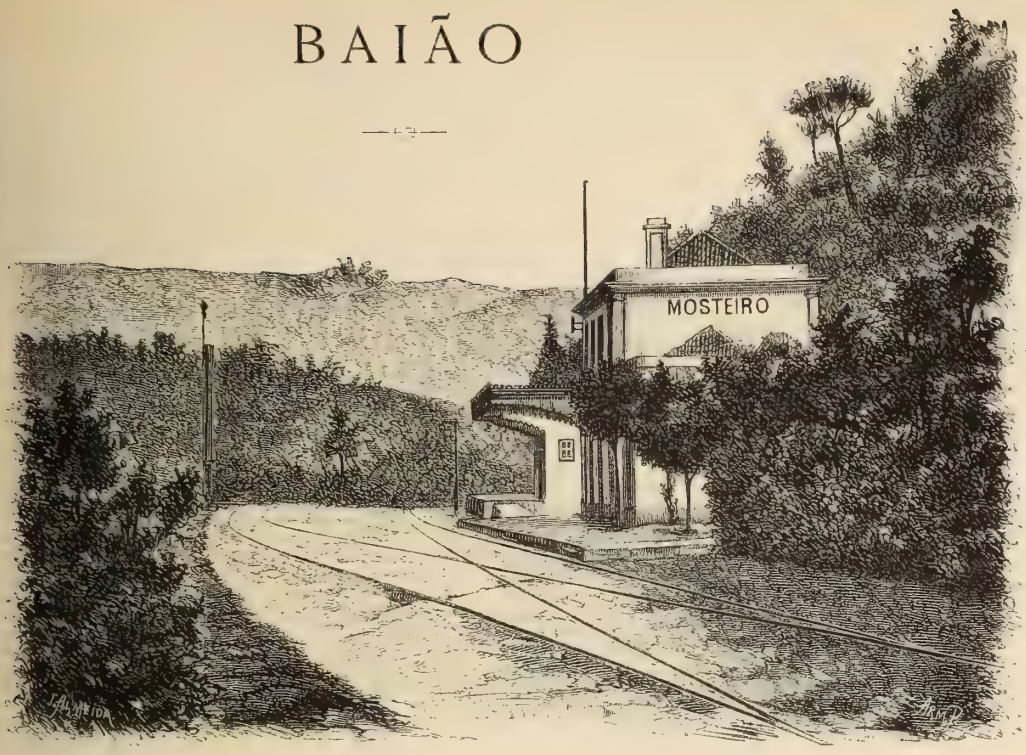
ll Comprehende esta freguezia os logares de S. João de Varzea, Paradas Seccas, Passo, Tapada, Crispellos; os casaes de Feijoaes, Agrella, Além-Rio, e a quinta de Varzea.

mm Comprehende esta freguezia o logar de Villa Cahiz, e mais dez pequenos logares e tres casaes.

nn Comprehende esta freguezia os logares de Villa Chã do Marão, Boa Vista, Barreiro, Novios, Ribeira, Pedra, Paco, Ribeiro, Herdade, Real, Motta Meeira, Rua Nova, Ribas, Cadafaz; os casaes do Outeiro, Real, Ribeiro d'Azenha, Marãozinho (isolados), Uveira Branca, Regadinhas, Souto, Burgo, Casaria, Tapada dos Mouros, Val do Caez (isolado), e as quintas de Sandrigo, Lama, Rio, Santa Eulalia, Casas, Lage.

oo Comprehende esta freguezia os logares de Assento de Villa Garcia, Massa Corte, Roussadas, Herdade, Taleigos, Fundego, Raposeira, Tapada, Crasto, Rebolão, Preza, Soutello, Ferreiro, Cobrada, Barral, Carreira, Valles, Estres, Alambique, Bouças.

BAIÃO



Estação de Mosteiró — Desenho do natural por João de Almeida

Descrevendo este montanhoso concelho de Bayão, dizia em 1706 o padre Carvalho na sua *Chorographia: «ou se despenha em profundos e dilatados valles que todos vão dar ao Douro, ou se eleva em altissimas serras: carros não tem aqui prestimo; ás costas dos homens ou das bestas conduzem os homens para suas casas o sustento de que necessitam.»*

Quasi dois seculos depois, e apezar de se abrir este capitulo descriptivo com a gravura de uma estação da via ferrea, o quadro conserva a frescura das tintas, com ligeiras modificações, é certo, mas não tantas que para visitar esta zona pittoresca de Entre Douro e Minho a gente possa dispensar a besta de aluguer ou o bordão ferrado do viajante, pois ainda como no tempo de Carvalho *os carros nam tem aqui prestimo.*

Menos, devo informar ao leitor, o teem as hospedarias, e eu daria de mim uma triste conta ao escrever este capitulo, se a auxiliar-me com as mais opulentas e minuciosas notas não viera em meu soccorro a amizade de um antigo condiscipulo e hoje medico respeitado em Ancede, Augusto Soares Ramalho, pedindo ao dr. Alexandre Cabral, da casa de Agrellos, a coordenação de todas as informações que dizem respeito ao concelho.

De modo que, cheio da mais profunda gratidão para com os dois, eu quasi não tenho senão de repetir ao leitor a *Noticia sobre o concelho de Baião,* que tive a honra de receber do dr. Alexandre Cabral.

A historia de Baião perde-se no escuro das lendas, e como o leitor terá occasião de vêr nas excursões que realisarmos juntos através as freguezias do concelho, as provas são superabundantes para demonstrar esta asserção. Ha por ali elementos numerosos, com que remontar á prehistoria, ha vestigios bem claros da epocha romana, ha no proprio nome do concelho a intervenção goda.

D. Manuel deu foral ao concelho de Baião em 1 de setembro de 1513, não constando que, apezar de antiquissimo, tivesse o concelho outro foral. Desde já devemos tambem dizer, que o nome de Baião dado ao concelho, não deve applicar-se á sua séde, e mais ainda, que nenhuma povoação ha no concelho chamada simplesmente Baião. Com este nome apenas existe a freguezia de *Santa Leocadia* de Baião, onde, como veremos logo, estabeleceu o seu solar o guerreiro germano D. Arnaldo, o primeiro que tomou o appellido de Baião, pela mercê que d'estas terras, por elle resgatadas aos mouros, lhe fez D. Bermudo II, de Castella, nos annos 985 a 990 de Jesus Christo.

O nome, pois, de Baião, é um nome generico dado desde tempos remotissimos a todo o concelho e não á sua capital, que tambem desde muito é na freguezia de

CAMPELLO,

raras vezes designada nos documentos antigos com o nome de *villa,* apezar de se conservar ahi desde tempos immemoriaes a séde do concelho, como o attestava ainda ha poucos annos o seu pelourinho hoje demolido.

Burgo sertanejo formado por quatro lugares ou bairros distinctos entre si, Campello pouco de notavel offerece ao *touriste,* que ahi pretenda demorar-se, ainda com risco de affrontar as commodidades da melhor hospedaria da terra, baptisada em tempo com o pomposo titulo de *Hotel Central Baionense.* Os quatro lugares são: o *Outeiro,* a parte mais modesta da villa e onde está situada a escola do conde de Ferreira; a *Rua* (no titulo, pois que é verdadeiramente uma azinhaga de aldeia), onde fica o hotel, o edificio brazonado, cabeça do extincto morgado dos Freitas, de que são representantes os Ferreiras Cabraes, de Agrellos, e depois, ao fim, em um pequeno largo, a capella de Nossa Senhora d'Ajuda, cabeça do morgado d'esse nome, tambem administrado hoje pelos Ferreiras Cabraes, de Agrellos. A capella pertenceu ao arruinado solar que está na sua frente, chamado a *Torre de Campello* (veja-se a gravura respectiva), antigo edificio do tempo de D. Manuel, fundado por Jorge Dias Cabral, filho de Diogo Fernandes Cabral, irmão do grande Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil. Das duas filhas que teve o fundador da *Torre* de Campello, uma,

CAMPELLO *(séde do concelho de* BAIÃO) — *Desenho do natural por João de Almeida*

D. Catharina, casou com Gregorio de Barbosa, fidalgo illustre que foi armado cavalleiro em Azamor pelo duque D. Jayme, e foi um neto seu, Francisco de Barbosa Cabral, que instituiu o morgado d'Ajuda, fundando essa capella que ainda hoje existe, em frente á torre solar. O ultimo possuidor e ainda actual administrador d'este morgadio é o ex.mo sr. Antonio Ferreira Cabral Paes do Amaral, senhor da casa de Agrellos, e sexto neto do instituidor, cavalheiro que allia á nobreza do sangue os primores de um caracter nobilissimo, e que é presentemente o maior proprietario do concelho de Baião.

Junto d'essa capella termina a *Rua* de Campello e é preciso seguir uma pequena estrada através os campos verdejantes para chegar ao lugar da *Feira,* nome que lhe vem não só dos mercados que ahi se fazem nos dias 8 e 23 de cada mez, como da feira annual de S. Bartholomeu, que alegremente se espalha durante tres dias por sob as copadas frondes dos castanheiros seculares que povoam a alameda.

São estes os dias de festa para Campello; toma-se como pretexto festejar o orago, mas a verdade é que o arraial, a musica, o fogo preso, a concorrencia ás barracas, a compra e venda dos gados são as poderosas attracções que trazem á villa a gente das mais affastadas aldeias.

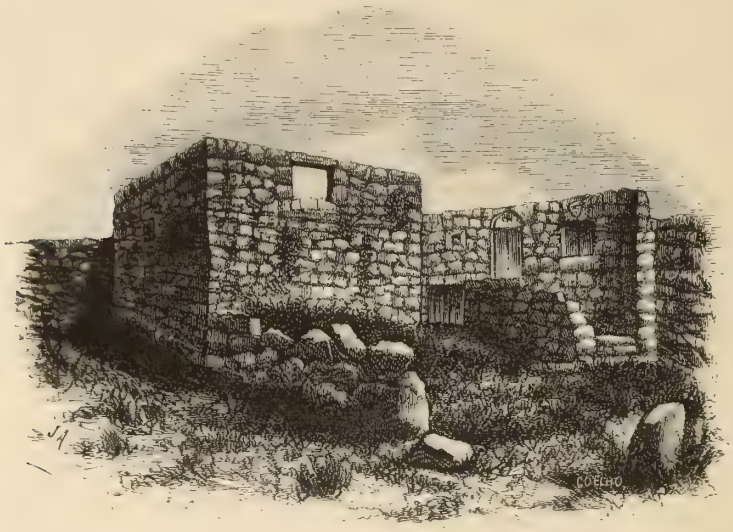
Pouco adiante da *Feira* fica, na direcção sudeste, o pequeno bairro da *Egreja,* em que termina a villa, formando assim uma linha curva, em fórma de ferradura, o que não permitte facilmente apanhar o *croquis* geral da povoação, tendo-se por isso limitado o artista, que me acompanhou, a reproduzir o accidentado e verdejante terreno, onde poisa, como aguia dominadora, a matriz parochial da freguezia.

Esta matriz, diga-se desde já, não offerece curiosidade alguma; é regularmente espaçosa e tem junto a si o cemiterio, que ao presente trata de se reconstruir em outro ponto com maiores proporções.

É tradição que a primitiva egreja fôra edificada mais abaixo, mas não ha hoje provas, nem vestigios que tal attestem.

Pinho Leal no artigo Campello do seu *Diccionario Geographico,* diz que um dos arcediagos de Braga apresentava aqui o cura. Isto não é exacto. Campello era vigairaria apresentada pelo convento de Ancede, e o parocho tinha o titulo de Arcediago de Baião, como se prova pelo *Catalogo dos Bispos do Porto,* titulo a que estavam adstrictas certas obrigações como a de usar murça, e a de distribuir os santos oleos por todos os parochos do concelho, tendo tambem, como direito de *luctuosa,* a faculdade de escolher o melhor movel nos espolios dos parochos fallecidos. Estas prerogativas terminaram em 1834, ficando ainda com o titulo honorifico o actual abbade, mas sem o direito de successão.

O *touriste,* porém, perdoe-me o arcediagado tal irreverencia, tem mais que o interésse n'este lugar, do que a historia d'essas honrarias e privilegios. Para elle é preferivel o panorama, que se descobre do adro, e em que a formosissima veiga, onde corre o Ovil, encastoa o seu verde claro de esmeralda na vastissima cercadura das montanhas vestidas de castanheiros, e coroadas de diademas de granito, como se foram phantasiosos arabescos de uma architectura de Titans.



Torre de Campello — Desenho de João de Almeida

Á esquerda a serra de Aboboreira, á direita a cordilheira central do concelho, ao fundo as eminencias do Marão; as mattas dos carvalhos descendo por todas as encostas, e na fertilissima bacia ora o verde tenro dos centeios, ora o verde de ouro dos milharaes. Como se tudo isto não bastasse, o Ovil deslisando primeiro como um fio de prata limpido e sereno, e ennovelando-se depois nas cachoeiras que lhe estreitam o leito com um delicioso furor selvatico.

Uma belleza, um encanto!

Se porventura fizessemos d'ahi uma excursão á serra, que nos fica ao norte, passariamos em frente do ennegrecido solar de Penaventosa, com a sua capella da Senhora da Piedade, habitação antiga dos Ferreiras Cabraes, de Agrellos, pelo ramo dos Ferreiras procedentes do conde D. Alvaro Ferreira, fidalgo hespanhol que veiu a Portugal com o conde D. Henrique: e subindo mais estariamos na *serra,* ou melhor nas povoações de Campello, que tomam este nome generico e que particularmente se designam com os de Curraes, Valabrigoso e Almofrella, das quaes só a ultima é notavel pela romaria que a 2 de fevereiro se faz á pequena capella de S. Braz dos Bogalhos. Gosam estes lugarejos da serra de um vasto e formosissimo horisonte, cortado pelas cumiadas do Marão, da Gralheira, e de outras montanhas menos altas, mas em compensação, quando o inverno desfolha a neve por sobre estas escarpas da montanha, os pobres serranos

vêem-se obrigados a uma reclusão nada agradavel dentro das suas humildes cabanas rusticas.

Nem tudo são rosas n'esta vida.

*
* *

O leitor vae agora, pela mão experimentada do meu obsequioso informador, jornadear no concelho de Baião. Assevero-lhe que não encontraria mais habil e illustrado *ciceroni,* nem eu poderia contar-lhe com mais relevo as impressões que recebi quando por lá andei e que n'este momento recordo com prazer, lendo o manuscripto do dr. Alexandre Cabral.

«Tomemos o caminho mais commodo—a estrada nova. Sigamol-a. É a estrada districtal n.º 38 que actualmente chega até Eiriz, tendo por isso apenas construido um pequeno lanço de seis kilometros. Vamos descendo pela margem direita do Ovil na direcção de oeste. A tres kilometros entra-se na freguezia do *GOVE,* avistando-se logo na margem esquerda o castro do *Cruito,* cuja base desce até ao rio. Ha aqui uma importante estação pre-romana, talvez a maior e melhor conservada de Baião. São ainda visiveis em grande parte os restos das duas ordens de muralhas concentricas, que cercavam a povoação. No alto do monte divisam-se os restos dos muros da cidadella, e fóra do recinto da muralha exterior, do lado do sul, um extenso fosso, largo e profundo. Dentro da cidadella distinguem-se os vestigios de algumas pequenas casas de fórma circular. Na encosta, voltada ao norte, ha um grupo de *fossettes* abertas em um penedo, e um pouco mais acima, em outro rochedo, alguns pequenos buracos, trabalho evidentemente humano, mas cujo destino não é claro. Apparecem ahi em grande quantidade fragmentos de loiça romana, tijolos, escumalha de ferro, etc.

A phantasia popular creou uma lenda a respeito d'este castro. Na base d'elle, junto ao rio, existia uma pequena gruta natural, sem o menor vestigio de artificio, hoje obstruido em virtude de obras feitas pelo proprietario nos muros dos predios contiguos. Diz a lenda, que a gruta era a entrada da communicação subterranea por onde os mouros traziam os cavallos a beber ao rio, e que lá está hoje uma moura encantada, donzella formosissima, a guardar thesouros escondidos.

Um pouco acima d'este monte do *Castro do Cruito,* no limite d'esta freguezia com a de Santa Cruz do Douro, perto do lugar de Pousada, fica um monte chamado dos *Fieis de Deus,* no alto do qual ha um extenso plató, onde assenta outra estação pre-romana. É visivel em toda a volta

do planalto a linha da muralha que cercava o *oppidum*. N'esta estação não apparecem fragmentos de barros cosidos, talvez porque, sendo em sitio plano, a chuva não tem arrastado a terra que os cobre. Parece, todavia, que ella não chegou a sentir a influencia romana.

Um kilometro abaixo dos *Fieis de Deus,* na direcção de oeste, fica o lugar do *Gove,* que dá o nome á freguezia. Avista-se da estrada com a sua alvejante capellinha de Santa Anna.

Estamos n'uma extensa bacia, a mais larga que se encontra no concelho. Á esquerda sóbe o terreno em pequena elevação até á *Portella de Gove,* d'onde se avista o Douro, que corre, lá em baixo, n'uma grande profundidade. A freguezia dobra a Portella e lança na direcção d'esse rio um extenso braço, que passa ainda além da grande povoação das Paredes, onde ha a importante industria da olaria de barro grosso.

Á direita a veiga prolonga-se até á base da serra do Espinho. Deixamos a estrada, e subimos a um pequeno outeiro onde ficam a egreja parochial e a escola do sexo masculino. A freguezia era outr'ora curato do mosteiro de Ancede. Hoje o parocho usa o nome de reitor.

Adiante, na planicie, está o importante lugar de *Gozende,* séde da antiga *honra* d'este nome, o qual tirou de D. Gozendo Araldes de Baião, que ahi viveu e era senhor d'este concelho e filho do primeiro d'este appellido, D. Arnaldo de Baião.

Ao sudoeste do lugar de Gozende eleva-se o monte do Loureiro, no alto do qual está a capella de Nossa Senhora do Loureiro. É publica e muito venerada do povo, sobretudo dos que soffrem sesões. Em torno d'ella está um abarracamento singelo e simples, formado de pequenos casebres. É a feira do Loureiro, mercado bi-mensal a 2 e 18. É a melhor do concelho, e muito concorrida, sobretudo de gado bovino, que lá vae, tanto d'aqui, como do Marco de Canavezes e de Alem-Douro. Parte do mercado já se encontra em terreno da pequena freguezia do *GRILLO,* cujo modesto presbyterio se vê pouco abaixo, na encosta da serra do Loureiro, do lado de oeste. Foi outr'ora abbadia da mitra do Porto.

No lugar de Villa Cova viveu o celebre frei Domingos Vieira, auctor do *Grande Diccionario da lingua portugueza,* que tinha familia e residiu tambem na visinha freguezia de *MESQUINHATA,* outr'ora denominada *Macinhata.* A egreja é um pequeno templo situado em ponto elevado, d'onde se descobre o concelho do Marco de Canavezes e as serras de Alem-Douro. Esta freguezia, assim como a de Soalhães no Marco, foram em tempo apresentação do bispo do Porto, passando por troca em 1302 ao bispo de Lisboa, D. João Martins, que depois as conservou como senhor do morgadio de Soalhães por elle instituido.

Estamos a oeste, na extremidade do concelho. Aqui entra em Baião a estrada real n.º 34 que vem do Marco de Canavezes. Sigamol-a. A dois ou tres kilometros entramos na freguezia de *SANTA LEOCADIA* de Baião, e a pequena distancia termina a estrada, cuja continuação vae ser feita brevemente na extensão de mais um kilometro. Já que findou a estrada nova, paremos a contemplar o formoso panorama que se desenrola diante de nós. Uma vastidão de montanhas; uma continuidade de grandes curvaturas verde-negras. Em dois pontos avista-se o Douro a animar a paysagem. Um pouco abaixo de nós fica a egreja, e junto d'ella o cemiterio, o primeiro que se construiu no concelho. Perto da egreja vê-se um edificio moderno: é a casa da familia do sr. dr. Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, antigo deputado e professor do lyceu do Porto. Mais abaixo está a velha povoação da Lage, séde da antiga *honra* d'este nome; e perto d'ella existe um pequeno edificio moderno, singelissimo, construido ha poucos annos sobre as ruinas do velho *Paço* dos senhores donatarios de Baião pelo actual proprietario o sr. Antonio Abreu da Cunha Soares, de Felgueiras.

A familia dos Sousas Coutinhos foi a ultima donataria e n'ella permaneceu o senhorio de Baião até aos tempos modernos, tendo todavia passado para a corôa antes da epocha liberal.

N'esta freguezia, a leste do paço de Baião, fica a antiga quinta de Balde, que foi da illustre e extincta familia dos Camellos Pintos da Fonseca e hoje pertence por herança aos Pintos de Mesquita, de Villa Verde, em Louzada.

Perto do ponto em que actualmente termina a estrada real n.º 34, a pequena distancia da egreja, desce o ramal que conduz ao apeadeiro da Palla. Descendo por elle, ficam-nos á esquerda as escolas primarias dos dois sexos e á direita a pequena capella publica de S. Jorge. A estrada é bastante extensa, apezar de não sahir da freguezia, por causa do grande declive que tem de vencer para se approximar da linha ferrea, com a qual se encontra no apeadeiro da Palla. Que surprehendente panorama! Em baixo o Douro, magestoso, descendo pelo seu leito de penedia, fórma uma enorme curvatura até desapparecer além, no occidente. A leste, pela disposição das montanhas, parece que elle deveria mais naturalmente descer pelo valle do Abestança, seu affluente, que d'aqui se descobre em grande extensão e vem entrar no Douro em frente da povoação de Portomanso, tendo banhado na sua foz a de Portoantigo, cuja casaria alvejante alegra e anima esta paysagem encantadora.

Depois d'esta viagem fastidiosa e longa namora-nos a carruagem d'um *wagon*. Hurrah pelo progresso! e quando a locomotiva estremece, vêmos-

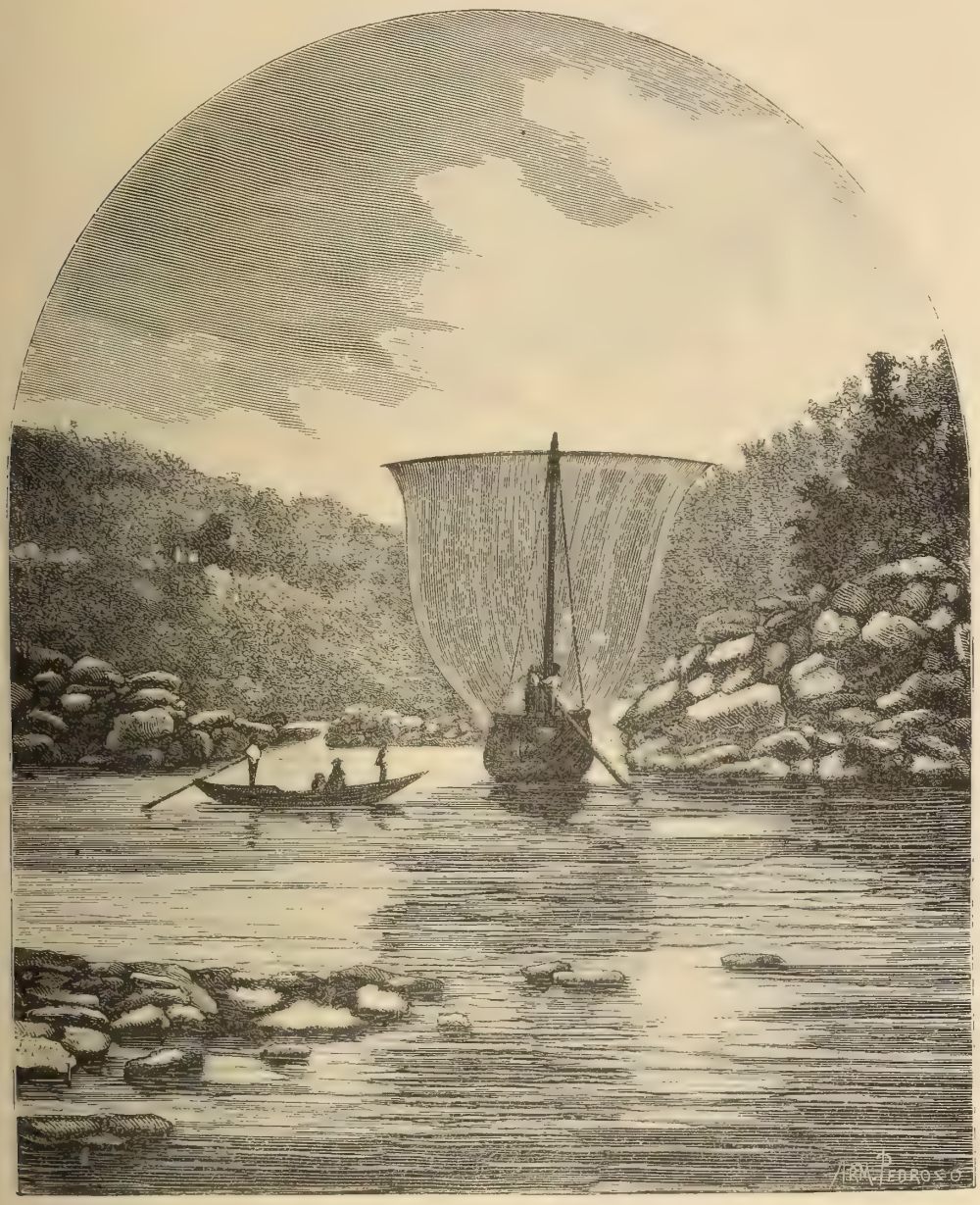
nos já a passar sobre a grande povoação da Palla, que pertence quasi toda á populosa e extensa freguezia de *ANCEDE;* atravessamos a elevada ponte metallica de Valle-de-Ferreiros; depois, quasi logo, a ponte curva de pedra que atravessa o Ovil sobre uma catadupa fervente. Adiante logo elle entra no Douro placidamente, como que a prestar-lhe submissa vassallagem. A linha ferrea passa sobre a grande povoação de Portomanso, talvez a maior do concelho, e vêmos em frente, na outra margem (concelho de Sinfães), a aldeia de Portoantigo, onde destaca por entre a vegetação a casa do explorador Serpa Pinto. O Douro tem n'esta altura uma belleza selvagem, contrastando com tudo quanto temos visto de paysagem aquatica na provincia do Minho. Depois os typos dos barcos, a navegação á vella ou á sirga pelos alcantis das margens rendilhadas de granito sobre que o rio passa em rapidos terriveis, tudo nos prende o espirito e faz com que nos interessemos mais por essa corrente que vae surgindo ameaçadoramente do que pelas ribas que nos ficam sobranceiras. A nossa gravura, feita sobre uma photographia devida á amabilidade do illustre explorador, dá uma idéa nitida das bellezas do Douro n'estes limites de Baião.

Sobranceiro á linha fica-nos o monte do *Castro,* onde existem importantes vestigios d'uma estação pre-romana. Do lado de nor-este nota-se ainda uma secção dos muros, que guarneciam a povoação, em parte soterrados, e do lado do sul, onde o monte se acha de nivel com outro monte visinho, ha um largo e profundo fosso, evidentemente obra humana, feito com o fim de isolar a povoação, pondo-a ao abrigo de qualquer surpreza. Á superficie do terreno apparece variedade de cacos de barros cosidos, alguns de ceramica romana, e teem apparecido tambem pequenas mós de moinho. A lenda popular refere que ha n'este castro duas minas, uma cheia de ouro e outra de peste. Ninguem tem tentado abrir a primeira com receio de abrir por engano a mina de peste, pois, se tal succedera, esta, derramando-se pela terra, destruiria o mundo.

É tão curta a distancia de Portomanso á estação de Mosteiró, que já o comboyo parou e temos de apear. Descançamos um pouco ganhando coragem para subir o monte, visto a junta geral do districto não ter accordado ainda para mandar concluir a estrada n.º 38, que de Campello deve vir até esta estação.

Pouco acima encontramos um velho solar ennegrecido pelo tempo. É a casa de Mosteiró da distincta familia dos Pereiras Osorios, e não solar dos Negrões, como diz Pinho Leal.

N'esta quinta de Mosteiró tem apparecido grande abundancia de fragmentos de ceramica romana, tijolos, vasos, e algumas pequenas moedas de bronze, etc. Vêem-se tambem ahi restos de antigas edificações de fórma



O Douro em Portomanso — Desenho a[illegible] d'Almeida, segundo uma photographia

rectangular, similhantes a algumas que se encontram na Citania. Appareceu aqui uma ara de pedra, ornamentada com a seguinte inscripção:

IOVI
NISPRO
EX VOTO.

Continua a subida até á capella publica de S. Domingos, de forma

circular, d'onde novamente se avista o rio Ovil que, perto d'este ponto, no sitio do Paço-Negro, corre subterraneamente em grande extensão. Seguindo a margem esquerda do rio, encontra-se a pequena distancia um edificio nobre e elegante. É a casa de Penalva, solar dos Azevedos Pintos, familia illustre que para aqui veiu no tempo da dominação filippina. O actual representante é o sr. dr. Antonio d'Azevedo Leme Pinto e Mello, cavalheiro tão distincto pela nobreza da familia que representa, como pelos seus subidos dotes de caracter.

Em frente da casa de Penalva, na outra margem do Ovil, vê-se a casa de Esmoriz, solar d'outra nobre familia — Pintos Fonsecas — senhores dos morgados de Pedregal e da Lage. N'esta quinta de Esmoriz teem apparecido alguns pequenos vasos de barro, romanos, e, na fenda d'um rochedo, um excellente machado de bronze.

Continuando a seguir o curso do Ovil passamos no lugar do Minhoso, e adiante, na extremidade da freguezia, encontramos a povoação de Eiriz, onde habita o distincto medico do partido municipal Augusto Soares Ramalho, a quem devo, como ao leitor já disse, a valiosa cooperação do dr. Alexandre Cabral para escrever este capitulo.

Retrocedamos para visitar a séde da freguezia e o seu antigo convento. Temos de deixar a amenidade da ribeira e subir até ao monte do castello, d'onde se desfructa um bello e vasto panorama, e em seguida descer até encontrarmos a cêrca do antigo convento. A capella que vêmos perto é a de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz, que todos os annos é festejada pomposamente na egreja parochial em um dos domingos de julho.

Rodeando a extensa cêrca entramos no convento, vasto edificio, hoje pertencente ao sr. barão de Ancede, e onde está actualmente installado um collegio de meninas.

Sobre este mosteiro deve rectificar-se o que diz o padre Carvalho na *Chorographia Portugueza* e é geralmente reproduzido.

Diz elle, que este convento foi primeiro fundado no lugar de Ermello em 1107, e por falta d'agua potavel o mudaram para aqui os conegos com ajuda de D. Affonso Henriques, que por dizer: *supposto que os conegos hão sêde, mudem o convento que eu os ajudarei* — d'ahi lhe ficou o nome de *Ancede*, sendo a mudança feita em 1160.

Parece que esta tradição não tem fundamento e que o nome provém, como diz Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano*, tomo 3.º, pag. 19, de certo dynasta assim chamado que fundára esta povoação no tempo dos godos. Isto está de accordo com um documento anterior á fundação da monarchia, citado por André de Rezende no seu livro *Antiquitatibus Lusitaniæ*, onde se lê: «*Ego Ansedus de medietate*, etc.»

Tambem a mudança do convento contada pelo padre Carvalho é contrariada por documentos. Assim, na *Censual* da Sé do Porto ha uma bulla de Callisto II, de 1120, em que, especificando-se os mosteiros incluidos na diocese portucalense, se faz expressa menção de *Anxedi*. Então D. Affonso Henriques, a quem são attribuidas as palavras que originaram o nome do convento, tinha apenas onze annos; e, se o convento foi mudado apenas em 1160, como diz o padre Carvalho, seria preciso admittir que o antigo mosteiro de Ermello era conhecido pelo nome de Ancede, o que não é admissivel visto que elle era realmente em documentos antigos conhecido pelo nome de Ermello, e por isso, e tambem pela diversidade dos oragos (Ermello—Santa Maria; Ancede—Santo André), parece-nos que não podemos identificar os dois conventos, e que elles co-existiram, sendo fundados quasi na mesma epocha, e depois o de Ermello abandonado por estar situado em má posição e annexado ao de Ancede.

Diz tambem o padre Carvalho que ha duas egrejas, uma dos frades e outra da freguezia. Effectivamente assim foi; porém depois de 1706, em que o padre escreveu, a egreja foi demolida, vendo-se ainda vestigios d'ella no claustro do convento e na actual sachristia.

É provavel que a egreja actual passasse então por alguma reconstrucção, supposto se attribua a sua primitiva fundação a D. João III ou á rainha D. Catharina durante a regencia. Consta por tradição, que a torre fôra edificada no ultimo quartel do seculo passado.

Tambem já não se vêem vestigios da sepultura dos Sousas, senhores de Baião, que o padre Carvalho diz existir na antiga egreja da freguezia. Egualmente aqui não existe o pulpito redondo d'uma só pedra, a que o padre Carvalho se refere. Não consta que aqui estivesse, mas sim na egreja de Santa Leocadia, onde ainda hoje se vê.

Existe n'esta egreja de Ancede uma cruz de prata lavrada, de grande valor, e que denota muita antiguidade, como a nossa gravura representa. Tem o brazão dos *Baiões,* duas cobras, e em volta uma inscripção que diz:—*Dom: Vasco: Martis: De: Baiom: Priol: Dansede.* Ignoramos a data em que D. Vasco foi prior d'este convento; todavia parece-nos que foi nos primeiros tempos da sua fundação, porque mais tarde a familia dos Baiões deixou de existir n'este concelho com esse appellido, e o convento de Ancede deixou tambem de ter priores.

A freguezia de Ancede formava de per si um *couto,* que foi doado por D. Affonso Henriques a D. Adunfo, prior do convento, e aos seus conegos no anno de 1132, como se lê no *Agiologio Lusitano,* tomo 3.º, pag. 19; e desde então ficou fóra da jurisdicção dos senhores donatarios do concelho.

Pinho Leal no seu artigo *Ancêde* erra, dizendo que aqui estavam as *honras* de Gozende e Eiras, o que não é exacto, como o leitor póde vêr n'este capitulo.

No lugar da Porta, sobranceiro ao mosteiro, ficava a casa das audiencias do couto, pequeno edificio ha pouco demolido. Hoje estão ahi as escolas primarias dos dois sexos.

Por baixo do convento fica o lugar do Outeiro, d'onde era natural o governador do Maranhão, Luiz de Magalhães, cuja familia se acha hoje ligada por casamento aos Ferreiras Cabraes, de Agrellos, que a representam.

Mais abaixo está a quinta de Valle-de-Cunha, que foi da illustre familia dos Brandões Corrêas de Mello.

Seguindo na direcção de leste para visitar o resto d'esta grande freguezia, passamos junto da casa de Sequeiros, dos Ferreiras Cabraes, que alveja entre a verdura da sua formosa quinta, e pouco adiante, n'uma elevação d'onde se domina um panorama formosissimo, encontramos a capella de Nossa Senhora da Boa Nova, tendo, pela sua torre, o aspecto d'uma pequena egreja. Do adro descobre-se todo o horisonte de serranias que se elevam do valle do Douro até nós, e ao sul, na outra margem, até aos pincaros da Gralheira. Ao fundo fica-nos uma matta extensissima de arvores seculares, que nos faz lembrar o Bussaco, e no centro levanta-se um edificio que tem ao lado um vasto casarão, hoje o que resta do antigo convento de Ermello, a que já nos referimos. Foi abandonado este mosteiro pelos seus possuidores e emprazado a particulares com as propriedades annexas pelos frades de Ancede no anno de 1539. Desde então se conservou na mão de particulares como praso do convento de S. Domingos de Lisboa (a que era annexo o de Ancede) e assim pertence hoje aos filhos do fallecido conselheiro do supremo tribunal de justiça, Antonio Dias d'Oliveira, que entrou na posse d'elle pelo seu casamento.

Do antigo convento resta apenas o corpo da egreja, modificado e transformado em adega. Apenas a capella-mór foi conservada e reduzida a capella da casa, junto da qual se conserva ainda o tumulo de S. Berardo (a que se refere o padre Carvalho).

Lancemos um ultimo olhar ao panorama, e prosigamos. Pouco adiante da capella de Nossa Senhora da Boa Nova encontra-se o lugar de Lordello, e perto d'elle, na direcção do Douro, em uma pequena planura, um montão de pedras que ainda ha poucos annos formavam um monumento designado pelo nome de *arco de Lordello*. Diz a tradição que este arco fôra levantado para commemorar a passagem da rainha de Castella D. Mafalda, filha de D. Sancho I, quando ia fundar nas Caldas de Arêgos uma

casa de banhos e albergaria para os pobres. Porém o arco sustentava, segundo a tradição, uma pedra em fórma de tumulo com uma espada esculpida na parte superior; e assim mais provavel é que, em vez de indicar o trajecto d'uma pacifica rainha, monja, fosse um monumento levantado á passagem do cadaver d'algum guerreiro illustre, como o arco de Odivellas indicava a do feretro de D. João I na sua trasladação de Lisboa para o convento da Batalha.

Cruz parochial de Ancede — Desenho do natural por João de Almeida

Desçamos até ao Douro. O monte cahe verticalmente sobre o rio, em cuja margem encontramos a povoação da Venda, onde ainda ha poucos annos se observavam vestigios dos fundamentos d'uma ponte, com que em remotas eras pretenderam ligar esta povoação com as Caldas de Aregos. Tambem é attribuido á rainha D. Mafalda esse projecto.

Estamos no extremo da freguezia, junto ao Douro e sobre a linha ferrea. Aproveitamos a passagem commoda que esta nos offerece pela sua ponte curva de cantaria, e atravessamos assim o pequeno ribeiro que nos separa da freguezia de *SANTA CRUZ DO DOURO,* onde a poucos metros de distancia encontramos a estação de Aregos, que tira o nome da povoação que lhe fica fronteira, na outra margem do Douro.

Tambem d'aqui, como de Mosteiró, temos de subir por um pessimo e accidentado caminho, pois a estrada districtal, que ha de ligar a estação com a estrada real n.º 34, acha-se apenas estudada.

Seguindo em direcção á egreja, que está situada no centro da freguezia, ficam-nos á direita a quinta da Capella, que foi da illustre familia dos Borges Medeiros, hoje extincta; a do Lodeiro, da nobre familia dos Pintos Magalhães, a que anda ligado um triste romance de amores narrado pelo sr. Camillo Castello Branco no livro *No Bom Jesus do Monte,* e a de Cabeção, que pertence ao sr. dr. Albino Pinto de Miranda Montenegro, governador civil do Porto.

Mais além, tambem á direita, avista-se a povoação de Eiras, séde da antiga *honra* d'este nome.

A egreja é um templo de regulares dimensões, situado a dois kilometros do Douro, a meio da encosta que sobe desde o rio até á cumiada da serra. A talha da capella-mór é bastante notavel. No corpo da egreja, junto da capella lateral da confraria das almas, está uma sepultura brazonada dos Ferreiras Cabraes, de Agrellos.

Ignora-se a data da fundação d'esta egreja e freguezia, que talvez já existisse no tempo dos godos. O que, porém, é positivo é que existia no meado do seculo XII, pertencendo á jurisdicção ecclesiastica dos arcebispos de Braga, como se vê da bulla do papa Eugenio III, dirigida ao arcebispo D. Peculiar, em que lhe confirma o senhorio da egreja «*Sanctæ crucis de Ripa Dorii.*» Isto foi tambem confirmado pelo papa Adriano IV em bulla de 1157, dirigida ao mesmo arcebispo.

Foram, por isso, primeiramente da mitra primaz o padroado e jurisdicção ordinaria n'esta egreja. Depois passou a ser do padroado da infanta D. Sancha, irmã de D. Affonso Henriques e mulher de D. Fernão Mendes de Bragança (como consta d'uma *Chronica* que se conserva no *Archivo Bracharense);* em terceiro lugar passou a ser da apresentação do presbytero Affonso Ramires, poderoso senhor de muitas terras, que tornou a doar o padroado d'esta egreja aos arcebispos de Braga, na pessoa de D. João Peculiar, para si e seus successores, no anno de Christo de 1168, como consta d'um pergaminho guardado com o n.º 27 no citado *Archivo Bracharense.*

Assim continuaram os arcebispos na posse e direito de jurisdicção e padroado d'esta egreja, até que pelos annos de 1252 lh'os contestou o bispo do Porto, suscitando-se então entre os dois prelados uma questão complicada de padroado e direitos, que se ignora ao certo quando terminou.

Mais tarde, pela instituição do morgadio de Soalhães, Santa Cruz do Douro ficou sendo *isenta* e *nullius diocesis.* O bispo D. João, instituidor do morgadio, a erigiu em prelasia sujeita ao abbade de Soalhães, que n'ella ficou sendo *pleno jure* prelado *in spiritualibus et temporalibus.*

O bispo de Lisboa D. João Martins Soalhães instituiu o morgado de Soalhães em 1304, e n'elle succedeu seu filho Vasco Annes de Soalhães, legitimado por D. Diniz em 1308. Continuou este morgado nos seus descendentes, que foram os condes de Penella e depois por casamento os viscondes de Villa Nova da Cerveira, marquezes de Ponte de Lima. Foi assim que o padroado d'esta freguezia, antigo *isento* e *prelasia* de Santa Cruz do Douro, pertenceu a esta familia até á epocha liberal.

Depois d'esta digressão pelo passado, continuemos a nossa visita á freguezia. Deixamos á direita o espaçoso cemiterio e a casa da escola do sexo masculino, e á esquerda a grande povoação de Carrapatello, onde

está a escola para meninas, e a capella publica de Nossa Senhora d'Ajuda. Passando pelo populoso lugar de Enxamel, e, dobrando um pequeno outeiro, encontramos um vasto edificio, em cujo centro se eleva uma magestosa torre. É a casa de Agrellos, representada na nossa gravura.

Este edificio, bastante irregular em razão de successivas reconstrucções, tem a frente voltada ao sul e é formado de quatro alas que deixam no centro um claustro. A ala de leste prolonga-se na direcção do sul, formando angulo obtuso com a frente principal do edificio, no centro da qual se ergue a torre de cantaria lavrada, encimada pelo brazão dos Ferreiras Cabraes. Sobre uma porta interior existe uma inscripção que quer dizer: «Quem d'aqui descender a Villa Monim não vá viver.»

Villa Monim é outra casa e quinta d'esta familia, pouco distante de Agrellos. Ignora-se a tradição relativa a esta legenda. A capella foi reformada em 1867. É muito elegante e n'ella se conserva o viatico, que ás vezes, em razão da distancia a que fica a egreja, d'aqui vae aos enfermos das povoações visinhas.

A quinta é extensissima, chegando as suas mattas quasi ao rio Douro. Ignora-se a data da construcção d'esta casa, que foi primitivamente dos Peixotos e d'elles passou aos Ferreiras Cabraes, por doação de D. Joanna Victoria Peixoto de Miranda, ultima representante d'aquella extincta familia, a Diogo Ferreira Cabral, e confirmada a seu irmão Joaquim Ferreira Cabral Paes do Amaral, brigadeiro dos reaes exercitos, cavalleiro de S. Bento d'Aviz, fidalgo cavalleiro da casa real, que fez distinctamente a campanha da guerra peninsular, pae do actual possuidor o sr. Antonio Ferreira Cabral Paes do Amaral, fidalgo cavalleiro da casa real, senhor dos morgados de Nossa Senhora d'Ajuda, da Caldeirôa e de Campello, e das casas de Penaventosa e da Torre de Campello na freguezia d'este nome, onde esta familia tem o seu solar, como vimos quando nos occupámos d'essa freguezia.

Subindo ao alto da montanha que limita a freguezia, encontramos a formosa ermida de Nossa Senhora dos Martyrios, muito venerada do povo, que ahi faz annualmente uma romaria no dia da Ascenção. Descobre-se d'esse ponto um panorama bello e vasto. O templo é muito elegante e maior do que muitas egrejas do concelho. Foi reconstruido com maiores proporções no ultimo quartel do seculo passado. Diz a lenda que a primitiva capella fôra construida por um ermitão, homem desconhecido, que ahi veiu parar sem se lhe conhecer a origem. Com o producto das esmolas edificou a capella, onde o enterraram; sobre a sua sepultura morreu um cão, seu companheiro e amigo fiel, que nem depois de morto o abandonou. Tal é a lenda.

A leste e muito perto da capella, no alto d'um monte sobranceiro ao lugar de Lodão, fica o grande e importante *castro* de Mantel, uma das mais notaveis estações pre-romanas de Baião. São ainda visiveis em grande parte os restos das duas linhas concentricas de muralhas que guarneciam o *oppidum*. Do lado de nascente, fóra da primeira linha de muralhas, vê-se um fundo e largo fosso, e junto d'este as ruinas d'um pequeno forte todo cercado de fossos e restos de muralha. Encontram-se dentro do *castro* cacos de barros cosidos, mas não sufficientemente caracteristicos para que se possa attribuil-os á industria romana.

D'aqui avista-se já a maior parte da freguezia de *S. THOMÉ DE COVELLAS,* dividida da de Santa Cruz do Douro por um pequeno ribeiro que desce até ao Douro, banhando um formosissimo valle.

A egreja, que encontramos pouco além do ribeiro, que n'este ponto, apezar do pequeno volume das suas aguas, tem o nome de *Ribeiro Largo,* é um pequeno templo sem torre. Foi da apresentação dos Corrêas Coelhos, senhores da quinta de Covella, hoje representados pelos Carvalhos e Azevedos, da Soenga.

Sobranceiro ao templo alveja um extenso edificio. É a casa da Foz da illustre familia dos Mellos Pintos Machados, cujo solar, na casa da Lage, fica um pouco mais abaixo, junto da egreja.

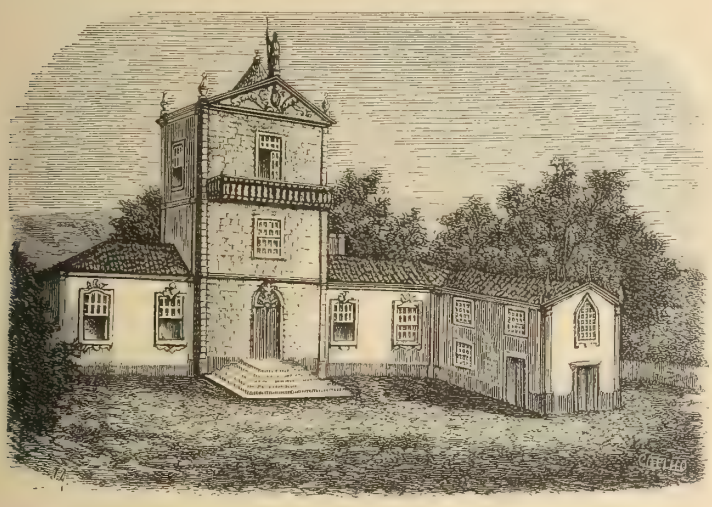
Mais além encontramos a casa de Covella do sr. Antonio Brandão d'Andrade da Cunha Lima, cavalheiro que representa tambem, pelo seu casamento, a familia dos Leites Pereiras Cardosos, cujo solar é na quinta de Lohazim, situada um kilometro ao sul, sobranceira ao Douro. Esta casa tinha outr'ora o privilegio de receber um buzio de sal (dois alqueires) de cada barco que subisse o rio Douro. Junto ao pateo da entrada existia d'antes um fortim com uma pequena peça montada para dar fogo aos barcos que tentassem subir sem pagar o tributo.

Agora subamos á serra para visitar a freguezia de *VALLADARES,* que fica no centro do concelho em ponto muito elevado. A egreja é muito antiga, e foi outr'ora do padroado dos senhores donatarios do concelho e dos marquezes de Arronches.

N'esta freguezia, perto do sitio chamado Portella de Miro, ha uma importante nascente d'aguas ferreas.

Junto do lugar de Torna-o-rego, em sitio agreste, vê-se ainda um padrão ignominioso do passado—uma columna de pedra da antiga forca. Perto d'ella, no lugar de Paçô, limites d'esta freguezia com a de S. Thomé, existem as ruinas d'uma casa que servia de cadeia e tribunal onde o corregedor da comarca vinha fazer a correição. Certamente era escolhido este ponto por ser o centro do concelho.

Sigamos em direcção a leste. Á esquerda fica-nos uma cordilheira alcantilada que segue ao centro do concelho, dividindo os valles do Douro e Ovil. Adiante passamos junto do novo cemiterio, e, dobrando um outeiro, descobrimos d'este ponto elevadissimo um formoso panorama. As serras da Beira ao sul, a nascente as do Alto Douro, mais perto o Marão, e em frente o monte de S. Silvestre, limitam uma extensa bacia que vamos percorrer, deixando á esquerda a pequena freguezia de *VIARIZ,* que foi da apresentação da mitra do Porto. Descemos para *SANTA MARINHA DO ZEZERE,* freguezia grande e populosa, que se estende até ao rio Douro. A egreja, que é um templo elegante e dos melhores do concelho, foi reedificada em 1725 pelo abbade Salvador Coutinho da Cunha, da nobre familia dos Cunhas Coutinhos, cujo solar das Casas-Novas se vê pouco abaixo.



Casa de Agrellos — Desenho do natural por João de Almeida

A pequena distancia, a nor-d'este, existe o *castro* do Barreiro, onde teem apparecido fragmentos de ceramica, cuja epocha não podemos assignar. A leste da egreja e pouco abaixo d'ella passa o ribeiro Zezere, que dá o nome á freguezia e desce até ao Douro, onde vae desaguar perto da estação da Ermida.

Passemos á margem esquerda, onde fica a antiga casa de Entre-Aguas que dos Mouras Coutinhos passou aos Perfeitos, e mais adiante a Torre, pequeno edificio que é reedificação d'um velho solar dos Pereiras Vasconcellos, capitães-móres do extincto concelho de Gouveia de Riba Tamega, hoje viscondes de Leiria.

Seguindo para nascente encontramos a freguezia de *TREZOURAS,* situada n'uma formosa encosta marginal do rio Teixeira. Foi vigairaria annexa á commenda de Villa Cova da Lixa, de que foram commendadores os Magalhães e Menezes representados hoje pelo sr. barão da Torre de Villa Cova da Lixa e por seu irmão o par do reino sr. Luiz de Lencastre. Ha aqui a capella de Nossa Senhora de Calvos, junto da qual se realisa uma pequena feira annual a 25 de março.

Para seguir a estrada mais concorrida deixamos á esquerda esta freguezia, atravessamos a ponte do Teixeira, e entramos na povoação e freguezia de *LOIVOS DA RIBEIRA* que está n'uma situação lindissima, na bacia banhada pelo rio Teixeira que nasce nas eminencias do Marão e desce até ao Douro.

N'esta freguezia, que é talvez a mais pequena do concelho, ha a importante industria da telha de barro grosso. Ha tambem muitos almocreves que conduzem cereaes para os mercados de Mezão Frio.

A egreja é um pequeno templo antiquissimo. Do lado esquerdo tem a capella do Senhor das Chagas, annexa á casa do Paço que fica proxima é cabeça do morgado d'aquelle nome. O padroado d'esta egreja passou mais tarde aos Tavoras, que mandaram esculpir o seu brazão sobre o arco da capella, brazão que depois foi picado, como succedeu a todos d'esta familia no tempo do marquez de Pombal.

Á direita, um pouco acima da egreja, vê-se a capella publica de Nossa Senhora da Lapinha, dominando toda a formosa bacia onde estão situadas esta freguezia e a de Trezouras. Pouco adiante, seguindo em direcção ao Douro, entramos na freguezia de *FRENDE,* que era outr'ora abbadia da mitra do Porto.

É uma pequena freguezia que confina com o Douro, e por isso tem em grande escala a industria da marinhagem. O seu modesto templo fica situado n'uma formosa bacia muito povoada. É excellente a producção do azeite e do vinho.

É aqui tradição que perto do lugar do Castello houvera uma fortificação romana. Existe ahi uma capella publica, denominada de S. João do Castello, que tem romaria a 24 de junho, mas só extraordinariamente tem festa.

*

* *

Chegámos aos confins do concelho, do districto e da provincia. De Traz-os-Montes separa-nos o monte de S. Silvestre que eleva quasi a prumo o seu cone coberto de pinheiros. Torneando o monte, e approximando-nos do rio Teixeira, entramos em terreno alheio, no concelho de Mezão Frio, para mais commodamente voltarmos a Baião, a fim de percorrer as freguezias que ainda não visitámos.

Atravessemos a antiga villa, que fica situada em ponto elevado, sobranceiro ao rio Teixeira, e é muito nossa visinha. Sigamos pela estrada real n.º 33 que vae do Porto á Regua. A menos d'um kilometro de Mezão Frio encontramos a ponte de Carrapatello. Atravessando-a, estamos

de novo em Baião, na freguezia de *GESTAÇO,* (S. João do Campo de) que em área é sem duvida a segunda do concelho. Em virtude da sua grande extensão e de distar muito a egreja parochial da extremidade da freguezia que o rio Teixeira divide de Mezão Frio, a pequena capella de S. Miguel, que fica sobranceira e pouco distante d'elle, no lugar de Anguião, serve de egreja para esta parte da freguezia: ahi se conserva o sacramento da eucharistia e se fazem enterramentos. Pouco acima fica outra capella, a de Nossa Senhora do Allivio, que tem no primeiro domingo de agosto uma festa e romaria muito concorrida pelo povo dos dois concelhos.

Dirigimo-nos pelo centro da freguezia para visitar a egreja parochial, tendo a caminho direito occasião de admirar um dos panoramas mais formosos do concelho, que se descobre da serra do Coucão. É muito ingreme a subida, mas temos larga compensação d'esse trabalho, estendendo a vista ao largo sobre o paiz vinhateiro, por onde o Douro vem trazendo as suas aguas amarelladas, e mais perto, por sobre a villa de Mezão Frio, edificada ao longo da crista d'um outeiro que nos fica lá em baixo, além do rio Teixeira. Este vae seguindo mansamente por uma veiga formosissima, banhando as freguezias de Trezouras e Loivos da Ribeira até onde descem quasi a pique as largas ravinas, que se abrem n'esta eminencia do Coucão. Do lado opposto, e muito perto, fica o Marão, escalvado e escuro, mais elevado ainda. É uma larga vista de montanhas.

Dobrando a serra encontra-se uma capella de fabrica antiquissima, cercada por uma parede velha e arruinada, e por uns pequenos casebres. É a capella de Nossa Senhora da Graça, que tem festa annual a 15 de agosto, marcando as barracas o local onde se realisa todos os mezes um mercado.

Estamos no centro da freguezia, que é muito povoado. São quasi successivos os pequenos lugares, formando uma bonita paysagem. Um pouco acima estende-se uma extensa planura, ou larga bacia, quasi deserta, fechada no alto da serra. É ahi que está edificada a egreja, um bom templo que por ter ardido foi reedificado em 1747. Esta abbadia era do padroado dos condes de Unhão, que recebiam os quinquenios dos fructos da freguezia em virtude de um breve dos summos pontifices.

Ha dois annos, perto da egreja, no sitio das Candorcas, despovoado e ermo, pertencente ao antigo passal que hoje é propriedade particular do actual abbade, uns lavradores levantaram com o arado dois grandes vasos de barro vermelho sem abertura alguma patente, que se achavam enterrados junto d'um penedo onde estava gravado um pequeno e inintelligivel signal. Estes vasos, que os lavradores partiram, continham uma quanti-

dade enorme (quarenta litros talvez) de pequenas moedas romanas de bronze. O que outr'ora foi um thesouro, pouco merecimento tem hoje, porque as moedas, já observadas pelo distincto archeologo sr. Martins Sarmento, offerecem pouco valor e raridade.

Sahindo pelo lado de nordeste da extensa bacia em que está situada a egreja, encontramos a estrada real n.º 33. Descançando um pouco na antiga estalagem de Quintella, descemos depois pela estrada nova (que é a mais velha do paiz, pois foi reconstruida sobre a antiga via mandada fazer pela Companhia dos Vinhos do Alto Douro, vendo á esquerda, muito profundamente, correr o Teixeira que desce das alturas do Marão. Appro-

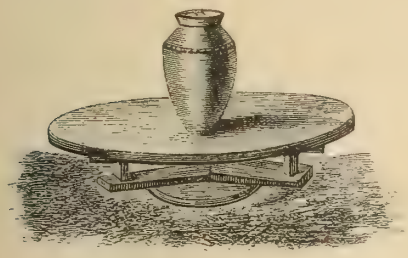
Industria ceramica de Gove — Desenho do natural por João de Almeida

ximando-nos d'elle passamos á margem esquerda para visitar a pequena freguezia de *TEIXEIRÓ,* que em tempo foi annexa á de Villa Marim do concelho de Mezão Frio e cuja situação é n'um valle sobranceiro ao rio Teixeira, nas fraldas do Marão. Tem uma pequena capella publica de Nossa Senhora do Soccorro. A egreja é um modestissimo templo situado no centro da freguezia, sendo antes da independencia d'esta ainda mais modesto; porém foi reedificado em 1751.

Ao norte fica a freguezia de *TEIXEIRA,* que de per si constituiu outr'ora o concelho ou *honra* d'este nome. É muito extensa a área d'esta freguezia, mas a maior parte despovoada, porque se estende pelas eminencias do Marão.

Teixeira foi concelho ou honra antiquissima, e pertencia á comarca de Lamego, apezar de estar encravada entre as provincias do Douro, Minho e Traz-os-Montes. O municipio de Teixeira conservou-se independente até ao anno de 1837; n'este anno, porém, havendo divisão territorial e

pretendendo os habitantes de Mezão Frio formar uma comarca, sollicitaram do governo que lhe fosse annexado o concelho da Teixeira, bem como as freguezias de Teixeiró, Loivos da Ribeira e Frende, pertencentes ao concelho de Baião, o que obtiveram, sendo então supprimido o concelho da Teixeira. Pouco tempo durou este estado de coisas, porque em 1839, havendo nova divisão territorial, tanto as antigas freguezias de Baião, como o extincto concelho da Teixeira, representaram aos poderes publicos e obtiveram a annexação ao concelho de Baião, a que ainda hoje pertencem, apezar de se terem repetido as tentativas de Mezão Frio para se engrandecer á custa d'este concelho.



Roda de oleiro (industria de Gove)

Esta freguezia é banhada pelo rio Teixeira que n'ella nasce nos pincaros do Marão, perto do lugar de Mafomedes.

São muito ferteis as suas margens, e tem o rio muitas e boas trutas. Na margem do rio, e quasi ao centro da freguezia, fica a antiga villa, séde do extincto concelho, hoje denominada a *Rua,* onde estão as escolas primarias dos dois sexos. A do sexo masculino funcciona na antiga casa do tribunal e cadeia.

Por aqui passava outr'ora a importante estrada de Mezão Frio a Amarante e Porto; porém no anno de 1800 rompeu-se pelo monte que fórma a margem direita do Teixeira, na freguezia de Gestaçô, a estrada da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, depois modernisada e aproveitada para a estrada real n.º 33 a que já nos referimos.

No alto da antiga villa fica a egreja, que é um templo bastante vasto e elegante. Esta abbadia era do padroado dos condes de Unhão.

D'aqui o Marão eleva-se quasi a pique em alcantiladas ravinas. No ponto mais alto da serra fica a ermida de Nossa Senhora do Marão, em que ha romaria nos tres domingos consecutivos ao dia de S. João. É muito concorrida, sobretudo no segundo domingo. Descobre-se d'ali um panorama delicioso e extensissimo em qualquer direcção—Traz-os-Montes, a Campeã, o paiz vinhateiro, a Beira, o Minho... tudo se desenrola aos nossos olhos em um horisonte tão largo e tão formoso, que a alma como que se sente paralysada na contemplação absorvente d'esta porção do Infinito. Incomparavel!

Existe no archivo da camara municipal de Baião o original em pergaminho do foral dado por D. Manuel ao extincto concelho da Teixeira, em 17 de julho de 1514, onde se diz que se mandaram tirar tres copias, vindo uma para a camara do concelho, outra para a Torre do Tombo, e

a terceira para os senhores donatarios da terra, que eram os Teixeiras Coelhos.

Na Teixeira ha a industria da fabricação de biscoitos que tomam o nome da terra. É importante a sua producção de castanha.

Agora deixemos atraz as serranias do Marão, subamos á serra que com ellas fórma o valle do Teixeira, e desçamos outra vez para o nosso primitivo ponto de partida, isto é, para a séde do concelho. Para lá chegar carecemos de atravessar ainda duas freguezias. A primeira é *LOIVOS DO MONTE,* que outr'ora foi annexa á de Gestaçô. Hoje é independente e tem reunido a si o pequeno curado de Santa Comba de Tolões, que antigamente foi annexo á freguezia de S. João de Ovil.

Loivos é uma pequena freguezia serrana. A sua egreja é muito pequena e modesta, parecendo antes uma pequena capella. São em Loivos as nascentes do rio Ovil, cujas margens percorremos mais do que uma vez, rio que dá o nome á freguezia immediata de *S. JOÃO DE OVIL,* indo entrar no Douro a tres ou quatro leguas de distancia. Esta freguezia está situada n'uma formosa bacia e estende-se até ao alto das elevadas serras que lhe constituem o rebordo. O caminho é pela margem direita; vêmos o lugar de Outoreça na outra margem e sobre elle, no alto da serra, um cone elevadissimo denominado *Castello de Mattos,* que Pinho Leal, no seu artigo *Viariz,* erradamente inclue n'esta freguezia. Contra o que o nome parece indicar, este ponto não apresenta o menor vestigio de antigas fortificações.

Na margem direita, ao centro da freguezia, n'uma pequena elevação proxima do lugar de Villarelho, fica a egreja parochial, e perto d'ella o cemiterio. A egreja é bastante vasta e elegante. O parocho usa o nome de reitor, e era outr'ora apresentado alternadamente pelo senhor donatario do concelho e pelo cabido da Sé do Porto. O actual reitor é o reverendo sr. José Monteiro Ribeiro de Carvalho, vigario da vara d'esta comarca ecclesiastica.

Descancemos um pouco no adro da egreja, contemplando o formoso valle que nos cerca, e ganhemos coragem para subir a serra da Aboboreira que nos fica á direita, separando este concelho dos do Marco de Canavezes e Amarante. É ingreme a subida, mas seremos compensados, analysando importantes monumentos megalithicos. Do principal e mais conservado démos já noticia e gravura no concelho de Amarante, pelo que não repetiremos aqui essa noticia, mas tão sómente a accrescentaremos com as informações que o nosso obsequioso amigo nos presta n'este momento.

No cabeço denominado *a menina do crasto* brota uma fonte conhe-

cida desde remotas eras por *fonte do mel,* ficando a uns setecentos metros de distancia a *casa do mouro* ou dolmen, de que demos a gravura. A mesa ou ara que cobre toda a anta é monolithe, tosca na fórma, de granito duro e grosseiro, sem o menor vestigio de trabalho humano, nem signal ou marca symbolica, e tem a fórma circular imperfeita, medindo $3^m,60$ de comprido por $2^m,50$ de largo. Assenta em nove grandes lages de granito postas ao alto, com uma pequenissima inclinação para dentro e dispostas de modo que formam uma camara apparentemente circular. Todas estas nove pedras teem a mesma altura de $2^m,45$, variando na largura de $1^m,50$ a $1^m,90$. As mais largas são a do lado esquerdo da porta da camara, que tem de largo $1^m,90$ e a do fundo que tem egual largura. A espessura de todas ellas regula por 25 centimetros, sendo todavia a mesa ou ara um pouco mais espessa, principalmente no centro. A porta da camara que está voltada ao nascente mede na abertura horisontal $1^m,60$ approximadamente e de alto $2^m,45$.

O aspecto e textura exterior do granito revelam que este monumento esteve durante muitos seculos coberto de terra até á mesa ou ara. As excavações ahi effectuadas nenhum resultado teem dado, o que não admira, porque ha muitos annos ou seculos que foi devassada esta anta, a qual pela sua elegancia, dimensões e bom estado de conservação, é um bom exemplar do genero.

Não é este o unico monumento d'esta especie que existe na Fonte de Mel. Na direcção do sul existem equidistantemente dispostas as duas grandes *mamôas* a que tambem já nos referimos em pag. 434, e a setenta ou oitenta metros ao sul d'estas vê-se outra quasi desfeita, mais pequena do que as antecedentes. Junto d'ella nota-se um singello padrão commemorativo do apparecimento de Nossa Senhora, segundo a prophecia feita por um intrujão, que levou áquelle local milhares de pessoas, algumas de grandes distancias. Apezar de illudidas na sua esperança de vêr a Virgem, algumas houve mais devotas que mandaram levantar o monumento. Foi isto em 1869! O inventor da patranha foi condemnado ha dois annos no Marco de Canavezes por ter assassinado um pobre velho inoffensivo, e diz-se tambem que assassinára uma sua filha, lançando-a a um rio para a desviar d'um casamento que não approvava. Apezar de ser d'esta raça o propheta, é tão credulo e supersticioso o povo d'esta terra, que correu aos milhares ao local da prophetisada apparição, para receber um completo desengano.

Entre este ponto e a Fonte do Mel encontra-se outra *mamôa* muito deteriorada, situada entre o cabeço da *menina do crasto* e o cabeço chamado *outeiro do concelho.*

A cincoenta ou sessenta metros d'este cabeço, na direcção de sudoeste, existem os restos de duas outras antas (dolmens), uma muito deteriorada, conservando apenas da primitiva construcção uma lage do recinto da camara, ainda de pé, tendo desapparecido as outras pedras que cercavam a camara, a mesa ou tecto, e a galeria de entrada. A outra anta que lhe fica proxima está em melhor estado. Conserva ainda inteira toda a camara, faltando-lhe, porém, a mesa que a cobria, bem como a galeria de accesso. Esta anta é menor do que a chamada *casa do mouro*.

Proximo d'este lugar, mas fóra da freguezia, ha mais algumas mamôas—uma a uns oitocentos metros para o sul da Fonte do Mel, no sitio chamado *outeiro gordo,* na freguezia de Campello, e outras perto do lugar da Aboboreira que dá o nome á serra, já no concelho do Marco de Canavezes.

Taes são os importantes monumentos megalithicos da Fonte do Mel.

Emquanto descemos novamente a serra recordemos uma lenda, que se conserva tradicional n'esta freguezia.

«Em remotas eras houve aqui um lavrador cuja fama de valentia chegou a Lisboa, ao paço do rei, que tinha um escravo preto, valentissimo. Para experimentar o Hercules de Baião, desejando observar qual era mais forte, mandou o rei de Lisboa aqui uma escolta de soldados para lhe levarem o homem sob prisão. Chegando os soldados encontraram um camponez a lavrar, e perguntaram-lhe onde morava um homem muito valente. O lavrador, que já soltára os bois do arado, pegou n'este pelo temão com uma das mãos, e, levantando-o, com elle apontou a propria casa. Denunciado por esta fórma foi conduzido a Lisboa, onde, com um pequeno abraço, estendeu morto aos pés do soberano o pobre preto, victima do capricho real.»

Terminamos a jornada. Percorrendo esta freguezia, entramos novamente na de Campello, e a pequena distancia chegamos á villa d'este nome, capital do concelho de Baião, d'onde partiramos para a nossa viagem e onde por um instante descançamos para lançar uma vista de conjuncto sobre a importancia do concelho.

*
* *

Posto que seja essencialmente agricola o concelho de Baião, a agricultura está e conservar-se-ha ainda por muitos annos no rude estado primitivo, já porque a accidentação dos terrenos não permitte a introducção de innovações, já porque o lavrador baionense recebe de mau grado os

progressos da sua industria e cuida pouco de instruir-se ou instruir as gerações novas, que d'elle dependem. Sob o pretexto de que os rapazes fazem falta ao serviço da lavoura e ao pastoreamento dos gados, as escolas são muito pouco frequentadas, não obstante ser o concelho um dos mais bem servidos n'este ponto.

Conta nada menos de 14 escolas primarias para o sexo masculino e 10 para o feminino, tendo a camara ainda ultimamente creado mais tres, uma de ensino elementar em Campello, e duas mixtas em S. Thomé de Covellas e Loivos do Monte. As primeiras são nas seguintes freguezias: Campello, masculino e feminino; Santa Marinha, masculino e feminino; Gestaçô, masculino e feminino; Ancede, masculino e feminino; Teixeira, masculino e feminino; Santa Cruz, masculino e feminino; Viariz, masculino e feminino; S. João de Ovil, masculino e feminino; Santa Leocadia, Loivos da Ribeira, Gove, Valladares, Trezouras, Teixeiró, masculino.

Não ha jornal que represente Baião, servindo para isso as correspondencias em jornaes do Porto, que são ahi os mais lidos.

A estatistica de criminalidade tomada para o anno de 1880 offerece os seguintes algarismos: Numero dos crimes 41, sendo 27 contra pessoas, 13 contra a propriedade, 1 contra a religião. Os reus julgados foram 62, sendo 25 absolvidos, 1 condemnado a penas maiores e 36 a correccionaes. Eram 47 homens e 15 mulheres, sabiam lêr 25 e eram ignorantes 37. De fóra da comarca eram 9 reus.

O estado de viação no concelho, se não é já como no tempo do padre Carvalho, não tem ainda o desenvolvimento preciso para fomentar a riqueza e civilisação d'esta região tão montanhosa, como fertil. Por em quanto limita-se a ter á margem Douro a linha ferrea que o serve no apeadeiro da Palla, e nas estações de Mosteiró, Aregos e Ermida, e um ou outro troço de estrada que de pouco ou nada serve. A estrada real n.º 34, que entra já no concelho na extensão de uns seis kilometros, depois de receber os ramaes que devem servir as estações da linha e a estrada districtal n.º 38, de que percorremos de Campello a Eiriz uns cinco kilometros, serão, quando completas, as arterias de maior valimento para o concelho, que ficará, com a que serve pelo norte e quando se abra tambem a estrada de Campello ao Juncal, em rasoaveis condições de viação.

A industria do concelho, assim como as suas relações commerciaes com os povos visinhos, são insignificantes. Além das pequenas industrias rudimentares e indispensaveis á sua vida intima, apenas poderão notar-se como de mais interesse a da navegação fluvial das freguezias ribeirinhas, as olarias de barro grosso em Gove, os fornos de telha em Ancede e Frende.

Essencialmente agricola, como dissemos, e produzindo muito milho,

trigo e centeio (este nas freguezias serranas), azeite de excellente qualidade e consideravel porção de vinho, o concelho exporta cereaes para Rezende, Mezão Frio e Canavezes, assim como alguns gados, lenha e vinho.

A estatistica pecuaria de 1873 dá a este concelho os seguintes valores:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	233	3:030$000
Muar	133	1:833$600
Asinino	112	372$800
Bovino	2:515	68:283$900
Lanar	5:053	2:020$600
Caprino	1:534	769$400
Suino	4:020	21:605$500
		97:915$800

Estes algarismos não representam hoje, porém, o verdadeiro valor da população pecuaria do concelho; como já por vezes temos dito, valemo-nos das indicações que nos fornece o recenseamento de 1873, porque não ha outro mais moderno; mas na administração do concelho de Baião existe o esboço d'uma estatistica feita em 1886, e que apresenta os seguintes dados:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	321	
Muar	188	
Asinino	144	(1)
Bovino	3:196	
Lanar	4:198	
Caprino	826	
Suino	3:699	

A producção do vinho tem, desde alguns annos, augmentado, sendo quasi todo o vinho de *enforcado,* havendo apenas em algumas freguezias da margem do Douro vinhas de cepa baixa. As principaes qualidades de uva são: *tintas,* amaral, labrusca e alvarelão; *brancas,* alvaraço, pedernão

(1) Não existe nota dos valores.

e péguda. Ha tambem em menor quantidade a *tinta amarella, tinta francisca, tinto cão* e *souzão.*

Os preços dos generos regulam nos mercados de Baião pela seguinte tabella:

Trigo (alqueire de 17l,83)	800
Milho branco (alqueire de 17l,83)	500
Centeio (alqueire de 17l,83)	480
Feijão (alqueire de 17l,83)	600
Batatas (alqueire de 17l,83)	190
Vinho verde (pipa de 629l,376)	22$000
Azeite (almude de 29l,376)	4$800
Milho amarello (alqueire de 17l,83)	480
Carne de vacca, kilo	200
Vitella, kilo	200
Castanhas, alqueire (duas razas — 35l,66)	500
Cebolas (um cabo)	80
Ovos (sete)	40
Gallinhas (uma)	300
Frangos (um)	120

A isto accresce o peixe, que lhe fornecem os rios Douro, Teixeira e Ovil, e sobretudo a muita caça (coelho e perdiz), que se encontra nas suas mattas e extensos montados.

CONCELHO DE BAIÃO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Ancêde, *Santo André*	1:987	1:776	3:763	840 *(a*
Campello, *S. Bartholomeu*	804	835	1:639	411 *(b*
Frende, *Santa Maria*	639	384	1:023	182 *(c*
Gestaçô, *S. João do Campo*	840	905	1:745	426 *(d*
Gôve, *Santa Maria*	628	697	1:325	334 *(e*
Grillo, *S. João Baptista*	289	313	602	151 *(f*
Loivos da Ribeira, *Santa Maria Magdalena* [1]	261	244	505	104 *(g*
Loivos do Monte, *S. Paio*	221	230	451	109 *(h*
Mesquinhata, *S. Thiago*	302	245	547	118 *(i*
Santa Cruz do Douro, *Santa Cruz*	941	898	1:839	435 *(j*
Santa Leocadia de Baião, *Santa Leocadia*	626	472	1:098	240 *(k*
Santa Marinha do Zezere, *Santa Marinha*	1:096	1:111	2:207	511 *(l*
S. João de Ovil, *S. João Baptista*	623	701	1:324	365 *(m*
S. Thomé de Cuvellas, *S. Thomé*	469	404	873	197 *(n*
Teixeira, *S. Pedro*	661	720	1:381	325 *(o*
Teixeiró, *Santa Maria*	221	242	463	116 *(p*
Trezouras, *S. Miguel*	322	381	703	170 *(q*
Valladares, *S. Thiago*	366	429	795	210 *(r*
Viariz, *S. Faustino*	228	297	525	139 *(s*
	11:524	11:284	22:808	5:384

a Comprehende esta freguezia os logares de Eiriz, Minhoso, Deveza, Penalva, Esmoriz, Porta, Outeiro, Cima de Villa, Lordello, Sequeiros, Ranha, Adega, Costa, Boavista, Abbadia, Sequeirinhos, Ermêllo, Geraldo, Palla (parte d'esta povoação é da freguezia de Santa Leocadia), Portomanso, Venda das Caldas, Mosteiró, Mortal, Pendurada, Canastrez, Tureixas, Portella do Rio, Granja, Valle, Valverde, Arcas-Altas, e os casaes de Cannaval, Fôjo, Machossas, Samodães, S. Pedro, Telhado, Camude, Pouzadouro, Paço Negro, Amaraes, Valle de Cunha, Valle de Cerdeira, Ponte da Pedra, Revoltinha, Ponte Nova, Pereiro, Abeceiro, Casal de Mattas, Aguincheiras, Convento.

(NB. No lugar da Venda das Caldas acima mencionado ha algumas casas pertencentes á freguezia de Santa Cruz do Douro).

b Comprehende esta freguezia os logares de Outeiro, Rua, Feira, Igreja (estes quatro lugares constituem a povoação ou villa de Campello, séde do concelho de Baião), Almofrella, Curraes, Valabrigoso, Penaventosa, Passos, Carquere, Freixieiro, Pinheiro, Ingilde, Prado, Villares, Varzia, Louredo, Amarelhe, e os casaes de Barreiro, Figueira, Boavista, Nogueiras, Tapada, Ribolfo, Formento, Covêllo, Fraga do Rio.

c Comprehende esta freguezia os logares de Castello, Sub-Portella, Lapa, Monte, Ladoeiro, Cimo de Villa, Cruz, Paço, Ribeiro, Cerca, Penedo, Palhaes, Outeiro, Tapadinho, Bouça, Portella, e os casaes de Valle Escuro, Casal d'Ufe, Carvalho.

d Comprehende esta freguezia os logares de Furacasas, Marnotos, Mó, Fundo de Villa, Urgares, Quintella, Anguião, Villar, Palhaes, Lagocem, Estrada, Outeiro, Cabo de Villa, Graça, Paço, Azibreiro, Candeiro, Quartas, Ferreiros, Estremadouro, Carrapatello, Pulhelho, Alcarias, Ribeiro, e os casaes de Baiões, Levada, Igreja, Vinda, Eiras, Valle, Santo, Fraga, Foz, Casal, Quintã, Gairão, Fôjo, Boavista, Carvalhaes, Pedrinhas, Casal d'Eira, Seara, Agua-morta, Giestal, Serdeira.

e Comprehende esta freguezia os logares de Lameirão, Pinhão, Gozende, Pedreda, Geraldo, Gôve, Pouzada, Favaes, Casa-Nova, Santo Thyrso, Paredes, e os casaes de Pego Negro, Crasto, Cruito, Palameiro, Lameira, Tapada, Ferrão, Quintella, Tafaul, Fontello, Faisca, Ponte, Quartas, Igreja, Alagoa, Fonte-Cavallo, Baldeira, Adaufe, Baralha, Verdial.

f Comprehende esta freguezia os logares de Villa Moura, Villa Cova, Minhães, Sernande, Chãos, Minhotinho, Passadouro, Outeiro, e os casaes de Igreja, Chadeiro, Valle-escuro, Madre, Valle d'Alvito, Cuvêllo, Casal, Ramadinha, Novaes, Lavandeira, Valle de Gavinho, Valdejo, Barreiro, Outeiro do Souto, Espinheiro, Cruz, Tapadinhas, Matta.

g Comprehende esta freguezia os logares de Casta, Cruz, Arufe, Pena Curva, Ribeiro, Monte, Jardosa, Quintã, Eidinhos, Soutinho, Sobreira, Aldeia, Igreja, Loivos, Vallado, Val Côvo, Carril, Lameira, Bajoucas, e os casaes de Souto, Paço, Casal, Carvalho Ventoso, Matto, Oliveiras, Bouça d'Ayres, Canas, Boavista, Ubeira.

h Comprehende esta freguezia os logares de Loivos, Tollões, Charrasqueira (parte d'este lugar pertence á freguezia de Carneiro do concelho de Amarante), Casal d'Arão, Cabo de Villa, Igreja, Rechãosinho, Aldeia, Paredinhas, Outeiro, Estrada, Almas, e os casaes de Arconce, Quintã, Soalheiro, Cruzeiro, Rego, Carvalhinho.

i Comprehende esta freguezia os logares de Nogueira, Geguintes, Mesquinhata, Cabo de Villa, Arcal, Pedregal, Ribas, Cochêca, Encamballados, Varzia, e os casaes de Valle de Lobos, Tapadas, Quintã, Penedo, Forno, Penedo do Corvo, Igreja, Aldeia, Artigosa, Fonte Fria, Feixieiro, Pedraes.

j Comprehende esta freguezia os logares de Corujeiras, Pazide, Lodão, Queixomil, Villa Nova, Cedofeita, Eiras, Lazarim, Villa Verde, Carrapatello, Abelhal, Laranjal, Trancoso, Enxames, Gaya, Agrellos, Bairro, Paredes, Villa Monim, Pedreda, e os casaes de Hortos, Tojaes, Martyrio, Cabeção, Lodeiro, Porto-Ferrado, Tejeiro, S. Salvador, Igreja, Beiredos, Rôsso, Regada, Sobrado, S. João, Boavista, Raposeira, Pombal, Soutêllo, Vallongo, Valle (tem tambem duas ou tres casas no lugar da Venda das Caldas da freguezia de Ancêde).

k Comprehende esta freguezia os logares de Palla (esta grande povoação pertence na maior parte á freguezia de Ancêde), Balde, Varzia, Alagoa, Teixugueira, Lage, Arrabalde, Villapouca, Penhadouro, Roupeira, Cascudo, Outeirinhos, Valle de Ferreiros, Curbacho, Lamas, Ladrêda, Forno, Ferragem, Olival, Subal, Quinhancêllo, Cargo, e os casaes de Abrecôvo, Vallados, Barreiros, Ramalhão, Aldeia, Penella, Valle de Sueiro, Ermidas, Igreja, Miradouro, Quartas, Cruzeiro, Eira, Castanheira, Minhoto, Tarrio, Paço, Sobreposta, Mattosa, Quebrada, Vallinho, Loureiro.

[1] Annexada civilmente á freguezia de *Trezouras*.

l Comprehende esta freguezia os logares de Passos, Corujeiras, Fonseca, Quebrada, Pepim, Caroinha, Migoas, Adro, Lages, Ervedal, S. Pedro, Barreiro, Feijoeiros, Brête, Granja, Arieiros, Uchas, Valle da Grade, Travanca, Tôrtella, Vinha, Botica, Pias, S. Domingos, Responso, Souto de Fonseca, Lama, Estrada, Paço de Fonseca, Fontello, Travassos, Dizimos, Pouzada, Arrabalde, Real, Combispo, Margens, Lamellas, Covèllo, Barraes, e os casaes de Ermida, Quinta, Santa Anna, Lado da Ermida, Ponte de Frende, Cadeade, Rosso, Campo, Ramalhido, Aveleira, Belga de Passos, Alvitos, Casalpaio, Barbedo, Entreaguas, Reguengo, Sarnado, Penedo, Paços, Casalinho, Prêza, Feitoria, Bacêllo do Barreiro, Cavanellas, Louça, Carva, Nogueiras, Miradouro, Casas Novas, Valle, Igreja, Bicheiro, Villa Jozã, Guimarães, Villa Nova, Sequeiro, Mouras, Corgo, Olho Bom, Torre, Casa Nova, Crasto Moreira, Ribeirinho, Tapada, Quelho.

m Comprehende esta freguezia os logares de Ervins, Chavães, Villarelho, Outeiro, Boscuras, Queimada, Reixella, Mattos, Outoreça, Castanhal, e os casaes de Casainhos, Tapado, Maiores, Costa Grande.

n Comprehende esta freguezia os logares de Gem, Outeiro, Granja das Biocas, Paçô, Rua Nova, Mirão, Sá, Cabo de Villa, Montalegre, Martigo, Corva, e os casaes de Lage, Igreja, Foz, Sobre-Igreja, Cuvella, Fragueta, Adega, Quintãs, Outeirinho, Estivada, Portella, Souto do Meio, Lobazim, Barreiros, Senhora, Casainhos, Vinha do Rechão, Catharina, Ruival, Vinha Nova, Tapadas, Piouvido, Costinha, Calquinho, Pardieiros, Sacota, Casal, Bouça, Tapado, Calvario, Alago, Valle de Prado, Fradroca, Azenha. (Tem uma ou duas casas em Vallongo, da freguezia de Santa Cruz do Douro; e tem algumas casas no lugar de Eiras da mesma freguezia).

o Comprehende esta freguezia os logares de Rua, Gavinho, Mafomedes, Sobradello, Sações, Prieira, Ordem, Varzia, Villa-Maior, Alvaro, Petada, Picota, Hospital, Villarelho, e os casaes de Areiras, S. Thomé, Ribeiro, Fontainhas, Vinha, Salgueiro.

p Comprehende esta freguezia os logares de Paço, Igreja, Fundo de Villa, Arriconha, Barroncal, Soalheiro, Via-Cova, Barreiro, Fontainhas, Mouta, Arrabalde, Telhado, e os casaes de Pinha, Quintã, Casal, Justos, Fontainhas, S. Cosmado, Vinha-Velha, Boavista.

q Comprehende esta freguezia os logares de Parada, Venda Nova, Calvos, Laranjeira, Fonte, Sobreira, Cima de Villa, Quebradas, Fontainhas, Lameira, Bouça, Quintã, Igreja, Pedregal, Eirô, Lamas, Rossadas, Arieiro, Pensaes, Pertiga, Valle de Parada, e os casaes de Espinhal, Ponte Pedrinha, Paça, Navoedo, Sub-Calvos, Fraga, Valle de Figueira, Quinchoso, Carvalhal.

r Comprehende esta freguezia os logares de Cuvella, Torna-o-rego, Ermida, Diagaires, Godinho, Côto, Urgueira, Pinheiro, Forjão, Busto, Bruzende (parte d'este lugar é da freguezia de Viariz), Adrão, Aldeia, Reguengo, Outeirinhos, Penaverde, e os casaes de Campos, Pereira, Costa, S. Thiago, Ribeiral, Carreira, Loureiro, Cadaval, Breguinha, Fontellas, Alto, Baixo, Boavista, Igreja, Montinhas, Laborim, Mò, Fragueta, Gerez, Quarta, Vallinhos.

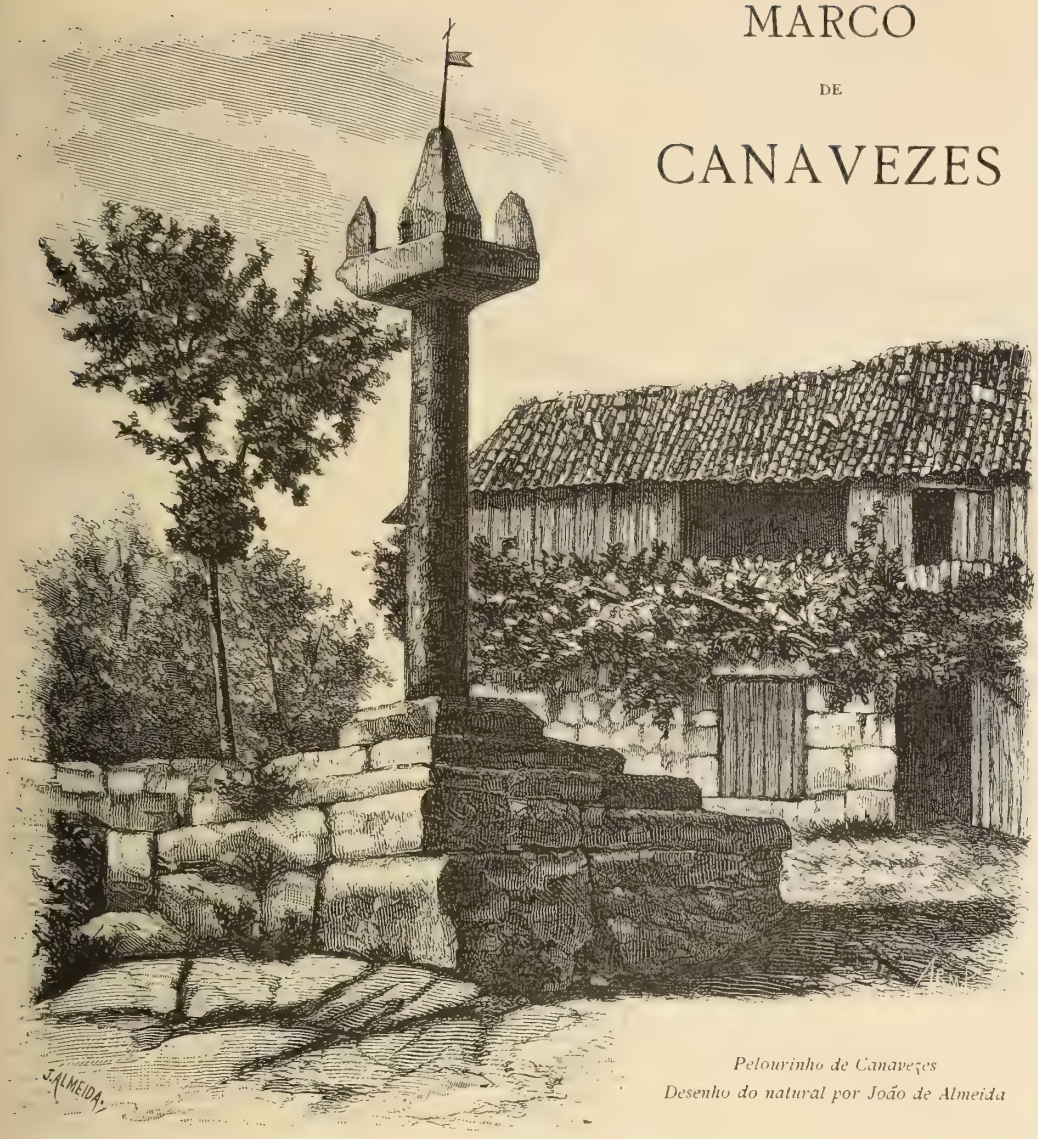
s Comprehende esta freguezia os logares de Outeiro, Avezudes, Varzias, Sub-Igreja, Cima de Villa, Germil, Bruzende (parte d'este lugar é da freguezia de Valladares), Lages, Moreira, e os casaes de Soutello, Navarros, Cabouco, Nosilhães, Chêllo, Cabo, Salgueiro, Carril, Calvo, Eirinha.

Nota de correcção. — No mappa chorographico do districto figura *Baião* (Santa Leocadia) com o signal de séde do concelho. Não é exactó; esta é em *Campello*. N'esse mesmo mappa a linha ferrea do Douro, depois de sahir do tunnel dos Encamballados, penetra no concelho do Marco, o que tambem não é verdadeiro: a linha segue sempre em territorio de Baião, á margem esquerda do ribeiro que divide os dois concelhos. O rio Teixeira, que limita em grande parte o concelho com o districto de Villa Real, tambem não está bem traçado; e deve considerar-se sempre como a linha divisoria entre os dois districtos.

MARCO

DE

CANAVEZES



Pelourinho de Canavezes
Desenho do natural por João de Almeida

Tradições antigas e vinho verde excellente.

Talvez fosse melhor para o Marco inverter a synthese, trocando a antiguidade das tradições pela dos vinhos, o que o tornaria mais rico. Mas como os factos são o que são, e o vinho, apezar de verde, é magnifico, não creio que seja preciso mais para tornar agradavel um passeio através este concelho do norte, aformoseado aliás por uma natureza prodiga de encantos e fertilissima de fructos. O nome até poderia bem originar-se-lhe no facto de tal natureza *marcar* a transição entre a paysagem serena de Traz-os-Montes e o bucolismo idyllico do Minho; mas não é assim.

A denominação vem ao concelho de um pequeno *marco* de pedra, que servia para limitar as tres freguezias de Fornos, S. Nicolau e Thuyas,

no ponto da planura, onde hoje se levanta airosamente a moderna povoação do

MARCO,

tomando para si a importancia que outr'ora teve Canavezes, a muito querida da rainha Mafalda. Assenta a povoação, que é um lugar da freguezia de *FORNOS,* em uma pequena eminencia, d'onde se descobre um panorama extenso e variado, lindissimo sobretudo para nordeste, em que o monte da Graça com a sua capellinha alvejante domina a verdura da collina, e em que Villa Cahiz e a Livração se desenham nitidamente por entre as carvalheiras, que vestem a encosta accidentada. As linhas do horisonte fecham-se ao longe com as serras alcantiladas do Marão, da Aboboreira, da Gralheira, do Crasto e outras de menos relevo.

Séde de concelho desde 1852, formado á custa dos extinctos concelhos de Soalhães, Riba Tamega, Bem Viver, e parte dos de Gouveia, Porto Carreiro, como dos coutos de Thuyas e Taboado, cabeça de comarca mais recentemente, a villa vae tomando pouco a pouco um incremento notavel e são já numerosos e de vistosa apparencia os predios, que, ou marginam o largo campo, onde se effectuam as concorridas feiras de 3 e 15 de cada mez, ou orlam a margem das estradas que recortam a povoação, formando-lhe, por assim dizer, novos arruamentos. Estes edificios são por emquanto tambem os unicos dignos de menção, visto que nada offerece de notavel a casa da camara, onde estão reunidas todas as repartições publicas, nem ha propriamente na povoação templos que mereçam uma visita demorada.

A par d'isto o Marco é, como se diz em linguagem tauromachica, um *afficionado.* Construiu não ha muito, no sitio do *Cotovio,* a sua praça de touros, e inaugurou-a estrondosamente, com um programma appetitoso, que devia só por si fazer crescer agua na bocca a todos os espectadores d'essas corridas originalissimas, de que não póde fazer idéa um frequentador do Campo de Santa Anna.

A praça é já de si original. Camarotes com dois bancos de pinho; *sombra e sol* com taboas de fôrro. A policia, ou melhor, os cabos d'esta instituição parochial, vigiam armados de espingardas caçadeiras pela ordem que lhes está confiada. E os touros, quando não são bravos, são pacificamente manhosos, o que faz com que haja apupos e risadas da parte da multidão, muito mais animada que a dos circos hespanhoes.

De resto dois bandarilheiros fazem a festa; em face de taes bois, chegam para as pégas, para passagens á capa, sortes de cadeira, o diabo.

O *Marco* pertence, como dissemos, á freguezia de *Fornos,* á qual

desde ha mais de 150 annos anda annexa a de *S. NICOLAU,* de que hoje faz parte a villa velha de

CANAVEZES,

situada á margem do Tamega, quasi a cavalleiro da ponte secular que se reproduz na nossa gravura de pag. 485.

Ha para andar um pedaço de caminho velho do Marco a Canavezes, quando se não queira seguir a estrada real, mas é esse caminho em facil declive e assombreado por opulentas arvores, o que o torna um agradavel passeio. Depois as lendas e as noticias que nos vão dando, compensam de sobra qualquer barranco em que por ventura se tropece.

Logo na Estalagem nova uma vetusta carvalheira, collossal e altiva, nos vem contar a sua lenda sinistra.

— O povo que passa evita-me, diz-nos rumorosamente agitando os seus ramos nodosos e encurvados, e no entanto eu sou para elle a sombra fresca e amiga, a velha companheira fiel que tenho sob as caricias da minha folhagem abrigado amoravelmente umas poucas de gerações.

— Mas porque te evita o povo, tão bom e tão simples, ó collosso das florestas, roble gigante e solitario, a cuja sombra talvez se abrigasse já a rainha santa Mafalda?

— Porque é supersticioso, e a superstição aterra a sua alma credula. Disseram-lhe que sob a minha protecção vinha acoitar-se o diabo, e accrescentaram talvez, que elle se reunia em *sabbat* com as feiticeiras do lugar antes de cantar o gallo da meia noite. E receioso de o encontrar foge e persigna-se, quando por acaso nos meus braços athleticos o vento das tempestades vem sacudir as suas furias, ou a brisa da noite vem ciciar tepidamente os seus amores. Adoram-me em compensação as aves, que espreitam de sobre a minha cupula o rosicler da madrugada e adoras-me tu, viajante, que vês nos meus ramos athleticos o stygma de muitos seculos, passados alegremente entre as seivas hilariantes da primavera e os languidos desfallecimentos do outomno.

Assim nos contou a vetusta carvalheira a sua lenda, e d'ella nos despedimos, para dentro em pouco entrar na rua antiga de Canavezes, parando logo em frente do pelourinho, que recorda os seus fóros e privilegios.

Desenhou-o Almeida no seu album para ser agora reproduzido na gravura de pag. 473, e emquanto o nosso companheiro executava o seu trabalho, fomos nós examinando o que restava da antiga povoação protegida pela rainha Mafalda e por sua neta do mesmo nome, a rainha santa.

Duas obras attestam ainda o favor em que a esposa de Affonso Hen-

riques teve esta villa de Canavezes. É uma a *Albergaria da Rainha,* por ella instituida para nove passageiros pobres, e que ainda hoje recebe um ou outro mendigo, que ali vae de passagem procurar refugio. No seu testamento, do qual existem dois fragmentos de copia ou traducção no Archivo da Torre do Tombo, gaveta 16, maço 2.º, n.º 15 (Apud. *Memorias das Rainhas de Portugal),* trata-se em um da albergaria que fundou em Canavezes, no outro das portagens que lhe deixava para sua sustentação. Os moradores de Canavezes pagavam por anno á albergaria 127 e um e meio dinheiros, o que corresponde na nossa moeda á 5$567 réis. Um diploma de D. Diniz, de 20 de novembro de 1294, falla da albergaria instituida pela esposa de D. Affonso Henriques, a quem chama sua trisavó. Não ha, pois, duvida que esta foi a verdadeira fundadora da albergaria e quem mais fomentou pelo seu favor a villa de Canavezes. A albergaria era contigua ao paço que n'este lugar teve a rainha, e do qual se encontram ainda bastantes vestigios. É fundação tambem da rainha Mafalda a capella dedicada ao Espirito Santo que existe junto da albergaria, assim como egualmente lhe deveu a sua fundação a capella de S. Pedro, que ainda existe fóra da villa e que foi a primitiva matriz de Canavezes.

A capella de Santa Luzia, sobranceira á ponte, na margem direita do rio, indica tambem pelo estylo romanico uma grande antiguidade, embora desfigurada pelas reconstrucções que tem soffrido, podendo talvez considerar-se por isso do tempo de D. Mafalda.

A obra, porém, mais notavel que a villa de Canavezes deveu á esposa de Affonso Henriques, foi a construcção, ou talvez mais propriamente reconstrucção, da grandiosa ponte sobre o Tamega.

Alguns auctores pretendem que a ponte é de origem romana, coeva de Trajano, e fôra edificada afim de dar passagem para as proximas termas de *Aquæ Tamacanæ,* que se haviam descoberto na collina sobranceira ao Tamaca (Tamega).

Com o mesmo intuito se diz ter sido construida a estrada romana *Tamacana via,* que vinha do Porto até este lugar ou povoação, tambem chamado *Tamacana via,* d'onde *cana via* (ainda hoje aqui perto existe o lugar de Caniva), e de Canavienses sahe com facilidade *Canavezes.*

Não garanto a veracidade da etymologia, e custa-me mesmo um pouco a acreditar como, tendo-se conservado o Tamega com o nome quasi romano de Tamaca, só houve necessidade de cortar as syllabas radicaes quando se tratou de dar um nome á povoação. Seja como fôr, o que demonstrado está, é a antiguidade de Canavezes, sendo por isso provavel que a ponte seja originariamente romana. Mas tendo soffrido a villa, como todas as outras do reino, diversas alternativas desde a dominação do im-

perio até ao periodo inicial da monarchia, não custa a acreditar que estivesse de tal maneira arruinada no tempo de D. Affonso Henriques, que a reedificação por D. Mafalda quasi possa considerar-se uma construcção *de fundamentis*.

A ponte parece ter sido concluida só no reinado de D. Diniz, com um legado que para tal fim deixou o 27.º bispo do Porto, D. Vicente.

E porque vem a proposito, digamos tambem que é errada a opinião de alguns investigadores antigos, que attribuem todas as obras de Canavezes á rainha Santa Mafalda, neta da primeira e verdadeira edificadora da povoação. Posto que a santa cobrisse tambem com favores e graças a villa de Canavezes, onde cada pedra lhe recordava a piedade de sua avó, como diz o sr. Vilhena Barbosa, ella não pôde aqui residir senão por pouco tempo, como se deprehende da sua vida, escripta na *Chronica de Cister*, e não deve por isso attribuir-se-lhe o que a sua avó pertence. E uma prova mais, que no seu tempo era já consideravel o povoado, é que a instancias suas se transferiu a parochia da egreja de S. Pedro para a de *Santa Maria de Sobre Tamega*, a que nos referiremos brevemente.

A errada opinião d'esses auctores, nascida provavelmente da analogia dos nomes das duas rainhas, é controvertida no diccionario de Pinho Leal, pag. 80 e 81 do 2.º volume, e sobre o mesmo assumpto escreveu o sr. Vilhena Barbosa no *Archivo Pittoresco*, vol. VII, o seguinte, que perfeitamente concorda tambem com o que se lê no livro *Rainhas de Portugal*, do sr. Benevides:

«Attribuem esses auctores á rainha D. Mafalda, filha de D. Sancho I, a instituição do hospital ou albergaria de Canavezes, bem como a fundação das duas egrejas acima mencionadas, e a fabrica da ponte. Um d'elles, o padre Luiz Cardoso, no seu *Diccionario Geographico*, para comprovar esta sua opinião, copía da *Monarchia Lusitana*, por frei Francisco Brandão, o seguinte periodo do testamento da rainha D. Mafalda: «E d'estas portagens que eu assim leixo ao meu hospital de Canaveses se repaira sempre bem, e compridamente o faço, que pera ello leixo ordenado, o qual estará sempre livre e bem repairado de telha e madeira, e com boas portas fechadas, porque os peregrinos que hi albergarem não recebam algum desaguisado, e sejam hi camas boas e limpas em que se possam bem albergar nove d'esses peregrinos, aos quaes serão dadas reçoins de entrada e saida, e lume, agua e sal quanto lhe fizer mister; e finando-se algum d'esses peregrinos seja interrado com tres missas de sobre altar, e com pano e cera; e pera que isto nunca pereça tudo se deve bem arrecadar assim as portagens, como as outras rendas; e porque me elRei deu privilegio por que esta cousa melhor firmasse, não será escuso nenhum da dita

portagem, por rezão da obra ser pera bem dos mimguados, que tenho que será prol das almas del-Rey e minha, *e dos Reys e Rainhas que de nós vierem.*»

O padre Cardoso apresenta este testamento como obra da rainha D. Mafalda, filha d'el-rei D. Sancho I. Porém, para se conhecer que tal documento não pertence a esta princeza, mas sim á rainha D. Mafalda, sua avó, bastará attender ás ultimas palavras do periodo do testamento que deixamos transcripto, pois que não é crivel que a filha de D. Sancho I, que fez o seu testamento em 1256, no proprio anno em que falleceu encerrada em clausura, dissesse: *e dos reis e rainhas que de nós vierem.* Esta princeza não só não teve filhos, mas até, apezar de viver mais de anno e meio na côrte de Castella, não chegou a juntar-se com seu esposo, que apenas contava quatorze annos ao tempo da sua morte.

Além de tudo isto, quem quizer consultar a *Historia Genealogica da Casa Real* encontrará no primeiro volume das *Provas,* a pag. 31, uma cópia authentica do testamento d'esta rainha D. Mafalda, feito na era de Cesar de 1294, que corresponde ao anno de 1256 da era de Jesus Christo. N'este documento, que é escripto no latim barbaro d'aquelles tempos, só uma vez allude a Canavezes, em que a dita princeza dispõe de certos bens que ahi possuia, dizendo: «*Item mando Monasterio de Tuys quantam hæreditatem habeo in Fornos, et in Villa nova, et in Canaveses, et Casale de agro pleno,* etc.[1] Não se acha em todo este testamento uma unica palavra que diga respeito ao hospital, ou ás portagens, ou ás egrejas de S. Pedro de Canavezes e de Santa Maria de Sobre Tamega.»

Canavezes foi outr'ora uma das behetrias do reino, e não só no periodo romano, como depois, teve sempre uma certa importancia, sendo o seu foral muito antigo.

Até fins do seculo XV foi da comarca de Guimarães, mas formou por essa epocha concelho independente com tres juizes (ordinario, dos orphãos e das sizas), vereadores, procurador do concelho, escrivães, etc., tudo confirmado pelo administrador da Albergaria da Rainha.

Creada a comarca de Soalhães foi para lá Canavezes, voltando a ser comarca independente, embora não continuasse a ser a sua cabeça, por se haver creado a actual do Marco de Canavezes, á qual pertence.

Mais não ha que vêr na villa velha de Canavezes, a não ser a formosura do quadro, em que o Tamega a emmoldura, valendo bem a pena

[1] O mosteiro de que trata este documento é o do *Salvador de Tuyas,* ha muitos annos extincto, e convertido em parochia com a mesma denominação.

para gosar tão deliciosa paysagm descer até ao rio, e ir até meio d'elle em um dos barcos, que ahi fazem o serviço das moendas.

Se o leitor tiver a felicidade, que eu tive, de apanhar um esplendido crepusculo de verão, trazendo em continuidade uma serena noite de luar, o seu espirito jámais esquecerá a nota profunda de commoção, em que toda a velha poesia dos lagos parece, através d'essa impressão, resuscitar nas aguas dormentes e tranquillas, nos soluços invisiveis que desfiam, como de tremulos violinos, das arvores sombrias e amorosas, nos thesouros de diamantes que as mouras encantadas vem espalhar ao lume de agua, quando o luar as illumina, o luar, o seu unico amante, o Fausto eterno que offerece a cada uma as joias brilhantes, como as phosphorencias das luciolas, para que, por sua vez tambem, cada uma cante n'esta inconsistencia tremula da solidão e da candura, dentro da alma mysteriosa da paysagem, a commovente aria das joias.

O quadro é verdadeiramente de inspirar um artista; o rio ora apresenta a tranquilla serenidade dos lagos, ora salta estrepitoso e alegre nas presas dos açudes e nas rodas das moendas; nas margens inclinadas umas vezes a vegetação cobre de opulencias a linha de agua, outras é o granito solitario e nú que ahi vem reflectir-se brutalmente.

A ponte velha, de arcarias gothicas e ameias rendilhadas, projecta na superficie d'este espelho a sua sombra de seculos, e parece recolher-se a um doce pensamento melancholico, quando além passa, ovante e glorioso, sobre o formoso viaducto da linha ferrea, o comboyo que segue para o Douro.

*

* *

Atravessando a ponte encontra-se sobre a margem direita *SANTA MARIA DE SOBRE TAMEGA,* para onde foi, como já disse, depois que augmentou a povoação de Canavezes, transferida a séde parochial da villa no tempo de Santa Mafalda e a instancias d'esta. Hoje Santa Maria constitue uma simples freguezia rural, nada tendo que vêr com o termo da villa velha, que termina junto da ponte e pertence a S. Nicolau.

Nada... administrativamente fallando, porque não se quebram assim relações de seculos entre boas visinhas, e não ha festa em Canavezes que Santa Maria não considere como sua ou vice-versa. Ainda ha pouco, ahi está um exemplo, era d'isto prova a celebre procissão dos Passos, que á noite sahia de Canavezes para Santa Maria de Sobre Tamega, d'onde voltava só no dia seguinte, procissão muito notavel por causa do grande numero de penitentes que se davam o barbaro prazer de irem vergastando

o corpo com disciplinas, e de levarem espadas atravessadas na bocca para d'este modo punirem naturalmente os peccados da palavra, que haviam commettido durante o anno.

A egreja de Santa Maria de Sobre Tamega é fundação da rainha D. Mafalda, como o leitor já sabe, não apresentando hoje senão raros vestigios da architectura primitiva. A causa d'esta fundação diz-se ter sido o achar-se no rio, muito proximo da margem, uma esculptura da Virgem, que logo foi considerada de grande devoção, e por isso no mais proximo lugar da apparição foi por D. Mafalda mandado edificar o templo.

Na *rua,* que ao sahir da ponte se encontra em Santa Maria e que outr'ora fazia parte da villa de Canavezes, fez assento D. Pedro I durante a guerra contra seu pae D. Affonso IV, após a tragica morte de Ignez de Castro. Aqui se ajustou a paz entre os dois belligerantes, estando então o pae em Guimarães.

Esta rua é hoje apenas celebre pela industria do fabrico do pão, muito apreciado pelos povos circumvisinhos.

É em Santa Maria de Sobre Tamega que ficam na encosta do rio as afamadas thermas de Canavezes, já conhecidas dos romanos, que para este sitio estabeleceram a Tamacana via.

Emergem as nascentes em terreno plutonico, e são as aguas sulphureas tepidas, havendo actualmente em serviço dois banhos ou piscinas, que servem para toda a gente. Ha uma fonte para uso interno. As aguas são bastante concorridas por gente do concelho, apezar das poucas commodidades que ahi se encontram. Dão excellentes resultados nas molestias de pelle, rheumatismos e catarrhos chronicos. Recentemente estão melhorando as condições das thermas.

Os amadores de archeologia pouco de notavel acharão na freguezia de Santa Maria de Sobre Tamega; creio que apenas proximo ás caldas observarão, no *Monte das Campas,* algumas sepulturas incaracteristicas, tendo mais para vêr uma especie de lagar proximo da Residencia e duas estatuas, uma de mulher, outra de leão, no lugar de Penidos.

Estas informações, e muitas outras de archeologia e ethnographia, relativas ao concelho, foram-me obsequiosamente fornecidas pelo dr. Barros, distincto clinico do Marco e amador consciencioso e erudito, a quem d'aqui renovo o meu agradecimento.

Se é, porém, escassa d'estas curiosidades a freguezia, o mesmo não acontece nas outras, que com ella extremam, ou que assentam tambem sobre este lado do Tamega, por onde vamos seguir a nossa excursão.

Descendo para sul, seria o campanario de *MAURELLES* o unico que ainda encontrassemos dentro do territorio do concelho; mas como pouco

de interessante offerece o passeio para esse lado, a não ser que o leitor pretenda ouvir a philarmonica da terra, tomamos de preferencia o caminho de *VILLA BOA DE QUIRES,* onde ha motivo para demorarmos um pouco, ou seja admirando os lavrados esplendidos do palacio dos Albuquerques, de que só chegou a construir-se parte da fachada, palacio de que falla Teixeira de Vasconcellos no livro *Les Contemporains,* ou prescrutando os muitos vestigios da epocha romana que por ahi se notam, taes como os sarcophagos ou campas no lugar de Urrô, que a lenda diz serem de quatro irmãos, o Crasto onde ainda se observam tres ordens de muralhas, o Banho ou resto de uma piscina de mosaico, de seixo preto e quartzo branco, que existe proximo da fonte.

Em Villa Boa de Quires esteve estabelecida a torre solar da familia Porto Carreiro, da qual descendem muitas casas illustres de Portugal e Hespanha, entre ellas a dos condes de Montijo, a que pertence a actual ex-imperatriz dos francezes. Todo o terreno d'esta freguezia era couto do antigo concelho de Porto Carreiro, pertencente a essa familia, e tinha foral dado por D. Manuel em 1513. Ainda existe hoje, em poder de um particular, a casa da camara e cadeia d'esse antigo concelho, assim como a pouca distancia d'ella se vêem tambem as ruinas do solar dos Porto Carreiros.

A egreja matriz de Villa Boa de Quires é ainda uma curiosidade, que póde interessar o *touriste.* Embora pequena é muitissimo antiga, e, apezar de modernamente restaurada, um certo criterio presidiu á ampliação do templo, por fórma a poder bem admirar-se o estylo romano-gothico da primitiva construcção.

O portico é elegante, sendo os capiteis das quatro ordens de columnas sobre que poisam as correspondentes arcadas muito ornamentados de relevos, representando cabeças de animaes.

Quando se removeu a portaria, em virtude da ampliação de todo o templo, e que ficou por isso muito mais adiante do que estava primitivamente, encontrou-se uma pedra com uma data que se julgou ser — 1180.

A linha ferrea do Douro corta por nascente a freguezia, que por este lado tambem confronta com *SANTA EULALIA DE CONSTANCE,* antigamente *Constante,* onde na quinta e paço de Soutello viveu a rainha Mafalda, fundadora da Albergaria de Canavezes. Na freguezia existiu tambem a casa da Quintan, da illustre familia dos Magalhães, cujo solar é agora em Villa Cova da Lixa, pertencendo hoje as propriedades de Quintan, que foram vendidas por 100 contos, ao sr. conde de Samodães.

Ao norte de Constance, ficam encravadas entre algumas freguezias do concelho de Amarante, as parochias de *CARVALHOSA* e *BANHO,*

distinctas para os effeitos religiosos, mas annexada civilmente a segunda á primeira em razão do seu pequeno numero de fogos.

Na Carvalhosa estava a antiga quinta e paço dos senhores d'este appellido. Pinho Leal erradamente diz que a freguezia do Banho pertence a Amarante.

Como vestigios archeologicos pouco ou nada ha para registrar; apenas se menciona que foram achadas algumas campas, ainda com restos humanos, dentes especialmente, quando se abriu a estrada para a

Memorial de Ariz
Desenho de João de Almeida

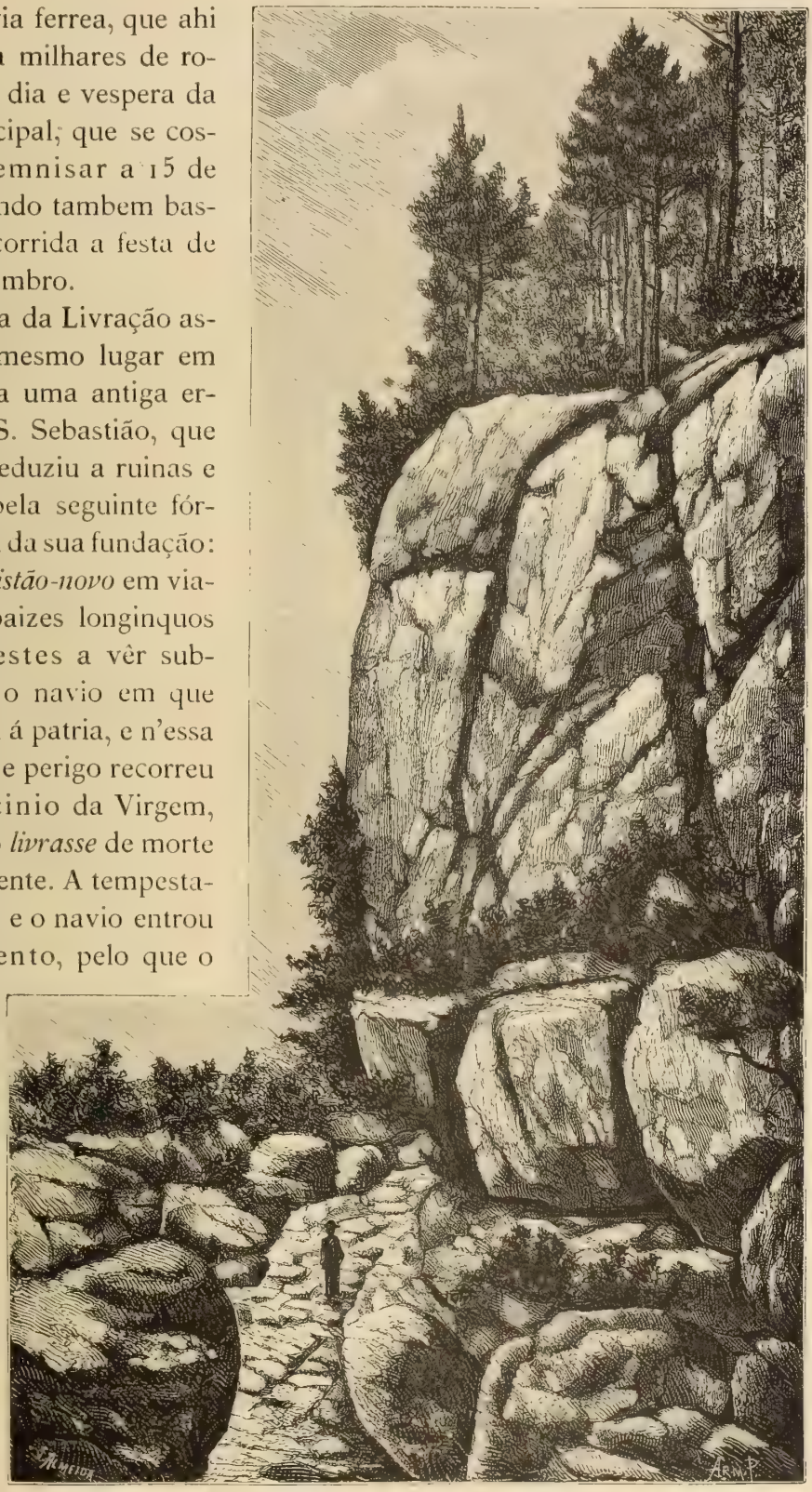
LIVRAÇÃO,

sanctuario notavel em toda a região circumvisinha, pertencente á freguezia de *TOUTOSA,* do antigo e vasto couto da Travanca, e servido hoje por um apea-

deiro da via ferrea, que ahi descarrega milhares de romeiros no dia e vespera da festa principal, que se costuma solemnisar a 15 de agosto, sendo tambem bastante concorrida a festa de 15 de setembro.

A egreja da Livração assenta no mesmo lugar em que existia uma antiga ermida de S. Sebastião, que o tempo reduziu a ruinas e conta-se pela seguinte fórma a lenda da sua fundação:

Um *christão-novo* em viagem de paizes longinquos esteve prestes a vêr submergido o navio em que regressava á patria, e n'essa occasião de perigo recorreu ao patrocinio da Virgem, para que o *livrasse* de morte tão imminente. A tempestade calmou e o navio entrou a salvamento, pelo que o homem, grato a tão importante beneficio, resolveu mandar construir em honra da Senhora, e sob o titulo de



Ponte da Alliviada — Desenho do natural por João de Almeida

Livração, uma ermida que testemunhasse o seu reconhecimento. Passando por este formoso valle e vendo arruinada a ermida de S. Sebastião, escolheu este sitio para realisar o seu voto, o que fez dando logo principio á obra. Os milagres e a devoção fizeram depois o resto, resolvendo o povo ampliar a primitiva ermida e construir a espaçosa egreja que ora existe, o que fez pouco mais ou menos no principio do seculo XVIII, concorrendo para a obra com mais de dois mil cruzados o fidalgo Antonio Corrêa Monte Negro, senhor da casa e quinta de Thuyas, e ascendente do dr. Albino Montenegro, actual governador civil do Porto.

A freguezia da Toutosa a que pertence a Livração, como dissemos já, está civilmente annexa á de *SANTO IZIDORO* de *Riba Tamega,* que até 1855 fez parte do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega. Entre os lugares de Bouças e Coura, proximo a Villa Cahiz, existe o chamado *Penedo* ou *lagar da Moura,* de que démos noticia a pag. 424, notando-se nas Bouças um crasto sobranceiro ao Tamega, já sem muralhas e apenas indicado pelos córtes do terreno.

É perto de Santo Izidoro á Estação do Marco, podendo mesmo quem deseje vêr o elegante viaducto sobre o Tamega, e o fresco valle que d'ahi se domina, dirigir-se pela via ferrea até á Estação, onde por um momento descançamos eu e o leitor, até que a sua phantasia acompanhe as minhas recordações nos passeios novos que vamos emprehender.

*

* *

Tomando a estrada districtal para Amarante, logo ao sahir da Estação do Marco, e deixando-a um kilometro adiante no sitio da Pontinha, deve o leitor seguir uma das margens do Ovelha para ir vêr na *ALLIVIADA* a celebre ponte d'este nome, tão conhecida nas lendas populares.

Mas se é facil dizer—deve seguir—o mesmo não succede para realisar o intento, por não existir caminho junto á margem e haver necessidade de atravessar por vezes o rio para melhor se poder admirar o quadro bello e horrivel, em que a natureza parece intencionalmente haver preparado para o diabo todo um scenario de colorido estranho e selvagem.

Eu mesmo, João de Almeida e os dois irmãos Adolpho e Abilio de Miranda, que nos deram o amavel prazer da sua companhia, tivemos de attribuir a s. ex.ª Satanaz as boas partidas que nos aconteceram, antes que conseguissemos approximar-nos da celebre ponte construida pelo diabolico poder e das portas d'essa *côrte infernal,* onde os paes vem por altas horas da noite reclamar as creanças perdidas.

Com algum esforço e boa vontade e depois de varias peripecias para transpor o rio e escolher um ponto, onde tivessemos ao menos a presumpção de que o diabo houvesse estado, conseguimos encarapitar-nos sobre umas fragas da riba tão selvagem e admirar d'ahi o local das lendas sinistras, que envolvem este pedaço do rio Ovelha.

A gravura respectiva dará ao leitor uma idéa, ainda que pallida, d'esta natureza, brutal como o granito que fórma todas as suas linhas, e terrivel como a lenda, que enche todos estes echos.

Em uma extensão, de duzentos metros talvez, a agua desappareceu, o rio escoa fundo em um sumidouro subterraneo, e penedos enormes fazendo lembrar pelas suas posições angustiadas um cataclismo local, enchem o leito d'esse rio que se não vê, mas de que se ouve confusamente o soluçar das aguas, quando se applique o ouvido em qualquer intersticio dos que as fragas deixam entre si.

A ponte da Alliviada mal se distingue já entre a penedia sobre que desabou, reconhecendo-se ainda todavia parte dos seus encontros e qual fôra a sua direcção de uma a outra margem. Na do lado esquerdo um enorme penedo desaggregado, e a cavalleiro do rio, é pelo povo denominado o *penedo que zoa,* assim como se chama *còrte do diabo* ao leito abrupto ou sumidouro, sob o qual o rio passa, durante uns duzentos metros approximadamente.

A lenda da ponte da Alliviada é contada por diversos modos, mas em quasi todas as variantes o diabo apparece como constructor.

No livro *Tradições populares de Portugal,* por J. Leite de Vasconcellos, vem a seguinte variante:

«Quando o diabo fez a ponte da Alliviada, chamou S. Gonçalo que andava a fazer a de Amarante e disse-lhe que a não benzesse; mas o santo ergueu a bengala a modo de cruz, assim como quem ao fallar aponta; o diabo então fugiu para cima de um monte d'onde começou a atirar pedras ao santo, as quaes elle desviava.—Diz-se que n'esta ponte o diabo frita sardinhas, cujo chiadouro é ouvido por quem passa. A pessoa que cahir á agua debaixo da ponte, nunca mais apparece. N'esse mesmo sitio vagueia á meia noite um phantasma embrulhado em um lençol.—Quando um pae diz a um filho: Diabos te levem, á hora a que o padre diz na missa *Amen,* o diabo leva a creança para a ponte da Alliviada. Depois é preciso ir lá o padrinho, a madrinha e um padre. O diabo pergunta d'entre os penedos: «Como queres a creança? Como veiu ou como está? Se lhe respondem «como veiu», a creança sahe bem; se lhe respondem «como está», sahe negra e come bichos, que é o sustento que o diabo lhe dava.»

As versões por nós ouvidas na localidade differem um pouco.

«Na *Alliviada*—contaram-nos—está o caminho para o inferno, e ahi existe tudo que se dá ao diabo, menos o pão.

Quando se lhe dá alguma creança, é preciso depois il-a *requerer,* chamando-a tres vezes pelo nome proprio, á hora da meia noite, e quando se chega a casa a creança está já livre do inimigo.

A ponte foi construida pelo diabo em despique a S. Gonçalo. Este, conversando com elle, disse-lhe que ia fazer a ponte de Amarante, e o diabo disse-lhe então, que faria a da Alliviada. Ora o diabo foi vêr a ponte do santo e riu-se; o santo veiu vêr a do diabo e achou-a melhor que a sua; mas como o diabo lhe tinha pedido que a não benzesse, e o santo assim o havia promettido, sophismou a promessa e disse traçando no ar uma cruz com o seu cajado:

—Se tu fosses por aqui, como vaes por ali...

E a ponte derruiu logo com grande estrondo, ficando o diabo muito pêrro.»

Em outra variante é Santo Antonio que figura, como impedindo que o diabo destruisse a ponte, o que parece ter conseguido apenas na occasião.

A fritura das sardinhas é, na variante que ouvi, feita por uma moura encantada, que se punha no estreito caminho, proximo do *penedo que zôa,* a fazer essa operação culinaria. «As sardinhas cheiravam muito bem a distancia e attrahiam os viajantes, mas quando estes as tocavam ellas transformavam-se em excrementos seccos, desapparecendo instantaneamente a moura, dando grandes gargalhadas de escarneo.»

Deixando a Alliviada não é menos fertil de lendas e tradições o terreno que vamos atravessar, seguindo o pittoresco valle do rio Ovelha.

Logo na freguezia de *VARZEA DE OVELHA,* a que a Alliviada está civilmente annexa, perto da vetusta egreja parochial, muito digna de vêr-se, ha de o leitor ouvir fallar dos thesouros da Penegada, que os fervorosos adeptos do livro de S. Cypriano teem vindo por differentes vezes explorar sem resultado, como é natural. A fama dos thesouros occultos chega até ao Porto e Braga, e de uma e outra parte teem vindo os credulos cyprianistas cavar a terra da Penegada.

As lendas não se limitam a isto.

No alto da freguezia, entre o monte de Cotos e Agrachã, existe em uma pequena tapada de giestas, junto da antiga estrada do Marco a Mezão Frio, uma *pedra oscillante* que o povo chama *a pedra que bole e zôa.* A nascente d'ella notam-se no sitio chamado o *Castello dos mouros* vestigios de uma fortificação, e n'esse castello diz a lenda, que existe uma *moura* que vem na manhã de S. João assoalhar os seus thesouros de ouro. Perto de Pinheiro existe um *crasto* de que se vêem ainda os córtes na terra, e

na Torre da Legoa, quasi no extremo do concelho, torre de que poucos vestigios ha, observam-se algumas campas de antiguidade remotissima.

Junto de Ruival um outro monumento cyclopico se póde examinar; chama-lhe o povo o *Penedo do estribo,* pela configuração que apresenta. Existe na freguezia a casa do Cabo, uma das mais opulentas do concelho, hoje representada pelo ex.mo sr. Antonio de Vasconcellos e Menezes. segundo visconde de Leiria. A capella brazonada d'esta familia está annexa á egreja parochial. Confinando com Varzea fica a nordeste *S. JOÃO DA FOLHADA,* em cujo lugar do Vinhal se notam ainda os vestigios da torre solar dos Annes de Vinhal, familia de antiga nobreza, que em 1300 se extinguiu por falta de successão, passando a casa ao senhor de Soalhães. Em S. João da Folhada encontra o investigador curioso com que entreter algumas horas. Assim, póde visitar perto do Arco o *Castello dos mouros,* onde se notam vestigios de casas e onde, além de ceramica antiga, appareceu já um machado de pedra, a não preferir estudar mais commodamente o grupo de sepulturas antigas que existe na egreja velha, ou a analysar o estylo architectonico da egreja chamada nova, que aliás é antiga tambem, como o demonstra a sua porta travessa, e a lenda da sua construcção, que diz ter sido fundada a tres kilometros de distancia, por causa de um sino brincalhão e endiabrado, que todas as noites fugia para os penedos da Sobreira.

TABOADO é, depois das freguezias antecedentes, a que nos fica mais perto para uma visita.

O que ha de mais notavel para vêr é a sua antiga matriz, que se julga fosse de templarios, e que se diz tambem haver sido a egreja de um convento de cruzios aqui fundado no seculo XIII, e do qual não restam hoje outros vestigios que não sejam os que apresenta essa egreja. O portico em estylo gothico e o bello oculo rendilhado que o sobrepuja, merecem ser admirados. Na porta que vem da sachristia existe uma inscripção latina, que diz em traducção vulgar: «*Quem n'esta cadeira de espalda se assentar, excepto o fundador, fica excommungado.*»

Quem fosse o fundador é o que, porém, se ignora, e sabe-se tão sómente datar do seculo XIII a fundação. A egreja passou a abbadia secular em 1475. Foi apresentada primeiro pelos Farias e depois pelos Montenegros, senhores da arruinada torre da Pena, da casa de Santiago e da torre de Novões mais moderna, e ainda em perfeito estado de conservação.

Taboado foi villa e couto, devendo-o já ter sido do mosteiro, pelo que o seu abbade gosava das honras de ouvidor. Ainda em frente á egreja se denomina *palacio da justiça* o que ahi resta d'elle talvez, e vem a ser uma mesa, cadeira e bancos de pedra, onde parece se constituia o tribunal.

Ao sul da egreja ha um penedo com umas pias, cujo destino se ignora, assim como atraz do pinhal de S. Thiago existiu um dolmen com a respectiva mamôa.

Se o leitor, em vez de continuar a estrada velha para Mezão Frio, quizer seguir a linha ferrea até á estação do *Juncal,* lugar que pertence á freguezia de *PAREDES DE VIADORES* ou *Veadores,* tem ensejo não só para conhecer de perto esta freguezia, cujo sitio panoramico mais notavel é o monte de S. Gens ou Gerez, como ainda para se approximar com o menor incommodo possivel da freguezia de *SOALHÃES,* séde do extincto concelho d'este nome, a que por mais de uma vez nos temos referido n'este e no anterior capitulo. Do diccionario de Pinho Leal, pag. 65, vol. v, transcrevemos a seguinte noticia historica sobre este concelho, a que D. Manuel deu foral em 1514. Em Soalhães existe ainda o pelourinho, que symbolisa estas regalias de villa.

«Vem o nome de *Soalhães* de um fidalgo d'este appellido, que povoou este concelho, e viveu no paço de Villa Pouca, da mesma freguezia.

Do paço só existe a memoria na tradição popular, na referencia que d'elle fazem alguns antiquarios, e no nome que ainda conserva o sitio onde elle esteve.

Houve tambem n'esta freguezia, no sitio chamado de Oliveira, a torre de Cadimes, da qual hoje só existem vestigios.

A egreja é templo antigo, espaçoso, de magestosa apparencia, e com uma elegante torre para sinos e relogio. Poucos vestigios conserva da sua antiga architectura. A torre primitiva era separada do corpo da egreja, e servia tambem de aljube ou prisões de prelasia.

Foi mosteiro duplex para frades e freiras da ordem de S. Bento, fundado em 24 de março de 865, por Sancho Ortis, que o dotou e lhe deixou, entre outros bens, a sua quinta de Ortis.

Deixou de ser mosteiro duplex não se sabe ao certo quando, mas presume-se que deixou de o ser por virtude da bulla do papa Paschoal II, commettida ao arcebispo de Santiago, D. Diogo Gelmires, no anno de 1103, na qual o mesmo papa impedia que d'ali por diante se fizessem mais fundações similhantes. Parece, porém, que já não era mosteiro duplex no anno de 1029, por quanto indo n'esse anno a Castella os frades do mosteiro de Soalhães queixarem-se a Fernando Magno das violencias que lhes fazia Garcia Moniz, na escriptura do contracto que lá celebraram, e que vem transcripta no *Catalogo dos bispos do Porto,* part. 1.ª, cap. xv, nenhuma referencia se faz ás freiras do dito mosteiro, d'onde parece inferir-se que já então lá as não havia.

Extinguiu-se e acabou de todo este mosteiro não se sabe ao certo

como e quando; vê-se, porém, que já era egreja secular no anno de 1238, pois que n'esse anno fez D. Sancho II doação do padroado da egreja de Soalhães a D. Pedro Salvador, bispo do Porto, depois de a ter tirado a Gonçalo Viegas de Porto Carreiro, de cuja familia era. Passou depois para o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, que por ser descendente de Sancho Ortis e dos Porto Carreiros, e não como bispo de Lisboa, lh'a restituiram, dando elle D. João Martins, em troca, ao bispo do Porto, o padroado das egrejas de S. Nicolau da Feira e Santa Maria de Alvarellos. Na escriptura que então fizeram, declara o dito D. João Martins, *que cedia ao bispo do Porto o padroado das ditas egrejas, por querer paz com o dito bispo D. Giraldo.* Foi feita esta troca no anno de 1302.

Em 1307 é sujeita á egreja de Soalhães a egreja de Santa Cruz de Riba Douro, por troca entre o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, e o arcebispo de Braga, D. Martinho. Deu o bispo de Lisboa, em troca da egreja de Santa Cruz, a de Santiago de Urenha.

É d'esta epocha que resultou aos abbades de Soalhães a regalia de serem prelados ordinarios da egreja de Santa Cruz de Riba Douro, cuja jurisdicção exercitaram sempre, sendo o juizo ecclesiastico da egreja de Santa Cruz na egreja de Soalhães, onde havia na torre antiga prisões pertencentes á prelasia, e as visitas ordinarias da egreja de Santa Cruz as fazia o abbade de Soalhães como seu prelado, e não entravam n'ella as do bispo diocesano, que nenhuma jurisdicção aqui tinha, e ao sinodo diocesano vinha o abbade prelado de Soalhães, mas não o abbade de Santa Cruz, que só ao de Soalhães era subordinado.

O abbade prelado de Soalhães usava de cruz peitoral; do juizo ecclesiastico da sua prelasia só havia appellação para a Sé apostolica; tinha toda a jurisdicção na egreja de Santa Cruz, e examinava, approvava e dava licença aos confessores d'ella.

Os ultimos padroeiros da egreja de Soalhães, e senhores do mesmo concelho, foram os marquezes de Ponte de Lima, que ainda hoje cobram n'esta freguezia algumas rendas de fóros do patrimonio que herdaram como descendentes de Vasco Annes de Soalhães, filho natural de D. João Martins de Soalhães, bispo de Lisboa.

O bispo D. João Martins de Soalhães houve varios filhos, dos quaes um por nome Vasco Annes de Soalhães, legitimado por el-rei D. Diniz a 18 de janeiro de 1308, lhe succedeu em todos os vinculos e mais bens patrimoniaes, e no padroado da egreja de Soalhães e de Santa Cruz de Riba Douro.

Viveu este Vasco Annes de Soalhães no paço de Villa Pouca, e foi senhor da torre de Cadimes, obra do bispo D. João Martins de Soalhães,

e por elle erigida em cabeça do seu morgado. Vasco Annes de Soalhães jaz sepultado na capella-mór da egreja de Soalhães, do lado da epistola, em tumulo mettido na parede, com seu brazão esculpido e letreiro. Com as obras que em tempo fizeram na capella-mór ficou este tumulo escondido por debaixo da cal com que revestiram a parede.

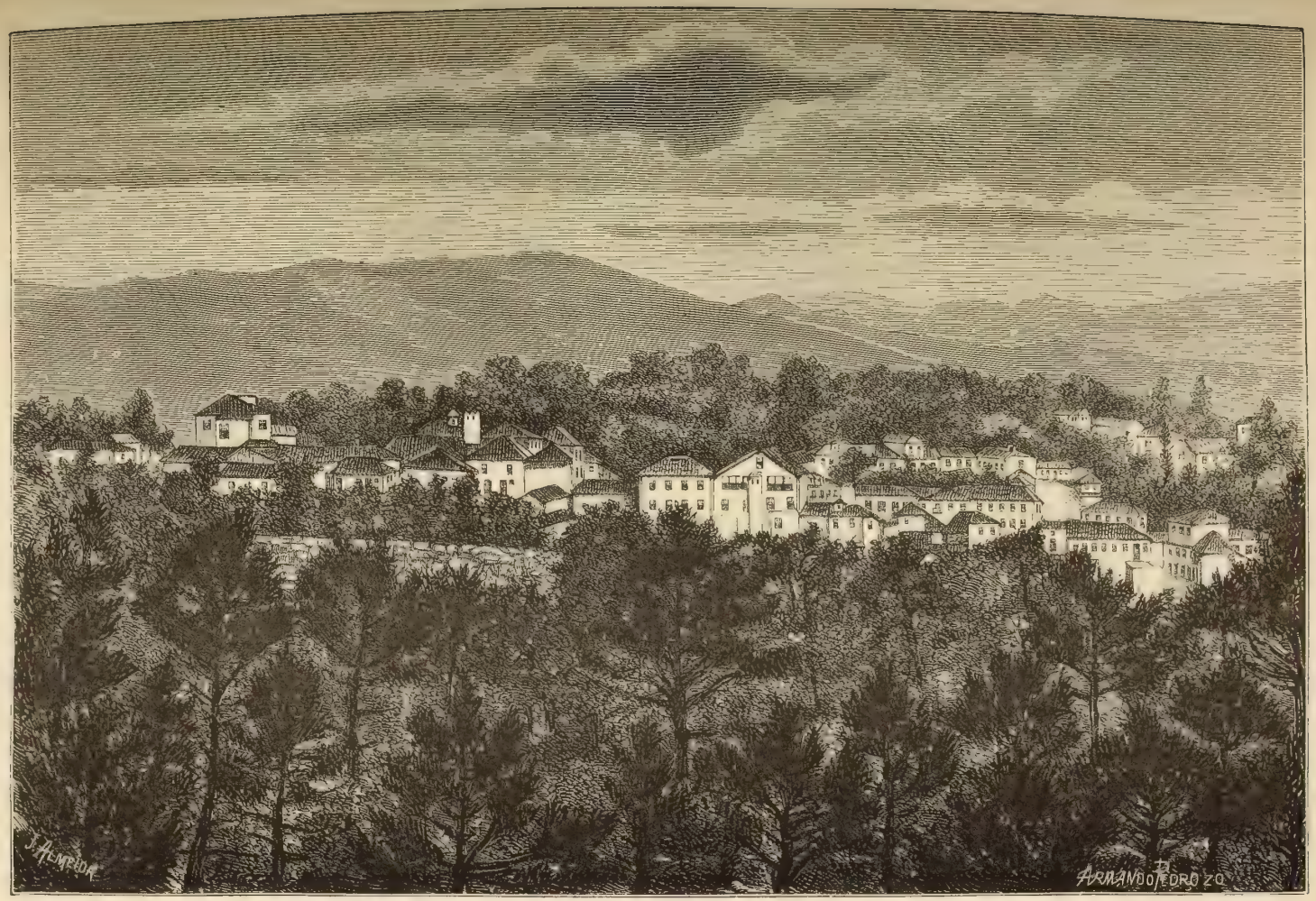
A casa mais antiga d'esta freguezia, e como edificio particular o mais notavel pela sua grandeza e architectura, não só d'esta freguezia, mas de todo o concelho do Marco de Canavezes, é a casa da Quintan.

É um vasto edificio apalaçado, formando um quadrilatero perfeito, regular e symetrico, com claustro interior, do meio do qual se eleva um bem trabalhado chafariz de cantaria, com seus lavores e ornatos. Para o andar nobre do edificio dá accesso do lado da frente um amplo e magestoso pateo com dois lanços de escadaria de pedra ornada de lavores, balaustradas e estatuas. Tem este edificio em si uma torre, e ao lado, mas em communicação com o edificio por um arco de pedra, uma ampla e aceada capella. É este edificio a residencia e solar da familia dos Vasconcellos e Vieira da Motta, da mesma freguezia.»

O investigador de assumptos archeologicos encontra em Soalhães com que occupar-se por algum tempo, e o mesmo succede ao ethnographista que procure recolher as lendas de mouros que tanto abundam ahi.

No museu da *Sociedade Martins Sarmento,* de Guimarães, existem alguns objectos por aqui encontrados, attestando claramente que a antiguidade de Soalhães vae até á edade da pedra, pois se colleccionaram dois machados de diorite, uma goiva, duas facas de silex polido, pontas de flechas polidas e lascadas, e além d'isso alguns ossos contemporaneos d'esse periodo da infancia humana. Tudo isto foi achado em uma gruta funeraria prehistorica no sitio das Coriscadas, perto do monte *Entrudo,* onde ha vinte annos, proximamente, appareceram muitos craneos e outros ossos, que o povo destruiu explicando o seu apparecimento por assassinatos commettidos na antiga estrada para Mezão Frio. Perto da gruta existem umas pedras denominadas pelo povo *lagares dos mouros.* No sitio de Miraz ha tambem umas campas abertas em rocha.

No *crasto* dos Bogalhos, onde está a capella de S. Thiago, notam-se tambem vestigios de muralhas, e teem apparecido fragmentos de ceramica, fragmentos que o povo diz serem os cacos da louça que ahi veiu quebrar a *cobra moura.* No lugar de Poço existem vestigios de um lagar, que o povo chama a *cadeira* e *cama do mouro.* Um outro pequeno *crasto* se observa no sitio da Pena, onde a lenda julga existirem thesouros encantados, guardados por uma *moura,* a qual se diverte castigando aquelles que tentam explorar essas riquezas, causando-lhes a meio da operação um ter-



VISTA GERAL DO MARCO — *Desenho do natural por João de Almeida*

ror tal, que a diarrhea os impede de proseguir nas excavações começadas.

A lenda, porém, mais curiosa d'esta freguezia de Soalhães é a que diz respeito ao *Penedo do meio dia,* existente na estrada para Eiró.

«Uma linda manhã, quasi ao nascer do sol, um lavrador pobre passando por este sitio viu o penedo aberto, e, dentro d'elle, uma mulher muito formosa e deslumbrantemente vestida de ouro. Como não era medroso, approximou-se da moura e ella perguntou-lhe:

—Onde vaes?

—Vou regar—respondeu.

—Pois vae e toma este pão de quatro cantos; guarda-o por fórma que ninguem veja, e d'aqui a um anno volta cá, que eu te darei a felicidade.

Foi o lavrador para casa e guardou o pão em uma arca, trazendo sempre a chave comsigo. Isto bastou para despertar a curiosidade da mulher, que, desconfiada e aproveitando a occasião em que o homem foi para uma feira, arrombou a caixa e viu com espanto, que o que o marido guardava tão preciosamente, era um simples pão.

Partiu-o pelos cantos e viu com terror, que manava sangue d'esse pão. Quando o homem chegou, contou-lhe o caso e pediu a explicação d'aquelle mysterio.

—Destruiste a nossa felicidade—respondeu elle unicamente.

E passado o anno foi expôr á moura o caso, ouvindo o seguinte:

—Bem sei que não tiveste culpa, mas isso não obsta a que fiques desgraçado e sem as riquezas promettidas. Esse pão era a burrinha em que eu tinha de sahir d'aqui ao terminar o meu encanto, e tua mulher, partindo-o, partiu-lhe as pernas, e eu nunca mais poderei quebrar o meu fadario.»

Esta curiosissima lenda, que eu recommendo aos *Folk-loristas* como amostra de um veio que muito se póde explorar n'esta região do Marco, não é a unica interessante que lá ouvi. Andam na tradição oral muitas outras, não menos curiosas, sendo mesmo difficil explicar a origem de muitas d'ellas. Veja o leitor, por exemplo, o contraste que existe entre a lenda que acabei de contar-lhe e est'outra que vou esboçar, referida ao lugar de *Crasto-solhão,* e que é verdadeiramente uma lenda lubrica, que ali se conta com duas variantes.

«N'esse lugar viviam em uma torre duas irmãs—a outra variante diz uma senhora só—unicamente servidas por um preto. A sua formosura attrahia ahi todos os mancebos, que ellas acolhiam da maneira mais gentil. Convidavam-os a dormir com ellas, e depois, quando de todo esgotadas as suas forças, só os deixavam sahir, se por acaso appareciam outros

que os substituissem. Não havendo substitutos mettiam-os no *soturno,* lugar escuro da casa, que se não via dos caminhos, e ahi esperavam que elles recuperassem as forças para novas batalhas de amor. *Séde vaccante* o preto era o encarregado de... officiar, assim como tinha tambem o mister de assassinar as creanças que ellas dessem á luz, enterrando-as no *soturno,* o que elle fazia, diz a lenda, debulhado em lagrimas, por serem muitas vezes os proprios filhos que tinha de enterrar.»

Não haverá n'esta lenda um vestigio de culto a Venus ou a Saturno?

*

* *

Regressando á villa do Marco pela linha ferrea tomada na estação do Juncal, por não estar construida a estrada districtal n.º 12-C d'essa estação á estrada real, aproveitamos o tempo que nos resta para continuar as nossas excursões por outras freguezias do concelho.

Eis-nos sentados já no monte de Vallongo, unico lugar d'onde se póde fazer um *croquis* da povoação do Marco e dominando d'ahi a collina, em que deriva por entre pinhaes e soutos de carvalheiras um ribeiro affluente do Ovelha, cortando a freguezia de *RIO DE GALLINHAS* (á qual pertence a estação do Marco), aldeia modesta, civilmente annexa á de *Fornos,* em que está a séde do concelho. Dirigimo-nos em seguida para *FREIXO,* onde hospitaleiramente nos recebe a familia dos nossos amigos Desiderio, Adolpho e Abilio de Miranda, com aquella santa liberdade e proverbial franqueza da provincia, e onde temos para vêr restos archeologicos que possam interessar-nos como *touristes,* visto ser Freixo uma povoação muito antiga.

Logo á entrada da freguezia, no sitio chamado *outeiro das castanhas,* se encontram tumulos abertos na rocha, podendo vêr-se mais do mesmo genero na quinta do dr. Carlos Corte Real, que fica proximo d'ahi.

N'esses tumulos ou junto d'elles tem-se por diversas vezes encontrado objectos que attestam a civilisação romana, taes como moedas, ceramica mais ou menos bem modelada, etc., sendo o grupo de ceramica que figura no presente desenho uma reproducção fiel d'alguns *specimens* que o nosso amigo Adolpho Miranda possue, achados n'esse lugar. Fazendo uma rapida visita a Freixo foi-nos mostrada pelo sr. Agostinho de Serpa uma moeda romana, bastante oxidada, que n'esse mesmo dia fôra encontrada em uma sua quinta, assim como um pedaço de um vaso lavrado da mesma origem. Na quinta d'este cavalheiro existem tambem vestigios de um edificio, que o povo chama *capella dos mouros,* confundindo

talvez as duas civilisações arabe e latina, como temos visto que elle faz quasi sempre, mas podendo significar no caso presente a verdadeira tradição, visto que em Freixo existiram as duas civilisações. O campo em que existem os restos d'esse edificio, onde se nota bem o cimento romano envolvendo os cubos de granito, chama-se o *Campo de Palleagas,* palavra que póde decompor-se em *Pallas* e *ager,* e dar pretexto etymologico a que se julgue um templo votivo a Pallas.

Ceramica romana encontrada em Freixo — Desenho do natural por João de Almeida

No segundo domingo da quaresma faz-se em Freixo uma feira que dura dois dias, existindo armadas para ella, durante todo o anno, as barracas de telhados de colmo assentes sobre pilares de granito. Durava outr'ora mais dias essa feira, e era muito concorrida dos negociantes de raça semitica que vinham de Bragança, dando-se ainda hoje a um arruamento das barracas o nome de *rua dos judeus.*

Depois de visitarmos o Freixo, voltamos á estrada districtal n.º 12, ou de Entre-os-Rios, e do sitio da Picota, onde está a linda vivenda do ex.mo sr. Adriano de Carvalho e Mello, ex-deputado e ex-commissario de policia no Porto, onde o seu nome é ainda lembrado, seguimos para o sul do concelho.

Logo á direita nos apparece a egreja de *THUYAS,* povoação antiquissima dos *cerenecos,* ao depois habitada por uma colonia romana, e onde passava a famosa *Tamacana via,* de que já fallámos. Esta estrada sahia de *Calle* (hoje Gaya?), atravessava o Douro em Crestuma *(Crastomire),* e vindo á actual Foz do Souza passava proximo da villa de Paredes, seguia pela portella de S. Thomé das Cannas, Duas Egrejas, Santo

Adrião de Cannas, Villa Boa de Quires, e pela proxima aldeia de Caniva, d'onde cortava o Tamega para as thermas de Canavezes.

Este itinerario exposto por Pinho Leal não póde todavia garantir-se. E. Hübner diz bem, que ao vêr o accidentado dos valles e montanhas da provincia não póde positivamente dizer-se, onde esteve o leito d'essa via, a qual parece haver passado nos montes de Baltar e Vandoma, como teremos occasião de dizer mais tarde.

O eminente archeologo allemão pensa que não é só pelos nomes mais ou menos similhantes das povoações, ou pela existencia dos castros, que se póde reconstruir o itinerario das vias romanas, por isso que muitas outras povoações ou colonias existiam affastadas d'essas vias. A proposito falla o sabio epigraphista de uma inscripção votiva existente em uma ara romana, que serviu de base á pia baptismal da egreja de Thuyas. O dr. Pereira Caldas, de Braga, lê e interpreta do seguinte modo:

LARIBUS
CERENA-
ECIS. NIG
ER. PROC.
VLI F. V. L. S.

(Laribus Cerenaecis, Niger, Proculi filius, votum librus solvit). Isto é: Nigro, filho de Proculo, cumpriu gostoso o voto aos Deuses Lares Cerenécos.

Perto da povoação existe um monumento curioso, que parece ser dedicado aos deuses infernaes, pela analogia que tem com os de Panoias; é uma especie de cubo de pedra com duas pias, uma de cada lado; logo para cima existem alguns *lagares de mouros,* para me servir do nome tradicional. Ainda na Campeeira, perto da casa dos Guedes, existe tambem uma campa aberta em rocha.

Houve n'esta freguezia um antiquissimo mosteiro de eremitas ou conegos de Santo Agostinho, fundado, segundo alguns escriptores, no tempo dos godos, e persistindo, mediante tributo, durante o dominio arabe, ou, segundo outros, apenas fundado no tempo do conde D. Henrique, ou de seu filho Affonso Henriques. A egreja é a que ainda serve de matriz parochial.

Consta de documentos authenticos, que em 1165, D. Thereza Affonso, viuva do famoso Egas Moniz, doára a este mosteiro uma herdade que possuia em Thuyas; mas parece que antes d'esta doação uma outra haveria feito aos agostinianos para elles fundarem o mosteiro, visto que sua

filha D. Urraca Viegas vem mais tarde, já quando pela segunda vez viuva, annullar a doação de sua mãe, expulsando assim os frades do mosteiro, e fundando um outro de freiras cistercienses, em que sempre permaneceu depois, sendo sua ultima abbadeça D. Isabel Aranha, que vivia pelos annos de 1534, segundo o padre Carvalho. Em 1535 foi o mosteiro de Thuyas supprimido, unindo-se ao convento das freiras de S. Bento, do Porto, para onde foram as ultimas religiosas.

O padroado do mosteiro andou desde o principio em successores da fundadora, até que Dona Chamma Gomes, por 1264, *vendo-se atracada com o Bispo do Porto,* segundo a phrase do escriptor citado, o deu com o de Santa Clara do Torrão aos bispos d'essa diocese.

Mas, ou se respeitaram alguns direitos adquiridos e o padroado não foi cedido no todo, porque muitas terras do extincto couto, Freixo entre ellas, ainda hoje pagam fóros ás freiras de S. Bento, do Porto, verdadeiras representantes das de Thuyas, ou o que D. Chamma cedeu ao bispo do Porto foi um padroado *in nomine,* visto que as freiras de Thuyas ainda aqui viveram mais de duzentos annos.

Thuyas foi villa e couto, talvez do tempo da condessa D. Urraca Viegas, e pertenceu por isso ás freiras, que o perderam depois, passando para el-rei.

D. João II por carta regia de 1491 confirma a seu filho bastardo a doação da villa e *behetria* de *Canavezes,* do *couto de Thuyas,* etc.

Na freguezia, além de todas as precedentes notas historicas que podem interessar o leitor, havia ainda para vêr o palacio pertencente ao ex.mo sr. Albino Montenegro, que foi dos antigos Corrêas, de Farellães, mas que um incendio devorou ha dois annos.

Seguindo a estrada apparece-nos á direita o presbyterio de Maurelles, na outra margem do Tamega, e levanta-se na encosta, á nossa esquerda, a pequena egreja de *AVESSADAS,* com o seu duplo campanario singelo. No sitio de Avessão d'esta freguezia existem alguns vestigios de povoação arabe—*lagares*—mas o que sobretudo torna celebre esta aldeia é a romaria que em 8 de setembro se faz á Senhora do Castellinho, por ser ahi que se dão ponto de reunião todos os filhos do Marco de Canavezes, que teem estado ausentes. O monte, onde se faz a romaria, domina para nascente a freguezia de *MANHUNCELLOS,* onde o leitor póde colher uma ou outra lenda de *mouros,* especialmente no *Crasto da Quebrada* e no monte das Eiras, onde no caminho de Paredes para o cruzeiro de Eudomonte existem algumas mamôas. Houve tambem em Manhuncellos um penedo, a que o povo ligava uma tradição, chamando-lhe a *Pedra que falla,* por causa do echo que se sentia batendo-lhe; um tiro na pedreira desfez a

lenda e as qualidades acusticas da rocha, restando apenas proximo algumas mamôas, como para attestarem a existencia de um culto prehistorico.

ROZEM é, seguindo a estrada, á freguezia que atravessamos depois das anteriores, e que junto ao Tamega namora a encosta da outra margem, onde ficam algumas freguezias do concelho de Penafiel, como são Luzim e Abragão.

A estrada corta em seguida por nascente a parochia de *VILLA BOA DO BISPO,* do antigo e extincto concelho de *Bem Viver,* e cujo nome se diz ter a seguinte origem: *Villa,* desde que D. Affonso Henriques visitou o seu mosteiro e o coutou em 1141; *boa,* pela fertilidade dos terrenos; e *do bispo,* por commemorar o martyrio do bispo do Porto, D. Sisnando, *aos 30 dias do mez de janeiro de 1073 (1035), morto ás lançadas pelos mouros, quando estava a dizer missa,* segundo resava a inscripção do primeiro tumulo onde esteve sepultado, na capella do Salvador, na qual estava celebrando, quando foi trucidado. O tumulo que hoje se observa no mosteiro é o segundo, onde foram depositados os seus restos, por ordem do bispo do Porto D. Pedro Ribaldis, 107 annos depois da morte do santo, dizendo a inscripção d'este, em latim:

O martyr e bispo D. Sisnando, a quem Christo levou para o ceu aos 30 de janeiro do anno de 1035, foi aqui sepultado com solemne rito em 2 de outubro de 1142.

Diz-se tambem que foi este bispo o primeiro que teve as honras de ser sepultado dentro de um templo—a tal capella do Salvador—no bispado do Porto, honra que nem aos fundadores das egrejas se concedia, como no caso presente se prova pela inscripção existente em um jazigo dos claustros, que é o do fundador do convento D. Moninho Viegas, chamado o *gasco,* e de seus filhos Egas Moniz e Gomes Moniz. Nos claustros e na egreja conservam-se muitas outras sepulturas antigas, de que seria fastidioso dar a lista.

A data da fundação do convento, cuja egreja é hoje a parochial, ascende ao anno de 990, e diz-se que D. Moninho o fundára e n'elle estabelecera conegos regrantes (cruzios) em cumprimento de um voto feito, quando por aqui andava pelejando contra os arabes.

Accrescenta a lenda que a promessa de D. Moninho fôra feita quando estava pondo cêrco ao castello dos mouros, cujas ruinas ainda se vêem no alto do *monte* ou *castro arado,* sendo ao fim do cêrco tal a mortandade nos mouros fugitivos, que a uma ponte proxima se deu o nome de *ponte da degola,* nome que ainda hoje conserva. Este D. Moninho Viegas foi um dos reedificadores do Porto, depois da expulsão dos arabes.

O convento passou em 1740 para os jesuitas, que o tiveram até á

Ponte de Canavezes sobre o Tamega — Desenho do natural por João de Almeida

extincção da ordem, passando depois para a corôa e sendo agora propriedade particular.

Villa Boa do Bispo é uma das mais importantes freguezias do concelho, tanto pela sua producção, como pelas boas casas que tem, devendo mencionar-se entre as primeiras a do *Casal,* junto da grande capella do Pinheiro, nome tirado de um pinheiro collossal que uma tempestade derrubou ha poucos annos e do qual se tiraram taboas medindo $1^{m},30$ de largura; e depois as de Alvello, dos Geraldes da Casa Nova, da Lavandeira dos Britos Corte-Reaes e outras muitas.

Em Villa Boa do Bispo a estrada districtal n.º 11-C que ha de vir de Penafiel por Abragão, até onde já está feita, ligará no sitio do Entroncamento ou da Lamosa com esta que temos percorrido, e com a estrada districtal n.º 12-B que se dirige ao apeadeiro da Palla, na linha ferrea do Douro, passando logo em *ARIZ,* cujo presbyterio se vê na encosta da collina, dominada pelo *castro arado* ou *de arados,* de que já fallámos, e pelo monte da Forca, assim chamado por conservar ainda o ignominioso padrão das antigas justiças. Quem da forca de Ariz seguir para nascente o caminho de Meixide, nota algumas mamôas, assim como um castro no alto de Meixide. Na egreja de Ariz festejam-se a 3 de maio as santas reliquias que para aqui trouxe em 1560 Frei Gaspar de Penella, havendo-as

de todos os feitios e para todas as devoções, como sejam o pau do santo lenho, o espinho da corôa, o leite da Virgem, os ossos dos apostolos, e outras não menos prodigiosas... O mais importante lugar de Ariz é o da *Feira nova,* onde passa a estrada, e onde se realisa um importante mercado bi-mensal nos dias 12 e 29. É aqui tambem o solar do visconde de Ariz, antigo deputado da nação.

Na zona atravessada pela estrada n.º 12-B, ou da Feira Nova, que se dirige — ou melhor, se ha de dirigir, pois não está ainda completa — ao apeadeiro da Palla, encontram-se depois de Ariz, e quasi sobre as ribas do Douro, as freguezias de *MAGRELLOS,* que nada tem de notavel a não ser a casa da Seara, que Pinho Leal erradamente colloca em Ariz, e que pertenceu aos Pereiras, de Antemil, oriundos dos condes da Feira, embora já tenha sahido dos descendentes d'essa familia, por venda feita a particulares; *S. LOURENÇO DO DOURO,* em cuja casa do Ribeiro está o antigo solar da familia do appellido Vieiras, descendentes de Ruy Vieira, senhor da torre e concelho de Vieira; *SANDE,* povoação muito antiga e abbadia já em 1227, como se vê em uma appellação do seu parocho ao bispo do Porto, D. Vicente, que instituira aqui um beneficio; *PENHA LONGA,* atravessada pela estrada districtal, e onde o amador de curiosidades archeologicas póde procurar no crasto ou *monte do mouro* vestigios de construcções cyclopeas (talvez venha d'essas enormes rochas o nome de *penha longa); PAÇOS DE GAIOLO,* finalmente, uma das antigas behetrias do paiz, cujo nome se diz provir do pae ou irmão da formosa Gaia, que deu, segundo a lenda, o nome á villa fronteira do Porto, e terra de que póde accrescentar-se o brilho das tradições com a tradição excellente, unica talvez que se não apagou na sua vida, dos famosos vinhos do Baixo Douro. Em Paços de Gaiolo póde o *touriste* curioso admirar a vetusta capella de S. Braz, de estylo bysantino, que se diz ter sido a primitiva matriz, interrogando ahi a lenda de uma imperfeita esculptura que existe sobre uma fresta e representa uma cobra a metter-se na bocca de um homem. No monte de Fandinhaes, d'esta freguezia, existe um castello ou castro muito arruinado, e ha tambem algumas campas no sitio de Pardieiros.

Voltando ao lugar do *Entroncamento,* para seguir a estrada até Entre-Rios, temos logo occasião de travar conhecimento com a freguezia de *S. PAIO DE FAVÕES,* que muito proxima nos fica, ao lado direito da estrada, embora d'esta se não aviste a sua matriz parochial. Favões pertenceu ao extincto concelho de Bem Viver, mas não ao de Baião, como diz Pinho Leal. Na freguezia existe a *Casa nova,* em que viveu, no tempo do rei D. Fernando, o corregedor do Minho e Traz-os-Montes, Julio Gi-

raldes. O Tamega corre n'estas alturas mui proximo da estrada e divisa-se na collina da sua margem rochosa a freguezia de *S. Miguel dos Mattos,* outr'ora freguezia independente e ainda nos costumes locaes considerada como tal, mas para todos os effeitos annexa á de *ALPENDURADA,* que se póde ir visitar, deixando a estrada junto do memorial de Ariz e seguindo um caminho de aldeia, que nos conduz ao mosteiro, depois de meia hora. O arco ou memorial — *marmoiral* diz o povo — que démos na gravura de pag. 484 sob o titulo de *Memorial de Ariz,* por ser assim conhecido pelo povo, erro que n'este momento rectificamos, como tambem o de Pinho Leal, que o descreve em Villa Boa do Bispo, está dentro dos limites de Alpendurada, e merece por tanto de preferencia este nome. Segundo a tradição popular é um arco levantado para commemorar a passagem da rainha Mafalda, ou da santa do mesmo nome, sua neta; mas, segundo as mais auctorisadas opiniões é um arco tumular, deprehendendo-se mesmo de um documento de 1152, que é o tumulo do cavalleiro D. Souzino Alvares, alcaide-mór do castello da Bugefa, castello que se diz ter existido no proximo lugar da Ermida, mas do qual não restam hoje vestigios. A fórma do memorial indica este uso, de preferencia a um arco de triumpho. O nome de Alpendurada vem, segundo uns, de um vasto *alpendre,* que antigamente havia á porta da egreja, e, segundo outra opinião, da posição em *pendor* sobre os alcantis da margem direita do Douro, pelo que se chamaria *Pendurada,* tendo a mesma significação com o artigo arabe *al.*

Ascende á epocha romana a antiguidade da povoação, como se prova pelas lapides votivas que por aqui se tem encontrado, e ás quaes se refere o allemão E. Hübner. Mas a sua historia mais brilhante é, por assim dizer, a contemporanea do principio da monarchia, pois é d'ahi que data a fundação e luzimento do seu mosteiro, cuja egreja é hoje a matriz parochial, sendo o convento e toda a cêrca, onde as fructas são magnificas, propriedade particular da sr.ª viscondessa de Alpendurada.

Segundo a *Benedictina Lusitana* e outros livros, foi o convento fundado por um sacerdote chamado *Velino,* eremita da capella de Santa Sabina e por seu compadre *Arguirio,* do lugar de Cabanellas ou Campanellas, em 1062 de Jesus Christo, sendo sagrado em 1065 pelo bispo Sisnando. Esta fundação primitiva, dedicada a S. João Baptista, no sitio *em que os dois viram luzes do ceu,* era por sem duvida modesta, e só veiu a ampliar-se com as doações do rico-homem D. Moninho Viegas, depois que se libertou do poder dos arabes, a quem andava combatendo, diz a lenda, por causa da tragica morte da sua desposada. Ampliou o convento e deu-lhe o padroado de nove egrejas e outras rendas, assim como uma imagem de S. João Baptista, de prata.

Depois veiu a rainha D. Thereza favorecer o mosteiro, fazendo-o couto, o que D. Affonso Henriques confirmou em 1132.

Em 1599 mudaram os frades para o convento de S. Bento, no Porto, sendo o mosteiro entregue a commendatarios; mas em 1611 de novo os frades vieram tomar posse.

Na sala do capitulo estão ainda, posto que muito deteriorados, alguns retratos, devendo notar-se o de D. Moninho Viegas, e o do tal Velino, verdadeiro fundador. Á sahida da capella-mór e no espaço comprehendido entre a sachristia e a livraria, vêem-se duas lapides com inscripções, sendo uma bastante extensa e na qual se faz, por assim dizer, a historia completa d'este mosteiro, salvo pequenas incorrecções. O sr. Alberto Pimentel copiou-a fielmente, e forneceu-a a Pinho Leal, em cujo diccionario apparece a pag. 161 do 1.º volume, onde o leitor mais curioso póde lêl-a, dispensando-nos por isso aqui da sua transcripção.

Entre o convento de Alpendurada e a antiga capella de S. Thiago, que no caminho se encontra, existe uma sepultura que parece de algum cavalleiro templario, se não é porventura de epocha mais affastada. No lugar da cabeça nota-se uma especie de cruz de Malta, a que o povo chama *postas de pescada,* dizendo na sua lenda, que o diabo as estava ali comendo quando um santo passou, e por isso ficaram assim gravadas na sepultura.

Voltando á estrada e seguindo directamente para sul, breve se nos depara, sobre a esquerda, a concha de terra em que assenta a *VARZEA DO DOURO,* antiga freguezia que bem justifica o seu nome pela situação em que se acha n'esta fertilissima varzea, que o Douro parece abrir, por excepção, na sua corrente de margens abruptas e alcantiladas.

O seu territorio é habitado desde tempos remotissimos, talvez desde os tempos prehistoricos, pois na margem opposta existe em terreno de Castello de Paiva o curioso *dolmen do castello de baixo.* E. Hübner apresenta uma inscripção achada em Varzea do Douro (vidè pag. 73 das *Noticias Archeologicas),* que prova ter sido este territorio habitado pelos romanos. O titulo de Barão da Varzea do Douro foi dado ao sr. Antão Garcez Pinto de Madureira, tenente general reformado, sendo a cabeça do baronato uma quinta situada em um pequeno valle, que assenta sobre a margem do rio Douro. O segundo barão é seu filho José.

Á freguezia da Varzea está para todos os effeitos civis annexa a de *SANTA CLARA DO TORRÃO,* situada em frente de Entre-os-Rios, sobre a margem esquerda do Tamega e direita do Douro. Foi villa e couto do seu mosteiro de Santa Clara, que póde, por assim dizer, considerar-se o primitivo instituto das freiras de Santa Clara do Porto, pois este foi de

proposito fundado por D. João I para n'elle recolher as freiras do Torrão, o que se realisou em 1416.

A egreja parochial do Torrão é ha mais de 400 annos a que foi do mosteiro, aqui fundado por D. Chamma ou Flamula Gomes, viuva rica, e seus filhos, a qual cedeu, para conseguir este fim, o padroado que tinha na egreja de Thuyas ao bispo do Porto, D. Vicente, que se oppunha tenazmente á fundação d'este mosteiro, cedendo da sua teimosia só depois que D. Chamma lavrou escriptura, em que se obrigava por sua morte a deixar-lhe todos os seus bens. A fundação é de 1264, lançando o bispo a primeira pedra; e foi a egreja consagrada a Santa Clara e entregue o mosteiro a religiosas franciscanas. A povoação fronteira de Entre-ambos-os-Rios, na outra margem do Tamega, pertence desde muitos annos ao Torrão, embora civilmente esteja annexa á de Eja, da comarca e concelho de Penafiel.

*

* *

O concelho do Marco de Canavezes não tem propriamente industrias que o caracterisem, e posto seja um dos mais ricos de Entre Douro e Minho é só á agricultura, comprehendendo o ramo da pecuaria, e á riqueza florestal, que deve a sua prosperidade. As muitas casas nobres que no concelho existem e que recebem rendimentos de outras origens, contribuem especialmente tambem para o desenvolvimento d'esta região, a que, por assim dizer, multiplicam as forças productivas, vendo-se por isso no Marco excellentes propriedades e vivendas de campo, como não ha em outros concelhos, ou pelo menos como não ha em tão grande numero.

Representado na imprensa pelo jornal *A Verdade,* as suas escolas primarias são as que constam da seguinte nota: — Alpendurada, Fornos (Marco), masculino e feminino; Manhuncellos, Paredes, Penha Longa, Paços de Gaiolo, Sande, Soalhães, Taboado, Thuyas, Varzea de Ovelha, Villa Boa de Quires, Villa Boa do Bispo.

É, como se vê, ainda pequeno o numero em relação á área e população do concelho, e isto justifica, até certo ponto, a persistencia da rotina que no Marco sobreexcede, na gente do povo, a qualquer outro concelho.

A estatistica criminal da comarca apresenta, em 1880, 21 crimes commettidos, sendo 2 contra a ordem publica, 12 contra pessoas e 7 contra a propriedade. Foram julgados 33 reus, sendo 21 absolvidos e 12 condemnados a penas correccionaes.

Sob o ponto de vista da riqueza pecuaria é o Marco um dos primei-

ros concelhos do districto, como se póde vêr comparando a seguinte tabella com outras que temos apresentado:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	369	5:336$000
Muar	99	6:607$000
Asinino	134	537$300
Bovino	4:604	197:562$000
Lanar	6:554	3:069$000
Caprino	1:846	1:119$500
Suino	5:994	36:493$300
		250:724$100

Da producção vinicola do concelho, diz o relatorio do visconde de Villa Maior:

«As freguezias de Constance, Thuyas e Sobre Tamega são as mais productoras, sendo as propriedades situadas junto aos lugares da Picota e de Ambraes as que no concelho gosam da reputação de produzirem melhores vinhos. Todas as videiras são levantadas em arvores ou ramadas. As castas de uvas que ali predominam são: o *azal* e alguma *tinta*. Não se prepara geralmente senão uma qualidade de vinho que é verde, tinto, encorpado, soffrivelmente gostoso, e cuja duração é regularmente de quatorze mezes. As vindimas fazem-se no mez de outubro e o vinho fabrica-se nos lagares usuaes, sendo as uvas pisadas pelos homens duas vezes por dia e durante duas horas de cada vez, em quanto a fermentação se não completa, o que leva ordinariamente de cinco a seis dias. Logo que o cango começa a descer e tendo já o vinho perdido a doçura, envasilha-se e não se faz mais tratamento algum; unicamente alguns lavradores addicionam-lhe no mez de janeiro meia canada ou pouco mais de um litro de aguardente de 8° a 10° de Tessa. O vinho assim tratado póde conservar-se mais algum tempo, mas não melhora com a edade.»

Os generos agricolas e outros regulam em media pela seguinte tabella nas feiras de 3 e 15, na povoação do Marco:

Vinho (pipa)	18 a 27$000
Milho branco (20 litros)	550
Feijão	600
Centeio	500
Batatas (alqueire)	200
Cebolas (cabo)	80

Da muita caça que existe em região tão accidentada e montanhosa, como é todo este territorio, pouquissima concorre ao mercado publico. No concelho, em geral, são todos mais ou menos caçadores, e d'ahi o encontrar-se vulgarmente na mesa de cada um a perdiz saborosa, a lebre ou o coelho bravo, sem que todavia appareçam á venda nas feiras ou mercados.

CONCELHO DO MARCO DE CANAVEZES

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Alliviada, *S. Martinho* [1]	156	179	335	77
Alpendurada e Mattos, *S. João Baptista — S. Miguel*	634	701	1:335	318 *a*
Ariz, *S. Martinho*	289	328	617	151 *b*
Avessadas, *S. Martinho*	256	286	542	144 *c*
Banho, *Santa Eulalia* [2]	113	121	234	64 *d*
Carvalhosa, *S. Romão*	271	342	613	143 *e*
Constance, *Santa Eulalia*	360	409	769	192 *f*
Favões, *S. Paio*	163	205	368	99 *g*
Folhada, *S. João Baptista*	400	466	866	228 *h*
Fornos e S. Nicolau, *Santa Marinha — S. Nicolau* [3]	490	512	1:002	209 *i*
Freixo, *Santa Maria*	224	247	471	125 *j*
Magrellos, *O Salvador*	218	246	464	114 *k*
Manhuncellos, *S. Mamede*	205	239	444	123 *l*
Maurelles, *Santa Maria*	173	222	395	107 *m*
Paços de Gaiollo, *S. Clemente*	530	582	1:112	301 *n*
Paredes de Viadores, *S. Romão*	539	548	1:087	268 *o*
Penha Longa, *Santa Maria*	702	756	1:458	397 *p*
Rio de Gallinhas, *S. Miguel* [4]	208	173	381	87 *q*
Rozêm, *Santa Maria*	122	140	262	71 *r*
Sande, *S. Martinho*	732	800	1:532	407 *s*
Santo Izidoro, *Santo Izidoro*	282	270	552	126 *t*
S. Lourenço do Douro, *S. Lourenço*	293	303	596	134 *u*
Soalhães, *S. Martinho*	1:243	1:291	2:534	591 *v*
Sobre Tamega, *Santa Maria*	321	361	682	177 *x*
Taboado, *O Salvador*	345	419	764	181 *y*
Thuias, *O Salvador*	343	401	744	176 *z*
Torrão, *Santa Clara* [5]	178	235	413	115 *aa*
Toutosa, *Santa Christina* [6]	137	184	321	84 *bb*
Varzea do Douro, *S. Martinho*	271	305	576	143 *cc*
Varzea da Ovelha, *Santo André*	586	685	1:271	332 *dd*
Villa Boa do Bispo, *Santa Maria*	647	714	1:361	362 *ee*
Villa Boa de Quires, *Santo André*	725	883	1:608	415 *ff*
	12:156	13:553	25:709	6:461

a Comprehende esta freguezia os logares de Villacete, Outeiro, Louriz, Mosteiro, Santa Christina, Monte, Fontellas, Sobre Villa, Senhora da Silva e Ribeiro, Villacetinho, Ventuzellas, Carcavellos, Santa Sabina, Lamaçaes, Memorial, Ordonho, Outeiro de Cima e de Baixo, Tojal e Granjão, Villar e Granja, e os casaes de Entre Paredes, Fontainhas, Tapada, Cachorrella.

b Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Lamoça, Agro, Cruzeiro, Bairro, Linhar e Quintães, Lameira, Villa do Monte, Fraga, Casal, Olival, Boa Vista, Barroco e Feira Nova, Corgo, Ribeira, Casal de Mattos, Requina, Pinheiral, Pereira, Carrais e Cruz.

c Comprehende esta freguezia os logares de Avessadas, Rio Mau, Avessão, Villar, Outeiro, Ponte, Malhadoura, Curraes; os Casaes de Boa Vista da Matta, Bessada, Ranha, Ribeira, Fonte da Pereira, Bocequinhos, Tapados, Costa de Villar, Pinheiral, Casa Nova, Barreiro, Lameira de Baixo, Lameira de Cima, Leirinhas, Urgal, Tapada, e as quintas ou herdades de Dalhães, Boa Vista, Ameda, Souto da Ribeira, Moria, Villar.

d Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Solheira, Pimpinella, Eiró, Barreiro, Laranjeira, Outeiro, Olival, Deveza, Carreira, Chã; a quinta de Torre, e a herdade de Val Canedo.

e Comprehende esta freguezia os logares de Carvalhosa, Além Banho, Pia, Queimadella, Bouças, Tromezinho, Casa Nova, Regoufe, Tojal, Searas, Egreja, Boa Vista, Araujos, Cima de Villa, Bacello, Nespereira, Eido, Aldeia, Paço d'Além, Paço d'Aquem; as quintas de Regoufe, Bustello, Paço d'Além, Paço d'Aquem, e a herdade de Eiras.

f Comprehende esta freguezia os logares de Outeiro, Constance, Crujeiras, Egreja, Ladario, Logar Novo, Cubos, Venda Nova de Cima, Venda Nova de Baixo, Moinhos, Lama, Deveza, Povoa, Sortelha, Soutello, Cima de Villa, Boa Vista, Fontellas de Baixo, Fontellas de Cima; os casaes de Fontello, Junqueira, Cirolico, Quintã, Agua Levada, Vinha da Esperança, Feitoria, Torrões, Val Jardim, Rio de Gata, e a quinta ou herdade de Sovereira.

g Comprehende esta freguezia os logares de Favões, Varzeas, Pizão, Crujas, Cortes, Carreiro, Oleiros de Cima, Broços, Casa Nova, Carvalho de Villa, Prenxa (?), Lages do Monte, Roje, Requim, Barco do Souto, Ribeira, Regadas, Pereira.

[1] Annexada civilmente á freguezia de *Varzea da Ovelha*.
[2] » » de *Carvalhosa*.
[3] Marco, cabeça d'este concelho, é uma povoação dentro da area da freguezia de *Fornos*.
[4] Annexada civilmente á freguezia de *Fornos*.
[5] » » » de *Varzea do Douro*.
[6] » » » de *Santo Izidoro*.

h Comprehende esta freguezia os logares de Pousada, Merelhe, Aboboreira, Sammel Villa, Barral, Tapadinho, Campos, Outeiro, Travassô, Sem, Arco, Mões, Aldegão, Boa Vista, Amieiro Vinhal, Barreiro, Moura, Pedricosa, Ribeiro; os casaes de Fun'de Villa, Curvaceira, Quintã, Castanheiros, Tojal, e as quintas de Prado, Villa Nova, Valle, Ponte, Castanhal, Costabeça, Caixinho, Monte Alegre, Pereira, Lameiro Cão, Casa Nova.

i Comprehende esta freguezia os logares de Fornos, Marco, Cristello, Villa Maior, Rua de S. Nicolau, Cruz, Portella, Fonte Santa, Musteirados, Lages, Jardim, Ribeira, Cruzeiro, Casal Donna, Freita, Sub-Egreja; os casaes de Bacello, Mulellos, Olival, Pontinha, Golla, Deveza, Telheira, e as quintas ou herdades de Remonde, Gaviarra, Meijinhos, Casal.

j Comprehende esta freguezia os logares de Freixo, Fontes, Esmoriz, Covas de Baixo, Covas de Cima, Magães; os casaes de Franqueira, Searinha, Povoações, e as quintas ou herdades de Crasto, Boucinha, Bouquinhos, Boi-morto, Beçadinha, Raposeira, Louredo.

k Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Magrellos de Cima, Portella, Carvalheira, Tapado, Sabouguezes, Granjola, Moiraes, Cima de Villa, Matta, Piella, Complentes, Salgueiro, Atalaia, Vendinha, Seara, Catapeixe, Bacello.

l Comprehende esta freguezia os logares de Manhuncellos, Castilho, Gondufe, Estrada, Boi-morto, Arada, e os casaes de Moriães, Costa, Barroco, Fura, Casal, Vallinho, Pedra da Linhaça, Verdugão.

m Comprehende esta freguezia os logares de Maurelles, Egreja, Lameirinha, Outeirinho, Carreira, Amoreira, Cabo e Vinha, Rua do Castanheiro, Eira, Figueiras e Quintã, Cima de Villa e Altim, Portellinha e Ribeiras, Soutello, Avelleiras, Chã da Mó, Costa, Ribeira, Vau, Cegonha e Rôssa, Pedreira, Sapinha, Boavista, Vallinho e Casas, Rego e Outeiro, Cruzeiro e Muro Velho.

n Comprehende esta freguezia os logares de Paços, Lavadouro, Matto, Fandinhães, Ambrões, Pinheiral, Romadinha, Portella, Buzio, Vau, Alijó, Magurro, Mourilherme, Seixal, Boavista, Deveza, Levada, Suarriba, Campo, Gaiolo, Salgueiros, Novido, Horto, Roupeira, Cavalleiro, Pombal, Gondinhães, Bouças, Esteiro, Regadas.

o Comprehende esta freguezia os logares de Paredes, Viadores, Gandra, Passinhos, Alventella, Terrio, Casaes, Gordimães, Mondim, Couto, Juncal, Candoz, e os casaes de Velledos, Barreiro, Minhoteira, Cêpa.

p Comprehende esta freguezia os logares de Piares, Nogueiras, S. Sebastião, Refojos, Barreiros, Urjaes, Gandra, Cardia, Decimos, Passagem, Cardia de Baixo, Mattas, Cancella de Cima, Cancella de Baixo, Souto, Campos de Cima, Campos de Baixo, Sardoeira, Dojas; os casaes de Quebrada, Agrello de Cima, Agrello de Baixo, Cordeiros, Ferral, Figueiró de Cima, Figueiró de Baixo, Ladario, Horreiro, Sedouro, Tojal, Arrope, Valle, Fornello, Avelozo, Sarrazola, Ubeirinhas, Calçada, Tapada; as quintas de Prado, Cerdeiro do Carrapatello, Cardia, e as herdades de Calvos, Rochão, Alijó, Roça, Bessadas, Roucinho, Vallinhos, Portellada, Bacellos.

q Comprehende esta freguezia os logares de Rio de Gallinhas, Barrocha, Traz as Vinhas, Outeiro, Fun'de Villa, Moinho, Reieta (?), Prados, Além do Rio, Grova, Souto, Tapada, Casa Nova, Sarnado, Tojal, Boavista, Certainha, Ventoinha, Portas, Fronhas, Campo, Azenha.

r Comprehende esta freguezia os logares de Rozem, Chestadiços (?), Avessão (?), Fontainhas, Cal d'Aquem, Cal d'Além, Picão, Vallados, Curro (?), Entre-paredes, Brugente (?), Fraga (?), Laranjeira, Tarrio (?).

NB. Em todas as collecções d'onde extrahimos os nomes dos logares d'esta freguezia se achava a letra tão pouco intelligivel, que tivemos de marcar com (?) os mais difficeis de entender.

s Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Reguengo, Loureiro, Malagorta, Veiga, Casal Bom, Fun'de Villa, Sant'Iago, Villa Carvalho, Gontije, Christovão, Covilhã, Lourentim, Sameiro, Feijoal, Villa Nova, Gandra, Ribeiro, Souto, Arrifana, Quinta, Bouça, Vimieiro de Cima, Vimieiro de Baixo, Zenha, Pinheiral, Terra Secca; os casaes de Barregal, Boa vista, Lameirão, Lamas, Sandeiro, Trigaes, Espinheiro, Eidinho, Torre, Serrado, Lameiros, Fontella, Outeiro Longo, Aldeia, Lage, Agrella, Villas, Devezas, Levada, Valles, e as quintas ou herdades de Gaiosa, Ladueiro, Portella, Toqueirão, Olheirão, Fivida, Caparicas, Outeiro de Lourido.

t Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Portella, Quintã, Bairro, Paço, Bouças, Azial, Sequeiros, Campos, Livração, Roço; os casaes de Ponte do Bairro, Lameiro, Covas, Fun'de Villa, e as quintas ou herdades de Torreira, Seara, Andrães, Ribeira, Coura, Borlido, Val Bom de Baixo, Val Bom de Cima, Choupana, Fragas, Casal, Baralha, Chaminé, Cruz do Paço, Touriz, Barco das Bouças, Grillo.

u Comprehende esta freguezia os logares de Quintão, Pinheiro, Mirancos, Cruz das Almas, Pinhete, Canhoto, Sande de Cima, e as quintas de S. Paio, Ribeiro, Telheira, Casal, Paço, Lagoa.

v Comprehende esta freguezia os logares de Eiró, Serra, Oliveira, Lardosa, Telhe, Fun'de Villa, Aldeia, Mirar, Pereiro, Poço, Ribeira, Salvador, Outeiro, Pinhão, Sanradellas, Vinheiros, Quintella, Giesta, Grillo, Cadimes, Eido, Lages, Traguinhas, Campos, Calle, Villa Pouca, Casal d'Ares, Valle; os casaes de Fojo, Crasto, Ladario, Assento, Casal; as quintas de Muro, Picotos, Crasto, Mouta, e as herdades de Salgueiro, Asqueira, Ponte.

x Comprehende a freguezia de Sobre Tamega as ruas, logares, casaes, quintas ou herdades seguintes: Rua das Barrocas, Rua Direita, Pizão, Canevesinhos, Venda Nova, Bouça Maria, Caldas, Quelha, Outeirinho; casaes, S. Pedro, Macada, Bona Villa, Agrochão de Cima, Agrochão de Baixo, Monte, Arrabalde, Pombal, Ribeira, Campinhos, Vinhas, Val de Barco, Pigoeira, Agua de Moinhos, Regadas, Quebradinha, Penedos, Teixogueira, Lordello, Fontainho, Eira, Campo, e as quintas ou herdades de Cazellas, Abessadas, Marco do Couto.

y Comprehende esta freguezia os logares de Outeiro, Canhões, Egreja, Freita, Cabanas, Calveira, Ladario, Cabo Villa, Eido, Quelhe, Santa Maria, Chamiçal, Val de Nogueira, Sant'Iago, Estalagem, Nevões, S. Mamede, Pena, Casal, Casal de Godinho, Villa Nova, Viella, Vendos; os casaes de Deveza, Cobrados, Choos, Pousada, Fundão, Pardieiros, Prozo, Ramalhados, Crastos, Rebello, Bacello, Tapada, Chello, e as herdades de Feijoaes e Raposeira.

z Comprehende esta freguezia os logares de Thuias, Almas, Picota, Villa Nova, Villar, Mano, Cotovio, Povoação, Souto, Cimo de Villa, Chapa, Costa, Moinho, Ambrases, Calvario; os casaes de Tapada, Logar, Porta Nova, Segoiva, Portinho, Campo, e as quintas ou herdades de Monte, Quinta, Oliveirinha, Carreira, Sezinhos, Simal, Pereirinha, Vau, Herdade, Outeiro, Villa Verde, Pardieiros.

aa Comprehende esta freguezia tres povos, compostos cada um d'elles dos logares, casaes e quintas seguintes:

Povo do Torrão, com os logares de Villa do Monte, Monte dos Pouzos, Barral de Cima, Barral de Baixo, Outeiro, Traz do Outeiro, Babainho, Torrão; os casaes de Barral, Loureiros, Cruz, Villa do Monte, Outeiro, Traz do Outeiro, Babainho, e uma quinta chamada mesmo a *Quinta* por excellencia = Povo d'Entre os Rios, com os logares de Pelourinho, Sant'Iago, Cubertos, Santo Antonio, Castanheira, Soalheiro, Rua Nova, S. Sebastião, Portellas, e os casaes de Engenho, Pecegal, Chaves, Seara, Laranjeira, Ribeiro, Santo Antonio, Castanheira, Portellas, Olival Escuro, S. Sebastião, e mais tres em Rua Nova. = Povo de Jugueiros, com os logares de Mattos, Conca, Penços, Pego Negro, Gandra, Penellas, Aldeia, Monte, Areal, Carvalho os casaes de Mattos, dois em Aldeia, dois em Penellas, tres em Gandra, tres em Areal, cinco em Monte, dez em Carvalho, e as quintas de Conca e Penços.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Toutosa, Sobreiro, Ladario, Rodas, Fermentãos, Ribeiro, Cruzeiro, Tojal; os casaes de Olival, Tapado, Feiteira, e a quinta da Repoupa.

cc Comprehende esta freguezia dois povos, compostos dos logares seguintes:

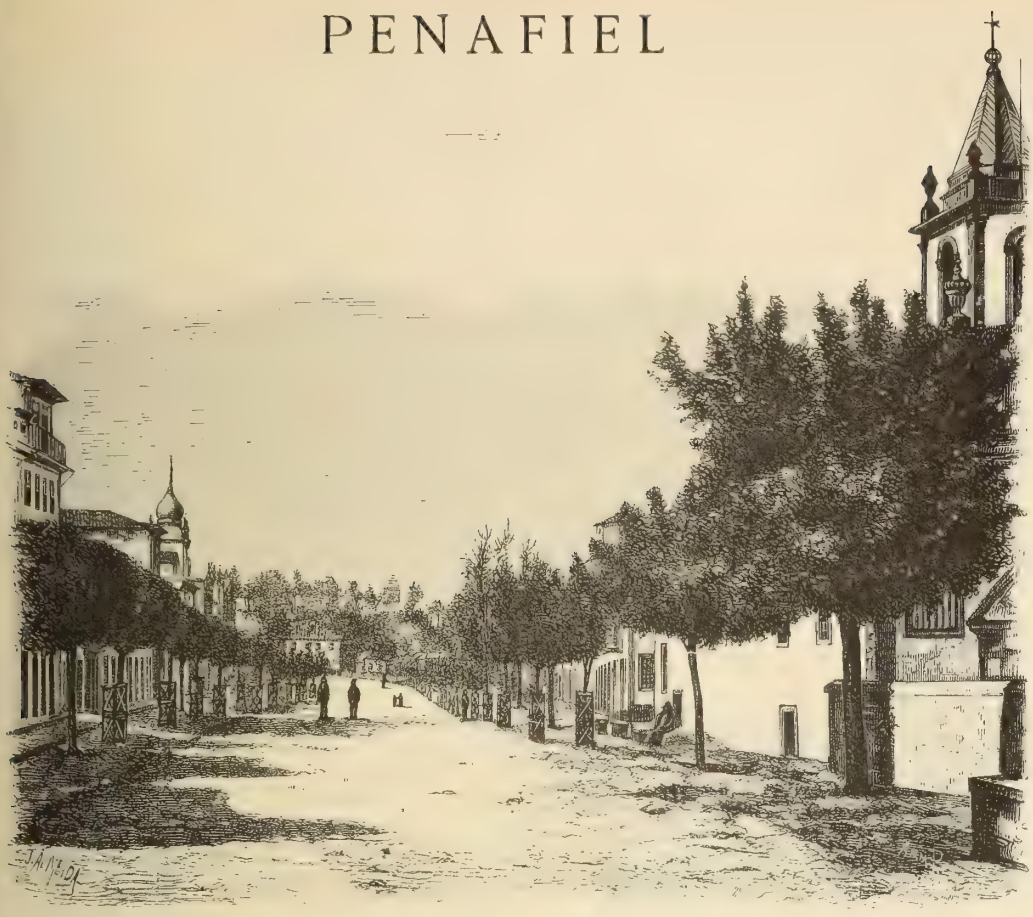
Povo de Varzea, com os logares de Pena, Rua, Varzea de Baixo, Sebolido. = Povo de Vitellos, com os logares de Soalheira, Fontão Bom, Campo, Ribeiros, Manhão, Temporã, Loureiros, Vinha d'Amarante, Bouça, Miradouro. = Comprehende mais os logares isolados de Travaços, Choim, Crespos, Guilhade, e o casal de Bouro.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Varzea, Curvaceira, Ruival, Pedreira, Crueis, Pedra da Lagôa, Perra, Penedo, Aldeia, Senra, Valladares, Revinhas, Guidão, Mó, Quintã, Marmoiral, Casal Paio, Campello, Outeiro, Chãos, Rego, S. Lourenço, Portella, Torre, Barrocas, Burgo, Longra, Brunhedo, Souto, Pinheiro, Agro Chão, Merelhe; a quinta da Ribeirinha, e as herdades de Entaladouro e Fraga.

ee Comprehende esta freguezia os logares de Mosteiro, Retiro, Lamoso, Pinheiro, Pombal, Lages, Casadella, Valle, Casal de Mattos, Meixide, Veiga, Casal, Pinheiro, Sidraes, Formiga, Estrada, Cavalhõesinhos, Deguilhas, Uzenda, Bairral, Cavalhões, Fafiães, Ribeira do Barco, Merijeiro, Albello, Bouça, Ribeira de Cima, Ribeira de Baixo, Valverde, Villar, Quebradas, Outeirinho, Quintãs, Coalva, Carcavellos, Eidinho, Lavandeira, e as herdades de Baceira, Bremes, Gandra.

ff Comprehende esta freguezia os logares da Egreja de Villa Boa de Quires, S. Sebastião, Goio, Duriz, Torre de Porto Carreiro, Avonões, Urró.

PENAFIEL



Rua Formosa — Desenho de João de Almeida

Ha dois dias no anno para vêr Penafiel, como ella deve ser vista — são o de *Corpus Christi,* no verão, e o de S. Martinho, no inverno. Com uma differença — no primeiro Penafiel chama-se *Arrifana,* no segundo é a *Arrifana* que se denomina Penafiel.

No dia de *Corpus,* em que o mais pobre não deixa de ter á sua mesa o carneiro classico — cita-se o articulado de um advogado, em que se attesta a indigencia de um reu com o dizer: *Provará que é tão pobre, que nem no dia do Corpo de Deus matou carneiro* — n'esse dia, vinha eu contando, a resurreição dos costumes medievaes transporta-nos em espirito á velha Arrifana ou Sub-Arrifana do Souza, lembrando os pendões que vão na procissão a opinião conspicua do padre Carvalho: «*Sobre a ethimologia do nome Arrifana ha varias opinioens, mas os payzanos querem se derive de Auriflama, aquella bandeira quadrada de côr vermelha, e de seda tam fina, que resplandecia, ou outra semelhante, que o Ceo deu a Moroveo, Rey de França, a qual mettida na batalha contra os infieis era certa a victoria dos Francezes.*»

Eu sei bem que as outras varias opiniões, especialmente as que fazem derivar a palavra Arrifana do arabe *arrhana-horta, granja* ou *terra de cultivo,* teem talvez mais visos de probabilidade, e estão de accordo com o facto historico da existencia dos arabes n'este lugar. Mas nada para exaltar os sentimentos patrioticos como a etymologia da *Auriflama,* e nenhum symbolo tão perfeito ficou da tradição, como esse figurão que vae no carro triumphal da procissão de *Corpus,* representando a cidade, e dominando as gentes boquiabertas com o seu capacete de papelão prateado e a lança enorme empunhada com mão firme. É tal qual o Meroveu dos Francos, áparte a sua entidade pessoal de rapaz de officio alugado para aquelle effeito espaventoso.

Essa etymologia arabe, ou gauleza, pouco indica, porém, ácerca da antiguidade da Arrifana, ou pelo menos das povoações espalhadas por este valle do Souza desde tempos mais remotos. Crê-se que nas edades prehistoricas foram estes sitios habitados pelos celtas, ou talvez ainda por outros povos, que os precedessem. O *dolmen da Portella do monte* representado na nossa gravura, o nome de *Avelleda,* o *Penedo das merendas,* o lugar do *Carvalho das sete pedras,* vestigio tradicional de um monumento druidico, etc., tudo vem testemunhar a antiguidade d'esta região privilegiada, onde os romanos habitaram e a que no dominio arabe se deu o nome de Arrifana.

Pelos annos de 850 estando destruida já a cidade de Penafiel, nome que a tradição diz provir de um invencivel castello, se não é que confunde aquella com este, situado sobre uma penha não longe do *Carvalho das sete pedras,—pêna* que aos christãos se conservou *fiel,* e de cuja existencia não póde duvidar-se, pois se falla d'elle em uma escriptura a favor do mosteiro de Paço de Souza, em que se lhe dôa a quinta da Avelleda, sita *sub-castello de Penafiel de Cannas,* o rico-homem de origem goda D. Fayão Soares aproveitou os salvados d'esse desmantellamento da cidade ou castello, e com elles formou na Arrifana dos arabes, ou porque a conquistasse á força, ou porque a resgatasse a poder de ouro e submissões, a nova povoação de Penafiel, visto que o nome se conservou em memoria da primeira e se estendeu mesmo mais tarde a todo o territorio sul do Souza, que veiu a ser dividido em duas ouvidorias—uma no lugar do *Carvalho das sete pedras* (sitio do foral do concelho), e outra no de *Arrifana,* ambas sujeitas ás justiças do Porto, como o era tambem ao norte do rio o terreno de Aguiar do Souza.

Esta opinião não é partilhada por todos os escriptores, dizendo os que discordam, que D. Fayão Soares não deu o nome de Penafiel ao seu novo territorio, mas sim o de *Arrifana,* que até ahi não existia, resgatando

elle estas terras do poder dos mouros, e fundando, ou antes restaurando um castello romano, que se denominou mais tarde *castello de Souza,* por ser do fundador d'esta familia, accrescentando mais a tradição que a torre dos sinos da egreja de S. Martinho (matriz) é um resto d'esse castello, sendo a capella dos Passos edificada com os outros materiaes. Parece, pois, que não deve confundir-se este *castello de Souza,* sito em Arrifana e restaurado por D. Fayão, com aquelle que se designava na escriptura de doação ao mosteiro de Paços de Souza com o nome de *Penafiel de Cannas.* Mas difficil coisa é apurar estas origens, que se perdem na noite de dez seculos, e pouco interessante tambem para o leitor, que deseja conhecer a Penafiel moderna. Positivo é, que esta foi a Arrifana do rico-homem D. Fayão Soares, tronco dos Sousas, cuja familia se dividiu no seculo XIV, estando hoje o ramo primogenito representado pela casa dos duques de Lafões, e o segundo pela duqueza de Pamella; no entanto o appellido Sousa só apparece n'essa familia em 1071 em D. Egas Gomes de Sousa *por haver nascido e ter sido creado nas terras do rio Souza,* por onde se vê que é do nome do rio que sahe o titulo, e não vice-versa.

O lugar de Arrifana foi cabeça do concelho e julgado de Penafiel de Sousa, que D. João I deu a Diogo Gonçalves Peixoto pelos muitos serviços que lhe prestou, continuando a ser donatarios os seus descendentes, senhores da casa da Calçada. O brazão d'armas com que Penafiel ou Arrifana enalteceu o seu estandarte municipal é tambem um verdadeiro enigma heraldico. Segundo alguns, o primitivo brazão foi-lhe dado por D. Fayão Soares e consistia em um escudo coroado e dentro uma aguia negra, tambem coroada, entre duas espadas nuas com as pontas para cima. É este o que vem no livro de Vilhena Barbosa, *Cidades e Villas da Monarchia.* Segundo outros—especialisamos Rodrigo Mendes da Silva—as armas consistem em um escudo com uma cruz da ordem de Christo, entre as duas espadas, e teem por timbre uma aguia coroada.

Uma terceira opinião apparece, sendo esta a que se vê seguida pelo municipio. N'este caso as armas differem das antecedentes, em que a aguia tem desapparecido, persistindo o habito de Christo em campo branco, sendo o escudo orlado pela parte superior com uma fita, onde se lê: *Civitas fidelis,* tendo de um lado uma palma e do outro um ramo de oliveira. Ignora-se a significação d'estes symbolos e a da legenda. Penafiel parece que era já commenda de Christo no tempo dos Filippes.

Apezar de ser esta a heraldica adoptada, cumpre ainda mencionar a opinião do padre João de Meyrelles Beça na sua *Arrifana do Souza illustrada,* que diz ter a villa por padroeira Nossa Senhora da Conceição e por armas uma sua imagem, como se via nas licenças passadas pela camara.

O nosso amigo Adolpho Miranda, estudioso das curiosidades da sua terra adoptiva, diz-nos a este respeito o seguinte: «A aguia foi brazão do velho concelho de Penafiel. Parte dos terrenos, senão todos, em que se assentou Arrifana eram commenda de Christo, existindo ainda hoje alguns dos marcos, com a respectiva cruz. Naturalmente quando Arrifana foi elevada a villa, deu-se-lhe brazão, com as espadas do escudo do antigo concelho e a cruz allusiva á sua qualidade de terra da Ordem. Mais tarde, quando foi elevada a cidade, é que a camara adoptou, por conselho do cidadão Zeferino Pereira do Lago, o actual brazão, juntando-lhe a fita e a legenda, como se vê no final d'este capitulo.

Não obstante a Arrifana ser desde o tempo de D. João I cabeça do julgado de Penafiel, o seu primeiro foral só por D. Manuel lhe é dado em 1 de junho de 1519, mas parece que sem lhe dar a cathegoria de villa, a que sómente se elevou por decreto de 7 de outubro de 1741, assignado por D. João V, *attendendo ao requerimento dos moradores e a ser lugar populoso e de muita nobreza, etc.* Mais tarde, talvez por um capricho do marquez de Pombal em desavença com o bispo do Porto e como boa maneira de o submetter, foi Arrifana do Souza feita cidade e séde de bispado, mudando-se-lhe então o nome antigo pelo actual de Penafiel, antes d'isso generico para todo o concelho.

Foi isto em 3 de março de 1770, sendo o papa Clemente XIV quem a rogo do marquez creou este bispado, cujos limites chegavam até junto das barreiras do Porto, abrangendo a quinta do Prado, hoje *Cemiterio do Repouzo.*

O primeiro e unico bispo nomeado foi D. Fr. Ignacio de S. Caetano, confessor da princeza do Brazil, e de sua irmã, pelo que nunca chegou a residir em Penafiel, não obstante lhe ter sido preparado o paço episcopal, na rua que ainda hoje tem a designação de *Rua do Paço.* Fallecendo D. José, e annullando sua filha D. Maria I muitos dos decretos do marquez, foi de novo esta diocese encorporada na do Porto, precedendo renuncia do bispo nomeado, renuncia altamente honrosa, pois *recusou ter as rendas sem o officio.* Foi depois feito arcebispo de Thessalonica *in partibus,* e teve grande ingerencia nos negocios do reinado de D. Maria.

Desde então entregou-se Penafiel á vida do trabalho, tornando-se notavel pelas suas industrias de sellaria, tamancos e candeias de ferro, de que chegou a exportar milhões para as terras do paiz e para o Brazil, antes de se vulgarisar o petroleo.

Depois essa florescencia industrial foi gradualmente esmorecendo, e Penafiel, cerceada em muitos dos seus interesses e falta de communicações com outras terras, viu-se por um largo periodo a braços com uma

crise, que só pouco a pouco tem dominado, á medida que material e intellectualmente se transforma.

Quem hoje a vê e a viu ha dez annos quasi a não conhece, sendo de justiça dizer-se que a iniciativa do seu fomento é devida ao ex.mo sr. Manuel Pedro Guedes, da casa da Avelleda, como presidente do municipio, no que tem sido acompanhado por muitos cavalheiros da localidade, se não por todos os bons penafidelenses, que poderão politica ou pessoalmente divergir nos meios a empregar para a prosperidade da sua terra, mas que teem, por egual, a aspiração d'esse engrandecimento, a ninguem cedendo em nobreza de intenções n'essa batalha porfiada pelo renascimento da formosa cidade. É esta a justiça que a todos devem fazer os que são extranhos, como eu, ás pequenas luctas partidarias da politica local, mas que amam pelo espirito o aformoseamento de uma terra, a que se ligam na existencia doces recordações inolvidaveis.

O dia 29 de julho de 1875 marca por sem duvida o inicio d'esse renascimento; foi a inauguração da estação de Novellas, facto extraordinario que Penafiel soube comprehender, engalanando-se para o celebrar festivamente, e recebendo com a mais galharda bizarria os hospedes distinctos, que foram á sua primeira festa de progresso. Depois, após um periodo que póde considerar-se de inercia ou de assombro, veiu o quartel novo, o jardim, o grande campo da parada, a praça do mercado, o matadouro, etc., obras que teem materialmente transformado a cidade, a ponto de quasi se não reconhecer n'ella a vetusta e gloriosa Arrifana do Souza.

Mas eu disse já ao leitor, que em dia de *Corpus Christi* essa velha alma resurgia, e posso accrescentar agora que apezar de todos os melhoramentos se nos apresentarem com o cunho de actualidade, quasi ninguem repara n'elles n'esse dia, parecendo pelo contrario que os antigos edificios avultam nas suas linhas seculares e as tradições fallam nas pedras ennegrecidas pelo tempo, para melhor formarem o theatro da pittoresca scena medieval, que vae representar-se nas ruas.

Por um dever, pois, de chronista, temos de fallar d'elles antes de descrever a procissão; e como esta sahe da matriz, é justo que principiemos por este templo a nossa visita piedosa.

Diz a tradição, que existia já no tempo dos godos e se conservou aberta ao culto durante o dominio arabe, mediante contribuição, uma egreja situada n'este lugar da matriz, que seria assim a sua representante genuina. Era então da invocação do Espirito Santo, e foi junto d'ella que D. Fayão Soares veiu construir o seu castello. Haverá n'isto confusão com a capella-mór do Espirito Santo — hoje dos Passos — muito posteriormente fundada ou reconstruida, ou será verdadeiramente a matriz actual a repre-

sentante d'essa primitiva parochia de Arrifana? Escasseiam os dados para resolver este ponto da historia de Penafiel, que aliás não é tambem de elevado interesse.

Duas egrejas mais se diz que havia n'esse tempo, sendo uma a de *Louredo,* que ainda existe em um arrabalde da cidade, e outra a de S. Martinho de Moaseres (será Mosarabes?) que é hoje a capella de Santa Luzia, na quinta da Vinha, mas que veiu, como parochia, a confundir-se com a matriz pelo seguinte processo:

Meiados do seculo XVI, ou porque a população de Moaseres crescesse extraordinariamente, ou, o que é mais provavel, porque ella procurasse n'esta encosta um lugar de melhor hygiene para se livrar da peste que assolava estes sitios, pensou-se em transferir a parochia de Moaseres para a Arrifana, construindo aqui uma nova matriz que servisse ás duas. Para tal fim aproveitar-se-hiam os materiaes da egreja do Espirito Santo, e utilisar-se-hia como campanario uma torre, que ahi havia perto e pertencera á casa dos Sousas, mas que estava então abandonada.

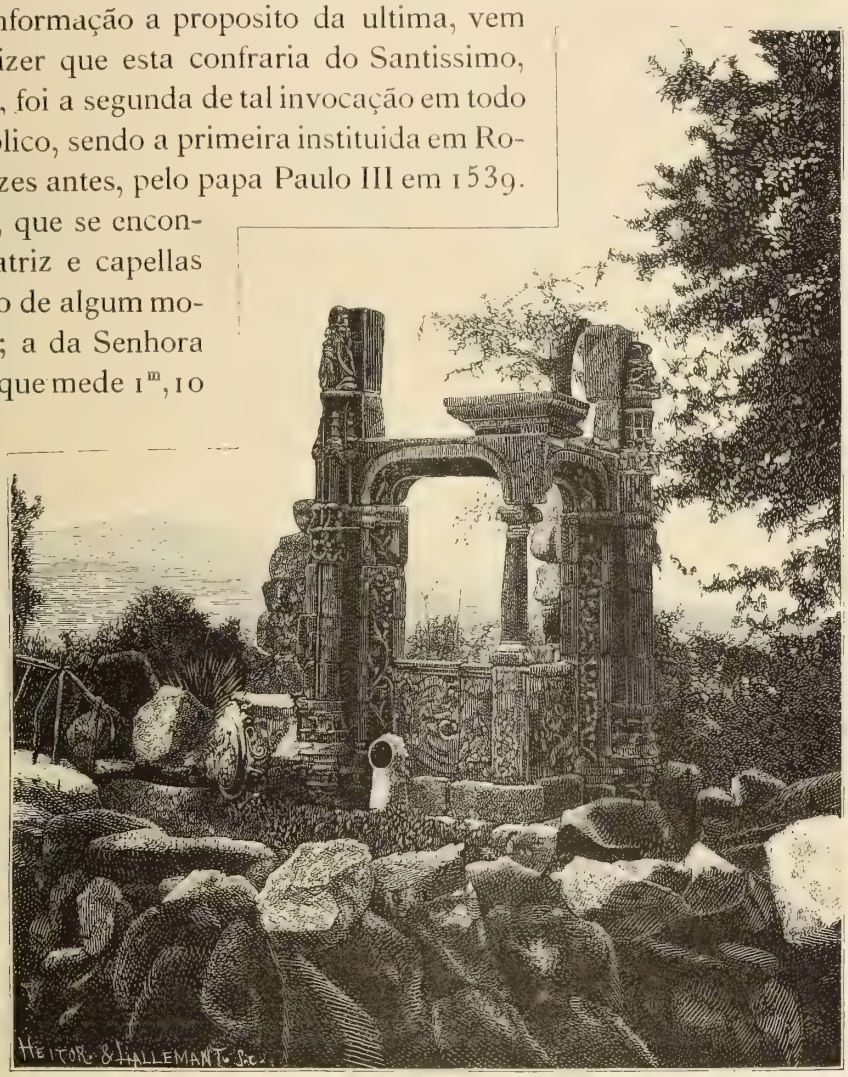
Oppoz-se a isto Gonçalo Corrêa, filho do mercador João Corrêa, com o pretexto de que seu pae reedificára a egreja do Espirito Santo, onde, por signal, tinha sepultura, conforme consta da legenda que existe na cacapella dos Passos, que era a mór da antiga egreja do Espirito Santo. Os povos de Moaseres e Avelleda tambem por seu lado protestaram contra a pretensão, mas por fim toda a contenda terminou, lavrando-se no Porto uma escriptura a 7 de junho de 1559, em que os reedificadores se obrigaram a deixar a capella-mór do Espirito Santo, com o arco cruzeiro aberto para a egreja nova, como ainda se vê.

Esta capella-mór do Espirito Santo, reedificada por João Corrêa no mais bello estylo manuelino, e que hoje se chama dos Passos, para cuja irmandade veiu, não sabemos por que bullas, é verdadeiramente a representante da primitiva parochia de Arrifana, e posto que seja gothico-manuelino o seu estylo, ha quem pretenda vêr na fórma de cidadella que tem o seu exterior, vestigios claros de mais veneranda antiguidade, julgando-a um monumento analogo á Sé velha de Coimbra. Junto d'esta egreja do Espirito Santo foi em 1260 instituida uma feira de tres dias assim denominada, a qual muito concorreu para o desenvolvimento d'Arrifana.

«Em 1569, diz Pinho Leal, estando a nova egreja em estado de n'ella se celebrarem os officios divinos, veiu para aqui em solemne procissão, a 2 de novembro, a imagem de S. Martinho da antiga egreja de Moaseres, e é a que ainda hoje está no altar-mór. Em 1570 concluiu-se o frontispicio da egreja e fizeram-se as capellas do Santissimo e da Senhora do Rosario; mas nem estas, nem a capella-mór ficaram como agora são. Só em

1691 é que se compraram umas casas, que ficavam encostadas á egreja, para se demolirem, e em seu lugar se accrescentarem as obras. A capella-mór só ficou acabada em 1694 e a do Santissimo em 1769.»

Como informação a proposito da ultima, vem de ensejo dizer que esta confraria do Santissimo, em Arrifana, foi a segunda de tal invocação em todo o orbe catholico, sendo a primeira instituida em Roma, oito mezes antes, pelo papa Paulo III em 1539. As imagens, que se encontram na matriz e capellas adjuntas, são de algum modo notaveis; a da Senhora do Rosario, que mede 1m,10 de alto, é de roca, e diz a tradição que foi mandada vir da Flandres pelo tal João Corrêa, reedificador ou fundador da capella do Espirito Santo, hoje Passos, constando que já em 1537 estava em um altar da capella reconstruida. As imagens da capella dos Passos, e as que pertencem á irmandade d'este nome, mas se encontram dispersas pelas capellinhas dos Passos, são em geral de primorosa esculptura e quasi todas feitas por artistas de Penafiel, entre os quaes sobresahe o insigne esculptor-pintor Antonio Teixeira, vulgo *Antonio do Penedo.*



Janella historica existente na quinta da Avellêda

Fallando de João Corrêa, cuja sepultura é na capella dos Passos, que elle reconstruiu, como dissemos já, vem a proposito lembrar que a familia Garcez, hoje representada pelo barão da Varzea do Douro, se julgou

com direitos a essa capella para necropole de familia, pretensão que veiu caducar com a lei, que prohibiu os enterramentos nas egrejas. Fundava-se tal pretensão, ao que nos informam, em terem vindo a sepultar junto do tumulo de João Corrêa os ossos de um tal Santos Garcez, ascendente d'essa familia, e que era empregado em uma embaixada na Inglaterra ou Hollanda. D'aqui tambem uma confusão, que tradicionalmente existe sobre a origem de algumas imagens, cuja dadiva aos templos de Penafiel se attribue ao mercador João Corrêa. Segundo me informa Adolpho Miranda, apenas é dadiva de Corrêa a imagem da Senhora do Rosario, sendo a da Piedade doada pelo tal Garcez á Misericordia, bem como o Christo que ora existe nos Capuchos, chamado o *Senhor do Hospital,* e que nas procissões de penitencia costuma percorrer as ruas da cidade.

Fallando da Misericordia preciso é dizer, que dois são os templos, que na cidade existem a seu cargo: o da Misericordia propriamente dito, e o dos Capuchos, annexo ao hospital civil. O primeiro é hoje um dos mais elegantes da cidade, sendo o ponto de reunião da fina flôr penafidelense á hora da missa ultima dos domingos. Foi mandado construir em 1621, com todas as casas annexas para secretaria, botica, etc., no então chamado *rocio das Chans* pelo abbade de Ermello, Amaro Moreira, que além d'isso o dotou com 2:000 medidas annuaes e riquissimos paramentos e alfaias. Uma obrigação curiosa impoz o fundador á Misericordia, e foi a de ter sempre na capella-mór, do lado do Evangelho, uma cadeira para o senhor da quinta do Marnel, de Bitarães, se sentar todas as vezes que viesse assistir a qualquer solemnidade religiosa. A cadeira primitiva, por estar arruinada, foi substituida pela actual em 1864 por ordem do proprietario d'essa quinta, o conde da Azenha.

A capella-mór do templo é de abobada de pedra, lavrada com o maior primor, e o altar é de talha dourada, feita ou reformada em 1822. O orgão da egreja foi do convento de Bustello, assim como foram do mosteiro de Paço de Souza muitos dos ricos paramentos, que hoje a Misericordia possue. São dignas de menção algumas esculpturas, assim como as pinturas que adornam o templo e que parece poderem attribuir-se ao pincel de Antonio do Penedo.

Annexa á egreja da Misericordia, ou, por assim dizer, fazendo parte d'ella, embora independente, vê-se a capella da *Senhora da Lapa,* construcção dos principios do seculo XVIII. Em um diario de um frade de Bustello, possuido pelo sr. padre Justino, de Carrazedo, li a milagrosa lenda que deu origem á capella, quasi como anda na tradição popular, d'onde qualquer a póde recolher. Diz em resumo a lenda, que no cunhal exterior da egreja da Misericordia appareceu por esses tempos pintada uma ima-

gem da Senhora da Lapa. Mandou-a a confraria lavar, mas como não sahisse a pintura com a agua, mandou-a depois raspar. O mesmo resultado negativo. A pintura reapparecia mais viva e d'ahi a prova do milagre. A devoção fez logo o resto, que é essa capella, cuja torre se levanta a par da fachada da Misericordia.

Ha quem supponha porém, e com razão, que esta lenda da pintura não passou de uma piedosa fraude para poder tornar mais sumptuoso o templo da Misericordia, que pela natureza do instituto tinha de ser modesto e limitar-se até a um singelo campanario com um unico sino. A planta do edificio, de que só chegou a construir-se o lado norte, vem justificar com a sua fachada opulenta a critica dos que não crêem na lenda. N'ella se vê a capella ao centro da fachada, que acompanharia todo o lado poente da Misericordia, que por tal fórma engrandeceria, attribuindo-se as obras á capella da Lapa.

Descendo a rua que passa em frente da Matriz, para ir visitar o templo dos Capuchos e hospital da Misericordia, encontra o leitor á sua direita o *Theatro Penafidelense,* ou melhor um edificio de aspecto religioso, que é destinado a tal fim. Foi ahi a primitiva egreja da Misericordia, e não obstante a construcção já em 1621 feita pelo abbade de Ermello, ainda por muito tempo subsistiu n'este edificio a egreja, uma enfermaria e casa para serventes. Aqui esteve a imagem do *Senhor do Hospital,* a que já nos referimos, e que na occasião das grandes séccas vem, como ha poucos dias aconteceu, do templo dos Capuchos para a Misericordia, onde lhe fazem preces. Hoje é, como dissemos, o templo dedicado a Talma, e por signal bem afeiado e nada em harmonia com o desenvolvimento material, que a cidade tem experimentado.

Seguindo para os Capuchos e Hospital civil, pela Misericordia sustentado, breve se nos depara ao fim de uma rua ensombrada pelos arvoredos dos quintaes o largo, ou melhor a bacia em que assenta o edificio, tendo de descer uma larga escadaria para chegar á sua porta de entrada. Todo o edificio foi o mosteiro dos religiosos capuchos de Santo Antonio, da provincia da Soledade, mas os vandalismos que soffreu por occasião das nossas discordias civis alteraram completamente a sua primitiva feição. Um pavoroso incendio mandado atear em occasião de uma sortida das tropas liberaes pelo official corso Orso di Carminati, mais tarde fusilado em Hespanha, e por causa do qual teve D. Pedro de providenciar contra os ataques aos objectos do culto, devorou o convento em 18 de julho de 1832, salvando-se apenas a egreja. A fundação d'esta é de 27 de janeiro de 1666, em que a primeira pedra foi lançada com grande solemnidade. São principaes fundadores o capitão Ignacio de Andrade, a esse

tempo senhor da quinta das Lages e que foi quem influiu os frades de Val de Piedade, em Gaya, para aqui se estabelecerem, e os fidalgos da *honra* de Barbosa, um dos quaes, D. Francisco de Athayde, só á sua custa fez toda a capella-mór, dotando-a ainda com 30$000 réis e o necessario azeite para a lampada. Os seus descendentes tiveram aqui o seu jazigo, vendo-se tambem no arco cruzeiro as armas dos Barbosas.

Depois do incendio de 1832 trataram os religiosos de reconstruir o convento, e tinham já feito algumas cellas e officinas, quando em 1834 foram expulsos. A irmandade da Misericordia obteve para si as ruinas e pardieiros que ficaram, e tratou de adaptal-os a um hospital, no que tem desde 1836 até hoje envidado todos os seus esforços. Está por isso muito melhorado o edificio, mas jámais poderá ser um hospital modelo, tantos são os defeitos de construcção e de direcção, a que tem sido subordinadas as obras. E pena é que assim aconteça, porque o local é magnifico, e tendo-se a confraria desembaraçado ao presente do hospital militar, que occupava uma boa parte do edificio, podia este hospital competir com os melhores do paiz. Bastava para isto elaborar um plano de melhoramentos em harmonia com as indicações modernas da sciencia, ou, o que melhor seria, fazer um alçado completo de um novo edificio, que fosse pouco a pouco substituindo o actual. Mesmo assim, como está, não desdoura a philantropia de Penafiel, e justo é por isso que se tribute a devida homenagem ás provedorias zelosas que tem tido, e a quem, como o dr. Adriano Sequeira, ha conseguido, pela sua intelligente direcção clinica e amor entranhado a tão util estabelecimento, levantar a hygiene hospitalar e o nome bem afamado de que já gosa esta casa de caridade.

Annexo ao hospital existe um asylo de entrevados, inaugurado em 1876 por iniciativa de Antonio José Leal, que no seu testamento augmentou os redditos da nova instituição, hoje um pouco mais ampliada por isso mesmo. O convento dos capuchos denominou-se tambem *Santo Antonio Novo,* o que faz logo pensar na existencia de um *Santo Antonio Velho.* Este realmente existiu e foi sobre as ruinas da sua capella que se fundou no principio do seculo XIX a egreja da Ordem Terceira do Carmo, a qual se levanta airosamente na encosta que domina o caminho para a Avelleda, e cujo campanario figura no primeiro plano da gravura em que se dá a vista geral da cidade, tirada das alturas de S. Roque. Quasi todos os annos se effectua uma boa festa no Carmo, havendo á noite illuminação brilhante no largo fronteiro á egreja, que se vê então povoado pela gente da cidade. Attrahe ahi tambem a piedade dos penafidelenses o corpo de S. Vicente, martyr, o Jenner da côrte celestial, advogado contra as bexigas, corpo que em 1827 foi concedido pelo papa, sendo para isso tirado

de uma das catacumbas de Roma, e gastando os penafidelenses com a exhumação e transporte, direitos de bullas, etc., 200$000 réis. Apezar da efficacia d'este S. Vicente, esteve o santo privado dos explendores do culto, até ha pouco tempo, em que tomando a direcção da Ordem do Carmo o respeitavel negociante de Penafiel, sr. Laurentino da Rocha Nunes, este cavalheiro conseguiu que se fizesse uma festa magnifica, alternando a procissão com a do Carmo.

Pelourinho da Arrifana — Desenho do natural por João de Almeida

Outra romaria se faz perto do Carmo, em S. Roque, no mez de agosto, pelo tempo das melancias, sendo considerada por isso a romaria d'esta fructa.

E já que nos desviamos até este arrabalde de Penafiel, junto de cuja ermida passava a estrada velha do Porto, e onde era justo que fosse hoje a estação do caminho de ferro, se a politica não tivera torcido o primitivo traçado, digamos alguma coisa d'esse pequeno templo, hoje transformado pela piedade do ex.mo sr. Manuel Pedro Guedes, cuja grande e formosa quinta da Avelleda, a melhor do concelho, chega até este ponto, sendo por isso um dos mais bellos passeios que póde fazer quem vae a Penafiel.

Em uma ilhota do formoso lago d'esta quinta vê-se a janella historica que se representa na nossa gravura, e cujo merecimento artistico é realçado pelo facto de ser d'esse formoso balcão, que no Porto se fez a acclamação official de D. João IV. A janella pertencia a um dos predios que foi demolido, quando se abriu no Porto a rua nova da Alfandega, e como esse predio era propriedade da familia do ex.mo sr. Manuel Pedro Guedes, este cavalheiro reservou para si essa propriedade, reconstruindo-a depois com verdadeiro prazer de artista na sua quinta de Avelleda.

Junto da capella de S. Roque, da qual vinhamos fallando, existe uma sepultura, que o padre Cardoso no seu *Agiologio Lusitano* diz ser a de Frei Manuel da Resurreição, conventual do mosteiro da Conceição em Mathosinhos, o qual ao vêr como a peste do seculo XVI dizimava os seus patricios de Arrifana, para aqui veiu acudir-lhes com os soccorros que a sua caridade e zelo podiam reunir. Morreu em 1579, quando a epidemia estava já no fim, e os moradores do sitio lhe erigiram a sepultura a que nos referimos, em prova da sua gratidão. A inscripção, hoje quasi illegivel, dizia:

«*Cobre esta pedra os ossos do veneravel Padre Frei Manuel da Resurreição, Padre de S. Francisco, que morreu com reputação de santo, confessando da peste, n'este logar, no anno de 1579.*»

Alguns vasos de louça achados aqui proximo, quando se compunha a estrada da Avelleda, suppõem-se terem sido dos empestados de 1557.

É crença popular, que n'estes soutos de S. Roque tinham os francezes enterrado grandes thesouros, em 1809, quando aqui estiveram acampados, dizendo-se que em 1816 vieram tomar posse d'elles, o que facil lhes foi por haverem marcado antes nos troncos dos castanheiros lettras a ferro em brasa, que serviram para os orientar.

Voltando á estrada de Novellas que a rua do Carmo corta ao principiar a cidade, subimos até meio a rua ingreme e estreita, que tem como nenhuma outra o verdadeiro *cachet* da Arrifana antiga, e vamos depois pela rua do Sacramento continuar a nossa visita de romeiros.

Havia não ha muito, junto d'esta rua, a capella da *Piedade de Baixo,* que foi demolida quando se construiu a Nova Praça, dando a camara á confraria uma quantia em dinheiro e terreno no monte do Povo para edificar novo templo. A mesma sorte teve a capella da *Piedade de Cima,* que existiu na rua Formosa, antigamente chamada da Piedade, e que actualmente pertence á confraria dos Passos. Era um dos templos mais antigos de Penafiel, e foi em 1509 reformado pelo piedoso João Corrêa, que lhe mudou a invocação antiga de S. Sebastião para a de Senhora de Piedade, sendo por isso provavel que fosse elle, e não o Garcez, quem mandasse vir de Inglaterra a imagem da Senhora, questão que já derimimos. Annexo á capella ficava o ex-quartel militar do regimento 6, cujo destino primitivo foi servir para palacio dos corregedores do Porto, que vinham fazer a correição em Penafiel.

A camara, quando construiu a Nova Praça, indemnisou a confraria dos Passos, como havia feito á da Piedade de Baixo; e o sr. Manuel Pedro Guedes, então presidente do municipio, conseguiu que as duas irmandades se reunissem para fundar no alto de S. Bartholomeu o templo, cuja

magnifica planta damos em gravura, a qual a s. ex.ª custou 200$000 réis. Esta dadiva generosa foi a primeira que teve o moderno sanctuario, cujo titulo ficou sendo de *Nossa Senhora da Piedade* e *Santos Passos,* sanctuario que será depois de concluido um pequeno rival do Bom Jesus e mais um motivo de attracção para levar a Penafiel o *touriste* que aprecie as commodidades que póde offerecer uma cidade, a par dos largos panoramas e ares purissimos, que elle vae procurar. A capella da Piedade de Cima tinha sido em 1659 ampliada e reformada, estabelecendo-se então a irmandade dos *Escravos da cadeia de Nossa Senhora da Piedade,* instituição confirmada por bulla do papa Alexandre VII em 1660. O terreno hoje occupado pela grandiosa Praça do Mercado, antes Praça da Alegria, era um olival pertencente á Senhora, e que o municipio tomou de fôro por 4$000 réis annuaes, por signal que tendo a irmandade passado muitos annos sem o pedir, havia já prescripto quando se lembrou de os fazer.

Em frente á Praça do Mercado e deitando um lado do edificio para a rua Formosa, está a egreja que foi das freiras, ou beatas da ordem de Nossa Senhora da Conceição, e que hoje pertence á archi-confraria do Coração de Maria.

O recolhimento da Conceição foi mandado construir por cinco beatas, que em hasta publica compraram este chão, *onde havia já principio de um mosteiro para freiras.* O bispo do Porto, D. Thomaz de Almeida, impoz-lhes o habito da Conceição e mandou-lhes quatro recolhidas do convento do Anjo, no Porto, para as instruir na regra da ordem.

Entraram estas quatro religiosas em Penafiel a 18 de novembro de 1716. Depois da invasão franceza foi em progressiva decadencia o recolhimento, não obstante a protecção que sempre lhe dispensou o padre Antonio de Castro; as alfaias foram-se desencaminhando, as rendas não podiam receber-se e as recolhidas passavam já bastantes privações.

Uma desavença que em 1852 houve entre os da archi-confraria da Conceição e as irmãs Terceiras, em cuja egreja aquelles estavam, deu em resultado o melhoramento d'esta casa de beatas.

Os do Coração de Maria, uma noite, agarraram as imagens da Senhora e de Santo Affonso de Ligorio e passaram-as furtivamente dos Terceiros para a egreja das freiras. Muita bulha, muita confusão, mas o caso foi passando, e hoje o templo é propriedade sua, tendo-o elles restaurado e ampliado, de modo a tornarem-o uma casa de oração muito decente e respeitavel.

A cêrca, depois que morreu a ultima recolhida, foi pelo governo concedida á camara, que ahi principiou a construir o grande quartel militar onde está alojado o regimento 6 de infanteria.

Em parte d'esse terreno levanta-se tambem a escola primaria, modelo do conde de Ferreira.

O grande campo em frente do quartel, que serve para as feiras de gado e como parada ao regimento, tem sido pouco a pouco formado á custa dos terrenos incultos que ahi existiam, sendo esta uma das mais importantes obras de Penafiel. Domina-o o jardim publico, situado em frente da egreja do Calvario, templo que foi pelos Terceiros da ordem de S. Francisco edificado n'este lugar do monte do Facho. Os Terceiros estavam antes na egreja dos capuchos, mas quizeram ter egreja propria, e por isso principiaram esta em 1704, dizendo-se aqui em 1810 a primeira missa, não obstante estar só a capella-mór coberta a taboas de fôrro e o resto do templo a telha-vã. De 1834 para 1835 fez-se a torre dos sinos e construiram-se as casas de capellão, a da fabrica, secretarias, etc. A sachristia tem uma historia especial, que é a seguinte:

Houve em tempos antigos uma capella do Salvador, proximo do rio Cavallum; d'ahi foi mudada para o lugar de Quericas, e d'este, já com a invocação de S. Mamede, para o largo das Chans, hoje Praça Municipal. Reformada pelos estudantes em 1767 (tinha então Penafiel aulas de latim, rhetorica, philosophia, grego e theologia), foi em 1835 demolida, aproveitando a ordem Terceira os materiaes para a sua sachristia e obrigando-se aos legados da capella.

O templo do Calvario tem continuado desde essa epocha a ser aformoseado, contribuindo para isto o auxilio de varios devotos, entre os quaes avulta o ex.mo barão do Calvario, cujo palacete, perto d'essa egreja, é o melhor edificio particular da cidade, tendo por isso recebido as honras de hospedar el-rei D. Luiz quando veiu a esta cidade em 1872.

Percorrendo a rua Formosa, outr'ora chamada Piedade-de-cima, até á Praça Municipal ou Chans, em um angulo da qual se vê o pelourinho da Arrifana, que figura no desenho da pag. 521, e entrando na *rua Nova,* vimos desembocar no largo da Ajuda, onde está a capella d'esta invocação, occupando o lugar de uma antiga ermida do mesmo nome, hoje restaurada e muito ampliada. Depois, subindo a rua de Cimo de Villa, é no largo de S. Bartholomeu que devemos parar, a fim de vêr não só a antiga capella d'este santo, como os trabalhos do novo sanctuario da Piedade e Santos Passos, cuja historia narrámos já.

Quando a população de Arrifana e Louredo se desenvolveram e que foram arroteados todos ou quasi todos os terrenos d'essas parochias, houve necessidade de transferir a feira da Arrifana para este lugar do *Monte do Povo,* e ahi se construiu então uma capella, que foi dedicada a S. Bartholomeu, que era o orago de Louredo.

PENAFIEL — *Vista geral, tirada do logar de S. Roque*

A capella, porém, alluiu nos principios do seculo XIX por estar construida sobre o aqueducto das aguas, sendo esta que se vê já uma reedificação feita a expensas de um visinho.

A feira a que nos referimos era, pois, primitivamente em Louredo, e tinha já a designação de feira de S. Bartholomeu. Não foi, todavia, a primeira da Arrifana; esta data de 1260, e chamou-se do Espirito Santo por se fazer junto á egreja d'este nome, que é hoje a matriz, como dissemos. A de S. Bartholomeu, porém, é pouco posterior e foi sempre a 24 de agosto, como hoje continua sendo. Além do gado que a ella concorre, é notavel pela enorme quantidade de carros de cebola que ahi affluem. E como talvez o leitor ignore o motivo d'esta extraordinaria concorrencia, vae sabel-o já. Quando os padres capuchos edificaram o seu mosteiro, começaram a cultivar na cêrca a cebola em grande quantidade, para venderem na feira. Os lavradores imitaram os frades, por verem que era rendosa a cultura, e d'ahi veiu que a feira de S. Bartholomeu se tornou o ponto de reunião de toda a cebola de Entre-Douro e Minho.

E agora, leitor caro, visto que tu conheces a Penafiel antiga, anda comigo vêl-a em plena resurreição da sua vida de Arrifana. Vamos assistir ás

Festas de Corpus Christi.

Principia na vespera a executar-se o programma. Bandeiras e galhardetes tremulam, em mastros empennachados a buxo, ou oscillam nas janellas das casas dos habitantes.

Ao meio dia uma salva real de 21 morteiros e uma girandola de foguetes annunciam á cidade, que está em plena sasão de festa.

Uma philarmonica arremette alegremente contra a harmonia das fusas e colcheias, tocando em frente dos Paços do concelho o hymno da Carta, e outras coisas adoradas. Depois vae percorrendo as ruas, parando aqui e acolá junto das habitações das pessoas mais consideradas da terra.

Ás 4 horas da tarde realisa-se a *entrada,* vistosa, pittoresca, cheia de animação e colorido. É uma numerosa cavalgada, de guerreiros phantasiosamente vestidos, os rostos mascarados, as plumas dos chapeus ondulando ao vento, as capas á Luiz XV cobrindo o hombro esquerdo, e deixando livre todo o braço direito, cotas de malha, grevas de galão prateado, botas de marroquim fingido, com esporas luzentes de metal. As mascaras e a pouca firmeza dos cavalleiros preparam ás vezes uns episodios burlescos, umas quédas demasiado comicas, que são para o publico o melhor da festa, o mais interessante da *entrada.*

Após vem as danças, que variam de anno para anno. Ora é o baile

dos Ferreiros, ou dos Pretos, ora é o dos Mouros ou dos Floristas, ora o dos Pedreiros, ou dos Alfaiates, etc.

Em seguida, quando não vem mesmo entre a cavalgada e os bailes, roda lentamente o carro triumphal, onde a figura symbolica da cidade apparece, para recitar em frente dos Paços do concelho uns versos de felicitação á camara. Os cavalleiros fazem então a continencia, os clarins tocam, os bailes principiam em frente da casa municipal.

Figura do baile das espadas (pag. 529)

Está-se em plena edade média. Hoje, como outr'ora, o povo assiste enthusiasmado aos bailes, e espera, depois de haver contemplado por diversas vezes as evoluções coreographicas das danças, que o dia seguinte amanheça para continuar a viver na tradição.

Antes de por nossa parte assistirmos a um d'esses bailes populares, cumpre-nos dar ao leitor a seguinte informação.

Não se sabe bem ao certo quando estas festas notaveis principiaram em Penafiel, nem mesmo se ellas serão os restos de cultos hoje extinctos, como tantos factos levam a suppôr. A *serpe,* que ha poucos annos desappareceu, o boi bento, as danças, etc., que ainda subsistem, teem de certo uma origem pouco orthodoxa, sendo por isso razão para acreditar que vem de tempos immemoriaes. Em Penafiel diz-se, por exemplo, que a dança dos Pretos é muitissimo antiga, e na realidade assim é; ella, como os pretos do estado de S. Jorge da procissão de *Corpus Christi* em Lisboa, representa o symbolo das nuvens negras e chuvosas, que rodeiam a serpente do inverno, contra quem S. Jorge, o Deus solar, trava gigantesca lucta. O mesmo phenomeno ethnico sobrevive na Santa Coca, de Monsão, como o leitor já viu no capitulo respectivo do primeiro volume d'esta obra.

Parece que o mytho ainda está no seu fervor cultual, e por estas danças e costumes se póde reconstruir a religião primitiva d'estes povos, expurgando-a do que o catholicismo veiu depois transformar.

A procissão de *Corpus* fazia-se no reino a titulo de commemorar a batalha de Aljubarrota e a de Toro e Çamora, e para ella fez já D. João II um Regimento em 1482, em que se determina a ordem do prestito e os symbolos que pertencem ás differentes corporações. Na camara de Pena-

fiel existe um «*Tombo das festas do Corpo de Deus, que se fazem por El-Rey nosso senhor n'este lugar de Rifana de Souza*», no qual todas as danças teem o seu titulo. D'ahi consta que havia a dança da Mourisca — almocreves, alfaiates e albardeiros; da Retorta — sapateiros e tocadores; dos Moleiros — moleiros dos rios Cavallum e Souza, alternadamente, dando quatro femeas e quatro machos; das Espadas — ferreiros e serralheiros; da Pella — cavaneiros.

Os *touros* eram dados, um pelos merceeiros e rendeiros, outro pelos mercadores. A *serpe* era apresentada pelos carpinteiros, o *jogo dos chocalheiros* pelos jornaleiros e trabalhadores, *S. Miguel* pelos barbeiros, *S. Jorge* pelos ferradores. Determinava-se outrosim, que os merceeiros nobres levassem tocheiras verdes.

Como ao leitor dissemos já, variam as danças de anno para anno, já porque a procissão não tem os esplendores de outro tempo, já porque a camara, que do seu bolso faz as despezas com taes bailes, não póde pagar a organisação de todos elles. O das espadas é, porém, o que mais tem sobrevivido, e creio mesmo que todos os annos apparece por causa do privilegio que ainda gosa e põe em pratica, de vir ao palacio da camara esperar a vereação, que mette dentro da sua roda, acompanhando-a á matriz, onde de novo a vem buscar, depois que a procissão termina. A nossa gravura de pag. 528 representa uma das pittorescas figuras d'esse baile, com o velho sabre ferrugento, a calça e o jaleco brancos unidos na cintura por uma facha vermelha, a cabeça coroada por um toucado de flôres, d'onde se desprende para cima das costas um sem numero de fitas de seda, de côres vistosas e garridas.

A outra dança, que apresentamos completa na gravura de pag. 538, é a dança dos Pedreiros. Vestem de branco tambem, facha vermelha na cinta, barrete encarnado na cabeça; trazem ao tiracollo uma cabaça e merendeiro, na mão sustenta cada um um pico, á excepção do *mestre,* que empunha a regoa, da *mestra,* que sobraça um açafate de flôres, do rapaz, que traz um pequeno *bouquet,* e do meirinho, que usa o classico bastão das justiças.

Um musico acompanha na rebeca as cantigas dos operarios e das primeiras figuras que constituem a dança. Como curiosidade transcrevemos o auto em verso, que os Pedreiros cantam e representam:

MESTRE

Viva o illustre senado
A quem vimos respeitar,
Vim com meus officiaes
A procurar que trabalhar.

OFFICIAES

Nós todos somos pedreiros
Que vimos a trabalhar,
Vimos a esta cidade
A procurar que trabalhar.

MESTRE

Estes meus officiaes
São leaes e verdadeiros,
Dizei a estes senhores
As obras que tendes feito.

OFFICIAES

Nós todos somos pedreiros
Que vimos da beira-mar,
Sabemos erguer socalcos
E casas derretelhar.

MESTRE

Eu tambem fiz um moinho
Todo de pedra miuda,
Tão fina, que era a pedra
Como o pello d'uma luva.

OFFICIAES

Nós fizemos uma torre
Dividida em parcellas,
De tão alta q'era a torre
Que chegava ás estrellas.

MESTRE

Eu tambem fiz um convento
Na cidade de Leiria,
Todo de pedra lavrada
E toda a pedra á esquadria.

OFFICIAES

Nós fizemos um palacio
Na cidade de Coimbra,
Todo de pedra lavrada
Pois estava coisa linda.

MESTRE

Eu tambem fiz uma ponte
De noventa e cinco arcos,
Toda medida a regoa
E dividida em compassos.

OFFICIAES

Tambem fizemos carrancas
E senhores para chafariz,
Fizemos uma em Braga
Que deita pelo seu nariz.

MESTRE

Eu de pedra fiz um bicho
No Couto de Capareiros,
Mais juizo tinha o bicho
Do que vós, oh meus pedreiros.

OFFICIAES

Senhor mestre, não tome obra
Sem primeiro nos pagar,
Q'andamos ha nove mezes
Sem real arrecadar.

MESTRE *(fazendo menção de bater com a regoa)*

Deito a Christo! Quem me acode?
Que me vejo enfadado,
Que me dizem os meus pedreiros
Que eu lhes não tenho pago.

MEIRINHO *(intervindo)*

Está prezo, seu marotão!
Adiante do sr. meirinho
Por fazer tal desattenção.

MESTRA *(chora e pede ao meirinho que o solte)*

Valha-te Deus! meu marido,
Que te não posso valer,
Que te vejo agarrado
Como os que vão a vender.

MEIRINHO

Recolha-se, minha menina,
Que bem se póde recolher,
Se me torna a retrocar
Tambem a hei de prender.

MESTRA

Abrande, sr. meirinho,
D'essa sua condição,
Que as pedras tambem abrandam
Aquellas que duras são.

MEIRINHO

Ó bella, minha menina,
Eu já estou bem entendido,
Á vista d'esses olhos
Meu coração está rendido.

MESTRA

Senhores meus officiaes
Mandae-m'o logo soltar,
Q'eu trago muito dinheiro
Para vos tudo pagar.

OFFICIAES

Solte-se o sr. mestre
Já que a senhora assim quer,
É bem que reconheçamos
Qual o valor d'uma mulher.

Senhores, dae-me licença,
Que queremos descançar,
Que são chegadas as horas
De nós irmos merendar.

(Fingem comer a merenda).

RAPAZ DOS PICOS *(passeando no meio do baile)*

Deus vos salve, officiaes,
Já que estaes a merendar,
Venho buscar os picões
Se os mandaes aguçar.

OFFICIAES

Vae com Deus! rapaz dos picos,
Passeando pelo meio,
Ficamos-te agradecidos,
Por agora remedeio.

MESTRA

Comei, comei; que vos preste!
Graças vamos nós a dar,
P'ra no fim fazermos contas
Para vos tudo pagar.
Milagroso *Corpus Christi*
Vimos hoje a festejar.

As festas do dia não são menos curiosas.

A alvorada annuncia-se por uma nova salva de vinte e um tiros e uma girandola de foguetes, percorrendo as musicas as ruas da cidade. As danças apparecem ahi pelas oito horas, continuando a exhibir-se aqui e além para divertimento do publico, ora em frente das casas principaes da terra, ora em frente do palacio municipal, engalanado para a festa, e apresentando pendente da varanda uma vasta e riquissima colcha de seda branca bordada a ouro, que é uma preciosidade.

Na matriz está-se a esse tempo executando a missa cantada e acompanhada a grande orchestra.

Perto das onze horas, em frente dos paços do concelho, vem formar o estado de S. Jorge e a dança das espadas. A camara, em trajes de grande gala, mette-se no meio d'este baile, e seguida de toda a comitiva vae reunir-se na Matriz com as confrarias e varias corporações, que teem de constituir a procissão.

É meio dia.

Na rua Formosa o povo estende em alas, deixando ao centro o espaço livre, para que o prestito desfile. Um borborinho de conversas animadas zumbe alegremente, ao de cima d'esta colmeia pittoresca. Subito o rumor emmudece. A procissão sobe da calçada das Freiras para a rua, onde vae desfilando triumphante e magestosamente. Dois cavalleiros abrem o cortejo; vão armados como os paladinos medievaes, elmos de papelão prateado, lança em riste, cotas de malha luzente, grevas de aço falso apertando a perna desde o joelho até ao pé.

Atraz vem o *Estado de S. Jorge;* cavallos ajaezados com xaireis de seda na cauda, pennachos sobre a cabeça. O santo, atarrachado a um selim, guerreiro capaz, só pela esculptura, de espantar todos os mouros de além-mar, monta um cavallo branco, manso e fiel, e vae fitando na multidão os grandes olhos esbogalhados e mudos.

Segue a bandeira, acolytada por tres personagens importantes, e logo após uma philarmonica vem tocando uma marcha solemne e grave, que põe arrepios de harmonia na espinal medulla dos ouvintes. Vagarosamente, pachorrentamente, desfila depois o pacifico *Boi bento,* nedio, o pello espelhando a formosura, o olhar sereno e meigo acariciado pela multidão. Leva as hastes enfeitadas com fitas e com flôres. Elle é o querido, o amado do povo, que rejubila ao vêl-o assim glorificado, que sente no seu coração bom e leal uma alegria commovente ao vêr honrado diante do grande publico, e perante a religião, o seu laborioso companheiro, o seu amigo de todos os dias.

A peça de effeito apparece depois. É o carro triumphal da cidade, uma enorme concha prateada, levando nos primeiros planos cinco anjos espargindo flôres, e sustentando no fecho um rapagão elegante, vestido de guerreiro, equilibrando-se á custa da enorme lança, que altivamente empunha. É a figura symbolica da cidade! É Penafiel que passa ovante e gloriosa nas suas tradições. O carro é tirado por uma junta de bois, gordos, com os jugos novos floreteados, as hastes engrinaldadas de fitas e de flôres.

Como symbolo e como trabalho de ornamentação, este carro, que a nossa gravura representa, é o *clou* da procissão, e como tal não se farta o povo de admiral-o e exaltar-lhe as bellezas. Atraz seguem as irmandades da cidade, depois uma musica; novas irmandades que vem das aldeias com as suas respectivas cruzes, e immediatamente outra musica. Os *anjos* desfilam depois d'isto, formosas creancinhas envoltas em sedas, tulles e flôres, encantadas da sua individualidade. Sob o pallio, que em seguida passa, o parocho da cidade conduz a custodia de ouro, irradiando reflexos. Atraz vem os vereadores de casaca solemne e fita azul e branca a tiracollo, acolytando o estandarte de seda, que o secretario aguenta ao hombro na mais galharda posição de porta-bandeira fidalgo. O regimento 6 fecha o prestito, marchando em cadencia, com o seu uniforme de grande gala.

Sobre todo este quadro animado, cheio de movimento e colorido, a luz cahe a plenos jorros, branca, vibrando alegremente, como se por sua parte tivesse a intenção de contribuir para esta resurreição das tradições.

A procissão recolhe e dão-se as salvas do estylo.

Depois o bom penafidelense vae comer o seu jantar patriarchal—lauto n'esse dia, porque ha sempre hospedes em todas as casas—e obrigado ao carneiro assado no forno, porque é o prato tradicional, a praxe que vem de longos annos.

—E vá, vá, não ha que demorar á mesa, como os romanos.

—Aos touros, aos touros! que é o *divertissement* querido e popular.

A praça de S. Bartholomeu veiu substituir a que se armava de proposito para este dia no grande campo d'Alegria, hoje Praça do Mercado. E veiu substituil-a mal, a nosso vêr, porque tirou ás corridas o que ellas tinham de original, de pittoresco, de encantador.

Porque ha bandarilheiros e capinhas actualmente, sabem, e empresario, e curro, e programmas de papel de côres, não passando tudo, aliás, de um arremedo de um circo hespanhol, ou de uma caricatura mesmo do Campo de Sant'Anna!...

Antes da nova praça, não!...

Havia sempre dois touros, educados *ad hoc*, matreiros, velhacos! Toureiros... era gente que se dispensava! Os pimpões das aldeias, bem calafetados a carneiro e a vinho verde, eram os que á vara larga corriam

Carro triumphal na procissão de Corpus-Christi

o bicho. O circo era mal vedado, estava-se nos palanques por um milagre de equilibrio, ou passeiava-se na arena, como se o touro não tivesse outra coisa que fazer, que vir implicar com gente séria! Isso era lá para os *valentões*, os que o espicaçavam com a enorme vara e fugiam a sete pernas quando o animal escarvava o solo, impaciente com a bordoada. É certo que ás vezes um ou outro homem serio tambem apanhava o seu boléosito por brincadeira; mas verdade, verdade, era quando elle se mostrava menos serio que o proprio touro.

Em uma d'essas corridas, por exemplo—ahi vae um episodio, que eu posso garantir—um padre de aldeia, que viera para a procissão, foi de tarde aos touros. As piruetas, os trambulhões do costume, o publico applaudindo, o riso estalando no ar, como um *champagne* hilariante e saudavel! Ao padre fervia-lhe o sangue, e quando o touro passava, para não descompor a sua gravidade sacerdotal, mas para não deixar tambem

de obedecer á exigencia do seu temperamento folião, zás, picava-o com o guarda-chuva. E ria, ria muito alegremente, vendo o animal affastar-se. Ora fez isto uma vez, duas, e não sei mesmo se a terceira. Mas na ultima o touro reponta com o bandarilheiro sagrado, e, salvo seja, apanha-o pelo sitio onde as costas mudam de nome, e padre e guarda-chuva sobem ao ar n'um boléo triumphante, que fez explosir a multidão em uma salva de palmas verdadeiramente homerica. Mas querem... o *tableau?*

As calças do padre ficaram em pedaços, e, como Adão ao ser expulso do paraizo, elle teve de sahir da praça fulminado pelo riso da multidão que continuava a applaudir.

Nem sempre, é certo, os episodios tinham a nota do burlesco! Ás vezes terminavam por um desfecho dramatico! A um d'esses assisti no anno de 1882! Um dos valentões, por appellido o *Pantomineiro,* do lugar da Avelleda, fòra correr o touro á vara larga. O vinho e o enthusiasmo tornaram-o de certo menos prudente; e quando o animal investiu com um magote de ingenuos, que estavam dentro da vedação, apanhou o apaixonado toureiro por um flanco, e feriu-o tão gravemente, que horas depois as irmãs de caridade velavam no hospital o seu cadaver.

E assim terminavam tambem aquellas corridas de touros mansos por homens bravos!

A noite vem completar as festas de *Corpus Christi.* Ou uma companhia ambulante dá uma recita no theatro, ou, o que mais vezes acontece, a Assembléa abre as suas salas aos socios ou forasteiros, que tenham vindo ás festas e ahi se dança animadamente, até que a luz da manhã vem terminar o periodo festival, se é que apenas o não interrompe para muitos dos que n'essa noite, entre as musicas dolentes e os vinhos capitosos, abrem na prosa da vida o primeiro capitulo do romance do amor. E disse da Arrifana resuscitada.

Quer agora o leitor conhecer a Penafiel contemporanea?

Tome um bilhete de ida e volta e venha ás feiras do S. Martinho.

Que enthusiasmo durante esta *kermesse* annual, sobretudo se o sol de inverno aquece a atmosphera com os seus raios tepidos e cariciosos! Que faina vae nos estabelecimentos, que *brouha-ha* se espalha pelas ruas! O povo enche a cidade de um a outro extremo, mas é desde a rua da Saudade até á Praça Municipal, que o movimento maior está concentrado. Em frente do quartel, no grande campo da parada, vasto, alegre, dominando um horisonte extenso, sobre o formoso valle do Souza, effectua-se a feira do gado, bovino e cavallar, que aliás se estende por toda a rua Formosa, onde os cavallos se experimentam, entrando na carreira. Bons episodios, os que se dão ahi: Ha os cavallos manhosos para os cavallei-

ros pimpões. *E a dei,* como se diz no dialecto local, é trambulhão, que faz rir ainda o mais sorumbatico, é o vêr-se um pimpão, já arrependido de o ser, abraçado ao pescoço do cavallo, desestribado, pallido, pedindo que o soccorram, é outro que passa ovante a trote rasgado, cravando as esporas nas ilhargas de uma egoa, ainda ha pouco considerada indomavel.

Proximo, os theatros da feira, annunciando espectaculos e maravilhas, despejam os espectadores que sahem por sobre os espectadores que entram, attrahidos pela voz troante do palhaço sujo de alvaiade, e pelas dançarinas varejas, de pernas masculas, que desafiam do alto dos palanques o appetite do camponez boçal. Relincham os cavallos, estralejam as notas dos cornetins, as campainhas vibram como risadas, os realejos moem pela millessima vez a *Traviata.*

Nas barracas das quinquilherias accumulam-se os compradores, as creanças sobretudo, que esperam dos velhos amigos de casa a prenda de S. Martinho. Á noite são as mulheres que vem examinar a feira, dando por isso um aspecto animado ás noites de Penafiel n'esta epocha do anno. As mulheres, disse, excluindo os homens, porque ninguem os logra vêr n'esse passatempo! A horas taes elles estão na... batota. O jogo é a grande attração da feira para o sexo feio; porta sim, porta não, vê-se um lampeão luzir na escada. É entrar; funcciona ahi com certeza uma banca, ou uma roleta. E vá lá a auctoridade prohibir o jogo! Isso sim! Era o desmanchar da feira, o cercear dos interesses da terra; lembro-me bem que uma vez, que isto succedeu, houve rija polemica na imprensa da localidade!

A auctoridade tem um unico partido a tomar n'esta conjunctura: submetter-se ou demittir-se, caso não prefira ella propria jogar no rei de ouros contra a dama de paus.

As industrias proprias de Penafiel, tem n'esta grande feira o melhor elemento da sua prosperidade; as albardas celebres, que passaram a ser um apódo para a localidade, os arreios, as candeias de ferro que ainda teem compradores, os tamanquinhos elegantes, de verniz, pespontados a retroz de côres, como o nosso desenho de pag. 544 deixa vêr, o sapato de couro de Guimarães, a chanca, etc., tudo é procurado e vendido em grande escala, o que torna a feira desejada não só pelos industriaes, como por todo o outro commercio, que a retalho faz o seu negocio, e pelas hospedarias e tabernas, que regorgitam de gente.

As transacções que se effectuam em gados sobem a quantias importantes, quando especialmente o governo ordena e antecipadamente annuncia, que na feira se procede á remonta de cavallos para o exercito.

Uma outra feira grande se faz em Penafiel no abril; é, porém, menos concorrida e não dá á cidade o aspecto caracteristico do S. Martinho de inverno.

Não descrevo a cidade dos dias ordinarios, com o seu fato de trazer por casa; assim como assim é mais ou menos, o que são as pequenas cidades de provincia.

Politica acerada, a ponto de sacrificarem as relações pessoaes, fundando os regeneradores o *club,* e tendo os progressistas a *assembléa;* musica regimental no jardim publico, á tarde nas horas de crepusculo, á noite quando o luar illumina o espaço e as ruas, que então não accendem os candeeiros; tres mercados mensaes bastante concorridos; missas aos domingos e resas do beaterio nos dias de semana; cavaco e voltarete nas assembléas; o passeio á tarde pelas estradas para melhor fazer o chylo da couve gallega e da vacca, sem riso, mas com arroz; o café para os viciosos; as palestras nas boticas, ou na loja da *Mão dourada* ou do Abilio; os conventiculos politicos decidindo dos destinos da patria e da influencia pessoal de um abbade qualquer ou de um quarenta maior contribuinte, tal é a physionomia da cidade, sem precisar accrescentar-se o tedio que devora muitos, e a nostalgia dos recem-chegados, que ainda não se accommodaram ás exigencias do viver local. Posto isto, que é o espectaculo de Penafiel por dentro, passemos a vêr Penafiel por fóra.

*

* *

Dirigimos para o norte as nossas primeiras excursões e podemos tomar, como ponto de partida, a freguezia de *NOVELLAS,* da qual tira o nome a Estação do caminho de ferro, que serve a cidade, a ella unida actualmente pela estrada real de Guimarães a Arouca por Entre-os-Rios, mas em breve ligada por um ramal, que partindo da Praça Municipal vá entroncar com a anterior em Louredo, evitando assim a grande volta que tem hoje de fazer-se para ir entrar na cidade pelo lado do sul.

Seguindo a via ferrea, ou penetrando nos caminhos vicinaes, encontra-se dois kilometros adiante o antigo convento de *BUSTELLO* ou *Bostello,* dominando, pela sua situação em um pequeno outeiro e pela grandeza magestosa das suas linhas architectonicas, o vasto e formoso valle do Souza, onde mais de quarenta freguezias se encontram espalhadas. O mosteiro era de frades bentos e tinha, como couto doado pelos reis D. Affonsos III e IV, os terrenos da freguezia e parte dos de Croca, Novellas e Meinedo. Apresentava as egrejas de Croca, Santa Martha, Recesinhos,

Milhundos, Novellas, e outras, que hoje pertencem aos dos concelhos de Louzada e Amarante, tendo as duas primeiras freguezias obrigação de vir assistir nas quatro festas do anno á missa principal da egreja do convento. O donatario do couto era o D. Abbade do mosteiro, sendo tambem o que no 1.º de janeiro nomeava o juiz do civel e orphãos, que a elle recorria, como ouvidor. O juiz escolhia por sua vez o porteiro, e o povo elegia a votos o procurador, meirinho, quadrilheiro e um jurado, que pres-

Baile dos pedreiros na procissão de Corpus-Christi

tavam juramento nas mãos do D. Abbade. Ainda no convento póde vêr-se a formosa sala, em que se faziam as audiencias. O D. Abbade tinha por obrigação fazer duas correições no anno, e na sua qualidade de coudel-mór elegia tambem o juiz das montarias.

Pinho Leal attribue a fundação do convento a um filho do fundador de Arrifana, D. Fayão Soares, no anno pouco mais ou menos de 900. Este mesmo auctor deriva a palavra *Bustello* de *bostus* (bosque), dando-lhe a significação de pequeno bosque. O padre Carvalho, porém, diz com outros antiquarios: «*Muitos querem se derive a ethymologia do seu nome de boa terra ou de bona estella, o que tenho por mais certo por huma que se achou nas ruinas do antigo edificio, aberta em huma pedra e hoje está renovada na*

parede do claustro novo com hum habito de Templarios e outro de Santhiago e hum baculo de S. Bento junto d'ella. Dizem o fundou, em tempo del Rey Dom Fernando, o Magno, Nuno Paes, que alguns tem para sy foy tronco dos Souzas; o que corrobora huma carta, que está no Cartorio do Mosteiro e he do Conde de Barcellos D. Martim Gil de Souza, na qual chama a Nuno Paes o padroeiro Souzão. Mas o Conde Dom Pedro Tit. 62. dá este Padroado aos Alcoforados por D. Goldora Goldares de Refeiteira, que está n'este mosteiro, etc.»

O padre Carvalho falla tambem da preciosa cruz, que ainda existe em Bustello e d'ella diz: «*Tem huma Reliquia do Patriarcha S. Bento ou huma Cruz de prata muy venerada de todo o contorno por seus mylagres.*»

O convento, hoje propriedade particular, pouco offerece de curioso e interessante; a egreja, porém, que é desde muito a matriz da freguezia, merece especialisar-se pela sua vasta amplitude, obra de talha e bello côro, onde ha numerosos quadros, que, posto não tenham alto valor artistico, eram dignos ainda assim de melhor conservação.

A freguezia limitrophe de Bustello e que fez parte do seu couto, segundo dissemos já, é a de *S. PEDRO DE CROCA,* antiga, como se deduz do seu nome—*croa*—monticulo que servia para estabelecer o centro das povoações primitivas, e situada um pouco nas asperesas da serra, onde é cortada pela estrada real, que segue para Amarante. Proximo é o lugar de *Casaes Novos,* da freguezia de *RECESINHOS* (S. Martinho). Era ahi, nos Casaes, que no tempo das carreiras de diligencia para Traz-os-Montes vinham ordinariamente ceiar os passageiros, que traziam viagem desde o Porto. E que bella ceia, com a sua canja de gallinha e appetitoso presunto, bifes de cebollada e vinho verde á discreção, não era essa a 400 réis por cabeça!

Ha mais duas freguezias, com o mesmo nome de *Recesinhos,* aqui proximamente situadas, e que pertenceram, como a de S. Mamede, ao antigo concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, pretendendo mesmo alguns auctores que o nome do extincto concelho vem de uma capella d'essa invocação situada no alto do monte chamado os *castellos* de Santa Cruz, onde ha vestigios de fortificações antiquissimas, as quaes provavelmente tambem deram o nome á freguezia de *CASTELLÕES DE RECESINHOS,* fronteira do concelho do Marco por Villa Boa de Quires e Carvalhosa. A outra freguezia de *RECESINHOS* é a que tem por padroeiro S. Mamede, ficando situada além da ponte de Casaes, proximo da qual se faz o entroncamento das estradas reaes n.os 33 e 34.

Os condes de Cavalleiros, cujo primeiro titulo foi dado em 1865 a D. Rodrigo José de Menezes, teem n'estas freguezias muitos fóros, que

parece são devidos á sua alliança com a casa vinculada dos Ferreiras, de Recesinhos, morgado instituido por D. Mayor Lourenço. Não me consta, que os condes tenham solar em Recesinhos, como parece deduzir-se do que escreve Pinho Leal na freguezia de S. Mamede.

Uma vez na estrada e em regresso para Penafiel encontramos no caminho a freguezia de *SANTA MARTHA,* onde no dia 29 de julho se faz uma concorrida romaria, a que por ser muito perto da cidade vae de obrigação todo o bom penafidelense. Na vespera ha quasi sempre, de dia, uma insignificante feira de cavallos, e á noite um vistoso fogo de artificio amenisado nos intervallos pelas harmonias da musica de Villa Boa ou de outra qualquer, quando não é de duas philarmonicas, que á compita rivalisam primeiro do alto dos coretos, e depois acabam por se desfazerem mutuamente os instrumentos nos respectivos costados musicos. No dia, á tarde, sahe uma procissão com os altos andores engalanados, e o arraial, sob a formosa devesa dos carvalhos, adquire com o vinho e com a alegria expansiva d'este bom povo o seu *maximum* de intensidade. Ha uma vez ou outra corrida de bois mansos por homens bravos, quando não são os homens que entre si manejam o varapau classico e o marmelleiro tira-duvidas, a fim de resolverem uma questão de ciumes ou de primazia nos descantes.

Á freguezia de Santa Martha pertence o dolmen, que figura no desenho de pag. 554, incompleto já, como se vê, mas ainda assim attestando sufficientemente a antiguidade da civilisação celta, que teve n'estes lugares um importante nucleo.

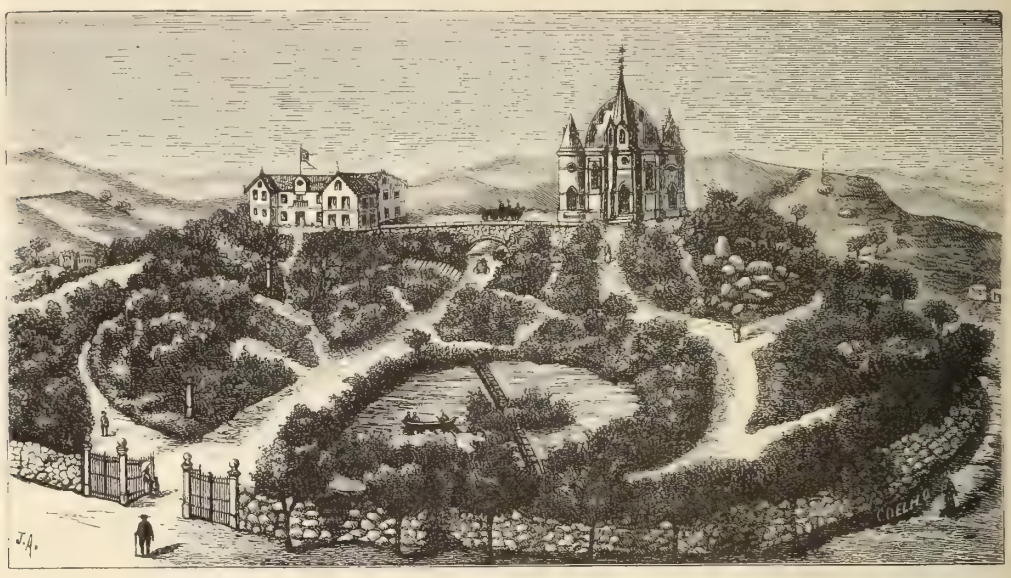
Ao chegar á cidade, e desviando da estrada para o caminho velho, vêmos perto a freguezia de *MILHUNDOS,* onde tem uma bonita residencia de verão o dr. Nunes Borges de Carvalho, prior da Lapa em Lisboa, restaurada sobre a que habitou seu pae o famigerado guerrilheiro miguelista de 1847 João Nunes Borges de Carvalho, tenente de milicias, a quem chamavam o capitão de Milhundos.

Entramos na cidade pelo moderno sanctuario da *Senhora da Piedade e Santos Passos,* em principio de construcção, e depois de no alto da montanha descançarmos um pouco, deixando correr os olhos por sobre o largo panorama que se desenrola d'ahi, principiamos o nosso

Segundo passeio,

descendo a estrada municipal que vae ao Cavallum, rodeiando a quinta do sr. barão das Lages, a qual ainda pertence á parochia de Milhundos. É mais de cultivo que de recreio esta quinta e não nos demoramos por

isso em descrevel-a, a menos que ao chegar á ponte sobre o rio Cavallum o leitor não deseje conhecer as pittorescas moendas, que são propriedade d'esta casa nobre das Lages. Affasta-se para isso da estrada e vae até ao sitio da Brenha, que é deveras encantador; a agua espadana por todos os lados, as redoiças de trepadeiras vestem as fragas solitarias, o sussurro das cascatas murmura canticos de uma suavidade melancholica; ha pontos em que parece estar-se no fundo de um abysmo, angustiado pelos ta-



Parque e Sanctuario da Senhora da Piedade e Santos Passos

ludes da montanha e vendo-se no alto uma nesga do azul cobrindo a paysagem solitaria.

Subindo a estrada de Abragão, d'onde se avista sob um novo aspecto o panorama da cidade, gosa-se uma legoa de paysagem até atravessar o lugar de Parafita da freguezia de *DUAS EGREJAS,* nome que indica a annexação de duas parochias differentes, o que realmente teve lugar desde fins do seculo XVIII, em que *S. Thiago de Rande,* que nos fica á esquerda, se uniu a *Santo Adrião,* que está situada á direita da estrada, por onde caminhamos. Hoje Rande está annexada a Milhundos. A paysagem do alto da Cruz de Parafita, ou dos cabeços proximos — dos Castellos a norte, e do Telegrapho a sul — é uma das mais formosas do concelho.

Ao norte, um fundo de azul anil envolve as cumiadas do Marão; ao sul e nascente as montanhas d'Além Douro elevam-se altivas, entremostrando as povoações que se abrigam nas suas encostas. Mais perto os montes, que se estendem entre Douro e Tamega, desde a Aboboreira até ao

monte de Arados, vestem-se de vegetação matizada do branco das aldeias do Marco e de Amarante, vendo-se nas faldas do Arados desfilar a bella estrada do Marco a Entre-os-Rios, beijada furtivamente, aqui e acolá, pelo Tamega gentil e feiticeiro. Ao poente o monte de Baltar, como que nos está instando a ir de sobre as suas arestas dominar o valle explendido do Sousa, que vae de Paredes a Felgueiras, e convidando-nos para que ás horas d'um crepusculo nitido avistemos mais ao longe as irisações do mar, tremulando docemente n'um esbatido doce de turquezas. A nossos pés fica um valle uberrimo, onde assentam Abragão, Luzim e *VILLA COVA DE VEZ DE AVIZ,* terra que se bem justifica o seu segundo nome, por ser realmente uma *cova* cercada pelos montes de *Portella, Lagoa* e *Ermida,* pelos de *Parafita* e dos *Castellos,* já o mesmo não faz com o titulo de *Villa,* porque a verdade é que nunca esta parochia o foi, nem teve foral proprio, embora gosasse dos privilegios e regalias da honra e behetria de Gallegos, e tivesse os mesmos privilegios que Penafiel no foral que a esta foi dado por D. Manuel, onde figura Villa Cova, que então *comprehendia dezesete casaes.* É curiosa a lista dos direitos que Villa Cova tinha então de pagar á corôa e por isso a transcrevemos aqui:

Bragal (varas)	64 1/2
Cabritos	3
Cacifos	7
Capões	8
Carne (costas)	8
Carneiros	2 1/6
Centeio (cacifos)	4 1/3
Cevada »	10
Espadoas	2
Gallinhas	16
Maravidiz	1/4
Meado (milho e centeio) alqueires	56 1/2
Miunça	1/2 1/3
Ovos	70
Pão	1/4
Pretos (moedos)	86
Reaes »	51
Vinho	13 1/2

A parochia de Villa Cova é, porém, mais antiga do que o periodo a que nos temos referido. Além de ter feito parte da *behetria* de Gallegos e de no monte Ermida haver ainda claros vestigios de fortificação, a que o povo chama *horta dos mouros,* o que são provas evidentes da sua remota antiguidade, sabe-se tambem por umas cartas de cedencia feitas ao mosteiro de Paço de Sousa, que o prior D. Diogo a recuperou de um tal Diogo Gratiz a 28 de setembro da era de 1145, vendo-se por essas cartas que

n'esse tempo eram oragos de Villa Cova S. Filippe, S. Romão e S. Marcello... *de Ecclesia sanctorum Martyrum Filipi Apostoli, Romani, et Marseli, quorum aula sita est in Villa Cova, sub monte Petrafixa (Perafita?) et Batial... etc.*

O que ha para vêr em Villa Cova actualmente, é a sua vasta egreja matriz, a capella particular de *Riba Boa,* onde se não celebra hoje, e a publica da Senhora do Rosario, anterior a 1500, embora reedificada por differentes vezes, e conservando um precioso retabulo de talha antiga. Os seus ultimos embellezamentos devem-se a um individuo natural d'aqui, por appellido Leão, ha pouco fallecido no Porto, onde residia depois de ter adquirido fortuna no Brazil. A capella tem uma confraria, que faz uma festa a 15 de agosto.

Pinho Leal cita como edificios particulares notaveis a casa de *Villa flôr,* brazonada, que pertenceu aos Menezes de Cabanellas, e a casa do *Aspero* (antigamente Cadeade), onde viveu o abbade Domingos Borralho, por quem no fim da missa conventual—informa—se resam ainda cinco Padres Nossos em cumprimento de um legado. Devemos, porém, informar o leitor, de que a primeira casa é insignificante, o seu brazão está quasi apagado e ella pertence hoje a um lavrador; a segunda nada tem de notavel tambem, e quanto á tradição dos Padres Nossos parece que o mais sensato é resar-lhe um por alma, visto que nada se apura no local ácerca do tal abbade.

O cemiterio parochial de Villa Cova foi inaugurado em 1883. Na freguezia nasce o ribeiro dos *moinhos* ou *pedreiros,* que serve de força hydraulica a bastantes moendas e vae desaguar no Tamega no lugar da Rainha.

Cortando a povoação de Ribaçaes na freguezia de *ABRAGÃO* a estrada municipal termina ainda antes de chegar ao Tamega, esperando, ou que a estrada districtal n.º 11-C venha resolver o problema da ligação entre as duas margens do rio, ou que ella mesmo o resolva avançando até encontrar além do Tamega a estrada que vae a Entre-os-Rios.

Dizem alguns archeologos, que o nome de Abragão provém de um poderoso emir arabe chamado Agam, que reinou ahi pelo anno de 1000, e era pae de Zahara, mulher do emir de Lamego. A sua fortaleza era no monte dos *Castellos,* em Villa Cova. Aqui aproveitamos o ensejo para rectificar o que se disse a pag. 500 a proposito do *castro* de Villa Boa, que é este de que fallamos.

Quando D. Moninho Viegas, *o gasco,* veiu do Porto por Vandoma (veja-se esta freguezia de Paredes), e se alliou com os Mendes de Sousa para atacar este territorio, povoado pelos arabes, levou de escalada este

castello de Villa Cova, e descendo a Abragão matou, segundo é lenda, o rei Agam, aprisionando Zahara, ao depois resgatada pelos mosarabes. Foi em seguida pôr cerco á fortaleza do monte *Arado,* em Ariz. Mas como se tornasse a batalha duvidosa, por ter vindo em reforço do castro de Arado o emir de Lamego, foi então que D. Muninho fez o voto de edificar o convento de Villa Boa do Bispo, caso a victoria o favorecesse, como aconteceu.

Ha entre esta tradição e a que referimos a pag. 500 uma differença chronologica, de pouca monta aliás, visto que no fundo coincidem ambas para attestar a existencia de uma população mosarabe n'estes sitios. Com estas guerras, porém, é de crer que ficasse de todo arrasada a terra do emir Agam, a actual Abragão, e por isso se diz que ella deve a sua fundação á rainha Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, ahi por 1170, constando tambem que a sua matriz é fundação da outra Mafalda, a santa, no anno de 1200, e com a qual talvez haja a mesma confusão notada em Canavezes. Esta egreja foi no seculo XVII reedificada pelo abbade Vaz Golias, cujo tumulo se vê na capella-mór. É tradição, porém, que anterior á primitiva matriz havia duas egrejas, uma na *Portella* e outra em *Santome* ou *Campo do Santo,* onde no seculo XVIII se descobriram algumas sepulturas e um sumptuoso tumulo de pedra.

Abragão pertenceu ao couto de Villa Boa de Quires, e é solar dos Mourões Guedes, hoje representados pelo visconde de Bovieiro, que tem aqui a sua casa.

Tomando em Duas Egrejas o traçado da estrada districtal n.º 11-C, cujos estudos foram feitos pelo engenheiro Constantino Alvim, ou seguindo de Ventusella pela estrada municipal, temos ensejo para conhecer as freguezias do concelho, que essa estrada tem de servir e que são por sua ordem:

PEROZELLO, terra fertilissima pela sua veiga encantadora, e onde na Portella do Souto se está tratando de explorar uma mina de galena argentifera; *LUZIM,* povoação antiga, coeva dos arabes, a egreja da qual foi doada em 903 pelo padre Adaulfo ao nobre *D. Ansur e a sua mulher Ejeuva, restauradores insignes do mosteiro de S. Pedro de Arouca.* Consta isto de um documento do cartorio d'este convento, em que se diz ter sido a origem da doação uma commutação da pena imposta a Adaulfo, que havia assassinado um homem.

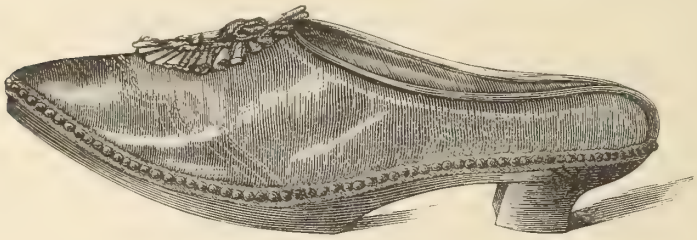
Do alto das Lagoas em Luzim descobre-se um panorama encantador, cuja descripção é quasi a do horisonte de Parafita, talvez mais risonha um pouco.

BOELHE e *PASSINHOS,* já ribeirinhas do Tamega, são finalmente

as ultimas freguezias a visitar, ou melhor a ultima, visto que ellas estão desde muito tempo unidas, embora conservem os seus oragos distinctos. As casas principaes de Boelhe são: a casa de Ordonho, de D. Mathilde de Almeida; a de Boelhe, dos Corte Reaes; a de Bairros, do sr. Antonio Carlos, e por ultimo a dos Aidos, do sr. Albuquerque de Villa Boa de Quires.

*
* *

Sahindo de Penafiel pela rua da Saudade encontramos ao fim a estrada de Entre-os-Rios, que tomamos como directriz principal do nosso passeio, embora em um ou outro ponto nos desviemos d'ella a fim de percorrer qualquer estrada transversal. É esta a melhor maneira de visitar a grande e interessante zona rural do concelho, que se estende para sul.



Lamanco de Penafiel — Desenho do natural por João de Almeida

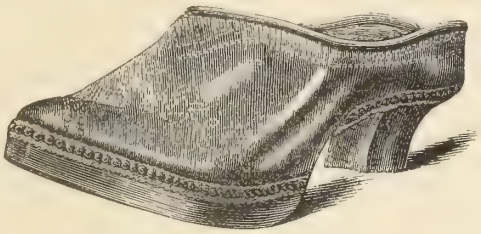
Descemos em linha recta. Á direita fica o elegante cemiterio da cidade, á esquerda, sobre uma facha da collina, entretecida da vegetação melancholica dos pinheiraes, assenta a freguezia de *MARECOS,* cuja egreja matriz destaca pela sua brancura do fundo verde-negro do pinhal. Entre a estrada e Marecos passa um vallesito [1] estreito, onde vae serpenteando o rio Cavallum, o que o torna extremamente fertil.

Chegando ao entroncamento de Senradellas, e deixando á esquerda a estrada de Entre-os-Rios, mettemos na estrada real n.º 33 do Porto a Villa Real, tendo occasião de atravessar a freguezia de *GUILHUFE* não só por essa linda estrada, como pela que o municipio mandou construir em 1885 e que logo abaixo da Gandra se dirige para a visinha *URRÔ* —o nome recorda uma origem goda—marginada pelo Souza pittoresco, que ahi vae deslisando parallelamente á linha ferrea, e formando em um ou outro ponto encantadoras cascatas, que são um delicioso prazer para quem do comboyo as vae contemplando.

[1] Segundo diz Antonio de Almeida na sua descripção de Penafiel, inserta nas *Memorias da Academia*, é esse valle dominado do lado da estrada pelo *monte da forca*, embora já não existissem vestigios do patibulo no seu tempo. Hoje tambem nem sequer tal denominação subsiste.

Nos fins de outubro festeja-se em Urrô o apostolo S. Simão, sendo esta romaria muito concorrida, por ser a ultima do anno que se effectua dentro da área das freguezias circumvisinhas. É notavel ainda pela superstição arreigada entre a gente do povo, que acredita ser a melhor dadiva para este santo os ovos de gallinha, pedidos, e as espigas de milho ou as telhas, *furtadas*. Mercê da corrupção commodista de *offertadas,* vão os proprietarios contribuindo forçadamente para as oblatas do santo, accumulando-se no largo da capella uma grande porção de telha, que serve depois para cobrir a egreja e a residencia.

É mais commodo retroceder ao entroncamento de Senradellas do que seguir as margens do Souza, onde se não póde continuar em carruagem, e por tal motivo volvemos á estrada de Entre-os-Rios, que ainda para além do entroncamento vae continuando a descer.



Tamanco de Penafiel - Desenho do natural por João de Almeida

Passamos junto da casa do barão da Varzea, ao abrigo das sombras frescas de carvalheiras collossaes, e logo abaixo nos vamos extasiar no formoso panorama bucolico da vegetação exhuberante e cuidada das quintas que rodeiam as formosas casas de campo, que n'este bello sitio possuem o dr. Jalles, ex-administrador do Porto, o *brazileiro Soares,* que não é positivamente o heroe do romance de Luiz de Magalhães, visto ser este Soares o Soares do Moinho, e finalmente alguns negociantes de Penafiel. Todo este encanto nos acompanha e segue ainda além da ponte de *RANS,* freguezia a que pertence o concelho extincto e antiga *honra de Barbosa.*

A torre ou casa de Barbosa, séde da *honra* d'este nome, informa-nos o nosso amigo Adolpho Miranda, pertenceu aos Nunes de Barbosa, que tambem adoptaram o appellido de Leão, por um d'elles, D. Sancho Nunes de Barbosa, ter casado com uma irmã de D. Affonso Henriques, até que nos principios do seculo XVII morreu o ultimo membro d'esta familia, Miguel de Leão Barbosa, o qual já tinha vendido o castello e honra de Barbosa a D. João d'Azevedo e Athayde, passando, pois, para os Athaydes, descendentes d'um filho de Muninho Viegas e cujo solar era em Athayde, hoje concelho d'Amarante. O actual representante é D. Francisco Vaz Guedes d'Athayde Malafaia, senhor da casa de Barbosa. Os de Barbosa eram senhores feudaes, pois punham justiças na honra, confirmavam sentenças, e, entre outros, tinham o direito de cortar madeiras nas terras da honra para concertar os paços. Quando a casa passou para os Athaydes,

por compra, o rei confirmou n'elles os privilegios antigos. Os primeiros Barbosas diziam-se descendentes dos reis de Leão e da familia dos condes de Cella Nova e S. Rosendo.

Vê-se da estrada o antiquissimo paço acastellado e divisa-se ainda bem a coma do vetusto e monumental carvalho, conhecido como um dos maiores da provincia, e chamado o *carvalho de Barbosa,* sendo tradição que estes administravam a justiça debaixo d'esta arvore veneranda, melhor diriamos de dentro d'ella, pois ainda no seculo passado estavam em uma especie de gruta cavada no tronco as cadeiras do juiz e escrivão.

A freguezia de Rans teve annexa a antiga parochia de *S. Thomé de Cannas,* por onde se julga que passava a *Tamacanna via,* estrada romana que vinha do Porto a Canavezes. Em uma escriptura de doação feita ao mosteiro de Paço de Souza falla-se no castello de Penafiel de Cannas ou *Kanas,* sendo provavel que as penhas acastelladas que ahi existem ainda tivessem então muralhas defensivas, e do castello viesse o nome á Pênafiel actual. Não nos enredando n'este labyrintho de hypotheses, deixamos Rans e Cannas socegadamente e tomamos a estrada que vae a Cette, não só para vêr o memorial de Irivo, que fica á margem d'essa estrada, como para visitarmos em seguida o historico mosteiro de Paço de Souza, que é um verdadeiro monumento nacional.

IRIVO e *COREIXAS* formam uma freguezia unica, representando a annexação das duas antigas do mesmo nome, conservando ainda cada uma o seu orago. Coreixas estava unida *in perpetuum* ao collegio da Graça de Coimbra, mas, como este deixou de existir, o *in perpetuum* passou a ser uma figura de rhetorica, e Coreixas, para não perder os habitos de estar unida a alguem, uniu-se a Irivo, que era o visinho mais chegado.

Em Coreixas está a casa solar dos Brandões, familia de origem britannica. O memorial de Irivo, que se representa na gravura de pag. 557, é um verdadeiro monumento funerario, como o de Alpendurada no concelho do Marco, parecendo-nos até que mais pertencem a este do que ao primeiro as notas elucidativas, que a seu respeito apresentámos, e isto porque o lugar de *Cadeade* que lá vem citado é muito perto de Irivo, não nos constando que haja outro lugar do mesmo nome em Ariz ou Alpendurada. O memorial de Irivo parece tambem contemporaneo da grandiosa reconstrucção do mosteiro de Paço de Souza, com a qual bastante diz o seu estylo.

Entramos na vasta e bonita freguezia de *PAÇO DE SOUZA,* uma das mais antigas parochias de Portugal, cuja fundação se attribue aos godos. O seu mosteiro sumptuoso e vasto é o grande motivo de interesse para o *touriste,* a quem bastaria para o reverenciar, quando mais nada

houvesse ahi digno de vêr-se, o ter sido a necropole do leal cavalleiro Egas Moniz, o mesmo de quem o poeta canta:

> Determina de dar a doce vida
> A troco da palavra mal cumprida.

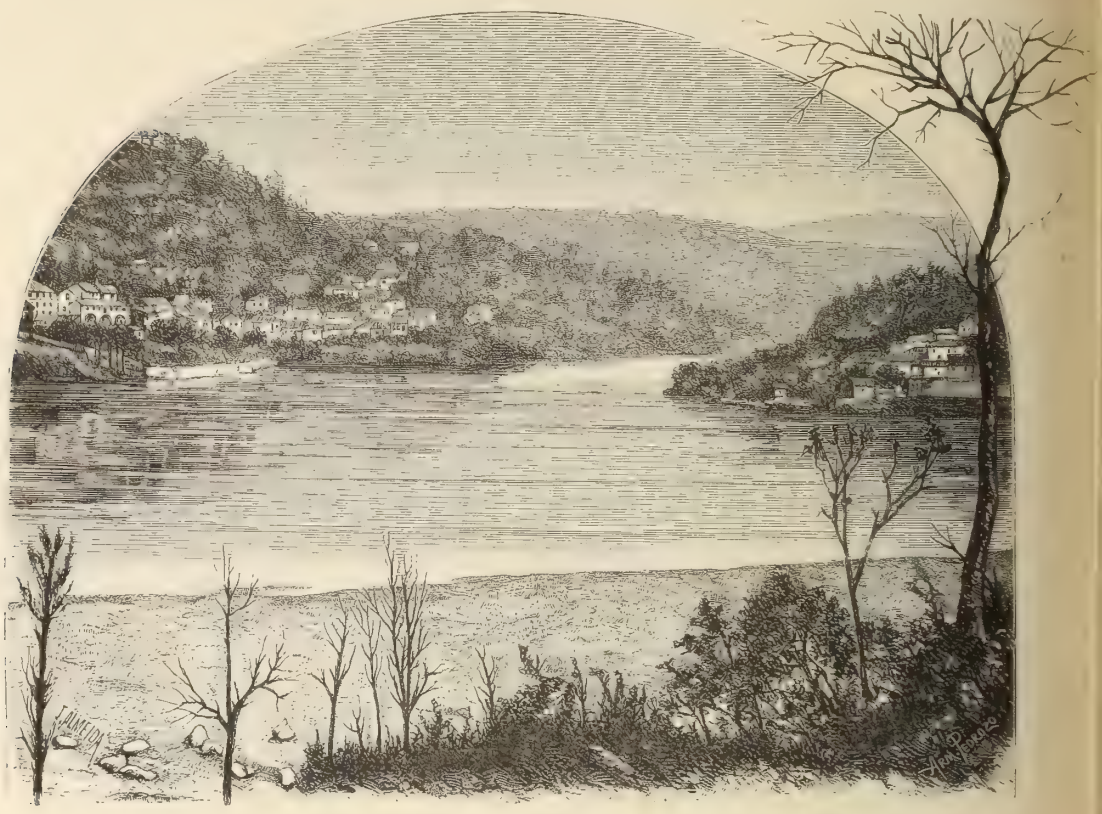
Fundado no anno 960 de Jesus Christo por D. Troycosendo ou Trotosendo Guedes, neto de D. Arnaldo de Bayão, foi desde o principio destinado aos monges benedictinos, que ahi viveram até á data da abolição das ordens religiosas no paiz, sendo depois o convento vendido a particulares e continuando a egreja a ser a matriz da freguezia.

A fortuna logo desde o começo bafejou este mosteiro de *Palaciolo* (era assim o primitivo nome de Paço de Souza, como se vê de uma doação feita em 994 pelo abbade Randulfo), sendo consideraveis as rendas e privilegios que lhe foram doados. Não comprehendemos, é claro, os muitos beneficios do instituidor Troycosendo, que tem o seu paço junto ao mosteiro, d'onde se julga que vem á freguezia o nome, faltando apenas derimir a questão do sub-titulo, pois uns dizem que este procede do rio, considerando *souza* uma palavra do portuguez antigo, ainda muito usada no tempo de D. Diniz, e outros opinam que o sobrenome provém do appellido dos Souzas, familia illustre de que já fallámos, mas a proposito da qual as mesmas duvidas subsistem.

O mosteiro de Paço de Souza foi couto privilegiado e teve foral dado por D. Affonso Henriques, embora se desconheça a data d'esta concessão. D. João I, achando-se no arraial, sobre Chaves, fez mercê a João Rodrigues Pereira do senhorio de Baltar, *Paço de Souza* e Penafiel, com juro e herdade, de mero e mixto imperio, reservando sómente para a corôa a correição e alçada. O couto conservou apezar d'isto a sua independencia judicial, até que em 1777 foi annexado a Penafiel; mas porque a esta annexação se oppozessem os monges e o povo de Paço de Souza, uma provisão regia do principe regente D. João extinguiu de todo o couto em agosto de 1794. O mosteiro teve tambem por muitos annos abbades commendatarios, privilegio que não era do agrado dos monges, que viam ir para os abbades todos os rendimentos do convento, sem que elles sacrificassem um pouco aos beneficios da casa. Aproveitando o ensejo da morte do ultimo commendatario, descendente em linha recta dos antigos, pediram e obtiveram do cardeal-rei em 1580 a extincção da commenda, principiando desde então a serie dos abbades triennaes.

A resolução do cardeal-rei, ultimo commendatario, crê-se que teve por fim tambem terminar com as pendencias que a cada passo se susci-

tavam entre os benedictinos e os jesuitas, que appeteciam a posse do convento. O cardeal dividiu as rendas em conventuaes para os primeiros e abbaciaes para os segundos, possuindo estes aqui até á extincção da ordem a *casa da companhia,* que hoje é do sr. Diogo Leite Pereira de Mello, por compra que os seus antepassados fizeram á fazenda nacional depois da expulsão dos jesuitas. As polemicas dos frades e jesuitas dividiram a

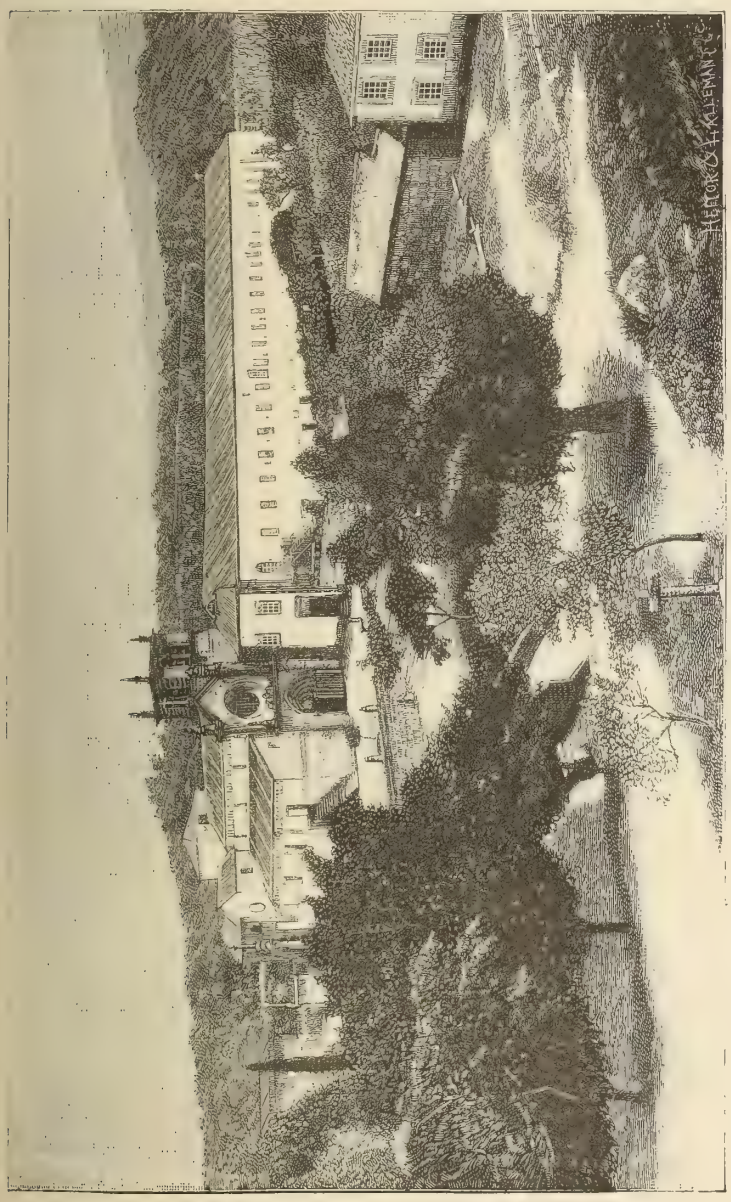


Entre-os-Rios — Desenho de João de Almeida

freguezia em dois partidos, que mutuamente se odiavam e desacreditavam com as mais infamantes e absurdas historias. Cita-se esta: morrera Belchior de Bulhões, um partidario importante dos jesuitas; logo os benedictinos espalharam entre os seus, que na noite seguinte á do enterro foram os frades despertados á meia noite por fortes pancadas nas portas das cellas, e rogados por voz mysteriosa para irem immediatamente á egreja. Quem haviam de encontrar ahi? O diabo, nada mais, nada menos, que estava desenterrando o morto e que depois, a murros nas costas, lhe fez vomitar a hostia que havia tomado como ultimo sacramento. Livre da qual agarrou no cadaver e o arrastou para o inferno, deixando na atmosphera o costumado cheiro a enxofre! Entretenimentos de frades!

D'esta epocha da serie dos abbades triennaes data a reconstrucção e ampliações do mosteiro, que é um curioso specimen da architectura gothica, como na gravura póde vêr-se.

O interior não desdiz da formosura da fachada, e graças ao espirito illustrado do sr. Manuel Pedro Guedes, que obteve dos poderes publicos, fosse o mosteiro considerado monumento nacional, o templo conserva-se em perfeito estado, sendo tão sómente para sentir, que algumas reparações que se tem feito, não obedeçam ao criterio artistico que deve presidir a esses trabalhos.

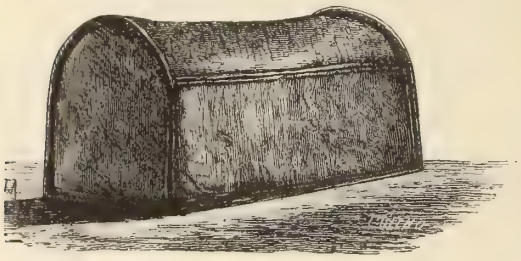


Mosteiro de Paço de Souza

O nome de Egas Moniz prende-se, como dissemos, de tal fórma ao do mosteiro de Paço de Souza, que, por assim dizer, se associa intimamente no espirito de quem ouve pronunciar qualquer d'elles. Neto do fundador Troycosendo, Egas deu em 1130 aos monges o paço em que vivia, ampliando-lhes por essa occasião o mosteiro. Sobre uma levada d'agua, que passa proximo da escadaria do convento, vêem-se hoje uns edificios de somenos importancia,

destinados a caseiros, sendo esses, segundo a tradição, o resto dos paços de Egas Moniz ou de seu avô Troycosendo. Não me parece, á vista do local e dos edificios, que coisa alguma apresentam de notavel, bem fundamentada a tradição, sendo antes de suppôr, que no terreno accidentado e ainda com vestigios de edificação, sobranceiro á fonte, estivesse o paço de Troycosendo. Essa fonte chama-se ainda a fonte de *Agamus,* evidente corrupção de *Egas,* e — pasme o leitor da noticia que vou dar-lhe — é ahi que está, servindo de pia para a agua, o verdadeiro tumulo do aio de Affonso Henriques.

O conde D. Pedro diz no seu *Nobiliario,* que Troycosendo mandou construir para jazigo de familia uma egreja denominada *Corporal de Paço de Souza,* que ficava contigua ao mosteiro, sendo de presumir por isso que fosse n'ella sepultado seu neto Egas Moniz. Em 1605, porém, o tumulo foi removido para a capella-mór e em 1784 para o corpo da egreja, sendo provavel que na primeira ou segunda remoção, por não caber no lugar a que fôra destinado, os frades aproveitassem apenas a fachada do monumento funebre, que lá se conserva ainda, e abandonassem o sarcophago propriamente dito, em que estavam os ossos de Egas Moniz, de mistura com cinzas, cal e restos de armadura, denotando os ossos das pernas um homem de corpulencia agigantada. Encerraram estes em um pequeno cofre, que depositaram dentro do tumulo, vindo por isso o primitivo sarcophago — a pedra que primeiramente recebeu o seu corpo — parar á fonte de *Agamus,* já mencionada.



Caixão que contem as cinzas de Egas Moniz

Ultimamente, quando o governo considerou o mosteiro como monumento nacional, foi o tumulo aberto, e encontrou-se dentro o cofre, que no nosso desenho se representa, e que se mostra na sachristia do templo como encerrando as cinzas de Egas Moniz. Lavrou-se d'isto um termo em triplicado, ficando um exemplar no cartorio do mosteiro, indo outro para a camara de Penafiel, e o terceiro para o Porto. O cofre espera no entretanto que se reconstrua o tumulo de Egas, para n'elle ser de novo depositado; e se a alguem podem interessar estas noticias, que fomos ali colher *de visu,* que esse alguem procure ao menos completar o monumento, introduzindo no seu interior a campa, a verdadeira campa de granito, que recebeu primeiro o corpo de Egas, e hoje está na fonte de que fallamos.

O tumulo, áparte a tradição que o faz sepultura do grande e leal

cavalleiro, é por si mesmo um monumento venerando, embora sejam de grosseiro cinzelamento os baixos relevos, em que se figura a lenda historica de Egas Moniz. Estava desconjuntado ainda, quando nós, ha pouco mais de um anno, visitámos o mosteiro, e descasadas por isso as peças, em que se poderia lêr a inscripção, que diz traduzida para vulgar: «*Aqui descança o filho de Deus, Egas Moniz, varão inclito—Era de 1182*», que é exactamente o anno de 1144 de Jesus Christo, em que, segundo o sr. Pinheiro Chagas, falleceu Egas, *o poeta da lealdade.*

Ha quem negue a abnegação heroica do aio de D. Affonso, e não seremos nós, que vamos agora discutir esse ponto, no qual temos—será ingenuidade talvez—a confiança de acreditar, depois da leitura de Herculano. Mas apocripho ou não, o esculptor do tumulo reproduziu a lenda com o cinzel, e é d'essa reproducção artistica, tão singela, que ora temos de dar contas ao leitor. O primeiro baixo relevo consta de tres pedras collocadas horisontalmente, formando todas um só lado; na superior vêem-se tres cavalleiros montados em cavallos sem adornos, levando os cavalleiros as cabeças descobertas e os braços manietados, indo o da frente (Egas talvez) com uma corda em volta do pescoço e levando entre si e os dois restantes um peão ou creado. Aos lados notam-se mulheres do povo. vendo passar a triste cavalgada. Na segunda pedra vê-se o resto da caravana, composta de quatro creanças em um só cavallo e de uma mulher (a esposa?) tambem montada, levando á sua direita uma mulher, que vae a pé, e atraz um homem e uma mulher. Na terceira pedra segue uma especie de camilha com quatro creanças e atraz d'ellas tres mulheres.

O outro baixo relevo, ou segunda parte do monumento, é composto de quatro pedras, estando a segunda invertida, e n'ellas se observa: Dois homens deitando na sepultura um corpo, um bispo com baculo na mão direita e um livro na esquerda, e duas mulheres chorando. No mesmo plano um homem morto e quatro carpideiras, e superiormente uma figura representando a alma do defuncto, dentro de um circulo, seguro por dois anjos, figura que parece haver sahido da bocca do morto e ir subindo para o ceu.

Tal é o monumento tumular de Egas Moniz, *si vera est fama,* hoje desconjuntado e precisando de quem presida conscienciosamente á sua reconstituição, para que mais se não deteriore.

Em Paço de Souza ha ainda para vêr no mosteiro algumas alfaias de valor, e fóra, não muito longe do convento, a bella casa e quinta magnifica do sr. Diogo Leite Pereira, um dos mais nobres fidalgos da provincia.

A *Casa pia* de Paço de Souza para a educação de creanças, instituida

por um legado do *brazileiro* Francisco José Ferraz, natural d'esta freguezia, é tambem digna de ser visitada. A sua construcção principiou em 1875, e vem a proposito rectificar o que em Pinho Leal se lê a respeito d'esta casa de educação, pois erradamente diz que o governo abusou da vontade do legatario e mandou construir a casa pia em Paredes. É verdade que em uma nota da pag. 481 do vol. VI elle informa, que a junta de parochia e o povo de Paço de Souza se oppozeram ao decreto que mandava fundar a casa pia em Paredes, esperando que justiça fosse feita. Não podémos indagar o que ha de verdade n'estas informações, mas o facto é que a casa pia está, e principiou logo a construir-se, em Paço de Souza.

De Paço de Souza para sul está em construcção a estrada districtal n.º 11-B, que vae passar em *FONTE ARCADA,* terra da Ordem dos Templarios, a quem foi doada pela rainha D. Tareja: «*villam, quæ vocitant Fonte Arcadam, in Portugal, circa Penafidelem*», diz a doação. O que faria suppôr, que Fonte Arcada era villa, n'esse tempo, se a palavra não tivera então outra significação. Houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas, muito antigo; n'elle viveu D. Froyla Herminges, familiar da Ordem, á qual fez em 1228 uma doação amplissima, onze annos depois accrescentada com novos bens, que veiu a herdar. No seculo XVI foi o convento encorporado ao de S. Bento da Ave Maria, do Porto.

A estrada districtal segue ainda até *LAGARES,* onde ha umas nascentes mineraes ferruginosas frias, que na localidade gosam de grandes creditos, mas que fóra pouco podem usar-se por causa da sua difficil conservação.

O projecto de continuação da estrada marca ainda nas suas linhas a freguezia de *FIGUEIRAS,* na encosta da serra de Mousinho, e a de *CAPELLA,* que em tempos antigos esteve annexa á de *S. Martinho de Lagares,* sendo por isso o reitor d'esta que apresentava o seu parocho.

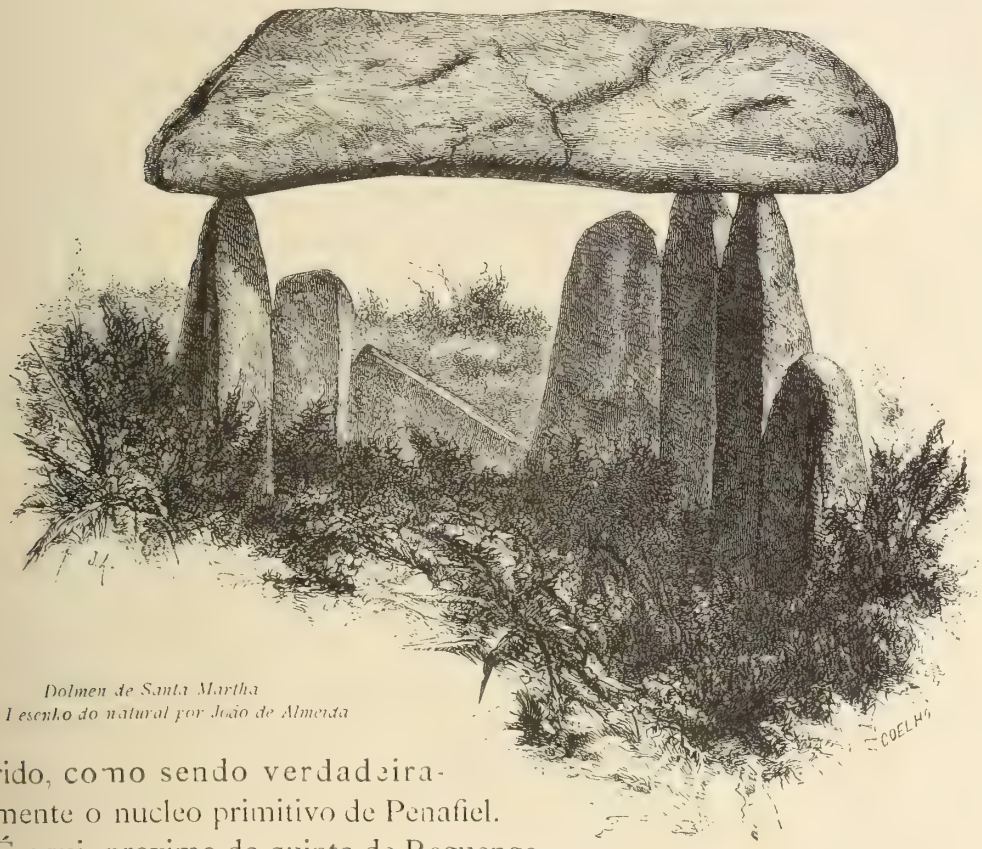
Situada entre as serras de Mousinho e Louzado, onde tem grandes pastagens (em 1658 excluiram-se da prohibição de pascerem cabras os povos de Capella, Canellas e Pedrantil, por terem montados capazes para isso), nasce nos seus limites o ribeiro chamado de Entre-aguas ou da Estivada, que vae desaguar ao Douro.

Como não é pelos caminhos alcantilados da serra que vamos seguir viagem, volte por isso o leitor comigo de Paço de Souza até á estrada de Entre-os-Rios, onde mais facil e commodamente podemos jornadear.

A *honra* e *behetria* de *GALLEGOS,* com a sua annexa *Boa Vista,* antigamente chamada de *Caifaz,* prende-nos desde logo a attenção, ou seja porque liguemos valor ás suas tradições historicas, ou seja porque é de-

veras encantadora a sua situação em uma collina esplendidamente vestida de verdura. O nome de *gallegos,* dizem os eruditos, que provém d'aquelles que acompanharam D. Moninho na guerra contra os arabes.

Na estrada real fica-nos sobre a direita o modesto presbyterio de *SANTO ESTEVÃO DE OLDRÕES,* freguezia a que já nos temos referido, como sendo verdadeiramente o nucleo primitivo de Penafiel. É aqui, proximo da quinta de Reguengo, o elevado monte do *castello,* o celebre agrupamento de pe ıhas, onde foi o *castello de Penafiel de Kanas* de que se falla na doação da quinta da Avelleda ao mosteiro de Paço de Souza, por Sandino e sua mu'her May Dulce. Está hoje coberto por um vasto pinheiral pertencente aos Peixotos (visconde de Lindoso). João Ribeiro diz na sua *Dissertação chronologica,* que no reinado de Affonso Magno, de Leão, anno de 1085, n'este lugar das *sete pedras,* ao pé do castello de Penafiel de Cannas e perante o governador D. Garcia Moniz, respondiam os criminosos.



Dolmen de Santa Martha
Desenho do natural por João de Almeida

Não ha, pois, duvida que era aqui o *carvalho das sete pedras,* tradição clara da um monumento druidico, e onde os documentos historicos affirmam ter sido o foral do concelho. Diz Antonio de Almeida em uma descripção de Penafiel inserta nas *Memorias da Academia Real das Scien-*

cias: «Em 1671 requereu em correição o ouvidor de fóra do Lugar, que por ser o Foral do concelho no carvalho das Sete Pedras se deverião alli faser as audiencias do concelho e não no Lugar d'Arrifana; porém o Ouvidor de dentro do Lugar impugnou... etc.»

No lugar da Calçada, através do qual a estrada passa, existe a casa dos Peixotos, que foram donatarios do concelho. Á nossa esquerda fica, na vertente opposta da montanha, a egreja matriz de *CABEÇA SANTA,* vulgarmente de *Gandra,* a qual se diz haver sido fundada pela rainha Santa Mafalda, filha d'el-rei D. Sancho I, esposa divorciada do rei de Castella, D. Henrique.

A egreja de Gandra é interessante pela sua architectura, que denuncia grande antiguidade, sendo muito notavel tambem a obra de talha da capella lateral de Nossa Senhora, capella que se conserva vedada por uma reforçada, antiga e formosa grade de pau preto.

Entre as alfaias do culto é digna de menção a sua linda custodia.

Attestando a antiguidade de Gandra encontram-se tambem, como prova, as sepulturas abertas em rocha, que se observam no adro.

O nome de Cabeça Santa provém da veneração que o povo teve, e tem ainda, embora mais arrefecida hoje, pelo parietal do craneo de um santo, que na freguezia passa por ser o Baptista!, o que aliás pouco importa. É a *cabeça santa,* e isto basta, porque exprime a devoção popular. Em tempo quizeram os padres Loyos do Porto levar para o seu convento esta cabeça, mas foi tal o alvoroço, que houveram por bem desistir do intento. Em um monte d'esta freguezia existiu o *Cruzeiro das Lampreas,* monumento que parece ter servido para marcar as distancias, embora a crença popular o considerasse como signal de que a uns tantos passos d'elle existia um thesouro encantado, para encontrar o qual não foram poucas as excavações infructiferas. Hoje só a tradição conserva ao lugar o nome de *cruzeiro.*

Visinha da Gandra e servida pela mesma estrada municipal encontra-se *PAREDES,* onde se póde, junto da egreja, ir admirar um formoso lodão, arvore que já conta seculos de existencia, medindo quarenta e quatro metros de altura e nove de circumferencia no tronco, segundo os algarismos tirados de Pinho Leal.

Proseguindo na estrada de Entre-os-Rios levanta-se na collina da nossa direita o campanario de *VALPEDRE,* nome que vem, segundo a tradição, de um *valle* ou campo, dado por um lavrador de nome *Pedro,* á fabrica da antiquissima ermida de S. Thiago, que ao depois se converteu na actual egreja parochial. A oeste da freguezia, no monte que a separa de Santa Marinha da Figueira, existe um monumento de pedra cha-

mado a *Cruz da Gesteira,* o qual, segundo a tradição, serviu para marcar as legoas; é analogo ao que dissemos ter existido em Cabeça Santa.

A Valpedre pertence o *monte do castro,* onde ha vestigios de uma povoação, que se julga fosse romana.

Um ramal de estrada destaca n'este momento á nossa esquerda; é o que segue para *RIO DE MOINHOS,* terra que pelo titulo XXIII do foral de D. Manuel tinha por obrigação dar á corôa *o primeiro savel, solho, eiroz ou truta grande, nos tres arinhos do Douro e depois o quarto de toda a pescaria que n'elles se fizesse...* Os dizimos que mais tarde a freguezia pagou, iam para os Pereiras Leites, de Campo Bello, como administradores da capella dos Reis no convento de S. Francisco do Porto, com a obrigação de casarem um certo numero de orphãs.

Ao lado direito da estrada de Entre-os-Rios enfestoa-se agora na verdura a clara egreja de *S. VICENTE DE PINHEIRO,* ou *Pinheiro de Vandoma,* apresentação antiga dos Peixotos, da Calçada, hoje representados pelo visconde de Lindoso. No lugar da Varzea, d'esta freguezia, foram descobertas ha poucos annos pelo dr. Albino Moreira de Sousa Baptista, em um lameiro cheio de lodos sulfurosos, algumas nascentes de aguas mineraes do mesmo typo das de Entre-os-Rios.

Diz-se que o nome de Pinheiro vem á freguezia por ter sido a primitiva matriz construida no alto de um lugar assim denominado, onde ainda ha poucos annos se admirava um pinheiro collossal. Essa matriz, pelo seu estado de ruina e acanhadas proporções, foi depois substituida pela que ao presente existe no lugar de Eiró, cuja construcção data de 1326, o que é um attestado valioso da antiguidade d'esta parochia.

Accrescenta-se que a sua edificação foi devida a tres velhas irmãs, que moravam no lugar ainda hoje chamado *Outeiro das velhas,* as quaes não só fundaram o templo e a casa do passal, como ainda o dotaram com muitos fóros. Os Peixotos, de Guimarães, seus parentes, que todos os annos vinham hospedar-se no Outeiro para fazerem a caça aos javalis, nos montes de Mosinho, onde hoje ainda ha muita caça miuda, foram os herdeiros das velhas, e é por isso que ficou n'elles o padroado d'esta egreja. Em um seu altar existe uma antiquissima imagem de pedra, que a tradição local diz ser de Santa Iria, tecedeira, martyrisada pelos barbaros no meiado do seculo V, n'estas alturas da serra de Mosinho. Chamam ainda *Santa Iria* ao lugar em que viveu a tecedeira santa; e no sitio do *Mosteiro das Freiras* conservam-se ainda vestigios de um, que a lenda diz haver sido fundado no proprio local do martyrio. No seculo XV uniu-se ao de Santa Clara do Torrão e com este passou depois para Santa Clara do Porto.

Como a santa era tecedeira não é por isso de estranhar vêr muitas vezes deposto, como ex-voto, no seu altar, alguns novellos de linha, ou alguns metros de bragal, com que a devoção das tecedeiras actuaes obsequeia a sua companheira celeste. O que isto demonstra é a antiguidade de industria dos teares em Pinheiro, e talvez fosse por causa das suas tecedeiras, que em 1668 se tomou em relação ao concelho a providencia de

Memorial de Irivo — Desenho do natural por João de Almeida

deverem ter as teias de panno de linho, que se vendessem, uma vara de comprido nas dobras, para por esta maneira se evitarem as fraudes das tecedeiras.

Na freguezia ha para vêr, depois da matriz, a capella de Santo Antonio de Villega, muito antiga tambem, como se prova com o testemunho do abbade Manuel Soares, que em 1540 escreve ter sido a capella *repairada,* sendo elle de menor edade. Tem festa no 1.º domingo depois de 13 de junho. Ha ainda na freguezia a capella particular da casa das Quintans.

Pelo sul confronta Pinheiro com *S. PAIO DA PORTELLA,* cuja independencia, como parochia, data apenas de meiados do seculo XVII,

fazendo até então parte da freguezia anterior. Escolheu-se para matriz a antiga ermida de S. Paio, que havia no lugar, e da qual se desconhece a fundação primitiva; mas como fosse muito acanhada, fizeram em 1816 a capella-mór, e ha poucos annos ainda completaram o templo. Está n'elle, desde tempos remotos, erecta a confraria de *Nossa Senhora das Neves,* que o povo chama dos *Milagres,* pelos muitos que lhe attribue; tem festa concorridissima no dia 5 de agosto.

A situação da egreja e residencia parochial é em posição elevada e pittoresca, dominando o formoso valle que se estende do alto das Sete Pedras até Entre-os-Rios, valle em que serpenteia alegremente o *ribeiro das cabras,* pequeno affluente do Tamega. D'esta freguezia tiraram o titulo os antigos condes de S. Paio, descendentes dos Eças, cujo solar, bastante arruinado, ainda existe na quinta da Torre.

Perto do lugar da *Corveira,* que a estrada real atravessa, e onde virão affluir as estradas districtaes n.os 11-B (de *Recarei)* e 28-B (de *Melres),* passa o *touriste* em frente de uma elegante casa de campo, rodeada de formosos jardins e excellentes pomares. É a casa do commendador Gaspar Ferreira Baltar, proprietario do *Primeiro de Janeiro,* o jornal que mais larga circulação tem no norte do paiz.

Ao sul d'esta quinta do sr. Baltar fica em Verdeiros uma grande quinta e casa antiga, hoje propriedade do visconde de Bovieiro. Ha ainda outras casas e quintas notaveis, como são em Bairro a dos herdeiros do dr. Albino Baptista, em *Casal d'Avó* a d'este nome, em *Villa de Uffa* a do sr. Francisco Peixoto, etc. A estrada real atravessa a quinta da *Torre,* solar dos Eças, da Portella, sendo ainda dentro dos seus limites que brotam as denominadas aguas de *ENTRE-OS-RIOS,* que a descripção do dr. Lourenço e Schiappa de Azevedo põem no lugar da Quebrada da freguezia de *EJA,* a qual fórma com Entre-os-Rios uma só freguezia para os effeitos civis, pertencendo Entre-os-Rios espiritualmente ao Torrão, que fica do outro lado do Tamega e que faz parte do concelho do Marco. Deveriam, pois, chamar-se aguas da Torre da Portella ás afamadas nascentes, visto que é em um monte da freguezia e na área d'essa quinta, que ellas brotam limpidas e frias de um rochedo schistoso. Mas, pois que a medicina e o publico as conhecem já por *Aguas de Entre-os-Rios,* desnecessario é esmerilhar estas minucias, e apresentemos, como sendo mais util, a analyse das suas qualidades.

Produz o manancial em exploração 25 a 30 mil litros de agua em 24 horas, porção que se poderia rapidamente augmentar, se se pensasse em fazer um vasto estabelecimento hydrologico, visto que a uns oitenta metros existe uma outra fonte que, por assim dizer, está desaproveitada, em-

bora alguns a considerem superior, além das que o dr. Baptista descobriu na Varzea de Pinheiro. As aguas de Entre-os-Rios tem um gosto pronunciado ao gaz sulphydrico, deixando um deposito de enxofre precipitado na sua passagem. 1:000 grammas de agua dão 1°,0081 de acido sulphydrico e um residuo solido de 0,321 constituido principalmente de silica. sulphatos e chloretos alcalinos de cal e magnesia, bem como uma pequena porção de albumina. O dr. Albino Baptista apresentou como these inaugural á Escola Medica do Porto um notavel estudo sobre estas aguas e sobre outras do concelho.

No vulgo acceita-se a opinião, de que as aguas devem usar-se um anno depois de engarrafadas, sendo as melhores as que teem mais deposito. É um prejuizo, não justificavel pela clinica hydrologica, e d'isto se tem assegurado já os medicos em Penafiel. Estas aguas conhecem-se desde muitos annos, mas principiaram a ser utilisadas nos fins do seculo XVIII.

A freguezia de Eja, como a de Entre-os-Rios, tiveram antigamente fóros de villa e couto, havendo um foral de D. Manuel de 20 de outubro de 1519, que lhes concede certos privilegios. As casas mais notaveis são em Eja a da *Pesqueira,* solar de um ramo dos Peixotos; e em Entre-os-Rios as do Outeiro, e a da familia Barroso, do meu collega e amigo Accacio Barroso, a qual se vê na nossa gravura de pag. 548 marcada por uma arcaria, até onde o rio chega nas grandes cheias.

Sobre o nome de Eja teem dissertado mais ou menos casuisticamente os archeologos, fazendo-o proceder de *Arejia,* cidade antiquissima, que foi talvez onde é hoje a aldeia de Areja, na freguezia de Lomba, de Gondomar; derivando-o de *Ben-Dan-Eja* (lavado dos ventos), o que está pouco em harmonia com o lugar, ou fazendo significar a estas palavras arabes —*filho de Dan, o renegado*— do verbo *aleja,* mudar de religião, sendo aqui talvez um nucleo de mosarabes.

Outros dizem que Anegia foi perto d'Entre-os-Rios e foi *Cividade,* ou cidade d'um condado chamado territorio anegico que principiando em Crestuma comprehendia parte dos actuaes concelhos do Marco, Penafiel e Paredes. Não sei que auctores authentifiquem isto.

Quanto ao nome de Entre-os-Rios bem o justifica a sua situação entre o Douro e o Tamega, que n'este ponto da sua confluencia formam uma paysagem encantadora. «Entre-os-Rios, escreve Ramalho Ortigão. fórma uma especie de cabo voltado ao poente, encravado nas aguas reunidas dos dois rios. É um lugar encantador, isolado, de uma grande tranquillidade doce, penetrante, em que repousam os olhos, e o espirito se embebe de um mysterioso inducto balsamico emanado dos pacificos aspectos das aguas e da paysagem.

Nas noites de verão, quando os «amigos silencios da lua» se desenrolam dormentes e electricos sobre a larga superficie aquatica, os que contemplam esse espectaculo, da pequena lingua de terra chamada Entre-os-Rios, sentem a influencia melancholica da poesia dos lagos. A imaginação afunda-se nas velhas legendas da agua, em cujas profundidades existem os palacios encantados, de coral e de perolas, habitados pelas sereias e pelos genios aquaticos, filhos do beijo amoroso da corrente e do luar, cuja alma se exhala do seio do elemento nos aromas da flôr dos nenufares.

Á luz do dia o espectaculo materialisa-se mais, mas não é menos bello.

Tanto o Douro como o Tamega são muito navegados n'este sitio. A viagem para Entre-os-Rios póde mesmo ser feita facilmente pela via fluvial em um dos muitos barcos que fazem o commercio da navegação do Douro.»

É n'este sitio, assim descripto pelo primoroso estylista, que hoje se levanta a formosa ponte metallica, unindo as duas margens accidentadas do Douro.

Descendo o rio, o que é sobretudo agradavel no tempo das pescarias da lampreia e savel, duas freguezias ainda nos apresentam sobre a margem direita as suas povoações e quintas principaes. É a primeira *CANELLAS,* cuja aldeia e quinta da Uffa avistamos, em frente ás temiveis pedras de Linhares, e se diz ter sido de D. Uffa, esposa do rico-homem D. Arnaldo, de Bayão. Logo abaixo, quasi nos limites da freguezia e marginando egualmente o rio, fica a grande quinta de Santa Cruz, que foi solar dos Madureiras, e hoje pertence á sr.ª Cardoso, do Porto. Tem annexa a pequena quinta da Cortiça. Na parte central da freguezia é que assenta a egreja matriz, rodeada de um vasto adro, ao sul do qual se levanta a residencia do parocho. Esta rica e antiga freguezia de Canellas tinha as suas justiças especiaes no velho regimen. Além de um ouvidor feito a votos pelo povo e confirmado pelo senado do Porto, tinha a curiosa entidade chamada *Juiz da Raposa,* ou da *Montaria,* o qual por privilegio antiquissimo fazia os juizes das montarias e os coudeis de muitas freguezias circumvisinhas. Este juiz e os seus subordinados, com todos os seus monteiros, eram obrigados a fazer montarias em todos os sabbados da quaresma, devendo ir de cada casa um homem que fosse maior de dezoito annos.

Os que faltavam eram multados em certa porção de vinho, ou dinheiro para elle ser comprado; e se recusavam pagar a multa, cahiam-lhes em casa os juizes e os monteiros, que á força lh'a extorquiam, bebendo-se

logo ali o vinho d'essas condemnações. D'esta freguezia de Canellas desmembrou-se nos fins do seculo passado a actual de *SEBOLIDO,* cujos lugares da Abetureira e Rio Mau, principio e fim da freguezia, passamos descendo o rio. O nome de Abetureira parece vir da palavra *abeto,* significando, pois, o lugar um bosque d'estas arvores; o ribeiro que junto d'ahi vem desaguar ao Douro é o chamado *ribeiro de Couce,* em cuja margem ficam as famosas penhas das Abetureiras, collossaes massas de schisto, de um bello effeito de paysagem. Abaixo das fragas existe a quinta do *Preto,* que a lenda popular diz ter sido o que trouxe a agua para a quinta, sob a promessa de ser forro, promessa a que o seu dono faltou, suicidando-se por isso o preto, dentro de um tonel. Essa agua move uns cinco moinhos e alguns lagares de azeite.

Rio Mau tinha uma pequena e antiga capella dedicada a Santo Antonio, que um individuo Amorim, natural d'esta aldeia e enriquecido no Brazil reconstruiu em 1860 á sua custa, tornando-a uma ermida magnifica. Faz-se-lhe grande festa a 13 de junho, dia do padroeiro. Junto de Rio Mau vem desaguar no Douro o rio da Estivada, de que já fallámos; por cima dos moinhos, que esse rio faz mover, existem uns poços fundos, que o povo, com ou sem razão, chama dos *mouros,* mas a que não liga, que eu saiba, lenda de especie alguma.

*

* *

O concelho de Penafiel, que temos percorrido, é não só um dos mais bellos do districto, como, o que vale ainda mais, aquelle que a todos os outros leva vantagem no desenvolvimento material, industrial e intellectivo.

Representado na imprensa por quatro jornaes, que são, por sua ordem chronologica, o *Commercio de Penafiel,* o *Penafidelense,* a *União* e o *Jornal de Penafiel,* tendo uma bibliotheca de iniciativa municipal, estabelecimentos particulares de ensino secundario, habilmente dirigidos, como é, por exemplo, o Collegio de Nossa Senhora do Carmo, desenvolvendo a instrucção primaria nas freguezias ruraes, o concelho, póde dizer-se, comprehende que está nas vantagens da illustração a sua superioridade e trata por isso de a consolidar dia a dia. Eis a nota das suas escolas: — Abragão, Bustello, Capella, Canellas, Duas Egrejas, masculino e feminino; Eja e Entre-os-Rios, masculino e feminino; Font'Arcada, Gallegos, masculino e feminino; Guilhufe, Santa Martha, Oldrões, masculino e feminino; Paço de Souza, masculino e feminino, além do Instituto pio; Penafiel,

masculino e feminino; Perosello, Pinheiro, masculino e feminino; S. Martinho de Recesinhos, masculino e feminino; S. Mamede de Recesinhos, Rio de Moinhos, masculino e feminino; Sebolido, Villa Cova de Vez d'Aviz, feminino.

A criminalidade da comarca vem comprovar quanto a sua moral vae melhorando a par do desenvolvimento da instrucção. Em 1880, ultimas estatisticas, foram commettidos 29 crimes, sendo 3 contra a ordem, 15 contra pessoas e 11 contra a propriedade, sendo julgados 33 reus, 1 só dos quaes foi condemnado a pena maior, sendo 7 absolvidos e os outros condemnados a penas correccionaes. Eram 18 homens e 15 mulheres —bella proporção—e só 2 dos reus sabiam lêr!

Sendo Penafiel uma cidade industrial e de uma industria tradicional e caracteristica, como é a tamancaria e a sellaria, é de sentir que ella não possua ainda uma escola profissional, em que se utilise a habilidade manual dos artistas, cultivando-lhes a intelligencia dentro da esphera da sua arte, aperfeiçoando-os e fazendo-lhes conhecer o que sobretudo a industria ingleza tem produzido de superior n'esse ramo. Quer-nos bem parecer, que deviam prosperar n'este meio essas instituições, e d'ellas tiraria a localidade a vantagem de um mais largo desenvolvimento das suas industrias, podendo mesmo, quando attingissem um certo grau de aperfeiçoamento, fornecer todos os arreios necessarios á cavallaria do nosso exercito.

Egualmente uma escola pratica de agricultura em um centro onde a lavoura é, por assim dizer, a primeira industria, seria de utilissimas vantagens; mas n'isto, como em tudo, só a iniciativa particular póde substituir-se á acção governativa, e com prazer registramos o quanto no concelho ella se vae emancipando dos velhos e rotineiros processos. É d'isto uma prova a fabricação das manteigas, que se vae aperfeiçoando no concelho, graças á iniciativa dos srs. Ramiro do Souto, Ramiro Monteiro d'Aguiar, D. Mendo Vaz Guedes, Mendes Leal, e outros proprietarios que melhor comprehendem a sua missão. Um bem elaborado artigo do jornal *União* aconselhava ha pouco a federação dos caseiros e parece-nos que seria este o melhor meio de ir introduzindo nas praticas da cultura os aperfeiçoamentos modernos. As instituições de credito não faltam tambem no concelho e orientadas n'este sentido muito poderiam contribuir para a sua prosperidade; mencionamos como a primeira a *Caixa de Credito Penafidelense,* cujo movimento vae além de 300:000$000 réis.

A industria da engorda dos gados foi muito prospera em Penafiel, que era, por assim dizer, o grande centro d'esse ramo agricola; hoje está decadente, mas trata de reanimar-se, e é possivel que volte a adquirir no

concelho a nota intensiva que já teve. O seu valor pecuario consta do mappa seguinte:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	487	7:384$500
Muar	143	1:984$500
Asinino	157	538$000
Bovino	5:895	259:105$000
Lanar	5:203	2:024$500
Caprino	1:193	670$300
Suino	6:335	40:864$000
		312:570$800

Quanto á vinicultura póde dizer-se, que só os vinhos da corda marginal do Tamega são apreciaveis, sendo os outros, em geral, de qualidade mediocre, áparte o de um ou outro proprietario mais devotado a essa cultura. Em annos normaes o vinho das margens do Tamega custa 18$000 a 22$000 réis e o resto 15$000 a 20$000 réis. A grande sahida, que o vinho d'aqui teve ha dois annos para a França fez, todavia, com que os lavradores tratassem muito d'elle, tanto em relação á quantidade como á qualidade. Tem sido um labutar enorme. E como os negociantes da cidade possuem quintas pelo concelho e teem iniciativa e capitaes, muito melhoraram as suas plantações, servindo o exemplo de incentivo aos outros lavradores. A producção deve regular hoje por uns 50:000 hectolitros, visto que em 1866 era de 34:471^{h},9. O Relatorio do visconde de Villa Maior diz da vinicultura do concelho o seguinte:

«Todas as videiras são levantadas ou embarradas em arvores. As castas predominantes são as chamadas *tinta,* o *azal,* o *verdelho,* o *vinhão* e o *padeiro.* Não se prepara, em geral, senão uma qualidade de vinho, resultante da mistura de todas as castas. É sempre vinho verde, tinto, pouco carregado, mais ou menos aspero e de pouca duração; porém o que é produzido nas freguezias das margens do Tamega é já mais rico em côr, em força alcoolica, mais gostoso e macio, podendo contar-se entre os melhores vinhos verdes do Minho. As vindimas começam ordinariamente entre 22 e 30 de setembro. [1]

Ha colheteiros que, com o intuito de terem um vinho mais rascante, envasilham o vinho antes de terminada a fermentação. Isto não dá *ras-*

[1] Em 1644 prohibiu-se fazer as vindimas antes do S. Miguel.

cancia ao vinho, se por este termo devemos entender a sensação de aspereza que na garganta deixam os vinhos ricos em tannino e em tartaro. O que taes vinhos podem ter, continuando a fermentar na vasilha, é maior porção de acido carbonico em dissolução, sendo por isso mais picantes e acidulos.»

As freguezias que melhores vinhos produzem são as de Abragão, Luzim, Boelhe, Passinhos e Castellões.

É nos outros generos agricolas muito abundante o concelho, embora a rotina predomine ainda em quasi todos os processos da cultura. O milho é o cereal mais cultivado, e porque fallamos d'elle, a proposito vem dizer, que foi Penafiel um dos concelhos onde no seculo XVII, que Santa Rosa de Viterbo diz ter sido aquelle em que Paulo de Braga trouxe da India a semente, mais cedo principiou tal cultura e mais intensiva se tornou. Data de 1661 uma providencia que manda aos lavradores do concelho semear painço para haver palhas, visto haverem-se applicado de mais á cultura do *milho grosso*.

Os preços por que regulam no mercado de Penafiel os generos alimentares constam da seguinte tabella, organisada por occasião da ultima feira do S. Martinho:

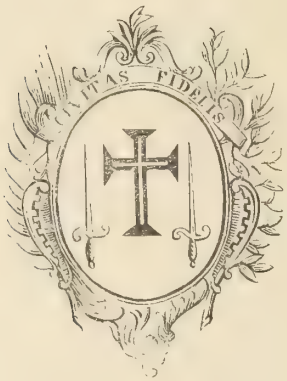
Milho branco (20 litros)	490
» amarello (20 litros)	470
» miudo » »	590
Feijão amarello » »	620
» branco » »	680
» fradinho » »	510
Centeio » »	480
Batatas (18 kilos)	320
Castanhas (18 kilos)	480
Painço » »	370
Nozes 10 kilos	1$300
Ovos (duzia)	100
Gallinha (termo medio)	320
Franga » »	280
Frango » »	160
Restea d'alhos	10
Uvas (kilo)	60
Cebola (restea)	130
Sardinha (o cento)	570
Coelhos (cabeça)	90

Industrialmente considerado, o concelho, ou melhor a cidade, tem as tradicionaes industrias da sellaria e tamancaria, e nas aldeias existe muito espalhada a da tecellagem do linho, como a dos cotins de algodão e de galões, verdadeiras industrias caseiras, hoje muito abatidas pela concorrencia da grande industria.

Ha ainda as fabricas de cortumes de Bernardino José de Mello & C.ª, de sabão de Manuel Vieira Covas, e as industrias de chapellaria.

Em 1647 parece que já existia a industria dos cortumes, pois em um regulamento da epocha se prohibe comprar couros com cabello para os tornar a vender; seria a fabrica no sitio ainda hoje denominado *presa dos pellames?*

Outras industrias se poderiam ainda estabelecer, aproveitando para tal fim as correntes do Souza, do Cavallum e do Tamega, que assim viriam transformar a riqueza economica do concelho, dando-lhe, com a nota encantadora do pittoresco, a nota utilitaria da prosperidade.



CONCELHO DE PENAFIEL

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Abragão, *S. Pedro*	593	668	1:261	278 *a*
Boelhe e Passinhos, *S. Gens — S. Miguel*	305	424	729	186 *b*
Bostello, *S. Miguel*	519	614	1:133	292 *c*
Cabeça Santa, *O Salvador*	328	438	766	230 *d*
Canellas, *S. Mamede*	333	443	776	200 *e*
Capella, *S. Thiago*	251	309	560	153 *f*
Croca, *S. Pedro*	272	289	561	150 *g*
Duas Egrejas, *Santo Adrião*	407	508	915	220 *h*
Eja e Entre-os-Rios, *Santa Maria — S. Miguel*	364	425	789	192 *i*
Figueiras, *Santa Marinha*	102	114	216	63 *j*
Fonte Arcada, *S. Thiago*	339	465	804	212 *k*
Gallegos e Boa Vista, *O Salvador — S. Pedro*	418	501	919	232 *l*
Guilhufe, *S. João*	340	428	768	191 *m*
Irivo e Coreixas, *S. Vicente — Santa Maria*	307	401	708	173 *n*
Lagares, *S. Martinho*	511	567	1:078	251 *o*
Luzim, *S. João Baptista*	251	338	589	157 *p*
Marecos, *Santo André*	265	314	579	144 *q*
Milhundos, *S. Martinho*	226	276	502	132 *r*
Novellas, *O Salvador*	200	222	422	96 *s*
Oldrões, *Santo Estevão*	210	260	470	131 *t*
Paço de Souza, *O Salvador*	615	918	1:533	407 *u*
Paredes, *S. Miguel*	118	128	246	72 *v*
Penafiel, *S. Martinho*	2:167	2:428	4:595	995 *x*
Perozello, *Santa Maria*	229	322	551	143 *y*
Pinheiro, *S. Vicente*	302	428	730	194 *z*
Portella, *S. Paio* [1]	327	392	719	182 *aa*
Rans, *S. Miguel*	210	255	465	102 *bb*
Recesinhos — Castellões, *O Salvador*	208	259	467	117 *cc*
Recesinhos, *S. Mamede*	276	344	620	178 *dd*
Recesinhos, *S. Martinho*	410	473	883	212 *ee*
Rio de Moinhos, *S. Martinho*	576	662	1:238	284 *ff*
Santa Martha, *Santa Martha*	134	211	345	90 *gg*
Sebolido, *S. Paulo*	360	409	769	169 *hh*
Urrô, *S. Miguel*	157	178	335	83 *ii*
Valpedre, *S. Thiago*	272	323	595	143 *jj*
Villa Cova de Vez de Aviz, *S. Romão*	193	276	469	127 *kk*
	13:095	16:010	29:105	7:181

a Comprehende esta freguezia os logares de Abragão, Egreja, Sardoal, Pombal, Remada, Quinta, Aldeia, Freixo e Atão, Ruival, Miragaia, Canal e Cabril, Villar, Barco, Agrella, Ribaçaes, Louredo, Outeiro de Louredo, S. Thomé e Ribeiro, Eira Velha, Quintã e Outeirinho, Vez d'Aviz, Samil.

b Comprehende esta freguezia os logares de Boëlhe, Passal, Christovão, Pereiras, Vinhaes e Rozem, Gondeiro, Reguenga, Marecos, Ribeira da Quinta, Cachada, Arnella, Abelheiras, Matta, Estremadouro, Mourilhe, Mó, Souto Velho, Bairros, Parafita, Carvalhinhas, Calvario, Samardam, Souto, Outeiro, Espincho.

c Comprehende esta freguezia os logares do Covento, Souto de Rei, Cabanellas de Cima, Cabanellas de Baixo, Bolêco, Alvarões, Gato, Casal de Vidro, Espindo, Torre, Arvore, Estrevia, Braziella, Bouça, Souza, Paço, Bostello, Ribeira, Mattos, Amollar, Estora, Padrão, Ribeiro, Levada, Costa, Alvassor, Picoto, Baceiras, Bispeira, Hortas, Outeiro, Granja, Eira, Gestal, Libão, Barrosa, Ferreiro, Agilde, Facho, Segade, Areal, Regente, Lameirinho, Quintã, Pedreira, Santo André, Valle.

d Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Gomarães, Perosinho, Pegas, Agrellos, Comunha, Camba, Gestal, Bocal, Fonte Carreira, Cima de Villa, Barreiros, Cruzeiro, Funtão de Cima, Funtão de Baixo, Propria, Meios, Gondam, Regadas: os casaes de Agrellos, Pegas, Gestal, Bocal, Fundão de Baixo, Propria, Meios, Gondam; as quintas de Casal, Agrellos, Cruzeiro, Aldeia, do Ayres, Capella d'Além, dos Ferreiras, do Lopes, da casa das pedras do Anal, e as herdades de Casal, Camba, Varzea, Regadas.

e Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Villar, Villarinho, S. Sebastião, Silvoza, Quintã, Ufe, Paços, Outeiro, Casal, Cavada, Bairro, Outeiro da Neta, Pinheiro, Ganja, Villela, e as quintas de Santa Cruz, solar dos Madureiras, com uma boa capella, Cortiça, Seixinho, Friunde.

f Comprehende esta freguezia os logares da Capella, S. Julião, Outeiro, Montezello, Oliveira e Telhado, Cerrado, Aydermo, Eira e Monte Grande, Villa Meam, Telheiro, Cabruello.

[1] Comprehende *Jugueiros*, logares que na parte espiritual pertencem á freguezia do *Torrão* (concelho de *Marco de Canavezes*), mas que civilmente se acham annexadas a esta freguezia.

g Comprehende esta freguezia os logares de Croca, Asnanha, Cerdeirinha Lapa, Velha, Covinha, Horta, Pedrantil, Ribeiro, Ribeira, Outeiro, Carvoeiros (ou Carvalhos), Paredes, Arenova, Coura, Pala.

h Comprehende esta freguezia os logares de Frio, Peralta, Outeiro, Castanheira de Cima, Castanheira de Baixo, Cruzeiro, Fonte, Quintella, Villa Verde, Preza, Granja, Fundo, Alem do Rio, Lodeiro, Pinheiro, Oliveiras, Casal, Cimo de Villa, Campos; a quinta da Villa, e seis herdades.

i Comprehende esta freguezia os logares de Fia, Granjas com uma quinta, Sobradello com um casal e duas quintas, Taipas com um casal e uma quinta, Aidos com uma quinta, Villa, Queimadella, Outeiro e Pesqueira, abrangendo estes quatro logares a quinta de Pesqueira; os casaes de Granjão e os que tem os nomes dos logares já mencionados e perto dos quaes ficam situados, e a quinta da Pesqueira já mencionada.

j Comprehende esta freguezia os logares de Figueiras, Cancello e Ponte, Egreja, Seixoso.

k Comprehende esta freguezia os logares de Fonte Arcada, Fun'de Villa, Codeçoso, Cova, Bouças, Praizal, Quintella, Anho Bom, Ordem, Marmoiral, Valles, Casal Mau, Barral, Casal, Campo Grande, Aldeia, Cimo de Villa, e os casaes de Trago, Outeiro, Arada.

l Comprehende esta freguezia os logares do Outeiro, Covilhã, Enxamêa, Carvalheiro, Cazaes, Ribeira, Fun'de Villa, Campo, Agulha, Arranhó, Figueira, Torre, Villar, Mezão Frio, Fafiães, Bairro, Monte, Casal Bom, Pereiras, Pena, e a quinta da Torre.

m Comprehende esta freguezia os logares de Guilhufe, Retorta, Povoa, Monchique, Senhora do Monte, Gandra, Carvalhal, Bairral, Miradouro, Tapado, Quintella, Moinhos das Pias, Silvarelhos, Serrado e Lédo, Ribeiro, Piéres, Campo, Além; os casaes de Supena, Ferrujal, Estrada, Alamella, Custeira, Avelléda, Cimo de Villa, Egreja, e as quintas de Campo Bom, Souto de Cima, Souto de Baixo, Legateira, Cepeda.

n Comprehende esta freguezia os logares de Guedeve, Irivo, Coreixas de Cima, Coreixas de Baixo, Avinho, Ermontados; os casaes de Braços, Ermida, Chãos, Ribeiro, Condecidos, e as quintas ou herdades de Galharda, Juncas, Ferreira, Lages.

o Comprehende esta freguezia os logares de Lagares, Egreja, Ribas, Ordins, Monte Santo, S. Julião, Souto, Quintandona, Padrão, Escariz, Castello, Devezas.

p Comprehende esta freguezia os logares do Outeiro, Mirabal, Sequeiros, Ribeiro de Cima, Ribeiro de Baixo, Travassos, Passos, Condessa, Lomar; os casaes de Sá, Gatão, Mouras, Rainha, e as herdades de Ribeira, Fervendas, Ribeiro dos Pedreiros, Casa Nova.

q Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Moinhos, Villar, Ermo, Argodidas, Moleiras de Cima, Moleiras de Baixo, Casal, Muro, Preza, Mouta, Villa Verde, Bouça, Villa Pouca, Piéres, Povoa, Mosqueiros, Monte do Moinho, Pombal, Marecos, Arreigada, Travasso, Guelho, Naija.

r Comprehende esta freguezia os logares de Milhundos, Lages, Moinhos, Abelleira d'Além, Abelleira d'Aquem, Pinheiro, Ranha, Quebrada, Quintella, Carreiro, Lainho, Aldeia de Cima, Aldeia de Baixo, Além do Rio, Costa, Cruz, Herdade, Ribeiro, Barroquinho, Feitosa, Compra, Chãos de Baixo, Chãos de Cima, Cerrado, Bouça Grande.

s Comprehende esta freguezia os logares de Novellas, Ranha, Covas, Mellote, Outeiro de Melhas, Campo, Jugueiro, Carrazedo, Monte, Chaves, Ponte, Serrado, Covilhó, Pinheiro, Arcozello d'Aquem, Arcozello d'Além; as quintas de Folha, Bujanda, Ranha, Covilhó, e as herdades do Bujanda e Monte.

t Comprehende esta freguezia os logares de Cabo, Queimadellas, Padim, Alfria, Outeiro, Carvalho de Cima, Carvalho de Baixo, Quebrada, Salgom, Real de Cima, Sardoal, Pedreira, Calçada, Medellos, Real d'Além, Reguengo, e diversos casaes.

u Comprehende esta freguezia os logares de Aldeia do Meio, Almuinhas, Alvite, Antelagar, Assento, Bairros, Barco, Barrocas, Beçadas, Berbedes, Cadeade, Casal do Oiro, Cavadas, Cavadinha, Costa d'Além, Couto, Covello, Covilhã, Cristello, Curros, Eirado, Ermegilde, Outeiro, Outeiro dos Moinhos, Pereiro, Ponte do Vau, Portella, Povoa, Quebrada, Ribeiro, Sades, Salgadinha, Santa Luzia, Santos Illos, S. Lourenço, Cimo de Villa, Souto, Sub-carreira, Val de Reto, Valles de Fonte Arcada, Vau, e as herdades de Agueira, Avelleiras, Azalfrias, Barreiro, Calvos, Cavada, Companhia, Franco, Junqueira, Lamas, Mella, Morojal, Mosteiro, Neto, Penedo, Prado, Residencia.

v Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Figueiredo, Cima de Villa, Lage, Hospital, Gandra, Fun'de Villa, Lordello, Crujeira, Amial, Lages, e as quintas de Muro, Outeiro.

x Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Casal, Reguengo, Barreiro, Aidinhos, Granja, Aldeia, Molarinhas, Varzeas, Tadada.

y Comprehende a actual freguezia, além da cidade, os logares de Chelo, Beco, Santa Luzia, Alamella, Senradellas, Casal Garcia, Aperrela, Avelleda, Louredo, Cova, Crasto, Cavalum, Vinha, Pussos, Seixal, Novelhe, Outeiro, Presa, Egreja (os ultimos cinco pertenciam á freguezia de Sub-Arrifana), e as herdades de Leiras, Deveza, Melroa, Fontão, Azevedo, Moinhos, Levada Velha, Serra (as ultimas quatro pertenciam á freguezia de Sub-Arrifana).

z Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Calvario, Villarinho, Deveza, Villar, Valguerra, Outeiro, Ribeiro, Além, Outrela, Souto Novo, Quintã.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Eiró, Torre, Outeiro de Vinho, Gesteira, Outeiro dos Velhos, Gilvaia, Villa, Outeiro, Deveza, Nugal, Maragoça, Quintãs, Villa Verde, Avelleda, Varzea, Monte do Frade Casal, Pinheiral, Pinheiro, Casal Mau, Villela, Novelhos, Penidello; os casaes de Lamego, Casal Mau, Villa Verde, Outeiro dos Velhos, e as quintas de Palmeira, Avelleda, Nugal, Outeiro dos Velhos.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Villa Duffe, Cela, Pereiro, Monte, Calvario, Costa, Cruz, Macieiró, Bairro, Casal, Cimo de Villa, Aldeia, Casal d'Avó (ou quinta do Bom Rei), Ribeiro, Corveira, Hospital, Estretto, Torre (que tem uma quinta tambem chamada da Torre), Verdeiros (ou Verdinhos), Carreira.

cc Comprehende esta freguezia os logares de Sobrado, Bouça, Lourido, Mosqueiros, Campo, Rans, Enxameia, Cruzeiro, S. Thomé, Cabo, Portella, Formigal (os quatro ultimos logares são da freguezia annexa).

dd Comprehende esta freguezia os logares de Leixosa, Braguezes, Egreja, Cova, Fonte, Boa Vista, Volta de Agua, Penoucos, Ribeiro, Fun'de Villa, Lama de Cheda, Agrella, Barreiro, Telhado; os casaes de Deveza, Cima de Villa, Eiró, Quintã, Candieiro, e as quintas ou herdades de Mains, Val Bom, Outeiro, Villa Nova, Sois, Nogueira, Santa Maria, Agua Levada.

ee Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Regados, Lordello, Casal, Mó, Cima de Villa, Seixo, Bafoubes, Aldeia Nova, Portella, Carvalhal, Gallego, Real, Venda do Campo, Linhares, Santa Eufemia; os casaes de Casal, Bafoubes, Santa Eufemia, e as quintas de Souto, Carvalhal, Linhares.

ff Comprehende esta freguezia os logares de Pedra, Ribeiro, Casal, Venda do Campo, Leirós, Rio Bom, Villar, Casaes, Eiras, Valle, Soutinho, Gatão; os casaes de Telheira, Coura, Sargaçal, Infesta, Torre, Meganho, Carvalho, Bello, Vinhaes, Eira, Fofo, Ribeira, Souto, Covinho, Lavandeira, Lamosa, Conchoso, e as quintas de Paço, Soutello, Monterroso.

gg Comprehende esta freguezia o logar de Rio de Moinhos, que se compõe dos seguintes logares menores: Souto, Lages, Oleiros de Cima, Oleiros de Baixo, Jugueiros, Grade, Lamellas, Novelhes, Ribeira, Barco do Souto, Quebrada, Quintã, Cruz, Codes, Redondo, Forno, Torre, Outeiro, Cans, Paço, Agrella, Quintella, Ribeiro, Figueiredo, e quatro quintas todas isoladas: duas em Covellas, uma na Conca e uma na Juncosa.

hh Comprehende esta freguezia os logares de Santa Martha, Palla, Portella, Bairral, Chãos, Crasto, Pedregal, Fonte, Estrada, Campo do Ouro.

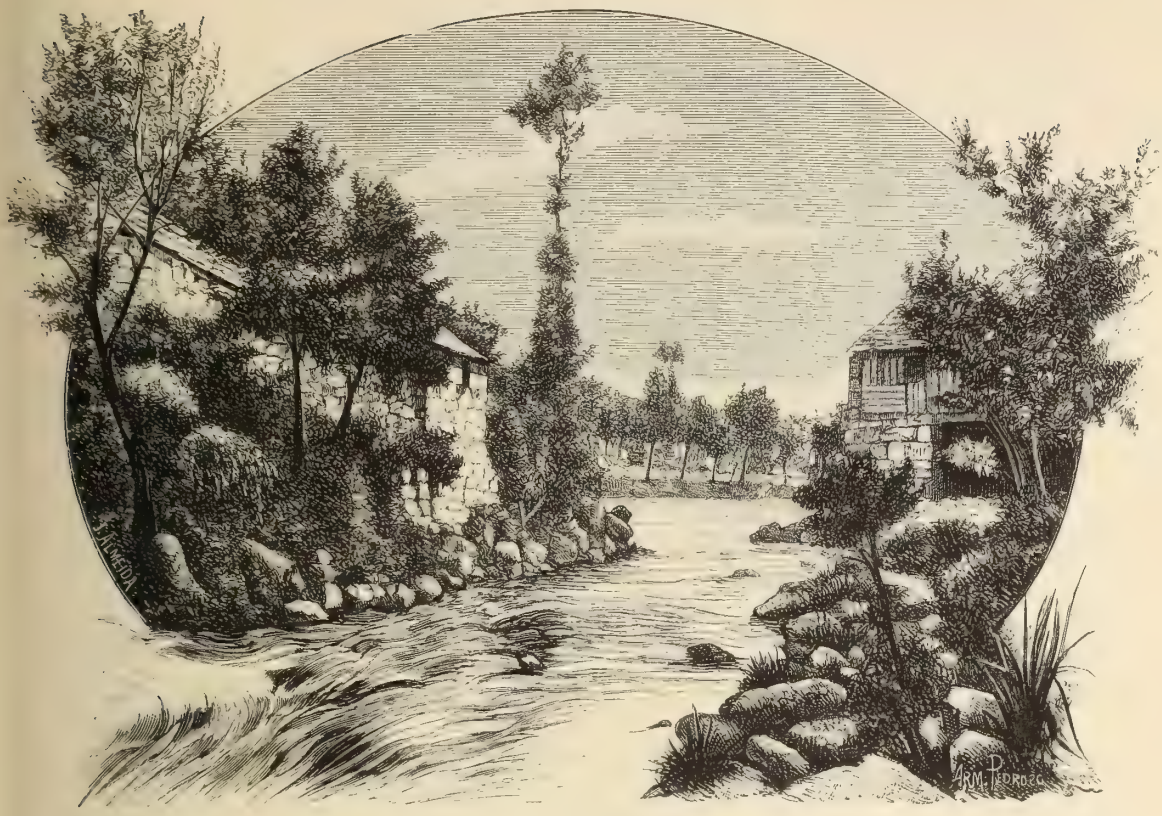
ii Comprehende esta freguezia os logares de Sebolido, Rimão, Villa Cova, Estivada; os casaes de Quebra Figo, e as quintas de Moura, Avitureira, Telheira.

jj Comprehende esta freguezia os logares de Urrô, Paços, Silvares, Sambade, Oleiros, Espeçandes, Torre, Paço; o casal de Villa Secca, a quinta de S. Miguel, e a herdade de Carreiro.

kk Comprehende esta freguezia os logares de Val Pedre, Mezão Frio, Valle, Xisto, Pousada, Barreiros, Villestoi, Luro, Maragoça, Villela, Lameira, Novelhos, Barrias, Ruiberto, Cavadas, Santa Maria, Urzal, Oldrons, Quintãs, Cimo de Villa, Devezas.

ll Comprehende esta freguezia os logares de Villa Cova de Vez de Aviz, Quintella, Çruzes, Senhora, Ribella, Roubins, Ventozella, Riba Boa, Pinheiro, Corcovido, Paço, Outeiral, Bairral, Aspero, Campo, Outeiro, e os casaes de Quintella, Ribella, Roubins, Ventozella, Riba Boa, Pinheiro, Corcovido, Paço, Bairral, Aspero, Campo, Outeiro.

PAREDES



Cette: Paysagem do Rio Souza — Desenho de João de Almeida

Creio que é por nenhuma outra terra a exceder em genealogia fidalga e em tradições de autonomia, que a de Paredes tomou pittorescamente o cognome de *reino,* onde, áparte politica, um homem de grande energia partidaria e amantissimo do progredir da sua terra natal, tem a realeza de facto. O que não é de estranhar n'este paiz, dentro de cuja constituição tão bem póde caber a original communa das serras do Suajo e Amarella, como o reino de Paredes, tendo por legitimo rei o sr. conselheiro José Guilherme Pacheco.

De resto o facto não demonstra senão uma qualidade excellente n'esse homem e n'este povo; o espirito de independencia local, essa formosa aspiração que existe na alma nacional, e que entre nós tem sobrevivido na instituição do municipio, apezar dos golpes vibrados por uma legislação romantica.

Se a ironia do titulo *Rei de Paredes* exprimisse, ao de leve que fosse, uma indelicadeza pessoal, recusaria a nossa dignidade de escriptor registrar a formula, que o *touriste* encontra ali. Mas não. A ironia vale n'este

caso uma affirmação de prestigio partidario, de sympathias que se congregam em volta de uma individualidade, como nos povos rudes e primitivos o *genius loci* era o ponto de convergencia cultuista, sempre que um grupo de familias se associava no mesmo territorio e principiava a canonisação moral dos homens, que mais tinham beneficiado a communidade. Os nossos *pelourinhos* ou *picotas* foram depois como que o symbolo d'esse culto, e ainda hoje as aldeias e *honras* extinctas mostram com orgulho esses monumentos da sua liberdade.

Paredes mostra ufanamente o seu conselheiro, perdão—o seu rei—e este, o velho *genius loci,* trabalha por seu lado para engrandecer a sua terra, e tem-o conseguido incontestavelmente, aproveitando da politica constitucional tudo o que ella póde dar em beneficio do fomento de uma localidade. Ingrato seria o reino, se não reconhecesse, como legitimo, um chefe tão energico, e propugnador sincero de todos os seus melhoramentos. Paredes deve-lhe, por assim dizer, o que é; e quasi lhe deve tambem o esquecimento do que foi. É bem precisa aqui a lanterna do philosopho, não para procurar o homem, que está em plena evidencia, mas para encontrar um resto archeologico dos velhos tempos de Paredes, como lugar central do extincto couto de *CASTELLÕES DE CEPEDA,* que era, e é ainda, o nome da freguezia, tendo annexa, para todos os effeitos, a da *MAGDALENA,* não obstante a parte haver a tal ponto absorvido o todo, que hoje ninguem conhece outra Paredes que não seja a villa moderna, tendo como *castellão* authentico o sr. José Guilherme.

É muito antigo o concelho de Paredes, ou para melhor nos exprimirmos, é antiga, no territorio que elle hoje comprehende, a organisação civil e autonoma. Paredes, villa actual por carta regia de 7 de fevereiro de 1844, era já em meiados do seculo XVIII a principal aldeia do couto de Castellões de Cepeda, e foi por essa preeminencia, que em 1780 para aqui se mudou a séde d'esse couto de Castellões, influindo n'isto a auctoridade prestigiosa do corregedor do Porto, D. Francisco de Almada, a quem Paredes deve a sua casa da camara e cadeia, a mesma que se vê na nossa gravura de pag. 573. Era, pois, desde esta epocha, villa de facto, embora o não fosse de direito, e já então, e desde muito até, considerada como o centro d'esta zona fertilissima e pittoresca. Em 1821 veiu annexar-se ao couto e concelho de Castellões, com a séde em Paredes, como deixamos dito, a maior parte do antiquissimo concelho de Aguiar do Souza, mas d'elle se desmembrou em 1828. Foi em 1834 só, que se formou verdadeiramente o concelho denominado de Paredes, quasi como hoje está, á custa do couto de Castellões, da *honra* de Baltar e de parte do vastissimo concelho de Aguiar do Souza, indo a outra parte d'este formar na *honra* d

Louredo um novo concelho assim chamado, concelho que teve poucos annos de duração, desfazendo-se em 1844, quando de vez se constituiu o actual concelho de Paredes e esta povoação foi elevada á cathegoria de villa. Continuou a villa, porém, a ser julgado e só pela nova divisão judicial é que ahi foi creada uma comarca em 16 de junho de 1875, graças á influencia do seu patrono.

As suas antigas justiças resumiam-se a um ouvidor, nomeado pela camara do Porto, com tres escrivães e um meirinho, o qual conhecia das execuções; e mais a um juiz dos orphãos, com seu escrivão tambem nomeado pela mesma camara, para conhecer dos inventarios de menores, partilhas, etc. Em tudo o resto pertencia ás justiças do Porto. O concelho de Paredes tem, pois, a antiguidade do de Aguiar do Souza, que vae além dos tempos rudes do principio da monarchia, mas que foi perdendo pouco a pouco a sua influencia historica, e tem além d'isso encorporada em si a nobreza de Castellões, e a das honras de Louredo e Baltar.

Mas hoje, como dissemos, é bem difficil, ao attentar no aspecto da povoação, reconhecer os pergaminhos brazonados com que ella enflora a sua arvore de costado. Disseramos até, se não fosse o testemunho da historia, que a villa de Paredes havia nascido hontem, ao passar da primeira locomotiva por este risonho valle do Souza, e quando no ministerio se conservava homogeneo o partido de Fontes Pereira de Mello. As ruas são estradas de *macadam,* alegres, espaçosas, ainda sem a casaria unida, mas ornamentadas de arvoredo. Chamam-se, porém, a *Rua do Fontes,* a *Rua do Sampaio,* a *Rua da Regeneração.* Ha uma praça—*á tout seigneur, tout honneur*—que é a principal, e se chama de *José Guilherme;* praça bem alinhada, onde se levanta um formoso edificio escolar construido por donativos em 1868.

Os paços do concelho e a capella que lhe está annexa são, como já referi, obra do corregedor do Porto, D. Francisco de Almada; ahi estão todas as repartições publicas, tendo muito proximo, em casa que deita para a estrada real, o correio e telegrapho.

Adiante, seguindo pela rua do Fontes, está a egreja matriz, tendo de um lado a residencia parochial, do outro a casa que foi dos Coelhos da Silva, chamados vulgarmente os *Fidalgos da Egreja,* a que pertenceu a familia do fallecido escriptor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Essa casa é hoje propriedade do sr. conselheiro José Guilherme Pacheco.

Não ha mais que vêr na villa propriamente dita, a não ser que o *touriste* seja um tão apaixonado *clubman,* que pretenda ir jogar uma partida de bilhar ou lêr os jornaes no *Club Paredense,* commodamente installado a uma esquina da praça José Guilherme.

Mas quem vae a Paredes é para vêr as suas estradas, é para estar positivamente na aldeia; tem como passeio obrigado a Estação do caminho de ferro, é verdade, mas para lá chegar, posto que a estrada se chame rua do Sampaio, é sempre uma estrada real que tem a percorrer, e está por isso nas circumstancias indicadas de não vêr senão estradas e aldeias. Esta, do nome de Sampaio, é um trecho da estrada real n.º 33 do Porto a Traz-os-Montes, e que vale a pena percorrer aproveitando vêr o que proximo d'ella, ou mesmo n'ella, offerece alguma curiosidade. Em pouco mais de um kilometro se encontram cinco pontes, qual d'ellas mais agradavel nas suas linhas de paysagem. A estrada velha do Porto, que passava ao meio da villa, em frente da casa do foral, tem duas á sua conta: uma sobre o ribeiro de Asnes, outra a antiquissima ponte de *Cepeda,* sobre o Souza, que é talvez a mais deliciosa como quadro de uma suavidade idyllica. Foi em Cepeda que em 1809 os francezes encravaram a sua artilheria e largaram fogo á polvora que traziam. A estrada real corta o Souza logo adiante da Estação do caminho de ferro, sendo esse encantador lugar da ponte, o que tem a preferencia do cidadão paredense, quando vae dar á tarde o seu passeio; e finalmente a via ferrea corta ainda o mesmo Souza e o rio d'Asnes, lançando por sobre elles duas elegantes pontes metallicas. E pouco mais ha que fazer em Paredes, a não ser que, para obedecer á tradição, se vá beber á *Fonte sagrada* um copo da sua famosa agua, ou que sendo o *touriste* de sua natureza melancholico queira visitar o cemiterio novo, benzido em 1875.

*

* *

É uma verdadeira rede de estradas este concelho de Paredes, umas construidas, outras em construcção, projectadas umas, estudadas outras, municipaes, reaes e districtaes, cortando-se mutuamente, além da via ferrea do Douro, que o atravessa em grande extensão e n'elle tem as estações de Recarei, Cette e Paredes.

Sigamos por agora a estrada districtal n.º 11-A, que vae de Paredes a Louzada.

Deixando Paredes, fica-nos á esquerda a freguezia de *Magdalena,* sua annexa, e dois kilometros adiante paramos proximo ao lugar de Chãos de *BITARÃES* ou *Beiterães,* como se dizia antigamente, conservando melhor a etymologia arabe da palavra, que vem do verbo *baitara,* ferrar, pelo que se vê ter sido aqui um lugar de ferradores.

A egreja matriz vê-se representada na nossa gravura de pag. 577,

tendo ao lado esquerdo o cemiterio novo e ao lado direito a residencia parochial enfestoada em vinhas e trepadeiras.

Do adro, largo e espaçoso, que substituiu o adro velho, descobre-se para nascente a cidade de Penafiel, estendendo-se pittorescamente sobre o dorso da montanha. Ao entrar a porta da egreja uma sepultura rasa nos chama a attenção, não porque encerre valor artistico, mas pela tradição que na localidade se lhe attribue. Diz a lenda, que é a sepultura do primeiro abbade de Bitarães, homem perverso e amigo de calcar o povo, pelo que, ao morrer, deixou expressa a vontade de ser enterrado n'este sitio, para que o povo por sua vez não passasse sem o calcar a elle. Parece inverosimil, se não a originalidade, pelo menos a chronologia do facto, por que sendo Bitarães uma parochia muito antiga, não é provavel que essa sepultura seja a do seu primeiro abbade.

Junto do muro do adro velho vêem-se tambem dois tumulos, cuja procedencia se ignora. O que, porém, ha de notavel para vêr em Bitarães é o interior da sua egreja, ou melhor os quadros que ahi se encontram, devidos ao pincel de Antonio do Penedo, artista notavel que viveu em Penafiel. São quatro as pinturas mais notaveis, largas télas em que se representa o juizo final, tendo por titulos a Morte, o Juizo, o Inferno e o Paraizo, e em que mais se revela o talento do artista. No tecto do corpo da egreja, apainelado, observa-se em cada enquadramento o retrato de um santo, ou apostolo, e nos artesoados da capella-mór representam-se as scenas da paixão do Christo.

Deixando a egreja de Bitarães descobre-se logo adiante o entroncamento das estradas em *Sequeiros,* lugar de Lodares do visinho concelho de Louzada e terra privilegiada, que no grande valle de Souza melhor produz o saboroso melão ou a assucarada melancia.

Quando o melão de Sequeiros, côr de ouro pimenta, apparece no mercado de Penafiel, ou de Paredes, o que é raro, os gulosos batem as palmas de contentes, e até os olhos lhes sorriem, sentindo já o antegoso da fructa delicada que vão saborear.

Imagine o leitor o que será, quando qualquer d'esses *gourmands* se encontra mesmo em Sequeiros, na casa dos Padres, por exemplo, que são os mais distinctos cultivadores d'essa fructa!

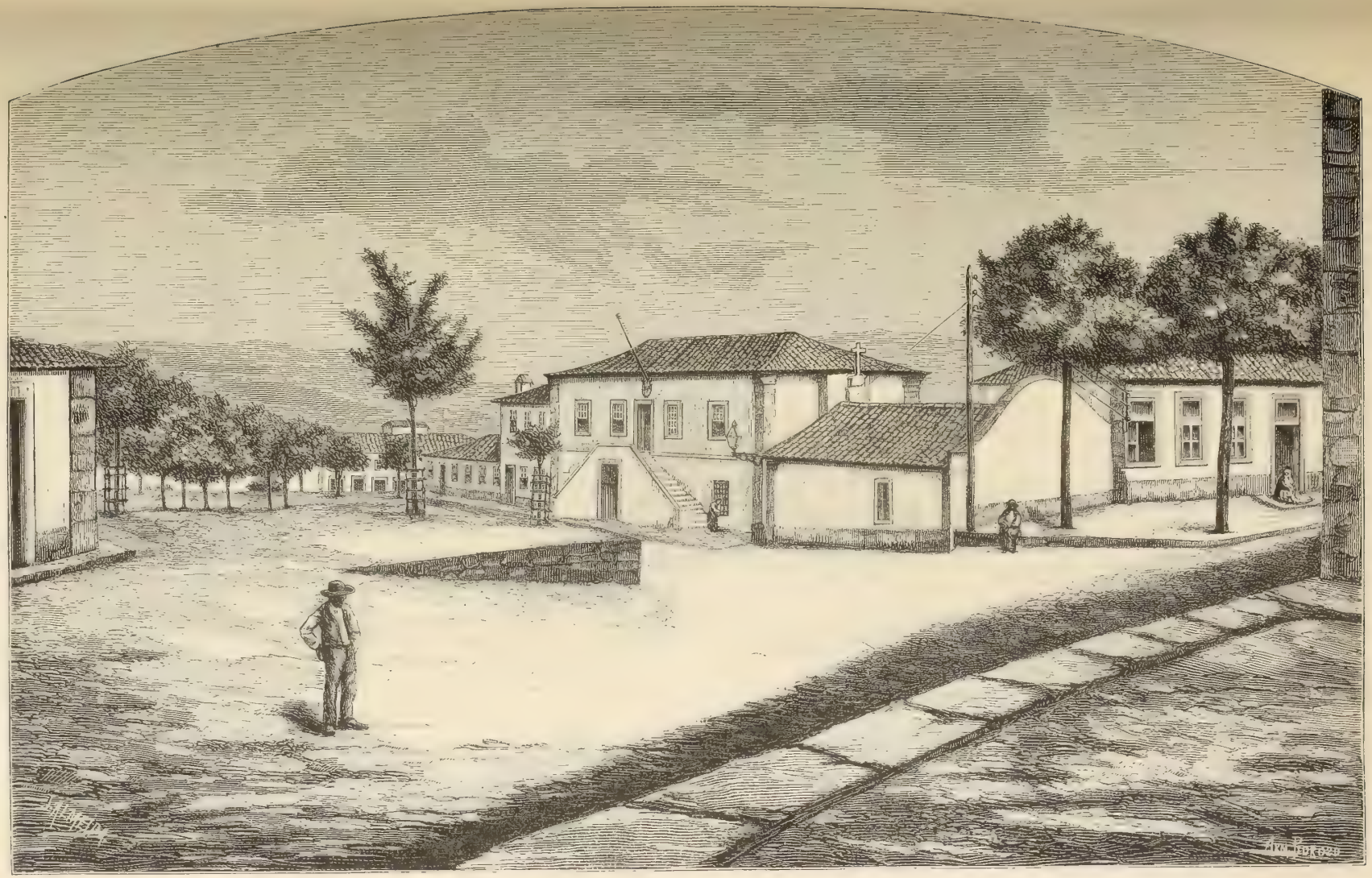
No sitio dos Chãos de Bitarães faz-se a 18 de setembro a grande romaria da Senhora dos Chãos, notavel pela bordoada que figura quasi sempre no programma, e no dia 8 de cada mez realisa-se uma importante feira. Está estudada por esse lugar a estrada districtal n.º 11-D, em direcção ao Visalto, e por essa directriz phantasiamos agora o proseguir da excursão. A estrada passa em Talhô, lugar de *BEIRE,* terra que foi solar

dos Pamplonas, da Navarra, familia em que existe tambem o titulo de Viscondes de Beire, tirado do nome da freguezia. É de solo fertilissimo e de posição encantadora, gosando-se dos seus outeiros um largo horisonte para os lados de Penafiel e Bustello.

Pertenceu, como a sua visinha *GONDALÃES,* á *honra* e extincto concelho de *LOUREDO, honra* por D. Affonso IV concedida a D. Leonor Furtado, em 1340, mas concelho creado apenas em 1834 para se extinguir annos depois. Nos seus primitivos tempos foi *behetria.*

Depois de Louredo encontra a projectada estrada a freguezia de *SOBROSA,* antiga povoação a que D. Sancho I deu foral em 1196, o qual D. Affonso III ampliou e reformou a 5 de julho de 1273. Deu-lhe D. Manuel foral novo, datado de Evora a 15 de outubro de 1519, servindo este foral para a Carvalhosa, Figueiró, Freamunde, Gondezende, Ires, Meixomil, Sanfins de Ferreira, Sanjoanneiras e Souzella. Nos foraes dá-se-lhe o nome de *Soverosa.* N'esta freguezia existe a industria de marcenaria. sendo os productos muito bem acabados e por preços relativamente modicos. O principal deposito é o do sr. Julio Barbosa da Fonseca.

A estrada districtal n.º 11-D ha de no Visalto entroncar com a estrada districtal n.º 10, ramal de Paços de Ferreira a Cette. Mas como por em quanto não passam de estudos uma e outra, tomemos ahi a estrada municipal que nos conduz a Paredes, e que é tambem a que mais nos approxima de *DUAS EGREJAS,* antiga freguezia de Santa Maria da Expectação, abbadia, embora com reserva do convento da serra do Pilar, da apresentação do convento de *VILLELA,* em cujo lugar da Pinta essa estrada municipal vem parar. O padre Carvalho diz d'esta freguezia, que foi «Mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, fundado por Dom Payo Guterres, que com seu pay Dom Goterre veyo da Gascunha em companhia do Conde D. Henrique, que lhe deu muitas terras n'esta Provincia, aonde foram troncos da illustre familia dos Cunhas. Nam lhe sabemos o anno da sua fundaçam, mas já estava feito no de 1118 e havia n'elle Raçoeiros com Prior chamado Affonso Paes. Muitas pessoas nobres lhe fiseram depois grandes doações; passou a Commendatarios, que lhe alhearão muito e foy o ultimo que teve Antonio Brandão, irmão de Ioão Brandão do Porto, fidalgo honrado, de que vem os senhores da Casa de Coreyxas. Fez no Mosteiro obras de custo, e muytas se testificão com suas Armas que n'ellas se vêem; faleceo no anno de 1590, em que se unio á Congregação dos Conegos de Santa Cruz de Coimbra e no anno de 1595 entrou n'elle por primeiro Prior triennal o Padre Dom Gaspar dos Reys. No anno de 1612 se uniu *in perpetuum* ao convento da Serra do Porto. De presente (1706) tem dous Religiosos, servindo hum de Presidente e



VISTA GERAL DE PAREDES—*Desenho do natural por João de Almeida*

outro de Procurador; conservam huma reliquia do Proto-Martyr Santo Estevão em huma mão de prata com muita romagem em seu dia. Teve Couto, que já nam tem; rende com passaes, annexos e sabidos, dous mil cruzados para o Mosteiro da Serra do Porto, cujo Prior põe Cura secular, que terá de renda trinta e cinco mil reis; tem cento e quarenta e cinco visinhos.»

Assim descripta pelo padre Carvalho a Villela sua contemporanea, escusado é dizer ao leitor, que outra é a freguezia do nosso tempo, onde mal subsistem já, a não ser no velho mosteiro de cruzios, hoje matriz parochial, as tradições d'esse passado. Deixamol-a, pois, entregue á sua labutação agricola, para virmos encontrar *CHRISTELLO,* nome que recorda uma origem guerreira, pois a palavra vem de *crasto,* ou *castro,* acampamento, accrescendo o saber-se que a sua egreja matriz foi edificada no monte do *crasto.* Esta pequena parochia tem estado ora independente, ora annexa para os effeitos civis á freguezia de *BESTEIROS,* sua visinha, em cujo lugar de Insuela tomamos a estrada municipal, que mais nos approxima de *VILLA COVA DE CARROS,* parochia muito antiga, de que se falla em todos os foraes dados a Aguiar do Souza. Pertenceu á *behetria* de Louredo. É modestissima a velha matriz da freguezia, justificando pela sua situação em um pequeno valle humido e sem horisontes o nome de *cova,* que a parochia tem. N'esta egreja houve uma confraria antiquissima, sob o patrocinio de *Nossa Senhora da Batalha,* mas que decahiu ou se dissolveu ahi por 1850, ficando apenas como recordação uma pequena romaria, que ainda hoje se effectua. A estrada municipal que vinha da Insuela de Besteiros leva-nos até ao lugar de Perrace da freguezia de *MOURIZ,* terra que foi solar de Estevam Dias de Mouriz, progenitor dos Avellares.

Conduzir-nos-hia aqui tambem, se porventura estivesse construido já, o ramo da estrada districtal n.º 10 vindo de Paços de Ferreira por Christello a *CETTE,* antiga freguezia de que tira o nome a Estação do caminho de ferro do Douro assim designada. Existe em Cette um dos mais antigos mosteiros de Portugal, attribuindo-se a uns arabes conversos a sua fundação primitiva; e, porque fosse destruido depois nas luctas dos christãos com os mouros, o reedificou de novo D. Gonçalo Vasques, tronco dos Freitas, *que viveu em tempo del Rey Dom Affonso o Sexto, sogro do Conde Dom Henrique.* Era n'esse tempo de benedictinos e pelos nossos primeiros reis lhe foram concedidos muitos e grandes privilegios, entre elles o de ser couto. D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, doou ao convento, segundo diz Carvalho, *huma grande reliquia do Santo Lenho, a que concorriam em Sexta feira de Endoenças e em tres de Mayo mais de vinte mil al-*

mas. O couto teve juiz ordinario, do civel e dos orphãos, procurador, dois quadrilheiros, dois jurados e um porteiro, tudo nomeado a votos pelo povo e confirmados pelo D. Abbade. No reinado de D. Manuel principiou-se o processo para o foral de Cette, mas não chegou a concluir-se. Em 1521 foi o convento dado aos religiosos eremitas de Santo Agostinho, que o uniram depois ao Collegio da Graça de Coimbra, pelo que o reitor d'este collegio ficou sendo o donatario do couto, assim como *ipso facto* veiu a ser o padroeiro de muitas egrejas que ao convento estavam annexas. A egreja do mosteiro é hoje ainda a matriz parochial da freguezia.

A linha ferrea vae de Cette a Recarei quasi parallelamente ao rio Souza, atravessando uma paysagem encantadora, da qual é um delicioso trecho o apresentado pela nossa gravura de pag. 567.

Um pouco antes de chegar á estação de Recarei a linha corta o ramo da estrada districtal n.º 11-B, que segue pela freguezia da *SOBREIRA*, até encontrar o rio, que ahi transpõe em uma elegante ponte, dirigindo-se depois a Fonte Arcada do concelho de Penafiel.

Segundo é tradição e varios historiadores confirmam, Sobreira foi o ponto escolhido para acampamento nas guerras contra os arabes, em fins do seculo x, por um filho de D. Moninho Viegas, chamado Egas Moniz, avô do famoso aio de D. Affonso Henriques. Eram francezes os seus soldados e ainda hoje se dá em memoria do facto o nome de *quinta dos francos* á bella propriedade que ahi possuem os srs. Pintos Bastos, do Porto, propriedade que pertenceu antes ao mosteiro de Paço de Souza, ao qual fôra doada por esse D. Egas. A mesma tradição explica o nome do importante lugar da *Gasconha* d'esta freguezia, por ter sido ahi que assentaram arraiaes os gascões, soldados de D. Moninho. Hoje *Gasconha* é apenas celebre pelos seus afamados melões e saborosas melancias, que se cultivam aqui em grande escala. É, pois, como se vê, antiquissima a freguezia da Sobreira, apezar de vestir galas modernas a sua matriz parochial; mas é preciso que o leitor saiba, que o templo é uma substituição do antigo, feita a expensas da philantropia particular, avultando entre as esmolas a verba de quatro contos legada por Serafim da Costa Moreira, um dos chamados *brazileiros*, nascido em boa terra portugueza, como é esta da Sobreira.

O lugar e ermida de Santa Comba, nas vertentes asperas do monte de Couce, pertence a esta parochia. Aqui passa a ribeira de Couce, cujo leito angustiado vem descendo pelos alcantis da montanha até encontrar o Souza. Não deve confundir-se com o que, nascendo na vertente opposta, vae desaguar no Douro. Da paysagem d'estes sitios, agreste e despida de vegetação, dá uma idéa exacta a nossa gravura de pag. 581.

A freguezia de *RECAREI,* de que a Estação da via ferrea tira impropriamente o nome, visto ser ainda em terrenos da Sobreira que ella está, é uma desmembração d'esta freguezia, datando de 1856, pois até ahi foi sempre uma vigararia annexa á anterior. A sua modesta egreja parochial foi reparada em 1876-77, concorrendo o governo com 500$000 réis para esta reparação de campanario. A politica tem d'estas utilidades... ás vezes. De Recarei era natural um dos liberaes suppliciados na Praça

Egreja de Bitarães – Desenho do natural por João de Almeida

Nova do Porto, em maio de 1829, o dr. Manuel Luiz Nogueira, juiz de fóra em Aveiro.

Junto da estação passa a estrada districtal n.º 10, que vem de Paços de Ferreira e que, seguindo pela povoação de *Recarei,* vae logo adiante, mui proximo do rio e da ponte, entrar em *AGUIAR DO SOUZA,* servindo o seu lugar de Alvre, assim como tambem ha de servir o de *Senande,* que é, por assim dizer, o centro vital da freguezia. Aguiar do Souza tem a sua egreja parochial na raiz da serra da Cadella, em sitio solitario e rodeado de montanhas, mal deixando comprehender como antigamente houve aqui um nucleo importante de civilisação. Foi villa e julgado até 1650, extinguindo-se então este, mas persistindo n'ella os fóros de séde de concelho até 1820, em que a Constituição os aboliu. É povoação tão antiga, que em 1269 já obteve foral de D. Affonso III, renovado em 1411 por D. João I, não a esquecendo tambem D. Manuel que lhe deu foral novo em 1513. O concelho de Aguiar do Souza, que, segundo vimos já,

foi gradualmente absorvido por Paredes, que era uma pequena parte sua, foi outr'ora muitissimo mais vasto do que é hoje o de Paredes, seu representante. Basta dizer-se que principiava na ponte de Cepeda e se estendia até abranger o actual concelho de Paços de Ferreira, alem de varias honras e coutos que lhe eram tributarios, vindo a fechar por S. Martinho do Campo, hoje do concelho de Vallongo, seguindo pouco mais ou menos o curso do rio Ferreira até á foz do Souza, onde antigamente existiu o castello de Aguiar do Souza, que alguns querem fosse o lugar do foral, com o que não concordamos, visto já não existir o castello, quando Aguiar ainda possuia toda a sua importancia. Aguiar do Souza pertenceu á corôa, depois de haver sido dos marquezes de Fontes e da casa de Abrantes.

Voltando das asperas e melancholicas serranias de Aguiar á povoação de Recarei, junto da Estação, tomamos a estrada districtal n.º 10, que nos leva através de *PARADA THODEA,* graciosamente situada nas abas da serra da Queimada, ou do Raio, até ao lugar da Feira de *BALTAR,* onde se encontra a estrada real n.º 33, que vem do Porto a Traz-os-Montes.

A freguezia de Baltar, mais conhecida hoje pelas suas importantes feiras do que pelo seu passado historico, foi cabeça da *honra* de Baltar, e teve como tal justiças proprias, constando de juiz ordinario, dois vereadores, um meirinho, um jurado e um quadrilheiro. Grandes foram os privilegios que lhe concederam os monarchas, datando os mais antigos do tempo de D. Duarte, e de seu filho D. Affonso V. D. Manuel deu-lhe foral em 11 de junho de 1515, e D. João V confirmou-lhe os privilegios em 6 de março de 1723. Era esta *honra* da casa de Bragança, por troca feita entre D. Nuno Alvares Pereira e João Rodrigues Pereira, a quem D. João I dera Baltar, em 1386, como em outro lugar dissemos já, mas que preferiu trocal-a por Cabeceiras de Basto, que era então do condestavel. Os moradores de Baltar pagavam á casa de Bragança, que até 1834 ahi teve casa em Tagilde, umas 2:600 medidas de milho e centeio, 150 almudes de vinho, muitas gallinhas, linho, etc.

O monte de Baltar, de sobre o qual a vista se espraia alegremente por sobre todo o valle do Souza, e d'onde se descortina a facha cerula do mar, nas tardes banhadas de luz serena e pura, extrema a freguezia com a de *VANDOMA,* apresentando na sua crista vestigios de um arruinado *castro* ou grande acampamento, cuja origem se presume ser coeva dos fins do seculo x, quando D. Moninho Viegas e seu irmão o bispo Nonega d'aqui fizeram a guerra contra os arabes. Era, por assim dizer, um largo posto de vigia, que devassava o castello arabe de Villa Cova (Penafiel), e dizem mesmo os eruditos que o nome de Vandoma vem á freguezia da

invocação da Virgem de Vendome, em França, com a qual esse bispo tinha particular devoção.

Ha quem pense, porém, que esta não é a origem de Baltar e de Vandoma, julgando encontrar n'esses vestigios de fortificação os restos de uma cidade gallo-celta, de cuja lingua provém etymologicamente ambos os nomes. E. Hübner presume que n'este monte passava a via militar, que vinha de Cale e ia a Canavezes, e cita para isso uma inscripção apresentada por Fr. José de S. Lourenço, na qual, segundo diz, apparecem dois nomes gallegos e se faz menção da palavra *nabiæ*. Sobre esta palavra disserta, dizendo que ha inscripções com o nome de Nabius, *rio,* Navia, *deusa,* e Flavionavia, *cidade* nas Asturias. Não significará a palavra a *Cana via?* Não me consta de explorações, que se hajam feito no sitio, de modo a esclarecer taes problemas; mas o que é certo, e se refere no *Catalogo dos Bispos do Porto,* é que D. Nonego (talvez, segundo alguns escriptores, auxiliado por seus irmãos D. Moninho e o bispo Sisnando), aqui fundou um mosteiro, que por ser dedicado á Senhora de Vendome se chamou *Mosteiro de Vandoma,* nome que foi por muito tempo o da freguezia. Dizem uns que foi de benedictinos o mosteiro e passou depois á ordem de S. Bernardo, julgam outros que foi de conegos regrantes, e ainda terceiros opinam que era de frades premonstatenses, francezes. Em 1570 passou a ser abbadia secular, annexa ao collegio de S. Lourenço, da Companhia de Jesus, do Porto, e por extincção da Ordem á Universidade de Coimbra, que o vendeu mais tarde aos frades gracianos do Porto, vulgarmente grillos, cujo convento foi onde é hoje na cidade invicta o seminario diocesano.

Se de Vandoma seguirmos para as freguezias visinhas atravessando os caminhos ruraes, visto que só em projecto ou em construcção estão n'esta zona as estradas, é *REBORDOSA* a primeira freguezia que encontramos, estendendo a fertilidade dos seus campos por entre as montanhas accidentadas que parecem nascer do monte de Baltar. Rebordosa é uma das mais povoadas, senão a primeira freguezia do concelho, e extrema pelo norte com *LORDELLO,* uma tambem das que maior numero de fogos apresenta. No seculo XIII, no lugar ainda hoje chamado do Mosteiro, houve um convento de cruzios, que o bispo do Porto, D. João de Azevedo, annexou em 1475 á mesa pontifical da Sé do Porto. Ignora-se quem fosse o fundador. A archeologia interessante de Lordello reduz-se presentemente a pouco; indicaram-nos umas ruinas no lugar da Torre, ruinas a que chamam Arco de Lordello, e que talvez fossem um monumento analogo ao de Irivo, ou a casa solar de alguma familia illustre, mas que hoje servem tão sómente para ninhos de corujas, onde os rapazes dos conce-

lhos de Paredes e Paços de Ferreira se não esquecem, uma vez por outra, de fazer caçadas alegres.

Proseguindo na estrada do Porto, como se não houveramos feito este desvio para o norte, breve se nos depara, depois dos ultimos casaes de Vandoma, a freguezia de *ASTROMIL,* situada em um valle encantador e fertilissimo, cortado por numerosos arroyos affluentes do Ferreira. Proximo entramos na freguezia da *GANDRA,* cujo lugar mais celebre é o de Ponte Ferreira, onde no sitio da *Granja* se bateram rudemente as tropas realistas e liberaes nos dias 22 e 23 de julho de 1832. Pinho Leal, presente ás duas acções, conta o seguinte engraçado episodio que aconteceu na noite de 23:

«Fomos acampar para Baltar, diz elle, a pouca distancia do sitio onde se haviam ferido os combates. Pela meia noite, pouco mais ou menos, cahiu o *sarilho* das espingardas de um regimento de melicias, com um fracasso que pareceu grande por ser inesperado e estar a tropa adormecida. Os melicianos, julgando ser uma descarga cerrada, fogem a toda a força das suas pernas, deixando o maior numero as suas armas. O grito de—*Elles ahi vem*—é o grito do panico em todo o acampamento. Na tropa de linha não poucos imitam os melicianos, fugindo, outros querem que se lance fogo á casa onde está a polvora, cada um aventa a sua idéa, uma balburdia medonha, onde a custo se consegue restabelecer a ordem.»

Por fim vem-se no conhecimento da causa; sabe-se que fôra um rebate falso, e que o *sarilho* era o culpado de toda a confusão! Pois apezar d'isso as tropas formam e retiram para Penafiel. Que valentões!

Como um simples *sarilho* ensarilhou a causa de D. Miguel. Vejam se das pequenas causas não sahem muitas vezes os grandes effeitos.

*

* *

O concelho de Paredes é essencialmente agricola e só desenvolvendo-se n'este sentido é que poderá conservar o predominio, que um pouco phantasiosamente lhe creou o valimento do seu mais benemerito cidadão. Ou seja esmerando-se em produzir bom e muito, ou seja buscando nas industrias subsidiarias da engorda do gado e da fabricação das manteigas, para que está naturalmente fadado, os seus elementos de prosperidade e riqueza, em qualquer caso só pela agricultura viverá e tal deve ser a orientação de todos os que prezam a fertilidade d'este solo encantador.

Completa a sua rede de estradas, e servido pela via ferrea como está, o concelho não deve descurar a sua instrucção popular, e sobretudo a sua

ARREDORES DE AGUIAR DO SOUZA

instrucção pratica, e assim conseguirá, desenvolvendo ou creando novas industrias subsidiarias da grande industria agricola, utilisar os instrumentos de fomento que possue, como poucas terras no paiz.

É certo que elle não descuida a sua instrucção e d'isso dão prova as escolas que adiante registramos, além de outras que lá existem, mas de que não podémos obter a nota; todavia é preciso que este e os concelhos que estão nas mesmas condições não vejam toda a sua futura riqueza apenas no derramamento da instrucção primaria, mas sim na multiplicação das escolas agricolas ou industriaes, na creação de pequenas industrias, no desenvolvimento do credito, no esforço associativo, etc. É isto que na lucta social torna prospera uma determinada zona, e faz duradoura a sua felicidade.

Pelo relatorio da sub-commissão de inquerito em 1881, vê-se como estão aqui atrazadas as industrias, pois apenas lá se mencionam as seguintes:

Moagens: 45 moinhos de agua com 135 mós.

Padaria: 2 fornos.—Construcções (carpinteiros, pedreiros e estucadores), 136 operarios.—Serração de pinho: 3 braçaes e 3 serras hydraulicas.—Ferraria, 24 operarios.—Pyrotechnia, 1.

Manufacturas de linho: 18 engenhos, 3 teares em officinas e 12 teares domesticos.—Vestuario: 48 artistas alfaiates e sapateiros.—Tinturarias, 1.—Obras de verga e palha, 12 cesteiros.

O concelho de Paredes tem na imprensa a represental-o *O Paredense.* As suas escolas primarias existem nas seguintes freguezias:—Aguiar de Souza, Baltar, masculino e feminino; Castellões (Paredes), masculino e feminino; Cette, Gandra, Gondalães, Lordello, Louredo, Mouriz, masculino e feminino; Parada, Recarei, masculino e feminino; Rebordosa, Sobreira, Sobrosa, masculino e feminino; Villa Cova, Villela.

A sua estatistica criminal é computada nos seguintes dados, que se referem, como os seus congeneres das outras comarcas, a 1880:

Foram 14 os crimes, sendo 4 contra a ordem, 5 contra pessoas e 5 contra a propriedade. Foram 18 os reus, sendo 7 absolvidos, 1 condemnado a penas maiores e 10 a correccionaes. Eram 13 homens e 5 mulheres, sendo de fóra da comarca 7 reus. Só 1 dos 18 sabia lêr.

A viticultura do concelho póde hoje considerar-se modificada um pouco para melhor, tanto na quantidade dos vinhos, como no processo do fabrico e suas qualidades, do que no tempo em que o visconde de Villa Maior escreveu o relatorio, onde em todo o caso elogiava já os vinhos tintos feitos da uva *azal* e da *padeira.* A pipa de 645 litros regula por 18$000 réis do vinho melhor.

O valor dos gados é computado no seguinte mappa:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	354	6:341$500
Muar	292	4:344$500
Asinino	225	818$300
Bovino	3:863	174:942$100
Lanar	7:174	1:423$900
Caprino	620	499$300
Suino	4:265	34:522$000
		222:891$600

Os generos alimentares regulam, nos dois mercados de Paredes a 1 e a 18, na feira de Baltar a 16, e na dos Chãos a 8, pelos preços de Penafiel. No verão não esqueça o leitor o melão e a melancia de Gasconha, as duas fructas que no concelho teem fama de saborosissimas. Pena é, meu caro, que o desenho junto, representando a mais honesta gloria de Paredes, não possa reproduzir o aroma delicado da boa melancia e do assucarado melão de Gasconha.

CONCELHO DE PAREDES

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Aguiar de Sousa, *S. Romão*	503	530	1:033	233 *a*
Astromil, *Santa Marinha*	85	133	218	46 *b*
Baltar, *S. Miguel*	687	868	1:555	419 *c*
Beire, *S. Miguel*	295	415	710	195 *d*
Besteiros, *S. Cosme*	170	239	409	118 *e*
Bitarães, *S. Thome*	280	340	620	164 *f*
Castellões de Cepeda, *O Salvador* [1]	470	544	1:014	281 *g*
Cête, *S. Pedro*	270	368	638	160 *h*
Christellos, *S. Miguel* [2]	105	162	267	70
Duas Egrejas, *Santa Maria*	175	206	471	132 *i*
Gandra, *S. Miguel*	459	553	1:012	307 *j*
Gondallães, *S. Pedro*	144	205	349	98 *k*
Lordello, *O Salvador*	598	811	1:409	367 *l*
Louredo, *S. Christovão*	216	264	486	129 *m*
Magdalena, *Santa Maria Magdalena* [3]	138	147	285	68
Mouriz, *S. Romão*	513	683	1:196	326 *n*
Parada Thodéa, *S. Martinho*	212	252	464	139 *o*
Rebordosa, *S. Miguel*	753	871	1:624	491 *p*
Recarei, *Nosso Senhor do Bom Despacho*	419	516	935	241 *q*
Sobreira, *S. Pedro*	402	474	876	224 *r*
Sobrosa, *Santa Eulalia*	356	507	863	277 *s*
Vandoma, *Santa Eulalia*	235	309	544	139 *t*
Villa Cova de Carros, *S. João Evangelista*	137	144	281	78 *u*
Villela, *Santo Estevão*	352	495	847	256 *v*
	7:974	10:126	18:100	4:868

a Comprehende esta freguezia os logares de Senande, Aguiar, Alvre, Sernada, Brandião, e uma herdade chamada a Deveza.

b Comprehende esta freguezia os logares de Astromil, Caixeiro, Costa, Egreja.

c Comprehende esta freguezia tres grandes povos, compostos dos logares seguintes: Povo da Ribeira de Baixo, com os logares de Egreja, Mamoa, Ramos, Casal d'Egas, Tainde, Gandarinho, Ribeiro, Villa Nova, Lapa, Ancede.—Povo de Tagilde, com os logares de Tagilde, Covello, Capella, Sargedo, Frido d'Agua, Padrão, Valle, Feira. —Povo da Ribeira de Cima, com os logares de Gralheira, Sargeal, Carvalho, Capella das Almas, Além do Rio, Figueira de Porto, Areal, Quinta, Ponte.

d Comprehende esta freguezia os logares de Beire, Bairros, Barrocas, Beça, Boa Vista, Bodo, Brea, Cabo Villa, Casal, Eiró, Ermo, Fonte Cova, Lameiras, Logar, Macieira, Mirandella, Moinhos, Monte, Oleiros, Outeiro, Outeiros, Paço, Paço da Torre, Pereiro, Pinheiro, Predo, Quebrada, Quebradinha, Rans, Rebordãos, Ribeiro, Roriz, Serrado, Silveiras, Sebroso, Souto, Talhô, Testamento, Tojal, Torre de Madureira, Val, Vallinho, Venda N., Egreja; os casaes de Bairros, Beça, Cabo Villa, Casal, Ermo, Landeira, Logar, Moinhos, Oleiros, Outeiros de Cima, Outeiros de Baixo, Paço, Pereiro, Pinheiro (dois casaes), Torre de Madureira (dois casaes), Valle, Vallinho, e as quintas ou herdades de Paço da Torre, Rebordãos, Fonte Cova.

e Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Quintã, Serzedo, Chello, Boa Vista, Povoada, Fonte, Monte, Insuella, Paço e Aido, Outeirinho, Cancellos, Moinho, Cavados, Crasto, Pedra, Ribeira, Rio, Outeiro, Villa, Figueira, Paços, Deveza, Vidigueira, Monte e Florido (aos tres ultimos podem chamar-se quintas).

f Comprehende esta freguezia os logares de Bitarães, Residencia, Adro, Febros, Mangoal, Cavada, Boa Vista, Formariz, Villa Queixe, Pereiró, Deveza, Chãos, Cacavellos, Bispo, Carvalhosa; os casaes de Bessas, Carragoso, Além, Ribeira, Trigosas, Coura, Brailhe, Penedos, Torrinha, Puveira, Mó, Linheira, Figueira, Outeiro do Moinho, Agrello, e as quintas ou herdades de Marnel, Coura, Mulra, Cabo Villa, Bairros, Campo.

g Comprehende esta freguezia, além da villa de Paredes, os logares de Souto, Povoa, Paço, Baixinho, Cavádas, Pias, Abbadim, Cerca, Marecos, Sedouros, Moinho, Monte da Povoa, S. José; os casaes de Coutinhas, Oural, e as quintas ou herdades de Cancellas, Souto Meão, Aido.

h Comprehende esta freguezia os povos de Barreiros com os logares de Gandarellas, Rodo, Cardal, Varzea, Penedo, Monte do Vau; Além com os logares de Além, Monte, Outeiro, Gaia, Coelho, Figueira, casaes de Pinheiro, e as quintas ou herdades de Encontradas, Christello, Bouça, Villar, Valverde, Verdeal, Lages, Guarda, Covilhã, Nogueira.

i Comprehende esta freguezia os logares de Duas Egrejas, Residencia e Passal, Deveza, Real, Capellão, Agrovilla, Ladario, Lagartos, Serominhão, Quintans, Chancella, Agro do Boi, Rabaçal, Soutinho, Cabo Villa, Lama, Bairro, Portella, Valle, Agrella, Villa, Palhaes, Costeira, Casal, Reborido, Sobreira.

j Comprehende esta freguezia os logares da Egreja e Guardão.

k Comprehende esta freguezia os logares de Gondelães, Egreja, Boavista, Bairro, Bougada, Outeirinho, Frouffe, Ilha Vedra, Carreira, Talhó, Boca, Deveza, Arcella, Villa, Trigueira, Aguada, Febros, Pedreira, Souto, Quintã; a quinta de Bernaldo, e as herdades de Villar e Outeirinho.

l Comprehende esta freguezia os logares de Lordello, Egreja, Santa Martha, Guardão, Ribeira, Cerqueda, Moinhos, Torre, Ferrugenta, Campa, Soutello, Outeiro, Agrello, Villa, Carregaes, Bouçô, Parteira, Penhas Altas.

[1] *Castellões de Cepeda* é a cabeça do concelho de *Paredes*.
[2] Annexada civilmente á freguezia de *Besteiros*.
[3] Annexada civil e ecclesiasticamente á freguezia de *Castellões de Cepeda*.

m Comprehende esta freguezia os logares de Louredo, Bousinde, Carreiras Verdes, Além do Rio, Outeiro, Venda, Cruz, Sobradello, Serra, Estrada, Quintas, Vacho, Venda Nova, Sobrado, Outeirinho, Miragaia; as quintas de Ribella de Cima, Ribella de Baixo, Herdade, Casal, Sobradello de Cima, Egreja, De Cima, De Baixo, Tonta, Miragaia, e as herdades de Fojos, Cruz, Casas Novas, Nobrege.

n Comprehende esta freguezia os logares de S. Romão de Moniz, Peneirada, Cavadas, Bouça, Louiosa, Souto, Campo, Porta, Bairro, Moinho, Costa, Covo, Mogueira, Salgueiros, Calvario, Outeiro, Barreiras, Lama, Casal Frade, Quebrada, Soutello, Cruz, Egreja, Louredo, Cazinha, Estrada, Venda Nova, Castello, Capella das Almas, Fôjo, Carregal, Alqueidão, Vidigueira, Lamas, Monte, Cal, Lage, Santa Anna, Carreira, Carriço, Fundões, Outeiro d'Além, Perrace.

o Comprehende esta freguezia os logares de Parada de Cima e Parada de Baixo, os quaes constam dos logares e casaes de Marco, Carvalhal, Chãos, Ribeiro, Paços, Nogueiras, Carreira, Folgosa, Quintas, Bouças, Redondo, Escadas, Costa, Fundo, Outeiro, Cruz das Almas, e as quintas ou herdades de S. Martinho, Loge, Quintões, Friões, Roçada, Casa Nova.

p Comprehende esta freguezia os logares de Rebordosa e Reiros.

q Comprehende esta freguezia os logares de Recarei, Alegrete, Bustello, Orengas, Terronhas.

r Comprehende esta freguezia os logares de Sobreira, Crastomil, Quinta, Vilar, Santa Comba, Gasconha, o qual se compõe de outros logares mais pequenos, que são Outeiro, Casal de Mido, Carreirinhas, Portella e Eirado.

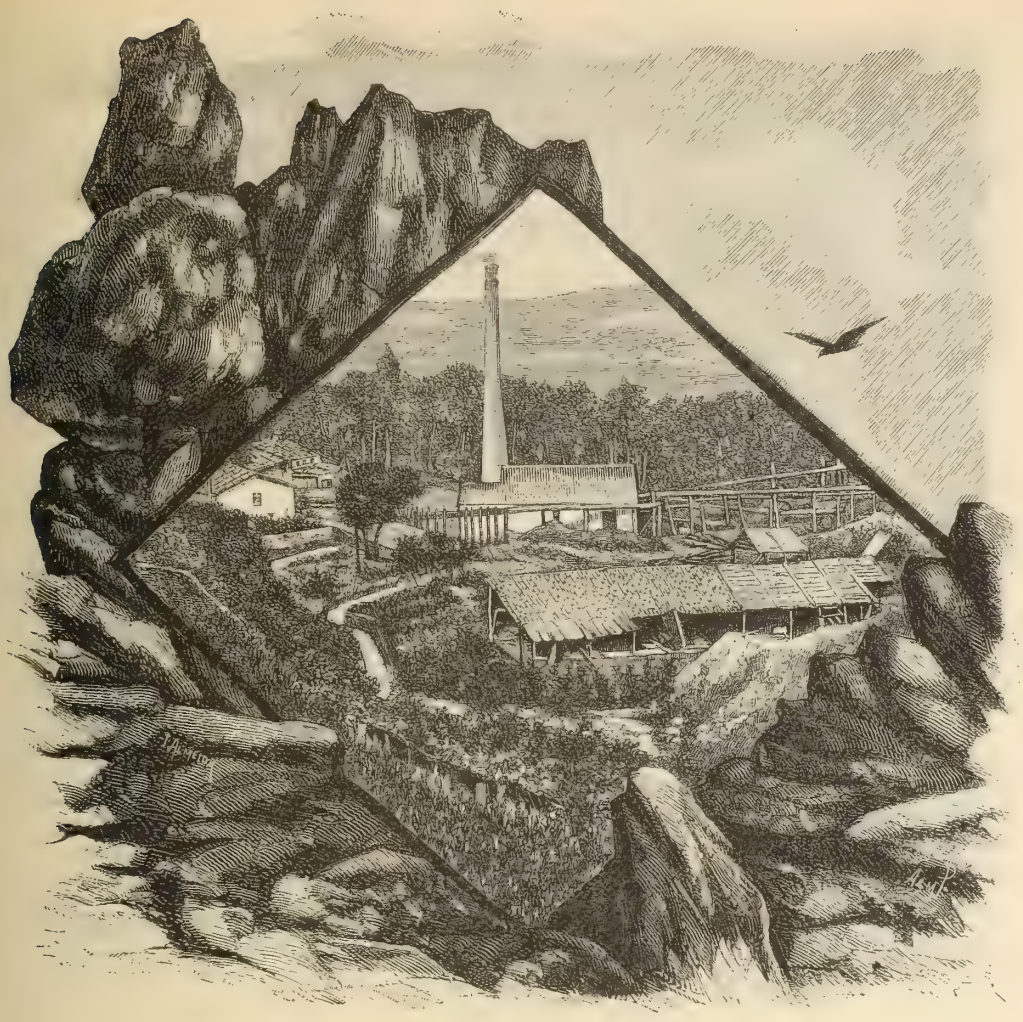
s Comprehende esta freguezia os logares de Sobrosa, Egreja, Aldeia, Salvadores, Villar, Pedregal, Lomba, Souto Longo, Vinhal, Outeiro, Lages, Bellomonte, Estrada, Boca, Campas, Agro Verde, Bairro, Batel, Padrão, Juntios, Baga he, Torre, Rio, Tourilhe, Espeçande, Prado, Guinelo, Abelheira, Cavada, Sardaça, Villa Nova Quintã, Traz das Eiras, Janardo, Monte, Ousarem, Real; as quintas de Egreja, Aldeia, Juntios, Torre de Cima, Torre de Baixo, Villa Nova de Cima, Villa Nova de Baixo, Portella, Muro, Bôdo, Ferreiros, Grifão, Real de Cima, Real de Baixo, e as herdades de Prado, Bruz, Braziella.

t Comprehende esta freguezia dois povos ou grandes logares compostos de outros menores: — Povo do Couto com os logares de Passaes, Coval, Moinhos Reiros, Freire, Aldeia, Campo, Godão. — Povo de Vendas com os logares de Lagar, Boa Vista, Monte, Ergudo, Varzea, Chã, Santo, Troína, Cabo, Fonte Secca, e as quintas ou herdades de Cavadas, Trovoares, Gondomar, Jardim.

u Comprehende esta freguezia os logares de Villa Cova de Carros, Crujeira, Egreja, Cruz, Cima de Villa, Villa Meã, Outeiro, Ribeiro, Fonte, Olho de Mouro, Fermentãos, Cavadinha, e os casaes de Cavada, Cima de Villa, Granjas, Gandra, Quinta.

v Comprehende esta freguezia os logares do Mosteiro, Villela de Baixo, Villela de Cima, Estrada, Cerrado, Maia, Lamella, Aldarem, Covello, Giesta, Marnel, Costa, Villar, Muro, Arnellas, Crasto, Sarilhos, Salvador, Capellão, Agrovilla, Conselheiro, Guilhade, Sá, Outeiro de Cima, Cantinho, Codeçal, Cunha, Pinta, Presa, Costa, Figueira, Pena, Moinhos, Amaral, Penedo, Cornidos, Portas, Lage, Fonte, Aldeia, Souto, Outeiro do Baixo, Noval, Fontinhas, Ribeiro, Varziellas, Ferreiros, e as quintas do Mosteiro e da Maia.

VALLONGO



Fabrica de ardosias - Desenho de João de Almeida

Biscoito e ardosias.

O leve, o aromatico, o dourado biscoito sahido da fina flôr do trigo, e a negra, a escura, a rija lousa recortada nas entranhas asperas da terra.

Sahe d'esse mixto o caracter da povoação, bondosa e alegre como o pão de boa farinha, energica e laboriosa como a ardosia negra, gottejando a humidade das minas.

Uma qualidade de biscoito ha tambem, o *azedo,* que só em Vallongo se conhece; mas não tirem d'ahi para a boa indole d'esta gente. Se alguma vez o é, se por acaso se queima, como a *tosta,* a mais esturrada das suas variedades de panificação, a culpa é de quem pergunta ás suas gentis padeiras pela figura lendaria do padre Verissimo, ou a algum vallonguense menos delicado, se *foi elle ou ella* que nasceu. Vallongo póde sof-

frer todas as injurias, todos os apódos; mas lá essas duas perguntas, ainda no tom mais serio, isso é que não soffre.

Se o *touriste* fôr curioso, verá o que lhe succede; quando não apanhe em resposta um *biscoito* rijo, de estalo, apanha pelo menos a mais formidavel descompostura, que em sua vida tem levado. E todavia nem o padre Verissimo por ser, ao que diz a lenda lubrica, um povoador emerito, deixa em mau credito os brios de Vallongo, nem o saber se foi *elle* ou *ella* que nasceu, é de si um facto que deslustre esta boa terra portugueza. Data do nascimento do principe D. Carlos este segundo apódo aos de Vallongo; no governo civil do Porto estavam, segundo a praxe, promptos os officios para participar aos municipios o nascimento feliz do herdeiro ou herdeira do throno. Por um *qui pro quo* qualquer, veiu para Vallongo, ainda antes do nascimento, o officio que annunciava a estes povos ter S. M. a Rainha presenteado o reino com uma princeza herdeira.

Vallongo, ardendo em jubilos, fez logo as suas demonstrações officiaes de regosijo;—a luminaria, a musica, o foguete, o repique de sinos.

Ora dias depois de Vallongo haver assim dado largas ao seu amor dynastico, nasceu o principe D. Carlos e o governo civil officiou conspicuamente ao municipio que era nado em boa hora o principe herdeiro d'estes reinos.

Vallongo enfiou com a fausta nova.

Ora esta!

Alvitres mais ou menos assisados surgiram do craneo da vereação reunida; os pelouros chocaram-se entre si, votando uns por novas luminarias, sendo outros por uma abstenção completa.

Um aventou seguro do seu effeito:

—Mas partamos de um principio, que é coisa que ainda não fizemos.

—Sim, parta-se de um principio... concordaram unanimes.

—É elle ou ella, afinal de contas? É o primeiro ou é o segundo officio o que nos diz a verdade?

—Sim, é elle ou ella?—interrogaram-se em côro os senadores.

E como não podessem, á respeitavel distancia que vae de Vallongo á côrte, tirar-se de duvidas sobre o sexo do augusto herdeiro, uma deputação foi gravemente ao Porto saber de origem official, se era elle ou ella que havia nascido para felicidade d'estes reinos. Mas... não perguntem lá por isto.

Vallongo, *valle longo,* estende-se alegremente pelas faldas da serra d'este nome, onde a estrada real desce, como que a formar a direita e a esquerda da pittoresca villa. Cortando a planicie, um pequeno lanço de estrada, a derivar da primeira, liga o povoado com a 4.ª estação do ca-

VISTA GERAL DE VAILONGO

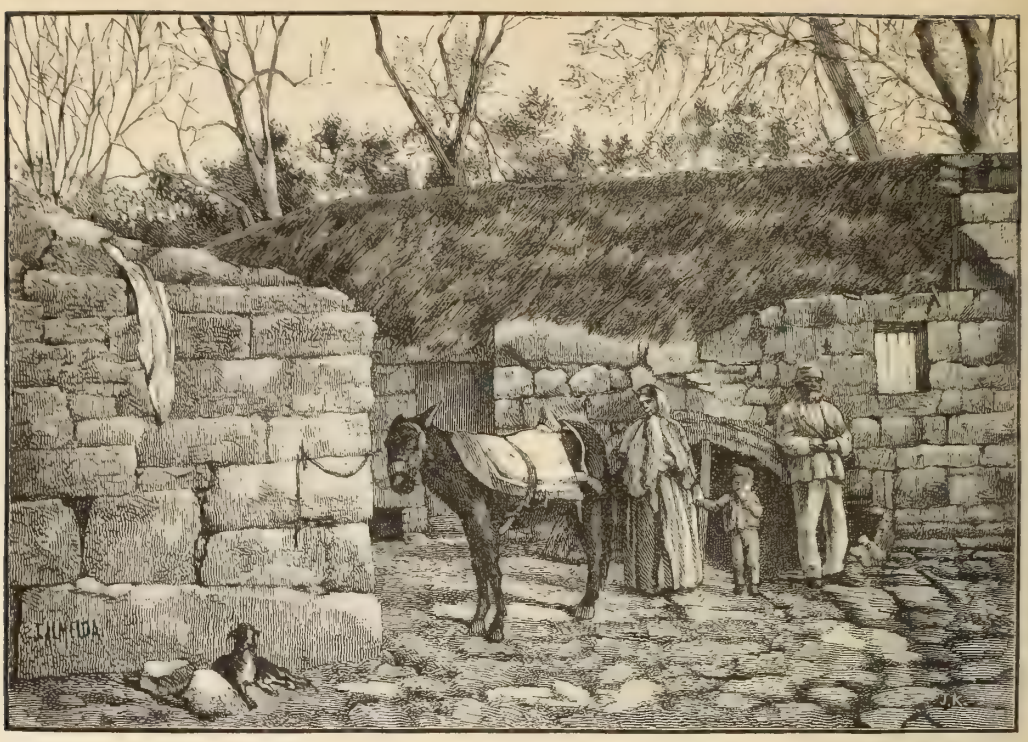
minho de ferro do Douro, onde o *touriste* encontra sempre, em qualquer comboyo que passe, a vendedeira da rosca ou do biscoito, tentando-lhe o appetite. *Honni soit qui mal y pense*...

Vallongo da Estrada chamava antigamente ao lugar o foral da Maia, que a comprehendia, differençando-a por tal nome do lugar de *Vallongo Suzão,* que ainda hoje fórma parte da villa. Como freguezia é, pois, muito antiga, e por ella passava a via militar romana que vinha de Calle por Crestuma, seguindo de Vallongo, segundo pensa E. Hübner, pelo monte de Vandoma para Penafiel e Canavezes. No seculo passado e ainda no principio d'este seculo pertenceu Vallongo ao concelho de Aguiar de Souza, comarca de Penafiel. Tem a cathegoria de villa desde 1834, podendo dizer-se que data da construcção da estrada real o seu maior desenvolvimento, em nossos dias accrescentado pelo impulso que lhe está dando a via ferrea do Douro.

Da povoação antiga pouco mais ha que um arruamento estreito, conservando-se d'esse tempo, proximo da matriz actual, a velha capella dos Passos, hoje renovada, que se diz ter sido a primitiva egreja do lugar. A matriz moderna, que domina quasi toda a villa, como na gravura de pag. 589 póde vêr-se, é um templo magestoso e sumptuosamente decorado, que a piedade dos vallonguenses levantou ao seu orago. A confraria de Jesus, e varios benemeritos, entre os quaes se devem contar Manuel Alves de Oliveira Queiroz, já fallecido, Antonio Alves de Oliveira Zina, e os membros mais considerados da familia Saldanha, o commendador José Saldanha e os srs. Manuel e João Alves Saldanha, são os que, auxiliados por outros devotos de menos vulto, mais tem contribuido para o esplendor d'esta egreja, que foi ha pouco completamente restaurada, sendo hoje uma das mais vastas e das mais sumptuosas de toda a provincia. Talvez os artistas encarregados dos ornatos e das pinturas decorativas devessem ter-lhe conservado um cunho menos risonho e garrido do que realmente tem; porém apezar d'esses e outros senões que lhe notámos, o plano geral da reconstrucção é incontestavelmente bom e a execução muito perfeita. O pavimento da capella-mór é de marmore, e o dos altares revestido a mosaico. A festividade commemorativa da restauração do templo effectuou-se em 25 de março de 1886. A egreja possue tambem um excellente orgão que custou perto de 2:000$000 réis.

Dominando a matriz vê-se ainda na gravura o recorte dos taboleiros da serra, em cujo alto se divisa a ermida da Senhora das Chans, muito festejada em agosto. Diz a tradição popular com as memorias do tempo, que a sua origem é a seguinte:

Em 1625 regressou ao reino um navio portuguez, e tão grande foi o



Em casa do moleiro — Desenho de João de Almeida, segundo uma photografia

temporal que apanhou, que esteve a ponto de submergir-se. Recorreram os navegantes ao favor da Virgem, para que os livrasse de perigo tão imminente, promettendo um d'elles, Thomé Antonio, natural de Campanhã, construir-lhe uma ermida, se chegasse a salvamento. Thomé cumpriu o seu voto, escolhendo este planalto da serra de Vallongo, e para memoria do facto lá está na ermida um navio com a competente inscripção, que o Thomé mandou fazer.

N'esta serra encontra o *touriste* numerosos vestigios de trabalhos de lavra de minas de ouro e prata, feitos pelos romanos e pelos arabes, parecendo ser coevo d'esse periodo um grande poço, que existe no alto da serra, e cuja agua no verão serve para regar differentes propriedades. Depois da ermida das Chans, ou talvez ainda mais concorrida que ella na serra de Vallongo é a formosa capella de Santa Justa, á qual todos os annos se faz explendida festividade, aproveitando os romeiros a conducção da via ferrea, quasi sempre, na vespera e no dia, obrigada aos preços reduzidos.

Deixando para as notas finaes d'este capitulo a referencia á exploração das ardosias, que é hoje a grande industria de Vallongo, mais nada temos que dizer da singela villa duriense.

Teve um barão e um visconde, é verdade, vejam que esquecimento

o meu, mas como não ha hoje aldeia que não tenha pelo menos dois, e como o 1.º barão e 1.º visconde de Vallongo foi o bravo companheiro de D. Pedro IV, Luiz Pinto de Mendonça Arraes, um dos revolucionarios de 1828 e um valente das guerras peninsulares, está bem justificado o meu esquecimento; não lhes parece?

Em terra de padeiros não deve esquecer tambem o popularissimo typo do moleiro, com o seu indispensavel e philosophico amigo, o *macho,* o carregador pacifico dos folles de cereal, que a azenha se encarregou de moer, e que elle e a familia se encarregaram de *maquiar,* segundo diz a parlenda:

Lá vem a minha mulher
Tirará o que quizer.
A minha filha Maria
E tira a sua maquia.
Vem o meu filho Manuel
Tambem leva o seu farnel.
E no fim diz o creado:
—Este sacco ainda não foi maquiado.

Esse, que representa o desenho, é de uma fidelidade a toda a prova. e não deve merecer ao leitor o conceito que d'elle faz a parlenda. A companheira, a boa e laboriosa vallonguense, que tanto o ajuda, tem á sua conta o *governar o pão,* isto é, encarregar-se de todo o trabalho de panificação e da venda no Porto, onde a parte mercantil foi d'antes importantissima. Por isso dizem os de fóra, hostilisando a terra, mas despeitados talvez por um sentimento de inveja:

Casar em Vallongo
É melhor que ser bispo,
Tem mulher para a cama
E burra para o serviço.

Seguindo a estrada real n.º 33 para além do entroncamento da estrada districtal n.º 7, encontramos na zona atravessada pelo rio Ferreira a freguezia de *S. MARTINHO DO CAMPO,* antigo couto privilegiado. e á qual pertence a povoação de *Sanjomil* ou S. Gemil, uma especie de pequena villa, em tempos remotos chamada *Francemil,* segundo affirma a tradição, embora o não authentifique com documentos. A freguezia do Campo está pittorescamente situada nos contrafortes da serra de S. Martinho e é bastante rica pela fertilidade dos seus terrenos e pelo commercio, que faz com a cidade do Porto.

Em frente da estação de Vallongo collêa o monte a estrada districtal n.º 7, e é por ella que o leitor tem de seguir desde o entroncamento com

a estrada real n.º 33, se quizer ir conhecer a freguezia de *SOBRADO,* que fica na vertente opposta e occidental d'essa montanha. Sobrado é terra fertilissima e uma das que mais prosperou com a industria da cria e engorda do gado bovino, que pelo Porto exportava para Inglaterra. É tradicionalmente rica, e basta para o testemunhar o saber-se, que o seu abbade tinha no velho regimen 1:000$000 réis de rendimento, e que os passaes foram em 1877 vendidos por 14:300$000 réis. No sitio da Balsa, em terrenos d'esta freguezia, existe uma fabrica de fiação tendo por motor o rio Ferreira.

Voltando á estação do caminho de ferro e tomando ahi o comboyo descendente para o Porto, realisamos pela melhor fórma a excursão, que nos facilita visitar as duas restantes freguezias do concelho.

Quando a linha ferrea ao avisinhar-se do rio Leça corta a estrada districtal n.º 8, é esse o ponto d'onde poderiamos caminhar para a freguezia de *ALFENA,* visto serem já seus os lugares de Reguengo e Cabeda em que a estrada passa, deslisando quasi á margem do poetico rio Leça, até vir atravessar o centro da povoação. *Alfena,* ou *alfella,* significa em lingua arabe acampamento de guerra, e por isso diz a tradição que ahi se feriu no seculo VIII uma sanguinolenta batalha, em que entravam nada menos de sete reis ou chefes poderosos. Outros querem que a palavra tenha a sua etymologia em *alhenna,* especie de arbusto similhante á murta, cujas folhas servem aos orientaes para tingir os cabellos de vermelho. Seja qual fôr a etymologia, que em todo o caso parece arabe, o certo é que Alfena é uma povoação muito antiga, dizendo o padre Carvalho a seu respeito: «*Chama-se Villa de Alfena, he arruada e tem pelourinho, disem o foy antigamente e que tomou este nome de huma batalha que alli demos aos Mouros, em que entrarão sete Condes, que em lingoa Arabiga Alfena quer dizer batalha. Aqui ha hum Hospital de Lazaros, em que sustentam quatro, e a cada hum se dá cada semana tres quartas de pão e em cada huma das quatro festas do anno se lhes dá hum alqueire de trigo e hum almude de vinho a cada hum de mais, e mais da ordinaria, e hum carro de lenha e campo para hortas. . .*» Alfena pertenceu ao antigo concelho da Maia, sendo a sua egreja parochial a mais antiga d'esse territorio. Nos montes, que a cercam, encontram-se numerosos vestigios de lavra de minas feita pelos arabes.

Seguindo no comboyo, como se não houveramos feito este passeio a Alfena, breve se nos depara á esquerda a egreja matriz de *S. LOURENÇO DE ASMES,* sobre um pequeno comoro sobranceiro á linha ferrea e muito proximo da estação de *Ermesinde,* que parochialmente lhe pertence e onde vem passar tambem a estrada de Alfena. Perto fica a

pittoresca ponte da Travagem na estrada real do Porto a Traz-os-Montes. Em Ermesinde tomamos de novo o comboyo para a séde do concelho, onde vamos terminar este capitulo.

*
* *

É um concelho industrial o de Vallongo, e laboriosissima a sua população. Tem escolas primarias em todas as suas freguezias, havendo na villa escolas para os dois sexos. Ainda não possue jornal, e, o que é peior, ainda tambem não funcciona ali uma estação telegraphica. Fórma comarca com o Porto, estando por isso englobada ahi a sua estatistica criminal.

Como o leitor viu no rapido descriptivo que fizemos, duas são as industrias notaveis de Vallongo: a da panificação, comprehendendo o biscoito, e a das minas, cujo exclusivo está na exploração das ardosias. O relatorio apresentado ao governador civil do Porto pela sub-commissão de inquerito industrial, em 1881, diz ácerca da ultima:

«Excluindo a fabrica do *Gallinheiro,* que merece uma menção á parte —e que é a que se representa na nossa gravura de pag. 587—a extracção da lousa faz-se em cinco ou seis pedreiras, nas freguezias de Vallongo e S. Martinho do Campo, empregando ao todo 58 homens. D'estas a maior é a da *Companhia Actividade,* que por si só emprega 12 homens.

Tomando a collecta da companhia por base (pois todas as mais louseiras estão excluidas da *matriz industrial),* procurámos orçar a producção total. Essa collecta de 28$416 réis, representando 8,5 por cento de rendimento, ou 330$000 réis, sendo liquido, 15 por cento do producto bruto, attingimos a cifra de 2:200$000 réis, que dividida pelos 12 operarios dá a cada um 180$000 réis, e aos 58 totaes a somma de 10$000 réis, approximadamente. Tal seria o producto total, excluida sempre a exploração da do Gallinheiro.

Mas, além das cinco ou seis officinas de extracção, ha em Vallongo vinte officinas de serração, em que o trabalho de serra e plaina é todo braçal, e occupa de 80 a 100 operarios, vencendo o jornal medio de 300 réis.

Nos ultimos tres annos a industria fomentada pelas construcções industriaes do Porto, que lhe pediam principalmente placas de cobertura, tem decahido, já pela conclusão das obras do caminho de ferro, já pela preferencia dada á telha franceza, que ultimamente se tem introduzido. Que a lousa seja ou não preferida á telha, na cobertura dos edificios, é fóra de duvida que a sua applicação em tanques, em ladrilhos, em infini-

tas peças de mobilia e adornos domesticos, póde, com vantagem, substituir a madeira e o marmore, dando um valor economico aos inexgotaveis bancos naturaes do concelho.

É para este fim que a companhia ingleza *Vallongo slate and marbles quarries,* tem dirigido os seus esforços. Fundada em 1865, constitue uma exploração já importante. A lavra dos bancos de lousa, a *ceu aberto,* occupa 55 homens, 24 mulheres e 18 creanças, com os salarios respectivos: de 220 a 360 os primeiros, 120 a 140 os segundos, e 80 a 120 réis as terceiras.

As officinas de preparação consistem n'um systema de construcções abarracadas, contendo uma machina motriz de vapor, quatro plainas e tres serras mechanicas. O vapor move tambem um guindaste elevador; e as varias regiões do estabelecimento são communicadas por uma rede de pequenos *tramways.* Collocada na encosta fronteira da villa de Vallongo, e tendo de permeio a estação do caminho de ferro do Douro que passa no *talweg* do valle, as condições de transporte são favoraveis, por isso que as cargas são descendentes, e a linha ferrea põe a fabrica em communicação rapida e economica com os mercados.

Além das officinas de preparação de lousa, além da machina, cuja força é de 12 cavallos, a installação abrange uma ferraria com duas forjas, um torno mechanico e uma machina de furar, tocadas a braço. Tem uma carpinteria propria. As machinas que preparam a lousa são typos inglezes, importados, ou reproduzidos aqui, sob a direcção do chefe da fabrica, Francis Ennor, inglez de nação, mas domiciliado ha muitos annos em Portugal, para onde veiu como engenheiro mechanico. [1]

A preparação na fabrica attingiu, até 1878, o maximo de capacidade productora dos apparelhos, isto é, 3:000 toneladas. De então para cá baixou a 1:600, das quaes são 1:200 em pranchas e 400 em chapas para tectos. O valor medio da tonelada é de 8$000 réis. A qualidade da lousa é confessadamente excellente, e os productos do Gallinheiro destinam-se quasi exclusivamente á exportação. Em 1880 exportaram-se 24 tanques, da capacidade de 4:000 litros, com destino á Dinamarca; e verificando as estatisticas da alfandega do Porto, encontraremos, em 1880, o seguinte, na classe 13.ª e na especie lousa:

Para o Brazil	25:600	kilogrammas	338$000
Para a Dinamarca	23:500	»	36$000
Para a Grã-Bretanha	851:362	»	1:324$500
Para a Russia	14:000	»	21$500
Somma	914:462		1:720$000

[1] Ennor, que era um velho octogenario, morreu em dezembro de 1882.

Um ensaio que a fabrica do Gallinheiro iniciou e póde vir a ter uma importancia consideravel, é o polimento ou o envernisamento da lousa para chaminés. Não se póde, por emquanto, apresentar o resultado industrial d'essa officina, em que trabalha um operario inglez, mas não ha causa nem motivo racional para que, dada a incontestavel boa qualidade da materia prima, o resultado não seja satisfactorio.»

Quanto ás industrias de moagem e padaria, o *Relatorio da Sub-commissão de inquerito* dá para Vallongo: 51 moinhos de agua, representando 102 mós e empregando 100 a 150 pessoas, o que é, como se vê, insufficiente para produzir as 3:000 toneladas de farinha que ahi se consomem, tendo por isso de vir do Porto e de outros concelhos limitrophes a maior quantidade para o abastecimento da sua industria de padaria.

Esta é, como o leitor sabe, a mais consideravel. Contam-se em Vallongo 77 fornos, sendo 73 na villa e 4 nas freguezias ruraes. Duas terças partes do pessoal compõe-se de mulheres, cujo salario é de 100 a 120 réis, e comida dada pelos patrões. A exportação annual, que tem crescido para os concelhos limitrophes, embora haja diminuido para o Porto, ascende á cifra de 331:452$000 réis.

Damos em seguida a nota dos preços por que ali regula o pão e o biscoito, com os nomes das suas variedades, servindo-nos para isto de um annuncio da padaria dos srs. Pauperio & C.ª, com séde em Vallongo e succursal de venda na rua de Santo Ildefonso, do Porto:

Tosta	azeda	*Superior*	arratel	80	réis
»	doce	*Superior*	»	120	»
»	»	*da Rainha*	»	200	»
Rosca	ou	*Regueifa Ingleza*	»	180	»
Biscoito	doce	*de Vinho*	»	180	»
»	»	*Argolinha*	»	120	»
»	»	*Macarrão*	»	120	»
»	»	*Rosquilhos*	»	120	»
»	»	*Requife*	»	120	»
»	»	*Brazileiro*	»	140	»
»	»	*de Milho*	»	140	»
»	»	*Ripert*	»	140	»
Bolacha	»	*Commum*	»	120	»
»	agua e sal	*Americana*	»	120	»

Das restantes industrias do concelho diz ainda o relatorio citado, que se occupam nas de:

Construcção—uns 559 operarios, na sua grande maioria das freguezias de *Asmes* e *Alfena,* os quaes vão trabalhar no Porto, indo aos bandos na segunda feira, com a sacca da *borôa,* que é com o *caldo* o alimento da

semana, e voltando no sabbado, para se occuparem ao domingo nos pequenos trabalhos de lavoura.

Fiação—Existe no concelho a fabrica da Balsa, no lugar da Pica, da freguezia de Sobrado, tendo como principal motor a agua do rio Ferreira e uma machina de vapor para a estiagem. Tem um valor de 40:000$000 réis.

Serração de pinho—Tem arrolados 10 serradores e 3 serras hydraulicas.

Telharia—64 fornos, empregando 450 operarios.

Teares domesticos—45.

Tanoarias—2.

Vestuario—52 alfaiates e sapateiros.

Tinturarias—1.

A agricultura, talvez pelo accidentado dos terrenos do concelho, muito aspero e montanhoso, não se póde dizer prospera; em todo o caso não deixa de cultivar-se a terra, onde é possivel fazel-o, servindo os cereaes produzidos para o consumo do concelho e ainda para misturar com os trigos americanos na fabricação do pão e differentes variedades de biscoito.

O vinho é pouco, verde-tinto e ordinario, diz o visconde de Villa Maior. As vindimas principiam depois de 15 de setembro, e as castas de uvas dominantes são o *azal*, o *vinhão* e o *verdelho*. O vinho é feito em lagares pequenos de cantaria, pisando os homens as uvas durante quatro horas, repetindo este trabalho doze horas depois, e deixando continuar a fermentação por espaço de vinte e quatro horas, no fim das quaes se envasilha o vinho, sem mais tratamento algum. Termo medio, a pipa regula por 13$500 réis.

O valor dos gados consta do mappa junto:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	139	2:443$000
Muar	340	6:580$000
Asinino	205	788$800
Bovino	1:406	72:694$000
Lanar	1:092	445$300
Caprino	99	81$100
Suino	1:551	17:351$500
		100:383$700

Os generos alimentares regulam ordinariamente pelos mercados do Porto, como acontece aos proximos concelhos de Gondomar e da Maia,

não entrando em conta com os direitos de barreira, que ali oneram mais ou menos todas as substancias alimentares.

E com estas singelas notas fechamos o capitulo da terra do pão claro e da lousa negra.

CONCELHO DE VALLONGO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Alfena, *S. Vicente*	676	785	1:461	342 (*a*
Asmes, *S. Lourenço*	829	948	1:777	485 (*b*
Campo, *S. Martinho*	724	849	1:573	366 (*c*
Sobrado, *Santo André*	611	726	1:337	360 (*d*
Vallongo, *S. Mamede*	1:564	1:754	3:318	913 (*e*
	4:404	5:062	9:466	2:466

a Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Alfena, Caheda, Reguengo, Punhete, Varzea, Baguim, Outeiro, Tramleça, Gandra, Ferraria, Xisto, Outeirinho, Codeceira, Rua, e as quintas de Telheiras, Ribeiro, Ferraria.

b Comprehende esta freguezia os seguintes grandes logares ou povos, compostos de outros menores: S. Paio, com os logares de S. Paio, Prozella, Fojo; Villar, com os logares de Villar de Mattos, Villar de Cima, Boa Vista, Liceiras; Cancella, com os logares de Cancella, Arroto, Caneiro; Ermida, com os logares de Ermida, Fonte, Moinhos; Sá, com os logares de Sá, Prezas de Sá, Outeiro de Sá; Ermezinde, com os logares de Ermezinde, Outeiro de Ermezinde, Prumilheira, Sopeiras, e além d'estes os logares tambem pequenos de Travagem, Egreja, Rapadas, Costa, Formiga, Monte do Seixo, Gandra, e a quinta do extincto convento da ordem de Santo Agostinho, a qual está isolada.

c Comprehende esta freguezia os logares de Ponte Ferreira, Babelhas, Luris, Quintã, Lameiras, Borbolhão, Azenha, Milhaira, Collesinha, Coche, Portella, Luris da Ribeira, Custeira, Retorta, Quintã de Cima, Quintã de Baixo, Capella, Aldea, Outeiro, Corredouras, Povoas; os casaes de Luris, Quintã, Babelhas, e a quinta ou herdade de S. João d'Azenha.

d Comprehende esta freguezia os logares de Sobrado, Villar, Passo, Ferreira, Costa.

e Comprehende esta freguezia, além da villa, o logar de Suzão, e outro pequeno logar chamado Alto.

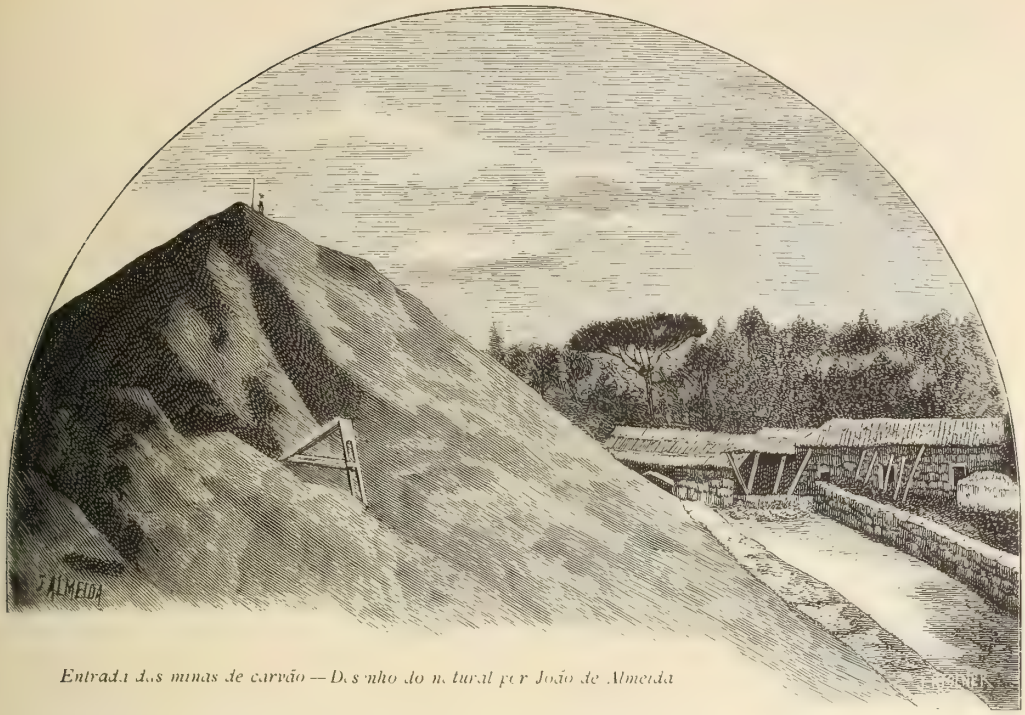
O MINHO PITTORESCO

COSTUMES

Arredores do Porto:

N.º 1 — CARVALHOS .....
» 2 — AVINTES .....
» 5 — VALLADARES .....
» 6 — VILLAR DE ANDORINHO...
} Concelho de Gaia
» 3 — S. COSME (Concelho de Gondomar)
» 4 — MAIA

GONDOMAR



Entrada das minas de carvão — Desenho do natural por João de Almeida

—◇—

Tri-fronte.

Mineiro, artista e lavrador.

A paysagem corresponde a essas tres modalidades industriaes. Ora severa, brusca, accidentada, negra; ora filigranando arabescos sobre as correntes limpidas da agua; ora alastrando-se uberrima pelas hortas e pomares, d'onde se abastece o Porto. O carvão, a filigrana e o nabo, eis ahi os tres symbolos de Gondomar, d'esta boa e antiga terra portugueza, cuja povoação principal se diz ter sido fundada pelo rei godo Flavio Gundemario, no anno de 610.

Como arrabalde e dos mais ferteis, que tem o Porto, só póde visitar-se o concelho alugando na cidade um cavallo ou um trem, que nos transporte através da sua zona de norte, fretando depois um barco e seguindo Douro acima para conhecer a sua zona de sul.

Melhor a cavallo do que em trem, tão mal construida é a estrada, se póde ir á villa de

S. COSME DE GONDOMAR,

em cujo lugar de Quintã, reproduzido em desenho pela nossa gravura de pag. 605, se encontra a séde do concelho. Apezar de se dizer goda a origem da povoação, os romanos deixaram aqui vestigios claros da sua pas-

sagem, como depois tambem a civilisação arabe. Encontram-se ainda galerias para exploração de minas, que se attribuem a um e outro d'esses povos, dizendo a tradição que elles lavravam aqui o ouro e a prata. É possivel até, que a habilidade especial, que os gondomarenses teem para os trabalhos de ourivesaria, sejam ainda um documento tradicional d'essas industrias. O monte de *Crasto,* onde ha signaes de fortificação, era evidentemente occupado pelos romanos.

A freguezia de Gondomar foi no anno de 897 dada ao mosteiro de Lavra pelo seu padroeiro Gundesindo, e a sua antiquissima matriz é a primeira egreja que na peninsula foi dedicada aos Santos Cosme e Damião.

D. Sancho I deu, em Coimbra, foral á villa de Gondomar em 5 de abril de 1193, foral que D. Affonso II confirmou em Santarem em março de 1218. D. Manuel deu-lhe novo foral em Lisboa a 19 de junho de 1514.

Foram donatarios d'este concelho os condes de Penaguião, marquezes de Fontes e depois, por herança, os marquezes de Abrantes. Foi tambem em Gondomar a *honra* de D. Soeiro Raymondo, solar dos Raymondos, honra que D. Affonso III nas *Inquirições* confirmou em attenção á pessoa de D. Soeiro, pois não constava de documentos ou padrões, que até ahi fosse *honrado nem coutado* tal lugar. Ao presente todas estas tradições de nobreza estão extinctas, e Gondomar não passa de uma fertilissima horta da cidade, que não só a recompensa economicamente, tornando-a rica, mas lhe inocula as suas idéas civilisadoras, tornando-a apresentavel.

Digam-me se não é do Porto que veiu a idéa de se estabelecer em Quintã o *Theatro Garret,* e se as duas philarmonicas de Gondomar não são um avanço, a fusas e colcheias, dado no caminho do progresso. É vêr esta gente em um dia de recita no seu theatrinho, ou admiral-a enthusiasmada nas suas pittorescas romarias! Quem diz lá, que essas formosas raparigas—veja o leitor a gravura—com o peito adornado das lindas filigranas de ouro, são as alentadas carregadoras, que em dias de mercado no Porto pejam os caminhos e as estradas com os grandes cestos vindimos de hortaliças, de legumes, de fructas, de todas as novidades agricolas!

Tendo visto o lugar de Quintã, deve o *touriste* subir ao outeiro de Santo Izidro, que domina com a sua alvejante ermida não só a povoação sobre que está a cavalleiro, mas ainda um extensissimo e formoso panorama, em que se desenrolam os pittorescos suburbios da cidade, como se representassem por algumas legoas em redor o mosaico mais extraordinario em desenho e colorido, que póde conceber-se. Todo esse quadro immenso parece sorrir para nós, como se a Alegria e a Abundancia des-

cessem do olympo grego a semear de ouro e luz a campina vasta e accidentada de relevos.

N'este monte de Santo Izidro faz-se pela Paschoa uma das mais concorridas romarias do concelho, havendo outras, porém, em diversas epochas do anno, tendo como oragos S. Vicente, S. Pedro de Alcantara e Senhora da Boa Hora.

*

* *

Da séde do concelho segue a estrada para a região mineira da freguezia de *S. PEDRO DA COVA,* nome que a disposição topographica rigorosamente justifica. A paysagem severa e melancholica parece condizer nas suas linhas asperas com a mysteriosa vida subterranea, que se sente palpitar em toda a extensão d'esta pequena bacia orographica. As mêdas de *anthracite* (veja-se a gravura de pag. 601) accumulam-se á superficie da terra, os seres vivos apparecem-nos empoeirados de carvão, ouve-se á bocca dos poços o soluçar estridente dos cestos que sobem e descem, como se um mysterioso poder, occulto nas entranhas da terra, os repellisse com impulso desabrido.

Estamos na região das minas de *anthracite,* cuja descoberta data de 1802, e onde uns duzentos operarios buscam diariamente pelo trabalho a sua subsistencia. Uma caixa pia os soccorre na doença ou invalidade, devendo-se talvez a tão philantropica instituição o não haver n'esta pequena região mineira de S. Pedro da Cova as sublevações e quadros de miseria pungente, de que são theatro as grandes zonas mineiras. A isso, e a que o mineiro de S. Pedro da Cova não se embruteceu de todo no trabalho rude das minas, vindo cá fóra, á luz purissima do ceu, cultivar a terra, nos dias em que as minas não podem offerecer trabalho.

A esta razão deve S. Pedro da Cova o não ser excepção ás outras freguezias de Gondomar no que diz respeito ao abastecimento do Porto, para o qual concorre com as suas fructas e cereaes, tirando a sua maior fertilidade das terras banhadas pelo rio Ferreira. É tambem uma das freguezias industriaes do concelho, como adiante faremos notar.

S. Pedro da Cova foi outr'ora couto dos bispos do Porto, tendo juiz ordinario de eleição popular com a confirmação do bispo.

Regressando pela mesma e pessima estrada até ao lugar de Quintã, podemos seguir para a freguezia de *FANZERES,* terra solar dos Araujos Rangeis, e o que bem mais lhe vale, uma das mais industriaes do concelho. Perto talvez de cem teares se occupam em tecer o linho, produzindo cada tecedeira tres ou quatro varas de panno liso, durante um dia, ou

fabricando outros artefactos originaes como os riscados tintos e cobertas «em que a lã de varias côres entra como ornato em desenhos mais ou menos barbaros,» diz o *Relatorio de Inquerito ás Industrias.*

A par d'essa industria duas outras vivem em Fanzeres, e são: a da marcenaria, e a da ourivesaria em filigranas, produzindo esses rendilhados e maravilhosos corações, que adornam o peito das camponezas em dias de romaria. Fanzeres é uma das mais pittorescas e povoadas freguezias do concelho, assim como a sua visinha *RIO TINTO,* que a ella está ligada pela estrada municipal, que percorremos atravessando o lugar da Venda Cova. Rio Tinto, a mais populosa freguezia do concelho, servida pela estação do caminho de ferro do Minho, que tem o seu nome, e recortada por estradas de *macadam,* é na paysagem de uma suavidade ridente, mosaico variegado e polichromo, em que a vegetação das vinhas e pinhaes, e o verde tenro dos campos e pomares se harmonisa docemente com a côr branca dos innumeros casaes dispersos, com os iriados azulejos ou o colorido alegre das vivendas abastadas, com os muros caiados das quintas de recreio, com o esfumado indistincto das cabanas rusticas.

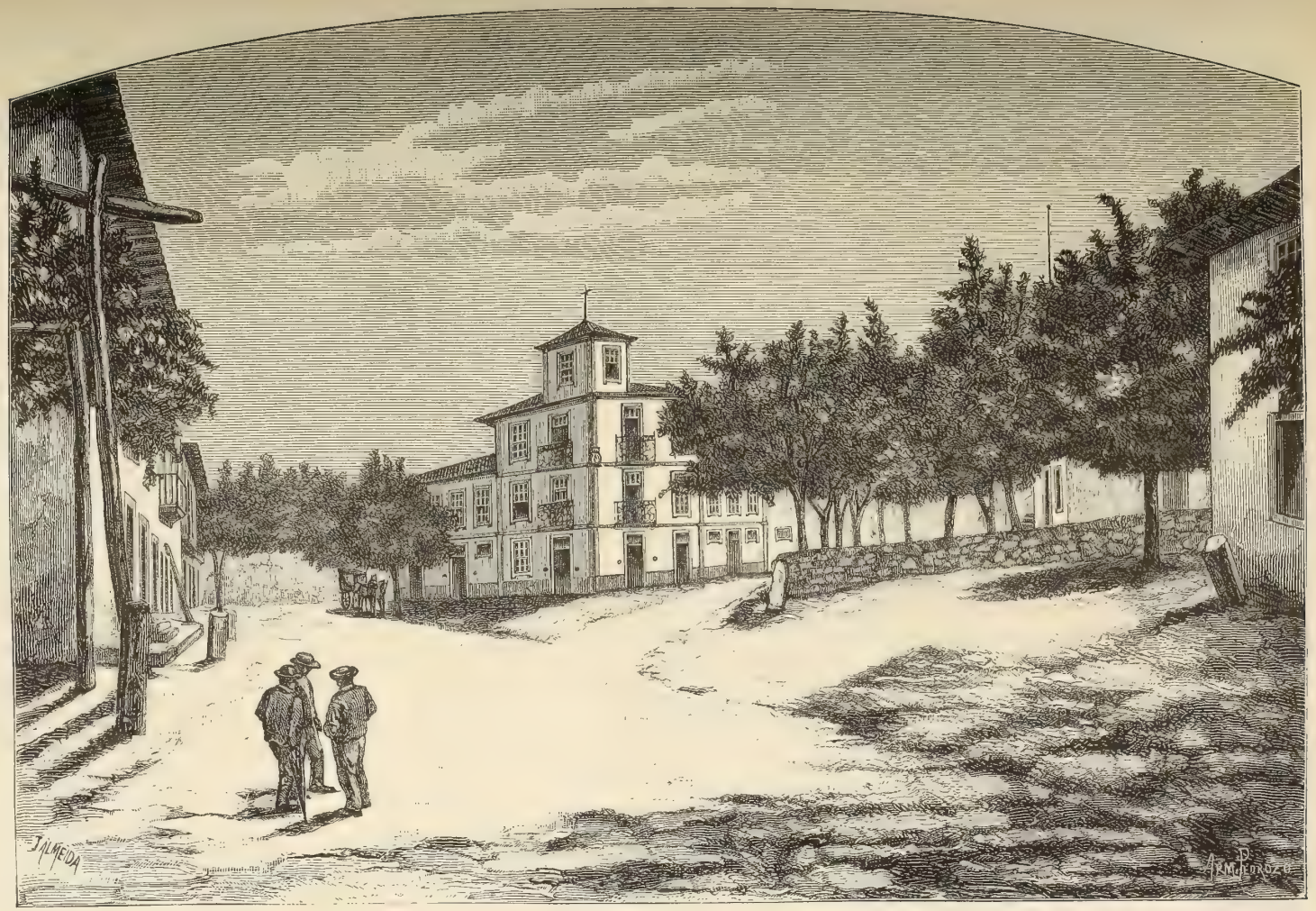
Historicamente é Rio Tinto um dos lugares assignalados nas guerras dos christãos e arabes, dizendo a tradição que o seu nome vem de se tingir de sangue o ribeiro, sobre que hoje passa a via ferrea antes de chegar á estação, o qual vae desaguar no Douro abaixo do sitio da Formiga. Feriu-se a batalha cruenta, diz a lenda, entre as hostes do conde Hermenegildo, que então estava no Porto, e os mouros que pretendiam assenhorear-se da cidade, sendo tanto o sangue derramado, que ficou o *rio tinto.*

Na freguezia houve um mosteiro de freiras agostinhas, fundado em 1062 por D. Diogo Tructesendo e seus filhos, que o dotaram com grandes rendas e com o padroado de doze egrejas. D. Affonso Henriques, sendo abbadeça D. Hermesinda Gutierres, coutou o mosteiro e suas dependencias pela quantia de 500 maravedis de ouro.

Para este convento se mudaram as freiras do de Moreira, que era duplex no seu principio, trazendo comsigo parte dos rendimentos, que tinha este mosteiro. Em 1535 passaram as freiras de Rio Tinto para o convento de Ave Maria no Porto, mudando então a regra agostiniana para a benedictina.

A rainha Santa Mafalda falleceu no anno de 1290 n'esta freguezia de Rio Tinto, quando ia de passagem em romaria piedosa a Nossa Senhora da Silva. D'aqui foi transportada com toda a solemnidade para o celebre mosteiro de Arouca, onde vivera setenta annos, e do qual sahira pouco antes sem julgar, que soasse no caminho a sua hora derradeira.

A moderna freguezia de Rio Tinto, um dos arrabaldes mais concor-



QUINTA, *séde do concelho de* GONDOMAR — *Desenho do natural por João de Almeida*

ridos do Porto por causa da sua facilidade de communicações com a cidade, é no dia 11 de julho extraordinariamente visitada pelos romeiros, que vem do Porto e arredores á grande romaria do *S. Bento das peras*.

Vá o leitor lá n'esse dia, ou mesmo na vespera á noite, e verá o que é animação. Pela nossa parte dispensamo-nos agora o descrever-lhe a festa, preferindo seguir

Douro acima

costeando a ourella do concelho, em que assentam todas as suas outras freguezias.

Depois de passar por sob as grandes pontes metallicas *D. Luiz* e *Maria Pia* e de deixar á esquerda o palacete do Freixo, reflectindo no Douro as suas linhas architectonicas de pura renascença, encontramos adiante o celebre lugar de *Gramido,* onde em 1847 se fez a convenção, que terminou a revolução da Maria da Fonte, e vêmos, por entre merencorios cyprestes, a branca matriz de *VALBOM,* uma das mais importantes freguezias do concelho, pelo seu valor agricola e industrial. Fertilissima e laboriosa, sobredoura-lhe a paysagem estas qualidades excellentes, e por isso o capital a tem procurado como estação de recreio, e tem edificado ahi casas de campo magnificas. Entre as melhores deve notar-se a *Quinta das Sete Capellas,* ha mais de trezentos annos na posse da familia dos Corrêas Montenegros, hoje representada pelos srs. Albino e Martinho Montenegro. Esta quinta foi constituida em morgado no anno de 1554 por Miguel Corrêa Montenegro e tinha o privilegio de ninguem poder pescar na metade do rio, que lhe fica em frente. A maior festividade que em Valbom se faz, é a Nossa Senhora da Conceição, na sua formosa ermida da Lagoa, sendo curiosissimo de vêr n'esse domingo de agosto o aspecto do rio Douro, onde numerosos barcos embandeirados vão alegremente navegando ao impulso das remadoras, ou á mercê das brancas velas latinas.

Das industrias de Valbom, incluindo a da pescaria em que figuram os originaes barcos *valboeiros,* diremos em outro lugar d'este capitulo: assim ficamos livres agora para ir admirando a formosa paysagem, que de uma e outra margem emmoldura o Douro até encontrarmos a freguezia de *JOVIM,* senão, melhor, o seu importante lugar de *Athães* á beira rio situado, e ao qual pertencia a bella quinta da familia Mello Alvim, quinta que foi praso dos morgados de Athães, a quem pertence a capella de Athães, nos claustros da Sé do Porto. Pinho Leal suppõe que Athães foi em tempos antigos freguezia independente de Jovim, não só por ser Athães a povoação principal da freguezia, como por estar naturalmente dividida de Jovim por esse ribeiro anonymo, que se vê desaguar no Douro junto

de Marecos, o lugar que mais acima encontramos e onde os barcos do Douro costumam descançar, esperando a prêamar para descerem o rio. Entre as duas povoações existem ainda umas certas rivalidades locaes, que podiam bem justificar a primitiva scisão. A egreja matriz fica no centro da freguezia, tendo boa residencia e optimos passaes. Perto é o cemiterio parochial. Dois terços da zona de Jovim estão, por assim dizer, a matto, vendo-se apenas cultivados os terrenos de alluvião, que ficam proximos do rio; d'ahi resulta o seu grande commercio de matto e lenhas com o Porto, o que não a enriquece todavia, como poderia acontecer, se tratasse de aproveitar o fertilissimo solo de fundo argiloso, que a natureza lhe deu prodigamente.

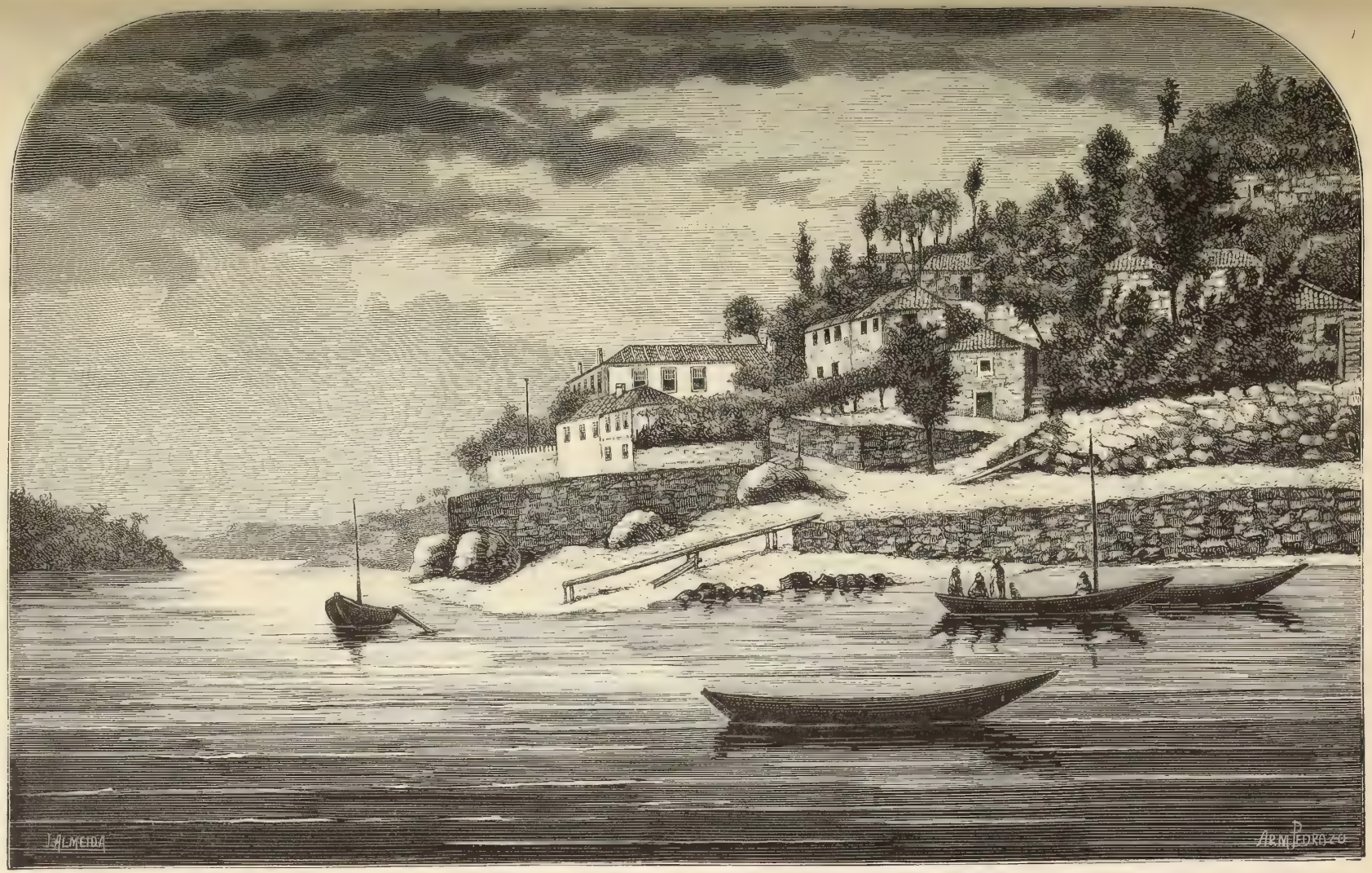
Descançando em Jovim alguns instantes, visto que a etymologia da palavra assim o está dizendo, e os nossos barqueiros, sem saberem que a palavra vem do antigo verbo portuguez *jouver,* jazer, dormir—assim tambem o entendem, vamos depois seguindo por este Douro accidentado, até que em frente das escarpas de Arnellas, lugar celebre pela sua feira das nozes, encontramos a pittoresca *FOZ DO SOUZA,* alcandorada sobre as margens dos dois rios Douro e Souza, como na nossa gravura de pag. 609 se representa. Por vezes temos fallado de um antigo castello, que se diz ter existido sobre este pendor de Foz Souza, e do qual parece haver irradiado para todo o territorio de Aguiar a luz primitiva da civilisação. Comprehende-se que isto assim fosse, visto esse castello marcar uma estação importante da via militar romana, que ia d'aqui, por Vandoma, a Penafiel e Canavezes. Pinho Leal diz a seu respeito o seguinte:

«Provavelmente foram os romanos que o edificaram (se não foram os antigos lusitanos). Durante o reinado dos principes godos foi este castello reedificado (ou, segundo outros, fundado) e d'elle trata claramente a *Chronica Gothica,* situando-o na margem do rio Souza, em frente de Arnellas.

O chronista frei Antonio Brandão copía a dita *Chronica* d'este modo: —«*Era 1033. Almançor cepit Castellum de Aguilar, quod est in ripa Sausæ in Portugalensi Provincia.*» (*Mon. Lusit.* tom 3.º, in App. fl. 27).

Flores, que deu correcta e illustrada esta *Chronica,* conta o successo assim:—«*Era MXXXVIII. Cepit Almanzor Castellum Aquilar, quod est in ripa de Sousa Provincia Portugalensi.*» (*Esp. Sagr.* tom. 23, App. 7, pag. 337).

Quer a tomada d'este castello fosse na era de 1033, como copía Brandão, quer na de 1038, como diz Flores, é incontestavel que pelos annos 995 ou 1000 de Jesus Christo (que é a tal era de Cesar 1033 ou 1038), Almançor sitiou ou conquistou este castello aos christãos n'uma d'essas



FOZ DO SOUSA — *Desenho do natural por João de Almeida*

datas. Prova-se d'esse facto que essa fortaleza era importante n'aquelle tempo, aliás nenhum desejo teria o famoso guerreiro Almançor de a conquistar.

Quando D. Fayão Soares fundou Arrifana de Sousa, em 850, povoou-a com gente que tirou da velha cidade de Penafiel e do castello de Aguiar do Souza, de que era senhor. Mas, ou o castello não ficou despovoado, ou foi povoado de novo, visto que Almançor depois lhe poz sitio para o tomar.

Pela leitura da *Chronica Gothica* deduz-se que Almançor, tomado o castello de Aguiar, lhe poz guarnição mourisca; porque, se assim não fosse, o arrazaria, como fez a outros, o que não consta.

Ignora-se quando os christãos recuperaram este castello. Suppõe-se ser ahi pelos annos 1020, em que o infante Alboazar Ramires resgatou muitas terras ao norte do Douro do poder mauritano; ou que foi tomado por D. Fernando III (o Grande) pelos annos 1036.

O que é certo é que o castello de Aguiar do Souza ainda existia na era de 1273 (1136 de Jesus Christo), porque o mestre da Ordem de S. Thiago fez então uma escriptura de doação a Martim Annes do Avinhal (que era da familia dos Aguiares), na qual se lê o seguinte:

«*Damos e outorgamos a vos Martim Annes e áquelles vossos hereres* (herdeiros), *que de vós descerem, por vosso herdamento para todo sempre so* (sob) *a maneira, e so as condicions que adiante son escritas en esta carta es nossos logares, qus son chamados os Padrois* (Padrões) *a que vós posestes nome Aguiar dos padrois, que son en ó Campo Dourique, etc.*»

Declara-se n'esta escriptura os muitos serviços que a Ordem tinha recebido de Martim Annes, e varios outros bens que lhe dá em recompensa d'esses serviços, e continua:—«*E outro si pelo Castello de Iguiar, que era vosso herdamento, que nós avemos de vós, que nos entregou D. Gil Gomes, vosso tio, em vosso nome, e por vosso outorgamento, quando nos deo os Castellos de Asnar, etc.*»—(Alarcão, *Relacion Gen.* in Append., pag. 115).

Vê-se, pois, que este castello foi então cedido (ou trocado) pelo seu proprietario á Ordem de S. Thiago.

Não me foi possivel averiguar quando este antigo castello foi destruido, mas é de suppôr que fosse durante as frequentes (quasi continuas) guerras que tivemos algumas vezes com castelhanos e quasi sempre com os mouros, desde o conde D. Henrique até D. Sancho II.

O que é certo é que foi arrazado até aos fundamentos, pois d'elle não restam outros vestigios além do que deixo dito.

Segundo alguns escriptores, era este castello o solar dos Aguiares. Outros dizem que era a freguezia de Aguiar do Souza.»

A matriz parochial e o cemiterio ficam sobre a margem direita do Souza, adiante um pouco d'este lugar da Foz, onde os barcos estacionam esperando as aguas vivas para subirem o rio. Encantador passeio é, pois, o que fizer, quem fôr, como elles, subindo até pelo menos á confluencia com o Ferreira a tremula e murmurosa corrente, sobre que os salgueiraes vem debruçar-se.

Além dos enlevos bucolicos da paysagem, docemente beijada pela agua, terá occasião de conhecer os sitios onde as aguas do rio são captadas para o abastecimento do Porto, e travará mais ao diante conhecimento, embora isso lhe custe um pouco mais, com a freguezia de *COVELLO,* assente nas faldas da grande serra dos Açores, sobre a margem esquerda do rio Souza. Nos seus lugares de S. Gens e Midões, e mesmo no de Covello, encontram-se minas de anthracite, pertencendo á mesma zona carbonifera de S. Pedro da Cova, de que já fallámos, e que fica a noroeste.

Voltando á navegação pelo Douro, vamos subindo o rio até ao lugar da Lixa, que ainda pertence a Covello, e para o qual podiamos seguir directamente através os caminhos da freguezia, se não fosse mais commodo, e mais pittoresco tambem, ir navegando Douro acima.

Que formoso relevo tem esta margem, sobre que assenta a freguezia de *MEDAS,* e que deliciosos quadros formam ahi os seus lugares de Broalhos e Pombal, ambos despejando sobre o rio os arroyos angustiados que vem descendo dàs montanhas. Se a epocha, em que o leitor fizer este passeio fluvial, fôr a das pescarias da lampreia e savel, mais encantadoras linhas lhe offerece então a paysagem, porque tem a animal-a o movimento alegre do largar e recolher das redes feito por numerosas *companhas.* A população de Medas tira d'essa pescaria alguns proventos, o que por certa fórma lhe suppre a deficiencia de terrenos cultivaveis no seu accidentado solo. As colmeias constituiram outr'ora um ramo prospero da sua industria, e ainda hoje ahi são numerosas.

Até alturas de Medas banhava o rio os dois concelhos de Gondomar e de Gaya; mas n'este momento, por um capricho qualquer da administração ou da politica, todo o rio pertence ao concelho que vimos perlustrando, apresentando-se Melres em toda a margem direita e encravando-se na margem esquerda a freguezia de *SANTO ANTONIO DE LOMBA,* em cujo lugar de *Sante* ou *Pé de Moura,* o mais importante que avistamos, depois da risonha collina de *Lavercos,* costumam fazer pousada os barcos que vem do Douro, sendo este por isso um ponto de bastante commercio com o Porto, para onde exporta lenha, carvão de urze, carqueija e outros generos. A capella que no lugar existe é dedicada a Santa Eufe-

Camponeza de Gondomar — Desenho de João de Almeida

mia, uma das taes nove gemeas, de cujo miraculoso nascimento tem o leitor noticia no capitulo referente a Braga.

No extremo da freguezia, subindo o rio, vê-se o modesto lugar de *Areja,* debruçado sobre um pequeno ribeiro que vem affluir ao Douro, mas notavel apezar da sua humildade, já por marcar uma linha divisoria entre freguezias, concelhos, comarcas, districtos e bispados, já por que representa historicamente a tradição da antiga cidade de *Eregia* ou *Anegia,* centro de um vastissimo territorio, que comprehendia ainda no seculo XI o que hoje constitue o concelho de Paiva, e parte dos de Arouca, Sinfães,

Canavezes, Penafiel e Gondomar. Segundo Viterbo a freguezia de Eja (Entre-os-Rios) tomou o nome da antiga *Arejia*. Ignora-se quando esta cidade foi destruida, sabendo-se apenas que desde os principios do seculo XII não tornam a fallar d'ella os documentos coevos. O leitor curioso póde no 1.º vol. do Diccionario de Pinho Leal encontrar uma noticia valiosa sobre esta modesta e pobre aldeia de Areja, que da margem esquerda namora o lugar de Moreira, pertencente á freguezia de *MELRES*, fronteira, em toda a linha fluvial, da freguezia de Lomba, como acima dissemos.

No verão chegam a Melres as marés e é por isso facil até ahi a navegação do Douro. Subindo o rio, o que já não faz parte da nossa excursão, começa, porém, a navegação a tornar-se perigosissima, tendo sido um sorvedouro de vidas o espaço que vae desde os poços de Midões e da Cortiça até que se transponham as Pedras de Linhares. A larga e formosissima ribeira de Melres, em que ora descançamos, é na corrente estuada do Douro, um como oasis no rio sagrado dos egypcios. Dir-se-hia, e assim é realmente, que fatigado de bater as duras rochas graniticas, que lhe torturam o leito, n'uma extensão de legoas, o Douro precisa descançar um pouco antes de seguir até á Foz, e se compraz em accumular dos sorrisos da abundancia o doce vergel em que repousa. Ás vezes, é certo, a ancia de descançar leva-o um pouco longe nas caricias, como succede a um expatriado que no regresso inunda de beijos a familia, e o Douro alastra pelo povoado de Melres a sua corrente impetuosa, a ponto de inundar a rua das Quintãs e chegar mesmo á egreja, d'onde, como aconteceu em 1851, foi necessario ir com um barco tirar o sacrario. Mas como essa brincadeira, de annos a annos renovada, é boa para o delta, em que se estende a ribeira de Melres! Como o Douro abebera de nateiros preciosos os campos, em que parece alegrar-se depois da sua lucta porfiada, e como a fertilidade sorri ao contacto d'esse demorado beijo do grande rio, expandindo-se na vegetação luxuriante, que envolve o povoado de Melres, desde a aldeia de S. Thiago até á de Moreira.

É antiquissima a freguezia, e perde-se na noite dos tempos a noticia da sua fundação. Ha quem a supponha anterior ao dominio romano, dizendo que são dos lusitanos as galerias de minas metallicas abandonadas que por aqui existem, e onde muitas vezes se tem encontrado as mós grosseiras, com que esses nossos avós trituravam o quartzo aurifero, para extrahirem depois o ouro pela lavagem. Essas minas, lavradas pelos dois povos luso e romano, foram tambem, segundo é tradição, exploradas pelos mouros, e tem-se como averiguado quanto a estes, que existiu realmente aqui uma povoação arabe, de que o proprio nome de *Melres* pa-

rece ser um vestigio, pois se julga que não procede dos *melros,* que ahi abundam, mas da palavra arabe composta, *mor-cul-tema* (leia-se *mercultem),* que mais ou menos significa *vae comer ahi,* o que exprime na realidade o costume contrahido ha muitos seculos de se fazer em Melres uma estação de descanço.

Villa, extincta após a implantação do regimen liberal em 1834, era concelho antigo com camara e justiças proprias, data dos marquezes de Marialva, tendo-lhe D. Manuel dado foral em Lisboa a 15 de setembro de 1524. Ainda actualmente conservam as suas ruas uma tal ou qual regularidade geometrica, especialmente as de Quintãs, Boavista, Cancella e Costa.

Chama-se ainda largo do Pelourinho áquelle em que esteve a picota municipal, e n'elle se vê, como documento dos fidalgos tempos de Melres, o palacete que foi solar dos Porto-Carreiros, notavel ainda hoje pela opulenta ornamentação de talha primorosa, que fórma os artezoados dos tectos da sala nobre, obra datada de 1697. Este paço foi tambem solar dos Telles de Menezes, de quem procedem os Marialvas, antigos senhores da villa de Melres, os quaes tinham o seu paço no edificio hoje occupado pela escola primaria da freguezia. Ao fundo da villa existiu tambem um edificio que foi vinculo dos Peres, de Meixide, o qual edificio foi restaurado por frei José da Graça e é hoje pertença do sr. Joaquim Gonçalves Vianna. A seguir logo é a actual residencia do parocho de Melres, modernamente restaurada. A casa de *Eira de Mello,* dos Coelhos da Rocha, merece tambem mencionar-se, como uma das mais importantes d'esta freguezia.

A matriz parochial, que a nossa gravurinha de pag. 617 representa, é de uma antiguidade notavel, attribuindo-se a sua fundação a um dos sete filhos de Maria Mantella, lendaria personagem do Porto, sepultada em Chaves, segundo dizia a inscripção lá existente:

Aqui jaz Maria Mantella
Com os sete filhos ao redor d'ella.

Todos sete foram padres, diz a lenda, e cada um o fundador de uma egreja, pertencendo, pois, a um d'esses irmãos esta de Santa Maria de Melres, que nada tem exteriormente que a recommende a não ser a sua simplicidade, e a singelissima torre triangular que a encima, notavel pela curiosidade das suas oscillações, quando os sinos tocam. Projecta-se uma torre nova, para o que desenvolve todo o zelo o actual parocho P.e João

Moreira dos Santos. No interior, escrupulosamente aceiado, notam-se no tecto algumas pinturas allusivas a factos biblicos e observa-se o altar-mór, completamente restaurado, graças ainda á iniciativa do incançavel ecclesiastico.

As festividades mais solemnes que na matriz se realisam são, as de Corpo de Deus e Sacramento, a que affluem milhares de devotos vindos das freguezias limitrophes d'aquem e além Douro; todavia, tão grande affluencia não se accumula para formar romaria, como succede em qualquer festa do alto Minho, e se o *touriste* quizer colher para o seu album ou para a sua carteira uma impressão pittoresca, tem de procural-a á beira rio, na occasião em que os numerosos barcos transportam para as suas aldeias os que vieram á festa.

Notavel pelo effeito artistico é superior ás antecedentes a procissão de Passos, a melhor de todo o concelho, na 5.ª Dominga da Quaresma.

A capella dos Passos ou do Calvario, cuja descripção omitto, por nada ter de notavel, fica situada ao cimo da povoação, em um planalto, d'onde se descobre toda a bacia atravessada pelo Douro e por elle fertilisada nas grandes, e por vezes pavorosas, enchentes do inverno. Por tal situação e dizendo-se que a procissão é de noite, já o leitor póde imaginar que deslumbrante effeito produzirá no plano inclinado d'esse outeiro a marcha do grave e solemne cortejo religioso, illuminado pelos fogos das pinhas resinosas, que reverberam sobre as montanhas e aldeias proximas, como sobre a corrente pallida do rio, a luz esbatida de uma como que aurora boreal. Faz lembrar um quadro singelo, mas grandemente artistico, dos primitivos tempos do christianismo.

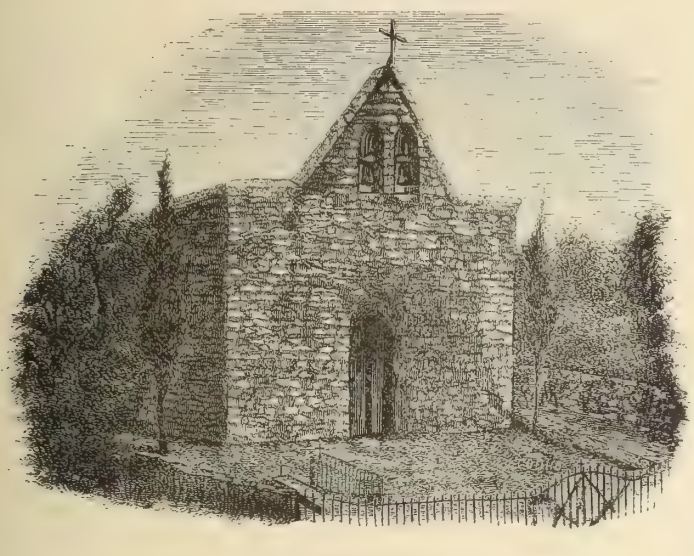
Enumerando o que de mais notavel ha em Melres, dividida, como o leitor já sabe, em umas quatro povoações, cumpre-nos informar de que em uma d'essas — Bransello — onde todos os primeiros domingos de cada mez se fazia uma concorrida feira, existe ainda a capella de Nossa Senhora da Afflicção, ha poucos annos mandada construir pelo commendador Rangel, a cujo zelo e piedade se devem tambem duas novas capellinhas, onde se tem realisado grandes festas a 24 de agosto.

Nos terrenos da freguezia estão em exploração por conta de companhias inglezas as minas de antimonio denominadas de Poço Negro, dos Banjos e de Valle Fundo, que entestam na zona carbonifera que vem da margem esquerda e vae por Covêllo e Valle de Acha a S. Pedro da Cova e Vallongo.

E tudo está dito, assim por alto, do que vale em paysagem e em historia a encantadora povoação de Melres. Mas do que ella vale exclusivamente para mim, só o leitor o poderia saber, se por acaso ali fosse e

travasse conhecimento com os proprietarios da Pharmacia nova de Melres...

Da pharmacia, sim, porque já ali entrou esse instrumento de civilisação, levando o remedio para os enfermos, o que é muito, e o cavaco delicioso para os sãos, o que é bem melhor.



Egreja de Melres

O Carvalho e o Casimiro são os dois socios; ora lá, ora em Penafiel; alegres, prestimosos, dedicados, umas joias. Parece que foram destinados pela mocidade e pelo coração a acabar com o typo classico do boticario ginja, descripto por Tolentino.

Melres inteira, que sei eu, todos os que teem tido, no Minho e no Douro, o prazer grato da sua convivencia, podem attestar da cordealidade sincera e do largo espirito generoso d'esses dois rapazes adoraveis.

Está dito: as melhores joias encastoadas pelo acaso do trabalho no florão da encantadora Melres.

*
* *

Não vive dos labores da intelligencia o concelho de Gondomar; é lavrador e operario, como dissemos já, mas verá o leitor pelas notas que vão seguir-se, quanto o embaraça na sua prosperidade a falta de cultura intellectual, a cultura artistica sobretudo, multiplicada em escolas industriaes, para poder equilibrar-se nas grandes luctas da industria, em que se deixa atrazar.

Escolas primarias tem pouco mais do que as seguintes:

Covello, Fanzeres, Foz do Souza, S. Cosme, masculino e feminino; Lomba, Medas, Melres, Rio Tinto, S. Pedro da Cova, Valbom, Jovim.

A sua riqueza agricola baseia-se naturalmente no grande commercio

que faz com o Porto, cujo mercado abastece dos melhores productos, sendo notaveis as hortaliças de S. Cosme, e com especialidade os afamados nabos. Na viticultura não merece menção áparte; são delgados e palhetes os seus vinhos, limitando-se o consumo ao concelho, que tem ainda de importar.

Os gados são assim computados no recenseamento de 1871:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	239	4:709$700
Muar	53	889$300
Asinino	100	357$400
Bovino	4:103	186:791$000
Lanar	1:368	495$600
Caprino	42	24$400
Suino	1:763	16:013$200
		209:280$600

Não obstante poder considerar-se o concelho uma extensa horta do Porto, tem uma grande actividade industrial, que o singularisa entre os demais concelhos do districto. Vimos já, como era notavel o movimento das minas de carvão de pedra em S. Pedro da Cova, na qual se occupam para cima de duzentos operarios, ao salario de 300 réis, e as de antimonio em Melres, minas cuja exploração é feita na maior parte por companhias inglezas. Relativamente a todos os outros ramos industriaes colhemos no *Relatorio da Sub-commissão de inquerito* as interessantes notas que vão lêr-se:

Contam-se no concelho 60 moinhos de agua e 1 a vapor, situado no lugar do Mosteiro. Empregam-se n'esta industria 90 a 120 pessoas, funccionando no inverno as rodas nos rios Souza, Ferreira e Inha, e alternando-se os moleiros no verão, de semestre em semestre, para irem aproveitar nos pequenos moinhos da montanha as quedas de agua, que supprem pela sua violencia o volume das correntes.

Na pescaria conta o concelho nove companhas a 30 homens, na sua maior parte da freguezia de Valbom, e d'ahi vem o nome de *valboeiros* dado aos barcos originaes, que se empregam em tal serviço.

Nas industrias de construcção occupam-se 148 homens, pedreiros e carpinteiros, cujo salario é de 500 a 360 réis, e nas de ferraria apenas uns 26 operarios, trabalhando em 11 pequenas officinas.

Nas carvoarias de lenha empregam-se uns 500 a 700 homens, ha-

vendo umas 80 carvoarias, situadas na zona montanhosa do concelho. Contam-se duas officinas de pyrotechnia, a que dão gasto as romarias e festas religiosas e politicas, e ha no lugar de Zebreiros, sobre o Douro, uma fabrica de fundição de ferro exclusivamente destinado ao fabrico de panellas, das quaes póde vêr-se um exemplar n'esta gravurinha; tem uma machina a vapor e emprega 8 operarios. Na freguezia de Valbom ha ainda duas officinas de cortumes; uma tem 8 tanques e emprega 6 operarios, a outra, situada na Ribeira d'Abbade, tem 56 tanques e occupa quasi outros tantos operarios.

A *manufactura do linho* tem em Gondomar um caracter de industria não domestica, ao contrario do que succede em quasi todos os concelhos do Minho.

O linho fiado nos concelhos limitrophes é tecido em Gondomar, ficando a obra, feita por conta dos donos do objecto, de 30 a 80 réis a vara, podendo uma tecedeira produzir tres a quatro varas de panno liso. São perto de 200 os teares, especialmente nas freguezias de S. Cosme e Fanzeres.

O mesmo numero quasi de teares domesticos conta em Rio Tinto a manufactura do algodão; fabricam-se riscados e cotins, sendo o preço da tarefa 30 réis o metro e trabalhando ordinariamente os tecelões por conta dos negociantes do Porto.

Indigena em Gondomar é, diz tambem o Relatorio, a industria da marcenaria, localisada principalmente em Valbom com 53 officinas e 120 operarios, S. Cosme com 2 officinas e 6 operarios, Fanzeres com 10 officinas e 30 operarios, havendo além d'isto uma officina de torneiro com 3 operarios e 4 de entalhador com 11.

A producção principal consiste em cadeiras, mobilia, e em geral caixas de charutos para as fabricas de tabacos; o seu valor orça por 20:000$000 réis annuaes. Nos ultimos annos tem definhado esta industria, tendo-se os marceneiros feito lavradores, ou emigrado; a causa d'isso está não só na concorrencia da mobilia estrangeira, fatalmente mais barata por ser do fabrico da grande industria, mas tambem no vergonhoso atraso intellectual e artistico dos marceneiros de S. Cosme, que não sabem desenhar, nem sequer lêr, e tem de copiar com uma habilidade digna de melhor sorte os moldes que vem de fóra.

Definhando tambem por causas quasi analogas e por outras de maior

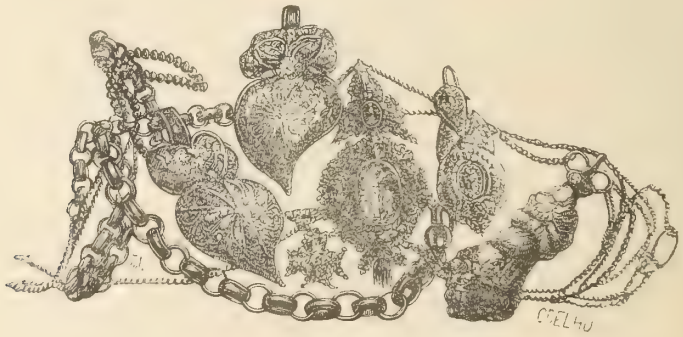
alcance social, que não são para aqui o explanar, existe no concelho a historica industria da ourivesaria, tão notavel sobretudo pelas delicadissimas filigranas, que tão admiradas são onde quer que appareçam. Todo o concelho, diz o Relatorio, possue mais ou menos officinas, onde trabalham operarios hospedados e alimentados pelos patrões, ou officiaes que trabalham domesticamente por tarefa e por conta dos mestres de officinas. Eis aqui um registro das officinas por freguezias:

FREGUEZIAS	OFFICINAS	OPERARIOS
S. Cosme	40	160
Valbom	30	120
Rio Tinto	6	50
S. Pedro da Cova	7	25
Jovim	4	14
Fanzeres	8	15

As maiores officinas occupam oito a dez pessoas, variando o salario entre 54$000 e 18$000 réis annuaes, com casa, cama e mesa. A aprendizagem dura de seis a sete annos, durante os quaes o aprendiz não recebe salario em dinheiro; apenas casa, cama e alimento.

O ouro francez, diz-se, veiu fazer cahir a industria, mas é bem de suppôr que esta não seja unicamente a causa de tal decadencia, mas antes e principalmente se possa encontrar, em que os lavradores reconhecem a inutilidade de empregar as suas economias e dinheiro em objectos de ouro, que nada rendem.

Ainda assim não deixará o leitor de encontrar nas grandes romarias do districto os afamados cordões de ouro e os corações de filigrana, que são o enlevo e a vaidade das lavradeiras do Minho, e a mais encantadora lembrança, que o *touriste* póde trazer do concelho de Gondomar.



CONCELHO DE GONDOMAR

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Covello, *Santa Maria*	357	415	772	175 (*a*
Fanzeres, *O Salvador*	1:047	1:077	2:124	498 (*b*
Foz do Souza, *S. João Baptista*	852	1:042	1:894	404 (*c*
Juvim, *Santa Cruz*	579	665	1:244	353 (*d*
Lomba, *Santo Antonio*	542	651	1:193	282 (*e*
Medas, *Santa Maria*	290	389	679	163 (*f*
Melres, *Santa Maria*	481	702	1:183	332 (*g*
Rio Tinto, *S. Christovão*	2:748	2:740	5:488	1:317 (*h*
S. Cosme de Gondomar, *S. Cosme* [1]	1:836	2:028	3:864	962 (*i*
S. Pedro da Cova, *S. Pedro*	799	919	1:718	447 (*j*
Valbom, *S. Verissimo*	2:049	2:145	4:194	1:002 (*k*
	11:580	12:773	24:353	5:935

a Comprehende esta freguezia os logares de Covello, Lebrinho, Lixa, Serra, Ribeira, Boialvo, dois casaes sem nomes especiaes, duas quintas, uma em Covello, outra em Boialvo, e quatro herdades, duas em Lebrinho e duas no Carvalhal.

b Comprehende esta freguezia os logares da Costa, Seixo, Regadas, Mintezelo, Felgueira, Paço, Outeiro, Tardinhade, Cabanas, Manaris, Carvalha, Santa Eulalia, Alvarinha, e as quintas de Mintezelo, Manaris, e duas no logar da Costa.

c Comprehende esta freguezia os logares de Foz do Souza, Ribeira, Ferreirinha, Gens, Janciao, Zebreiros, Boca do Souza, Quinta, Compostella, Espozade; os casaes de Serra, Cavada, Salgueiro; as quintas de Agra, Rezende, Noval, e as herdades de Biqueiro, Forno da Cal, Chieira, Gateiro, Lusteira.

d Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Egreja, Bairro, Vinhal, Villa Nova, Villar, Outeiro, Tarabão, Bouça, Cova, Prelada, Bocca, Quintã, Quintella, Conega, Azenha, Cumgaes, Gondomarinho, Pevidal, Paço, Crasto, Cavadas, Padrão, Boa Vista, Gandra, S. Miguel, Ermentão, Morentães, Monjaes, Forcado, Sanjumil, Pedregal, Aguiar, Ramalde, Rio Carreiro, Pereiro, Porto Casal, Pedreira.

e Comprehende esta freguezia os logares de Outeiro, Pinheiro, Atães, S. Martinho, Escoura, Bessada, Nogueira, Netos, Preza do Monte, Estrada, Serra, Libôzo, Tonta, Bulha, Longueira, Cabanas, Marécos, Aldeia Nova; os casaes de Nogueira, Atães, Bulha, S. Martinho; as quintas de Atães, Boa Vista, Louroso, Luzes, Pinheiro, e as herdades de Encosta da Serra, Cimo da Bulha, Azenhas.

f Comprehende esta freguezia os logares de Lomba, Areja, Lavercos, Sante, Carvalheira, Lavercos de Cima, Lavercos de Baixo, Monte de Méda, Sante d'Além, Sante d'Aquem; as quintas de Galmeira, Pederneira, e a herdade de Inha.

g Comprehende esta freguezia os logares das Mêdas, Villa Cova, Broalhos, Pombal, Cabadas, Boa Vista, Fisga, Carvalhos, Outeiro da Vinha; os casaes de Portuzello, Formiga, Estivada, Cruz, Leira Longa, Cavalleiros, e as quintas ou herdades de Valle d'Amores, Estivada, Louzada, Souto, Bicha, Jogo da Bolla, Painsaes.

h Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Quintãos, Moreira, Villarinho, Montezello, Sant'Iago, Branzello, Barracas, Costa, Estremadouro, Prezas, Cima de Villa, Boa Vista, Cancella, Eira de Mello, Cavadas, Sobrido; os casaes de Valles Travessos, Sobreiro; as quintas de Bandeirinha; a antiga casa e quinta de Villar de Perdizes, e as herdades de Varziella e Povoa.

i Comprehende esta freguezia os logares do Mosteiro, Villa Cova, Ranha, Rebordãos, Pinheiro, Areosa, Quinta, Triana, Portella, Giesta, Brasileiro, Forno, Santegãos, Carreiros, Gandra, Medancelha, Casal, Lourinha, Boa Vista, Mendalho, Amial, Perlinhas, S. Mamede, Donas, Pomarelho, Campainha, Paço, Terrugem, Porta, Crasto, Pipo, Outeiro, Felgueira, Campinho, Baixinho, Valle de Ferreiros, Serra, Carreira, Covilhães, Ferraria, Venda Velha, Venda Nova, Cavada Nova, S. Sebastião, Chá Verde, Soutello, Portellinha, Esteves, Ilheu, Ponte, Calvario, Valle de Flores; as quintas de Mão Poderosa, Gandra, Campainha, Paço, Venda Velha, Chá Verde, Esteves, Calvario, e as herdades de Gandra, Formiga e Serra de Vallongo.

j Comprehende esta freguezia os logares de Covilhã, Ervedosa, Villa Verde, Couço, Lodeiro, Betois, Carvalhal, Tardariz.

k Comprehende esta freguezia os logares de Valle Bom de Baixo, S. Roque, Monte, Ribeira de Abbade (todos nas margens do Douro e habitados na maior parte por pescadores), e o casal do Gato, nos limites de Campanhã.

[1] *Quintã*, povoação dentro da área da freguezia de *S. Cosme*, é a cabeça do concelho de *Gondomar*.

MAIA

Camponeza da Maia — Desenho de João de Almeida

Pallantia lhe chamaram os romanos, e *Maia* ou *Amaia* os suevos, se é que não foram ainda os primeiros, que lhe deram o segundo nome em honra da mais formosa das Pleiades, *Maia,* a amante que Jupiter metamorphoseou em estrella para a livrar da perseguição de Juno, cravando-a, joalheiro amoroso, no peito de Touro, onde brilha como um diamante branco.

As Pleiades chama o povo o *sete-estrello,* sendo conhecida a terna redondilha de um fatalismo oriental:

Alto vae o *sete-estrello,*
Mais alto vae o luar,
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para me dar.

Na Maia chamam tambem á Ursa a *barca da vida,* e são aqui frequentes as cantigas em que transparece o vestigio de um culto estellar:

Puz-me a contar as estrellas,
Só a do Norte deixei,
E por ser a mais bonita
Comtigo a comparei.

As empigens curam-se na Maia voltando-se a gente para a estrella mais brilhante do ceu, dizendo-se tres vezes muito depressa:

Estrella reluzente,
A minha empige
Diz que seques tu,
Eu digo que seque ella
E que medres tu.

Até os proprios defeitos se poetisam, como se vê n'est'outra cantiga:

Sou picado das bexigas,
Foi Deus servido eu tel-as,
Não ha nada mais bonito
Que o ceu com suas estrellas.

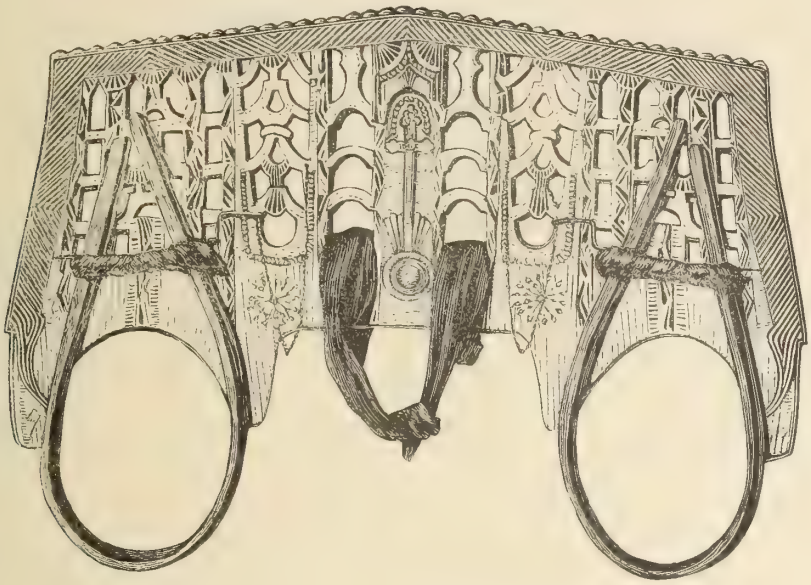
Apud. «Tradições populares» de Leite de Vasconcellos.

Outra *Maia* havia tambem no Olympo grego, filha de Fauno, a quem os romanos votavam culto.

E por culto deve occorrer ainda, que sendo as festas *Palilias* um festival agricola, em que os rebanhos davam uma volta ao redor do altar de *Pallas,* carregado de cereaes e arrobe para que ella os multiplicasse e livrasse dos lobos e doenças, sendo obrigatorias na festa as fogueiras de palha, sobre que saltavam os pastores, deve occorrer, dizia, que o nome de *Pallantia* dado antigamente á Maia possa tambem ter por origem a celebração de *Pallas* ou das festas Palilias. E possivel é mesmo, que essas festas vindo coincidir no 1.º mez do calendario celta, que é o de maio, com a festa druidica do *Bé-il-tin,* se tornassem tão apparatosas n'esta região, que o nome do mez ficasse depois servindo para designar a terra.

O facto é ainda, que em todo o paiz mais ou menos existe a tradi-

ção da festa das *Maias* em honra da primavera que chega, e não ha terra onde se não encontre o vestigio d'esse cultual, como se póde vêr no livro

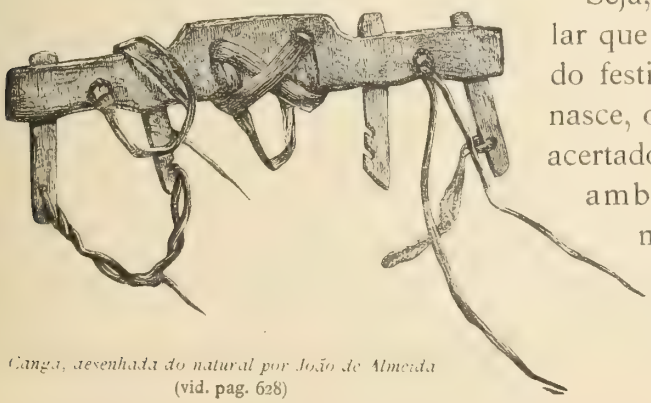


Jugo, desenhado do natural por João de Almeida (vid. pag. 628)

de Theophilo Braga, *O Povo Portuguez nos seus costumes, crenças e tradições.*

Ainda hoje é uso no concelho e em outras terras do Minho enfeitar com ramos floridos de giesta os portaes das casas no dia 1.º de maio, e não repugna por isso ir entroncar a arvore de costado d'esta Maia hodierna nas festas encantadoras do periodo pastoral, que iniciou a civilisação do homem.

Os proprios eruditos, tantas vezes avessos a racionaes origens etymologicas, dizem que a palavra *Maia* vem do grego, significando—*a que nutre*—e o facto é que poucas serão as zonas do paiz, onde tão grande seja a fecundidade da terra.



Canga, desenhada do natural por João de Almeida (vid. pag. 628)

Seja, pois, do culto estellar que vem o nome, ou seja do festival agricola que elle nasce, ou (o que talvez mais acertado pareça), venha de ambas essas origens ao mesmo tempo, o que é um facto é que a Maia de hoje conserva o mesmo

caracter ethnographico de uma pastoral encantadora, bucolica onde canta o riso da fertilidade, e onde a alegria, como a agua correndo na paysagem, serenamente flue do seio virgem e fecundo da terra — a mãe — a *maia,* que o christianismo poetisou no culto de *Maria* por egual celebrado no mez dos campos em flôr.

De vêr é, pois, ao que deixamos dito, que rejeitamos a origem que alguns historiadores dão á Maia, fazendo-lhe derivar o nome dos senhores que a possuiram, por direito de nascimento ou de conquista, estando no primeiro caso o liberto de Augusto, Caio Carpo Pallantiano, cujo epitaphio se refere no *Theatro dos letreiros antigos,* e do qual cidadão teremos de fallar em Bouças, e classificando no segundo os Maias, descendentes do infante D. Gonçalo Trantamires Alboazar, que em fins do seculo IX conquistou este territorio aos arabes. Para a familia do primeiro, como para a do segundo, o appellido veiu da terra em que viveram e que possuiram, mas não foi esta que recebeu d'elles o nome.

A Terra da Maia comprehendia antigamente uma zona muito mais extensa (veja-se a carta de D. Manuel em que mandava inquirir o que rendia o concelho, e o foral que lhe deu depois em 1519), e n'ella ficavam as freguezias da *Retorta* e *Guilhabreu,* hoje de Villa de Conde, constando da tradição que foi na primeira (veja pag. 285) o solar de D. Soeiro Mendes, o mesmo que em desafio singular conquistou em Roma o brazão de armas dos Maias — aguia de ouro em campo vermelho —; e que foi na segunda freguezia o solar do seu neto D. Gonçalo Mendes da Maia, o *Lidador* e celebre fronteiro-mór do Alemtejo, morto nas proximidades de Beja quando batalhava contra os mouros, de quem era o terror, apezar de contar noventa annos á data d'essa peleja.

A Maia de hoje pouco tem, pois, que vêr com as genuinas tradições d'essa familia de guerreiros, de que no entanto é moralmente a patria, visto andarem os seus nomes associados na historia. Mas bem se importa ella com reivindicações d'este genero, tendo a absorver-lhe os cuidados a grande lavoura dos seus campos, e a encantar-lhe os olhos a plastica deliciosa de tão lindas raparigas, como essa que se representa na gravura de pag. 623.

*

* *

Póde visitar-se de trem quasi todo o concelho da Maia, sendo curtas as distancias a atravessar nas estradas dos concelhos limitrophes, ou mesmo facilmente transitaveis os caminhos, quando se pretenda andar a pé dentro do territorio do concelho.

Primeiro passeio

Sahindo do Porto pela barreira da Ariosa, logo a estrada real de Guimarães penetra na freguezia de *AGUAS SANTAS* e a vae atravessando quasi até ás alturas da Travagem, já do concelho de Vallongo, passando entre outros no lugar da *Maia,* o unico que tem este nome em todo o concelho, e onde é tradição que houve em tempos remotos um castello, que se diz ter sido o paço do infante Alboazar, o ascendente dos Maias.

A egreja de Aguas Santas, cuja torre destaca na vegetação opulenta da collina pela sua côr alva de neve, é uma das mais antigas do paiz, dizendo a tradição que foi reedificada já pelos Templarios. Em 1130—diz Pinho Leal—existia a egreja de Santa Maria de Aguas Santas, tendo prior e collegiada; a 22 de fevereiro d'esse anno lavrou-se uma escriptura, em que o prior D. Armigiro se compoz com o bispo do Porto, D. Hugo II, dando-lhe um casal em Paramos (Feira) para resgatar a obrigação que tinha, de dar-lhe um jantar todos os annos. No lugar do Mosteiro houve um, cuja fundação se ignora, mas que a tradição diz ter principiado no seculo VI do christianismo. Foi duplex mais tarde, pertencendo então aos cruzios, mas porque a mistura de frades e freiras não désse bom resultado, passou em 1130 a ser exclusivamente de homens. Em 1300 foi extincto, passando a commendatarios, e como annos depois fossem expulsos de Jerusalem os cavalleiros do Santo Sepulchro, a estes o doou o rei D. Affonso IV no anno de 1340. Aqui fundaram logo os cavalleiros um hospital, sendo o unico de tal ordem que houve em todo o reino.

Mais tarde parece que o convento voltou ao poder dos cruzios e foi outra vez mixto de freiras e frades, e se conservou assim até 1492, em que D. João II o extinguiu, unindo-o á ordem de Malta, de que foi commenda. É d'esta epocha naturalmente que data a reconstrucção da matriz.

O nome de *aguas santas* creio que veiu á freguezia mais d'essas instituições religiosas, que propriamente de virtudes therapeuticas, que as aguas encerrem; pelo menos não encontrei noticia de que, á similhança d'outras *aguas santas,* a chimica tenha de explicar o seu poder miraculoso.

Santas—lhes chamam tambem as airosas lavadeiras da localidade, que são as mais afamadas do Porto; mas é de presumir que seja para ellas um *reclame* á sua industria, tendo em mira, pela fama das *aguas santas,* conservar a sua clientella. Por isso o leitor encontrará pelas estradas, em todos os dias da semana, mas especialmente ás segundas feiras, numerosos ranchos das lavadeiras da localidade, carregando as trouxas pyramidaes da roupa branca.

Mas não é só esta a industria especial da freguezia; outras ahi se

desenvolvem mais ou menos, contribuindo para a sua riqueza e prosperidade. Fallaremos d'ellas no lugar que a isso reservamos, indicando tão sómente ao leitor, que vae comnosco em passeio, a porção espantosa de *dobadoiras* ou *sarilhos* que se vêem funccionar nos modestos interiores das casas de operarios; é que são quasi todas de Aguas Santas e das freguezias suburbanas as *dobadeiras* e *fiadeiras* que trabalham para as fabricas de tecelagem do Porto.

Chegando a Travagem, e ouvindo silvar em Ermezinde a locomotiva que arrasta o comboyo do Minho para o norte, não resistimos á tentação de seguil-o durante alguns minutos, visto fazer-se quasi todo o trajecto que vae d'ali a S. Romão em territorio da Maia.

Tres são as freguezias que marginam a linha ferrea, ou mais correctamente, que por ella são atravessadas. A primeira, á direita, é a de *S. PEDRO FINS,* nome que parece ser a corrupção do de *S. Pedro Felix,* havendo-se anteriormente chamado *S. Perofins,* como se lê em documentos de 1623, e *S. Fins de Folgosa,* que é o nome mais antigo que se lhe conhece. A linha ferrea passa junto ao lugar de *Paredes* e quasi sobre o ribeiro d'este nome, *Rio de Paredes,* ou tambem chamado de S. Pedro Fins, que vae morrer no Leça, junto de Aguas Santas, tendo servido até ahi de motor a algumas azenhas.

Depois de se passar a aldeia de Leandre, avista-se para a esquerda a freguezia de *SILVA ESCURA,* ou melhor um como vasto mar de pinheiral, onde a onde parecem fluctuar, como navios singrando nas ondas verde-escuras, uma ou outra aldeia ou capellinha, uma ou outra casa de lavrador abastado ou de *brazileiro* em descanço. Assim nos apparece a aldeia de Friens e a antiga capella de Santo Antonio, que rapidamente fogem do campo visual, o que faz com que para a direita da linha nos voltemos tentando receber a impressão da collina, em que por entre pinhaes e carvalhas com vinhas de enforcado assenta a freguezia de *FOLGOSA,* em cujos lugares do Olheiro, de Carvalho e de Villar a via ferrea vae passando. É em Folgosa o principal centro de fabricação das cangas e jugos ornamentados, com que na Maia e concelhos limitrophes, e mesmo em toda a provincia se apresentam os bois. A nossa gravura de pag. 625 representa um dos jugos mais *pimpões,* feito na Folgosa e copiado em casa de um lavrador pelo lapis de João de Almeida. O seu custo regula por 4$500 réis.

Uma vez já alludimos, no 1.º volume, ao *Estudo ethnographico* de Leite de Vasconcellos sobre a ornamentação dos jugos e cangas de bois, e transcrevendo agora alguns trechos do seu opusculo, com elle concordamos inteiramente. As cangas, devemos accrescentar, são as que servem

UM QUADRO DA VIDA AGRICOLA (vid. pag. 647)

o trabalho de todos os dias; os jugos são como que o fato domingueiro do boi, e a ostentação vaidosa do lavrador. Na Maia, em especial, onde julgamos ter existido o culto estellar, essa ornamentação é caracteristica.

Diz o sr. Leite de Vasconcellos:

«Pelos desenhos e informações que tenho recebido, bem como pelos factos pessoalmente observados, posso concluir que os jugos e cangas dos bois, com a ornamentação que se vê no Porto e arredores, não existem (ao menos geralmente) na Beira Alta, Traz-os-Montes, Alemtejo, Extremadura, e mesmo no Minho e Douro nos pontos muito longe da costa maritima. Do Algarve ainda não pude obter relação certa.

Os lavradores do Minho e Douro distinguem *jugos* e *cangas*, mas ás vezes (raramente no que tenho presenciado) confundem as duas designações.

1) Cangas. Ha muitas variedades. As cangas são mais baixas do que os jugos, e sobresahem no meio em fórma de trapezio. Ás vezes a linha que contorna as cangas offerece ligeiras ondulações.

2) Jugos. Os jugos affectam a fórma trapezoide; mas ás vezes o trapezio desapparece, ficando o lado parallelo á base substituido por uma curva.

Tanto os jugos como as cangas são ás vezes na parte superior coroados de cabellos, em fórma de pincel, dando-se ainda ás vezes o caso de os pinceis, na série, alternarem em côr branca e preta.

No corpo dos jugos e cangas observa-se a seguinte ornamentação: figuras humanas, quadrupedes, aves, peixes, corações, astros, flôres, arvores, ramos, circulos isolados, circulos concentricos, a custodia, a hostia, signo-samão (ou só, ou tendo no meio um circulo, ou estando elle dentro de um circulo), cruzes, varias figuras geometricas (rectas, losangos, angulos, etc.), e uma infinidade de figuras mais, nem sempre classificaveis. Tudo variado.

Nos jugos e cangas de outras provincias, como na Extremadura e Beira Alta, ha unica e isoladamente ou uma cruz ou um signo-samão.

Todos os jugos e cangas são abertas, já para enfeite, já para nas aberturas se prenderem correias que as segurem aos bois.

Os ornatos differem segundo a localidade. Assim por exemplo:

a) as figuras geometricas (angulos, etc.) predominam no Minho;

b) as cruzes com o signo-samão e rodas formadas de meias-luas predominam no Porto;

c) os ramos phantasticos, muito bem gravados, e com poucos dos ornatos que adeante chamamos symbolicos, predominam em Vallongo;

d) os peixes predominam á beira-mar. Os animaes predominam em geral perto da praia.

Alguns jugos trazem a data ou a localidade da fabrica. Os fabricantes são chamados pelo vulgo *feitores*.

No Minho e Douro os jugos e cangas assentam immediatamente no pescoço do animal.

. . . . . .

Conhecido o caracter agricola do paiz, e feita a classificação e distribuição geographica dos jugos e cangas, apresentam-se immediatamente os tres seguintes problemas:

1.º *Qual a significação dos ornatos?*

2.º *Porque e que os jugos e cangas assim ornamentadas se encontram unicamente a beira-mar, e, ao que parece, na limitadissima zona desde o Minho ao Douro?*

3.º *Quem foi que transmittiu esses ornatos?*

Relativamente ao 1.º problema, os ornatos podem dividir-se em *symbolos extinctos*, *symbolos vivos* e *ornatos propriamente ditos*. Estudemos em separado estes diversos grupos.

A — symbolos extinctos. Nos symbolos extinctos, isto é, n'aquelles a que o povo não liga mais do que a significação de enfeite ou adorno, mas onde, pelo estudo comparativo, descobrimos a lembrança de antigas crenças, comprehenderemos por emquanto os seguintes:

a) *Astros*. A representação dos astros em muitos jugos é evidente, e os proprios lavradores o affirmam. Como se sabe pelas inscripções romanas, pelas actas dos concilios, pelas constituições dos bispados, e pelas modernas tradições populares, o culto dos astros, ou o vestigio,

existe desde as mais remotas epochas no territorio modernamente chamado Portugal. Ainda hoje uma cantiga popular caracterisa o Sol, como um antigo Arya o caracterisaria:

O Sol, q'ando nasce é rei,
Q'ando se põe é morgado;
Q'ando nasce resuscita
E a noite é sepultado.

É muito sabida a relação entre o boi e o culto astrolatico. No Rig Veda, o Sol e o touro que governa no rebanho das vaccas celestes ou estrellas; e uma adivinha popular que recolhi no Minho representa o *ceu*, as *estrellas*, o *sol* e o *vento*, exactissimamente como os *Vedas*:

Campo largo,
Vaccas muitas,
Boi formoso,
Cão raivoso.

Outra adivinha que recebi do concelho de Rezende, diz:

Campo redondo.... (ceu)
Ovelhas ao longo... (estrellas)
Pastor formoso..... (sol)
Cadêllo raivoso .... (vento)

emquanto que no Rig-Veda, *Indra* é um pastor de *vaccas;* quando *Vritra* lh'as rouba elle manda a cadella *Saramà* (o vento) a procural-as.

Nos dolmens prehistoricos e outros monumentos archeologicos apparecem varios signaes esculpidos, analogos aos dos jugos e cangas portuguezas. Com relação aos astros representados em objectos da Noruega, Andaluzia, Galliza, consulte-se a *Introducção á Archeologia da Peninsula Iberica* do sr. Filippe Simões, pag. 107. Nos nossos monumentos prehistoricos não me consta, porém, que tenham apparecido esculpturas evidentes dos astros.

Do exposto, póde concluir-se que os astros dos jugos e cangas não são meros ornatos.

b) *Coração.* O coração apparece tambem frequentemente nos jugos e cangas, com uma grande insistencia até. O emprego do coração como ornato ou como symbolo remonta á edade prehistorica da pedra. Muitos instrumentos de silex foram n'elle transformados para trazer ao pescoço. Nos dolmens portuguezes de Monte-Abrahão e Pedra dos Mouros foram achados objectos sensivelmente cordiformes. O mesmo achado se fez na Cova-da-Estria. N'outras muitas partes, como na Etruria, Scandinavia, etc., o coração apparece egualmente associado aos ornatos e aos symbolos.

As mulheres portuguezas ainda agora trazem ao pescoço corações de metal (ouro, etc.), coralina, madre-perola, etc., com cruzes, veronicas e figas.

Deante de todos esses factos e da persistencia do coração nos jugos, vê-se bem que não é sem motivo que nós o identificamos com um amuletto que n'uma qualquer epocha foi vivissimo, mas que actualmente tem perdida a significação.

c) *Animaes.* A classificação zoologica de todos os quadrupedes, aves e peixes que juntamente com o homem abundam nos jugos e cangas, é difficil. As aves parecem ás vezes gallinhas; os peixes parecem atuns; mas o que é provavel é que o artista formasse um typo unico com caracteres de uma classe, em vez de formar separadamente individuos. Esta indeterminação nota-se com especialidade nos desenhos e gravuras infantis e primitivas.

Convem todavia lembrar que os jugos e cangas com peixes pertencem principalmente ás localidades mais visinhas do mar, conforme temos verificado.

B — Symbolos vivos. Dos symbolos vivos ou actuaes, isto é, d'aquelles a que os lavradores prendem uma significação religiosa ou magica, temos estes:

a) *Cruz.* Se as idéas que se referem ao campo e ao boi são inteiramente pagãs ou assimiladas pelo christianismo, porque é que entre os ornatos, tambem não christãos, dos jugos vem implantar-se a cruz? Porque a cruz, do mesmo modo que nos monumentos phallicos, nas encruzilhadas dos caminhos, e em muitas outras partes, substitue um symbolo antigo.

Os lavradores affirmam que trazem a cruz, porque ella obsta a que o Demonio, as bruxas e qualquer coisa má empeçam os bois. Tanto a existencia da cruz é aqui forçada, que ella não se tornava necessaria, por isso que o bafo bovino (e o signo-samão) produz os mesmos effeitos.

b) *Signo-samão (sanselimão).* O signo-samão ou polygono estrellado é um dos maiores talismans do nosso povo. Os almocreves, marujos, etc. trazem-n'o no braço, como uma *tatouage;* os barqueiros pintam-n'o nos barcos; os lavradores gravam-n'o nos jugos e cangas, para, assim como a cruz, afugentar as coisas ruins.

c) *Custodia, hostia.* Para mim é ponto de fé que a custodia e a hostia representam nos jugos um astro. A analogia é palpitante. O povo diz que quando nasce o Sol é preciso saudal-o, porque o Sol é o Santissimo Sacramento. Na Beira Alta exclamam então:

Com bem nos aches,
Com bem nos deixes.

C — Ornatos propriamente ditos. Estes ornatos são de muitas especies, e difficeis ás vezes de classificar. As figuras geometricas (angulos, circulos, espiraes), predominam nos monumentos da edade da pedra.

Em alguns jugos vêem-se ramos muito bem feitos. Algumas poucas vezes apparecem flôres como cravinetas ou cravos, e cyprestes. Um lavrador chamou uma vez a uma flôr dos jugos um sol, ou gyra-sol.

Não se pense que os ornatos dos jugos são sempre grosseiros. Alguns apresentam uma admiravel disposição symetrica, e um gosto artistico por vezes extremamente pronunciado. O trabalho é mesmo com frequencia esmeradissimo.

Relativamente ao 2.º e 3.º problemas, o facto da distribuição geographica dos jugos ornamentados (beira-mar) faz lembrar a lei dolmenica dos littoraes, ainda que fica inexplicavel o elles apparecerem unicamente em dadas regiões. É possivel talvez que no predominio de uma certa tribu n'essas regiões se encontre algum elemento para a explicação.

Que havia certas analogias entre os symbolos e ornatos das cangas e os symbolos e ornatos prehistoricos, já nós vimos. Que a antiguidade da agricultura no nosso solo se perde na noite dos tempos, ficou dito na primeira parte d'este opusculo. Poderão referir-se a uma tal antiguidade todas ou parte das tradições expostas acima?

Deveremos até, especialisando, referil-as aos nossos avós os Aryas, cuja veneração pela vacca é similhante á veneração portugueza pelo boi?

Depois se responderá; porque, como não queremos fazer raciocinios *á priori*, ou tirar conclusões geraes de dados muito particulares, esperaremos que nos outros paizes se reunam materiaes analogos aos que acabamos de reunir no presente trabalho. Pedimos, pois, vivamente aos sabios empenhados no progresso da ethnographia que não desprezem este campo de exploração.»

Segundo passeio

Sahindo do Porto pelas barreiras da Lapa, rua da Rainha e Valformoso, corta-se em dois ou tres kilometros o terreno do concelho de Bouças, passando junto á sua egreja de S. Mamede de Infesta, e transpõe-se a *Ponte da Pedra,* que pertence a Leça do Bailio. A seguir começa o concelho da Maia, cuja primeira freguezia é *GUINFAENS,* deliciosamente situada á margem do rio Leça, sobre o qual vem desaguar o ribeiro de Almorode, tambem chamado de Guinfaens ou da Penna, cujas origens são ao norte em Avioso e Silva Escura, e que por nascente separa Guinfaens da freguezia de *MILHEIRÓS,* a qual sendo em toda a linha oriente-sul

banhada pelo Leça, fica por tal fórma constituindo uma pequenina e encantadora peninsula de uma legoa de circumferencia.

Esta freguezia de Milheirós, antigamente *Miliarós*—ou da palavra latina *milia* (milha) por se marcar até aqui alguma distancia, ou de *milium* (milho) em que tanto abunda, a ponto de abastecer outras freguezias—tem a sua *Descripção historica e topographica* tão completamente feita pelo presbytero, d'aqui natural, João Vieira Neves Castro da Cruz, que eu não tenho senão a indicar essa bem elaborada monographia ao leitor que deseje tomar largo conhecimento da freguezia, ou colher alguns trechos d'esse descriptivo para enriquecer o meu trabalho. É o que faço, agradecendo ao distincto presbytero a offerta do seu opusculo:

«A fabrica das casas é toda de pedra e cal, sendo a pedra tirada na freguezia, principalmente no monte Penedo, que abunda em boa pedra. D'este monte tem sahido pedra para outras partes, em distancia de quinze a vinte kilometros, pela raridade e falta d'ella em outras freguezias, que, se alguma teem, é muito dura, negra ou podre, ao passo que a de Milheirós é pedra muito sã e branca, sendo por isso muito pretendida e procurada para as obras mais elegantes.

O que prova de sobejo a estimação d'esta pedra é o ter d'aqui sahido muita para os portos do Brazil, que vem buscar (para o dizer assim) d'um outro mundo a um cantinho d'este, pedra para as suas obras.

Todas as casas dos lavradores são d'um só andar, além de quartos e lojas terreas, e rara é a casa do pobre que não tenha a sua *torre:* assim chamam vulgarmente os andares elevados do chão.

As portas são largas e altas, de maneira que possam entrar com facilidade carros carregados. As janellas, ornadas de crystallinas vidraças, são medianamente altas e de peitoril.

Entre as principaes casas merece especial menção a de Manuel Martins Ferreira, no lugar de Cima d'Aldeia, e a de Maria Rosa Alves d'Ascenção, no lugar da Agra. Ambas estas casas são grandes e sumptuosas, e vistas pelo exterior formam a perspectiva d'um palacio. Depois d'estas, a casa de Antonio da Silva Balthasar, e a de Antonio Ferreira da Silva Torres, em Fundevilla; a de Manuel José da Cruz, e a de Maria Gonçalves Ferreira, em Alvura; a residencia do parocho junto á egreja, e em geral todas as casas de Cima d'Aldeia são grandes, formosas e dignas de attenção.

A residencia parochial é uma das bellas obras que ha em Milheirós, e póde-se affirmar que no concelho da Maia não ha freguezia, que possua melhor casa para habitação dos parochos. É um vasto e sumptuoso edificio, que foi fundado no seculo passado, sendo então parocho d'esta fre-

guezia o abbade Manuel Luiz de Caldas Falcão. Julgo que foi no anno de 1752; o que é certo é que o bispo do Porto, D. frei José Maria de Affonseca e Evora, visitando a egreja de Milheirós em 26 de outubro do anno de 1748, ordenou que se concertasse a residencia do parocho por ameaçar ruina.

Não sei se se levou a effeito esta determinação do prelado, porque pouco depois se construiu junto da velha residencia a grande e sumptuosa que hoje existe.

Na freguezia de Milheirós tem o Leça quatro pontes, que são: a do *Areeiro,* tambem denominada a ponte de *Além do Rio,* ao nascente; a do *Arco,* a do *Pinheiro* ou da *Cruz,* e a de *Alvura,* ao sul.

Traz este rio peixes muito gostosos, como mugens, bogas, escalos, barbos, trutas e enguias.

No tempo do verão são os milheirosenses fartos de peixe fresco, que pescam com trasmalhos, naças e outras especies de redes. Fazem ao travez do rio estacadas de paus ou carreiras de pedras (a que chamam caneiros) e ali collocam as redes, e quando as tiram veem carregadas de peixe. Tambem algumas vezes abrem as levadas, e então é maior a abundancia de pescado. A este rio veem de grande distancia pessoas pescar ao anzol, chegando a tirar barbos de comprimento de cincoenta centimetros.

O rio de Almorode, affluente do Leça, tem na demarcação de Milheirós sete pontes. A primeira é chamada a ponte das *Eiras,* a segunda a das *Cabras,* aonde ha uns moinhos de Antonio Ferreira da Silva Torres, a terceira a de *Vasco,* a quarta a da *Abelheira,* a quinta a do *Marão,* a sexta e setima são no *Arquinho,* sendo a do sul a principal e de muita passagem. Junto d'esta ponte tem Joaquim Gonçalves Ferreira oito rodas de moinhos, tocadas com as aguas do rio Almorode.»

Fallando da epocha em que Milheirós foi elevada a freguezia e baseando-se em boas auctoridades e argumentos, diz o padre Neves: «Para mim é incontestavel que Milheirós já era freguezia no anno de 1586, e não poderia ser erecta ha muitos annos, em vista do pequeno numero de moradores. Esta consideração me leva a sustentar a veracidade da tradição que fixa os tempos do cardeal rei, como a epocha da instituição da egreja parochial de Milheirós.

O que é certo é que Milheirós fôra uma aldeia da freguezias d'Aguas Santas, e tinha uma capella com a invocação de Santa Luzia (á qual ainda hoje se tributa culto magestoso), aonde concorria immenso povo em romaria. Esta capella, que já não existe, era situada no lugar da residencia actual do parocho, e perto havia uma fonte que foi entulhada no anno de 1859. Esta fonte estava no caminho que conduzia á egreja. E d'aqui vem

que ainda os povos d'esta freguezia e das circumvisinhas cantam a seguinte quadra, que muitas vezes tenho ouvido:

Boa terra é Milheirós,
Dá de beber a quem passa:
Tem a fonte no caminho,
Santa Luzia na praça.

Dizem que, como esta aldeia ficava além do rio Leça, e succedia haver inundações que impediam o povo de cumprir os deveres religiosos em Aguas Santas, por este motivo se separára d'aquella e se constituira em parochia.

Mas esta razão não convence, porque a freguezia d'Aguas Santas ainda hoje conserva além do mesmo rio a aldeia de *Ardegaens,* que dista da egreja parochial muito mais que Milheirós. Demais d'isso, ainda muito tempo depois que Milheirós se constituiu em freguezia separada, não tinha o Sacramento, que era necessario ir buscar á egreja d'Aguas Santas, e dava-se o mesmo inconveniente que havia antes da separação.

Não ha duvida que o motivo que levou os moradores de Milheirós a terem o Sacramento na sua egreja, foi a difficuldade da passagem do rio Leça em occasião de inundações, pois isto claramente consta da escriptura que acima citei, feita no anno de 1697; mas já havia muito tempo que Milheirós era freguezia.

Julgo, portanto, que o motivo da separação foi o zelo religioso dos milheirosenses e o desejo de terem um parocho proximo e formarem uma freguezia, apezar de pequena, e não estarem sujeitos aos inconvenientes inseparaveis das grandes parochias.

E depois, o povo de Milheirós fica entre dois rios, quasi que isolado d'outro povo; que motivo mais forte para constituir uma parochia?

E mais me compenetro d'esta opinião por haver modernamente quem tenha tentado annexar Milheirós á freguezia d'Aguas Santas, e em geral os milheirosenses se teem pronunciado contra similhante plano.

Concluo, pois, que o anno provavel em que Milheirós se separou d'Aguas Santas e se constituiu em freguezia, foi entre 1578 a 1580, ha hoje quasi trezentos annos, e o motivo da separação foi o zelo d'este povo.»

A lista dos abbades que parochiaram Milheirós e que a *Descripção* apresenta é ainda uma confirmação do que fica dito.

«A egreja parochial de Milheirós está situada quasi no meio da freguezia, no lugar que toma o seu nome, e a que tambem se chama *Meio d'Aldeia.* Foi edificada no anno de 1697. Abriram-se os alicerces em 17

CASTÈLLO, *séde do concelho da* MAIA — *Desenho do natural por João de Almeida*

de maio d'este anno, e foi concluida no mez de novembro. Foi benzida em 12 de dezembro, e n'ella se disse então a primeira missa.

Até o anno de 1697 existia a egreja no lugar da residencia, e modernamente ali teem apparecido vestigios de enterramentos. E ali tambem era a antiga capella, que tinha a invocação de Santa Luzia.

Até o anno de 1697, em que se reedificou a egreja, não havia sacrario com o Sacramento, como já disse em outra parte; porém os milheirosenses requereram ao prelado da diocese licença para esse fim, o que lhes concedeu o bispo D. frei José de Santa Maria Saldanha, por despacho de 19 de julho de 1698. Com effeito, no dia 25 de junho d'esse anno foi no sacrario depositado o Santissimo.

Outr'ora tinha a egreja na capella-mór pendente uma rica alampada de prata, bem como havia um pallio com varas de prata: o que tudo foi roubado pelos francezes, que em 1807 invadiram Portugal, sob o commando do general Junot. Foi assim que tambem Milheirós experimentou a *protecção* do grande Napoleão, imperador dos francezes, rei de Italia, protector da confederação do Rheno, e não sei que mais.

A alampada de prata foi collocada no anno de 1758, sendo o seu custo 80$000 réis, que para esse fim deixou em testamento Sebastião Ferreira.»

Menciona depois a monographia os outros altares do templo, e descreve a capella-mór, em cujo tecto existe um «rico retabulo, que representa varios passos e mysterios de Jesus Christo e da Virgem, obra mandada fazer em 1711 pelo abbade Pedro Henrique Tavares. No tecto da sachristia existia outro retabulo, que desappareceu com as obras de 1868.

A torre, com tres sinos e relogio, foi principiada em 1859, e terminada no anno de 1860, tudo a expensas de donativos dos moradores da freguezia. Ao sul da egreja vê-se um bem disposto cemiterio, occupando o lugar do antigo passal.»

As festividades religiosas que se fazem em Milheirós são a de Santa Luzia a 13 de dezembro, que é a mais imponente, a de S. Sebastião e S. Roque em fevereiro, a do Sacramento em um domingo de junho, a de S. Thiago, padroeiro, a 25 de julho, juntamente com Santo Antonio, e finalmente a das Dôres no 4.º domingo de setembro.

Uma irmandade de estatutos curiosos e de nome não menos curioso existe em Milheirós desde 1690; chama-se do *Subsino* e ainda hoje se vê junto ao arco cruzeiro da egreja uma tabella, que indica os dias em que os irmãos teem de cumprir certos votos e fazer determinadas procissões. Até 1832 observava-se com esta irmandade do Subsino a seguinte usança: o parocho dava á irmandade 600 réis de *consoada* em dia de Natal. Os

irmãos reuniam-se em um lugar publico e ahi faziam uma comesaina, em signal de harmonia e boa união. O dinheiro gastava-se em vinho, a que chamavam o *vinho dos molhos*.

Além d'esta curiosidade transcrevemos outras do livro do *P.e Neves Castro:*

«Por morte d'algum adulto, cabeça de casal, offertavam os herdeiros ao parocho certas medidas de milho e um carneiro, segundo a qualidade da pessoa fallecida, e os bens que possuia. No dia do enterro, quando o cadaver era conduzido para a egreja, iam na frente do prestito funebre algumas mulheres com os saccos de milho e um homem com o carneiro, e se conservavam na egreja até terminarem os officios.

Isto já se não pratica; porém o parocho recebe depois o milho ou o seu valor equivalente, bem como do carneiro; sómente vae uma mulher com um cesto que leva doze vintens em prata e cinco rolos de cera. Chegando á egreja, ali está com o cesto junto de si durante o officio. Sepultado o corpo do defuncto vem o parocho ao arco cruzeiro e resa cinco *Padres nossos,* a cada um dos quaes arde um rolo de cera que a mulher vae apagando, e no fim entrega ao padre os doze vintens e o resto da cera.

No segundo domingo depois do enterro ha a mesma ceremonia do cesto e da resa, e em seguida os parentes e amigos do defuncto, um por cada vez, resam de joelhos, com uma vela na mão, um *Padre nosso* por sua alma, lançando no fim um vintem na bacia. Dá-se a isto o nome de *obrada* ou *offertorio.*

Durante um anno, em todos os domingos, é obrigado o parocho, á estação da missa conventual, a suffragar a alma do defuncto. Estes suffragios são conhecidos com o nome de *amentas.*

Não passarei em silencio uma disposição dos *estatutos* da irmandade do Subsino, bem notavel, de grande utilidade para a freguezia, e que ainda se observa.

Todas as pessoas estranhas, que veem fixar domicilio em Milheirós, não são admittidas na freguezia sem que primeiro o juiz da cruz proceda a informações sobre o seu comportamento moral e civil; e achando serem capazes e sem nota, são admittidas, dando de entrada para a irmandade 1$000 réis; aliás, não se admittem.

Não me consta que em outra alguma freguezia haja uma similhante pratica, a mais vantajosa para a boa morigeração; e não obstante haver n'isto alguma tolerancia e condescendencia, comtudo ninguem fixa domicilio sem pagar 1$000 réis de entrada.»

Confrontando com Milheirós pelo norte encontra-se a freguezia de *NOGUEIRA,* onde o rio Almorode tem o nome de rio *Penna* por passar

Convento de Moreira — desenho do natural por João de Almeida

na aldeia d'este nome, sob uma antiga ponte de granito. Os geographos tem-se visto, como nós agora, mais ou menos embaraçados com a nomenclatura variada de tão pequeno curso de agua; por isso previno o leitor de que só em *VERMOIM,* ao noroeste de Nogueira, é que o rio toma a designação de Almorode, um pouco acima da ponte d'este nome, no sitio da Arrotea. O vocabulo parece vir do arabe, mas a tradição popular diz que vem da alcunha do proprietario de uns moinhos, que existem junto da ponte, o *Almorode,* palavra que parece ser a corrupção de *Ambrosio,* um ascendente do proprietario actual, que teve tambem os ditos moinhos. Esta freguezia de Vermoim, vulgarmente chamada *S. Romão de Baixo* para a distinguir de *S. Romão de Cima* (S. Romão de Coronado), é a mesma de que já fallámos a pag. 310 d'este volume, indicando o privilegio que tinham os seus abbades, como apresentantes da egreja de Coronado.

A egreja matriz de Vermoim, ha pouco ainda humilissima e pobre, está ao presente reconstruida com certa elegancia. O cemiterio parochial é de 1880. No lugar da *Agra da Portella,* d'esta freguezia, informa o reverendissimo P.e Neves ao continuador de Pinho Leal, houve em tempos remotos um mosteiro duplex da ordem de S. Bento, do qual se conservam vestigios, indo depois as religiosas para o mosteiro de Arouca. Um documento do seculo XI falla d'esse mosteiro, dando a Vermoim o nome

de *Vermundi*. É provavel que a sua fundação fosse da mesma data de Leça do Bailio.

Em Vermoim passa a estrada districtal n.º 8-B, que aproveitamos para vir tomar a estrada real na freguezia de *BARREIRO,* que pelas duas é cruzada no sitio do Picoto. Um pouco antes, porém, vindo o leitor directamente do Porto, encontra o lugar de *Catasol* alegremente povoado, e tem ahi occasião de contemplar a importante escola *Maria Pia,* fundada e offerecida ao governo pelo visconde de Barreiros, cuja casa e quinta é tambem muito perto. A esculptura e a poesia encarregaram-se por seu turno de celebrisar o benemerito barreirense, aquella modelando-lhe a estatua, que se vê na frontaria da Escola, esta investindo com o lyrismo philosophico, na quadra que vae lêr-se:

A escola é a primeira fonte
Na qual o sabio bebera,
Vinde beber d'estas aguas
Da vida na primavera.

Proximo do lugar de Catasol, onde tudo isto se vê, fica a grande capella do Bom Despacho, junto da qual se faz a maior romaria d'estas redondezas. Não longe d'essa capella existe uma casa solar, que foi dos Pinheiros de Aragão.

Seguindo a estrada real depara-se-nos á direita a egreja matriz da *BARCA,* modesta e humilde, surgindo por entre a frescura viçosa de um vallesito encantador. Pinho Leal colloca-a erradamente á beira-mar e d'ella diz que formou sobre si cabeça de concelho. Confronta por nordeste com a lilipuciana freguezia de *GONDIM,* a mais pequena do concelho e talvez uma das mais pequenas do reino. A sua egreja parochial é de proporções tão acanhadas, que mal se podem celebrar n'ella as funcções religiosas.

Ha ermidas com capacidade superior.

Esta freguezia de Gondim, hoje tão insignificante, teve o titulo de villa no seculo XII, e foi dada com outras villas, em 1169, por D. Affonso Henriques, a uma D. Sancha Paes, que, segundo cremos, era sobrinha do mesmo rei.

Estava elle n'esta occasião tomando banho nas Caldas de Lafões.

D. Diniz lhe deu foral, em Santarem, a 20 de fevereiro de 1287.

Em 1623 tinha esta freguezia o nome de Gondem. É d'este modo que vem descripta no *Catalogo dos Bispos do Porto,* por D. Rodrigo da Cunha, e tambem se lê assim na segunda edição da mesma obra addicionada por Antonio Cerqueira Pinto, em 1742.

A egreja de Gondim pertencia ao antigo couto de Leça de Bailio, e o seu vigario collado, que tinha 30$000 réis e o pé de altar, era apresentado pelo referido bailio.

É terra muito fertil, como geralmente são todas as da Maia.

N'esta freguezia, como na anterior, passa o ribeiro de Almorode já nosso conhecido, embora o desconheçamos aqui pela nova denominação com que o designam, de *Calquim,* em razão de passar pela aldeia d'este nome.

Breve chegamos a

Castêllo

ou á *Villa* impropriamente designada com tal nome, visto não passar de ser uma aldeia insignificante da freguezia de *AVIOSO* (Santa Maria), cuja matriz parochial se encontra atraz do outeiro de Santo Ovidio, que domina o pequeno burgo. Perestrello, Eduardo de Faria, Prazeres Maranhão e outros chorographistas erradamente informam sobre a villa de Castêllo. Se tal nome póde usar, é apenas por estar ahi a séde dos *Paços do concelho,* que na gravura de pag. 637 se representa.

Quanto ao seu nome de Castêllo, quer-nos parecer que se algum houve ahi, d'elle não restam hoje vestigios, podendo conjecturar-se que estivesse situado não no sitio da casa da camara, mas no picoto de Santo Ovidio, onde alveja a capella d'este santo, e d'onde se gosa um delicioso panorama, em que se abrange ao norte a freguezia de *S. PEDRO DE AVIOSO,* cuja branca egreja parece erguer-se, como um cysne, á superficie do lago verde-escuro de pinheiros, que formam em redor um extenso circulo.

Ao sopé do outeiro de Santo Ovidio realisa-se no ultimo domingo de agosto, no mesmo dia da festa, uma feira de anno, onde as grandes transacções se reduzem quasi especialmente á compra e venda de instrumentos agricolas, e ao commercio das cebolas, que affluem em numerosas carradas vindas das Necessidades, pelo que o povo lhe chama *cebola da areia,* preferindo-a a outra qualquer para o consumo domestico e vendendo a que produz para a exportação.

N'este mesmo lugar de Castêllo, faz-se mercado ás segundas feiras, a que não vale a pena ir de proposito por ser pouco numerosa a concorrencia. Preferivel é que o leitor saiba quando se faz na Maia o casamento de algum viuvo ou viuva, para assistir á *latada* que se faz aos nubentes; um *charivari* infernal de latas velhas e tambores, que a gente moça ergue como um protesto contra os que vão pela segunda vez *ao arco da egreja.*

E não ha remedio senão calar, e deixar para outra noite a celebração das nupcias. Pobres viuvas da Maia!

*

* *

Deixando a pequena aldeia ou villa de *Castèllo,* tomamos a estrada que nos leva por *GEMUNDE,* onde se encontra a antiga casa e torre que foi de Antonio Pinheiro Touro. Cortamos até ao entroncamento um pinheiral sombrio, onde o cocheiro não perde o ensejo de nos contar as lendas de ladrões, a proposito de umas cruzes que marcam um homicidio, e onde, com ou sem proposito, nos falla da *Campa do Preto,* uma especie de rival de S. Benedicto, que a especulação inventou em 1841 por estes sitios, recebendo da lorpice popular boas e pingues offertas, até que a auctoridade interveiu e acabou com a exploração. Mas ainda hoje ha por lá quem acredite no santo preto.

Chegando ao Padrão de *MOREIRA* é de uso, que os cavallos tenham ahi algum descanço e comam as competentes sôpas. Entretanto damos nós um pequeno passeio até á elegante ponte metallica feita na estrada do Porto á Povoa em 1864-66, e admiramos ainda sobre o Leça a velha ponte secular, talvez romana, que existe perto da nova. Depois, porque a tudo dá tempo a interminavel sôpa, mettemos pela formosa alameda ou estrada que vem dar ao Padrão e vamos visitar o mosteiro, cuja egreja é a matriz da freguezia, e cuja cêrca e convento são hoje propriedade da viuva de José Estevão Coelho de Magalhães, o grande tribuno inolvidavel, a qual as adquiriu pelo preço de 20:000$000 réis da familia do desembargador Luiz Lopes Vieira de Castro, a quem tinha sido vendida depois de 1834.

O primitivo convento de Moreira foi onde é a ermida de S. Jorge de Gontão, sendo tambem esta a sua invocação, e d'ella foi fundadora D. Gontina, senhora das Pedras Rubras, no anno 900 de Cesar. O abbade D. Mendo é que o removeu em 1060 para o sitio actual, sendo a nova egreja benzida pelo bispo do Porto, D. Hugo, e chamando-se desde então do Salvador. Foi de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios), sendo no seu principio mixto de frades e freiras, sendo estas depois, pelas consequencias de tal promiscuidade, mandadas para o convento de Rio Tinto, para onde levaram muitas das rendas de Moreira, que eram suas.

O convento do Salvador teve doações importantissimas, citando-se entre muitas as de Soeiro Mendes da Maia, em 1123 (era de Cesar), e as de Fructesindo Gutierrez em 1116. Est'ultima dava noticia de uma reli-

quia do Sagrado Lenho, a qual durante as guerras da nossa autonomia desappareceu, sendo depois, em 1510, encontrada pelo prior Vasco Antunes debaixo da pedra d'ara do altar-mór, dentro de um antigo relicario, o que deu origem a sumptuosas festas. Antigamente vinham procissões de mais de setenta freguezias visitar esta reliquia, em occasião de calamidades publicas. O convento teve a apresentação de muitas egrejas, entre ellas a de S. Silvestre de Couço, freguezia independente e muito proxima do mosteiro, e que por ultimo veiu a encorporar-se á de Moreira. O territorio das duas constituiu o couto do mosteiro.

Em 1588, sendo prior D. Henrique Brandão e estando muito arruinado tanto o mosteiro como a egreja, se principiou a reconstrucção do edificio, acabando em 1622 com a fórma architectonica que ainda conserva, e que o desenho de pag. 641 reproduz com toda a fidelidade, apanhando parte da sua frontaria e toda a ala esquerda.

O interior é amplo, sendo a abobada dividida em caixotões de pedra; está, porém, fendida e ameaçando ruina. Ha alguma obra de talha elegante e digna de vêr-se, e é curioso o docel que cobre o pulpito, pelas ferragens antigas que possue.

Seguindo a estrada districtal, continuação da pittoresca alameda, deparamos breve com a linha ferrea da Povoa e n'ella com a estação de *Pedras Rubras,* servindo o importante lugar d'este nome, no qual existe a capella de Nossa Senhora Mãe dos Homens, fundada, ao que se diz, em meados do seculo IX pela primitiva fundadora do mosteiro, a tal D. Gontina, senhora d'estas terras. No ultimo domingo de setembro faz-se-lhe brilhante festividade, sendo pittoresco em extremo o vir n'esse dia ás Pedras Rubras em um dos muitos comboyos, que para aqui fazem serviço. Deve dizer-se em honra de Moreira, que a parte musical da festa é nada e creada na freguezia, cujo nome por isso toma. No largo das Pedras Rubras—*Ruivas,* diz o povo—fazem-se umas tres feiras semanaes, cuja origem data do tempo do cêrco do Porto. N'este lugar veiu pernoitar D. Pedro e o seu estado maior, em casa do lavrador Andrade, depois do desembarque em Arenosa de Pampelido a 8 de julho de 1832. Pinho Leal conta, a proposito, o seguinte facto acontecido n'esse mesmo dia ao imperador:

Entrou o rei-soldado em uma locanda e perguntou o que havia para comer.

—Peixe de tres FFF—respondeu o locandeiro.

—Que vem a ser isso?—perguntou D. Pedro admirado da nomenclatura.

—Faneca, fresca e frita—explicou o taberneiro.

D. Pedro comeu e no fim, vendo que não tinha dinheiro para pagar, voltou-se para o locandeiro e disse:

—Pois fica sendo agora de quatro FF o seu peixe.

—Como assim?

—Faneca, fresca, frita e *fiada,* visto que não tenho agora com que pagar-lhe.

Seguindo a linha ferrea de Pedras Rubras para o norte, ou voltando á estrada a *macadam* do Porto a Villa do Conde, corta-se a freguezia de *VILLA NOVA DA TELHA* na sua maior extensão. Começo por dizer ao leitor, que não ha titulo mais improprio para designar hoje a freguezia, pois que não é nem foi villa, não é nova, e tambem já não fabríca telha.

A egreja parochial, modesta e simplicissima, é muito antiga, havendo no seu archivo duas doações registradas em 1353 e 1355, inferindo-se d'esta ultima que já então era abbadia annexa ao convento de Moreira. Por bulla do papa Sixto V, de 1586, foram os dizimos da freguezia unidos ao mosteiro, passando desde essa epocha os seus parochos a intitular-se *reitores.* Existe n'esse archivo um outro documento de 1544, do qual se infere que ao norte da hoje denominada *bouça do padrão* existiu uma capella dedicada a Santo Aleixo. O primeiro nome d'esta freguezia, diz o diccionario de Pinho Leal, foi simplesmente *Villa Nova* ou *Villa Nova da Maia,* e só depois *Villa Nova da Telha,* em razão da muita que se fabricava aqui em differentes pontos e mesmo junto da matriz, como revelam ainda hoje os nomes de varios sitios d'esta parochia, taes como Campo da Telheira, Campo do Forno, Casa do Telhado, etc. D'aqui foi telha para o quartel de Santo Ovidio do Porto, e para a egreja de Lessa do Bailio.

Curioso pormenor.

A residencia parochial, em terra de tanta telha, não ha muito que estava—e talvez esteja ainda—coberta apenas de... colmo.

O mais antigo documento, que dá a esta terra o nome de Villa Nova da Telha, encontra-se nas *Constituições* de D. João de Sousa, impressas em 1690. Não consta tambem que esta parochia fosse villa, como dissemos já; apenas ha tradição, de que em tempos remotos o nucleo mais importante da povoação esteve no sitio hoje denominado *Cortinhas da Figueira.*

Houve outr'ora n'esta freguezia importantes devezas de castanheiros, cuja madeira se destinava especialmente aos arcos e vergas de pipas, que se fabricavam no Porto. A substituição da madeira pelo ferro e a epiphytia, que destruiu essas bellissimas arvores, empobreceu um pouco Villa Nova da Telha, industrialmente e na paysagem. Entretanto não conclua d'isto o leitor, que é por ventura arido o seu terreno; nada mais fertil que este chão de Villa Nova, e nada mais frequente por isso que poder apa-

nhar *d'après nature* um quadro da vida agricola, como esse que se representa na gravura de pag. 629, em que os lavradores estão carregando o milho segado durante o dia, tendo feito *bivac* á sombra de um castanheiro para d'ahi se dirigirem á eira, onde o milho tem de seccar ainda, antes que chegue a hora da desfolhada ao luar.

*
* *

Apezar de ser essencialmente agricola todo o concelho da Maia, contribuindo muito para este resultado, além das tradições e fertilidade dos terrenos, o regimen da propriedade, que é quasi, pelo costume, uma especie de vinculo ou morgadio feito no filho mais velho, dando-se ás raparigas o dote em dinheiro e fazendo com que os filhos segundos sejam padres ou emigrem para o Brazil—d'onde a abundancia dos *Brazileiros* na Maia—ainda assim outras industrias se desenvolvem no concelho, mencionando o *Inquerito* a tal respeito o seguinte:

Moagens—1 moinho de vento, 48 de agua, sendo a maior parte sobre o Lessa, Almorode e ribeiro de Paredes, e 2 a vapor, occupando no total umas 350 pessoas. Os moinhos de vapor são em Couço, e pertencem a Francisco Maia, que tem arrendadas tambem ou de propriedade sua, differentes azenhas no Leça; os moinhos de vapor servem-lhe na estiagem.

Construcção—Contam-se 695 operarios entre carpinteiros, pedreiros, estucadores, etc., sendo o salario médio de 300 réis.

Serração de pinho—Ha 63 serradores braçaes.

Ferrarias—Existem hoje apenas umas 38 officinas, em que se fabríca o prego batido, vendo-se, diz o Relatorio, ao longo da estrada de Braga, fechadas, arruinando-se, as numerosas casinhas dos antigos ferreiros, condemnados pela concorrencia do prego de arame feito em Lisboa e Porto. Para o amanho das alfaias ruraes e rodas das azenhas, attenta a visinhança do Porto, basta-lhe uma unica officina.

Manufactura de algodão—Comprehende esta industria umas 600 pessoas, ordinariamente mulheres, cujo salario não vae além de 80 réis. Occupam-se exclusivamente em dobar ou fiar, mais ainda em dobar, pertencendo estas operarias dobadeiras e fiadeiras ás freguezias suburbanas da cidade como Aguas Santas, Milheirós, Guinfaens, Barreiros, etc.

Alfaiates e sapateiros—55 operarios.

Tinturarias—3, occupando 5 operarios.

Dando por esta fórma uma noção do estado industrial do concelho,

cumpre apresentar outras estatisticas por onde bem se aprecie o seu valor economico.

O mappa de pecuaria é o seguinte:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	160	3:190$000
Muar	68	1:164$000
Asinino	95	273$000
Bovino	3:124	129:663$200
Lanar	260	180$100
Caprino	9	23$000
Suino	2:941	28:408$000
		162:901$300

A industria vinicola era ainda ha poucos annos insignificante, sendo as mais productoras as freguezias de Aguas Santas, Moreira, Aviosos e Silva Escura. Hoje essa producção augmentou, mas não só o concelho ainda tem de importar vinhos para seu consumo, como os que fabríca —verdes tintos—não são da melhor qualidade. O preço da pipa regula de 10$000 a 15$000 réis. Os outros generos teem pouco mais ou menos o seguinte preço:

Milho (alqueire de 17l35)	480
Trigo	700
Feijão branco	650
» mulato	600
» amarello	600
Cebola para embarque (a caixa)	650
» por cabo ou restea	50 a 100

As escolas primarias do concelho são nas seguintes freguezias: Aguas Santas, duas para o sexo masculino e uma para o feminino; Avioso, masculino e feminino; Barreiros, masculino e feminino; Milheirós, Moreira, Nogueira e S. Pedro Fins.

Além d'estas, outras ha, porém, devidas á iniciativa particular, honrosamente comprehendida pelos filhos d'este concelho.

Não tem ainda jornal seu a Maia, o que a não impede de lêr avida-

mente os jornaes do Porto, onde uma vez por outra insere a sua correspondencia politico-noticiosa. De resto ella não se preoccupa em ser uma terra de lettras; o que pretende é ter bois nedios e gordos para vender ao inglez, espigas e cebolas perfeitas, com que encher as *casas d'eira* e abastecer os mercados.

CONCELHO DA MAIA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Aguas Santas, *Nossa Senhora do Ó*	1:579	1:700	3:279	651 *(a*
Avioso, *Santa Maria*[1]	407	396	803	203 *(b*
Avioso, *S. Pedro*	271	324	595	158 *(c*
Barca, *S. Martinho*	283	330	613	179 *(d*
Barreiros, *S. Miguel*	492	507	999	250 *(e*
Folgosa, *O Salvador*	433	532	965	200 *(f*
Gemunde, *Santos Cosme* e *Damião*	344	422	766	188 *(g*
Gondim, *O Salvador*	145	145	290	83 *(h*
Guinfães, *S. Faustino*	558	540	1:098	263 *(i*
Milheirós, *S. Thiago*	415	424	839	211 *(j*
Moreira, *O Salvador*	924	970	1:894	418 *(k*
Nogueira, *Santa Maria*	465	511	976	195 *(l*
S. Pedro Fins, *S. Pedro*	286	297	583	127 *(m*
Silva Escura, *Santa Maria*	319	310	629	156 *(n*
Vermoim, *S. Romão*	358	430	788	189 *(o*
Villa Nova da Telha, *Nossa Senhora da Expectação*	323	387	710	157 *(p*
	7:602	8:225	15:827	3:637

a Comprehende esta freguezia os logares da Castello, Monte, Granja, Ardegães, Rebordans, Maia, Corim, Brasileiro, Crespo, Pedrouços, S. Jumil, Paço, Parada, Monte do Arco, Córga, Real, Mosteiro.

b Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Além, Lagiellas, Pena, Motta, Lança Parte, Mamfroia, Avelleda, Outeiro.

c Comprehende a freguezia de Santa Maria de Avioso, além da villa (ou logar) de Caslêllo, os logares de Avioso, Calquim, Ariosa, Ferreiró, Cidadelha.

d Comprehende esta freguezia os logares de Avioso, Castello, Villarinho de Baixo, Villarinho de Cima, Quirás, Quintã, Paiço Ferronho, Espinhosa, Ribella, Paredes; os casaes do Gaio, do Quintas, do Bernardo, do Montello, do Barros, do Santos, do Loureiro, do Moreira, da Rata, Quinta de Villarinho, da Vinha da Quinta, do Sapateiro, do Duarte, do Oliveira, do Azevedo, do Lima, do Foguete, do Theofilo, do Silva, do Ramos, do Campos, do Borralho, do José Antonio, do Martins, da Quinta da Espinhosa, do Rocha, do Brito, da Cancella, do Campos, da Cal, do Peixoto, do Monte, do Pires, e a quinta ou herdade de Paredes.

e Comprehende esta freguezia os logares de Gandarella, Gestalinho, Cabreira, Crasto, Carvalhal, Paisso, Rapozeira, Barca, Aldeia Nova, Pinta, Charcada, Mandim.

f Comprehende esta freguezia os logares do Pinhal, Outeiro, Brandinhaes, Pinta, Picoto, Souto, Barreiros, Estrada, Cata-Sol, Fafiaes, Vizo.

g Comprehende esta freguezia os povos e logares seguintes: Folgosa, com os logares de Egreja, Quintã, Vallinho, Serradouro, Olheiro, Figueiredo, Carvalho, Eirado, Paisso, Outeiro; Pedrosa, com o logar de Pedrosa; Villar de Luz, com os logares de Villar de Luz, Camposa; Santa Christina, com os logares de Santa Christina, Real, Monforte.

h Comprehende esta freguezia os logares de Gemunde, Outeiro, Sá, Bajonca, Anta, Casaes, Bairro, Povoa.

i Comprehende esta freguezia os logares de Gondim, Calquim, Porto Bó, Villa Verde.

j Comprehende esta freguezia o logar de Guilhabreu, e as aldeias de Villa Boa, Freixo e Parada.

k Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Carvalhos, Arco Guifães de Baixo, Mouta, Ribeira, Azenha Nova, Soutana, Aldeia Nova, Lagôa, Calvario, Manixe, Teso, Cata-Sol, Amieira, Subidouro, Castello, Penedos, Enxinhões.

l Comprehende esta freguezia os logares de Meio da Aldeia, Fun de Villa, Monte das Cruzes, Arrotea, Bessada, Pena, Pinheirinho, Arquinho, Agra, Alvura, Pinheiro, Arco, Cruz, Ponte, Arroteaça, Agrella, Agra Nova, Calvilhe, Bacello, Cimo d'Aldeia.

m Comprehende esta freguezia os logares de Moreira, Mosteiro, Mattos, Pedras Ruivas, Couço, Real, Guarda, Carvalhido, Gontão, Refonteira, Guardeiras, Arna de Traz (ou Rua de Traz?), Monte das Pedras, Chrestins, Sendal, Chancido, Agua Velha.

n Comprehende esta freguezia os logares de Mosteiró, Arões, Cazelo, Villa Verde, Lameira, Monte.

o Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Villar de Cima, Villar de Baixo, Rio, Casal, Barroso, Chan, Pena, Carvalho, e a quinta da Nogueira.

p Comprehende esta freguezia os povos e logares seguintes:

Povos	*Logares*
Egreja	Egreja Portella Valle Christello Quintella Casal Eirado Linhares Ribeiro Costa Areaes

[1] N'esta freguezia de *Avioso* (Santa Maria) ha a povoação de *Castêllo*, cabeça do concelho da *Maia*.

Povos	*Logares*
Paredes	
Leandre	Leandre Cruz
Arcos	Arcos Portella Valle

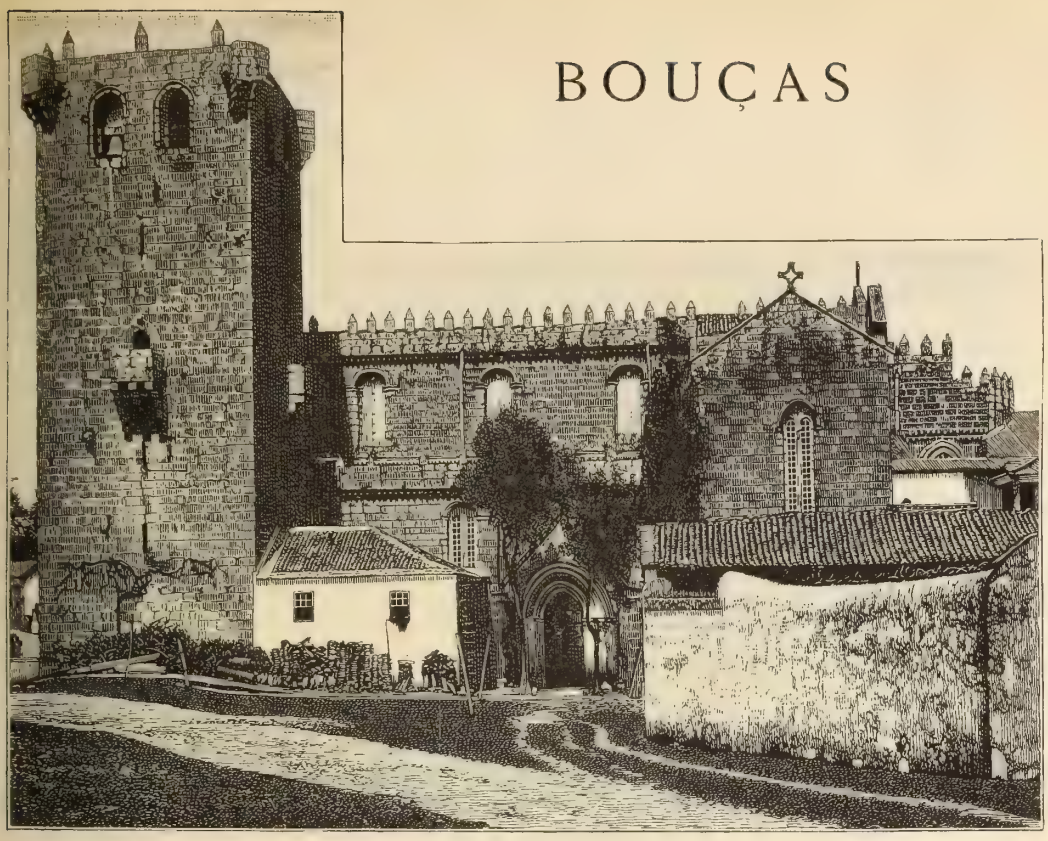
q Comprehende esta freguezia os logares de Silva Escura, Sá, Cavadinha, Friães, Thaim, Deveza, Frejufe.

r Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Real, Curraes, Talho, Picoto, Pinta, Cabadas, Almorode, Cabreira, Villa Verde.

s Comprehende esta freguezia os logares de Villa Nova da Telha, Lagidas, Villar do Senhor, Aldeia, Arrabalde, Monte, Pruzela, Ponte, e os casaes de Queires, Egreja.

t Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Povoa, Carvalhido, Venda, S. Gemil, Travessa, Cenra, Peso, Rio, Cestello, Real, Agra de Baixo.

BOUÇAS



O mosteiro de Lessa do Bailio — Desenho de João de Almeida

Tal é ainda officialmente o nome do concelho, formado outr'ora á custa do desmembramento das Terras da Maia, mas nome que se não justifica hoje senão pela tradição historica, visto ser Bouças uma pequena *povoação dentro da área da freguezia de Mattosinhos,* segundo a linguagem dos proprios documentos officiaes.

Alguns pretendem, diz Pinho Leal, que antigamente só existia a freguezia de Bouças e que Mattosinhos não era mais do que uma aldeia d'esta parochia, e tanto que ao Senhor de Mattosinhos se dava o nome de Bom Jesus de Bouças. Assim é. A *Chorographia* do P.e Carvalho da Costa, cujo primeiro volume foi impresso em 1706, diz:—«*S. Salvador de Bouças,* no lugar de *Matosinhos* (nome que nos parece tomou de pequenos matos que estavão n'aquellas Bouças), tem quinhentos e sessenta visinhos e estas Ermidas, Nossa Senhora de Riba-Mar, Santiago, Santo Antonio, S. Sebastião, S. Roque, Santa Maria Magdalena, Santa Anna e Santa Luzia: he Vigararia que apresenta a Universidade de Coimbra, a quem El Rey D. João O Terceiro deu o Padroado d'esta Igreja, a qual he de tres naves, situada em grande planicie, que cercão em parte altos e

frondosos alamos, que apartão de sy as casas, que dão principio ao fresco lugar de Matosinhos.»

Isto confirma realmente, que apenas era um lugar, mas já importante no principio do seculo XVIII, este de Mattosinhos, pois Carvalho o designa como ponto de referencia para Bouças.

Meiados do mesmo seculo, porém, esse lugar parece já ter absorvido toda a importancia social, visto que o *Portugal Sacro e Profano,* publicado em 1757, traz a freguezia de Mattosinhos e não traz a de Bouças.

Desde então o velho nucleo foi continuando a ceder terreno ao que até ahi era apenas uma parcialidade sua, e quando apparece em 1853 o alvará que eleva Mattosinhos e Lessa da Palmeira á cathegoria de villa, com o titulo de *Villa de Mattosinhos,* a velha Bouças já não discute primazias.

Diz o Alvará de 20 de abril de 1853, dado por D. Maria II, sendo ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães:

«—Eu a Rainha faço saber aos que este Alvará virem que:

Attendendo ás representações da Camara Municipal do concelho de Bouças, sobre a necessidade e vantagens de que as duas freguezias de Mattosinhos e Lessa da Palmeira sejam elevadas á cathegoria de villa, e de ser a cabeça do concelho transferida para Mattosinhos a fim de serem ali edificadas as casas necessarias para o serviço municipal, as quaes não devem ser construidas na pequena villa de Bouças, onde ora existe a capital do concelho, etc., etc.

Hei por bem:

1.º—As duas freguezias de Mattosinhos e Lessa da Palmeira, no concelho de Bouças, districto do Porto, são erectas em villa, com a denominação de—*Villa de Mattosinhos*—a qual n'esta qualidade ficará gosando de todas as prerogativas, privilegios e liberdades, que directamente lhe pertencem;

2.º—A capital do concelho de Bouças, ora existente na villa do mesmo nome, é transferida para a freguezia de Mattosinhos, elevada á cathegoria de villa pelo artigo antecedente. Pelo que ordeno, etc.»

Assim anniquillada pelo poder official a importancia de Bouças, o nome vae-se-lhe apagando tambem na linguagem popular, que desde muito tem substituido o nome antigo pelo de Mattosinhos, não escapando á reforma o proprio Bom Jesus de Bouças, que toda a gente conhece por *Senhor de Mattosinhos.* [1] Mas deve dizer-se que a lenda, ao contrario da

[1] Antonio Cerqueira Pinto publicando em 1738 a *Historia do Senhor de Mattosinhos* parece exprimir que já então era mais popular este nome que o de Bom Jesus de Bouças.

origem etymologica que ainda agora vimos em Carvalho, derivando a palavra de *pequenos mattos,* é a favor d'esta ultima designação, pois segundo resam antigas historias o nome vem de *Matisadinhos,* alludindo esta palavra ao matiz das conchas, com que se cobriu Cayo Carpo, o Pallantiano, de quem fallámos na Maia, quando n'esta praia, hoje occupada pelo porto de Leixões, elle andava em *bafurdio* alegre, celebrando com os amigos as festas do seu noivado, em occasião que ia passando um navio com os restos mortaes de S. Thiago.

Uma vez enleiados n'esta filigrana das lendas tem o leitor que acceital-as, tal como nós o fizemos, muito piedosamente, porque a querer destruil-as com o seu riso sceptico de homem moderno, tem o desprazer de não apanhar um pescador mattosinheiro que lh'as conte, nem de assistir a essa estrondosa romaria, que se faz no Espirito Santo ao *Senhor de Mattosinhos,* o mais acreditado d'entre todos os Christos authenticos, que se dão á benemerencia do milagre para nossa confusão de impios e scepticos, conforme o testemunho insuspeito dos numerosos retabulos, que pendem das paredes do templo e da casa dos milagres.

Ora pois! Cayo Carpo Pallantiano, nobre senhor da Maia e coadjutor de Claudio Athenodoro, prefeito das rendas publicas, celebrava n'esta praia de Mattosinhos as festas e bafurdios do seu noivado com Claudia Loba, Calense, filha ou neta do pretor romano Cayo Servio Lobo, progenitor, ao que diz a fabula genealogica, dos Lobos, Lopes e outras arvores lopaceas.

É de notar que sendo isto no anno 44 de Christo, pouco tem adiantado mais os noivos d'esta metade do seculo, visto que é nas praias que se preparam ainda os casamentos, e n'esta de Mattosinhos ha muito ainda quem imite o Cayo Carpo no bafurdar ou *chafurdar*—vem a palavra da anterior—batendo-se com as salsas ondas para agradar ao namoro. É verdade que a *toilette* é outra, e muito menos elegante, deve dizer-se em abono dos romanos, visto que é de cuecas e camisola que o banhista encharcado affronta o olhar das bellas, em quanto que era de elmo e arnez, como em torneio de combate, que os romanos entravam pelo mar dentro. Tal era a *toilette* d'esse nobre Cayo, quando o seu fogoso cavallo, —diz a lenda—tomando o freio nos dentes, o arrastou vertiginosamente até uma nau, que se balouçava além no mar em calmaria.

O susto na praia foi grande, não dizendo todavia a lenda se a noiva Claudia chegou a desmaiar; maior foi, porém, a surpresa ao vêr-se que as ondas poupavam o temerario cavalleiro, e, longe de o sepultarem no seio azul, como que lhe rasgaram um doce caminho de prateada espuma, até proximo da barca mysteriosa. Os tripulantes, que eram nem mais

nem menos que os discipulos de S. Thiago, cujo corpo iam levar a um dos portos da Galliza, apezar de egualmente surprehendidos, penetraram-se logo do verdadeiro sentido d'este miraculoso caso, e trataram ali mesmo de ministrar o baptismo ao nobre senhor de Pallantia, que o recebeu de bom grado.

Operada tão singular conversão e vendo o gentio que o seu senhor Cayo Carpo voltava á terra, sem que ao menos viesse molhado, mas apenas *matisadinho* de conchas, todo ali se converteu á nova fé.

Chamou-se ao lugar *Matisadinho* d'onde *Mattosinhos,* e para commemorar a alegria que sentiram, se deu o nome de *Lœtitia* (alegria) ao rio que passava perto, e que é o pittoresco Lessa, a que alguns chamaram tambem Lethes, confundindo-o por ventura com o *Lima,* e não tendo em conta os documentos gothicos, onde elle se encontra com o nome de *Leza,* palavra de origem phenicia, como parece ser esta raça do littoral.

Vê, pois, o leitor como n'esta praia de Mattosinhos se deram factos extraordinarios, ao alvorecer do christianismo na peninsula. A lenda tem seguimento. Por esse tempo vivia solitario, em uma herdade de seu tio Gamaliel, proximo a Jerusalem, o piedoso Nicodemus, habil esculptor de imagens. Empregando o seu tempo n'este mister, estava elle executando uma esculptura, em que retratasse a effigie de Jesus, quando o zelo pharisaico o perseguiu. Como artista e como christão preferiu confiar ao mar o seu trabalho, do que vêl-o sacrificado nas fogueiras dos seus perseguidores. Isso fez. O Mediterraneo recebeu a imagem de Jesus, e as ondas o trouxeram até este lugar, já assignalado pela conversão de Cayo Pallantiano, depondo-o respeitosamente no sitio de Espinheiro, onde em memoria do facto se levantou o *Padrão* que ainda se vê na entrada do molhe sul do porto de Leixões.

Tal é a historia do *Senhor de Mattosinhos.*

A esculptura, porém, estava incompleta ao tempo da perseguição ao artista, continua a lenda, e a custo pôde Nicodemus depois concluir o braço, que faltava á imagem. Quando o conseguiu, estava enclausurado em uma prisão, a cujas muralhas vinham bater as ondas do Mediterraneo. Nicodemus disse então atirando ao mar a sua obra: — Braço, vae unir-te ao corpo a que pertences.

Ainda, segundo a lenda, este periodo durou uns largos cincoenta annos, de modo que a imagem foi adorada incompleta por esse espaço de tempo, pois que por mais braços que lhe adaptaram, nenhum se conseguiu fazer adherir ao corpo venerando. Um dia, porém, andava na praia uma pobre mulher apanhando algas sêccas, com que alimentasse o lume, e aconteceu encontrar um objecto, que lhe pareceu bom para queimar. Che-

Egreja de Mattosinhos — Desenho do natural por João de Almeida

gando a casa deitou-o á fogueira, mas logo esse objecto saltou para fóra. A mulher tinha uma filha muda, que, ao vêr o facto estranho, miraculosamente fallou pela vez primeira em sua vida.

—Não teime em deitar ao lume esse pedaço de madeira—observou a rapariga—porque esse é o braço que falta ao Senhor Bom Jesus de Bouças.

Correu logo a noticia e foi adaptar-se o braço á imagem. Era tal e qual. Ajustou ao tronco, como se nunca ali houvera faltado. É d'este milagre que data a grande romaria do Espirito Santo em Mattosinhos.

O poetico monumento do Padrão é um zimborio formado de quatro arcos abertos, e tem no centro uma cruz com a imagem de um Christo, pintada em azulejo. Em um dos lados da base d'essa cruz encontra-se em algarismos arabes a data de *162*, o que corresponde ao anno 124 da era christã; no outro encontra-se o numero *50*, dizendo conspicuos escriptores que tal numero indica o periodo de cincoenta annos, findo o qual appareceu o braço da imagem.

A leitura, significação e confrontação d'estes algarismos é verdadeiramente um golpe de impiedade dado na lenda pela chronologia; como é, perguntarão os crentes, que Nicodemus vivia no anno 124 da era christã, elle que tirou do patibulo do Golgotha o corpo de Jesus, e como é ainda que cincoenta annos depois, a vida quasi de um homem, elle esculpturava o braço da imagem mutilada?

Não o pretendamos indagar e vamos por isso continuando com a

historia e lenda do *Senhor de Mattosinhos,* que a final, sejam ou não authenticos os algarismos, sempre vem a ser a mais vetusta imagem que se venera em Portugal, e uma das mais antigas da christandade, como o prova o facto de se occupar d'ella o 2.º concilio de Niceia, celebrado no anno de 325.

Dando ligeira noticia da pequena casa de cantaria situada junto do Padrão, e onde se vêem esculpidos na pedra os martyrios do Salvador, é ainda um novo milagre do Senhor de Mattosinhos que temos a enunciar. Foi em 1726, segundo as datas que lá se vêem, que uma mulher herpetica pediu ao Bom Jesus que a curasse; e logo na areia brotaram umas nascentes miraculosas, cuja agua foi panacea efficaz para a doente, como ainda hoje é, sem prejuizo da agua de Lourdes, para os que a vão ahi colher.

A egreja do Senhor de Mattosinhos, cujo aspecto se reproduz na nossa gravura de pag. 653, tem a sua historia lendaria, que já agora não desistimos de contar.

Até meiados do seculo XVI foi a imagem venerada na velha matriz de Bouças, hoje em ruinas, onde, por signal, esteve em um esconderijo nos annos mais nefastos para a egreja christã, como foram o de 412, invasão dos suevos, os de 713 e 982 dos arabes, etc. Mas em 1550, ameaçando ruina o templo de Bouças, a Universidade, que por mercê de D. João III era donataria de Mattosinhos, tratou a expensas suas de edificar um novo sanctuario. Houve disputa séria ácerca do lugar onde seria construida a nova egreja, mas decidiu-se o caso miraculosamente por lembrança de uma creatura inspirada no divino zelo. Montaram a imagem em uma burrinha, e onde quer que esta parasse, ahi seria a nova edificação.

Ora a burra parou no sitio, onde hoje é o altar-mór da egreja e por isso se deu principio ao templo n'esse mesmo lugar. A capella-mór e parte do corpo central é ainda d'esse tempo; o resto foi reformado e accrescentado em principios do seculo XVIII.

Pinho Leal descreve pela seguinte fórma o magestoso sanctuario:

«No topo de um amplo terreiro, assombrado por corpulentos e copados alamos e para o qual se sobe por uma espaçosa escadaria, eleva-se magestosa a egreja no meio de duas soberbas torres, formando um todo da mais agradavel vista e do mais venerando aspecto.

É formada a egreja de tres naves, cujos arcos são sustentados por seis columnas de ordem corinthia, e tem ao todo sete altares, incluindo o da capella-mór, sendo dois de cada lado, no corpo da egreja, dois ao lado do arco cruzeiro, e o altar-mór, em cujo throno se ergue cheia de devota magestade a veneranda e sempre milagrosa imagem do Senhor de Mattosinhos.

No primeiro altar do lado da epistola, ou á mão direita de quem entra a porta principal, venera-se o bemaventurado apostolo S. Pedro; no segundo do mesmo lado vê-se, em devota representação, a arvore de Jacob; no do lado do Evangelho, ou á mão esquerda de quem entra, a imagem de S. José, esposo de Nossa Senhora; no segundo venera-se a Senhora da Graça. Ao

lado esquerdo do arco cruzeiro fica o altar do Santissimo, e do lado direito o altar do Senhor dos Passos.

Todas as imagens são proprias a infundir devoção e respeito, que effectivamente lhe tributa o crescido numero de fieis que continuamente frequentam aquelle templo. No altar-mór, n'um elevado throno, expõe-se á veneração dos devotos, como dissemos, a santa imagem do Senhor de Mattosinhos, á qual anda ligada a historia de tão numerosos milagres.

No mesmo terreiro ou alameda em que está situada a egreja se elevam de um e de outro lado differentes capellas, que a devoção tem feito construir, e nas quaes se representam os principaes Passos da Paixão de Jesus Christo, nosso Salvador. São estas capellas em numero de seis, em cada uma das quaes se representam os seguintes Passos do Senhor:

Na 1.ª capella do lado esquerdo ao sahir da egreja — o Horto.

Na 2.ª — a Prisão de Jesus.

Na 3.ª — o Senhor açoutado.

Passando para o lado opposto, na 1.ª capella á mão esquerda de quem sobe a escada do terreiro — o Pretorio.

Na 2.ª — o Senhor *Ecce Homo.*

Na 3.ª, junto á egreja — o Senhor com a Cruz ás costas.

As capellas são separadas umas das outras por canteiros ajardinados, guarnecidos de grades de ferro, o que lhes dá mais fresco, deleitoso e agradavel aspecto.

Na capella-mór, do lado do Evangelho, vê-se o tumulo do bispo do Porto D. Geraldo Domingues, que morreu em Estremoz no anno de 1321, e cujos ossos foram conduzidos para aquella egreja. Diz assim o epitaphio que n'esta sepultura se lê:

«*Aqui jaz D. Giraldo Domingues XXIX, bispo do Porto. Foi morto em Estremoz no anno de 1321.*»

A existencia do corpo do venerando bispo do Porto explica-se pelo seguinte:

Foi a este religioso prelado que el-rei D. Diniz, no anno de 1305, deu o padroado de Mattosinhos, e foi elle que n'esta egreja deixou instituidas cinco capellanias com certas obrigações, instituição que mais tarde foi alterada.»

Fechando por nossa parte a descripção das lendas e tradições miraculosas do *Senhor de Mattosinhos,* que umas cinco vezes foi ao Porto em solemnissimas procissões de penitencia, segundo resam antigos chronistas, cumpre-nos dizer ao leitor, que a sua fama milagreira, longe de se extinguir nos tempos impios que vão correndo, parece augmentar á medida que a civilisação vae fazendo convergir para Mattosinhos os mais valiosos elementos de progresso.

É verdadeiramente extraordinaria a affluencia de povo, que nos tres dias da romaria do Senhor de Mattosinhos concorre ao seu alegre sanctuario, aproveitando para o fazer todos os meios de transporte, que põem em communicação esta linda praia com o Porto. As duas companhias de americanos, os trens, os *char-à-bancs,* o caminho de ferro da Povoa, despejam constantemente sobre as proximidades da rua do Godinho enormes carreadas de romeiros, além d'aquelles que desbordam pelas estradas cantando e dançando alegremente.

O curioso é que cada um dos dias tem, por assim dizer, o seu publico escolhido, sendo o primeiro dia para a cidade, o segundo para os artistas, e o terceiro para os lavradores, pelo que toma differentes aspectos a romaria, qual d'elles mais pittoresco. Mas a grande attracção é, sobre

tudo se o tempo está sereno, o fogo preso e do ar na segunda feira á noite. Verdadeiramente phantastico! O Porto e as aldeias visinhas parece haverem-se despovoado para encher o vastissimo areal, onde se elevam as *arvores do fogo*. Não se faz idéa do que seja esse arraial, quando a luz polychroma dos foguetes chove, como uma estrella que se desfez, por sobre a multidão, e reverbera no mar as scintillações do seu colorido.

Deslumbrante!

Depois que o fogo termina, é ainda um espectaculo curioso o vêr a marcha dos americanos e trens, comboyando para a cidade toda essa multidão enorme, que veiu assistir ao arraial. Toda, é um modo de dizer, porque teriam os americanos que fazer até ao dia, se tivessem de transportar a maior porção que ainda fica em descantes enthusiastas, e acaba por dormir no fofo leito da areia, *pêle-mêle,* em um bivaque indescriptivel.

O sanctuario de Mattosinhos deixa, por assim dizer, no escuro todas as outras curiosidades de mais ou menos interesse, que ainda se encontram na terra, o que aliás é justo, attenta a sua grandiosidade. Entretanto, depois de lhe dar o lugar de honra, póde o *touriste* visitar a ermida de Nossa Senhora da Misericordia, as ruinas da egreja velha de Bouças, e uma outra capella de menor importancia, que nem merece a pena mencionar-se.

Apezar de viver das tradições e lendas, que deixamos apontadas, a pittoresca povoação de Mattosinhos não tem o aspecto de uma villa antiga; é aceiada, alegre, e parece que dia a dia se vêem surgir casas elegantes em arruamentos alindados, como se alguma fada se encarregasse de construir com a espuma branca do mar as suas construcções graciosas. Seria por ventura essa fada a *Companhia Edificadora Portuense,* que tão bem comprehendeu a necessidade de desenvolver esta povoação?

Concorridissima como praia, onde a vida corre para o banhista serena e saudavelmente, sem os sobresaltos da roleta e sem os grandes *clubs,* onde os pulmões se esfalfam na dança, a pouco se reduzem as suas distracções;—uma ou outra *matinée* musical, uma partida de *canotage* no Lessa, a pesca ao anzol, o *pic-nic* ao ar livre, a apanha do mexilhão, a caça ás rolas, e nos dias sanctificados a musica ao ar livre, na encantadora alameda, onde se levanta desde 24 de agosto de 1864 o monumento de Passos Manuel que a nossa gravura representa, e do qual escreve o sr. Ramalho Ortigão, critico auctorisado em assumptos de arte:

«Este singelo e sympathico testemunho da estima de alguns cidadãos pela memoria de um seu conterraneo illustre vale muito mais como intenção moral, que como obra artistica. A estatua do eminente estadista e do insigne tribuno popular parece-se pouco com o original. A attitude é

LESSA DA PALMEIRA — *Desenho de João de Almeida, segundo uma photographia do ex.mo sr. Eduardo Alves*

encolhida e falsa. A correcção do desenho é ligeiramente contestavel. O grande homem representado n'esta effigie de marmore branco, tem o aspecto de quem está pedindo a opinião dos passeantes ácerca do córte austero da sobrecasaca monumentosa que elle tem vestida. Essa sobrecasaca, tão digna e honradamente mal feita, certifica á posteridade a pureza dos costumes do cidadão que a enverga, impolluto dos contactos viciosos e depravados do dandysmo moderno.»

O nome de Passos Manuel impunha-nos, como dever, fallar dos nomes gloriosos que enaltecem a historia do concelho de Bouças, lembrando, logo depois de Passos Manuel, seu irmão José, o patriota de popularissima nomeada, que todo o Porto conheceu, e depois d'esses quasi nossos contemporaneos, os nomes de Francisco de Sá Menezes, 1.º conde de Mattosinhos, do padre Belchior da Graça, de Simão Gonçalves da Camara, cognominado o *Magnifico,* que tanto consolidou na Africa o nome portuguez, de seu avô o descobridor da Madeira, João Gonçalves Zarco, cujo berço disputam entre si differentes terras, mas cujo nome só Mattosinhos veiu agora honrar, instituindo a *Escola Gonçalves Zarco,* graças á iniciativa de benemeritos como Tavares Crespo, Nogueira Pinto, Corrêa Pinto, José Ventura dos Santos Reis, Alves da Hora, Alexandre Sarsfield, Affonso Cordeiro e Joaquim Aroso, e das senhoras que os auxiliaram, realisando uma *kermesse,* cujo producto foi logo além de 1:000$000 réis.

A indole d'este livro e o pouco espaço de que já dispomos quasi ao fim d'esta longa peregrinação, não nos permitte, porém, fazer biographias, ou apontar sequer os nomes de tantos homens illustres, que ligaram a sua vida á historia do concelho. Por isso deixamos de pôr em relevo os nomes de João Pinto de Araujo e sua irmã D. Maria Francisca de Araujo, a instituidora da Escola feminina de Lessa, do conde de S. Salvador de Mattosinhos, e de tantos outros que mereciam pelos seus actos essa biographia, tão ou mais honrosa para nós, do que ainda para elles.

Mattosinhos está tão intimamente unida a

Lessa da Palmeira

que uma não se comprehende sem a outra, além de que, segundo vimos, o mesmo alvará regio as engloba sob o titulo de *Villa de Mattosinhos.* As pontes que atravessam o Lessa n'este sitio são nada menos de cinco, umas ali ao pé das outras, antigas e modernas, de pedra, de ferro, de madeira, por onde transitam peões e americanos, vehiculos de cavallo e locomotivas a vapor, e isto basta para dar idéa da solidariedade que prende as duas encantadoras povoações. A gravura que apresentamos em pag. 662,

copia de uma photographia do ex.mo sr. Eduardo Alves, é antes um quadro que este distincto amador compoz, aproveitando a disposição encantadora de um trecho da villa sobre o rio, do que propriamente um desenho, em que se representam essas pontes; por isso ellas não figuram ahi, como a verdade exigiria hoje, tanto mais que é mesmo ao meio do quadro que deveria passar a elegante ponte metallica da Companhia Carril Americano do Porto á Foz e Mattosinhos.

Como praia tem Lessa o mesmo viver pacato de Mattosinhos, encontrando-se pequenas casas confortaveis, e hoteis—são os principaes o *Central* e *Estephania*—onde agradavelmente se passa a estação balnear.

A colonia ingleza, preferindo Lessa a qualquer outra praia, imprime-lhe uma certa originalidade picante no seu aspecto exterior, o que é para o indigena pacato um grande motivo de distracção.

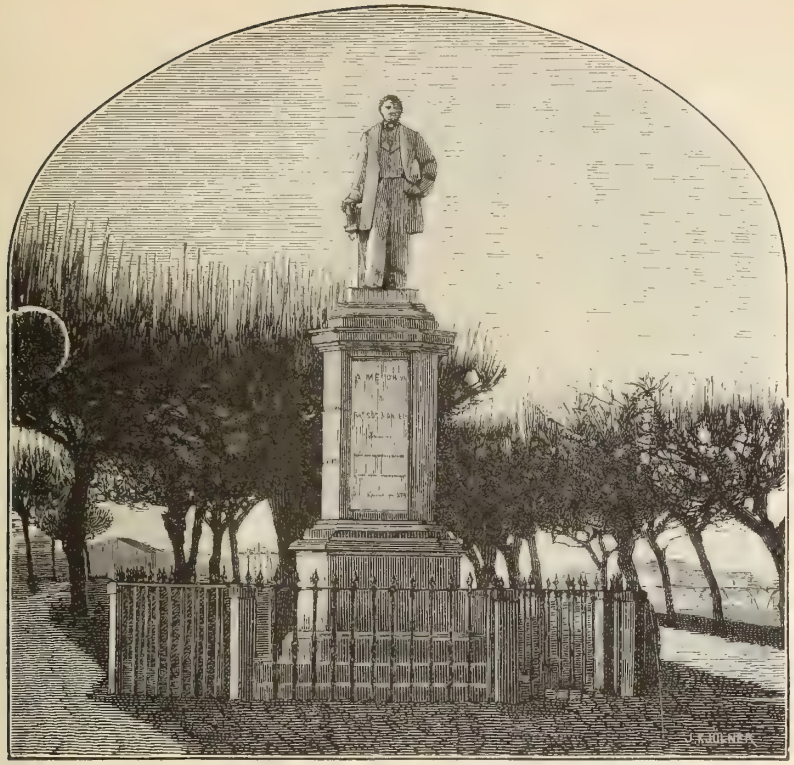
Em Lessa ha de notavel para vêr-se o convento de S. Clemente da Penha, nome que teve no seu principio, 1392, quando os frades Diogo Arias e Gonçalo Marinho o edificaram sobre uns penhascos da costa, mas que trocou, depois da sua transferencia para o local em que hoje está, pelo de *Nossa Senhora da Conceição*. A imagem, de muita devoção entre os mareantes, foi mandada fazer em Coimbra por D. Affonso V, que bastantes vezes veiu visital-a, sendo tambem este monarcha o que mandou construir o corpo da egreja actual, visto encarregar-se de mandar fazer a capella-mór D. Margarida de Vilhena, muito devota da Senhora. A cêrca e convento é hoje propriedade do sr. Nogueira Pinto.

Depois do historico mosteiro da Conceição, ou S. Clemente, é um lindo passeio o que se faz até á capella da Senhora da Boa Nova, dois kilometros ao norte, gosando de sobre o escarpado rochedo em que assenta a ermida, não só o espectaculo sempre novo do mar, como o panorama largo e encantador que se divisa para terra, vendo desenrolar em uma extensa superficie as povoações do littoral.

Propriamente em Lessa tem o *touriste* a vêr a egreja matriz reedificada em 1873 pelo benemerito João Pinto de Araujo, a escola de meninas instituida por sua irmã e herdeira D. Maria Francisca de Araujo, o cemiterio tambem melhorado a expensas suas, o theatro recreativo inaugurado em 1873, o castello com os seus fossos ajardinados, e finalmente o *Mira-mar* construido em 1870 e destinado a dar a senha aos pescadores, mas hoje condemnado a desapparecer dentro das obras grandiosas do

Porto de Leixões,

a audacia mais brilhante com que a energica cidade do norte reptou a natureza, avara para com ella de uma enseada, que abertamente corres-



Monumento a Passos Manuel, em Lessa da Palmeira

pondesse ao seu grande labor commercial. O porto de Leixões consistirá em dois grandes molhes, um a norte, outro a sul da foz do rio Lessa, indo o primeiro ligar-se com o grupo das pedras de Leixões, contra as quaes o Oceano quebra o furor indomito das suas vagas. Nada mais simples, mas nada tambem mais collossal. Para estender esses dois braços gigantes pelo mar dentro, que esforço titanico o do homem, e que poderosas alavancas tem de empregar a mechanica! Por isso tambem os trabalhos do porto são para os habitantes de Mattosinhos e Leça, que antevêem ali o grandioso futuro da sua terra, como para o banhista, que concorre a qualquer das duas praias, o mais interessante espectaculo que seus olhos podem contemplar! As machinas em actividade, as locomotivas que passam vindo das pedreiras de S. Gens, os blocos em construcção, os trabalhos no mar, a faina de mais de dois mil operarios, e sobretudo os gigantescos *titans,* prendem a curiosidade a tal ponto, que ha banhista que passa ahi os seus dias inteiros, sem querer saber das outras distracções que póde offerecer-lhe a terra.

Os trabalhos do *porto de Leixões* principiaram em 1 de junho de 1884 com cercâ de trezentos operarios, dirigidos por um director, tres conductores chefes de serviço e alguns apontadores pagos pela empresa, e um

engenheiro director, dois conductores e um amanuense pagos pelo governo.

O molhe de norte, que deve medir $1^{k},566$, tem já construidos 755 metros, e o do sul, que deve medir $1^{k},161$, conta já 740 metros, referindo as obras á data de 1 de novembro de 1887.

*

* *

Para visitar o concelho de Bouças, tomando a villa de Mattosinhos como ponto de partida, em duas excursões se póde subdividir a visita, sendo o rio Lessa a linha divisoria d'esses passeios.

Zona da margem esquerda

Seguindo em um americano até um pouco adiante do castello do Queijo, e partindo d'ahi para nascente, a freguezia de *NEVOGILDE,* á qual pertence já a vetusta fortaleza, é a primeira que nos apparece pittorescamente situada entre macissos de verdura, vendo do seu abrigo de pinheiros desenrolar-se na costa o magestoso oceano.

Junto fica *S. MARTINHO DE ALDOAR,* cujo principal lugar de *Villarinho* assenta em um valle aprazivel, cortado pela estrada que vem dar á Fonte da Moura, que é ainda um lugar da freguezia. D'este ponto é facil atravessar para *RAMALDE,* caso se não quizesse seguir no americano até á Boa Vista e tomar ahi o caminho de ferro da Povoa até á *Estação da Senhora da Hora,* parochiana da freguezia, como o fazem todos os romeiros, que em quinta feira de Ascensão concorrem ao afamado arraial, onde apparecem as mais formosas raparigas dos arrabaldes do Porto, não sendo as *ramaldeiras* as que teem a perder n'esse concurso de belleza. A capella da Senhora da Hora, rodeada por lindissima alameda, é muito antiga, dizendo a tradição que a imagem, trazida de longes terras por um ermitão, esteve primeiro na capella de S. Bartholomeu, que fica perto, sendo a devoção dos mercadores e navegantes, que construiu a actual, hoje dirigida por uma rica irmandade. Proximo nasce uma abundante fonte de agua potavel excellente, que se recolheu em uma arca, d'onde sahe por sete bicas, e d'ahi o nome de *Senhora das Sete Fontes,* que o povo dá tambem á imagem.

Proximo da estação fica o monte de S. Gens, coroado pela capellinha d'este santo, vendo-se junto o pinheiro, onde a tradição diz que D. Miguel quebrou o seu oculo de campanha ao vêr que o general Bourmont

tinha perdido a mais importante batalha travada nas linhas do Porto, em defesa da sua causa.

Este monte, ha pouco visitado pela familia real portugueza na sua digressão ao norte, está hoje cortado pelas vias ferreas e apparelhos mechanicos da empresa do Porto de Leixões, que tira d'aqui a pedra para a construcção da sua obra gigantesca, levando-a em caminho de ferro especial até ao sitio dos trabalhos.

Seguindo pela estrada districtal até ao *Padrão da Legoa,* fica-nos á direita a aldeia de *Requesende,* onde a 15 de agosto se faz uma romaria a *Nossa Senhora do Porto,* que ahi tem a sua capella. Como o nosso intuito, porém, não é demorar n'estes lugares de Ramalde, proseguimos na estrada até *S. MAMEDE DE INFESTA,* cuja egreja matriz, mandada construir em 1864 pelo benemerito filho d'esta freguezia Rodrigo Pereira Felicio, depois visconde e conde de S. Mamede, foi sagrada em 1866, e é hoje o elegante templo, imitação da Trindade, que se vê ao lado esquerdo da estrada districtal n.º 8-A e ao direito da estrada real, que junto do cruzeiro da freguezia entroncam em um lugar avillarado, de bellos predios urbanos.

A primitiva matriz parece ter sido no lugar de *Mualde,* corrupção de *Manualde,* pois em um documento de 1021 se chama á freguezia *S. Mamede de Manualde;* depois parece ter passado para a aldeia da *Ermida,* onde ha hoje a linda capella da Conceição, e por isso se chamou á freguezia *S. Mamede da Ermida* até fins do seculo passado, e só por ultimo veiu a séde porochial para o lugar de Infesta, tambem chamado da *Egreja Velha,* visto que a actual, apezar de construida no mesmo lugar da sua antecessora, data, como dissemos, de 1864-66. O interior da egreja é acanhado; os seus altares vieram do convento de Monchique, do Porto.

Seguindo até á *Ponte da Pedra,* que se diz edificada pelos romanos, e parando no encantador lugar beijado pelo Lessa, onde é o ponto dos *rendez-vous,* mais ou menos romanticos, que uma vez por outra sobresaltam a pacata vida do Porto, vamos d'ahi visitar *LESSA DO BAILIO,* cujo historico templo, meio religioso, meio guerreiro, avulta entre a amenidade dos valles que o circundam.

Ignora-se a noticia da sua fundação, sabendo-se apenas que a fabrica primitiva existia já nos fins do seculo x, compondo-se então de uma pequena egreja e de um mosteiro benedictino de frades e freiras, com a invocação do Salvador. Nos fins do seculo xi foi esta egreja reedificada por causa de ameaçar ruina, sendo por tal epocha doada como pertença do mosteiro de Vaccariça á mitra de Coimbra, então exhausta de recursos.

Sendo admittida pouco depois no reino a ordem de S. João de Jeru-

salem, vulgo *Ordem de Malta,* foi-lhe concedido o mosteiro de Lessa que lhe ficou sempre pertencendo, vindo a ser cabeça da Ordem em Portugal. Não está bem averiguado, se o mosteiro estava ou não povoado n'esse tempo, embora alguns digam que era então de templarios, o que nenhum documento attesta, e antes os que ha, depõem em sentido contrario a essa opinião.

Até principio do seculo XIV conservou o mosteiro a sua fórma primitiva, mas achando-se então a egreja em mau estado resolveu o Bailio D. Frei Estevão Vasques Pimentel, cujo curioso epitaphio se lê em uma lamina de bronze na *Capella de ferro* (ou Senhora do Rosario), levantar um grandioso templo, que fosse simultaneamente egreja e fortaleza, o que levou a effeito e concluiu no anno de 1336, reinando D. Affonso IV.

É esta obra do frade Bailio, ampliada nos fins do seculo XVI e principio do XVII, pelo seu successor D. frei Luiz Alvares de Tavora, que tem desafiado as intemperies de cinco e meio seculos, apresentando-se ainda hoje com o singular relevo artistico, que se póde vêr na nossa gravura de pag. 653. Por essa occasião (1336) é que parece haver-se mudado a invocação do Salvador para a de Nossa Senhora da Encarnação, existindo ainda em 1642 uma imagem de tal Senhora, que depois foi substituida por um retabulo da Assumpção, em pintura a oleo. O povo começou a chamar-lhe Santa Maria de Lessa e é esta a invocação que tem persistido.

Como havemos dito, é antiquissimo o mosteiro de Lessa e a elle se prendem muitas recordações historicas, que dariam um grosso volume, se as quizeramos coordenar; como tal não póde ser o nosso programma, limitar-nos-hemos a dizer que no mosteiro se hospedaram D. Affonso Henriques e sua mulher D. Mafalda, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, a infanta D. Filippa, neta de D. João I, e muitas outras pessoas de jerarchia, que mais ou menos contribuiram para o prestigioso nome do convento de Lessa.

Aqui foi tambem que D. Fernando casou com a adultera D. Leonor Telles, receiando tanto em Lisboa como no Porto qualquer manifestação de desagrado do seu povo, e aqui foi tambem a dramatica scena de familia na qual se viu o infante D. Diniz, filho de Ignez de Castro e de D. Pedro, ameaçado de morte pelo punhal de seu irmão por se recusar a beijar a mão da nova rainha.

D. Sancho I reformou a casa de Lessa em 1212, e D. Manuel deu-lhe foral em 1519. Pela extincção das ordens religiosas, em 1834, acabou o bailiado de Lessa, continuando o templo a servir de matriz parochial.

A frontaria do templo dá sobre um pequeno adro, junto do qual fica o cemiterio da freguezia, não podendo por isso desfructar-se bem as go-

thicas ogivas da sua porta principal, assentando em oito delgadas columnas, assim como a formosa rosacea que opulenta a fachada.

Todo o edificio é coroado de ameias, manifestando claramente o destino de templo-fortaleza, que teve no seu principio; para tornar o edificio mais defensavel a unica communicação que havia entre a egreja e o convento era por cima do telhado, subindo-se por uma das escadas da torre.

A egreja é de tres naves, sustentadas por dez arcos, cinco de cada lado, sendo a nave central mais elevada que as lateraes. Mede o templo cento e setenta palmos de comprimento por setenta de largura, e conta cinco altares, sendo anteriormente o seu numero de sete.

Ha tumulos magnificos para admirar, alguns com epitaphios curiosos. A peça, porém, mais notavel que ha em Lessa para vêr é a esplendida pia baptismal, de pedra ançã, rendilhada de esculpturas e arabescos, o que a torna um exemplar soberbo do estylo gothico floretado; a sua fórma é oitavada, tendo na parte superior de cada uma das quatro faces alternadas o escudo das armas do fundador. A inscripção que rodeia as quatro faces diz que — *O Prior do Crato, D. Frei João Coelho, a mandou fazer* — naturalmente em 1514 — visto não poder lêr-se a era, por estar occulta com a parede, mas data que se deduz da que existe no formoso cruzeiro que fica perto da egreja, obra do mesmo prior D. Frei João Coelho.

Passando do convento ao lugar de Araujo, na estrada de Villa do Conde, nome que procede naturalmente de terem ahi vivido os Araujos, descendentes de D. Soeiro Mendes da Maia, proximo nos fica a freguezia de *S. THIAGO DE CUSTOIAS,* onde o caminho de ferro da Povoa tem a estação de *Custoias,* perto do largo em que no dia 1 de novembro se effectua a *feira dos creados,* talvez a mais original dos arrabaldes do Porto.

Ahi vem os lavradores das circumvisinhanças contractar creados de lavoura para os cinco mezes de inverno, contracto que, depois de feito verbalmente, se vae ractificar com a *cabrita* em uma das tabernas do lugar. Quem paga a *cabrita* é o creado ou o patrão, este as mais das vezes; para que o leitor não faça conjecturas sobre o que sejam as arrhas do contracto, dir-lhe-hemos já que a *cabrita* consiste na *posta* e vinho de companhia, sendo aquella de carne, ou peixe. Tudo o mais que se comer em seguida, já não é a *cabrita.*

Confrontando por occidente com S. Thiago de Custoias e pelo sul com Mattosinhos fica a freguezia de *GUIFÕES,* á margem Lessa, sobre o qual tem uma ponte de origem celta ou romana, até onde, e ainda no tempo de D. Affonso V, se fazia a navegação do rio, que foi depois prohibida a pedido dos frades do mosteiro da Conceição, sob pretexto de que

lhes perturbavam o silencio e clausura da sua regra. Os açudes, que depois d'isso construiram, tornaram-a de todo impraticavel. As tradições agricolas são em Guifões curiosas, fazendo lembrar as dos povos aryas; o boi é tão sagrado, que até para curar doenças servem os jugos que elle usa, como acontece com as parotidites, que são tratadas, mettendo-se o pescoço do paciente no jugo ainda quente do boi, e dizendo com religiosa uncção:

Tisorelho
Vae-te d'aqui
Que bois e vaccas
Cangam aqui.

(*Apud.* Leite de Vasconcellos).

Guifões é o berço patrio dos dois irmãos Passos, Manuel e José, o que a nobilita na historia contemporanea.

Atravessando a ponte de Guifões encontramo-nos sobre a

Zona da margem direita do Lessa,

na deliciosa e encantadora freguezia de *SANTA CRUZ DO BISPO,* assim chamada por causa da quinta de recreio dos bispos do Porto, a qual lhe fez perder a antiga denominação de *Santa Cruz da Maya.* Segundo alguns escriptores esta quinta foi hospicio de frades benedictinos em tempos remotos, e passou depois aos templarios. Junto d'ella e sobranceira ao Lessa vê-se, em um elevado monte, a capella de Nossa Senhora da Guia, imagem de muita devoção para estes povos da Maia e Bouças. Ahi vinham tambem orar, ou recrear-se, os bispos do Porto, gosando o dilatado horisonte, que se descobre do lugar. A ermida foi reedificada pelo bispo D. Fernando Corrêa de Lacerda. A freguezia de Santa Cruz foi doada por D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, aos bispos do Porto, como compensação dos prejuizos que tinha a sua Sé, nos proventos dos enterros, que então se faziam no convento de S. Domingos.

Na aldeia de Aguiar existem umas ruinas, que o povo chama *Castello dos mouros,* vendo-se ahi restos de um edificio, que a tradição erudita diz serem os do palacio de Cayo Carpo (?). Parece que estas ruinas, que tambem se chamam de Guifões, são contemporaneas da Citania, dizendo o sr. Leite de Vasconcellos que ahi se tem encontrado objectos analogos aos d'aquella povoação prehistorica. Pinho Leal falla de uma estatua de pedra, chamada pelo povo *Homem da maça,* estatua de Hercules (?), achada em um serro entre as capellas do Livramento e S. Sebastião. Se o leitor fôr por acaso um amador curioso de investigações archeologicas, póde,

em quanto faz a sua estação de banhos, ir explorar estes segredos de Santa Cruz. Quando nada encontre das velhas tradições, outras encontrará hoje formadas no espirito do povo, o que por certa fórma o recompensa d'aquillo que não achou em assumptos archeologicos. São essas a lenda de bondade d'um coração de mulher, a ex.ma sr.a D. Maria Dias de Sousa, a cuja iniciativa generosa se deve, no largo fronteiro á matriz, o bello edificio escolar para meninas e a elegante capella que lhe fica perto, e no lugar de S. Braz, para citar apenas em globo, todos os aformoseamentos materiaes, que o tornam hoje notavel. Esta rejuvenescencia vale bem, pelo menos utilitariamente, os achados archeologicos de Aguiar.

Proseguindo a excursão até *PARAFITA,* atravessamos o seu importante e aprazivel lugar de *Freixieiro,* indo logo em frente, no entroncamento das Telheiras, tomar a estrada que desfila junto do espaçoso adro parochial, adornado de australianas, e que vae cortando a aldeia central da freguezia, notavel pelos excellentes predios que possue.

Seguindo para norte vêmos á esquerda a ourella da costa franjando com renques de pinheiros o manto cerulo do mar, e de certo nos interromperia o caminho a suavidade da paysagem, se, volvendo os olhos para essa facha liquida de azul que banha a freguezia de *LAVRA* por poente, a recordação historica do desembarque do exercito libertador não fizesse esquecer qualquer outro pensamento. Foi ali, no pequeno *varadouro* de *Areosa* ou *Arenosa de Pampelido,* em frente do lugar onde hoje se levanta o singelo monumento, que o povo chama a *Memoria,* que se effectuou a 8 de julho de 1832 o desembarque de D. Pedro e dos 7:500 bravos, erroneamente denominados do Mindello. O espirito sente-se perturbado, mas ao mesmo tempo feliz, por lhe ser dado evocar, em face de lugar tão humilde como glorioso, os traços d'essa moderna Illiada, em que a liberdade refulgiu, como aurora brilhante, para a nacionalidade portugueza.

Deixando o lugar de Pampelido e seguindo pela estrada até Cabanellas e Paiço de Lavra (seria o Paço de Gundesindo?), duas das aldeias mais importantes da freguezia pelas excellentes construcções que as constituem, podemos, em Cabanellas, seguir o ramal que nos leva á séde da freguezia, tendo ahi, em face dos vestigios que ainda se observam de uma antiga villa, occasião de recordar o seu passado.

Attribue-se aos gregos da Thracia a sua fundação, e outros a suppõem formada pelos lusitanos, uns 600 annos antes de Christo, tendo então o nome de *Lávara.* Alguns auctores, confundindo, julgam ter sido aqui o Porto primitivo. No tempo dos suevos houve aqui um convento benedictino para os dois sexos, chamado *S. Salvador de Labra.* Fez-lhe, em 897, importante doação *D. Gundesindo,* em attenção a que sua filha

Adosinda, fundadora do mosteiro de Avintes, *se metteu depois freira em Lavra* (documento da Universidade de Coimbra).

A egreja actual, se é a representante d'esse mosteiro *fundato ab antiquo in ripa maris,* em nada o demonstra hoje, talvez devido ás muitas reconstrucções que tem soffrido.

*
* *

O concelho de Bouças, ou melhor a sua séde, em virtude das suas intimas ligações com o Porto, de que está predestinado a ser um bairro importantissimo, para onde se desloque o movimento commercial e maritimo, não é—bastam as duas lindas povoações de Lessa e Mattosinhos para o affirmar—um burgo sertanejo, cujo valor se aprecie facilmente. Sentimos não poder recolher todos os dados, que demonstrem a sua grande importancia, excluindo mesmo a que lhe advem já, e ha de no futuro multiplicar, proveniente do *Porto de Leixões.* Os que apresentamos servem ainda assim para dar uma idéa approximada de quanto vale o concelho, cuja vida economica se divide em tres robustos ramos: a agricultura, a industria fabril, e a do mar, comprehendendo n'esta a navegação, a pescaria e a balneotherapia, que é para as duas praias uma contribuição de riqueza, na estação competente.

Tem o concelho a represental-o na imprensa não só um bem redigido jornal politico, *O Monitor de Bouças,* como um jornal de sciencias, que se publíca em Lessa da Palmeira, com o titulo de *Revista de educação e ensino;*—além de poder considerar quasi seus tambem os jornaes do Porto, onde se discutem dia a dia os assumptos que lhe dizem respeito.

As escolas primarias officiaes são nas seguintes freguezias:—S. Mamede de Infesta, Lessa do Bailio, Lavra, Lessa da Palmeira, masculino e feminino; Mattosinhos, masculino e feminino; Parafita, Ramalde. A iniciativa particular é n'este sentido importante, e, por assim dizer, sobrepuja a iniciativa governamental. Citamos apenas, como prova, a Escola feminina de Lessa, a de Santa Cruz do Bispo, a que já nos referimos, e a moderna escola *Gonçalves Zarco,* destinada a um futuro brilhante.

A agricultura do concelho é essencialmente cerealifera, sendo o milho a principal especie cultivada; os campos são fertilisados com o adubo animal do *mexoalho,* o que torna a producção muitissimo abundante. A vinicultura póde dizer-se em atrazo; as freguezias que mais vinho produzem são Ramalde, Lessa do Bailio, Mattosinhos e Lessa da Palmeira, sendo o vinho verde delgado, palhete, acidulo e de pouca duração. As

videiras são levantadas em uveiras ou ramadas, e as castas vulgares são o *azal*, o *vinhão tinto*, a *borraçal*, a *carvalhal* e o *padeiro*.

O valor pecuario do concelho resume-se na presente estatistica:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	177	3:326$800
Muar	7	114$500
Asinino	59	284$800
Bovino	4:359	163:296$100
Lanar	439	356$300
Caprino	11	17$700
Suino	2:307	23:775$800
		191:172$000

Do *Relatorio da Sub-commissão de inquerito* ás industrias, feito em 1881, colhemos os seguintes dados:

Moagens—20 moinhos d'agua, com 200 mós, empregando 100 a 150 pessoas. O rio Lessa é o motor principal.

Pescarias—Conta 134 pescadores, com 52 barcos (24 *barcos*, 6 *saveiros* e 22 *botes*), demonstrando a relação numerica entre os barcos e as tripulações, que a pesca se não exerce ahi em grande escala, nem como profissão regular. As informações colhidas dizem que os pescadores de Mattosinhos são os rapazes, ou os marinheiros invalidos, ou os maritimos, que descançam nos intervallos das viagens. A pesca tem, pois, um caracter subsidiario da principal occupação maritima dos habitantes do concelho—a navegação.

Construcção—Conta 1:730 operarios, entre carpinteiros, pedreiros, estucadores, etc.; o salario médio é de 400 e 360.

Serração de madeira de pinho—64 serradores braçaes.

Ferraria e serralheria—190 a 240 operarios. Ha em Ramalde 8 officinas, empregando 120 a 150 operarios e fabricando mais particularmente fechaduras communs. A mais importante é a do sr. Venancio da Silva Cambra. Os aprendizes vem quasi todos de Traz-os-Montes.

Telheiras—7 fornos e 28 operarios.

Carvoarias—16 homens, produzindo 130 tonelladas de carvão.

Manufactura de carvão—772 fiadeiras, 78 dobadeiras e 15 officinas de tecelagem, com 200 teares.

Em Ramalde, centro principal, o numero das officinas de tecelagem

de cotins e riscados é consideravel e occupa perto de 300 pessoas. As condições de existencia d'esta industria são muito precarias, em virtude de ser o *fabricante* obrigado a vender o seu producto aos negociantes do Porto, que lhe dão o fio a credito, e só lhe pagam em dinheiro o estrictamente indispensavel para a subsistencia.

Alfaiates e sapateiros—129.

É com taes dados que se póde mais ou menos approximadamente computar o valor economico do concelho. O seu valor, porém, como estação de *villegiatura,* só o póde calcular quem tenha o bom gosto de escolher nos mezes de verão qualquer das duas encantadoras praias, que, mais que nenhum outro documento, tornam Mattosinhos tão conhecida e tão querida dos forasteiros. Para estes é ainda o Lessa um assumpto de pittorescas excursões artisticas, onde a cada instante se apresentam deliciosos quadros, como o que remata este capitulo, em que se vêem nas poldras dos açudes as lavadeiras lavando o fino bragal de linho.

CONCELHO DE BOUÇAS

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Aldoar, *S. Martinho*	330	390	720	163 *(a*
Costoias, *S. Thiago*	548	577	1:125	284 *(b*
Guifões, *S. Martinho*	292	333	625	168 *(c*
Infesta, *S. Mamede*	1:109	1:167	2:276	565 *(d*
Lavra, *O Salvador*	792	894	1:686	353 *(e*
Lessa do Bailio, *Santa Maria*	1:087	1:078	2:165	542 *(f*
Lessa da Palmeira, *S. Miguel*	1:006	1:308	2:314	615 *(g*
Mattosinhos, *O Salvador*	1:617	1:992	3:609	883 *(h*
Nevogilde, *S. Miguel*	134	169	303	77 *(i*
Parafita, *S. Mamede*	554	608	1:162	290 *(j*
Ramalde, *O Salvador*	1:935	1:942	3:877	982 *(k*
Santa Cruz do Bispo, *Santa Cruz*	410	490	900	204 *(l*
	9:814	10:948	20:762	5:126

a Comprehende esta freguezia os logares de Villarinho, Villa Nova de Baixo, Villa Nova de Cima, Passos, Fonte de Mouro, Funchal, Padrão Novo, Agra, Castivellas, e o casal de Vicente

b Comprehende esta freguezia os logares de Padrão, Fonte Velha, Fonte, Egreja, Souto, Estrada, Gondivenho, Espezade de Cima, Linhar, Cete, Forninho, Espezade do Fundo, Golfeiro, Pinguella, Costoias, Matalto, Fonte do Cuco, Bouções e Pedras: estes ultimos cinco são *meeiros* com a freguezia de Guifões.

c Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Touraes, Guifões de Baixo, Guifões de Cima, Ponte de Guifões, Azenha Nova, Regato, Ribeiro, Lomba, Ponte do Manco, Gatões, Ponte do Carro, Fonte do Cuco, Matalto, Pedras, Costoias.

d Comprehende esta freguezia os logares da Cruz, Cavada, Egreja Velha, Laranjeira, Outeiro, Corujeira, Eirado, Aldeia, Deveza, Ermida, Estrada Nova, Estrada Velha, Carril Branco, Picoutos, Aldeia Nova, Tronco, Marco, Telheiro, Lagoa, Ventiella, Arrothéa, Moalde, Aldeia Nova do Centro.

e Comprehende esta freguezia os logares de Labruje, Egreja, Casaes, Estrada, Rua Nova, Fun'de Villa, Barreiros, Granja, Outeiro, Mogueime, Gandra, Lamosa, Moreiró, Calvelha.

f Comprehende esta freguezia os logares de Lavra, Pampellido, Avilhoso, Cabanellos, Paço, Antella, Angueiros.

g Comprehende esta freguezia os logares de Souto de Leça, Ponte de Moreira, Custió, Rua do Araujo, Monte do Araujo, Outeiro, Pedregal, Gestal, Agrella, Goimil, Gondivai, Ribeiro, Padrão da Legua, Amieira, Picoutos, Arrothéa, Monte de Recarei, Recarei de Cima, Recarei de Baixo, Ponte da Pedra, Sant'Anna, Sant'Iago, Catasol, Fafiães, Gaio, S. Sebastião, a quinta da Amieira, e uma herdade em Picoutos.

h Comprehende esta freguezia os logares de Leça da Palmeira, S. Clemente, Rodão, Gonçalves, Camposinhos, Amerosa, Sardoal, e a quinta da Conceição.

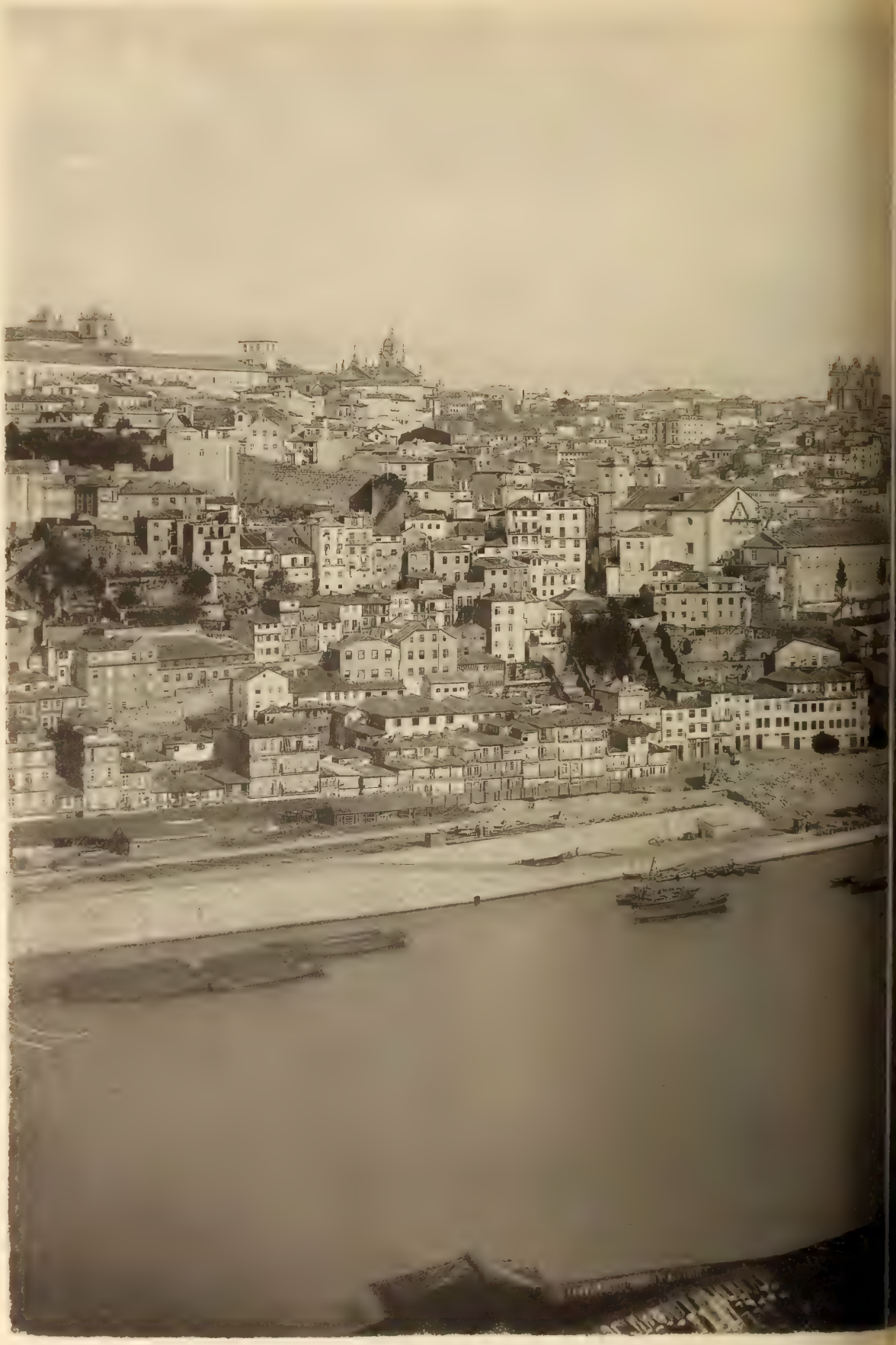
i Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Bouça, Linhares, Sendim, Fonte do Cuco, Senhora da Hora, Lavadores, Salazar, Barranha, Real, Carcavellos, Prado.

j Comprehende esta freguezia o logar de S. Miguel de Nevogilde.

k Comprehende esta freguezia os logares de Perafita, Vinha da Bouça, Jam de Cima, Guarda, Monte d'Ouro, Cabo do Mundo, Pampellido, Freixieiro, Viso, Gandra, Ao Pé da Egreja, e os casaes de Caibros, Corguinha, Bugalheira, Moinhos.

l Comprehende esta freguezia os logares de Ramalde de Baixo, Outeiro, Campinas, Pereiro, Senhora da Hora, Viso, Padrão da Legua, Seixo, Monte dos Burgos, Requezende, Ramalde do Meio, Prelada, Francos, Trabaje, Carçareira, Mirante, Olho Marinho, Caminho de Baixo.

m Comprehende esta freguezia os logares de Santa Cruz, Gandra, Barreiro, Cancellinho, Santo Izidoro, Aguiar, Hospital, Mirão, Mont'Avô, Monte dos Outeiros.



VISTA

RESCO

ORTO

PORTO

A Alfandega
Desenho de João de Almeida

Dando o nome á brilhante patria antiga deu, com o sangue, a liberdade á querida patria moderna. Filho, nenhum deu mais a sua mãe; nem qualidade tão excelsa ha, que possa valer a ultima.

Sacrario glorioso, onde se guarda altiva a alma nacional, impolluta e casta como as camelias nevadas que enfloram os seus jardins de cidade santa da liberdade, o Porto, o luctador inquebravel das grandes batalhas, em que se pelejam as causas generosas, exerce por um dominio, quasi convertido em lenda, a nossa hegemonia politica, e é pelas condições da sua posição geographica, como pelas qualidades brilhantes do seu caracter, a verdadeira capital do norte. É, pois, com o espirito e o coração de homem moderno, que eu o saudo, eu, humilde operario carregando alegremente o alforge dos meus cinzeis, ao vir quasi dentro da linha dos seus muros concluir a obra, que é mais d'elle, como influencia *de meio,* do que minha, como execução artistica.

Como ás segundas feiras chegam aos bandos os operarios dos arra-

baldes trazendo na sacca de linho a *boróa,* com que se alimentam uma semana inteira, assim ha vinte annos eu cheguei de um canto obscuro da provincia com as ingenuidades adoraveis de creança—a pesada borôa da inexperiencia—para vir na cidade, cujo nome era para mim uma lenda, receber a luz que illuminou o meu cerebro, procurar as alegrias que orvalharam a minha mocidade.

O exemplo do trabalho deu-m'o na sua vida intima a cidade laboriosa; a ferramenta adquiri-a lá; os primeiros ensaios, os que mais desvanecem o coração de um artista, recebeu-os esse publico activo e intelligente, sem que os esmagasse com a sua indifferença.

Por isso me corria a obrigação, e cumpril-a venho com prazer, de depôr como respeitosa homenagem aos pés da cidade sempre nobre e leal as recordações d'esta jornada através a provincia encantadora do Minho. ai de mim, estropeado como os guerreiros que volviam da terra santa sem forças mais do que para depôr aos pés da sua dama a espada luzente dos combates, mas enamorado ainda, como elles, para, ao sentir-me bem em terra amiga, não saudar senão com os enthusiasmos do coração a grande e audaciosa capital do norte.

Comprehende-se que seria preciso exclusivamente um volume para dar do Porto uma idéa approximada; vae no fim, porém, este singelo trabalho de *touriste,* e não se compadece já com a exhuberancia de taes notas a minha carteira de viagem. De resto, outros mais competentes o tem feito; e tão completa ha sido a ceifa n'este campo, que eu mal sei, como hei de imitar a Ruth biblica, apanhando aqui e além os respigos dos ceifadores, para, quando não encha a minha abada, ao menos formar com elles um menos desageitado ramo campesino, que o Porto possa benevolamente atirar para o monte das suas corôas de gloria.

*

* *

O brazão de armas do Porto, reformado por D. Pedro IV, de tão imperecivel memoria na cidade, que esta accrescentou ao seu brazão um escudo de purpura com um coração de ouro, recordando o do monarcha piedosamente guardado na egreja da Lapa, diz na sua legenda:—*Antiga, muito nobre e sempre leal e invicta cidade.* Eu não sei se a legenda falla verdade, quanto ao primeiro ponto, nem venho descerrar com a luz da minha erudição tão leve, a nuvem caliginosa de crendices, com que se envolve no berço a historia da cidade invicta. Estava eu bem arranjado, se quizesse tratar a questão *ab initio,* e demonstrar por um esmiuçado in-

querito, qual foi a primeira raça que poz o seu pé n'estes fraguedos do Douro! As probabilidades de acerto haviam de ser tão poucas, as hypotheses tão intrincadas e confusas, e a utilidade, que d'ahi adviria, tão insignificante, que eu realmente olhei de longe para essa neblina côr de chumbo, e desesperei de vêr através d'ella um raio de luz que me guiasse.

Tomei então um ponto de reparo n'esse horisonte de nevoas e para mim assentei, que bastava ir até ao *Castrum novum* dos romanos, no sitio da Penaventosa. hoje bairro velho da Sé, para estabelecer uma garantia, por ventura ainda discutivel, mas sustentavel já, como legitima, da antiguidade do Porto.

Ahi foi, quando talvez esse castro era já uma ruina, que os suevos, os verdadeiros povoadores da cidade, vieram ha quinze seculos estabelecer-se, fortificando audaciosamente o castello, e abrindo as bitesgas e alfurjas do Burgo, ao qual deram tão rapido desenvolvimento, que dentro de poucos annos se tornou a séde de um bispado catholico.

Passo em claro o largo periodo, que vae do dominio godo ás primeiras invasões dos arabes, anno pouco mais ou menos de 716, em que o emir Abd-el-Azim põe a saque o Burgo e o castello do Porto, e implanta ahi, durante mais de um seculo, o poder civil dos arabes.

Resgata D. Affonso I de Leão a cidade em 820, mas logo depois pretende reconquistal-a o kalifa de Cordova, Abd-el-Raman, ao que se oppõe o conde Hermenegildo, governador do Porto, desbaratando-lhe as hostes junto a Campanhã, na celebre batalha em que o sangue vertido pelos agarenos e christãos deu o nome a *rio tinto*. Al-Mansor, o terror dos christãos, vem seguidamente vingar o desastre do Kalifa, e, segundo a opinião das chronicas, não *deixa pedra sobre pedra* da cidade luso-goda, o que nos parece inverosimil e pouco de harmonia não só com a adiantada civilisação arabe, como, o que mais é, com a necessidade que teria um chefe bellicoso e experiente de não destruir tão valioso ponto estrategico para assegurar melhor o seu dominio.

Mais me confirma esta opinião o facto de se passarem perto de cento e cincoenta annos sem novos combates feridos entre vencedores e vencidos, periodo largo bastante para que uns e outros se assimilassem mutuamente os costumes, dando origem á formação da raça mosarabe, de que falla Alexandre Herculano na sua *Historia de Portugal*. Quer-nos parecer, pois, que nem estava de todo deserta a cidade, como se deprehende das chronicas que dizem não ter Almansor *deixado pedra sobre pedra,* quando em fins do seculo x fundeou no Douro a esquadra dos normandos e gascões, dirigida pelos irmãos D. Moninho e D. Sisnando Viegas e pelo bispo de Vendome, D. Nonego, nem que fosse tambem mui porfiada a resis-

tencia, que os gascos encontraram por parte da população mosarabe, que naturalmente se concentrava então no bairro de Miragaya, e que até os auxiliaria na conquista—se conquista foi—ou melhor na reedificação do antigo castello, cuja importancia os normandos reconheceram como ponto estrategico para as suas projectadas incursões pelo paiz, por elles denominado *Terra de Santa Maria,* em honra da virgem, a cuja intercessão recorriam para que os auxiliasse na conquista. Aos gascos, e principalmente aos seus chefes, deve, pois, o Porto a mais larga restauração experimentada depois da formação sueva, e ahi está como se encontram já mui proximo do periodo da nossa autonomia uns novos povoadores da cidade. Ainda hoje se observam vestigios claros d'essa reedificação dos gascões na linha primitiva de circumvallação a que erradamente se chama *sueva,* pois é muito posterior a este povo, embora talvez assente sobre a mesma directriz da fortaleza goda.

O cinto de muralhas, que metteu para dentro, porém, as bitesgas e alfurjas do burgo velho do Porto, só mais tarde foi mandado construir pelo arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, entre os annos de 1108 e 1110, aproveitando-se talvez grande parte do que era até ahi o *Castello,* cuja *torre de menagem* ou *cidadella,* robustecida por ameias e setteiras, foi por muito tempo a velha egreja da Sé.

Pinho Leal traça pela seguinte fórma essa linha de *circumvallação:*

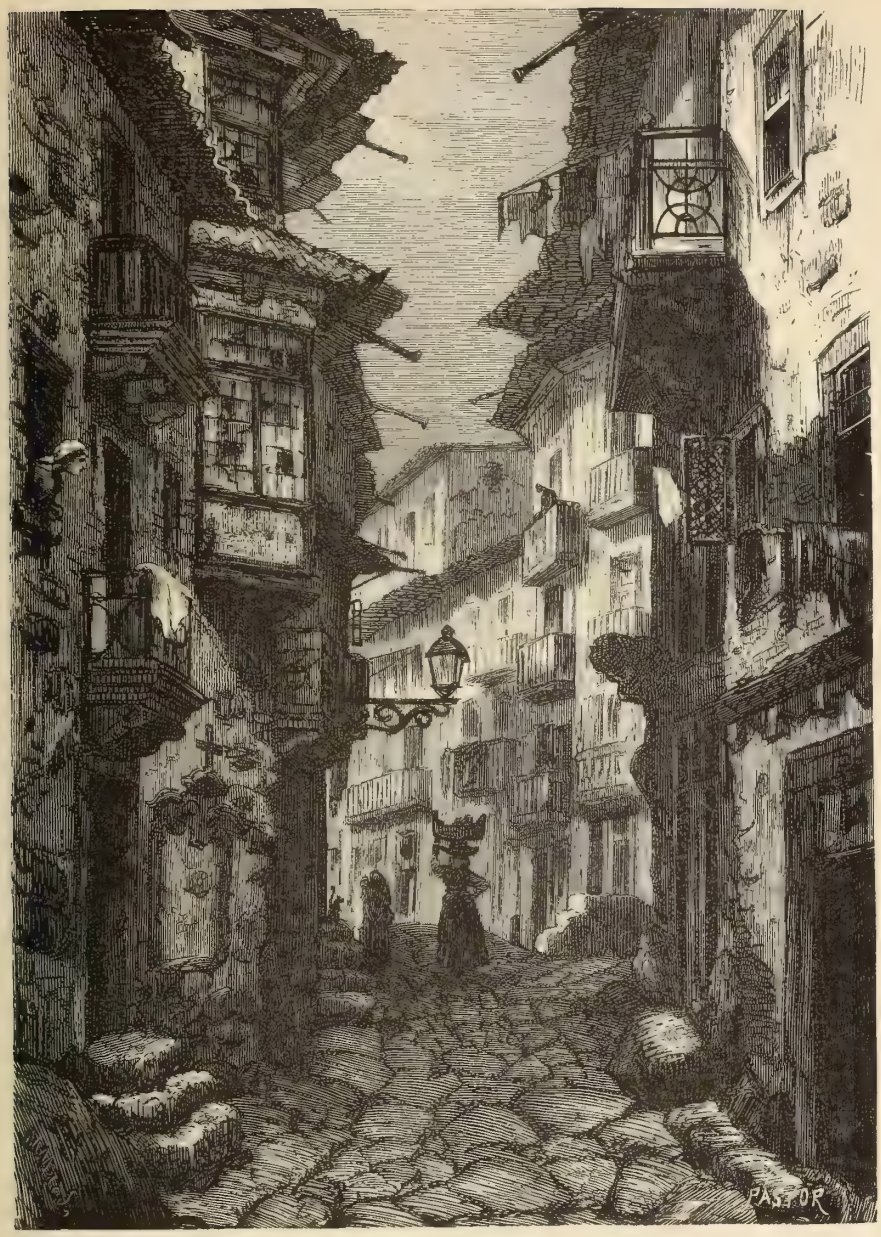
«Principiando ao N., na *Porta de Nossa Senhora da Vendome* (Vandoma),[1] se dirigia em volta da egreja da Sé, até á *Porta de Nossa Senhora das Verdades.* D'ahi virava para SE., pelo O. das *Escadas das Verdades,* até ás *Escadas do Codeçal,* e esquina do actual *recolhimento do Ferro.*

Este lanço de muralha ainda existe, em perfeito estado de conservação, com quasi todas as suas ameias: é de cantaria, sem cimento de qualidade alguma, e parecendo mais obra romana do que sueva. Serve de vedar ao publico a pequena cêrca do recolhimento.

D'ahi descia pelas Escadas do Codeçal até á margem do Douro, onde ainda hoje se vê, promettendo seculos de duração, a *Porta da Lada,* que fica por detraz de *Cima do Muro da Ribeira,* e perto da ermida de *Nossa Senhora da Lada.* D'aqui, cortava a muralha na direcção do O., até ao actual largo da Ribeira, onde consta que houve uma porta, chamada *da Villa,* junto da qual corria um ribeiro chamado tambem *da Villa.*[2] A muralha fazia aqui angulo, e tomava a direcção de NE., seguindo pelo lado

[1] O nome d'esta porta provinha de uma imagem da Virgem trazida de Vendome pelo bispo D. Nonego, e por elle collocada em um oratorio sobre essa parte da muralha, proximo da Sé, ha bastantes annos demolida já, e que se chamava o *Arco de Vandoma.*

[2] Este ribeiro passa hoje ao centro da canalisação da nova rua Mousinho da Silveira.



Rua de Santa Anna

do S. da actual rua dos Mercadores até ás *Portas de Santa Anna,* d'onde, seguindo a mesma direcção de NE., continuava pelo lado do S. da rua da Bainharía até ás *Portas de S. Sebastião.*

D'este lanço de muralha ainda existem alguns metros, com suas ameias, tudo bem conservado. Vê-se do largo da Sé, por entre uns telhados, logo abaixo do Aljube.

D'aqui, formando um Z ás avessas, ia fechar ás portas de Nossa Senhora de Vendome, onde principiou esta medição.

Comprehendia este circulo de muralhas, no seu recinto, as bitesgas e alfurjas a que hoje se dão os nomes de ruas — de Nossa Senhora de Agosto, de Pena-Ventosa, das Almas, de S. Sebastião, de Traz — a travessa de Santa Anna — os largos do Açougue-Real, da Pena-Ventosa e do Collegio — e as escadas do Barrêdo — além de uns pequenos e immundos becos, na Ribeira.

Eis a primitiva *cidade* do Porto, que não era a decima parte da *Alfama,* a cidade arabe de Lisboa.

Foi isto que a rainha D. Thereza mandou coutar e deu em feudo ao bispo D. Hugo.»

Tanto D. Moninho, nomeado por D. Affonso V, de Leão, governador da cidade e das mais terras conquistadas, como seus successores, cuidando das fortificações da cidade, pensaram ao mesmo tempo em attrahir para ella grande numero de habitantes, e tal foi o incremento que a povoação teve, que, vindo o conde D. Henrique tomar conta de Portugal, já a cidade havia transbordado para fóra das muralhas, e se principiára a formar o *Burgo novo de a par do Porto,* que tanto deu mais tarde que fazer aos nossos primeiros reis. D. Henrique e sua mulher trataram por sua vez de aformosear a cidade, construindo muitos edificios, entre os quaes figura a Sé, por ventura o unico monumento que existe d'esse tempo. A capella-mór é, porém, obra do bispo D. Frei Gonçalo de Moraes, executada no anno de 1602. Diz Pinho Leal:

«As antigas fortificações conservaram-se, com pequenas alterações, até que D. Affonso IV, em 1336, reparou o castello e deu principio ás muralhas de circumvallação, cuja obra continuou durante o reinado de D. Pedro I; mas foi seu filho, D. Fernando I, que lhe deu maior impulso, e a concluiu em 1376.

Eram estas muralhas de robusta cantaria, e guarnecidas de soberbas torres, tudo com ameias.

Esta circumvallação tinha muito maior ambito do que a anterior, pois não só comprehendia a cidade antiga, mas tambem o *Burgo Novo a par do Porto.*

Consta que esta grande obra custou, só ao rei D. Fernando, 30$000 réis; quantia tão importante n'aquelle tempo, que veiu de Lisboa para o Porto escoltada por um regimento de cavallaria e outro de infanteria.

A circumvallação chamada de D. Fernando principiava no *Postigo do Carvalho* (que depois se chamou de *Santo Antonio do Penedo)*, por causa de uma ermida d'este santo, que ahi se construiu, e por fim *Porta do Sol.*

Esta porta, achando-se em estado de ruina, foi mandada demolir por D. João d'Almada e Mello, em 1774, e construida uma nova, de architectura romana, á qual, por ter um sol esculpido sobre a inscripção, principiou o povo a chamar *Postigo* (ou *Porta) do Sol.*

No timpano d'esta nova porta havia a seguinte inscripção:

SOL HUIC PORTAE | JOSEPHUS LUSITANO IMPERIO | JOANNES DE ALMADA E MELLO
PORTUCALENSE | URBI FINITIMISQUE | PROVINCIIS AETERNUM | JUBAR GAUDIUM PERENNE

Estas portas foram demolidas em 1875, para se ampliar o edificio da *Casa-Pia.* Foi um vandalismo quasi escusado, porque o edificio era bastante vasto, e o monumento (que em nada

estorvava o transito publico, porque o vão do arco era amplo), pela sua elegancia, adornava o sitio, e era um padrão commemorativo do varão a quem o Porto tanto deve.

Do Postigo do Carvalho seguia a muralha para o NE., por onde hoje é o palacio do governo civil (Casa-Pia), até ao local onde está o theatro de S. João. D'aqui, voltando para o NO, no sitio onde está a capella de *Nossa Senhora da Batalha*, seguia até á actual rua de Cimo de Villa, onde tinha uma porta que deu o nome á rua. (Tambem se chamava *Porta da Batalha)*. D'aqui, inclinando mais para o O., seguia pelo lado do S. da Calçada da Thereza e viella da Madeira, até á *Porta da Rua de Carros*.

Este lanço está perfeitamente conservado e desafiando o correr dos seculos (se o camartello municipal o não destruir) com suas torres e ameias. Serve de vedar a cêrca das religiosas do mosteiro de S. Bento da Ave-Maria. A *Porta de Carros* era defendida por duas alterosas torres, uma ao E., outra ao O. Ainda existe a primeira. [1]

Note-se que do tempo de D. Fernando só aqui existia um *postigo*, que foi demolido em 1521, para, em seu lugar, se construir uma porta mais ampla. Tinha esta a seguinte inscripção:

REGNANTE DIVO EMMANUELE | QUI PRIMUS PORTUGALIAE REGUM | AD MARE USQUE INDICUM
ET SCYPTUM LUSITANIAE | IMPERIUM PROPAGAVIT | APERTA FUIT HAEC PORTA | SIMULQUE VIA
QUAE HINCI IN SANCTI | DOMINICI TEMPLUM DUCIT | INDUSTRIA ANTONII CORREA
HUJUS PROVINCIAE CORRECTORIS | 1521.

Da Porta de Carros marchava a muralha, em linha recta, na direcção do O., pelo mosteiro dos conegos de S. João Evangelista (loyos), hoje transformado no riquissimo predio da sr.ª Viuva Cardoso, até ao principio do actual passeio publico da Cordoaria, onde havia um vasto olival; e tinha aqui uma porta, por isso chamada *do Olival*, da qual não ha vestigios mais do que o nome, que o sitio ainda conserva.

Da Porta do Olival inclinava a linha de muralhas mais para SO., pela parte do S. da actual *Rua do Calvario*, onde ainda existem lanços de muros e uma torre bem conservada.

Ao fundo da rua do Calvario estava a *Porta das Virtudes*, que vinha a ser ao cimo da actual rua *de Bello-Monte*.

A circumvallação ia inclinando sempre para SO., pelo lado do NE. da actual *rua da Cordoaria Velha*, onde tambem ainda existem lanços de muralha, até ás *Portas de Nossa Senhora da Esperança*, ao cimo da rua d'este nome, e junto á capella da Senhora d'esta invocação.

Aqui mandou o rei D. Manuel, pelos annos de 1522, construir um baluarte, que ainda existe, e desde o qual a muralha seguia ainda mais inclinada a SO., até á *Porta Nova*, ou, segundo outros, *Porta Nobre*.

Na circumvallação de D. Fernando havia aqui um *postigo*, chamado *da Praia*, que o rei D. Manuel mandou demolir, em 1522, construindo em seu lugar uma porta mais ampla. (É por isto que eu julgo que se ficou chamando *Porta Nova* e não *Porta Nobre*).

D. Manuel, na reconstrucção d'esta porta, tornou a mandar collocar sobre o arco as armas de D. Fernando I, que estavam no postigo. Tinham treze castellos.

Em 1872 foi demolida esta porta, para se construir a nova rua da Alfandega.

Em 29 de fevereiro de 1872 foi a pedra, onde estão esculpidas as armas de D. Fernando, mudada para o museu Allen; e no mesmo dia tambem foram para o dito museu as armas do rei D. Manuel, que estavam na porta do baluarte.

Tambem sobre esta porta se construiu uma casa para a guarda (que, quando foi demolida, servia de casa de inspecção sanitaria para as *toleradas)*. Sobre a porta da entrada d'esta casa (para a qual se subia por uma escada de pedra que principiava em Cima do Muro) estavam as armas de Portugal, e por baixo d'ellas a inscripção:

GOVERNANDO AS ARMAS | D'ESTA CIDADE E SEU PARTIDO
O CORONEL, ANTONIO MONTEIRO D'ALMEIDA | SE FEZ ESTA OBRA | NO ANNO DE 1731.

Estas armas e a inscripção foram tambem, no mesmo dia, para o museu.

[1] Com o projecto em via de execução, e que será uma das glorias uteis do Porto, de fazer d'este convento da Ave Maria a Estação central dos caminhos de ferro, naturalmente desapparecerão esses restos da muralha de D. Fernando.

Tambem D. Manuel, e no mesmo anno, mandou aqui construir um baluarte, sobre o Douro, na extremidade occidental de *Cima do Muro*.

Sobre o arco da Porta Nova estava uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Soccorro, templo de muito luxo, pela grande devoção que o povo tinha á sua padroeira, á qual faziam uma grande festa na 1.ª oitava da Paschoa do Espirito Santo. Teve uma grande e rica irmandade.

Por esta porta, que era uma das principaes da cidade, costumavam fazer a sua entrada solemne os bispos do Porto, quando tomavam posse do seu bispado, e os governadores da cidade, quando vinham occupar o seu emprego.

Da Porta Nova marchava a muralha sobre a margem direita do Douro (Cima do Muro), tendo n'este lanço tres *postigos*—o *dos Banhos*, o *do Pereira* e o *do Carvão*, ou *Linguêta*, até ao *Terreirinho*, proximo da antiga alfandega, onde havia outra porta chamada *Postigo do Terreirinho*, ou *da Alfandega*. Foi demolida em 1838, formando assim uma solução de continuidade a rua de Cima do Muro. Seguia na mesma linha (de O. a E.) sempre sobre a margem do rio, até ao *Postigo do Peixe*, que existe no *Caes da Estiva*, ou da *Alfandega-Velha*, até ao largo da Ribeira, onde havia a principal porta da cidade, chamada *Porta da Ribeira*, que foi demolida, por ordem de D. João d'Almada e Mello, em 1774, para alargar a praça da Ribeira (que, apezar d'isto, ainda é sobremodo acanhada).

Continuava a muralha, com a mesma direcção, sobre a margem do rio, até ao fundo das *Escadas do Codeçal*, e se chamava *Cima do Muro da Lada*, e hoje *Cima do Muro da Ribeira* (que vem a ser o mesmo).

Todo este lanço, desde o sitio onde existiu a Porta-Nova, até ás Escadas do Codeçal, está perfeitamente conservado, menos no Terreirinho e na Ribeira, onde, como fica dito, foi demolido para utilidade publica. Toda esta muralha da Ribeira é formada sobre robustissima arcaria, e tem dois postigos. O caminho da Lada, ao redor do muro, foi mandado fazer pelo rei D. Fernando, quando se fez o cinto de muralhas.

Ao fundo das Escadas do Codeçal, e em frente da ponte pensil, fazia a muralha um angulo, onde tinha um cubêllo, que ainda existe, e continuava na direcção do E., até á Porta do Sol, onde principia esta medição. Este lanço está perfeitamente conservado, assim como as suas tres torres, tudo com suas ameias, servindo a muralha para vedar a cêrca do mosteiro de religiosas franciscanas de Santa Clara, e as torres de *miradouros* das mesmas freiras.

Esta muralha, toda de robusta cantaria, tinha 3:000 passos de extensão, com 30 pés de altura. Era guarnecida de parapeitos e ameias, e defendida por muitas torres quadradas, que excediam 11 pés a altura da muralha; mas as torres que defendiam as portas de Cimo de Villa e do Olival, excediam 30 pés a altura da cortina.

Quarenta annos se gastaram na construcção d'esta obra, pois, principiando em 1336, só se concluiu em 1376.»

Dentro das linhas de circumvallação, que tracejamos, é onde póde ainda perceber-se a feição provincial do Porto antigo, tão avivada pela arte dos romancistas portuenses Almeida Garrett, Arnaldo Gama, Camillo Castello Branco, etc. O espirito parece absorver das paredes denegridas d'essas viellas estreitas a alma popular da meia edade, devota e revolucionaria, forte pelas energias do trabalho, e meiga pela pureza patriarchal dos costumes. Na Banharia, em S. Sebastião, nas Aldas, apezar de vermos o artista preoccupado hoje com o artigo politico do *Primeiro de Janeiro*, canta no ar a mesma musica d'aquelles tachos e caldeiras, com que a arraya meuda ia fazer algazarra ás portas do seu bispo, ouve-se a mesma roda dos torneiros, as ponteiras dos guardas-chuvas sahem egualmente das officinas até ao meio da rua com risco de perfurarem os transeuntes que passam.

REMINISCENCIAS DO BARREDO

A *Rua de Santa Anna,* que a nossa gravura reproduz de um desenho de Manuel de Macedo, evoca nitidamente pela sua feição caracteristica o aspecto do Porto medieval, e basta que a gente se demore um pouco junto ao nicho da santa, proximo ao córte do velho arco da muralha sueva, para vêr resurgir as figuras animadas por Garrett no seu romance do *Arco de Santa Anna.*

O *Barredo,* destinado a desapparecer com as avenidas da nova ponte e com a passagem do caminho de ferro de Campanhã á Alfandega, é por egual um documento do velho Porto; mas n'esse labyrintho de becos, escadas e viellas, em que as casas parecem sustentar-se por um milagre de equilibrio, e em que no solo immundo fermentam as guelras de peixe e os troços de hortaliça, a gente chega a comprehender a heroica dedicação dos portuenses, condemnando-se voluntariamente ao alimento dos miudos e entranhas das rezes, para que a armada do commando do infante D. Henrique podesse ir provida de viveres de boa qualidade á gloriosa conquista de Ceuta.

Tal é a origem da alcunha de *tripeiros,* que os portuenses acceitam com orgulho, como um documento do seu patriotismo, affirmado aliás n'essa empreza por outros rasgos generosos de dedicação civica, taes como os de fornecerem á sua custa homens, navios e munições para essa aventura maritima de D. João I.

O nome do infante D. Henrique é uma das mais brilhantes glorias do Porto, que n'este momento invocamos, e prende-se tambem á cidade antiga, pela recordação da casa em que nasceu ou habitou na rua da Reboleira. Reproduzimos em gravura uma das janellas d'esse predio, como um documento archeologico de valor, e attestado condigno de quanto merece honrar-se tudo o que diz respeito ao immortal creador da Escola de Sagres.

Uma outra gravura nossa representa parte da antiga e tortuosa rua da Reboleira demolida em 1872, a Porta nova e o postigo dos banhos. Vêem-se ahi curiosos especimens do estylo manuelino, o que perfeitamente concorda com a noticia, que já demos, da reedificação d'essa parte da muralha pelo rei venturoso. Lembra-se d'elles, quem entrava então por essa porta da cidade, e reparava nas janellas em resalto, á maneira das habitações flamengas, onde surgiam as pallidas e anemiadas raparigas,

[1] A proposito vem dizer, que o matadouro era então no sitio ainda hoje chamado *Açougue real,* proximo da Sé, e depois se mudou para as Fontainhas, onde é hoje o *Asylo de Mendicidade.* As fressureiras estavam estabelecidas na *Viella das Tripas,* transformada pelo grande D. Francisco de Almada em *Rua do Sol,* nome que muito custou a entrar na circulação publica.

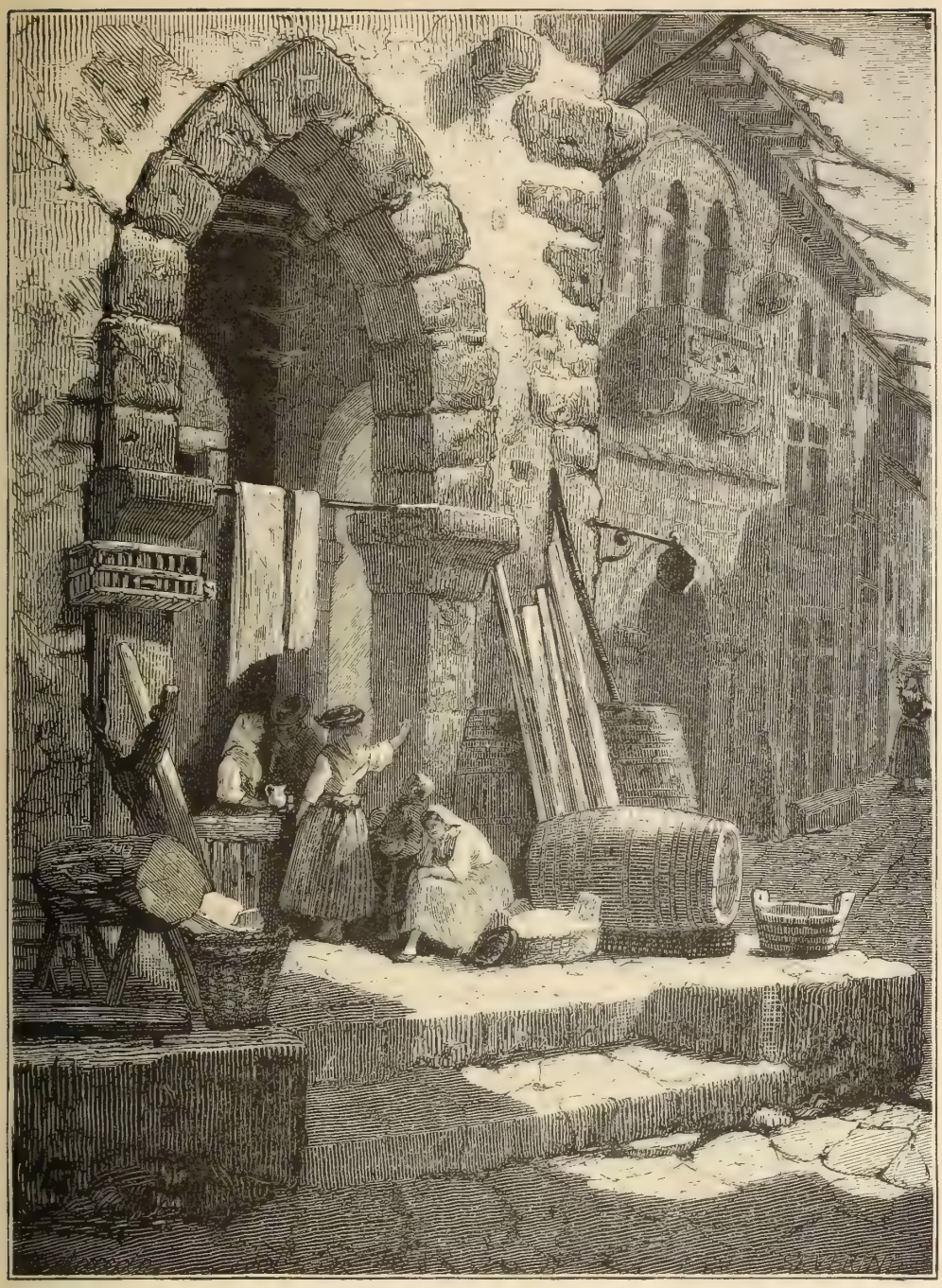
que namoriscavam para a rua os tanoeiros de braços arregaçados, que dobravam ao calor das fogueiras as fortes aduellas de castanho.

Tal era o *Burgo novo de a par do Porto,* hoje quasi desconhecido sem um guia historico, que venha indicar os numerosos pontos, onde se esmoronou essa linha de cintura, para que a iniciativa de um melhoramento material podesse por sua vez passar. N'este sentido é verdadeiramente espantoso o que o Porto tem realisado nos ultimos trinta annos; quasi desconhece a cidade, quem a conheceu então, e só tendo em conta a energia do audacioso caracter portuense, se póde conceber a larga transformação, a que em tão curto periodo tem assistido a geração presente.

Em 1757, ha pouco mais de um seculo, eram ainda freguezias do termo as de Cedofeita, Massarellos e Campanhã; hoje ninguem póde já discriminar as suas linhas divisorias, mas o que todos antevêem é a expansão da cidade para occidente, indo abranger na sua circumvallação as povoações de Mattosinhos e Lessa! O facto é pouco para estranhar, sabendo-se que na data indicada a população era de 35:000 almas approximadamente e hoje quasi quadruplicou, attingindo no censo de 1886 a cifra de 123:235 individuos.

O leitor viu a gravura do principio d'este capitulo; é a Nova Alfandega vista do lado do Douro, de modo a patentear o movimento do porto. em um dos seus dias de regular azafama. É ahi que está o segredo d'esta evolução rapida de melhoramentos materiaes, em que ainda agora attentavamos. O Porto vive do commercio e para o commercio. Em 1859 seguramente, quando se pensou em levantar um edificio que correspondesse ao labor commercial da cidade, julgou-se um arrojo o projecto; hoje... quasi se considera acanhada a sua realisação, não obstante o plano primitivo do Coulson ter sido muito modificado pelos engenheiros que lhe succederam.

O que existe, comtudo, é grandioso e vasto, e nem sequer póde admittir um termo de comparação com os varios armazens disseminados. em que se fragmentava o movimento da alfandega. E que differença então, se compararmos o monumental edificio de hoje, com os seus caes sulcados pelos guindastes a vapor e brevemente dispostos a receber a linha ferrea vinda de Campanhã, com o *almazem* mandado construir por D. Affonso III na Reboleira, e onde el-rei poz, sem audiencia do official do bispo, juiz de sua nomeação para despacho, o que lhe valeu nada menos que a excommunhão do bispo D. Pedro Affonso, que se julgou esbulhado em seus direitos, visto que desde a doação feita por D. Thereza ao bispo D. Hugo pertenciam á mitra os impostos dos generos entrados e sahidos pela barra. Terminou depois, em 1406, a contenda entre a corôa



Reboleira (parte demolida)

e a mitra, mercê da concordata feita entre D. João I e o bispo D. Gil, que cedeu o direito da alfandega, mediante certas indemnisações. Quem diria então ao bispo e ao rei, que esse mesmo edificio havia de dar mais tarde origem ao poema *Os Ratos da Alfandega*... a que uma celebre *porta falsa* dava sahida facil para a mesma vistosa rua, que D. João I mandou abrir

e que tinha prazer em denominar a sua rua Formosa—hoje dos Inglezes—posto que fosse o senado quem corresse com a despeza.[1]

E aqui está, como sem o pretendermos, se veiu encadeiar em um ligeiro esboço da cidade antiga e da moderna, uma idéa que traça uma das linhas caracteristicas da physionomia do Porto.

—Ser pela tradição, é claro... mas um poucochinho pela *porta falsa* tambem, o que não faz mal... ao commercio. Explica-se então, como a par do trabalho esforçado e da actividade sobrehumana d'essa população laboriosa, as crises sobrevem, e a prosperidade não corresponde ao desenvolvimento expansivo de tantas forças. Um exemplo. O phyloxera devastou as vinhas de Cima Corgo, que eram as que produziam esse delicado e famoso vinho do Porto, que enchia por cada colheita os armazens de Villa Nova de Gaya, d'onde passava para a floresta de navios mercantes, que constituiam o maior rendimento da alfandega do Porto. Curioso e estranho phenomeno. As vinhas seccaram, mas a exportação de vinho do Porto continua hoje em tão grande ou maior escala do que então, dando-se a circumstancia de ser menos remunerado o productor do Douro, que podendo conseguir salvar do naufragio uma ou outra d'essas vinhas afamadas, parece que devia receber a peso de ouro as lagrimas da uva preciosa. No primeiro volume das *Farpas* o sr. Ramalho Ortigão faz esta mesma observação nos seguintes trechos humoristicos:

«O commercio dos vinhos finos—diz elle—esse grande veio da riqueza local, decahe lamentavelmente de anno para anno, de dia para dia. A probidade impeccavel, a honradez proverbial que presidia a esta industria passou a ser materia hypothetica, ponto de contestação. Observa-se este phenomeno contristante: por um lado o phylloxera diminuiu consideravelmente a producção, por outro lado augmentou o consumo; entre estas duas influencias combinadas para diminuir a offerta e para

[1] «Foi aberta esta rua de 1400 a 1410. Ainda em 1406 não estava concluida, como se vê do accordo entre el-rei D. João I e o bispo D. Gil Alma, com relação ao senhorio do Porto, contracto que foi reduzido a escriptura, assignada em Santarem no dia 13 de abril de 1406. Por este contracto, o bispo cedeu ao rei toda a jurisdicção e direito que tinha na cidade, pela pensão annual de 3:000 libras da moeda antiga, que a 36 réis cada libra montavam a 108$000 réis; e para o pagamento d'esta quantia assignava el-rei o rendimento de todas as propriedades que tinha no Porto, e quando elle não bastasse, o da alfandega, até que se acabassem «*as nossas casas, que mandamos fazer na dita cidade, no lugar que chamam rua Formosa,*» das quaes, depois de aforadas, se dariam ao bispo tantas libras quantas bastassem para o dito pagamento. É preciso que se saiba (Arnaldo Gama, *Ultima Dona de S. Nicolau,* pag. 415, not. 2.ª), que, apezar de el-rei chamar ás casas *suas*, dizer que as mandára fazer e contractar em seu nome com o bispo, a verdade era serem as casas feitas á custa da cidade, pela propria deliberação d'ella, e já com este mesmo fim; e que a rua Formosa, actualmente rua dos Inglezes, custou á gente do Porto 50:000 dobras, pouco mais ou menos 7:500$000 réis da moeda actual, despeza para que el-rei não deu nem meia.»

augmentar o valor, deu-se precisamente o facto contrario: o preço *desceu* e a producção *subiu!* Que quer isto dizer? Que ha duas especies de phylloxera, um nos vinhedos do agricultor e outro nos armazens do negociante; o primeiro diminue e encarece a uva, o segundo embaratece e augmenta a droga. O bicho destinado a destruir dentro de poucos annos o famoso commercio dos vinhos do Porto não é o que ataca a videira, é o que ataca o vinho. A ruina não vem da cepa, vem da pipa. O flagello mortal não está nas terras do Douro, está na rua dos Inglezes. Comprehende-se o mal enorme d'esta situação, perfeitamente declarada e manifesta, com relação ao commercio de um producto de condições especialissimas, como o vinho, tanto mais difficil de acreditar quanto é mais facil de corromper. O vinho adulterado, como o homem doente de nascença, tem a vida curta. A maior parte da beberagem que hoje se negoceia sob o nome de vinho do Porto, não é susceptivel de envelhecer. Como os relogios baratos, tem apenas equilibrio para dois ou tres annos. É preciso bebel-o emquanto elle regula, isto é, immediatamente depois de prompto, como a sôpa. Se o fazem esperar, por pouco que seja, elle embaça e transtorna-se. Mais alguns annos de experiencia,—o tempo preciso para os colleccionadores de garrafeiras começarem a provar como velhos os vinhos presentemente novos—e hão de vêr que ninguem mais quererá vinho da vespera, e que os negociantes terão de o mandar pelas portas, fresco do proprio dia, precisamente como o pão!

Antigamente os negociantes de vinho, no Porto e em Villa Nova de Gaya, constituiam verdadeiras dynastias burguezas, em que a honra do negocio e o respeito da firma passava em brazão de paes a filhos e de filhos a netos. Esta aristocracia mercante acabou com o advento da nova aristocracia politica. Antigamente contentavam-se em ser nobres pela probidade, e creavam os filhos para mercadores como elles. Agora quasi todos querem ser viscondes pela intriga, e apelintram os filhos pedagogicamente para deputados. Emquanto ao vinho, dizem-me que as novas camadas sociaes ainda sabem, no geral, bebel-o; mas já não sabem negocial-o.»

Só a *porta falsa* poderia explicar o mysterioso phenomeno; ella, porém, está cerrada para mim e para ti, leitor, que facilmente esquecerás esta *gaucherie* do Porto em attenção aos relevantes serviços prestados pela sua iniciativa poderosa a tanta causa util e sympathica.

Conhecida a actividade commercial do Porto, quasi levada ao fanatismo de uma religião, é justo que o *touriste* procure o synhedrio dos crentes, e veja se corresponde pela sua magestosa grandeza á indole do povo que perlustra.

A gravura, em que se representa o edificio da Bolsa, satisfaz plenamente essa curiosidade. As opulencias de architectura, a solidez da construcção, a riqueza prodiga dos ornatos que revestem o interior do edificio, estão em correlação exacta com a pujança commercial da cidade, que toda se orgulha em mostrar aos forasteiros o seu grandioso palacio da Bolsa. E deve levar-se-lhe a bem tal vaidade, que mais não seja, senão por ter sido esta obra monumental uma escola de artistas, tão desprovidos d'ellas entre nós. Para que ahi se passem agradavelmente algumas horas, basta o exame dos trabalhos de Zeferino Pinto, o entalhador delicado, que é uma gloria da arte portuense.

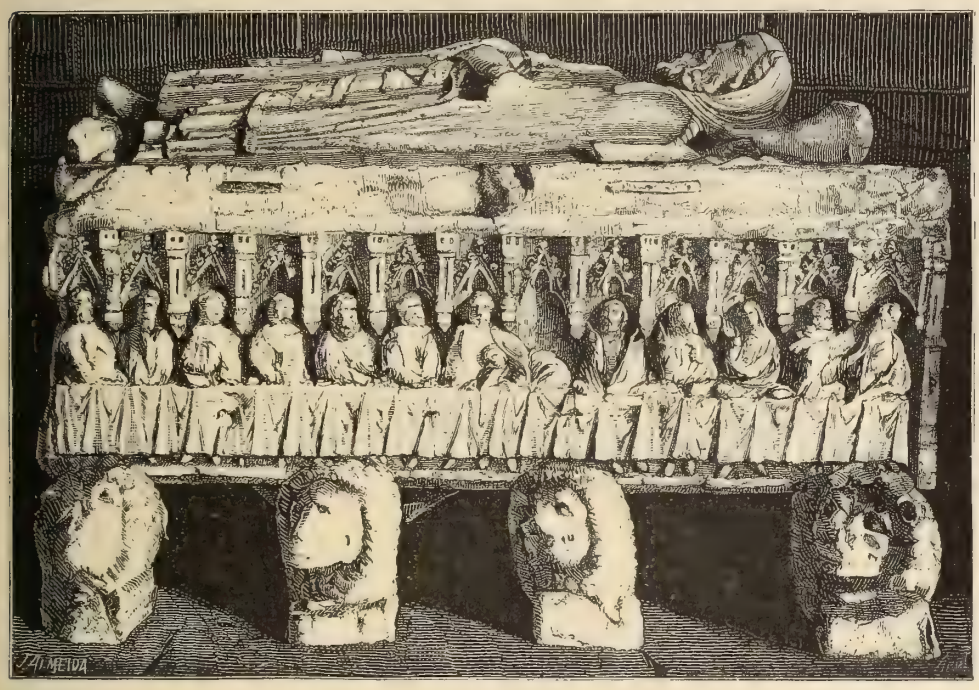
O *salão de honra,* em estylo arabe, é o *clou* do edificio; os mosaicos do pavimento, em que se enxadrezam as madeiras de pau setim, do jacarandá, da rosa, do platano, do mogno, e os altos relevos em gesso, dourados a ouro fosco e brunido, que guarnecem as paredes, os tectos e a arcada da galeria, deslumbram pela magnificencia, e dão ao visitante a impressão de grandeza, que o Porto deseja em todas as suas manifestações.

A arte, na sua expressão mais correcta, na sua linha casta de pureza ideal, póde achar-se pouco á vontade no salão de respeito da Bolsa; mas não foi para isso que elle positivamente se fez. O Porto não é um pobretão, que tenha de envergonhar-se diante de qualquer estranho, e a opulencia tinha de ser a condição essencial do primeiro templo levantado á sua religião de commercio. Exactamente o que succede com todas as religiões, depois que desabrocham ao sol caricioso da publicidade e adquirem a consagração official das pompas exteriores. O christianismo viveu nas catacumbas de Roma durante o seu periodo de chrysalida, e só erigiu templos e monumentos, depois que foi uma religião do Estado. Antes de 1834 o commercio do Porto quasi não tinha representação collectiva; havia um ou outro negociante matriculado na *Real Junta do Commercio,* mas quando algum tinha de se dirigir aos poderes publicos, era individualmente que o fazia. Reuniam-se então em um andar terreo da rua dos Inglezes, a que davam o nome de *Juntina,* e que servia tambem para leilões de mercadorias. O codigo commercial, decretado n'esse anno de 1834, foi, por assim dizer, a Biblia do synhedrio, aberta officialmente ao publico. Os negociantes resolveram, logo em seguida á installação do Tribunal do Commercio, associar-se collectivamente para defenderem os seus interesses, e é d'ahi que data a *Associação Commercial do Porto.*

A catacumba da *Juntina* era impropria já para servir ao culto; rasgavam-se horisontes novos allumiados ao sol da liberdade, e o burguez, que se batera pouco antes nas linhas do Porto, tinha a comprehensão intuitiva da vida nova, que principiava.

O problema da synagoga resolveu-o, pois, immediatamente a nova Associação Commercial.

Estavam para ali a monte as ruinas do convento de S. Francisco, causadas pelo incendio da noite de 24 de julho de 1832; o local, tão proximo do centro do commercio, parecia talhado para o fim que se tinha em vista. Faltava o dinheiro, é verdade, mas isso era uma preoccupação infantil para homens da sua tempera.



Tumulo existente junto á Se do Porto

Uma assembléa geral, reunida em 6 de março de 1839, propoz ao governo a creação de um imposto sobre os generos que se despachassem na alfandega, para custeio das obras, e pediu ao mesmo tempo as ruinas do convento para construirem ahi o edificio. As cartas de lei de 18 e 19 de junho de 1841 responderam satisfactoriamente a essas representações, e a 6 de outubro de 1842 era lançada a primeira pedra do Palacio da Bolsa, o grande monumento do Porto.

O que diriam ao vêl-o os *homens bons e procuradores da cidade,* coevos de D. João I, se acaso podessem ressuscitar para o admirar, elles, que foram os iniciadores da instituição, ou melhor os seus renovadores, fazendo vêr a el-rei que no tempo de seus antecessores houvera na cidade *hordinhada bolsa de certos dinheiros que sse lançavam e contavam nas abalias dos averes que sse hy carregavam em nabios para outras partes,* etc., e

aos quaes D. João I concedeu *na rua formosa (Inglezes) da cidade hua casa, sobre hum arco, que é tal em que se não pode fazer casa de morada por não ter loja, para o que dito he.* (Cartorio da Camara do Porto, Liv. das Vereações da Era de 1439).

A estatistica do movimento commercial do Porto, que adiante havemos de apresentar, esclarece melhor do que as nossas palavras o que vale o trafego e labutação, que se observa no rio desde a ponte de D. Luiz até alturas do Ouro. Por isso nos dispensamos de fazer observar ao leitor os navios de vela, ou de vapor, que n'essa zona fluvial se vêem á carga ou á descarga, pedindo-lhe apenas, que repare na animação que elles produzem no porto, quando em grande numero; e no desalento, que ahi se nota, quando escasseia o movimento maritimo. O Douro, especialmente no inverno, tem a culpa d'este desanimo; corre com impetuosidade tal, que obriga a porem-se ao largo os navios, que lhe demandam a barra, e a procurar refugio na pequena abra de Santo Antonio do Valle de Piedade os que, por acaso, estão ancorados no seu leito. As cheias, terriveis no rio, fazendo uma vez por outra garrar entre si os navios mal espiados, e despedindo pela barra fóra um ou outro barco, que se desprendeu das amarras, transbordam ainda pela canalisação para as velhas ruas de Miragaya, de nivel inferior ao curso das aguas, e o que mostram então de horroroso nos torvellinhos da corrente, fazem-o esquecer pelo que existe de pittoresco n'esta parte da cidade, obrigada por alguns dias a viver a vida de Veneza.

No bom tempo, quando o sol doura as aguas esverdeadas do rio, e que um passeio em bote desde o Areinho á Fóz constitue uma das mais bellas distracções que póde offerecer o Porto a qualquer forasteiro — e a colonia ingleza sabe bem aproveitar com as suas regatas esse encanto — o que deveras surprehende a quem sobe ou desce o rio, é a variedade dos barcos de pesca, que ora enfunam as velas para seguir ao mar alto, ora lançam as redes junto á margem, deixando tranquilla e docemente cahir os remos sobre a tremula superficie liquida.

No quadro que apresentamos adiante, figuram esses originalissimos typos, dizendo-se a proposito de cada um as circumstancias do seu trabalho rude e as condições variadas da sua tripulação.

Uma vez no rio, onde o passeio nos obrigou a deslisar por debaixo das pontes que o atravessam, esbocemos rapidamente a sua noticia historica, visto a gravura encarregar-se de reproduzir o seu aspecto elegante.

A *Ponte Maria Pia,* a primeira para quem desce o rio, é exclusivamente destinada á passagem da linha ferrea e abrange em um só arco toda a largura do Douro, em frente das ruinas do Seminario.

Mede 352^{m},875 em todo o seu comprimento, 4^{m},50 na largura do taboleiro, entre os parapeitos, e 61^{m},28 de altura contada da parte superior dos carris á linha da maior baixa-mar observada. O arco central tem 162 metros de cada lado, e uma flexa de 37^{m},50, contada do partir da linha, que junta os pontos de apoio do arco.

Todo o systema metallico, arco, vigas e pilares acha-se perfeitamente ligado, de modo a resistir não só ás cargas dos maiores comboyos, como a conservar a estabilidade no meio dos maiores temporaes.

A construcção, da Casa Eiffel, assim como o projecto delineado por Gerard Eiffel, é um monumento da engenheria e industria modernas, e no seu genero uma das pontes mais notaveis que existem no mundo.

A ponte foi inaugurada em 1877, havendo por essa occasião grandes festejos na cidade.

Depois da ponte *Maria Pia,* o Porto não podia deixar de construir a ponte *Luiz I,* manifestando assim por uma graciosa homenagem aos regios conjuges, quanto prosperou e engrandeceu no largo periodo de paz, que caracterisa o seu reinado. O novo arrojo da engenheria moderna, unindo elegantemente a historica serra do Pilar ao monte do Codeçal, observa-se na situação, em que o apresenta a vista panoramica da cidade, que damos em phototypia da casa Leopoldo Cirne & C.ª, uma das mais bem montadas photographias do Porto, e que na especialidade rivalisa, diga-se de passagem, com as primeiras cidades da Europa. Foi a inauguração das obras em 1 de dezembro de 1881, realisando-se a ceremonia na serra do Pilar, sob a presidencia de el-rei D. Luiz. A ponte foi adjudicada por 369:000$000 réis á *Société Anonyme de construction et des ateliers de Wilelbroek,* da Belgica, sendo o projecto do engenheiro Theophilo Seyrig. É constituida por dois taboleiros metallicos, o superior de 391^{m},72 e o inferior de 174 metros, sustentados ambos por cinco pilares e por um grande arco de ferro que mede 172^{m},50 de abertura.

A inauguração do taboleiro superior realisou-se em 31 de outubro de 1887, anniversario de el-rei.

Esta construcção grandiosa e monumental, que é no seu genero uma das primeiras do mundo, embelleza extraordinariamente o panorama da cidade, e é um dos monumentos que ella mostra com orgulho ao *touriste* que a visita.

Mas... ha sempre um *mas* em todas as coisas grandes, e d'esta vez é por desgraça bem evidente o defeito. As avenidas de entrada, tanto para o taboleiro superior, como para o inferior, são acanhadissimas e tortuosas, mal se comprehendendo como ha de por ali fazer-se o transito enorme, que o futuro deve destinar a essas avenidas.

A Bolsa

A ponte D. Luiz foi de proposito feita para substituir a antiga *Ponte pensil,* ao presente destruida já, mas cuja gravura damos como recordação da sua elegancia, e documento historico a registrar. Fôra principiada em 2 de maio de 1841, anniversario da coroação de D. Maria II, e aberta ao publico em 18 de fevereiro de 1843, tendo sido a construcção a expensas de uma companhia de accionistas, que a devia fruir por trinta annos, entregando-a depois ao Estado. O preço da portagem era de 5 réis. mas apezar de tão insignificante deu bem para remunerar os capitaes empregados.

Um pouco abaixo da extincta ponte pensil existia no principio do seculo a *Ponte das Barcas,* cujo rendimento orçava n'aquelle tempo por uns 50:000 diarios. Todos sabem a catastrophe, que o painel das Almas

[1] Proximo ao painel das Almas vê-se um outro da Senhora da Misericordia, indicando o local onde até 1830, proximamente, esteve a forca da cidade, permanente, e formada por grossos varões de ferro, com uma escada para subirem o paciente e o carrasco. No arco, que dá passagem para a rua dos Canastreiros, esteve um postigo, chamado da Forca. O patibulo era antigamente no sitio de *Mijavelhas* (Poço das Patas); mas a vereação de 1714 resolveu mudal-o para o lugar da Ribeira, onde se conservou até áquella data, em que a pedido de uma senhora rica,

A Praça de D. Pedro

da Ribeira ainda testemunha, e de que ella foi theatro na invasão franceza de 1809, quando Soult entrou no Porto a 29 de março, dia sinistro depois d'isso para a cidade, e duplamente assignalado pela aza negra da desgraça, visto ser tambem em egual dia de 1852 que naufragou na barra do Douro o vapor *Porto,* perecendo enorme quantidade de pessoas, e sendo tanto mais horrivel a sua morte, quanto os desditosos estavam a curta distancia da terra, confundindo os seus gritos angustiosos com o alarido dos espectadores, impotentes para os salvar.

Não longe da ponte das Barcas já em 1371 ou 1372 se improvisára outra, tambem de barcas, para a passagem de el-rei D. Fernando, quando vinha para celebrar na cidade o seu casamento com D. Leonor, que realisou depois no mosteiro de Lessa do Bailio.

chamada Antonia Coutinho, se transferiu para a Cordoaria, alto do Calvario, sendo ahi apenas volante. Proximo da forca ficava o Postigo do Pelourinho, assim chamado por estar perto do pelourinho da cidade, depois que das Aldas se transferira para a Ribeira. Seria perto d'ahi, como quasi sempre costuma ser, o primeiro edificio da camara do Porto, ou seria por ventura na rua Chã, proximo da viella da Cadeia? Parece todavia, que se no Barredo existiu por ventura alguma casa da camara, a primeira devia ter sido no monte da Sé, o que a tradição confirma, collocando-a na antiga *Casa dos Vinte e quatro*, cujas ruinas, causadas por um incendio em 1875, ainda se vêem do largo da Sé, formando angulo com as *Escadas da Rainha*, nome que recorda o de D. Mafalda, esposa do nosso primeiro rei, ou o de sua mãe D. Thereza.

Uma vez em visita aos monumentos do Porto tem um lugar de honra o *Palacio de Crystal,* não só por ser no seu genero o unico edificio que existe no paiz, como por demonstrar orgulhosamente a energica iniciativa dos cidadãos portuenses. Além d'estas duas qualidades, o Palacio tem para o *touriste* uma attracção especial; ahi, como em nenhuma outra parte, desenha-se nitidamente o mais sympathico perfil do Porto, este perfil que é sempre bom mostrar aos que nos visitam, para que lá fóra vão dizer bem da nossa individualidade.

A primeira pedra do edificio foi lançada por D. Pedro V em 3 de setembro de 1861, e quatro annos depois inaugurava-se a 18 de setembro de 1865 a grande exposição internacional, que é um dos factos mais gloriosos da civilisação portuense. O risco é do architecto inglez Sheilds, e as obras foram dirigidas pelo architecto portuense Gustavo de Sousa, sendo o desenho do parque e dos jardins feito pelo paysagista allemão David. O edificio mede 110 metros de comprimento e $74^{m},34$ de largura, tendo a nave central capacidade para 10:000 pessoas. As nossas gravuras representando o edificio e os jardins, dispensam-nos de mais larga descripção, circumscrevendo por isso as nossas ligeiras notas á demonstração de que não tem sido desmentido o titulo de *Progredior,* que em altos caracteres se lê na frontaria do palacio.

O baptismo da Exposição internacional foi a iniciação augusta d'essa carreira gloriosa; as exposições de bellas artes, de agricultura, de flôres, industriaes, etc., teem sido a sequencia, modesta embora, mas profundamente utilissima d'aquelle florir viçoso de louçanias e enthusiasmos. Semeou-se então, menos methodicamente talvez; mas vão agora, aqui e acolá, surgindo os fructos d'essa profusa sementeira, nem toda perdida, ao que se vê, apezar dos enthusiasmos dos semeadores. Para isto, é certo, tem contribuido com um labor insano e uma dedicação acrisolada o civismo de alguns homens, que se reuniram para metter a charrua da iniciativa n'esse campo de sub-solo fertil, mas que na apparencia se julgava esteril—a indifferença indigena. O leitor sabe, que me refiro á *Sociedade de Instrucção,* a quem o Porto e o paiz devem uma boa parte da sua renascença artistica, por tantos julgada impossivel, em face do longo somno fradesco a que nos tinhamos habituado. O Palacio então, que ella escolheu como séde, deve-lhe immenso; é desde que a sua iniciativa ali surgiu, que elle se vê concorrido tanto como lugar sagrado, onde as artes e as industrias recebem a protecção cariciosa da multidão, como casa de espectaculos, onde toda a gente se diverte.

Festa grande, verdadeiramente popular, intencionalmente significativa de um pensamento sublime, não se faz sem ser no Palacio; para festa

ruidosa, vasia de intenções, mas caracteristica de qualquer costumeira indigena, é ainda o Palacio que se prefere. Quer-se uma exposição, é lá; um baile de mascaras, uma festa ao S. João, com illuminações a gaz e a fogos de bengala, é ainda lá; o portuense julgar-se-hia lesado, se a festa se realisasse em outra parte; e, franqueza franqueza, elle tem razão de sobra para isso, que mais não seja senão por não ter outro lugar adequado para taes espectaculos.

Os dias sem festa, ou aquelles em que os espectaculos são tão insignificantes, que passam quasi desapercebidos como taes, não são os menos deliciosos do Palacio. Ou na grande nave, ou na grande alea, quasi se está em familia, quer ouvindo tocar a musica, quer vendo além sorrir o mar, na linha que fecha o panorama encantador do curso do Douro por entre os montes da Arrabida e Aforada.

Dentro do Palacio tem o visitante a examinar os bazares, ou a robustecer-se no restaurante, tão abundante e alegremente illuminado, que faz appetite só o estar ali sentado a uma pequena mesa, de toalha adamascada, vendo através das janellas o panorama do Douro, e recebendo a cada inspiração o embalsamado aroma resinoso das arvores, que emmolduram o edificio. Fóra, além dos jardins, ha duas curiosidades interessantes: a *Capella de Carlos Alberto,*[1] mandada erigir em 1861 pela princeza Augusta de Montlear, irmã do rei italiano, com a invocação de S. Carlos Borromeu, vendo-se no altar-mór a formosa estatua do padroeiro; e o *Museu industrial e commercial,* occupando o edificio do antigo circo, hoje separado dos jardins por uma rua intermedia que se abriu, mas ligado ainda a elles por uma ponte de madeira, que transpõe a nova rua. O que haveria aqui a notar de curioso, de methodicamente disposto, de novidades que surprehendem e encantam, occuparia um volume. Á mingua de espaço e competencia para escrevel-o, diremos só ao *touriste:*—Corre-lhe a obrigação de visitar o Museu, se quer conhecer uma das mais bellas feições do Porto, e se quer prestar a homenagem do seu respeito e do seu applauso ao patriotismo da *Sociedade de Instrucção,* a cuja iniciativa se deve este padrão glorioso.

Passeando nos jardins do Palacio, onde sobretudo aos domingos se dá *rendez-vous* a boa sociedade do Porto, o *touriste* tem occasião de admi-

[1] A capella e o Palacio occupam os terrenos do antigo largo da Torre da Marca, nome originariamente tirado de uma que servia de marca aos navios, e que, segundo alguns pretendem, estava onde hoje é capella. Estes terrenos e ainda os que formam os edificios da casa Monfalim pertenceram ao lendario Pedro d'Ossem, ou *Pedro Cem,* sendo do alto da torre solar ainda existente, ou da tal torre que existiu no sitio da capella, que o abastado capitalista via entrar os seus navios. Na quinta dos srs. Pinto Bastos, visinha dos jardins do Palacio, viveu o rei Carlos Alberto.

rar os graciosos typos das senhoras portuenses, de uma bella carnação sadia á maneira de Rubens, tronco airoso e firme, onde os seios, apezar de corrigidos pelo espartilho, indicam o destino futuro da mais bella funcção physica da maternidade. Tinham pecha de menos elegantes as senhoras portuenses, mas é defeito quasi imperceptivel hoje, se por acaso ha quem pense ainda em apontal-o; vestem caro, mas vestem bem, e se a primeira qualidade não agrada ao pretendente modesto, ou ao marido economico, agrada-lhes a ellas, que poucas vezes sahem á rua, e agrada especialmente ao *touriste,* que tem o prazer artistico de vel-as enroupadas em velludos e setins de preço. De resto o facto é apenas um traço da riqueza commercial da cidade e dos habitos caseiros da senhora portuense. Os maridos ou os paes recommendam:—bello e forte, coisa de dura—e as esposas ou as filhas, que não andam na rua todos os dias pelo mais simples pretexto, escolhem o que é bom, embora seja de preço, por saberem que são poucas as vezes, em que hão de ostentar o luxo das suas *toilettes.*

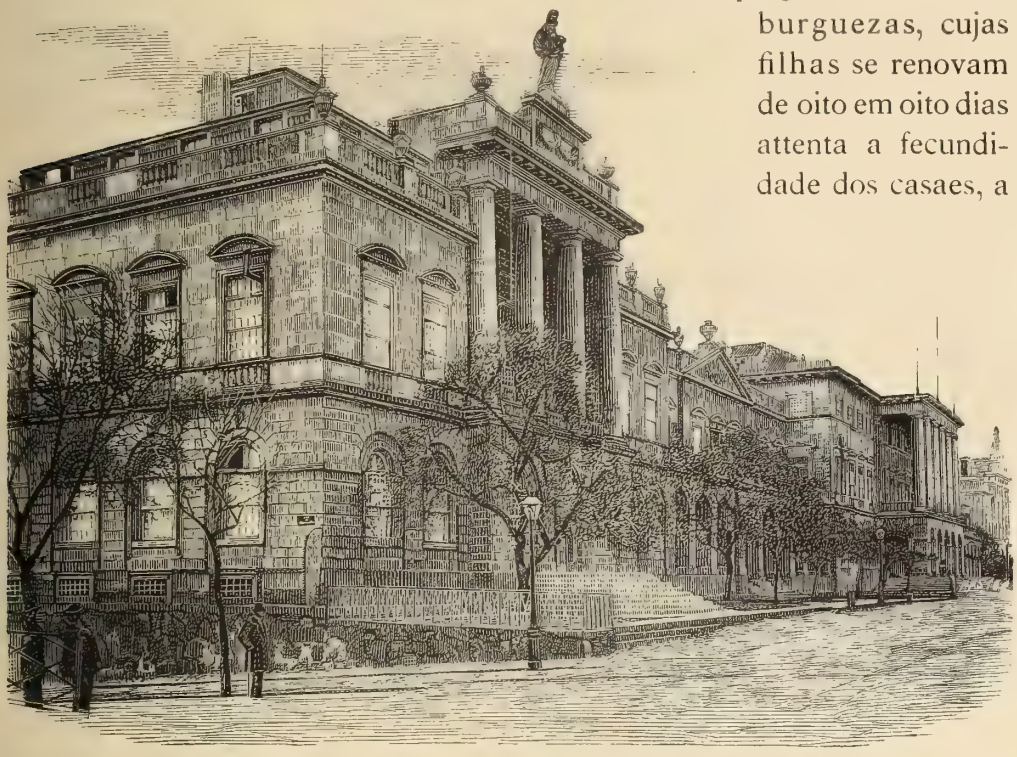
O que não é *toda a gente conhecida,* passeia aos domingos nos outros jardins do Porto, muito especialmente na Cordoaria e S. Lazaro. O primeiro occupa o espaço do antigo e vasto Olival, transformado em alameda por uma vereação de 1611, sendo d'essa plantação contemporaneo o gigantesco *negrilho (ulmus campestris),* que o povo chama com menos razão *arvore da liberdade,* pensando que ella recorda o supplicio dos taberneiros e homens do povo (leia-se o *Motim ha cem annos,* de A. Gama), que em 1757 se revoltaram contra a instituição da Companhia dos vinhos, ou corrompendo a lenda até a approximar do cêrco do Porto, durante o qual foram arrancadas para combustivel todas as arvores d'essa alameda, escapando apenas este formoso exemplar.

O nome de Cordoaria vem ao campo de ter sido mudada para a referida alameda, feita em 1611, a antiga cordoaria existente por baixo da porta das Virtudes, na rua ainda hoje chamada *Cordoaria Velha.* O campo perdeu então o nome de Olival para se chamar da Cordoaria, que o municipio, pouco escrupuloso da verdade historica, mudou para o de *Martyres da Patria,* elevando assim a tal cathegoria os arruaceiros contra a Companhia dos vinhos, condemnados á morte pela rigorosa alçada, que o marquez de Pombal enviou por essa occasião ao Porto.

Até 1862 ainda aqui trabalhavam os cordoeiros, construindo-se então o vasto passeio, que o povo teima em chamar *Jardim da Cordoaria,* talvez por não sympathisar com os taes martyres da patria. Antes do jardim, e ainda até se construir a rotunda da Boa Vista, fazia-se n'esse campo a feira de S. Miguel, o sonho dourado das creanças, de um aspecto ex-

tremamente pittoresco, a que todo o Porto concorria para se fornecer de nozes e regueifas, ou comer as *espetadas* nas tendas das *fritadeiras*.

O jardim da Cordoaria, pacato aos dias de semana e servindo apenas para os estudantes da Polytechnica, ou para os brazileiros ociosos, que vão tomar o sol e palestrar junto ao lago, onde os cysnes os esperam já regularmente com os biscoutinhos do almoço, é aos domingos invadido pelo Porto de pouco dinheiro, caixeiros, militares, costureiras, creadas de servir, empregados, e familias burguezas, cujas filhas se renovam de oito em oito dias attenta a fecundidade dos casaes, a



Hospital de Santo Antonio

qual não permitte o dispendio completo de *toilettes,* e que assim resolve o problema de as mostrar com decencia honesta, semana sim, semana não.

Durante que se toca a musica, só pelos ingenuos escutada, essa multidão passeia methodicamente e namora methodicamente. A menina A. sorri-se para o cavalheiro A. em frente do coreto e para o cavalheiro B. em frente da porta do Calvario. Pela sua parte o cavalheiro A. sorri-se para a menina B. em frente do coreto e o cavalheiro A. para a menina A. em frente da porta que dá para o hospital. O momento critico da entrega das cartas, que já vão feitas no bolso, para as diversas hypotheses, é no apertão, em frente do coreto, onde apenas se passa furando e acotovellando, precisando muitas vezes o chefe da familia fazer a chamada do

outro lado da muralha humana, com receio de que se tenha esmagado ou perdido alguma das do ranchinho.

Em quanto na grande alea da Cordoaria a marcha do namoro se faz em linha recta, no *Jardim de S. Lazaro,* o outro jardim do Porto, principiado em 1830 e concluido em 1835, frequentado por um publico quasi egual, com menos talvez um poucochinho de elemento pelintra, faz-se em circumferencia, torneando o repuxo. Ha por tanto mais severidade no porte, mais idealismo etherisante nas meninas, olhares mais romanticos, feição mais propriamente matrimonial. Na Cordoaria namora-se, no S. Lazaro casa-se. O aroma da flôr de laranjeira anda no ar, e perfuma os corações virginaes, sete vezes trespassados pelas settas do amor, antes do desenlace final.

D'esse embalsamado olor da laranjeira participam em dose regular as orphãs ou educandas do recolhimento de S. Lazaro, viveiro de noivas para brazileiros semi-validos, ou esposas predestinadas pelo fatalismo do amor aos Romeus, que das grades do jardim elevam olhares piedosamente acarneirados para as gelosias do edificio. Esta caracteristica do jardim de S. Lazaro, em pleno vigor do sentimentalismo romantico, não deve esquecel-a o *touriste* celibatario, para felicidade sua e creditos do velho jardim. O Porto tem outros pequenos passeios, pouco ou nada frequentados, apezar da sua excellente posição; taes são as Virtudes, a Victoria, as Fontainhas, este ultimo sobretudo de uma belleza panoramica deliciosa, e que podia, quando ligado com as pontes Maria Pia e D. Luiz, constituir a mais formosa avenida da cidade, senão uma das mais bellas do mundo.

As praças e ruas do Porto teem, como os jardins, a sua feição especial, que o *touriste* não deve desprezar, se quizer conhecer a cidade que visita. Assim, emquanto na Ribeira e S. João se acotovellam os *rabellos* do Douro e os lavradores de Villa Nova, na rua dos Inglezes, notavel por tantos titulos historicos, ha occasião para vêr os *gros bonnets do commercio,* os corretores, os negociantes britannicos, vestindo o seu jaquetão alvadio e as suas luvas côr de sangue. Ao lado vae continuando, quasi com o mesmo aspecto, a rua Nova da Alfandega, e para cima, até ao largo de S. Domingos, são ainda os escriptorios, os bancos e as firmas commerciaes que predominam, quer se suba a antiga rua das Congostas, hoje transformada, quer se venha pela rua de Ferreira Borges, até ao principio das escadas da Esnoga (synagoga), entrada da antiga judiaria na Victoria, antes da sua mudança para o sitio ainda hoje chamado em Miragaya *o monte dos judeus.*

Depois as ruas do Mousinho da Silveira, em que predomina o com-

mercio de armazens, e a rua das Flôres, edificada no tempo de D. Manuel, em que as ourivesarias tradicionaes põem uma nota extremamente caracteristica, levam-nos até ao fóco do movimento portuense, a Praça Nova ou de D. Pedro,[1] que na gravura se vê, apresentando ao centro a estatua equestre do imperador D. Pedro IV, e ao fundo o edificio da camara municipal, sobre cuja fachada se levanta, na attitude de um guerreiro, a figura symbolica do Porto. Á esquerda sobe a rua dos Clerigos, notavel pela sua torre monumental, que a nossa gravura representa, de 75 metros de altura, obra principiada em 1748 e concluida em 1763, sendo seu architecto o italiano Nicolau Maroni. Á direita inclina-se a rua de Santo Antonio, a rua elegante do Porto, onde estão as confeitarias da moda, as chapellarias e luvarias, as perfumarias e modistas, as ourivesarias e bazares, tudo emfim o que ha de *chic* e distincto na capital do norte.

Nota curiosa. Não obstante a ligação da Praça de D. Pedro com as duas arterias de maior circulação do Porto, ha duas barreiras distinctas, que as individualisam e separam, e que dão a cada uma das tres um *cachet* especial. Uma é a *porta de carros,* em frente da egreja dos Congregados, onde especialmente ás terças e sabbados os grupos dos lavradores e lavradeiras, que namoram, chegam a impedir o transito; outra é o principio dos Loyos e embocadura da rua do Almada, onde os bufarinheiros

[1] «Por occasião do casamento de D. João I com a virtuosa D. Filippa d'Alencastre, filha de João de Gand (1387), estiveram os esposos por bastante tempo no Porto.

Ainda n'esse tempo era a cidade circumscripta pelo cinto de muralhas que o irmão e antecessor de D. João I havia concluido.

Extramuros ainda então apenas havia algumas casas de campo, e varias aldeias que constituiam os arrabaldes do Porto.

Uma das entradas principaes d'esse tempo, do lado do N. da cidade, era o *Postigo dos Carros* e fóra d'elle, o ambito hoje occupado pela extremidade S. da rua do Bom-Jardim (a parte antigamente chamada rua da Porta de Carros), o chão onde estão construidas a egreja e casas que foram dos *Nerys*, ou *Congregados*—e praça de D. Pedro – e extremidade S. da rua do Almada (a parte antigamente chamada rua das Hortas) e a actual rua do Sá da Bandeira—este ambito, digo, que era uma planicie, estava occupado por muitas *hortas*, de diversos proprietarios, e por isso ao sitio se dava o nome de *Hortas*.

Ao N. das hortas, em sitio um pouco mais elevado, havia uma fonte, e lavadouros publicos, no lugar hoje occupado pela rua, por isso ainda chamada dos *Lavadouros*.

Por entre as hortas havia uma estrada tortuosa e estreita, que se dirigia ao *postigo dos Carros*.

D. João I mandou alargar e alinhar essa estrada, que se chamava mesmo *estrada das Hortas*.

Foram-se povoando estes sitios, ficando apenas no centro uma porção de hortas, onde depois se fez a *praça Nova das Hortas*, depois chamada *praça Nova*, e por fim *praça de D. Pedro*.

Dentro d'esta praça, no canto do S. e O., é que existiu a pequena praça, ou mercado da *Natividade*, que deu o primeiro nome á actual *rua dos Clerigos*, que primeiro se chamou *calçada da Natividade*, e depois *calçada dos Clerigos*.

O visconde de Gouveia, sendo governador civil do Porto, chrismou varias ruas e praças, e declarando guerra a differentes *calçadas e travessas* (e até a alguns *becos!*), lhes deu o nome de *ruas*.» Pinho Leal, pag. 490 do vol. VII.

e vendedores ambulantes, os gallegos de esquina e os marialvas das tabacarias formam um publico á parte, que diz antecipadamente o que ha de ser a physionomia bi-fronte dos Clerigos;—aldeã para quem sobe pela esquerda, burgueza de uma distincção duvidosa para quem sobe pela direita.

Ao alto da rua de Santo Antonio ficam os largos de Santo Ildefonso e Praça da Batalha, esta ultima arborisada e apresentando ao centro o monumento levantado pela classe industrial á memoria de D. Pedro V,

Grande alea nos jardins do Palacio de Crystal

cuja estatua pedestre, de somenos valor artistico, assenta sobre um pedestal de marmore de $2^{m},60$ de altura, octogono, e com figuras allegoricas da Religião, da Agricultura, das Artes e da Industria, sendo todo o lavor da pedra perfeitamente executado. O monumento mede ao todo dez metros de altura, é pouco elegante, e foi inaugurado em 11 de julho de 1862.

Seguindo pela rua de Santa Catharina até á de Fernandes Thomaz, encontra-se ainda n'esta rua, em frente á fabrica e mercado do Bolhão, um singelo monumento dedicado pela sympathia operaria ao mesmo monarcha, hoje ainda tão saudosamente lembrado pelos portuenses amantes da dynastia. E quaes são lá os que estão fóra da conta! Entre muitos, um

facto que não é anedoctico, e caracterisa esse credo portuense, succedeu ainda agora, quando a familia real, tão festivamente recebida na cidade, ahi residiu por alguns dias. Um modesto industrial de Lordello, Francisco Luiz de Almeida, foi amavelmente recebido por el-rei, que o quiz honrar com as mesmas palavras de louvor, com que a imprensa portuense e os jurys das exposições o haviam premiado já. A rainha encommendou-lhe uns cobertores polychromos, de finissimo tecido de lã. Era uma encommenda, que tinha de ser paga, como tal, pela administração da real casa. Pois o artista ao ter de escrever no alto da conta—*S. M. a Rainha*... *Deve*... meditou, remoeu no que pensava ser uma desconsideração, e não quiz attender a razões; rasgou a conta e mandou bizarramente os cobertores como offerta, apezar de já ter feito egual dadiva aos regios conjuges na occasião da sua recepção no Paço.

A rainha... deve... ora essa!

Tal é no Porto, a cidade constitucional por temperamento e tradições a idéa de prestigio, com que de alto a baixo se aureola ainda a monarchia.

Não tem o Porto outros monumentos, além dos que citamos, que embellezem as suas ruas ou praças, não obstante haver na sua historia tradições nobilissimas para perpetuar no marmore ou no bronze, além de uma pleiade brilhantissima de nomes, que tem honrado a cidade sua patria com as fulgurações do talento, da dedicação e do heroismo. Quando pagará o Porto essas dividas sagradas aos nomes do infante D. Henrique, de D. Francisco de Almada, do pintor Vieira, de Almeida Garrett, de Julio Diniz, e de tantos que tem esmaltado com o ouro puro da gloria os fastos da sua vida?

Depois das ruas, e não mencionamos ainda muitas das principaes, como o Bomjardim, Cedofeita, Boavista, etc., cada uma com a sua feição particular, merecem uma visita especial os mercados. O interior do *Anjo* é representado pela nossa gravura, no sitio do chafariz central; vêem-se bem as vendedeiras de legumes e hortaliças; e apanham-se ainda as barracas proximas, onde as fructas estão desafiando o appetite, de dentro das canastrinhas de verga, ou de sobre as prateleiras forradas a linhagem clara. O mantenedor da ordem publica, e não tem pouco que fazer ali, o soldado da municipal, lá está remirando as agulhetas da farda e namorando por conta do Estado e dos particulares as doidivanas creadas de servir, que vem ao mercado fazer uma dupla provisão de hortaliças e amor.

O mercado do Anjo occupa a pequena cêrca e o chão do antigo recolhimento do Anjo da Guarda, demolido depois de 1834 e instituido

em 1672 n'este campo do Olival por D. Helena Pereira Maia para recolher dez donzellas orphãs e pobres, filhas de paes fidalgos.

No plano de melhoramentos da cidade está destinado a ligar-se com o novo mercado, que se projecta fazer na cêrca das Carmelitas, dizendo-se que ficará então para a venda de cereaes, hoje feita na *Praça dos Voluntarios da Rainha,* vulgo Feira da Farinha.

Um syndicato de capitalistas portuenses trata, mediante certas condições, de levantar o novo e elegante mercado nos terrenos das Carmelitas, Anjo e annexos, fazendo assim desapparecer do coração da cidade o mercado dos *Ferros Velhos,* um mixto da feira da Ladra de Lisboa, e de algibebes baratos, mas por sem duvida mais pittoresco, attendendo ao publico dos arrabaldes que o frequenta ás terças e sabbados, e mais ainda nas proximidades do Natal ou Paschoa, em que se armam as barracas das doceiras, para vender as *consoadas* ou *folares.*

Dos outros mercados do Porto merecem especial nota o do *Bolhão,* que serve a parte oriental da cidade, verdadeiro mercado bairrista, construido, em fórma de quadri-longo fechado, ahi por 1850; e o do *Peixe,* na Cordoaria, occupando o chão dos antigos celleiros publicos, depois quartel da guarda real de policia, destruidos por um incendio em 1832. É um verdadeiro palacio, de quatro pavimentos, respectivamente destinados ao peixe fresco, ao salgado, ás carnes de porco, e ás fressuras. Foi inaugurado em 1869, custando 100:000$000 réis proximamente, incluindo na conta o preço das expropriações. Dos antigos mercados, conservando uma certa feição caracteristica, ha ainda a *feira do pão* no largo de Santa Thereza, concorrido pelas padeiras de Avintes e Vallongo, e o da Ribeira, ou melhor os da Ribeira, visto que elle se subdivide em quatro secções, comprehendendo o mercado das fructas e legumes que vem do Douro, o das hortaliças, o do peixe, e o das fressureiras, este ultimo na parte interior dos arcos, no antiquissimo bairro do Barredo. Dos novos, que depois do plano de melhoramentos da cidade nasceram em fórma de cogumellos-kiosques, como são os de Ferreira Borges e Aguardente, nada ha que dizer, por não terem, creio eu, coisa que se venda ou compre.

Os *hoteis* do Porto merecem seguir-se na descripção aos mercados, attendendo a que são de certo os seus melhores consumidores. Ha-os para todas as cathegorias sociaes e para todas as bolsas. O *Grande Hotel do Porto,* publicando todos os dias nos jornaes o seu *menú,* o *Hotel de Paris,* e o *Frankfort* são, por assim dizer, os hoteis do tom; ministro, conselheiro, burocrata superior, visconde ou barão que vá ao Porto, é certo encontral-os lá; no *Cysne,* na antiga e tradicional *Aguia de Ouro,* no *Central,* no *America,* no *Bragança,* no *Portuense,* no *Leão de Ouro,* no *Lisbonense,* etc.,

poisa a burguezia modesta da provincia, o brazileiro que regressou do novo mundo e vem terminar ociosamente os seus dias na cidade invicta, visitando uma vez por outra a sua aldeia natal, o commissario das casas commerciaes, o funccionario transferido, etc. Ha suas differenças ainda assim. Ahi está o *Bragança,* por exemplo, que é só para brazileiros endinheirados, hospedes permanentes, com guardanapo numerado, e que não comem sem ter diante do prato a garrafinha de agua de Vidago ou Pedras Salgadas; o *Cysne,* que mal chega a conhecer os hospedes, caras novas todos os dias, uma lufa-lufa; o *Ancora d'Ouro,* ao Carmo, e o *Leão d'Ouro,* á Praça de Carlos Alberto, que teem o privilegio dos brazileiros de raça; o *Portuense,* á Batalha, que recebe os proprietarios do Douro; o *Pinto Bessa* e outros a Campanhã, onde apenas se come ou se pernoita, guardando as malas de um comboyo a outro.

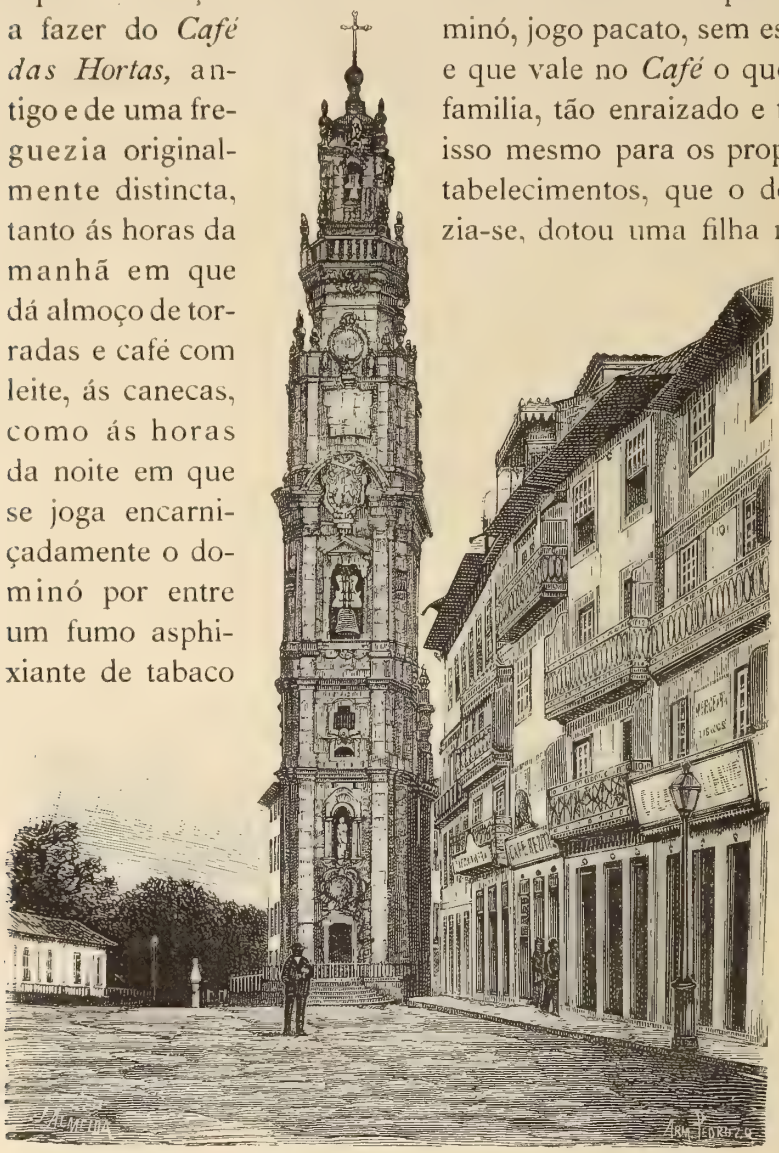
Afóra esses hoteis existem ainda as hospedarias e tabernas para o povo, e as casas de hospedes ou *republicas* para os estudantes, militares e empregados publicos de recente nomeação.

Quanto aos empregados de commercio, os caixeiros particularmente, esses comem e vivem em casa dos patrões; sahem aos domingos por turnos, gastam a tarde n'um passeio, n'um *Café,* ou n'uma sociedade de dança, e recolhem o mais tardar ás oito horas, precisando licença especial para ir ao theatro, ou passar a noite fóra. N'esta limitação prohibitiva de costumes, formam-se, segundo a opinião dos commerciantes, os futuros homens serios, que tem de succeder-lhes no balcão, nos chinellos de liga acalcanhados, nos estribilhos chulos, e na meia suissa arredondada, que foi por largos annos a inimiga intransigente do bigode, considerado apenas como prenda sexual dos vadios, que passavam a vida em botequins. Hoje amaciou um pouco esse odio de Capetto e a propria suissa escanhoada vae á tarde jogar o dominó com parceiros conhecidos no café mais proximo do estabelecimento. Succede por isso que os *cafés* no Porto são concorridissimos ao anoitecer, lusco-fusco, quando em Lisboa, por exemplo, ainda o gaz tremula na frouxa oscillação da meia luz. É que tambem no Porto se janta mais cedo, e a tarde, que é para Lisboa um encanto, é para a cidade invicta um aborrecimento, só vulneravel por uma partida de bilhar, pelo doble zero, ou pelo café servido com goles de *cognac.*

O *Suisso,* o *Central* e o *Lisbonense* são os mais concorridos cafés do Porto; o primeiro representa a tradição genuina, de par com o *Aguia d'Ouro,* o segundo é moderno, e o terceiro nasceu quasi da concorrencia academica, nos periodos lectivos de 1870 a 1880, prosperando então por fórma tal, que indo um creado d'elle, o Julio, montar algumas portas aci-

ma o café, que tem o seu nome, em nada influiu este rival na sua prosperidade.

Dos outros cafés do Porto, não situados no centro de movimento, ha especial menção a fazer do *Café das Hortas,* antigo e de uma freguezia originalmente distincta, tanto ás horas da manhã em que dá almoço de torradas e café com leite, ás canecas, como ás horas da noite em que se joga encarniçadamente o dominó por entre um fumo asphixiante de tabaco ordinario. Um vicio portuense este do dominó, jogo pacato, sem esforços cerebraes, e que vale no *Café* o que vale a bisca na familia, tão enraizado e tão lucrativo por isso mesmo para os proprietarios dos estabelecimentos, que o do *Lisbonense,* dizia-se, dotou uma filha noiva com o rendimento d'esse jogo, calculando o dote em 600$000 réis annuaes.



Torre dos Clerigos

O café é para o *touriste* a ante-camara do theatro, quando no Porto ha espectaculo, o que nem sempre acontece. O *S. João,* por exemplo, tem de ordinario um famoso elenco —*as moscas*— e uma orchestra ruidosa—*os ratos*—. Pela casa não é de certo, apezar de ter um ou outro defeito, e revelar por parte do architecto Vicente Manzoneschi um detestavel gosto artistico; ainda assim é espaçosa e bella a sala de espectaculos, e com a capacidade sufficiente para a população dos *dilettanti.*

Estes é que parece que são raros hoje! D. Francisco de Almada se em 1798 adivinhára tal decadencia, não metteria por certo hombros á

A ponte pensil (demolida em 1887)

empresa da construcção do edificio. Mas como poderia elle prever tal facto, se, trinta e seis annos antes, seu pae, o benemerito João de Almada e Mello, introduzira no primitivo theatro do Corpo da Guarda a primeira companhia lyrica, e não obstante a simplicidade do scenario — um só para todas as peripecias — o enthusiasmo fôra ruidoso diante do *Il Trascurato* de Pergholesi, a primeira opera que ali se representou, em maio de 1762.

As chronicas dizem ainda, sem ir aos tempos infantís do S. João, que o theatro lyrico floresceu no Porto a ponto de fazer desmaiar os brios do S. Carlos! Bom Deus, como é doce acreditar as chronicas, para não morrer de tedio nos espectaculos de hoje! A vaidade portuense irrita-se ouvindo fallar de S. Carlos, mas não tem razão; é preciso ser justo para ser respeitado. Ora a verdade é que o Porto tem tido sempre, como tem agora, um ou outro musico distincto, uma pleiade brilhante mesmo, deve dizer-se com justiça; mas os elementos que constituem a orchestra, os córos, etc., e, mais que tudo, a educação do publico, faltam para realisar o milagre de transformar um meio, de sua natureza anti-artistico, em uma especie de cidade atheniense, onde só se sacrifique pela Arte. O Porto tem di-

nheiro, mas a bolsa burgueza não é para folias theatraes; se um anno cobre a assignatura por vaidade, no immediato fica-se em casa a jogar a bisca em familia. Ainda se fosse coisa de que ella entendesse! As operetas no *Principe Real,* vá que não vá; ou mesmo, uma vez por outra, uma noite sentimental no *Baquet,* ouvindo um drama de commoção e a farça respectiva no fim! Mas lyrico... temos conversado. Ha os «cavallinhos» tambem, gaudio para a pequenada, e as Revistas do anno, os despropositos a proposito, nos *Recreios* ou *Chalet,* etc., coisas de fazer rir um pouco, ao domingo já se vê, porque na semana o trabalho fatiga, e á noite o que se quer é dormir.

Se na arte de representar, a que mais interessa vivamente o espirito da multidão, as somnolencias vão até ao ponto de estarem muitas vezes fechados os theatros, nos outros ramos da esthetica é difficil saber qual é o pensamento do Porto. O viajante que ao apeiar em Campanhã se metta no americano e ao chegar a S. Lazaro pergunte para que serve o edificio que lhe fica á sua mão direita, benzer-se-ha com a esquerda, sabendo que é ali a *Academia de Bellas Artes!* Quasi não precisa entrar lá dentro! As teias de aranha que observa através dos vidros partidos, dão-lhe idéa nitida da pobreza da arte portuense. A luz coada por ferros vae illuminar lá dentro não sei que estatuas mutiladas ou quadros abolorecidos; illumina tambem o chapeu de D. Pedro IV que Deus haja em sua santa gloria, e a espada de D. Affonso Henriques, para o qual se pede egual mercê da misericordia divina.

É só isto? Não. Existe um outro edificio destinado a coisas de arte no Porto. É o *Museu Allen,* na Restauração, adquirido pela camara após a morte do homem, cujo nome ainda conserva. Eu queria fallar d'elle, do pittoresco museu, onde um jacaré empalhado é ás quintas feiras e domingos o espanto e a surpresa dos visitantes indigenas! Mas... tenho receio do jacaré; palavra, tenho receio. A sério: dóe vêr que onde se desenvolvem aptidões, como as de Resende, Soares dos Reis e Molarinho — para não fallar senão d'estes contemporaneos illustres — onde a iniciativa particular cria o *Centro Artistico* e levanta no Palacio exposições honrosas, a opinião continue a gastar o seu dinheiro em bolas de vidro coalhado para as claraboias, e o municipio a dormir o somno bestial dos *kágados,* historiados por Camillo.

A transformação ha de, porém, fazer-se em um futuro breve, sinceramente confiamos; pela Arte ideal e pura bate-se ao presente a ala enthusiasta dos namorados, que tem no *Centro Artistico* o seu arsenal d'armas, e a cidade ha de render-se afinal aos esforços desinteressados e sinceros d'esses luctadores corajosos. As ruas e praças do Porto adquirirão

a elegancia que lhes falta; as fontes monumentaes substituirão aquella bacia de semicupio, que está nos Loyos, para o Moniz tomar banho; os monumentos artisticos, celebrando os homens ou as tradições, erguer-se-hão como documentos de bom gosto; os museus hão de por fim alcançar o respeito dos viajantes e o amor das edilidades. Com o corpo são virá a alma sadia, amorosa do bello, sedenta do bem, realisando o aphorismo *utile dulci.* É talvez porque o Porto tem desprezado até aqui a sua hygiene, a ponto de ser uma das cidades em que a mortalidade é maior, que elle não tem cumprido o seu dever para com a Arte; os doentes não podem ter a comprehensão nitida do bello. A hygiene da cidade tem sido, e é ainda, um verdadeiro mytho,—basta dizer-se que está em pleno vigor o systema das fossas fixas, cujo arbitro e senhor é o lavrador dos arrabaldes, e que o portuense prefere a agua envenenada dos poços dos seus quintaes á que lhe fornece a *Companhia das Aguas,* trazida da corrente limpida do Souza. Um dia, breve, a reacção ha de fazer-se, e o Porto, á similhança do burguez que enriqueceu pelo trabalho, achar-se-ha dizendo a si proprio—toca a tratar da saude, que já não é sem tempo.

E como, onde elle põe a sua mão, fica uma larga e salutar impressão de iniciativa, adeus *ilhas,* onde o operario vive hoje peior que o porco, adeus bairros immundos, adeus *carreiro* de S. Cosme, adeus poços de quintaes de agua *saborosa* e turva de bacillos.

Breve, dissemos, ha de fazer-se a reacção; deveriamos dizer, principiou já.

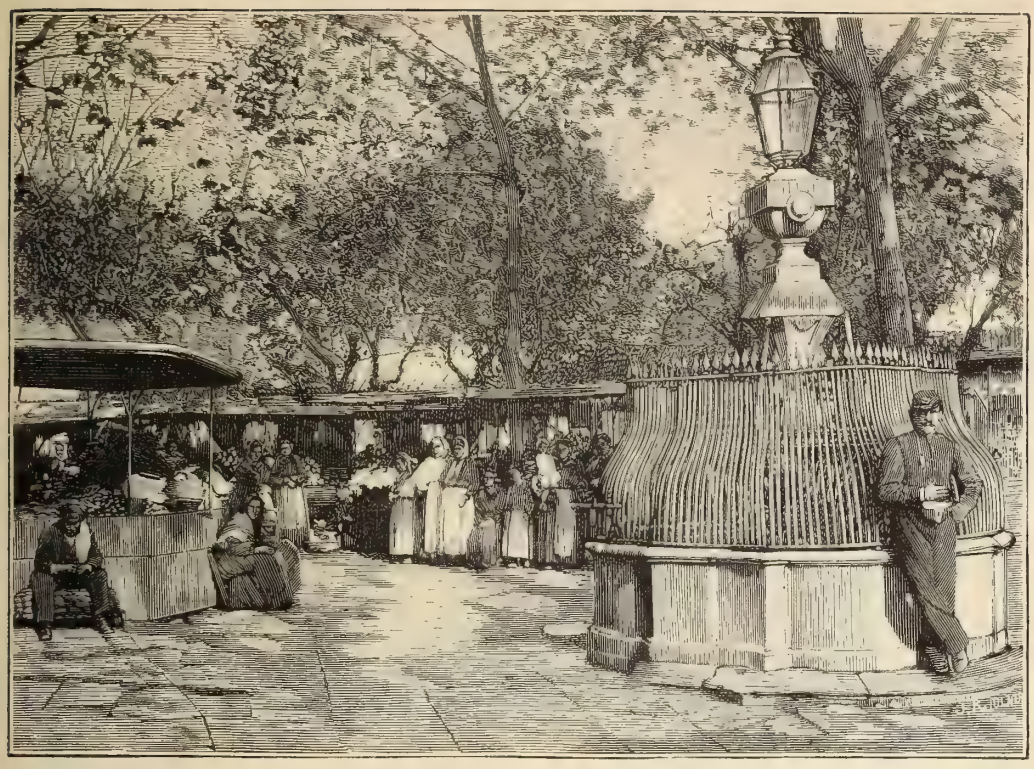
Que é o bairro Herculano, a *Companhia das Aguas,* a aspiração de todos os governadores civis em resolver o problema das casas baratas para operarios, que é a creação municipal de um corpo consultivo de hygiene, o laboratorio da camara, etc., senão documentos valiosos e incontestaveis d'essa reacção benefica em favor da hygiene? A campanha tem de ser longa, por certo, mas tem paladinos esforçados, que hão de saber triumphar dos obstaculos mais invenciveis. A imprensa, quer especial, quer noticiosa, figura na avançada; era justo que assim fosse... e assim é, visto que tambem uma das mais bellas, embora das mais egoistas, feições do jornalismo do Porto, é ser primeiro que tudo... portuense. A inversa não póde estabelecer-se em termos egualmente precisos, e ainda mal para o cidadão do Porto, que tendo um jornalismo serio e solido, abraçando todas as causas sympathicas... ou mesmo injustas, comtanto que sejam d'elle, o não sabe apreciar e o acotovella... por vezes menos delicadamente. Esta observação, que o sr. Alberto Pimentel, um escriptor portuense, fez ha um bom par de annos no seu livro *O Porto por fóra e por dentro,* podia comprovar-se com factos recentemente acontecidos por oc-

casião da viagem da familia real ao Porto, se necessario fôra para demonstrar a observação generalisada já,—de que o Porto não é terra de lettras, e muito menos terra para litteratos.

Em um tempo que para a nossa geração é já lendario, houve no Porto jornaes com folhetinistas de espirito, romanticos mais ou menos bohemios, cuja missão era espalhar no folhetim as perolas da graça e ironia, e irritar cá fóra os socios da Assembléa da herva, com a troça, o barulho, a pancadaria, o namoro das filhas e mulheres, as *toilettes* espectaculosas, etc. É talvez do horror a esses estroinas, escondido na cellula cerebral cinzenta durante o incubo genesico com as lindas esposas requestadas por taes doidos, e transmittido por um mysterio de hereditariedade aos filhos e continuadores do seu pacifico voltarete, que nasce a desconfiança do burguez portuense para com o litterato seu e nosso contemporaneo, não obstante os tempos serem outros e os proprios jornaes, longe de offenderem a honestidade das familias, serem os mais zelosos defensores da sua moralidade.

Seria um delicioso estudo humoristico a fazer, a comparação do jornalismo de hoje com o jornalismo de então, e dos jornalistas d'agora com os jornalistas d'esse tempo. Ha menos espirito talvez, mas ha com certeza mais seriedade e orientação. Rodrigues de Freitas, o primeiro escriptor didactico do Porto, apezar de tão querido e respeitado, era capaz n'esse periodo de entrar rasgadamente na redacção do *Commercio,* com os seus adjectivos politicos de *republicano evolutivo?* Isso sim! Emygdio de Oliveira, um vigoroso temperamento de polemista moderno, era lá capaz de escrever *au jour le jour* um artigo revolucionario? Isso era elle! Escripto o primeiro, tinha de refugiar-se n'alguma agua-furtada humilde, ou gastar um mez a abeberar-se de arnica para curar as echymoses feitas pelo marmelleiro indigena.

Era isto bom? Era isto mau? Não estudo agora os symptomas d'esse periodo apaixonado e porventura febril. O que constato, é que a effervescencia do acido litterario sobre o alcali burguezia parou inteiramente, e d'essa reacção sahiram as variadas crystallisações, que se denominam o *Commercio do Porto,* o oraculo do negociante e do burguez pacifico; o *Primeiro de Janeiro,* o pão nosso popular de cada dia; o *Jornal do Porto,* a *Actualidade,* o *Commercio Portuguez,* o *Jornal da Manhã,* a *Folha Nova,* a *Lucta,* o *Dez de Março,* a *Provincia,* jornaes todos conscienciosamente escriptos e escrupulosamente revistos, distinguindo-se apenas entre si pela côr politica do artigo de fundo, e pela alviçaragem das correspondencias de Lisboa. Dois d'elles, o *Commercio Portuguez* e o *Jornal da Manhã,* desinam a primeira pagina do seu jornal, um dia por semana, para salão de



Mercado do Anjo

litteratura; boa intenção, mas acontece não raras vezes, que as visitas faltam, e o salão, para se não fechar, tem apenas de apresentar ao publico uns massadores insupportaveis. A *Folha Nova* (cuja publicação, infelizmente, terminou com o anno de 1887), dirigida por um talento brilhante, formava á esquerda do jornalismo portuense pelas suas idéas avançadas, offerecendo tambem em cada semana um numero illustrado, e consagrando a primeira pagina ao retrato lithographado do individuo, que logo na segunda pagina biographava.

Em resumo, a imprensa do Porto differenceia-se pouco entre si; lêr um jornal é quasi lêr os outros; mas, como bem nota o sr. Ramalho Ortigão nos seus estudos criticos das *Farpas,* «o tom geral dos artigos revela sempre um fundo respeitavel de applicação dada ao estudo dos problemas em voga, uma attitude de critica serena, uma honestidade apparente dentro de uma fórma commedida e correcta.» Da excellencia de taes qualidades resulta a fraternisação cordeal e affectuosa dos jornalistas portuenses, um dia por mez traduzindo-se em um jantar despreoccupado e alegre, onde a taça da amizade, cheia do mesmo vinho de *champagne,* serve para apertar os laços de solidariedade entre os bons companheiros de trabalho.

Esta aggremiação sympathica dos jornalistas leva-nos á analyse do *principio da associação,* o mais forte e poderoso elemento da civilisação portuense, que dentro de alguns annos tem realisado progressos espantosos na cidade invicta. Desde a *Associação Commercial,* exercendo uma preponderancia notavel em todas as questões economicas da localidade e do paiz, até á *Sociedade Parturiente Funebre Familiar,* cujo titulo arrepia as carnes e o cabello, esse principio, como arvore plantada em terreno proprio e fertilissimo, tem adquirido uma expansão enorme, abrangendo na sombra benefica dos seus ramos todas as idéas e todas as instituições. São numerosissimas as sociedades de soccorros mutuos, quasi geralmente organisadas entre os membros da mesma classe, como são numerosas as sociedades recreativas, as de instrucção e as de caridade.

D'entre as que teem fins mais alevantados, ou pela sua dedicação á causa da patria, ou pelo seu altruismo generoso e sympathico, sobresahem no primeiro plano a *Sociedade de Instrucção* e a de *Geographia Commercial,* e apparece no segundo a dos *Bombeiros Voluntarios,* constituida pela *jeunesse dorée* do Porto, e organisada de modo a prestar os melhores serviços da sua especialidade. Uma vez principiado o cadastro dos progressos associativos, nós não podiamos esquecer a impulsão larga e profunda, que o espirito de associação tem dado no Porto á causa da instrucção popular. Quasi não ha sociedade de soccorros, ou de recreio, associação de beneficencia, ou caridade, fabrica ou industria, que não tenha a sua escola; e não ha por certo parochia, ainda a mais deficiente em recursos, que não sustente uma ou mais aulas. É deveras espantoso o que a iniciativa particular, animada sempre pela imprensa local, tem produzido n'este sentido, muito especialmente de 1880 para cá. Um prodigioso renascimento, em que todos cooperam, já fundando escolas novas, já melhorando as antigas, aqui offerecendo livros, além instituindo premios. O *Commercio do Porto,* por exemplo, cria nas suas columnas o premio *Camões,* a junta de parochia de Lordello institue por occasião do casamento do principe D. Carlos premios commemorativos, a que dá o nome dos sympathicos noivos. Quer dizer, desde o mais alto ao mais baixo, e aproveitando para o seu fim o mais simples, como o mais elevado pretexto, o empenho de derramar profusamente a instrucção é claramente comprehendido e é brilhantemente executado.

A par de tal exhuberancia, as instituições educadoras aperfeiçoam-se dia a dia; a escola *Pestalozzi* e o gymnasio *Lauret* eloquentemente testemunham a comprehensão moderna que no Porto se tem do ensino. Desappareceu o estupido horror pela educação physica, e nas mais singelas festas escolares a gymnastica tem hoje o seu lugar applaudido. Por vezes

mesmo, quando os alumnos do instituto Lauret vão tomar parte em qualquer dos espectaculos, de que o Palacio tem aos domingos o encanto, o forasteiro que presenceasse o interesse da grande familia portuense pelos trabalhos dos seus rapazes, julgar-se-hia transportado á Grecia antiga, tão sympathico é o quadro, e tão parecido com os que nos legaram os escriptores sobre a educação atheniense.

Ao lado das instituições particulares de ensino surgem mais ou menos acariciadas pelo favor do Estado as instituições officiaes. Além das escolas primarias, e lyceu para o ensino secundario, o Porto possue ainda estabelecimentos para o ensino especial e superior. Figuram na primeira classificação a Escola Normal para os dois sexos, a *Escola Faria Guimarães* para desenho industrial, a Escola de alumnos marinheiros a bordo da corveta *Sagres,* o *Instituto Commercial e Industrial,* creado em 1852 e recentemente reformado, tendo excellentes gabinetes de physica e de chimica, e sendo as suas aulas nocturnas adaptadas a differentes profissões industriaes; finalmente a *Academia de Bellas Artes,* funccionando desde 1836 no extincto convento de Santo Antonio da Cidade, onde está egualmente a Bibliotheca, e substituindo como instituição a antiga aula publica de desenho e debuxo, fundada em 1799 e sustentada a expensas da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, aula de que sahiram alguns discipulos notaveis, como foi o celebre *Vieira portuense.*[1]

Na classe dos estabelecimentos de ensino superior figuram a *Escola Medico-Cirurgica,* instituida em 1825, occupando hoje um edificio proprio na antiga cêrca do Carmo, com face para o largo d'este nome, e cuja bibliotheca conta uns 6:000 volumes; e a *Academia Polytechnica,* que substituiu a antiga Academia de marinha e commercio, fundada no tempo de

[1] «Nasceu n'esta cidade, em 1766, o famoso pintor Francisco Vieira, geralmente conhecido por *Vieira Portuense*—para o distinguir do seu homonymo—*Vieira Lusitano.*

Seu pae era tambem um pintor distincto, e foi o que lhe deu as primeiras lições.

A Companhia dos Vinhos do Alto Douro lhe deu uma pensão, para elle ir estudar a Roma, para onde partiu em 1789, e ali foi seu mestre Domingos Conti.

Esteve em Parma, em 1791, regressando a Roma em 1794, e em 1797 marchou para a Allemanha. Regressando a Roma, tomou amizade com o famoso gravador Bartolozzi, que lhe gravou muitos dos seus quadros.

Em Roma fez pinturas de grande merecimento, entre ellas—*Viriato, O Descimento da Cruz,* e *Nossa Senhora da Piedade,* obras que lhe grangearam uma fama immortal.

Casou em Londres, com uma italiana, parenta de Bartolozzi, em 1802; e n'este mesmo anno foi nomeado director da Academia do Porto, e, ainda n'esse mesmo anno, foi chamado a Lisboa, para, juntamente com Domingos Antonio de Sequeira, exercer o cargo de primeiro pintor da côrte.

Uma grave molestia de peito, causada pelo seu assiduo trabalho, o obrigou a ir para a Ilha da Madeira; mas, longe de achar linitivo aos seus padecimentos, ali falleceu em 1805.»

(*Pinho Leal, Diccionario*).

D. Maria I a instancias da Companhia dos vinhos. É destinada ao ensino das mathematicas superiores, sciencias physicas e naturaes, economia politica, e desenho, e funcciona no grande e monumental edificio, ainda incompleto, que tem a fachada norte sobre a praça dos Voluntarios da Rainha e a do sul sobre o Campo dos Martyres da Patria. Depois de concluido este grandioso palacio da instrucção, projecta-se reunir ahi diversos estabelecimentos de ensino, taes como a *Academia* e o *Instituto,* que já lá funccionam, a Academia de Bellas Artes, a Bibliotheca publica, e talvez a Escola Medico-Cirurgica.

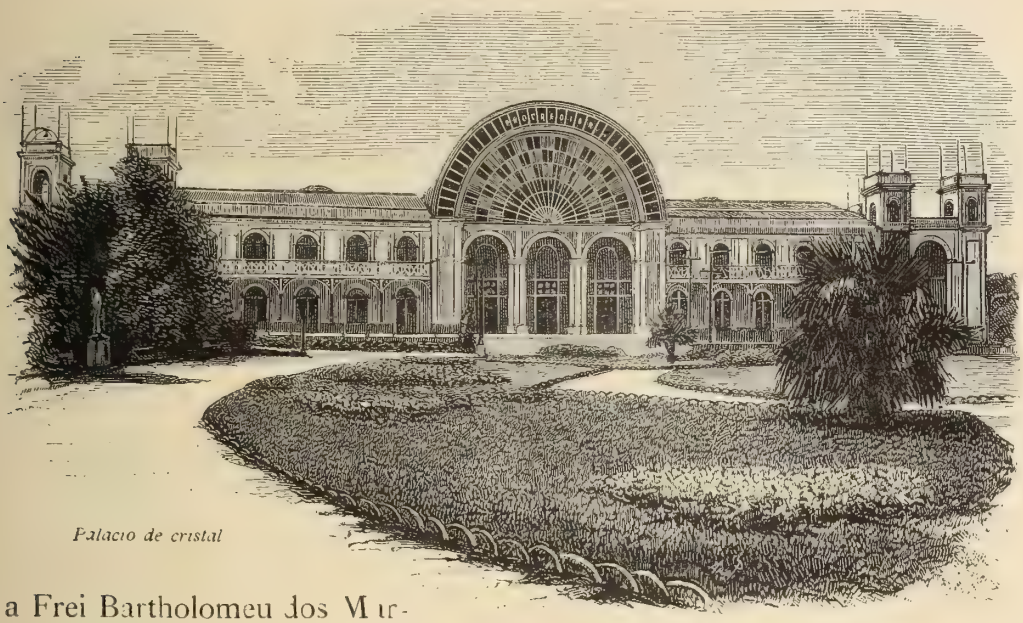
O Jardim botanico do Porto, dependente da Academia polytechnica, modesto, mas satisfazendo perfeitamente ás exigencias do ensino, occupa parte dos terrenos da cêrca dos Carmelitas, tendo a entrada principal pela praça do Duque de Beja.

Além dos estabelecimentos de ensino profissional enumerados, existe ainda no Porto o seminario diocesano, funccionando no extincto convento dos gracianos (grillos) e jesuitas. O cardeal D. Americo tem melhorado enormemente as condições d'este estabelecimento, mas, julgando-o ainda assim acanhado para o cumprimento do seu fim, metteu hombros á creação de um novo edificio, no alto das Lavandeiras em Gaya, o qual será um monumento do seu zelo religioso.

Se o *touriste* pretender visitar ainda os restantes estabelecimentos, que se ligam mais ou menos com os da instrucção official, deve merecer-lhe a primeira visita a *Bibliotheca publica,* installada no extincto convento de Santo Antonio da Cidade, junto ao jardim de S. Lazaro. Foi fundada em 1833, sendo o seu primeiro nucleo as livrarias dos conventos. Tem mais de 200:000 volumes, entre os quaes mais de 100 do seculo XV, logo após a descoberta da imprensa, entre elles a *Vita Christi,* primeiro livro impresso em Portugal, em 1495, com gravuras de madeira por Frei Bernardo de Alcobaça, e mais de 1:200 manuscriptos, alguns de subido valor, como são os que vieram de Santa Cruz de Coimbra, anteriores á descoberta de Guttemberg. Entre os manuscriptos são notaveis o n.º 32, o *Testamentum vetus,* com 367 folhas de pergaminho, contendo os livros sagrados até aos Machabeus; o n.º 432 que é um *Livro de Brazões* feitos em desenho colorido, copia do que possuia D. Duarte, neto d'el-rei D. Manuel; e o n.º 475, escripto em grego, hebraico, syriaco, arabe e ethiopico, com magnificas illuminuras do punho de Frei Pedro, conego de Santa Cruz, de Coimbra.

Além d'estas preciosidades encontra-se tambem uma collecção de moedas antigas e medalhas commemorativas, pertencentes ao museu, onde não cabem.

No edificio da Bibliotheca está, como dissemos, alojada a Academia de Bellas Artes, com o *Atheneu Portuense,* museu tão pobre e tão descurado, que chega a ser uma vergonha para o Porto. Além d'alguns quadros de Sequeira e Vieira Portuense, de algumas copias de Vernet, e de uma soffrivel collecção de gravuras, mostram-se como curiosidades historicas a espada de D. Affonso Henriques, a escrevaninha que o papa Pio IV deu



Palacio de crystal

a Frei Bartholomeu dos Martyres por occasião do concilio de Trento, o chapeu armado e o oculo usados por D. Pedro IV, durante o cêrco do Porto.

Em outro lugar nos referimos já á pobreza dos museus do Porto e não insistimos por isso no assumpto. Como descargo de consciencia apontamos, porém, ao *touriste,* depois do *Atheneu,* o museu Allen, na Restauração (de que tambem já fizemos menção), os quadros que existem no salão da camara, a exposição de bellas artes no Palacio, e... nada mais. Museu zoologico, uma vez que a palavra *museu* nos desperta idéas mais ou menos associadas n'estes terrenos da instrucção, não tem o Porto que apresentar; o que se aponta como tal, o museu *Luso,* do illustre professor Augusto Luso da Silva, é propriedade particular de s. ex.ª, embora elle seja sempre amavel para os hospedes que desejem conhecer a sua interessantissima collecção.

A *Bibliotheca publica,* por ser a primeira da cidade, não é entretanto a unica; existe ainda na Bolsa a *Bibliotheca commercial,* rica em publicações da especialidade, a da *Escola Medica,* já citada, e o *Archivo da camara,* nos paços municipaes, precioso pelos documentos antigos. Existem ainda algumas bibliothecas particulares importantes, merecendo especial

menção as do erudito sr. conde de Samodães, herdada do conde de Azevedo, e a do dr. José Carlos Lopes, que possue talvez a mais completa camoneana.

O rapido e ligeiro esboço que vimos fazendo do movimento civilisador do Porto, leva-nos a examinar depois dos progressos do principio da associação e dos progressos do ensino, as instituições de beneficencia e caridade, que são como que o doce rosicler da manhã, acariciando os feridos da grande campanha aspera da vida. Além de que, as manifestações altruistas de uma cidade revelam a sua alma, como as acções boas ou más de um individuo revelam o seu caracter. E é justo, que ao estudar de perto um organismo como o do Porto, eu possa dizer do seu coração de heroe, que elle não é só forte pela coragem, mas que é sobretudo grande pelo amor.

Entre as instituições de caridade merece o lugar de honra a *Santa Casa da Misericordia,* não só pela sua antiguidade e haveres, como por ser a affirmação mais grandiosa e solemne da philantropia portuense. Foi a confraria creada por alvará de D. Manuel de 14 de março de 1499, a instancias da piedosa rainha D. Leonor, sua irmã, e viuva de D. João II. A primeira instituição foi na capella de Nossa Senhora da Encarnação, no claustro da Sé, onde esteve até 1555, em que foi transferida para a egreja propria, que então se construiu na rua das Flôres, onde ainda hoje existe.

Por esse mesmo alvará dava D. Manuel á nova confraria as ruinas da antiquissima albergaria chamada do Roque Amador, na rua dos Caldeireiros, para que ahi estabelecesse um hospital.[1] Em janeiro de 1584 fallecia em Madrid D. Lopo de Almeida, legando á Misericordia uma boa parte da sua fortuna, apenas com o encargo, ainda hoje cumprido, de serem vestidos cinco pobres. A confraria taes obras fez então no seu hospital, que este perdeu o nome originario e breve tomou o do benemerito *D. Lopo,* que usou por mais de um seculo, visto que em 1646 era instituido o hospital de Santo Antonio, com estatutos approvados por alvará de D. João IV.

Crescendo, porém, a cidade, e augmentando proporcionalmente os encargos e os recursos da Santa Casa, resolveu esta levantar novo hospi-

[1] A primeira albergaria do Porto foi fundada na Reboleira, pela rainha D. Mafalda. Estando o edificio arruinado, mudou-se a albergaria para o largo de S. João Novo, unindo-se-lhe as rendas de tres que já então havia. Com o correr dos annos mudou-se para a rua da Ferraria de Cima, hoje Caldeireiros, onde, como vimos no texto, tomou o nome do Roque Amador, estando, porém, arruinada no tempo de D. Manuel. Existe ainda n'esta rua dos Caldeireiros uma formosa edicula, embutida em uma parede, que assignala a situação d'essa albergaria.

tal em sitio amplo e desaffrontado, constando de boa origem que primeiro escolhera o lugar onde está hoje a Bibliotheca; mas decidindo-se afinal pelos casaes do Roballo, ahi lançou a 15 de julho de 1770 a primeira pedra do magestoso edificio, que a nossa gravura de pag. 701 representa, e cuja planta é do celebre architecto inglez João Karr, da cidade de York, dizendo a lenda que o plano fòra primitivamente traçado para a Inglaterra, a qual se não atrevera a erigir tão vasto monumento. O architecto recebeu 500 libras pelo projecto. Para ajuizar-se do que é este padrão da caridade, apezar de incompleto, basta recorrer á estatistica de um anno economico—seja o de 1884-1885—que nos diz ter sido de 7:517 o numero de doentes ahi soccorridos, afóra as numerosas consultas e receitas do banco. Levar-nos-hia longe a descripção do edificio, como teriamos de encher paginas sobre paginas se quizeramos fazer, de leve que fosse, menção dos outros estabelecimentos que estão dependentes da Misericordia, taes como os Lazaros, as Orphãs, os Asylos, etc.; mas são tantas as outras instituições levantadas pelo altruismo portuense, que simplesmente para enumerar a maior porção ha necessidade de sacrificar o descriptivo do grande colosso.

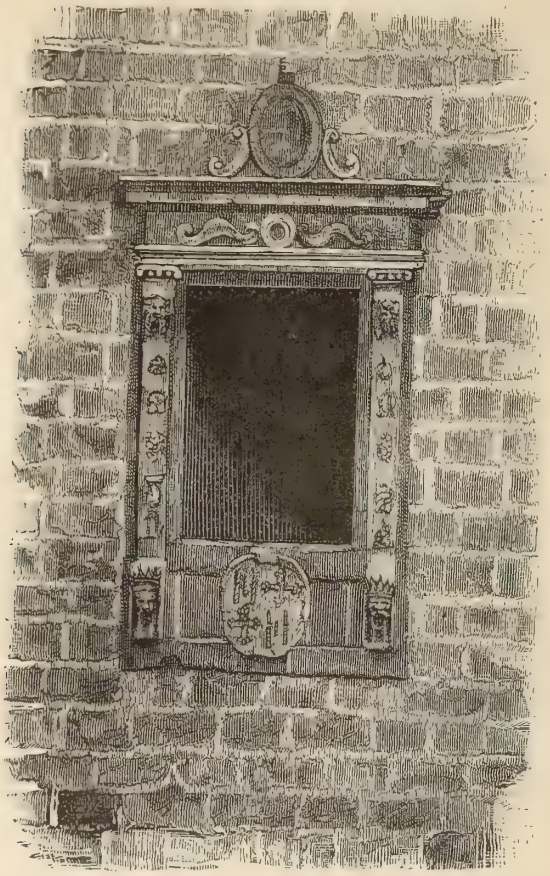
N'essa enumeração temos de comprehender, embora fosse nosso desejo descrevel-o largamente, o magestoso *Hospital de Alienados,* á Cruz das Regateiras, instituido pelo conde de Ferreira, o grande benemerito portuguez e porventura o espirito pratico, que melhor comprehendeu a nevrose do seculo, creando a escola a par da enfermaria. A distribuição geral do edificio, um dos mais notaveis da Europa, corresponde ao alojamento de trezentos doentes. O seu custo foi de 400:000$000 réis, numeros redondos.

Em seguida aos dois grandes hospitaes merecem mencionar-se os das *Ordens,* d'essas verdadeiras caixas economicas da caridade, onde o mais desfavorecido da fortuna póde adquirir, a troco de uma quantia modica, o direito a um tratamento esmeradissimo em todas as molestias da sua vida. É quasi miraculoso o que realisam em fructos de um mutualismo sympathico as ordens do Terço, do Carmo, de S. Francisco e da Trindade! Tanto ou mais assombroso que o milagre da multiplicação dos pães na ceia de Jesus.

Além dos hospitaes enumerados ha ainda no Porto o importante hospital militar de D. Pedro V, o dos Inglezes para os individuos pobres d'esta colonia, o dos Naufragos, e o recente hospital Maria Pia, destinado exclusivamente a creanças, e quasi sustentado pela caridade das senhoras mais illustres do Porto.

Na lista das instituições de beneficencia não podem esquecer, depois

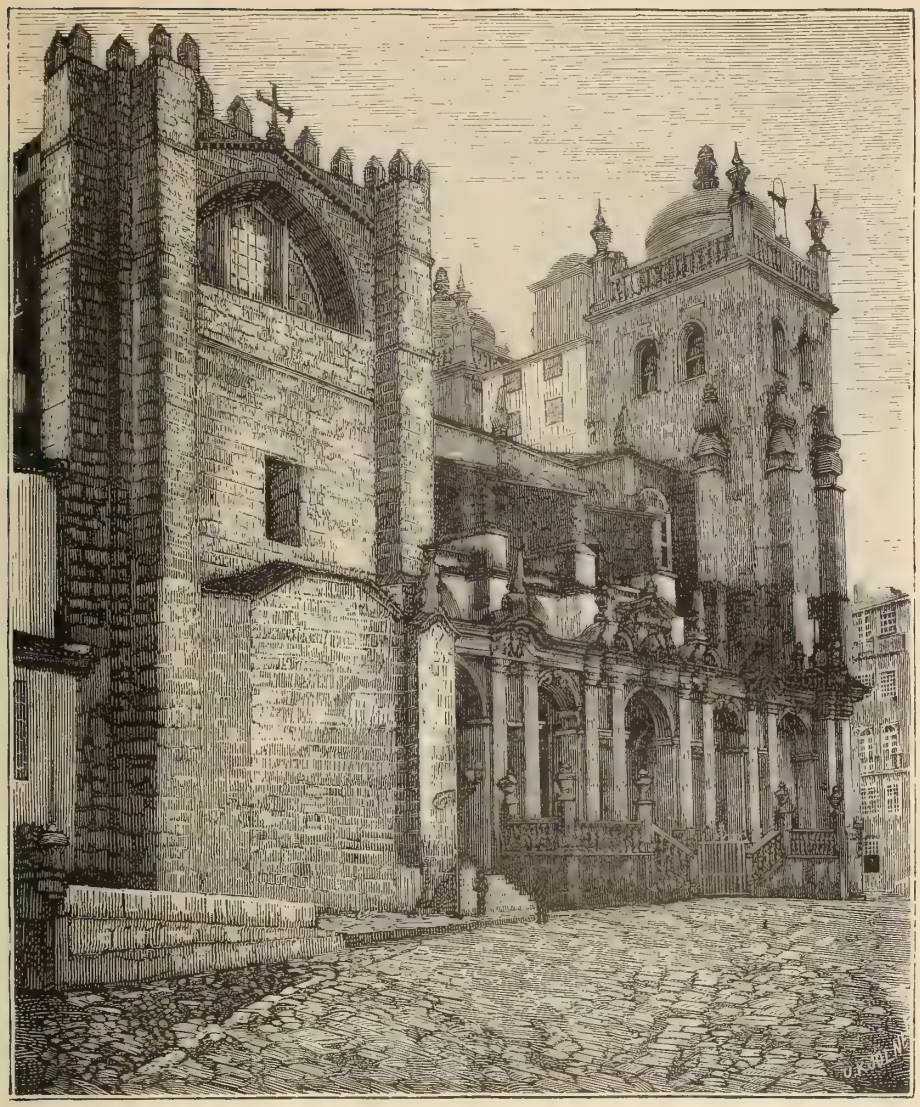
dos hospitaes, a *Crèche* de S. Vicente de Paula, fundada em 1851, tão fecunda em resultados uteis, como sympathica na idéa creadora; a *Crèche* do Bom Pastor, o Asylo das raparigas abandonadas, o da Mendicidade, o da Infancia desvalida, o de Villar, instituido pelo sr. Ricardo Wanzeler, o collegio de Nossa Senhora da Graça, ou dos Meninos orphãos, fundado em 1651 pelo virtuosissimo P.e Balthazar Guedes, o mesmo que fundou em 1688 a Roda dos expostos, ao pé do antigo hospital de D. Lopo, e cuja biographia nos mostra o retrato de um santo com o coração terno de uma mãe; o Albergue nocturno, instituido por el-rei D. Luiz, e... para que proseguir na lista, se eu tenho fatalmente de ser incompleto, tal é a exhuberancia d'essa arvore formosa, de pomos de ouro, chamada a *Caridade portuense*.



Janella da casa do infante D. Henrique

Um nome só e termino—a *Officina de S. José*. O paiz inteiro conhece-a de nome; o *touriste* que vae ao Porto deve conhecel-a *de visu* para avaliar como um homem, em cuja alma bem formada luz a scentelha que illuminou Vicente de Paula, Francisco Xavier, Balthazar Guedes, póde fazer, pelo simples esforço persuasivo da palavra, de uma natureza roída pelo vicio, uma outra sadia e honesta, aonde elle inoculou o santo amor do trabalho. Que lição aos poderes do Estado, cujos miolos estão dessorados já pela insana tarefa de resolver o problema da correcção pelo trabalho! Que lição e que exemplo para... abençoar!

A caridade prende-se tão de perto com a religião, que naturalmente nos está indicado o meio de continuar estas singelas notas de viagem, fazendo uma resenha rapida do que podemos chamar o Porto religioso. Principiamos pela *Sé*, não só por ser o mais antigo templo da cidade, como porque em quasi tudo merece o lugar de honra. Em outro lugar



A Sé do Porto

fallámos já da sua fundação primitiva que se attribue a Constancio, quarto bispo do Porto, e das reconstrucções por que passou, não nos demorando por isso com estas noticias; visitando-a, ou examinando a gravura junta, o leitor póde notar a variedade de estylos que demonstram essas reedificações, sendo talvez parte das torres e dos gigantes que as fortificam, o pouco que resta da construcção mandada fazer por D. Thereza ou por seu filho Affonso Henriques.

A capella-mór, espaçosissima, foi mandada fazer pelo bispo Frei Gonçalo de Moraes, em 1602. O altar do Sacramento, esplendida obra de prata lavrada, feita em 1792 e orçada no valimento bruto de 20:000$000 réis, tem, além d'esse valor artistico, a lenda, que o sachristão nunca se

esquece de referir, de ter escapado aos francezes, porque um seu antecessor teve a feliz idéa de o pintar com algumas camadas de gesso.

Proximo a esse altar existem as antiquissimas imagens do *Senhor d'Além,* e da *Senhora da Silva,* da qual era tão devota a rainha Mafalda que em testamento lhe deixou as suas joias e vestidos mais ricos. Sahindo da egreja deve visitar-se o claustro e em seguida a sumptuosa sachristia, cujo pavimento é de marmore cinzento e roxo, e cujo tecto apresenta notaveis pinturas a *fresco.* Nas paredes estão dez quadros a oleo, representando assumptos biblicos, e por cima do relogio uma Virgem aleitando o menino, quadro que se attribue ao grande Raphael, mas que provavelmente não passa de uma copia.

Fóra da Sé, antes de entrar no atrio que precede o magestoso Paço do Bispo, cuja escadaria monumental vale bem a pena vêr-se, se não fosse pela obra d'arte, ao menos para gosar o panorama, que se disfructa da sua galeria, está uma capella mal tratada, onde se póde vêr o formoso tumulo, que representamos na gravura de pag. 693. Ignorou-se durante muito tempo a quem elle pertencia, e só ás investigações a que ultimamente procedeu o illustrado conego arcypreste dr. Manuel Filippe Coelho, a cuja opinião nos reportamos agradecendo-a, se deve o apurar-se que tal sarcophago encerra as cinzas de Martins Mendes, conego mestre-escola da Sé, ali depositados em 1350. O recinto, onde se vê o tumulo, é o resto da antiquissima capella de S. Martinho, que havia no primitivo claustro da Sé.

Depois d'este venerando templo, representado pela nossa gravura, póde o leitor visitar:—a egreja de *S. Francisco,* quasi toda forrada de magnifica talha dourada de tão opulento gosto artistico, que o celebre critico d'arte, conde de Raczynscki, a julgou superior a tudo quanto no genero tinha visto;—os *Congregados,* cujos estuques da abobada são um primoroso trabalho, e que é a egreja onde se faz a grande festa religiosa do Porto, o *Stabat Mater;*—a *Lapa,* o mais espaçoso templo da cidade, onde existe em singelo mausoleu o coração de D. Pedro IV;—a antiga *Cedofeita,* que uns dizem remontar ao seculo VI da era christã, attribuindo a Theodomiro a sua fundação, e que outros dizem não poder remontar além do seculo X, sendo d'esta opinião Alexandre Herculano, que diz denominar-se esta egreja nos documentos do seculo XII *citofacta,* feita *ha pouco tempo,* e não *em pouco tempo,* como pretende a lenda;[1]—os *Cleri-*

[1] O leitor que deseje conhecer a opinião fundamentada do grande escriptor póde procural-a no livro do conde de Rackzynschi *Les Arts en Portugal,* onde vem em uma nota desenvolvida.

gos, cuja tribuna de bellissimo marmore é digna de vêr-se;—a *Trindade,* notavel tanto pela frontaria elegante e carrilhão musical, como pelas primorosas imagens que apresenta nos seus altares;—*Santo Ildefonso,* antiquissima como parochia, mas reparada materialmente em 1860, tendo uma capella-mór sumptuosa;—*Miragaya* (frente a Gaya, o que tambem quer dizer *Calle,* povoação marcada no itinerario de Antonino Pio), egreja que alguns pretendem ter sido a primitiva Sé, edificada por S. Basilio, facto, porém, muitissimo contestavel não só em relação ao pensamento historico, como tambem ao edificio, que foi totalmente reconstruido no seculo passado, mas facto que em todo o caso evidencia ter sido este um dos primeiros templos levantados n'estas regiões;—a *Victoria,* matriz parochial, reedificada após os estragos que soffreu no cêrco do Porto, e cuja fundação, posterior ao reinado de D. Manuel, foi sempre no centro d'este antigo bairro dos judeus, cuja synagoga era a vasta egreja de S. Bento, sagrada pelos frades d'esta ordem em 1597, quando aqui instituiram o seu mosteiro (hoje quartel de caçadores 9), applicando para tal fim parte das rendas do convento de Alpendurada;—o *Bomfim,* moderno relativamente como matriz parochial, e mais ainda como templo elegante e vasto; —*S. Lazaro, S. João Novo,* o *Carmo de Baixo e de Cima,* e, que sei eu, todas as que foram das congregações religiosas, todas as capellas publicas ou particulares, um catalogo inexgotavel finalmente, que não precisamos percorrer, porque os templos que citamos, bastam para testemunhar o zelo religioso da cidade, que tem a Virgem como padroeira.

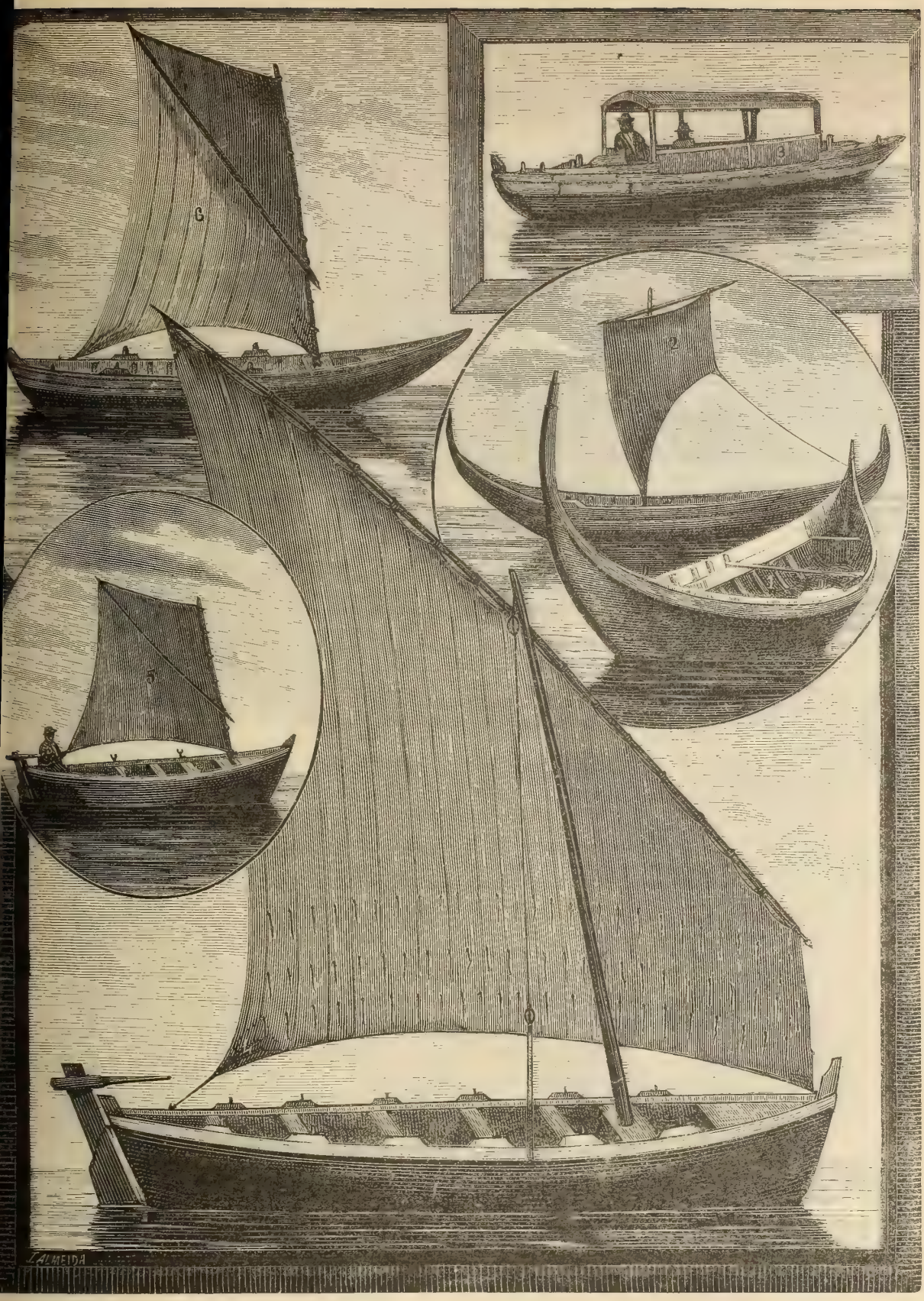
Que não servissem os templos para tal demonstração, ahi estavam as solemnidades como o *Stabat Mater,* e as procissões como as da Cinza, Trindade ou Carmo, para evidenciar que ainda n'este ponto não conhece competencias a religiosa vaidade dos portuenses.

Uma prova ainda é visitar os cemiterios publicos da cidade; já não fallo do *Repouso* ou da *Lapa,* onde os monumentos pesados e solidos se accumulam; mas *Agramonte,* que frescura de morte! Dá vontade de ir ali dormir o somno, de que se não desperta, como se antegosassemos o prazer, que hão de sentir os nossos esqueletos, ao verem-se rodeados de todas aquellas louçanias de jardinagem. Que lindas são as rosas brotando por sobre as campas, e como estão viçosas as *heras* e *violetas,* que se entrelaçam na sepultura modesta do poeta, que as enfeixou em vida n'um volume encantador de versos. Bello cemiterio este de *Agramonte,* na verdade! Mas, por Deus... a vida tem ainda aspectos tão risonhos, que não vale a pena a gente preoccupar-se com a morte! É aliás o que fazem os portuenses sensatos, homens de boa pratica e experiencia, para quem o tempo é dinheiro. Cuida o leitor porventura, que se fazem lá os enterros

como em Lisboa, gastando as horas mais proveitosas do dia, e orçamentando uma verba especial para carruagem de acompanhamento? Cada um tem a sua vida, e a vida de cada um não é positivamente a de *gato pingado*. Só á noitinha, por isso, é que os convidados vão dizer ao morto o ultimo adeus, assistindo aos officios religiosos na egreja onde está depositado o feretro.

Coisa de um quarto de hora, quando muito, porque apenas o padre atira para sobre o morto a ultima agua do hyssope, os convidados atiram para as mãos dos *gatos pingados* as tochas com que assistiram ao officio. O padre e o *armador* lá se encarregam do resto! A ceremonia foi satisfeita e o portuense, que não perdeu o dia por causa de um morto, tambem não se julga obrigado por tal motivo a perder a noite, que vae passar no café, no theatro, ou em qualquer casa particular, onde as qualidades do finado são discutidas com a puxada que obriga a naipe, na classica bisca de familia. Gente practica e sensata; mirem-se no espelho os *alfacinhas*, que ás vezes riem menos justamente dos costumes e usos dos *tripeiros*. Precisamente sobre este assumpto tem a prosa indigena escripto varias facecias, com mais ou menos paixão local, e com mais ou menos grammatica tambem. Adiante; se o Porto tem ciumes de Lisboa, esta por egual os tem do Porto, o que prova mais uma vez o principio tão banal, de que cada um inveja nos outros as qualidades de que carece.

Eis tudo. Uma das superioridades do Porto vinha a proposito agora apontar-se como exemplo. O maior respeito pela familia, a mais doce tranquillidade da vida domestica. Para isto basta a comprehensão que cada portuense tem do isolamento casto do seu lar, da independencia honesta da sua casa. Como n'isto lhe é inferior Lisboa, com as suas habitações em fórma de commodas para guardar familias, com as suas escadas enxovalhadas pela mais duvidosa promiscuidade de uma visinhança variadissima. Na altiva e honesta independencia do lar avigoram-se as qualidades do homem, e o coração e o pulso adquirem firmeza para a lucta aspera da vida, como o ferro adquire a tempera banhando-se na agua fria. O portuense não deseja ter na casa apenas o indispensavel, anceia por exceder o conforto, por conquistar a abundancia; *farta e cheia como um ovo* é que elle pretende sobretudo a sua casa, porque é ahi que vive o maior tempo, que recebe patriarchalmente os seus amigos, que alicerça o edificio da sua fortuna. Já é sabido; negociante, industrial, medico, que ali pretenda fazer casa, casa primeiro. Por isso é tambem desconfiado para com todos os que não teem eira nem beira, e vivem *au jour le jour* nos hoteis; exemplo: os militares, que o portuense só excepcionalmente recebe com agrado, e onde nunca se lembraria de procurar... um noivo para suas filhas. A



N.º 1. Barco ovarino emprega-se na pesca do mexoalho, nos mezes de julho a novembro, e depois na do savel e linguado no mar. Tripulação, homens. — N.º 2. Bateira vareira: emprega-se tambem na pesca do mexoalho, e depois em toda a pesca do rio, e na do savel e linguado no mar. ripulação, 6 homens. — N.º 3. Barco para transporte de passageiros e generos para o mercado entre Porto e Gaya e freguezias ribeirinhas. Dois ipulantes, sendo ordinariamente mulheres, quando a navegação é para a ria de Aveiro. — N.º 4. Lancha S. Joanneira: emprega-se na pesca da scada e vae á altura de 20 braças. Tripulação, 18 homens. É do mesmo typo, mas de menores dimensões, a Bateira Poveira e Mattosinheira, que emprega na pesca da sardinha, ruivo, faneca e roballo, sendo a tripulação de 14 homens. A lancha Valboeira affecta quasi o mesmo typo, differen- ndo-se na prôa, mais esguia, sendo porém a sua tripulação de 25 homens e indo á pescada até á altura de 30 braças. — N.º 5. Cahique empregado transporte de gente e na pesca da faneca e enguia. — N.º 6. Barco valboeiro para toda a pesca no rio e para a do savel, á boca da barra.

propria costureira, esse typo ainda o mais encantador das ruas portuenses, apezar de se ter modernisado pela *tournure,* com prejuizo da sua antiga elegante capa de tres bicos; a costureira, diziamos, que em Lisboa prefere a tudo o amanuense ou o aspirante, no Porto rende-se apaixonadamente ao caixeiro, que é como quem diz o embryão do futuro commerciante pacato, e o D. Juan que no presente mais satisfaz o ideal de namorado serio, com que sonha toda a rapariga portuense. Uma vez que fallamos em costureira, como typo das ruas, convem não esquecer os outros typos populares, que dão á cidade uma feição caracteristica; as morangueiras, as peixeiras, as varinas robustas apregoando *a d'Espinho viva,* as vendilhonas de hortaliça ou fructa, são as principaes; mas afóra estas ha os *ferros velhos,* as mulheres dos ossos e farrapos, as que vendem sapatos de liga, os queijeiros da serra, etc., toda uma serie mais ou menos pittoresca, tendo cada typo a sua nota musical de pregão. O cego da rebeca tambem ainda por lá não se extinguiu; aos sabbados e terças é procural-o nas immediações do Anjo ou do Bolhão, que é certo encontral-o rodeado de um grupo de lavradeiras e lavradores, escutando-lhe avidamente as cantigas, e os arrepios do violino. Uma outra feição do Porto, é a sua paixão pelas flôres. Que formosura de rosas nas Exposições do Palacio, que variedade de assetinadas camelias no mais pequeno jardim burguez! Como Lisboa lhe está n'isso inferior!

Apezar de quasi cheia a nossa modesta carteira de *touriste,* ainda não mostrámos ao leitor um dos mais interessantes aspectos da physionomia portuense — a politica.

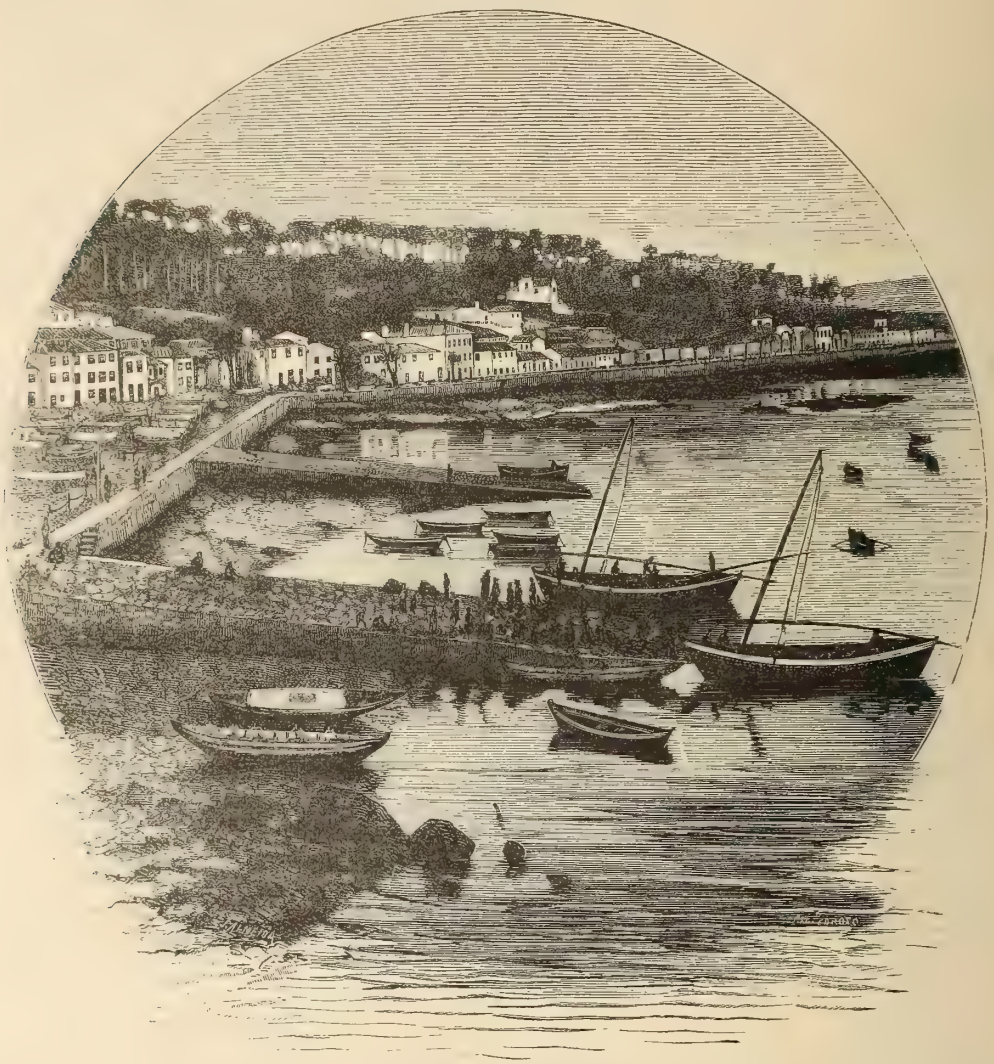
Mas que os progressistas da *vida velha* e *vida nova* me perdoem, se, não obstante a sua preponderancia na cidade, os sacrifico, juntamente com os regeneradores do sr. Serpa, a esquerda dynastica e todas as *nuances* republicanas, ao appetite de um passeio á

FOZ

em um dos americanos da Companhia de baixo, a primeira companhia d'este genero instituida no paiz, tão recommendavel pela sua pontualidade ingleza, ou em um dos carros da Companhia de cima, tão recommendaveis exactamente pelo contrario, o que não deixa de ser para o *touriste* um episodio agradavel. O melhor conselho practico é ir por um lado e vir pelo outro, tendo-se occasião assim de gosar os dois aspectos panoramicos das estradas, por onde correm as linhas do *rail-road.*

A Foz é hoje, graças ás duas companhias, um verdadeiro bairro do Porto. Vive-se lá todo o anno, um pouco por economia, um pouco por

amor da saude, um quasi nada por gosto, e sobretudo muito por causa da massada da mudança no periodo fixo dos banhos. Com a sua preoccupação de imitar John Bull, o portuense acha encantador ter ali a Foz á mão, para fingir de bairro affastado, e adoptou-a de preferencia a qual-



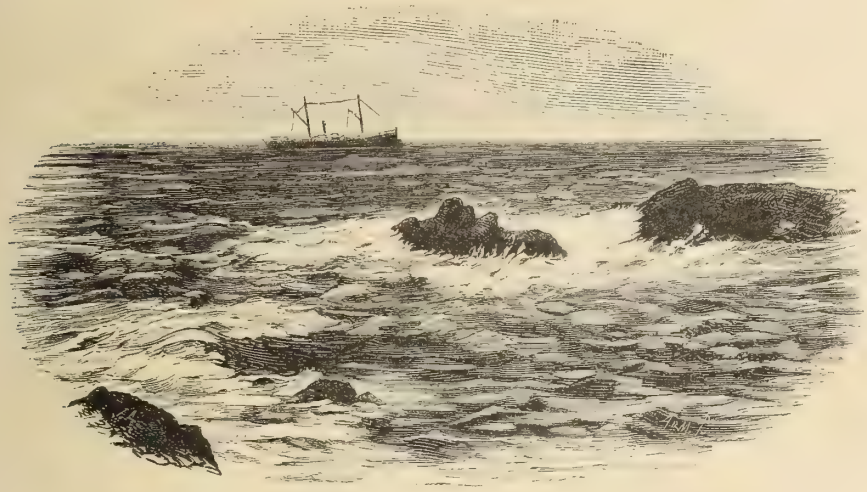
A Cantareira

quer outro arrabalde. A Foz merecia a preferencia, deve concordar-se, pelo que tem de recolhida e silenciosa no inverno, e pelo que tem de pittoresca e deliciosa no verão, n'esta estação sobretudo, visto que ella é a praia por excellencia do Porto, e a miniatura mais fielmente reproduzida do seu movimento e costumes.

Ha duas excepções talvez n'essa quadra; são os dias de *S. Bartholo-*

meu e da *Senhora da Luz,* em que, sem bem se saber porquê, toda a gente dos arrabaldes e da cidade vae á Foz, que toma assim um aspecto extraordinario de formigueiro, passeando lentamente á beira mar.

Como praia chega a ser detestavel a Foz; penhascosa e ouriçada de calhaus, apezar dos melhoramentos que ultimamente lhe tem sido feitos, só os robustos e solidos pés dos portuenses são capazes de voltar do banho sem virem triturados. As voluptuosidades da areia loira, docemente acariciada pelo sol da manhã, desconhecem-se lá; quem vae tomar banho ou tem de atirar-se de um penedo para o mar, ou de ser levado ao



O mar, junto da Foz

collo do banheiro para se não ferir; não fazendo isto, conte que tem os pés contusos para uma semana, pelo menos. Tal é a belleza da praia — porque não diremos o nome? — do *caneiro,* onde o banhista o que menos faz é banhar-se, visto que a agua repartida por todos não chega senão a molhar uma terça parte de cada um; em compensação sahe d'ali com os pés magoados, e muitas vezes com o fato roto pelo visinho ou visinhos, que enchiam com elle, *pele-mele,* a estreita bacia pedregosa, chamada por ironia a praia.

A pequena gravura que damos n'esta pagina traz levemente á idéa o que seja a costa penhascosa, onde vem enrolar-se impetuosamente a desnevada espuma das vagas, ainda nos mais bellos dias aquecidos pelo nosso formoso sol peninsular. É interessante vêr um navio, que pretende entrar no Douro, approximar-se da barra, onde o perigo o ameaça a cada instante, apezar do auxilio dedicado e corajoso dos pilotos, que para elle

avançam nas catraias com o fim de o guiarem através dos canaes estreitos e restingas perigosissimas.

A Foz, apezar de augmentar dia a dia, como povoação, pouco de interessante tem que offerecer ao *touriste,* além do seu movimento piscatorio, ou do bello panorama sobre o mar, gosado do paredão que margina o seu vasto Passeio Alegre. A historia da Foz diz-se rapidamente: Foi no regimen antigo couto com justiças proprias, pertencente ao mosteiro dos frades benedictinos de Santo Thyrso. No cartorio do convento de Arouca existia um documento, por onde se provava ter sido feita em 1145 por D. Affonso Henriques a doação da ermida de S. João da Foz do Douro ao convento de S. Miguel de Riba Paiva, da freguezia de Santa Maria da Sardoura. Essa ermida parece, porém, que esteve por muito tempo isolada, pois em 1400 ainda a Foz era uma pequena povoação de pescadores. Só depois que os frades de Santo Thyrso viram que a aldeiasinha crescia e prosperava, é que edificaram junto á barra um hospicio com sua egreja, vindo esta construcção a ficar no sitio onde é hoje a capella do Castello. Este foi principiado em 1560, mas só concluido, quasi como está, depois das guerras da restauração, por ordem de D. João IV. Em 1647 foi demolida a egreja da fortaleza, conservando-se sómente a capella-mór da velha matriz da Foz, a qual ficou servindo de capella militar. A séde da parochia mudou-se então para a actual egreja feita á custa dos frades de Santo Thyrso, ajudando o subsidio de seis mil cruzados, que D. João IV deu do seu bolsinho. As outras capellas da Foz, dedicadas a Santo Anastacio, Senhora da Lapa e Senhora da Conceição nada tem de notavel; tambem o não eram as de *S. Miguel,* que serve agora de casa de conferencia para os pilotos, e da Senhora da Luz, onde está o pharol e o telegrapho maritimo. Além dos edificios enumerados ha na Foz o hospicio dos naufragos a cargo da Real Sociedade Humanitaria, governo e camara, e o edificio do *Salva-vidas,* á Cantareira, solida construcção feita em 1830, e onde está tambem uma estação telegraphica.

*

* *

Se já foi difficil condensar em algumas paginas os traços da vida do Porto, maior é a difficuldade de querer encerrar, em tão curto espaço como o de que dispomos, a sua biographia estatistica. Os dados que seguem vão, pois, sem pretensão a uma coordenação systematica e apenas como um documento mais para attestar o desenvolvimento e progresso da gloriosa capital do norte. O leitor desculpar-nos-ha, se apenas como

dilettante vamos ferir as teclas do grande piano burocrata, chamado a estatistica.

A população do Porto era em 1886—123:235 almas.

(Em 1885) Nascimentos				Casamentos	Obitos	
Varões...	Legitimos.....	1:715	Total	947	Varões.....	2:213
	Illegitimos	684			Femeas.....	2:056
		2:399				4:269
Femeas...	Legitimos....	1:724	4:709		Média de mortalidade por 1:000 habitantes 40,33. Entre as causas de morte figuram as doenças do apparelho respiratorio com a cifra de 1:195.	
	Illegitimos	586				
		2:310				

O grau de criminalidade d'esta população consideravel encontra-se immediatamente aquilatado pela seguinte

ESTATISTICA CRIMINAL DO ANNO DE 1880 (1.º E 2.º DISTRICTOS)

Crimes		Reus			
1.º districto.	177	168 homens	208	Absolvidos.....	119
		40 mulheres....		Condemnados...	3 a penas maiores 86 a correccionaes
2.º districto.	131	139 homens.....	193	Absolvidos.....	97
		54 mulheres....		Condemnados...	8 a penas maiores 88 a correccionaes

A imprensa periodica no Porto é hoje representada por cincoenta e uma publicações, incluindo os jornaes politicos, as revistas scientificas e litterarias, etc. São as seguintes:

FOLHAS DIARIAS

Actualidade, Commercio do Porto, Commercio Portuguez, Dez de Março, Jornal da Manhã, Jornal do Porto, Lucta, Norte, Palavra, Primeiro de Janeiro, Provincia.

FOLHAS SEMANAES, QUINZENAES E MENSAES

Artilheiro, Bandeira do Povo, Bombeiro Portuguez, Camões, A Caridade, Charivari, Corisco, Correio do Porto, Democracia Commercial, Porto Elegante, Sorvete, A Perola, A Denuncia, Federação Escolar, Aurora Com-

mercial, Gazeta Moderna, Jornal de Horticultura Pratica, Jornal das Senhoras, Justiça Portugueza, O Pensador, Moda, Petiz, Reforma, Saude Publica, Vida Moderna, Revista de Medicina e Cirurgia do Hospital da Misericordia.

REVISTAS, ETC.

Archivo Juridico, Agricultor Portuguez, Boletim da Sociedade de Geographia Commercial, Carteira do Viajante, Eurico, Guia da Saude, Pharmacia Portugueza, Revista de Direito Administrativo, Revista de Direito Commercial, Revista do Fôro Portuguez, Revista de Medicina Dosimetrica, Revista da Sociedade de Instrucção do Porto, Revista dos Tribunaes, Revista de Medicina Militar.

É possivel, comtudo, que esta lista ainda seja incompleta.

Quanto á estatistica das escolas, não poderiamos encontrar esclarecimentos mais exactos nem mais interessantes, que os que nos fornece o discurso proferido pelo sr. Simões Raposo, actual inspector d'aquella circumscripção, no acto da distribuição do premio «Camões» instituido pelo *Commercio do Porto.* Do numero de 2 de dezembro de 1887 d'este jornal transcrevemos o seguinte extracto d'aquelle discurso:

«S. ex.ª, calculando a população do Porto em 120:000 almas, disse que a percentagem média que deve ser tomada para o calculo do recenseamento das creanças em edade escolar (dos seis aos doze annos), era de 13 %, o que dava um total de 15:600 alumnos que deviam frequentar as escolas. Acontece, porém, que só 10:217 accorriam á aula, assim divididos:

Escolas officiaes — Sexo masculino, 1:796; feminino, 1:509. Escolas livres — Sexo masculino, 3:390; feminino, 3:322.

Não frequentavam, portanto, a escola 5:383, o que constituia uma grande sombra no quadro da instrucção, por isso que uma terça parte dos filhos d'esta grande e gloriosa cidade não se alimentavam espiritualmente.

Se, porém, se comparassem estes resultados com o que havia antes da lei de 2 de maio de 1878, vêr-se-hia que um enorme progresso se tinha realisado e que o quadro se illuminava. Assim, a percentagem elevava-se hoje a 65 %, sendo antes de 18 % apenas. Mas tambem só o Porto, que tanto tem trabalhado na conquista da instrucção, que ainda é a primeira terra do paiz no caminhar do progresso e da civilisação, só o Porto é que, entre todas as demais terras do reino, tinha a felicidade de poder emparelhar com as principaes cidades da Europa, no tocante á instrucção popular. Assim, a percentagem das creanças que em Berne frequentavam as escolas era de 99 %; em Paris, de 59; em Londres, de 53; em Madrid, de 61; em Roma, de 58; em Bruxellas, de 79; em Berlim, de 79; em Vienna, de 57; em Lisboa, de 63; e no Porto, de 65. Sómente Berne, Bruxellas e Berlim se avantajavam ao Porto!

A despeza feita com a instrucção official primaria no concelho do Porto, desde 1881 a 1887, elevou-se a 347:000$000 réis, sendo 131:000$000 réis dispendidos pelas juntas de parochia, 61:500$000 réis pela camara municipal e 154:500$000 réis pela junta geral do districto. A média annual da despeza com as escolas officiaes foi, portanto, de 57:833$333 réis.

Estes dados irrefutaveis levavam-o a elle, orador, á conclusão de que o nosso paiz, dentro em pouco, será de primeira ordem em materia de ensino.

O progresso da instrucção media-se pela verba de capitação por individuo em cada paiz. Antes da lei de 2 de maio de 1878 não gastava o Porto com a sua instrucção official 10:000$000 réis annuaes, o que equivalia a uma despeza inferior a 100 réis por habitante. Em seis annos essa despeza tinha quintuplicado, por isso que a capitação de hoje elevára-se a 481 réis por individuo. Que a capitação nos differentes estados civilisados da Europa, era:

Suissa, 630 réis; Inglaterra, 400 réis; Allemanha, 900 réis; Dinamarca, 560 réis; Hollanda, 800 réis; Belgica, 900 réis; Austria, 360 réis; Suecia e Noruega, 480 réis; Italia, 292 réis; Hespanha, 310 réis; Grecia, 274 réis.»

*

* *

MOVIMENTO INDUSTRIAL E COMMERCIAL

Transcrevemos do *Diccionario de Geographia Universal* (publicado em 1883) os dados seguintes, colhidos pelo auctor do artigo *Porto* em documentos officiaes, e que apresentam, salvo ligeiras modificações desmanchando em pouco a idéa do conjuncto, o quadro d'esse movimento:

«Conta o Porto 9 fundições de ferro que occupam um pessoal que ascende a 552 pessoas, e possuem machinas da força de 72 cavallos. É quasi impossivel descrever exactamente a natureza da producção, porque os objectos que fabricam são numerosissimos: machinas, elevadores, lanchas a vapor, moinhos, estufas, louças de ferro, canos, bombas, gradeamentos, accessorios de machinas e outros muitos objectos. O valor da producção annual orça por 147:000$000 réis, o numero de toneladas que fundem annualmente por 1:308.

Ha 1 fabrica de chumbo de caça e 2 de canos de chumbo, produzindo a primeira por anno cerca de 50 toneladas, e sendo o valor da producção das outras de 12:000$000 réis.

As serralherias são em numero de 3, porque as numerosas ferrarias que existem, ou pelo acanhado das proporções ou pela natureza do seu regimen, não merecem aquelle nome. Produzem cofres á prova de fogo e mobilias de ferro. O seu pessoal eleva-se a 41 operarios, e a producção de duas, porque a de uma foi impossivel conhecel-a, eleva-se a 9:000$000 réis.

As fabricas de moagens são 7, sem duvida alguma insufficientes para a capacidade consumidora de uma grande cidade como o Porto. É Lisboa quem abastece de farinhas o mercado d'esta cidade.

As officinas de preparação de sola são 10, das quaes 4 em plena actividade. Preparam-se annualmente termo médio 52:900 couros, subindo a 141 o numero de operarios. É notavel ainda em Povoa de Cima a fabrica do dinamarquez Smith, para preparação de vitellas, carneiras e cordovões, e que pela perfeição do fabrico tem conseguido expulsar do mercado a vitella franceza. Dispõe de 30 tanques onde prepara 25:000 a 27:000 pelles. As officinas de surradores são em numero de 10 e as de preparação de cordovão ordinario 6, dispondo de 41 tanques, empregando 29 homens e preparando 4:000 duzia de pelles.

As fabricas de tabaco são 9, com 6 motores e 35 cavallos de força motriz, e empregam 1:245 pessoas. A producção annual orça pelo valor de 982:000$000 réis.

A industria das distillações tem em Campanhã uma fabrica de vapor com motor de 25 cavallos e de que se não conhecem mais dados economicos; e tem dentro das barreiras do Porto 12 pequenas distillações que empregam 32 operarios, e produzem annualmente 20:000 litros de genebra e 256:000 de aguardente.

Para a serração de madeira e pregaria de arame ha uma fabrica com 99 operarios, a Aurificia, e uma outra que tem uma machina de vapor de 3 cavallos e produz mensalmente 5 toneladas de pregos.

De lanificios ha uma unica fabrica, a de Lordello, com motor hydraulico de 50 cavallos e

2 machinas de vapor de 39 cavallos. Tem 238 operarios, produziu em 1880 pannos lisos, finos, castores, setins, cobertores, pannos de inverno e baetas, no valor de 77:821$855 réis.

É hoje tambem muito prospera a Fabrica nacional do sr. Francisco Luiz de Almeida, na mesma freguezia de Lordello.

Para a importantissima industria de fiação e tecidos de algodão tem o Porto 4 fabricas: a de Salgueiros que tece, fia e tinge; a de Asneiros que fia e tece; e as duas de Montebello, das quaes uma fia só e a outra tece e fia. Estas 4 fabricas tem 7 machinas de vapor, com a força motriz de 553 cavallos, tendo tambem 11 geradores isolados, e dispõem de 91 cardas e 33:224 fusos, afóra os demais apparelhos para a fiação, tecelagem, branqueamento e tinturaria. Empregam 1:054 operarios, produzem 148:598 maços de fio com o peso de 704 toneladas, no valor de 325:000$000 réis; e produzem tambem pannos crus, cotins e baetas, no valor de 82:000$000 réis, desconhecendo-se o valor dos tecidos de uma das fabricas, a de Asneiros.

A tecelagem manual, na maxima parte domestica, é numericamente muito mais considerevel do que a fiação e tecelagem a vapor. Computa-se em 10:000 o numero dos teares.

Para tecidos de malha em ponto de meia tem o Porto 3 fabricas.

Os fabricantes de seda são 10, sendo o valor da producção annual de 108:000$000 réis. Esta industria vae em grande decadencia, assim como a dos retrozeiros, que são em numero de 3.

O fabrico dos sapatos de liga é uma industria nascente no Porto, mas as suas 9 fabricas já produzem annualmente 450:000 a 500:000 pares, no valor de 180:000$000 a 200:000$000 réis.

A botoaria tem 2 officinas para a sua industria.

A chapelaria tem 2 fabricas importantes, cuja producção em saccos, chapeus de feltro e de seda se eleva a 265:000$000 réis, tendo uma das fabricas vendido n'um anno 112:000 chapeus e 40:000 saccos de feltro. Além d'estas fabricas ha ainda mais 10 officinas de menor importancia.

As fabricas de conservas alimenticias são 2, sendo a producção de uma d'ellas no valor de 60:000$000 a 70:000$000 réis.

As de cerveja e bebidas gazosas são 7, que produzem 149:500 litros de cerveja, 209:000 garrafas de gazosa e 18:000 syphões.

As saboarias são 2, cuja producção é no valor de 130:000$000 réis; ha tambem 4 pequenas officinas, nas quaes o fabrico attinge o valor de 40:000$000 a 45:000$000 réis.

A ceramica tem 3 fabricas. A producção annual orça n'uma d'ellas entre 18:000$000 a 20:000$000 réis.

Para a preparação da cortiça em rolhas e em pranchas ha uma unica fabrica onde todo o trabalho é manual e cuja producção orça por 32:000$000 réis, na cortiça em pranchas, e 4:000$000 réis em rolhas.

Resta-nos apontar agora as pequenas industrias que no seu conjuncto são valiosissimas, pois se calcula que empregam um capital de 3.040:000$000 réis, um pessoal de 11:800 operarios de ambos os sexos, elevando-se annualmente o valor da producção a 5.430:000$000 réis.

Segundo os trabalhos do inquerito industrial, as pequenas industrias contam as seguintes officinas: 256 de padeiros, 4 de pós de gomma, 25 de bolachas, 22 de refinadores de assucar, 1 de chocolate, 8 de cerieiros, 15 de cebeiros, 4 de lavadores de lã, 1 de guano, 2 de moagem de enxofre, 15 de fogueteiros, 7 de phosphoros, 6 de paliteiros, 24 de tintureiros, 1 de estampador, 19 de tecelões de elasticos, 7 de tecelões de fitas, 11 de sirgueiros, 61 de alfayates e algibebes, 192 de sapateiros, 45 de tamanqueiros, 11 de luveiros, 2 de pentieiros, 26 de guarda-soleiros, 8 de cordoeiros, 4 de polieiros, 2 de armeiros, 3 de cesteiros, 3 de esteireiros, 6 de peneireiros, 6 de escoveiros, 15 de vassoureiros, 2 de archotes, 2 de capachos, 1 de tapetes de côco e pita, 231 de ourives, 12 de caldeireiros, 65 de funileiros, 19 de latoeiros, 179 de ferreiros e serralheiros, 9 de canteiros, 3 de caleiros, 12 de picheleiros, 197 de carpinteiros, 15 de segeiros, 143 de marceneiros, 12 de torneiros de obra miuda, 5 de estofadores e colchoeiros, 12 de correeiros-bahuleiros, 5 de bate-folha, 5 de douradores, 3 de fundições de typo, 33 typographias, 4 lytographias, 21 de encadernadores, 20 de esculptores, 4 de abridores e gravadores, 9 de photographias, 6 de instrumentos musicos, 1 de pianos e 2 de orthopedistas. Ha tambem além d'isto 30 barcos de pescadores.

Algumas d'estas industrias são de grande importancia, taes são a da ourivesaria, tão notavel no Porto, que em 231 officinas emprega 1:144 pessoas e cuja producção se eleva a 450:000$000 réis em objectos de ouro, e 160:000$000 réis em objectos de prata; a da pesca, que em 30 barcos emprega 390 pescadores e cuja producção attinge o valor de 27:000$000 réis; a industria do

fabrico das celebres figuras de barro do Porto, representando santos e typos populares que tão apreciadas teem sido nas exposições internacionaes; a fabrica de instrumentos musicos de latão que é talvez a unica em todo o reino, e outras que seria impossivel aqui descrever.

Ha tambem no Porto 75 carpinteiros calafates, 677 pedreiros, 221 estucadores ou trolhas, 64 louzeiros e asphaltadores, e 235 pintores.

—O commercio do Porto, pelas circumstancias especiaes da situação d'esta cidade em relação ás riquissimas provincias do Norte de que ella é o centro de toda a actividade e de todo o movimento, é já hoje importante; mas, quando melhoradas as suas condições maritimas e concluidas as ligações já asseguradas das suas linhas ferreas com as de Hespanha, deverá ser accrescido de um modo notavel, principalmente na parte que se refere ao movimento internacional.

Como cidade eminentemente commercial possue o Porto grande numero de instituições que facilitam e promovem o movimento do seu commercio, taes como estabelecimentos de credito, sociedades anonymas e companhias.

Procuraremos dar uma relação tanto quanto possivel exacta dos estabelecimentos d'esta natureza que teem a sua séde ou agencias no Porto.

Entre os bancos figuram: o banco Alliança, banco Commercial do Porto, banco Commercio e Industria, banco Industrial do Porto, banco Mercantil Portuense, banco Nova Companhia Utilidade Publica, banco Portuguez, banco União do Porto, companhia Alliança de Credito e Auxilio das Artes Portuguezas (em liquidação) e Monte do Soccorro Portuense.

Devemos ainda mencionar as casas bancarias, conhecidas pelos nomes dos seus socios, e os bancos com séde em outras localidades, que tem representantes ou caixas filiaes n'esta cidade, taes como: banco do Alemtejo, banco de Bragança, banco de Chaves, banco Commercial de Coimbra, banco Commercial de Guimarães (caixa filial), banco Commercial de Lisboa, banco da Covilhã, banco do Douro, banco Eborense, banco de Guimarães, banco de Lisboa e Açores, The New London and Brasilian Bank (caixa filial), banco Lusitano (caixa filial), banco Mercantil de Braga, banco Mercantil de Vianna, banco do Minho (caixa filial), banco Nacional Insulano, banco Nacional Ultramarino, banco de Portugal (caixa filial), banco da Regoa (caixa filial), sociedade geral agricola financeira, delegação da companhia geral de Credito Predial Portuguez, banco de Vianna e banco de Villa Real.

Das companhias mencionaremos em primeiro lugar as de navegação, que teem a sua séde ou agencias no Porto e são as seguintes: Alliança maritima portuense, companhia portugueza de navegação a vapor União, carreira de vapores mensal para Liverpool, Ligne peninsulaire, Lloyd de Bremen, Mala Real Ingleza, Liverpool & Maranham Steam Ship Company, Liverpool, Brazil & River Plate Steam Navigation Company, Liverpool and Northern Brazil Mail Steamers, The Pacific Steam Navigation Company e a companhia Thetis.

As companhias de seguros que ou teem a sua séde no Porto, ou agencias que realisam operações, são as seguintes: Confiança portuense, Douro, Garantia, Indemnisadora, Segurança, Tranquillidade portuense, a Previdente (sociedade de seguros de vida junto ao banco Alliança), e a secção de seguros mutuos de vida junto ao banco União, que são portuguezas e teem a sua séde no Porto, e além d'estas as que teem agentes ou delegações n'aquella cidade e são: Bonança, Fidelidade, Lealdade, Previdencia, Probidade, Arraes do rio Douro, e as companhias estrangeiras Atlantique, The British Foreign Marine Insurance Company Limited, Liverpool, London & Globe, Lloyd Andaluz, Londres and Lancashire, The Lion, Tagus, Norwich Union, Phœnix, Royal, Sun Fire Office, The Equitable, La Union y el Fenix, The Marine Insurance Company.

Na importante classe das companhias de fiação, tecidos, estamparia e tinturaria figuram a companhia de fiação Crestuma, companhia fiação portuense, companhia fiação e tecidos de Alcobaça, companhia fiação e tecidos do Porto, companhia de linhos Prosperidade, companhia de lanificios de Lordello, de lanificios de Arrentella, Parceria commercial da Fiação de Salgueiros.

Nas companhias de tabacos figuram, além das parcerias commerciaes que exploram e dirigem algumas fabricas do Porto, as agencias das companhias de Xabregas, Nacional de Tabacos de Xabregas e a de Tabacos Regalia de Lisboa.

No grupo das companhias de minas figuram a Mineira e metallurgica do Braçal, a de mineração plombifera de Adorigo, e a de mineração de carvão de pedra em S. Pedro da Cova.

E finalmente tem a sua séde ou representantes no Porto mais as seguintes companhias, cujos fins se deprehendem das proprias denominações: companhia carril americano, carris de ferro do Porto, do caminho de ferro do Porto á Povoa e Famalicão, do caminho de ferro de

Guimarães, das Aguas das Pedras Salgadas, Geral de Agricultura das vinhas do Alto Douro, Industrial e Agricola Portuense, portuense de illuminação a gaz, de reboques maritimos e fluviaes, União fluvial do Porto, Pharmaceutica portuense, União popular penhorista, Utilidade domestica, Nova companhia viação portuense, companhia Alliança (fabrica de fundição), Cerifica portuense, de Carvão portuense, Aurificia (fabrica de serração de madeira e pregaria de arame), Commercial e Industrial portuense (em liquidação), afóra algumas parcerias commerciaes.

Vejamos agora qual a importancia do movimento commercial de que nos dão prova as importações e exportações, e bem assim as entradas e sahidas do porto.

O movimento da barra do Porto no anno de 1882 foi o seguinte: com relação á navegação de longo curso, entraram 252 navios de vela, medindo 69:827 toneladas, com carga, e 5 em lastro, medindo 1:675; e 333 vapores, medindo 170:225 toneladas, com carga, e 18 em lastro, medindo 12:019 toneladas. Sahiram 167 navios de vela, com 45:645 toneladas, com carga, e 105 em lastro, com 29:664 toneladas, e 273 vapores, de 140:502 toneladas, com carga, e 77 em lastro, de 42:487 toneladas. E com relaçao á navegação de cabotagem entraram 260 navios de vela, de 22:959 toneladas, e 14 de vapor, de 3:837 toneladas, com carga; e sahiram 149 de vela, de 14:395 toneladas, com carga, e 103, de 8:774, em lastro, e 18 vapores de 4:720 toneladas, com carga.

Em relação á nacionalidade, classificam-se os navios do seguinte modo: portuguezes, 35 vapores, 2 galeras, 49 barcas, 13 brigues, 5 lugres, 30 patachos, 6 escunas, 206 hiates e 37 cahiques; inglezes, 268 vapores, 6 barcas, 10 brigues, 4 lugres, 19 patachos e 25 escunas; norueguezes, 18 vapores, 16 barcas, 6 brigues, 8 lugres, 9 patachos e 2 escunas; allemães, 13 vapores, 1 barca, 3 patachos, 5 escunas e 3 galeotas; italianos, 2 vapores, 7 barcas, 5 brigues, 1 lugre e 1 patacho; francezes, 13 vapores, 1 barca e 1 brigue; suecos, 10 vapores, 3 brigues, 1 lugre e 1 patacho; hespanhoes, 6 vapores e 2 patachos; russos, 2 barcas, 2 brigues, 3 lugres e 2 patachos; austriacos, 2 barcas; brazileiros, 2 lugres e 4 patachos; hollandezes, 2 patachos, 1 escuna e 2 galeotas; grego, 1 brigue; dinamarquez, 3 escunas.

O movimento da alfandega do Porto no anno de 1882 foi o seguinte: importação para consumo 10.330:825$000 réis, exportação 9.067:893$000 réis, reexportação 68:089$000 réis e transito 3:320$000 réis.

No anno de 1881 o movimento foi o seguinte: importação para consumo 9.914:818$000 réis, exportação 7.950:748$000 réis, reexportação 30:369$000 réis e transito 9:853$000 réis.

O rendimento da alfandega do Porto foi em 1882 de 4.514:071$143 réis, tendo sido em 1881 de 4.371:274$775 réis. [1]

No anno de 1882 exportaram-se pela barra do Douro 31.695:333 litros de vinho ou 59:327 pipas, na importancia de 5.633:225$800 réis. Pagaram de direitos 22:184$427 réis.

A exportação distribue-se do seguinte modo pelos paizes para que se dirigiu: Gran Bretanha 14.328:536 litros, no valor de 2.775:156$300 réis; Brazil 13.761:960, no valor de 2.138:327$600 réis; Allemanha 1.295:594, no valor de 294:725$200 réis; França 787:927, no valor de 112:956$200 réis; Dinamarca 407:659, no valor de 80:459$000 réis; Russia 412:335, no valor de 84:472$500 réis; Suecia e Noruega 353:983, no valor de 70:962$000 réis; Estados Unidos 129:075, no valor de 29:584$500 réis; Belgica 83:458, no valor de 17:636$500 réis; Confederação Argentina 73:357, no valor de 19:709$500 réis; possessões portuguezas da Africa 34:080, no valor de 3:725$000 réis; Hespanha 16:432, no valor de 3:306$600 réis; e Hollanda 10:930, no valor de 2:205$000 réis.

Não obstante o phylloxera, a exportação de vinho pela barra do Douro não tem diminuido notavelmente. Assim exportaram-se 49:649 pipas em 1873, 56:531 em 1874, 60:616 em 1875, 58:861 em 1876, 61:278 em 1877, 47:251 em 1878, 48:691 em 1879, 62:641 em 1880, 55:313 em 1881 e 59:327 em 1882. Se compararmos esta exportação com a que se deu no anno de 1789, isto é, ha quasi um seculo, melhor poderemos julgar do accrescimo que tem tido. No mencionado anno exportaram-se 38:950 pipas, sendo 5:340 para Lisboa, 3:684 para o Brazil e 29:926 para paizes estrangeiros.

Na estação das Devezas, procedente das linhas ferreas do Minho e Douro, entraram durante o anno findo 14:059 pipas de vinho, pesando 9.265:972 kilogrammas, isto é, em relação ao anno de 1881, mais 5:959 pipas, com o peso de 3.923:853 kilogrammas.

O transporte d'estas pipas produziu 17:588$360 réis para as linhas do Minho e Douro e 3:337$660 réis para a do Norte e Leste.

[1] Em 1885 foi de 5.476:905$869 réis.

A exportação de gado tem grande importancia, principalmente se attendermos ao valor por elle representado. É toda para a Gran Bretanha.

Os calculos da exportação de gado vaccum relativos ao anno civil de 1882 elevam a 22:415 o numero de cabeças e a 1.979:467$000 réis o seu valor.

— Para completarmos as informações ácerca da importancia commercial e industrial do Porto, vamos buscar ainda ao pagamento das contribuições alguns elementos valiosos.

O numero de predios inscriptos nas matrizes prediaes é 17:070, com o rendimento collectavel total de 1.467:948$834 réis, sendo 1.226:743$074 réis sujeito á contribuição geral e 251:205$074 réis sujeito á contribuição predial especial. No bairro occidental o numero de predios inscriptos nas matrizes é de 6:915, com o valor collectavel de 797:997$000 réis; no bairro oriental é de 10:155, com o valor collectavel de 679:951$834 réis.»

A estas informações accrescentaremos ainda algumas outras de estatistica agricola, mais desenvolvidas do que nos capitulos anteriores, e referidas a todo o districto do Porto, colhidas do *Annuario Estatistico* ha pouco publicado.

Eis o resumo da producção dos principaes cereaes no districto do Porto, no anno de 1885:

Concelho de Amarante

Litros — 250:000 de trigo, 4.230:000 de milho, 1.710:000 de centeio, 20:500 de cevada, 265:000 de feijão, 3.800 de fava, 2.850:000 de batatas. — Superficie total do concelho 26:189 hectares; superficie cultivada de trigo 360 hectares, de milho 32:585, de centeio 1:650, de cevada 28, de feijão 3:320, de fava 3, de batatas 1:250

Concelho de Baião

Litros — 200:000 de trigo, 5.430:000 de milho, 160:000 de centeio, 62:700 de cevada, 700:000 de feijão, 1.600 de fava, 800:000 de batatas. — Superficie total do concelho 16:786 hectares; superficie cultivada de trigo 113 hectares, de milho 1:493, de centeio 193, de cevada 35.

Concelho de Bouças

Litros — 606:500 de trigo, 1.322:000 de milho, 38:500 de centeio, 158:000 de cevada, 68:000 de aveia, 430:000 de feijão, 79:000 de fava, 185:980 de batatas. — Superficie total do concelho 8:123 hectares; superficie cultivada de trigo 2:637 hectares, de milho 7:344, de centeio 2:139, de cevada 878, de aveia 296, de feijão 14:533, de fava 280, de batatas 7:439.

Concelho de Felgueiras

Litros — 20:740 de trigo, 6.528:000 de milho, 692:900 de centeio, 276:400 de feijão, 36:750 de batatas. — Superficie total do concelho 12:034 hectares; superficie cultivada de milho 7:255 hectares, de batatas 200.

Concelho de Gondomar

Litros — 60:400 de trigo, 3.050:000 de milho, 220:000 de centeio, 40:000 de cevada, 120:000 de feijão, 25:000 de batatas. — Superficie total do concelho 13:337 hectares.

Concelho de Louzada

Litros — 10:000 de trigo, 8.000:000 de milho, 750:000 de centeio, 2:000 de cevada, 450:000 de feijão, 3:000 de fava, 80:000 de batatas. — Superficie total do concelho 8:585 hectares; superficie cultivada de milho 5:000 hectares, de centeio 162, de feijão 5:000, de batatas 10

Concelho da Maia

Litros — 165:500 de trigo, 1.654:000 de milho, 877:520 de centeio, 827 de cevada, 1:651 de aveia, 986:227 de feijão, 345:627 de batatas. — Superficie total do concelho 9:249 hectares; superficie cultivada de trigo 1:227 hectares, de milho 3:450, de centeio 1:221, de cevada 1:080, de aveia 27, de feijão 3:450, de batatas 2:426.

Concelho de Marco de Canavezes

Litros — 3:200 de trigo, 999:364 de milho, 170:346 de centeio, 2:400 de cevada, 16:100 de feijão, 32:000 de batatas. — Superficie total do concelho 20:900 hectares.

Concelho de Paços de Ferreira

Litros — 1.115:700 de milho, 223:100 de centeio, 55:700 de feijão, 4:406 de batatas. — Superficie total do concelho 10:041 hectares; superficie cultivada de milho 8:940 hectares, de centeio 894, de feijão 8:940.

Concelho de Paredes

Litros — 71:000 de trigo, 506:600 de milho, 905:000 de centeio, 900 de cevada, 225:200 de feijão, 10 de fava, 134:500 de batatas. — Superficie total do concelho 9:888 hectares.

Concelho de Penafiel

Litros — 10.500:000 de milho, 2.200:000 de centeio, 3:000 de cevada, 360:000 de feijão, 70:000 de batatas. — Superficie total do concelho 24:170 hectares.

Concelho do Porto

Litros — 114:671 de trigo, 866:370 de milho, 64:216 de centeio, 21:932 de cevada, 21:250 de aveia, 56:785 de feijão, 169 de chicharo, 1:074 de fava. — Superficie total do concelho 3:500 hectares; superficie cultivada de fava 5 hectares.

Concelho de Povoa de Varzim

Litros — 177:120 de trigo, 2.368:422 de milho, 131:253 de centeio, 10:533 de cevada, 27:733 de aveia, 130:653 de feijão, 104 de fava, 313:552 de batatas. — Superficie total do concelho 9:147 hectares; superficie cultivada de trigo 85 hectares, de milho 1:135, de centeio 49, de cevada 11, de aveia 12, de feijão 1:135, de fava 534, de batatas 59.

Concelho de Santo Thyrso

Litros — 223:311 de trigo, 1.992:400 de milho, 2.740:700 de centeio, 2:441 de cevada, 14:388 de aveia, 538:000 de feijão, 85:725 de batatas. — Superficie total do concelho 19:597 hectares; superficie cultivada de trigo 148 hectares, de milho 5:197, de centeio 1:126, de cevada 1, de aveia 9, de feijão 3:109, de batatas 19.

Concelho de Vallongo

Litros — 34:000 de trigo, 138:000 de milho, 42:000 de centeio, 4:200 de cevada, 15:000 de feijão, 3:000 de chicharo, 23:000 de batatas. — Superficie total do concelho 7:461 hectares; superficie cultivada de trigo 34 hectares, de milho 138, de centeio 42, de cevada 4, de feijão 15, de chicharo 3, de batatas 16.

Concelho de Villa do Conde

Litros — 95:000 de trigo, 3.989:356 de milho, 72:000 de centeio, 8:000 de cevada, 48:314 de aveia, 610:000 de feijão, 172:550 de batatas. — Superficie total do concelho 12:341 hectares; superficie cultivada de trigo 500 hectares, de milho 5:500, de centeio 250, de cevada 50, de aveia 50, de batatas 50.

Concelho de Villa Nova de Gaya

Litros — 1.900:000 de trigo, 11.000:000 de milho, 3.950:000 de centeio, 3.550:000 de cevada, 320:000 de aveia, 300:000 de feijão, 2:429 de chicharo, 1:382 de fava, 30:478 de batatas. — Superficie total do concelho 17:859 hectares.

Preços médios dos cereaes em 1885

Trigo — 30 réis no concelho de Marco de Canavezes, 35 réis no de Gondomar, 40 réis nos de Amarante, Baião, Bouças, Felgueiras, Porto, Povoa de Varzim, Vallongo e Villa Nova de Gaya, 41 réis no de Santo Thyrso, 42 réis no de Villa do Conde, 45 réis nos de Louzada e Paredes, 60 réis no da Maia.

Milho — 20 réis nos concelhos de Amarante, Baião, Bouças, Felgueiras, Gondomar, Marco de Canavezes, Povoa de Varzim e Vallongo, 23 réis no de Louzada, 24 réis nos de Penafiel e

Villa do Conde, 25 réis nos de Paredes, Porto, Santo Thyrso e Villa Nova de Gaya, 30 réis no de Paços de Ferreira, 35 réis no da Maia.

Centeio — 20 réis nos concelhos de Amarante, Baião, Felgueiras, Marco de Canavezes e Povoa de Varzim, 23 réis no de Louzada, 24 réis no de Penafiel, 25 réis nos de Bouças, Gondomar, Paredes, Porto, Vallongo e Villa Nova de Gaya, 28 réis no de Santo Thyrso, 29 réis no de Villa do Conde, 30 réis no de Paços de Ferreira, 40 réis no da Maia.

Cevada — 17 réis no concelho de Baião, 19 réis no de Paredes, 20 réis nos de Bouças, Marco de Canavezes, Porto, Povoa de Varzim e Vallongo, 23 réis no de Penafiel, 24 réis no de Santo Thyrso, 25 réis nos de Amarante, Gondomar, Louzada e Villa Nova de Gaya, 30 réis no de Villa do Conde, 35 réis no da Maia.

Aveia — 20 réis nos concelhos de Bouças e Porto, 24 réis no de Santo Thyrso, 25 réis nos de Villa do Conde e Villa Nova de Gaya, 30 réis nos da Maia e Povoa de Varzim.

Feijão — 25 réis no concelho de Paços de Ferreira, 30 réis nos de Amarante, Baião, Bouças, Felgueiras, Penafiel, Santo Thyrso, Villa do Conde e Villa Nova de Gaya, 35 réis nos de Gondomar, Louzada, Maia, Paredes, Porto e Vallongo, 40 réis no da Povoa de Varzim, 45 réis no de Marco de Canavezes.

Chicharo — 30 réis nos concelhos de Porto e Vallongo, 35 réis no de Villa Nova de Gaya.

Fava — 10 réis nos concelhos de Baião e Louzada, 20 réis nos de Amarante e Paredes, 30 réis nos de Bouças e Villa Nova de Gaya, 50 réis no da Povoa de Varzim, 60 réis no do Porto.

Batatas — 7 réis no concelho de Baião, 10 réis nos de Amarante e Felgueiras, 15 réis nos de Bouças, Louzada, Marco de Canavezes, Povoa de Varzim e Villa Nova de Gaya, 20 réis nos da Maia e Penafiel, 25 réis nos de Gondomar, Santo Thyrso e Villa do Conde.

Producção vinicola de 1881 a 1885

Concelho de Amarante

Litros — 46:900 em 1881 — 393:600 em 1882 — 442:800 em 1883 — 548:500 em 1884 — 362:000 em 1885. Total, 1.793:800 litros (sendo 53:200 litros de vinho branco e 1.740:600 de vinho tinto).

Concelho de Baião

Litros — 150:000 em 1881 — 492:000 em 1882 — 384:000 em 1883 — 480:000 em 1884 — 466:000 em 1885. Total, 1.972:600 litros (sendo 125:800 de vinho branco e 1.846:800 de vinho tinto).

Concelho de Bouças

Litros — 92:900 em 1881 — 114:900 em 1882 — 97:800 em 1883 — 142:300 em 1884 — 179:200 em 1885. Total, 627:100 litros (sendo 5:700 litros de vinho branco e 621:400 de vinho tinto).

Concelho de Felgueiras

Litros — 104:300 em 1881 — 172:000 em 1882 — 137:400 em 1883 — 413:000 em 1884 — 2.601:500 em 1885. Total, 3.428:200 litros (sendo 10:400 litros de vinho branco e 3.417:800 de vinho tinto).

Concelho de Gondomar

Litros — 250:000 em 1881 — 600:000 em 1882 — 739:000 em 1883 — 1.020:000 em 1884 — 1.843:700 em 1885. Total, 4.452:700 litros (sendo 11:300 de vinho branco e 4.441:400 de vinho tinto).

Concelho de Louzada

Litros — 211:100 em 1881 — 960:000 em 1882 — 322:700 em 1883 — 1.895:500 em 1884 — 1.397:500 em 1885. Total, 4.786:800 litros (sendo 47:300 de vinho branco e 4.739:500 de vinho tinto).

Concelho da Maia

Litros — 194:700 em 1881 — 1.391:900 em 1882 — 279:400 em 1883 — 1.956:800 em 1884 — 36:975 em 1885. Total, 3.859:775 litros (sendo 181:500 de vinho branco e 3.678:275 de vinho tinto).

Concelho de Marco de Canavezes

Litros — 203:000 em 1881 — 2.929:500 em 1882 — 1.939:900 em 1883 — 1.888:800 em 1884 — 1.259:034 em 1885. Total, 8.220:234 litros (sendo 35.900 de vinho branco e 8.184:334 de vinho tinto).

Concelho de Paços de Ferreira

Litros — 35:600 em 1881 — 125:000 em 1882 — 156:200 em 1883 — 234:300 em 1884 — 156:000 em 1885. Total, 707:100 litros (sendo 16:200 de vinho branco e 690:900 de vinho tinto).

Concelho de Paredes

Litros — 207:000 em 1881 — 388:000 em 1882 — 236:500 em 1883 — 530:000 em 1884 — 420:000 em 1885. Total, 1.781:500 litros (sendo 34:200 de vinho branco e 1.747:300 de vinho tinto).

Concelho de Penafiel

Litros — 371:200 em 1881 — 866:200 em 1882 — 723:100 em 1883 — 1.302:100 em 1884 — 962:800 em 1885. Total, 4.225:400 litros (sendo 35:600 de vinho branco e 4.189:800 de vinho tinto).

Concelho do Porto

Litros — 30:100 em 1881 — 77:900 em 1882 — 101:100 em 1883 — 136:100 em 1884 — 168:008 em 1885. Total, 519:208 litros (sendo 4:102 de vinho branco e 515:106 de vinho tinto).

Concelho de Povoa de Varzim

Litros — 109:000 em 1881 — 131:500 em 1882 — 196:300 em 1883 — 348:600 em 1884 — 362:400 em 1885. Total, 1.147:800 litros (sendo 46:500 de vinho branco e 1.101:300 de vinho tinto).

Concelho de Santo Thyrso

Litros — 223:000 em 1881 — 431:000 em 1882 — 393:700 em 1883 — 524:900 em 1884 — 1.312:000 em 1885. Total, 2.884:600 litros (sendo 82:500 de vinho branco e 2.802:100 de vinho tinto).

Concelho de Vallongo

Litros — 154:800 em 1881 — 296:800 em 1882 — 253:900 em 1883 — 507:800 em 1884 — 267:500 em 1885. Total, 1.480:800 litros (sendo 16:870 de vinho branco e 1.463:930 de vinho tinto).

Concelho de Villa do Conde

Litros — 200:100 em 1881 — 382:700 em 1882 — 353:400 em 1883 — 1.046:500 em 1884 — 9.215:575 em 1885. Total, 11.198:275 litros (sendo 1.014:479 de vinho branco e 10.183:796 de vinho tinto).

Concelho de Villa Nova de Gaya

Litros — 204:000 em 1881 — 506:000 em 1882 — 517:000 em 1883 — 531:000 em 1884 — 520:000 em 1885. Total, 2.278:000 litros (sendo 493:000 de vinho branco e 1.785:000 de vinho tinto).

Eis o mappa do valor pecuario do concelho, segundo o recenseamento de 1870:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	893	42:104$000
Muar	42	1:067$000
Asinino	86	496$900
Bovino	1:805	55:803$000
Lanar	65	55$700
Caprino	19	49$200
Suino	1:911	15:717$000
		115:292$800

Este mappa é um dos menos exactos em relação á actualidade; basta considerar que é depois da sua elaboração que principiaram na cidade as empresas dos *americanos,* cuja propriedade em gado muar attinge sommas consideraveis. Mas... basta de estatistica.

O Porto, para ser grande, não precisa assentar-se, como um financeiro, sobre uma columna de algarismos. O seu caracter energico, o seu altruismo sympathico, a sua iniciativa fecunda, são os melhores titulos ao respeito que lhe vota este paiz, a quem elle deu o nome tirando-o do seu nome, a quem, pelicano generoso, deu a liberdade á custa do proprio sangue e da sua abnegação de heroe.

CONCELHO DO PORTO

BAIRRO ORIENTAL E OCCIDENTAL

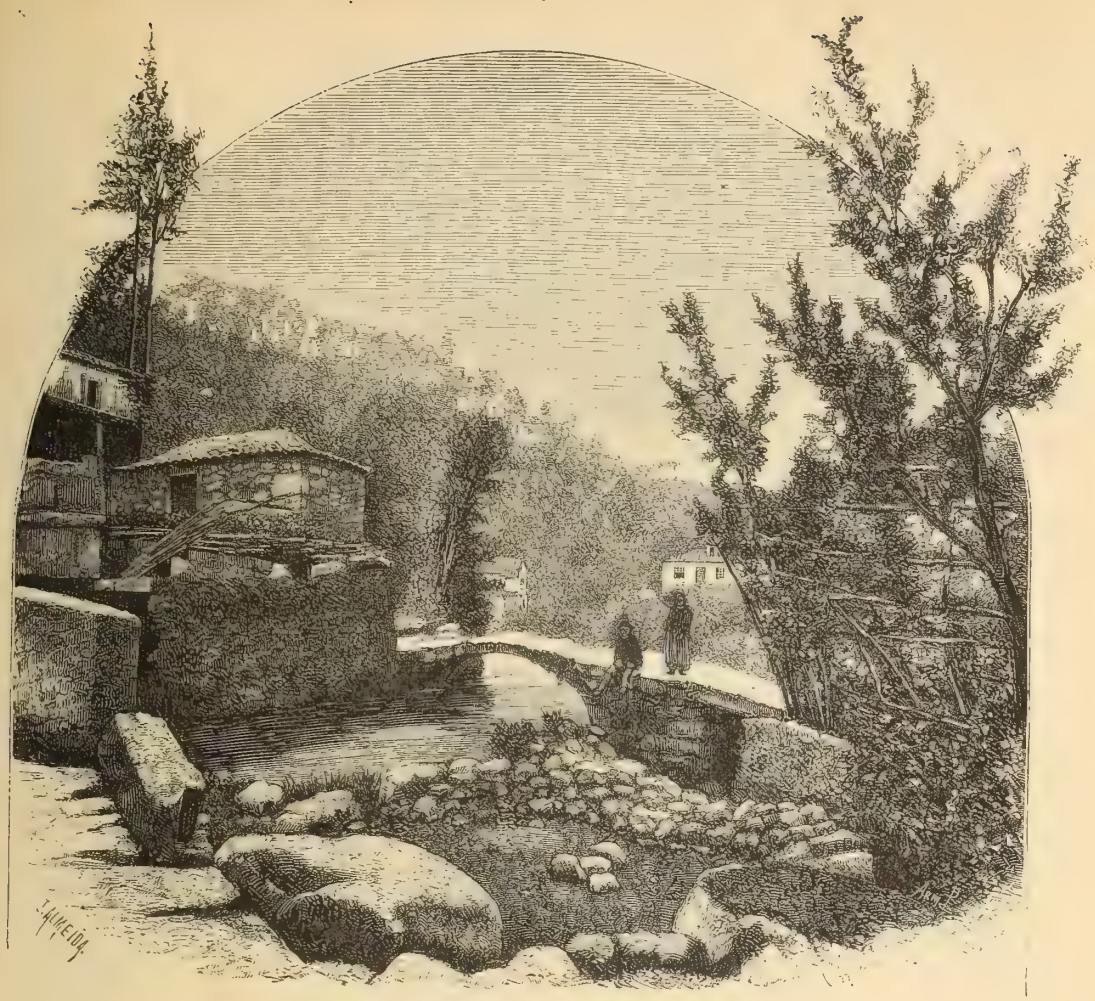
FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Campanhã, *Santa Maria*	3:100	3:212	6:312	1:542 *(a*
Paranhos, *S. Verissimo*	2:506	2:731	5:237	1:225 *(b*
Porto — Bomfim, *Senhor do Bomfim*	7:150	8:201	15:351	3:773
Porto, *Santo Ildefonso*	7:745	8:828	16:573	3:180
Porto — Sé, *Nossa Senhora d'Assumpção*	6:581	7:274	13:855	3:160
Foz do Douro, *S. João*	1:642	2:171	3:813	907
Lordello do Ouro, *S. Martinho*	1:766	1:923	3:689	828 *(c*
Porto — Cedofeita, *S. Martinho de Tours*	7:966	8:622	16:588	3:720
Porto — Massarellos, *Nossa Senhora da Boa Viagem*	2:420	2:828	5:248	1:252
Porto — Miragaia, *S. Pedro*	2:833	3:010	5:843	1:247
Porto — *S. Nicolau*	3:426	3.113	6:539	1:318
Porto — Victoria, *Nossa Senhora da Victoria*	4:996	4:302	9:298	1:403
	52:131	56:215	108:346	23:555

a Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Monte, Corugeira, Maceda, Bouça Ribas, Lusares, Contumil, Salgueiros, Fojo de Cima, Rua de S. Roque da Lameira, Outeiro da Villa, Bomjoia, Villa Meã, Godim, Villa Flôr, Pinheiro, Formiga, Noêda, Rua de Freixo, Tirares, Pégo Negro, Casal, Furamontes, Azevedo, Outeiro do Tine, Granja, S. Pedro, Palheta, Campanhã de Baixo, Campo, Fatum, e as quintas de Avessada, do Allen, da Revolta, de Bomjoia, do Falcão, duas de Maceda, do Pinheiro, de Villa Meã, de Santo Antonio, de Furamontes, de Custodio Teixeira, de Salgueiros.

b Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Lamas, Rua do Costa Cabral, Rua da Constituição, Antas, Valle, Travessa, Novo do Monte, Couto, Rua do Valle Formoso, Regueiras, Arca da Agua, Carvalhido, Regado, Agueto, Amial, Tronco, Zenha, Espréla, Bouça, Casal, Cabo.

c Comprehende esta freguezia os logares de Lordello do Ouro, Barreiros, Padrão, Monte da Carreira, Serralves, Fontes da Moura, Rua de Cima, Grijó, Mazorra, Monteira, Rua do Mata Sete, Condominhas, Santa Catharina, Arrabida, Aleixo, Ouro, Ponte Escura, Granja, Sobreiras, trinta casaes e varias quintas.

GAIA



Rua de Arintes — Desenho de João de Almeida

Armazem de vinhos e tradições, com poeira nas garrafas e nas lendas. O que ha de bom e delicado no genero, apenas velado pela teia de aranha secular, mas porca.

As ruas, incluindo a *Direita,* são estreitas como gargalos de garrafas, e sombrias como um interior de adega. A atmosphera, tannificada pelo cheiro acre das vasilhas, parece que se não renova, ha uns bons cem annos, dentro dos becos e alfurjas, que constituem a maior parte da villa. É certo, que através d'esse caracter sombrio, a gente preliba o vinho generoso e velho das tradições e phantasia o paladar de um verdadeiro *Porto,* genuino, distillado das cepas contemporaneas do Marquez de Pombal. Mas assim como o vinho augmenta de valor, quando servido em calices de crystal, sobre que incide a luz fulgurante de um banquete, assim as

antigas e gloriosas tradições de Gaia lucrariam em ser hoje relembradas, se a villa offerecesse ao viajante, que a visita, um aspecto mais asseiado.

De resto deve dizer-se, que é só para a séde do concelho que tem lugar esta observação; basta que os olhos se espraiem pelas collinas circumvisinhas, para que a gente esqueça as teias de aranha do interior da vasta adega, e, por uma como que suggestão de espirito, se julgue embriagado com o licor divino, que parece ter feito brotar do seio da natureza-mãe toda a exhuberancia de vida, que sorri nas encostas povoadas da velha e encantadora Gaia.

A doce embriaguez contemplativa não basta, porém, a satisfazer o *touriste;* dissipada a emoção do primeiro momento, o espirito deseja logo saber a historia da localidade que perlustra, conhecer as suas lendas, as suas alegrias, os seus pesares.

Que foi Gaia? D'onde lhe veiu o nome? pergunta naturalmente o viajante, depois do primeiro *coup d'œil.* Como é difficil satisfazel-o, meu amigo! Os eruditos não são gente a que se arranque facilmente um segredo, exactamente porque estão na posse de muitos; sphynges mysteriosas, nem mesmo contradizendo-se, ha meio de lhes apanhar a verdade, —o que é facil ás comadres quando ralham. Pois teem discutido a valer sobre o assumpto, póde o leitor acreditar; mas nada de positivo afinal! Uns, que o nome primitivo foi *Cale,* outros que foi *Calem,* dando qualquer das palavras a idéa de aqueducto ou estreiteza do rio n'esse ponto; estes, que foram os gallo-celtas os primitivos povoadores da localidade, uns 405 annos antes de Christo, tendo desde logo o nome de *porto-gallo,* d'onde deriva com ligeiro esforço Portugal; aquelles, que foram os romanos edificando em *Cale* ou *Caia* um *castrum,* que ao depois se chamou *antiquum* para o distinguir do *castrum novum* do monte da Sé, no Porto; ha quem opte pelos gregos, e ha tambem quem bata fé pelos arabes, aproveitando a lenda de Zahara, ou Gaia, a formosa irmã de Alboazar. Positivamente nem os sabios se entendem, nem nós os entendemos a elles; fique assente, pois, e isto já não é pouco para o valor archeologico da terra, que ella tem pergaminhos tão venerandos, que nem a propria *traça* é capaz de entrar com elles.

Nome e renome—diz uma das legendas do seu brazão—e isto que lá está escripto, é que realmente assim é. Toda a gente sabe aliás, que é d'este velho *porto de cale,* que derivou o nome do moderno Portugal; todos os brazões fossem, como este, pois, tão fidalgos e verdadeiros!

O leitor, porém, assente que a villa de Gaia se chamou antigamente *Cale,* ha de perguntar-me onde foi o nucleo da povoação primitiva? Franqueza franca, não sei; mas olhe que os sabios tambem pouco adiantam,

apezar das suas opiniões variadas sobre o caso. Vou relatar algumas, e vêr-se-ha como é difficil escolher. Ahi vae uma já, e que por signal não serve senão para mais nos confundir.

A *Cale* era do lado do Porto—provavelmente em Miragaia—dizem auctores conspicuos. É na margem direita que a colloca o itinerario de Antonino Pio, é a essa margem tambem que chegava a jurisdicção do arcebispado de Braga (Galliza), onde ella estava incluida, achando-se Gaia por esse tempo na circumscripção do bispado de Merida, pertencente então á Lusitania. Segundo esta opinião, Gaia teve sempre este nome e não o de *Cale,* e é da sua situação em frente a Gaia que vem o nome a *Mira-Gaia.* Se Gaia se chamou Cale, foi isso em tempos tão remotos—accrescentam—que não ha memoria d'este nome. A opinião, como o leitor vê, nada esclarece; cria-nos apenas uma nova Cale no Porto, e mal nos deixa entrever onde fosse a primitiva Gaia. Esta—diz a segunda opinião—foi no monte ainda hoje chamado de Gaia, circumscripção provavel da quinta do actual conde de Campo Bello (dr. Adriano de Paiva), onde existe uma torre (seria a do *castro antiquum* ou a do alcaçar de Alboazar?), que se pretende ser coeva dos romanos, mas que evidentemente é obra mais moderna. Se esta opinião é a verdadeira, como pretende ser pela persistencia do nome de Gaia e pelas tradições que se ligam á vetusta torre, não se fundamenta em muito solidas bases, pois de todo desappareceram os vestigios que a affiançassem.

Uma terceira opinião diverge completamente das duas anteriores. Para os auctores que a sustentam, a primitiva povoação que houve por estes sitios chamou-se desde todo o principio *Portugal;* ainda no anno de 874 figura com este nome na doação feita pelo rei Ordonho II de Leão a D. Gomado, bispo de Coimbra, collocando-a uns entre Santo Ovidio e Coimbrões, outros em *Paço de Rei,* todos lugares da freguezia de Mafamude. Este mesmo nome, de origem arabe (chamou-se Mahamad um emir, que D. Ramiro I venceu e fez tributario), póde muito bem ter sido o que no dominio agareno substituiu o da *parochia de Portugal,* o *castello antigo dos romanos,* nome expressamente declarado nos canones do concilio de Lugo, convocado pelo rei suevo Theodomiro em 518. A terceira opinião é, pois, como as outras uma hypothese, visto que lhe faltam por egual os vestigios, que bem a fundamentem. Em resumo, nada de positivo; mas como é preciso concluir por alguma coisa, parece que se podem adoptar pelo menos as duas ultimas, conciliando-as. Assim, dada a existencia da povoação de *Portugal,* em Paço de Rei, supponhamos, Cale (a palavra em arabe significa *pequena),* podia tambem coexistir no monte de Gaia (dominios do actual conde de Campo Bello) e ser tributaria d'aquella, como

parece presumir-se dos canones sobreditos, que apresentam a parochia de *Portugal com sete egrejas sujeitas a uma só.*

Volvem os tempos, sem que a povoação de Gaia prospere grandemente e chega por fim o anno de 1255, setimo do reinado de D. Affonso III. No Livro Grande da Camara do Porto, fl. 72, está o foral que esse rei dá aos moradores da sua villa de Gaia—*meia villa,* commemora ainda o brazão—*a qual era então uma pequena povoação ou aldeia,* convidando-se por isso os moradores de *meo Burgo veteri de Portu* a que vão povoar a dita villa. Não é, pois, ao que se vê uma edificação *de fundamentis,* mas uma verdadeira resurreição a operada por D. Affonso III, datando d'ahi a maior importancia de Gaia, que não só tem então o seu primeiro foral, mas a sua egreja matriz—Santa Marinha—coeva d'este reinado.

Pinho Leal julga verosimil, que D. Affonso III desmembrasse então Gaia de Mafamude, tornando-a independente, podendo ser tambem que se refira não ao Porto, margem direita, mas aos lugares d'esta freguezia onde existiu a antiquissima *villa de Portugal,* a expressão do *burgo velho de a par do Porto,* expressão que parece ter a mesma significação na carta de doação de D. Thereza ao bispo D. Hugo, e no foral d'este aos habitantes do Porto.

Deixando estas dirimições, é a D. Affonso III que pertence a gloria da resurreição de Gaia, por isso chamada com justiça *Villa Nova do Rei,* como se escreve no foral de seu filho D. Diniz, de 1288, em que tambem se vê a assignatura da rainha Santa Isabel. No reinado de D. João I, tendo a villa perdido o seu primeiro foral, e não se encontrando d'elle copia em parte alguma, pediu ao rei que lhe renovasse o foral de D. Diniz, o que D. João I deferiu. D. Manuel deu novo foral a Gaia a 20 de janeiro de 1518, datado de Lisboa.

Até aqui a historia chronologica; os factos que a explicam são os seguintes, que temos de condensar em rapido esboço.

A avidez cupida dos bispos do Porto cerceava de tal modo os haveres da corôa, que D. Sancho I e D. Affonso II por vezes tentaram chamar a si as rendas alfandegarias da cidade, sob o pretexto, aliás verdadeiro, de que eram consumidas pelos bispos e seus conegos em bambochatas luxuosas, vexando ainda por cima com toda a casta de extorsões os habitantes do *Burgo.* Mas o poder do alto clero era n'esse tempo immenso, e nada poderam conseguir os dois monarchas. D. Sancho II, se por ventura tentou seguir o exemplo dos seus antecessores, pagou a ousadia com a excommunhão que sobre elle fulminou Innocencio IV e com o seu exilio para Toledo. Foi então que D. Affonso III mudou de tactica, e em vez de arcar frente a frente com os bispos, concebeu o plano de fundar na mar-

gem esquerda uma povoação rival do Porto, dando á nova villa muitos e grandes privilegios, e ordenando que se fizesse ahi a descarga dos navios e se cobrassem ao mesmo tempo os direitos da alfandega, para o que mandou construir um *almazem.* [1] Os bispos recalcitraram, mas o plano estava iniciado e amadurecido, e n'elle proseguiram D. Diniz, D. Affonso IV e D. Pedro I, apezar dos interdictos e excommunhões que choviam de Roma. D. João I terminou a contenda, firmando uma concordata com o bispo D. Gil, mas o impulso dado a *Villa Nova* tinha produzido já os seus resultados beneficos e na margem esquerda florescia, rivalisando com o Porto, a terra antiga de Cale. Em 1322 o castello de Gaia foi tomado pelo principe D. Affonso (depois IV de nome) na guerra contra seu pae D. Diniz, e em 1336 foi a villa assolada pelos castelhanos, que o bispo D. Vasco poz a final em fuga. Apezar d'esses desastres da guerra, florescia, como dissemos, no tempo de D. João I, a ponto de concorrer com homens, navios, dinheiro e munições para a empreza de Ceuta, confiada ao infante D. Henrique, e da qual data para os portuenses, como em outro lugar já referimos, o glorioso epitheto de *tripeiros.*

Transferida mais tarde a alfandega para o Porto decresceu a prosperidade da villa, sem que todavia volvesse ao pequeno movimento, que tivera antes de D. Affonso III. Uma vez, porém, instituida em 1757 pelo marquez de Pombal a *Companhia Geral dos Vinhos do Alto Douro,* Gaia, considerada deposito geral dos vinhos, augmentou em riqueza e população, ao passo que o seu trafico se desenvolvia. As calamidades que a feriram depois, como a cheia de 1785, que lhe arrazou todas as casas e armazens da praia, as invasões francezas, a guerra fratricida de 1833, em que os projectís lançados do Porto e Serra do Pilar choveram sobre a villa, occupada um anno pelos realistas, e em que o incendio dos grandes armazens de vinho a 16 de agosto representa valiosissimas perdas, e finalmente a propria dissolução da Companhia decretada pelo governo liberal,

[1] A pag. 688 dissemos que era na Reboleira o *almazem* mandado construir por D. Affonso III. É um engano, que rectificamos; esse *almazem* ou alfandega é esta de Gaia, pois o edificio de que se falla a pag. 689, como dando origem ao poema *Os Ratos da Alfandega*, foi mandado construir por D. Pedro II em 1677, entre a rua dos Inglezes e a Fonte Aurina, sendo encarregado das obras o marquez da Fronteira. Contiguos a esta mesma casa ficavam os paços, onde nasceu o infante D. Henrique, aos quaes pertencia a janella reproduzida pela nossa gravura de pag. 720.

O nome de *alfandega velha*, dado hoje tambem aos armazens de Massarellos, subjacentes á rua da Restauração, não deve tomar-se como synonimo da sua muita antiguidade, mas só porque depois d'elles appareceu o grande e moderno edificio da Alfandega. Os armazens de Massarellos foram principiados em 1781 por Pantaleão da Cunha Faria, e concluidos por seu sobrinho José Godinho em 1798, com o fim expresso de servirem de deposito aos vinhos da Companhia, fim que foi preenchido até 1822, em que o governo, precisando d'elles, e negando-se a dar-lh'os a direcção da Companhia dos vinhos, os mandou despejar no praso de 48 horas.

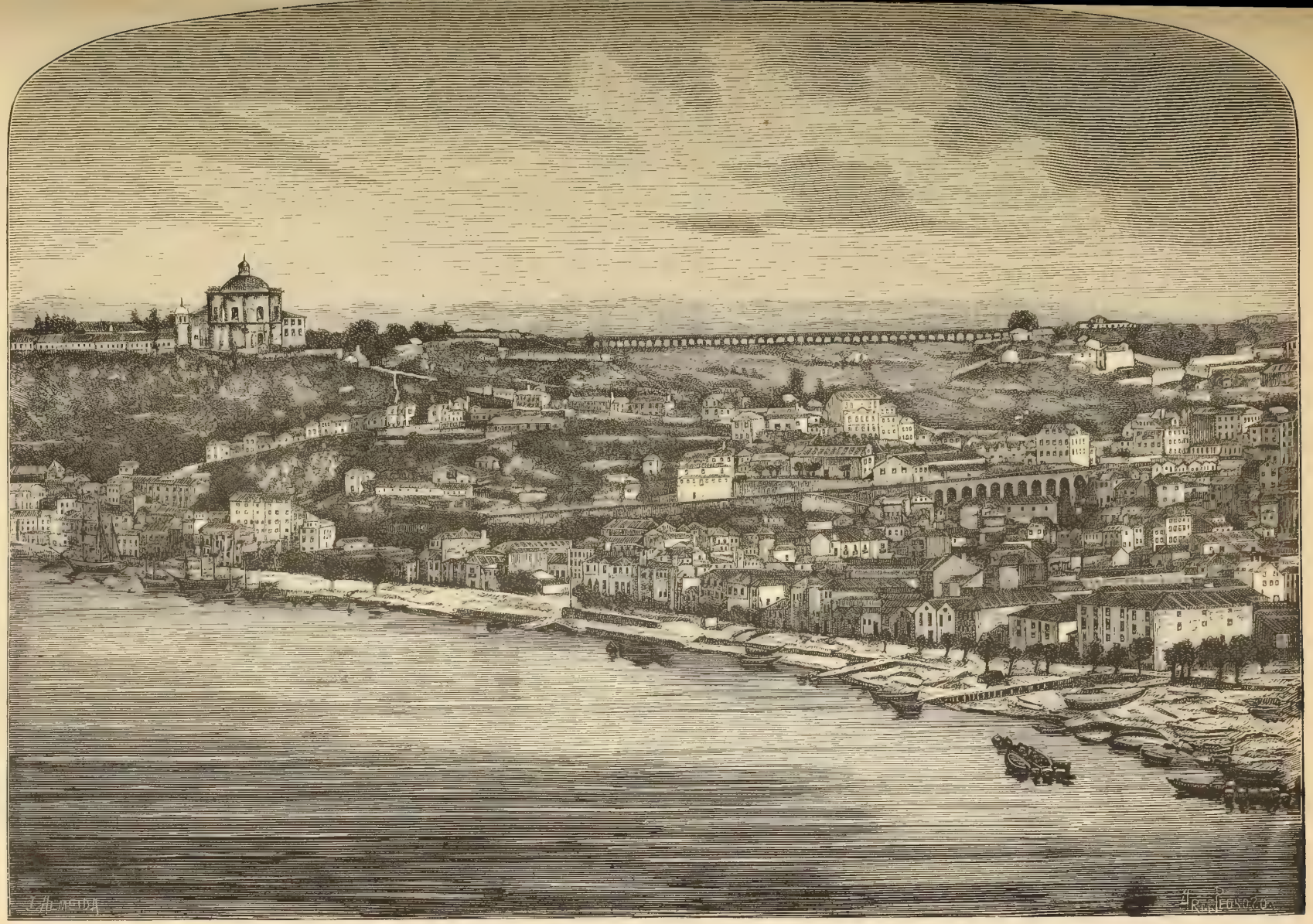
se a prejudicaram enormemente, nem por isso lhe tiraram o aspecto de vasto armazem, a que a destinou D. Affonso III, e de deposito geral de vinhos a que a destinou o ministro de D. José.

É isso ainda o que ella é hoje, apezar do phylloxera do Douro e apezar dos grandes melhoramentos materiaes, que tendem a centralisar todo o movimento commercial na outra margem do rio. Até quando, Deus o sabe, mas como não é do seu futuro que temos no momento a tratar, volva o leitor comigo a respigar umas noticias historicas da villa, não já no que dizem as chronicas poeirentas, mas nos edificios que honrosamente documentam essa historia nas suas pedras ennegrecidas pelo tempo.

Fallámos ainda agora dos prejuizos enormes, que a lucta fratricida trouxe a Gaia em 1833; o reverso da medalha, se ella póde ter uma outra face, está, porém, na gloria que sobre o brazão de Gaia irradia hoje a heroica fortaleza do Pilar, com razão considerada um dos mais venerandos monumentos da liberdade politica do paiz.

A Serra do Pilar, limite de Gaia com a freguezia de Mafamude, teve antigamente o nome de *Monte de S. Nicolau,* formando a parte septentrional da *serra de Quebrantões.* No seculo XII foi aqui edificado um mosteiro para monjas agostinhas, mas abandonado depois e cahido em ruinas, tomaram d'elle conta os frades de Grijó, resolvendo proceder a nova edificação, a qual principiaram realmente em 1597, sendo a primeira pedra da egreja lançada pelo bispo Balthasar em 28 de dezembro d'esse anno. Foi a primeira invocação do mosteiro a de S. Salvador, como era tambem a de Grijó, passando em 1666 a ter Santo Agostinho como patrono. Muitos dos frades de Grijó, que em 1542 vieram povoar o novo convento, não gostaram da mudança, conseguindo do papa Pio V regressar de novo ao seu mosteiro e separar os dois conventos, por fórma que ficassem independentes. Em 1598 como se julgasse acanhada para o culto a primitiva egreja, foi mandada construir a actual em fórma circular, no gosto de Santa Maria, a Rotunda, de Roma, dando-se então ao claustro a mesma fórma circular. O altar-mór, tribuna e retabulo foram mandados fazer em 1678 pelo prior do convento D. Jeronymo da Conceição, sendo este o que collocou ahi, no domingo de Paschoa d'esse anno, a imagem da Senhora do Pilar, que deu á serra o nome actual. A parte brilhante e gloriosa da historica serra é, porém, a que se refere á guerra civil de 1832 a 1834.

Occupada primeiro pelas tropas do visconde de Santa Martha, que a abandonou, foi pelos liberaes fortificada rapidamente, soffrendo o primeiro ataque em 8 de setembro de 1832, quando o visconde do Pezo da Regoa se lembrou de tomar Gaia e a Serra. Foi n'esta batalha que perdeu o braço o heroico Bernardo de Sá Nogueira, mais tarde marquez de Sá da



VISTA GERAL DE VILLA NOVA DE GAIA — *Desenho de João de Almeida*

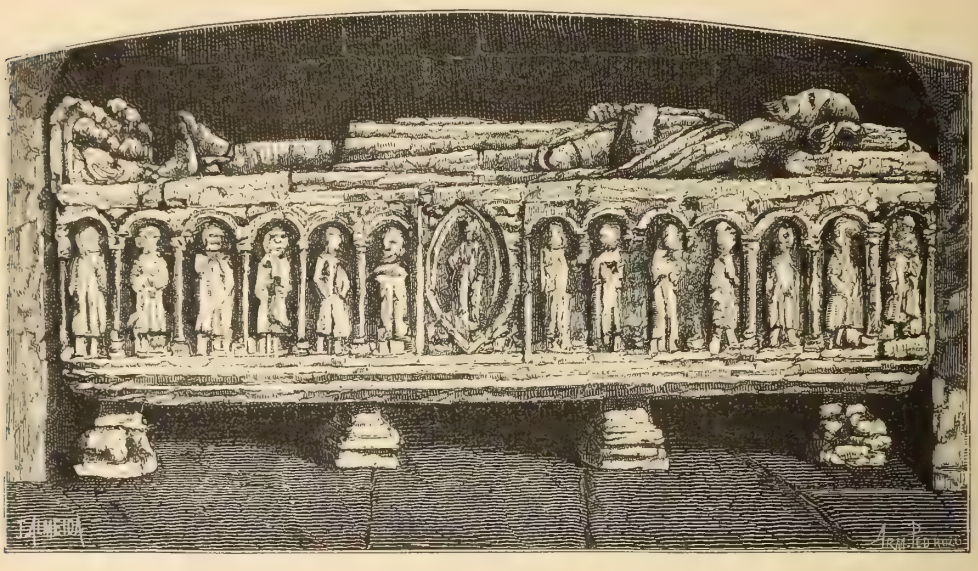
Bandeira. Foi a villa tomada, mas conservou-se inexpugnavel a Serra, apezar das tentativas encarniçadas dos realistas nos dias 9 e 10 e ainda no dia 14 de outubro, em que se pelejou por ventura o mais renhido assalto contra o heroico baluarte. Na revolução da Maria da Fonte, a Serra foi fortificada pelos patuleias um pouco mais largamente do que no tempo do cêrco. Hoje estaciona ali uma bateria de artilheria de montanha: e os *afficionados* encontram uma *praça de touros (!)* para sua distracção.

Depois da Serra do Pilar o leitor tem para vêr na villa apenas a egreja matriz de Santa Marinha, fundada em 1255 por D. Affonso III;—a egreja do *Bom Jesus de Gaia,* que serve de auxiliar á matriz, por ser a freguezia muito populosa e extensa;—a capella de S. Lourenço, fundada ha mais de 400 annos por um papa, em cumprimento de um voto, reparada e ampliada em 1836; e finalmente a egreja e convento de *Corpus Christi,* proximo do rio, fundada em 1345 por D. Maria Mendes Petite, mãe de Pedro Coelho, aquelle dos assassinos de Ignez de Castro a quem D. Pedro mandou em Santarem arrancar o coração no anno de 1357. D. Maria Petite, senhora muito rica, fundou o convento nas proprias casas em que vivia, e n'elle professou, sendo a ordem primitiva a das agostinhas, mais tarde mudada para dominicas. O cabido da Sé do Porto quiz oppôr-se á fundação do convento, mas as freiras recorreram ao papa Innocencio VI (então em Avinhão) e este concedeu a licença por bulla de 5 de março de 1353. O edificio tem sido reedificado por diversas vezes, algumas das quaes por causa dos estragos produzidos pelas cheias do Douro. Chegou a ter mais de trezentas mulheres, entre freiras, seculares, recolhidas e creadas, sendo notaveis ahi as festas dos abbadessados.

Houve em Gaia um outro convento de frades franciscanos, denominado de Santo Antonio de Valle de Piedade, fundado pela camara e povo do Porto e Villa Nova em 1569 e reedificado pela primeira vez em 1680 e pela segunda no seculo XVIII. Era no sitio de *Valle de Amores,* nome dado então a um denso bosque onde os *satyros* da cidade e villa se encontravam amiudadamente com as Driades amorosas. O convento foi incendiado em 1832 e vendido depois em 1834, sendo hoje occupado por uma fabrica de saboaria e casas de habitação. A egreja converteu-se breve em armazem de vinhos.

Depois d'este passeio á Gaia historica, onde são mais as lendas e tradições que os monumentos, teria o leitor que tomar conhecimento da Villa Nova, nossa contemporanea, laborando no seu trabalho de commercio e industria importantissima, e renovada mercê d'essa actividade, como o provam as casas e quintas de recreio, os edificios escolares, as fabricas, etc. que formam com os verdes macissos de arvoredo o largo e deli-

cioso panorama que se disfructa de sobre o taboleiro da ponte D. Luiz e do qual dá idéa a vista geral de pag. 749. Mas teriamos de ser incompletos, fazendo esse reconhecimento, e duplamente fastidiosos além d'isso, visto que no fim do capitulo temos de condensar em algarismos e factos positivos o valor economico de Gaia, ou, para dizer melhor, do concelho de Villa Nova de Gaia, segundo proximamente os limites que lhe foram traçados em 1834, pois até ahi a velha povoação de Gaia era cabeça de um concelho independente do de *Villa Nova d'El-Rei* ou *Villa Nova do*



Tumulo de D. Rodrigo Sanches, no convento de Grijo

Porto, datando d'essa epocha a fusão dos territorios, que vamos percorrer em rapida visita agora, ao sahir da villa.

Passeio fluvial

Por 1$000 réis a 1$500 é facil encontrar no caes das *Freiras* um barco bem tripulado, que se ponha á nossa disposição. Subindo ou descendo o Douro, fazemos o reconhecimento da faixa ribeirinha do concelho, uma das mais pittorescas pelos seus panoramas e pela sua vida fluvial. A maré está enchendo ha uma hora, e com ella sopra uma ligeira brisa, nem de proposito encommendada para enfunar a nossa pequena vela. Passamos sob a ponte *D. Luiz I,* dobra-se a raiz do monte do Pilar, e, a seguir já, admiramos a ponte *Maria Pia,* onde um comboyo vae atravessando com toda a rapidez. A margem direita, a que nos interessa agora, pertence á freguezia de *OLIVEIRA DO DOURO,* a antiga *Ulveira* do

foral dado por D. Manuel a Villa Nova, ou ainda a *Oliveira dos Conegos,* nome originado do mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (loyos) aqui fundado em 1679 sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. A cêrca d'este mosteiro, entregue como bem nacional a Marcellino de Mello, ao depois visconde da Oliveira, para pagamento de dividas do Estado, hoje fragmentada em terras de lavoura, fórma a parte principal da quinta do fallecido dr. Manuel Maria da Costa Leite, feito tambem visconde da Oliveira em 1886. Era antes de 1834 uma das mais pittorescas estancias do paiz, não só pela sua disposição topographica em amphitheatro sobre o Douro, como pelos embellezamentos de arte com que os frades a haviam aformoseado. A egreja do convento ficava proximo da sumptuosa matriz da freguezia, cuja situação em um alto descobre um panorama extensissimo.

A Oliveira pertencem os lugares que vamos costeando, de Quebrantões e Santa Anna, este ultimo celebre pela sua afamada romaria, e pertence-lhe ainda o *Areinho,* onde muita gente da cidade vem nos domingos e segundas feiras sacrificar ao peixe frito e á salada, como se quizesse por tal fórma honrar a natureza, que fez d'esse nateiro uma horta fertilissima, e da orla de areia que o franja uma praia, onde os pescadores valboeiros colhem as suas redes de lampreia, savel e tainha. Mais para diante é ainda do termo de Oliveira a quinta da *Pedra Salgada,* e para o sul, no interior, o formoso lugar da *Lavandeira,* onde está hoje estabelecido o novo seminario, e onde existe a notavel quinta de recreio, que foi do conde da Silva Monteiro, quinta povoada das mais formosas arvores exoticas, cortada ao centro por um bello e extenso lago, e adornada com um esplendido pavilhão-estufa, onde se admiram preciosos exemplares da flora tropical.

Separada de Oliveira pelo rio de Febros, do Esteiro, ou da Madria, que vem desaguar ao Douro, ao sopé dos montes de Crasto e Carcajido, encontra-se a antiga freguezia de *AVINTES,* extincta villa e couto dos condes de Avintes, salpicando com os seus casaes de neve a quebrada verde e extensa que se inclina para o rio. No anno de 900 Gundesindo e sua filha Adosinda fundaram aqui um mosteiro duplex da ordem de S. Bento, que se julga fosse onde é hoje a quinta *do Paço,* dos marquezes de Lavradio e condes de Avintes, no extremo da formosa e fertilissima planicie, chamada a *Ribeira,* ou *Ria,* de que dá idéa a nossa gravura de pag. 743. O encantador aspecto panoramico d'esta freguezia, tão rica e prospera pelas suas industrias de moagem, padaria, lavoura e pescaria, augmenta para o *touriste* que se interesse pelos costumes e usos da localidade. Basta vêr deslisar Douro abaixo um dos esguios barcos de Avintes,

que levam ao Porto a aromatica borôa, sob o seu tolde fixo de madeira, barco movido a remos por mulheres caracteristicamente vestidas, para se receber uma impressão artistica, agradavel e sã, que fica no espirito como recordação do passeio. Ao fim da Ribeira vae-se tornando mais abrupta a collina, apparecendo-nos o povoado de *Arnellas,* meeiro de Avintes com *OLIVAL,* alcandorado sobre o Douro e dominado pela sua elegante ermida, principiada a construir em 1723 á custa do tributo especial de um real em cada quartilho de vinho e outro em cada raza de sal, vendidos no couto de Crestuma. Em Arnellas faz-se a 21 de setembro uma feira concorridissima de varios generos, mas especialmente de nozes, muito procuradas pela sua qualidade excellente. A povoação actual data de 1540, suppondo-se edificada sobre as ruinas de uma outra submergida por alguma enchente do Douro.

A egreja matriz da freguezia, distanciada de Arnellas para o sul, é antiquissima, constando da tradição ter sido mosteiro de freiras benedictinas, mosteiro que nos fins do seculo XV se reuniu ao de S. Bento da Ave Maria do Porto. A actual residencia do parocho é talvez parte d'esse primitivo edificio. Olival confronta pelo sul com a freguezia de *SANDIM,* uma das mais ricas do concelho, pelo dinheiro do Brazil que ahi tem affluido, e limita-se por oriente com a de *CRESTUMA,* que em tempos remotos foi uma aldeia sua, de que D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, fez no anno de 1110 couto e doação aos bispos do Porto. Houve em Crestuma um convento da ordem de S. Bento, desde ha muito extincto, fundado, segundo alguns, no seculo VII, e, segundo outros, no tempo dos reis godos; sabe-se ao certo que existia em 922, visto que n'este anno o rei de Leão, D. Ordonho, e muitos grandes da sua côrte fizeram importantes doações a este mosteiro de *Castrumire,* ou *Crastumia,* nome d'onde se origina o de *Crestuma.* Isto na opinião mais corrente, derivando a palavra de *castro* (castello) e *mira,* olhando-se nas aguas, visto que o antigo castello de Crestuma, de que restam ainda vestigios innegaveis, era sobranceiro ao rio; outros pensam que a palavra *crasto* tendo a mesma origem, a terminação *uma* vem do ribeiro de Huyma ou Uima, que n'este lugar desagua no Douro. Seja como fôr, o que a povoação é hoje, é uma aldeia bonita, fertil e de muito commercio, pela contínua communicação fluvial que tem com o Porto, communicação de que se serve tambem para levar a este importante mercado os productos da sua excellente fabrica de fiação de algodão, propriedade da *Companhia de Fiação de Crestuma.*

Termina aqui, Douro acima, o nosso passeio fluvial; mas uma vez descendo o rio, e chegado de novo a Villa Nova, resolvemos continuar até ao Cabedello, tendo assim occasião não só de admirar o trafego ma-

ritimo do porto e o movimento industrial das fabricas de uma e outra margem, como de tomar conhecimento com as bellezas da paysagem, entre as quaes sobresahe a collina do Candal, e com os lugares da freguezia de *CANIDELLO,* que vem mirar-se nas aguas esverdeadas do Douro, ou pousar alegremente nos areaes da costa. Que pittoresca é a *Aforada,* com as suas casinhas brancas de pescadores, as redes estendidas ao sol, e os elegantes barcos ovarinos formando uma esquadrilha no caes. Como em S. Paio destaca nas suas linhas correctas e grandiosas da architectura ogival o palacete do dr. Albano Anthero, e logo adiante, por entre o verde negro dos pinhaes, como nos entre-sorri *Lavadores,* uma praiasinha retirada e modesta, onde se vive em familia, mas onde não faltam já as commodidades da vida, por isso que o lugar é talvez o mais importante de Canidello, embora a matriz parochial esteja d'ahi perto em Paço. Á freguezia pertence o Cabedello, sendo tambem nas suas aguas que se observam os restos de um paredão, com que no principio do seculo se tentou, sob a direcção do engenheiro Oudinot, melhorar a barra do Douro. Alguns negociantes do Porto, antes de se proceder á obra de Leixões, apresentaram o projecto de uma nova barra e porto em Lavadores, idéa que se dizia menos dispendiosa e por ventura talvez de mais immediatos resultados.

Pelas estradas e caminho de ferro

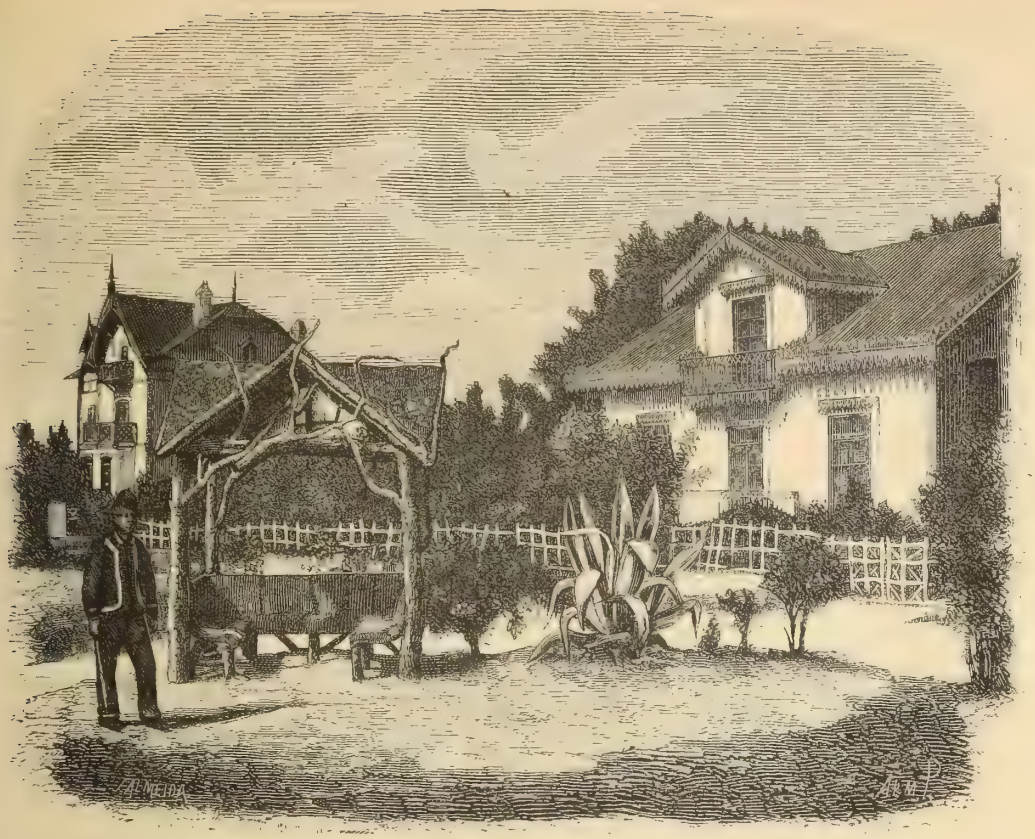
Está cortado de vias de communicação o concelho de Gaia; as estradas reaes, districtaes e municipaes sulcam-o em todos os sentidos, approximando as suas freguezias populosas, industriaes e trabalhadoras; temos por isso de tomar o fio de Ariadne no meio d'este labyrintho, escolhendo um só caminho que possa dar-nos idéa da zona formosa a percorrer. Seguimos a estrada real do Porto a Coimbra. *MAFAMUDE,* um verdadeiro arrabalde de Gaia, é a primeira freguezia que atravessamos, pelos seus lugares de Bandeira, de Santo Ovidio, etc. O nome indica uma origem arabe—*Mahamede*—ácerca da qual já dissemos o bastante ao tratar das origens historicas de Gaia.

Populosa, industrial, pittoresca, a Mafamude moderna esquece, porém, taes glorias sem saudade, para viver do trabalho, que a nobilita e enriquece. A sul confronta com *VILLAR DE ANDORINHO,* freguezia constituida no seculo XIII, como se conclue dos documentos que pertenceram ao mosteiro de Pedroso, hoje no cartorio da Universidade de Coimbra. Os frades de Pedroso, vendo que se desenvolvia a povoação ao norte do seu convento, organisaram então a freguezia á custa do territorio de Oliveira, que era sua apresentação tambem, e deram-lhe como séde *Vil-*

lar, que, segundo a tradição, se chamou de *Andorinho,* do nome de um rico lavrador ahi existente, se é que a tradição não confunde tal nome com o do fidalgo *Adonorigo do Marnel,* neto dos fundadores do convento de Pedroso, e que tinha talvez ahi o seu *villar* ou *granja.* A capella de

Convento de Grijó — Desenho de João de Almeida

S. Lourenço, no lugar d'este mesmo nome, foi a primitiva matriz d'este povo e dos circumvisinhos, e d'essa primasia resultou que não querendo os habitantes de S. Lourenço aggremiar-se a Villar, os frades de Pedroso tiveram de permittir-lhes, depois de grandes questões, que fossem de Pedroso ou de Villar á sua escolha, amalgama que ainda hoje subsiste. Os frades de Pedroso, por escriptura feita em 1496, cederam o padroado de



A Granja — Desenho de João de Almeida

Villar ás freiras de Santa Clara, do Porto, ás quaes por isso pertenceu até 1834. A matriz de Villar, depois que a parochia se mudou de S. Lourenço, foi primeiro no local onde é hoje ainda a residencia do parocho; mas como fosse pequena e o chão humido, construiram a actual em sitio mais vistoso e pittoresco, suppondo-se que esta construcção data do seculo XVI, sendo a torre de 1797.

A freguezia de Villar de Andorinho, minuciosamente descripta no diccionario de Pinho Leal, para onde encaminho o leitor, é uma das mais ricas do concelho, não só por causa dos variados elementos de riqueza que possue, como pelo laborioso viver dos seus parochianos. A industria da engorda do gado bovino, a cultura da cebola para embarque, a industria das moagens facilitada pelo ribeiro de Febros, a das pedreiras magnificas do Monte da Matta, rival de S. Gens, a riqueza florestal dos pinhaes, a agricultura, em todos os seus ramos, especialisando a das hortas para abastecimento do mercado do Porto, a lavagem da roupa, em que se empregam centos de mulheres, e por ultimo as pequenas industrias, a que os homens se dedicam nas officinas e armazens do Porto e Gaia trazem para

a freguezia sommas valiosas, que se fundem ordinariamente na terra e que são a origem da sua prosperidade. Entre os usos interessantes dos *pardos* de Villar de Andorinho—*rabões* são os de Avintes e *chinos* os de Oliveira, conforme os apódos locaes—notam-se os que em seguida enumeramos. Quando alguem morre no lugar da *Serpente* e se faz o acompanhamento, vae atraz uma mulher levando á cabeça uma grande regueifa de pão e um pipo ou garrafão de vinho para os convidados. Na proxima freguezia de Canellas e em outras chega mesmo a haver no adro uma casa propria para o beberete, chamada por isso *casa das pingas*. Este culto do estomago observa-se por egual nos casamentos, em que, além das bodas no dia proprio, ha no dia da segunda leitura dos proclamas uma grande merenda, a que chamam o *cesto,* que a noiva, acompanhada pelos seus parentes, leva para casa do noivo, onde a merenda se come alegremente, havendo no fim grande foguetorio. O vestuario das mulheres é traçado pelo costume que publicámos em um dos nossos chromos, sendo o grande capricho das *lavradeiras* carregarem-se de ouro e de saias nos dias de festa e romarias. Ha tal, que leva em ouro o valor de 2:000$000 réis e veste umas simples... vinte saias, para avolumar os largos e redondos quadris, de que a natureza aliás não foi avara para com ellas, visto que as mulheres de Villar de Andorinho passam por ser das mais bellas dos arredores do Porto.

Eguaes costumes se notam, com pequenas *nuances,* em *CANELLAS,* a terra por excellencia do *parallelipipedo* para calcetamento das ruas, e dos esteios para ramadas, industria em que a acompanha *VILLAR DO PARAIZO,* tirando assim um elemento de riqueza das suas excellentes pedreiras de granito, e creando ao mesmo tempo um viveiro de trabalhadores, d'onde sahem os *mestres d'obras,* pedreiros e outros operarios, que principalmente no Porto e no Brazil vão adquirir os meios de fortuna, com que tem embellezado e feito prosperar a sua terra natal. É uma das mais ricas do concelho esta freguezia de Villar do Paraizo, cortada de estradas e povoada de edificios novos e elegantes, de quintas bem tratadas, de campos onde a agua corre abundantemente, semeando por toda a parte a riqueza e o bem estar. Até para justificar o subtitulo de paraizo, não faltam ali as Evas tentadoras, de fartos seios e carnadura sadia, substituindo, é certo, a folha classica da parra pelas vinte saias sobre a anca, e occultando os negros cabellos sob os chapellinhos pretos de borlas de seda (veja o leitor os nossos chromos), mas em todo o caso constituindo um typo excepcional de belleza feminina, como não ha em todo o paiz, a não ser na orla maritima de Aveiro e Vianna. Todos os dias as formosas *salsinhas* e *morangueiras* do Villar de Paraizo apparecem no Porto, as pri-

meiras vendendo as hortaliças e a *salsa,* industria em que especialmente se occupam muitas mulheres, as segundas apregoando o saboroso morango delicado, de carne rosada e tenra, digestivo e fresco, uma delicia creada de proposito para o vinho velho do Porto.

Em Villar do Paraizo ha para vêr, além das suas encantadoras raparigas e dos usos e costumes locaes, a *Egreja matriz,* unica talvez no seu genero, porque, sendo o corpo central de uma só nave, a capella-mór é de dois arcos cruzeiros; a *capella de S. Martinho,* no lugar d'este nome, o mais importante e central da parochia, ligado por estrada á Estação de Valladares; a de *S. Caetano,* em sitio aprazivel, no monte de S. Caetano, proximo á povoação do Guardal, e... pouco mais. Existe em Villar um club de instrucção e recreio, escolas officiaes de instrucção primaria, cemiterio parochial, pharmacias, etc.; em resumo, uma freguezia rica e feliz, além de pittoresca.

Proseguindo no passeio pela estrada de *cima* encontramos a vasta e rica freguezia de *PEROSINHO,* onde a 11 de julho, ou no domingo immediato a este dia (quando elle não é santificado), se faz grande romaria a Nossa Senhora do Carmo. O outro arraial mais notavel é a 15 de agosto, o da Senhora da Assumpção, vulgò do *Castello,* ou *Crasto,* cuja capella, antiquissima, fica entre frondosos arvoredos silvestres, no monte de Crasto, antigo *Monte Pedroso,* do qual fallam as velhas doações do convento de Grijó, e d'onde se pretende ter derivado o nome da freguezia. O castello ou atalaya, que lá existiu, foi demolido em 1200 pelos frades benedictinos expulsos de Lorvão, para com os seus materiaes ampliarem o mosteiro *duplex* de *PEDROSO,* a que se recolheram, e que havia sido fundado e dotado nos fins do seculo IX por Ero e sua mulher Adosinda, paes do famoso capitão Gondesindo, com a condição de ser n'elle recolhida e tratada com todo o carinho e respeito sua filha, aleijada, D. Froyla. Este mosteiro chegou a ser um dos mais ricos e famosos do paiz; a sua vetusta egreja, de architectura gothica, é hoje a matriz da freguezia, e esta foi por D. Affonso Henriques coutada e doada ao convento, como villa, com camara e justiças proprias, pelo preço de setecentas libras, que os monges deram ao fundador da monarchia. Em 1302 vieram habital-o as freiras de Cemide, da Terra da Feira.

O papa João XXI, Fr. Pedro Julião, foi abbade commendatario d'este mosteiro. No anno de 1567, tendo fallecido o ultimo commendatario, o cardeal-rei D. Henrique supprimiu o convento, ficando a egreja para matriz, como sempre fôra, e passando as rendas para o collegio dos jesuitas de Coimbra.

Na grande povoação dos *Carvalhos,* pertencente a Pedroso e atra-

vessada pela estrada, faz-se todas as quartas feiras, na sua larga praça, uma feira bastante concorrida.

SERMONDE é a freguezia seguinte, que encontramos, passando nos lugares de Brantaes e Boavista. A egreja matriz diz-se ter sido a do mosteiro benedictino de *S. Pedro de Sinnondi,* o qual parece ter aqui existido, conforme se deprehende de um documento do archivo episcopal do Porto, referido ao anno de 1216. Vem depois *SEIXEZELLO,* com os seus valles fertilissimos, a nascente dos quaes ficam as parochias de Sandim e Crestuma, já nossas conhecidas, e assim chegamos ás *Vendas Novas de Grijó,* ou simplesmente a *GRIJÓ,* tão notavel pelo seu convento de cruzios. A povoação antiga, que não deve confundir-se com a actual, pois consistia apenas no convento e povoação adjacente, teve a cathegoria de villa; mas a nova, oriunda de uma venda, na estrada real de Lisboa, construida sobre o leito da antiga estrada mourisca, é hoje considerada como tal pelo seu engrandecimento e bonitos predios que possue. A egreja matriz de Grijó é sumptuosissima; pertence ao extincto convento de frades cruzios, um dos mais antigos da sua ordem em Portugal e dos mais ricos tambem por causa das doações numerosas de rendas e terras *ganhas aos mouros á ponta de lança,* como diz a doação de D. Nuno Soares, neto do senhor das Terras de Santa Maria, D. Nuno Velho, irmão dos fundadores Guterres Soares e Ausindo Soares, virtuosos varões que em 912 de Jesus Christo, vivendo por estes sitios, n'elles edificaram uma pequena egreja *(egrejó)* que é a origem do convento, villa e freguezia. A ermida dos irmãos Soares em curto praso se mostrou acanhada para o culto, sendo por isso edificada outra em 1093 por um sobrinho dos dois padres e dedicada então ao Salvador, sendo sagrada pelo bispo de Coimbra, D. Cresconio. Estando bastante deteriorada com o tempo, principiou-se a construcção da actual a 28 de julho de 1574, lançando a primeira pedra o prior D. Fr. Pedro Salvador.

Quando a Feira foi desmembrada do bispado de Coimbra, passou Grijó para o Porto, apezar da grande opposição dos bispos d'aquella cidade; o convento, porém, e os seus coutos foram isentos logo da jurisdicção episcopal do Porto, sendo os seus privilegios confirmados por diversas bullas papaes, onde por signal se ameaçam de excommunhão os bispos de Coimbra, que não queriam largar tão boa presa. Por essas bullas podiam os priores de Grijó usar as insignias pontificaes, baculo e mitra, trazer cruz peitoral, e annel como os bispos. Uma das curiosidades do convento de Grijó que reproduzimos em gravura é o tumulo de D. Rodrigo Sanches, filho bastardo de D. Sancho I e da formosa *Ribeirinha.* O pobre moço, mortalmente ferido em duello por causa de uma questão de

amores, veiu morrer no sitio onde chamam ainda o *Padrão velho,* cruzeiro que D. Constança, sua irmã, ahi mandou erigir em memoria de tal facto, sendo ella tambem que mandou construir o magestoso tumulo onde repousam as cinzas de D. Rodrigo.

Atravessando de Grijó para a beira-mar encontramos a estrada districtal 27-B, ou *de baixo,* como ali se lhe chama, e por ella poderiamos, subindo-a um pouco até ao Corvo, passar d'aqui á Aldeia Nova, já pertencente a *SERZEDO* (S. Mamede), ou *Cerzedo,* como se diz em uma doação de 1148, feita por Tructesindo Mendes ao convento de Grijó: — «*subter illam estratam mauriscam, discurrente rivulo Cerzedo*», hoje *rio das cabras,* documento que por egual nos dá prova de que passava aqui a estrada mourisca. Não levando, porém, tenção formal de ir visitar a importante povoação do *Corvo,* parte da qual pertence a *S. FELIX DA MARINHA,* sendo a outra parte de Arcozello, apparece-nos a *Praia da Granja,* parochiana de Marinha, tão appetitosa e fresca, tão deliciosamente situada á beira-mar, com as suas ruas ajardinadas, os seus vallados plantados de cactos e hortensias, os *cottages* e *chalets* revestidos de hera ou de roseiras, que, á semelhança do que acontece nas lendas, onde apparece uma princeza encantada que adormece o viajante com os filtros da sua formosura, a gente não tem vontade senão de ficar aqui, esperando que se realise o sonho da lenda, parecendo-lhe que a Ondina vae surgir da espuma do mar para nos surprehender com um doce beijo perfumado, ao qual a nossa vida fica eternamente presa.

E para quantos haverá, que tenha sido uma realidade este sonho, salvo, é claro, a qualidade mythica da Ondina, vestida hoje pela civilisação com a horrorosa *toilette* de baeta, e habitando, em vez dos palacios e grutas encantadas, *chalets* revestidos de roseiras em flôr, o que não é peior, talvez.

A praia da Granja, a mais graciosa e aceiada das estações balneares portuguezas, a praia por excellencia elegante, nasceu após a passagem da linha ferrea pelo sitio. Diz-nos a chimica, que o diamante é um carvão; a Granja, uma joia, tem, pois, essa mesma origem. Sahiu do fumo negro da locomotiva, graças ao empenho do alchimista Fructuoso Ayres, pae do actual bispo Ayres de Gouveia; porque ninguem amou com mais affecto essa joia, nem ninguem mais que elle e seus filhos contribuiram para lhe enaltecer o brilho de diamante. A Granja visita-se em um momento, recebendo-se por toda ella a mesma impressão de frescura, na praia, no club, nas ruas areiadas de barro vermelho e orladas de moutas de hortensias, no mercado com os seus pavilhõesinhos rusticos, nos *chalets* primorosos de elegancia e graça architectonica, e até na propria Estação, onde toma-

mos o comboyo que nos leva para o norte, roubando-nos á contemplação d'esta praia-*bijou*.

A linha ferrea corre á beira-mar, cortando as terras de *ARCOZELLO*, á qual pertence em grande parte, como já dissemos, o importante lugar do Corvo, maior do que muitas villas do reino. A quinta do Espirito Santo, da casa Pinto Basto, é um esplendido parque, digno de visitar-se. Transpondo o ribeiro de Arcozello, que á nossa esquerda desagua no mar, estamos dentro dos limites de *GULPILHARES*, á qual pertence a poetica ermida do *Senhor da Pedra*, que além se vê sobre um fraguedo, açoitado nas marés vivas e occasiões de temporal pelas ondas do oceano.

A romaria do Senhor da Pedra no ultimo domingo de maio é concorridissima por gente de muitas leguas em distancia, havendo na vespera á noite muito e variado fogo preso e do ar, que é a grande attracção do povo das visinhanças. A variedade dos costumes e belleza das mulheres, que ahi concorrem das aldeias proximas, não perdendo n'isto vantagens as de Gulpilhares, que passam merecidamente por formosas, torna o arraial do Senhor da Pedra um dos mais pittorescos do concelho e até mesmo do districto. *VALLADARES—estação*—, diz o empregado respectivo, e para além do pequeno edificio vê a gente a branca estrada, que leva ao interior da freguezia, onde se levanta a moderna egreja parochial benzida a 4 de julho de 1875. Rica e fertilissima, Valladares tem como a sua visinha *MAGDALENA*, que a seguir encontramos nos lindos valles encravados entre a linha ferrea e o mar, os mesmos elementos de riqueza e prosperidade que mais particularmente indicamos em Villar do Paraizo. D'aqui vão ao Porto as excellentes fructas e hortaliças, o leite e outros generos que lá se consomem, sendo em geral as formosas mulheres da Magdalena as que no mez de junho apregoam nas ruas da cidade o grande e saboroso morango côr de rosa.

Chegamos ás *Devesas*, ou melhor, entramos de novo em

Gaia,

cujo valor economico vamos em breves traços avaliar. São numerosas as escolas de ensino elementar e complementar que existem no concelho, muitas d'ellas devidas á iniciativa particular, outras sob a direcção immediata do Estado. Estas encontram-se nas freguezias de Avintes para os dois sexos, Canidello, Grijó, Gulpilhares, Mafamude, masculino e feminino, Olival, Oliveira do Douro, masculino e feminino, Pedroso, S. Felix da Marinha, Sandim, Seixezello, Valladares, Villa Nova de Gaia, masculino e feminino, Villar do Paraizo, Villar de Andorinho e Crestuma.

A imprensa de Gaia é, por assim dizer, a do Porto, que expõe e advoga todos os seus interesses; algumas publicações periodicas tem comtudo existido na villa, mas sempre com duração ephemera.

O *Relatorio da sub-commissão de inquerito industrial de 1881* registra os seguintes dados curiosos sobre a vida economica e industrial do concelho.

Moagens — 80 moinhos de vento e 100 moinhos de agua, empregando 100 a 200 pessoas.

Padaria — 40 a 50 fornos, empregando 200 a 250 individuos, a maior parte mulheres, ao salario medio de 180 e 160 réis.

Avintes é, por assim dizer, o quartel general d'essa industria, visto ser a freguezia que fabríca o pão de exportação para o Porto, a cujo mercado é levado pelas suas afamadas *padeiras*.

Pescarias — 4 *companhas de pescadores do mar,* regulando cada uma d'ellas por 15 homens; mas além d'isso uns 1:000 pescadores, que tiram do rio um contingente importante das receitas industriaes concelhias, accumulando á pesca do rio a apanha do caranguejo ou *pilado* na foz do Douro, para o venderem como adubo das terras.

Lacticinios — Ha numerosas vaccas de leite nas freguezias de Villar de Andorinho, Mafamude, Magdalena e outras; o leite é, porém, vendido todo no mercado do Porto e não sobra para a fabricação de queijos ou manteigas.

Construcções — Empregam-se n'estas industrias 1:000 a 1:500 operarios, carpinteiros, pedreiros, etc., cujo salario medio é de 360 a 500 réis.

Ferraria — Emprega 600 a 700 operarios, estando as pequenas e miseraveis officinas de prego batido e fechaduras localisadas ao sul do concelho, na Bandeira, no Padrão, no Marco e em Avintes. A principal serralheria de Gaia é a do sr. João Thomaz Cardoso, na rua Direita, sendo a sua especialidade os cofres á prova de fogo.

Telheiras — 150 fornos e 300 pessoas.

Cortumes — Existe em Grijó uma pequena officina.

Construcção naval — Póde dizer-se extincta; ha talvez uns 20 carpinteiros e calafates, e os estaleiros onde se faziam os navios de coberta estão quasi sempre desertos.

Tanoaria — É talvez a industria mais importante de Gaia; tem fabricas bem montadas e occupa ainda centenas de operarios já em pequenas officinas, já nos armazens de vinhos dos exportadores. As tanoarias de Gaia fabricam não só os cascos para exportação, como os que vão ao Douro buscar o vinho. Os processos são tradicionaes, a materia prima é a aduela americana ou russa; os trabalhadores, vencendo um jornal que va-

ría entre 320 e 360 réis, sahem da classe dos *matulas,* ou serventes de armazem, cujo numero orça por um milhar, quasi todos analphabetos.

Preparação de cortiça — 4 officinas, occupando 22 homens na cosedura e córte e 51 mulheres na fabricação das rolhas. Trabalho todo braçal, e officinas escuras e immundas.

Fundição de metaes — Uma officina insignificante em Crestuma, produzindo 100 tonelladas de panellas de ferro e occupando 14 operarios.

Tecelagem — Uns 20 teares domesticos.

Dobadeiras de seda — Occupam-se n'esta industria 100 a 200 raparigas dos lugares de Candal, S. Christovão e Villar do Paraizo.

Sapatos de liga — 80 a 100 mulheres vivem d'esta industria, recebem a trança e tecem o sacco *(carapiun),* trabalhando por tarefa e por conta do fabricante do Porto, que completa o objecto addicionando a sola.

Ourivesaria — Ha umas 8 officinas com 30 a 40 pessoas, vencendo o salario medio de 300 a 400 réis.

Ceramica — Occupa uns 60 a 80 operarios na fabricação da louça negra ordinaria.

Além de todas estas industrias que enumeramos, o concelho conta ainda a industria das grandes fabricas, como as de *Tabacos, Fidelidade* e *Brigantina,* em Villa Nova; as de *Distillação,* uma no lugar da Forada, de J. Andresen, outra em Paço de Rei, freguezia de Mafamude, de Silva Cunha & C.ª, outra de A. Michon, no lugar do Cavaco; a de *Lanificios,* em Valle de Piedade; de *Fiação e Tecidos de Algodão,* uma em Crestuma, outra nas Devesas; a de *Vidraçaria,* de A. Michon, no sitio do Cavaco; a de *Productos chimicos,* na Forada, em um armazem contiguo á fabrica de J. Andresen; as de *Saboaria,* uma em Valle de Amores, e duas no lugar do Padrão, em Mafamude; as de *Ceramica,* a principal nas Devesas, importantissima pela sua fabricação de telha, imitação da franceza, e pela de estatuetas; e depois a de *João dos Rios,* em Santo Antonio de Valle Piedade; a de *Braga & Irmão,* no lugar do Senhor de Além; a da *Bandeira,* as do *Cavaco,* e finalmente as de *Tanoaria,* uma no lugar da Boavista, outra na rua do General Torres, a terceira no lugar das Devesas, sobre a estrada. A simples enumeração d'estas, que são as principaes, basta para se fazer uma idéa approximada do valor industrial do concelho, que o leitor mais desenvolvidamente póde conhecer no *Relatorio* d'onde colhemos estes dados, o que nos poupa a explanar minudencias improprias d'este exame *á vol d'oiseau.*

Sob o ponto de vista agricola, a impressão recebida dos passeios atravez da zona cultivada do concelho, e o que dissemos na parte final do capitulo anterior é tambem o bastante para avaliarmos a sua prosperidade

e abundancia productiva. Limitamo-nos, pois, a apresentar o mappa do seu valor pecuario referido a 1870, julgando-o incontestavelmente inferior á estatistica que deve apresentar o recente inquerito agricola.

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	205	4:816$900
Muar	32	423$500
Asinino	144	686$600
Bovino	5:163	198:621$800
Lanar	869	498$300
Caprino	66	123$940
Suino	4:665	47:819$500
		252:990$540

Teriamos ainda a fallar da cultura da vinha nas altas arvores ou nas ramadas elegantes, na producção cerealifera do trigo e do milho, na horticultura tão immensamente espalhada e tão rendosamente productiva. Mas para que voltar á ecloga pastoril, se o que temos dito é já de sobra para dar um esboço do valor d'este concelho de Villa Nova de Gaia, tão prospero pela sua industria, tão rico pelo seu trabalho, tão pittoresco pelos costumes das suas lindissimas mulheres, como pela situação dos seus valles e collinas, tão venerando pelas suas tradições historicas!

CONCELHO DE GAIA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Arcozello, *S. Miguel*	885	1:100	1:985	436 *(a*
Avintes, *S. Pedro*	2:150	2:464	4:614	1:072 *(b*
Canellas, *S. João Baptista*	665	762	1:427	369 *(c*
Canidello, *Santo André*	828	920	1:748	380 *(d*
Crestuma, *Santa Marinha*	336	471	807	229 *(e*
Grijó, *O Salvador*	1:610	2:029	3:639	852 *(f*
Guetim, *Santo Estevão*	223	249	472	115 *(g*
Gulpilhares, *Santa Maria*	706	816	1:522	302 *(h*
Mafamude, *S. Christovão*	1:753	1:976	3:729	833 *(i*
Magdalena, *Santa Maria*	710	732	1:442	309 *(j*
Marinha, *S. Felix*	855	1:055	1:910	435 *(k*
Olival, *Santa Maria*	577	793	1:370	296 *(l*
Oliveira do Douro, *Santa Eulalia*	1:716	1:800	3:516	744 *(m*
Pedroso, *S Pedro*	2:420	2:713	5:133	1:237 *(n*
Perosinho, *O Salvador*	806	876	1:682	353 *(o*
Sandim, *Santa Maria*	841	1:087	1:928	418 *(p*
Seixezello, *Santa Marinha*	218	292	510	113 *(q*
Sermonde, *S. Pedro*	150	185	335	67 *(r*
Serzedo, *S. Mamede*	852	1:050	1:902	420 *(s*
Valladares, *O Salvador*	843	953	1:796	380 *(t*
Villa Nova de Gaia, *Santa Marinha*	4:370	4:756	9:126	2:102 *(u*
Villar de Andorinho, *O Salvador*	666	747	1:413	333 *(v*
Villar do Paraizo, *S. Pedro*	1:145	1:379	2:524	647 *(x*
	25:325	29:205	54:530	12:442

a Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Estrada, Espirito Santo, Pedra Alva, Fonte, Corvo, Villa Chã, Eirado, Arcozello, Sobreiro, Mira, Sá, Valle, Enxomil, Boa Vista, Boa Vista da Estrada, Villa Nova da Telha (pequeno logar meeiro com a freguezia de Golpilhares) e a quinta do Corvo no dito logar do Corvo.

b Comprehende esta freguezia os logares de Avintes, Aldeia Nova, Além do Ribeiro, Arcas, Arnellas, Azenhas, Balça, Cabanões, Campos, Casal, Chaves, Cunha, Espinhaço, Febros, Fontiella, Gradouro, Magarão, Outeiro, Portellas, Pousada, Rego Pinheiro, Rio d'Azenha, Rua Nova, Soutulho, Valleiras, Egreja, Paço, Quinta do Rego Pinheiro, Gandra, Fieis, S. Julião, Agradine.

c Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Canellas de Cima, Canellas de Baixo, Richosa, Souto de Migide, Curro, Outeiro, Serra de Negrellos, Serra de Migide, Cargual e Aldeia de Negrellos, Bocas, Eiras, Pica, Fundego, Costa, Regato, Mouta e Terços, Costa de Baixo e Lagos.

d Comprehende esta freguezia os logares do Paço, Canidello, Lavadores, Lumiara, S. Paio, Paniceiro, Meiral, e os casaes de Vizo e Verdinho.

e Comprehende esta freguezia os logares de Crestuma, Fioso, Touças, Sobral, Carvalhosa, Casalinho, Picoto, Lage, Barroco, Cimo da Aldeia, Deveza, Collegio, Burgo, Fonte, Castanheiros, Terrão, Caramona, Areia, Pena, Penedo, Cepo, Bessada, Murça, Lagôa, Quinta da Villa, Egreja.

f Comprehende esta freguezia os logares de Grijó, Albardo, Aldeia Nova, Boavista, Cabeço, Cabreira, Casal, Casaldeita, Chamusca, Corveiros, Curral, Ervilhaca, Farrapa, Feiteiras, Guarda, Lagos, Lavandeira, Loureiro de Baixo, Loureiro de Cima, Murraceses de Baixo, Murraceses de Cima, Outeiro, Perfia, Povca de Baixo, Povoa de Cima, Romeiro, Regedoura, Relva, Santo Antonio, Vendas; os casaes de Feiteira, Lavandeira, Farrapa, Relva, e a quinta do extincto convento que rodeia a egreja.

g Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Carvalhal, Aldeia Nova, Souto, Rameiro, Egreja Velha.

h Comprehende esta freguezia os logares de Gulpilhares, Emproa, Rio, Preza, Golpilharinhos, Além, Marinha, Francellos, Ameixieira, Portella, Chamorra, Pereirinho, Monte, Marco, Outeiro, Azenha, Aldeia, Carreira, Villa Nova da Telha, e tres quintas sem designação especial.

i Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Pedras, Trancoso, Bandeira, Raza, Santo Ovidio, Laborim de Baixo, Telhado, Paço de Rei, Agoeiro, Forneiro, Feijo, Casal, Arco, Via Sacra, Tras os Valles, Olleiros, Mouta, Laborim de Cima, Vendas, e o casal de Rechouza.

j Comprehende esta freguezia os logares de Magdalena, Aguim, Valle, Costa, Atheães, Marmoiral, Choupêllo, e as quintas de Aguim, Valle, Atheães e Gandra.

k Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Mesura, Juncal, Espinho, Brito, Granja, Monte, Picada, Além do Rio, Moinhos, Mattosinhos, Forta, Sanfins.

l Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Carvalho, Lavadores, Lebre, Amial, Lavadorinhos, Mozes, Gondezende, S. Miguel, Seixo Alvo, S. Martinho de Arnellas, Campo, Carregaes, Outeirinho, Mollelo, Arnellas, Casalinho.

m Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Garfães, Herdade, Jorgim, Juncal, Seara, Sant'Iago, Lameiro, Sardão, Lavandeira, Outeiro, Oliveira, Passos, Corredoura, Bairros, Deveza, Gervide, Coutos, Quebrantões, Sá, Formigosa.

n Comprehende esta freguezia os logares do Mosteiro, Affonsim, Bairro, Boa Vista, Alheira d'Aquem, Alheira de Baixo, Alheira de Cima, Burrelles, Carvalhos de Baixo, Casal, Casal Rijo, Codeçaes, Costa, Crasto, Feiteira, Figueiredo, Fofim d'Além, Fofim d'Aquem, Fonte, Gondinhães, Idanha, Jaca, Lamaçaes, Largo da Feira, Leiroz, Mexedinho, Mexedo, Moinho, Monte, Montido, Outeiro, Paradella de Baixo, Paradella de Cima, Pitança, Pizão, Ponte Pereiro, Rapoza, Rechousa, Rio de Lobo, Rua da Egreja, S. Lourenço, Samfalhos, Sanhoane, Seada, Santa Marinha, Tabosa, Venda Nova, Venda de Baixo, Venda de Cima, Villa Cova, Volta, e a herdade de Gojanda.

Lithographia da Imprensa Nacional.

o Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Loureiro, Barrosa, Costa, Crasto, Montido, Guimarães, Muar, Sergeiros, Casal, Pousada, Brandariz, Boa Vista, Cal, Pena, Maturro, Vestoria.

p Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Goigeva, Crasto, Gassamar, S. Miguel Anjo, Espinheiro, Passarias, Mosteiro, Mourilhe, Fontinha, Moscoso, Candieira, Sandim de Baixo, Cavada Velha, Valle, Recanto, Costa, Torrente, Santa Marinha, Gende, Gestosa de Baixo, Gestosa de Cima, Cabo, Regide, Bouça, Aldeia Nova, Villa Meã, Carregal, Marco de Gestosa, Calvario, Sá, e os casaes de Retorta, Chão do Moinho, Telha, Rouco, Lagar, Terças, Marco da Poça, Portellas.

q Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Rio, Fragosos, Lavoura, Cidral, Serrado, Couto, Feiteira de Dentro, Feiteira de Fóra, Cabeço de Baixo, Cabeço de Cima, Corgas, Vendas de Grijó.

r Comprehende esta freguezia os logares de Sermonde, Egreja, Asprella, Fontoura, Carvalhos, Boa Vista, Brantães.

s Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Figueira do Matto, Fonte, Alqueve, Barrosa, Pinheiro, Bedo (ou Bodo?), Figueira Chã, Aldeia Nova, Agrella, Passos, Reguengo, Curvadello, Outeiral, Boa Vista, Fontes, Souto.

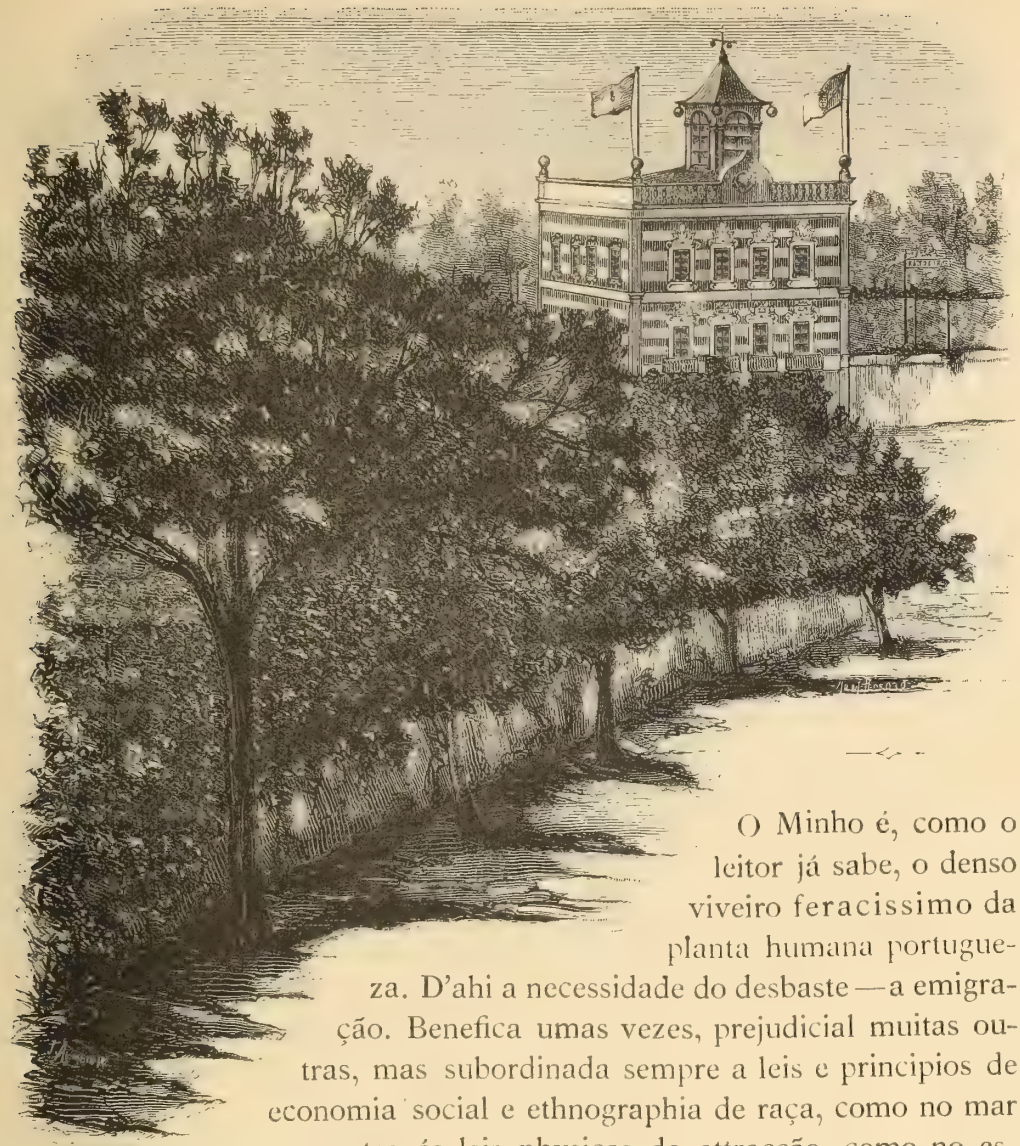
t Comprehende esta freguezia os logares de Valladares, Castro, Campellinho, Chamorra, Aldeia, Castanheira, Estrada, Eiroz, Egreja, Medeiros, Penouços, Villa Chã, Valladarinhos, Vella, Rio, Tertumil, Paço, Penedo.

u Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Marco, Candal, Furada, Regadas e Coimbrões; os casaes de Baixo, Fonte Santa, e as quintas ou herdades de Valle da Piedade, Cavaco, Cháo, Telheira, Maravedil, Barrosa, Cambada, Devezas, Belleza, Ferreirinha, Torrinha, Boa Vista e outras menores sem nomes especiaes.

v Comprehende esta freguezia os logares de Villar de Andorinho, Baixa, Balteiro, Gesta, Lijó, Mariz, Menezas, Moinhos, S. Lourenço, Serpente, e as quintas de Rechouza, Soeima, Quinta de Baixo.

x Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Villar de Baixo, Covinhas, Monte, Guardal, Junqueira, Agro, Outeiro, Ilha, S. Martinho, Cadavão, Chamora, Crojeira, Estrada, Capella, Jardim, Raza; o casal de Novias (ou Noivas?), e a quinta de Telheira de Cima.

O BRAZILEIRO



O Minho é, como o leitor já sabe, o denso viveiro feracissimo da planta humana portugueza. D'ahi a necessidade do desbaste — a emigração. Benefica umas vezes, prejudicial muitas outras, mas subordinada sempre a leis e principios de economia social e ethnographia de raça, como no mar as correntes ás leis physicas da attracção, como no espaço as aves ás leis das variações climatericas. Volta um por mil dos que partiram; mas esses que regressam, fixaram nas luctas asperas da vida um typo de selecção, como nas especies primitivas se fixou tambem o typo dominante após as oscillações e desalentos, as metamorphoses e accidentes do *struggle for life*. Partiram *minhotos* de raça, voltam *brazileiros* de adopção. Mas assim como as andorinhas, que emigram no outomno e volvem na primavera para constituir a familia, só por este facto se completam na sua integridade de pequenos seres alados, assim tambem o minhoto que regressa do Brazil, só de todo se torna *brazileiro* e affirma verdadeiramente a sua individualidade, quando reconstrue a casa paternal, ou edifica predio novo no verde canto da aldeia,

onde brincou na sua infancia. Sem isto é incompleto. Póde ser commendador ou visconde nas cidades, mas não tem direito á chancella popular, que o marcou na sua freguezia com o epitheto deslumbrador de *brazileiro,* a crystallisação do sonho feito riqueza, o encanto do vello de ouro traduzido pela abundancia do lar.

É uma curva fechada a d'esse typo, tendo nos fócos um luminoso sol—o trabalho.

Manhã cedo, a manhã da vida, levando no seu pobre coração ingenuo e na sua alma sonhadora e boa o orvalho da saudade patria, quanta vez uma condensação de lagrimas de mãe, elle, o doce heroe de quinze annos, atravessa com os seus sapatos novos de bezerro de Guimarães o eido onde as gallinhas cacarejam, como que a dizerem-lhe adeus, e onde o cão de guarda de pello ruivo, o seu querido companheiro de brinquedos, uiva um gemido lamentoso de despedida amarissima. Ondulam os salgueiraes sobre o ribeiro, as vinhas de enforcado estendem-lhe tremulamente os festões, como que a prendel-o em abraços, e sómente os melros, que patifes, assobiam nos vallados arias de alegria por se verem livres d'aquelle devastador de ninhos. Ao passar na fonte bebeu agua, talvez sem grande sêde, mas como que desejando levar o sabor d'aquella frescura sadia, que tantas vezes o dessedentára nas calmas do verão, ao regressar da escola. Adiante, com a caixa de pinho á cabeça, onde ia o seu precioso enxoval de emigrado, as toalhas de linho, as piugas novas, os lenços de ramagem, a mãe, que santa, caminhava em direcção á estrada, onde a diligencia ou o comboyo passariam em breve, roubando-o á doce felicidade do lar, ao conchego tepido e amoroso do ninho, onde se emplumára de sonhos a sua alma. Foi ao estreital-o nos braços, que a mãe lhe deu talvez o ultimo beijo; foi ao partir a diligencia ou ao arfar violento da locomotiva, que o pranto lamentoso e o adeus pungente cortaram o espaço em crispações medonhas a principio, depois em threnos doloridos de um doce côro angustioso e longiquo, mas que ao seu coração chegavam ainda na aza branca e pura da saudade.

Mar e ceu.

Do norte, a patria, soprava o vento que enfunava as vélas e fustigava as ondas, murmurando, que bem o sentia elle, recordações saudosas do passado, trazendo o aroma tenuissimo e casto da terra que se não via. A prôa, sempre ao sul, rasgava em cachões a vaga, com um furor indomito de lucta, victoriosa, altiva; lembrava-lhe a charrua, abrindo as terras de semeadura, crestadas e rijas pelos frios do inverno. Era assim que elle teria de fazer na dura campanha da vida;—cortar a direito pelos obstaculos com o aço firme da sua vontade!

Ia ser um homem, ia vencer ou morrer na guerra santa do trabalho. Aquelle brilho enorme do *Cruzeiro do sul,* que resplandecia no ceu como um carbunculo, ou havia de trazel-o no enorme diamante do seu grosso annel de ouro puro, ou havia de illuminar-lhe no cemiterio, ou em algum canto ignorado do sertão, a campa rasa onde se escondesse o seu cadaver.

Quantos annos de trabalho, quantos! A mocidade inteira passada sob um jugo de provações, a energia abatida nas crises de trabalho, as humilhações retalhando a alma, como um vergão de ignominia, a fome umas vezes, a miseria outras, exhausto pelo clima, quebrado pela doença, a *febre amarella* espreitando traiçoeiramente a prostração do organismo para se precipitar sobre elle como o tigre sobre a presa, as travessias rudes do sertão, o medo de ser roubado e esfaqueado no isolamento de uma floresta virgem, os perigos, as ameaças, a sobriedade de vida, a raiva da economia, toda uma batalha rija e prolongada de quinze, de vinte, de trinta annos, da qual sahe victorioso um luctador por mil, que morrem ao seu lado, na miseria, no hospital, na cadeia, no esquecimento. Triste!

Ah, pensavam cá na aldeia, onde no verão ha romarias nos adros e no inverno ha serões á lareira, que era só chegar, vêr... e colher o fructo da *arvore das patacas,* a arvore de ouro lendaria, que enchia o sacco de todos os que partiam? Que pungentissima illusão! Como o proprio triumphador feliz sabe o preço d'essa fortuna, que lhe sorriu por acaso no meio da sua lucta esforçada! Quantas cicatrizes fechadas com lagrimas, quantos soffrimentos gemidos em silencio! Venceu, porém! Hossana ao filho da fortuna! O papagaio de pennas auri-verdes diz peremptoriamente: *Para Portugal, para Portugal.*

*

* *

A prôa vem agora ao norte, o mar é calmo como um lago, as vagas beijam em arrulhos timidos de pombas o costado negro do vapor! Um dia, dois dias, quinze! Principiam as aguas a esverdear, um ponto escuro surge além por sobre o disco do horisonte! Terra, terra, a terra santa da patria! Como as lagrimas de alegria, brotando de olhos já seccos de chorar, reverdecem n'um instante a flôr azul da saudade! Como toda a infancia surge n'uma apotheose de luz, e todo o passado se veste de fartas grinaldas de rosas!

Repicam alegremente os sinos da freguezia, estrugem no ar as bombas de dynamite. É o *brazileiro* que chega á fresca aldeia viçosa, onde o esperam ainda, que felicidade, os braços tremulos d'aquella mesma mulher, que ha vinte annos carregára na sua dolorida cabeça de martyr e de

mãe a modesta caixa de pinho, onde ia o enxoval do fugitivo. Ha lagrimas de alegria em todos os olhos, flôres esparsas na eira, linho novo nos leitos, vinho á discrição nos picheis, mesa abundante para quem entra. Só elle não tem vontade de comer, só elle sente o embargo da commoção profunda, que lhe estrangula a garganta, como um nó, que os beijos não desfazem!

Bellas raparigas, perguntas rapidas, informações em tropel, os mortos que se lembram em uma phrase, as scenas infantís que se recordam em risadas homericas.

Vem depois as visitas, as romarias, as feiras, a primeira viagem com a mãe e a familia ao Bom Jesus de Braga, ao Porto. O dinheiro corre, as dadivas são generosas, mas a intriga começa, a exploração principia. É este o momento psychologico da formação das variedades, da sua integração definitiva. Uns, sob o pretexto de que tudo os incommoda e a tudo preferem o seu descanço, vão nas cidades formar a colonia pacifica dos hoteis, numerada a guardanapo e a garrafinha de agua de Vidago, passeiando aos bandos e conversando nos *palheiros,* cahindo em massa sobre o Gerez, as Pedras Salgadas, Vizella, quando sôa na clepsydra medica a hora de retemperar o figado ou de melhorar o rheumatismo; outros formam a ala espalhafatosa dos viscondes, dos commendadores, dos barões; frequentam o theatro, fazem negocios de bolsa, assignam as subscripções de caridade, offerecem cobertores de papa aos albergues e asylos e... tem pela familia real o fetichismo de neophitos do brazão. Um terceiro grupo vem enfileirar modestamente ao lado da burguezia, na constituição tranquilla e honesta da familia; desdenha dos primeiros e dos segundos, é republicano por contradicção e politico *quand même,* sendo certo no verão na sua quinta de recreio. Qualidades communs tem-as todos; viajam ao estrangeiro com um *ciceroni,* sem nunca terem visto o seu paiz; jogam o *solo,* a questão é de paga; soffrem por egual do figado e rins; enchem no verão as praias e as estações de aguas; tem na sua cosinha, abundante e farta, os mesmos pratos dilectos, a feijoada estupida com farinha de Seruhy e carne secca, o doce de cajú, o abacachi e a banana. Uma ultima variedade existe ainda, talvez a mais pura, talvez a caracteristica do typo classico; é a d'aquelles que tendo a alma ainda sufficientemente forte para sorrir de miserias pequenas, vem realisar na aldeia o seu querido sonho de tantos annos — viver na doce paz da natureza que os cerca.

Taes são os typos do *brazileiro* minhoto; tal é a borboleta sahida da crysalida trabalhadora, sobria e economica nas terras de além-mar, espalhando a abundancia na sua aldeia natal. A *toilette* clara, o chapeu de palha do Chili, quando mais não seja do que para o quintal ou para as ro-

marias, os berloques do relogio, o grosso annel de brilhante, a camisa branca e engommada, os joanetes monumentaes, o mausoleu de marmore no cemiterio da parochia, são d'elle e só d'elle nas verdes terras do Minho. A casa apalaçada, onde fluctuam tanta vez os pavilhões portuguez e brazileiro, sem estylo architectonico, mas de uma polychromia viva, em tintas ou azulejos ouro-verde, azul, côr de rosa, amarello, com bolas de vidro coalhado na clara-boia em zimborio, destacando por entre a folhagem das arvores de fructo, ou vindo até á estrada por um amplo corredor coberto a vinha, enfestoada em fio de arame ou madeira pintada a vermelhão, é d'elle. Os muros pintados mostrando ao longo da estrada as estatuetas de barro, os leões de louça, as trepadeiras floridas, os caramanchões do jardim, as cascatas de conchas com repuxo, os largos portões de ferro com as grossas lettras da firma do proprietario, as ramadas altas, esmeradamente tratadas, e aqui e além o aviso ingenuo — *cautela com as ratoeiras* — são d'elle, exclusivamente d'elle. O seu ouro, ouro abençoado, restaurou aqui a fachada vetusta de um mosteiro, acolá a casa arruinada de um fidalgo, n'outro sitio a velha habitação miseravel que fôra de seus paes; adiante transformou uma herdade sem valor n'um rico predio rustico, onde a agua corre alegremente e os laranjaes se vestem de flôres. Se a torre da freguezia se avista de longe na sua brancura de caramello nevado, a elle o deve; se as creanças chilream, como os passaros, ao sahir da linda casa da Escola, onde a luz entra por amplas janellas rasgadas, foi ainda o seu ouro que produziu essa alegria. Os santos devem-lhe vestidos novos, as egrejas altares de talha dourada e alfaias de prata deslumbrante, as solitarias ermidas solemnes festas e fogos de artificio nunca vistos. O pequeno rei d'aquelle mundo é elle; o abbade acha-o talvez um poucochito pedreiro-livre, o boticario embirra-lhe com a homœpathia, o mestre-escola chama-lhe bazofião e tolo; mas todos elles, ao verem-o despontar na volta de uma azinhaga, curvam-se reverenciosos e preparam o seu melhor sorriso para o festejar na passagem.

— Porque é bom homem afinal, apezar de ter a embofia do dinheiro, franco e hospitaleiro na sua casa, fallador e chão, sem o empertigamento inteiriço do antigo typo do fidalgo, que elle substituiu bizarramente. É pão pão, queijo queijo.

Tem um fraco todavia esse bom homem, solidamente fixo sobre os seus rins; — morre-se pelo sexo fraco, um sexo, ai d'elle, demasiado forte para as suas forças exhauridas, para o seu figado calculoso e congestionado. Desperta-se-lhe o amor serodio, o mais triste de todos os amores, e legitimamente constituindo a familia, ou procreando-a naturalmente com a primeira rapariga que o seu dinheiro fascina, elle realisa o typo do ma-

rido ou do amante *banana,* typo aliás sobre que o bom Deus misericordioso tem feito chover, desde os tempos biblicos, as felicidades e os filhos. Por este lado, pois, o do apuramento da raça, o *brazileiro* é um agente de degeneração, de que os governos tem a precaver-se, quando os governos se lembrem um dia de pedir á biologia e á moral a estatistica d'esses cruzamentos! É tambem a divida que o *brazileiro* peior paga á terra que o deixou emigrar; todas as outras, que os sociologistas merencorios por ahi apontam, resgata-as elle tornando-se na aldeia um typo predominante, d'onde sahe para a lavoura o exemplo, d'onde sahe para o trabalho o estimulo. Com uma illustração superior á dos seus visinhos, assignando um ou mais jornaes, cultivando a terra com amor, introduzindo na alfaia agricola melhoramentos modernos, fabricando o vinho com escrupuloso asseio, apurando as raças pecuarias, arborisando terrenos incultos, repovoando os pomares, etc., elle vê sorrir em volta do seu casal toda uma natureza até ahi depauperada, e sabe demonstrar pelo exemplo como a terra produz ouro, quando a semente é de prata. Além de todo este renascer agricola, que o seu dinheiro fomenta, as pequenas industrias encontram n'elle um consumidor activo, nas obras que emprehende, nas minas que abre, nas casas que levanta, no viver domestico desafogado, em todas as mil pequenas coisas emfim, onde a sua iniciativa é incontestavelmente mais rasgada do que a pêca actividade do lavrador, que nunca descobriu outro horisonte além do da sua aldeia.

Não especialisamos as terras que ao *brazileiro* devem a sua prosperidade sorridente; se o leitor por ventura leu os capitulos, que formam o *Minho Pittoresco,* ha de encontral-as assignaladas ahi. Se os não leu, e quizer conhecel-as *de visu* na sua primeira viagem de recreio a essa provincia encantadora do norte, quando lhe não bastem os caracteres esboçados n'estas paginas ao leve correr da penna, tem um signal infallivel para isso. É onde, na varanda de uma casa polychroma, enfestoada em verdes arvores de fructo, palrar alegremente o papagaio *real:*

Para Portugal, para Portugal.

ROMARIAS E FESTAS AGRICOLAS

Espadellada — Desenho de João de Almeida

Primavera.

Á alleluia da egreja corresponde a ressurreição da natureza e a primeira festa do lar — *a paschoa*. A terra, virginal e fresca, veste de noiva; o sol, caricioso e tepido, beija amorosamente as macieiras em flôr. Alleluia, boas festas! O *compasso* percorre a aldeia para receber o folar; vem a cruz enfeitada com laços de fita e aromatisada com essencia de cravo, o abbade traz sobrepeliz nova, o mordomo opa de seda escarlate. Ao longe, quando se avistam, parecem duas papoulas enormes, uma branca, outra vermelha, matisando o verde esmeralda da campina e os sarmentos novos da vinha de enforcado, rendas de Malines, que franjam deliciosamente os caminhos. Que lindo está o rebentar das arvores, e como exhala um cheiro tepido e appetitoso sobre a toalha branca do linho, fiado em casa, o grande alguidar vidrado, onde o arroz aloirou ao lume brando do forno, envolvendo o carneiro classico da paschoa. Boa côr a do vinho, que scintilla, como fusão de rubis, nos largos copos de vidro. Se a familia está reunida, se de longe vieram os ausentes, não é só para beijar a cruz, é tambem para beijar os copos. Vá, pois, de assentar á mesa, visto que é a

primeira festa do lar esta da paschoa, por feliz acaso coincidindo com a ressurreição da natureza. Sorri para os espiritos a esperança de um bom anno, como para os botões do arvoredo sobe promettedora a seiva hilariante e forte, que os ha de florir e fazer fructificar. E o caso é que já vão pintando as cerejas, e que ha ninhos numerosos pelos vallados; ainda agora pousavam sobre uns malmequeres duas borboletas côr de prata, que andavam pelo azul em volupias amorosas, doidas, doidas, como se ellas só tivessem prelibado no sagrado calice da vida o mysterio doce da fecundação. Egoistas, que não vêem por toda a parte sorrir Pan, tocando na maviosa flauta a canção eterna do amor! Até nas devesas se ouve o cuco, a ave casamenteira e phallica por excellencia; é vêr como as raparigas lhe perguntam:

Cuco da carvalheira
Quantos annos me dás solteira?

e contam depois anciosamente as *cucadas* para aferir por ellas os annos da sua visão amorosa. Até a propria terra, a noiva gentil, ainda agora toucada de flôres, sente as entranhas rasgadas pelo aço luzente da charrua e recebe no seio castissimo e fecundo a semente que a mão do homem, o seu dominador eterno, ahi depositou para que a germinação principie. É o tempo alegre das *beçadas*, ou *lavradas*, o tempo dos dias grandes de maio; só o amor os acha curtos na sua profunda absorpção de apaixonado:

Dias de maio, dias de amargura,
Mal amanhece já é noite escura,

diz a lenda da namorada, que, indo ao campo levar uma grade e encontrando o *conversado,* passou o dia inteiro em colloquio amoroso, parecendo-lhe leve o fardo, e pequeno ainda o tempo da palestra. Não dizem, porém, o mesmo os homens da lavrada, que vieram com as suas juntas de bois auxiliar a *beçada* do visinho; tarda-lhes a merenda n'estes dias interminaveis de maio!

Movem-se lentamente os arados; os bois, curvo o pescoço, bafejam a terra com o seu halito bento e deixam pelos cantos da bocca espadanar a saliva em fio. Que preciosos e valentes companheiros estes! Bicando os insectos, sobre o solo revolto, saltitam alegremente as *lavandiscas,* e lá ao fundo, pendente do braço a cesta da semente, o velho lavrador benze-se devotamente ao principiar a tarefa, chega a cesta ao bafo do boi, que é sagrado, e esparge sobre a terra negra o primeiro punhado da semente:

S. Fructuoso
Milagroso,

As romarias começam. Annunciam-as já as bandeirolas nos altos mastros engalanados a buxo, e os foguetes de dynamite, estoirando aqui e além, sobre as ermidas solitarias; preludios apenas em que repicam alegremente os campanarios modestos, esperando que do côro dos grandes sanctuarios a orchestra rompa a symphonia brilhante do festival. A quinta feira da Ascensão, em que, segundo a lenda, as aves, pela hora aberta do meio dia, abatem sobre os ninhos, onde se conservam quietas o espaço de uma hora, sahindo depois para entoar cantos á Virgem, é, por assim dizer, a *ouverture* da opera. N'esse dia ha romarias espaventosas já, uma d'ellas nos arrabaldes do Porto, a da Senhora da Hora, concorrida por milhares de romeiros. O Espirito Santo, porém, adorado no symbolo phallico da pomba, é que marca realmente o momento das fortes harmonias vibrantes, o grande primeiro acto do festival popular: — tres dias para o Bom Jesus e Sameiro, outros tantos para o Senhor de Mattosinhos!

*

* *

Verão.

As romarias intercalam-se com os trabalhos agricolas; a viola geme os cantares amaviosos e ternos, quando se volta do sacho, ou se vae para o linhar. Ha flôres e fructos; o espirito exulta desannuveado do pesadello do inverno, o *porco preto* que o S. João perseguiu. É vêr tambem como este chega da batalha:

Oh S. João d'onde vindes
Pela calma, sem chapeu.
Venho de vêr as fogueiras
que me accenderam no ceu.

Mas accendem-lh'as cá na terra egualmente! Ou ellas não servissem para queimar as alcachofras, onde as raparigas vêem a sorte dos seus amores! Santos mais milagrosos poderá haver; mais populares não, que elle é a personificação mythica da alegria e o advogado do amor. As terras são acariciadas pelo rocio das suas orvalhadas e as hervas

... todas são santas
Na manhã de S. João,
Só o trevo, coitadinho,
Fica de rastos no chão,

humilhação de que elle bem se desforra, quando as raparigas o procuram, visto que o trevo de quatro folhas, achado n'essa manhã, dá não só a felicidade a quem o encontra, mas serve ainda, quando mettido debaixo da

pedra d'ara, sobre que um padre diga missa, para encantar qualquer pessoa. Não deve esquecer tambem o *azevinho,* em volta do qual se dança e canta:

Azevinho, meu menino,
Aqui te venho colher
Para que me dês fortuna
No comprar e no vender
E em todos os negocios
Em que me eu metter,

e que, além de taes virtudes, serve para queimar nas trovoadas; a *herva pinheira,* que reverdece á cabeceira do leito, conforme são ou não correspondidos os amores; o *carvalho cerquinho,* que cura os meninos quebrados depois da supersticiosa ceremonia da meia noite, em que uma Maria e um João, ambos virgens, passam o menino através da fenda aberta em um ramo da arvore; a herva de *Nossa Senhora,* que se põe no telhado para saber a sorte dos ausentes; a da *fortuna,* que é tambem um presagio; o *jarro,* que annuncia a esterilidade ou abundancia do anno; a oliveira, que é paz; o alecrim, o alho-pôrro, que afugenta os espiritos malignos, e tantas outras finalmente, todas ellas colhidas antes do nascer do sol, quando se vae ás orvalhadas do S. João, ou á meia noite d'esse dia cultual.

Oh, que lindo luar faz
Para colher a marcella,
Vamol-a colher ambinhos,
Faremos a cama n'ella.

Até as mouras encantadas vem nas fontes pentear-se com os seus lindos pentes de ouro, a essa hora solemne. Decididamente é a quadra dos amores e a dos requebros da paixão. Por isso a cantiga popular aconselha:

Na noite de S. João
É que é tomar os amores,
Que estão os trigos nos campos
Todos com as suas flôres.

E é aproveitar a altura dos trigaes, oh raparigas, visto que o sol os vae dourando a tal ponto, que estão pedindo já a foice do ceifador. Mas primeiro ha que arrancar o linho, que está loiro tambem, e que precisa aproveitar as claras aguas correntes ou as presas empoçadas, antes que a estiagem as seque.

Que lindas manhãs as dos linhares! Debruçadas sobre a terra, formando um vistoso grupo com os seus fatos coloridos e a camisa branca arregaçada nos braços, as moças vão arrancando o loiro linho, e cantando ao mesmo tempo para se distrahir. A musica vem por vezes, nos

linhares de estrondo, alegrar o trabalho; um grupo de tocadores e um *cantador* e *cantadeira* de fama estacionam perto da *arrancada* e então é que é ouvir a ironia vibrante das cantigas, a suavidade terna e amorosa, a espontaneidade dos conceitos. Depois, que brincalhões estes rapazes! Vendo as raparigas curvas sobre o linho, agarram-as pela cintura brutalmente, e no meio das gargalhadas geraes e das facecias fresquinhas—lá isso porque occultal-o—rolam-as sobre o avelludado tapete do linho com grande applauso dos outros moços... quando não são elles os submettidos, porque ha braços de raparigas que não são apenas cobras voluptuosas de amor, são feixes de rijos musculos capazes de envergonhar um gymnasta.

As ceifas do trigo vem immediatamente a seguir e para logo principiam nas eiras as *malhadas* feitas pelo systema rude e primitivo do pé de boi e do homem. Enfeixam-se de manhã as paveias na eira, e ha sempre o cuidado de esconder por lá um ou mais pães de trigo, ás vezes uma garrafa de vinho, para que a festa seja animada. Ao pino do meio dia, quando o sol aquece a valer, para que o trigo esbagoe melhor, as juntas de bois do lavrador e as dos visinhos entram galhardamente na eira e avançam para sobre o trigo, que vão durante algum tempo pisando, sempre n'uma linha circular. Apparece o pão e o vinho, é vêr quem o apanha, dá cá, toma lá. A palha vae já rasa com a eira, é preciso de novo levantal-a; os bois recolhem entretanto, para que o *engaço,* o velho instrumento gaulez, venha substituil-os por um pouco. É tambem a hora do jantar; o arroz açafroado e o bacalhau com batatas pucham a pinga do verde! Comer, comer depressa para aproveitar o calor; pela segunda vez os bois voltam á eira, os engaços trabalham, formam-se as medas a que se põe um corucheo pimpão com a cruz de maçãs, ou uma bandeirola, escriva-se o trigo, mede-se o valor da semente.

Muito ha que fazer n'esta quadra; até os bois andam magros pela falta de pastos e pelo excesso do trabalho. Os milhos ainda querem sacho, os das terras lenteiras especialmente; pois é dar-lh'o com urgencia e regar, regar, mas que as horas da rega não tragam desordens, não dêem na villa que fazer á justiça.

Horas de calma; a luz incide cruamente sobre os milharaes engalanados de flôr. Uma voz, é talvez a da rapariga que anda além a apanhar o pendão, canta na serenidade da natureza:

Quem quizer que a agua corra
Dê-lhe um golpe na levada,
Quem quizer o amor firme
Cale-se e não diga nada.

Por nossa parte seremos discretos, rapariga; assim tu não atraiçoes o segredo do teu coração, quando encontres, á noite, o tocador da viola, na festa da *Espadellada*.

Alto vae o luar, mais alto ainda o sete estrello; e formando roda na eira, como a nossa gravura representa, as raparigas da aldeia batem compassadamente o linho novo com a lamina firme da espadella, umas sobre o cortiço rude e primitivo, outras sobre o espadelladouro rebicado. É um desapparecer de linho e um formar de poejo nos cortiços, como não ha exemplo; as mãos da mulher que o distribue não chegam para os pedidos, mas em compensação embebem-se-lhe os olhos n'aquellas estrigas loiras, que hão de formar um dia o seu bragal. E as espadellas cahem monotonamente sobre o linho, e as raparigas cantam um doce côro em terceiras, que se evola para o longe na onda perfumada do luar.

Vae distribuir-se o *ceiote,* a sardinhita com borôa! Mas eis que entram na eira os *mascarados* para intrigar as raparigas, e a confusão se estabelece. Oh moças, vá de assentar que lá se vae o trabalho! Isso sim! E então agora que chegaram também os tocadores! Resistam as velhas e as casadas ao soluçar da *harmonica* e da viola; as raparigas não estão para ahi viradas! Dançar, dançar, que o linho não perde com a demora.

Oh tocador da viola
Repenica-me esses dedos,
Se te quebrarem as cordas
Aqui tens os meus cabellos.

Como depressa te atraiçoaste, rapariga; bem t'o diziamos nós ha poucas horas! Tambem, que importa isso, o amor não é coisa que se esconda, e muito menos o que uma *cantadeira,* o rouxinol do campo, tem pelo *cantador* de fama, o melro feliz d'estas devezas.

As danças populares intermeiam-se, que horror de amalgama, com as valsas e quadrilhas cidadãs! E no entanto como é linda a canna verde, a canna verde do mar! Bem fazem as que espadellam, recordando o seu tempo de mocidade, em protestar contra as innovações!

Alto vae o luar, e a *espadellada* tambem, porque pouco linho resta já! Mas na calada da noite ouve-se ainda o isochrono bater da espadella no cortiço, e a musica suave dos córos femininos, levada pela onda mysteriosa do luar até ao coração da floresta sombria.

De 15 de agosto a 8 de setembro os milhos amadurecem, a uva pinta com força, os fructos sazonam bem. Sob esta calma creadora e forte como que se vê anceiar a natureza em latejos amplos de fecundidade. É tambem o cyclo das grandes romarias, o culto da Virgem-mãe, da Terra tal-

vez, a alma-mater, adorada, como nas antigas religiões naturalistas, ao avisinhar o momento solemne da sua maternidade. Visitam-se os grandes sanctuarios da Peneda, da Abbadia, de Porto d'Ave, do Sameiro, além dos que tem cada concelho para a *Senhora* da sua particular devoção. O *Zé Pereira* atira-se valentemente aos bombos e ás caixas, faz corropios no adro, atroa com o zabumbar dos seus tambores, e no alto Minho tambem com a *müñera* da gaita de folles, o ar festivo, onde estalam os morteiros,

e onde cahem, como pedrarias brilhantes, as lagrimas dos foguetes de côres. Na vespera é tambem o que ha de melhor, o fogo preso e do ar; formam-se os grandes acampamentos ao ar livre, sob o luar limpido de agosto; e em quanto as *arvores* não ardem, o *barbeiro* não move o amolador, a *mulher da roca* não fia, a *macaca* não estoira, organisam-se no terreiro os bailados, — a canna verde, o regadinho, a chula, ao repenicar da viola, ou ao gemer soluçante da rebeca e do *harmonium,* se é que se não aproveita a musica, que transborda do alto do coreto n'uma larga prodigalidade bohemia de colcheias e semifusas. O vinho e a petisqueira, quer viessem de casa, ou se procurem nas tendas ambulantes, não faltam para aquecer e retemperar as forças; quartilho mais, quartilho menos, que importa? A uva está ahi a pintar que é um gosto olhar para ella... Estoiram

os primeiros foguetes, as *arvores* esfusiam alegremente na sua rotação illuminada. Applausos, murmurios expansivos, palmas, troças, acclamação ao fogueteiro, rugidos pedindo a musica, um rumor de cinco, de dez, de vinte mil vozes no expandir hilariante da alegria. Depois, quando o luar esmorece, velando talvez a face de pudor, o que segredam baixo as devesas proximas e o que dizem sem rebuço os alpendres dos sanctuarios, onde se dorme n'uma promiscuidade de sexos, que não ha bem distinguil-os! Dorme... Quem dorme lá, isso sim! É já ahi uma alvorada de musica e foguetes, que vae tudo raso. Depois as missas, verdadeiras missas campaes, em que está vinte vezes mais gente fóra da egreja do que a que fica lá dentro! E é vêr como, apezar do povo que ficou da vespera, as estradas transbordam de romeiros novos, as raparigas cantando e dançando, os velhos conversando sobre a novidade proxima. Toca a fazer alto e a preparar, que ali está já a primeira capellinha, ou o primeiro cruzeiro enfeitado; boa *toilette* a que se faz ao abrigo de qualquer penedo, á sombra de qualquer vallado. Tiram-se do cesto as meias brancas e as chinellinhas rebicadas.

—Que tem os homens que espreitar? Olha agora, que nunca se viu uma perna a calçar uma meia branca;—até ao joelho é do concelho—para que o saibam... O rancho, simples umas vezes, acompanhado outras de *amortalhados,* ou *romeiros,* ou de algum boi ou vitella engrinaldado de fitas e flôres, dá finalmente entrada no terreiro, faz a sua oração na egreja, offerece as *promessas,* e executa as voltas em redor do templo, a pé ou de joelhos, cantando ou resando. Depois é percorrer as tendas, comer, dançar, e vêr dançar, ou refrescar com uma melancia! Feliz quem pôde apanhar lugar para a missa cantada ou para ouvir o sermão, mas o aperto é tal que não convida a entrar na egreja.

O sino repica alegremente, a musica vibra triumphante, os morteiros fazem estremecer os alpendres! É a procissão que vae dar volta ao cruzeiro, mas que difficilmente poderia romper o enorme agrupamento humano, se o *Zé Pereira,* um damnado para estas coisas, não abrisse caminho com as suas evoluções phantasticas! Ahi vem um andor, bravo! nem o pinheiro mais alto, e todo engalanado a plumas, a galão de ouro, a pequeninos espelhos refulgentes! Que riqueza de ouro levam os anjinhos! O pallio, o pallio! Vão os mesarios ás varas; a custodia, nas mãos tremulas do abbade, scintilla fulgurações radiantes. De joelhos, de joelhos! Que sol de rachar! Vá mais uma melancia ali á sombra de uma carvalha; venha de lá essa borracha para que não vá pesar pelo caminho! Confusão, tumulto lá para um canto, varapaus no ar! Ajuste de contas entre ciumentos, vinho, vinho é que é! Mas a coisa é seria! A bordoada ferve,

os animos exaltam-se, o rapazio foge, as mulheres gritam!... Santo Deus, que vae ahi o dia de juizo! Boa romaria faz, quem na sua casa está em paz! Olha agora por causa de uma mulher, como se não houvesse muitas n'este mundo!

A romaria desfaz-se, o formigueiro humano retira amollentado e exhausto. É tambem o signal que o sol espera para mergulhar no poente por entre um esbrazeado de nuvens, e o que a lua espreita para se erguer afogueada no fundo perola do ceu.

*

* *

Outomno.

S. Miguel farto. Azafama nas eiras, nos campos e nas adegas. Segar o milho, fazer a vindima, limpar os espigueiros, recolher as palhas, seccar o feijão, provar o vinho novo! Á noite na eira, ou sob o colmeiro largo do alpendre, as *esfolhadas* alegres, simples as mais das vezes, outras com *festadas* e *cantadores!* Cá está, cá está a *espiga* vermelha, a que confere as regalias de rei, ou de rainha, conforme o sexo de quem a achou. É dar o abraço ás moças, que as velhas bem o dispensam! E vocês, raparigas, nada de vergonha; é uso e costume, não se vos pega a peçonha!... Deixar aloirar as espigas na eira, para as guardar no canastro! Ha muito tempo de as debulhar depois, ou seja com o mangoal, ou descarolando á mão, que é bem melhor. Boa colheita, S. Miguel farto! Só ha que louvar a Deus! O vinho então sahiu com uma força que vae pelo verão fóra sem toldar!

Ainda fica, depois de pagar as rendas, com que ajudar as raparigas no casorio. S. Miguel colhido, dote promettido! E é casar, casar agora, que vem ahi as noites frias.

*

* *

Inverno.

As arvores despidas estendem sobre a terra abandonada os braços mirrados e esqueleticos. As chuvas innundam os caminhos, as levadas correm do monte com fragor. Mal ha uma restea de sol para levar o gado ao pasto, e não é sem motivo que o pastor exige a *coroça* para se aventurar ao tempo que faz lá fóra. Os lobos descem aos valles, a candeia espirra nos serões compridos, feitos junto á côrte do gado, para se aproveitar o tepido calor dos animaes. O que vale são na lareira os toros de car-

valho e na mesa os picheis de vinho quente. É já de arrepiar o frio. Mas ahi vem o S. Thomé que é o tempo das matanças

Pelo S. Thomé
Faz o porco qu..é, qu..é.

Outros dizem:

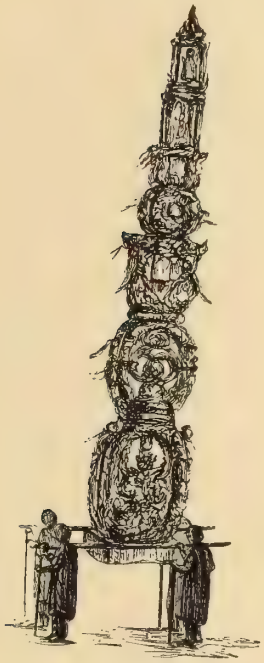
Quem não tem porco
Mata a mulher,

annexim que parece recordar um sacrificio dos tempos barbaros, como é ainda hoje a morte do porco. O animal é estendido sobre um banco, alguns homens o seguram, e o *matador* crava-lhe no pescoço a grande faca de ponta, enterrando-a até chegar ao coração. Morto, chamuscam-o no chão com palha centeia, raspam-o com pedras e facas, lavando-o com agua quente, e por fim penduram-o n'uma trave com a cabeça para baixo, abrindo-o em seguida para extrahir as visceras. Dias depois é a *sarrabulhada,* o grande banquete solemnisador do sacrificio, ao qual assistem os parentes e amigos do dono do porco, e para o qual se abre de proposito o primeiro tonel do vinho novo. Prepara-se depois o fumeiro, que não tardam ahi as couves novas, amaciadas pela neve, e não ha para fazer um caldo verde appetitoso, como um naco de chouriço e a couve gallega bem migada. O frio aperta, as serras toucam-se de neve. Lá diz o rifão:

Dos Santos ao Natal
Bem chover ou bem nevar.

E o natal está á porta, que são bem curtos os dias. Ha nos campos um recolhimento doce e triste, como se houvera descido ao *in pace* de um tumulo a natureza hilariante e forte. Ainda bem que o campanario toca para a novena do Menino, deitado nas palhinhas do prezepe, e que os braços se estendem para apertar os ausentes. Ceia de Natal, formosa ceia de lagrimas e risos, saudosa recordação da infancia, como é delicioso o teu vinho, e branca a toalha da tua mesa! Que aroma resinoso deixam na lareira as pinhas mansas e como arde bem o tronco nodoso de oliveira, que ha de conservar o lume, vestal sagrada, até ao dia de anno bom. Nunca tão bem soube o prato classico do bacalhau com grelos, ou *olhos* tenros de couve, regado pelo azeite novo; e até aos menos gulosos causam indigestões as rabanadas, ou fatias abeberadas em vinho, e os pastellinhos de abobora, que são o enlevo das creanças. Jogam-se os pinhões a um canto da larga mesa; o *rapa* de marfim, como um pequeno gnomo, gira vertiginosamente decidindo as contendas entre o avô e os netos. Que

delicioso vinho, esse venerando vinho velho, que o patriarcha da familia deita devagarinho da garrafa poeirenta para os calices de crystal, com o fim de se brindarem os ausentes queridos, os vivos do nosso coração. E ao voltar da missa do gallo, ao metter na cama por esta noite gelada de dezembro, que bem que sabe o vinho quente com mel, em quanto lá fóra a noite glacial estende sobre os campos um lençol alvissimo de neve, mortalha mysteriosa occultando o phenomeno eterno e sagrado da transformação da terra-mãe na eterna frescura da terra-virgem.



CANTIGAS

DO

MINHO

A poesia do povo é a mais expressiva synthese do seu viver affectivo; n'esse cadinho de ouro fundem-se os thesouros da sua moral e tradições historicas, as alegrias e tristezas do seu coração, os costumes do seu trabalho e da sua vida domestica, a expressão dos desejos que esvoaçam na imaginação, formando a doce photosphera da alma, o amor, a sensualidade, a paixão, o soffrimento, a duvida, a ironia. Como podia o Minho deixar de ser poeta, deixar de vasar na melodia do rythmo os sentimentos que transbordam das vibrações dos seus nervos, elle impressionista e sensual, hospitaleiro e valente, amoroso e credulo, tendo no sangue as tradições do celta, tendo no espirito o pollen das flôres grega e arabe, havendo por si constituido a propriedade e a familia, tendo com o sangue das suas veias renovado a liberdade por meio da revolução, emigrando a cada hora como os antigos que iam em busca do maravilhoso ao paiz lendario do ouro, ouvindo dia e noite o murmurio casto da agua, que o rouxinol tanto procura quando canta, tendo constantemente sob os olhos a larga facha azul do oceano, onde se desenrolam os grandes quadros tragico-maritimos, e onde se balouçam voluptuosamente, nos dias de calma suave, as lanchas dos pescadores? Não, não podia deixar de ser poeta, quem pela raça e pelo meio nasceu fadado para tal. Por isso nas luarentas noites que illuminam as eiras, ou á hora do sol, quando os trigaes aloiram, se ouvem continua-

mente os sons melodiosos d'essa formosa harpa eolea—a alma anonyma do povo—cujas cordas vibram mysteriosamente como se fôra o respirar invisivel da natureza que as desferisse ao de leve.

E que grande poeta lyrico que é este povo do norte! Que belleza de fórma, que profundeza de conceitos, que intensidade psychica de affectos, que delicadeza de imagens, que prodigiosa prodigalidade de rima!

A quadra então, a verdadeira *cantiga* popular, prestando-se como nenhuma outra fórma nativa do lyrismo a moldurar o pensamento—é sempre no ouro onde se crava o diamante—é de um encanto perfumado e meigo de tal ordem, que a gente fica embevecido ao vel-a brotar de improviso, quando nos desafios se canta á *desgarrada,* ou quando na solidão dos campos ella destaca no seu rythmo doce um pensamento amoroso.

Não é, porém, um estudo o que pretendemos fazer da poesia popular do Minho; como *touriste* percorremos singelamente a provincia, como *touriste* reproduzimos agora as cantigas que ouvimos ao passar, e que tanto nos impressionaram no momento, ou fosse pela profundeza dos seus conceitos, ou pela vibração emotiva em que estava o nosso espirito com o lyrismo d'essa natureza encantadora. O *Folk-lore* devia exigir mais e mais lhe deramos por certo, se nos sobrasse o espaço para o satisfazer a elle só; mas tão cheio vae já este volume, que é só a titulo de modesto ramo de flôres do campo, recordando pelo seu aroma silvestre a virginal frescura das paysagens, banhadas agora para nós na doce luz da saudade, que nos permittimos enfeixar estas estrophes. E basta de *cantigas* nossas, que vae a lyra popular cantar as suas.

A pontinha do ciume vibra logo á primeira corda:

Não canto por bem cantar
Nem por ser a cantadeira,
Canto para fazer raiva
Áquella namoradeira.

Entretanto n'esta completa antologia do amor os dias correm por em quanto sem nuvens. Os protestos de lealdade succedem-se:

Mal te vi, amei-te logo,
O meu peito deu rebate,
Fôra duro o coração
Para vêr-te e não amar-te.

Tenho terra na algibeira,
Agua fechada na mão,
Para plantar uma rosa
Dentro do teu coração.

Hei de amar-te tantos annos
Como folhas tem o vime,
Tu julgas que te sou falsa,
Cada vez te sou mais firme.

O gosto que a salsa tem
Tem meus olhos em te ver,
Trago-te no centro d'alma,
Não me podes esquecer.

Fui á fonte de tres bicas,
Bebi, tornei a beber,
Nem minha bocca se enfada,
Nem meus olhos de te vêr.

Não te esqueças de trazer-me
Dentro do teu coração,
Considera um só momento
A nossa separação.

Amorsinho da minha alma
Ensina-me a tua arte,
Ensina-me a aborrecer-te
Que eu não sei senão amar-te.

Tenho os olhos tão affeitos
A fitarem-se nos teus,
Que de tanto os ter olhado
Já não sei quaes são os meus.

Em te vêr, eu vejo a Deus,
Não sei se pecco, se não,
Vejo a Deus na minha alma,
A ti no meu coração.

D'esta absorpção psychica ao momento do ciume não dista um passo. As recriminações apparecem juntamente com os despeitos:

Tomei amores com o vento,
Não sei se faria bem,
O vento é bandoleiro
Não tem amor a ninguem.

Trocaste-me a mim por outra,
Meu amor, fizeste bem,
Perdeste-me a lealdade,
Quero perdel-a tambem.

A maré cresce e decresce,
Fica a praia descoberta,
Vae-se um amor e vem outro,
Não ha verdade mais certa.

Pega o salgueiro de estaca,
O amieiro de raiz,
Não te gabes de deixar-me
Que fui eu que te não quiz.

Em todo o caso a magua permanece, e a dôr expunge o travo das lagrimas:

Ainda que o lume se apague
Na cinza fica o calor,
Ainda que o amor se ausente
No coração fica a dôr.

Adoro-te tanto, tanto
Como o sol adora a terra,
Mas tu tens outros amores,
Não te quero causar guerra.

Quem do meu peito sahiu
Grande delicto causou,
Não venhas com piedade,
Quem sahiu já mais entrou.

Quando os campos verdes choram
As aves de mim tem dôr,
Só por vêr a falsidade
Com que me tratas, amor.

Mas a reconciliação não está longe:

Tornemos, amor, tornemos,
Tornemos ao que era d'antes,
Seremos amantes firmes,
Seremos firmes amantes.

Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol a adorar-te,
Tu, como a sombra a fugir-me.

Hei de atar o junco verde
Á raiz da amendoeira,
Se não lograr os teus olhos
Prefiro ficar solteira.

O' luar da meia noite,
O' luar da claridade,
O' luar que tens prendido
Toda a minha liberdade.

A desconfiança, porém, uma vez entrada no coração, não sahe de lá facilmente. Por isso ella diz:

Dizes que me queres bem,
Que me adoras no teu peito,
Quem quer bem, não faz assim,
Quem ama, tem outro geito.

Dizes que me queres muito,
Tudo isso considero,
Mas dos dentes para fóra
Quem quer diz, eu bem te quero.

Dizes que me queres muito,
Que me tens muito amor,
O mundo vive de enganos,
Quem me dás por fiador?

Dizes que me queres muito,
Ignoro o teu querer,
Tu fallas quando me encontras,
Não passeias por me vêr.

Dizes que me queres muito,
Não entendo o teu querer,
O dizer «quero-te bem»
Qualquer o póde dizer.

Os rompimentos não demoram tambem, umas vezes sem custo, ironisados até, outras deixando por companhia a dôr:

Desprezas-me por ser pobre,
A pobreza Deus a amou,
Não me penteio para ti
Assim pobre como sou.

O limão é fructa azeda
Que se deita no assado,
Não te ponhas em grandeza,
Não és tu tão cubiçado.

Já te amei, já te não amo,
Já te perdi a affeição,
Já te arrumo para um canto
Fóra do meu coração.

Pelo sol te mandei cartas,
Pelas estrellas visitas,
Eu de mim estou satisfeita,
Estimarei que te divirtas.

Eu bem sei a quem disseste
Que me havias de deixar,
Tudo que não ha se escusa
E eu sem ti hei de passar.

O alecrim é doidice,
A canna variedade,
Tambem digo que é loucura
Amar a quem se faz grave.

Já se quebraram os laços
Com que presa me tiveste,
Tomaste novos amores,
Foi favor que me fizeste.

Se algum dia te quiz bem
Esse tempo já acabou,
Se ainda olho para ti
Foi geito que me ficou.

Vae-te embora, vae-te embora,
Longe de mim vae morrer,
Que me deixas em meus olhos
Duas fontes a correr.

Como não hão de renovar-se os protestos depois d'estes arrufos de namorados?

A açucena co'o pé n'agua
Póde estar quarenta dias,
Eu sem ti nem uma hora,
Quanto mais annos e dias.

Amar e saber amar,
Amar e saber a quem,
Eu só amo a ti, menina,
Não amo a mais ninguem.

Annel de sete pedrinhas
Foi feito na pedraria,
Eu não te posso deixar,
Parece feitiçaria.

Teus lindos cabellos d'oiro
Estendidos formam um veu,
O azul que tens nos olhos
É côr que pertence ao ceu.

Se tu me quizesses bem
Como eu te quero a ti,
Fazias dos braços azas,
Voavas p'ra junto a mim.

Se te amo, tenho guerra,
Se te deixo, tenho dôr,
Antes guerra toda a vida
Do que eu te deixar, amor.

Meu coração, coitadinho,
Já deita sangue pisado,
A culpa tenho-a eu,
Amar-te demasiado.

As ausencias tem por egual as suas estrophes magoadas:

O' meu amor, se partires
Leva-me, podendo ser,
Que eu quero ir acabar
Onde tu fores morrer.

Vivo triste, pensativa,
Cuidadosa, dando ais,
Desejosa de saber,
Meu amor, por onde andaes.

Da minha janella reso
Á Senhora das Areias,
Que me mande o meu amor
Que anda por terras alheias.

Saudades, não venhaes juntas,
Vinde antes poucas e poucas,
Vinde mais compassadinhas,
Dae lugar umas ás outras.

Ausente de um bem que adoro
Que contente posso eu estar,
De dia ando sempre triste,
De noite a imaginar.

A ausencia tem uma filha
Que tem por nome a saudade,
Eu sustento mãe e filha
Bem contra minha vontade.

Se as saudades matassem
Muita gente morreria,
Mas as saudades não matam
Senão ao primeiro dia.

O serpão é miudinho
Com a folha cobre o chão,
Tambem as tuas ausencias
Cobrem o meu coração.

As entrevistas pedem-se tambem com palavrinhas doces:

Pergunta a quem saiba amar
Qual é mais para sentir,
Se amar e viver ausente,
Se vêr e não possuir.

Eu hei de amar-te de noite
Que a noite tudo encobre,
Dá-me uma falla, amorsinho,
Que a tua gente já dorme.

O' luar da meia noite
Não sejas meu inimigo,
Estou á porta de quem amo,
Não posso entrar comtigo.

A voz da experiencia bem aconselha, mas vão lá dar conselhos a namorados:

Rosa que estás na roseira
Fechadinha no botão,
Deixa-te lá estar dentro
Que lá te procurarão.

Ninguem se fie nos homens
Nem no seu doce fallar,
Que tem fallinhas de mel,
Coração de rosalgar.

Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar que estás bem,
Debaixo ninguem te chega,
Acima não vae ninguem.

Elle chove, elle chovisca
Na folha ao manjaricão,
É bem tola e é bem varia
Quem por homens tem paixão.

É certo que ella responde a isso:

Sou branquinha como o leite,
Delgadinha como a canna,
Sou filha de uma viuva,
Nenhum maroto me engana.

Mas não deixa de cantar:

Não me atires com pedrinhas
Que eu estou a lavar a louça,
Atira-me com beijinhos
De modo que a mãe não ouça.

Andas morto por chegar
Ao meu colletinho preto,
Ao corpete chegarás,
Ao corpinho não prometto.

Tire lá o pé da saia,
Diga de longe o que quer,
Não perde você que é homem,
Perco eu que sou mulher.

Mas elle insiste, recordando talvez na seguinte quadra um vestigio da prostituição sagrada:

Mariquinhas dá-te ao mundo,
Não queiras morrer donzella,
Não queiras levar teu brio
Para debaixo da terra.

E ella:

Obrigada da vontade,
Dominada da paixão,
Desprezei a liberdade,
Entreguei-te o coração.

Por minha livre vontade
Sujeitei-me a ser teu bem,
Mas que se saiba, não quero,
Que nós nos queremos bem.

Depois é que vem as lamentações:

Suspirando, dando ais,
Levo eu a minha vida,
Dando ais de magoada,
Suspiros de arrependida.

A cobra nasce no monte,
Lá se cria, lá padece,
Quem dá confiança a homens
Grande castigo merece.

Já cortei o meu cabello,
Já lá vae a minha galla,
A culpa tive-a eu,
Dar ouvidos a quem falla.

Quando comecei a amar
Deitei sortes á ventura,
Quando me quiz ausentar
Já meu mal não tinha cura.

O' mar que te não derretes,
Navio que te não partes,
O' ladrão que não cumpriste
O que comigo trataste.

O' ladrão que me illudiste
Sendo eu tão rapariga,
O inferno tem l'o certo,
Trabalhos p'ra toda a vida.

A seguinte quadra exprime a compassividade que se deve ter em casos taes:

Se vires a mulher perdida
Não a trates com desdem,
Que Deus mata e castiga
Não diz quando, nem a quem.

A morte tem por egual os seus carmes tristes e por vezes ainda revelando o erethismo da paixão:

Dormindo estava sonhando
Que me morreu o meu bem,
Acordei e disse logo:
Morte, leva-me tambem.

Se passares pelo adro
No dia do meu enterro,
Pede á terra que não coma
As tranças do meu cabello.

Se eu morrer em tua casa
Enterra-me a um cantinho,
Deixa-me a bocca de fóra
Para te dar um beijinho.

As flôres, como não podia deixar de ser, tem uma pittoresca linguagem poetica, e servem para significar o pensamento e a paixão:

Rosa branca toma côr,
Não sejas tão desmaiada,
Pois dizem as outras todas:
Rosa branca não vale nada.

A rosa, depois de secca,
Foi-se queixar ao jardim,
Disseram-lhe as outras flôres:
Por tempo tudo tem fim.

Não ha flôr como o suspiro
Cá na minha acceitação,
Todas as flôres se vendem,
Só os suspiros se dão.

Eu sou cravo, tu és rosa,
Qual de nós brilhará mais?
Os cravos pelas janellas,
As rosas pelos quintaes.

As plantas, os fructos, as arvores, a vida agricola, etc., encontram tambem as suas estrophes:

Trigo louro, trigo louro,
Quem me dera a tua côr,
Andava dentro do calix
A servir Nosso Senhor.

Perguntas o que significa
Um limão todo traçado,
Significa os martyrios
Que por ti tenho passado.

A laranja quando nasce
Pergunta ao limoeiro,
Qual amor é o mais firme,
Se o segundo, se o primeiro.

Se a oliveira fallasse
Ella diria o que viu,
Co'a sombra das suas folhas
Dois amantes encobriu.

O arado lavra a terra,
A grade grada-a depois,
Quem vae guiando a rabiça
Sorri a quem guia os bois.

Os nomes proprios entram frequentes vezes tambem n'estes poeticos torneios:

O' José, lindo José,
Cabellinho aos anneis,
Por tua causa, José,
Passo tormentos crueis.

Por Antonio dou a vida,
Por Manuel endoideço,
Agora por Josésinho
Dobradas penas padeço.

Todos Antonios são varios,
Franciscos são inconstantes,
Manueis desconfiados,
Os Josés reis dos amantes.

Ha tambem as cantigas locaes, rememorando uma aldeia, um rio, uma serra, etc.

Adeus ó lugar de Ervelho,
Pequenino e airoso,
Quem n'elle tomar amores
Póde-se dar por ditoso.

A agua do rio Minho
Corre por baixo da ponte,
Quem quizer o cravo louco
Ponha-lhe a rosa defronte.

Alta serra do Gerez
Onde a neve se detem,
Chamo, ninguem me responde,
Olho, não vejo ninguem.

O' alta serra da Estrella
Onde se tece a cambraia,
Se d'esta me vejo livre
Não temas que eu n'outra cáia.

O mar, banhando toda a costa da provincia, exactamente a parte que mais canta e ri, é, porém, o grande inspirador das trovas populares:

O' mar de Christo, sagrado,
Quantas almas tens em ti!
Já lá tens a do meu bem,
Já estás vingado de mim.

Os meus olhos são anzoes
Que pescam no mar sem rede,
Tambem te pescam a ti,
Menina da saia verde.

Se fores ao mar pescar
Levae a rede de linho,
Se me pilhares nas malhas
Serei eu vosso peixinho.

Embarquei-me no mar largo,
Perdi a vista de terra,
Não vejo senão agua,
Mar e vento, que me leva.

Fui ao mar buscar o lume,
Queimei-me n'uma faisca,
Os teus olhos me prenderam,
Quem ama, muito se arrisca.

Se fôra de leite o mar
Como é de agua salgada,
Corria por elle abaixo,
Ia vêr a minha amada.

Ondas do mar abrandae
Que eu quero pilhar um peixe,
Que eu quero deixar o mundo
Antes que o mundo me deixe.

As ondas do mar são brancas,
No meio são amarellas,
Coitadinho de quem nasce
Para morrer no meio d'ellas.

O mar pediu a Deus peixe
Para andar acompanhado,
Quando o mar quer companhia,
Que fará um desgraçado.

Eu hei de ir ao mar chorando,
Chorando lhe hei de pedir
Que abrande a sua fereza
Que o meu amor quer partir.

O' mar alto, ó mar alto,
O' mar alto, não tens fundo,
Antes andar no mar alto
Do que nas boccas do mundo.

Por tão formosas joias enquadradas na *cantiga,* tem o leitor podido avaliar a belleza da poesia popular no Minho. Como joalheiro não fiz mais do que enfiar taes perolas n'este singelo collar, sem mesmo procurar dar-lhes um relevo, que não sei ás vezes se lhes tira o encanto. Por isso digo tambem, como a lyra popular:

Querò dar a despedida,
Retiro d'aqui assim,
Adeus cravos, adeus rosas,
Recolhei-vos ao jardim.

Que jardim é este, onde os homens são cravos e as mulheres são rosas, sabel-o agora demasiado, leitor; mas porque o sabes, não me leves a mal o prazer de repetir a phrase, com que encetei esta obra:

É o Minho, é o jardim de Portugal.

Erratas abertas e volumes fechados

Não era possivel escrever dois volumes d'estes sem errar, fosse a causa do erro a informação recebida, a viciação das fontes onde bebi noticias, a precipitação de algumas excursões, a insufficiencia de textos consultivos, o não harmonisar a chronologia de Cesar com a de Christo, a *revisão* para que Deus Nosso Senhor me não fadou, ou, levando a palma a todos estes peccados originaes, a minha ignorancia propria, que só soube conhecer o encargo a que mettera hombros, depois de não poder alijal-o, e quando só tinha a desculpar-se com a generosa aspiração de erguer á provincia patria o singelo monumento que fica n'estes volumes. Como se precisára d'isso o meu querido Minho tão viçoso! E certo que os criticos, de costume azedos, foram benevolos até agora — o que nada prova aliás porque podem ser mordazes de ora em diante — mas já ahi está, bem ou mal, erguido este padrão singelissimo, e comigo a consolação de ter recebido de toda a imprensa portugueza e de parte da imprensa brazileira as mais inequivocas provas de consideração e enthusiasmo pelo meu trabalho, provas que só agora agradeço, porque n'isto de deixar cartões de visita eu sou um grandissimo remisso, e com tanta mais razão para o ser, quanto a distribuição d'esta obra se fazia aos fasciculos e eu não queria que suspeitassem que desejava captar a benevolencia da critica com salamaleks aprendidos no compendio do sr. João Felix. Antes parecer indelicado.

D'entre os escriptores, porém, que mais ou menos se occuparam do meu livro, eu seria injusto se esquecesse o sr. F. Gomes de Amorim, a cujos reparos criticos é resposta o que a proposito da sua formosa *Avelomar* se diz no capitulo da *Povoa*, e mais injusto se não tributasse a minha gratidão sincera ao gigante da litteratura portugueza, o ex.mo sr. Camillo Castello Branco, a quem devi, a proposito do *Minho Pittoresco*, um tão honroso testemunho, quanto por mim inesperado, de um capitulo especial na sua *Bohemia do Espirito*. A s. ex.a devo tambem os seguintes reparos, que apresento como erratas:

Onde a pag. 48 do 1.º volume, ultima linha, se lê D. Pedro III, leia-se D. João III. D. Pedro III não teve filhos naturaes, pelo menos de que a historia rese, e muito menos algum que fosse arcebispo de Braga. Monarchas, que dessem por filiação bastarda metropolitas á cidade fiel, foram apenas, além do citado D. João III, D. Pedro II, pae do arcebispo D. José, e D. João V, pae de D. Gaspar. Em parte da tiragem ainda se póde acudir a tempo ao erro, que já não figura por isso em muitos volumes. A pag. 53 diz-se que de *Valladares e oriunda a familia de S. Gil, senão elle mesmo;* a familia póde ser que ali tivesse origem, quanto ao demoniaco Fr. Gil diz Fr. Luiz de Sousa na *Chronica de S. Domingos*, que elle era de Vouzella, na Beira Alta, e era effectivamente. A pag. 168 e ainda em outras lê-se *edade de bronze* em vez de *edade do bronze;* a distincção não é tão casuistica e tão sem valor, como á primeira vista parece, visto que o *de* particularisa umas taes secções mythologicas que nada tem que vêr com o *do* propriamente pertencendo á technologia da prehistoria. Mortillet faz devidamente a distincção; ahi fica, pois, o correctivo; não vá, como graciosamente me diz o sr. Camillo em carta, «beliscar-me o enxame de anthropologos, que por ahi enxamea.»

A pag. 215 diz-se que a *matriz* de Vianna está a um recanto do lado do norte da Praça da Rainha. Não é assim. A egreja que fica ao norte da Praça é a Misericordia e seu hospital. A *matriz* fica na rua de S. Luiz, rua que vem desembocar na Praça da Rainha, ao lado esquerdo da casa da camara.

A pag. 451 diz-se que *Sequeirós* é a séde do concelho de Terras de Bouro. Foi, mas já não é. A séde do concelho está no lugar da Feira de Covas, freguezia de *Moimenta*, e é realmente este lugar que a nossa gravura de pag. 457 representa: Onde, pois, se lê Sequeirós, leia-se Feira de Covas.

A pag. 517 está errado o titulo da gravura; em vez de Porto de Ave leia-se do *Pilar*.

A pag. 580 esqueceu mencionar, entre os elementos da prosperidade economica de Fafe, a *Fabrica da Fiação de Algodão do Bugio*, fundada em 1879 no sitio denominado o Bugio, sobre as margens do ribeiro d'este nome, a sete kilometros da villa. O valor do seu capital movel é de 100:000$000 réis; emprega 80 raparigas menores de 15 annos, 30 de quinze a vinte e cinco, 20 rapazes e 20 homens.

A pag. 349 do vol. II deveriamos mencionar, entre as industrias especiaes dos Paços de Ferreira, a manufactura dos *fusos* para rocas e a das *croças* ou palhoças de inverno, o *water-proof* do camponez, as quaes abastecem o districto inteiro. Só na freguezia de Carvalhosa perto de 300 pessoas se occupam, de inverno, n'esse serviço, fazendo cada uma uma croça, e tirando d'ahi um salario de 160 a 200 réis.

A pag. 447, *usar murça*, era um privilegio e não uma obrigação, como do texto se deprehende. Abaixo, onde se lê o *actual abbade*, leia-se o abbade antecessor do actual.

A pag. 454. E' Poço-negro e não Paço-negro.

A pag. 455. Em vez de cobras, leia-se *cabras*.

A pag. 469. Leia-se complementar em vez de elementar. Idem (na penultima linha), leia-se em vez de Frende, *Loivos da Ribeira*.

A pag. 472. A freguezia de Loivos é independente, e não annexa a Trezouras.

A pag. 484 onde se lê Memorial de Ariz leia-se de Alpendurada; vidè rectificação explicada em pag. 503.

A gravura de pag. 581 póde ter tambem por titulo *Rio de Cousso*, visto que representa uma das margens d'esse ribeiro.

A pag. 648 dissemos que a Maia não tem jornal seu; em compensação tem desde 1882 a *Revista da Maia*, de que é redactor principal o ex.mo sr. Abilio Augusto Monteiro. Esta publicação, interessantissima para quem deseje conhecer o concelho, não era por nós conhecida quando escrevemos o capitulo respectivo; recommendamol-a por isso a quem pretenda conhecer as coisas da Maia.

A pag. 660 pergunta-se já com a certeza da resposta se foi a *Companhia Edificadora Portuense* a fada que tão bem comprehendeu a necessidade de desenvolver Mattosinhos. O ex.mo sr. Antonio Camacho, d'esta villa, escreveu-nos em 13 de dezembro de 1887 corroborando a affirmativa, e dizendo-nos que essa companhia foi inaugurada em 24 de outubro de 1873, havendo, diz s. ex.a, uma outra fada tambem, a quem Mattosinhos deve o seu progredir prodigioso. E' a *Companhia Carril Americano do Porto á Foz e Mattosinhos*.

A pag. 661 está errado o titulo da gravura; não é Lessa da Palmeira, mas sim *Bairro dos Vareiros em Mattosinhos*, o que ahi deveria lêr-se.

A pag 663 enumeram-se alguns dos cavalheiros que iniciaram a *Escola Gonçalves Zarco;* não é bem assim; estes cavalheiros secundaram apenas a iniciativa do ex.mo sr. João José dos Reis, conde de S. Salvador de Mattosinhos, sendo este o que primeiro convocou aquelles cavalheiros a uma conferencia, subscrevendo logo, por sua parte, com 2:000$000 réis para instituição tão benemerita.

A pag. 665 tambem o titulo da gravura está errado; em vez de Lessa da Palmeira deve lêr-se *em Mattosinhos*.

A pag. 688 e 689 encontram-se erros já rectificados a pag. 747.

Taes são, afóra os erros que a revisão deixou passar, e outros que o leitor facilmente corrige, as principaes erratas a fazer n'esta edição do *Minho Pittoresco*.

INDICE DAS GRAVURAS

BRAGA

PAG.

Allegoria 5
Escadorio do Sanctuario do Bom Jesus ... 7
Sé 13
Vista geral 21
As Carvalheiras 25
Campo de Santa Anna 29
Bom Jesus do Monte (vista geral) 37
Monumento á Virgem do Sameiro 45
Mosteiro de Tibães 57
Paysagem no Barco da Graça 61
S. João da Ponte 69
... um typo tão curioso como correcto .. 71
Brazão 77

VILLA NOVA DE FAMALICÃO

Egreja de S. Thiago d'Anta 81
Famalicão (vista geral) 85
» (rua Formosa) 89
» (capella de Santo Antonio) ... 93
» (Paços do Concelho) 101
A Terra Negra 105
Casa de Camillo Castello Branco em S. Miguel de Seide 109

BARCELLOS

Paço dos duques de Barcellos 117
Barcellos (vista geral) 125
» (Passeio das obras) 129
Barcellinhos 133
O Senhor do Gallo 140
Uma vista do valle de Tamel 145
Egreja de Abbade de Neiva 149
Lijó 153
Matta da Quinta do Pinheiro 157
Casa da Torre do Pinheiro 161
Egreja de Villar de Frades 164
O rio Cávado na Penida 165
Uma vista do valle de Encourados 168
Machado prehistorico, encontrado em Pedra Furada 172
Claustro do mosteiro da Franqueira 173
Ermida da Franqueira 176
Necessidades 181
Machado prehistorico, encontrado em Creixomil 182
Egreja da Franqueira 183
Brazão 185

ESPOZENDE

A praia 191
O estabelecimento de banhos 193

PAG.

Rua Direita, Paços do Concelho e Matriz. 196
Uma sargaceira 197
Machado prehistorico, encontrado em Villa Chã 199
Casa de Antonio Rodrigues Sampaio em S. Bartholomeu de Mar 201
Alameda de Fão 203
Capellinha da Senhora da Bonança ou das Boas Novas 204
Vista geral de Espozende 205
Praia da Apulia 207
Rua da Misericordia em Espozende 209
Brazão 210

POVOA DE VARZIM

Allegoria do districto do Porto 213
A praia do Pescado 215
Egreja de S. Pedro de Rates 221
Poveira do campo 224
O paredão da praia na Povoa 228
Pelourinho de Rates 229
Catraia poveira 233
Hospital da Misericordia 236
Pelourinho da Povoa 240
Praça do Almada e Paços do Concelho .. 245
Medas de palha 250
Brazão 257

VILLA DO CONDE

O aqueducto 261
Vista geral de Villa do Conde 269
Pelourinho de » » » 273
Matriz de » » » 277
Castello de » » » 280
Egreja de S. Christovão de Rio Mau 285
Azenhas do Ave 289
Rendas de Villa do Conde 291
Batel de pesca 292
Pelourinho de Azurara 293
Brazão 294

SANTO THYRSO

Praça 29 de Março 297
Ponte da Trofa 301
Claustro do mosteiro de Santo Thyrso ... 305
Egreja da Trofa 309
Paysagem do Ave, proximo da Trofa 313
Santo Thyrso (vista geral) 317
Egreja de Roriz 325
Escola do Conde de S. Bento 330

PAÇOS DE FERREIRA

PAG.

Freamunde 333
Paysagem do Monte Cordova 337
Paços de Ferreira 341
Egreja de Ferreira 343
Cruzeiro de Santo Ovidio 345
Ermida da Senhora do Pilar 347

LOUZADA

Louzada antiga 353
Bom Jesus de Barrosas 357
A Apparecida 360
Louzada 365
Egreja de Meinedo 368
Pelourinho de Louzada 370

FELGUEIRAS

Estrada de Felgueiras para Guimarães ... 377
Margaride (séde do concelho) 381
Santa Quiteria 388
Convento de Pombeiro de Riba Vizella ... 389
A Lixa 393
Casa onde nasceu Manuel de Faria e Sousa 396
Pão de ló de Margaride 399

AMARANTE

Cedro secular da Capadeira 403
Dolmen da Aboboreira 405
Forca de Villa Meã 409
Amarante (vista geral) 413
... interessante curiosidade de archeologia artistica 416
Azenhas de Moroleiros no Tamega 421
Carro de bois usado em Amarante 424
Monelhas usadas no concelho de Amarante 425
Ponte e pelourinho de Ovelha 429
Casa de D. Loba 432
Brazão 439

BAIÃO

Estação de Mosteiró 443
Campello (séde do concelho) 445
Torre de Campello 448
O Douro em Porto Manso 453
Cruz parochial de Ancêde 457
Casa de Agrellos 461
Industria ceramica de Gove 464
Roda de oleiro 485

MARCO DE CANAVEZES

Pelourinho de Canavezes 475
Memorial de Ariz 484
Ponte da Alliviada 485
Vista geral do Marco 493
Ceramica romana encontrada em Freixo.. 497
Ponte de Canavezes sobre o Tamega 501

PENAFIEL

Rua Formosa 511
Janella historica existente na quinta da Avelleda 517
Pelourinho da Arrifana 521
Penafiel (vista geral) 525

PAG.

Figura do baile das espadas 528
Carro triumphal na procissão de *Corpus Christi* 533
Baile dos pedreiros na procissão de *Corpus Christi* 537
Parque e sanctuario da Senhora da Piedade e Santos Passos 540
Tamancos de Penafiel ..... 544 e 545
Entre-os-Rios 548
Mosteiro de Paço de Sousa 549
Caixão que contém as cinzas de Egas Moniz 550
Dolmen de Santa Martha 553
Memorial de Irivo 556
Brazão 564

PAREDES

Cétte, paysagem do Rio Souza 567
Vista geral de Paredes 573
Egreja de Bitarães 577
Arredores d'Aguiar do Souza 581
Melancias de Paredes 584

VALLONGO

Fabrica de ardozias 587
Vista geral de Vallongo 589
Em casa do moleiro 592

GONDOMAR

Entrada das minas de carvão 601
Quintã (séde do concelho) 605
Foz do Souza 609
Camponeza de Gondomar 613
Egreja de Melres 617
Industria do ferro em Zebreiros 619
Filigranas 620

MAIA

Camponeza da Maia 623
Jugo e canga 625
Um quadro da vida agricola 629
Castêllo (séde do concelho) 637
Convento de Moreira 641

BOUÇAS

Mosteiro de Lessa do Bailio 653
Egreja de Mattosinhos 657
Lessa da Palmeira 661
Monumento a Passos Manuel 665

PORTO

A Alfandega 677
Porto antigo, rua de Santa Anna 681
» » o Barredo 685
» » Reboleira (parte demolida). 689
Tumulo existente junto á Sé do Porto ... 693
A Bolsa 696
A Praça de D. Pedro 697
Hospital de Santo Antonio 701
Jardins do Palacio de crystal 704
Torre dos Clerigos 708
A ponte pensil (demolida em 1887) 709
Mercado do Anjo 715

PAG.

Palacio de crystal 717
Janella da casa do infante D. Henrique... 720
Sé do Porto 721
Barcos do Douro 725
A Cantareira 728
O mar, junto á Foz 729
Brazão 741

VILLA NOVA DE GAIA

Ria de Avintes 743
Vista geral 749

PAG.

Tumulo de D. Rodrigo Sanches 752
Convento de Grijó 756
A Granja 757
Brazão 765

A espadellada 775

O *Zé Pereira* 781

INDICE DOS CAPITULOS

PAG.

Braga 7
Villa Nova de Famalicão 81
Barcellos 117
Espozende 191
Povoa de Varzim 215
Villa do Conde 261
Santo Thyrso 297
Paços de Ferreira 333
Louzada 353
Felgueiras 377
Amarante 403
Baião 443
Marco de Canavezes 475

PAG.

Penafiel 511
Paredes 567
Vallongo 587
Gondomar 601
Maia 623
Bouças 653
Porto 677
Villa Nova de Gaia 743
O brazileiro 760
Romarias e festas agricolas 775
Cantigas do Minho 786
Erratas 795

Collocação dos mappas, chromos e phototypia

Mappa do districto de Braga 212
» » » do Porto 766
1.º Chromo (concelhos de Povoa de Lanhoso, Vianna do Castello, Barcellos e Guimarães) 116
2.º Chromo (concelhos de Povoa de Varzim, Villa do Conde, Espozende e Porto) 261
3.º Chromo (concelhos de Maia, Gondomar e Villa Nova de Gaia) 601
Vista geral do Porto (em phototypia) 677

BINDING SECT.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
702
E25V54
t.2

Vieira, José Augusto
O Minho pittoresco

99